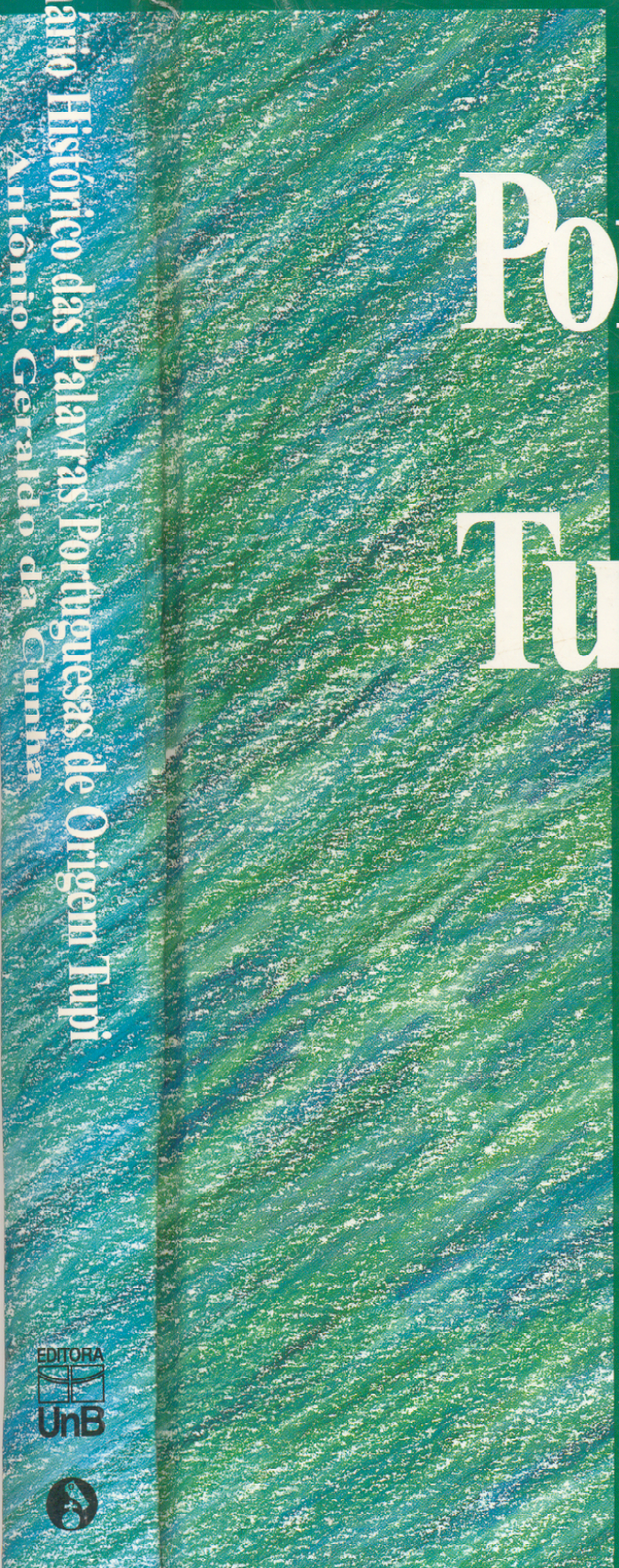
Antônio Geraldo da Cunha

Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi

Prefácio-estudo
de Antônio Houaiss



Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi
Antônio Geraldo da Cunha

EDITORA UnB

MELHORAMENTOS

EDITORA UnB

Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi

Antônio Geraldo da Cunha

Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi

Prefácio-estudo
de Antônio Houaiss

MELHORAMENTOS

EDITORA UnB

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cunha, Antônio Geraldo da, 1924-
Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi / Antônio Geraldo da Cunha; prefácio-estudo de Antônio Houaiss. – 4. ed. – São Paulo: Companhia Melhoramentos; Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

Bibliografia.
ISBN 85-02-02787-X (Melhoramentos)
ISBN 85-230-0512-9 (Universidade de Brasília)

1. Português - Dicionários 2. Português - Etimologia - Dicionários I. Houaiss, Antônio, 1915- II. Título.

98-1562 — CDD-469.24983 -469.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Português : Dicionários	469.3
2. Português: Elementos tupi : Etimologia : Lingüística	469.24983
3. Tupi : Elementos etimológicos : Português : Lingüística	469.24983

Colaboração de *Gilda da Costa Pinto* (leitura de textos e coleta de abonações; seleção, classificação e ordenação das passagens abonatórias que ilustram os verbetes; revisão dos índices; leitura dos originais nas diferentes fases da sua elaboração) e participação de *Aïsa Poggi de Assis* (revisão de originais), *Antonio Gomes Filho* (leitura de textos e coleta de abonações) e *Ronaldo Menegaz* (leitura de textos e coleta de abonações).

© 1978 Cia. Melhoramentos de São Paulo

Fundação Universidade de Brasília
Reitor: Lauro Morhy
Vice-Reitor: Timothy Martin Mulholland

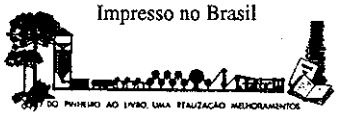
Editora Universidade de Brasília
Diretor: Alexandre Lima
Conselho Editorial
Presidente: Emanuel Araújo
Alexandre Lima, Álvaro Tamayo, Aryon Dall'Igna Rodrigues, Dourimar Nunes de Moura, Emanuel Araújo, Euridice Carvalho de Sardinha Ferro, Lúcio Benedito Reno Salomon, Marcel Auguste Dardenne, Sylvia Ficher, Vilma de Mendonça Figueiredo, Volnei Garrafa

Atendimento ao consumidor:
Caixa Postal 2547 – CEP 01065-970 – São Paulo – SP – Brasil

Edição: 8 7 6 5 4
Ano: 2001 00 99 98

ISBN CMSP: 85-06-02787-X
ISBN UNB: 85-230-0512-9

Impresso no Brasil



À NILDES

Entretanto que não apparece coisa melhor, serve-te da minha diligencia, sè-me indulgente, e

Vale.

ANTÔNIO DE MORAIS SILVA *Diccionario* (1813) I. viii.

PREFÁCIO-ESTUDO

O Autor deste *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*, se já era altamente credenciado junto a quantos se dedicam aos problemas lexicológicos e lexicográficos da língua portuguesa, consagra-se agora de modo inequívoco nesses difíceis campos do saber com fazer.

Nascido no Rio de Janeiro — como Antônio de Morais Silva — a 9 de março de 1924, diplomado em arquitetura em 1948, o fato é que desde sempre se dedicou vocativamente a trabalhos ecdóticos e filológicos, adquirindo nesse trato um lastro teórico e prático que lhe permite aspirar às honras de vir a ser um dos pilares da dicionarização histórica da língua portuguesa no que esta deve vir a ser.

A quase inexistência de vocabulários do período medieval e de glossários das obras de autores portugueses, brasileiros e de outras nacionalidades lusofônicas de períodos sucessivos, o baixo número de edições críticas de textos, a pobreza de levantamentos regionais ou locais, estratais, classais, etários, profissionais, e as dificuldades de preparação e sustentação de lexicógrafos são — a seu ver e sem considerar os custos sociais (a meu ver) — os principais obstáculos que se ergueram e se erguem, até hoje, à elaboração de um dicionário de nossa língua baseado em princípios históricos, já nos moldes de *The Oxford english dictionary*, já nos moldes do *Trésor de la langue française* em curso de publicação — para só citarmos essas duas línguas de cultura, tentames em que a pesquisa se consuma pelo crivo de dezenas de milhões de abonações (sem falar, pois, de memória lexicográfico-cultural, quando a ordem de grandeza subirá — factivelmente — para o crivo de centenas, milhares, dezenas de milhares de milhões).

Por isso, desde 1963, integrado na estrutura do Instituto Nacional do Livro, concebeu o Autor a idéia de que fosse elaborada uma coleção de obras preparatórias do dicionário histórico, cuja direção lhe coube, intitulada "Dicionário da língua portuguesa — textos e vocabulários".

Os títulos já publicados nessa coleção são os seguintes: 1. *Auto de Vicente Anes Joeira,* edição aos cuidados de Cleonice Berardinelli (1963); 2. *Um Tratado da cozinha portuguesa do século XV,* edição aos cuidados de Antônio Gomes Filho (1963); 3. *Vocabulário da Carta de Pêro Vaz de Caminha,* edição aos cuidados de Sílvio Batista Pereira (1964); 4. *Livro das aves,* edição aos cuidados de Jacira Andrade Mota, Rosa Virgínia Matos, Vera Lúcia Sampaio e N. Rossi (1965); 5. *Tratado da província do Brasil, de Pêro de Magalhães de Gândavo,* edição aos cuidados de Emmanuel Pereira Filho (1965); 6. *Coisas notáveis do Brasil,* volume 1, edição aos cuidados de A. G. Cunha (1966); 7. *Vocabulário da 'Vida de Frei Pedro', de André de Resende,* edição aos cuidados de Samuel da Costa Grillo (1966); 8. *Índice analítico do vocabulário de 'Os Lusíadas',* edição aos cuidados de A. G. Cunha (1966); 9. *Autos,* de Antônio Ribeiro Chiado, edição aos cuidados de Cleonice Berardinelli e Ronaldo Menegaz (1968); 10. *Roteiro de todos os sinais na costa do Brasil,* edição aos cuidados de Max Justo Guedes (1968); 11. *Auto dos dois ladrões,* de Antônio de Lisboa, edição aos cuidados de Edwaldo Cafezeiro (1969).

Pouco depois da última data referida, o Autor passou a fazer parte do grupo redator e em seguida da editoria da *Enciclopédia Mirador internacional* — juntamente com o signatário destas linhas e Alberto Passos Guimarães, Francisco de Assis Barbosa e Otto Maria Carpeaux —, que veio à luz, em vinte volumes (mais um grande atlas), em 1975, editorada pela Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

Nesse interregno do trabalho enciclopédico, não esmoreceu de se dar de mente inteira ao projeto antigo — de que se afastou por injunções alheias à sua vontade, as quais só viam sua razão de ser em produtos intelectuais de conspícuas repercussões imediatas.

Eis, pois, que em 1976 vem a lume este documento e monumento, em cujo pórtico me honro de ver meu nome como prefaciador: ditames de amizade e de coopção intelectual.

* * *

Muitos aspectos lexicográficos relevantes tem este dicionário, razão por que me limito a realçar apenas alguns, de natureza bibliológica, de natureza filológica ou de natureza histórica. Dos que não tratar, os méritos aparecerão logo que os usuários começarem a compulsá-lo e a consultá-lo com freqüência, como é do destino dos dicionários de rica e sábia informação.

A mim me apraz, de início, ver num livro — sobretudo num livro dicionário — os caracteres de economia bibliológica com que foi ajustado. A tal respeito o Autor foi de escrúpulo exemplar. Dando como preliminares do 'dicionário' *stricto sensu* uma "Introdução" didaticamente inequívoca, visou a que o consulente se situasse no universo documental da obra de forma que dela não pedisse o que não lhe fora prometido, mas dela colhesse não só o que explicitamente lhe era oferecido, senão o que nela vai implícito, não raro dito (como cumpre nos dicionários) com tal tensão verbal que, aqui como nas obras literárias de alta criação artística, cada palavra vale, e vale por si mesma, por suas antenas e por suas sinapses conectivas das outras "cadas" palavras. O Autor foi tão claro quanto possível, a fim de que (sem que talvez isso lhe passasse pela mente), nos séculos por vir, não venha a ter necessidade de exegetas — visto que seu dicionário é, desde já, obra de consulta presente, e futura a imediato, longo e longuíssimo prazo.

Vem a seguir, nas preliminares, a "Bibliografia", precedida de uma notícia sobre como foi ela organizada: primeiro, os textos e documentos que, crivados sistematicamente (quase sempre) ou não, foram fontes das abonações dicionárias; segundo, as obras de referência, isto é, as obras que, não sendo fontes de abonações, sustentam, entretanto, os critérios seguidos pelo Autor. É mister, nessa notícia, atentar para a questão das datações (pois que pesam num dicionário histórico), não só dos manuscritos, dos textos, senão que também dos autores, dos títulos individuais ou coletivos, das edições. Com relação aos textos e documentos, há que relevar-lhes o espectro temporal, pois são eles, numerosos, desde o início do século XVI até o presente, representado por Guimarães Rosa (1956) e Aníbal Machado (1959).

Mas há aí que ressaltar pelo menos três coisas, omitidas pelo Autor, que quiçá não quisesse dizer o que reputasse impertinente, não pertinente à proposta de sua pesquisa: há textos ou documentos citados só porque foram fonte apenas de uma passagem abonatória, como é o caso da *Relação do descobrimento da Frolida* (1557), e os há dos quais um grande número de abonações foram colhidas; há textos e documentos relativos aos séculos XVI e XVII que, embora de difícil obtenção por cópia, ainda assim foram minudentemente filtrados, desde que suspectivamente capazes de dar uma só que fosse abonação; ademais, são muitos os dos séculos XVIII e XIX; por fim, com razão cabível, decresceram em número os do século XX, já que o Autor não podia ser exaustivo a esse respeito e já que partia de presunção de que uma primeira abonação, nesse caso, seria de baixa probabilidade e, a ocorrer, seria em certo tipo de criação literária — como a de Mário de Andrade, amealhador pancrônico e pan-brasileiro de léxico pelo menos numa obra, *Macunaíma* —, e já porque — como é óbvio — o Autor não poderia pretender chegar aos problemas de freqüência, a não ser dentro do próprio universo dos vocábulos de origem tupi nos três primeiros séculos de contacto e aculturação.

Dentro dessas coordenadas, contudo, algumas questões emergem a que nos referiremos adiante. Um ponto, porém, que o Autor não quis aí ressaltar — e foi uma pena

que não pudesse fazê-lo, por economia espacial, pois sabia que iria assim sobrecarregar demasiado a bibliografia, arriscando-se a uma interpretação errônea — foi o que se poderia com legitimidade chamar bibliografia dos textos e documentos negativos, isto é, daqueles muitos textos e documentos quinhentistas, seiscentistas, setecentistas que, lidos exaustivamente, não deram uma só sequer abonação: oxalá, algum dia, o Autor publique algo a respeito, pois esse lado negativo em escritores brasileiros ou que no Brasil produziram, se não é relevante para o caso concreto lexicográfico deste dicionário, é para a lexicologia e para os estudos literários, ideológicos e culturais da história de nossa formação. Por exemplo: até que ponto a inaceitação, expurgo ou não ocorrência de palavras de origem tupi neles eram oriundos da temática ou de preocupação castiça ou, talvez, colonialista (não obstante o exemplo em contrário dado desde o século XV por grandes escritores portugueses com relação a africanismos e asiaticismos)? Por exemplo ainda: até que ponto, de fato, a legitimação de curso de certos tupinismos se fez de certos temas e focos para aos poucos se ir expandindo por todo o âmbito da língua falada e escrita com intuitos universalistas no Brasil?

Se o lado negativo a que aludimos não nos dá uma resposta a isso, é, entretanto, elemento acaso importante para configurar uma resposta.

Voltemos, pois, a frisar a significação dessa parte da "Bibliografia", corpo imponente cujo valor como ampla amostragem de determinado universo potencial parece ser quase indisputável.

As preliminares oferecem, seguidamente, no melhor método, as "Abreviaturas", os "Sinais convencionais" e uma "Recapitulação das siglas", tornando muito efetivo o manuseio do dicionário.

Bibliologicamente, ainda, a mim me é grato admirar o corpo, as famílias, os gêneros da tipologia adotados, graças ao feliz entendimento entre o Autor e a editora, uma das mais respeitadas do Brasil, a Companhia Melhoramentos de São Paulo, que se tem progressivamente imposto no nosso meio por sua direção e parque gráficos.

* * *

Antônio Geraldo da Cunha rechaça de si a condição de tupinólogo: que não haja ilusão, porém, quanto aos seus conhecimentos a respeito, os necessários para guiar-se seguramente nas controvérsias e para não embalar-se em achados insubsistentes ou impressionísticos; decantando o que há de feito na pesquisa, opta com rigor.

O fato é que, com isso, devemos rejubilar-nos. É que, se fosse tupinofônico apenas, talvez tivesse havido outro que não este dicionário, algo que talvez "explicasse" tudo dessa língua, mas com um deslocamento lamentável de eixo: em lugar de centrado sobre a língua portuguesa, poderia o dicionário sê-lo sobre o tupi — ou tupinambá, como preferem alguns especialistas para o problema concreto —, resultando disso obra outra, talvez de grande interesse, mas não do máximo interesse que esta apresenta.

Não entra, por isso, o Autor nos problemas internos das relações das línguas tupis entre si, nem na questão de se o tupinambá é que foi o núcleo em cujo nó se feiçoou a língua geral da catequese e do intercurso brasileiros do século XVI ao XVIII inclusive, nem na de se daí derivou uma remanipulação da estrutura lingüística tupi ou tupinambá ao influxo de mentações que necessitavam exprimir-se com categorias e elementos mórficos que portariam noções intrínsecas às línguas clássicas e em particular o latim e depois o português mesmo, nem se de tudo se pode concluir que a língua geral assim reformada ou feiçoada teve relações de adstrato e não de substrato (e menos ainda superstrato) com o português. Questões aparentemente "resolvidas", tudo leva a crer que muito se estudarão, pesquisarão e escreverão ainda.

Não há, porém, como diminuir a informação tupínica do Autor: ela deu-lhe o grau desejável de rigor e prudência em matéria sobre a qual tanto tem sido feito não raro em vão: um exemplo disso é certo estudo sobre a toponímia carioca, publicado, faz não muitos anos, em que o senhor da matéria encontrava étimo tupi onde queria — num pressuposto quase mecânico: topônimo carioca sobre cuja origem houvesse dúvida, era só brandir com uma decomposiçãozinha do vocábulo e uns metaplasmozinhos, e aí estava o tupi.

Não se quer com isso diminuir em bloco o que há de pesquisado na matéria, muito antes pelo contrário. As fontes quinhentistas, — como o *Vocabulário na língua brasílica* (*VLB*) —, seiscentistas e mesmo setecentistas, sistemáticas ou incidentais, fornecem inestimáveis dados para que um dia se tente esboçar ou mesmo fundamentar uma história externa e interna do tupi (com provável recuo para bem antes do chamado descobrimento), em suas relações com as demais línguas brasílicas ou não-brasílicas que vicejaram no Brasil. Essa história, como é óbvio, beneficiar-se-á dos estudos antropológicos, etnolingüísticos e lingüísticos que, a partir de umas poucas décadas a esta parte, têm sido feitos sobre os remanescentes brasílicos — os "tupis" ou "tapuias" ('inimigos') desde a distinção quinhentista feita pelos próprios tupis ou aparentados, numa distinção que esbate uma complexa trama lingüística anterior ao "descobrimento", numa complexidade que por certo — durante largo tempo — se agravou com o processo dito civilizatório, quando este não acarretou o desaparecimento puro e simples de línguas, senão dos seus próprios usuários.

Essa língua — nas suas diferenciações horizontais (e também verticais, nas relações catequéticas pelo menos) — contribuiu com algo para o português, em particular na sua variedade brasileira, e talvez não apenas na área lexical estrita (que se pense na freqüência de oxítonos terminados em vogal indiferenciada do ponto de vista do gênero gramatical); é importante distinguir nessa contribuição a modalidade falada e a escrita. É que a guerra lingüística de que o Brasil foi teatro, do século XVI ao século XIX (e por que não XX, em certas áreas?), na seqüela da conquista, da escravidão e da imposição, parece ter-se manifestado na modalidade falada sob a mesma distinção de que o próprio português aqui passou a distinguir-se, falado, da modalidade escrita. Esses fatos são entremostrados, no dicionário, por certas preciosas informações que registra.

Tomem-se, a esse título, alguns verbetes semanticamente conexos, o par *ananás* e *abacaxi*, por exemplo. Comparem-se os casos. De *ananás* (e suas variantes gráficas ou não), há basta documentação a partir de 1557; de *abacaxi*, a primeira documentação é de 1833.

De imediato — atendendo à divulgação falada extensiva no Brasil do vocábulo *abacaxi*, pelo menos no Centro-Sul, com real tendência à universalidade brasileira, quando se esboça uma distinção do referencial entre *abacaxi* e *ananás* —, não é de crer que *abacaxi* tenha sido tupinismo forjado tardiamente (já por indígenas, já por tupinizantes): tratar-se-á — é de presumir — de palavra viva sempre e sempre associada à mesma fruta, que, por motivos que cumpre pesquisar, só foi acolhida na modalidade escrita muito tarde.

Note-se, em conexão, o seguinte: enquanto em espanhol o fruto — "descoberto" em 1493 por Colombo e seus companheiros na ilha de Guadalupe, nas Pequenas Antilhas — era romanicamente denominado *piña* (palavra registrada em espanhol desde 1335, do lat. *pīnèa*, 'bolota de pinheiro', calcado sobre o lat. *pīnus*, 'pinheiro', e desde 1519 aplicado à fruta "descoberta"), só em 1578 também se chamaria *ananás*, por empréstimo do português, mas palavra esta que em espanhol ficaria com baixa freqüência de uso até o século XIX. Já no português do Brasil, a presunção pode ser de que, de um lado, o gênero (que compreendia várias espécies selvagens e o preferencial *Ananas comosus*, com variedades hortícolas subseqüentes), por sua diversificação territorial, poderia ser em tupi "geral" objeto de uma 'sinonímia' desfeita horizontalmente, sendo talvez a forma *ananás* setentrional e a forma *abacaxi* meridional. Esse uso regional teria perdurado, e perdura, mas a forma *abacaxi*, internamente, acabaria modernamente impondo-se do ponto de vista da freqüência, por via da comercialização; mas a outra, cedo passada para o espanhol, breve em francês, nessas línguas se impunha ao fim, embora o inglês consagrasse a primeira via espanhola, com um composto, *pineapple* (o inglês *pine*, só, já era pejado de polissemia), numa aceitação do mecanismo metafórico do espanhol.

Mas o relevante, no caso de *abacaxi*, é considerar que, embora com todos os visos de vocábulo falado vivo desde o século XVI (e antes), só no século XIX, em 1833, apareceria pela primeira vez documentado na língua portuguesa. Esse fato e os que se lhe assemelham apontam para algumas direções prospectivas: a primeira, como dito, é que palavras de origem tupi houve que, faladas correntemente no Brasil, só tardiamente se fazem documentadas em obras literárias; a segunda é a de que os dicionários

correntes no Brasil, pelo menos de certa data relativamente recente para cá, registram palavras de origem tupi, regionais ou pan-brasileiras, que não tiveram acolhida nos textos literários, mas, vivas, foram colhidas em trabalhos lingüísticos de coleta regional ou de campo (donde foram "servir-se" escritores experimentais, como são os casos conspícuos de Mário de Andrade e Guimarães Rosa, grandes leitores de dicionários e fortemente preocupados com lexicalidades); a terceira é a de que, com relação a palavras de origem tupi tardiamente representadas na reserva gráfica brasileira, será mister sempre indagar se eram originalmente tupis ou se se trata de tupinizações criadas pela aculturação ou mesmo por estilização à tupi — fatos que se devem ter em mente não só a quanto se refira ao vocabulário comum de origem brasílica, senão que também (e talvez sobretudo) no que se refere à toponímia brasileira.

Este dicionário, com sua documentação histórica, se bem inquirido, deve ser instrumento fundamental para o encaminhamento dessa problemática.

* * *

O dicionário é, sob tais aspectos, de um valor tal, que passará a ser necessariamente ponto de referência para quanto se fizer sobre as modalidades falada e escrita do português do Brasil, quando se cogite de "empréstimos" que nos vieram de fontes brasílicas ou afins (e auguremos, para tão pronto quanto possível, o da outra vertente, a africana).

Há que, quanto aos "empréstimos" tupis averbados neste dicionário, fazer uma pequena digressão, relacionada com a noção mesma de "empréstimo", que — no pensar deste humilde prefaciador — é às vezes abusivamente invocada, quando uma teoria "geral" lingüística não recobre fenômenos a ela, noção de "empréstimo", pertinentes: assim, uma sistemática fonológica que não abarque fenômenos fonológicos relacionados com vocábulos que não são do acervo primitivo — e sua "evolução" e "estruturação" puras —, tais fenômenos são comodamente descartados, por serem conexos com "empréstimos": no *corpus* lexical geral da língua isso chega a ser trágico, já que, sem exagero, no mínimo 90% desse *corpus* são empréstimos, confinando-se, assim, a teoria a uma "parte menor", ainda que maior, freqüencialmente falando — o que, evidentemente, é algo por demonstrar ou provar, segundo os dialetos sociais e os idioletos (a aceitarmos esse último conceito). A problemática aqui aflorada muito por alto presume que, para um estado estrutural fonológico dado, há, necessariamente, um nível sintático (e morfológico, e morfossintático) e um nível lexical dados, razão por que, em se tratando de uma língua de cultura — isto é, de aquisição a um tempo por tradição oral "pura" e por tradição socialmente institucionalizada em estabelecimentos de ensino ou por meios de transmissão de massa universalistas —, esse estado fonológico é insatisfatório ou insuficiente ou "teórico", se não leva em conta aquela correlação de níveis.

O Autor, com motivações fecundas (como buscarei tentar mostrar a seguir), não cuidou de situar o material léxico averbado no seu dicionário dentro dessa problemática, nem positiva, nem negativa, nem explícita, nem implicitamente. Achou — apenas, e fez bem — necessário considerar de origem tupi não só os vocábulos originalmente tupis tomados de "empréstimo" e integrados no vocabulário da modalidade americana do português brasileiro e, de um modo geral, do português (sem epíteto), senão que também os vocábulos derivados desses vocábulos já integrados. Destarte, tanto considerou de origem tupi *caju*, por exemplo, como *cajueiro*, por exemplo (e, assim, *cajuada, cajuzada, cajual, cajuzal, cajuzeiro, cajuzinho* etc.). Isso poderia ser contestado, uma vez que — é de rigor supô-lo — *cajueiro* se forma de *caju*; e se forma — poder-se-á alegar — motivadamente, a partir do momento em que, imotivadamente do ponto de vista lingüístico abstrato, mas motivadamente do ponto de vista cultural, *caju* passou a ser, "naturalmente", na língua, a face significante do significado e do referencial 'caju' — a partir do momento em que, repitamos, motivadamente, dentro da língua, a "árvore (ou arbusto) que dá 'caju'/*caju*" é *cajueiro* (ou *cajuzeiro*), o que faz de *cajueiro* (ou *cajuzeiro*) uma derivação intrínseca à língua portuguesa. Trata-se, neste caso, de tese realmente defensável. Mas a prática dessa tese, no dicionário, seria ou estéril ou infecunda. É que, registrando os derivados documentais desse tipo, o Autor nos propicia — na grande maioria dos casos em que isso ocorre, senão que na tota-

lidade — uma datação mínima em torno de quando o tupi se fez ex-tupi e passou a português do Brasil, rumo de português em geral. Isso por si só milita muito em favor do critério seguido pelo Autor quanto a esse particular.

* * *

O registro toponímico do *Atlas do Brasil ao milionésimo* consta ser de cerca de sessenta mil unidades (com as repetições do mesmo topônimo, um rio, por exemplo, cujo nome se reitere na risca do seu curso), em que o percentual de origem tupi (e brasílica) é alentado. Várias meritórias conexões entre a toponímia brasileira, em geral, sua localização geográfica e tipos de migração e ocupação já têm sido estabelecidas, importando, porém, um levantamento sistemático desse fenômeno, cuja importância escusa ressaltar nas suas projeções sobre a compreensão de nossa demografia, de nossa economia histórica, de nossa variação cultural, material e espiritual, de nossa estrutura territorial, de nossa diversificação regional. É de suspeitar que três camadas distintas de topônimos tupis — ou brasílicos — coexistem hoje em dia: a dos topônimos dos próprios brasílicos de antes e durante os primeiros séculos de imposição colonial, a dos topônimos "tupinambizados" da língua geral de intercurso, que talvez reproduzissem os processos originais, talvez lhes acrescentassem ou diminuíssem algo, estilizando-os, e a dos topônimos tupinizados em operação consciente de composição por parte de tupinofonos, tupinizantes ou tupinólogos — sem considerar defasagens regionais, como a amazônica, que deve repetir com certa modernidade o que ocorreu em outras áreas dois séculos antes. É de supor que só a prática desse levantamento sistemático poderá vir a distinguir essas camadas com certo rigor, camadas por si expressivas de três situações diferentes de relações interlingüísticas. A datação da implantação de cada unidade toponímica dessas três naturezas, com os subsídios históricos possíveis para cada caso, é factível, permitindo que, num movimento retrospectivo, se possa atingir a mais antiga, como "residual" dessa depuração.

Parece não haver como dissociar esse trabalho de pesquisa toponímica do estudo e da documentação do vocabulário comum da língua a que está ligado. A noção de topônimo *stricto sensu*, 'nome próprio de lugar', deve nesse contexto ser ampliada, razão por que, na obra colegiada em que estivemos juntos com outros e o Autor, preferimos o neologismo *geônimo*, 'nome próprio de qualquer acidente geográfico, físico ou político'; e sob a sábia direção de Alberto Passos Guimarães, elaboramos então a geonímia do *Atlas Mirador internacional*, que por muitos respeitos passa a ser de valia notável para o aprofundamento dos estudos da toponímia-geonímia de origem brasílica, particularmente tupi ou tupinambá, já que busca, dentre outras coisas, dar os antecessivos nomes que cada acidente geográfico nosso teve, dando-lhe, ademais, as coordenadas geográficas de identificação, mesmo daqueles que, pela escala e densidade dos nomes inscritos, não constem dos mapas.

Ora, este dicionário encerra, *in fine*, três preciosos índices, cuja valia para a consulta dispensa comentários; mas sua valia aumenta de interesse, quando se considera que no "Índide analítico dos étimos tupis" se reúnem sob o mesmo étimo todas as palavras portuguesas de origem tupi etimologicamente correlatas.

De outro lado, um traço — hipotético, por ora, mas com grandes visos de confirmabilidade — parece caracterizar a geonímia brasileira de origem tupi em relação à geonímia brasileira de origem portuguesa (ou "ocidental"): esta, em um sem-número de casos, é comemorativa, áulica ou "arbitrária" (como signo lingüístico), enquanto a tupi — pelo menos das duas primeiras camadas a que acima nos referimos — parece ser eminentemente intralingüística denotativo-conotativa, isto é, nomes próprios que são como que "nomes comuns", porque nomes próprios com significante e significado válido para os usuários — pelo menos enquanto a língua geral foi língua geral no Brasil. Essa circunstância permite — dir-se-á mais —, pede que os estudos dos nomes próprios de origem tupi sejam feitos em estreito contraponto com o estudo do vocabulário comum do tupi. Têm sido, aliás, sempre assim esses estudos, apenas com a lacuna de o serem na base de pequena amostragem, quando sua fecundidade parece estar na sistematicidade dos grandes números ou dos universos exaustivos.

Se não nos é lícito presumir que todos os nomes comuns do tupi — ou, mais particularmente, todos os elementos de composição semantemáticos dos nomes comuns tupis — se representaram no português do Brasil, é lícito presumir que um enorme acervo quase exaustivo desses componentes aparece nele, se tomadas juntamente as palavras dessa origem incorporadas no português do Brasil quer como nomes comuns, quer como geônimos. Essa presunção faz que o estudo contrapontístico referido ofereça perspectiva de alta rentabilidade: em verdade, ele sempre assim se fez, mas não raro com excessos de arbítrio por parte de não poucos incursionistas, por causa do caráter abstrato, quero dizer, isolado dos casos estudados, enquanto já agora o quadro pode oferecer-se-nos — graças, para uma parte relevante, a este dicionário — com um cabedal taxionômico tão mais rico, que esse estudo pode fazer-se de forma sistemática, em que pesarão, além da bibliografia tradicional, as modernas monografias sobre nossas línguas indígenas remanescentes e, com lugar conspícuo, o que já há inclusive sobre o guarani.

* * *

Esse conjunto de qualidades e funções faz deste dicionário um marco no estudo do português do Brasil, indispensável aos estudiosos com formação filológica, lingüística, histórica, literária, cultural e o que mais for nas amplas áreas das chamadas ciências sociais. Seu aperfeiçoamento, entretanto (como tudo o que é humano), é possível e mesmo necessário: e disso, por certo, as gerações futuras se encarregarão, embora tenhamos certeza de que Antônio Geraldo da Cunha, ele mesmo, se desincumbirá disso — se o favor público, como auguro, acolher esta obra com a devoção que merece.

Mas não apenas sob tais aspectos se credencia este dicionário. Como qualquer obra relevante que nesta altura se elabore no Brasil sobre esta nossa língua comum, esta também suscita (ou ressuscita) veemente questão: a relacionada com o conhecimento teórico e sua prática na transmissão e aquisição do nosso mais nodal meio de comunicação e expressão social — e, pois, individual.

É que continuamos com estudos extremamente díspares e não raro sem seqüelas em quanto se refira a trabalhos sistemáticos sobre nossa língua. Os estudos e pesquisas teóricos e aparentemente teórico-práticos ou prático-teóricos que temos tido são muito poucos para as nossas necessidades, queremos dizer, para o nosso conhecimento coletivo dessa das mais capitais faces de nossa realidade cultural. Estamos ainda polarizados entre dois extremos: de um lado, continuamos caudatários de ideais puristas, castiços e normativos segundo padrões superados — como o prova a prática viva de nossa língua em todas as suas diversificações horizontais e verticais; de outro lado, sobre material empírico pouco representativo, temos involuntariamente relaxado o trabalhoso e penoso dever de crivar essas diversidades na sua concretude sociocultural — o que em grande parte se deve ao fato de que isso demanda enormes investimentos sociais e intelectuais — que dão no mesmo — muitos dos quais com grande concentração desses investimentos em projetos colegiados unitários, pois que estamos, a tal respeito, talvez nos antípodas de várias línguas de cultura. Pensemos nos obstáculos que têm enfrentado os nossos devotados dialectólogos de campo — quer os monografistas, quer os extensivistas. Aspiramos a fugir dos pronunciamentos opinativos impressionistas a respeito dessa face complexa de nossa realidade, mas continuamos quase compelidos a afundar-nos na falta de material empírico coletado e sistematizado com certo rigor científico. O próprio projeto de levantamento de dados para a proposição de uma norma culta urbana do país continua a esbarrar em impedimentos da mais vária natureza.

Assistimos, paralelamente, à tomada de consciência de que algo de grave se passa com o uso geral de nossa língua, tanto na área da transmissão institucionalizada nos estabelecimentos de ensino, como nos da sua difusão pelos chamados meios de comunicação de massas. Já repontam "soluções" que se dizem anticulturais em confrontação com as (que não se dizem) hiperculturais: as que advogam uma demotização das modalidades falada e escrita *sub specie Ypanemae*, contra as que continuam a ser brandidas aristocraticamente pelos nostálgicos do português de certos autores de séculos passados — quando, por antecipação, sabemos que ambas essas postulações são im-

potentes para pensar lingüisticamente a problemática brasileira contemporânea em todos os níveis e áreas, desde os literários *stricto sensu*, passando pelos práticos, até os técnicos e científicos.

O quiçá único milagre de nossa história é que temos uma língua comum a mais de cem milhões de usuários num território de mais de oito e meio milhões de quilômetros quadrados — ecúmeno que potencializa mais de um milhar de milhões de seres humanos, acaso lingüisticamente indianizados, mas no outro sentido de *índio*, o primeiro.

Importa-nos compenetrarmo-nos de que o que vai de estruturalmente comum na nossa língua não é o mesmo nem deve ser confundido com o que vai de culturalmente diferenciado horizontal e verticalmente. Parece quase um truísmo dizer que a melhor forma de mantermos a unidade na diversidade (pois que é impossível a ausência de diversidade) é e será através do estudo de nossas realidades lingüísticas diacrônicas e sincrônicas, horizontais e verticais, dialectais e — permita-se-me — idiolectais (caso este em que a análise e a crítica lingüístico-literárias têm sua plena razão de ser).

Dentro desse belo e complexo universo de temas e problemas, um trabalho deste gênero inscreve-se plenamente dentre os de que necessitamos, indispensáveis para o conhecimento dos fenômenos lingüísticos de que fomos e somos agentes e pacientes, conhecimento sem o qual continuaremos a digladiar-nos em pontos de vista opinativos de valor fortemente duvidoso ou dubitável. A história da língua portuguesa no Brasil está a rigor ainda por ser feita no seu todo e não será de estranhar que não nos venhamos a entender-nos enquanto não o for, pois o presente é ainda história, de que nada ou pouco sabemos. Creio que sem ela uma base fundamental para compreendermos a nossa realidade atual (e projetar a futura) será muito precária: temos que operar — estrutural e/ou historicamente — do passado para o presente e do presente para o passado para nos assenhorearmos de ambos — e do futuro.

Para a construção desse conhecimento, Antônio Geraldo da Cunha, com este dicionário, traz notável e inarredável contribuição. Que fique à mão (e à mente) de quantos se preocupam no Brasil com isso. E que o fique com os nossos agradecimentos de todos.

Rio de Janeiro, 5 de fevereiro de 1976.

Antônio Houaiss

TÁBUA DAS MATÉRIAS

INTRODUÇÃO 14
BIBLIOGRAFIA 29
ABREVIATURAS 38
SINAIS CONVENCIONAIS 39
RECAPITULAÇÃO DAS SIGLAS 39
D I C I O N Á R I O 41
ÍNDICES 319

INTRODUÇÃO

1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES
1.1 **Objetivos**
1.2 **Amplitude do registro**
2 CONSTITUIÇÃO DOS VERBETES
2.1 **Estrutura básica**
2.2 **Título do verbete**
2.3 **Categoria gramatical**
2.4 **Cronologia das variantes**
2.5 **Etimologia**
2.6 **Definição**
2.7 **Digressão enciclopédica**
2.8 **Passagens abonatórias**
3 DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA
3.1 **Amplitude**
3.2 **Textos**
3.3 **Edições**
3.4 **Normas de transcrição**
3.4.1 *Da ordenação cronológica (ou lógico-cronológica) das passagens abonatórias*
3.4.2 *Das datas das obras*
3.4.3 *Dos nomes dos autores*
3.4.4 *Dos títulos das obras*
3.4.5 *Da localização das passagens abonatórias*
3.4.6 *Da fidelidade das transcrições*
3.4.7 *Da extensão das passagens abonatórias*
3.4.8 *Das inserções elucidativas.*

1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES.

1.1 **Objetivos.** O *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi* — que será daqui por diante sempre referido pela sigla DHPT — visa, primordialmente, a contribuir para o progresso dos estudos de lexicografia histórica portuguesa. Infelizmente, é força confessar, quase tudo está por fazer nesse domínio. Poucas, muito poucas mesmo, são as obras de lexicografia portuguesa de âmbito histórico. Além da carência de edições de textos, rigorosamente elaboradas com vistas ao levantamento *integral* do vocabulário dos seus autores, ressente-se ainda a língua portuguesa da falta de dicionários dos diferentes períodos de sua história.

1.1.1 Urge, também, preparar a curto prazo um plano amplo e objetivo para a elaboração do futuro Dicionário da Língua Portuguesa, baseado em princípios históricos. A realização de uma obra dessa natureza requer, de um lado, o preparo de um corpo de lexicógrafos devidamente treinados nas modernas técnicas lexicográficas, e, de outro lado, a execução de um programa, tanto quanto possível minucioso, em que se estabeleçam os critérios que devem nortear o levantamento do vocabulário dos textos de língua portuguesa.

1.1.2 Para as tarefas de levantamento poderão ser utilizados os modernos processos de reprodução mecanográfica e os amplos recursos fornecidos pelos computadores eletrônicos. Cumpre assinalar, ainda, que o preparo dos lexicógrafos poderá ser feito concomitantemente com a elaboração dos materiais lexicográficos preliminares e à medida em que esses materiais forem sendo processados pelos computadores. Com um plano de trabalho rigoroso e a indispensável decisão que deve presidir a todos os grandes empreendimentos, o Dicionário da Língua Portuguesa, baseado em princípios históricos, poderá vir a ser uma realidade a médio prazo. O DHPT, que se pretende venha a integrar-se nesse grandioso projeto, constitui um modesto subsídio para a sua realização.

1.2 **Amplitude do registro.** Em razão de seu caráter predominantemente histórico, o DHPT deixa de registrar inúmeros vocábulos de procedência tupi consignados nos dicionários da língua portuguesa. Com efeito, em lugar de registrar todas as palavras de origem tupi averbadas nesses dicionários, preferiu-se acolher no DHPT apenas os vocábulos que estão devidamente documentados nos textos consultados. Convém observar, todavia, que a documentação histórica exaustivamente coligida para o DHPT foi tão abundante quanto possível, particularmente em relação aos textos dos séculos XVI e XVII.

1.2.1 O consulente observará, folheando, por exemplo, o *Dicionário etimológico resumido*, de Antenor Nascentes, que são inúmeros os vocábulos portugueses de origem tupi aí registrados que não foram incluídos no DHPT, não porque, *a priori*, sua procedência tupi fosse posta em dúvida, mas simplesmente porque para esses vocábulos não foram encontradas abonações nos numerosos textos compulsados.

2 CONSTITUIÇÃO DOS VERBETES.

2.1 **Estrutura básica.** Em princípio, os verbetes são assim constituídos: a) título do verbete (lema ou entrada); b) categoria gramatical (classe ou função); c) cronologia das variantes (ordenação cronológica ou lógico-cronológica); d) etimologia (notícia histórico-etimológica ou mera referência a étimo hipotético); e) definição (conceituação e/ou caracterização das diferentes acepções); f) digressão enciclopédica; g) passagens abonatórias.

2.1.1 Para dezenas de vocábulos, principalmente os que se documentam exclusivamente em textos dos séculos XVI, XVII e XVIII, não foi possível indicar o seu verdadeiro significado nem estabelecer a sua etimologia; é claro que o simples fato de terem sido registrados no DHPT é indício de que sua origem tupi foi considerada provável. Esses termos de difícil identificação foram registrados no DHPT precedidos do sinal ||. Julgou-se oportuno incluí-los, mesmo em caráter provisório, pois é muito provável que novos elementos de identificação venham a esclarecer, num futuro não muito remoto, o seu verdadeiro significado e a sua origem imediata. É esse, aliás, um dos objetivos do DHPT, a saber: colocar à disposição dos estudiosos em geral e dos tupinólogos, em particular, uma documentação abundante e metodicamente ordenada, que lhes proporcione os elementos indispensáveis para a melhor caracterização dos étimos tupis e/ou das formas correlatas de outros idiomas indígenas do mesmo tronco tupi ou com ele aparentados.

2.2 **Título do verbete.** Todos os vocábulos foram registrados em ordem alfabética. Sempre que possível, adotou-se, no título do verbete, a ortografia preconizada pelo vocabulário ortográfico oficial. Muitas vezes, contudo, a forma adotada no DHPT diverge da que foi ali estabelecida, visto que a abundante documentação histórica — só agora coligida e ordenada — justifica uma ou outra modificação nos critérios ortográficos tradicionalmente fixados.

2.2.1 Algumas vezes, diante da dificuldade de caracterizar, entre duas ou mais variantes, a melhor forma de registro de um vocábulo antiquado e/ou que não figura nos dicionários modernos, optou-se pela múltipla entrada. Entre outros exemplos de verbetes com dupla entrada, citam-se: *ajurucurau/ajurucurica, anhaíba/anhuíba, anhumapoca/anhupoca* etc.

2.2.2 Os homógrafos, que constituem verbetes distintos, foram diferenciados por meio dos números 1, 2, 3 etc., colocados à direita e ao alto dos vocábulos em epígrafe, como, por exemplo: guará[1] 'ave', guará[2] 'peixe' e guará[3] 'mamífero'; macaxeira[1] 'diabo' e macaxeira[2] 'aipim'; parati[1] 'peixe', parati[2] 'variedade de mandioca' e parati[3] 'aguardente'.

2.2.3 Não constituem verbetes independentes as formas do diminutivo; assim, as passagens abonatórias que documentam *caboclinho* e *tatuzinho*, por exemplo, foram incluídas nos verbetes *caboclo* e *tatu*, respectivamente. É claro que um termo como *paquinha* 'grilo-toupeira', embora apresente a característica morfológica do diminutivo [< pa(ca) + -(qu)inha], mereceu registro autônomo, uma vez que aí não se trata de uma 'paca pequena', mas de um inseto.

2.2.4 Não constituem, também, verbetes autônomos, certos tupinismos que, só eventualmente, ocorrem acompanhados dos qualificativos tupis e'te 'verdadeiro', ũa'su 'grande', mi'rĩ 'pequeno', 'i̯ua 'amarelo' etc., pois que esses tupinismos não se difundiram na língua portuguesa. Preferiu-se, assim, inserir no verbete *caroba* as abonações para *carobuçu*, no verbete *jandaia*, as abonações para *jandaiaetê* e *jandaiajuba* etc. Constituem verbetes independentes, porém: *jaguar, jaguaretê* e *jaguaruçu*; *jibóia* e *jiboiaçu* etc.

2.2.5 É oportuno salientar que o critério que fundamentou a escolha da ortografia adotada no título do verbete no DHPT não oferece qualquer dificuldade para a sua

consulta, uma vez que todas as variantes documentadas nos textos foram arroladas alfabeticamente no *Índice das palavras portuguesas e suas variantes*, com remissão para a forma que constitui o título do verbete. Vale ressaltar, ainda, que o princípio histórico que norteou o DHPT sobrepõe-se aos critérios normativos estabelecidos pelos autores dos vocabulários ortográficos, oficializados ou não.

2.3 **Categoria gramatical.** Indicou-se a categoria gramatical de cada vocábulo obedecendo-se às normas comumente adotadas em dicionários. Uma ou outra vez, particularmente na caracterização do gênero de alguns substantivos, houve flutuação no critério de registro, isso porque os próprios autores das passagens abonatórias transcritas empregaram o vocábulo ora no masculino, ora no feminino, ora em contextos incaracterísticos.

2.4 **Cronologia das variantes.** Registrado o vocábulo e indicada a sua categoria gramatical, consignaram-se, a seguir, cronologicamente (ou lógico-cronologicamente), precedidas da abreviatura Var., todas as variantes documentadas nos textos consultados. O conceito de variante, é bom frisar, foi aqui adotado em toda sua amplitude, pois até mesmo formas diferenciadas pelos mais simples matizes gráficos (como, por exemplo: *caju/cajú/cajù/cajû*) foram também consideradas variantes.

2.4.1 Como se mencionou no subparágrafo 2.2.3, os diminutivos não constituem verbetes independentes. Suas variantes gráficas, todavia, mereceram inserção no rol das variantes, depois de reduzidas à forma normal, por eliminação do sufixo do diminutivo. Assim, por exemplo, *gerumuzinho* decompõe-se em *gerumu* + *-z-* + *-inho; gerumu*, que é mera variante de *jerimum*, foi consignada entre as variantes desse vocábulo.

2.4.2 Os números que precedem as variantes indicam, sumária e convencionalmente, a centúria ou as centúrias em que elas se documentam. Assim, por exemplo, o número 5, anteposto a uma variante, indica que ela se documenta em um ou mais textos quinhentistas (1500 a 1599); uma variante precedida dos números 5 e 7, separados por um traço (5-7), ocorre em textos quinhentistas, seiscentistas e setecentistas. Outras vezes a variante é precedida dos números 5 e 7, separados por vírgula (5,7); esse tipo de registro informa que a variante só se documenta em textos quinhentistas e setecentistas, mas não em textos seiscentistas.

2.4.3 Uma ou outra vez, após detido e meticuloso exame do conjunto de todas as variantes de um mesmo vocábulo, verificou-se que havia razões de ordem científica e, principalmente, de natureza metodológica, que aconselhavam a divisão desse conjunto em dois ou mais subconjuntos. Quando isso ocorreu, incluiram-se em cada um dos subconjuntos (designados com as letras do alfabeto grego: α, β, γ, δ etc.) aquelas variantes que apresentam características comuns, características essas que as aproximam umas das outras e que, conseqüentemente, também as distinguem das variantes incluídas nos demais subconjuntos. As variantes da palavra *preá*, por exemplo, distinguem-se em três grupos característicos (constituindo uma verdadeira cadeia histórico-etimológica): α. 5 *aperiá*, 6 *aparia* (6 *aperca*), *apereà, apereyá*; β. 7 *peria, periá*; γ. 6, 8-9 *preá*, 8 *prehá*. Exemplos bem mais complexos de registros de variantes oferecem os vocábulos *caraguatá* e *mandacaru*.

2.4.4 Registraram-se entre parênteses as variantes que resultaram de lapso tipográfico evidente ou de má interpretação do copista, como *aperca* por *aperea* (= apereá) e, bem assim, algumas outras de duvidosa identificação.

2.4.5 De um modo geral, as variantes dos substantivos foram inseridas, no rol, na forma do singular. Houve casos, porém, em que se julgou conveniente consigná-las no plural, em face da dificuldade ou da total impossibilidade de decidir, de sua ocorrência exclusiva no plural em determinado texto, qual seria a forma normal do singular. Exemplo característico é o das variantes do vocábulo *araçá*. Com efeito, do plural *araçazes* poder-se-ia concluir que o singular seria *araçâ*, que ocorre, por exemplo, em texto do padre Fernão Cardim; mas poderia ser, também, *araçaz* ou *araças*, que se documentam, ambas como formas do singular, em textos do século XVIII. Preferiu-

se, então, consignar no rol das variantes a forma do plural — *araçazes* —, indicando-se adiante da variante, e entre parênteses, a abreviatura correspondente — (pl.).

2.5 **Etimologia.** Relacionadas todas as variantes documentadas nos textos, indicou-se, a seguir, entre colchetes, a etimologia do vocábulo português. Não houve a preocupação de pesquisar os étimos dos étimos tupis, uma vez que essa pesquisa foge aos objetivos básicos do DHPT e melhor se enquadra no campo de estudos dos tupinólogos e dos especialistas da lingüística indígena. Todavia, uma ou outra vez, teceram-se breves comentários sobre certas etimologias propostas no DHPT, com base na abundante documentação histórica coligida, isso porque elas divergem das consignadas em alguns dicionários e em trabalhos lexicográficos diversos.

2.5.1 Quanto à própria conceituação do termo *tupi* como designativo de uma língua indígena (ou de uma família de línguas) falada na costa do Brasil, de São Vicente até o Maranhão, nos séculos XVI e XVII (e também no século XVIII?), ainda não há perfeito acordo entre os lingüistas. No DHPT adotou-se o termo tupi (forma abreviada: T.) em sentido bastante amplo. Com efeito, considerou-se, em princípio, que um dado vocábulo português é de origem tupi quando o étimo tupi proposto está documentado no precioso *Vocabulário na Língua Brasílica* (sigla: VLB), redigido por jesuítas na segunda metade do século XVI e conservado em manuscritos do século XVII.

2.5.2 Em razão da grande importância que esse vocabulário assume para a caracterização das formas tupis recolhidas pelos missionários jesuítas em pleno século XVI e em contacto direto com os indígenas, julgou-se conveniente inserir na notícia etimológica do DHPT, sempre que o étimo tupi constava do VLB, uma transcrição fiel do respectivo verbete.

2.5.3 Consideraram-se também definitivamente esclarecidos os étimos tupis que se puderam inferir dos textos quinhentistas de Nóbrega, Leonardo do Vale, Anchieta, Cardim, Gabriel Soares de Sousa, Francisco Soares etc., e, bem assim, de autores do século XVII, tais como Antônio de Araújo, Luís Figueira, Jerônimo Rodrigues, Vicente do Salvador, Jácome Monteiro, Cristóvão de Lisboa e João Felipe Betendorf, entre outros.

2.5.4 Consideraram-se suficientemente esclarecidos, também, certos étimos tupis que, apesar de só se documentarem em textos portugueses a partir do século XVIII (ou até mesmo a partir do século XIX), se adaptam rigorosamente à estrutura da língua tupi, não apenas sob o aspecto morfológico, mas também sob o ponto de vista semântico.

2.5.5 Registraram-se precedidos de asterisco os étimos hipotéticos. Quando, porém, não foi possível, em face da precariedade da documentação coligida para determinado vocábulo, estabelecer o seu étimo tupi, colocou-se, adiante da abreviatura T. (= tupi), um sinal de interrogação. Refira-se, por fim, que o sinal de interrogação vem anteposto à abreviatura T. quando ainda pairam dúvidas sobre a origem tupi do vocábulo português.

2.5.6 Para a transcrição fonêmica do tupi adotou-se o seguinte alfabeto, o qual, embora procure seguir de perto os que foram propostos pelos tupinólogos, apresenta pequenas divergências com relação a um ou outro fonema: a, ã, e, ẽ, i, ĩ, i̯, ï, k, m, ɱ, n, ñ, n̲, ŋ, o, õ, p, r, s, š, t, u, ũ, u̯, ü̯. A sílaba tônica é sempre precedida do sinal ′: aka′i̯u (oxítono), ′paka (paroxítono).

2.5.7 Relacionaram-se no quadro abaixo, sumariamente, os fonemas tupis e a sua correspondência em português. Escolheram-se exemplos bem simples, de forma a melhor caracterizar os critérios adotados na representação desses fonemas. Cumpre notar, ainda, que um mesmo fonema tupi pode dar origem a mais de um fonema em português, o que é facilmente comprovável nas notas etimológicas que integram os verbetes do DHPT. Complementam as informações do quadro e das notas etimológicas, as referências do *Índice analítico dos étimos tupis*, em que figuram, lado a lado, os étimos tupis e as palavras portuguesas que deles procederam.

QUADRO SUMÁRIO

dos fonemas tupis e sua correspondência em português

a	[a]	ara'tu	aratu
	[á]	u'sa	uçá
ã	[ã]	ara'kụ̃ã	aracuã
	[an]	pi'rãịa	piranha
e	[e]	pe'reụa	pereba
	[é]	pa'ịe	pajé
	[ê]	ï'pe	ipê
ẽ	[em]	ïụa'eẽ	ubaém
i	[i]	karipi'ra	caripirá
	[í]	ịu'i	juí
ĩ	[im]	mi'rĩ	mirim
ị	[j]	aịu'ru	ajuru
	[nh]	saịa'su	sanhaço
	[i]	aịe'reụa	aiereba
ï	[ig]	ï'aɾa	igara
	[í]	a'ĩ	aí
	[i]	araĩ'ku	araticu
	[u]	mĩ'tũ	mutum
k	[c]	aka'ra	acará
	[qu]	pirai'ke	piraiquê
m	[m]	maraka'ịa	maracajá
ŋ	[mb]	ina'ŋu	inambu
	[m]	ŋe'ru	meru
	[b]	ịĩ'ŋoịa	jibóia
n	[n]	nari'nari	nárinari
ñ	[nh]	ïpeka'kụaña	ipecacuanha
n̲	[nd]	kani'n̲e	canindé
ŋ	[ng]	akaịuka'tiŋa	acajucatinga
o	[o]	o'kara	ocara
	[ó]	ti'ŋo	timbó
õ	[ão]	sapi'rõ	sapirão
p	[p]	ïpupi'ara	ipupiara
r	[r]	kuru'ru	cururu
s	[s]	so'ko	socó
	[ss]	pisa'n̲o	pissandó
	[c]	ï'sïka	icica
	[ç]	ï'sa	içá
š	[x]	eišu'a	eixuá
t	[t]	taịa'su	taiaçu
u	[u]	kurua'ta	curuatá
	[ú]	te'ịu	teiú
	[v]	uia'tã	viatã
ũ	[um]	pi'kũ	pium
ụ	[u]	ka'ụĩ	cauim
	[b]	aụa're	abaré
	[v]	ịĩ'rĩụa	juruva
ụ̈	[gu]	ụ̈a'ra	guará

2.5.8 Constituem verbetes autônomos os derivados formados em português, tais como: *ananasal* (< ananás + -al), *mangabeira* (< mangab[a + -eira) etc. Distinguiram-se, também, em verbetes independentes, os substantivos femininos em *-eira* dos masculinos em *-eiro*, como *cajazeira* a par de *cajazeiro*. No *Índice de elementos morfemáticos portugueses em palavras de origem tupi* registram-se todos os elementos morfemáticos e os derivados portugueses em que eles ocorrem.

2.6 **Definição.** As definições foram redigidas de forma tão precisa e concisa quanto possível. Evitaram-se referências a certas acepções consignadas nos dicionários gerais, bem como nos vocabulários de regionalismos, toda vez que não foi possível documentá-las nos textos. Com relação aos nomes de animais e de plantas, os quais constituem a maior parte dos vocábulos portugueses de procedência tupi, adotou-se o critério de indicar sucintamente a sua classificação científica, sem entrar em minúcias sobre as suas características. Partiu-se do pressuposto de que as passagens abonatórias são suficientemente esclarecedoras e suprem plenamente as definições circunstanciadas.

2.6.1 É algo freqüente no DHPT a indicação singela — v. abon. (veja a/as abonação/abonações) — em que se deixa de definir o vocábulo remetendo-se o consulente para a passagem abonatória adiante transcrita. Com esse critério visou-se a atender a dois objetivos opostos, a saber: 1º) a passagem abonatória é tão clara, que a acepção do vocábulo é imediatamente inferida do contexto; 2º) a passagem abonatória é tão vaga, ou até mesmo obscura, que não se julgou prudente definir o vocábulo, com base, exclusivamente, nessa passagem.

2.7 **Digressão enciclopédica.** A seguir à definição, apresentaram-se, uma ou outra vez, pequenas digressões de caráter enciclopédico, a fim de elucidar certos aspectos característicos do vocábulo e do objeto (ou do conceito) que ele denomina. Essas digressões só foram inseridas no verbete quando as passagens abonatórias transcritas não esclareciam suficientemente o vocábulo definido.

2.8 **Passagens abonatórias.** Depois da definição e/ou da digressão enciclopédica,

transcreveram-se as passagens abonatórias que ilustram os verbetes e que constituem a parte mais importante do DHPT, a saber, a sua documentação histórica, cujos critérios de registro serão minuciosamente descritos no parágrafo seguinte.

3 DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA.

3.1 **Amplitude.** A escolha da mesma tipologia para os termos DICIONÁRIO e HISTÓRICO no título desta obra não foi meramente casual nem imposta por preconceitos estéticos. Com esse realce pretendeu-se chamar a atenção do consulente para o aspecto histórico do DHPT, que é, como já se referiu anteriormente, a sua característica dominante. Efetivamente, com o propósito de coligir uma documentação abundante, ampla e tão variada quanto possível, não se mediram esforços para consultar todos os textos de língua portuguesa dos séculos XVI e XVII relativos às *coisas do Brasil*. Quanto às obras dos séculos XVIII, XIX e XX, contudo, a pesquisa não foi tão exaustiva, embora tenham sido lidos e anotados centenas de textos desse período.

3.2 **Textos.** Basicamente, as fontes dos tupinismos introduzidos na língua portuguesa no século XVI são as cartas e relatórios dos missionários jesuítas (Nóbrega, Leonardo Nunes, Anchieta, Cardim, Francisco Soares etc.), bem como os textos de Gândavo e Gabriel Soares de Sousa. A par dessas obras, citam-se ainda as correspondências dos primeiros povoadores do Brasil, os relatórios dos governadores, os autos da primeira visitação do Santo Ofício às partes do Brasil, os roteiros de viagens etc. Cumpre mencionar, também, a ocorrência esporádica de um ou outro tupinismo em autores portugueses do século XVI que só se referiram ao Brasil muito superficialmente, como, entre outros, o historiador Damião de Góis, o naturalista Garcia da Orta e o autor anônimo da *Relação do Descobrimento da Frolida*.

3.2.1 Das obras do século XVII, as que registram maior número de vocábulos portugueses de procedência tupi são os *Diálogos das Grandezas do Brasil*, atribuídos a Ambrósio Fernandes Brandão, a *História dos Animais e Árvores do Maranhão*, de Cristóvão de Lisboa, e a *Crônica da Companhia de Jesus no Brasil*, de Simão de Vasconcelos. Muito importantes, também, pela grande soma de tupinismos que nelas se documentam, são as obras de Betendorf, Manuel Calado, João de Sousa Ferreira, Luís Figueira, Francisco de Brito Freire, Rafael de Jesus, Vicente do Salvador, Jácome Monteiro, Jerônimo Rodrigues, Simão Estácio da Silveira, entre outras muitas.

3.2.2 Do século XVIII, além de centenas de documentos publicados nas revistas dos institutos históricos (do Rio de Janeiro, de São Paulo, do Ceará, de Pernambuco etc.), nos Anais da Biblioteca Nacional, em várias revistas dos arquivos estaduais e em muitas outras publicações periódicas, foram lidas e detidamente examinadas as obras de Antônio do Rosário, Manuel Botelho de Oliveira, Antonil, Nuno Marques Pereira, Rocha Pita, Bernardo Pereira de Berredo, Manuel da Fonseca, José Antônio Caldas, Jaboatão, Basílio da Gama, Santa Rita Durão etc.

3.2.3 Com relação às obras dos séculos XIX e XX, adotou-se um critério seletivo no arrolamento das fontes de consulta, em face da dificuldade material de ler e anotar milhares de publicações. Para esse período foram consultadas quase que exclusivamente as obras dos grandes nomes da literatura brasileira e, mais particularmente, as de cunho indianista e/ou regionalista. Leram-se, entre outras, as principais obras de Gonçalves Dias, Domingos Gonçalves de Magalhães, Fagundes Varela, Araújo Porto Alegre, José de Alencar, Franklin Távora, Bernardo Guimarães, Manuel Antônio de Almeida, Taunay, Couto de Magalhães, Adolfo Caminha, Machado de Assis, Euclides da Cunha, Simões Lopes, Lima Barreto, Alcides Maia, Monteiro Lobato, Graça Aranha, Mário de Andrade, Jorge de Lima, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Aníbal Machado e Guimarães Rosa.

3.2.4 Apesar de bastante rica, a documentação histórica aqui reunida revela-se às vezes insuficiente para o melhor conhecimento da evolução histórica de um ou outro tupinismo. É verdade que, particularmente com relação aos séculos XIX e XX, muito há que consultar ainda, a fim de que se possa fixar, com base em dados estatísticos amplos, a maior ou menor difusão de certos vocábulos tupis no português contempo-

râneo. Os resultados dessa pesquisa, que já foi iniciada, só poderão ser aproveitados na próxima edição do DHPT, pois não se julgou conveniente retardar demasiadamente a sua publicação. Além do mais, é bom repetir, a documentação aqui coligida já constitui, sem dúvida, uma amostragem bem razoável.

3.3 **Edições.** Nas obras lexicográficas de caráter predominantemente histórico, a escolha das edições reveste-se da mais alta importância. Com efeito, a transcrição das passagens abonatórias só deve ser feita de fontes fidedignas. De um modo geral, as edições utilizadas para a elaboração da parte histórica do DHPT merecem inteira confiança.

3.3.1 Para as obras, antigas ou modernas, impressas em vida do autor, envidaram-se todos os esforços para consultar a primeira edição. Salvo algumas exceções, as passagens abonatórias do DHPT foram colhidas nessas edições originais (ou em suas reproduções fotográficas), como, entre muitas outras, a da *História da Província Santa Cruz* (1576), de Gândavo, a da *Crônica da Companhia de Jesus no Brasil* (1663), de Simão de Vasconcelos, a da *Cultura e Opulência do Brasil* (1711), de Antonil, a de *O Selvagem* (1876), de Couto de Magalhães, e a do *Grande Sertão: Veredas* (1956), de Guimarães Rosa.

3.3.2 No tocante às obras manuscritas, algumas das quais só foram impressas séculos depois do falecimento do autor, procurou-se, na medida do possível, consultar o próprio manuscrito (autógrafo ou apógrafo contemporâneo do autor), ou a sua reprodução fotográfica. Dos manuscritos consultados em reprodução fotográfica, citam-se, entre muitos outros, os das obras de Cardim, os das *Coisas Notáveis do Brasil*, de Francisco Soares, e o da *História dos Animais e Árvores do Maranhão*, de Cristóvão de Lisboa.

3.3.3 Graças à nímia gentileza dos historiadores José Antônio Gonsalves de Mello e frei Venâncio Willeke, que emprestaram ao autor os microfilmes dos manuscritos seiscentistas dos *Diálogos das Grandezas do Brasil*, atribuídos a Ambrósio Fernandes Brandão, e da *História do Brasil*, de frei Vicente do Salvador, respectivamente, foi possível transcrever no DHPT as passagens abonatórias extraídas dessas obras com o rigor indispensável em trabalhos lexicográficos.

3.3.4 Igual preito de gratidão merece o bibliófilo francês J. J. Renoux, que cedeu ao autor, por empréstimo, os microfilmes de dois manuscritos de sua biblioteca particular: o *Sumário das Armadas*, de Simão Travaços, do século XVI, e o *Noticiário Maranhense*, de João de Sousa Ferreira, do século XVII.

3.3.5 Na impossibilidade de consultar a primeira edição de determinada obra, utilizou-se um exemplar da segunda (ou da terceira), confrontando-se o texto da edição consultada com o de outras edições (especialmente de edições críticas) mais recentes. Assim, das quinze obras de Alencar relacionadas na bibliografia, treze foram lidas nas edições originais; apenas para duas obras, precisamente *O Guarany* e *Iracema*, não foi possível extrair as passagens abonatórias das respectivas edições *princeps*.

3.3.6 Os milhares de documentos manuscritos publicados nos Anais da Biblioteca Nacional, nas revistas dos institutos históricos dos vários Estados do Brasil e em outras publicações oficiais, foram, de modo geral, bem transcritos. Teria sido melhor, sem dúvida, examinar, um a um, os manuscritos originais, mas essa tarefa, além de exigir vários anos de pesquisas, muitas vezes baldadas, pois muitos desses manuscritos já foram parcialmente destruídos, não iria contribuir, substancialmente, para a melhoria das transcrições.

3.3.7 Grande confiança merecem, também, as transcrições do ilustre historiador dos jesuítas do Brasil, o padre Serafim Leite. Utilizou-se extensamente no DHPT a abundante e valiosa documentação colhida pelo sábio historiador, principalmente a que ele incluiu na monumental *História da Companhia de Jesus no Brasil* (em dez volumes) e nos *Monumenta Brasiliae* (em cinco volumes).

3.3.8 Com o propósito de documentar, tão copiosamente quanto possível, os vocábulos de proveniência tupi, inseriram-se no DHPT algumas passagens abonatórias de textos antigos extraídas de edições em linguagem modernizada, as quais não oferecem a mesma fidedignidade das edições anteriormente referidas. Tais passagens abonatórias só foram inscritas no DHPT depois de devidamente confrontadas duas ou mais edições do mesmo texto.

3.4 **Normas de transcrição.** As passagens abonatórias que ilustram os verbetes foram ordenadas cronologicamente (ou lógico-cronologicamente) e precedidas dos seguintes elementos básicos para a sua identificação: data, autor e título da obra de onde ela foi extraída e, bem assim, localização precisa (volume, capítulo, página etc.) do trecho transcrito. Nos subparágrafos seguintes serão explicados sucintamente os critérios adotados no registro de cada um desses elementos de identificação, bem como certas normas específicas de registro.

3.4.1 *Da ordenação cronológica (ou lógico-cronológica) das passagens abonatórias.* Normalmente, as passagens abonatórias foram dispostas em ordem cronológica. Em caráter excepcional, num ou noutro vocábulo, elas foram distribuídas, previamente, em dois ou mais grupos (α, β, γ, δ etc.) — de acordo com certas características que determinaram a classificação das variantes do referido vocábulo nesses grupos — e, depois, ordenadas cronologicamente no interior de cada grupo.

3.4.2 *Das datas das obras.* Tratando-se de obra impressa em vida do autor, indicou-se *simplesmente* a data da sua primeira edição, desde que a passagem abonatória tenha sido extraída dessa edição. Assim, por exemplo, todas as passagens transcritas da *História da América Portuguesa*, de Rocha Pita (1660-1738), foram precedidas da data **1730** (registrada em negrito), que é a da sua primeira edição.

3.4.2.1 Tratando-se de obra impressa em vida do autor, mas da qual não foi possível consultar a primeira edição, indicou-se a data dessa primeira edição (em negrito) precedendo o nome do autor, registrando-se, porém, a seguir ao título da obra, entre parênteses, a data da edição utilizada (em redondo). Uma passagem abonatória extraída, por exemplo, de *O Ermitão do Muquem*, de Bernardo Guimarães, foi assim indicada — **1869** B. GUIMARÃES *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. vi. 98): — segue-se o trecho em que se abona, nesse autor e nessa obra, o vocábulo *abacaxi*.

3.4.2.2 Tratando-se de obra impressa depois do falecimento do autor, indicou-se a data do seu falecimento (em negrito), precedida da abreviatura *a* (= antes de), e, depois do título da obra, a data da edição póstuma (em redondo), entre parênteses. Uma abonação colhida em *O Bandido do Rio das Mortes*, também de Bernardo Guimarães, falecido em 1884, foi assim indicada — *a***1884** B. GUIMARÃES *O Bandido do Rio das Mortes* (ed. 1905, XV. 147): — segue-se o trecho em que se abona, nesse autor e nessa obra, o vocábulo *sabiá*.

3.4.2.3 Tratando-se de manuscrito datado (autógrafo ou apógrafo contemporâneo do autor), indicou-se *simplesmente* a data do manuscrito (em negrito), desde que as passagens abonatórias tenham sido extraídas desse manuscrito ou de sua reprodução fotográfica. Um trecho transcrito, por exemplo, da *Informação da missão do Pe. Cristóvão de Gouveia*, escrita pelo padre Fernão Cardim, datada de 16 de outubro de 1585 e conservada no manuscrito CXVI/1-33 da Biblioteca de Évora, foi assim indicado — **1585** CARDIM *Informação* fl. 75: — segue-se o trecho em que aí se documenta o vocábulo *tapejara*.

3.4.2.4 Tratando-se de manuscrito não datado, ou cuja datação ainda esteja sujeita a dúvidas, adotou-se o critério de preceder a data provável de sua redação da abreviatura *c* (= cerca de), desde que as passagens abonatórias tenham sido extraídas diretamente desse manuscrito ou de sua reprodução fotográfica. Uma passagem abonatória transcrita da *Origem dos Índios do Brasil*, também de Fernão Cardim e inserida no mesmo manuscrito de Évora, obra que teria sido redigida por volta de 1584, foi assim indicada — *c***1584** CARDIM *Origem dos Índios do Brasil* fl. 9: — segue-se o trecho em que aí se documenta o vocábulo *abaetê*.

3.4.2.5 Tratando-se de manuscritos transcritos nos Anais da Biblioteca Nacional, nas revistas dos institutos históricos dos vários Estados do Brasil, nos *Monumenta Brasiliae* e em inúmeras outras publicações coletivas, indicou-se *simplesmente* a data referida pelos responsáveis por essas publicações, registrando-se, a seguir, o nome do autor, o título da sua obra e, precedidos da preposição latina *in* (= em), o título da publicação, o número do volume, o ano em que foi publicado e a página em que se colheu a passagem abonatória. A segunda abonação que ilustra o verbete *abativi* vem precedida das seguintes indicações — **1757** D. L. COUTO *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 63: — que informam ao consulente que o manuscrito das *Glórias de Pernambuco* foi publicado no volume XXIV (continua no vol. XXV), de 1904, dos Anais

da Biblioteca Nacional; informam, ainda, que a data de sua redação é 1757, pois é essa a data indicada nos Anais.

3.4.2.6 Recorreu-se, com certa freqüência, nas datações, à utilização das abreviaturas *a* (= antes de) e *c* (= cerca de), referidas nos subparágrafos 3.4.2.2 e 3.4.2.4, respectivamente, com o propósito de indicar, com certa aproximação, a data da redação dos textos consultados. Uma vez apenas não foi possível utilizar qualquer um desses recursos. Com efeito, a primeira abonação para o vocábulo *ibirapinima* foi colhida em um documento publicado na Revista do Instituto do Ceará; como, porém, o responsável pela publicação desse documento não teve elementos para indicar o ano aproximado de sua redação, afirmando apenas que se tratava de texto do século XVII, o registro de sua data no DHPT ficou reduzido a uma indicação extremamente sumária: **16..**.

3.4.3 *Dos nomes dos autores.* Registrada, em negrito, a data da obra de que foi extraída a passagem abonatória, de acordo com as normas referidas anteriormente, indicou-se, a seguir, o nome do seu autor (em versal e versalete), obedecendo-se, em princípio, ao seguinte critério: os prenomes foram registrados apenas pelas iniciais e os sobrenomes por extenso. Assim, por exemplo, Manuel Cardoso de Abreu e Bernardino Antônio Gomes foram registrados M. C. ABREU e B. A. GOMES, respectivamente.

3.4.3.1 Tratando-se de nomes de escritores consagrados, simplificou-se o registro, omitindo-se parte do prenome e/ou parte do sobrenome: J. ALENCAR (= José Martiniano de Alencar), M. ANDRADE (= Mário Raul de Morais Andrade) etc.

3.4.3.2 Tratando-se de nomes de escritores que são mais conhecidos por parte dos prenomes e/ou por parte dos sobrenomes, adotou-se o critério de registrá-los pela forma por que eles são habitualmente citados: A. ARINOS (= Afonso Arinos, por Afonso Arinos de Melo Franco), J. NABUCO (= Joaquim Nabuco, por Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo), D. OLÍMPIO (= Domingos Olímpio, por Domingos Olímpio Braga Cavalcanti) etc.

3.4.3.3 Em face do problema de autoria dos dois textos de *Coisas Notáveis do Brasil* (conservados em dois manuscritos diferentes do século XVI), cuja atribuição ao padre Francisco Soares foi praticamente confirmada, preferiu-se, apesar disso, registrar o nome do provável autor entre colchetes, assim: [F. SOARES].

3.4.3.4 Quando, em decorrência da ordenação cronológica das passagens abonatórias, duas ou mais obras do mesmo autor ocorrem referidas uma imediatamente após a outra, evitou-se, em benefício da concisão, repetir o nome do autor, indicando-se, na segunda (e nas seguintes), logo depois da data, apenas IDEM (= o mesmo [autor]). Pelo mesmo motivo, quando duas ou mais passagens abonatórias foram colhidas em lugares diferentes da mesma obra, indicou-se, logo após a transcrição da primeira, apenas IDEM *Ib.* (= o mesmo [autor] na mesma [obra]).

3.4.4 *Dos títulos das obras.* Registrados a data da obra (em negrito) e o nome do seu autor (em versal e versalete), indicou-se, a seguir, o seu título (em itálico). Quando os títulos são muito extensos, adotou-se o critério de abreviá-los, procurando-se, todavia, uma forma de abreviação que permitisse ao consulente a fácil identificação da obra em referência, como, por exemplo: *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* (= *História dos Animais e Árvores do Maranhão*), de frei Cristóvão de Lisboa; *Noticiário Maranhense* (= *Nuticiario Maranhence, descripção do Estado do Maranhão, suas contendas, e peregrinas circunstancias*), do padre João de Sousa Ferreira etc. Nas obras anônimas, ou naquelas cuja autoria ainda não foi suficientemente esclarecida, o título da obra segue-se imediatamente à indicação da sua data.

3.4.4.1 Tratando-se de obras que se acham publicadas em revistas, boletins, anais ou quaisquer outras publicações coletivas, adotou-se o critério de mencionar, também, depois do título da obra e precedidos da preposição latina *in* (= em), o título da publicação, o número do volume e a sua data, bem como a página em que se localiza a passagem abonatória respectiva. Assim, um registro do tipo — *c***1698** J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 14: — informa que a passagem abonatória da *Crônica do Maranhão*, de Betendorf, foi colhida na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, na página quatorze do volume setenta e dois, datado de 1909.

3.4.4.2 Na transcrição de certos documentos também incluídos naquelas publicações coletivas mencionadas no subparágrafo 3.4.4.1, consignaram-se no DHPT, apenas, a data do documento e, imediatamente a seguir, precedidos da preposição latina *in*, o título da publicação, o número do volume e a sua data, bem como a página que contém a passagem abonatória respectiva. Nesse tipo de registro omitiram-se, portanto, o nome do autor do documento e o seu título. Essas omissões decorreram, muitas vezes, da insuficiência de dados para a identificação da autoria desses documentos e da inexistência de qualquer título a eles aposto. Outras vezes a referência à autoria é tão vaga e imprecisa (como, por exemplo: *Manuel Pedro, tabelião*), que se julgou preferível omiti-la. De qualquer maneira, em registros desse tipo — **1648** in ABN, LXXXII. (1962) 312: — o consulente fica informado de que no ano de 1648, em texto escrito em língua portuguesa, já se documenta tal ou qual vocábulo de origem tupi.

3.4.5 *Da localização das passagens abonatórias.* A localização das passagens abonatórias foi feita com o rigor exigido pelas modernas técnicas lexicográficas. Convém lembrar, de início, que as obras impressas nos séculos XVI, XVII e XVIII, principalmente, eram em geral divididas em volumes, tomos, livros, partes, capítulos, parágrafos etc. Os três tipos mais comuns de divisão eram, na ordem de complexidade crescente, os seguintes: 1) capítulo e página; 2) volume (ou tomo, ou livro, ou parte), capítulo e página; 3) volume (ou tomo, ou livro, ou parte), tomo (ou livro, ou parte), capítulo e página. Na localização das passagens abonatórias transcritas no DHPT obedeceram-se às normas usuais. Apesar disso, julgou-se oportuno transcrever alguns exemplos dos principais tipos de registro adotados, tecendo-se em torno de cada um deles breves comentários elucidativos.

3.4.5.1 — **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 18: — O número dezoito, em algarismos arábicos, indica a página de onde se extraiu a passagem abonatória que ilustra o verbete. Este é o tipo mais simples de registro.

3.4.5.2 — **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 14-15: — Os números quatorze e quinze, separados por um pequeno traço (às vezes, em lugar desse traço, ocorre uma barra, assim 14/15), indicam que a passagem abonatória inicia-se na página 14 e termina na página 15.

3.4.5.3 — **1878** F. TÁVORA *O Matuto* vi. 75: — Os números seis (em algarismos romanos minúsculos) e setenta e cinco (em algarismos arábicos), indicam, respectivamente, capítulo e página.

3.4.5.4 — **1866** J. ALENCAR *As Minas de Prata* VI. i. 31: — Os números seis (em romanos maiúsculos), um (em romano minúsculo) e trinta e um (em arábicos) indicam, respectivamente, volume, capítulo e página.

3.4.5.5 — **1711** A. J. ANTONIL *Cultura e Opulência do Brasil* I. II. vii. 56: — Os números um (em romano maiúsculo — composto em versal), dois (em romanos maiúsculos — composto em versalete), sete (em romanos minúsculos) e cinqüenta e seis (em arábicos) indicam, respectivamente, parte, livro, capítulo e página.

3.4.5.6 — **1663** S. VASCONCELOS *Cr. Comp. Jesus no Brasil* III. § 15. 294: — O número três (em romanos) indica parte; o sinal § indica parágrafo (no caso presente, o parágrafo quinze); segue-se, precedido por um ponto, o número da página, em arábicos.

3.4.5.7 — *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 178-178*v.*: — Este tipo de registro indica que a passagem abonatória inicia-se no fólio 178 (fl. = fólio, folha) e termina no verso desse mesmo fólio (*v.* = verso [de fólio]).

3.4.5.8 — *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1464-1468: — Os números 1464 e 1468, separados por um pequeno traço, indicam, o primeiro, o número da linha onde se inicia a passagem abonatória transcrita no DHPT e, o segundo, o número da linha onde ela termina. Para esta obra (e algumas outras referidas na Bibliografia) preferiu-se indicar os números das linhas, em lugar dos números dos fólios, de acordo com o critério de numeração adotado na edição desse manuscrito, publicada em 1966.

3.4.5.9 Os oito critérios de registro acima exemplificados, que se referem à localização de passagens abonatórias colhidas na primeira edição de obras impressas ou diretamente de manuscritos originais (ou de suas reproduções fotográficas), aplicam-se, em suas linhas gerais, às obras consultadas em outras edições e, bem assim, às que

foram incluídas nas diversas publicações coletivas a que se tem feito referência nos parágrafos anteriores.

3.4.6 *Da fidelidade das transcrições.* Nas transcrições das passagens abonatórias obedeceram-se rigidamente as características das obras consultadas. Respeitaram-se, inclusive, a pontuação e a ortografia originais. Nos poemas versificados, porém, adotou-se o critério de transcrever os versos seguidamente, indicando-se a separação de dois versos consecutivos por meio de uma barra: |.

3.4.6.1 Não se introduziram quaisquer realces materiais (tipos em **negrito,** em *itálico,* em VERSALETE etc.) com o propósito de diferenciar o vocábulo abonado dos demais inseridos no contexto. Assim, quando numa passagem abonatória transcrita no DHPT o vocábulo abonado aparece em itálico (ou em negrito, ou em versalete), o consulente fica desde já informado de que na edição consultada ele já estava composto em itálico (ou em negrito, ou em versalete). Aliás, convém observar que o fato de um vocábulo ocorrer em determinada obra com realce material é de grande importância para o conhecimento de sua maior ou menor difusão em determinado período de sua história. Com efeito, os realces materiais que certos autores utilizam em suas obras visam a chamar a atenção do leitor para aspectos intimamente relacionados com o desenvolvimento de sua narrativa.

3.4.6.2 As obras dos séculos XVI e XVII, principalmente, documentam as mais estranhas variantes gráficas. Apesar disso, respeitaram-se, religiosamente, nas transcrições das passagens abonatórias, todas as características do original. Mantiveram-se, portanto: 1) o *i* e o *u* com valor de consoantes — *larania, orualho*; 2) o *j* e o *v* com valor de vogais — *mujto, vrubu*; 3) o *c* com valor de *ç*, e vice-versa — *cabeca, pareçe*; 4) as abreviaturas — *cam.*° (= caminho), *m.*^{to} (= muito); 5) as iniciais minúsculas em nomes próprios — *brazil, pernãobuco, aluoro* (= Álvaro), *jnes* (= Inês). Conservaram-se intactas, também, duas abreviaturas de palavras latinas — *i.* (= *id est*, isto é) e *s.* ou *sc.* (= *scilicet*, a saber).

3.4.7 *Da extensão das passagens abonatórias.* Não existem critérios científicos rígidos nem esquemas predeterminados para fixar a extensão de uma passagem abonatória. O bom senso do lexicógrafo é que deve orientá-lo na fixação dos limites máximos ou mínimos a serem estabelecidos em cada caso particular. Se, de um lado, uma passagem abonatória nunca parecerá demasiadamente extensa, em razão da soma de informações que ela possa vir a prestar sobre o vocábulo em estudo, de outro lado, em benefício da economia interna do dicionário, é indispensável fixar critérios que permitam reduzir, sem prejuízo da boa inteligência do contexto, a extensão da passagem transcrita.

3.4.7.1 No DHPT procurou-se adotar uma posição crítica bem definida com relação à extensão das passagens abonatórias. Em princípio, uma passagem abonatória é muito extensa quando o texto de que ela foi extraída, além de ser o primeiro a documentar a palavra na língua portuguesa, é também minucioso, amplo e rico de conteúdo.

3.4.7.2 Um dos exemplos mais expressivos de transcrição muito longa é o da primeira abonação do verbete *pororoca*[1]. De fato, merecem lidas integralmente, não apenas em razão da riqueza de pormenores e da precisão dos conceitos emitidos, mas também pelo estilo descritivo tão rico e expressivo, as palavras com que o padre Luís Figueira descreve, no terceiro decênio do século XVII, o majestoso fenômeno até hoje conhecido como pororoca. Muito extensa, também, é a pitoresca descrição da *ipupiara* na *História da Província Santa Cruz,* de Gândavo, publicada em 1576. É nessa obra que o vocábulo se documenta pela primeira vez em português. Antes, fora mencionado por Anchieta em sua famosa carta escrita em latim e datada de São Vicente, a 31 de maio de 1560.

3.4.7.3 Transcreveram-se, também, mais ou menos extensamente, certas passagens abonatórias que, apesar de mais modernas do que outras transcritas no mesmo verbete, apresentam características bem mais expressivas. Assim, por exemplo, no verbete *piraiquê*, depois de se terem incluído duas passagens abonatórias quinhentistas, a primeira de Nóbrega e a segunda de Anchieta (esta em latim), transcreveram-se duas outras bem mais extensas, ambas do século XVII, nas quais os seus autores, o padre Jácome Monteiro e frei Vicente do Salvador, descreveram minuciosamente o *piraiquê*.

3.4.7.4 Alguns textos dos séculos XVI e XVII são nitidamente descritivos. As obras de Cardim (*c*1584), Gabriel Soares de Sousa (1587), Francisco Soares (*c*1594), a do autor dos *Diálogos das Grandezas do Brasil* (1618) e a de Cristóvão de Lisboa (*c*1631), principalmente, constituem verdadeiros tratados de história natural. Nessas obras a matéria relativa aos seres vivos é ordenada nas duas grandes divisões clássicas: animais e vegetais. Cada uma dessas divisões, por sua vez, reparte-se em várias subdivisões; assim, por exemplo, os animais são tratados em grupos distintos: mamíferos, aves, peixes, répteis (cobras e lagartos) etc.

3.4.7.5 Apesar de escritas por diferentes autores e em épocas diversas, todas essas obras mantêm uma certa unidade de tratamento. Nas *Coisas Notáveis do Brasil* (*c*1594), por exemplo, o padre Francisco Soares descreve as aves logo depois das cobras. O autor relaciona entre as aves, numa seqüência razoavelmente lógica, embora não inteiramente de acordo com os critérios de classificação seguidos pelos modernos ornitologistas, os psitaciformes (arara, canindé, araúna, anacã, ajurucurau, ajuruim, curica, maracanã, tuim etc.) e, a seguir, dezenas de outros espécimes brasileiros das outras ordens da classe das aves. Suas descrições oscilam entre muito curtas, curtas e medianamente extensas. No DHPT, nos verbetes correspondentes aos nomes dessas aves, transcreveram-se integralmente as descrições do padre Francisco Soares. Mereceram tratamento idêntico as passagens abonatórias relativas a todos os nomes de animais e vegetais referidos por este autor e pelos que se mencionaram anteriormente.

3.4.7.6 De par com essas passagens abonatórias muito extensas ou medianamente extensas, transcreveram-se, também, algumas passagens curtas e outras extremamente curtas. Em princípio, quando o autor de determinada obra se refere, por exemplo, a uma série de nomes de plantas, sem particularizar as características de cada uma delas, adotou-se o critério de transcrever o respectivo trecho sucintamente. À margem da página 163 (do § 87, da parte II) das *Coisas do Brasil*, de Simão de Vasconcelos, aparecem relacionadas dezenas de frutas que o autor nomeia seguidamente, informando apenas que "são fruitas agrestes, seruem a Indios, & a gado". Para abonar cada uma dessas palavras (andá, ingá, juá etc.), transcreveu-se, apenas, parte do trecho que contém a palavra em estudo, interrompendo-se a seqüência por meio de reticências colocadas entre colchetes, conservando-se, todavia, em cada uma das transcrições, a parte final do trecho completo, que é precisamente aquela em que ele esclarece que "são fruitas agrestes, seruem a Indios, & a gado".

3.4.7.7 Refira-se, por fim, que em certos casos a referência do autor do texto era tão sumária, que foi necessário inserir uma nota elucidativa no corpo da passagem abonatória, inserção essa que foi sempre colocada entre colchetes. Exemplos numerosos de adoção desse critério apresentam as passagens colhidas na *Relação Geográfica Histórica do Rio Branco*, de Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, escrita no século XVIII. Assim, por exemplo, referindo-se ao *jaburu*, o autor informa, laconicamente: "Jaburú, tambem grande". Cumpre notar, porém, que ele informara anteriormente que iria tratar das aves aquáticas; em face disso, transcreveu-se assim a passagem abonatória respectiva: [*Ave aquática*] Jaburú, tambem grande.

3.4.8 *Das inserções elucidativas.* Nos subparágrafos anteriores, quando se fizeram referências à fidelidade das transcrições e aos critérios adotados para fixar os limites — para cada abonação em particular — da extensão de uma passagem abonatória, deixou-se bem claro que, a par desses critérios, seria de toda conveniência, para a melhor inteligência do vocábulo abonado, que se inserissem, no corpo das abonações, sempre que necessário, algumas notas elucidativas.

3.4.8.1 A expressão *inserção elucidativa*, convém frisar, foi aqui adotada em sua mais ampla acepção. Considerou-se, pois, inserção toda e qualquer referência introduzida no corpo das abonações, com o propósito, repita-se uma vez mais, de esclarecer melhor alguns aspectos da passagem abonatória transcrita. Essas inserções, que vão *sempre* colocadas entre colchetes, além de contribuírem para a economia interna do dicionário — pois que elas permitem que se reduza a extensão das passagens abonatórias —, concorrem também para uma visão mais ampla e objetiva do conteúdo semântico do vocábulo estudado. Relacionam-se, a seguir, os principais tipos de inserções adotados no DHPT.

3.4.8.2 Em princípio, uma passagem abonatória deve compreender, pelo menos, o período completo, de ponto a ponto, que contém o vocábulo abonado. Nas trans-

crições mais extensas, reproduziram-se, muitas vezes, dois, três ou mais períodos. Quando houve, porém, conveniência de interromper o período (no início e/ou no meio e/ou no fim), em razão da inexpressividade do trecho a ser suprimido, cujo conteúdo nada acrescentaria à boa inteligência do vocábulo em estudo, adotou-se o critério de indicar essa supressão com reticências colocadas entre colchetes, assim: [...]. Esse, aliás, é o tipo de inserção mais simples aqui utilizado; quando, portanto, no DHPT aparecem, numa passagem abonatória qualquer, reticências simples - ... -, isto significa que essas reticências constam do próprio texto original.

3.4.8.3 Toda vez que foi necessário esclarecer que determinadas passagens abonatórias encontram-se no original consultado à margem da págima ou no seu rodapé, indicaram-se essas ocorrências também por meio de inserções elucidativas: [*à margem*], [*Nota de rodapé*]; vejam-se, entre muitas outras, a abonação de 1663, para o vocábulo *juá*, e a de 1817, para *curiboca*.

3.4.8.4 Outros tipos de inserções algo freqüentes são as que precedem as transcrições de passagens extraídas das notas que o próprio autor incluiu em sua obra e que, de modo geral, foram sempre reproduzidas, pelo interesse histórico de que essas notas se revestem. Essas passagens foram sempre precedidas da inserção elucidativa [*Nota do Autor*] ou [*Nota do Autor, à pág. 232*]; vejam-se, entre outras, a abonação de 1874, para o vocábulo *cunhambira*, e a de 1865, para *cupim*, ambas colhidas em obras de Alencar. Convém observar, a propósito, que o grande interesse da transcrição dessas notas é, como se disse acima, meramente histórico e não representa, de forma alguma, qualquer adesão aos pontos de vista do autor do trecho transcrito.

3.4.8.5 Outras vezes tornou-se necessário informar que o autor está se referindo, por exemplo, a determinada espécie de animal, cujo nome, embora não ocorra na passagem transcrita, está mencionado em um dos períodos anteriores da narrativa. Na abonação de 1610 do vocábulo *jiboiaçu* lê-se: "A maior de todas [*as cobras*] se chama giboiuçú". A inserção [*as cobras*] é indispensável para a inteligência do contexto. Mais expressiva, porém, é a abonação de 1817 do vocábulo *caruara*[2]: "A *caruara* [especie de abelha] he pouco maior que a precedente [a getahy]". Nessa transcrição introduziram-se duas inserções elucidativas: a primeira esclarece que a *caruara* é uma espécie de abelha; a segunda informa que a outra abelha a que o autor se refere é a *jataí*. Cumpre notar, ainda: 1º) que essas inserções reproduzem a ortografia do autor e, por isso, não aparecem em tipo itálico; 2º) que o autor do texto está descrevendo vários tipos de abelha e a que ele mencionara no período imediatamente anterior ao transcrito era, precisamente, a *getahy* (jataí).

3.4.8.6 Tipo de inserção muito útil, também, particularmente para a caracterização das variantes de determinado vocábulo num dado período de sua história, oferece, entre outras, a da abonação de *c*1596 do verbete *jenipapo*: [*A curiosa var.* genipago *ocorre oito vezes no manuscrito* — fls. 23*v*., 24, 28*v*. (*duas vezes*), 30 (*duas vezes*), 31 e 32 —, *enquanto* genipapo *é documentado apenas em quatro passagens* — fls. 31, 31*v*. e 32*v*. (*duas vezes*)]. Com efeito, a indicação de que no manuscrito utilizado a var. *genipago* ocorre com freqüência maior do que a var. *genipapo* é de grande interesse, principalmente porque aquela estranha variante não se documenta em nenhuma outra abonação transcrita no verbete. Acresce, ainda, que a freqüência com que ela ocorre nesse texto invalida a hipótese de que se trate de mero erro de cópia.

3.4.8.7 Com a preocupação de registrar no DHPT o maior número possível de variantes, especialmente aquelas que se documentam em obras dos séculos XVI e XVII, consultaram-se todos os manuscritos disponíveis, autógrafos ou apógrafos contemporâneos dos autores. Das obras de Gândavo, por exemplo, transcreveram-se as passagens abonatórias colhidas na *História da Província Santa Cruz*, impressa em 1576, e no *Tratado da Província do Brasil*, publicado, em 1965, pelo Prof. Emmanuel Pereira Filho, segundo o manuscrito quinhentista do British Museum. Foram lidos, também, dois outros manuscritos de Gândavo, o do *Tratado da Terra do Brasil* (Cód. 552 FG, da Biblioteca Nacional de Lisboa), redigido pouco depois do *Tratado da Província do Brasil*, segundo a opinião abalizada do Prof. Pereira Filho, e o da *História da Província Santa Cruz* (ms. IV-b-28 da Biblioteca do Mosteiro de San Lorenzo del Escorial, Madrid). Sempre que nesses dois últimos manuscritos ocorrem variantes distintas das que se registram em qualquer um dos dois textos antes referidos, inseriram-se, nas abonações transcritas no DHPT, notas alusivas a essas variantes. No verbete *beiju*, na passagem

abonatória extraída do *Tratado da Província do Brasil* (segundo o ms. do British Museum), onde ocorre a var. *beijú*, registrou-se o seguinte esclarecimento: [*no ms. da BNL, fl. 25, lê-se*: beijuús].

3.4.8.8 Muito importantes, também, para a história da introdução de alguns vocábulos tupis no português quinhentista são certas documentações indiretas, como aquelas que atestam a ocorrência de tupinismos em textos manuscritos em latim ou em espanhol escritos pelos primeiros missionários jesuítas do Brasil. O mais notável de todos esses textos é, sem dúvida, o da carta de Anchieta ao padre Diego Laynes, cujo autógrafo em latim é datado de São Vicente, a 31 de maio de 1560. No DHPT aproveitou-se toda a documentação nela contida, incluindo-se nos respectivos verbetes, como inserções elucidativas e, portanto, entre colchetes, as passagens abonatórias relativas aos vocábulos tupis mencionados por Anchieta; vejam-se, entre outros, os verbetes *jacaré, jararaca, piraiquê* etc.

3.4.8.9 Refira-se, por fim, que foram consideradas, também, inserções elucidativas as transcrições de passagens abonatórias em que se documentam certos termos do vocabulário onomástico (antropônimos e topônimos), os quais atestam, indiretamente, a ocorrência, no vocabulário comum, de vários tupinismos. Assim, por exemplo, em carta de 1555, o padre Luís da Grã se refere a "hum índio principal que chamam Maracajagaçu, que quer dizer guato grande". Obviamente, essa passagem constitui uma documentação indireta do substantivo comum *maracajá* e, por isso, sua inserção no DHPT é de grande importância para o melhor conhecimento da difusão desse vocábulo na língua portuguesa do século XVI.

Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 1976

Antônio Geraldo da Cunha

BIBLIOGRAFIA

Julgou-se conveniente dividir a bibliografia em duas partes: I — Textos e documentos; II — Obras de referência.

Registraram-se na primeira parte, por ordem alfabética dos nomes dos autores, ou dos títulos das obras, ou, ainda, das siglas das publicações periódicas e coletivas (anais, revistas etc.), *todos* os textos de que foram extraídas as passagens abonatórias que ilustram os verbetes do Dicionário. Pareceu oportuno indicar, também, as datas de nascimento e morte dos escritores de língua portuguesa, bem como as datas, certas ou prováveis, da elaboração das suas obras. Distinguiram-se em negrito, tal como nos verbetes do Dicionário, as datas da primeira edição de cada uma das obras impressas ou da elaboração dos textos manuscritos, registrando-se em redondo as datas das outras edições consultadas. Quando o texto não foi consultado na sua versão original, indicou-se a data da sua primeira edição (no caso de obra impressa em vida do autor), ou a data de elaboração do manuscrito (autógrafo ou apógrafo contemporâneo do autor), em negrito e entre barras, assim: **|1865|**.

Na segunda parte incluiram-se, também por ordem alfabética, as principais obras de consulta utilizadas: dicionários, enciclopédias, estudos filológicos e lexicográficos, tratados científicos em geral etc.

I

TEXTOS E DOCUMENTOS

ABAP = *Anais da Biblioteca e Arquivo Público do Pará*. Vols. I-XI. Pará, 1902-1969.

ABN = *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1876-. Em curso de publicação.

ABREU, C. = CASIMIRO JOSÉ MARQUES DE ABREU (1839-1860).

—— *As Primaveras* = *As Primaveras*, de Casimiro J. M. de Abreu. Rio de Janeiro, Typ. de Paula Brito, **1859**.

—— *Poesias* = *Poesias* [Publicadas por Sousa da Silveira, *Obras de Casimiro de Abreu*, 2ª ed., MEC, Rio de Janeiro, 1955].

ABREU, M. C. = MANUEL CARDOSO DE ABREU (1750-1804).

—— *Divertimento Admirável* = *Divertimento Admiravel para os historiadores* [...] Extrahido pela curiosidade incansavel de um sertanista paulistense [...] Manoel Cardoso de Abreu. Anno de **|1783|** [Publicado na RIHSP, VI, 1901, págs. 253-290].

ACS = Documentos históricos do Arquivo Municipal. *Atas da Câmara do Município do Salvador*. Bahia [Consultaram-se os volumes II, III, IV, V e VI (1949-1951), os quais reunem documentos dos anos de 1641 a 1700 ~ v. *Docs. Arq. Salvador*].

ACSP = *Atas da Câmara da Vila* (depois *Cidade*) *de S. Paulo*. S. Paulo, 1914- [Os vols. I e parte do II incluem documentos do séc. XVI; os vols. II (parte), III, IV, V, VI (e anexo) e VII incluem documentos do séc. XVII; a partir do vol. VIII inicia-se a série de documentos do séc. XVIII].

ADF = *Arquivo do Distrito Federal. Revista de Documentos para a História da Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1894-.

ALENCAR, J. = JOSÉ MARTINIANO DE ALENCAR (1829-1877).

—— *A Alma do Lázaro* = Senio, *A Alma do Lazaro*. Romance Brasileiro. Rio de Janeiro, Editor Proprietario B. L. Garnier, **1873**.

—— *A Pata da Gazela* = Senio, *A Pata da Gazella*. Romance Brasileiro. Rio de Janeiro, Editor Proprietario B. L. Garnier, **1870**.

—— *As Minas de Prata* = J. de Alencar, *As Minas de Prata*. Romance. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, Editor. 6 vols. **1865-1866**.

—— *Guerra dos Mascates* = Senio, *Guerra dos Mascates*. Chronica dos tempos coloniais. Rio de Janeiro, Editor B. L. Garnier, 2 vols. [Embora conste na folha de rosto do 1º vol. a data de 1871, por uma nota do Autor sabe-se que ele só foi publicado em **1873**. O 2º vol. foi publicado em **1874**, embora conste na folha de rosto a data de 1873].

—— *Iracema* = J. de Alencar, *Iracema* **|1865|**, Lenda do Ceará. 3ª edição. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, Livreiro-Editor, 1878.

—— *O Ermitão da Glória* = Senio, *O Ermitão da Gloria*. Romance Brasileiro. Rio de Janeiro, Editor Proprietario B. L. Garnier, **1873**.

—— *O Garatuja* = J. de Alencar, Alfarrabios. Cronicas dos tempos coloniaes. I. *O Garatuja*. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, Livreiro-Editor, **1873**.

—— *O Gaúcho* = Senio, *O Gaúcho*. Romance Brasileiro. 1ª Edicção. Rio de Janeiro, Editor Proprietario B. L. Garnier, **1870**.

—— *O Guarany* = J. de Alencar, *O Guarany* **|1857|** Romance Brasileiro. Segunda Edição **|1864|**. Revista pelo Autor. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, Editor, 2 vols.

—— *O Jesuíta* = J. de Alencar, *O Jesuita*, drama em quatro actos. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, Livreiro-Editor, **1875**.

—— *O Sertanejo* = J. de Alencar, *O Sertanejo*. Romance Brasileiro. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, Livreiro-Editor, **1875**.

—— *O Tronco do Ipé* = Senio, *O Tronco do Ipé*. Romance Brasileiro. B. L. Garnier, Rio de Janeiro, **1871**.

—— *Sonhos D'ouro* = Senio, *Sonhos D'ouro*. Romance Brasileiro. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, Livreiro-Editor, **1872**.

—— *Til* = J. de Alencar, *Til*. Romance Brasileiro. Rio de Janeiro, Editor Proprietario B. L. Garnier, 4 volumes, **1872**.

—— *Ubirajara* = J. de Alencar, *Ubirajara*. Lenda Tupy. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, Livreiro-Editor, **1874**.

ALMEIDA, M. A. = MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA (1831-1861).

—— *Memórias de um Sargento de Milícias* = *Memorias de um Sargento de Milicias*, por um Brasileiro. 2 vols. Rio de Janeiro, Typographia Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, **1854-1855**.

ALVARENGA PEIXOTO = INÁCIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO (*c*1744-1793).

—— *Carta* = *Carta* [Publicada por M. Rodrigues Lapa, *Vida e Obra de Alvarenga Peixoto*, Rio de Janeiro, INL, 1960].

ALVES, A. C.: v. CASTRO ALVES.

ANCHIETA = Padre JOSÉ DE ANCHIETA (1534-1597).

—— *Carta* = *Carta* [As passagens abonatórias das cartas de Anchieta foram transcritas da edição das *Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil* (=*Monumenta Brasiliae* I-III), preparada pelo Padre Serafim Leite. Roma, 1956-1960: v. LEITE, S.].

—— *Informação do Brasil* = *Enformação do Brasil e de suas Capitanias* **1584** [Utilizaram-se no *Dicionário*, na transcrição das passagens abonatórias, fotocópias do ms. CXVI/1-33, fls. 45-53*v*., da Bibl. de Évora].

—— *Informação dos Casamentos dos Índios do Brasil* = *Informação dos' casamentos dos Indios do Brasil c***1584** [fls. 130*v*.-133 do manuscrito anteriormente citado].

ANDRADE, M. = MÁRIO RAUL DE MORAIS ANDRADE (1893-1945).

—— *Macunaíma* = Mário de Andrade, *Macunaíma, o herói sem nenhum caracter*. São Paulo, **1928.**

—— *Paulicea Desvairada* = *Paulicea Desvairada*, por Mario de Andrade. Casa Mayença, Editora, S. Paulo, **1922.**

ANDREONI, J. A.: v. ANTONIL, A. J.

Annexes du premier Mémoire du Brésil = Limites entre le Brésil et la Guyane Anglaise. *Annexes du premier Mémoire du Brésil*. Vol. I. Documents d'origine portugaise (Texte portugais). Première série. 1903.

ANTONIL, A. J. = ANDRÉ JOÃO ANTONIL, pseud. de JOÃO ANTÔNIO ANDREONI (1649-1716).

—— *Cultura e Opulência do Brasil* = *Cultura e Opulencia do Brasil Por Suas Drogas E Minas* [...] Obra de Andre João Antoni! [...] Lisboa, na Officina Real Deslandesiana. Anno de **1711.**

ARANHA, G. = JOSÉ PEREIRA DA GRAÇA ARANHA (1868-1931).

—— *A Viagem Maravilhosa* = Graça Aranha, *A Viagem Maravilhosa*. Livraria Garnier, Rio de Janeiro, **1929.**

—— *O meu próprio romance* = Graça Aranha, *O Meu proprio Romance*. Companhia Editora Nacional. São Paulo, **1931.**

ARAÚJO, J. A. B. N.: v. NABUCO, J.

ARINOS, A. = AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO (1868-1916).

—— *Os Jagunços* = Olivio Barros [pseudônimo de A. Arinos] *Os Jagunços*. Novella sertaneja escripta expressamente para "O Commercio de S. Paulo" e publicada por esta folha. S. Paulo, **1898.**

—— *Pelo Sertão* = Affonso Arinos, *Pelo Sertão - Histórias e Paizagens*. Rio de Janeiro, Laemmert &. C., **1898.**

ASSIS, J. M. M.: v. MACHADO DE ASSIS.

AZEVEDO, A. = ALUÍSIO TANCREDO GONÇALVES DE AZEVEDO (1857-1913).

—— *A Mortalha de Alzira* = *A Mortalha de Alzira*, por Aluizio Azevedo. Rio de Janeiro, Fauchon & C.ª, Livreiros Editores, **1894.**

—— *O Cortiço* = Aluizio Azevedo, *O Cortiço*. Primeiro milheiro. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, **1890.**

AZEVEDO, M. D. M.: v. MORFIRA DE AZEVEDO.

BARBOSA, D. C. = DOMINGOS CALDAS BARBOSA (1738-1800).

—— *Viola de Lereno* = *Viola de Lereno* [**1798**] Collecção das suas cantigas. 2 volumes. Lisboa: na Typographia Lacerdina, 1826.

BARBOSA, F. O. = FRANCISCO DE OLIVEIRA BARBOSA.

—— *Notícias da Capitania de S. Paulo* = *Noticias da Capitania de S. Paulo, da America Meridional*. Escriptas no ano de [**1792**] por Francisco de Oliveira Barbosa [Publicadas na RIH, V, 1843, págs. 22-36].

BARRETO, A. H. L.: v. LIMA BARRETO.

BERNARDES, M. = Padre MANUEL BERNARDES (1644-1710).

—— *Nova Floresta* = *Nova Floresta* ou Sylva de varios apophtegmas, e ditos sentenciosos, espirituaes, e moraes, [...] Pelo Padre Manoel Bernardes [...]. Lisboa, 5 vols., **1706-1728.**

BERREDO, B. = BERNARDO PEREIRA DE BERREDO (? -1749).

—— *Anais do Maranhão* = *Annaes Historicos do Estado do Maranhão, em que se dá noticia do seu descobrimento e tudo o mais que nelle tem succedido desde o anno em que foy descuberto até o de 1718*. Offerecidos ao Augustissimo Monarca D. João V Nosso Senhor. Escritos por Bernardo Pereira de Berredo, [...] Lisboa. Na Officina de Francisco Luiz Ameno [...] MDCCXLIX (**1749**).

BETENDORF, J. F. = Padre JOÃO FILIPE BETTENDORFF (1625-1698).

—— *Cron. do Maranhão* = *Chronica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão* [*c***1698**] [Publicada na RIH, LXXII, 1ª Parte, 1909].

BONIFÁCIO, JOSÉ = JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA (1763-1838).

—— *Poesias Avulsas* = *Poesias Avulsas*, de Américo Elysio. Bordeos, **1825.**

BONIFÁCIO (O Moço), JOSÉ = JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA, O Moço (1827-1886).

—— *Rosas e Goivos* = *Rosas e Goivos*, por J. B. de Andrada e Silva, S. Paulo. — Typographia Liberal **1848.**

BRANDÃO, A. F.: v. *Dial. Grandezas do Brasil*.

Brasília = Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Instituto de Estudos Brasileiros. *Brasília*. Coimbra. Vols. I-VII, 1942-1952.

CADORNEGA, A. O. = ANTÔNIO DE OLIVEIRA DE CADORNEGA (? -1690).

—— *Hist. Guerras Angolanas* = *História Geral das Guerras Angolanas* por Antônio de Oliveira de Cadornega [**1681**] Revisto e anotado por Manuel Alves da Cunha. Tomo III. Agência Geral das Colónias, Lisboa, 1942.

CALADO, M. = Frei MANUEL CALADO (1584-1654).

—— *O Valeroso Lucideno* = *O Valeroso Lucideno e Triumpho da Liberdade*. Primeira Parte. Composta por o P. Mestre frei Manoel Calado [...] Lisboa: Por Paulo Craesbeeck, Impressor, **1648.**

CALDAS, J. A. = JOSÉ ANTÔNIO CALDAS (? -1782).

—— *Notícia da Bahia* = *Noticia Geral de toda esta capitania da Bahia desde o seu descobrimento até o presente ano de* **1759**, por José Antônio Caldas. Edição Facsimilar. Tipografia Beneditina, 1951.

CAMELO, J. A. C. = JOÃO ANTÔNIO CABRAL CAMELO.

—— *Das Minas do Cuiabá* = *Noticias Praticas das minas do Cuiabá e Goyazes, na Capitania de S. Paulo e Cuiabá*, [...] por João Antonio Cabral Camello [...] no anno de [**1727**] [Publicadas na RIH, IV, 1842, págs. 487-500].

CAMINHA, A. = ADOLFO FERREIRA CAMINHA (1867-1897).

—— *Bom-Crioulo* = Adolpho Caminha, *Bom-Crioulo*. Rio de Janeiro, Domingos de Magalhães — Editor, Livraria Moderna, **1895.**

CAMPOS, H. = HUMBERTO DE CAMPOS VERAS (1886-1934).

—— *Lagartas e Libélulas* = Humberto de Campos, *Lagartas e Libelulas* (Crônicas). Marisa Editora, Rio de Janeiro, **1933.**

—— *Poeira* = Humberto de Campos, *Poeira*. Magalhães & Moniz Ltda. Pôrto, **1910.**

CARDIM = Padre FERNÃO CARDIM (*c*1549-1625).

—— *Do Clima e Terra do Brasil* = *Do Clima, & terra do Brasil, e de alg*as *cousas notaueis que se achão assi na terra como no mar c***1584** [Utilizaram-se no *Dicionário*, na transcrição das passagens abonatórias, fotocópias do ms. CXVI/1-33, fls. 13-33*v*., da Bibl. de Évora].

—— *Informação* = *Enformação da missão do Pe. Christovaõ de Gouuea ás partes do Brasil no anno de 83* [Datada de 16 de outubro de **1585**, e assinada por Fernão Cardim: fls. 73-94*v*. do ms. CXVI/1-33 anteriormente citado. Segue-se, de fls. 95 a 98*v*., uma carta de Cardim, datada de 1º de maio de **1590**].

—— *Origem dos Índios do Brasil* = *Do principio & origem dos Jndios do Brasil & de seus costumes, adoração & cerimonias c***1584** [fls. 1-12*v*. do ms. CXVI/1-33 anteriormente citado ~ Consultou-se, também, a edição impressa em 1925, que reúne todos esses escritos de Cardim, acompanhados de valiosos comentários: Fernão Cardim, *Tratados da Terra e Gente do Brasil*. Introducções e notas de Baptista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolpho Garcia. Editores J. Leite & Cia. Rio de Janeiro, 1925].

CARDOSO, C. J. = CAETANO JOSÉ CARDOSO.

—— *Plantas de Minas Gerais* = *Lista de varias plantas e seus productos medicinaes, indigenas da Capitania de Minas Geraes* [**1813**] [Publicada na RAPM, VII, 1902, págs. 745-751].

CASAL = Padre MANUEL AIRES DE CASAL (1754-*p*1821).

—— *Corografia Brazílica* = Ministério da Educação e Saude. Instituto Nacional do Livro. Coleção de Obras Raras. II. *Corografia Brazílica* de Aires de Casal. Fac-simile da Edição de **1817**. Introdução de Caio Prado Junior. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1945.

CASTRO ALVES = ANTÔNIO DE CASTRO ALVES (1847-1871).

—— *A Cachoeira de Paulo Afonso* = Castro Alves, *A Cachoeira de Paulo-Affonso*. Poema. Original Brazileiro. Fragmento dos Escravos, sob o titulo de Manuscriptos de Stenio. Bahia, Imprensa Economica, 1876.

CAVALCANTI, D. O. B.: v. OLÍMPIO, D.

CAVALCANTI, J. L. R.: v. REGO, J. L.

COELHO, D. = DUARTE COELHO (? -1553).

—— *Cartas* = *Cartas de Duarte Coelho a El-Rei* **1542-1550.** Reprodução facsimilar, leitura paleográfica e versão moderna anotada [por] José Antônio Gonsalves de Mello e Cleonir Xavier de Albuquerque. Imprensa Universitária, Recife, Pernambuco, 1967.

COELHO NETO = HENRIQUE MAXIMIANO COELHO NETO (1864-1934).

—— *A Capital Federal* = Anselmo Ribas (Coelho Netto), *A Capital Federal* [**1893**] (Impressões de um Sertanejo). Segunda Edição. Rio de Janeiro, Domingos de Magalhães — Editor, 1895.

—— *Fabulário* = Coelho Netto, *Fabulario*. Livraria Chardron, de Lello & Irmão, editores, Porto, **1907.**

—— *Feira-Livre* = Coelho Netto, *Feira Livre*. Porto, Livraria Chardron, de Lello & Irmão L.da editores, Lisboa - Paris, **1926.**

—— *Miragem* = Coelho Netto (Anselmo Ribas), *Miragem*. Rio de Janeiro, Domingos de Magalhães — Editor, **1895.**

—— *Rei Negro* = Coelho Netto, *Rei Negro*. Romance Barbaro. Porto, Livraria Chardron, de Mello & Irmão, editores, **1914.**

Confissões da Bahia = Primeira Visitação do Santo Officio ás partes do Brasil. Pelo licenciado Heitor Furtado de Mendoça [...] *Confissões da Bahia* [**1591-1592**]. Com prefacio de J. Capistrano de Abreu. Edição da Sociedade Capistrano de Abreu. F. Briguiet & C.ª. — Editores, Rio de Janeiro, 1935.

Confissões de Pernambuco = Primeira Visitação do Santo Ofício às partes do Brasil. *Confissões de Pernambuco* [**1594-1595**]. Editadas por José Antônio Gonsalves de Mello. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1970.

CORDEIRO, B. = BELCHIOR CORDEIRO (*c*1538- ?).

—— *Informação do Brasil* = *Emformação dalgumas cousas do Brasil* [**1577**] por Belchior Cordeiro [Publicada pelo padre Serafim Leite nos

Anais da Academia Portuguesa de História, II Série, vol. 15 (págs. 175-201), Lisboa, 1965].

CORRÊA, E. A. S. = ELIAS ALEXANDRE DA SILVA CORRÊA (*c*1753-*c*1805).

—— *Hist. Angola = Historia de Angola* [1799] por Elias Alexandre da Silva Corrêa. Com uma nota prévia pelo Dr. Manuel Múrias. 2 vols. Lisboa, 1937.

CORREIA, J. M. = JOÃO MEDEIROS CORREIA (? -1671).

—— *Breve Relação = Breve Relaçam dos ultimos successos da guerra do Brasil.* [...] Em Lisboa. Na Officina Craesbeeckiana. Anno **1654**.

—— *Restauração da Bahia = Relaçam verdadeira de tudo o succedido na Restauração da Bahia de todos os Sanctos* [...] Em Lisboa. Por Pedro Craesbeeck Impressor delRey, anno **1625**.

COUTO, D. L. = DOMINGOS DO LORETO COUTO (*c*1700-*p*1757).

—— *Glórias de Pernambuco = Desaggravos do Brazil e Glorias de Pernambuco* [...] [1757] por D. Domingos do Loreto Couto [Publicados in ABN, XXIV, 1904, págs. 1-355, e XXV, 1905, págs. 3-214].

COUTO, R. R.: v. RIBEIRO COUTO.

COUTO DE MAGALHÃES = JOSÉ VIEIRA COUTO DE MAGALHÃES (1837-1898).

—— *O Selvagem = O Selvagem* [...] por Couto de Magalhães. Rio de Janeiro, Typographia da Reforma, **1876**.

CRULS, G. = GASTÃO LUÍS CRULS (1888-1959).

—— *A Amazônia que eu vi* = Gastão Cruls, *A Amazônia que eu vi*. Óbidos-Tumucumaque. Prefacio de Roquette Pinto. Rio de Janeiro, **1930**.

CUNHA, E. = EUCLIDES RODRIGUES PIMENTA DA CUNHA (1866-1909).

—— *Contrastes e Confrontos* = Euclydes da Cunha. Da Academia Brasileira de Letras. *Contrastes e Confrontos*. Prefacio de José Pereira de Sampaio (Bruno). Segunda Edição. Accrescentada com o retrato e discurso de recepção do auctor na Academia Brasileira de Letras, e um estudo critico do Dr. Araripe Junior. Porto, Emprêsa Litteraria e Typographica Editora, **1907**.

—— *Os Sertões* = *Os Sertões* (Campanha de Canudos) por Euclydes da Cunha. Laemmert & C. Editores, Rio de Janeiro, **1902**.

DANIEL, J. = Padre JOÃO DANIEL (1722-1776).

—— *Tesouro do Rio Amazonas* = Parte Segunda [*c*1767] do *Thesouro Descoberto no Maximo Rio Amazonas*. Publicada na RIH, II, 1840 (na 2ª ed. do tomo II da RIH ocupa as págs. 321-364, 447-500), e III, 1841, págs. 39-52, 158-183, 282-299, 422-441].

DAP = *Documentos dos Arquivos Portugueses que importam ao Brasil*. Secção brasileira do S.P.N. Nºs 1-30. Lisboa, 1944-1949.

Denunciações da Bahia = Primeira Visitação do Santo Officio ás partes do Brasil. Pelo licenciado Heitor Furtado de Mendoça [...] *Denunciações da Bahia* [1591-1593] São Paulo, Homenagem de Paulo Prado, 1925.

Denunciações de Pernambuco = Primeira Visitação do Santo Officio ás partes do Brasil. Pelo licenciado Heitor Furtado de Mendoça [... *Denunciações de Pernambuco* [1593-1595] São Paulo, Homenagem de Paulo Prado, 1929.

DHA = Instituto do Acúcar e do Álcool. *Documentos para a História do Açúcar*. Vol. II. Engenho Sergipe do Conde. Livro de Contas [1622-1658]. Rio de Janeiro, 1956. Vol. III. Engenho Sergipe do Conde. Espólio de Mem de Sá [1569-1579]. Rio de Janeiro, 1963.

Dial. Grandezas do Brasil = Dialaguo das grandezas do brazil. **1618** [Utilizaram-se no *Dicionário*, nas transcrições das passagens abonatórias, fotocópias do ms. L.Q.14 da Bibl. da Univ. de Leiden, Holanda. Consultaram-se, também, duas edições impressas: a) Ambrósio Fernandes Brandão, *Diálogos das Grandezas do Brasil*. Segundo a edição da Academia Brasileira, corrigida e aumentada, com numerosas notas de Rodolfo Garcia e introdução de Jaime Cortesão. Edições Dois Mundos Editora Ltda., Rio de Janeiro, 1943; b) *Diálogos das Grandezas do Brasil*. 2ª ed. integral, segundo o apógrafo de Leiden, comentada por José Antônio Gonsalves de Mello. Imprensa Universitária, Recife, 1966].

DIAS, G. = ANTÔNIO GONÇALVES DIAS (1823-1864).

—— *Primeiros Cantos = Primeiros Cantos* [1846] in *Cantos*. Colecção de Poesias de A. Gonçalves Dias. 4ª edição. Tomos I e II, com retrato do autor. Leipzig, F. A. Brockhaus, 1865.

—— *Segundos Cantos = Segundos Cantos* [1848] in *o.c.*

—— *Últimos Cantos = Últimos Cantos* [1851] in *o.c.*

Docs. Arq. Salvador = Documentos históricos do Arquivo Municipal do Salvador. Bahia. Cartas do Senado [Consultaram-se os volumes III e IV (1953-1959), que incluem *Cartas do Senado* do período de 1684 a 1698 ~ v. ACS].

Docs. Hist. Paraná = Documentos para a História do Paraná. Recolhidos e annotados por Moysés Marcondes. 1ª série. Typographia do Annuario do Brasil, Rio de Janeiro, 1923.

Docs. Interessantes = Documentos Interessantes para a História e Costumes de S. Paulo, São Paulo, 1895-.

DURÃO = Frei JOSÉ DE SANTA RITA DURÃO (*c*1720-1784).

—— *Caramurú = Caramurú*. Poema Epico do descobrimento da Bahia, composto por Frei José de Santa Rita Durão [...] na regia officina typographica, Anno M.DCC.LXXXI (1781).

FERREIRA, J. S. = Padre JOÃO DE SOUSA FERREIRA.

—— *América abreviada = America Abreviada*. Suas noticias e de seus naturaes, e em particular do Maranhão, [...] pelo Padre João de Souza Ferreira [1693] [Publicada na RIH, LVII, 1894, págs. 5-145. Convém observar que esta obra, embora com outro título, é mera refundição, levemente ampliada, do *Noticiário Maranhense*, cujo manuscrito, datado de 1685, o Autor ofereceu ao Bispo Frei Antônio de Santa Maria. Por este motivo, da *América abreviada* só se transcreveram no *Dicionário* as passagens relativas aos vocábulos que se documentam apenas nos trechos acrescentados em 1693 e que, portanto, não constavam do *Noticiário Maranhense*].

—— *Noticiário Maranhense = Nuticiario Maranhence, descripção do Estado do Maranhão, suas contendas, e peregrinas circunstancias*. **1685** [Utilizaram-se no *Dicionário*, na transcrição das passagens abonatórias, fotocópias do manuscrito seiscentista da biblioteca particular do Dr. J. J. Renoux, do Rio de Janeiro. A obra, subdividida em três longos capítulos, é precedida de dedicatória ao Bispo Frei Antônio de Santa Maria e de um prólogo ao leitor, e ilustrada com um curiosissimo mapa-múndi a cores. O texto do *Noticiário* termina na página 215 do manuscrito. Seguem-se-lhe oito páginas de índice, numeradas de 216 a 223].

FERREIRA LEAL = FERREIRA LEAL.

—— *O Suplício de um Marido = O Supplicio de um Marido* pelo Dr. Ferreira Leal. Rio de Janeiro, Typ. de Carlos Gaspar da Silva, Editor, Sucessor de Moreira Maximino & C., **1888**.

FIGUEIRA, L. = Padre LUÍS FIGUEIRA (*c*1574-1643).

—— *Missão do Maranhão = Missão que fes o P. Luis Figueira* [...] *indo ao Grão Pará, Camutá e Curupá* [...] no anno de [1636] [Publicada por S. LEITE: *Luiz Figueira*, 1940, págs. 181-203].

—— *Relação do Maranhão = Relação da Missão do Maranhão* [1608] [*o.c.*, págs. 107-152].

FONSECA, M. = Padre MANUEL DA FONSECA (1703-1772).

—— *Vida Pe. Belchior de Pontes = Vida do Veneravel Padre Belchior de Pontes*, [...] composta pelo Padre Manoel da Fonseca [...] Lisboa na Officina de Francisco da Silva. Anno de M.DCCLII (1752). Reeditada pela Companhia Melhoramentos de S. Paulo (Weiszflog Irmãos incorporada), S. Paulo-Cayeras-Rio [*s.d.*].

FRANCO, A. A. M.: v. ARINOS, A.

FREIRE, F. B. = FRANCISCO DE BRITO FREIRE (*c*1625-1692).

—— *Hist. da guerra Brasílica = Nova Lusitania. Historia da Guerra Brasilica* [...] por Francisco de Brito Freire. Lisboa, na officina de Joam Galram. Anno **1675**.

FREIRE, L. J. J.: v. JUNQUEIRA FREIRE.

GALVÃO, A. = ANTÔNIO GALVÃO (? -1557).

—— *Trat. Descobr. = Tratado que compôs o nobre & notauel capitão Antonio Galuão* [...] *de todos os descobrimentos antigos & modernos*, [...] Impressa em casa de Ioam da Barreira [...] 1563.

GAMA, J. B. = JOSÉ BASÍLIO DA GAMA (1741-1795).

—— *O Uraguay = O Uraguay*. Poema de José Basilio da Gama [...] Lisboa. Na Regia Officina Typographica. Anno M.DCCLXIX (1769).

GÂNDAVO = PERO DE MAGALHÃES DE GÂNDAVO (? -*p*1576).

—— *Hist. = Historia da provincia sãcta Cruz a que vulgarmẽte chamamos Brasil*: feita por Pero de Magalhães de Gandauo [...] Impresso em Lisboa, na Officina de Antonio Gonsaluez. Anno de **1576**.

—— *Trat. Prov. Brasil = Tratado da Província do Brasil a*1576, de Pêro de Magalhães de Gândavo. Reprodução fac-similar do ms. nº 2026 da Bibl. Sloaniana do Museu Britânico; introdução; leitura; comentários e índice de vocábulos. Edição preparada pelo Prof. Emmanuel Pereira Filho. Volume 5 da Coleção DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA — TEXTOS E VOCABULÁRIOS, do Instituto Nacional do Livro. Rio de Janeiro, 1965 [Nas transcrições citaram-se os nºs. das linhas do manuscrito, de acordo com o critério de numeração adotado na edição. Além do ms. reproduzido nesta edição, utilizaram-se no *Dicionário*, na transcrição das passagens abonatórias, fotocópias do Cód. 552 FG, da Bibl. Nac. de Lisboa, e do ms. IV-b-28 da Bibl. do Escorial].

GÓIS, D. = DAMIÃO DE GÓIS (1502-1574).

—— *Cr. D. Manuel = Chronica do felicissimo rei dom Emanuel*, composta per Damiam de Goes, dividida em quatro partes, [...] Em Lisboa em casa de Francisco Correa, impressor [...] **1566-1567**.

GOMES, B. A. = BERNARDINO ANTÔNIO GOMES (1768-1823).

—— *Plantas do Brasil = Plantas medicinais do Brasil*. Brasiliensia Documenta. Moderatore et Auctore Edgard de Cerqueira Falcão. vol. V. São Paulo, 1972 [Nessa edição reproduziram-se em fac-símile dois opúsculos avulsos — o primeiro sobre a ipecacuanha e o segundo sobre a canela do Rio de Janeiro — impressos em **1801** e 1809, respectivamente, e, bem assim, as *Observações Botanico-Medicas sobre algumas Plantas do Brazil*, insertas no tomo III, págs. 1-104, das *Memorias da Real Academia de Sciencias de Lisboa*, de **1812**. No *Dicionário* transcreveram-se as passagens dos textos originais, mas a numeração das páginas é a da edição moderna, em algarismos romanos, de acordo com o critério adotado pelo editor Edgard de Cerqueira Falcão].

GONZAGA, T. A. = TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA (1744-1809).

—— *Cartas Chilenas* = Obras Completas de Tomás Antônio Gongaza. I. *Poesias* e *Cartas Chilenas*. Edição crítica de M. Rodrigues Lapa. INL, Rio de Janeiro, 1957.

—— *Poesias* = *Poesias* in *o.c.*

GUERRA, E. M.: v. MATOS, E.

GUERRA, G. M.: v. MATOS, G.

GUERREIRO, B. = Padre BARTOLOMEU GUERREIRO (1564?-1642).

—— *Jornada* = *Iornada dos Vassalos da Coroa de Portugal, pera se recuperar a Cidade do Saluador*, [...] Feita pollo Padre Bertolameu Guerreiro da Companhia de Iesu. Em Lisboa. Por Mattheus Pinheiro. Anno de **1625**.

GUERREIRO, F. = Padre FERNÃO GUERREIRO (1550-1617).

—— *Relação* = *Relação Anual das coisas que fizeram os Padres da Companhia de Jesus nas suas Missões do Japão, China,* [...] *Cabo Verde e Brasil nos anos de 1600 a 1609* [...] Nova edição dirigida e prefaciada por Artur Viegas. 3 tomos. Coimbra — Lisboa, 1930-1942 [Dos 5 volumes da 1ª edição, apenas no 2º, publicado em **1605**, e no 4º, publicado em **1609**, constam referências às coisas do Brasil].

GUIMARÃES, B. = BERNARDO JOAQUIM DA SILVA GUIMARÃES (1825-1884).

—— *A Escrava Isaura* = *A Escrava Isaura* [**1875**] Romance por Bernardo Guimarães. Rio de Janeiro, Paris, Livraria Garnier, 1918.

—— *A Ilha Maldita* = *A Ilha Maldita* — O Pão de Ouro, por Bernardo Guimarães. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, **1879**.

—— *Folhas de Outono* = *Folhas de Outono*, por Bernardo Guimarães. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, Livreiro — Editor, **1883**.

—— *Hist. e Trad. Minas* = *Historia e Tradições da Provincia de Minas Geraes* [**1872**]. A cabeça do Tira-Dentes. A Filha do Fazendeiro. Rio de Janeiro, B. L. Garnier Livreiro Editor [*s.d.*].

—— *Lendas e Romances* = B. Guimarães, *Lendas e Romances* [**1871**] [Rio de Janeiro] B. L. Garnier [*s.d.*].

—— *Maurício* = *Mauricio ou Os Paulistas em S. João d'el-rei*, por Bernardo Guimarães. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, **1877**.

—— *O Bandido do Rio das Mortes* = B. Guimarães, *O Bandido do Rio das Mortes* [*a***1884**]. Romance Historico em continuação ao Mauricio ou os Paulistas em S. João D'El-Rey. Bello Horizonte, Imprensa Official do Estado de Minas Geraes, 1905.

—— *O Ermitão do Muquem* = B. Guimarães, *O Ermitão do Muquem*. [**1869**]. H. Garnier, Pariz — Rio de Janeiro, 1898.

—— *O Garimpeiro* = *O Garimpeiro* [**1872**]. Romance por Bernardo Guimarães. Livraria Garnier, Rio de Janeiro, Paris, 1921.

—— *O Pão de Ouro* = A Ilha Maldita — *O Pão de Ouro*, por Bernardo Guimarães. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, **1879**.

—— *O Seminarista* = *O Seminarista* [**1872**]. Romance Brasileiro por B. Guimarães. Rio de Janeiro, Paris, Livraria Garnier, 1917.

—— *Rozaura a Engeitada* = Bernardo Guimarães, *Rozaura a Engeitada* [**1883**]. Rio de Janeiro, Pariz, Livraria Garnier. 2 Tomos. 1900.

GUIMARÃES J. A. = JOÃO ALPHONSUS DE GUIMARÃES (1901-1944).

—— *Pesca da Baleia* = João Alphonsus, *Pesca da Baleia*. Livraria Paulo Bluhm, Belo Horizonte, **1941**.

GUIMARÃES ROSA = JOÃO GUIMARÃES ROSA (1908-1967).

—— *Grande Sertão: Veredas* = João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*. Livraria José Olympio. Rio de Janeiro, **1956**.

—— *Sagarana* = J. Guimarães Rosa, *Sagarana*. Editora Universal, Rio de Janeiro, **1946**.

HENRIQUES, F. F. = FRANCISCO DA FONSECA HENRIQUES (1665-1731).

—— *Âncora medicinal* = *Ancora medicinal, para conservar a vida com saude* [**1721**] Escritta pelo Doutor Francisco da Fonseca Henriques [...] Segunda impressam correcta, e augmentada pelo seu Author [...] Lisboa Oriental, M.DCC.XXX.I.

HERIARTE = MAURÍCIO DE HERIARTE.

—— *Descr. Maranhão, Pará* = *Descripção do Estado do Maranhão, Pará, Corupá e Rio das Amazonas* [*a***1667**] [Publicada por VARNHAGEN, *Hist.*, 4ª ed., 1951, III, págs. 168-188].

INGLÊS DE SOUSA = HERCULANO MARCOS INGLÊS DE SOUSA (1853-1918).

—— *O Missionário* = H. Inglez de Sousa, *O Missionario* [**1888**]. 2ª ed. (Revista e augmentada com o prologo do Dr. Araripe Junior). Laemmert & Cia., 1899, 2 volumes.

ITAPARICA, M. S. M. = Frei MANUEL DE SANTA MARIA ITAPARICA (1704-*c*1769).

—— *Eustachidos* = *Eustachidos*. Poema Sacro, e tragicomico, Em que se contém A vida de Sto. Eustachio Martyr, chamado antes Placido, E de sua Mulher, e Filhos. Por hum anonymo, natural da Ilha de Itaparica Termo da Cidade da Bahia. Dado á luz Por hum devoto do Santo [*s.d.*] [**1769**].

JABOATÃO = Frei ANTÔNIO DE SANTA MARIA JABOATÃO (1695-*c*1768).

—— *Novo Orbe Seráfico* = *Novo Orbe Serafico Brasilico ou Chronica dos Frades Menores da Provincia do Brasil*, por Fr. Antonio de Santa Maria Jaboatam. Impressa em Lisboa em [**1761**] e reimpressa por ordem do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Rio de Janeiro, Typ. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1858 [Estas palavras constam das folhas de rosto dos dois volumes da Primeira Parte da obra de Jaboatão, reimpressa por ordem do Instituto Histórico. A Segunda Parte, que o Autor deixou em manuscrito, foi publicada em três volumes, nos anos de 1859, 1861 e 1863, na mesma tipografia e também por ordem do Instituto Histórico].

JESUS, R. = Frei RAFAEL DE JESUS (1614-1698).

—— *Castrioto Lusitano* = *Castrioto Lusitano*. Parte I: enterpresa, e restauração de Pernambuco; & das Capitanias Confinantes [...] compostos em forma de historia pello muyto Reverendo Padre Pregador Geral Fr. Raphael de Jesus [...] Lisboa [...] Impressão de Antonio Craesbeek de Mello Impressor de Sua Alteza, Anno **1679**.

JOSÉ, J. S. = Dom JOÃO DE S. JOSÉ.

—— *Viagem ao Gram-Pará* = *Viagem e Visita do Sertão em o Bispado do Gram-Pará* em [**1762** e **1763**]. Escripta pelo bispo D. Fr. João de S. José, monge Beneditino [Publicada na RIH, IX, 1869, págs. 43-227, 328-375 e 476-527].

JUNQUEIRA FREIRE = LUÍS JOSÉ JUNQUEIRA FREIRE (1832-1855).

—— *Contradições Poéticas* = Obras Posthumas de Luiz José Junqueira Freire. Terceira edição correcta e accrescentada com um estudo sobre o autor por Franklin Doria. Tomo II. *Contradicções poeticas* [**1855**] Rio de Janeiro, B. L. Garnier, Livreiro-Editor.

—— *Inspirações do Claustro* = Obras Poeticas de Luiz José Junqueira Freire. Terceira edição correcta e accrescentada com um juizo critico por J. M. Pereira da Silva. Tomo I. *Inspirações do Claustro* [**1855**] Rio de Janeiro, B. L. Garnier, Livreiro-Editor.

JUVENAL GALENO = JUVENAL GALENO DA COSTA E SILVA (1836-1931).

—— *Prelúdios Poéticos* = *Preludios Poeticos* de Juvenal Galleno da Costa e Silva. Rio de Janeiro, Typ. Americana de José Soares de Pinho, **1856**.

LEAL, F.: v. FERREIRA LEAL.

LEITE, S. = Padre SERAFIM LEITE (1890-1969).

—— *Cartas* = *Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil* I-III. [**1538-1563**] Roma, 1956-1958 [=*Monumenta Brasiliae* I-III].

—— *Hist.* = *História da Companhia de Jesus no Brasil*. 10 vols. Lisboa-Rio de Janeiro, 1938-1950.

—— *Luiz Figueira* = *Luiz Figueira. A sua vida heróica e a sua obra literária*. Por Serafim Leite. Agência Geral das Colônias, 1940.

—— *Mon. Brasiliae* = *Monumenta Brasiliae* IV [**1563-1568**] e V [*sive complementa Azevediana* (**1549-1565**)]. Por Serafim Leite S. I. Roma, 1960-1968 [Os três volumes anteriores foram também publicados com o título acima citado de *Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil*].

—— *Novas Cartas Jesuíticas* = *Novas Cartas Jesuíticas, de Nóbrega a Vieira* [=Brasiliana, série 5ª, vol. 194]. São Paulo, 1940.

—— Ver, também: ANCHIETA, CORDEIRO, FIGUEIRA, MONTEIRO, NÓBREGA, RODRIGUES, VIEIRA.

LEVERGER, A. = AUGUSTO JOÃO MANUEL LEVERGER (1802-1880).

—— *Rio Paraguai* = *Diario do Reconhecimento do Rio Paraguay e Roteiro da Navegação do Rio Paraguay* [**1847**] [Publicados na RIH, XXV, 1862, págs. 177-284].

LIMA, JORGE DE = JORGE MATEUS DE LIMA (1895-1953).

—— *Calunga* = *Calunga*. Romance por Jorge de Lima. Edição da Livraria do Globo, Porto Alegre, **1935**.

—— *Guerra dentro do beco* = Jorge de Lima, *Guerra dentro do beco*. Romance. Editora A Noite, Rio de Janeiro, **1950**.

—— *O Anjo* = Jorge de Lima, *O Anjo*. Editora Cruzeiro do Sul, Limitada, **1934**.

LIMA BARRETO = AFONSO HENRIQUES DE LIMA BARRETO (1881-1922).

—— *Gonzaga de Sá* = Lima Barreto, *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Edição da "Revista do Brasil", S. Paulo, **1919**.

—— *Histórias e Sonhos* = Lima Barreto, *Historias e Sonhos*. Contos. Gianlorenzo Schettino, Livraria Editora, Rio de Janeiro, **1920**.

—— *Policarpo Quaresma* = Lima Barreto, Autor do "Isaias Caminha", *Triste fim de Polycarpo Quaresma*. Typ. "Revista dos Tribunaes", Rio de Janeiro, **1915**. [Seguem-se ao romance sete contos do Autor, datados de 1906 a 1914].

LISBOA, C. = Frei CRISTÓVÃO DE LISBOA [= CRISTÓVÃO SEVERIM DE FARIA] (1583-1652).

—— *Cartas* = *Três Cartas* de Frei Christovam de Lisboa. Dirigidas ao Irmão Manoel Severim de Faria [**1626-1627**] [Publicadas na RIC, XXIII, 1909, págs. 316-333].

—— *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* = *Historia dos animaes, e arvores do Maranhão c***1631** [Utilizaram-se no *Dicionário*, na transcrição das passagens abonatórias, fotocópias do ms. nº 1660 do Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa. Consultou-se, posteriormente, a edição monumental publicada por essa mesma Instituição, em 1967, acompanhada de estudo e notas do Dr. Jaime Walter e prefaciada pelo Dr. Alberto Iria ~ Consultaram-se, também: a) a edição parcial do Conselho de Pesquisas da Universidade Federal do Paraná (Curitiba, 1968); esta edição, que inclui apenas a parte do texto relativa às árvores, vem precedida de uma apresentação de Carlos Stellfeld e de uma introdução de Luiza da Fonseca, e é acompanhada de notas e comentários etimológicos de João Francisco de Souza e de um estudo de D. Bento Pickel sobre a identificação dos espécimes botânicos; b) o artigo

intitulado *Comentários sôbre os peixes mencionados na obra 'História dos animais e árvores do Maranhão' de Frei Cristóvão de Lisboa*, do naturalista João de Paiva Carvalho, publicado no vol. IV (págs. 1-39) dos Arquivos da Estação de Biologia Marinha da Universidade do Ceará. Fortaleza, 1964].

Livro da Nau Bertoa = *Liuro do naõo bertoa que vay para a terra do brazil...* [1511] [Publicado na RIH, XXIV, 1861, págs. 96-111].

Livro Primeiro do Governo do Brasil = Ministério das Relações Exteriores. Biblioteca. *Livro Primeiro do Governo do Brasil* [1607-1633]. Prefácio do Emb. J. C. de Macedo Soares. Seção de Publicações do Serviço de Documentação. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, Brasil, 1958.

Livro Segundo do Governo do Brasil = Annaes do Museu Paulista. Tomo terceiro. Segunda parte [págs. 7-128]. *Livro Segundo do Governo do Brasil* [1615-1634]. São Paulo, 1927 [Códice pertencente ao Museu Paulista].

LOBATO, J. B. M.: v. MONTEIRO LOBATO.

LOPES NETO, J. S.: v. SIMÕES LOPES.

MACEDO, J. M. = JOAQUIM MANUEL DE MACEDO (1820-1882).

—— *A Luneta Mágica* = *A Luneta Magica* [1869] por Joaquim Manoel de Macedo. Rio de Janeiro, B. L. Garnier-Editor [*s.d.*].

—— *A Namoradeira* = *A Namoradeira*. Romance por Joaquim Manoel de Macedo. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, Livreiro Editor, **1870.**

—— *As Mulheres de Mantilha* = *As Mulheres de Mantilha*. Romance Historico pelo Dr. J. M. de Macedo. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, Livreiro Editor. 2 volumes. **1870-1871.**

—— *Memórias do Sobrinho de Meu Tio* = *Memorias do Sobrinho de Meu Tio* (continuação da Carteira de Meu Tio), por Joaquim Manoel de Macedo. Rio de Janeiro, Typographia Universal de Laemmert. 2 Tomos. **1867-1868.**

—— *O Forasteiro* = *O Forasteiro* [1856]. Romance Brasileiro por Joaquim Manoel de Macedo. Segunda Edição. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, Livreiro-Editor [*s.d.*].

—— *Romances da Semana* = *Os Romances da Semana* [1861] pelo Dr. Joaquim Manoel de Macedo. Terceira edição. Rio de Janeiro, Livraria de B. L. Garnier, Editor, 1873.

MACHADO, ANÍBAL = ANÍBAL MONTEIRO MACHADO (1894-1964).

—— *Histórias Reunidas* = Aníbal M. Machado, *Histórias Reunidas*. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, **1959.**

MACHADO DE ASSIS = JOAQUIM MARIA MACHADO DE ASSIS (1839-1908).

—— *Americanas* = *Americanas*, por Machado de Assis. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, Livreiro-Editor, **1875.**

—— *Contos Fluminenses* = Machado de Assis, *Contos Fluminenses* [1870]. Miss Dollar. Luiz Soares. A Mulher de Preto. O Segredo de Augusta. Confissões de uma Viuva Moça. Frei Simão. Linha recta e Linha Curva. H. Garnier, Livreiro-Editor, Rio de Janeiro, 1889.

—— *Esaú e Jacob* = Machado de Assis (da Academia Brasileira), *Esaú e Jacob*. H. Garnier, Livreiro-Editor, Rio de Janeiro, **1904.**

—— *Quincas Borba* = Machado de Assis, *Quincas Borba*. B. L. Garnier, Livreiro-Editor, Rio de Janeiro, **1891.**

—— *Várias histórias* = Machado de Assis, *Varias historias*. Laemmert &. C., Editores, Rio de Janeiro — S. Paulo, **1896.**

MAGALHÃES, D. = DOMINGOS JOSÉ GONÇALVES DE MAGALHÃES (1811-1882).

—— *A Confederação dos Tamoyos* = *A Confederação dos Tamoyos*, poema por Domingos José Gonçalves de Magalhães. Rio de Janeiro, Empreza Typog. Dous de Dezembro, de Paula Brito, **1856.**

—— *Urânia* = *Urania*, de D. J. G. de Magalhaens. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, **1862.**

MAGALHÃES, J. V. C.: v. COUTO DE MAGALHÃES.

MAGALHÃES, V. = ANTÔNIO VALENTIM DA COSTA MAGALHÃES (1859-1903).

—— *Horas Alegres* = Valentim Magalhães, *Horas Alegres*. Rio de Janeiro, Editores Laemmert & C., **1888.**

MAIA, A. = ALCIDES CASTILHOS MAIA (1878-1944).

—— *Tapera* = Alcides Maya, *Tapera* (Scenarios Gauchos). H. Garnier, Livreiro-Editor, Rio de Janeiro, Paris, **1911.**

MARTINS PENA = LUÍS CARLOS MARTINS PENA (1815-1848).

—— *Teatro* = *Teatro de Martins Pena*. Edição crítica por Darcy Damasceno, com a colaboração de Maria Filgueiras. 2 vols. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1956 [No *Dicionário*, na transcrição das passagens abonatórias, indicaram-se o título de cada peça e a data de sua composição, de acordo com os elementos fornecidos pelos editores].

MASCARENHAS, J. F. M. = JOSÉ FREIRE DE MONTARROIO MASCARENHAS (1670-?).

—— *Os Orizes Conquistados* = *Os Orizes Conquistados ou Noticia da Conversam dos indomitos Orizes* [...] **1716** [Publicados in DAP, nºs 26-27, 1948].

MATOS, E. = Padre EUSÉBIO DE MATOS GUERRA (1629-1692).

—— *Ecce Homo* = *Ecce Homo*. Practicas pregadas no Collegio da Bahia [...] pelo Padre Eusebio de Mattos [...] Lisboa. Na Officina de Joam da Costa. M.DC.LXXVII. (**1677**).

MATOS, G. = GREGÓRIO DE MATOS E GUERRA (*c*1623-*c*1696).

—— *Obras* = *Obras Completas* [*a*1696] de Gregório de Matos. 7 vols. Bahia, 1969 [Edição organizada por James Amado, com a colaboração de Maria da Conceição Paranhos e Miécio Tati].

MATOS, J. V. D.: v. VERÍSSIMO, J.

MELO, F. M. = FRANCISCO MANUEL DE MELO (1608-1666).

—— *Epanáforas* = D. Francisco Manuel de Melo, *Epanáforas de Vária História Portuguêsa* [1660] 3ª edição. Revista e Anotada por Edgar Prestage. Imprensa da Universidade de Coimbra, 1931.

—— *Rel. dos sucessos* = *Relaçam dos sucessos da Armada, que a Companhia geral do Comercio expedio ao Estado do Brasil o anno passado de 1649*, [...] Na Officina Craesbeeckiana. Anno **1650.**

MIGUEL PEREIRA, L. = LÚCIA MIGUEL PEREIRA (1902-1958).

—— *Em Surdina* = Lucia Miguel Pereira, *Em Surdina*. Romance. Ariel Editora Ltda., Rio de Janeiro **1933.**

MONTEIRO, J. = Padre JÁCOME MONTEIRO (*c*1574-?).

—— *Rel. da Província do Brasil* = *Relação da Província do Brasil*, [**1610**] [Publicada por S. LEITE, *Hist.*, VIII, 1949, págs. 393-425].

MONTEIRO LOBATO = JOSÉ BENTO MONTEIRO LOBATO (1882-1948).

—— *Cidades Mortas* = Monteiro Lobato, *Cidades Mortas*. Edição da "Revista do Brasil", São Paulo, **1919.**

—— *Urupês* = Monteiro Lobato, *Urupês*. Ed. "Revista do Brasil", S. Paulo, **1918.**

MORAIS, R. = RAIMUNDO MORAIS (1875-1941).

—— *Os Igaraúnas* = Raymundo Moraes. Da Société des Américanistes de Paris. *Os Igaraúnas*. Romance Amazônico. Costumes Paraenses. Civilização Brasileira, S/A. Editora, Rio de Janeiro, **1938.**

MORÃO, S. P. = SIMÃO PINHEIRO MORÃO (1618- ?).

—— *Queixas de Pernambuco* = *Queixas repetidas em ecos dos Arrecifes de Pernambuco contra os abusos médicos que nas suas capitanias se observam tanto em dano das vidas de seus habitadores* [*c*1677]. Leitura, explicação e nótulas do Dr. Jaime Walter. Lisbôa, 1965.

MOREIRA DE AZEVEDO = MANUEL DUARTE MOREIRA DE AZEVEDO (1832-1903).

—— *No Tempo do Rei* = *No Tempo do Rei*. Conto Historico por Moreira de Azevedo. Capital Federal, Livraria de J. G. de Azevedo & C., Editores, **1899.**

MORENO, D. C. = DIOGO DE CAMPOS MORENO (1566-*p*1617).

—— *Livro que dá razão do estado do Brasil* = *Livro que dá razão do estado do Brasil* *c*1626. Edição comemorativa do V centenário de nascimento de Pedro Álvares Cabral. Instituto Nacional do Livro. Rio de Janeiro, 1968 [Esta edição contém a reprodução integral em fac-símile do manuscrito seiscentista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro].

NABUCO, J. = JOAQUIM AURÉLIO BARRETO NABUCO DE ARAÚJO (1849-1910).

—— *Minha Formação* = *Minha Formação*, por Joaquim Nabuco, da Academia Brasileira e do Instituto Historico e Geographico. H. Garnier, Livreiro-Editor, Rio de Janeiro, **1900.**

NÓBREGA = Padre MANUEL DA NÓBREGA (1517-1570).

—— *Cartas* = *Cartas do Brasil* [1549-1567] e mais escritos do P. Manuel da Nóbrega (Opera omnia). Com introdução e notas históricas e críticas de Serafim Leite S. I. Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1955.

—— *Diálogo* = *Diálogo sobre a Conversão do Gentio* [1556-1557] in *o.c. Notícias de Mato Grosso* = *Noticias pertencentes a communicação do Matto Grosso com o Estado do Maranhaõ* Anno d'1748 [Manuscrito setecentista da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, que contém diversas notícias escritas por vários autores em diferentes datas].

OLÍMPIO, D. = DOMINGOS OLÍMPIO BRAGA CAVALCANTI (1850-1906).

—— *Luzia Homem* = Domingos Olympio, *Luzia Homem*. Rio de Janeiro, Typ. da Companhia Litho-Typographia, **1903.**

OLIVEIRA, M. B. = MANUEL BOTELHO DE OLIVEIRA (1636-1711).

—— *Música do Parnasso* = *Musica do Parnasso*. Dividida em quatro coros, de rimas Portuguesas, Castelhanas, Italianas, & Latinas, com seu descante comico redusido em duas comedias, Offerecida Ao Excellentissimo Senhor, Dom Nuno Alvares Pereyra de Mello, Duque do Cadaval, & c. E Entoada Pelo Capitam Mor Manoel Botelho de Oliveira, Fidalgo da caza de sua Magestade. Lisboa Na Officina [...] Miguel Manescal, Impressor do Santo Officio. Anno de **1705.**

ORTA = GARCIA DA ORTA (*c*1500-*c*1568).

—— *Colóquios* = *Coloquios dos Simples e drogas e cousas medicinais da India*, [...] compostos pello doutor Garcia d'Orta, [...] Impressos em Goa por Joannes de Endem aos X dias de abril de **1563** annos.

PEIXOTO, A. = JÚLIO AFRÂNIO PEIXOTO (1876-1947).

—— *Bugrinha* = Afranio Peixoto, *Bugrinha*. 1º Milhar. Livraria Castilho, A. J. de Castilho-Editor, Rio de Janeiro, **1922.**

—— *Sinházinha* = Afranio Peixoto, *Sinházinha*. Companhia Editora Nacional, São Paulo, **1929.**

PEIXOTO, I. J. A.: v. ALVARENGA PEIXOTO.

PENA, L. C. M.: v. MARTINS PENA.

PEREIRA, L. M.: v. MIGUEL PEREIRA.

PEREIRA, N. M. = NUNO MARQUES PEREIRA (1652-*c*1733).

—— *Peregrino da América = Compendio Narrativo do Peregrino da America.* Em que se tratam varios discursos Espirituaes, e moraes, com muitas advertencias, e documentos contra os abusos, que se achaõ introduzidos pela malicia diabolica no Estado do Brasil. Dedicado à Virgem da Vitoria, Emperatris do Ceo, Rainha do Mundo, e Senhora da Piedade, Mãy de Deos. Autor Nuno Marques Pereira. Lisboa Occidental, na Officina de Manoel Fernandes da Costa, Impressor do Santo Officio. Anno de M.DCC.XXVIII. (**1728**) [Consultou-se, também, a 2ª Parte, escrita por volta do ano de **1733**, e publicada pela Academia Brasileira de Letras em 1939. Esta 2ª Parte constitui o vol. II da referida edição da Academia].

PITA, S. R.: v. ROCHA PITA.

PLMH = *Pauliceae Lusitana Monumenta Historica.* Volume I (1494-1600). Partes I-IV e V-VIII. 2 tomos. Organizado e prefaciado por Jaime Cortesão. Lisboa, 1956.

POMPÉIA, R. = RAUL D'ÁVILA POMPÉIA (1863-1895).

—— *O Ateneu* = Raul Pompeia, *O Atheneu* (Chronica de Saudades). Rio de Janeiro, Typ. da "Gazeta de Noticias", **1888**.

PORTO ALEGRE, M. A. = MANUEL JOSÉ DE ARAÚJO PORTO ALEGRE (1806-1879).

—— *Brasilianas = Brasilianas*, por M. de Araujo Porto-Alegre. Vienna, Imperial e Real Typographia, **1863**.

Prodigiosa Lagoa = Prodigiosa lagoa descuberta nas Congonhas das Minas do Sabará [...] (Lisboa, [**1749**]). Reimpressão dêste raríssimo opúsculo, precedida por um estudo bio-bibliográfico sôbre a obra e o seu autor pelo Dr. Augusto da Silva Carvalho. Coimbra, 1925.

RAMOS, G. = GRACILIANO RAMOS (1892-1953).

—— *Caetés* = Graciliano Ramos, *Cahetés.* Romance. Schmidt [Rio de Janeiro] **1933**.

—— *S. Bernardo* = Graciliano Ramos, *S. Bernardo.* Romance. Ariel, Editora Ltda., Rio de Janeiro, **1934**.

—— *Vidas Secas* = Graciliano Ramos, *Vidas Seccas.* Romance. Livraria José Olympio Editora, Rio, **1938**.

RAPM = *Revista do Arquivo Público Mineiro.* Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1896-.

REGO, J. L. = JOSÉ LINS DO REGO CAVALCANTI (1901-1957).

—— *Banguê* = José Lins do Rego, *Banguê.* Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, **1934**.

—— *O Moleque Ricardo* = José Lins do Rego, *O Moleque Ricardo.* Romance. Livraria José Olympio Editora, Rio, **1935**.

—— *Pureza* = José Lins do Rego, *Pureza.* Romance. Livraria José Olympio Editora, **1937**.

—— *Usina* = José Lins do Rego, *Usina.* Romance. Livraria José Olympio Editora, Rio, **1936**.

Rel. Aclamação = Relaçam da Aclamação que se fez na Capitania do Rio de Ianeiro [...] *ao Senhor Rey Dom Ioão o IV* [...] Em Lisboa. Por Iorge Rodrigues. Anno **1641**.

Rel. da tomada de Olinda = Relaçam verdadeira, e breve da tomada da Villa de Olinda, e lugar do Recife na costa do Brasil [...] Em Lisboa. Por Mathias Rodrigues. Anno **1630**.

Rel. da tomada do Recife = Relaçam diaria do sitio, e tomada da forte praça do Recife, [...] Lisboa. Na Officina Craesbeeckiana. **1654**.

Rel. Descobr. Frolida = Relaçam verdadeira dos trabalhos q̃ ho gouernador dõ Fernãdo de Souto & certos fidalgos portugueses passaram no descobrimẽto da prouincia da Frolida. Agora nouamente feita per hũ fidalgo Deluas [...] Euora, **1557**.

RIBEIRO COUTO = RUI RIBEIRO COUTO (1898-1963).

—— *A Cidade do Vício e da Graça* = Ribeiro Couto, *A Cidade do Vício e da Graça.* Benjamim Costallat & Miccolis Editores, Rio, **1924**.

—— *Cabocla* = Ribeiro Couto, *Cabocla.* Romance. Companhia Editôra Nacional, São Paulo, **1931**.

—— *Largo da Matriz* = Ribeiro Couto, *Largo da Matriz e Outras Histórias.* Getúlio Costa, Editor, Rio de Janeiro, **1940**.

RIC = *Revista do Instituto do Ceará.* Fortaleza, 1887-. Em curso de publicação.

RIH = *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.* Rio de Janeiro, 1838-. Em curso de publicação.

RIHP = *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano.* Recife, 1863-. Em curso de publicação.

RIHSP = *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo.* S. Paulo, 1895-. Em curso de publicação.

ROCHA PITA = SEBASTIÃO DA ROCHA PITA (1660-1738).

—— *Hist. Amér. Port. = Historia da America portugueza, desde o anno de mil e quinhentos do seu descobrimento, até o de mil setecentos e vinte e quatro* [...] composta por Sebastião da Rocha Pitta [...] Lisboa Occidental, Na Officina de Joseph Antonio da Sylva, Impressor da Academia Real. M.DCC.XXX. (**1730**).

RODRIGUES, J. = Padre JERÔNIMO RODRIGUES (1552-1631).

—— *Relação = A Missão dos Carijós. Relação do P. Jerônimo Rodrigues* [*c*1607] [Publicada por S. LEITE *Novas Cartas Jesuíticas,* 1940, págs. 196-246].

ROLIM, A. = D. ANTÔNIO ROLIM.

—— *Relação = Relação da Viagem, que fez o Conde de Azambuja, D. Antonio Rolim, da Cidade de S. Paulo para a Villa de Cuyabá em* [1751] [Publicada na RIH, VII, 1846, págs. 469-497].

ROSA, J. F. = JOÃO FERREIRA DA ROSA.

—— *Trat. Constituição Pestilencial = Trattado Unico da Constituiçam Pestilencial de Pernambuco* [...] composto por Joam Ferreyra da Rosa [...] Em Lisboa. Na Officina de Miguel Menescal, [...] **1694**.

ROSA, J. G.: v. GUIMARÃES ROSA.

ROSÁRIO, A. = Frei ANTÔNIO DO ROSÁRIO (? -1704).

—— *Frutas do Brasil = Frutas do Brasil numa nova, e ascetica monarchia* [...] Author o seu indigno escravo. Fr. Antonio do Rosario [...] Lisboa, na Officina de Antonio Pedrozo Galram [...] Anno de **1702**.

ROSÁRIO, P. = Frei PAULO DO ROSÁRIO (? -1655).

—— *Rel. vitória = Relaçam breve, e verdadeira da memoravel victoria, que ouue o Capitão mór da Capitania da Paraiua* [...] Composta pello reverendo Padre Frey Paulo do Rosario [...] Em Lisboa. Por Jorge Rodrigues. Anno **1632**.

Roteiro da Costa do Brasil = Roteiro de todos os Sinais na Costa do Brasil. Reprodução fac-similar do ms. 51-IV-38 da Biblioteca da Ajuda *c***1586**; leitura diplomática; comentários e índice de vocábulos. Edição preparada por Max Justo Guedes. Volume 10 da Coleção DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUÊSA — TEXTOS E VOCABULÁRIOS, do Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1968.

SALVADOR, V. = Frei VICENTE DO SALVADOR (1564-1639).

—— *Hist. Brasil = Historia do Brasil* **1627** de Frei Vicente do Salvador [Utilizaram-se no *Dicionário,* na transcrição das passagens abonatórias, fotocópias do códice nº 49 da coleção "Livros do Brasil" do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa].

SAMPAIO, A. B. = AFONSO BOTELHO DE SAMPAIO.

—— *Campos de Guarapuava = Descoberta dos Campos de Guarapuava.* [**1771-1772**] [Publicado na RIH, XVIII, págs. 263-288].

SAMPAIO, F. A. = FRANCISCO ANTÔNIO DE SAMPAIO.

—— *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil = Historia dos Reinos Vegetal, Animal, e Mineral do Brazil, pertencente á Medicina* [por] Francisco Antonio de Sampayo [...] Tomo I, Anno **1782** — Tomo II, Anno de **1789** [As passagens abonatórias transcritas no *Dicionário* foram copiadas diretamente do manuscrito original, cota I-12, 1, nºs 19-20, da Bibl. Nacional do Rio de Janeiro. Consultou-se, posteriormente, a edição impressa no vol. 89 (relativo ao ano de 1969, mas só publicado em 1971) dos *Anais da Biblioteca Nacional*; segundo Darcy Damasceno, que escreveu a Introdução, a transcrição do manuscrito setecentista foi incumbida ao documentarista Waldir da Cunha].

SAMPAIO, F. X. R. = FRANCISCO XAVIER RIBEIRO DE SAMPAIO (1741-*c*1814).

—— *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco = Relação Geographica Historica do Rio Branco da America Portugueza* [*c*1777]. Composta pelo bacharel Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio [...]. [Publicada na RIH, XIII, 1872, págs. 200-273].

SEMEDO, J. C. = JOÃO CURVO SEMEDO (1635-1719).

—— *Memorial = Memorial de varios simplices* [**1716**] in *Brasília* III (1946).

SILVA, I. A. C. = INÁCIO ACCIOLI DE CERQUEIRA E SILVA (1808-1865).

—— *Corografia Paraense = Corografia Paraense, ou Descripção Fisica, Historica, e Politica da Provincia do Gram-Para*: por Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva [...] Bahia na Typografia do Diario, **1833**.

SILVA, J. B. A.: v. BONIFÁCIO, JOSÉ.

SILVA, J. G. C.: v. JUVENAL GALENO.

SILVEIRA, S. E. = SIMÃO ESTÁCIO DA SILVEIRA.

—— *Carta = Carta* [**1618**] [Publicada in ABN, XXVI, 1905, págs. 361-366].

—— *Relação do Maranhão = Relação Sûmaria das cousas do Maranhão.* Escrita pello Capitão Symão Estacio da Silveira [...] Em Lisboa [...] Por Geraldo da Vinha. Anno de **1624**.

SIMÕES LOPES = JOÃO SIMÕES LOPES NETO (1865-1916).

—— *Lendas do Sul* = J. Simões Lopes Netto, *Lendas do Sul.* Echenique e C. Editores, Pelotas, **1913**.

SOARES, F. = Padre FRANCISCO SOARES (*c*1560-1597).

—— *Coisas Notáveis do Brasil = Coisas Notáveis do Brasil.* Volume I. Reprodução fac-similar dos manuscritos quinhentistas da Biblioteca da Real Academia de La Historia de Madrid [ms. M, de *c***1590**], e da Biblioteca da Universidade de Coimbra [ms. C, de *c***1594**]. Edição preparada por A. G. Cunha. Volume 6 da Coleção DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUÊSA — TEXTOS E VOCABULÁRIOS, do Instituto Nacional do Livro. Rio de Janeiro, 1966 [Nas transcrições citaram-se os nºs. das linhas dos manuscritos, de acordo com o critério de numeração adotado na edição].

SOTOMAIOR, J. = Padre JOÃO DE SOTOMAIOR (1623-1656).

—— *Jornada ao Pacajá = Jornada ao Pacajá* [**1656**] [Publicada in DAP, Nº VIII, 1945, págs. 1-8].

SOUSA, A. G. T.: v. TEIXEIRA E SOUSA.

SOUSA, C. X. A. = CÂNDIDO XAVIER DE ALMEIDA E SOUSA (1748-1831).

—— *Descobr. do Rio Igurehi* = Cópia da parte que deo o capitão de

granadeiros Candido Xavier de Almeida e Souza. Sobre o *Descobrimento do Rio Igurehi*. Em 22 de Setembro de 1783] [Publicado na RIH, XVIII, 1855, págs. 254-262].

SOUSA, G. S. = GABRIEL SOARES DE SOUSA (*c*1540-1592).

—— *Notícia do Brasil* = Gabriel Soares de Sousa, *Notícia do Brasil* [1587]. Introdução, comentários e notas pelo Professor Pirajá da Silva. 2 tomos. Livraria Martins Editôra, São Paulo [Consultou-se, também, a seguinte edição: *Brasiliensia Documenta*. Moderatore et Auctore Edgard de Cerqueira Falcão. VII — Gabriel Soares de Sousa, *Notícia do Brasil*. Comentários e notas de Varnhagen, Pirajá da Silva e Edelweiss. São Paulo, 1974].

SOUSA, H. M. I.: v. INGLÊS DE SOUSA.

SOUSA, N. J. R. = Padre NICOLINO JOSÉ RODRIGUES DE SOUSA.

—— *Diário* = *Diário das tres viagens* [1876, 1877 e 1882] do Rev.^{mo} Padre Nicolino José Rodrigues de Sousa *ao Rio Cumaná*. Ministério da Agricultura. Conselho Nacional de Proteção aos Índios. Publicação nº 91. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1946 [Cópia executada pelo CNPI em 1942 do manuscrito único redigido pelo sacerdote e pertencente à biblioteca particular do Sr. General Cândido M. S. Rondon].

SOUSA, P. L. = PERO LOPES DE SOUSA (1500-*c*1539).

—— *Diário* = *Diário da Navegação* de Pero Lopes de Sousa (de 1530 a 1532) commentado por Eugenio de Castro: 1º vol., Rio de Janeiro, Typographia Leuzinger, 1927; 2º vol., Rio de Janeiro, 1940 (2ª ed.) [No 2º vol. vem reproduzido em fac-símile o códice quinhentista da Bibliotheca da Ajuda].

TAUNAY = ALFREDO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY (1843-1899).

—— *Histórias Brasileiras* = *Historias Brazileiras*, por Sylvio Dinarte (Autor da Mocidade de Trajano, Lagrimas do Coração, Innocencia, etc.) Rio de Janeiro, Editor — B. L. Garnier, 1874.

—— *Inocência* = *Innocencia* [1872], por Sylvio Dinarte (Escragnolle Taunay) Autor da Mocidade de Trajano, Céos e Terras do Brazil, etc. 2ª Edição. Rio de Janeiro, Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1884.

—— *Narrativas Militares* = *Narrativas Militares* (scenas e typos), por Silvio Dinarte (A. d'E. T.). Autor da Mocidade de Trajano, Innocencia, Historias Brazileiras, Etc. Rio de Janeiro, B. L. Garnier Livreiro-Editor, 1878.

—— *No Declínio* = Visconde de Taunay, *No Declínio* (Romance Contemporaneo). Rio de Janeiro, Ribeiro, Macedo, & C., 1899.

—— *O Encilhamento* = Heitor Malheiros [pseudônimo] *O Encilhamento*. Scenas contemporaneas da Bolsa em 1890, 1891 e 1892. Rio de Janeiro, Domingos de Magalhães — Editor, Livraria Moderna. 2 volumes. 1894-1895.

TÁVORA, F. = JOÃO FRANKLIN DA SILVEIRA TÁVORA (1842-1888).

—— *Lourenço* = *Lourenço* [1881] Chronica Pernambucana, por Franklin Tavora. Nova Edição. H. Garnier, Livreiro-Editor, Rio de Janeiro-Paris, 1902.

—— *O Cabeleira* = *O Cabelleira* — Historia Pernambucana por Franklin Tavora. Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1876.

—— *O Matuto* = *O Matuto*. Chronica Pernambucana, por Franklin Tavora. Rio de Janeiro, Typographia Perseverança, 1878.

—— *Um Casamento no Arrabalde* = *Um Casamento no Arrabalde* [1869]. Historia do Tempo em Estylo de Casa, por Franklin Tavora — Nova Edição. H. Garnier, Livreiro, Editor, Rio de Janeiro-Paris, 1903.

TEIXEIRA, B. = BENTO TEIXEIRA (*c*1561-1600).

—— *Prosopopéia* = Bento Teixeira, *Prosopopéia*. Com introdução, estabelecimento do texto e comentários por Celso Cunha e Carlos Duval. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1972 [Esta edição é enriquecida com a reprodução integral, em fac-símile, do texto da 1ª ed., publicada em Lisboa em 1601].

TEIXEIRA E SOUSA = ANTÔNIO GONÇALVES TEIXEIRA E SOUSA (1812-1861).

—— *O Filho do Pescador* = *O Filho do Pescador* [1843]. Romance Brasileiro. Original por A. G. Teixeira e Sousa. Rio de Janeiro, Typographia de F. de Paula Brito, 1856.

TRAVAÇOS, S. = Padre SIMÃO TRAVAÇOS (*c*1543-1618).

—— *Declaração do Brasil* = *Liuro primeiro em que se declara toda a costa, e pouoaçoens do estado do Brazil c*1596 [Utilizaram-se no *Dicionário*, na transcrição das passagens abonatórias, fotocópias do manuscrito quinhentista da biblioteca particular do Dr. J. J. Renoux, Rio de Janeiro. Nesse manuscrito, a *Declaração* estende-se do fólio 1 *reto* ao fólio 40 *reto*, e é subdividida em cinqüenta capítulos].

—— *Sumário das Armadas* = *Summario das Armadas que se fizerão & guerras que se derão na conquista do rio Parahiba* scripto e feito por mandado do m^{to} r^{do} p^{e} em Christo o p^{e} Christouão de gouuea uisitador da Companhia de Iesu de toda a prouincia do Brasil *c*1587 [fls. 41-79 do manuscrito anteriormente citado. O *Sumário*, nesse manuscrito, é precedido de um proêmio, e subdividido em vinte e quatro capítulos. Cumpre observar que a numeração original dos capítulos foi alterada, devendo-se atribuir a alteração ao fato de esse texto, no referido manuscrito, seguir-se imediatamente à *Declaração*. O capítulo 1 passou a 51, o 2 a 52,... o 24 passou a 74. No *Dicionário* adotou-se a numeração original dos capítulos].

VARELA = LUÍS NICOLAU FAGUNDES VARELA (1841-1875).

—— *Anchieta* = *Anchieta ou O Evangelho nas Selvas*. Poema de L. N. Fagundes Varela. Rio de Janeiro, Livraria Imperial de E. G. Possolo, Editor, 1875.

—— *Cantos do Ermo e da Cidade* = *Cantos do Ermo e da Cidade* [1869] por Luiz N. Fagundes Varella. Segunda Edição. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, Livreiro-Editor, 1880.

—— *Obras Completas* = *Obras Completas* de L. N. Fagundes Varella. Edição organisada e revista, e precedida de uma noticia biographica por Visconti Coaracy e de um estudo critico pelo Dr. Franklin Tavora. 3 vols. Rio de Janeiro, H. Garnier, livreiro-editor, 1896.

VASCONCELOS, S. = Padre SIMÃO DE VASCONCELOS (*c*1596-1671).

—— *Coisas do Brasil* = *Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil*: [...] *e alguãs noticias antecedentes curiosas, & necessarias das cousas daquelle Estado*, pello padre Simão de Vasconcellos da mesma Companhia [...] Lisboa. Anno M.DC.LXIII. (1663).

—— *Cr. Comp. Jesus no Brasil* in *o.c.*

VELOSO, J. = Frei JOSÉ MARIANO DA CONCEIÇÃO VELOSO (*c*1742-1811).

—— *Aviário Brasílico* = *Aviario Brasilico, ou Galleria Ornithologica das Aves Indigenas do Brasil* [...] por Fr. José Mariano da Conceição Velloso. Lisboa, na Officina da Casa Litteraria do Arco do Cego. Anno de MDCCC. (1800).

VERAS, H. C.: v. CAMPOS, H.

VERÍSSIMO, J. = JOSÉ VERÍSSIMO DIAS DE MATOS (1857-1916).

—— *A Pesca na Amazônia* = *A Pesca na Amazonia*, por José Verissimo. Livraria Classica de Alves & C., Rio de Janeiro, 1895.

—— *Cenas da Vida Amazônica* = José Veríssimo, *Scenas da Vida Amazonica* [1886] Nova Edição. Rio de Janeiro, Laemmert & C., 1899.

VIEIRA, A. = Padre ANTÔNIO VIEIRA (1608-1697).

—— *Cartas* = *Cartas* do Padre António Vieira. Coordenadas e anotadas por J. Lúcio d'Azevedo. 3 tomos. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925-1928 [Contém esta edição 718 cartas de Vieira. Foram lidas, também, as 9 cartas publicadas, em 1940, por S. Leite: *Novas Cartas Jesuíticas – de Nóbrega a Vieira.*]

II

OBRAS DE REFERÊNCIA

ABREU — ABREU (Capistrano de), *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*. Rio de Janeiro, 1930.
—— *Capitulos de Historia Colonial*. Rio de Janeiro, 1934.
—— *Descobrimento do Brasil*. Rio de Janeiro, 1929.

ARVEILLER — ARVEILLER (Raymond), *Contribution à l'étude des termes de voyage en français (1505-1722)*. Paris, 1963.

AULETE — AULETE (Francisco Júlio Caldas), *Diccionario contemporaneo da lingua portugueza*. Lisboa, 1881, 2 vols.

—— 5ª ed. [= 2ª ed. brasileira] Rio de Janeiro, 1970, 5 vols.

AYROSA — AYROSA (Plínio), *Termos tupis no português do Brasil*. São Paulo, 1937.

BARBOSA, A. L. — BARBOSA (A. Lemos), *Curso de tupi antigo; gramática, exercícios, texto*. Rio de Janeiro, 1956.
—— *Pequeno vocabulário tupi-português*. 3ª ed. Rio de Janeiro, 1967.
—— *Pequeno vocabulário português-tupi*. Rio de Janeiro, 1970.

BÁRCZI — BÁRCZI (Géza), *Magyar Szófejtõ Szotár*. Budapest, 1941.

BASLER: V. SCHULZ-BASLER

BASTOS — BASTOS (J. T. Silva), *Diccionario etymologico, prosodico e orthographico da lingua portugueza*. 2ª ed. Lisboa,. 1928.

BEAUREPAIRE-ROHAN — BEAUREPAIRE-ROHAN (Tenente-General Visconde de), *Diccionario de vocabulos brazileiros*. Rio de Janeiro, 1889.

BF — *Boletim de Filologia*. Publicado pelo Centro de Estudos Filológicos. Lisboa, 1932-.

BFR — *Boletim de Filologia*. Publicação trimestral das edições Dois Mundos. Brasil/Portugal. Rio de Janeiro, 1946-.

BLOCH-WART. — BLOCH (Oscar) et WARTBURG (Walther von), *Dictionnaire étymologique de la langue française*. 2ᵉ éd. refondue par W. von Wartburg. Paris, 1950.
—— 5ᵉ éd. rev. et augm. par W. von Wartburg. Paris, 1968.
—— 6ᵉ éd. Paris, 1975.

BLUTEAU — BLUTEAU (Rafael), *Vocabulario portuguez e latino*. 8 vols. em fol. e 2 de *Suplemento*. Coimbra-Lisboa, 1712-1728.

BOLÉO — BOLÉO (Manuel de Paiva), *Introdução ao estudo da filologia portuguesa*. Lisboa, 1946.

BOULAN — BOULAN (Henri René), *Les Mots d'origine étrangère en français (1650-1700)*. Amsterdam, 1984.

CALMON — CALMON (Pedro), *História do Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro, 1959, 7 vols.

CARDOSO, A. L. — CARDOSO (Armando Levy), *Amerigenismos*. Tomo I. Rio de Janeiro, 1961.

CARDOSO, JERÔNIMO — HIERONYMI CARDOSI LAMACENSIS *Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem*. Vlissypone. Ex officina Ioannis Aluari typographi Regij. M.D.LXII.

CARVALHO — CARVALHO (João de Paiva), "Comentários sobre os peixes mencionados na obra 'História dos animais e árvores do Maranhão' de frei Cristóvão de Lisboa". *Arquivos da Estação de Biologia Marinha da Universidade do Ceará*. Fortaleza, Ceará, *4* (1): 1-39, jun. 1964.

CASANOVAS — CASANOVAS (Carlos Francisco de Freitas), *Provérbios e frases proverbiais do século XVI*. Rio de Janeiro, 1973.

CASARES — CASARES (Julio), *Introducción a la lexicografía moderna*. Madrid, 1950.

CASCUDO — CASCUDO (Luís da Câmara), *Dicionário do folclore brasileiro*. 3ª ed. rev. e aum. Brasília, 1972, 2 vols.

CASTRO — CASTRO (Eugênio de), *Geografia linguistica e cultura brasileira*. Rio de Janeiro, 1937.

Cent. Dict. — *The Century Dictionary. An encyclopedic lexicon of the English Language*. Prepared under the superintendence of W. D. Whitney. New York, 1889-1891, 10 vols.

COELHO — COELHO (Francisco Adolfo), *Diccionario manual etymologico da lingua portuguesa*. Lisboa (1890).

CONSTÂNCIO — CONSTÂNCIO (Francisco Solano), *Novo diccionario critico e etymologico da lingua portugueza*. Paris, 1836.

COROMINAS — COROMINAS (Joan), *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*. Madrid, 1954-1957, 4 vols.
—— *Breve diccionario etimológico de la lengua castellana*. Madrid. 1961.

CORREIA — CORREIA (Manuel Pio), *Diccionario das plantas uteis do Brasil e das exoticas cultivadas*. Vol. I (A-Cap), vol. II (Car-E), vol. III (F-G), vol. IV (H-L), vol. V (M-R), vol. VI (S-Z) — Rio de Janeiro, 1926-1975.

COSTA, F. A. P.: v. PEREIRA DA COSTA.

DALGADO — DALGADO (Sebastião Rodolfo), *Glossário luso-asiático*. Coimbra, 1919-1921, 2 vols.

DAUZAT — DAUZAT (Albert), *Dictionnaire étymologique de la langue française*. 10ᵉ éd. 11ᵉ tir. Paris, 1954.
—— DAUZAT (Albert), DUBOIS (Jean), MITTERAND (Henri), *Nouveau dictionnaire étymologique et historique*. 3ᵉ éd. rev. et corr. Paris, 1973.

DEI — BATTISTI (Carlo), ALESSIO (Giovanni), *Dizionario etimologico italiano*. Firenze, 1950-1957, 5 vols.

DEROY — DEROY (Louis), *L'emprunt linguistique*. Paris, 1956.

DEVOTO-OLI — DEVOTO (Giacomo) & OLI (Gian Carlo), *Dizionario della lingua italiana*. Firenze, 1971.

Dic. Acad. Scienc. — Academia Real das Sciencias de Lisboa. *Diccionario da lingua portuguesa*. Tomo I, A. Lisboa, 1793.

Dic. Hist. Esp. — *Diccionario histórico de la lengua española*. Seminario de lexicografia [dirigido por] Julio Casares. Madrid, 1960-.

Dic. Leng. Esp. — Real Academia Española. *Diccionario de la lengua española*. 19ª ed. Madrid, 1970.

Dic. Melhoramentos — *Grande Dicionário Brasileiro Melhoramentos*. 8ª ed. revista e ampliada. São Paulo, 1975, 5 vols.

Dict. Gén. — HATZFELD (Adolphe), DARMESTETER (Arsène), *Dictionnaire général de la langue française du commencement du XVII*ᵉ *siècle jusqu'à nos jours*. 9ᵉ éd. Paris, 1932, 2 vols.

EDELWEISS — EDELWEISS (Frederico G.), *Estudos tupis e tupi-guaranis; confrontos e revisões*. Rio de Janeiro, 1969.

Encicl. Delta-Lar. — *Grande enciclopédia Delta-Larousse*. Rio de Janeiro, 1970, 12 vols.

Encicl. Mirador — *Enciclopédia Mirador Internacional*. São Paulo, Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda., 1975, 20 vols.

Encycl. Brit. — *Encyclopaedia Britannica*. Chicago, Encyclopaedia Britannica, Inc., 1974, 30 vols.

ENGLER — *A. Engler's Syllabus der Pflanzenfamilien*. Zwölfte, völlig neugest. Aufl. von Prof. Dr. Hans Melchior und Prof. Dr. Erich Werdermann. Berlin, 1954-1964, 2 vols.

FERREIRA — FERREIRA (Aurélio Buarque de Holanda), *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, 1975.

FIGUEIREDO — FIGUEIREDO (Cândido de), *Nôvo diccionário da língua portuguêsa*. Lisboa, 1899, 2 vols.
—— 4ª ed., corr. e ampl. Lisboa, 1926, 2 vols.

FRANCK — FRANCK (J.), *Etymologisch Woordenboek der nederlandsche Taal* [3ª ed. corr. e ampl. por N. van Wijk e com um Suplemento de C. B. van Haeringen] S-Gravenhage, 1949.

FREIRE — FREIRE (Laudelino), *Grande dicionário da língua portuguesa*. Organizado por Laudelino Freire com a colaboração técnica do prof. J. L. de Campos. Rio de Janeiro, 1939-1944, 5 vols.

FRIEDERICI — FRIEDERICI (Georg), *Amerikanistisches Wörterbuch*. Hamburg, 1947.

GARCIA — GARCIA (Rodolfo), *Glossário das palavras e frases da lingua tupi*. Rio, 1919.
—— *Diccionario de brasileirismos*. Rio de Janeiro, 1915.

GAYA: v. GILI GAYA

GILI GAYA — GILI GAYA (Samuel), *Tesoro lexicografico (1492-1726)*. Madrid, 1960-.

GONÇALVES VIANA — GONÇALVES VIANA (Aniceto dos Reis), *Apostilas aos dicionários portugueses*. Lisboa, 1906, 2 vols.
—— *Ortografia nacional*. Lisboa, 1904.
—— *Palestras filológicas*. 2ª ed. Lisboa, 1931.

GRZIMEK — *Grzimeks Tierleben. Enzyklopädie des Tierreiches*, herausgegeben von Bernhard Grzimek. Kindler Verlag AG. Zürich, 1971, 15 vols.

GUIRAUD — GUIRAUD (Pierre), *Problèmes et Méthodes de la statistique linguistique*. Paris, 1960.

HELLQUIST — HELLQUIST (Elof), *Svensk etymologisk ordbok*. 3ª ed. Lund, 1948, 2 vols.

HEYSE — *Dr. J. C. A. Heyse's allgemeines verdeutschendes und erklärendes Fremdwörterbuch*. 16ª ed. Hannover, 1879.

Hist. Col. Port. — *História da colonização portuguesa do Brasil*. Ed. monumental comemorativa do primeiro centenário da independência do Brasil... Porto, 1921-1924, 3 vols.

HOUAISS — HOUAISS (Antônio), *Elementos de bibliologia*. Rio de Janeiro, 1967, 2 vols.

Ibérida — *Ibérida*. Revista de Filologia Ibero-Americana. Rio de Janeiro, 1959-.

IHERING — IHERING (Rodolfo von), *Dicionário dos animais do Brasil*. São Paulo, 1968.

JUCÁ FILHO — JUCÁ FILHO (Cândido), *Gramática histórica do português contemporâneo*. Rio, 1945.

KLUGE — KLUGE (Friedrich), GÖTZE (Alfred), *Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache*. 14 unvärenderte Auflage. Berlin, 1948.
—— 15, völlig neubearbeitete Auflage. Berlin, 1951.
—— 20 Auflage bearbeitete von Walther Mitzka. Berlin, 1967.

KÖNIG — KÖNIG (Karl), *Überseeische Wörter im Französischen (16-18 Jahrhundert)*. Halle, 1939.

Lar. lang. fr. — *Grand Larousse de la langue française*. Tome I (A-Cip); tome II (Cir-Ery); tome III (Es-Inc); tome IV (Ind-Ny). Paris, 1971-1975.

Letras — *Letras*. Revista dos Cursos de Letras da Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná. Curitiba, 1954-.

Littera — *Littera*. Revista para professor de português e de literaturas de língua portuguesa. Rio de Janeiro, 1971-.

LOKOTSCH — LOKOTSCH (Karl), *Etymologisches Wörterbuch der Amerikanischen (Indianischen) Wörter im Deutschen*. Heidelberg, 1926.
—— *Etymologisches Wörterburch der europäischen (germanischen, romanischen und slavischen) Wörter orientalischen Ursprungs*. Heidelberg, 1927.

MACEDO SOARES — MACEDO SOARES (Antônio Joaquim de), *Dicionário brasileiro da língua portuguêsa*. Coligido, revisto e completado por seu filho Julião Rangel de Macedo Soares. Rio de Janeiro, 1954-1955, 2 vols.

MACHADO — MACHADO (José Pedro), *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 1ª ed. Lisboa, 1952-1959, 2 vols.
—— 2ª ed. Lisboa, 1967-1978, 3 vols.

MAGNE — MAGNE (Augusto), *Dicionário da língua portuguesa, especialmente dos períodos medieval e clássico*. Vol. I (A-Af). Rio de Janeiro, 1950. Vol. II, tomo I (Ag-Al), Rio de Janeiro, 1954.

MATHEWS — MATHEWS (Mitford M.), *A dictionary of americanisms, on historical principles*. Second impression. Chicago, 1956.

MATORÉ — MATORÉ (Georges), *La Méthode en lexicologie*. Paris, 1953.
—— *Histoire des dictionnaires français*. Paris, 1968.

MCGRAW-HILL — *McGraw-Hill Encyclopedia of science and technology*. New York, 1971, 15 vols.

MELO — MELO (Gladstone Chaves de), *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro, 1946.

MENDONÇA — MENDONÇA (Renato), *A influência africana no português do Brasil*. 2ª ed. São Paulo, 1935.

MIGL.-DURO — MIGLIORINI (Bruno), DURO (Aldo), *Prontuario etimologico della lingua italiana*. Torino, 1950.

MORAIS — MORAIS SILVA (Antônio de), *Diccionario da lingua portugueza*. 2ª ed. Lisboa, 1813, 2 vols.
—— 10ª ed. rev., corr. muito aumentada e actualizada. Lisboa [1948] 12 vols.

MULLER — MULLER (Charles), *Initiation à la statistique linguistique*. Paris, 1968.

NASCENTES — NASCENTES (Antenor), *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, 1932.
—— IDEM, vol. II (nomes próprios). Rio de Janeiro, 1952.
—— *Dicionário etimológico resumido*. Rio de Janeiro, 1966.

NEIVA — NEIVA (Artur), *Estudos da língua nacional*. São Paulo, 1940.

OED — *The Oxford english Dictionary, being a corrected re-issue, with an introduction, supplement and bibliography, of A new english dictionary on historical principles, founded mainly on the materials collected by the Philological Society and edited by* James A. H. Murray, Henry Bradley, W. A. Craigie, C. T. Onions. Oxford, at the Clarendon Press, 1933 (12 vols. + 1 vol. de Suplemento).
—— *A Supplement to the Oxford English Dictionary*. Edited by R. W. Burchfield. Vol. I (A-G). Oxford, at the Clarendon Press, 1972.

PALMER — PALMER (Philip Motley), *Neuweltwörter im Deutschen*. Heidelberg, 1939.

PEREIRA — PEREIRA (Bento), *Thesouro da lingoa portuguesa*. Lisboa, 1647.

PEREIRA DA COSTA — PEREIRA DA COSTA (F.A.), *Vocabulário pernambucano*. Separata do vol. XXXIV da RIHP. Recife, 1937.

PINTO — PINTO (Pedro A.), *Os Sertões de Euclides da Cunha. Vocabulário e notas lexicológicas*. Rio de Janeiro, 1930.

PRATI — PRATI (Angelico), *Vocabolario etimologico italiano*. Garzanti. Torino, 1951.

PROENÇA — PROENÇA (Manuel Cavalcanti), *Roteiro de Macunaíma*. 3ª ed. Rio de Janeiro, 1974.

QUEIROZ — QUEIROZ (Maria José de), *Do indianismo ao indigenismo nas letras hispano-americanas*. Belo Horizonte, 1962.

RAIMUNDO — RAIMUNDO (Jacques), *O elemento afronegro na lingua portuguesa*. Rio, 1933.

RAL — *Revista da Academia Fluminense de Letras*. Niterói, 1949-.

RBF — *Revista Brasileira de Filologia*. Rio de Janeiro, 1955-1961, 6 vols.

RF — *Revista Filológica*. Rio de Janeiro, 1940-1944 (nºs 1-29).

RFH — *Revista de Philologia e de Historia*. Rio de Janeiro, 1931-1934, 2 tomos.

RL — *Revista do Livro*. Órgão do Instituto Nacional do Livro. Rio de Janeiro, 1956-.

ROBERT — ROBERT (Paul), *Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Paris, 1970, 6 vols.
—— *Supplément*, Paris, 1970, 1 vol.

RODRIGUES — RODRIGUES (Aryon Dall'Igna), *Contribuição para a etimologia dos brasileirismos* in RPF IX. (1958) págs. 1-54.

RP — *Revista de Portugal. Série A. Língua Portuguesa*. Lisboa, 1942-.

RPF — *Revista Portuguesa de Filologia*. Coimbra, 1947-.

SAID ALI — SAID ALI (Manuel), *Grammatica historica da lingua portugueza*. 2ª ed. aumentada e melhorada. São Paulo, s.d.
—— *Meios de expressão e alterações semânticas*. 2ª ed. Rio de Janeiro, 1951.

SAMPAIO — SAMPAIO (Teodoro), *O tupi na geografia nacional*. 3ª ed. Bahia, 1928.

SANTOS — SANTOS (Eurico), *Nossos peixes marinhos (vida e costumes dos peixes do Brasil)*. Rio de Janeiro, 1952.
—— *O mundo dos artrópodes*. Rio de Janeiro, 1959.
—— *Os insetos (vida e costumes)*. Rio de Janeiro, 1961.
—— *Os moluscos (vida e costumes)*. Rio de Janeiro, 1955.
—— *Pássaros do Brasil (vida e costumes)*. 3ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro, 1960.
—— *Peixes de água doce (vida e costumes dos peixes do Brasil)*. Rio de Janeiro, 1962.

SCHULZ-BASLER — SCHULZ (Hans)-BASLER (Otto), *Deutsches Fremdwörterbuch*. Vol. I (A-K), Strassburg, 1918. vol. II (L-P), Berlin, 1942.

SERJEANTSON — SERJEANTSON (Mary S.), *A history of foreign words in English*. Second impression. London, 1961.

SILVA, A. M.: v. MORAIS

SILVA JUNIOR — SILVA JUNIOR (M. Pacheco da), *Grammatica historica da lingua portuguesa*. Rio de Janeiro, 1878.

—— *Noções de Semantica*. Rio de Janeiro, 1908.

SILVA NETO — SILVA NETO (Serafim da), *História da língua portuguêsa*. Rio de Janeiro, 1952-1957.

—— *Manual de filologia portuguesa*. 2ª ed. melhorada e acrescentada. Rio de Janeiro, 1957.

SILVEIRA, A. F. S.: v. SOUSA DA SILVEIRA.

SKEAT — SKEAT (Walter W.), *An etymological dictionary of the english language*. New edition revised and enlarged (= 4ª ed., 1910). Oxford, 1924.

SOUSA DA SILVEIRA — SOUSA DA SILVEIRA (Álvaro Ferdinando de), *Lições de português*. 6ª ed. melhorada, rev. crítica, em consulta com o A., pelo prof. Maximiano de Carvalho e Silva. Rio de Janeiro, 1960.

SOUZA — SOUZA (Bernardino José de), *Dicionário da terra e da gente do Brasil*. 5ª edição da "Onomástica geral da Geografia Brasileira". São Paulo, 1961.

TASTEVIN — TASTEVIN (Constantin), *Gramática tupi*. São Paulo, 1923.

TESCHAUER — TESCHAUER (Carlos), S. J., *Novo Diccionario Nacional*. IIª ed. (das tres series de vocabulos brasileiros) muito augmentada. Porto Alegre, 1928.

TLF — *Trésor de la langue française. Dictionnaire de la langue du XIXe et du XXe siècle (1789-1960)*. Publié sous la direction de Paul Imbs. Tome premier (A-Affiner); tome deuxième (Affinerie-Anfractuosité); tome troisième (Ange-Badin); tome quatrième (Badinage-Cage). Paris, 1971-1975.

TRÜBNER — *Trübners deutsches Wörterbuch*. Berlin, 1939-1957, 8 vols.

UREÑA — UREÑA (Pedro Henríquez), *Para la historia de los indigenismos*. Buenos Aires, 1938.

VALKHOFF — VALKHOFF (Marius), *Étude sur les mots français d'origine néerlandaise*. Amersfoort, 1931.

VARNHAGEN — VARNHAGEN (Francisco Adolfo de), *História geral do Brasil, antes da sua separação e independência de Portugal*. Revisão e notas de Rodolfo Garcia. 4ª ed. São Paulo, 1951, 5 vols.

VASMER — VASMER (Max), *Russisches etymologisches Wörterbuch*. Heidelberg, 1950-1958, 3 vols.

VIANA: v. GONÇALVES VIANA.

VIEIRA — VIEIRA (Frei Domingos), *Grande diccionario portuguez ou Thesouro da lingua portugueza*. Porto, 1871-1874, 5 vols.

VITERBO — VITERBO (Joaquim de Santa Rosa de), *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram...* Ed. crítica... por Mário Fiúza. Porto, 1965-1966, 2 vols.

VLB — *Vocabulário na língua brasílica*. 2ª ed. revista e confrontada com o Ms. fg. 3144 da Bibl. Nacional de Lisboa, por Carlos Drumond. 1º vol. (A-H), Boletim nº 137 da Faculd. de Filos., Ciências e Letras da Univ. de São Paulo, São Paulo, 1952; 2º vol. (I-Z), Boletim nº 164 da Faculd. de Filos., Ciências e Letras da Univ. de São Paulo, São Paulo, 1953.

Voc. Ort. Acad. — Academia das Ciências de Lisboa. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. Lisboa, 1940.

WAGNER — WAGNER (Max Leopold), *Dizionario etimologico sardo*. Heidelberg, 1960-1964, 3 vols.

WALKER — WALKER (Ernest P.) et al., *Mammals of the world*. 2ª ed. rev. by John L. Paradiso. Baltimore, 1968, 2 vols.

WEBSTER — *Webster's third international dictionary of the English language unabridged with seven language dictionary*. Chicago, Encyclopaedia Britannica [c1966] 3 vols.

WEEKLEY — WEEKLEY (Ernest), *An etymological dictionary of modern english*. London, 1921.

WIND — WIND (Bartina Harmina), *Les mots italiens introduits en français au XVIe siècle*. Deventer, 1928.

ZGUSTA — ZGUSTA (Ladislav), *Manual of lexicography*. Academia, Publishing House of the Czechoslovak Academy of Sciences, 1971.

ABREVIATURAS

a (como em *a*1576)	= *ante* (antes de).
abon.	= abonação, -ações.
adj.	= adjetivo.
adv.	= advérbio, -ial.
al.	= alemão.
ant.	= antigo.
c (como em *c*1631)	= *circa* (cerca de).
cap.	= capítulo.
cast.	= castelhano.
cf.	= confira.
cód.	= códice.
cp.	= compare.
doc(s)	= documento(s).
ed.	= edição.
esp.	= espanhol.
fl(s)	= folha(s), fólio(s).
fr.	= francês.
i.	= *id est* (isto é).
Ib.	= *Ibidem* (na mesma [obra]).
ing.	= inglês.
Intr.	= Introdução.
it.	= italiano.
lat.	= latim.
l.c.	= *loco citato* (no lugar citado).
loc.	= locução.
ms.	= manuscrito.
nº	= número.
obs.	= observação.
o.c.	= *opus citatum* (obra citada).
p (como em *p*1821)	= *post* (depois de).
pág(s).	= página(s).
pl.	= plural.
port.	= português.
pref.	= prefixo.
Pref.	= Prefácio.
Pról.	= Prólogo.
q.v.	= *quod vide* (veja isso).
sc., scil.	= *scilicet* (a saber).
s.d.	= *sine data* (sem data).
séc(s).	= século(s).
s.f.	= substantivo feminino.
sing.	= singular.
s.m.	= substantivo masculino.
suf.	= sufixo.
s.v.	= *sub voce* (na palavra).
T.	= Tupi.
v.	= veja.
v. (depois do nº do fólio)	= verso.
var(s).	= variante(s).
vb.	= verbo.
voc(s).	= vocábulo(s).
vol(s).	= volume(s).

SINAIS CONVENCIONAIS

|| — Indica que o vocábulo que se lhe segue é de difícil identificação (v. Intr. 2.1.1).
/ — Indica a separação de dois versos consecutivos nas transcrições de trechos de poesias (v. Intr. 3.4.6).
° — Indica que a palavra que se lhe segue não está documentada e é, portanto, uma forma hipotética, reconstituída (v. Intr. 2.5.5).
> — Indica que o vocábulo que o precede é o étimo do que se lhe segue.
< — Indica que o vocábulo que o precede deriva do que se lhe segue.
\+ — Indica a união de dois vocábulos (ou de um vocábulo e um elemento morfemático) para a formação de um novo vocábulo.
→ — Indica que o vocábulo que o precede interferiu na formação do que se lhe segue.
⇌ — Indica interferência mútua de um vocábulo sobre outro.
~ — Particularmente nas notas etimológicas que integram os verbetes, separa períodos de conteúdos temáticos distintos.
[...] — Indica trecho suprimido nas passagens abonatórias transcritas (v. Intr. 3.4.8.2).
[ ] — Registram-se entre colchetes: 1º) as notas etimológicas que integram os verbetes (v. Intr. 2.5); 2º) os acréscimos elucidativos nas transcrições das passágens abonatórias (v. Intr. 3.4.8.3 a 3.4.8.7); 3º) as passagens abonatórias em língua estrangeira, as quais constituem documentação indireta do vocábulo em estudo (v. Intr. 3.4.8.8); 4º) as passagens abonatórias em que se documentam termos do vocabulário onomástico, as quais constituem documentação indireta do vocábulo em estudo (v. Intr. 3.4.8.9).
(...) — Indica trecho suprimido nas passagens abonatórias que foram inseridas entre colchetes, como as que foram anteriormente referidas.
( ) — Registraram-se entre parênteses os acréscimos elucidativos nas passagens abonatórias que foram inseridas entre colchetes, como as que foram mais acima mencionadas.

RECAPITULAÇÃO DAS SIGLAS

A correspondência de cada uma destas siglas foi também referida, com mais minúcia, na primeira ou na segunda parte da Bibliografia; o asterisco indica que a sigla consta da segunda parte.

ABAP = *Anais da Biblioteca e Arquivo Público do Pará.*
ABN = *Anais da Biblioteca Nacional.*
ACS = *Atas da Câmara do Município do Salvador.*
ACSP = *Atas da Câmara de S. Paulo.*
ADF = *Arquivo do Distrito Federal.*
BF° = *Boletim de Filologia* (de Lisboa).
BFR° = *Boletim de Filologia* (do Rio de Janeiro).
DAP = *Documentos dos Arquivos Portugueses que importam ao Brasil.*
DEI° = *Dizionario etimologico italiano*, de Battisti-Alessio.
DHA = *Documentos para a História do Açúcar.*
OED° = *The Oxford english Dictionary.*
PLMH = *Pauliceae Lusitana Monumenta Historica.*
RAL° = *Revista da Academia Fluminense de Letras.*
RAPM = *Revista do Arquivo Público Mineiro.*
RBF° = *Revista Brasileira de Filologia.*
RF° = *Revista Filológica.*
RFH° = *Revista de Philologia e de Historia.*
RIC = *Revista do Instituto do Ceará.*
RIH = *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.*
RIHP = *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano.*
RIHSP = *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo.*
RL° = *Revista do Livro.*
RP° = *Revista de Portugal.*
RPF° = *Revista Portuguesa de Filologia.*
TLF° = *Trésor de la langue française.*
VLB° = *Vocabulário na língua brasílica.*

A

abacatuaia *s.f.* Var.: 6 *auacatohaya* [< T. aụakatu'aịa ~ VLB II. 70: *Peixe galo* = Abacatuajaba].

Peixe de mar da família dos carangídeos, também conhecido por alfaquim, peixe-cavalo e peixe-galo.

*c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 166: Auacatohaya he peixe de hũ palmo os mais grandes he muito lago [*sic*] não tem escama e ninguem dira cenão que esta cuberto de prata e ha pouquo comer nele.

abacaxi *s.m.* Var.: 8 *abacachí*, 8-9 *abacaxi*, 9 *abacaxí* [< T. °ĩụaka'ti < ĩ'ụa 'fruta' + °ka'ti 'recendente' ~ VLB I. 144: *Fruita* = Igbâ].

Fruto carnoso, comestível, de uma planta cultivada da família das bromeliáceas; variedade do ananás.

Contrariamente ao que ocorre com o vocábulo ananás, o termo abacaxi não se documenta em nenhum dos textos de língua portuguesa dos sécs. XVI, XVII e XVIII relacionados na bibliografia.

1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 18: [...] os ananazes são em abundancia, e notam-se os *abacachis* mui grandes, e superiores aos de Cuba. [...]. **1869** B. Guimarães *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. vi. 98): — Itajuba, tuas fallas são mais doces para a minha alma do que os favos da jatahy, ou o succo delicioso do abacaxi. **1874** J. Alencar *Ubirajara* iv. 63: Fructas de varias especies, pencas douradas de banana, cachos rôxos de assahy, os rubros croás, e os fragrantes abacaxis enchiam o girão levantado no meio do terreiro. **1878** F. Távora *O Matuto* vi. 75: Ao longe, para os fins do sitio, viam-se os abacaxis ostentando garbosos, dentre suas touças louçãs, o distinctivo que na ordem vegetal a todos lembrava a insignia civil da realeza. **1895** Taunay *O Encilhamento* II. xxx. 183: Abundando no mercado, em tão amarga occasião, os assucarados *abacaxis*, chegavam os gaiatos e galopins de sempre, d'esses que chacoteiam até dos proprios infortunios, a propôr a barganha de dous ou tres saborosos fructos por um titulo privilegiado da *União Geral*! **1915** Lima Barreto *Policarpo Quaresma* II. i. 89: [...] calculou que cincoenta laranjeiras, trinta abacateiras, oitenta peceguеiros, outras arvores fructiferas, além dos abacaxis (que mina!) das aboboras e outros productos menos importantes, podiam dar o rendimento annual de mais de quatro contos, tirando as despezas. **1922** M. Andrade *Paulicea desvairada* 123: As franjadas flâmulas das bananeiras, | as esmeraldas das araras, | os rubis dos colibris, | os lirismos dos sabiás e das jandaias, | os abacaxis, as mangas, os cajus | almejam localizar-se triunfantemente, | na fremente celebração do Universal!... **1926** Coelho Neto *Feira Livre* 122: E o abacaxi? O abacaxi banca o importante porque tem corôa (como se as corôas valessem alguma coisa nesta era democratica em que os reis andam por ahi aos pontapés e as corôas, moedas, ainda valem menos que as reaes —). **1929** G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* xvii. 380: Para matar a sêde dos cantadores, dos berradores, os refrescos de côco, os gelados de limão e abacaxi. **1936** J. L. Rego *Usina* II. xiv. 223: Ao povo fazia dó destruir os sitios, que se crearam pelas margens do vertente. Os pobres viviam delles, das laranjas, dos abacaxis, das bananas, que vendiam nas feiras.

abaetê *s.m.* Var.: 5 *abaète*, 5, 8 *abaetê* [< T. aụae'te < a'ụa 'homem' + e'te 'verdadeiro, legítimo' ~ VLB I. 154: *Homẽ ou pessoa, a diferença de brutos* = Abâ. *Ib.* II. 144: *Uerdadeira cousa, contraria de contrafeita* = Etê].

Homem bom, varão ilustre, entre os indígenas: v. abon.

*c*1584 Cardim *Origem dos Índios do Brasil* fl. 9: Estas saõ as façanhas, honrras, ualentias, em q̃ estes gentios tomaõ nomes de [q̃] se prezaõ mujto, e ficaõ daly por diante Abaẽtes, Murubixaba, Moçacara, q̃ saõ titulos e nomes de caualr^os^. **1585** Idem *Informação* fl. 83*v.*: [...] a maior parte dos jndios q̃ daõ em sy cruelmente, e tem isto naõ somẽte por virtude, mas tambẽ por ualentia tirarẽ sangue de sy e serẽ Abaetẽ .i. ualentes. Idem *Ib.* fl. 90*v.*: Entre ellas uinha Martim afonso cõmendador de Christo Jndio antigo Abaetẽ, e moçacara .i. grande caualr^o^ e ualente [...]. **1865** J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, xvii. 103): Poty scismava. Em sua cabeça de mancebo morava o espirito de um abaetê. [*Nota do Autor, à pág. 219*] *Abaetê* — Varão abalisado; de *aba* — homem e *etê* — forte, egregio. **1874** Idem *Ubirajara* 171: [*Nota do Autor*] O governo da *taba* essencialmente democratico residia no conselho dos *moacaras*, entre os quaes predominava a experiencia dos anciões, que se chamavam *abarés* ou *abaetês*; isto é, varões eggregios.

abaeté *s.m.* [< T. aụae'te (aụai'te) ~ VLB II. 34: *Medonha cousa* = Abaete. *Ib.* II. 125: *Temerosa cousa como quer* = Abaete].

Medonho, temeroso; *por extensão*, homem terrível, feio, repulsivo.

Parece destituída de fundamento etimológico e algum tanto artificial a distinção entre *abaetê* com *-ê* e *abaeté* com *-é*, a qual se deve, indiscutivelmente, à intenção de distinguir dois termos flagrantemente antitéticos. V. abaetê.

*a*1696 G. Matos *Obras* (ed. 1969, IV. 841): Animal sem razão, bruto sem fé, | Sem mais Leis, que as do gôsto, quando erra, | De Paiaiá virou-se em Abaeté. |.

abaré *s.m.* Var.: 5 *abarê*, 5-8 *abaré* [< T. aụa're ~ VLB I. 75: *Clerigo oũ frade* = Abarê].

Designação que os indígenas davam aos padres, particularmente aos jesuítas.

[**1552** L. Nunes *Carta* in S. Leite *Cartas* I. (1956) 341-342: Díxome un hombre que de allá vino que una de las cosas en que más consolava los Carijós, era con les dizir que vinía a buscarme. Y allá me llaman Bareachú, que quiere dizir Padre sancto verdadero; (...) ~ O padre Serafim Leite, que examinou detidamente o ms. quinhentista, propôs a leitura *Bareachú*, que interpretou assim: *Bare* = abaré 'homem santo verdadeiro' e *achú* = açu 'grande'].

*c*1584 Cardim *Origem dos Índios do Brasil* fls. 10-10*v.*: Todas estas nações [*indígenas*] acima ditas, [...] tẽ a mesma lingoa. e nestes se faz a conuersaõ, e tem grande respeito aos padres da Comp^a^ e no sertaõ suspiraõ por elles, e lhe chamaõ Abarẽ, e Pay, [...]. **1585** Idem *Informação* fl. 82: [...] e lhe deu a cinza, dizendo q̃ assi faziaõ os Abarés .i. Padres e q̃ naõ auiaõ de ficar è tal solennidade sem cinza. **1608** L. Figueira *Relação do Maranhão* in S. Leite *Luiz Figueira* (1940) 122: [...] nos cõtarão como á hida para lá vestirão huã roupeta comprida a hũ dos seus, e puserão lhe hũa carapuça de rebuço fingindo cõ isto e

dizendo aos tapuyas que aquelle era abaré ou padre [...]. IDEM *Ib.* 135: [...] e como o mato ali era estreito logo sairão as roças limpas bradavão os nossos aos tapuyas que estivessem quedos que aquelle era o padre Abaré que os queria apaziguar e ensinar a boa vida [...]. IDEM *Ib.* 146: [...] ide vos outros ide e levay o Abaré que elle vos irá vender e destribuir a seus parentes e sereis todos escravos [...]. **1654** A. VIEIRA *Cartas* (ed. J. L. Azevedo, 1925, I. 395): [...] como [*os índios*] ouviram dizer que ia o Abaré, que quer dizer o Padre, e era cousa que não tinham visto falar em sua vida, e de quem tinham ouvido falar com grande respeito, fugiram e se esconderam nos matos. **1663** S. VASCONCELOS *Cr. Comp. Jesus no Brasil* III. § 15. 294: Punhalhes exemplo: Se nosoutros temos medo de nossos Payés (são seus feiticeiros,) & não ousamos offendellos; quanto mais o deuemos ter destes Abarés (assi chamaõ aos Padres) que são verdadeiros Payés, fallaõ com Deos, & nos lançaràõ (se quiserẽ) camaras de sangue, & febres malignas, com que todos morramos? **1752** M. FONSECA *Vida Pe. Belchior de Pontes* (ed. Melhoramentos, xxiv. 144): Tudo isto os movia a fazerem hum conceito taõ superior, ainda que digno de taes virtudes, que, querendo explicar com a língua, o que concebia o entendimento, lhe davaõ o honorifico titulo de Abaré Tupân, que val o mesmo que Padre Santo. **1761** JABOATÃO *Novo Orbe Seráfico Brasílico* I. II. 284: [...] e conhecendo os Indios este amor, que todo o seu dezejo era zelo do seu bem, todos o amavaõ, chamando-lhe *Pay Grande, Abaré Guaçú*, na sua lingua; [...]. **1856** D. MAGALHÃES *A Confederação dos Tamoyos* IX. 280: E a todos mui festiva ía dizendo: ! "Eis os dous Abarés nossos amigos! !. **1866** J. ALENCAR *As Minas de Prata* VI. i. 8: Abaré, o grande pagé dos Tupis, vendo seu povo expulso das formosas ribeiras de Paraguassú e Maragogipe pelo feroz emboaba; [...]. **1874** IDEM *Ubirajara* iv. 72: Muitas outras cousas referiu Jurandyr; e os anciões admiravam-se de vêr o juizo prudente de um abaré no corpo joven de tão forte guerreiro. IDEM *Ib.* viii. 139: Quando partia o cantor, chegaram á cabana de Itaquê, os abarês da nação tocantim. [*Nota do Autor, á pág. 171*] O governo da *taba* essencialmente democratico residia no conselho dos *moacaras*, entre os quaes predominava a experiencia dos anciões, que se chamavam *abarés* ou *abaetés*; isto é, varões eggregios.

abaruna *s.m.* [< T. *aṵa'runa < aṵa're + 'una 'preto' ~ VLB II. 49: *Negra cousa. adiectiuo* = Una. *Ib.* 86: *Preta cousa* = Una].

V. abon.; cp. ABUNA.

1866 J. ALENCAR *As Minas de Prata* VI. i. 31: [...] e são agora conduzidos, como um bando de capivaras, pelo homem negro, *abaruna*, que serve ao Deus dos brancos!

abati *s.m.* Var.: 5 *ubatim*, 6, 8 *abaty* [< T. aṵa'ti].

Espécie de milho: v. abon.

Embora Alencar (v. abon. 1865) assevere que *abaty* é o nome tupi do arroz, os antigos cronistas afirmam que o voc. tupi designa o milho. No VLB, todavia, de par com a acepção fundamental *'Milho, gnrl.* = Abati (II. 38)', registram-se, também, *'Arrôs* = Abatij. Abatijmirin (I. 44)' e *'Trigo* = Abatiitinga. Abatii. Abatimiri (II. 137)'.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, I. XLV. 331): Dá-se outro mantimento, em todo o Brasil, natural da mesma terra, a que os indios chamam ubatim, que é o milho de Guiné, que em Portugal chamam zaburro. As espigas, que êste milho dá, são de mais de palmo; cuja árvore é mais alta que um homem, e da grossura das canas da rota, com nós e vãs por dentro; e dá três, quatro, e mais espigas destas em cada vara. Êste milho se planta por entre a mandioca e por entre as canas novas de açúcar, e colhe-se a novidade aos três meses, uma em agôsto, e outra em janeiro. Êste milho come o gentio assado por fruto, e fazem seus vinhos com êle cozido, com o qual se embebedam, e os Portuguêses que comunicam com o gentio, e os mestiços não se desprezam dêle, e bebem-no mui valentemente. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 93: [...] esse terseiro [*mantimento*] he o milho de masaroqua que em nosso portugual chamaõ zaburro, e nas jndias occidentais Máis e antre os jndios naturais da terra Abaty, he mantimento muy proueitoso pera sustentaçaõ dos escrauos de guine e yndios porque se come asado e cozido e tambem em bollos os coais saõ muito guostozos em coanto estaõ quentes, que se fazem delle despois de feito em farinha, e pera sostentaçaõ de cauallos he mantimento de grande ymportançia, e pera criação de Aues. *c*1698 J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 14: [...] comtudo dá muito milho que os naturaes chamam abaty, no mez terceiro, depois de se plantar em grande usura; [...]. **1865** J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, xxviii. 167): — Quando teu filho deixar o seio de Iracema, ella morrerá, como o abaty depois que deu seu fructo. IDEM *Ib.* xi. 67: — O coração de Iracema está como o abati n'agua do rio. [*Nota do Autor, á pág. 216*] *Abaty n'agua* — Abaty é o nome tupy do arroz; Iracema serve-se da imagem do arroz que só viça no alagado, para exprimir sua alegria.

abativi *s.m.* Var.: 6 *abativy*, 7 *abativy* [< T. *aṵati'ĩ < aṵa'ti + -ĩ; cp. nana'ĩ < na'na + -ĩ].

Vinho de milho.

1663 S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* I. § 141. 87: [...] outros [*vinhos*] de milho, a que chamaõ abatiuy. **1757** D. L. COUTO *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 63: Em fazer varias castas de vinho, engenhosos alguns, contão trinta e duas especies. Huns feitos da fruta a que chamão cajâ, outros de Aipy, e são de duas castas a hũa chamão cavycaraçú, a outra cavymachaxera, outros fazem de banana, a que chamão pacoba, outros de milho, a que chamão abativy, outros de ananaz, que chamão nanavy, he generoso, e eficaz; outros de batata que chamão jetivy.

‖ **abijaguaçu**: v. abon.

*c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1464-1468: Dos passaros q̃ andaõ de noite Ha de m^tas^ castas piquenos e grãdes algũs como corujas grandes.s Vrucuriaguaçu Vrutagui 2 pipupipuba Jacuritu 2 Abijaguaçu hain aig, 2 aritara 2. Putunara Cuxa Aguigui baêvaû. [A leitura deste trecho, muito prejudicada pelo mau estado do manuscrito quinhentista, oferece mais de uma interpretação para alguns dos nomes de animais aí citados. Em lugar de *abijaguaçu* pode-se ler, também, *ibijaguaçu*; neste caso, o vocábulo talvez se relacione com *ibijauguaçu*, a saber, ibijaú grande (v. IBIJAÚ)].

abiu *s.m.* Var.: 7-8 *abío*, 8 *abiú*, 9 *abio, aviu* [< ? T. *a'ṵiu].

Fruto de polpa adocicada de uma planta cultivada da família das sapotáceas.

*c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 263: [Arvore fructifera] Abío. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* II. 278: Entr'outras fructas mais nomea-se o abiú. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 19: [...] *abíos*, que se assemelham á maçã da Europa; sua massa porém he branda, e mucilaginosa, mui dôce e refrigerante, encerrando dentro dous caroços de grandeza de amendoas; [...]. **1929** G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* v. 64: Thereza escolheu pesadas laranjas selectas, tanjerinas mexiriqueiras, abios torneados e cambucás vehementes. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* vii. 84: — Vamos chegar lá para a meia noite em Cametá, disse um passageiro a outro. Será tempo de aviú? Levo encommenda de vários paneiros.

abiurana *s.f.* Var.: 7 *abiorana*, 8 *abiurana* [< T. *aṵiu'rana < *a'ṵiu + 'rana 'parecido, semelhante' ~ VLB II. 115: *Semelhante* = Apixara. Abigareigma. Rãna].

Designação de diversas árvores da família das sapotáceas, cuja madeira é utilizada para dormentes, postes, tacos para soalho etc.

1787 in *Annexes du Premier Mémoire du Brésil* I. (1903) 260: [...] que se encontrão creadas sem cultura, como são o caju, abiorana, [...]. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. iii. 41: As madeiras para estas preferidas são a paracuuba, o páo d'arco, a abiurana e, em segunda linha, a massaranduba, o páo preto, o patuá, que dá a haste quasi prompta, e outras ainda.

abuna *s.m.* [< T. *a'ṵuna < a'ṵa 'homem' + 'una 'preto'].

V. abon; cp. ABARUNA.

1654 A. VIEIRA *Cartas* (ed. J. L. Azevedo, 1925, I 382): [...] e porque tinha já noticia que nesta tropa vinham os pais Abunas (hoc est padres de vestido preto), que assim nos chamam, [...].

abutua *s.f.* Var.: 6-8 *butua*, 7 *butúa*, 7-8 *abutua*, 8 *abútua* [< ? T.].

Designação de várias plantas da família das menispermáceas.

1681 A. O. CADORNEGA *Hist. Guerras Angolanas* (ed. 1942, III. 201): [...] e são tão extenças e dilatadas as parras, que enlação por cima dos caminhos, de humas arvores nas outras, tendo a mesma parecença do que as nossas de Portugal [*uvas*]; mas têm estas outra virtude mayor, que a sua raiz, he fina contra peçonha, a que chamão butua, que he da mesma que vem da India, cotijada huma com outra. **1716** J. C. SEMEDO *Memorial* in *Brasília* III. (1946) 237: Raiz de butua, chamada parreyra brava, & suas virtudes. Esta raiz tomou o nome de Reyno da Butua onde se cria; chama-se assim nos Rios de Sena entre o Gentio; entre os Portugueses se chama Parreyra brava, ou Raiz da Butua [...]. **1768** J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 204: Quando fallámos das producções da villa de Santarém, ignoravamos que tem a butúa, herva ou arbusto de raiz maravilhosa: é a deste sitio singular e mais activa que a de Tapuitapéra de Maranhão, ainda que a daquelle Estado é muita em quantidade e grossura. **1782** F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* I. i. 19-20: Na Edição x pag. 174 se acha descrita a Abutua por pertencer também áquella cllace. Virtudes, e uzo. Ella he muito bom rezolutivo applicada, quer em cozimento banhando a parte com elle, quer feita em pó e mixto com algum licor apropriado, e posto sobre o tumor repetidas vezes. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* II. 98: Fytologia. Entre as plantas medicinaes nota se a epicuenha, alcaçúz, contra-herva, abutua, [...]. IDEM *Ib.* 279: [...] salsaparrilha, epicuenha, abútua, jallapa, gengibre: as arvores, que produzem a sumahúma, as do *pechurim*, as que dam o

chamado *cravo do Maranhão*, designadas entre os Indigenas pelo nome Pucherí. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 13: São innumeraveis as medicinaes, notam-se a *quina, herva santa, abútua, o fedegoso,* ou *páo magirioba, excellente febrifugo, barbatemão,* cuja cásca he um famoso adstringente, *artemisia, herva cidreira,* que cresce espontaneamente, o *mastruz, mentrasto, jalapa, ipecacuanha,* [...]. **1863** M. A. Porto Alegre *Brasilianas* 53: Immensos crivos de cruzadas norças | De estriadas butuas, camarões flexiveis, | E de aérea, arredondada cresciúma, | Semi-suspensos de pujantes troncos, | Das auras ao volver se embalam, gemem, | Como harpas eólias gigantescas.

acaboclado *adj.* [< a- + caboc(o + -ado].

Que tem origem, feição, cor ou modos de caboclo; atrigueirado.

1872 B. Guimarães *Hist. e Trad. Minas* III. v. 239: A todos esses encantos, a todas essas lindas e voluptosas fórmas servia como de brilhante involucro a tez de uma côr original, um rozeo acaboclado, como que dourado pelos raios do sol, que dava peregrino relevo á sua linda figura. **1878** Taunay *Narrativas Militares* 204: [...] cabelos negros, lisos, quasi acaboclados; tez morena, nenhuma barba, [...]. **1878** F. Távora *O Matuto* i. 6: Manoel Francisco era acaboclado, feio, baixo, grosso e reforçado; [...]. **1888** Inglês de Sousa *O Missionário* (1891) i. 7: N'uma grande sala núa, simplesmente mobiliada, sentado n'uma bella rêde de varandas bordadas, estava um Padre gôrdo, moreno, acaboclado, com uma cara toda de bondade, e uma voz que ia direita ao coração da gente. **1894** Taunay *O Encilhamento* I. xvii. 124: Vinha entrando uma senhora de idade, acaboclada, vestida com grande modestia, quasi pobreza. **1902** E. Cunha *Os Sertões* 165: Um velho acaboclado, preso em Canudos nos ultimos dias da campanha, disse-me algo a respeito, mas vagamente, sem precisar datas, sem pormenores caracteristicos.

açacu *s.m.* Var.: 7-9 *assacú*, 7 *assucú* [< T. *asa'ku].

Planta da família das euforbiáceas, cuja madeira é bastante resistente à umidade e de cujo suco os indígenas se utilizavam para capturar peixes.

1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 62: Dizem ter succedido assar carne em páos que suppriam a falta de espetos, e sendo de assacú os taes, todos os que comeram perderam infallivelmente logo a vida, [...]. Vimos depois a arvore do assucú, cujo leite é refinadissimo veneno, não assim as fructas, pois frequentissimamente se aproveitam d'ellas varias aves. Idem *Ib.* 207: Esta planta [aguaraná, que dizem é tamargueira] é efficacissima para purificar as aguas infeccionadas com as folhas do assacú podres e cahidas, corrigindo-as com as proprias raizes que sempre estão na agua, e com as suas folhas que cahem n'ella. **1817** Casal *Corografia Brazilica* II. 278: O succo do *assacú* he um dos mais refinados venenos. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 25: São venenosas, o *assacú*, arvore espinhosa, cuja flor e succo, que destilla por incisão he letal, [...]. Idem *Ib.* 28: [...] onde abunda a arvore do *assacú*, cujo veneno empregam no lugar da picada; [...]. **1895** J. Veríssimo *A Pesca na Amazónia* I. viii. 122: Dizendo os processos geraes da pesca, não devemos esquecer o da intoxicação ou antes narcotisação dos peixes, mediante o succo narcotico de certos vegetaes. Os que mais commumente o fornecem são, em primeiro lugar, o timbó. (*Paullinia pinnata*) e depois a assacú (*Hura crepitans*), [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* vii. 88: Macunaíma tirou os sapatos e as meias como os outros e enfiou no pescoço a milonga feita de cera de vespa tatucaba e raiz sêca de assacú.

açaí *s.m.* Var.: 7, 9 *assaí*, 7 *açay*, *uaçai*, 8 *assiahy*, 8-9 *assahy*, 8 *assahi*, *uassahi* [< T. *iuasa'i].

Espécie de palmeira da subfamília das ceroxilíneas, cujo fruto é comestível e fornece uma bebida fermentada muito apreciada; açaizeiro.

1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 210: Temnos esquecido dizer que é bebida muito estimada o assaí, o que o padre Loyer, francez, afrancezando (como costuma o padre Labat) os nomes proprios, chama assayaye. *c***1767** J. Daniel *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, II. (1840) 344: — De algumas outras bebidas mais deliciosas, como os vinhos do açay, de itacaba, de cacau, como mais usados dos Indios mansos e dos brancos, diremos mais adiante; [...]. *c***1777** F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 263: [Arvore fructifera] Patauá. Uaçai. Ubacába: estas três são palmeiras; a sua fructa é uma baga, que por infusão se converte em bebida. **1817** Casal *Corografia Brazilica* II. 278: Entr'outras fructas mais nomea-se [...] o assiahy. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 9: [...] o *muritî*, e o *assahy* frequente nas margens dos rios, de cujo fructo fazem grande uso, passando em agua a massa, que por fricção deixam os caroços, resultando d'isso a bebida liquida que se torna de côr roxa e que he de grande uso, e reputada como refrigerante. Idem *Ib.* 11: São infinitas as especies de palmeiras, além do assahy, bacába, patauá, e muritî (*Mauricia Lin.*) a maior de todas, he mais notavel o bussú; a cobertura das casas com sua folha, algumas das quaes tem quatro braças de comprido e duas de largo, dura dezoito annos, especialmente, se apanha o fumo; o fructo que produz existe coberto com uma casca flexivel e fibrosa, que chamam *tururí*, da qual fazem chapeos; [...]. Idem *Ib.* 13: [...] a *paxiúba* durissima, semelhante no tamanho e grossura ao assahi. **1874** J. Alencar *Ubirajara* i. 11: Travou do arco e do brandiu. A seta obedeceu-lhe, pregando no tronco do assahy a facha que fluctuava ao sopro do vento. **1876** Couto de Magalhães *O Selvagem* II. i. 12: Extrahem tambem, com um processo combinado de fogo e maceração, productos alimentares de certas amendoas, sendo celebres entre estes as famosas bebidas *uassahi* e *bacaba* [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* ii. 19: Pintava a cara com araraúba e genipapo e todas as manhãs passava coquinhos de assaí nos beiços que ficavam totalmente roxos. **1931** G. Aranha *O meu próprio romance* 120: Bebia-se garapa, chibé, agua de côco dos coqueiros do sitio, e assahy da jussara, apanhada no alagadiço da fonte. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* vi. 70: Avante, assim que o navio metteu o talhamar em terra, o homem do leme cortou dois cachos de assahy que encostaram no pau de jack.

acaiacá *s.m.* Var.: 8 *acayacá* [< T. *akaja'ka].

Árvore da família das terebintáceas.

1856 D. Magalhães *A Confederação dos Tamoyos* VIII. 265: Com força tal que derrubára um tronco | De annoso acayacá: mas como o touro, | Para fincar no canguçú que o assalta |.

acaipirado *adj.* [< a- + caipir(a + -ado].

Que tem modos de caipira; acanhado, tímido.

1894 Taunay *O Encilhamento* I. i. 3: [...] gente chegada de fresco dos Estados com a feição ainda timida e acaipirada de provincianos e gestos de quem mal domina sorprezas [...].

açaizal *s.m.* Var.: 8 *assaizal, assahizal* [< açaí + -z- + -al].

Terreno onde vicejam açaís.

1877 N. J. R. Sousa *Diário* (ed. 1946, 33): Pernoitamos ao O. dela em um assaizal, onde encontramos agua, cavando. **1882** Idem 42: [...] pernoitamos á margem direita do igarapé ao S. E. dum assahizal [...].

açaizeiro *s.m.* Var.: 8 *assahyseiro*, 9 *assaizeiro, assahyzeiro* [< açaí + -z- + -eiro].

Palmeira da subfamília das ceroxilíneas; açaí.

1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 321): Um momento olhou-me e em seguida estendeu-me os braços, e ... o seu corpo, esbelto como o assahyseiro, mergulhou nas águas do igarapé, que resvalaram-lhe pelo dorso branco como as pennas da garça. **1928** M. Andrade *Macunaíma* iv. 41: Nas noites de amargura êle trepava num assaizeiro de frutas roxas como a alma dele e contemplava no céu a figura faceira de Ci. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 107/108: Para testemunhar a força do choque produzido pelo poraqué, garante elle que, quando esse peixe dá a descarga junto de um assahyzeiro, todos os seus fructos caem n'água. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* xxv. 295: Desde que nascera o sol viam-se muitos urubús sentados num assahyzeiro perto da alcova transformada em camara ardente.

acaju *s.m.* Var.: 8 *acajú* [< fr. *acajou* < T. aka'ju ~ O fr. *acajou* '*Anacardium occidentale*' já se documenta, desde 1557, em *Les singularitez de la France antarctique*, de A. Thévet (com a grafia *acaïou*), o qual, como o port. *caju*, procede imediatamente do tupi aka'ju. Designando o mogno '*Swietenia mahagony*', o voc. fr. já ocorre em 1640 e é a fonte imediata do port. *acaju* ~ v. caju].

Mogno.

1878 F. Távora *O Matuto* xii. 153: Além das cadeiras viam-se dois canapés, tambem cobertos de soba, tres ou quatro bancos de acajú, e uma grande commoda de nogueira com muitas ordens de gavetas. **1888** V. Magalhães *Horas Alegres* I. 80: E as poltronas? parecem-lhe bellissimo acajú: pois são de papel de linho.

acajucatinga *s.f.* Var.: 5 *acajacatinga* [< T. akaju̯ka'tiṇa ~ VLB I. 70: *Cedro pao* = Acajucatinga].

V. abon.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxiv. 54): Os cedros da Bahia não tem diferença dos das Ilhas senão na fôlha, que a côr da madeira e o cheiro, e brandura ao lavrar é todo um: a esta árvore chama o gentio acajacatinga, cuja madeira se não corrompe nunca; da qual se acham mui grandes paus que pela maior parte são ocos, mas acham-se alguns maciços, de que se tira tabuado de três e quatro palmos de largo.

acapu *s.m.* Var.: 8-9 *acapú* [< T. *aka'pu].

Árvore da família das leguminosas.

1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 7: [...] o acapú, madeira preta, e fortissima; [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* v. 221: Bem no

meio do hol de acapú mobiliado com sofás de cipó-titica feitos por um judeu alemão de Manaus, se via um buraco enorme tendo por cima um cipó de japecanga feito balanço.

acapurana *s.f.* [< T. *akapu'rana < *aka'pu + 'rana 'semelhante'].

Árvore da família das leguminosas.

1928 M. Andrade *Macunaíma* v. 65: Piaimã ficou danado. Agarrou quatro paus do mato, uma acapurana um angelim um apió e um carará, e veio com êles pra cima de Maanape: [...].

acará *s.m.* Var.: 5, 7-9 *acará*, 6 *acara*, 7 *acarazes* (pl.), 8 *cará* [< T. aka'ra].

Designação comum a diversos peixes de água doce da família dos ciclídeos.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxliv. 232): Acarás são outros peixes do rio, tamanhos como besugos, mas tem o focinho mais comprido, que é peixe muito saboroso; o qual se toma à cana. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 165*v.*: [...] acara cuberta descama da cor de prata e amarelo pela barigua he bom peixe de comer [...]. Idem *Ib.* fl. 166: Acara acu he peixe que ce parece com o omero e cera de tres palmos e meio de comprido e cam ralos e ce uem pouquos e he peixe muito desguostozo. Idem *Ib.* fl. 175*v.*: [...] acara tẽ hũ palmo he sadio tẽ espelho no rabo he dourado por fora o espelho [...] acara he de cor rozada menos de hu palmo os olhos uermelhos he sadio. **1763** J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 76: Aqui houve antes de anoitecer, muita pesca de serobins, tucanarés, corimatás, acarazes, piranhas, pirorocús (de que a lingua é o melhor ralador de noz-moscada), araoanás e aracús, e seria extraordinaria a pesca se as redes estivessem em melhores termos. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 259: [Peixe de menor corpulencia] Acará, de duas especies. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 194: [...] em cessando a corrente, durante a qual lhe entra do oceano grande quantidade de tainhas, robalos, carapébas, acarás, linguados com outras castas de pescado, que a fazem piscoza em todo o tempo. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 35: Na costa criam-se as famosas *gurujubas*, peixe de pelle amarella, e cujo buxo dá a melhor cóla, *caçoens, tainhas, curimans, bagres, uritingas, camurins, carásassús, méros* de disforme grandeza, *óstras, carangueijos, caramujos, mixilhoens*, [...]. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 56/57): Mas não é só o grande peixe vermelho que abunda nas aguas escuras dos lagos. A pasmosa variedade de peixes do Amazonas recolhe-se tambem para elles nesse tempo [...]; o acará. Idem *Ib.* 57: [...] o escuro e saboroso acarauassú chato, de circulos vermelhos na extremidade e olhos de sapo; [...]. **1895** Idem *A Pesca na Amazónia* I. viii. 118: O matapi é usado, geralmente, como um recurso extremo, nos lugares baixos, [...] e os peixes que nelle caem são principalmente os gijús, os tamuatás, os acarás, e outros, pequenos como estes.

acará-bandeira *s.m.* [< acará + bandeira].

Peixe da família dos ciclídeos (*Pterophyllum scalare*).

1895 J. Veríssimo *A Pesca na Amazónia* I. i. 25: Dos primeiros, alem do grande, do vantajoso, do preferido pirarucú nomeam, pescam, comem ou fazem objecto do seu commercio, a pescada, o tambaqui, o aruaná, o pirá-tapióca, o tucunaré, os acarás-bandeira [...].

acaracoro *s.m.* [< T. *akarako'ro < aka'ra + ko'roka, ku'ruka 'roncador, resmungão' ~ VLB II. 101: *Remusgar, ao q. lhe dizem, ou mandão* = Xenheẽcurũcurũc. I. Xenheengurũruc].

V. abon.

*c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 168: Acaracoro quer dizer o peixe que fala de hũ palmo pequeno cuberto descama cor de pra[ta] e he muito bom comer e tem pouqua espinha.

acaracoroi *s.m.* [< T. *akarako'roja < aka'ra 'acará' + ko'roja 'áspero' ~ VLB I. 44: *Aspera cousa no tacto, ou aspereza* = Corocoroya. Aembeguaçu. Aembecoroya].

V. abon.

*c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 166: Acaracorois quer dizer peixe pedra cuberta descama de cor de prata e he muito bom peixe de comer e tem pouqua espinha e ce toman muito a linha he mui sadio.

acaraobi *s.m.* Var.: 6 *acara obu* [< T. *akarao'mĩ < aka'ra + o'mĩ 'verde, azul' ~ VLB II. 144: *Uerde na cor, ou cor uerde* = Obig. *Ib.* I. 49: *Azul cousa* = Obig].

V. abon.

*c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 185: acara obu he hũ pasoro tamanho como a garsa pequena mas he todo pardo cor de simza e tem panachos tãmbem mas não sam tam finos como as da guarsa e fazem os filhos como as guarsas e os ouos cão azuis e fazem dous filhos e he bom de comer.

acarapeba *s.m.* Var.: 5, 8 *carapeba*, 6 *carapeua*, 7 *carepeba*, 8 *carapéba* [< T. akara'peŋa < aka'ra + 'peŋa 'liso, chato' ~ VLB I. 71: *Chão, cousa como lagea ou taboa* = Peba].

Peixe da família dos ciclídeos.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxxiv. 209): Carapeba são uns peixes que morrem nas rêdes em todo o ano, que são baixos e largos, do tamanho dos sarguetes, e em todo o ano são gordos, saborosos e leves. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 119*v.*: [...] carapeua — he peixe estimado por guordo as coais se achão no mar e tambem nos Rios de Aguoa doce [...]. **1730** Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 70. 42: [...] dos naturaes, por serem infinitos, nomearemos só os mais notaveis, baleas, beyjupirâs, cavallas, garopas, vermelhos, corimãs, pampanos, carepébas, parûs, ubaranas, guaracemas, jaguaraçãs, camoropîns, olhos de boy, dourados, e charéos; este ultimo, ainda que muito vulgar pela sua quantidade, merece especial noticia, pela grandeza da sua pescaria, e por ser o sustento dos escravos, e do povo miudo da Bahia. **1781** Durão *Caramurú* VII. lxviii. 217: Os Dourados, que préza a nossa Europa: | Carepebas, Parus, nem desestima | a grande cópia, que nos mares topa, |. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 194: [...] em cessando a corrente, durante a qual lhe entra do oceano grande quantidade de tainhas, robalos, carapébas, acarás, linguados com outras castas de pescado, que a fazem piscoza em todo o tempo. **1881** F. Távora *Lourenço* (ed. 1902, iv. 49): As aguas nesse ponto estavam esverdeadas, e grandes camorins, prateadas carapebas, e tantos outros habitadores do rio mostravam-se boiando por entre as crostas venenosas, embriagados pelo forte narcotico dos cipós; [...]. **1895** J. Veríssimo *A Pesca na Amazônia* I. i. 25: Dos primeiros, alem do grande, do vantajoso, do preferido pirarucú nomeam, pescam, comem ou fazem objecto do seu commercio, a pescada, o tambaqui, o aruaná, o pirá-tapióca, tucunaré, os acarás-bandeira, assu, péua, miri, [...].

acarapitanga *s.m.* Var.: 5 *carapitanga*, 6 *carapitangua, acarapitamgua* [< T. akarapĩ'taŋa < aka'ra + pĩ'taŋa 'avermelhado' ~ VLB II. 41: *Morada, cor q. tira a uermelha* = Pitanga. *Ib.* II. 65: *Parda cor* = Pitanga].

Peixe da família dos silurídeos, espécie de dourada.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxx. 199): Carapitanga são uns peixes que pela língua do gentio querem dizer vermelhos, porque o são na côr: os grandes são como pargos; e os pequenos como gorazes, mas mais vermelhos uns e outros, e mais saborosos; os quais morrem em todo o ano; e quando estão gordos não tem preço, e são mui sadios. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 118: [...] Carapitangua — outra sorte de pescado medianamente grande muito guostozo [...]. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 164*v.*: Acarapitamgua he peixe uermelho da compridão de palmo e meio e he hum peixe dos milhores destas partes do brazil taõto fas cozido como assado e he bõ peixe pera docmte.

acarapitinga *s.m.* Var.: 6 *acaroapeti* [< T. akarape'tiŋa < aka'ra + pe'tiŋa 'de casca branca' (< a'pe 'casca' + 'tiŋa 'branca') ~ VLB I. 68: *Casca de fruita molle como de figo etc.* = Apê. E Pira. *Ib.* I. 59: *Branca cousa, ou brancura* = Tinga, Morotinga].

Peixe de mar da ordem dos percomorfos, também chamado acaratinga, caratinga.

*c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 174: Acaroapeti peixe de hũa poleguada de gramdor parda pelo lombo e bramqua pela bariqua cuberta desqua[ma] e he bom de comer.

acari[1] *s.m.* Var.: 5 *oaquari, aguari*, 6 *vacari*, 7 *uacarí, goacarí*, 8 *acarí, acarì, acari*, 9 *acary* [< T. ɰaka'ri].

Peixe da família dos loricarídeos, também conhecido como cascudo.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxliv. 231): Cria-se nestes rios outro peixe, a que os índios chamam oaquari, que são do tamanho e feição das choupas de Portugal, mas tem o rabo agudo, a cabeça metida nos ombros e duas pontas como cornos; e tem a pele grossa, a qual os índios tem por contrapeçonha para mordeduras de cobras e outros bichos, o qual se toma à cana. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 2288-2291: Aguari [*peixe de água doce*] he vestido como hũ homẽ ẽ hũ gauaõ a boca piquena os beicos grocos as barbetanas cõpridas as escamas saõ huãs laminas como armas naõ mais q̃ de hũ palmo comũm[te]. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 175*v.*: Vacari he peixe armado de laminas he de cor pardo salpicado de preto a pedra parece hũ penhasco tofa he de 3 pal[mos] he de c[omer]. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 259: [Peixe de menor corpulencia] Uacarí. **1792** F. O. Barbosa *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 23/24: [...] além dos referidos peixes [saupês, piracanjuvas, jacús, suruvis etc...] ha outras qualidades de que não se faz menção por não darem a conveniencia d'aquelles; como são; [...] goacaris

[...] cuja profusão é com abundancia inexplicavel. 1817 CASAL *Corografia Brazilica* II. 78: [O Rio Buranhem] cria piáus, trahiras, robalos, acarís, piabanhas, piabas, jundiás, pitús, e camarões que além de grandes sam multiplicadissimos. 1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 84: [...] o acari, com quanto tenha a figura ordinaria de peixe, he composto de uma só concha, sem divisão de queixos, tendo um orificio, que lhe serve de bôca, a qual anda de continuo na terra: [...]. 1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 57): [...] o cascudo acari, de carne doce; [...]. 1895 IDEM *A Pesca na Amazónia* I. ii. 24: Pelas margens encostam-se em grupos, expondo-se incautamente ás frechadas, os aruanãs alongados, chatos, e, meio occultos no tijuco os acaris, cascudos como tatús aquaticos, negros, não escondem bem o seu feio vulto. 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* xvii. 196: O que porém chamou a attenção de todos os animaes pelo exotismo da caminhada em secco, aliás, commum nos verões duros, foram os dois cardumes de acarys e tamuatás vindos com as maiores difficuldades das cabeceiras distantes de igarapés.

acari² *s.m.* [< ? T. °aka'ri].

Árvore da família das leguminosas.

1857 J. ALENCAR *O Guarany* (2ª ed., 1864, I. iii. 28): Apezar de ser pouco mais de duas horas, o crepusculo reinava nas profundas e sombrias abobadas de verdura: a luz, coando entre a espessa folhagem, se decompunha inteiramente; nem uma restea de sol penetrava nesse templo da creação, ao qual servião de colunas os troncos seculares dos acaris e araribás.

acaricuara *s.m.* Var.: 8 *acaricoára*, 9 *acaricoara* [< T. °akari' kuara < °aka'ri + 'kuara 'buraco' ~ VLB I. 60: *Buraco* = Coara. Buca ou Puca].

Designação comum a diversas árvores das famílias das leguminosas e das olacáceas.

1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 7: [...] o *acaricoára*, de que tambem se extrahe uma tinta verde-escura, sua madeira se conserva intacta interrada: [...]. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* vi. 76: Depois de muitos salamaleques Piaimã tirou os carrapatos da francesa e levou-a pra uma alcova lindissima com esteios de acaricoara e tezouras de itaúba.

acariúba *s.f.* [< T. °akari'ïua < °aka'ri + 'ïua 'pé, haste (de planta); planta, árvore' ~ VLB II. 62: *Palha astea, ou cana como de milho, arros, trigo e tudo o q da semente* = Ygba].

Árvore da família das olacáceas.

1928 M. ANDRADE *Macunaíma* ii. 19: Então Iriquí se envolvia num manto de algodão listrado com preto de acariúba e verde de tatajuba e aromava os cabelos com essencia de umirí, era linda.

acauã *s.m.* e *f.* Var.: 5 *oacaoam*, 8 *cahuan, macauã, macauhan, macauan, acauán, cauan, cauâm*, 8-9 *acauan*, 9 *acauã* [< T. ua'kauã].

Ave de rapina da família dos falconídeos.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXV. 103): Oacaoam são pássaros tamanhos como galinhas, tem a cabeça grande, o bico prêto voltado para baixo, a barriga branca, o peito vermelho, o pescoço branco, as costas pardas, o rabo e asas pretas e brancas. 1800 J. VELOSO *Aviário Brasilico* 9: O FERRÃO AXILLAR: que se vê nos encontros das azas, no lugar em que lhes nasce o pollegar, junto da aza bastarda, e se termina em huma ponta curva. Vem-se na Palamedea [*em nota de rodapé*: No Brasil *Anhyma*], na Parra [*em nota de rodapé*: *Jacana, Aguapecaba, Macauã.*], na Ema. 1817 CASAL *Corografia Brazilica* I. 84: Grande variedade de gaviões: o *cahuan*, ou *macauhan* he pequeno, e o seu grito imita os brados d'hum homem sobresaltado d'alguma desgraça; e serve para algumas pessoas de pronostico a respeito da chuva, ou de tempo secco. 1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 32: [...] a *acauán*, inimiga declarada das cobras, de côr cinzenta, e uma grande poupa sobre a cabeça, o seo canto he fortissimo, e como de uma pessôa, que brada assustada [...]. 1857 J. ALENCAR *O Guarany* (2ª ed., 1864, II viii. 271): Não houve resposta; um grito agudo partio do fundo do abysmo, e echoou pelas fragoas; depois o cauan cantou de novo, e uma cascavel silvando bravia passou seguida por uma ninhada de filhos. IDEM *Ib.* 272: Tinha-lhe bastado a luz do seu facho, e o canto do cauan que elle imitava perfeitamente, para evitar os reptis venenosos que são devorados por essa ave. IDEM *Ib.* 362: [*Nota do Autor*] É uma ave que devora as cobras, pelo que ellas fogem della. Os indios, segundo affirma Ayres do Casal, imitavão o seu canto, quando andavão á noite pelo matto, e assim preservavão-se de serem mordidos. 1865 IDEM *Iracema* (3ª ed., 1878, iii. 24): A cauâm piou, além, na extrema do valle. IDEM *Ib.* xiv. 87: [...] Irapuam é manhoso e traiçoeiro como o acauán. [*Nota do Autor, à pág. 219*] *Acauan*, ave inimiga das cobras — de *caa* páu e *uan* do verbo *u* — comer. Diz Ayres do Casal que lhe vem o nome do grito que solta. 1872 TAUNAY *Inocência* (2ª ed., 1884, xxiii. 256): Ao longe, á beira de algum rio, as aracuans levantavam a sonora grita, e o macauan atirava aos ares os pios prolongados da aspera garganta. 1874 IDEM *Histórias Brasileiras* 41: Erão as conferencias do feiticeiro com o *acauan*, especie de gavião pequeno que solta guinchos finos, accentuando as syllabas que lhe derão o nome — a— ca— uán— passaro agoureiro no dizer dos indios e com cujas consultas podem os padres descortinar o futuro. 1895 COELHO NETO *Miragem* II. ii. 173: Ao longe, nos ingazeiros da beira do rio, o acauan agourento gemia tristonho e lugubre e sabiás, nos limoeiros em flor, iludidos pela luz da noite, solfejavam trilos rapidos e alegres. 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* xvii. 193: Vinham-lhe na esteira o gavião pega-macaco, o gavião-pombo, o tauató pintado, o gavião-uruá, o gavião-tesoura, o gavião come-cobra (acauan), e o cauré, o menor de todos, porém o mais bravio, tão atrevido que as proprias serpentes o respeitam. 1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 20: — E Juca Bananeira vai para a eloquência, porque confia tanto na moleza de Silvino quanto um tem-farinha-ai acredita na imobilidade de uma cobra-cipó, ou uma cobra-cipó crê na lonjura alta de uma acauã. 1956 IDEM *Grande Sertão: Veredas* 504: Abarcamos as condições do lugar, em cêrco, entendidos uns com uns, por meio de avisos: que eram canto de acauã e assovio de macaco.

açu, guaçu *adj.* Var.: 8 *assú*, 9 *guassú* [< T. a'su, u'su, ua'su 'grande' ~ VLB I. 150: *Grande* = Guaçû (...) o mesmo he Çu que Guaçû].

Grande, importante.

Joaquim Manuel de Macedo e Mário de Andrade empregam o vocábulo indígena — o qual só se documenta, originariamente, como elemento de composição (cp. *ajuruaçu, amoreguaçu, boioçu, inambuguaçu*) — como mero recurso literário. Igualmente freqüentes como elementos de composição, mas de uso raro e esporádico como adjetivos autônomos em português, são os vocábulos *mirim, peba* e *puba*, entre outros.

1868 J. M. MACEDO *Memórias do Sobrinho de meu Tio* II. vii. 26: — Não: o seculo dezenove é um seculo *assú*: apezar de dever compôr-se de cem annos, como todos os outros seculos, não é como os outros; as proporções do seu progresso exigem que tudo nelle seja grande, gigantesco: [...]. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* iv. 45: Então se escutou um urro guassú e Capêi veio saindo dagua.

acutibóia *s.f.* Var.: 7 *acotyboia*, 8 *cutiboia* [< T. akuti'ŋ oia < aku'ti 'cutia' + 'ŋ oia 'cobra' ~ VLB I. 76: *Cobra* = Boya Gnro. (*scil.* gênero) suas especies são muitas (...) ~ V. CUTIA].

Cobra da família dos colubrídeos.

1763 J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 184: Não [correspondem na malignidade] assim as chamadas acotyboias, isto é, cobra de cotia, a qual não mata o homem, porém seguindo-o o põe fóra do mato à força de açoutes, ou o faz fugir; põe a cabeça em terra, e dá pelas costas do homem com a cauda. 1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 27-28: [...] a *surucucú*, a *caninana* ou *pepéua*, a *cobra coral, cutiboia*, que açoita os que com ella entendem; a *sacaiboia, araueboia*, especie de *barata* mui grande e venenosa; [...].

acutipuru *s.m.* Var.: 7 *acotipurú*, 9 *acutipurú* [< T. °akuti-pu'ru < aku'ti 'cutia' + pu'ru ?].

Pequeno mamífero roedor da família dos ciurídeos.

*c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 258: [Quadrupede] Acotipurú, de três espécies. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* iv. 42: Maanape engulia as lagrimas, invocando o Acutipurú, o Murucututú o Ducucú, todos êsses donos do sono em acalantos assim: Acutipurú, | Empresta vosso sono | Pra Macunaima | Que é muito manhoso!...

aguapé *s.m.* Var.: 6-9 *aguapé*, 7, 9 *agua-pé*, 7 *iguapé, auapé* [< T. aüa'pe ~ VLB I. 149: *Golfão das alagoas* = Agoape. Agoapeaoba].

Nome comum a várias plantas que flutuam nas águas paradas; designação do tapete formado pelo emaranhado de plantas na superfície dos rios, lagos e pântanos, que obstrui, por vezes, a passagem das embarcações.

*c*1698 J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 269: Partiu do Cayritiba pelo rio arriba sem dificuldades em os principios, mas depois de dar em umas verduras de folhas largas, a modo de aguapés a que chamam *muruzes*, achou-se obrigado a abrir caminho à força de braços e machados com trabalho immenso até o porto do sertão dos que ia buscar. *c*1727 J. A. C. CAMELO *Das Minas do Cuiabá* in RIH, IV. (1842) 495: [...] está commummente cercado ou cheio de umas hervas a que chamam *agua-pés* (iguapés), que algumas vezes é preciso cortal-as para se poder passar adiante: [...]. 1751 A. ROLIM *Relação* in RIH, VII. (1846) 493: Em parte se passa por lagôas, e outras por pantanaes, em que os iguapés faziam seu embaraço. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 265: [Planta aquatica] Auapé: a sua folha de extraordinaria grandeza. 1847 A. LEVERGER *Rio Paraguai* in RIH, XXV. (1862) 190: [...] deixando na extremidade do barranco a boca de um bracinho tapado de capim e

aguapé, tomamos por outro bracinho, que corre por um campo alagado. **1857** J. ALENCAR *O Guarany* (2ª ed., 1864, I. x. 108): O peixe que beijava a flor da agua, e que podia ir offender a moça; uma cobra verde innocente que se enroscava pelas folhas dos aguapés; [...] tudo quanto podia ir causar um susto á moça, o indio fazia fugir [...]. **1865** IDEM *As Minas de Prata* IV. iv. 118-119: — Ah! lembro-me agora, exclamou Estacio; vi vossos olhos pestanejando entre a copa de uma jaqueira, si não me engano; e vosso ouvido debaixo dos aguapés na beira do fosso!... **1870** IDEM *O Gaúcho* II. iii. x. 107: Assim, antes que os cavalleiros o descobrissem, pois de precaução elle corria deitado sobre o animal; a baia estava mergulhada em um brejo coberto de tançagens e aguapés, cujas folhas gigantes occultavam a cabeça da egoa e o corpo do homem. **1871** IDEM *O Tronco do Ipê* I. vi. 73: Mas do Sr. Figueira nunca mais se soube: no outro dia procurou-se tudo; só se encontrou o chapéo nas folhas de aguapé. **1874** IDEM *Ubirajara* 205: [*Nota do Autor*] Os portuguezes corromperam essa palavra [*igapé*] transformando-a em *aguapé*, nome porque é vulgarmente conhecida. **1903** D. OLÍMPIO *Luzia Homem* ix. 68: E com o cheiro do pasto florido, dos aguapés fluctuantes na lagôa azulada, nenuphares de caçoilas entreabertas, sentia o fartum da prodigiosa terra exuberante, e o bafio agro dos rebanhos fecundados. IDEM *Ib.* xxvi. 241: [...] lavando-se na lagôa em noite de luar, com os cabellos de vara e meia boiando e embaraçando-se nos agua-pés cheirosos, [...]. **1911** A. MAIA *Tapera* 117: Carreados á correnteza no primeiro dia, os aguapés enfaixavam em seios e circuitos a base dos barrancos ou desciam á flux o rio em pequeninas insulas balouçantes; [...]. IDEM *Ib.* 128: Dias depois, na vazante, quadras abaixo do Passo, tumido e piccado de peixes, foi o seu corpo encontrado, preso pelo peito numa enredíça de agua-pés. **1913** SIMÕES LOPES *Lendas do Sul* 10: Nas copas dos butiás vinham encostar-se bolos de formigas; as cobras se enroscavam na enredíça dos aguapés; e nas estivas do santafé e das tiricas boiavam os ratões e outros miudos. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 115: Mas é bom não pisar forte naquelas esponjas verdes, que costuma haver uma cisterna profunda, por baixo das fôlhas dos aguapés.

aguapeaçoca *s.f.* Var.: 5 *aguapeaçoca*, 6 *auapessoca*, (8 *aguapecaba*) [< T. aŭapea'soka].

Jaçanã.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXI. 92): Aguapeaçoca é uma ave do tamanho de um frangão; tem as pernas muito compridas, e o pescoço e o vestido de pena aleonada, e derredor do bico uma rosa muito amarela; e tem nos encontros das asas dois esporões de osso amarelo, e nas pontas delas outros dois, com que ofendem aos pássaros com que pelejam. Andam estas aves nas alagoas, e criam nas junqueiras junto delas, onde põem três ovos não mais, e mantêm-se de caracóis que buscam. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 186*v.*: Auapessoca he passoro tamanho como hũa pomba do mato tem os peis muito compridos a comparasam do corpo e tẽ a modo de crista de gualo uermelho e barbas e o biquo laramiado e as pomtas das azas amarelas e o papo tambem amarelo e o corpo he uermelho escuro ele tem dous esporamis como de gualo debaixo das azas com que mata o peixe e a sua abiatasão [*sic*] he nos laguos e fazem os filhos em riba de folhas que estão sobre a auguoa sem outra couza nenhua e os ouos cam bramquos pimtados de preto e fazem simquo e seis filhos e ce come e tem os peis pardos. **1800** J. VELOSO *Aviário Brasílico* 9: O FERRÃO AXILLAR: que se vê nos encontros das azas, no lugar em que lhes nasce o pollegar, junto da aza bastarda, e se termina em huma ponta cúrva. Vem-se na Palamedea [*em nota de rodapé*: no Brasil *Anhyma*!, na Parra [*em nota de rodapé*: *Jacana, Aguapecaba, Macauã.*], na Ema.

aguaraquiá *s.f.* Var.: 5 *guaraquigỹnha* [< T. aŭarakí'ĩa ~ VLB I. 121: *Erua Moura* = Aguaraquîynha].

Planta da família das solanáccas; erva-moura.

*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 24: Guaraquigỹnha. Esta he a erua moura de portugal, e alem de outras bondades q̃ tem como a erua moura, tẽ semente he unico remedio p^a^ lombrigas, e de ordinario quẽ as come logo as lança.

aí *s.m.* Var.: 5 *aí*, 6 *ahú, aig* [< T. a'ĩ ~ VLB II. 73: *Perguissa, pello animal assi chamado* = Aig].

Mamífero desdentado da família dos bradipodídeos; preguiça.

O vocábulo não chegou a ser efetivamente adotado em português. Anchieta, Gabriel Soares de Sousa, o autor dos *Diálogos das Grandezas do Brasil* e Simão de Vasconcelos citam-no como termo peculiar aos falares indígenas, esclarecendo que os portugueses chamavam o animal de preguiça. A confusão com o advérbio *aí* deve ter contribuído para que o tupinismo não se difundisse na língua portuguesa.

[**1560** ANCHIETA *Carta* in S. Leite *Cartas*, III. (1958) 222: Est aliud animal (quod Indi *aig*, nos propter nimiam tarditatem pigritiam dicimus)]. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CVII. 150): Nestes matos se cria um animal mui estranho, a que os indios chamam aí, e os portuguêses preguiça, nome certo mui acomodado a êste animal, pois não há fome, calma, frio, água, fogo, nem outro nenhum perigo que veja diante, que o faça mover uma hora mais que outra; o qual é felpudo como cão d'agua, e do mesmo tamanho; e tem a côr cinzenta, os braços e pernas grandes, com pouca carne, e muita lã; tem as unhas como cão e muito voltadas; a cabeça como gato, mas coberta de gadelhas que lhe cobrem os olhos; os dentes como gato. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fls. 132-132*v.*: [...] tambem ha nesta terra hũ estranho animal ao coal os nossos portuguezes chamaõ — preguiça — e o jentio natural — Ahũ [...] esta Preguiça he do tamanho de hũ cachorro posto que não tão aleuantada, de hũ estranho Rosto e feiçõis tem a cor parda e preta e as maões e peis com dedos muy destintos acompanhados de grandissimas e agudas vnhas — he bicho dotado por natureza de grande freima e preguisa, em tanto que pera aver de sobir ou baixar de hũ Aruore, posto que piquena guasta pello menos dous dias de tempo, [...]. **1663** S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 100.176: Serà agradauel ouuir as condiçoens de outro animal particular sómẽte desta terra, chamaõlhe os Indios aíg, os Portugueses preguiça do Brasil. He do tamanho de hũa raposa, de cor cinzenta, cabeça mui pequena, redonda, sem orelhas, dentes de cordeiro, cabello comprido, mais curta nos pês que nas mãos, em cada hũ dos pês tẽ tres unhas mui longas. He animal preguiçosissimo; gasta hũa hora em passar de hum ramo a outro: das folhas destes se sustenta, porque só estes não pódem fugir a seu vagar. Nunca bebe: rarissimamẽte dá voz; & quando a dá, he a modo de gato pequeno. Pega deuagar, mas o q̃ hũa vez alcança, com muita difficuldade o larga.

‖ **aîapa:** v. abon.

*c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 185*v.*: aiapa he como hũa pata femia he pardo tiramdo de preto e he hũ pasoro mais guolozo que se pode ver que não desquamsa ate que não tem a barigua cheia e amtomses se uai por em riba de hũ pau com as azas abertas e o biquo ao uemto pera esmoer mais depresa o peixe que ele tem comido ele fas ceus filhos como a minua pom hũs pazinhos em riba de hũa aruere e ali pom os ouos e fas tres filhos e os ouos são e cão muitos guordos e he muito bom comer.

aiereba *s.f.* Var.: 5 *agereba* [< T. aje'reŋa ~ VLB I. 41: *Arraya* = Jabebîra. Suas especies: Jabebigtinga, Narinari, Narinaripinima e Aiereba].

Espécie de arraia (*Dasyatis orbicularis*).

*c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 2112-2114: Arrajas Ha m^tas^ e todas se comẽ Jabebira Narinarj, e baepeçu, Agereba.

‖ **aig:** v. abon.

*c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1464-1468: Dos Passaros q̃ andaõ de noite Ha de m^tas^ castas piquenos e grãdes algũs como corujas grandes.s. Vrucuriaguaçu Vrutagui 2 pipupipuba Jacuritu 2 Abijaguaçu hain aig 2 aritara. 2. Putunara Cuxa Aguigui baêvaũ. [A propósito da dificuldade para a interpretação dos nomes de animais citados neste trecho, ver o comentário ao verbete *abijaguaçu*].

aipim *s.m.* Var.: 5,7-8 *aypim*, 5-9 *aipim*, 5-7 *aipi*, 5 *ajpi, aipî*, 6-7 *aypi, aipy*, 6 *aipij, aipiy*, 7 *aypi, aypy* [< T. ai'pĩ].

Planta da família das euforbiáceas.

São abundantes e minuciosas as referências dos primeiros cronistas ao cultivo e à utilização do aipim. O padre Simão de Vasconcelos (1663) arrola treze variedades distintas de aipim, nomeando-as de acordo com a terminologia indígena.

[**1554** L. GRÃ *Carta* in S. Leite *Cartas* II. (1957) 131: Pan de triguo no lo tienen sino de Portugal, aunque en San Vicente se semea y coje mui hermoso, pero ni alli ni en las otras Capitanías se trabaja por lo semear, porque este mantinimiento de la tierra de raízes de árboles, a que lhaman mandioca, aipín, carimã, es harto bueno. Y aunque la mandioca es ponçonã, se se beve su agua, contodo la harina que dél se haze no haze mal a la desposición. El aipín se come crudo, como muchas otras raízes de que usamos. **1561** A. BLÁZQUEZ *Carta* in S. Leite *Cartas* III. (1958) 416: El comer muchas veses era batatas, millo, aipines, que son raízes que nacem debaxo de la tierra (...)].

*a*1576 GÂNDAVO *Trat. Prov. Brasil* (ms. do British Museum) 726-731: Outra Raiz há duã pranta que se chama Aypim da qual fazem hũs bollos q̃ pareçẽ paõ fresco deste Reino & tambem esta Raiz se come assada como battáta, de todá maneira se acha nella muito gosto. IDEM *Ib.* 1028-1034: [...] e aparelhão muitos vinhos pera se embebedarẽ & fazem nos da Raiz dũa herua q̃ se chama Aypim [*no ms. da BNL, fl. 34, lê-se*: aipim] a qual feruem primeiro, e de pois de cozida mastigam na hũas moças virgens e expremẽ na em hũs pottes grãdes e dally a tres ou quatro dias o bebem. **1576** IDEM *Hist.* V. fl. 16*v.*-17: Tambem ha outra casta de Mandioca que tem differente propriedade, desta, a que por outro nome chamão Aipim, da qual fazem hũs bolos

em algũas capitanias, que parecem no sabor que excedem a pão fresco deste Reino. O cumo desta raiz nam he peçonhento, como o que sae da outra, nem faz mal a nenhũa cousa ainda que se beba. Tãbem se come a mesma raiz assada como batata ou inhame: porque de toda maneira se acha nella muito gosto. *c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 23: Desta mandioca ha hũa q̃ chamaõ aipi q̃ cõtem tambẽ debaixo de si muit[as] species [...] Os Jndios fazem vinhos della, e he taõ fresco e medicinal p[a] o figado q̃ a elle se attribue não auer entre elles doentes do figado. 1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, I. XLIII. 327): Dá-se nesta terra outra casta de mandioca, a que o gentio chama aipins, cujas raizes são da feição da mesma mandioca, a rama e a fôlha são da mesma maneira, sem haver nenhuma diferença, e planta-se de mistura com a mesma mandioca, e para se recolherem estas raizes as conhecem os indios pela côr dos ramos, no que atinam poucos Portuguêses. E estas raizes dos aipins são alvíssimas; como estão cruas sabem às castanhas cruas d' Espanha; assadas são muito doces, e têm o sabor das mesmas castanhas assadas, e davantagem, as quais se comem também cozidas, e são muito saborosas; e de uma maneira e da outra são ventosas como as castanhas. IDEM *Ib.* II. CLVIII. 258: [do beber dos Tupinambás] mas o seu vinho principal é de uma raiz a que chamam aipim, que se coze, e depois pisam-na e tornam-na a cozer, e como é bem cozida, buscam as mais formosas moças da aldeia para espremer êstes aipins com as mãos, e algum mastigado com a bôca, e depois espremido na vasilha, que é o que dizem que lhe põem a virtude, segundo a sua gentilidade; [...]. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 728-730: aj outra casta [de mandioca] q̃ se come asada chamase ajpi he boa como castanhas e milhor q̃ batatas. *c*1596 S. TRAVAÇOS *Declaração do Brasil* XXX fl. 25: [...] mas o seu uinho principal he de huã raiz a que chamaõ aipim, que despois de seco a pisaõ, e tornaõna a cozer, e como he cozida buscaõ as mais fermosas mocas da aldea pera espremer este aipĩ com as maõs, e algũ mastigado com a boca na uazilha [...]. IDEM *Ib.* XLVII. fl. 35*v*.: Ha outra casta de mandiocha, que se chama Aypim, e he muy necessario conhecela, porque se parece muito com a outra, mas he muito doce, e gostosa, nem mais, nem menos como batatas [...]. *c*1607 J. RODRIGUES *Relação* in S. Leite *Novas Cartas Jesuíticas* (1940) 230: As abóboras, aipis, batatas, comem com tripas, pevides e casca, e tudo quentíssimo. 1627 V. SALVADOR *Hist. Brasil* I. viii.fl.15*v*.-16: Outra casta ha de mandioca a que chamão aipiñs, que se podem comer crus, sem fazer damno e assados sabem a castanhas de Portugal assadas, e assim de hua, como de outra não he necessario perderse a semente quando se planta, como no trigo, mas so se planta a rama feita em pedassos de pouco mais de palmo, os quais metidos athe o meyo em a terra cavada dão m.[ts] e grandes raizes, nem se recolhem em selleiros donde se comaõ de Gorgulho como o trigo, mas colhem-as do campo pouco a pouco, quando querem, e athe as folhas pizadas, e cozidas se comem. 1663 S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* I. § 140.85: No comer são tambem singulares. E supposto q̃ todos vsem dos mesmos mantimentos (commummente fallando) de raizes de plantas, mandióca, aypi, batata inhame, carâ, mangarà, legumes, carne de suas caças, peixe de suas pescas, & frutas dos campos. IDEM *Ib.* § 141.86: [...] outros [*vinhos*] de aipy, & são de duas castas; a hũa chamão cauy caraçú, a outra cauy machaxéra. IDEM *Ib.* II. § 71.150: O genero de erua de raiz mais notauel, & proueitosa do Brasil, he a que chamão mandioca. Tem debaixo de si diuersissimas especies, a saber: mãdijbuçú, mandijbimana, mandijbibiyána, mãdijbiyuruçù, apitiùba, aipiy; & este se diuide em mui varias especies apontadas á margẽ. O sumo destas raizes verdes (exceptas as dos aipiys todos) he venenoso, & mortal a todo o genero de viuente. IDEM *Ib.* § 71.150 [*à margem*]: aipijgoaçù, aipijarendè, aipijcaba, aipijgoapamba, aipijiaborandi, aipijcurumù, aipijiurumùmiri, aipijiurucuya, aipijmachaxera, aipijmaniacaù, aipijpoca, aipijtayapoya, aipijpitanga. IDEM *Ib.* § 73.152: Todas estas especies de mandioca crua, são peçonhentas aos homẽs que as comem, excepto o aipij machaxera; o qual assado, he muito gostoso, & saudauel: [...]. *a*1696 G. MATOS *Obras* (ed. 1969, V. 1147): Com uma raiz de aipi I vos envio de Passé I e enfiado num imbé I Guiamu, e Caiaganga, I. 1705 M. B. OLIVEIRA *Música do Parnasso* 134: Os Aypins se aparentam I Co a mandioca, & tal favor alentam, I Que tem qualquer, cosido, ou seia assado, I Das castanhas da Europa o mesmo agrado. 1711 A. J. ANTONIL *Cultura e Opulência do Brasil* I. I. IX. 28: O que se ha de evitar nos Engenhos, he o emborracharemse com Garàpa azeda ou agua ardente; bastando conceder-lhes a garàpa doce, que lhes naõ faz dano; & com ella fazem seus resgates com os que a troco lhes daõ farinha, feijoens, aipins, & batatas. IDEM *Ib.* I. II. X. 69: [...] & desta Escuma tomaõ os Negros para fazerem sua Garappa, que he a bebida, de que mais gostaõ, & com que resgatão de outros seus parceiros farinha, bananas, aipins, & feijoens. 1730 ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 37. 25: Outras raizes ha do mesmo genero, e feitio, mas de diversa qualidade, que se chamaõ Aypîs de quatro especies, assù, branco, preto, e poxá: de todas se fazem por varios modos agradaveis guizados; assadas tem o mesmo sabor, que as castanhas de Portugal, e nas olhas se assemelhaõ aos nabos. 1757 D. L. COUTO *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 63: Em fazer varias castas de vinhos, engenhosos alguns, contão trinta e duas especies. Huns feitos da fruta a que chamão cajá, outros de Aipy, e saõ de duas castas, a hũa chamão cavycaraçú, a outra cavymachaxera; outros fazem de banana, a que chamão pacoba, outros de milho, a que chamão abativy; outros de ananaz, que chamão nanavy, he generoso, e eficaz; outros de batata que chamão jetivy. IDEM *Ib.* 318: Outras raizes ha do mesmo genero, e feitio, mas de diversa qualidade, que se chamão aypiz, e são de quatro especies, assù, branco, preto, e poxá, e de todas se fazem por varios modos agradaveis guisados. Nas olhas se assemelhão aos nabos, e assadas tem o mesmo sabor que as castanhas verdes de Portugal. 1761 JABOATÃO *Novo Orbe Seráfico Brasílico* I. I. 201: O sustento ordinario humas raizes agrestes, ainda que cultivadas, a que chamaõ os naturaes *Aypy* – *Macacheyra*, ás vezes ja azedas, porque, guardadas, a poucos dias perdem o natural gosto, e sabor. 1781 DURÃO *Caramurú* VII. XXXIX. 204: Chama o Agricultor raiz gostosa I Aipi por nome, e em gosto se parece I com a molle castanha saborosa, I De que tira o Paiz vario interesse. 1799 E. A. S. CORREIA *Hist. Angola* (ed. 1937, I. 138): O Aypim do Brazil hé mais gostozo, não obstante ser da mesma especie; mas não da mesma qualidade. Comida assada ou cozida imita ao gosto da castanha; [...]. 1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 115: O *aypim* he uma casta de mandioca, cuja raiz se come cozida, ou assada. IDEM *Ib.* I. 165: Cultiva-se tambem, como em outras partes muito aipim, ou *pompim*, como alli lhe chamam, cuja raiz depois de raspada ou descascada, e rachada em quartos, e sêcca no forno he cozinhada com a carne, servindo de pão. 1847 A. LEVERGER *Rio Paraguai* in RIH, XXV. (1862) 218: Excepcionalmente vê-se uma ou outra familia de guatós estabelecida em lugar certo, onde cultiva algumas plantas como milho, aipim, bananeiras, aboboras, etc. 1856 D. MAGALHÃES *A Confederação dos Tamoyos* III. 89: Licores pelos Indios extrahidos I Do sumo do ananaz delicioso, I Do aipim e do cajú, que a sêde aplaca, I E refrigera o mal do amor impuro, I. 1874 J. ALENCAR *Ubirajara* v. 83: E si era um guerreiro que plantava, a aypim endurecia como o páo d'arco. 1874 TAUNAY *Histórias Brasileiras* 137: Não havia dia em que Pacalalá voltasse dos seus trabalhos sem trazer para a mãi um cesto de carás ou de raizes de aipim, alguma fructa saborosa ou miolo assucarado da macaúba, que os indios chupão com delícia. 1876 F. TÁVORA *O Cabeleira* 310: Chama-se no norte *gerumú* ao que se chama aqui *abobora*, e *macaxeira* ao que se chama *aipim*. 1915 LIMA BARRETO *Policarpo Quaresma* II. IV. 136: Se por ocasião das fructas, a sua alegria foi grande, mais expressiva e mais profunda ella foi, quando viu partir para a estação em successivas carretas, as aboboras, os aipins, as batatas doces, em cestos cobertos com saccos cozidos. 1919 IDEM *Gonzaga de Sá* IV. 52: Tinhamos atravessado pequenas plantações de aipim, batata doce, abobora; [...]. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* VIII. 105: Foi muito bom pra Macunaíma porquê lá em casa êle sempre dera presentinhos de bolo-de-aipim prá Sol lamber secando. 1929 G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* XVI. 320: Tinham grandes roças de milho, feijão, mandioca, aipim e outros cereaes.

airi *s.m.* Var.: 6 *airi, airu,* 8 *airy,* 9 *iry* [< T. ai'rĩ ~ VLB II. 63: *Palma ou palmeira não tem genero.* As especies são muitas, (...) Airig, q. tem espinhos (...)].

Palmeira da subfamília das ceroxilíneas; airizeiro.

*c*1607 J. RODRIGUES *Relação* in S. Leite *Novas Cartas Jesuíticas* (1940) 210: [...] vendo que aquele dia determinávamos entrar na terra dos Carijós, ou pera melhor dizer, havíamos de entrar com uns poucos, que de sua terra tinham vindo ao rio de S. Francisco, aos pássaros e airis, e alguns dos quais se haviam de salvar com nossa vinda, [...]. 1624 in ADF, I. (1894) 401: Proveu que ninguem tape seus quintaes que ficarem nas testadas das ruas com palha de airi, nem outra palha, com penna de dous mil reis. *a*1696 G. MATOS *Obras* (ed. 1969, III 606): Em se acabando os cajus, I as varas vão co diabo, I salvo formos meirinhar I aos airus por êsses campos. I. 1874 J. ALENCAR *Ubirajara* IV. 62: As servas pressurosas estenderam á sombra da gamelleira as alvas esteiras de palmas entrançadas de airy; [...]. 1920 LIMA BARRETO *Histórias e Sonhos* 50: Elle seria rei, estaria no seu quadro natural, não na Camara, mas remando em ubás ou igaras nos nossos grandes rios ou distendendo aquelles fortes de iry que despejam frechas hervadas com curaro.

airizeiro *s.m.* Var.: 6 *ayriseiro* [< airi + -z- + -eiro].

Airi.

1678 in ABN, LVII (1935) 371: [...] a beira do d[o] Rio da parte esquerda indo por elle asima para as caxoeiras hum marco de pedra no pee de huns ayriseiros o qual marco tinha por marca hum circulo redondo [...].

ajajá *s.f.* Var.: 5 *ayaya, aiaiá,* 6 *agaga* [< T. aja'ja].

Ave da família dos tresquiornitídeos (*Ajaja ajaja*).

*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 30: Ayaya. Estes passaros saõ do tamanho de pegas, mais brancos q̃ uermelhos tẽ cor graciosa de hũ branco spargido de uermelho: o bico he cõprido, e parece huà colher p[a] tomar o peixe tem este artificio bate cõ o pee nagoa e

tendo o pescoço estendido espera o peixe e o toma, e por isto dizem os Jndios q̃ tem saber humano. **1587** G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxxxvii. 109): Há outra ave, a que os índios chamam aiaiá, que é do tamanho de uma franga tôda vermelha, tem o bico verde, os pés pretos e o cabo do bico amassado como pata. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 185*v.*: Agaga he a colhereira he mahor que hũ pato he bramqua cor de carne e nos emcontros das azas rozada e o maxo tem a cabesa a feição de pato de portugal sao cor de laramia e rozado e preto e tem os peis uermelhos o biquo pardo e ha muito gramde camtidade deles a lomguo do mar e perizes e fazem os filhos em riba dos pauuos e fazem tres e coatro e os ouos cão bramquos pimtados de uermelhos e cão bomis de comer.

‖ **ajuberaba:** v. abon.

*c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1355-1357: Das ponbas ha quatro castas picaçu, ajuberaba picaçucte, picaçupitãga, picaçu ipepotĩga. azas brãcas he boa carne e aj m^tas^. [*Ajuberaba* pode traduzir-se por 'amarelo brilhante' (< T. *ᵐjuɰe'raɰa < 'iɰɰa 'amarelo' + ɰe'raɰa 'brilhante, resplandecente' ~ VLB I. 33: *Amarela cor* = Juba. *Ib.* II. 103: *Resplandecente ser, ou resplandecer como quer* = Aberab); admitida esta hipótese, *picaçu ajuberaba*, uma das quatro variedades de pombas referidas pelo autor, corresponderia, à letra, a 'pomba de cor amarelo brilhante'; pomba em tupi é pĩka'su: v. picaçu].

ajuru *s.m.* Var.: 8 *ayurú, jurú* [< T. aɻu'ru ~ VLB II. 64: *Papagayo, gnlr.* = Ajurû. Suas especies são muitas].

Papagaio.

1806 in RAPM, VI. (1901) 773: Papagaios. Differem huns dos outros em côr, e em grandeza. Aos grandes chamamos Ayurús, de ordinario estupidos: cor verde suja. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 88: [*Castas de papagaios*] todas tem boa carne, com especialidade o jurú. Idem *Ib.* II. 75: Os caçadores encontram com facilidade mutuns, jurús, macucos, jacús, jacutingas, aracuans, nhambús, capueiras, papagayos, e diversidade de rolas.

ajuruaçu *s.m.* Var.: 5 *ageru-açu* [< T. aɻurua'su < aɻu'ru + a'su 'grande'].

Papagaio.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxxxiii. 96): Ageru-açu são uns papagaios grandes todos verdes, que tem tamanho corpo como uma adem, os quais se fazem mui domésticos em casa, onde falam muito bem: êstes no mato criam em ninhos, em árvores altas; são muito gordos e de boa carne, e muito saborosos; mas hão de ser cozidos.

‖ **ajuruatubira** (*aiuruatubira*): v. abon.

*c*1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 22: Aiuruatubira. Esta aruore q̃ he piquena dá huã fruita vermelha, e della se tira hũ oleo vermelho com q̃ tãbẽ se untaõ os Jndios. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1890:1891: Ajuruatubira Fazẽ azeite e fiqua vermelho da fruita.

ajurucatinga *s.m.* [< T. aɻuruka'tiɳa < aɻu'ru + ka'tiɳa 'catinga, mau cheiro' ~ VLB I. 73: *Cheiro de rapozinhos* = Catinga].

Papagaio.

1928 M. Andrade *Macunaíma* xviii. 267: Não vê que um ajurúcatinga passara muito afobado por ali. Os papagaios perguntaram pro parente onde que ia.

ajurucurau, ajurucurica *s.m.* Var.: 5 *ajurucurao,* 6 *ayuruquuriqua, iuruquariqua,* 9 *ajurú-curau, ajuru-curica* [< T. aɻuru-ku'ruka < aɻu'ru + ku'ruka, ko'roka 'resmungador' ~ Cp. curica].

Papagaio.

*c*1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 18*v.*: Ajurucurao. Estes papagayos são fermosissimos, são todos uerdes, tem hũ barrete, e coleira amarella muito fermosa, e encima do bico hũas poucas de penas de azul m^to^ claro que lhe daõ muito lustre, e graça, tem os encontros das asas uermelhas, e as penas do rabo de uermelho, e amarello salpicadas de azul. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1286-1288: Anacam ajurucurao he verdad^ro^, Aiuruj̃, Corica, Maracanaguaçu, Maracanamerj̃. toĩs grandes e piquenos diuerssos, Jandajete Jandajuba. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 192: Ayruquuriqua he papaguaio tamanho como hũa pomba e he todo uerde fora a cabesa que tem amarela e azul as pomtas das azas amarelas tiramdo dazul pardo as penas do rabo uerde e amarelo cor de laramia eles fazem os filhos em buraquos de pauos fazem tres e quoatro filhos os ouos sam bramquos e quamdo os emsinão falam muito bem. Idem *Ib.* fl. 193: Aiuruiu he papagaio he mais pequeno que iuruquariqua [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* xvi. 231: A ruivor veio vindo veio vindo e era o bando de araras vermelhas e jandaias, todos esses faladores, era o papagaio trombeta era o papagaio curraleiro era o xarã o peito-roxo o ajurú-curau o ajurú-curica araríara rica [...].

ajuruetê *s.m.* Var.: 5 *agerueté,* 6 *haiuruhite* [< T. aɻurue'te < aɻu'ru + e'te 'verdadeiro'].

Papagaio.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxxxiii. 96): Agerueté são uns papagaios verdadeiros que se levam à Espanha, os quais são verdes, e tem os encontros das asas vermelhos, e o toucado da cabeça amarelo; criam nas árvores em ninhos, e comem a fruta delas, de que se mantêm; cuja carne se come; e para se amansarem tomam-nos novos. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 193: haiuruhite he papaguaio tamanha como hũa framgua e he todo uerde e a cabesa azul e amarelo e o meio das azas tem algumas pequenas penas uermelhas e he hum pasoro muito estimado nesta terra e em toda a parte e que pasa milhor o mar fazem os filhos em buraquos dos pauos e não fazem mais que dous e os ouos cam bramquos e amda cempre maxo e femia em companhia.

ajuruim *s.m.* Var.: 5 *aiuruĩ* [< T. aɻuru'i < aɻu'ru + -'i 'pequeno'].

Papagaio.

*c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1286-1288: Anacam ajurucurao he verdadr^o^, Aiuruj̃, Corica, Maracanaguaçu, Maracanamerj̃. toĩs grandes e piquenos diuersos, Jandajete Jandajuba.

ajuruju *s.m.* Var.: 6 *aiuruiu* [< T. aɻuru'iɻu < aɻu'ru + 'iɰɰa 'amarelo'].

Papagaio.

*c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 193: Aiuruiu he papaguaio he mais pequeno que iuruquariqua ele tem o sorpo [*sic*] todo amarelo e as pomtas das azas uerdes e he hũ pasoro que sabe muito bem falar e fas seus filhos como os outros.

ambuá *s.m.* Var.: 5 *imbuá,* 9 *embuá* [< T. a*ɱ*u'a ~ VLB I. 70: *Centopea* = Ambuâ].

Designação de diversos animais das famílias dos julideos e polidesmídeos (classe dos diplópodes, filo dos artrópodes).

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxvi. 167): Imbuá é outra casta de lagartas verdes pintadas de prêto e a cabeça branca, e outras pintadas de vermelho e prêto, e tôdas são tão grossas como um dedo, e de meio palmo de comprido, com muitas pernas, as quais crestam a terra e árvores por onde passam. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* xviii. 207: Mal o anzol tocava nagua com isca de minhoca, embuá ou *paquinha*, o peixe guloso fisgava.

‖ **ambuaçava:** v. abon.

1590 in ACSP, I. (1914) 391: [...] ouverão outrosi pr ben q̃ por aviso q̃ ten do s^or^ capitão se ponha gente na ambuaçava na alldeia caiapurui [...].

amendoim *s.m.* Var.: α. 5 *mendubi,* 6 *mindoim,* 7 *menduí, mendubi, mindobim, mudubi, mendubim, mandobim, mundobim, manobi,* 8 *mindubim, mandubim, mendobi, menduby,* 9 *mendobim, mundubí*; β. 5 *amendoí,* 6-7,9 *amendoim,* 6 *ameñdui,* 7 *amendohy* [< T. manu'ɻi; as vars. β foram influenciadas pelo vocábulo *amêndoa*].

Nome comum a diversas plantas da família das leguminosas.

*c*1584 Cardim *Origem dos Índios do Brasil* fl 9: [...] e certa fruita como amendoas q̃ chamaõ mendubis, [...]. **1587** G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, I. xlvii. 335): Dos amendoís temos que dar conta particular, porque é cousa, que se não sabe haver senão no Brasil, os quais nascem debaixo da terra, onde se plantam à mão, um palmo um do outro; as suas fôlhas são como as dos feijões de Espanha, e tem os ramos ao longo do chão. E cada pé dá um grande prato dêstes amendoís, que nascem nas pontas das raízes, os quais são tamanhos como bolotas, e tem a casca da mesma grossura e dureza, mas é branca e crêspa, e tem dentro de cada bainha três e quatro amendoís, que são da feição dos pinhões com casca, e ainda mais grossos. Tem uma tona parda, que se lhes sai logo como a do miolo dos pinhões, o qual miolo é alvo. Comestos crus tem sabor de gravanços crus, mas comem-se assados e cozidos com a casca, como as castanhas, e são muito saborosos, e torrados fora da casca são melhores. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 96*v.*: [...] outra sorte de legume há que chamaõ Amendoim que saõ de feiçaõ de bolotas e dentro de cada cuculo, tem dois pinhõis marauilhozos na sustançia e guosto, comense assados e cozidos e tambem crus sem nenhũ beneficio [...]. **1624** S. E. Silveira *Relação do Maranhão* fl. 11: Ha muito, & bõ arròs, muito milho zaburro, & outro branco, muito feijões, & fauas de diuersas castas, amendoins muito gostosos para regallo, [...]. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 176*v.*: mindoim Cam tamanhas como azeitonas mas esta fruta he milhor e he muito cemte caem na tera e de

hũa vem de proueito mais de hũ semto ele tem as folhas de tamanho que aqui estam pimtados e as froles cam amarelas cor de ouro e a casqua he parda e algumis [*sic*] tem dous miolos em cada baguem ele tem esta virtude que ceruem pera quem tiuer perna ou braco crebado pizamdoos uerdes e polos em riba da quebradura solda muito bem. **1664** in ACSP, VI. (anexo, 1915) 372: [...] foi tratado que coñvinha muito ao beñ comuñ he remedio dos pobres que se não veñdese o azeite de ameñduis he de carapato; as Botijas he não por medida; he que porcoan.[to] o de ameñduis se comia tivese seu preso coñforme seu valor; he o de carapato coñsequeñtemeñte; he que a medida do de ameñdui se veñdese a tres viñteis [...]. **1681** A. O. Cadornega *Hist. Guerras Angolanas* (ed. 1942, III. 202): [...] e amendoins em cantidade em huns cazullos gerados de baixo da terra, que servem em lugar de amendoas e se comem torrados, que são muito saborozos; [...]. **1702** A. Rosário *Frutas do Brasil* III. iii. 149: os menduis tem cor de cinza, cor de penitencia. **1721** F. F. Henriques *Âncora medicinal* (ed. 1731, 219): Mandobins. He fruto do Brasil, quente e humido, semelhante aos nossos feijoens no gosto. Comem-se torrados; e alguns os misturaõ com a farinha de páo, ou de milho. **1722** in ACSP, IX. (1916) 148: [...] e se asentou mais que a canada de aseite da terra, a que chamão de carrapato, ou de amendohy, se venda daqui endiente a pataca e a meya a cento e secenta rs, [...]. **1730** Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I § 39. 26: De outros grãos, e legumes produz a nossa America em quantidade trigo, feijão, milho, favas, algumas hervilhas do Reyno, anduzes, como ellas na fórma, e melhores no gosto, mangallôs, mendubis, gerzilim. *c***1753** in DAP, VII. 2: Prezenteavão-me com bollos, batatas, mindobins, &ª. e de mim erão recompensados, com facas, anzois, vellorios &ª. *c***1777** F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 264: [Plantas e hervas] Mendui. **1781** Durão *Caramurú* VII. xxxix. 206: Aos que usamos na Europa mais prezados, / Gingibre, Gergelim, que os mais excedem / Mendubim, mangaló, que usão guizados: /. **1782** F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* I. xi. 176-177: Sam os Mundobins, q̃ tambem chamão Manobis, ou Mudubiz propriamente humas sementes clauzuradas em hunz foliculos, ou cascas tortuozas da groçura de hum dedo minimo da mão á semelhança de Baje com huma, duas, e mais sementes [...]. **1799** E. A. S. Correia *Hist. Angola* (ed. 1937, I. 40): Extracção oleosa de huma pequena raiz em forma de bage, q̃. fecha dous grãosinhos, a que no Brasil chamão amendoins, e se comem cozidos, ou torrados ao fogo. O seu azeite pende para a côr de perola, não tem cheiro, e hé excellente: p.ª luzes, q̃, hé o seu maior uzo. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 115: O mindubim he uma planta de pouco crescimento com folha de feijoeiro; e cria nas raizes umas como bolotas de casca parda, que encerram uma athé tres sementes do tamanho, e forma dos grãos de bico, e comem-se cozidas ou (e principalmente) torradas. Idem *Ib.* II. 265: [...] cultivam mandioca inhames, abobaras, e mandubins. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 8: O *cumarú*, que dá a estimada fava do mesmo nome, tão procurada para as fabricas de rapé: esta fava colhe-se junto ás arvores que a produzem nos mezes de Julho e Agosto, existe dentro de um pequeno globo maior que o do mendobi, porém mais duro de uma polegada de comprimento e meia de largura, he bastante aromatica; sua pellicula externa he preta, e a massa interna flexivel, e de côr branca-escura, tem a particularidade de afugentar a traça. **1872** J. Alencar *Til* IV. v. 58: Não como inhame cosido; / Não gosto de milho assado; / Quem me quizer derretido / Me dê menduby torrado. **1929** G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* xvii. 379-380: Tactos, sons, côres, cheiros que se fundem em gostos de gengibre, de mendobim, de castanhas, de bananas, de laranjas, de boccas e de mucosas. **1934** Jorge de Lima *O Anjo* 11: O garçon, forte mandibula, empertigado, muito lorde, trouxe dois martinis seccos com amendoim. **1934** G. Ramos *S. Bernardo* xiv. 96: Azevedo Gondim mastigava amendoins torrados e bebia cerveja: [...]. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* xx. 234: [...] e milho, arroz, feijão, jurumum, mundubi, tabaco, melancia, algodão, ananáz, banana. **1950** Jorge de Lima *Guerra dentro do beco* xvii. 149: E um prato de amendoins torrados fazendo-lhe companhia.

|| **amingua**: v. abon.

*c***1631** C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 178*v*.: Amingua he aruere muito alta tem a folha como a mais gramde que esta aqui pimtada e a fruta he desta propia forma que esta aqui e he tamanha como a cabesa de hũo criamsa e coamdo sam maduros são uermelhos e amarelos por fora e por demtro cor de laramia e tem muita simente e tem pouquo que comer mas iso que tem he muito guostozo a frol he bramqua tira damarelo e no meio he uermelha a folha roxa.

|| **amisaua** *s.f.* Var.: 5 *amisagoa* [< T. *ami'saua].

V. abon.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. xcii. 122): Amisagoa é outra casta de vespas, que são à maneira de môscas, que se criam em um ninho, que fazem nas paredes, e nas barreiras da terra, tamanhos como uma castanha com um ôlho no meio, por onde entram, o qual ninho é de barro, e elas mordem a quem lhe vai bulir nêle.

amoquecar *vb.* [< a- + moquec(a + -ar].

Assar na brasa, moquear: v. abon.

1874 J. Alencar *Ubirajara* 201: [*Nota do Autor*] *Moquem* era simplesmente o assado envolto em folha e feito sobre a braza; d'ahi vem *moqueca* de que tiramos os verbos moquear e amoquecar.

amoré *s.m.* Var.: 5 *aimoré*, 6 *amoreta, amure*, 8 *amoré* [< T. amo're ~ VLB II. 42: *Morea, outras de feição de peixe, pretas e sem escamas, q. se crião e uiuem nos mangues dentro das couas dos carãgueijos* = Amore].

Nome de diversos peixes de água doce, da família dos gobiídeos.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxxvi. 213): Aimoré é um peixe que se cria na vasa dos rios da água salgada, onde se tomam nas covas da vasa, os quais são da feição e côr dos enxarrocos: e tão escorregadios como êles, e tem a cabeça da mesma maneira; são sôbre o mole, mas muito gostosos cozidos e fritos, e mui leves. *c***1631** C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 164*v*.: Amoreta peixe do mar da comprimdam [*sic*] dum palmo as maiores [*sic*] cuberta descama da cor de pardo he boma comer. Idem *Ib.* fl. 174: Amoreta peixe de hũa poleguada e a cor he pardo e preto cuber[to] descama e he muito bom comer. Idem *Ib.* fl. 175*v*.: Amure he de hũ palmo de comprido descama pequena tira a pardo no pescoço hu pouco preto. **1878** F. Távora *O Matuto* xvii. 234: — Donde vem esta grandeza e este poderio a Tunda-Cumbe, que ainda não ha um mez vendia bodiões e amorés pelas portas? perguntou a meia voz um parcial dos nobres. **1881** Idem *Lourenço* (ed. 1902, xviii. 288): Moquecas de amorés, e frigideiras e ensopados de goyamús, preparados de vespera por Marianinha; [...].

|| **amoreatim** (*amoreatĩ*): v. abon. [Cp. a var. *amoreta*, documentada em Fr. Cristóvão de Lisboa (*c*1631), no verbete *amoré*].

*c***1584** Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 27*v*.: Amoréatĩ. Este peixe se parece cõ o peixe sapo, esta cheo de espinhos, e metẽse debaixo da area nas prayas, e picam por debaixo o pee, ou maõ q̃ lhe toca, e naõ tem outra cura senão fogo. *c***1594** [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 2198-2199: Amoreatĩ [*peixe*] este he como escorpiaõ do mar, [...].

amoreguaçu *s.m.* Var.: 5 *aimorèoçu* [< T. amoreu̯a'su < amo're + u̯a'su 'grande'].

V. abon.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxxvi. 213): Chama o gentío aimorèoçus a outros peixes, que se criam na vasa dos mesmos rios do salgado, que são da feição dos eirós de Lisboa, mas mais curtos e assim escorregadios.

amorepocu *s.m.* Var.: 6 *amoreta pocu* [< T. *amorepu'ku < amo're + pu'ku 'comprido' ~ VLB II. 24: *Longa cousa, adiectiuo* = Mucû, l, Pucû].

V. abon.

*c***1631** C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 165*v*.: Amoreta pocu cuberta descama de hũ palmo de comprido de cor parda e bramqua e os olhos pratiados he bom de comer.

anacã *s.m.* Var.: 5 *anacam*, 6-7 *anacan*, 8 *anacán*, 9 *anaca, anacá* [< T. ana'kã].

Ave da família dos psitacídeos.

*c***1594** [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1286-1288: Anacam ajurucurao he verdadr°, Aiuruj, Corica, Maracanaguaçu, Maracanamerj. toĩs grandes e piquenos diuersos, Jandajete Jandajuba. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 113*v*.: [...] Anacans da feição de papagajos mas naõ saõ da mesma espeçie [...]. *c***1777** F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 260: [Papagaio] Anacan. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 30: [...] *papagaios* de diversas côres, entre os quaes se notam os *murajúbas* pela sua côr amarella, verde e encarnada; *anacáns* (*psittacus anacá Lath*) muito estimados pela facilidade com que aprendem quanto se lhes ensina; [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* xvi. 231: A ruivor veio vindo veio vindo e era o bando de araras vermelhas e jandaias, todos êsses faladores, era o papagaio-trombeta era o papagaio-curraleiro, era o xarã [...] o ajurúcurica arari ararica araraúna ararai araguaí maracanã maitaca ararapiranga catorra teriba camiranga anaca anapura canindés tuíns periquitos, todos êsses, o cortejo sarapintado de Macunaíma imperador. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas*. xv. 178: Desde a arara vermelha, chamada macáo, até a arary, com escalas pela araruna, pela anacá, pela araguahy, que o indio não perdôa o bello voador.

anajá *s.m.* Var.: 5, 8-9 *anajá*, 5 *anaja*, 6 *naia, inajaz*, 8 *nayhá*, 8-9 *inajá* [< T. ina'i̯a ~ VLB II. 63: *Palma ou palmeira não tem genero*. As especies são muitas, mas nenhũa se nomea senão pola fruita, saluo a principal delas com q. se cobrem as

casas que se chama Pindoba. E o fruito della Ynajâ ~ Cp. INDAIÁ].

Palmeira da subfamília das ceroxilíneas; o fruto desta planta.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LV. 25): Anajá-mirim é outra casta de palmeiras bravas que dão muito formosos palmitos, e o fruto como as palmeiras acima; mas são os côcos mais pequenos, e as palmas que se lhe tiram de junto dos olhos tem a fôlha mais miúda, com que também cobrem as casas onde se não acham as palmeiras acima. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1740-1748: Palmeiras Anaja guaçu tẽ ao peé hũ cacho grande de cocos q̃ saõ tamanhos como hũ punho de homẽ e assi carrega bẽ este cacho hũ homẽ que saõ m^tos cõ esta palma cobrẽ as casas e he boa e fresca os cocos comẽos crus e asados e ẽ necessidade fazẽ farinha delles e azeite cõ q̃ se vntaõ em suas necessidades. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 182*v.*: ha outra casta de plameira q̃ chamão naia que dão hũs cachos de cocos piquenos q̃ maduros são amarelos comẽse crus e asados e cozidos mas pegão m^to na boqua cão quentes do meolo do coquo se faz azeite e dos de cima tãobem o tamanho cão como limõs piquenos cõpridos. *c*1698 J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 278: [...] e viram mais que afugentavam os indios de si os mosquitos que havia, com um pouco de azeite de cocos bravos ou inajazes, com tão feliz successo que, dizia o irmão Antonio Ribeiro, que o mesmo era assentarem-se esses animaesinhos sobre o que estava untado delle, que cairem mortos todos em o mesmo momento. **1817** CASAL *Corografia Brazilica* II. 99: [...] os nayhás, [coqueiros] tão grandes como os primeiros [piassaba], e que se criam no interior, sustentam diversidades d'aves principalmente araras, e quadrupedes com os seus côcos, que sam pouco inferiores aos daquelloutros, e tem o entrecasco mui doce. IDEM *Ib.* II. 278: Entr'outras fructas mais nomea-se [...] o inajá. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 12: [...] *inajá* mais alta que as precedentes: [...]. **1851** G. DIAS *Últimos Cantos* (ed. 1865, II. 105): Se algum dos guerreiros não foge a meus passos: / "Teus olhos são garços, / Responde anojado; "mas és Marabá: / "Quero antes uns olhos bem pretos, luzentes, / "Uns olhos fulgentes, / "Bem pretos, retinctos, não côr d'anajá!" **1876** COUTO DE MAGALHÃES *O Selvagem* II. iv. 89: [...] é uma vasta choça levantada sobre seis ou doze forquilhas, aberta de todos os lados e mal coberta com palmas de bossu ou inajá. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. ii. 20: Meia duzia de páos toscos servindo de esteios, vigas e caibros formam a armação desse edificio primitivo que coberto por todos os lados de palha de buçú (*Manica saccifera*) de curuá (*Attalea*) de miriti (*Mauritia flexuosa*) de ubim (*Geonoma*) de uricuri (*Attalea excelsa*) de inajá (*Maximiliana regia*) [...]. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* vi. 82: Piaimã arrancou da terra com raiz e tudo uma palmeira inajá e nem deixou sinal no chão. **1930** G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 32: Pensa o General que a palmeira inajá fornece o melhor palmito da região. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* XX. 236: Em torno da área da floresta a derrubar construiram-se varios paperis, leves casotas cobertas de folha de inajá.

anajé *s.m.* Var.: 5 *jnagẽ*, 7 *enagé*, 8 *anajẽ*, *anagé*, *anajé*, 9 *inajé* [< T. *ina'je ~ Cp. INDAIÉ].

Ave de rapina: v. abon.

*c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1421: Jnagẽ guaçu gavião grande Jnagẽ merj̃ piqueno. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 260: [Ave de rapina] Enagé. **1865** J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, xxii. 84): O jaguar, senhor da floresta, e o anajé, senhor das nuvens, combatem só o inimigo. [*Nota do Autor, à pág. 217*] *Anagé*-Gavião. **1876** COUTO DE MAGALHÃES *O Selvagem* I. 228: Ella casou-se com o anajé (formosa especie de gavião do Brazil) que era formoso, caçador e valente. **1930** G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 215: Assisti, há pouco, a scena que muito me confrangeu. Um periquito apanhado em pleno vôo por um gavião-inajé. E lá se foi o rapinante, de plumagem sombria e bico recurvo levando entre as cingideiras, logo retrahidas, a pequenina bola verde.

anambé *s.m.* Var.: 7 *uanambé*, 8-9 *anambé* [< T. *ɥana'ɱe].

Pássaro da família dos cotingídeos.

*c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 261: [Ave silvestre] Uanambé, tres variedades. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 31: O *anambé*, pequeno porém de todos o mais delicado, porque reune em si todas as côres; [...]. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. i. 12: A caça, que em sua alimentação entra em quantidade infinitamente menor que o peixe, ainda os rios e outras aguas mediterraneas lh'a fornecem, não só na copiosa variedade de sua fauna peculiar, os patos, as marrecas, os anambés, além dos pernaltos, [...]. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xvii. 195: Eis que chegam, porém, numa revoada hecterogenea, sabis, japiins, [...], anambés, arapongas, [...].

ananás *s.m.* Var.: 5 *ananes*, (*anazes* pl.), *anânas*, *ananâz*, *naná*, *nanaz*, *nana*, *anannas*, 5-7 *ananas*, 5-6, 8 *ananáz*, 5-9 *ananaz*, 6 *nanás*, *annanaz*, *ananás*, 6-7 *ananàs*, 5-6, 9 *ananás* [< T. na'na].

Fruto do ananaseiro.

A documentação adiante transcrita atesta o enorme interesse que despertou o ananás entre os cronistas do Brasil. Todos eles são unânimes em atribuir ao fruto as mais notáveis qualidades. Ainda no século XVI, em pleno período de conquista, o padre Nóbrega, em carta datada de 1561, informava que os ananases em conserva eram enviados a Portugal para a cura dos doentes de 'dor de pedra'. Gândavo, depois de enaltecer-lhe as qualidades, alude também à remessa de ananases em conserva para o Reino (cf. abon. *a*1576). Gabriel Soares de Sousa dedica-lhe um capítulo inteiro de sua obra (cf. abon. 1587). Mas não só os cronistas do Brasil aludiram às virtudes do 'saboroso' fruto, pois até mesmo o erudito Garcia da Orta a ele se refere elogiosamente, embora se abstenha de descrevê-lo nos *Colóquios*, por se tratar de fruta americana (cf. abon. 1563).

1557 *Rel. Descobr. Frolida* v. fls. 11-11*v.*: [*Há, na cidade de Santiago, em Cuba*] outras aruores que dam hũa fruita a que chamã Ananes & da feyçã & tamanho de pinhas pequenas: he fruita gostosa: tirada a casca parece ho miolho hũ pedaço de quoalhada. **1561** NÓBREGA *Cartas* (ed. S. Leite, 1955, 377): Ho mestre leva estas conservas pera os emfermos, scilicet, os ananazes [*no ms. ocorre a grafia* anazes] pera dor de pedra, os quais posto que não tenhaõ tanta vertude como verdes todavia fazem proveito. **1563** ORTA *Colóquios* 58 fl. 224*v.*: DIMAS. aueis descreuer destas frutas que chamã anânas porq̃ çerto que he Rey das frutas no sabor, e muyto mais no cheiro. OR[TA]. Escreue desta fruta Ouiedo ho que escreueo das indias oçidẽtaes: como de fruta propia dessa terra por onde não he neçesario escreuer eu cá dellas auẽdoas là, e a na prouinçia de Sancta cruz, chamada de nos ho brasil [...] onde saberã milhor escreuer dellas. *a*1576 GÂNDAVO *Trat. Prov. Brasil* (ms. do British Museum) 790-807: Hũa fruita se dá nesta prouinçia do Brasil muito sabrosa e mais prezada de quantas ha na terra. Cria se nũa pranta humilde junto do chão, a qual tem hũas pencas como cardo, a fruita della naçe como alcachofres e pareçẽ naturalmente pinhas e saõ do mesmo tamanho, chamão lhes Ananàzes e de pois de maduras tem hũ cheiro m[ui]to exçellente, colhem nos como saõ de vez e com hũa faca tirão lhes aquella casca e fazem nos em talhadas e desta maneira se comẽ. Exçedem no gosto a quantas fruitas ha neste Reino, e fazem todos tanto por esta fruita que mandão prãtar Roças delles como de cardais. A este nosso Reino trazem muitos destes ananázes em conserua. **1576** IDEM *Hist.* v. fl. 17*v.*: Outra fruita ha nesta terra muito melhor, & mais prezada dos moradores de todas, que se cria em hũa planta humilde junto do chão: a qual planta tem hũas pencas como de herua babosa. A esta fruita chamão Ananázes & nacem como alcachofres, os quaes parecem naturalmente pinhas, & sam do mesmo tamanho & algũs mayores. Depois que sam maduros, tem hum cheiro muy suave, & comẽse aparados feitos em talhadas. Sam tam sabrosos, que a juizo de todos, nam ha fruita neste Reino q̃ no gosto lhes faça ventagem. E assi fazem os moradores por elles mais, & os tem em mayor estima, que outro nenhum pomo que aja na terra. *c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 23: Nanâ. Esta erua he m^to comuã parecesse cõ erua babosa, e assi tẽ as folhas, mas naõ taõ grossas, e todas ẽ redondo estaõ cheas de hũs bicos m^to crueis; no meo desta erua nasce hũa fruita como pinha, toda chea de flores de uarias cores m^to fermosas, e ao pee desta 4, ou cinco olhos q̃ se plantaõ, a fruita he m^to cheirosa, gostosa, e hũa das boas do mundo, m^to chea de sumo, e gostosa, e tem sabor de melaõ, ainda q̃ milhor e mais cheiroso, he boa p^a doentes de pedra, e p^a febres muito periudicial. Desta fruita fazẽ uinho os Jndios m^to forte, e de bõ gosto. A casca gasta m^to o ferro ao aparar, e o sumo tira as nodoas da roupa. Ha tanta abundancia desta fruita q̃ se ceuaõ os porcos com ella, e naõ se faz tanto caso p'la muita abundancia. Tambẽ se fazem em conserua e crus desenjoaõ m^to no mar, e p'las manhãs cõ uinho saõ medicinais. **1585** IDEM *Informação* fl. 74*v.*: [...] tem muitas frutas .s. Nanazes, pacobas, e todo anno ha fruita no refeitorio, o Nanaz he fruita real. dase ẽ huãs como pencas de cardos ou folhas derua babosa, saõ da feiçaõ e tamanho de pinhas, todos cheos de olhos ẽ os quais daõ huãs fermosissimas flores de uarias cores. saõ de bom gosto cheiraõ bem pera dor de pedra saõ salutiferos, deles fazẽ os Jndios uinho, e tem outras boas cõmodidades, a mor parte do anno os ha. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LVII. 32): Ananás é uma fruta do tamanho de uma cidra grande, mas mais comprida; tem ôlho da feição dos alcachôfres, e o corpo lavrado como alcachôfre molar, e com uma ponta e bico em cada sinal das pencas, mas é todo maciço; e muitos ananases lançam o ôlho e ao pé do fruto muitos olhos tamanhos como alcachôfres. *c*1590 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.M) 445-447: Nana tem semelhansa de erua baboza a aruore e como cardo grãde o fruto he de hũ palmo de cõprido redondo sabe como maracotaõ he boa p^a cõtra peçonha e p^a dor de pedra he m^to gostozo. **1591** in *Confissões da Bahia* (ed. 1935,36): [...] e despois indo pera sua casa lhe lembrou seu marido que ella antes de ir pera a igreja tinha comido huã tallada de anannas, e ella vendo tambem as cascas no chaõ lhe lembrou emtam

que tinha comido huã talhada de ananas antes de ir comungar [...]. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1588-1600: Nana tem semelhãca de Erua babosa e assi lãca as folhas he m^to^ boa fruita he ao modo de pinha grande e assi nas antilhas lhe chamaõ pinha. Gasta ferro e as faquas he boa p^a^ pedra a agoa estilada faz oirinar bẽ he boa pera feridas velhas pondo o sũmo posto q̃ comido agraua a ferida he bõ p^a^ as cobras e faz botar a peçonha p'lo mesmo lugar a peçonha comẽdoo dous Jndios è lhe mordendo duas Gereracas lhes fez logo hũ vergaõ em o comẽdo o desfes logo e botou a peçonha amarela e matarão hũa cõ 64 f^as^. *c*1596 S. Travaços *Declaração do Brasil* xlviii. fl. 37: Ha infinidade dananazes, os ortados saõ maiores que grandes pinhas, e aparados enchem as talhadas de um ananas um prato, que tem muito mais gostoso sabor, que os pesegos grandes durazeos de Espanha, e uerdes em conserua tambem saõ muito boõs, e dos maduros se faz muito boa, e apetitoza marmelada, [...] he a milhor fruta, e mais gostosa, e apetitoza que se sabe. *c*1607 J. Rodrigues *Relação* in S. Leite *Novas Cartas Jesuíticas* (1940) 204: [...] não tiveram os moradores da Cananeia que me dar, para jantar, mais que um nanás, sem peixe, nem farinha; [...]. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 109: [...] pellas partes sombrias em baixas prantas a feição de cardos se mostrarão os gauados fermozos Ananazes. semelhantes a pinhas lansando de sy suaue cheiro com se lhe comunicar os sabores de todas as cousas que milhor o tem [...]. 1618 S. E. Silveira *Carta* in ABN, XXVI. (1905) 364: Ha mais infinitas fruitas, Ananases, batatas, inhames, cajus como macaris, mangabas, como uuas de que se faz vinho e vinagre, anhas como amendoas no sabor que durao secas, [...]. 1624 Idem *Relação do Maranhão* fl. 11: O afamado Ananàs tẽ aqui seu lugar, porq̃ nasce nũas eruas como a nossa babosa, [...]. 1624 *Livro de Contas* in D H A. II. (1956) 57: De pam carne e ananazes 420 rs. 1627 V. Salvador *Hist. Brasil* I. vi. fl. 13: O mesmo tem outra planta, que produz os annanazes, fructa, que em formozura, cheiro, e sabor excede todas as do Mundo. Alguma tacha lhe poem os que tem chagas, e feridas abertas, porq̃. lhas assanha muito se a comem, trazendo aly todos os ruiñs humores, que acha no corpo; Porem isto antes argue sua bondade, que he naõ sofrer consigo ruiñs humores, e purgallos, pellas vias, q̃. acha abertas, como o experimẽtaõ os enfermos de pedra, que lha desfaz em areas, e expelle com a ourina, e athe a ferrugem da faca, com que se apara, alimpa, a figura da planta, e fructo he a seguinte. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 177*v*.: O ananas he a milhor fruta desta tera quamdo esta maduro e xeira de muito lomgue e he amarelo como cera e tem hũ olho em riba dele que emboiamdo no xão loguo apegua a ci quome todo so a pelia e parese comer acuquere e se pode tirar do sumo dele hũ iaro xeio e esta auguoa he soberana pera dor de pedra e corta muito e alimpa o quorpo e tãobem cerue a matar lombrigas e tem tãota forsa que se hũa molher prenha o comer uerde loguo a de mouer e tem grãode camtidade pelos matos e o lomguo dos rios e se ele fora pasado pelo lambique fora muito bom e soberano a frol he azul e uem apeguada ao anas [*sic*] quoamdo ele he pequeno. Idem *Ib.* fl. 183*v*.: Ananas branco he m^to^ dose bota a mesma flor q̃ os demais são m^to^ doces botão desy m^ta^ agoa o ananas he serquado de m^tos^ olhos e tẽ a mesma calidade dos mais. 1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 69. 148: Hũa especie mui galante, & causa de louuar o Autor da natureza he, a q̃ chamamos ananàs: seu fruto he a modo de pinha de Portugal: o gosto & cheiro a modo de maracotaõ o mais fino: suas folhas saõ semelhantes a erua babosa. A cabeça do fruto galanteou a natureza com hum penacho, ou grinalda de cores aprazieueis: esta separada, & entregue à terra, he principio de outro ananàs semelhante; álem de que dentro no mesmo fruto nasce semente delle em quantidade. Suas bondades seruem pera o gosto e pera medicina: comese em fruta, & fazse em conserua durauel. *c*1667 Heriarte *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4^a^ ed., 1951, III. 169): Tem [esta ilha] muitas fructas, ananás, pacovas, batata, canas de assucar, quarazes, guriazes, tamataranas, laxaces, melões, balancias, uvas, figos, romans, limoens, laranjas e outras muitas. 1681 A. O. Cadornega *Hist. Guerras Angolanas* (ed. 1942, 373): Ha neste reino [...] hortaliça de toda a casta, e a real fructa dos *ananazes*, que se não pode encarecer a fermozura deste pomo, assim na parecença como em seu sabor e olor. 1685 J. S. Ferreira *Noticiário Maranhense* i. 88: Das de cultura he Rey das fructas o Ananàs do tamanho de hũ mellaõ, feitio de pinha em aruore piquena, com folhas de erua babosa, com que fas na ponta da fructa huã Coroa, e naõ ha duuida, que de mesas de Princepes na Heuropa seria esta fructa estimada, [...]. 1702 A. Rosário *Frutas do Brasil* I. i. 1-2: Nasce o Ananàs com coroa como Rey: na casca, que parece hum brocado em pinhas, tem a opa Real; nos espinhos como archeyros a sua guarda; pelas insigneas Reaes com que a natureza o produzio tão singular, de grande, & fermosa estatura, tem a forma digna de imperio, entre as mais frutas do universo. Idem *Ib.* I. iii. 45: [...] merece a terra dos Ananazes o louvor da terra da promissão. 1705 M. B. Oliveira *Música do Parnasso* 132-133: Vereis os Ananases, / Que para Rey das fruytas saõ capases; / Vestem-se de escarlate / Como magestade grata, / Que para ter do Imperio a gravidade / Logram da croa verde a magestade; / Mas quando tem a croa levantada, / De picantes espinhos adornada, / Nos mostram que entre Reis, entre Rainhas / Não ha croa no Mundo sem espinhas. 1721 F. F. Henriques *Âncora medicinal* (ed. 1731, 211): Os Ananazes são fruttos do Brazil; saõ quentes e humidos; cozemse com facilidade, mas saõ muito flatulentos; e pela sua muita humidade causariaõ defluxoens de estilicidios, e encheriaõ os vasos da lympha: se naõ fossem taõ diureticos, que naõ buscassem logo as vias da ourina, por onde o seu cumo tem saida. 1730 Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 42. 27: [...] o ananaz, que expulsa a pedra. Idem *Ib.* § 50. 31: Das naturaes cultas ha infinitas, sendo primeira o ananaz, que como a Rey de todas, a coroou a natureza com diadema das suas mesmas folhas, as quaes em circulo lhe cingem a cabeça, e o rodeou de espinhos, que como archeiros o guardaõ. 1757 D. L. Couto *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 63: Em fazer varias castas de vinhos, engenhosos alguns, contão trinta e duas especies. Huns feitos da fruta a que chamão cajà, outros de Aipy, e são de duas castas, a hũa chamão cavycaraçú, a outra cavymachaxera; outros fazem de banana, a que chamão pacoba, outros de milho, a que chamão abativy, outros de ananaz, que chamão nanavy, he generoso, e eficaz; outros de batata que chamão jetivy. 1768 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 100: [...] e nos valles e partes inferiores da serra [do rio Tapocoramerim] excellentes ananazes, fructa de que fallaremos em lugar mais opportuno, e n'este se acham em abundancia sem beneficio da cultura. Idem *Ib.* 191: [Villa de Pinhel] fructas as mesmas dos outros sitios em pouca quantidade; distingue-se sim os celebres ananazes, e são como uma pinha coroada em cima de ramos ou folhas verdes, e do tamanho de um melão ordinario. A côr é amarella por dentro, por fóra verde e tostada. A planta em que nasce não costuma exceder á que dá a flor da peonia em Portugal. Muitas vezes ouvimos dizer que n'esta fructa havia as qualidades do manná, pois uns affirmavam lhes sabia a figos do reino, outros a camoezes, finalmente a pecegos. 1769 M. S. M. Itaparica *Eustachidos* 124: No ananaz se vê como formada / Huma coroa de espinhos graciosa, / A superficie tendo matizada / Da cor, que Cytherea deo à rosa; / E sustentando a croa levantada / Junto co a vestidura decorosa, / Está mostrando tanta gravidade, / Que as frutas lhe tributaõ Magestade. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 264: [Plantas e hervas] Ananaz. 1781 Durão *Caramurú* VII. xliii. 209: Das frutas do Paiz a mais louvada / He o Regio Ananas, fruta tão boa, / Que a mesma Natureza namorada / Quiz como a Rei cingilla da coroa: /. 1799 E. A. S. Correia *Hist. Angola* (ed. 1937, I. 118): As frutas mimosas: quero dizer: Laranjas, bananas, melancias, meloens, ananaz, e Limoens doces, jamais fartão a Cidade. 1817 Casal *Corografia Brazílica* I. 112: O *ananáz* com forma de pinha, e varias folhas no olho, saborozo, e de cheiro aromatico: a planta, de cujo centro elle sahe, assemelha-se muito á baboza. [...] Das fructas do paiz a mais louvada He o regio *Ananáz*, fructa tão boa, Que a mesma Natureza namorada Quiz como a Rey cingilla de Coroa. Idem *Ib.* II. 262: As melancias, melões, e ananazes sam excellentes. 1827 in RAPM, II. (1897) 746: Vi ananazes de mais de palmo e meio de extensão, e me dizem que os ha maiores. 1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 18: [...] os ananazes são em abundancia, e notam-se os *abacachis* mui grandes e superiores aos de Cuba, [...]. 1856 D. Magalhães *A Confederação dos Tamoyos* III. 89: Licores pelos Indios extrahidos / do sumo do ananaz delicioso, / Do aipim e do cajú, que a sêde aplaca, / E refrigera o mal do amor impuro, /. 1857 J. Alencar *O Guarany* (2^a^ ed., 1864, I. viii. 82): O Catalão não corria nos cangirões de louça e de metal com tanta fartura quanta era de desejar; mas, em compensação, vião-se aos cantos do alpendre grossas talhas cheias de vinho de cajú e ananaz, onde os aventureiros podião beber à larga. 1865 Idem *Iracema* (3^a^ ed., 1878, iii. 23): [...] trouxe o resto da caça, a farinha d'agua, os fructos silvestres, os favos de mel, o vinho de cajú e ananaz. 1873 Idem *Guerra dos Mascates* I. xii. 146: [...], sem falar das corbelhas de filigrana de prata cheias das mais saborosas fructas do paiz, ananazes, pinhos, mangas e bananas. 1873 Idem *O Garatuja* v. 44: Em vez do sorvete, chupava-se o excellente ananaz e a laranja, e por volta das nove horas, estavam todos recolhidos. 1874 Idem *Ubirajara* iv. 61: Delle aprenderam as nações a plantar a mandioca para fazer a farinha; e a tirar do cajú e do ananaz o generoso cauim, que alegra o coração do guerreiro. 1881 F. Távora *Lourenço* (ed. 1902, xvi. 243): [...] o matto porém era o seu principal fornecedor, agora lhes dando a paca, o tatú, a cutia, o preá; agora o jacú, a juruty, o nambú, o pato bravo; agora o ananaz, o inhame, o ingá, a mangaba, o cajú. 1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 328): Na frente da casa um mastro, coberto de folhas, ornado com frutos: ananazes, bananas e outros. 1902 E. Cunha *Os Sertões* 41: Os *caroás* verdoengos, de flores triumphaes e altas; os gravatás e ananazes bravos, trançados em touceiras impenetraveis, copiam-lhe a mesma forma, adrede feita áquellas paragens estereis. 1930 G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 179: De regresso, mais uma vez pudemos admirar as suas roças, com plantas de algodão arboreo, cajueiros ainda em fruto e cheirosos ananazes. 1938 R. Morais *Os Igaraúnas* xx. 234: [...] e milho, arroz, feijão, jurumum, mundubi, tabaco, melancia, algodão, ananaz, banana. Um pouco de cada, mas de um tudo [...]. 1946 Guimarães Rosa *Sagarana* 331: Parou, para espiar um buraco de tatú, escavado no barranco; para descascar um ananás selvagem, de ouro mouro, com cheiro de presépio; [...].

ananasal *s.m.* Var.: 7 *ananazal* [< ananás + -al].
Plantação de ananases.

1751 in ADF, I. (1894) 457: [...] que parte de huã banda com João-Borges de Freitas epella outra com Dr. Ignacio José da Motta Leite digo Miguel de Sousa athé hum bananal digo ananazal e da outra com o Dr. Ignacio José da Motta Leite.

ananaseiro *s.m.* Var.: 5 *ananaseiro*, 7-9 *ananazeiro* [< ananás + -eiro].
Planta da família das bromeliáceas.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LVII. 32): Os ananaseiros duram na terra, sem se secarem, tôda a vida; e se andam limpos de erva, que entre êles nasce, quanto mais velho são dão mais novidade; os quais não dão o fruto todos juntamente. **1702** A. ROSÁRIO *Frutas do Brasil* I. iii. 22: O Ananazeiro do Brasil, que Deos creou com a Senhora, *Cum eo eram cuncta componens*, como creou a maceira, & a romeira, porque não ha de entrar no predicamento do Rosario. **1876** F. TÁVORA *O Cabeleira* xvi. 263: Havia cinco dias que elle partira de Santo-Antão, e tres que não comia sinão os escassos fructos que lhe dava a macahybeira, o ananazeiro bravo, o jatobá do deserto. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* vii. 78: — E cheia de parasitas que parecem ananazeiros, disse Anastacio. Bonita! bonita!

anani *s.m.* Var.: 8 *ananim* [< T. *ïu̯ana'ni].
Planta da família das gutíferas; GUANANDI.

1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 11: O breo do *ananim* he mais aromatico, conhece-se vulgarmente por breo de frecha, pois com este he que os Indios as preparam derretendo-o previamente, e misturando-lhe no fogo substancias oleosas: a arvore do ananim, cria-se abundantemente nos lugares humidos, he alta e dá famosos mastros.

anapuru *s.m.* Var.: 5 *anapurú, anapurû*, 6 *anapuru*, 9 *anapura* [< T. ?].
Espécie de papagaio: v. abon.

1576 GÂNDAVO *Hist.* VII. fl. 25*v*.-26: Os melhores de todos, & q̃ mais raramente se achão na terra, sam hũs grandes mayores q̃ açores, a q̃ chamam Anapurús. Estes papagayos sam variados de muitas cores, & crianse muito longe pelo sertam dentro: & depois q̃ os tomaõ vêm a ser tam domesticas q̃ poẽ ouos em casa & accomodanse mais á conuersaçam da gẽte q̃ outra qualquer aue que aja, por mais domestica & mansa que seja. E por isso sam tidos na terra em tanta estima, q̃ val cada hum entre os Indios dous tres escrauos: & assi os Portugueses que os alcançam os tem na mesma estima: porque sam elles alem disso muito bellos, & vestidos como digo de cores muy alegres & tam finas, q̃ excedem na fermosura a todas quãtas aues ha nestas partes. *c***1584** CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 18: Anapurû. Este papagayo he fermosissimo, e nelle se achão quasi todas as cores ẽ grande perfeiçam.s.uermelho, verde, amarello, preto, azul, pardo, cor de resmaninho, e de todas estas cores tem o corpo salpicado, e espargido. Estes tambẽ fallaõ, e tẽ mais huã uentagẽ q̃ he criar em casa, e tirar seus f[os], p'lo q̃ saõ de grande estima. **1610** J. MONTEIRO *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.*, VIII. (1949) 423: Há outros [*araras*], a que chamam Anapurus, tamanhos como os acima ditos [*canindés*]. Estes não se acham senão nos Carijos, que é abaixo de S. Vicente, donde trouxemos uns dous. Estes são mais fermosos pássaros que há nesta parte, e não sei se a natureza formou outros mais belos, porque todas as cores tem, e todas elas salpicadas com tanta graça, que é pasmo. São domésticos sobre os mais, porque como pombas criam em casa. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* xvi. 231: A ruivor veio vindo veio vindo e era o bando de araras vermelhas e jandaias, todos êsses faladores, era o papagaio-trombeta era o papagaio-curraleiro era o xarã [...] o ajurú-curica arari ararica araraúna ararai araguaí maracanã maitaca arara-piranga catorra teriba camiranga anaca anapura canindé, tuíns periquitos, todos esses, o cortejo sarapintado de Macunaíma imperador.

andá, andá-açu *s.m.* Var.: 5 *andâ, andaguaçu*, 6 *andára-açu, andáz* (pl.), *andà, andazes* (pl.), 7 *andá*, 8 *andáaçú, andá-açu, anduassú* [< T. a'n̲a; an̲aü̯a'su (< a'n̲a + ü̯a'su). Cp. ñan̲ï 'azeite' ~ VLB I. 49: *Azeite* = Nhãdîg].
Árvore da família das euforbiáceas.

*c***1584** CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 22: Andâ. Estas aruores são fermosas, e grãdes, e a madr[a] p[a] tudo serue, da fruita se tira hũ azeite cõ q̃ os Jndios se untaõ, e as molheres os cabellos, e tãbẽ serue p[a] feridas, e as seca logo. E tambẽ fazẽ muita gallãtarias p'los corpos, braços, e pernas com este oleo pintando-se. *c***1594** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1888-1889: Andaguaçu Fazẽ m[to] azeite e saõ aruores grandes. **1602** in ABN, LXXXII. (1962) 279: [...] nas quaes acabamos de medir ao pé de huma árvore por nome andára-açu, donde se atravessou pera a serra, [...]. **1627** V. SALVADOR *Hist. Brasil* vii. fl. 14*v*.: Há huãs arvores chamadas andáz, que dão castanhas excelentes pera purgas; e outras que daõ pinhoẽs pera o mesmo effeito, os quais tem este misterio, que se os tomão com huã tona, e pelicula sutil, que tem, provocam avomitos, e se lha tiraõ, somente provocaõ a camera. Màs temse por mais facil, e melhor a purga da batata, ou mechuaçaõ, q̃. tambem ha muita pellos matos. **1663** S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* I. § 124. 76: [...] cô cortiça de aruore andà [*os índios embebedam os peixes*]. IDEM *Ib.* II. § 87. 163 [*à margem*]: andà engà, joà, moçarandùba, muricì, amoreira, pequià, ibaraè, guaihirabà, ibarùba, iberàba, [...] ibacamucì, ibapurũga, getaìgba, miùba, vmarì, são fruitas agrestes, seruem a Indios, & a gado. *c***1677** S. P. MORÃO *Queixas de Pernambuco* (ed. 1965, 11): [...] valendo-se dos medicamentos purgativos mais baratos para purgarem sem eleição alguma os miseráveis doentes que padecem, como são antimónio, rhom, batata e outros mais violentos, que o gentio da terra lhe tem revelado, como a purga do gitó, do pinhão dos andazes, e outros semelhantes [...]. **1782** F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* I. vii. 128: Não tem a continuação do tempo, nẽ a sagaz inquirição dos Habitantes deste Paiz descoberto remedio tão virtuozo contra o veneno das cobras, e mais bichos peçonhentos do que o Dandá que agora vou amostrar. Elle hé huma especie de junco; a sua altura occupa trez até sinco palmos: [...]. **1812** B. A. GOMES *Plantas do Brasil* cxi: As sementes do Andáaçú são conhecidas, e famosas no Brazil pela sua virtude purgante de tempo immemoravel: [...]. IDEM *Ib.* cxiii-cxiv: As sementes do Andá conservão-se muito tempo sem corrupção; eu tenho-as ha dois annos, e estão optimas. Dão-se na dóse de duas, ou tres. **1813** C. J. CARDOSO *Plantas de Minas Gerais* in RAPM, VII. (1902) 746: *Andá-açu* (Joanezia do Principe) — Arvore, que produz drupas, cujas amendoas na dosis de huma oitava, dissolvida em agua em forma de emulção, aromatizada com agua de flor, he hum purgante lenitivo. Poderá custar cada cento de carossos 100 réis. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* II. 20: *Anduassú* he arvore de mais de quinze pés de alto, dois de diametro, e copa pequena: cresce rapidamente, e só na visinhança do mar; e florece em paniculos amarellos. Do seu fructo fazem os Indios uma purga com que curam as hydropizias; os Brancos azeite para luzes, e hum optimo para a compozição de tinta azul.

andirá *s.m.* Var.: 5 *andura*, 5,8 *andira*, 6 *amdura*, 9 *andirá* [< T. an̲ï'ra].
Morcego: v. abon.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXVI. 106): Aos morcegos chamam os indios andura, e há alguns muito grandes, que tem tamanhos dentes como gatos, com que mordem; criam nos côncavos das árvores, e nas casas e lugares escuros; as fêmeas parem quatro filhos e trazem-os pendurados ao pescoço com as cabeças para baixo, e pegados com as unhas ao pescoço da mãe; quando êstes morcegos mordem alguém que está dormindo de noite, fazem-no tão sutilmente que se não sente; mas a sua mordedura é mui peçonhenta. *c***1594** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1468-1475: Morcegos Andiraguaçu 2 Andiraguaj estes 3 são morcegos, parẽ e criaõ os f[os] cõ leite como animal de 4 pees hũs ha no Rjo de Janr[o] q̃ chupaõ o sangue muj sotilm[te] alguãs vezes inda q̃ poucas [...] tem grãdez vnhas e come carne. *c***1631** C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 194: Amdura e ho morseguo e ha muito gramde camtidade e sam muito grãodes e seruem de cerugianis nesta tera que se hũa pesoa dorme com os peis descubertos uem morder nos dedos dos peis e principalmente no dedo gramde e fas botar muito samgue e eu creio que eles fazem a iemte dormir que não nos centem morder e loguo de hũa ues que mordem leuam hũ boquado da carne fora. **1865** J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, xiii): — A raiva de Irapuam é como a andira? foge da luz e vôa nas trevas. [*Nota do Autor, à pág. 209*] *Andira* — morcego: é em allusão a seu nome que Irapuam dirige palavras de desprezo ao velho guerreiro. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xvii. 198: Sobre elles, como relampagos escuros, coriscos negros, divulgavam-se os morcegos, os famosos vampiros sugadores do sangue humano. Na frente esvoaçava o andirá. Não demorou muito viu-se descendo uma nuvem de grandes e bellas aves.

andirababapari *s.m.* Var.: 5 *andurababapari* [< T. an̲ïraoṷaja'riṷa ~ VLB I. 36: *Angelĩm, pao* = Andirâobajariba].
Árvore da família das leguminosas; espécie de angelim.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXVI. 58): Há outras árvores reais, a que os Portuguêses chamam angelim, e os índios andurababapari, as quais são muito grandes e acham-se muitas de mais de vinte palmos de roda de que fazem gangorras, mesas, eixos, virgens, esteios e outras obras dos engenhos e das casas de vivenda, e boas caixas por ser madeira leve e boa de lavrar, e honesta côr.

andiroba *s.f.* Var.: 6 *jnhanduroba*, 6-9 *andiroba*, 7 *jandiroba*, 8 *nhandiroba, andiróba, gendiroba* [< T. ñan̲ï'roṷa < ña'n̲ï 'óleo, azeite' + 'roṷa 'amargo' ~ VLB I. 49: *Azeite* = Nhãdîg. *Ib.* I. 34: *Amargosa cousa* = Roba. Aca.].
Planta da família das meliáceas; andirobeira.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 99*v*.: [...] primeira mente se colhe muito bom Azeite de comer e naõ pouco do fruto de hũa Aruo-

re chamado, Abatiputa, que nase agreste por esses campos e de outra fruta chamada jnhanduroba, do tamanho de hũ peseguo que dá dentreo hũas fauas, se faz grande copia de Azeite marauilhozo, pera se alumiarẽ com elle com ter outra eixcelençia naõ pouco de estimar a coal he que os bichos nem aves por nenhũ cazo comem delle [...]. *a*1667 HERIARTE *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagem *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 170): [O rio Nioni] Tem na bocca treś engenhos de assucar e he mui abundante de caça, tem excellentes madeiras para fabrica de navios, pasto para gados, e uma fruta, a que chamam andiroba, que se parece á cola de Angola, de que os moradores fazem azeite para se alumiarem; [...]. 1730 ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 59. 37: Os incorruptiveis paos vermelhos, angelins, cedros, jataypevas, e maçarandubas; os potumujûs, sopopiras, e adernos acastanhados; as claraibas, os louros, tapinhõas, os bacuris, guabiranas, e jandirobas, o pao ferro, o de arco, o da sapocaya, e outros troncos daş mesmas qualidades, e varias cores, taõ grossos, que delles se lavraõ as embarcações inteiriças, que chamão Canoas; [...]. 1749 B. BERREDO *Anais do Maranhão* I. 11: [...] porém nas margens ha muitas arvores de jandiroba, de cujas frutas se tira azeite com grande abundancia, que ainda que amargoso, além de ser medicinal, he também muito util, assim para as luzes, como para a fabrica do sabão, e outros ministerios. 1757 in ABAP, IV. (1905) 215: O Comercio da terra não he menos importante porque delles são os Azeytes de Jandiroba [...]. IDEM IV. (1906) 287: [...] castanhas de Andiroba para fazer aseyte [...]. 1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 498: É a andiroba uma planta como as grandes palmeiras, dá uns cachos de fructa, de que se faz azeite, que para alumiar é excellente e em grande abundancia, dando melhor luz que a manteiga de tartaruga, excedendo esta porém em servir para o prato, o que não tem o azeite de andiroba por amargoso. D'esta planta èstá cercada a villa e estes rios copiosamente pelos lados. *c*1767 J. DANIEL *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, II. (1840) 335: Da mesma sorte fazendo-se alguma fabrica de azeite de andiroba, tem para si que esta se ha de perder se nella trabalha alguma mulher com a sua regra, ou se alguma das que nella trabalhão foi tingir a saia, ou outra alfaia durante a tarefa: porque então dizem emperra o azeite, e não quer coRRer. 1782 F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* I. x. 171-172: Hé a Andiroba, ou Jandiroba huma fruta produzida de vegetal nativo de mattos principalmente vizinhos de rios: elle he hum cipó com alguma imitação ao da Batata purgante, [...]. 1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 101: A *Andiróba* he uma planta muito semelhante ao pepineiro, a qual dá um fructo redondo, sem cheiro, do tamanho d'huma grande maçan com onze ou doze grandes pevides, redondas, e chatas dispostas em tres cellulas, das quaes se extrahe um azeite claro, medicinal, e bom para luzes. 1838 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 9: São infinitas as oleosas, de que facilmente se extrahe azeite: o gergelim, e a mamõna, vulgarmente carrapato, são communs em toda a Provincia, bem como a *andiróba*, que supposto seja a melhor para luzes, e fabrico do sabão, além dos usos que tem na medicina, he a mais perseguida para lenhas do consumo da Cidade, embarcaçoens, e mesmo para marcenaria. Seo fructo he similhante no feitio á castanha do Maranhão; porém a pelle he lisa e branda, e dentro encerra uma polpa branca summamente amarga, consistindo apenas a operação da factura do azeite em ferver-se a castanha, [...]. [*Nota de rodapé*] Não he a nhandiroba, vulgarmente gendiroba (*fevilea cordifolia*) da qual em Parahiba e outras partes se extrahe igualmente bem azeite, sem precisão do fogo. 1865 J. ALENCAR *Iracema* (5ª ed., 1878, xxii. 156): Emtanto Iracema colhia na floresta a andiroba, para ungir o corpo do velho [...] [*Nota do Autor â pág. 211*] *Andiroba* — Arvore que dá um azeite amargo. 1888 INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, II. xii. 300): Reuniam-se todos no quarto do Padre, á luz vacillante de uma candeia de azeite de andiroba. 1895 J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. i. 9/10: E quando á cata da seringa, da copahiba, da andiroba ou da castanha, preciso lhes é penetral-a, ainda os igarapés, bastantes ás suas leves canôas, abrem-lhes caminho commodo aos recessos habitados por esses vegetaes preciosos. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* xiii. 188: [...] o heroi esfregava olio de andiroba no corpo pros mosquitos não amolarem e adormecia bem. 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* ii. 19: Nos burzeguins amarelos do futuro viajante, muito resequidos por falta de uso, foi necessario passar uma camada de azeite de andiroba de modo a tornal-os flexiveis.

andirobeira *s.f.* [< andirob(a + -eira].

Andiroba.

1895 J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. i. 10: [...] nas matas virgens, onde se elevam as alterosas castanheiras de vasta cópa, as fartas andirobeiras e as robustas copahibeiras; [...].

‖ **angaturama** [< T. aŋatu'rama ~ Segundo o autor do VLB, o vocábulo tupi *angaturama* significava: bom, franco e liberal, honrado, nobre etc. V. VLB I. 57, 143, 154, II. 50].

V. abọn.

*c*1607 J. RODRIGUES *Relação* in S. Leite *Novas Cartas Jesuíticas* (1940) 232: Outros há que deixam andar as mulheres por onde e com quem elas querem. Dizem que são angaturamas. E por isso não fazem *nherana*.

angüera *s.m.* Var.: 9 *angoéra* [< T. a'ŋuera < 'aŋa 'alma' + 'uera 'que foi' ~ VLB I. 32: *Alma* = Anga. *Ib.*: *Alma do q. ia morreo* = Anguera].

V. abọn.

1913 SIMÕES LOPES *Lendas do Sul* 77: Quando os Padres de Jezus, entraram no sertão da serra, corridos que vinham doutro rumo, foi Angoéra, o tapejára, que conduziu sem erro a companha; e quando os padres sentaram pouzo, batizou-se.

anhá *s.f.* Var.: 6 *anha, anhà* [< T. °a'ña < °'ña < °ĩ'a < ĩ'a 'cabaça, cuia' ~ VLB I. 61: *Cabaça ou cabaço inteiro ou com buraco somentes* = Jgâ ~ Frei Cristóvão de Lisboa (*c*1631) também identifica o tupi ĩ'a (que registra com a grafia *yha*) com o português *cabaço*; v. IÁ. A correlação entre ĩ'a 'cabaço' e ĩ'ụa 'fruto' parece incontestável, em face da documentação histórica arrolada no Dicionário].

Castanha-do-pará.

1618 S. E. SILVEIRA *Carta* in ABN, XXVI. (1905) 364: Ha mais infinitas fruitas Ananases, batatas inhames, cajus como macaris, mangabas, como uuas de que se faz vinho e vinagre, anhas como amendoas no sabor que durao secas, [...] mil bellas arbores de muito prestimo, ha infinitas madeiras grandissimas ha pao darco, cotiara, que quer dizer pao pintado as aruores das anhas sao como castanheiros he pao amarello, pao Santo, pao do Brasil, [...]. 1624 IDEM *Relação do Maranhão* fl. 11*v*.: [...] as Anhàs do Parà (que nascem nũas aruores como castanheiros & assi encandeão, mas são tres, & quatro tanto mayores) he a fruta mais excellente q̃ ha no mũdo de seco, [...].

anhaíba, anhuíba *s.f.* Var.: 6 *junhuiba, anhauba,* 7 *unhuíba,* 8 *inhahyba, anhahyba* [< T. °aña'ĩụa < °a'ña (< °'ña < °ĩ'a < ĩ'a) 'cabaça' + 'ĩụa 'planta'; v. ANHÁ].

Designação de diversas plantas das famílias das lecitidáceas (castanheiro-do pará) e das lauráceas (canela).

Em Fr. Cristóvão de Lisboa (v. abon. *c*1631) *anhauba* denomina o castanheiro-do-pará; nos demais autores transcritos o voc. parece designar uma variedade de canela. Nesta segunda acepção o voc. deriva do tupi añu'ĩụa, forma paralela de °aña'ĩụa (VLB I. 65: *Canela do Brasil* = Anhuiba [...]).

1624 in ABN, LXXXII. (1962) 188: [...] e dahi atravessando por huns capões que estão ao socairo do mesmo caminho direito, a hum pao que chamão Junhuiba, em o qual pao lá fica a mesma marca do Collégio, [...]. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 188-188*v*.: Anhauba he hũa aruore m^to grãde ẽ tudo e fas hũa copa m^to fermoza q̃ entre o matto se aparta das outras aruores da hũs coquos redondos m^to rijos e de dẽtro tẽ quinze e uite castanhas q̃ são de tres quinas e rijas o meolo he branco ẽ uerdete o cabor de castanhas sequas de nozes são m^tos quẽtes e dizẽ fazer cair o cabelo se as comẽ de m^tos modos fas dellas hũ modo de doce m^to bõ p^a pelas menhãs a folha e g^de e aruore [?] cão m^to duros a castanha uai pintada. 1711 A. J. ANTONIL *Cultura e Opulência do Brasil* I. II. vii. 57: [...] os forros, & costados, de Utim, Parôba, Burayém, & Unhuíba: [...]. 1817 CASAL *Corografia Brazílica* II. 37: [grande quantidade d'arvores de bom páu para construcção principalmente:] inhahyba; [...]. IDEM *Ib.* II. 75: Fytologia. Entr'outras muitas arvores de boa madeira nomea-se o vinhatico, aderno, [...] anhahyba de rego, angelim, dito vermelho, dito côco, [...].

anhaibatã *s.f.* Var.: 5 *anhaibatãa,* 7 *inhuibatan,* 8 *inhuhybatan* [< T. °añaĩụa'tã < °aña'ĩụa + a'tã 'duro' ~ VLB I. 107: *Dura cousa. Adiectiuo ou duramente* = Atã ~ v. ANHAÍBA].

Planta da família das lauráceas.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXII. 78): Anhaibatãa é uma árvore que se dá em várzeas úmidas e de areia a qual na grandeza e feição é como o louro, cuja madeira é muito mole e de côr almecegada; o entrecasco desta árvore é da côr de canela; e cheira, queima, e sabe como canela; mas tem a quentura mais branda, e sem dúvida que parece canela, e parece que se a beneficiarem, que será muito fina, porque o entrecasco dos ramos queima mais do que o do tronco da árvore. 1711 A. J. ANTONIL *Cultura e Opulência do Brasil* I. II. vii. 57: os mastos de Inhuibatan: as Vergas, de Camassari: [...]. 1817 CASAL *Corografia Brazílica* II. 75: Fytologia. Entr'outras muitas arvores de boa madeira nomea-se o vinhatico, aderno [...] inhuhybatan, dito cravo: [...].

anhangá *s.m.* Var.: 5-9 *anhanga,* 5,7 *anhãga,* 5 *anhãgua,* 6-9 *anhangá* [< T. a'ñaŋa ~ VLB I. 102: *Diabo* = Anhanga. Este he como gro. (*scil.* gênero). especie Curupira, Taguaîba. Jurupari. Taûba. Aguaçaìg. Guaiupîa. etc. ~ Quanto à oscilação — anhanga/anhangá — os textos do séc. XVI e a eti-

mologia proposta parecem indicar que os tupis pronunciavam o vocábulo como paroxítono. Vale observar, contudo, que a partir de 1675, com Francisco de Brito Freire, a forma *anhangá* começa a concorrer com *anhanga*. Machado de Assis (v. abon. 1875) informa que, ao adotar a forma oxítona, segue o uso corrente na poesia, mas que a verdadeira pronúncia é *anhanga*].

Gênio do mal, diabo, entre os indígenas do Brasil.

*c*1584 Cardim *Origem dos Índios do Brasil* fl. 1: [os indios] tem grande medo do demonio ao q̃l chamaõ [...] Anhanga, e he tanto o medo q̃ lhe tem, q̃ soo de imaginarem nelle morrẽ, como acõteceo ia m^ta^ uezes naõ no adoraõ, nẽ a alguã outra criatura, nẽ tẽ Jdolos de nhuã sorte, soom^te^ dizem algũs antiguos q̃ em algũs caminhos tẽ certos postos onde lhe offrecẽ alg.^as^ cousas p'lo medo q̃ tem delles e por naõ morrerẽ. **1585** Idem *Informação* fl. 75*v*.: [...] nẽ faltou hũ Anhãga.i. diabo que sayo de hũ mato [...]. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 676-683: Sabẽ estes Jndios q̃ o homẽ tẽ alma e depois de o homẽ morrer dizem q̃ se ha de tornar diabo de q̃ elles tẽ grande medo e chamaõ lhe m^tos^ nomes.s. Cururupeba anhãgua Tagoypitanga algũs Jndios os tẽ nos caminhos pĩtados e dizẽ se lhes naõ offeressẽ alguã cousa q̃ an de morrer e as uezes cuidaõ nisto e morrẽ por terẽ grande eficazia na jmaginaçaõ. **1610** J. Monteiro *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.*, VIII. (1949) 408: [...] e posto que morram de doença natural, os mais [gentios] dizem que Foão morreu, por não oferecer presente aos diabos, ao qual comumente chamam, anhanga ou tangui pitanga, Macacheira, etc. **1663** S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 13. 108: Porém os que foraõ couardes, & que em vida naõ obráraõ façanhas, vão a penar com certos maos espiritos, a q̃ chamão Anhangas. **1675** F. B. Freire *Hist. da guerra Brasílica* I. 28: Porem a gloria que esperão, he só temporal, ajuntandose os mais valentes em vales aprasiveis; onde abundão de quantas festas, & a golosima: indo penar os fracos, com hũs máos espiritos, a que derão nome de Anhangás. **1757** D. L. Couto *Glória de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 63: E os covardes, que em vida nenhũa façanha obrarão, hião penar na companhia de certos espiritos maos, a que chamavão Anhangas. Idem *Ib.* 64: Crem que ha espiritos malignos, de que tinhão grandíssimo medo, e chamão com varios nomes, curupira ao que influe pençamentos. Machachera aos espiritos das obras, Juruparу, ou Anhãga aos espiritos, que chamão maos, ou diabos. Maraguigana aos Espiritos, ou almas separadas, que denunciavão a morte, a quem davão tanto credito, que bastava imaginarem que lhes denunciava a morte; para logo se entregarem a ella. **1781** Durão *Caramurú* III. viii. 77: Só pasmo se nos fez, como não veio, | Devendo amar o que obra de mão sua, | Ao Mundo de Anhangás cercado, e cheio | a livrar o Homem dessa besta crua! [*Nota do Autor, à pág. 73*] Nome do Demonio, em lingua Brazilica, conhecido daquelles Barbaros pelo uso da Nigromancia. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 58: Admitem a immortalidade d'alma, [...] e um espirito malfacejo, a que chamam *anhanga*: [...]. **1846** G. Dias *Primeiros Cantos* (ed. 1865, I. 13): Anhangá impiedoso nos trouxe de longe | Os homens que o raio manejão cruentos, | que vivem sem patria, que vagão sem tino | Tras do ouro correndo, voraces, sedentos. Idem *Ib.* 217: *Anhangá*, genio do mal, o mesmo que Lery chama *Aignan* e Hans Staden *Ingange*. **1846** Martins Pena *Itaminda* (ed. 1956, II. 194): Os raios do inimigo que Anhangá, o terrivel genio do mal arrojou em nossas praias, [...]. **1855** Junqueira Freire *Contradições Poéticas* 238: "Tu, filho de Anhangá, Dinjú mesquinho, | Escuta minha voz. Não te aborreço, [. **1856** D. Magalhães *A Confederação dos Tamoyos* IX. 283: Os crueis Anhangás, talvez tivessem | (E quem o negará?) um culto interno, [...]. **1865** J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, vii. 39): — Anhanga turbou sem duvida o sonno de Irapuam, [...] [*Nota do Autor à pág. 211*] Anhanga — Davam os indigenas este nome ao espirito do mal; compõe-se de *anho* — só e *anga*- alma. Espírito só, privado de corpo, fantasma. **1869** B. Guimarães *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, III. iv. 156): — Já que Tupá, exclama elle enfurecido, obstinadamente me persegue, e me acabrunha ao peso de amarguras e infortunios, sem que eu nada tenha feito para merecêl-os, eu te invoco, ó Anhangá, e de hoje em diante ponho em tuas mãos o meu destino, ó manitó do mal! inspira-me e guia meus passos pelas veredas tortuosas e sangrentas da vingança. **1872** Idem *Hist. e Trad. Minas* III. iii. 221: — Cala-te, filha de Anhangá! — bradou o indio rugindo e batendo o pé com força; — não quero mais te escutar, boicininga enganadora... ou hoje ou nunca!... **1874** J. Alencar *Ubirajara* iii. 44: É em seu coração de guerreiro, que Pojucan sente as garras do Anhanga. [*Nota do Autor à pág. 175*] Tambem temiam os tupys o espirito do mal, personificado em Anhanga, o fantasma, que habitava as trévas, e a quem referiam um poder funesto. **1875** Machado de Assis *Americanas* 134-135: "Peitos que irmãos ao mesmo sol nasceram | "E Anhangá fez contrarios... Todos elles | "Poucos serão para a tremenda luta. [*À pág. 206, em nota à palavra Anhangá, diz o Autor*] A verdadeira pronúncia desta palavra é *an-hanga*. É outro caso em que fui antes com a maneira corrente e comum na poesia. **1876** Couto de Magalhães *O Selvagem* II. v. 128: *Anhanga* é o deus da caça e do campo; *Anhanga* devia proteger todos os animais terrestres contra os indios [...]. **1877** B. Guimarães *Maurício* I. xix. 237: — Irabussú, — dizia elle, — não entrega o ouro de Tupá á esses filhos de Anhangá, não. *a*1884 Idem *O Bandido do Rio das Mortes* (ed. 1905, viii. 90): — Irabussú bem quizera nunca mais ir ao arraial dos Emboabas sinão para deixar cravadas no coração desses filhos de Anhangá quantas flechas pudesse carregar ao hombro; [...]. **1913** Simões Lopes *Lendas do Sul* 21: Assim bateram nas praias da gente pampeana os tais mouros e mais outros espanhoes renegados. E como elles eram, todos de alma condenada, mal puzeram pé em terra, logo na meia noite da primeira sexta-feira foram vizitados pelo mesmo Diabo delles, que neste lado do mundo era chamado de Anhangá-pitã e mui respeitado. [*Nota do Autor*] Literalmente, do tupi-guarani: diabo vermelho. **1928** M. Andrade *Macunaíma* ii. 27: O heroi cantou vitoria e foi buscar a caça. Chegou perto da viada olhou que mais olhou e deu um grito, desmaiando. Tinha sido uma peça do Anhanga... **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* xvii. 196: [...] em seguida os brancos, olhos de fogo, tidos por deuses, celebres anhangas. **1956** Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* 341: Eu aqui — os de lá do lado de lá. A anhanga que em riba da gente despejavam, balaços de tantos rifles, balas que quebram tetos e portas.

anhangaquiabo *s.m.* [< T. añaŋakï'ŭaṷa < a'ñaŋa 'diabo' + kï'ŭaṷa 'pente' ~ VLB II. 72: *Pente ou pentẽ* = Quiggoaba].

Planta da familia das bignoniáceas (*Pithecoctenium echinatum* Schum), também chamada pente-de-macaco e pente-do-diabo.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxxv, 79): Anhangàquiabo quer dizer pente do diabo; é árvore de bom tamanho, cujos frutos são umas bainhas grandes; tem dentro de si uma cousa branca e dura, afeiçoada como pente, de que os gentios se aproveitavam antes de comunicarem com os Portuguêses e se valerem dos seus pentes.

anhangüera *s.m.* Var.: 8 *anhanguera, anhanguéra* [< T. *añaŋ'ṷera < a'ñaŋa 'diabo' + 'ṷera 'que foi'].

Gênio maléfico, entre os indígenas.

1817 Casal *Corografia Brazílica* I. 312 (*Nota*): [Bartolomeu Bueno] incendiando á vista delles [Indios Aracys] uma porção d'agua ardente num prato, por cuja cauza o denominavam d'alli por diante *anhanguera*, isto he *diabo velho*. **1877** B. Guimarães *Maurício* II. vii. 78: [...] e se quizessem bem esmerilhar-lhe a linhagem, talvez descobrissem, que descendia dos troncos dos famosos Anhanguéras e Tibiriçás.

anhanguiara *s.f.* [< T. *añaŋ'i̯ara < a'ñaŋa 'diabo' + 'i̯ara 'senhora' ~ VLB II. 116: *Senhora cuja he a cousa* = Jara].

Feiticeira indígena: v. abon.

1648 M. Calado *O Valeroso Lucideno* V. iii. 323: & entre elles vinha hũa India cõ hum alfange na mão, a qual vinha dizendo. Eu sou onça, & tigre, & com estas vnhas hei de despedaçar as carnes aos Portugueses, & os hei de comer assados, & cozidos. A esta chamauão estes Indios rebeldes, Pajé, que quer dizer feiticeira, & profetisa, & Anhanguiara, que quer dizer Senhora dos Demonios, & pranteadeira dos mortos. **1679** R. Jesus *Castrioto Lusitano* I. vii. 471: Deixaime chegar com estas unhas a esses caẽs Portuguezes, que para lhes romper os corações, sou Tygre; ligeira onça, para lhes dar alcance; & sequiosa fera, para lhes beber o sangue, & despedaçar as carnes. Chamavaõ-lhe os naturaes Pagé, que em sua lingoa soa, prophetiza; & Anhanguiará, que he o mesmo, que senhora dos demonios; [...].

anhuma *s.f.* Var.: 5 *anhigma, anime, anima,* 6 *agnima,* 7-9 *anhuma,* 7 *anhume, inhume,* 8 *anhyma,* 7-8 *inhuma,* 9 *nhaúma* [< T. a'ñïma].

Ave da ordem dos anseriformes, família dos anhimídeos.

[**1560** Anchieta *Carta* in S. Leite *Cartas* III. (1958) 231: Est alia, quae *anhíma* dicitur, ingenti corpore; cum emittit vocem, asinum rudere credas; habet in singulis alis tria velut cornua, unum item in capite, qualia gallinaceorum calcaria, multo tamen duriora;]. *c*1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 20: Anhigma. Este passaro he de rapina, grande, e dá brados q̃ se ouuẽ mea legoa, e mais, he todo preto, os olhos tem fermosos, e o bico maior q̃ de gallo, sobre este bico tem hũ cornito de comprim^to^ de hũ palmo, dizem os naturais q̃ este corno he grande medicina pera os q̃ se lhe tolhem a falla, como ja aconteceo q̃ pondo ao pescoço duã minina q̃ não fallaua, fallou logo. *c*1590 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.M) 428-431: huã aue q̃ chamaõ anime tem taõ esperta fala q̃ se ouue mais de huã legoa e mais saõ grandes os ouuos saõ tamanhos como hũns cocos de canada e mea de portugal correm m^to^ comem ferro ainda q̃ este vermelho, na bava trouuemos huã mansa. *c*1594 Idem *Ib.* (ms.C) 1425-1440: Do Anima. He passaro de admiraçaõ assi em seu comer como em feiçaõ tẽ hũs brados q̃ se ouue huã legoa he tamanho como hũ grou mas tẽ menos carne he preto os olhos fermosos o bico pouco major que de galo tẽ hũ corno jũto cõ as vẽtas de hum palmo e he destá feiçaõ [*desenho*] he como corno mas brãdo e naõ quebra tẽ m^ta^ pena em si

mas groças tẽ nos emcontros das azas dous ferros cruées de hũ dedo pollegar de hũ homẽ de groçura quadrados m^to agudos na ponta [...] tẽ outros 2 cõ os quais pelleja cõ as outras aues os tres dedos dos peés saõ muj descõpassados de cõprido andaõ nos alagadissos comẽ erua o corno dizẽ he bõ p^a restituir a fala. **1610** J. Monteiro *Rel. da Provincia do Brasil* in S. Leite *Hist.*, VIII. (1949) 425: Do agnima. É do tamanho de um grou, de menos carne, é baço na cor; tem a cabeça mui grande, os olhos fermosos, o bico pouco maior que de um galo, mas sobre ele junto às ventas lhe nasce um corno de mais de um palmo, duro e dificultoso de quebrar; nos encontros das asas tem dous ferrões, feros, e de comprimento de um dedo, muito agudos nas pontas, e com eles pelejam e se defendem. Vivem de ordinário em lugares alagadiços e ao longo dos rios; comem erva como bois, e dela se mantèm. A ponta desta ave dizem os Índios que restitue a fala a quem a perde. A um Padre nosso sucedeu o seguinte caso. Estava uma índia havia cinco dias sem fala, e muito no cabo; rezou-lhe o Evangelho de S. Marcos, e juntamente lhe lançou ao pescoço a ponta desta ave, e logo súbito falou e sarou. Dêmos esta maravilha ao Santo Evangelho, contudo me dizem que é experiência de muitos anos, entre estes índios, e que se acha ser aprovado. **1716** J. C. Semedo *Memorial* in *Brasília* III. (1946) 243-244: O remedio com que escàpão da morte as pessoas mordidas por esta venenosissima cobra,he tomar hũa oytava de pò de unicorne da Ave chamada Inhume, ou Anhume, [...]. Idem 250: Nas lagoas, & Rio de São Francisco das Capitanias do Brasil andaõ humas aves, a quem os Naturaes chamaõ Anhuma ou Inhuma; tem as ditas aves na testa hum corno delgado, da grossura de hum bordaõ de harpa, & do comprimento de quasi hum palmo; & nos encontros das azas tem hum esporaõ triangular do comprimento de hum dedo, tam duro como se fora hum osso: estes esporões, & corno da testa da dita ave tem maravilhosa virtude bezoartica contra todo o veneno, & contra toda a malignidade dos humores, chamando-os por suor de dentro para fóra [...]. **1783** M. C. Abreu *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 259: Tambem tem o mesmo rio umas aves chamadas anhumas, de muita estimação, pois têm um unicornio de um gemio de comprido, que é de grande virtude para contra-veneno. **1792** F. O. Barbosa *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 23: [...] anhumas, aves de muita estimação, pois têm um unicornio na cabeça de grande virtude contra o veneno, do tamanho de um gemeo de comprido; além d'este unicornio, têm mais dois nos encontros das azas: estes passaros são quasi do tamanho de um perú, com a côr preta: a sua assistencia é nas lagôas, e por isso mui custoso de se apanhar. Idem *Ib.* 32: Tambem se criam nestes pantanaes umas aves chamadas anhupocas, do mesmo tamanho das anhumas, que ha no rio Tieté, com a differença porém de serem estas muito bonitas, e das mais formosas aves de todos os sertões: tambem tem unicornio na cabeça e azas; [...]. **1800** J. Veloso *Aviário Brasílico* 9: O ferrão axillar: que se vê nos encontros das azas, no lugar em que lhes nasce o pollegar, junto da aza bastarda, e se termina em huma ponta curva. Vem-se na Palamedea [*em nota de rodapé*: No Brasil *Anhyma*], na Parra [*em nota de rodapé*: *Jacana, Aguapecaba, Macauâ.*], na Ema. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 86: Inhuma he do tamanho d'hum capão, escura pelas costas, cinzenta pela barriga; com azas de extraordinario comprimento, chegando a dez palmos de abertura, e dois ferrões de desigual grandeza em cada uma, e um chifre osseo de meio palmo de comprido, e grossura do canudo d'huma grossa penna de perú, agudo, um pouco curvo na extremidade, com virtude magnetica, e ainda contra-veneno: quando quer beber, mette-o primeiro n'agua, e os outros passaros, que andam apóz delle como os quadrupedes atráz da abada, só então bebem. Sua carne he esponjoza, como bofe de qualquer outro vivente, e não se come. Tambem as ha do tamanho de pombas. Idem *Ib.* I. 147: Entr'outras especies de passaros conhecem-se macúcos, papagayos, caroès, anhumas, sócós, tayuyús, jaburús, garças jacús, arapongas, mutuns, tucanos, codornizes. Idem *Ib.* I. 272: [Pantanaes] onde se encontram, entre outros passaros raros, os chamados *anhupócas*, que sam do tamanho das anhúmas; [...]. **1847** A. Leverger *Rio Paraguai* in RIH, XXV. (1862) 232: Entre as aves; citarei as *Anhumas*, que depois das *Emas* são as maiores de todas, mas que o caçador não persegue porque não se come a carne d'ellas, os *Mutuns, Jacús, Arancuans*, que offerecem um saboroso e saudavel manjar, bem como os *Patos* e *Marrecos*, que se vêem em grandes bandos; [...]. **1865** J. Alencar *Iracema* (3^a ed., 1878, x. 59): Quando o segundo pio da inhuma resoou, Iracema corria na mata [...]. [*Nota do Autor, á pág. 213*] *Inhuma* — Ave nocturna palamedea. A especie de que se falla aqui é a palamedea chavaria, que canta regularmente a meia-noite. A orthografia melhor creio ser *anhuma*, talvez de *anho*-só, e *anum*-ave agoureira conhecida. Significaria então *anum solitario*, assim chamado pela tal ou qual semelhança do grito desagradavel. **1874** Idem *Ubirajara* ii. 33: O guincho agoureiro da inhúma resoava na mata, quando começou a dansa guerreira que durou até perto da alvorada. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 76: Elle informa-me ainda sobre o nome de algumas aves, bastante differentes daquelles que as mesmas têm no sul: a anhuma é *camitaú*, [...]. **1956** Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* 145: Acontecendo tudo com risadas e ditos amigos — como quando com seu arreleque por-escuro uma nháuma devoou, ou quando eu pulei para apanhar um raminho de flôres e quase caí comprido no chão....

anhumapoca, anhupoca *s.f.* Var.: *α.* 7-8 *anhupoca*; *β.* 8 *anhuma-póca* [< T. °añïma'poka < a'ñïma 'anhuma' + 'poka 'barulhenta, ruidosa' ~ VLB I. 129: *Estourar, ou estouro dar* = Apôc. ~ A var. *anhupoca* é redução de *anhumapoca*].

Ave da ordem dos anseriformes, família dos anhimídeos; espécie de anhuma.

1783 M. C. Abreu *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 273: Tambem se criam nestes pantanos umas aves chamadas anhupocas, do tamanho das mesmas que ha no rio Tieté, porém com outra differença, porque estas são muito bonitas e das mais formosas aves dêstes sertões. A sua côr é pintada de branco e preto, com as pernas e olhos encarnados, e tambem têm unicornios na cabeça e azas, mas sem a virtude das outras. **1792** F. O Barbosa *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 32: Tambem se criam nestes pantanaes umas aves chamadas anhupocas, do mesmo tamanho das anhumas, que ha no rio Tieté; com a differença porém de serem estas muito bonitas, e das mais formosas aves de todos os sertões; tambem tem unicornio na cabeça e azas; [...]. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 272: [Pantanaes] onde se encontram, entre outros passaros raros, os chamados *anhupócas*, que sam do tamanho das anhúmas; [...]. **1872** Taunay *Inocência* (2^a ed., 1884, xviii. 190): Haviam já os gallos cantado uma vez, e, ao longe, muito ao longe, muito ao longe, de vez em quando se ouvia o clamor das anhumas-pócas.

‖ **anijuacanga**: v. abon.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxiv. 163): Anijuacangas são outros bichos que não tem nenhuma diferença dos camaleões, mas são muito maiores que os de África, cuja côr naturalmente é verde, a qual mudam como fazem os de África, e estão logo presos a uma janela um mês sem comerem nem beberem; e estão sempre virados com o rosto para o vento; de que se mantêm; [...].

aninga *s.f.* [< T. °a'niŋa].

Planta da familia das aráceas.

1654 A. Vieira *Cartas* (ed. J. L. Azevedo, 1925, I. 369): [...] e assim têm [as tartarugas] em currais ou viveiros, onde entra a maré, e as sustentam sem lhe darem de comer, salvo algumas fôlhas de aninga, arbusto que nasce pela borda dos rios, sustentando-se delas quatro a seis meses. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 265: [Planta aquatica] Aninga. **1782** F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* I. viii. 157: A Ninga hé huma Planta que sempre se acha pelas margens dos rios, lagoas, dentro mesmo da agoa. A sua altura hé de quatro palmos ate seis: as folhas do comprimento de palmo e meyo, groças, duras, e lizas. **1878** F. Távora *O Matuto* iv. 48: Quando ia a atirar-se na agua, a cabeça reappareceu a seus olhos, e uma voz, reboando por cima das aningas e dos juncos, foi levar-lhe aos ouvidos estas palavras, em gráo de grito e em tom de reprehensão: [...]. **1888** Inglês de Sousa *O Missionário* (ed. 1899, II. viii. 62): As ribanceiras negras, irregulares, ora alteando-se como montanhas, ora arredondando-se em lombadas, aqui estendendo-se em praia alagadiça, salpicada de aningas magras, alli correndo a largos trechos um muro baixo [...]. **1907** Coelho Neto *Fabulário* II. 287: Ao som das aguas descia ondulando o camalóte de aningas e, deitada entre flôres, sobre macios froccos de algodão virgem, uma creança dormia. **1910** H. Campos *Poeira* 216: É que a lua deseja, e que as mandingas / Cessem, para que volte quieto á beira, / E, homem, possa dormir entre as aningas... **1928** M. Andrade *Macunaíma* i. 11: A moça carregou o piá nas costas e foi até o pé de aninga na beira do rio. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 18: Comtudo, a escarpa é passageira, e não tarda que o capim venha coser-se á fimbria d'agua, [...] e de onde exsurgem aningas de largas fôlhas envernizadas.

aningal *s.m.* [< aninga[a + -al].

Plantação de aningas.

1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 53): [...] os feios aripápás côr de terra, de enormes bicos concavos, maiores que a cabeça, grasnam amontoados nos perigosos aningaes, onde se aninham tambem as truculentas sicurijús enroscadas em montes; [...]. **1888** Inglês de Sousa *O Missionário* (ed. 1899, II. vii. 35): A situação era clara como o dia que se levantava por entre os aningaes da vargem. **1895** J. Veríssimo *A Pesca na Amazônia* I. iii. 29: Os dos lagos, onde de preferencia vivem entre as aguas lodosas dos aningáes e periantans, são mais escuros, os dos rios de agua clara mais claros, e os do Amazonas de um amarello barrento, consoante a côr das aguas do grande rio. **1935** Jorge de Lima *Calunga* viii. 77: Pra ver a lagôa do Sul e arredores êle tinha que viajar té os altos do Compra-Fiado, e daí divizava toda a curva do Lamarão, os Paturaias, os cafundós do Riacho novo, o jaqueiral enorme de Tiquanduba, os catolezais do Gurganema e os juncos e aningais do Oitizeiro.

‖ **aniuá**: v. abon.

1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 28: [...] diversas qualidades

de *formigas*, as *tocandeiras, aniuás, tataúcas*, e *tapiahís*, cuja picada, especialmente das primeiras até causa febres; [...].

anu *s.m.* Var.: 5-6 *anu*, 5 *anũ*, 6 *anù*, 7-9 *anú*, 7 *anúm*, 8-9 *anum*, 8 *anun*, *annum* [< T. a'nu].

Ave da família dos cuculídeos.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxxxix. 114): Anu é outra ave preta, do tamanho e feição de gralha; e andam sempre em bandos, voando de árvore em árvore ao longo do chão; criam em árvores baixas em ninhos, e mantêm-se de uma baga preta como murtinhos, e de outras frutinhas que buscam. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1457-1463: Anũs pegas na feição. Estes passaros criaõ em huã casa grãde e m^tos^ jũtos e todos trazẽ de comer e ajudaõ aos outros q^do^ saõ pera isso e se hũ vaj buscar de comer o outro se poẽ em sima dos ovos tẽ vegia q^do^ vaõ buscar de comer e dá sinal cõ q̃ fogẽ tẽ fino sãge o bico preto ao modo de arçaõ de cela geneta. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fls. 112*v*. — 113: [...] achaõse tambem pelos campos hũs passaros a que chamaõ — Anũs. de hũa callidade estranha que alem de o seu canto semelhar a choro naõ tem nenhũ modo de sangue nem nunca se lhe achou e saõ de hũa cor preta tristonha. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 194: Anu he hũ pasoro tamanho como o punho e he todo preto e a sua abitação he pelas capueiras e as bordas dos rios ele não se quo[me] e fazem quoatro filhos. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 261: [Ave silvestre] Anú, duas variedades. **1789** F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 89-90: Anúm, passaro com a magnitude de huma melra; bico nimiamente compresso, por sima arqueado com gume fino; [...] Todo o corpo inteiramente negro; no collo, peito, e tegumento das azas, pennas orladas de fulvo escuro. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 78: Anum he do tamanho d'hum melro, todo d'hum negro azevichado, e brilhante, cauda comprida, redonda, e só com oito pennas, bico adunco, pontudo, assáz grosso na raiz, e aguçado pela parte superior: seu canto he um grito triste; seu vôo curto andam sempre em bandos pouco numerozos, e nunca se pouzam em arvore alta. Dizem que poem todos em um mesmo ninho commum: o certo he que se acham ninhos deste passaro com grande numero d'ovos, ou para melhor dizer com varias ninhadas d'elles, separadas com camadas de feno. **1856** D. Magalhães *A Confederação dos Tamoyos* VII. 223: Quando eu voltava á casa e lhe levava ! Alguns ovos de anuns, ella contente ! Se lançava a meu collo e me beijava. **1865** J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, 213/214): [*Nota do Autor*] A orthografia melhor creio ser *anhuma*, talvez de *anho*-só, e *anum*-ave agoureira conhecida. **1869** B. Guimarães *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. iii. 64): Como é gentil, e differente de meus companheiros da floresta! seus cabellos negros e luzentes como as pennas do anú enroscão-se como serpentes em redor do pescoço, seu porte é como o dos heróes; [...]. **1871** J. Alencar *O Tronco do Ipê* I. iv. 43-44: Tendo chegado ao fim do pomar, e descoberto um ninho de anum, escondido na folhagem de um jequiá, operou segunda ascenção em busca dos lindos óvos azues. Idem *Ib.* I. iv. 45: — Ah! que lindos! disse Adelia admirando os óvos de anuns. **1872** B. Guimarães *O Seminarista* (ed. 1917, iv. 31): Eis o nosso heróe transportado das livres e risonhas campinas da fazenda paterna para a monotona e austera prisão de um seminario no arraial de Congonhas do Campo, de barrete e sotaina preta, no meio de uma turba de companheiros desconhecidos, como um bando de anús pretos encerrados em um vasto viveiro. **1874** J. Alencar *Ubirajara* vii. 128: O chefe tapuia tomou uma de suas flechas; arrancou o farpão e deu ao mensageiro a haste emplumada com azas negras do anun, que era o emblema guerreiro de sua nação. **1875** Idem *O Sertanejo* II. xi. 182: Flor desejou uns ovos de annum que são, como todos sabem, muito lindos pelo azul celeste da cor, e muito cobiçados pelas creanças. **1875** Machado de Assis *Americanas* 25: Se ao perto voa na campina verde ! De anuns luctuoso bando; nem os trillos ! Das andorinhas interrompe a nota. **1876** F. Távora *O Cabeleira* xvii. 284: — Que pena tenho eu quando considero que te perdi para sempre, que te deixei no deserto, que os carcarás furaram teus bellos olhos, que os urubús despedaçaram tuas carnes, e que os anuns, pretos como meu coração, esvoaçam por cima de teus ossos! **1911** A. Maia *Tapera* 40: [...] e fechava-se o sapateado dos "anús de cadena" e das "tyrannas grandes". **1913** Simões Lopes *Lendas do Sul* 92: Ha ainda, de formação local, muitas historias injenuissimas e curiozas, tais como a do dorme-dorme (ave vespertina); porque a pomba não sabe fazer o seu ninho; porque a capivara é rabona (sem cauda); a do anú, ladrão do ninho alheio; a do João barreiro, e outras muitas, para adormecer crianças... **1914** Coelho Neto *Rei Negro* iii. 85: Anuns voejavam nos ramos baixos e, de pausa em pausa, com regularidade rythmica de um pendulo, soturno gemido d'ave partia da capoeira, lugubre. **1915** Lima Barreto *Policarpo Quaresma* II. iii. 117: Esvoaçavam tyês vermelhos, bandos de colleiros; anuns voavam e punham pequenas manchas negras no verdor das arvores. **1934** J. L. Rego *Banguê* II. ii. 90: Anuns reluzentes, de pretos, andavam de bando, tambem. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* xvii. 195: Eis que chegam, porém, numa revoada hecterogenea, sahis, japiins, rouxinóes, ten-tens, pipiras, anús, bicudos, [...]. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 169: E José Malvino mostra os anús, transitantes, saltitantes, atarefados, pintando de preto os costados de outros bois. **1956** Idem *Grande Sertão: Veredas* 99: Essa Nhorinhá tinha lenço curto na cabeça, feito crista de anú-branco.

apapá *s.m.* [< T. *apa'pa].

Peixe de água doce da família dos clupeídeos.

1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 105): A pasmosa variedade de peixes do Amazonas recolhe-se tambem para elles nesse tempo, [...] o apapá, que só se pesca correndo com a linha; [...]. **1895** Idem *A Pesca na Amazônia* I. vii. 107: O apapá é também pescado com estes dous anzóes, que são a forma indigena da "*mosca*" dos pescadores europeus.

apareíba *s.m.* [< T. ũapare'ĩua ~ VLB II. 30: *Mangal ou mangues* = Guaparijtiba. *Mangue, a mesma arvore* = Guaparijgba. Cunapoigba. Cereigba].

Mangue-vermelho.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lx. 39): Há uns mangues, ao longo do mar, a que o gentio chama apareíba, que tem a madeira vermelha e rija, de que se faz carvão; cuja casca é muito áspera, e tem tal virtude que serve aos curtidores para curtir tôda a sorte de peles, em lugar de sumagre, com o que fazem tão bom curtume como com êle. Êstes mangues fazem as árvores muito direitas, dão umas candeias verdes compridas, que tem dentro uma semente como lentilhas, de que êles nascem.

apê *s.m.* [< T. a'pe ~ VLB I. 68: *Casca de fruita molle como de figo etc.* = Apê. E pira].

Espécie de amoreira silvestre (*Chlorophora tinctoria* L).

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. liv. 18): Apé é uma árvore do tamanho e feição das oliveiras, mas tem a madeira áspera e espinhosa como romeira, a fôlha é da feição de pessegueiro e da mesma côr. Esta árvore dá um fruto do mesmo nome, da feição das amoras, mas nunca são pretas, e têm a côr brancacenta; [...].

apeíba *s.f.* [< T. ape'ĩua ~ VLB II. 7: *Jangada, o pao dellas* = Apeigba].

Planta da família das tiliáceas.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxxi. 69): Apeíba é uma árvore comprida muito dirceita, tem a casca muito verde e lisa, a qual árvore se corta de dois golpes de machado, por ser muito mole; cuja madeira é muito branca, e a que se esfola a casca muito bem; e é tão leve esta madeira, que traz um índio do mato ás costas três paus dêstes de vinte e cinco palmos de comprido e da grossura da sua coxa, para fazer dêles uma jangada para pescar no mar á linha; as quais árvores se não dão senão em terra muito boa.

aperema *s.f.* [< T. *ape'rema].

Espécie de cágado.

1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 26: [...] o *mussuan* he mais pequeno, porém mais saborôso, e o *apereéma* he chato, e de delicado gosto a sua carne: [...]. **1895** J. Veríssimo *A Pesca na Amazônia* I. v. 56: [...] o tracajá (*Emys tracajá*), o pitiú (*E. gibba*) e o matamatá (*Chelys fimbriata*), além dos testudos, aperemas e jabutis, de gosto, tamanho e feitios variados, com o pirarucú, o peixe-boi e outros, são um dos principaes recursos da alimentação ali, [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* xvii. 253: Quando o mano voltou prá tapera Macunaíma pegou na violinha, fez talequal reparara e veio uma imundicie de caça, viados cotias tamanduás capivaras tatús aperemas pacas [...].

apiacá *s.m.* [< T. *apia'ka].

Espécie de vespa.

1928 M. Andrade *Macunaíma* iv. 45: Capêi escancarou a guela e soltou uma nuvem de apiacás, Macunaíma bateu que mais bateu vencendo os marimbondos.

apicu *s.m.* Var.: 5 *apecu*, 6 *apicu*, 7 *apicú*, *apecú* [< T. ape'kũ ~ VLB II. 22: *Lingoa, pello membro* = Apecũ].

Brejo de água salgada à beira-mar; limite da terra firme com o mangue: v. abon.

1596 in ABN, LXXXII. (1962) 257: [...] e nos metemos por huns mangues, e da banda de dentro dêlles, no cabo de hum apecu se meteu o dito marco de pedra com a dita marca, [...]. *a*1696 G. Matos *Obras* (ed. 1969, III. 572): Diz, que achou tal apicu ! tão tremendo, e temerário ! que só membro extraordinário ! abalaria êsse cu: !. **1711** A. J. Antonil *Cultura e Opulência do Brasil* I. iii. iv. 81: O Barro, com que se purga o assucar, tira-se dos Apicús, que, como temos dito, saõ as Coroas, que faz o Mar entre si, & a Terra firme, & as cobre a Maré. **1761** Jaboatão *Novo Orbe Seráfico Brasílico* I. i. 132: [...] rodeada de hum grande, e invadeavel alagadiço, que começando das Ribeiras do Poxim, e formando huns Apecús muy esparcelados, deixa algum terreno livre para as margens do Seregippe, [...].

‖ **apií**: v. abon.

1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 14: [...] *Apií herva, mucuracá*, ou folha de *mucúra*, assim chamada pelo máo cheiro de suas folhas, pouco differente daquelle que exhálam de seo corpo as *mucúras*, he uma herva de mediano crescimento e de grande prestimo; [...].

‖ **apitiùba**: v. abon.

1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 71.150: O genero de erua de raiz mais notauel, & proueitosa do Brasil, he a que chamaõ mandioca. Tem debaixo de si diuersissimas especies, a saber: mãdijbucú. [...] apitiùba. aipiy [...].

apuizeiro *s.m.* Var.: 9 *apuiseiro, apuyzeiro* [< apuí (< T. *apu'i*) + -z- + -eiro].

Planta da família das gutíferas; apui.

1928 M. Andrade *Macunaíma* xv. 215: A moça levou um tombo engraçado por cima do rapaz e êle enrolou-se nela talqualmente um apuiseiro carinhoso. 1930 G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 276: É curioso observar as raizes que o cipó imbé e o apuyzeiro, agarrados ás arvores mais altas, por vezes enviam ao leito do rio, onde se fixam fortemente sobre pedras submersas.

‖ **aquê**: v. abon.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fls. 95-95*v.*: [...] o coarto [mantimento] hũs coquinhos que pello nome da terra se chamaõ, aquês — estes tais se colhem dos piquenos coqueiros, em que se daõ em cachos despois de maduros, ese espreme delles hũa sustançia dose e guostoza que se lhe tira Dantre a casca espremidos com as mãos dentro na Aguoa e de tudo junto sendo cozido ao Foguo se formaõ huãs papas que comem e com ellas juntamente os. coquinhos que estão dentro no caroso despois de esbrugado e partido, [...].

aquiqui *s.m.* Var.: 5 *aquigquig, aquiqui*, 6 *aquaqui, aquequi* [< T. akĩ'kĩ ~ VLB I. 56: *Bogio não tem genero* (...). Os de barba assi os ruivos como os pretos = Aquigquig, Çaguaçu].

Macaco: v. abon.

*c*1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 15: Aquigquig. Estes bugios saõ m^to^ grandes como hũ bom caõ, pretos, e muito feos, assi os machos, como femeas, tẽ grande barba som^te^ no queixo de baixo, destes nasce as uezes hũ macho tam ruiuo q̃ tira a uermelho, o qual dizẽ q̃ he seu Rey. Este tẽ o rosto branco, e a barba de orelha a orelha, como feita a tizoura: tem huã cousa muy^to^ pera notar, e he, q̃ se poem huã aruore, e faz tamanho ruido q̃ se ouue muyto longe, no qual atura muyto sem descansar, e p^a^ isto tẽ particular instrum^to^ esta casta: o instrum^to^ he certa cousa concaua como feita de purgaminho muito rija, e tam liza q̃ serue para burnir, do tamanho de hũ ouo de pata, e começa do principio da guella ate junto da campainha, entre ambos os queixos e he este instrum^to^ tam ligr^o^ q̃ em lhe tocando se moue como a tecla dũ crauo. E quando este bugio assi esta pregando escuma muito, e hũ dos piquenos q̃ ha de ficar em seu lugar lhe alimpa muytas uezes a escuma da barba. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1086-1114: O aquiqui he o major [bugio] q̃ ha na prouĩcia Sera como moço de 18 ou 20 annos Saõ m^to^ louros e se naõ tiueraõ rabo cõprido como tẽ milhor lhe chamaraõ gente p̃ q̃ lhe naõ falta senaõ falar tẽ os braços pees corpo como homẽ A sertas horas do dia se ajũtaõ todos e hũ mais velho no meo começa hũ modo de fala taõ braua q̃ pareçe pregaçaõ e bota muita escuma polla boca e pera isso estaõ dous mais piquenos q̃ lha alimpaõ e todos neste tempo calaõ e dahi a hũ pedaço q̃ elle acaba todos gritaõ e se vaõ buscar de comer Quando querẽ passar de hũa aruore pera outra se esta muito afastada ou passar algũ rio q̃ tẽ aruores dambas as partes se ajũtaõ embrulhaõ hũs cõ os outros q̃ fazẽ como cadea e assi se estaõ balançando ate q̃ chegaõ a outra aruore e ẽtaõ emtezaõ dambas as bandas e fazẽ ponte por onde passaõ os f^os^ e os doentes e como passaõ todos largaõ destoutra banda e inda q̃ cajaõ rijo saõ muj ligeiros e ẽ q̃lq̃r ramo pegaõ logo cõ o Rabo [...] As femeas tẽ duas tetas e naõ parẽ mais q̃ hũ e trazẽno as costas. Idem *Ib.* 1116-1118: Aquiqui pitanga tẽ o mesmo ha outros [...]. 1610 J. Monteiro *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.*, VIII. (1949) 421: O Maior entre os bugios se chama *aquaqui*. Será no corpo como um moço de 12 ou 14 anos, bem fornido; são mui louros; o não terem rabos ficaram indios nas feições. Entre as cousas mais notáveis, que neles se observam, é ajuntarem-se em certas horas do dia, e o maior delles se põe no meio de muitos e começa um canto ou fala, mui alta, que se ouve de longe, o que faz com tanta eficácia, que escuma pela boca. Logo acodem dous dos mais pequenos de uma e outra parte, que o alimpam. Acabada a prática, que dura por bom espaço, todos juntos em grito fazem grande aplauso e se vai cada um por sua parte buscar de comer. Quando querem passar de uma árvore a outra o maior serve de ponte, pela qual passam os pequenos e doentes. As fêmeas trazem os filhos de ordinário às costas, e lhe dão de mamar, ao modo que o faz uma mulher, tomando a criança nos braços, e amimando-a de mil modos. Os índios, quando frecham alguns destes, se logo não cái, fogem quanto podem, porque arrancam a frecha e fazem tiro com ela como se a despedissem do arco, e já aconteceu acharem-se alguns mortos pelos bugios. Tem estes uma barba mui comprida e ponta aguda, que lhe dá muita graça. [...]. Ha outros, a que chamam *bereguig*, saõ da mesma grandeza, que os *aquequis*, mas mais fermosos, e mais melenconizados.

ará *s.f.*: v. abon.

1865 J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, ii. 18): A graciosa arà sua companheira e amiga brinca junto della. As vezes sobe aos ramos da arvore e de lá chama a virgem pelo nome; [...]. [*Nota do Autor, à pág. 203*] *Ará* — periquito. Os indigenas como augmentativo usavam repetir a ultima syllaba da palavra e ás vezes toda a palavra, como *murémuré, muré*-frauta, *murémuré* — grande frauta. Arárá vinha a ser pois o augmentativo de ará, e significaria a especie maior do genero.

arabutã *s.m.* Var.: 8 *arabutan* [Adaptação provável do fr. *arabouten*, o qual já se documenta, bem como as vars. *arabotan* e *arabouta*, em 1578, na *Histoire d'un voyage faict en la terre du Brésil*, de Jean de Léry; anteriormente, em 1558, em *Les singularitez de la France Antarctique*, de André Thévet, ocorre a var. *oraboutan*. O fr. *arabouten* dimana do T. arapï'taŋa (forma paralela de ï *ŋ* ïrapï'taŋa)].

Pau-brasil.

1856 D. Magalhães *A Confederação dos Tamoyos* I. 14: Outros nos densos mattos mutilavam / Arabutans, jacarandás, graúnas, /.

araçá *s.m.* Var.: (5 *carasazes*), 5, 7 *arasazes* (pl.), *araçazes* (pl.), 5 *araçá, araça, aracazes* (pl.), *aracasses* (pl.), 5 *aracases* (pl.), 6 *arasa*, 6-7 *araçases* (pl.), 6-9 *araçá*, 7 *araçaz, araças, araca, arassa, arassaz* (pl.), 7-8 *arassá* [< T. ara'sa].

Fruto do araçazeiro.

Como se depreende da documentação adiante transcrita, os antigos cronistas já conheciam inúmeras variedades de araçá, embora a elas se referissem de maneira um tanto vaga e imprecisa.

1561 Nóbrega *Cartas* (ed. S. Leite, 1955, 377-378): Vão taõbem marmeladas de ibás, camucis, e arasazes para as camaras; huma pouca de abobora. [*Nota de S. Leite:* "*No ms.* carasazes. *Parece-nos que no original estaria earasazes e o copista em vez de separar o e* (e arasazes) *manteve-o junto, lendo c. O cará no plural daria carás ou carazes e não carasazes*"]. *a*1576 Gândavo *Trat. Prov. Brasil* (ms. do British Museum) 863-866: Tambem ha hũa fruita que se chamã araçazes [*no ms. da BNL, fl. 29, lê-se*: Aracases] são como nespras posto que comão muita não faz mal a saude. *c*1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 20*v.*: Araçã. Destas aruores ha grande copia, de m^tos^ castas, o fruito saõ hũs perinhos amarellos, uermelhos, outros uerdes, saõ gostosos, desenfastiados, appetitosos por terem algũa ponta de agro. Dam fruito quasi todo o anno. 1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. liv. 17): Ao fruto [dos araçazeiros] chamam araçazes, que são da feição das nêsperas, mas alguns muito maiores. Quando são verdes tem a côr verde, e como são maduros tem a côr das peras; [...]. *c*1590 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. M) 451: Aracazes m^tos^ Mocuiezes são m^to^ bons e doces. *c*1594 Idem *Ib.* (ms. C) 1711-1722: Araçazes Ha m^tos^ grandes e piquenos tẽ a aruore e folha como pereira e elles algũs saõ tamanhos como peras a flor e folha cheira m^to^ bẽ taõbẽ os Jndios fazẽ v^o^ [*sc.* vinho] de Araça, Saõ algũ tãto azedo e m^to^ boa fruita p^a^ fastio Araça pitãga ha em s. v^tc^ vermelhos e amarelos Araça guaçu ha m^tos^ e bõs, araça ete ha m^tos^ p'los campos e matos ha desta fruita m^to^ fazẽ cõserua delles p^a^ camaras e taõbem assi maduros seruẽ p^a^ as estãcar e saõ m^to^ apetitosos. *c*1596 S. Travaços *Declaração do Brasil* xlviii. fl. 36*v.*: Ha grandissimos matos em toda a parte razos, e piquenos, que daõ fruto como macans piquenas, e carregaõ muito, os quais chamaõ aracasses, saõ apetitosos, naõ fazem mal E saõ boõs pera as camaras, [...]. *c*1607 J. Rodrigues *Relação* in S. Leite *Novas Cartas Jesuíticas* (1940) 203: E, com muito trabalho e muita fome, [...] fomos os moços e eu aos araçases da outra banda do rio, metendo-nos por um riacho aonde diziam andarem capivaras. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* ii. fl. 56: [...] dentro em hũa fruta que chamaõ guoajaba e em falta Em outra que chamaõ Arasa [...]. *Ib.* iv. fl. 110*v.*: [...] Arasa [fruta] do tamanho de fruta noua de muito guosto do coal se faz bõa marmelada — outro modo de Arasa por sobrenome Asu por ser major, e mais estimados pera se comerem [...]. 1624 S. E. Silveira *Relação do Maranhão* fl. 11*v.*: Guayauas, Araçases, cajàses, guajarases, pocóuas, & Bananas, Bacoris, coquinhos de Palma, & outros de fazer azeite como os de Guiné; [...]. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 179: Arasa he aruere de outo ou noue palmos de altor e a fruta he tamanha como ouo de pata quoamdo eles cam maduros cam hũ pouquo amarelos e caõ xeios de simente e tudo se quome fora a quasqua e he muito bom comer e se pode fazer muito boma mermelada dele a frol he bramqua. Idem *Ib.* fl. 182: Arasaguasu he hũa aruore cõprida não m^to^ grosa o pau rijo a casqua tira da [*sic*] frutta do tamanho de limõs gramdes cor dourada a flor branca a frutta tẽ o sabor a modo de azedo serue p^a^ mermelada p^a^ camaras. [...] Arasauna he hũa auore [*sic*] não m^to^ grande da hũas fruttas do tamanho de pereiras grandes a cor

he a modo de azul pretto a flor bramqua a folha da grandeza da pintura e comêsen e serue pera fazer tinta negra. **1648** M. Calado *O Valeroso Lucideno* V. iv. 331: [...] & vendo os ditos Flamengos que não aparecião alli os soldados q̃ os chamassem, ou defendessem de quem os viesse seguindo, se tornarão dissimuladamente, fingindo que colhião araçases pàra comer. **1654** A. Vieira *Cartas* (ed. J. L. Azevedo, 1925, I. 378): Dão uma fruta semelhante e menor que as goiabas e araçás do Brasil, de que se duvida se é espécie, [...]. *a***1696** G. Matos *Obras* (ed. 1969, II. 364): mas há de ficar borrado | como o tal Primo ficou, | quando a Mulata o purgou | naquele triste araçá |. **1702** A. Rosário *Frutas do Brasil* III. iii. 148: [...] havemos de darlhes huma fruta de varias castas, Araçazes, Aracaaçú, Merim Pedrado. **1705** M. B. Oliveira *Música do Parnasso* 131: Os Arasazes grandes, ou pequenos, | Que na terra se criam mais ou menos, | Como as peras de Europa engrandecidas, | Com ellas variamente parecidas, | Tambem se fazem dellas | De varias castas marmeladas bellas. **1721** F. F. Henriques *Âncora medicinal* (ed. 1731, 221): Ha no Brazil huma arvore, a que chamaõ araça-iba, que dá uns frutos como ameixas, ou nesperas, a que os naturaes daõ o nome de Araçá miri, e Araçá-guaçu; saõ de bom gosto, doces e odoriferos; [...] Comidos crús saõ de melhor gosto, do que cozidos. Tem virtudes adstringentes e corroborantes, com que confortaõ o estomago e ventre. **1730** Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I § 50. 32: Os araçases, tambem de cinco castas, dos quaes os perinhos, e merins se daõ aos enfermos, e de todos se fazem prezados doces com o nome de marmeladas, tão finas, e selectas como as do Reyno. *c***1762** Jaboatão *Novo Orbe Seráfico Brasílico* (ed. 1858-1862, II. iii. 724): Trazendo-lhe em certa occaziaõ huãs fructas, a que os Brazis chamaõ Araçaz, que por agrestes saõ de pouca estimação, [...] Mas se a desobediencia de nossos primeyros Pays tornou taõ amargoza, e mortal para o genero humano a fructa do Paraizo, comidos agora com obediencia os Araçazes, seriaõ sem duvida, naõ só gostozos, mas sadios. **1769** M. S. M. Itaparica *Eustachidos* 125: Os arassás diversos, e silvestres, | Huns saõ pequenos, outros saõ maiores: | Oytís, cajás, pitangas por agrestes | Estimadas naõ saõ dos moradores: | Aos marcuiás chamar quero celestes, | Porque contèm no gosto tais primores, | Que se os Antigos na Asia os encontraraõ, | Que era o nectar de Jove imaginaraõ. *c***1777** F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 263: [Arvore fructifera] Araçá. **1781** Durão *Caramurú* I. xxxii. 19: Mimosas carnes mandão, doces frutas | O araças, o cajú, coco, e mangaba; /. **1782** F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* I. iv. 54: Há neste Paiz muitas, e diversas especies de Arvores com o nome de Araçá, e de virtude adstringente todas; [...] Araçá guayaba hé huma fruta produzida por huma Arvore silvestre a qual nasce, e se cria por algunz campos e pequenos mattos, especialmente por aquelles terrenos denominados Maçapez, [...]. **1799** E. A. S. Correia *Hist. Angola* (ed. 1937, I. 140): [...] Guaiabas, Romans, Arassaz, Frutas do Conde, Mamótes, Jambos, Collas, e Pimentas; são as frutas, q̃ o paiz offerece de mais mimo. **1806** in RAPM, VI. (1901) 768-769: Fructas ha indigenas, e algumas silvestres, de que se faz grande uso no Paiz. A Jaboticaba he a melhor; [...] o Arassá, [...]. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 104: O *Araçá-mirim* he arvore de bom crescimento, e folha miuda: a casca he tão liza na epiderme, como no alburno. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 20: [...] *araçás, ingás* diversas, entre as quaes são apreciaveis por seo tamanho e dôçura as *ingás cipós*, [...]. **1848** José Bonifácio (o Moço) *Rosas e Goivos* 79: Tinha o pé tão melindroso, | Como as flôres do araçá; | A mãozinha delicada... | Oh quem na terra o dirá?! **1857** J. Alencar *O Guarany* (2ª ed., 1864, IV, xi. 298): Deitou sobre uma folha larga os fructos que tinha colhido: erão os araçás, os jambos corados, os ingás de polpa macia, os cocos de varias especies. **1865** Idem *Iracema* (3ª ed., 1878, ix. 56): A boca do guerreiro pousou na boca mimosa da virgem. Ficaram ambos assim unidos como dois fructos gemeos do araçá, que sahiram do seio da mesma flor. **1871** Idem *O Tronco do Ipê* I. iii. 29: [...] o que elles viram e admiraram, foi o dourado das bellas laranjas selectas; o rôxo dos figos e abacates; o vermelho dos bagos da romã; o amarello das goiabas e araçás; [...]. **1873** Idem *Guerra dos Mascates* I. xiii. 152: No centro campeava uma pyramide de prata lavrada, formando por andainas uma pinha de belliões de abobora e batata, pucarinhas finas geléas de araçá e pitanga, trebelhos ou flôres de alfenim, e as saborosas queijadinhas, preparadas pelas mãos mimosas de D. Lourença [...]. **1881** F. Távora *Lourenço* (ed. 1902, xviii. 280-281): A outra, que estava mais perto delle, e parecia mais nova, em vez de imitar a mais velha, colhia araçás aqui e acolá, e atirava-os dentro de uma cuia, correndo e saltando com os cabellos soltos, de um araçazeiro para outro, [...]. **1888** Inglês de Sousa *O Missionário* (ed. 1899, I. ii. 88): Satisfazia o appetite sem peias, nem precaução, nas goiabas verdes, nos araçás sylvestres e nos taperebás vermelhos, de perfume tentador e acidez irritante. **1888** Ferreira Leal *O Suplício de um Marido* ii. 55: Havia alli [...] a romeira de cascas tenifugas, a goiabeira, o araçá, o abricó; [...]. **1911** A. Maia *Tapera* 36: [...] e dos fundos do cercado evolava-se, envolvendo o terreiro nos seus effluvios, o aroma subtil de um araçá do matto. **1918** Monteiro Lobato *Urupês* 50: Fóra d'isso mamoeiros, a silvestre goiaba, e araçás, promiscuamente com o matto invasor que só respeitava o terreirinho batido fronteiriço á casa. **1922** A. Peixoto *Bugrinha* x. 140: E foi vendo sobre a mesa tosca uma porção daqueles nadas rústicos que eram outrora seu encanto e o prêmio de longas correrias pelos matos, em torno do S. José; alguns favos de mel sobre uma folha úmida; uns araçás-mirins maduros e de-vez, como ele preferia; [...]. Idem *Ib.* xii. 163: Sobre a prateleira tosca achou as iguarias da vespera, os araçás sem frescura, os muricís pendentes dos talos, [...]. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 101: São longas varas de madeira [os varejões], que precisam ser bastante resistentes e para as quaes elle prefere o *macucú*, o *pintadinho* e o *araçá*. Idem *Ib.* 300: Queimei hoje as ultimas migalhas de fumo e volto aos cigarros de folhas de imbaúba e até de araçá! **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* x. 115: Já comprara perús, picotas, jabotys, [...] bem como as famosas mangas *meninas*, goiabas, araçás, etc. **1940** Ribeiro Couto *Largo da Matriz* 70: [...] atirando pedra em passarinhos, procurando araçis, massacrando formigueiros. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 9: [...] araçás estranhos, com estrias concêntricas no pelame — curvas e zebruras pardo-sujas em fundo verdacento, como cortes de ágata acebolada, [...]. **1956** Idem *Grande Sertão: Veredas* 47: Dali eu via aquêle movimento: os homens, enxergados tamaninho de meninos, numa alegria, feito nuvem de abelhas em flôr de araçá, [...]. Idem *ib.* 205: Onde era que estavam ás estrêlas dianteiras, e os macios pássaros da noite? — pensei. Eu tinha fechado os olhos. O cheiro dum araçá-branco formava bolas. Idem *Ib.* 208: Eu ainda mudei distância de uns passos: aproveitei tapação duma árvore de boa grossura — um araçá-de-pomba, fechado.

araçanhuna *s.f.* Var.: 8 *arassanhuna* [< T. *arasa'una < ara' sa-+ 'una 'preto'].

V. abon.

1817 Casal *Corografia Brazílica* II. 61: A arassanhuna tambem he fructa semelhante á jabuticaba, pouco saboroza, e cria-se nas pontas dos ramos.

araçari *s.m.* Var.: 6 *arasari, arasary,* 7-9 *araçari,* 8 *arassari, arassary* [< T. arasa'ri].

Nome comum a diversas aves da ordem dos piciformes, família dos ranfastídeos, aparentadas com o tucano.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 114: [...] hũ passarinho que com naõ ser major de hũ ouo tem o biquo de mais de mejo palmo de comprido ao quoal daõ por nome — Arasari [...]. *c***1681** C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 187*v.*: Arasary he hũa aue do feitio de tocano tem o biquo gramde amarelo pela partte de cima e de baixo branco e pretto a cabeça athe juntto aos encontros das azas he de cor rozado e dahy o mais corpo he amarelo color e as azas e Rabo e pernas tẽ cor pretta a modo de uerde e o fim do rabo he m^to uermelho e o mesmo a redondeza dos olhos cria en buraquos q faz en paus os ouos são brancos. *c***1777** F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 261: [Ave silvestre] Araçari, duas variedades. **1783** M. C. Abreu *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 259: Os araçaris são proprios a estes [tucanos], com a differença de serem mais pequenos. **1806** in RAPM, VI. (1901) 774: Outros ha denominados Arassaris, de bico branco listrado de preto, papo alvação bordado de encarnado sujo: são mais pequenos, mas huns e outros fructivoros, e carnivoros: roubão os passaros recemnascidos em os ninhos, e os devorão. A carne come-se, e he escura, colorada pelas bagas, mormente do Caruru-assú, de que se mantem com preferencia a todos. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 93: O arassary he outra especie de Tucano com differença na côr da penna; o bico um pouco menor, e recto: a sua cantiga he o nome, com que o designamos. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 30: [...] *jacús, jacutingas, araçaris,* e *tocanos*, celebres pelo grande bico, que os priva de descer á terra, e côr delicada das suas pennas; bebem unicamente da chuva, ou descendo aos rios pelos ramos das arvores que a elles descem; [...]. **1872** Taunay *Inocência* (2ª ed. 1884, xxviii. 275): Quando o dia é claro, aquelles gigantes da floresta, que pela robustez do cerne haviam desafiado as chammas e os esforços do homem, servem de poleiro a innumeros bandos de papagaios, periquitos, araçaris, ou de graúnas que formam concertos capazes de ensurdecer os écos. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* xvii. 191: Pacas, mutuns, jacús, araçaris, junto a cotias, a ciganas, a pica-paus. Rôlas ao pé de cachorros do matto. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 228: Continuava, porém, a debulha de trilos dos pássaros; o patativo, cantando clássico na borda da mata; mais longe, as pombas cinzentas, guaiando soluços; e, aqui ao lado, um araçari, que não musica: ensáia e reensaia discursos irônicos, que vai taquigrafando com esmêro, de ponta de bico na casca da árvore, o pica-pau-chanchã. **1956** Idem *Grande Sertão: Veredas* 105: Aquêle menino, como eu ia poder deslembrar? Um papagaio vermelho: — "Arara fôr?" — êle me disse. E — *qué - qué - qué?* — o araçari perguntava.

aracati *s.m.* Var.: 8 *aracaty.*

V. abon.

1865 J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, vi. 32): Era o tempo em que o doce aracaty chega do mar, e derrama a deliciosa frescura pelo arido sertão. [*Nota do Autor à pág. 210*] *Aracaty* — Significa este nome bom

tempo de *ara* e *catu*. Os selvagens do sertão assim chamavam as brisas do mar que sopram regularmente ao cahir da tarde, e correndo pello valle do Jaguaribe se derramam pelo interior e refrigeram da calma abrasadora do sertão.

araçazal *s.m.* [< araçá + -z- + -al]

Plantação de araçases.

1881 F. TÁVORA *Lourenço* (ed. 1902 xviii. 285): Entre a casa e caminho havia um araçazal mais basto do que o que se via na zona intermedia entre aquella e a matta. 1930 G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 51/52: Como se vê, tudo igualzinho ao que ainda viemos encontrar aqui, pois que ahi está a praia com os seus araçazaes floridos, de que tambem já elogiei o aroma.

araçazeiro *s.m.* [< araçá + -z- + -eiro].

Planta da família das mirtáceas.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LIV. 17): Os araçazeiros são outras árvores que pela maior parte se dão em terra fraca na vizinhança do mar, as quais são como macieiras, na grandura, na côr da casca, no cheiro da fôlha o na côr e feição dela. A flor é branca, da feição da de murta, e cheira muito bem. Ao fruto chamam araçazes, que são da feição das nêsperas, mas alguns muito maiores. Quando são verdes tem a côr verde, e como são maduros tem a côr das peras; [...]. 1663 S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* I. § 123. 76: Pousârão estes enchendo certas aruores, ǫ chamão araçazeiros: [...]. IDEM *Ib.* II § 87. 162: Goiabeiras, & araçazeiros saõ uarias especies: o fruto dos que chamão miry he como perinhas, & tem o sabor das sanjoaneiras de Portugal. 1681 A. O. CADORNEGA *Hist. Guerras Angolanas* (ed. 1942, III. 37): [...] he por fóra um paiz de Flandres em verdura de diversà casta de arvoredo, e de muitas rameiras, figueiras [...] araçazeiros e pitangas, muitas ervas cheirozas [...]. IDEM *Ib.* 373: Ha neste reino *goaveiras, caiveros, araçazeiros miri* e *asu* [...]. *a*1696 G. MATOS *Obras* (ed. 1969, III. 578): e só a mim me regala I dizer, que atolava inteiro, I se a um ramo de araçazeiro I se não pegara por gala. I. 1782 F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* I. iv. 55: Hé esta Arvore propriamente chamada Araçazeiro: ella hé de mediocre altura, o seu tronco hé de substancia dura coberto de huma casca fina muito liza. 1817 CASAL *Corografia Brazílica* II. 76: Conhecem-se bem as jabuticabeiras, os araçazeiros, as pindahybas, as palmeiras do ticum. 1856 D. MAGALHÃES *A Confederação dos Tamoyos* VII. 208: Presente o tenho;-e como que estou vendo I Meu velho pai ao tronco recostado I Do grande ipê, que está do rio á margem, I Perto de alguns patís e araçazeiros. 1876 F. TÁVORA *O Cabeleira* iv. 86: José entretanto, como querendo escusar-se ás saudades da despedida, encaminhou-se para o quintal d'onde se pôz a olhar para os araçazeiros e goiabeiras em que elle foi encontrar novo motivo de pezar com que não contava. 1881 IDEM *Lourenço* (ed. 1902, ix. 128): De uma e outra banda estendia-se um varjado, coberto de cajueiros novos, mangueiras, e araçazeiros bravos. 1911 A. MAIA *Tapera* 41: [...] continuava a impregnar, subtil, o ar a delicada fragrancia de um araçázeiro bravo florescido; [...]. 1915 LIMA BARRETO *Policarpo Quaresma* III. iv. 210: As formigas voltaram tambem, mais terriveis e depredadoras, vencendo obstaculos, devastando tudo, restos de seara, brotos de fructeiras, até os araçazeiros depenavam, [...]. 1922 A. PEIXOTO *Bugrinha* xvii. 283: Pequenas arvores de distancia em distancia, ordinariamente ingazeiras, cajueiros, goiabeiras, pitangueiras, araçázeiros, [...]. 1930 G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 36: Se o lavabo não é dos mais commodos, erra no ar o perfume de alguns araçazeiros em flôr, supplantando as melhores loções de Coty.

araçóia *s.f.* Var.: 8 *arasoya, arassoia,* 9 *araçoia* [< T. *ara' soja].

Espécie de saiote de penas de cores variegadas, usado pelas índias: v. abon.

1851 G. DIAS *Últimos Cantos* (ed. 1865, II. 106): Jámais um guerreiro da minha arasoya I Me desprenderá: I Eu vivo sosinha, chorando mesquinha, I Que sou Marabá! 1855 JUNQUEIRA FREIRE *Inspirações do Claustro* 69: Co'o variegado kanitar mutante, I E cingindo ao redor do esbelto corpo I as multicôres lindas arasoyas, I Das araras á purpura roubadas, I. 1865 J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, xxiv. 145): Iracema havia tecido para elle o cocar e a arassoia, ornatos dos chefes illustres. 1869 B. GUIMARÃES *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. iii. 68): Elle a tinha sempre junto a si, e a conduzia pela mão em seus giros pelas florestas; elle entretecia com suas proprias maôs vistosos kamitares de plumas ondulantes para sombrear-lhe a fronte, e lhe engastava o cinto de arasoya de palhetas de ouro nativo e de brilhantes pedrarias. 1872 IDEM *Hist. e Trad. Minas* III. ii. 212: No dia seguinte esquecião seus novos nomes, e os esposos se separavão com a mesma facilidade com que largavão seus vestidos, para tomarem de novo arasoya, e tornavão aos mattos para serem tão bons adoradores de Tupan como d'antes. 1874 J. ALENCAR *Ubirajara* vi. 95: Era a hora em que o sol transpondo a crista da montanha estende pelo valle sua arassoia d'ouro. 1879 B. GUIMARÃES *O Pão de Ouro* i. 249: Nenhum mortal a conhecia, nem cobiçava os seus thesouros. O ouro, os rubins, as saphyras, os diamantes rolavam pelas torrentes de envolta com o cascalho sem fascinar a vista dos martaes, e serviam apenas de brinco entre as mãos das creanças, sem ter aos olhos do homem maior valor, do que as penas da arára ou do tucano, com que costumavam enfeitar o cocar ou o cinto da arasoya. 1938 H. CAMPOS *Lagartas e Libélulas* xxi. 102: A lingua portuguêsa tem sido patrioticamente deturpada e alterada por nós, que lhe tiramos a coifa e o avental de tricana, substituindo-os por uma araçoia e por uma tanga de penas multicores.

aracu *s.m.* Var.: 7-9 *aracú* [< T. *ara'ku].

Nome comum a diversos peixes da família dos caracídeos.

1763 J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 76: Aqui houve antes de anoitecer, muita pesca de serobins, tucunarés, corimatás, acarazes, piranhas, pirorocus (de que a lingua é o melhor ralador de noz-moscada), araoanás e aracús, e seria extraordinaria a pesca se as redes estivessem em melhores termos. 1883 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 34: [...] os saborosos *mandubés, piramutàbas, mandiùs, matupiriìs, aracús, traìras, jejús,* e *tamoatás,* conhecidas por peixe do mato, [...]. 1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 57): A pasmosa variedade de peixes do Amazonas recolhe-se tambem para elles nesse tempo, [...] o aracú; [...]. 1895 IDEM *A Pesca na Amazônia* I. 107/108: Os peixes de piracema chamados, isto é, aquelles que arribam em bandos numerosos, são o jaraqui, a piramutaba, o curimatá, o aracú, o pacú, a piratininga. 1930 G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 79: Hoje, aprendo que os melhores peixes deste rio são a jatuarana, o pacú e o aracú.

aracuã *s.f.* Var.: 5 *aracoá, aracoã,* 6 *aquaham, haracoa, aracoa, aracoàm,* 7 *aracuaã,* 7, 9 *araquan,* 7 *aracoan, aracoám, aracoão,* 7-9 *aracuan,* 7 *aracan, araquán, araraquan,* 8 *arancuan,* 9 *aracuã* [< T. ara'kuã].

Nome comum a diversas aves da ordem dos galiformes, família dos cracideos, semelhantes ao jacu.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXIX. 114): Aracoá é outro pássaro tamanho como um frangão, de côr parda; tem as pernas como de frangãos, mas os dedos muito compridos e o rabo longo; e tem duas goelas, ambas por uma banda, que leva ao longo do peito até abaixo onde se juntam; criam estas aves em árvores, e comem fruta delas. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1392-1394: Aracoã da grãdes brados e q^do da m^tos he serta a chuua. As mãças criaõ pintaõs e tẽ a guẽla doutra manr^a que vaj aos bofes. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 112*v.*: [...] e outra Ave chamada, Aquaham, da mesma maneira [das galinhas] e não de menos estima, [...]. 1618 S. E. SILVEIRA *Carta* in ABN, XXVI. (1905) 364: [...] ha muitos patos, galinhas, crioulas pequenas, galinholas brauas, rollas, pombas, motus, como Perus, Jacus, haracoas como galinhas muitos tocanos em moncoes como tordos, Aletos e garças, e outras muitas aues e papagaios de comer e de fermosas penas. 1624 IDEM *Relação do Maranhão* fl. 10: [...] ha muitas rolas, muitos motus, como pirùs, cõ o bico groço, ẽ vermelho, jacus, è aracoas, como gallinhas, muitos tocanos, è mõçoẽs [...]. *c*1681 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 189: Aracoam he hũ pasoro tamanho como hũa framguainha e da cor de feisão do iayure e tem o mesmo guosto e cabor [*sic*] e fas dous filhos e os ouos sam bramquos. 1721 F. F. HENRIQUES *Âncora medicinal* (ed. 1731, 212): Aracoám. Aracoaõ he passaro do matto no Brazil, tamanho como frangão; he quente, e secco, de bom sabor, e nutrição. 1728 N. M. PEREIRA *Peregrino da América* I. v. 49: As fermosas Aracuaãs, I Sem temer ao caçador, I Em altas vozes cantavaõ, I Cada qual com bello som. 1730 ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 66. 40: De outros passaros tambem comestiveis ha araquans, mutuns, jacûs, jacutingas, e nas ribeiras do mar, e dos rios, marrecas, e galeiroens. 1751 A. ROLIM *Relação* in RIH, VII. (1846) 486: Ha tambem pelos matos muita [caça] de jacús e jacotingos, que passam de bom gosto a saudaveis, de modo que se dão aos doentes, principalmente as aracoans, que, sendo estes os mais pequenos, sempre tem o tamanho das nossas frangas. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XII. (1872) 262: [Ave silvestre]Aracuan. 1781 DURÃO *Caramurú* VII. lxii. 215: Juritiz, Pararis, tenras, e gordas, I A Hiraponga no gosto regalada, I As Marrecas, que ao rio enchem as bordas, I As Jacutingas, e a Aracan prezada: I. 1789 F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 66: Em tudo he a Araquán, como os precedentes, com a só differença de ser hum pouco menor; a côr fusca, por baixo albicante; guela cuberta de pennas; [...] Habita em matos os mais serrados, intretecidos. 1792 F. O BARBOSA *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 23: Os passaros são innumeraveis e de diversas qualidades, como são [...] araraquans, mutuns, [...]. 1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 85: Aracuan he ainda uma casta de Jacú, do tamanho de pomba, com a cauda, e pescoço comprido; e d'hum preto aloirado: a guella do vento antes de entrar para o peito faz uma digressão athé á extremidade do ventre. 1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 31: [...] *Aracuan* de côr vermelha e rôcha, e annunciador com seo canto forte das embarcaçoens que vem

por algum rio, fugindo adiante dellas; [...]. **1847** A. LEVERGER *Rio Paraguai* in RIH, XXV. (1862) 208: Achamos abundancia de caça: mutuns, jacús, arancuans, patos e outras diversas aves. Cervos e veados tambem se encontram. IDEM *Ib.* 282: Entre as aves; citarei as *Anhumas*, que depois das *Emas* são as maiores de todas, mas que o caçador não persegue porque não se come as carnes d'ellas; os *Mutuns, Jacús, Arancuans*, que offerecem um saboroso e saudavel manjar, bem como os *Patos* e *Marrecos*, que se vêêm em grandes bandos; [...]. **1872** TAUNAY *Inocência* (ed. 1884, xviii. 236): Ao longe, á beira de algum rio, as aracuans levantavam a sonora grita, e o macauan atirava aos ares os pios prolongados da aspera garganta. **1874** IDEM *Histórias Brasileiras* 137: Ás vezes a caçada diligente do rapaz fazia apparecer na refeição habitual a delicada carne de *jáo*, da *aracuan*, *jacutinga* e *inambú*; mas o preço da polvora e do chumbo tornava raras essas occasiões. **1902** E. CUNHA *Os Sertões* 130: Origina-o o incidente mais trivial — o subito vôo rasteiro de uma araquan ou a corrida de um mocó esquivo. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* lv. 49: Perguntaram pra todos os seres, aperemas saguís tatús-mulitas, tepís mussuãs da terra e das árvores, tapuicabas chabós matinta-pereras pinicapaus e aracuãs do ar, prá ave japiim [...]. **1930** G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 186: Tanto hontem á tarde como, hoje, bem cedo, ouvimos cantar as aracuãs, sentinellas avançadas dos campos. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xvii. 195: Nesse interim, baixou outra revoada de surucuás, arirambas, pica-paus, cujubins, aracuans, inhambús, [...].

araguaguá *s.m.* Var.: 5 *aragoagoaí*, 6 *araguagua* [< T. araɨ̈a'ɨ̈a ~ VLB I. 125: *Espadarte, peixe* = Aragoagoâ; *Ib.* II. 70: *Peixe espada* = Aragoagoa].

Peixe da família dos pristídeos; espadarte ou peixe-serra.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXXVIII. 195): Aragoagoaí é chamado pelos índios o peixe a que os Portuguêses chamam peixe-serra; os quais tem o couro e feição dos tubarões, mas tem no focinho uma espinha de osso muito dura, com dentes de ambas as bandas mui grandes, uns de meio palmo, e outros de mais, e de menos; [...]. *c***1631** C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 165: Araguagua he peixe espada e ha algũ que cão de des ou doze palmos de comprido e a espada ha alguma de hũa braça ou mais aimda he a cor he parda e he peixe muito periguozo no mar que os negros desta tera tem muito medo dele e não cerue pera comer cenão os figuidos que ceruem pera fazer mamteigua.

araguaí *s.m.* Var.: 7 *araguai*, 9 *araguaí*, *araguahy* [< T. araɨ̈a'i].

Ave da família dos psitacídeos, espécie de maracanã.

1783 M. C. ABREU *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 258: Os papagaios são juruguas, maitacas, araguais, maracanãs, nhendaias, jirivas e sabiacy, [...]. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* xvi. 231: A ruivor veio vindo veio vindo e era o bando de araras vermelhas e jandaias, todos êsses faladores, era o papagaio-trombeta era o papagaio-curraleiro, era o xarã [...] o ajurú-curica arari ararica araraúna araraí araguaí maracanã [...]. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xv. 178: Desde a arara vermelha, chamada macáo, até o arary, com escalas pela araruna, pela anacá, pela araguahy, que o indio não perdôa o bello voador.

‖ **araguari** (*araguary*): v. abon.

1783 M. C. ABREU *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 259: Os araguarys são do tamanho destes [colheireiros], com a côr parda, e serve a sua carne para dar a comer aos doentes purgados.

aramaçá *s.m.* Var.: 5 *uramaçá*, 6 *aramaca*, 7-8 *aramaçá* [< T. arama'sa].

Peixe da família dos pleuronectídeos; espécie de linguado.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXXXVI. 213): Uramaçá é uma casta de peixe da feição de linguados de Portugal, o qual se toma debaixo da vasa ou com rêdes, cujo sabor não é muito bom; e se o cozem ou assam, sem o açoitarem, faz-se em pedaços. *c***1631** C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 166: Aramaca he peixe que ce parece solha de noco europa mas não he tão bom e sam de gramdor e forma e não ce come cem primeiro cer acoutado porque ce lhe não fazem acim todo ce fas em migualhas. Aramaca he hũ peixe redomdo que Ce parece Com peixe imxada e a de cer pera ce Comer acoutado Com o outro. IDEM *Ib.* fl. 175*v.*: aramaca coroblan piau he a modo de solhas he de palmo E meio de côprido. **1789** F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 176-177: Aramaçá, peixe com a extensão de sinco dêdos transversos, pelo lado esquerdo plano, pelo direito subconvexo; bocca não muito rasgada, igual por ambos os lados; olhos ambos do lado direito; branchias tambem por ambos os lados. **1886** J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 57): A pasmosa variedade de peixes do Amazonas recolhe-se tambem para elles nesse tempo, [...] o aramaçá, de boca torta, que a tem, segundo a crença popular, por haver respondido á Virgem Maria; [...]. **1895** IDEM *A Pesca na Amazónia* I. ii. 25/26: Dos primeiros, alem do grande, do vantajoso, do preferido pirarucú nomeam, pescam, comem ou fazem objecto do seu commercio, a pescada, [...], o aramaçá, o apapá, a tainha, o matrinchão.

aramaré *s.m.* Var.: 5 *aramarj* [< ? T.].

Espécie de peixe: v. abon.

*c***1594** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 2284: Aramarj, pardelhas dalêtejo [...].

arapapá *s.m.* Var.: 7 *arapápa*, 8 *arapápá*, 9 *arapapá* [< T. arapa'pa].

Ave da família dos ardeídeos.

*c***1777** F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 261: [Ave aquatica] Arapápa. **1886** J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 53): [...] os feios arapápás côr de terra, de enormes bicos concavos, maiores que a cabeça, grasnam amontoados nos perigosos aningaes, [...]. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xvii. 195: Nesse interim, baixou outra revoada de surucuás, arirambas, pica-paus, [...], garças, arapapás, [...].

arapari *s.m.* Var.: 9 *arapary* [< T. *arapa'ri].

Planta da família das leguminosas.

1930 G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 58: O Arapary foi uma das minhas surpresas na Amazonia. Ainda que o houvesse descripto sem margem a rectificações, sempre o acreditei de porte arbustivo, quando agora venho encontrar uma verdadeira arvore, com alguns metros de altura, e dando até boa madeira para canoas.

arapiraca *s.f.* [< ? T.].

Planta da família das leguminosas.

1817 CASAL *Corografia Brazilica* II. 145: Fytologia. Entre outras arvores, que dam madeira para a construção, e marcineria, nota se [...] arapiráca, [...].

araponga *s.f.* Var.: α. 5 *guigrapónga*, 5, 8 *guiraponga*, 6 *guirá ponguá*, 7 *guraponga*; β. 7 *guaraponga*; γ. 7 *hiraponga*, 8 *uiraponga*; δ. 7-9 *araponga* [< T. ɨ̈ira'poŋa < ɨ̈i'ra 'ave' + 'poŋa 'sonante' ~ As vars. dos grupos α e γ procuram reproduzir com fidelidade a pronúncia do voc. tupi; na var. β houve provável interferência do voc. *guará*[1]; na forma moderna (var. δ) houve redução de ɨ̈i'ra para a'ra].

Pássaro da família dos cotingídeos.

*c***1584** CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 19*v.*: Guigrapónga. Este passaro he branco, e sendo naõ m^to^ grande, daõ tais brados q̃ naõ parece senaõ hũ sino e ouuesse mea legoa, e seu cantar he ao modo de repique de sino. *c***1594** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1372-1374: Guiraponga He tamanho como hũ picanço aluo por todo o corpo faz grãde estrõdo como sino e se ouue lõge. **1610** J. MONTEIRO *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.*, VIII. (1949) 425: *Guirá ponguá*. Será este pássaro do tamanho de um picanço, branco como a neve, parece um sino no gritar e repicar ou variar de voz, pelos matos se ouve mais de meia légua, andam sós, e respondem-se uns aos outros por compasso. Há outros como petos. Estes trazem um capelo de vermelho finíssimo. Têm um bico mui rijo, e dá tão grandes pancadas com ele em os troncos das árvores que se assemelham a golpe de machado; e, gritador de ventagem, ouve-se uma légua a mais. **1728** N. M. PEREIRA *Peregrino da América* I. v. 50: Sahio de branco a Araponga | Com tão galhardo primor, | Que foy alvo das mais aves, | Pela alvura que mostrou. **1730** ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 66. 40: [...] às hirapongas, mais regaladas que todas: [...]. **1781** DURÃO *Caramurú* VII. lxii. 215: A Hiraponga no gosto regalada, | As Marrecas, que ao rio enchem as bordas, |. **1783** M. C. ABREU *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 259: O Guaraponga é uma ave branca, do tamanho de uma pomba. **1792** F. O. BARBOSA *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 23: Os passaros são innumeraveis e de diversas qualidades, como são [...] gurapongas, [...]. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* I. 78: Araponga, ou *guiraponga* he do tamanho d'huma pomba pequena, branca como neve, com o bico largo na raiz, um pedaço depennado, e de côr verde á roda dos olhos. Este passaro pouza-se no tôpo da mais alta arvore dos bosques, e alli passa a maior parte do dia em um canto maviozo, que imita bem o ferrador atarracando ferraduras na bigorna. **1856** D. MAGALHÃES *A Confederação dos Tamoyos* IV. 115: E o echo inda mais funebre e monótono, | Como o som do martello sobre a incude, | Da immovel araponga, que soluça |. **1856** J. M. MACEDO *O Forasteiro* (2a. ed., II. ii. 24): [...] e a espingarda descansava sobre o hombro do mancebo, que não se arrancava de seus pensamentos nem ao canto estridente da araponga. **1859** C. ABREU *As Primaveras* 190: Minh'alma é triste como o grito agudo | Das arapongas no sertão deserto; | E como o nauta sôbre o mar sanhudo; | Longe da praia que julgou tão perto! **1862** D. MAGALHÃES *Urânia* LXXXVI. 271: Alto monte de granito | Ao lado esquerdo se alonga, | Onde em grupos de palmito | Geme a candida araponga. |. **1868** M. A. PORTO ALEGRE *Brasilianas* 273: É como a ferrea araponga | No

alto do tronco annoso, | Que o tiro baldando foge | Ao caçador afanoso. I. 1865 J. ALENCAR *As Minas de Prata* I. iii. 35-36: Os gritos agudos e esganiçados dos meninos do coro, impellidos com toda a força dos pulmões, feriam o ouvido com o estridulo metalico do canto da uiraponga. 1867 J. M. MACEDO *Memórias do Sobrinho de meu Tio* I. i. 68: [...] é um incessante grito de araponga que não se póde supportar: [...]. 1869 VARELA *Cantos Meridionais* (in *Obras Completas*, ed. 1896, II. 171): Quando se casa o grito da araponga | Á triste e surda voz das canhoeiras; I. *a*1871 CASTRO ALVES *A Cachoeira de Paulo Afonso* (ed. 1876, 1): Era a hora em que a tarde se debruça | Lá da crista das serras mais remotas... | E d'araponga o canto, que soluça, | Acorda os echos nas sombrias grotas; I. IDEM *Ib.* 89: A tarde morria! Nas aguas barrentas | As sombras das margens deitavam-se longas; | Na esguia atalaia das arvores seccas | Ouvia-se um triste chorar de arapongas. 1872 TAUNAY *Inocência* (ed. 1884, xxv. 256): E os écos, doceis a qualquer ruido, repetiram aquelle querido nome, como repetiam o uivo da cuquarana, a nota plangente do sabiá ou a estridente martellada da araponga... 1872 J. ALENCAR *Til* III. vii. 69-70: — Um belisção! atalhou Bertha cravando-lhe no braço a unha rosada, mas rija como a garra da araponga. 1875 IDEM *O Sertanejo* I. vii. 76: Antes porem do momento marcado, despertou o rapaz subitamente, abalado por um ruido estranho, que soara no embastido da folhagem e que, apezar de fragil, repercutira dentro delle como a vibração do grito da araponga no seio da floresta. 1878 F. TÁVORA *O Matuto* i. 2: Quem atravessa Pasmado pela primeira vez tem a illusão de que todas as arapongas da mata proxima, estão alli a soltar seus estridulos accentos. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* xviii. 272: E saiu gritando pelo mato. Virou na ave araponga que grita amarelo de inveja no quiriri do mato diurno. 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* xvii. 195: Eis que chegam, porém, numa revoada hecterogenea, sahis, japiins, [...], anambés, arapongas, ferreirinhos, [...].

arapongado *adj.* [< araponga(a + -ado].
Relativo ao canto da araponga: v. abon.

1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 233: Um canto arapongado, desconhecido: cai de muito alto, pesado, a prumo.

arapuã *s.f.* Var.: 8 *arapuá, arapua,* 9 *arapuã* [< T. eirapu'a < e'ira 'mel' + apu'a 'redondo' ~ VLB I. 18: *Abelha, gnlr.* = Eiruba, tem muitas especies. Ybiraigpig. jateî. Eiruçu. Eirapua. *Ib.* II. 35: *Mel* = Eira. *Ib.* II. 99: *Redonda como bola* = Apuâ].
Abelha da família dos meliponídeos.

1865 J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, 207): [*Nota do Autor*] Irapuam — de *ira* — mel e *apuam* — redondo: é o nome dado á uma abelha virulenta e brava, por causa da forma redonda de sua colmea. Por corrupção reduziu-se esse nome actualmente á *arapuá*. 1866 IDEM *As Minas de Prata* VI. v. 131: Conforme o seu rito era a victima destinada ao brodio da vingança; mas como o corpo do velho sacerdote era magro, e a carne dura e coriacea, por lembrança de uma velha, perita nessa ceremonia, tinham resolvido matar o padre Ignacio com mordeduras de uma abelha venenosa, a arapuá. 1876 COUTO DE MAGALHÃES *O Selvagem* II. i. 14: Do fogo se auxiliam tambem para poder tirar o mel de certas abelhas bravas, accendendo um facho com que se approximam da colmêa dos *ichu, mandaguahy, arapua, sanharão* e outras [...]. 1934 JORGE DE LIMA *O Anjo* 133: Turmas de operários trabalhavam sob luz elétrica, e aquillo parecia cortiço de arapuãs.

arapuado *adj.* [Participio de *arapuar* (< arapu(á + -ar)].
Zangado, impetuoso.

1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 276: — Mais em antes eu queria um rapazinho carapuçado e arapuado, que fôsse mal-criado mas com sustância p'ra trabucar, que nem eu...

arapuca *s.f.* [< T. *ara'puka].
Armadilha para apanhar pássaros; *por extensão*, engodo, embuste; negócio suspeito ou ilícito.

1865 J. ALENCAR *As Minas de Prata* II. xi. 198: Ahi passava o dia entretido em ver as formigas carregando a arêa do buraco, em armar arapuca ás rolas e sabiaes, ou trepar nas arvores para dar caça aos ninhos. 1871 IDEM *O Tronco do Ipê* II. ix. 109: Ali armava você a arapuca para apanhar sabiás que as vezes me dava, [...]. 1872 B. GUIMARÃES *O Seminarista* (ed. 1917, iii. 24): Desde então trocárão-se os papeis, e era Eugenio quem não deixava a pequena casa da tia Umbelina, onde passava os dias quasi inteiros junto a Margarida, ajudando-a em seus pequenos serviços, ou pelos campos e capoês visinhos, armando arapucas e esparrêlas para apanhar pombas, sabiás, inhambús, saracuras e outros passaros, com que obsequiava a sua linha amiguinha, a qual com isto mostrava-se infinitamente satisfeita. 1872 TAUNAY *Inocência* (ed. 1884, xviii. 200): — Nesta arapuca não caio eu, Sr. tratante... Hei de toda a vida andar com o olho em ti, murmurava o mineiro. 1874 IDEM *Histórias Brasileiras* 38: Com visgo natural que tirava da mangabeira para armar arapucas e com bagas de succo inebriante, conseguia ella agarral-os vivos, e voltava, então, pulando de contente, deposital-os nas maõs de Alberto depois de ligar-lhes as azas ao corpo por meio de uma embira larga. 1876 F. TÁVORA *O Cabeleira* vi. 108: O bandido lembrou-se de que uma quadra tinha havido em sua vida, na qual elle só cuidava em armar arapucas por entre os leirões do roçado para pegar juritis, em abrir fojos debaixo das moutas, ou armar quixós e mondés na capoeira com o fim de apanhar preás para a menina. 1878 TAUNAY *Narrativas Militares* 106: — E agora estar mettido n'esta arapuca!... se ao menos tivesse certeza que encontrava a Gertrudes ainda solteira, acabada esta maldita guerra!... 1894 IDEM *O Encilhamento* I. xxiii. 169: Tambem se mettêra a formar companhia, mas cousa muito séria... não arapuca para passarinhos e papalvos. 1895 J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. viii. 120: Esta raça de pescadores como temos visto inventou armadilhas para peixes, como outras as inventaram para a caça. Algumas ha que correspondem perfeitamente ás nossas arapucas, herdadas tambem do antepassado indigena. 1902 E. CUNHA *Os Sertões* 451: Era um chamariz ardilosamente disposto: e o cercado uma arapuca grande. 1903 D. OLÍMPIO *Luzia Homem* xiii. 106: [...] e Luzia, apezar de seus musculos exuberantes, se sentia anniquilada, ao pensar em ser colhida por um só dos incidentes da pittoresca vida de Therezinha; morreria extenuada como um passaro captivo na arapuca. IDEM *Ib.* xxv. 227: Lamentava, com as outras, a sorte de Capriúna, que se desgraçara, apanhado na arapuca armada ao outro. 1914 COELHO NETO *Rei Negro* i. 33: Na fazenda o pequeno desforrava-se á ufa do apertado regimen do internato, galopando á redea solta, [...] devastando os ninhos a bodoque, armando mundéus e arapúcas [...]. 1918 MONTEIRO LOBATO *Urupês* 182: [...] a democracia opera com manchas de D. Basilio, arma arapucas, [...]. 1922 A. PEIXOTO *Bugrinha* iv. 51: Expunha-lhe o seu programa: o leite crú tomado no corral; uma ingazeira, lá atrás do valado, carregadinha de ingás maduros; a arapuca armada no trilho das nhambús e juritis; [...]. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* xv. 212: Macunaíma se lembrou de armar arapuca pros curiós mas faltava isca. 1929 A. PEIXOTO *Sinhàzinha* xviii. 179: Quando menos se espera, o passarinho voou... Agora, não se poderá mais agarrá-lo. Não, Tomé... o bom é a deligencia... alçapão, arapuca, visgo, "chama"...

arara *s.f.* Var.: 5-8 *árára,* 5-9 *arara,* 7 *arâra* [< T. a'rara].
Nome comum a diversas aves de grande porte da família dos psitacídeos.

Bernardo Guimarães (v. abon. 1883) e Taunay (v. abon. 1895) empregam a expressão hoje pouco comum 'engolir araras' no sentido de 'ser enganado'.

1576 GÂNDAVO *Hist.* VII. fl. 26: Tambem se acham outros do mesmo tamanho pelo sertam dentro, a que chamão Aráras, os quaes sam vermelhos, semeados de algũas pennas amarellas, & tem as asas azuis & hum rabo muito comprido e fermoso. *c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 18: Arara. Estes papagayos saõ os q̃ por outro nome se chamaõ Macaos: he passaro grãde, e saõ raros, e pola fralda do mar naõ se achaõ, he hũa fermosa aue em cores, os peitos tem uermelhos como graã; do meo corpo pera o rabo algũs saõ amarelos, outros uerdes, outros azuis, e por todo o corpo tem algũas penas spargidas uerdes, amarellas, azuis, e de ordinario cada pena tem tres, quatro cores, e o rabo he muito cõprido. Estes naõ poẽ mais de dous ouos, criaõ nas toquas das aruores, e em rochas de pedras, os Jndios os estimaõ muito, e de suas penas fazem suas galantarias, e empenaduras p^{a} suas espadas, he passaro bẽ estreado, fazse m^{to} domestico, e manso, e fallam m^{to} bem se os insinaõ. 1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXX. 90): Arara é outro pássaro do mesmo tamanho e feição do canindé, mas tem as penas do colo, pernas e barriga vermelhas, e as das costas, das asas, e do rabo azuis, e algumas verdes, e a cabeça e pescoço vermelho, e o bico branco e muito grande, e tão duro que quebram com êle uma cadeia de ferro, os quais mordem e gritam mais. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1278-1278: Cap. Das Aues. Araras He hũ genero de papagajo q̃ chamaõ os portugezes macao saõ vermelhos e amarelos e azuis saõ grandes como grãdes gauiões e o Rabo tem as penas da mesma cor dalgũs 2 palmos de cõprido, falaõ bẽ claro e voz grossa. 1608 L. FIGUEIRA *Relação do Maranhão* in S. Leite *Luiz Figueira* (1940) 108: Contaõ infinidade de bichos dos que se domesticão como bugios e outros que cá não temos, e muitos passaros que se amansão como canindés, araras de varias castas e outros semelhantes; [...]. 1610 J. MONTEIRO *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.*, VIII. (1949) 423: É a arara um género de papagaios mui grandes e mui fermosos, pela variedade de penas com que a natureza os vestiu. São vermelhos na cabeça, peitos e costas, as asas verdes, manchadas de azul mui fino, da mesma cor é o rabo, posto que salpicado de vermelho. Têm o corpo semeado de penas verdes e amarelas. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 115: [...] e da mesma maneira — Araras — grandes e fermosas que tambem falaõ quoando saõ ensinadas [...]. 1624 S. E. SILVEIRA *Relação do Maranhão* fl. 10: [...] ha outros muitos passaros, hũns vermelhos, outros amarellos, papagayos, araras, corycas, [...]. 1627 V. SALVADOR *Hist. Brasil* I. x. fl. 18*v*.: Ha Papagayos verdes de sinco ou seis especies, hũns mayores, outros menores, que todos falaõ o que lhes ensinaõ. Há tambem Aráras, e canindéz de bi-

co reuolto como Papagayos, mas saó mayores, e de mais formozas pennas. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fls. 191*v*.-192: Araraheté [*scil.* arara eté 'arara verdadeira'] he tamanha como o canide e tem o biquo e os peis como papaguaio e tem rabo de dous palmos de comprido ele o lomguo do biquo e dos olhos não tem pena he cor de carne o pesquoso e a barigua uermelho as azas e o rabo uermelho pimtadas damarelo e azul e uerde e uermelho e os olhos não se emfadam de os olhar e os saluaguemis as estimão m^to^ pelas cores de suas penas de que eles fazem brasaletes e capasetes ettt^a^ que fazem seus folguedos e com que eles gornecem as espadas da guera e fazem os filhos em buraquos de paus e não fazem mais que hum e estes tres pasoros cam os mais mamsos desta tera e se eles istiueram emsinados falaram como papaguaio eu me espanto como os imsiamtes romanos foram tão coriozos de amortalharem hũ coruo e o emterarem e dizerem respocios [*sic*] por falar que que fizeram eles se tiueram estes pasoros. **1648** M. Calado *O Valeroso Lucideno* I. iv. 53: Tambem alli trazia todas as castas de aues, & animaes que pode achar, & como os moradores da terra lhe conheceraõ a condiçaõ, & o apetite, cada hum lhe trazia a aue, ou animal exquisito que podia achar no sertão, alli trazia os papagaios, as araras, os jacijs, os canindés, os jaburijs, — os motuns, as galinhas de Guiné, os patos, os cirnes, os pauoens; de perús, & galinhas grande numero, tantas pombas, que não se podião contar. **1663** S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* I. § 139. 76: Outros se ornaõ de pennas varias, de guarás, aráras, canindés, & outros passaros mais lustrosos. Idem *Ib.* II. § 98. 173: Só naquelle primeiro Ceo terreno podiaõ pintarse tão finas cores, como são as de hum quereyuá, de hum Canindê, de hũ Guará, de hũa arára, de hũ papagaio, quando he verdadeiro, de hum tyé, & outros semelhantes, que eu não quero descreuer, porque me remeto a outro livro do mesmo Autor já citado, e he o quinto da obra do Brasil: [...]. *a*1667 Heriarte *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 169): Há [nesta ilha] muitos generos de aves, papagaios, araras, pavos motuns, guarazes, colhereiras. Idem *Ib.* 188: Tem [o rio Amazonas] grandes cobras de agoa; na terra, onças, tigres, pantheras, [...] pacas, capiváras, javotins, tamandoás, matamatas, bugios de diversas castas, avestruzes, tiriuos, jaburús, iguanas, papagaios, araras, canindés, mutús, muitos patos, marrecas, e outras muitas e diversas aves: cantidade de galinhas, periazes, sauxazes, e outros muitos, todos bons para sustento da vida. *a*1696 G. Matos *Obras* (ed. 1969, IV. 841): Um calção de pindoba a meia zorra | Camisa de Urucu, mantéu de Arara, | Em lugar de cotó arco, e taquara, | Penacho de Guarás em vez de gorra. I. *c*1698 J. F. Betendorf *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 499: [...] os quaes me fizeram presente de uns passaros de muita variedade, de bellissimas cores, chamados aráras, que se acham naquella terra dos Condurizes, mais engraçados que em outras terras, e por isso os levei commigo, [...]. **1711** A. J. Antonil *Cultura e Opulência do Brasil* III. x. 160-161: [...] dahi se descobrem muitas, & apraziveis arvores de Pinhoens, que a seu tempo daõ abundancia delles para o sustento dos Mineiros, como tambem Porcos montezes, Aráras e Papagayos. *c*1727 J. A. C. Camelo *Das Minas do Cuiabá* in RIH, IV. (1842) 496: [...] tambem formam das pennas dos tocanos araras e papagaios, que são vermelhos, verdes, azues e amarellos, uma certa casta de cintas, com que se vestem do peito até ao joelho, [...]. **1728** N. M. Pereira *Peregrino da América* I. v. 50: Nesta suave harmonia | Se divulgava huma voz | Pelos ares, que dizia: | Arára, Arára de amor. **1730** Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 67. 40: Das que tem alguma voz, e canto, papagayos, periquitos, araras, e canindês, que são pelas cores iris animados nas selvas, e ramalhetes de pennas nas Regioens dos ares; proferem todas as palavras, que lhes ensinaõ. **1734** in RAPM, XXIII. (1929) 240: Nesta aldeia achamos 200 mãos de milho, vinte e cinco batataes, muitas araras, e tambem alguns perequitos, que nos serviaõ de sustento, e de regalo; [...]. **1757** D. L. Couto *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 62: Enfeitavãose de diversas maneiras nas occasiões de alegria, ou pintando o corpo de varias cores, ou ornandose de vistozas, e lustrosas penas de araras, guararas, canindés, e outros pássaros, que a natureza vestio de maravilhosas pennas. **1768** J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 49: Podia este sitio [dentro de um grande braço de rio] chamar-se das aráras, porque eram innumeraveis as que se viram descansar em arvores altissimas, de côr azul e peito amarello; nunca se pozeram a tiro, nem ainda no vôo. Quanto tem de formosas á vista, tanto tem de ingratas ao olfacto: não é assim nas de côr vermelha. Idem *Ib.* 55: as aráras fazem um buraco por onde entram, e descendo pela arvore [o marotinzeiro] quasi até a raiz, lá depoem em ninho, e criam até poderem subir os filhos, que primeiro aprendem a trepar. Idem *Ib.* 217: Jantámos em uma ilha de grande arvoredo, muitas aráras e urubús, e ahi achámos uma fructa semelhante ás tamaras no feitio, com a côr de um amarello vivo; [...]. **1781** Durão *Caramurú* I. xxii. 16: Qual das bellas araras tras vistosas | Louras, brancas, purpureas, verdes plumas: I. **1783** M. C. Abreu *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 258: Os passaros são innumeraveis e de diversas qualidades. As araras, umas são vermelhas, com pennas azues nas azas e rabo, e se chamam araras-pitangas, e outras, de côr amarella, com azas e rabo semelhantes áquellas, se chamam canindés. **1792** F. O. Barbosa *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH. V. (1843) 23: Os passaros são innumeraveis e de diversas qualidades, como são araras, papagaios, jacús, macucos, inhambús, patos, biguás, tayuyús, tabuyayás, gurapútepócas, guratayaseis, socós, carões, culhereiros, araraquanas, mutuns, pombas, tucanos, gurapontas, [...]. **1817** Casal *Corografia Brazilica* I. 88: Ha vinte e tantas castas de papagayos, a contar do mais pequeno periquito athé a *Arára*: [...]. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 30: [...] *aráras* encarnadas, azues, e pretas; [...]. **1847** A. Leverger *Rio Paraguai* in RIH, XXV. (1862) 232: [...] as *Araras*, os *Papagaios, Periquitos* e muitas especies de passaros. **1855** Junqueira Freire *Contradições Poéticas* 235: Brincárão-lhe em murmurio as leves azas | Das araras gentis. Num brando lance, I. Idem *Inspirações do Claustro* 69: Co'o variegado Kanitar nutante, | E cingindo ao redor do esbelto corpo | As multicôres lindas arasoyas,| Das araras á purpura roubadas, I. **1868** M. A. Porto Alegre *Brasilianas* 50: Ruinas sacras, que eu lastimo, e adoro, | Das aves throno, e odêo harmonioso! | Hoje achanado teu sublime porte | Róla na terra os prostylões soberbos | De odoros acroterios, onde a arára, | O brilho apavonando de seu manto | Como uma flor alada resplendia! **1865** J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, xiii. 139): O alto cabeço se curva a semelhança do bico adunco da arara; [...]. **1869** B. Guimarães *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. iii. 68): Nuvens de papagaios, aráras e perequitos atravessavão o espaço enchendo os ares de sua incessante algazarra; eenquanto o tucano, vaidoso de sua vistosa plumagem, fazia ouvir seu rouco e ingrato grasnar, o sabiá do alto da peroba secular desprendia seus cadenciados gorgeios. **1872** Idem *Hist. e Trad. Minas* III. iv. 231: Um forte pé de vento, que então se levantou, arrancou-lhe da cabeça e atirou no rio o bonito kanitar de pennas de arára guarnecido de ouro e pedrarias, que trouxera de casa de seu pae. **1872** Taunay *Inocência* (ed. 1884, i. 17): Na base e em torno da coma, pendem, amparados por largos spathos, densos cachos de côcos tão duros, que a casca revestida de escamas rhomboidaes e de um amarello avermelhado desafia por algum tempo o férreo bico das aráras. Idem *Ib.* xi. 119: — Mas o senhor contou? interrompeu Pereira. Deixe-lhe dizer uma cousa: eu cá não engulo aráras... **1874** J. Alencar *Ubirajara* v. 86: Nesse momento a arára cantou no olho do pirajá. Aracy precisava de suas plumas vermelhas, para o cocar que ella tecia em segredo. **1875** Idem *O Sertanejo* II. ii. 24: No meio da orchestra concertada pelos cantos dos sabiás, das graúnas e das patativas, retiniam os clamores das maracanans, os estridulos das araponga, e os gritos dos tiés e das araras. **1876** Couto de Magalhães *O Selvagem* II. ii. 33: Quem visita uma aldea selvagem visita quasi que um museu vivo de zoologia da região em que está a aldêa; araras, [...] quatys, mutuns, [...]. **1878** F. Távora *O Matuto* xxiii. 325: O nariz tinha o [que] quer que era do bico da arára. **1879** B. Guimarães *O Pão de Ouro* i. 249: Nenhum mortal a conhecia, nem cobiçava os seus thesouros. O ouro, os rubins, as saphyras, os diamantes rolavam pelas torrentes de envolta com o cascalho sem fascinar a vista dos mortaes, e serviam apenas de brinco entre as mãos das creanças, sem ter aos olhos do homem maior valor, do que as pennas da arára ou do tucano, com que costumavam enfeitar o cocar ou o cinto da arasoya. **1883** Idem *Rozaura e Engeitada* (ed. 1900, II. xv. 171): Mas perde seu tempo; não é a mim que há de fazer engulir aráras; [...]. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 39): Um naturalista inglez, alto e magro, de grandes oculos e grandes suissas, [...] gesticulava ao redor de sua bagagem, sobre a qual havia uma arara empoleirada, [...]. **1888** Inglês de Sousa *O Missionário* (ed. 1899, II. viii. 74-75): Araras de torna viagem enchiam o ceu com a gritaria estridente que ia perder-se, num rumor longinquo e monotono, nos taperebás da serra, e cruzavam-se com os papagaios sertanejos voando alto, em bandos compactos, governando o impulso do vôo com os *staccati* do canto arquejado. **1890** A. Azevedo *O Cortiço* xx. 312: [...] e destacava-se pela profusão de passaros que la tinham, entre os quaes sobresahia uma arara enorme que, de espaço a espaço, soltava um formidavel sibilo estridente e rouco. **1895** J. Veríssimo *A Pesca na Amazônia* I. v. 62: Mais ou menos a uns cinco centimetros abaixo da cabeça estão as duas pennas, geralmente de arára, presas com a mesma linha e com o mesmo cuidado, quasi direi com a mesma preocupação artistica. **1895** Taunay *O Encilhamento* II. xix. 118: Fosse se fazer de esperto com os toleirões... elle, Siqueira, não admitia *bromas*, nem facilmente engolia aráras... **1918** Monteiro Lobato *Urupês* 216: O cocar de pennas de arara passou a chapeu de palha rebatido á testa; [...]. **1922** M. Andrade *Paulicea desvairada* 123: As franjadas flâmulas das bananeiras, | as esmeraldas das araras, | os rubis dos colibris, | os lirismos dos sabiás e das jandaias, | os abacaxis, as mangas, os cajús | almejam localizar-se triunfantemente, | na fremente celebração do Universal!... **1928** Idem *Macunaíma* iv. 42: E Macunaíma era sempre seguido pelo sequito de araras vermelhas e jandaias. **1929** G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* ix. 121: Enfileirados nas gaiolas, debaixo das arvores, no caminho lateral que ia para o interior da chacara, araras, tucanos, cardeaes, um gallo da serra, do Amazonas, [...]. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 247: Mas tudo era silencio á nossa volta, e até attingirmos o viso da collina, apenas um ou outro casal de lindas araras azues feria o ar com seus gritos rascantes. **1933** G. Ramos *Caetés* vii. 42: Suando, escrevi dez tiras salpicadas de maracás, igaçabas, pennas de arara, cestos, redes de caroá,

giraus, cabaças, arcos e tacapes. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xii. 141: Alguns traziam seraphins e archanjos com asas e corôas de pennas de garça, de arara, de papagaio, e de tucano.

arará *s.m.* [< T. ara'ra].

Espécie de formiga.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. xc. 117): Nas tocas das árvores se criam uns bichinhos como formigas, com asas brancas, que não saem do ninho senão depois que chove muito, e o primeiro dia de sol, a que os índios chamam arará; [...].

ararambóia *s.f.* Var.: 5 *arabóia*, 7 *arara-boya*, 9 *ararambóia* [< T. °arara'*ɱ* oja].

Cobra da família dos boídeos.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cx. 155): Nos rios e lagoas se criam umas cobras, a que os índios chamam arabóia; que são mui grandes, e tem o corpo verde e a cabeça preta, as quais não saem nunca à terra e mantêm-se dos peixes e bichos, que tomam na água, cuja carne os índios comem. *c***1777** F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH; XIII. (1872) 260: [Reptil aquatico] Arara-boya. **1956** GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 482: Êle se achava como que tocaiando, no alto duma árvore por se esconder, feito uma cobra ararambóia.

‖ **araranin**: v. abon.

1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 13: [...] diversas qualidades de arbustos, a que chamam geralmente *tajá*, que são antidotos contra os venenos dos repтis, a *caróba*, e o *araranin*, ou *coruatatíua*, excellente dissolutivo das hidropezias reduzido a cinzas: [...].

araraúba *s.f.* [< T. °arara'ɨ̃ua].

Planta da família das apocináceas.

1928 M. ANDRADE *Macunaíma* ii. 19: Pintava a cara com araraúba e genipapo e todas as manhãs passava coquinhos de assaí nos beiços que ficavam totalmente roxos.

araraúna *s.f.* Var.: 5, 8 *ararúna*, 5 *arauna*, 6-9 *araruna*, 8-9 *araraúna* [< T. arara'una < a'rara + 'una 'preto'].

Espécie de arara.

*c***1584** CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 18*v.*: Ararúna. Este Macao he m^to^ fermoso, he todo preto, e este preto espargido de uerde q̃ lhe da m^ta^ graça, e quando lhe da o sol fica tam resplandecente q̃ he p^a^ folgar de uer, os pees tem amarellos, e o bico, e os olhos uermelhos, são de grande estima por sua fermosura por serem raros, e por não criarẽ senão muito dentro p'lo sertão, e de suas penas fazem seus diademas, e esmaltes. *c***1594** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1281-1285: Arauna São como os de assima [araras] mas pretos e manr^a^ de verde por sima q̃ lhe da m^ta^ graça tẽ os pees amarelos e o bico vermelho e os olhos he muj fermosos e ha muj poucos tẽ esta prouincia m^tos^. *c***1631** C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 190*v.*: Araruna. he passaro do tamanho de hũ capão tẽ o bico E os pes de papagayo. tem o rabo de dous Palmos E de azul todo uestido. o Inuẽs da Pena he de cor preta. o redor do bico E olhos todo amarello. fazem os f^os^ num buraco de pao. tẽ soo hũ f^o^ E os ouos são brancos. o comer seu são cocos E palmittos. E me espanto podecẽ qbra los p^ls^ fortaleza q̃ a natureza deu a este fruito q̃ nos não podemos qbrar sẽ instrum^os^ sua carne he mui dura E negra. todas suas penas seruem aos indios pera seus aparastos [*sic*] E frecharia. **1783** M. C. ABREU *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 273: [...] por haver muitas araras denominadas ararunas, que são maiores do que as outras e de côr quasi preta. **1792** F. O. BARBOSA *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 32: [capões de mato] nos quaes tambem se encontram todos os animaes que ha no rio Taquary, e se criam os passaros com a mesma profusão; accrescendo algum excesso, por haverem muitas araras, denominadas *ararunas*, que são maiores que as outras, e de côr quasi pretas. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* I. 88: Ararúnas [casta de papagaios], que sam de todo azues; [...]. **1872** TAUNAY *Inocência* (ed. 1884, i 17): Tambem com que vigor trabalham as barulhentas aves antes de conseguirem a appetecida e saborosa amendoa! Em grupos ajuntam-se ellas, umas vermelhas como chispas soltas de intensa labaréda, outras versicolores, outras pelo contrario de todo azues, de maior viso e que, por parecerem negras em distancia, têm o nome de araraúnas. **1874** J. ALENCAR *Ubirajara* iv. 68: Vem d'um lado as aguas do mar, são os guerreiros azues, com penachos de araruna; [...]. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* xvi. 231: A ruivor veio vindo veio vindo e era o bando de araras vermelhas e jandaias, tôdos èsses faladores, era o papagaio [...] era o xarã o peito-roxo o ajurú-curau o ajurú-curica arari ararica araraúna, [...]. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xv. 178: Desde a arara vermelha, chamada macáo, até a arary, com escalas pela araruna, pela anacá, pela araguahy, que o indio não perdôa o bello voador. **1956** GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 456: Assim eu entrei dentro da minha liberdade. Ói, grita, arara, araraúna, parã a tua voz desenrouquecer!

arari[1] *s.m.* Var.: 6 *arare* [< T. °ara'ri].

Espécie de peixe: v. abon.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 120*v.*: [...] Arares [peixes] se armaõ tambem da mesma sorte e tem a cabeça major que o corpo [...].

arari[2] *s.f.* Var.: 9 *arari, arary* [< T. °ara'ri].

Variedade de arara.

1928 M. ANDRADE *Macunaíma* xvi. 231: A ruivor veio vindo veio vindo e era o bando de araras vermelhas e jandaias, todos èsses faladores, era o papagaio-trombeta era o papagaio-curraleiro era o xarã o peito-roxo o ajurú-curau o ajurú-curica arari ararica [...]. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xv. 178: Desde a arara vermelha, chamada macão, até a arary, com escalas pela araruna, pela anacá, pela araguahy, que o indio não perdôa o bello voador.

araribá *s.f.* Var.: 6, 8 *arariba*, 6 *araribba, araribá*, 7-8 *ariribá*, 8 *araribá* [< T. °arari'ua].

Nome comum a diversas plantas da família das leguminosas.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 103*v.*: [...] tambem ha outro pao de hũa Aruore piquena que se chama Arariba que dá outra tinta eixçelente em ser vermelha muito mais fina e sobida na cor que a do pao do Brazil e délla se aproueitaõ as molheres pera o Rosto [...]. **1627** V. SALVADOR *Hist. Brasil* I. vi. fl. 11: Nem menos saõ as madeiras do Brazil formozas que fortes, porque as há de todas as cores, brancas, negras vermelhas, amarellas, roxas, rozadas, e jaspeadas; porem tirado o pao vermelho, aque chamaõ Brazil, e o Amarello chamado tataiobá, e o rozado Araribba, os mais naõ dão tinta de suas cores, e com tudo sam estimados por sua formozura, pera fazer leitos, cadeiras, escriptorios, e bufetes; [...]. *a***1687** *Manifesto de utilidades do Brasil* in *Brasilia* VII. (1952) 184: [...] coanto mais a tapinhoam q̃ a nõ ha em outra parte, nem tem o mundo milhor madr.^a^ pera taboado de fundo do que ella e p.^a^ o costado Vrucurana e p^a^: os altos oiticiquas, e pera cubertas Araribá; [...]. *c***1735** in ADF, II. (1895) 424: Por huma cama branca de Ariribá ou de outra madr.^a^ semelh.^te^ sendo de Armação com torneyos 10$ E sem Armação 4$ [...]. **1801** in RAPM, II. (1897) 687: Araribá para cor de Roza etc. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* II. 37: [grande diversidade d'arvores de bom páu para construcção principalmente] araribá vermelho, amarello, e preto: [...]. IDEM *Ib.* II. 75: Fytologia. Entr'outras muitas arvores de boa madeira nomea-se o vinhatico; aderno, araribá, [...]. IDEM *Ib.* II. 262: [Fytologia] araribás, de cuja casca se extrahe uma boa côr encarnada. **1856** D. MAGALHÃES *A Confederação dos Tamoyos* IV. 110: Já se sumiram ! N'aquelles densos bosques os guerreiros ! Entre os ariribás e as sapucaias, !. **1857** J. ALENCAR *O Guarany* (2ª ed., 1864, I. iii. 28): [...] nem uma restea de sol penetrava nesse templo da creação, ao qual servião de columnas os troncos seculares dos acaris e araribás. **1868** M. A. PORTO ALEGRE *Brasilianas* 59: Alli [...] Do roseo araribá, do copahiba, ! Que o amago oleoso ensoberbece; ! [...] De novo a sombra na cerrada grenha ! Quieta guarida offertaria ás aves.

arárica *s.f.* [< ? arar(a + -ica].

Espécie de arara.

1928 M. ANDRADE *Macunaíma* xvi. 231: A ruivor veio vindo veio vindo e era o bando de araras vermelhas e jandaias, todos èsses faladores, era o papagaio-trombeta era o papagaio-curraleiro era o xarã o peito-roxo o ajurú-curau o ajurú-curica arari ararica araraúna [...].

araroba *s.f.* Var.: 6 *araruba*, 9 *araroba* [< T. °ara'roua].

Planta da família das leguminosas, de que se extrai tinta de cor violeta.

1628 in RIHP, XL. (1945) 81: A Capp.^a^ da Paraiba he de m.^ta^ importançia pelo Porto q tem do Ryo da Cidade Philippea y pollo da Bahya da Treição, por eicelentes terras p.^a^ m.^tos^ emgenhos d'assucar, pao Brazil, tinta de Arocu e de Araruba, Tabaco, Algodão, e m.^to^ linho, [...] A Capp.^a^ de Itamaracá tem muy boas terras e está com muitos emgenhos de assucar e muy povoada de moradores, não tem Porto consideravel, dá m.^to^ Tabaco, e tem m.^ta^ da erva de q se faz o Anil, m.^ta^ tinta de Orocu e Araruba, e pao Brazil, muito linho de todas as castas e muy provida de Indios. [...] A Capp.^a^ de Pernambuco q he junto da de Itamaracá tem sesenta legoas de Costa p.^a^ o Sul com m.^tos^ Ryos acabando no de São Fran.^co^ m.^tas^ vargeas de eicelentes terras, todo o pao Brazil que se navega, muitos emgenhos de assucar, m.^tas^ madeiras Reaes, m.^ta^ tinta de Orocu e Araruba, m.^ta^ erva de Anil, muito linho de Caragoatá de duas castas de Carrapizo, Sipoo e de Tocum, m.^to^ tabaco, Algodão, Canafistula [...]. **1929** G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* xvi. 340: Eh! porque araroba faz a gente que estaciona debaixo della ficar vermelha e inflammada que nem cobreiro? Não é obra do maligno?... Benza-nos, Nosso Senhor.

‖ **arasoare, ara(pa)soare**: v. abon.

*c***1631** C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 192: Arasoare [*Esta palavra ocorre na entrelinha; em seu lugar estava escrito no manuscrito* arapasoare, *que foi riscado*] he pasoro pouquo mahor que hũ quanario e a quor he parda tira damarelo tem os peis e o biquo azul tiramdo de

uerde e os ouos bramquos pimtados de pardo e fazem tres filhos e fazem nos em riba dos ramos.

arataca[1] *s.m.* Var.: 5 *arataqua,* 6 *arataca* [< T. *ara'taka].

Variedade de beija-flor.

*c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1315-1317: Arataqua he azul e verde m^to^ fino outro tẽ hũ verde sobre dourado tẽ huã coleira brãca e ẽcõtros brãcos e a ponta do Rabo. **1610** J. Monteiro *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.,* VIII. (1949) 424: Ha outros, a que chamam *arataca,* todo coberto de um azul escuro, mas mui fino, manchado de verde mui aprazível; outros há verdes sobre dourados; outros do tamanho de um besouro, finissimos, e nas cores são os próprios. Este género de pássaros tem uma particularidade, mui notavel e praticada entre os Indios, que a observaram: e é formarem-se muitos deles das borboletas, o que mostram no voar, o que me disseram os Padres não ter dúvida, por tomarem muitos meios pássaros e meios borboletas, e logo o mostram no voar. Tambem esta curiosidade pode servir, pera os mestres dos cursos, e ajuntá-la aos cães que se tornam peixes, de que ca tambem ha notícia.

áratacá[2] *s.f.* [< T. ara'taka ~ VLB I. 41: *Armadilha que tomba com peso ou estalando* = Mundê. Suas especies: Mundê arataca. Mundê picá, (...)].

Armadilha para apanhar animais silvestres.

1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* I. § 122. 75: E o que mais he, que a cada genero de caça, tem seu distinto modo de armar a hum modo chamão Patacú, a outro mondè aratacá, a outro Poè, a outro mondèguaçú, & a outro Mondègoaya. **1898** A. Arinos *Pelo Sertão* 25: Póde ser que eu seja onça presa na arataca. Mas eu mostro! eu mostro!

arataciú *s.f.* Var.: 8 *aratassioia,* 9 *arataciú* [< ? T.].

Planta da família das euforbiáceas, de raízes aromáticas.

1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 370): A gente passa por ellas e fica meio embriagado: é o perfume dos jasmins dos seus cabellos e a peripericoca e a aratassioia de seus vestidos, tão activo que inebria. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* xiv. 166: Agua perfumada, trescalava a macacaporanga, a patchuli, a priprioca, a casca preciosa, a arataciú, a baunilha, a cumarú, a japana, e a cem outras plantas odoriferas.

araticum *s.m.* Var.: 5 *araticú,* 5-6 *araticu, aratecu,* 6, 8 *araticú,* 7 *areticu, areticú, areticum,* 7, 9 *ariticum,* 8-9 *araticum,* 9 *araticúm* [< T. arati'ku].

Nome comum a diversas plantas da família das anonáceas e aos seus frutos.

*c*1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fls. 20*v*.-21: Araticû he hũa aruore do tamanho de laranjeira, e maior, a folha parece de cidreiras ou limoeiro, he aruore fresca, e graciosa, dá huã fruita da feiçaõ e tamanho de pinhas, e cheira bẽ tem arezoado gosto, e he fruita desenfastiada. **1587** G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. liv. 17): Araticu é uma árvore do tamanho de uma amoreira, cuja fôlha é muito verde-escura, da feição da da laranjeira mas maior; a casca da árvore é como de loureiro, a madeira é muito mole, a flor é fresca, grossa e pouco vistosa, mas o fruto é tamanho como uma pinha. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1836-1841: Aratecu Ha tres castas as duas boas q̃ da hũ fruito de grande cheiro he como huã pinha tẽ hũ azedo bõ ha outra casta jũto da agoa qualq̃r cousa q̃ o come morre tẽ as folhas muito verde e fermosa a aruore. *c*1596 S. Travaços *Declaração do Brasil* xlviii. fl. 36*v*.: Ha outras frutas grandes, e fermozas que se chamaõ aratecus, de singular cheiro quando estaõ maduros. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 109*v*.: [...] Aratecu — da feição das jaquas da jndia, não ma fruta [...], outra sorte do mesmo Aratecu chamado apê mais piqueno e grande no guosto de modo que não há quem se acabe de fartar delles, e hũ amiguo meu fazia delles filhós com ficarem marauilhozas, [...]. **1663** S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 87. 162: Araticú he aruore mui fresca, de 3 especies, cujos frutos tem feitio de pinha. [...] O a que chamão araticùapê, he doce & suaue: [...]. Idem *Ib.* 163: o a que chamão araticúgoaçú, toca de agro doce, mui fresco pera tempo de calma. **1675** F. B. Freire *Hist. da guerra Brasílica* VIII. 368: [...] buscando fruta, das muitas que dão aquellas arvores, comérão hũa chamada Araticuapê, tão venenosa, que arrebentárão ambos. **1702** A. Rosário *Frutas do Brasil* III. ii. 128: [...] debuxou-as a natureza em huma real fruta, que se chama Areticuapé, he como hũa pinha, a massa de dentro muito alva, & adocicada: **1730** Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 52. 33: Os areticûs-apês, os mamões, os moricîs, [...]. **1782** F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* I. v. 97: O Areticum — apé (assim chamado por differença de outros deste nome) hé huma Arvore de mediocre grandeza, bem povoada de folhas; nasce ordinariamente pelas margenz maritimas e sem cultura mais que a da natureza: [...] frutas á semelhança das Pinhas de Portugal, [...]. **1783** M. C. Abreu *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 267: A distância deste logar á referida fazenda é de duas leguas e meia, de caminho terral, por entre campos e mattos cerrados, cujos campos têm suas fructas, cajús, mangavas e algumas guavirovas, como tambem araticuns. **1806** in RAPM, VI. (1901) 768-769: Fructas ha indigenas, e algumas silvestres, de que se faz grande uso no Paiz. A jaboticaba he a melhor [...] cria-se nos Sertõens, o Imbú, o Pequi, o Araticum, [...]. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 97: O Araticum, ou Araticú, de que ha varias especies, he semelhante ao ambuzeiro na grandeza, no enlaçamento de seus ramos, e ainda na côr da sua casca cinzenta; as folhas de que annualmente se despe, sam quazi redondas, d'hum bellissimo verde, e envernizadas por ambos os lados. Sua flor he como um figo de côr amarellada, que abre em tres porções iguaes, como se fossem partidas com uma faca, grossissimas com fórma de concha, e avermelhadas: por baixo de cada corte está outra concha menor, menos grossa, branca na fase exterior, cercando um botão em fórma de pinha, que com o tempo he uma fructa do tamanho, e fórma dos maiores peros, cuja polpa he branca, ou amarellada; molle, e semeada de pevides em grande quantidade: a pelle, que a cobre, he esverdeada, e ligeiramente bordada de repartimentos regulares como em escamas: sam poucos os bons; mas todos se comem. Idem *Ib.* I. 363: Os cajús, as jabuticábas, os araticuns, as mangábas, sam conhecidos por toda a parte, como tambem as laranjas, limoes, bannanas, annanazes, e melancias. **1872** B. Guimarães *Hist. e Trad. Minas* III. iv. 229: De feito, jurema e seus companheiros tinhão-se entranhado pela floresta á cata de jaboticabas, araticuns, bacoparis e outras fructas silvestres de que abundão aquellas mattas, e deixárão alli Jupyra tomando conta do rancho e vigiando a creança. **1879** Idem *O Pão de Ouro* iii. 268: A mangabeira, o araticum, o cajueiro espalhavam por todas aquellas veigas o suavissimo cheiro de seus fructos. **1902** E. Cunha *Os Sertões* 48: [...] reverdecem os angicos, lourejam os joás em moitas, e as baraúnas de flores em cachos, e os araticuns á ourela dos banhados [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* viii. 103: O heroi vinha dando horas de tanta fome e a barriga dêle empacou espiando aquelas sapotas sapotilhas sapotis bacuris abricôs mucajás mititis guabijús melancias araticuns, tôdas essas frutas. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 283: E começa a rezar, meio alto, só como sabe, enquantò a estrada sai do mato para o calorão cerrado, com enfezadas arvorezinhas: [...] e, no raro, um araticúm teimoso, que conseguiu enfolhar e engordar. **1956** Idem *Grande Sertão: Veredas* 115: Pois, várias viagens, êle veio ao Curralinho, me ver — na verdade, também, êle aproveitava para tratar de vender bois e mais outros negócios — e trazia para mim caixetas de doce de buriti ou de araticúm, requeijão e marmeladas.

araticum-panã *s.m.* Var.: 5 *araticûpanã, araticupana, aritucupana* [< T. *araẗkupa'nã].

Nome de uma planta da família das anonáceas e do seu fruto.

*c*1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 21: Destas aruores [Araticû] ha muitas castas, e huã dellas chamada Araticûpanã, se comẽ m^to^ da fruita fica ẽ fina peçonha, e faz muito mal. Das raizes destas aruores fazem boyas pa as redes e são taõ leues como curtiças. **1587** G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxxv. 79): Araticupana é uma árvore do tamanho e feição do marmeleiro; as quais se criam nos alagadiços, onde se ajunta a água doce com a salgada, cuja madeira é mole e lisa que se esfola tôda em lhe puxando pela casca. Dão estas árvores um fruto tamanho como marmelos, lavrado pela casca, como pinha, e muito liso, o qual arregoa como é maduro, e cheira muito bem. Idem *Ib.* II. cxlvi. 237-238: Algumas vêzes morreram pessoas de comerem êste guanhamu, e dizem os índios que no tempo em que fazem mal comem uma fruta, a que chamam aritucupana, de que já fizemos menção, a qual é peçonhenta.

araticunzeiro *s.m.* Var.: 8 *araticuseiro, araticumzeiro* [< araticu(m) + -z- + -eiro].

Araticum.

1813 Morais *Dic.* I. 171: araticuseiro, s. m. Arvore que dá araticú. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 293: Entre as arvores frutiferas dos matos sam bem conhecidas as *marmeladeiras,* as jabuticabeiras, os ambuzeiros, os araticumzeiros, as guabirabeiras, as goyabeiras. Idem *Ib.* I. 395: Nas matas regadas pelos primeiros ramos do Rio Mucury ha cedros com trinta palmos de circunferencia; jiquitibás de grossura prodigioza; uma casta d'araticumzeiro, cujo fructo he do tamanho d'um ovo de perúa, e o mais saborozo de quantos se tem achado; [...]. Idem *Ib.* II. 99: As arvores do cupahyba, as da suma-uma, os cajueiros, as jabuticabeiras, as mangabeiras, as goyabeiras, os araticumzeiros, e diversidades de palmeiras.

aratu *s.m.* Var.: 5-7 *aratû,* 5-6, 9 *aratu,* 7, 9 *aratú* [< T. ara'tu ~ VLB I. 67: *Caranguejo não tem gro* = Os grãdes do mato. Guanhumyg. Os dos mangues Uçâ. As femeas destes Cunduru. Os vermelhos tambem dos mangues. Aratû (...)].

Variedade de caranguejo.

*c*1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fls. 28-28*v*.: Aratû. Estes caranguejos habitaõ nas tocas das aruores, q̃ estaõ nos lamaroẽs do mar, quando achaõ alguã ameja q̃ tem a boca aberta, buscam logo

alguã pedrinha, e sotilm^te daõ com elle dentro na ameja: ameja logo se fecha, e naõ se podendo fechar bem, por causa da pedrinha q̃ tem dentro: elles cõ suas mãos lhe tiraõ de dentro o miolo, e o comẽ. 1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva. II. cxxxix. 220): Aratus são outros caranguejos pequenos, como os de Portugal, que se tomam no rio de Sacavém em Lisboa; criam-se entre os mangues, de cuja fôlha e casca se mantêm e sempre lhe estão roendo nos pés; dos quais ha infinidade, mas tem a casca mole; [...]. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 124: [...] ha hũa casta dos tais [caranguejos] aque chamaõ — vsâ — e outra serỹ — e tambem, goajá — e da mesma maneira o guoazaranha e Aratú — é outra casta delles que se tem por contra peçonha posto que eu o naõ esperimentey — tambem se achaõ hũs de outra callidade aque chamaõ — garausâ — e sobre tudo os — guanhamus — cuja natureza cauza espanto. 1627 V. Salvador *Hist. do Brasil* IV. xxxxiii. fl. 151*v.*: [...] passando meya legoa de mangues com lodo athe a sinta, onde acharaõ hũns caranguejos chamados aratús, e como athe aly se naõ sustentavão senão em raizes de arvores, e ervas pegando dos caranguejos os comião crús com tanto gosto como se fora algum guizado m.^to saborozo, e m^to. mais depois q̃ chegarão â cassimba de agoa, onde descansaram alguñs dias, [...]. *a*1696 G. Matos *Obras* (ed. 1969, VI. 1471): Maldito seja tal caldo, I e tal mingau de Aratus, I que boto a Deus, e a Jesu, I que de ouvi-lo só me escaldo; I. 1730 Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. §. 77. 47: Os carangueijos, gordissimos, e de que se fazem admiraveis, e mimosos guizados, saõ de cinco generos, ussâs, ganhamûs, serîs, aratùs, garaùsas: [...]. 1789 F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 201-202: Aratú, caranguejjo pouco menor, que o Serî, mas mais ventroso; o dorso subconvexo com brandas foveas, e regos impressos; olhos nas extremidades de dous parvos celindros; [...]. Habita pelas praias maritimas, nunca dentro da agoa. 1934 Jorge de Lima *O Anjo* 86: O mangue amontoado atolando as raizes na lama, aratús dando adeus á tristeza do sol, goiamuns azulando, uçás cabelludos que nem as vergonhas das mulheres, um langanho passou agorinha numa morena [...]. 1935 Idem *Calunga* xvi. 129: — Deixavam os canais embrejados onde socó-bingas piavam e aratús agitam as patas entrando rapidamente nas tocas, parecendo das adeuses. 1950 Idem *Guerra dentro do beco* iv. 55: O mangue amontoado atolando as raizes na lama, aratus abanando as pinças para o sol, goiamuns azulando, uçás cabeludos fugindo pras locas.

aratuém *s.m.* [< T. °aratu'ẽ < ara'tu + e'ẽ 'sápido, que tem muito sabor'].

Variedade de camarão: v. abon.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxlv. 234): Há outra casta de camarões, a que os índios chamam aratuem, que são da mesma maneira dos primeiros [potim], mas mais pretos na côr, e tem a casca mais dura, que se criam e tomam da maneira dos de cima, os quais cozidos são muito bons.

araturé *s.m.* [< T. °aratu're].

Variedade de camarão: v. abon.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxlv. 234): Nestas ribeiras se criam outros camarões a que os índios chamam arature, que tem pequeno corpo e duas bôcas como alacraus e a cabeça de cada uma é tamanha como o corpo, os quais se criam em pedras no côncavo delas, e da terra das ribeiras, que são muito gostosos e tomam-se às mãos.

‖ **araueboia:** v. abon.

1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 27-28: [...] a *surucucú*, a *caninana* ou *pepéua*, a *cobra coral, cutiboia*, que açoita os que com ella entendem; a *sacaiboia, araueboia*, especie de *barata* mui grande e venenosa; [...].

arauiri *s.m.* Var.: 5 *arabori*, 6 *araueri, araguori* [< T. araṷe'ri ~ VLB II. 113: *Sardinhas* = Araberî, diuersas].

Peixe da família dos caracídeos.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxxiv. 208): Arabori é um peixe de arribação, da feição das savelhas de Lisboa, e assim cheias de espinhas, as quais salprêsas arremedam as sardinhas de Portugal no sabor; e tomam-se em rêdes. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 166*v.*: Araueri acu he como a cardinha de meio palmo de comprido pelo meio do corpo tira de uerde e tem muita espinha e não he bom de comer que acada [*scil.* assada]. Idem *Ib.* fl. 167: Araguori peixe com escama de meio palmo cor de prata e he bom comer.

araxá *s.m.* [< T. ?].

Alto chapadão, planalto.

1902 E. Cunha *Os Sertões* 107: Vimos-lhe a physionomia extranha: a flora aggressiva, o clima impiedoso, as seccas periodicas, o solo esteril crispado em serranias desnudas, insulado entre os explendores do magestoso *araxá* do centro dos planaltos e as grandes mattas, que acompanham, orlando-a, a curvatura das costas. 1946 Guimarães Rosa *Sagarana* 174: Uma descida, íngreme e pedrosa. Funda. Mas, lá em cima, ainda está claro, porque lá em cima é o araxá.

araxixá *s.m.* Var.: 6 *araxaxa* (*aracarainha*). [< T. ?].

Planta da família das esterculiáceas.

*c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 178: aracarainha [*Esta variante ocorre na entrelinha*] Araxaxa imis he hũa fruta que se paresem comọ amendoas de portugual e a folha he tamanha como a folha de figueira a frol he amarela tira de bramquo e no meio tira de uermelho e a fruta he redomda e he muito bom comer e ha muito grãode camtidade e o pau he muito groso e he pau mole.

ariramba *s.f.* Var.: 5 *garirama*, 8 *arirama*, 8-9 *ariramba* [< T. °ụari'ra *ỹ*a].

Ave coraciforme da família dos alcedinídeos.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxxxi. 92): E há outros [*pássaros*] mais pequenos da mesma feição e costumes, a que o gentio chama garirama. 1874 J. Alencar *Ubirajara* vi. 108: Arqueou os braços mimosos, vestidos com franjas de pennas, como as azas brilhantes do *arirama*, e quando soou o signal, desferiu a corrida. 1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 42): [...], enchendo o ar com a sua gralhada dissonante, bandos de arirambas de costas cinzentas e peito roxo e branco. 1895 Idem *A Pesca na Amazônia* I. i. 12: A caça, que em sua alimentação entra em quantidade infinitamente menor que o peixe, ainda os rios e outras aguas mediterraneas lh'a fornecem, não só na copiosa variedade da sua fauna peculiar, os patos, as marrecas, os anambés, além dos pernaltos, dos pica-peixe, como o grande ariramba, tambem por elles comida, [...]. 1930 G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 20: Mas se acaso nos aborrece acompanhar o que se passa em terra, é só voltar os olhos para o rio e vêr os botos vermelhos que cambalhotam á flor d'agua, ou o vôo veloz das arirambas, [...].

‖ **arirana:** v. abon.

1888 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 81: [...] *arirána* passaro verde, e azul; [...].

ariranha *s.f.* Var.: 5 *arerã*, 7-8 *areranha*, 8-9 *ariranha* [< T. are'rãja ~ VLB II. 24: *Lontra* = Iagoapopeba. Guairacâ. Areraya, este he mayor].

Mamífero carnívoro da família dos mustelídeos, semelhante à lontra.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. ci. 139): Arerã é outro bicho da água doce, tamanho como um grande rafeiro, de côr parda, e outros pretos. Tem a feição de cão, e ladram como cão, e remetem à gente com braveza: as fêmeas parem muitos filhos juntos; e se os tomam novos, criam-se em casa, onde se fazem domésticos. Mantêm-se do peixe e dos camarões que tomam na água: cuja carne comem os índios. 1792 F. O. Barbosa *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 23: [o rio Tietê] é muito fertil de caças, pois tem com abundancia [...] cutias, lontras, areranhas. 1817 Casal *Corografia Brazílica* I. 219-220: Zoologia: Entre outras especies de quadrupedes selvaticos ha capibaras, onças, antas, tamandoás, guarás, preguiças, porcos, veados, pacas, macacos, coelhos, cães silvestres, areranhas; a hyrára he o papa-mel de outras Provincias. 1847 A. Leverger *Rio Paraguai* in RIH, XXV. (1862) 232: Vêem-se com frequencia *Ariranhas, Lontras*, e *Guaribas* pulando e mergulhando na agua do rio. 1865 J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, xi. 66): O pagé riu; e seu riso sinistro reboou pelo espaço como o regougo da ariranha. 1872 B. Guimarães *Hist. e Trad. Minas* III. ii. 214: A menina crescia linda, engraçada, e travessa como uma ariranha. 1879 Idem *O Pão de Ouro* iii. 268: A lontra e ariranha de pello auri-luzente saltava a emborcar-se n'agua dando caça aos peixes, que em cardumes vagueavam pelo veio cristalino dos corregos alardeando a belleza de suas escamas de ouro e prata, de purpura e azul. 1898 A. Arinos *Os Jagunços* I. iv. 134: Pio montou no cavallo melado, que nada que nem uma ariranha, e amarrou nas espaduas uma armação de boi. 1930 G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 76: O Benjamin surprehendeu o acampamento com duas pequenas ariranhas, agarradas quando fugiam d'agua e iam por uma praia, na companhia da mãe. 1956 Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* 106: Não me lembrei do Caboclo-d'Água, não me lembrei do perigo que é a "onça-d'água", se diz — a ariranha — essas desmergulham, em bando, e bécam a gente; rodeando e então fazendo a canoa virar, de estudo.

‖ **aritara:** v. abon.

*c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1464-1468: Dos passaros q̃ andaõ de noite Ha de m^tas castas piquenos e grãdes algũs como corujas grandes.s. Vrucuriaguaçu Vrutagui 2 pipupipuba Jacuritu 2 Abijaguaçu hain aig. 2 aritara [*ou* cuitara?] 2. Putunara Cuxa Aguigui baêvaũ. [A propósito da dificuldade para a interpretação dos nomes de animais citados neste trecho, ver o comentário ao verbete *abijaguaçu*].

aruaná *s.m.* Var.: 6 *aruana*, 7 *araoaná, arauná*, 8 *arauaná, aruaná*, 9 *aruanã* [< T. °arua'na].

Peixe de rio da família dos osteoglossídeos.

*c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 175: aruana he tres palmos de cõprido as escamas grandes a cor de prata comese a barbatanha tẽ uermelhas. 1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 76: Aqui houve antes de anoitecer, muita pesca de serobins, tucanarés, corimatás, acarazes, piranhas, pirorocús (de que a lingua é o melhor ralador de noz-moscada), araoanás e aracús, e seria extraordinaria a pesca se as redes estivessem em melhores termos. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 259: [Peixe de menor corpulencia] Arauná. 1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 34: [...] *arauanás*, peixe comprido, e escamoso, apanham-se de ordinario á frecha, e procuram a sombra das margens dos rios, e lagos, ouvindo os assobios dos pescadores, que nessas posiçoens os esperam: [...]. 1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 57): [...] o chato e recto aruaná, que á certa hora do dia vem como que dormir nas beiradas; [...]. 1895 IDEM *A Pesca na Amazônia* I. vii. 106: O aruaná é um peixe, si assim posso dizer, de superficie. 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* xviii. 208: — Apesar de já serem catalogados na Amazonia varios especimens, disse a naturalista, com pulmões, taes o pirarucú e o aruanã, por exemplo, de respiração dupla, o typo conhecido por excellencia é a piramboia, ou trahiramboia.

arubé *s.m.* [< T. *aru'ɳ e].

Espécie de tempero.

1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* vii. 81-82: Do tucupy, outro veneno terrivel, fez um molho saboroso e original; da massa toxica, o arubé, mais gostoso que a propria mostarda.

atá (andar ao) *loc.* [Na expressão *andar ao atá*, a parte final *ao atá* reproduz o tupi aŭa'ta 'andar' ~ VLB I. 35: *Andar* = Aguatâ].

Andar sem rumo, à toa; vagar.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 124*v*.: [...] e dizem os naturais quoando se achaõ estes cangrejos. por esta maneira que andaõ ao — Ata, que soa tanto como andarem lasçiuos [...]. 1881 F. TÁVORA *Lourenço* (ed. 1902, xviii. 279): [...] emquanto Francisco cortava umas varas na matta para fazer um *caritó* onde guardar goyamús, que começavam a *andar ao atar*, com as ultimas trovoadas. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* ii. 23: Vagamundou ao atá uma semana até que topou com o Currupira moqueando carne acompanhado do cachorro dele Papamel.

ati *s.f.* Var.: *5 ati, 8 aty* [< T. a'ti ~ Cp. ATINGAÇU].

Nome genérico de várias aves da ordem dos caradriformes, mais conhecidas por gaivota.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXIV. 98): Ao longo do mar se criam outros pássaros a que os índios chamam ati; tem o corpo branco, as asas pretas, e o bico de pernalto, com que cortam o peixe como com tesoura; tem as pernas curtas e brancas; andam sempre nas barras do rio buscando peixe, do que comem. 1865 J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, xxi, 125): — O pescador da praia, que vae na jangada, lá onde vôa a aty, fica triste, longe da terra e de sua cabana, em que dormem os filhos de seu sangue.

atiati *s.f.* Var.: 8 *atyaty* [< T. *atia'ti < a'ti + a'ti ~ Cp. ATI e ATINGAÇU].

V. abon.

1857 J. ALENCAR *O Guarany* (2ª ed., 1864, IV. xi. 296-297): [...] os Goytacazes tem *igaras* grandes como aquella arvore que toca ás nuvens; quando elles atirão o remo, ellas voão sobre as aguas como a *atyaty* de azas brancas. [*Nota do Autor à pág. 330*: Igara. Significa em guarany *canôa; atyaty* é o nome que davão á gaivota.]. 1865 IDEM *Iracema* (3ª ed., 1878, xii. 72): — É a atyaty, a garça do mar, e tú és a virgem da serra, [...].

atingaçu *s.f.* Var.: 5 *atiaçu*, 6 *atiausu* [< T. atiŋa'su ~ VLB I. 146: *Gaiuota* = Atingaçû].

Gaivota; v. ATI.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXIX. 115): Atiaçu é um pássaro tamanho como um estorninho, tem as costas pardas, o peito e a barriga branca, o rabo comprido, as pernas verdoengas, os olhos vermelhos; [...]. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fls. 185*v*.-186: Atiausu he tamanho como hũa pomba quoamdo uão auoando por riba dauguoa leua o biquo aberto tomamdo peixe as costas desna a cabesa ate o rabo he preto e as pomtas das azas e pola barigoa bramquo e o biquo amarelo he pasoro muito guordo e he muito bom comer mas não sei quoamtos filhos fazem porque os não tenho uisto eu creio que fazem os filhos na costa do mar. IDEM *Ib.* fl. 190*v*.: atiausu he mais gramde algũa couza que hũa melroa he pardo e amarelo tem o biquo e os peis pardo cor de simza E fas dous f^os^ seus ouos são brancos.

atucanado *adj.* [Particípio de *atucanar* (< a- + tucanfo + -ar)].

Aborrecido, molestado.

1898 A. ARINOS *Pelo Sertão* 9: Houve um momento em que o cozinheiro, atucanado com tamanha officiosidade, arremangou aos parceiros, dizendo-lhes: [...]. 1898 IDEM *Os Jagunços* II. iv. 343: — Vou fazer as vontades do coitadinho, porque ao menos assim, elle não morrerá tão atucanado.

atucupá *s.f.* Var.: 5 *atucupa*, 6 *guotaquupa, guotacupa* [< T. ŭatuku'pa ~ VLB I. 83: *Coruina, peixe* = Guatucupâ].

Espécie de corvina.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXXXV. 211): Atucupa são uns peixes pequenos, e largos como choupas, que morrem à linha: e quando é gordo é muito saboroso; êstes peixes nascem no inverno com água do monte; no céu da bôca tem uns carrapatos, que lhe come todo o céu da boca, os quais lhe morrem no verão em que lhe torna a encourar a chaga, que lhe os bichos fazem; êste peixe se dá aos doentes. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 168: A guotaquupa he pesquada e tem De tres castas hũa ce xoma guotacupa e outra ce xhoma [*sic*] coruina e a outra pexime e cam todas cubertas descama todas de cor de prata e a coruina he hũ pouquo amarela pela barigua e a algumas que cam de dous palmos e meio e he muito bom comer e ce tomão grãode comtidade delas e tem duas pedras na cabeça e me parecem cerem as pedras de noca tera que cervem pera mal de barigua.

aturá *s.m.* [< T. *atu'ra].

Cesto: v. abon.

1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 132: [...] porque as mulheres carregam os moveis e filhos menores dentro de cêstos compridos, seguros do dorso á testa por uma facha de embira, aos quaes no idioma Tupinambá chamam *aturás*; [...]. 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* xviii. 205: O João Cabelludo levava, dentro de um aturá grande, verdadeiro arsenal de pesca: anzóes, linhas, [...].

aturiá *s.m.* [< T. *aturi'a].

Planta da família das leguminosas.

1928 M. ANDRADE *Macunaíma* iv. 44: Depois que brincâmos feito dôidos entre sangue escorrendo e as florzinhas de ipê meu vencedor me carregou no ombro me jogou na ipeigara abicada num esconderijo de aturiás e frexou pro largo rio zangado, fugindo da boiúna.

axuá *s.m.* [< T. *ašu'a].

Planta da família das linháceas.

1930 G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 109: É o *axuá*, de cuja casca se extrae forte tinta preta, muito usada na coloração do fundo daquellas cuias ornamentada, que, em Santarem, vieram vender a bordo.

B

babaçu *s.m.* Var.: 8 *bagussú, bagassú, iuauassu,* 8-9 *baguassú, uauassú,* 9 *babassú, babasú* [< T. *ĩɰaɰ̃a'su < ĩ'ɰa 'fruta' + ɰ̃a'su 'grande'].

Espécie de palmeira (*Orbignia martiana* Rodr.), cujo fruto é o coco-babaçu.

1869 B. Guimarães *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. ii. 53): A taba do velho cacique Oriçanga, mais vasta e mais solida que todas as outras, com sua porta guarnecida de flechas e lanças enfeitadas de vistosos pennachos, com seu tecto de palmas de bagussú tingidas de ocá e de urucú, mirava-se galhardamente na torrente do Tocantins, e elevava-se entre as outras cabanas como a garça, rainha dos lagos, entre um bando de pequenas aves. Idem *Ib.* IV. iii. 199: Era um pequeno rancho coberto de palhas de bagassú com uma porta e uma janella, mas fresco e asseiado. 1871 Idem *Lendas e Romances* III. iii. 210: Os estalos, que ouvias, erão sem duvida de alguns porcos do matto, ou outro qualquer bicho, que andavão ali perto a quebrar nos dentes côcos de baguassú, o que, como bem sabes, faz uma estralada dos diabos. 1872 Idem *O Garimpeiro* (ed. 1921, IV. 57): No meio dos destroços da floresta vião-se dispersas em desordem as frageis e provisorias habitações dos garimpeiros, cobertas das compridas palmas do coqueiro baguassú. 1882 N. J. R. Sousa *Diário* (ed. 1946, 42): [...] nos fez [...] subir uma serra e costear uma outra coberta de iuauassu [...]. 1895 J. Veríssimo *A Pesca na Amazônia* I. ii. 20: [...] vigas e caibros formam a armação desse edificio primitivo que coberto por todos os lados de palha de buçú [...] ou de uauassú (*Attalea speciosa*) [...]. 1928 M. Andrade *Macunaíma* xiii. 190: Legua e meia adiante estava um macaco mono comendo coquinho baguassú. 1930 G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 95/96: E, por falar em iguarias: hoje provei o palmito de inajá. Embora ainda não conheça o de babassú, da preferencia do Dr. Diniz, posso dizer, desde já, que estou com o General, quando opta por aquelle. Idem *Ib.* 249: Precedendo a vegetação mais pujante, agrupam-se aningas em grandes touças e ha tambem maior frequencia de palmeiras uauassú. 1938 R. Morais *Os Igaraúnas* xx. 237: Derrubavam, no entanto, criminosamente muitas essencias de alta valia, entre ellas o babasú, de 400 fructos em cada cacho, e cujo carvão dos caroços, segundo Snethlage, possue tão forte poder de absorpção, que pode servir para mascaras de guerra contra gazes.

bacaba *s.f.* Var.: 7 *ubacába,* 8 *bacába,* 8-9 *bacaba* [< T. *ĩɰa'kaɰa].

Espécie de palmeira (*Oenocarpus bacaba* Mart.); bacabeira.

*c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 263: [Arvore fructifera] Patauá. Uaçai. Ubacába: estas tres são palmeiras; a sua fructa é uma baga, que por infusão se converte em bebida. 1817 Casal *Corografia Brazilica* II. 278: Entr'outras fructas mais nomea-se [...] a bacába. 1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 9: A palmeira *bacaba*, dà por expressão do seo fructo, que nasce em grandes cachos, azeite finissimo, que serve para as mesas; [...]. Idem *Ib.* 11: São infinitas as especies de palmeiras, além do assahy, bacába, patauá, e muriti (*Mauricia Lin.*) a maior de todas, he mais notavel o *bussú*; a cobertura das casas com sua folha, algumas das quaes tem quatro braças de comprido e duas de largo, dura dezoito annos, especialmente, se apanha o fumo; o fructo que produz existe coberto com uma casca flexivel e fibrosa, que chamam *tururi*, da qual fazem chapeos; [...]. 1876 Couto de Magalhães *O Selvagem* II. i. 12: Extrahem tambem, com um processo combinado de fogo e maceração, productos alimentares de certas amendoas, sendo celebres entre estes as famosas bebidas *uassahi* e *bacaba* [...]. 1928 M. Andrade *Macunaíma* v. 59: Os manos entraram num cerrado cheio de inajás ouricurís ubussús bacabas mucajás miritis tucumãs trazendo no curuatá uma penachada de fumo em vez de palmas e cocos! 1930 G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 109: Pondo á prova os seus conhecimentos, pedi-lhe o nome de algumas plantas do nosso acampamento. São ellas: [...]; e, como palmeiras, uma bacaba [...].

bacabeira *s.f.* [< bacab(a + -eira].

Bacaba.

1882 N. J. R. Sousa *Diário* (ed. 1946, 42): [...] pernoitamos junto á boca de um pequeno igarapé [...] onde vê-se ao S.E. uma bacabeira [...]. 1888 Inglês de Sousa *O Missionário* (ed. 1899, II. viii. 67): [...] as bacabeiras carregadas de cachos, deixavam-se estar immoveis com as palmas estiradas, abertas, levemente amarellecidas, sem animo de as balançar no espaço, para não perder nenhum dos beijos vivificantes do sol.

bacu *s.m.* Var.: 6 *vacu,* 7-9 *bacú* [< T. *ɰa'ku].

Peixe da família dos doradídeos.

*c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 175: Vacu he peixe [*sic*] armado q se não paresse hua frecha he de 3 ou 4 palmos de côprido he de cor parda pela barrigua tira o amalero [*sic*] he bom pª comer tomase a linha tẽ o olho verde. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco,* in RIH, XIII. (1872) 259: [Peixe de menor corpulencia] Bacú. 1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 57/58): A pasmosa variedade de peixes do Amazonas recolhe-se tambem para elles nesse tempo, [...]; o bacú chato; [...]. 1895 Idem *A Pesca na Amazônia* I. ii. 26: Os de pelle, que nós lá, por uma sobrevivencia da crendice mythologica, relacionando por um parallelismo de formas exteriores caracteres animaes e factos pathologicos ou moraes, temos por nocivos, productores de affecções herpeticas, são, entre mil outros, o surubim, o mapará, a piramutaba, o mandi, o jandiá, a pirarára, o bacú, o cuiúcuiú, [...]. 1928 M. Andrade *Macunaíma* v. 56: Os manos remavam espantando os mosquitos e cada arranco dos remos repercutindo nas duzentas igaras ligadas, despejava uma batelada de bagos na pele do rio, deixando uma esteira de chocolate onde os camuatás pirapitingas dourados piracanjubas uarús-uarás e bacús se regalavam.

bacupari *s.m.* Var.: 6 *vbacropari,* 7 *uracrupari, uvacuparí,* 8 *uvacupary,* 8-9 *bacuparí,* 8 *bacopari.* Cp. bacuri, bacuripari [< T. *ĩɰakupa'ri].

Designação comum a diversas plantas das famílias das gutíferas, rubiáceas, eritroxiláceas e hipocrateáceas.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 110*v*.: [...] vbacropari [fruta] como peseguos [...]. 1783 M. C. Abreu *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 261: Produzem as margens deste rio muitas fructas silvestres, de que se utilisam os navegantes; [...] tem a uracrupari, que é menos ma, gostosa; [...]. 1792 F. O. Barbosa *Noticias da Capitania*

de S. Paulo in RIH, V. (1843) 24: Produzem as margens d'este rio [Tietê] muitas fructas silvestres, de que se utilizam os navegantes, cujos nomes são os seguintes: marmeladas, jabuticabas, uvacuparís, nhandipapos, sipotás, jatahís: d'estes páus se servem os moradores para as fabricas dos engenhos de assucar e aguardentes, por ser madeira de muita duração; e da casca por ser muito grossa, fazem os gentios e sertanistas canôas para navegarem; e da resina, que com abundancia ha na raiz, se utilizam os mesmos gentios para as suas luzes e outros artificios que trazem nas orelhas e beiços, a que chamam — botoques —, cuja resina, depois de curtida, fica propriamente como o alambre e sem differença alguma: figos silvestres, jaracatiás, ingás, uavaonas. **1817** CASAL *Corografia Brazilica* I. 212: Entre outras fructas acham-se jabuticabas, marmeladas, cipotás, jatahis, nhandipapos, uvacuparys. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 7: [...] o *bacuparí*, pertencente á mesma classe, e cujo fructo differe do primeiro pouca cousa; [...]. **1872** B. GUIMARÃES *Hist. e Trad. Minas* III. iv. 229: De feito, Jurema e seus companheiros tinhão-se entranhado pela floresta á cata de jaboticabas, araticuns, bacoparis e outras fructas silvestres de que abundão aquellas mattas, e deixárão alli Jupyra tomando conta do rancho e vigiando a creança. **1918** MONTEIRO LOBATO *Urupês* 219: [...]; sempre coisas que a natureza derrama pelo matto e ao homem custa apenas o trabalho de espichar o braço e colher — cocos de tuncum e jissara, [...] bacuparis, maracujás, jatahys, [...]. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* iv. 46: Mas cabeça parou por debaixo do pau e pediu bacuparís. Macunaíma sacudiu a árvore.

bacuparizeiro *s.m.* [< bacupari + -z- + -eiro].

Bacupari.

1928 M. ANDRADE *Macunaíma* iv. 46: Correram mais e quando não podiam de fadiga treparam num bacuparizeiro ribeirinho pra ver si a cabeça continuava pra diante.

bacurau *s.m.* Var.: 8-9 *bacuráo, bacuráu, bacurau,* 8 *bacoráo, bacurao* [< T. *ụaku'raụa].

Ave da família dos caprimulgídeos.

1863 M. A. PORTO ALEGRE *Brasilianas* 259: Agora que eu ouço cantar o urutáo | Seu canto funéreo no tronco fronteiro, | Eu quero, ó Fabricio, como o bacuráo, | Soltar sobre a terra a voz do tropeiro. IDEM *Ib.* 314: No ramo da laranjeira | O sabiá já dormita; | E o bacoráo pelas varzeas | Esvoaçando pipita. **1869** VARELA *Cantos Meridionais* in *Obras Completas* (ed. 1896, II. 176): E ao longe, ocultos nos pinhaes, soltavam | A voz sentida os bacuráos da serra. **1872** TAUNAY *Inocência* (2ª ed., 1884, i. 18): Qualquer ruido nos causa sobressalto; ora o grito afflicto da zebelé nas mattas, ora as plangentes notas do bacuráo a cruzar os ares. **1874** IDEM *Histórias Brasileiras* 36: N'essa hora, tudo é tristeza para a alma que as sombras da natureza parece quererem tambem invadir. Entretanto era quando o coração de Ierecé pulsava com mais segurança e calma, embóra o pio aterrado da jaó acordasse melancolicos os échos da floresta, embóra o bacuráo atirasse aos ares as plangentes notas da aspera garganta. **1876** F. TÁVORA *O Cabeleira* v. 98: Lembrou-se de gritar por socorro, mas logo viu que seria inutil esta tentativa, visto que as suas vozes se perderiam no vasto ermo onde unicamente echoava o coaxar dos sapos e das rãs, o silvo das cobras, o canto agoureiro dos bacuráus. **1886** J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 282): Estremecia da cabeça aos pés, si alguma coruja ou bacurao atravessava o ar, cortando o medonho silencio da noite, que se fizera de todo escura, com o seu grito lugubre, agourento, de vibrações de metal falhado. **1895** COELHO NETO *Miragem* II. ii. 172-173: [...]; nos ranchos, em torno de fogueiras, campeiros tangiam machetes e violas e o *rasgado* e a *tyranna* revesavam-se enquanto os bacuráos, saltando na claridade albente do luar, piavam. **1900** J. NABUCO *Minha Formação* xx. 212: [...]; a bocca da noite, hora das boninas e dos bacuraus, era agradavel e balsamica, depois o silencio dos céos estrellados majestoso e profundo. **1914** COELHO NETO *Rei Negro* ii. 43: Ficavam os dois horas e horas á luz fumarenta da candeia ou á porta, diante do terreiro onde os bacuraus piavam, resmoneando, cantando soturnamente, quando não em silencio pensativo: ella a mascar, elle puxando lentas baforadas do cachimbo. **1915** LIMA BARRETO *Policarpo Quaresma* II. iv. 133: Mané Candieiro falava pouco, a não ser que se tratasse de cousas de caça; mas cantava que nem passarinho. Estava a serrar, estava a cantar trovas roceiras, ingênuas, onde com surpreza o Major não via entrar a fauna, a flora locaes, os costumes das profissões roceiras. [...]; por acaso lá vinha uma em que um passaro local entrava; então o Major escutava. Eu vou dar a despedida | como deu o bacuráo, | uma perna no caminho | Outra no galho de páu. **1922** A. PEIXOTO *Bugrinha* ii. 27: A fisionomia descorada, mas contraida, parecia traduzir supremo esforço de contenção. Na estrada, em frente, pulando sempre adiante, precedia-a um bacuráu... agoiro que sua tristeza bem dispensava... **1934** JORGE DE LIMA *O Anjo* 4: Bacuraus lá fóra faziam a noite cair do céo. **1956** GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 202: Só esses pássaros de pena mole, gerados da noite — tantos bacuraus insensatos: o sebastião que chamava a fêmea, com grande risadas, pedindo tabaco-bom.

bacuri *s.m.* Var.: 6-7 *bacori,* 6 *paquori, bacorí,* 7 *bacurí, bacorí,* 8-9 *bacurí,* 9 *bacury.* Cp. BACUPARI, BACURIPARI [< T. ïụaku'ri].

Planta da família das gutíferas.

1624 S. E. SILVEIRA *Relação do Maranhão* fl. 11*v.*: Guayauas, Araçases, cajàses, guajarases, pacóuas, & Bananas, Bacoris, coquinhos de Palma, & outros de fazer azeite como os de Guiné; [...]. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 179*v.*: paquori he aruere muito grãode e mui alta e tem a fruta tamanha como os dous punhos e quoamdo ele esta maduro he amarelo e tem duas ou tres castanhas cuberto de hũ liquor mui bom e mui guostozo e as castanhas não ce comem a casqua he grosa como o dedo que he bom a fazer confeitura a frol e bramqua tiramdo de uermelha e no meio amarelo e xeira muito bem a folha he do tamanho que esta aqui pimtada e he muito grosa e he verde co [sic] a folha da pereira. *a*1667 HERIARTE *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 169): Tem [*esta ilha, S. Luís do Maranhão*] bacoris, inaúbas, maçarandubas, e outras de differentes castas. **1721** F. F. HENRIQUES *Âncora medicinal* (ed. 1731, 239): Bacori. He fruta do Brazil, do tamanho do marmello; he fria e humida; tem casca grossa, e por dentro gomos e caroço; he de bom gosto; mas causa colicas, pela facilidade com que se corrompe. **1730** ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 59. 37: Os incorruptiveis paos vermelhos, angelins, cedros, jataypevas, e maçarandubas; os potumujús, sopopiras e adernos acastanhados; as claraíbas, os louros, tapinhôas, os bacurîs, guabiranas, e jandirobas, o pao ferro, o de arco, o da sapocaya, e outros troncos das mesmas qualidades, e varias cores, taõ grossos, que delles se lavraõ as embarcações inteiriças, que chamão Canoas; [...]. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 263: [Arvore fructifera] Bacorí. 1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 7: [...] o *bacurí*, cujo fructo encerrado dentro de uma casca similhante ao do piquiá, porém mais amarella, he saborosissimo e agri-doce; [...]. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* xvii. 257: Tudo o que Macunaíma pegava ela engulia, tamorita mangarito inhame biribá cajuí guaimbê uxi ingá bacurí cupuassú pupunha taperebá graviola, todas essas comidas do mato. **1929** G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* xii. 175: Ah! Maranhão como aquelle não ha! O Anil e o Bacanga abraçam a cidade velhinha e olham de vagar as quintas com as suas mangueiras e os bacurys e as casaronas frescas, de mirantes e socavões. **1931** IDEM *O meu próprio romance* 120: Ás vezes tinhamos bacury que era um encanto pelo perfume, pela brancura dos "filhos" e da polpa dos caroços.

bacuripari *s.m.* Var.: 5 *bacoropari,* 6 *bachoripari.* Cp. BACUPARI, BACURI [< T. *ïụakuripa'ri].

Planta da família das gutíferas.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LII. 11): Bacoropari é outra árvore de honesta grandura, que se dá perto do mar, e quando a cortam corre-lhe um óleo grosso dentre a madeira e a casca, muito amarelo e pegajoso como visco. **1663** S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 87. 162: Bachoripari, he seu pomo a modo de frutas novas de Lisboa.

bacurubu *s.m.* Var.: 9 *bacurubú* [< T. *ïụakuru'ɱ u].

Planta da família das leguminosas.

1915 LIMA BARRETO *Policarpo Quaresma* II. I. 91: Ás primeiras semanas que passou no "Socego", Quaresma as empregou numa exploração em regra da sua nova propriedade. Havia nella terra bastante, velhas arvores fructiferas, um capoeirão grosso com camarás, bacurubús, tinguacíbas, [...]. **1920** IDEM *Histórias e Sonhos* 108: E a gamella de bacurubú em que a Ignacia, a sua ama, lhe dava banho — onde estava? Ah! As mudanças! Antes nunca tivesse vendido a casa paterna...

‖ **bacutinguí** (*bacútinguy*): v. abon.

1663 S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* I. § 141. 87: [...] outros [vinhos] que chamaõ bacútinguy; [...]. **1757** D. L. COUTO *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 63: Outros [vinhos] de Jenipapo, chamado bacutinguy, he muito confortativo.

baeapina *s.m.* Var.: 5 *baéapina,* 7 *igbaheapiná* [< T. ɱ aea'pina ~ VLB II. 32: *Marinho homẽ* = Baepina. Tambẽ se dizẽ q. os ha n'agoa doce].

Monstro marinho: v. abon.

*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 31*v.*: Baéapina. Estes saõ certo genero de homens marinhos do tamanho de meninos, porque nhũa differença tem delles, destes ha muytos, naõ fazem mal. **1761** JABOATÃO *Novo Orbe Seráfico Brasílico* I. I. 118: [...] Tambem se tem visto entre as agoas daquellas grandes Rias (do Cayrú) alguns monstros marinhos, a que o Gentio chama *Igbaheapiná* como dizermos: *Diabo pelado,* porque Igbahé val o mesmo, que cousa má, ou sobrenatural; [...].

‖ **baepeçu:** v. abon.

*c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 211?-2114:

Arrajas Ha m^tas e todas se comẽ Jabebira Narinarj, e baepeçu, Agereba.

‖ **baêvaû**: v. abon.

*c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1464-1468: Dos passaros q̃ andaõ de noite Ha de m^tas castas piquenos e grãdes algũs como corujas grandes. s. Vrucuriaguaçu Vrutagui 2 pipupipuba Jacuritu 2 Abijaguaçu hain aig. 2. aritara 2. Putunara Cuxa Aguigui baêvaû. [A propósito da dificuldade para a interpretação dos nomes de animais citados neste trecho, ver o comentário ao verbete *abijaguaçu*].

baiacu *s.m.* Var.: *α.* 5 *guamayacú, guamaiacu*; *β.* 5 *amajacu*; *γ.* 5 *mayacú*, 6 *majacú*; *δ.* 5-6 *baiacu*, 6 *baiaqu*, 7 *bayacú, baiacú* [< T. ũa *ɲ* aja'ku ~ VLB II. 70: *Peixe coelho q̃ mata a quẽ o come* = Goãbaiacu].

Nome comum a diversos peixes da família dos tetrodontídeos.

1576 Gândavo *Hist.* VIII. fl. 29.: Há tambẽ hũ certo genero de peixes pequeninos, da feiçam de xarrocos, a q̃ chamão Mayacús: os quaes sam muy peçonhẽtos por extremo, especialmẽte a pele o he tanto, q̃ se hũa pessoa gostar hũ só bocado della, logo naq̃lla mesma hora dara fim a sua vida: porq̃ nam ha, nẽ se sabe nenhũ remedio na terra, q̃ possa apagar nem deter por algũ espaço o impitu deste mortifero veneno. Algũs Indios da terra se auenturam a comellos depois que tiram a pelle, & lhe lançã fora por baixo toda aq̃lla parte onde dizẽ q̃ tem a força da peçonha. Mas sem embargo disso, não deixam de morrer algũas vezes. Estes peixes tanto q̃ saem fora de agoa hinchão de maneira, q̃ parecẽ hũa bexiga chea de vẽto: & alẽ de terẽ esta qualidade, sam tã mansos q̃ os podẽ tomar ás mãos sem nenhũ trabalho: & muitas vezes andão á borda dagoa tam quietos, q̃ nam os verá pessoa q̃ se nam cõuide a tomalos, & ainda a comelos se não teuer conhecimẽto delles. *c*1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 27: Peixe sapo, p'la lingua Guamayacũ. He peixe piqueno de comprim^to de hũ palmo, pintado, tem os olhos fermosos, è ho tirando dagoa ronca muito, e trinca muito os anzolos, e em o tirando dagoa incha muyto. Toda a peçonha tẽ na pelle, e tirandolha, comesse: porẽ comendose cõ a pelle mata. Idem *Ib.* fl. 27*v.*: Guamaiacucurũb. Estes peixes saõ redondos, e do tamanho dos bugalhos de Espanha, e saõ m^to peçonhentos. O corpo tem cheo de verrugas, e por isso se chama curub, i. [*id est* = isto é] na lingoa verruga. 1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxxvi. 213): Baiacu é um peixe que quer dizer sapo, da mesma côr e feição, e mui peçonhento, mormente a pele, os figados e o fel, ao qual os índios com fome esfolam, e tiram-lhe o peçonhento fora, e comem-nos; [...]. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 2183-2190: Peixe sapo ou coelho amajacu he comũmente de palmo faz hũ boleo como de bolça cheo de vẽto Tirada a pelle deste se come o peixe e a pelle he p^a matar ratos mas se se comẽ tudo jũto morre a pessoa ou animal, he o mais atreuido peixe q̃ ha aRemete ao anzolo m^to e inda q̃ veja gẽte não se lhe da m^to trĩca o anzolo facelm^te e q^do o tiraõ a terra Ronca como cousa grãde. Idem *Ib.* 2201-2203: Amajacu-guara he m^to fermoso azul so o Rabo tẽ amarelo. Amajacu corub rob este he fina peçonha. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 120: [...] baiacu cuja propiedade estranha en ser peçonhento cauza espanto. 1627 V. Salvador *Hist. Brasil* I. x. fls. 19*v*-20: Há huñs peixes pequenos em toda esta costa menores de palmo chamados majacúz, que sentindosse prezos do anzol o cortaõ com os dentes, e fogem, mas se lhe atam a isca em qualquer linha, e pegão nella os vaõ trazendo brandamente athe a superficie da agoa, onde com hum redefolle os tomão sem alguã resistencia, e tanto que os tiraõ fora da agoa inchaõ tanto, que de compridos, que eraõ ficaõ redondos como huã vexiga chea de vento, e assi se lhe daõ hum couse rebentaõ, e soam como hum mosquete, tem a pelle muito pintada, mas mui venenoza, e da mesma maneira o fel; porem se o esfollaõ bem, se comem assados, ou cozidos como qualquer outro peixe. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fls. 168*v*.-169: baiaqu he hum peixe de hũ palmo d[e] comprido e muito periguozo de comer pera quem no não cabe com certa [*sic*] e pera quem no não conhece quem o quizer comer a de lhe meter a pelia fora e tripas e fel e lava lo muito bem eu vi hũ frances um hũa aldeia comer de hum com a pelia e ueio doudo e ceguo dous ou tres dias e foi necessario amaralo e quem comer o fel mosturado com algũa couza a de morer loguo e como esta em tera imxa a barigua como capo ele he de cor pardo e uerde e a pelia he muito aspera e he pimtado. Idem *Ib.* fl. 169: Baiaqutim he peixe redomdo tem o pesquoco verde he todo xeio de piquais laramiados por baixo e a barigua parda e anil e tem como dous espelhos pintados laramiado e azul he tem a mesma peçonha do outro ou pior aimda. *a*1696 G. Matos *Obras* (ed. 1969, V. 1147): De massa um tapiti, ! um cofo de Sururus, ! dous puçás de Baiacus, ! Samburá de Murici: !. 1728 N. M. Pereira *Peregrino da América* I. ii. 20-21: Saõ estes taes, como huma casta de peixes, que ha neste Brasil, e lhes chamaõ Bayacús: entre os quaes ha huns, que tem espinhos. Saõ estes peixes peçonhentissimos, por terem no fel o mais refinado veneno, que ha no mundo: e que ainda que algumas pessoas os comem, he com muita cautela. Mas vamos à comparaçaõ. Costumaõ estes peixes, assim como os pescaõ, i tiraõ da agua, começarem a inchar, e fazem-se como humas bolas. Os de espinhos, naõ ha quem pegue nelles, pelo risco das agudas pontas: inchaõ de sorte, que assim morrem às vezes dando hum grande estouro. Occupaõ-se estes peyxes em mariscar pelas margens dos rios, e mangaes; e só quando se vem em terra, he que inchaõ. Assim saõ os Bayacús humanos ou deshumanos: tanto que se vem nas praias, e terra do Brasil, logo começaõ a inchar: e se lhes daõ algum officio, ou posto; fazem-se Bayacús de espinhos, não ha quem se chegue junto delles. E se dizem a hum destes Basta, Bayacú, porque podes rebentar: ou se lhe tocaõ; cada vez incha mais. 1789 F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner., do Brazil* II. 168: Baiacú, peixe com a grandeza de hum palmo; corpo ventroso; pinnas lateraes duas, dorsal hũa, abdominal hũa, unidas; cauda commua; branchias lateraes junta á pinna; [...].

baitaca *s.f.* Var.: 7 *maitáca*, 7, 9 *maitaca*, 8-9 *maritaca*, 9 *baitaca* [< T. *ɲ* ai'ta].

Espécie de papagaio.

1721 F. F. Henriques *Âncora medicinal* (ed. 1731, 134): Maitáca. Acha-se no Brasil este passaro, e he uma especie de papagaio, he quente, e secco, de bom gosto, e facil cozimento, e digestão. 1783 M. C. Abreu *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 258: Os papagaios são juruguas, maitacas, araguais, maracanãs, nhendaias, jirivas e sabiacy, [...]. 1806 in RAPM, VI. (1901) 774: Maritaca. Outra especie de Papagaio, verde sujo, cauda curta, e tronco quasi redondo: de pio, ou grito importuno, estima-se a sua carne com arroz. São monogamos, mas giraõ em bandos, e destroem as searas dos milhos. 1863 M. A. Porto Alegre *Brasilianas* 53: Alli mais não virão, chirlando em nuvens, Fugazes maritacas; [...]. 1872 B. Guimarães *O Garimpeiro* (ed. 1921, I. 9): Lucia via-se zonza no meio d'aquella algazarra de pedidos importunos que chovião sobre ella a um tempo a atordoar-lhe os ouvidos, como um bando de maritacas. 1874 J. Alencar *Guerra dos Mascates* II. ix. 126: A grasinada de um bando de maritacas, em roçado de milho, quando lhe disparam um tiro; pode dar uma idéia da algazarra que levantou no congresso feminino, a quadra fatal, que ia conflagrar Pernambuco. 1888 Inglês de Sousa *O Missionário* (ed. 1899, II. vii. 35): O vigario e o sacristão, [...], correram pela margem, chamando em altas vozes os remeiros pelos nomes, mas somente o echo lhes respondia, o echo da outra banda, entrecortado pela gargalhada zombeteira da maritaca. 1902 E. Cunha *Os Sertões* 49: Num tumultuar de desencontrados vôos passam, em bando, as pombas bravas que remigram, e rolam as turbas turbulentas das maritacas estridentes [...]. 1918 Monteiro Lobato *Urupês* 118: Baitacas em bando, bulhentas, a sumirem-se num capão d'angico [...]. 1919 Idem *Cidades Mortas* 10: Só o estremecem os velhos sons coloniaes, o sino, o chilreio das andorinhas que moram na igreja, [...] o taralhar das baitacas que em bando rumoroso cruzam e recruzam a cidade, bem alto. 1922 G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* xvii. 361: Cruzam-se os sons. Os que sobem da cidade, trepidantes e confusos, ruidos de machinas, estrondos das pedreiras, e os que descem dos morros, gritos das maitacas, dos gaviões e das corujas. 1946 Guimarães Rosa *Sagarana* 328: E ainda outro, mais baixo, com as maitacas verdinhas, grulhantes, graihantes, incapazes de acertarem as vozes na disciplina de um côro.

batuíra *s.f.* [< T. * *ɲ* atu'i].

Ave caradriiforme, da família dos caradriídeos.

1918 Monteiro Lobato *Urupês* 138: Entre seus talos corre a batuira arisca de longo bico, e saltita a corruila do brejo, [...].

beiju *s.m.* Var.: 5-9 *beijú*, 5 *beijuú*, 5-7 *beiju*, 5-6 *beiiu*, 6, 8 *bejú, beijù*, 6 *beju, bijú*, 7 *beyjú, bejù* [< T. *ɲ* e'ju].

Bolo de farinha de mandioca.

Além de se referirem muito elogiosamente à iguaria indígena, os textos descrevem os processos adotados no seu preparo. Esses processos foram transmitidos aos primeiros colonizadores europeus e, com pequenas modificações, são até hoje empregados em várias regiões do Brasil, particularmente no Nordeste.

*a*1576 Gândavo *Trat. Prov. Brasil* (ms. do British Museum) 719-725: Desta mesma Mandioca fazem outra maneira de mantimẽtos q̃ se chamã beijús [*no ms. da BNL, fl. 25, lê-se*: beijuús] saõ mui aluos feitos a maneira de obreas mas são mais grossos destes vsão muito os moradores da terra porq̃ são mais sabrosos e de milhor desistão que a farinha. 1576 Idem *Hist.* v. fl. 16*v.*: Desta mesma Mandióca, fazem outra maneira de mãtimentos que se chamão beijús, os quaes sam feição de obreas, mas mais grosso & aluos, & algũs delles estendidos da feição de filhós. Destes vsam muito os moradores da terra (principalmente os da Bahia de todolos Sanctos) porque sam mais sabrosos e de melhor disistão qùe a farinha. *c*1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 22*v.*: Destas raízes [mandioca] expremidas; e reladas se faz farinha q̃ se come, tambẽ se deita de molho ate apodrecer, e depois de limpa, expremida, se faz tambẽ farinha, e hũs certos beijus como filhós m^to aluos e mimosos. 1585 Idem *Informação* fl. 75*v.*: Era p^a os uer uir cõ

suas cousas.s. patos, gallinhas, leitões, farinha beijus cõ algũas raizes, e legumes da terra [...]. **1587** G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, I. xxxviii. 319): Fazem desta massa [mandioca], depois de espremida, uma filhós, a que chamam beijus, estendendo-a no alguidar sôbre o fogo, de maneira que ficam tão delgadas como filhós mouriscas, que se fazem de massa de trigo, mas ficam tão iguais como obreias, as quais se cozem neste alguidar até que ficam muito sêcas e torradas. *c*1587 S. Travaços *Sumário das Armadas* i. fl. 42*v*.: [...] fazem tambẽ outros beijus q̃ saõ redondos como mancais ou compridos como querem, pouco mais grosso q̃ ostias he m^to bom comer porq̃ toma o gosto ou sabor natural daquillo cõ q̃ o comẽ, [...]. **1591** in *Denunciações da Bahia* (ed. 1925, 335): e depois de ter feito e dito isso a Branca de Leam comeo bananas, e beiju, e foi aos potes e tirou hũ pucaro de agoa [...]. **1593** in *Denunciações de Pernambuco* (ed. 1929, 100): e assim mais vio que no ditto espaço de tempo em todas as vesperas de Sam Joam quando se faziam as fugueiras a noite tomava tres pequenos de beiju que he o mantimento da terra feito de farinha de raiz de paao. *c*1596 S. Travaços *Declaração do Brasil* xlvii. fl. 35*v*.: [...] he muito medicinal, E dura esta farinha [de mandioca] assi fresca sinco seis dias, E os bollos que fazem della chamão beiius. *c*1607 J. Rodrigues *Relação* in S. Leite *Novas Cartas Jesuíticas* (1940) 207: [...] e a fome tão grande, que passaram muitos dias que não metíamos farinha nem beijú na boca, e sómente passávamos com milho cozido e algum peixe. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 91*v*.: [...] tambem se faz da mandioqua despois de Ralada em fresco huãs como obreas,a que chamaõ bejús, e por outro nome tapioqua das coais se seruem na meza em luguar de paõ e duraõ muitos dias. **1624** S. E. Silveira *Relação do Maranhão* fl. 8*v*.: Porẽ o segũdo lugar depois do trigo pertence à Mandioca, que he farinha de hũas rayzes muito ferteys, muito sàdias, & muito substanciaes, das quaes se fazẽ muitas sortes de farinha, hũa muito fina, & tão branca, & mais que a do trigo de Alẽtejo, a que chamão carimá, de que se fazẽ bollos, que chamão beijús, & biscoutos, que chamão caçave, & filhós, & bollinhollos, & sobre tudo, hũ caldo, como de almidão, mas muito melhor, q̃ chamão mingào, & engomão cõ elle, como cõ a goma muito fina de trigo. **1627** V. Salvador *Hist. Brasil* I. viii. fls. 15-15*v*.: Mas o ordinario, e principal mantimento do Brazil he o que se fas da mandioca que são huãs raizes mayores, que nabos, e de admiravel propriedade, porque se as comem cruas, ou assadas saõ mortifera pessonha mas raradas, exprimidas, e desfeitas em farinha fazem della huns bollos delgados, que cozem em hua baçia, ou alguidar, e se chamáo beijús, que he muito bom mantimento e de facil digestaõ, ou cozem a mesma farinha mechendoa na bacia com confeitos e esta se a torraõ bem dura mais, que os beijús, e por isso he chamada farinha de Guerra, porque os Indios a levam quando vão â guerra longe de suas cazas, e os marinheiros fazem della sua matalotage, daqui para o Reyno. **1646** *Livro de Contas* in DHA, II. (1956) 397: Deue de beiius pão no tempo que estaua no.emgenho 4v 240. **1652** Idem 528: De Beijus v100. **1675** F. B. Freire *Hist. da guerra Brasílica* IV. 188: Avaliaõna [*à mandioca*] pelo melhor mantimento depois do trigo; que tambem, como de obréa ás cartas, serve de goma ás voltas; & para bollos, & caldos, com nome de mingáos, & beijùs; no que se vem a apurar o mimoso pão, daquella tosca farinha. **1681** A. O. Cadornega *Hist. Guerras Angolanas* (ed. 1942, III. 22): [...] deixarem a despença bem provida de todo o necessario, principalmente de assucar, azeite, vinho, e vinagre, marmelada e dos mais doces de Portugal, biscouto, farinha mimoza, bejus, maça ou milho, e miudo para ração da escravaria da casa, [...]. *a*1696 G. Matos *Obras* (ed. 1969, I 209): e dar-lhe-ão sôbre beijus, I a comer sempre cuscuz, I a ver se se dão por fartos. I. *c*1698 J. F. Betendorf *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 168: [...] cousa admiravel, não tendo dantes visto alli pessoa viva, descobri em um cantinho um meninozinho reduzido aos ossos, botado em o chão, com um pedacinho de bijú na mão. Idem *Ib.* 465: [...] com elle finalmente começaram a vir para a aldêa com grande numero de indios carregados de mil curiosidades, de assentos, de bordões, tapiocas e beijus e estes eram mimos que o principal Paraparixana mandava adiante de si a todos os moradores daquela aldêa. **1705** M. B. Oliveira *Música do Parnasso* 134: A Mandioca, que Tomè sagrado I Deus ao gentio amado. I Tem nas raizes a farinha occulta. I Que sempre o que he feliz, se difficulta. I E parece que a terra de amorosa I Se abraça com seu frutto deleytosa. I Della se faz com tanta actividade I A farinha, que em facil brevidade I No mesmo dia sem trabalho muyto I Se arranca, se desfas, se cose o fruyto; I Della se fas tambem com mais cuydado I O beyjù regalado, I Que feyto tenro por curioso amigo I Grande ventagem leva ao pão de trigo. **1721** F. F. Henriques *Âncora medicinal* (ed. 1731, 56): No Brazil, onde, ou por ignavia dos naturaes, ou pelas qualidades das terras, não ha Paõ, supre-se este defeito com a farinha de pào, que he o pó de umas raizes sativas, e cultivadas, a quem chamaõ Mandiocas, de que fazem varias especies, e dellas seus bolos a que chamaõ Bejùs; os que vem a Portugal, [...]. **1730** Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 33. 24: [...] e espremem em instrumentos de palha, que nomeaõ Tapitîs, e logo a cozem com alguidares de barro, ou de cobre, e fazem farinha dos generos, e nomes, que diremos, e humas delgadas, e tenues, que supprem o pão, com o nome de beijuz. **1730** in ABAP, III. (1904) 303: Lançando sobre o mesmo rapaz morto hum pouco de vinho de Beiju, para que a morte se lhe atrebuisse ao demaziado uzo da mesma bebida [...]. **1757** D. L. Couto *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 63: Outros de beiju que chamão tepiocuy, outros de assucar, ou mel, este he fresco, e de bom gosto. **1763** J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 487: Respondeu o chamado amigo como procurador; entregou o miseravel [um homem de fóra] a sua alma ao diabo; e apparecendo de repente uma grande mesa, e sentado varios demonios á roda, cada um com uma canella ou osso de defunto, lhe offereciam para roer: mas o amigo lhe disse que comesse um bocado de beijú ou bolo de mandioca. *c*1767 J. Daniel *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, II. (1840) 343-344: Para torrarem farinha de pau, ou fazerem seus bolos, a que chamão beijús, tem seus forninhos fabricados da mesma cinza, e as fazem por modo de um testo espalmado e grande levantado da terra para lhe metterem fogo. Idem *Ib.* 489: [...] qual a sua farinha, qual a tapióca, qual o carimã, beijús, e fructas da terra; [...]. **1786** in *Annexes du Premier Mémoire du Brésil* I. (1903) 216: Na Serra nos visitarão e presentearão com os seus beijus (que são hũs bôlos chatos de farinha de maniba). **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 114-115: Se lhes falta agua-ardente de cana a mandioca lhes suppre essa falta, extrahindo della a *tiquíra*, ou agua-ardente de *beijú* que ainda he mais forte que a de cana: [...]. Idem *Ib.* 137: Pouco ou nada uzam do sal, e mesmo da farinha de mandióca pois que esta apenas he convertida em beijús, e nas bebidas que ja descrevemos: [...]. **1871** J. Alencar *O Tronco do Ipê* I. vi. 63: Tirou d'uma prateleira suspensa ao lado da cama umas latas e cestas, cheias de biscoitos, rosquinhas, beijús e fructas; [...]. **1876** F. Távora *O Cabeleira* xv. 253: No centro via-se o forno onde tinha de ser cozida a massa já apertada pela prensa e livre da manipueira. Parte della porém, tanto que sahia do pé das rodas, era lavada em gamellas e alguidares onde deixava o residuo ou gomma para os bejús e tapiocas. **1903** D. Olímpio *Luzia Homem* xv. 125: Magótes de creanças núas, de hedionda magreza de esquelêto, de grandes ventres, obesos e lustrosos como grandes cabaças, lançavam olhares, terriveis de avidez, sobre pilhas de rapaduras, grandes medidas de quarta, desbordantes de farinha e feijão, pencas de bananas, rimas de beijús, alvissimas tapiócas, montes de laranjas pequeninas e vermelhas, [...]. **1922** A. Peixoto *Bugrinha* x. 140: Um jarro de leite, ainda quente, e, num prato de folha, alguns beijús de tapioca [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* x. 137: Macunaíma estava muito contrariado com aquele chove-não-molha e passava o dia na rede mastigando beijú membeca entre codorios longos de restilo. **1929** A. Peixoto *Sinhàzinha* xx. 197: [...] sem o querer, foi com os olhos da saudade que reviu, desta vez, a profusão de beijús, bôlos de milho, macachera, cuscús, tapiocas, mingaos, leite, manteiga, requeijão... que a gula dos outros dias mal dava ensejo a considerar. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 209: Em verdade, o tempo era pouco para que a india velha nos atochasse de beijús [...]. **1931** G. Aranha *O meu próprio romance* 121: Caboclos carregados que passam para a cidade e nos vendem peixe muqueado, beijús, brôa de milho. **1934.** J. L. Rego *Banguê* I. iv. 38: Á hora da ceia, o velho Zé Paulino comia os beijús molhando na chicara de chá. **1935** Jorge de Lima *Calunga* i. 9: — Comamos mamões, brôas, sequilhos, massapão, beijús, tapiocas, cúscús, lima de umbigo, milho-assado, porém senhores o condutor tem um genio impossivel, está contrariado mas é com a imoralidade dos cavalos que com os sexos desembainhados pensam nas eguas jovens, nos cercados longes correndo atrás. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* xiv. 167: No terreiro corria o mingau. Tomava-se o de milho, o de banana verde, o de arroz, o de assahy, além das roscas de tapioca e dos beijús brancos como discos de leite.

‖ **beribeba:** v. abon.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxxv. 80): Pelo sertão se criam umas arvores a que os índios chamam beribebas, que dão um fruto do tamanho e feição de noz moscada, o qual amaruja e requeima como ela.

biaribi *s.m.* Var.: 6, 8 *biariby* [< T. *ɱ* iarĩ'ɱ ĩ ~ VLB I. 45: *Assada carne debaixo da terra ou coua* = Biarigbig].

Técnica indígena de assar a caça: v. abon. 1663.

1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* I. § 140. 86: Outros vsaõ de melhor artificio, & que em verdade torna a carne (& ainda o peixe) saborosissimo: fazem na terra hũa coua, cobremlhe o fundo com folhas de aruores, & logo lanção sobre estas a carne, ou peixe, que querem cozer, ou assar, cobremna de folhas, & depois de terra: feito isto, fazem fogo sobre a coua, atè que se dão por satisfeitos; & entaõ a comem: & chamaõ a este modo Biariby. **1856** D. Magalhães *A Confederação dos Tamoyos* III. 70: Fogo accendem, e dest'arte as carnes torram: I E a isto dão de biariby o nome I. **1874** J. Alencar *Ubirajara* iv. 62: Trouxeram tambem os camocins rasos, onde se apinhavam as moquecas envoltas em folha de banana, e peças de carne, assada no biariby, que ainda fumegava nos pratos feitos de concha de tartaruga.

biboca *s.f.* [< T. *ĩɱĩ'ɱ oka < ĩ'ɱ ĩ 'terra, chão' + 'ɱ oka 'abertura, fenda' ~ VLB II. 127: *Terra* = Igbig; *Ib.* I. 18:

Abertura, ou fenda = Bôca, Jurûboca, Jurûiaba ~ Cp. IBIBOCA].

Buraco, cova, local de difícil acesso; *por extensão*, ruelas, ou logradouros freqüentados por indivíduos de baixa condição social.

1870 J. ALENCAR *O Gaúcho* I. II. 243: *Biboca*, barrancas e grutas. **1875** IDEM *O Sertanejo* II. i. 10: Com a volta do inverno, logo que as vargens cobrem-se dos verdes rissos de panascos e mimoso, sahia o gado silvestre das bibocas onde buscara abrigo, e derramava-se pelos sertões. **1895** COELHO NETO *Miragem* II. v. 225: O mulato, azevieiro e devasso, gabava a terra, dizendo-se conhecedor de todas as "bibocas" e citava mulheres formosas e novas, virgens com as quaes andara em bailes e velorios noites e noites. **1911** A. MAIA *Tapera* 89: Tambem, que atoladouros e que bibocas sobre as costas do banhado! **1914** COELHO NETO *Rei Negro* viii. 289: Eram barrocaes, bibócas pedrentas, mattos enredados, depois a varzea rasa e núa, com os cupins a prumo, como vultos tocaiados na sombra, [...]. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 241: Vinha povo extraído e exumado de tudo quanto era grota ou biboca, num raio de légua e meia.

bicuíba *s.f.* Var.: *α*. 5 *jgbicuibaca, ibicuibaca,* 6 *ibicuygba, ibicuyba,* 8 *hybicuhyba*; *β*. 7 *bicuîba, bicuiva,* 7-9 *bicuiba,* 7 *biquiba,* 8 *biscoigba, bycuhyba* [< T. *ï *ŋ* ïku'ïu̯a].

Planta da família das miristicáceas; bicuibeira.

*c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1872-1883: Jgbicuibaca pª azeite He como nos noscada he a fruita de q̃ fazẽ mais azeite q̃ nhuã tẽ huã maça boa queima mᵗᵒ he mᵗᵒ fermosa assi a nos como a maça e tẽ tudo o q̃ tẽ a nos noscada a nos naõ tẽ cheiro aRomatico nẽ queimor he mᵗᵒ insipida a nos he como capucha de algodaõ abreçe e cae a nos cõ sua maça por sima e depois da maça he mᵗᵒ vermelha. [...] esta outra a manrª de casca de velã dentro desta esta a nos ha duas castas a merj̃ he a milhor tẽ bõ cheiro aoRomatico ibicuibaca merj̃. **1663** S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* I. § 72. 45: Veriaõ seus grandes aruoredos, espessas mattas que sóbẽ as nuuẽs, & encobrem o Ceo: a grossura monstruosa de seus antiguos troncos: a variedade de suas preciosas especies, as melhores de todo o Vniuerso, dos cedros, vinhaticos, jacarãdás, paos reys, paos Brasis vermelhos & amarellos, balsamos, copaygbas, almecegas, ibicuygbas, ou noz noscadas, & outras especies innumeraueis de paos reaes, preciosos. IDEM *Ib*. II. § 80. 158: A terra toda póde chamarse hum só bosque. Pello que, deixando por mão a frescura, & preciosidade dos cedros, angelins, quasi ebanos, carápinimas, mocetaybas, claraybas, pacuybas, maçarãdúbas, cibipyras, vinhâticos, putúmuyús, tapapinhoàs, peróbas, çapucâyas, jacarandâs, paos Reys vermelhos, amarelos, palmeiras, coqueiros: deixada outrosi a delicia das aruores, os balsamos, copaigbas, ibicuybas, icicatybas, jetaybas, salsafrazes, canafistolas, tamarinhos, quasi crauos, canelas, & c. deixando todas estas especies, descreuerei algũas sómente das q̃ saõ fructiferas, pera gosto dos que saõ curiosos. **1716** J. C. SEMEDO *Memorial* in *Brasília* III. (1946) 238: Do Rio de Janeiro, & algũas vezes do Pará, vem a Portugal dentro de hũs canudos o unguento chamado Bicuiva, o qual se faz da semente, ou fruto de hũa arvore chamada Becoybeira. **1730** ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 57. 36: As bicuîbas, saõ arvores tambem grandes, cujos frutos parecem nozes, como as noscadas; o seu miolo pizado distilla hum oleo finissimo, que se applica às dores, e curas gallicas com maravilhoso effeito. **1781** DURÃO *Caramurú* VII. ii. 212: A Copaiba em curas applaudida, | Que a Médica Sciencia estima tanto, | A Bicuiba no oleo conhecida, |. **1782** F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner., do Brazil* I. x. 171: A Biquiba hé hum poderozo antidoto contra a colica, que procede principalmente de cauza fria, e contra os flactos: [...]. **1801** in RAPM, II. (1897) 686-687: Generos vegetaes, Madeiras [...] Oleos de Biscoigba de Cupaigba; [...]. **1813** C. J. CARDOSO *Plantas de Minas Gerais* in RAPM, VII. (1902) 746: *Bicuibas*. Carossos, ou drupas, que produz huma arvore, quasi geral nos matos da Capitania, principalmente nos do Rio Doce, Piranga e Pomba: assemelha-se muito á noxmoscada, e se lhe extrahe por cozimento hum oleo espesso como sebo, muito anodino, emolinte e rezolutivo. Poderá custar 40 reis a libra. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* II. 37: [grande diversidade d'arvores de bom páu para construcção principalmente:] bycuhyba; [...]. IDEM *Ib*. II. 98: Entre as arvores de boa madeira para construção acha se [...] hybicuhyba. **1845** MARTINS PENA *Os Meirinhos* (ed. 1956, I. 444): — Ora venha êsse godorio da bela bicuiba. **1935** JORGE DE LIMA *Calunga* xix. 167: — Uma velha muito sábia ensinou que êle devia tratar o doente com a milagrosa planta chamada bicuiba que dava muito na chã da Atalaia.

bicuibeira *s.f.* Var.: 7 *becoybeira,* 8 *ibicuibeira* [< bicuib(a + -eira].

Bicuíba.

1716 J. C. SEMEDO *Memorial* in *Brasília* III. (1946) 238: Do Rio de Janeiro, & algũas vezes do Pará, vem a Portugal dentro de hũs canudos o unguento chamado Bicuiva, o qual se faz da semente, ou fruto de hũa arvore chamada Becoybeira. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* II. 81: Os epês, as ibicuibeiras, as sapucayas, e os piquias sam aqui assáz multiplicados: [...].

bicuibuçu *s.m.* Var.: 8 *bicuhybussú* [< T. *ï *ŋ* ïkuïu̯a'su < *ï *ŋ* ïku'ïu̯a + ü̯a'su 'grande'].

Planta da família das miristicáceas.

1817 CASAL *Corografia Brazílica* II. 37: [grande diversidade d'arvores de bom páu para construcção principalmente:] bicuhybussú; caixêta amarella, e branca:

biguá *s.m.* Var.: 6 *migua,* 7 *bigaz,* 7, 9 *biguá,* 8 *minguá* [< T. *ŋ* i'ü̯a ~ VLB I. 83: *Coruo marinho* = Miguâ].

Ave pelicaniforme, da família dos falacrocoracídeos, também chamada corvo-marinho.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 114: [...] outra Ave chamada — Migua — semelhantes a patos [...]. *c***1631** C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 185: migua he hũ pasoro tamanho como hũ gramde capão pardo pela barigua e pelo pesquoso e pelas azas preta e bramquo por baixo e As pomtas das azas e o rabo preto eles amdão sempre na auguoa nadamdo com o corpo de baixo dauguoa e o pesquoso e a cabesa fora dauguoa eles fazem tres filhos e os ouos cam e ha muito gramde camtidade e andam em bãdos em riba dos laguos de auguoa dose e comen peixe e he muito bom comer. **1751** A. ROLIM *Relação* in RIH, VII. (1846) 493: N'este mesmo dia [17 de dezembro], chegando ao pouso, foi tanto o bigaz que começou a levantar-se da agua, que cobriram os ares; e com o fogo que se lhe fazia das canôas, parecia uma descarga continuada; de sorte que as ultimas canôas ao principio entenderam que as primeiras andavam ás mãos com o Payagoa. Não sómente desta caça, mas de toda a mais, se achou bastante n'este rio. **1783** M. C. ABREU *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 258: Os biguás são mais pequenos e differentes no bico, por ser ponti-agudo. **1792** F. O. BARBOSA *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 23: Os passaros sáõ innumeraveis e de diversas qualidades, como são [...] biguás, tayuyús, [...]. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* II. 144: O minguá he uma especie de mergulhão, que esconde o corpo debaixo da superficie d'agua mostrando só a cabeça, e parte do seu extraordinario pescoço, parecendo uma cobra. **1911** A. MAIA *Tapera* 118: Aos silvos, garças transvoavam: pousados em sangas, ou sobresahindo de ramos, biguás, e socós contrastavam na linha nostalgica das attitudes immoveis a pressa bulhenta dos patos bravos e das marrecas aos grasnos; [...]. **1913** SIMÕES LOPES *Lendas do Sul* 11: A tambeira que só come trevo maduro, dá no leite o cheiro dôce do milho verde, o cérdo que come carne de bagual nem vinte alqueires de mandioca o limpam bem; e o sócó tristonho e o biguá matreiro até no sangue tem cheiro de pescado. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* i. 11: O longe estava bonito com muitos biguás e biguatingas avoando na entrada do furo.

bijupirá *s.m.* Var.: 5 *bigjuipirâ, beijupirá, beijuỹ pira, beijupira,* 6 *bejupira, beiupira,* 7 *beyjupirâ,* (*berupirá*), 8 *bijupirá* [< T. *ŋ* ïïu̯ipi'ra ~ VLB II. 147: *Uoador, certo peixe* = Migjuipirâ].

Peixe de mar da família dos raquicentrídeos.

*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 25*v*.: Este peixe Bigjuipirâ se parece cõ solho de portugal, e assi he qua estimado, e tido por peixe real, he mᵗᵒ sadio, gordo, e de mᵗᵒ bom gosto, ha infinidade delles, e algᵃˢ das ouas tem em grosso hũ palmo de testa. Tomaõ-se estes peixes no mar alto a linha com enzolo, o comprimᵗᵒ sera de seis ou sete palmos o corpo he redondo, preto p'las costas e branco p'la barriga. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxx. 199): Beijupirá é o mais estimado peixe do Brasil, tamanho e da feição do solho, e pardo na côr: tem a cabeça grande e gorda como toucinho, cujas escamas são grandes: quando êste peixe é grande é-o muito, e tem saborosissimo sabor: [...]. *c***1594** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 2133-2134: Beijuỹ pira saõ os solhos olho de boi saõ os atuũs, [...]. *c***1596** S. TRAVAÇOS *Declaração do Brasil* fl. 39*v*.: Ha huns peixes grandes como solhos, a que os negros chamaõ beijupira que quer dizer paõ e peixe, porque tudo he; [...]. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 118: [...] dos quoais [peixes] he bem que demos o primeiro luguar ao Regalado — Bejupira — por que creo delle que antre os demais peixes de posta pode leuar a palma a todos em bondade e que lhe fica muito enfirior o prezado solho da nossa espanha [...]. **1653** in ACS, III. (1946) 242: [...] E se uendera dito peixe pelos ditos obrigados na forma seguinte a cauala a corenta Reis Libra b[eiu]pira pelo mesmo preço e pescada pelos ditos dous uinteins, uermelho, caranha mero, garopa a uinte e sinco Reis, pampano, p[er tri]nta Reis, [...]. **1730** ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 70. 42: [...] dos naturaes, por serem infinitos, nomearemos só os mais notaveis, baleas, beyjupirâs, cavallas, garopas, vermelhos, corimãs, pampanos, carepebas, parûs, ubaranas, guaracemas, jaguaraçâs, camoropins, olhos de boy, dourados, e chareos; este ultimo, ainda que muito vulgar pela sua quantidade, merece especial noticia, pela grandeza da sua pescaria, e por ser o sustento dos escravos, e do povo miudo da Bahia. **1781** DURÃO *Caramurú* VII. lxviii. 217: Outros peixes, que proprios são do clima, | Berupirás, vermelhos, e o Garopa, |. **1894** TAUNAY *O Encilhamento* I.

ii. 26: — Todos sabem, que o bijupirá é o peixe mais fino e estimado da nossa bahia; infelizmente muito raro, vasqueiro como tudo. **1895** IDEM *Ib.* II. xxiii. 140: Assim, n'esse critico periodo, era a preocupação unica de Carcundal, visconde de Marapaio e esposo feliz da infeliz Elisa de Assis Valente, passar para diante as suas 18.500 acções da Companhia *Capital Federal e Nictheroy*, a tal pescaria e criação de bijupirás, que lhe haviam ficado de graça, por cima dos outros proventos de cunho perfeitamente illicito.

biribá *s.m.* Var.: 6 *biriua, beribases* (pl.), 7 *bribá*, 8 *biriba, beribá, embiriba*, 8-9 *biribá*. Cp. EMBIRA, IBIRIBA [< T. *ɲ ĩrĩ'ŋa < *'ɲ ĩra 'embira' (forma paralela de ĩ'ɲ ĩra 'fibra, filamento') + ĩ'ŋa 'fruta'].

Planta da família das anonáceas; o fruto desta planta.

*c***1631** C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 182: biriua he hũa aruore q̃ he coprida e tẽ grande folha a modo de castanheiro he m^to^ mole desy da hũa frutta redomda do tamanho de laramias grãodes cendo madura he amarela e casca he do feitio de pinha a frutta he boa pera a cabeça porq̃ he m^to^ fria e de bom gosto tem peuidias como de abobora negra desfase na boqua como aguoa. *a***1667** HERIARTE *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 173): [A cidade de Bellem] He alegre e cheia de arvores fructiferas, como sam laranjas, limões, limas, beribases. *c***1777** F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 263: [Arvore fructifera] Bribá. **1817** CASAL *Corografia Brasílica* II. 145: Fytologia. Entre outras arvores, que dam madeira para a construcção, e marcineria, nota-se [...] biriba, de cuja casca se faz estopa para calafetar. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 20: [...] *taperebás*, ou *cajás, genipapos, beribás, cutitiribás*, de uma massa amarella glutinosa, assás aromatica, cobrindo um caróço lizo; [...]. **1857** J. ALENCAR *O Guarany* (2ª ed., 1864, I. iv. 43): Quando o indio satisfez o prazer de contemplar o seu captivo, quebrou na mata dous galhos seccos de biribá, e roçando rapidamente um contra o outro, tirou fogo pelo attrito e tratou de preparar a sua caça para jantar. [*Nota do Autor à pág. 356*]: Era a arvore com que os indigenas tiravão fogo por meio do attrito, roçando fortemente um fragmento de encontro ao outro. B. da S. Lisboa, *Annaes*. **1878** F. TÁVORA *O Matuto* xii. 150-151: Por onde corria a rua dos negros, composta de vinte a vinte cinco casinhas, de cada lado, veem-se adjuntos de embiribas e jucás. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* xvii. 257: Tudo o que Macunaíma pegava ela engulia, tamorita mangarito inhame biribá cajuí guaimbê uxí ingá bacurí cupuassú pupunha taperebá graviola, tôdas essas comidas do mato.

bocaiúva *s.f.* Var.: 7 *bocayuba*, 7-8 *bocayuva*, 8 *bocayúva* [< T. *ɲ oka'ĩŋa].

Palmeira da subfamília das ceroxilíneas.

1734 in RAPM, XXIII. (1929) 243: [...] gastámos na sua fabrica 12 dias abrigados á sombra daquelles mattos, e como perdemos os anzoes e linhas, perdemos tambem gosto ao peixe, e nos valiamos do palmito bocayuba, que depois de esfolado, e feito em uns pequenos pedaços seccavamos ao fogo, e secco o soccavamos em uma pedra, e o comiamos em mingáos. **1792** F. O. BARBOSA *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 30: e nas suas margens [rio Cuxym] se encontram com abundancia duas qualidades de palmeiras, cujos nomes são guacuris e bocayuvas. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* I. 270: [No rio Cochim] onde se encontram em grandissima quantidade duas castas de palmeiras, chamadas umas *guacuriz*, outras *bocayúvas*. IDEM *Ib.* 282: [...] costumando divertir-se [os Guaycurús] por differentes maneiras, quando bem lhes parece, só tem uma festividade periodica no apparecimento do Sete estrello, como precursor do tempo de sazonarem os côcos das bocayuvas, que lhes servem d'alimento; [...]. **1875** MACHADO DE ASSIS *Americanas* 55: "— A bocayuva tres vezes | No tronco amadureceu, | Desde o dia em que o guerreiro | Sua espôsa recebeu.

‖ **bocima:** v. abon.

*c***1594** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 221: [Peixes] Bocima he Roin, guarabebe taõbẽ.

boicinimpeba *s.f.* Var.: 5 *boiciningbéba, boitenj̃peba*. Cp. BOICININGA [< T. ɲ oisinĩ'peŋa < ɲ oisi'niŋa + 'peŋa 'chato, plano'].

Cobra cascavel; cp. BOICININGA.

*c***1584** CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 17*v.*: Ay outra [cobra] chamada Boiciningbéba: esta tambẽ tem cascauel, mas mais piqueno, he preta, e tem muita peçonha. *c***1594** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1254-1257: [...] saõ [cobras] mais piquenas boitenj̃peba tẽm mais peçonha mordẽ de salto jũtando a cabeça cõ a ponta do Rabo o Remedio q̃ tẽ he cortarẽ logo o mẽbro mordido pera escapar se naõ tẽ ahi logo cõtrapeconha.

boicininga *s.f.* Var.: 5 *boiteninga, boitenj̃gua*, 5, 8-9 *boicininga*, 6 *boiteninga*, 7 *xenninga* [< T. ɲ oisi'niŋa < 'ɲ oŋa 'cobra' + si'niŋa 'retinir' ~ VLB I. 76: *Cobra* = Boya Gnro. suas especies são muitas (...) A dos cascaueis Boitininga (...). *Ib.* II. 104: *Retinir como o metal* = Acining. Acinininga].

Cobra da família dos viperídeos; cascavel.

[**1560** ANCHIETA *Carta* in S. Leite *Cartas* III. (1958) 216: Aliud genus dicitur *bõicininga*, id est, coluber tinniens, habet enim in cauda crepitaculum quoddam, quo sonat aliquid invasurus.] *a***1576** GÂNDAVO *Trat. Prov. Brasil* (ms. do British Museum) 1260-1265: Outra geração ha dellas q̃ lhe chamão Boiteninga, tem na ponta do Rabo hũa cousa q̃ soa propriamẽte como cascauel & por onde esta cobra vay sempre anda rogindo. He hũa das feras bichas q̃ ha na terra. *c***1584** CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fls. 17-17*v.*: Boicininga. Esta cobra se chama de cascauel, he de grande peçonha: porẽ faz tanto ruido com hũ cascauel q̃ tem na cauda, q̃ a poucos toma: ainda q̃ he tão ligeira q̃ lhe chamaõ a cobra q̃ voa: seu comprimento he de doze, e treze palmos. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXII. 159): Boicininga quer dizer cobra que tange, pela lingua do gentio; as quais são pequenas e muito peçonhentas quando mordem; chamam-lhe os Portuguêses cobras de cascavel, porque tem sôbre o rabo uma pele dura, ao modo de reclamo, tamanha como uma bainha de gravanço, mas é muita aguda na ponta que tem para cima, onde tem dois dentes com que mordem, que são agudos. Esta bainha lhe retine muito, quando andam, pelo que são logo sentidas, e não fazem tanto dano. *c***1594** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1249-1253: Boitenj̃gua ha duas castas tẽ em seus rabos cascaueis q̃ soaõ por bõ espaço e tãge quãdo morde tẽ grande peçonha corre m^to^ saõ groças e de cõprim^to^ dez palmos. **1610** J. MONTEIRO *Rel. da Provincaa do Brasil* in S. Leite *Hist.*, VIII. (1949) 422/423: Há umas [cobras], que chamam boiteninga, cobra que soa, por terem no rabo uns cascavéis, os quais soam por bom espaço: são ao modo de tremoços ou favas de Alentejo, metidas nas bainhas. São irremediáveis suas mordeduras, pera o que a natureza lhe deu este sinal, que serve de aviso a quem no ouve; são mui mal inclinadas, e correm após aqueles, que querem morder, com tanta velocidade que parece que voam, e por isso lhe chamam os Índios *boigbebe*, cobra que voa. São amarelas, tiram alguma coisa pera pardo. **1716** J. C. SEMEDO *Memorial* in *Brasília* III. (1946) 243: Nas terras do Brasil se crião humas cobras tão venenosas, que mordendo em qualquer parte do corpo, communicão repentinamente hũa qualidade taõ pestilente ao sangue, que o adelgaça, & faz sahir do corpo com tal furia, que sahe pelos ouvidos, pela boca, pelo nariz, pelos olhos, pelo cano da ourina, atè se esgotar, & morrer a pessoa mordida. Chama-se esta cobra naquellas terras Xenninga, & entre os Inglezes se chama Ratthe-Inakes. **1865** J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, iv. 27): O irmão de Iracema tem o ouvido subtil que pressente a boicininga entre os rumores da matta; [...]. [*Nota do Autor, à pág. 208*] *Boicininga* — é a cascavel, de *boio* — cobra e *cininga* — chocalho. *a***1871** CASTRO ALVES *A Cachoeira de Paulo Afonso* (1876) 55: Mas ai! La ruge proxima | A correnteza horrida, | Como da zona torrida | A boicininga á urrar... **1871** B. GUIMARÃES *Lendas e Romances* II. vi. 180: As corujas e morcegos, batendo as azas espantados, esvoaçarão pelo matagal, a boicininga sacudiu o seo chocalho, e um mugido medonho reboou nas profundidades da sinistra caverna. **1872** J. ALENCAR *Til* III. viii. 81: Attrahidos por um impulso mysterioso, volveram-se os olhos de Bertha, e cahiram sobre a boicininga, cujas pupillas fulvas, fulguravam na sombra, jorrando em ondas uma luz phosphorescente, como as chammas sulphoreas, que se levantam do seio da terra volcanica e retalham o negrume da noite. IDEM *Ib.* III. viii. 83: A mesma caimbra que retrahiu o dorso flexuoso da boicininga espasmou o talhe gracil de Bertha, como si uma força unica regêra a vida nessas duas organisações. **1872** B. GUIMARÃES *Hist. e Trad. Minas* III. iii. 221: — Cala-te, filha de Anhangá! — bradou o índio rugindo e batendo o pé com força; — não quero mais te escutar, boicininga enganadora... ou hoje ou nunca!... **1913** SIMÕES LOPES *Lendas do Sul* 41: A Boicininga a cascavel amaldiçoada toda — se meneava, chocalhando os guizos, como por avizo, fueirando o ar com a lingua, como por prova [...].

boiobi *s.m.* Var.: 5 *boiubu* [< T. ɲ oŋo'ɲ ĩ < 'ɲ oŋa 'cobra' + o'ɲ ĩ 'verde, azul' ~ VLB I. 76: *Cobra* = Boya Gnro. suas especies são muitas (...) Boyobỹ. Giboya. grandissima da terra (...)].

Cobra verde, espécie de jibóia.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXIII. 161): Boiubu quer dizer cobra verde, que não são grandes, e criam-se no campo, onde se mantêm com ratos que tomam. Estas também mordem gente se podem, mas são muito peçonhentas, as quais se enroscam com as lagartixas, ratos e com outros bichos com que se atrevem, que também matam para comer.

boioçu *s.m.* Var.: 6 *boasu*, 9 *boi-guassú* [< T. ɲ oŋu'su < 'ɲ oŋa 'cobra' + u'su grande' ~ VLB I. 107: *Drago, ou dragão* = Boyuçû. Giboyuçû. *Ib.* II. 117: *Serpente* = Boyuçû].

Espécie de cobra; sucuri.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 137: [...] outra sorte ha tambem

de cobra muito mais grande a que chamaõ os jndios boasu — e nos cobra de veado — por que comem engolindo hũ inteiro coando o tomão — cação dependuradas sobre Aruores e de salto fazem a sua prẽza e já soçedeo arremesarense a homẽns que matarão com lhe meterem o Rabo pello seso por ser parte aonde loguo acodem com elle e destas semelhantes cobras vi eu hũa tão grande que tenho temor de dizer a sua grandeza temendo de não ser crido (...). **1913** SIMÕES LOPES *Lendas do Sul* 11: Começou depois a mortandade dos bichos e a boiguassú pegou a comer as carniças.

boioçupecanga *s.f.* Var.: 5 *boicupecanga, bojoçu pecangua* [< T. *ᵒɲ* oiusupe'kaŋa < *'ɲ* oja 'cobra' + u'su 'grande' + 'peŋa 'chato' + 'kaŋa 'espinha' ~ VLB I. 76: *Cobra* = Boya Gnro. suas especies são muitas (...) Boycupecãga. Boyobŷ (...); *Ib.* I. 126: *Espinha de peixe ou qualquer* = Canga.].

Espécie de cobra.

*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 17: Ay outra, a qual se chama Boicupecanga .i. [*id est* = isto é] cobra q̃ tẽ espinhos p'las costas, he mᵗᵒ grande, e grossa, as espinhas são muito peçonhentas, e todos se guardaõ muito dellas. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1206-1207: Bojoçu pecangua cobra q̃ tẽ espinhos p'los lombos.

boipeba *s.f.* Var.: 6 *boigbebe*, 7 *boyapeba, boyapéba* [< T. *ɲ* oi'peŋa < *'ɲ* oja 'cobra' + 'peŋa 'chato' ~ VLB I. 76: *Cobra* = Boya Gnro. suas especies são muitas. As q. matão. Jararaca. Boypeba; (...)].

Cobra da familia dos colubrídeos.

[1560 ANCHIETA *Carta* in S. Leite *Cartas* III. (1958) 217: Sunt et alii fere iidem qui *jararáca*, qui *bóipéba*, hoc est, colubri plani appellantur, eo quod percussi contrahant se et latiores fiant, itidem mortiferi.] **1610** J. MONTEIRO *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.*, VIII. (1949) 422-423: São irremediáveis suas mordeduras, pera o que a natureza lhe deu este sinal, que serve de aviso a quem no ouve: são mui mal inclinadas, e correm após aqueles, que querem morder, com tanta velocidade que parece que voam, e por isso lhe chamam os Jndios *boigbebe*, cobra que voa. São amarelas, tiram alguma cousa pera pardo. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH. XIII. (1872) 258: [Reptil terrestre] Boyapeba, venenosa. IDEM *Ib.* 260: [Reptil aquatico] Boyapéba.

boipiranga *s.f.* Var.: 7 *boya-piranga* [< T. *ᵒɲ* oipi'raŋa < *'ɲ* oja 'cobra' + pi'raŋa 'vermelho' ~ VLB II. 144: *Uermelha cousa* = Piranga].

Espécie de cobra.

*c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 260: [Reptil aquatico] Boya-piranga ou vermelha.

boiquatiara *s.f.* [< T. *ɲ* oikua'tiara < *'ɲ* oja 'cobra' + kua'tiara 'pintura' ~ VLB I. 76: *Cobra* = Boya Gnro. suas especies são muitas. As q. matão. Jararaca. Boypeba; Çurucucuc; Boycoatiara, (...). *Ib.* II. 78: *Pintura, substantiue* = Coatiara].

Espécie de cobra.

[1560 ANCHIETA *Carta* in S. Leite *Cartas*, III. (1958) 216: Sunt et alii qui ab Indis propter diversam picturae varietatem *bóiquatiára*, id est, colubri picti dicuntur,].

boitatá *s.m.* Var.: 7 *baetatá*, 8-9 *boitatá*, 8 *mboitátá*, 9 *boi-tatá* [< T. *ɲ* aeta'ta < *ɲ* a'e 'coisa' + ta'ta 'fogo' ~ VLB I. 85: *Cousa* = Baê. *Ib.* I. 140: *Fogo* = Tatã ~ Na var. *boitatá* houve intercorrência do T. *'ɲ* oja 'cobra' que ocorre em inúmeros tupinismos (cp. BOICININGA, BOIPEBA etc.); daí a razão da equivalência: boitatá = cobra de fogo].

Fogo-fátuo.

[1560 ANCHIETA *Carta* in S. Leite *Cartas* III. (1958) 235: Sunt. et alii in littoribus maxime, secus mare et flumina versantes, qui *baé tatá*, hoc est res ignis appellantur, quod idem est ac si dicas aliquid quod totum est ignis.]. **1706** M. BERNARDES *Nova Floresta* I. x. § III. 402: O P. Joseph da Costa da Companhia de Jesus refere entre as noticias do mundo novo, que se vem andar vagando pelos bosques muitos destes espiritos, a que os naturaes chamaõ Curopirá: e outros nas aguas a que chamaõ Igpupiará; e outros nas praias do mar e ribeiras dos rios, que chamaõ Baetatá: estes levaõ diante de si fogo inquieto, que discorre a huma, e outra parte; (...). **1872** TAUNAY *Inocência* (2ª ed., 1884, viii. 90): Tambem a gente anda por estas estradas afóra como se fosse alma do outro mundo a penar... algum curupira... ou boitatá... Cruzes! **1874** J. ALENCAR *Ubirajara* ii. 65: — Chama-ao hospede Boitatá, porque elle tem os olhos da grande serpente de fogo, que vôa como o raio de Tupan. **1876** COUTO DE MAGALHÃES *O Selvagem* II. v. 138: O mboitátá é o genio que protege os campos contra aquelles que os incendeiam; (...). **1911** A. MAIA *Tapera* 125: Contavam-lhe lendas, em macabro desfile na sua imaginação assustadiça: era o *boi-tatá*, a cobra da grande noite, que devorára os olhos de todos os animaes mortos; (...). **1913** SIMÕES LOPES *Lendas do Sul* 5: Vem da Ibéria, a topar-se com a injenua e confuza tradição guaranitica (v. g. a lenda da M'boi-tátá), a mescla cristã-arabe de abuzões e misticismo, dos encantamentos e dos milagres; desses elementos, confundidos e abrumados (P. ex. a salamanca do serro do Jarau), nasceram idealizações novas e tipicas, adaptadas ou decorrentes do meio fizico e das gentes ainda na crassa infancia das concepções. IDEM *Ib.* 12: Não conheceram e julgando que era outra, muito outra, chamaram-na desde então, de boi-tátá, cobra de fogo, boi-tátá, a boi-táta. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* iii. 38: Botaram o anjinho numa igaçaba esculpida com forma de jaboti e pros boitatás não comerem os olhos do morto o enterraram mesmo no centro da taba com muitos cantos muita dansa e muito pajuarí.

boitauá *s.f.* Var.: 7 *boyatauá* [< T. *ᵒɲ* oita'ũa < *'ɲ* oja 'cobra' + ta'ũa 'barro amarelo' ~ VLB I. 52: *Barro branco como cal* = Tobatinga. Outro amarello com q̃ se dá cor á louça. Tagoá (...)].

Espécie de cobra.

*c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 260: [Reptil aquatica] Boyatauá ou amarella.

boitiapuá *s.f.* Var.: 5 *boytiapoá, boitiapóia, boitimapoã*, 6 *boitim apoá* [< T. *ɲ* oitĩa'poã < *'ɲ* oja 'cobra' + 'tĩ 'focinho' + a'poã 'beiço, lábio superior' ~ VLB I. 140: *Focinho de qualquer animal* = Tĩ; *Ib.* I. 53: *Beiço de cima* = Apoã].

Espécie de cobra.

*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 16*v*.: Ay outra [cobra] chamada Boytiapoá .i. [*id est* = isto é] cobra q̃ tem o fucinho cõprido, he mᵗᵒ delgada e comprida, e sustentase somᵗᵉ de raãs, tẽ os Jndios com esta hũ agouro q̃ quando a molher nam tem filhos tomaõ esta cobra, dando lhe com ella nas cadeiras e dizem que logo ha de parir. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXII. 159): Boitiapóias são cobras de cinqüenta e sessenta palmos de comprido e muito delgadas, que não mordem a nada; porque tem o focinho muito comprido, e o queixo de baixo muito curto; onde tem a bôca muito pequena e não podem chegar com os dentes a quem querem fazer mal, porque lho impede o focinho; (...). *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1199-1201: Boitimapoã he [cobra] delgada he parda he fea cõ esta dam as molheres aos maridos pera terẽ filhos. **1610** J. MONTEIRO *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.*, VIII. (1949) 422: Há mais outra, [cobra] chamada boitim apoá, que quer dizer cobra que tem o focinho comprido. É mui feia, comprida, delgada. Mantém-se de rãs e bichinhos. Têm os Índios este agouro: quando a mulher é maninha, tomam esta cobra e açoutam-na com ela pelos lombos, então dizem que logo hão-de ter filhos. A estas, aonde quer que as acham, não as matam.

boiúna *s.f.* Var.: 5 *boyúna*, 5, 9 *boiúna*, 5 *bajuna*, 9 *boiuna* [< T. *ɲ* oi'una < *'ɲ* oja 'cobra' + 'una 'preto'].

Cobra.

No folclore amazonense, a boiúna foi identificada com a mãe-d'água, entidade maléfica que persegue e ataca os homens e os animais. Nas abonações de 1928 e 1938 o voc. é usado nesse sentido.

*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 16*v*.: Ay outra [cobra] a qual se chama Boyúna .i. [*id est* = isto é] cobra preta, he mᵗᵒ cõprida, e delgada tambẽ cheira mujto a rapozinhos. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cx. 155): Boiúna é outra casta de cobras, que se criam na água, nos rios do sertão, as quais são descompassadas de grandes e grossas, cheias de escamas pretas, e tem tamanha garganta que engolem um negro sem o tomarem, entanto que quando o engolem ou alguma alimária, se metem na água para o afogarem dentro, e não saem da água senão para remeterem a uma pessoa ou caça, que anda junto ao rio; (...). *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1203-1204: Outra [cobra] Bajuna cõprida e delgada tẽ o mesmo preto e cheiro. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* iv. 44: Depois que brincãmos feito dôidos entre sangue escorrendo e as florzinhas de ipê meu vencedor me carregou no ombro me jogou na ipeigara abicada num esconderijo de aturiás e frexou por largo rio zangado, fugindo da boiúna. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* vi. 74: O aspecto da bahia, visto agora, tornava-se bem differente do encontrado no naufragio do *Anajatuba*. [no naufragio a bahia foi] cortada pelo tragico vagalhão das iras sinistras da mãe dagua, dessa terrivel boiuna, que assombra e enlouquece.

‖ **borarí, bororê**: v. abon.

1763 J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 501: Despedem-se [os indios *Chiquiriás* e *Croazes*] brevemente e vão correndo ao mato a encurvar arcos e apontar as frechas untando-lhes as pontas farpadas com a venenosa massa de borarí. *c*1767 J. DANIEL *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, II. (1840) 446: Ainda é mais refinado outro veneno, a que chamão *Bororé*, muito célebre e uzado dos Indios, especialmente dos bravos, por hervarem com elle as suas flechas, que são

as suas armas offensivas e defensivas, e uzuaes para matarem a seus inimigos, e talvez uns aos outros.

boré *s.m.* [< T. * *ɳ* o're].

Espécie de flauta indígena.

1846 G. Dias *Primeiros Cantos* (ed. 1865, I. 5-6): Se as matas estrujo | Co'os sons do Boré, | Mil arcos se encurvão, | Mil setas lá vôão, | Mil gritos rebôão, | Mil homens de pé | Eis surgem, respondem | Aos sons do Boré! | — Quem é mais valente, | — Mais forte quem é? Idem *Ib.* 217: *Boré,* instrumento musico de guerra; dá apenas algumas notas, porêm mais asperas, e talvez mais fortes que as da Trompa. **1851** Idem *Últimos Cantos* (ed. 1865, II. 86): E em Guanabara esplendida | As danças dos guerreiros, | E o guáu cadente e vário | Dos moços prazenteiros, | E os cantos da victoria | Tangidos no boré. **1865** J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, v. 29): Eis retroa o boré pela amplidão do valle. [*Nota do Autor, à pág. 208*]: *Boré* — frauta de bambú, o mesmo que muré. **1869** B. Guimarães *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. vi. 100): Itagiba transportado de amor enlaçou ao peito a fronte radiante de Guaraciaba; já seus labios se tocavão nas delicias do primeiro beijo de amor... subito um rumor, que se avizinha, chega-lhes aos ouvidos; ouvem-se gritos selvaticos, latir de cães, sons de borés e tropear de caçadores. **1874** J. Alencar *Ubirajara* vi. 97: Os musicos fizeram retroar os borés, annunciando o começo da festa; [...]. Idem *Ib.* 103: Soaram os borês; e ao som do canto de triumpho entoado pelos nhengaçaras, os chefes e os guerreiros saudaram o vencedor dos vencedores. **1875** Idem *O Sertanejo* II. xvi. 296: — Anhamun recebeu sua flecha que tu lhe mandaste, chefe dos tapijaras; e soprou o boré para convocar os seus guerreiros. **1895** Coelho Neto *Miragem* II. iv. 204: [...] trilhados pelas patas beluinas ou pelas tribus guerreiras, que emigravam de épocas em épocas, assustando as aldeias com os estrupidos dos borés selvagens. **1918** Monteiro Lobato *Urupês* 216-217: O indianismo está de novo a deitar copa, de nome mudado. [...]; o boré descahiu lamentavelmente para pio de inambú; [...]. **1922** M. Andrade *Paulicea desvairada* 121: Só aguentam o *rubato* lancinante violinos, flautas, clarins, bateria e mais borés e maracás.

braúna *s.f.* Var.: *α.* 7-8 *brauna,* 8 *brahúna,* 8-9 *braúna,* 8 *b'raúna,* 9 *baraúna, barahuna; β.* 8 *gurahúna, garaúno, graúna, grauna.* Cp. ibiraúna [< T. ĩ*ɳ* ĩra'una < ĩ*ɳ* ĩ'ra 'madeira, árvore' + 'una 'preto' ~ VLB II. 27: *Madeira ou madeiro, gnlr.* = Igbirâ].

Árvore de grande porte, da família das leguminosas, cuja madeira é muito utilizada em construção.

1765 in RAPM, VIII. (1903) 306: [...] huã pipa de brauna com arcos de ferro e dous coxos grandes de Guarapa. **1806** Idem VI. (1901) 769: [...] tambem do páu brauna fervido se extrahe a tinta preta; [...]. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 96: [Entre outras arvores de boa madeira para construcção, carpinteria, e marcineria tem lugar distincto a] Brahúna, ou maria-prêta. Idem *Ib.* II. 37: [grande quantidade d'arvores de bom páu para construcção principalmente:] gurahúna; [...]. Idem *Ib.* 111: Variedades de boas madeiras como [...] sebastião d'arruda, gonsalo alves, páu-d'arco, páu-brazil, braúna. Idem *Ib.* 145: Fytologia. Entre outras arvores, que dam madeira para a construcção, e marcineria, nota se [...] garaúno. **1856** D. Magalhães *A Confederação dos Tamoyos* I. 14: Outros nos densos mattos mutilavam | Arabutans, jacarandás, graúnas, |. **1868** M. A. Porto Alegre *Brasilianas* 59: Sem mais esforços da sciencia e da arte, | Bizantinas columnas se ergueriam, | Naves sombrias, porticos soberbos, | Sustendo a cup'la engrinaldada e mobil | D'esse portento de verdura e nardo: [...], graunas magicas ! Que illesas mil incendios atravessam; [...]. *a***1871** Castro Alves *A Cachoeira de Paulo Afonso* (1876) 45: E calado ficou... Do pranto as bagas ! Pelo moreno rosto deslisaram, | Qual da b'raúna, que o machado fere, | Lagrimas saltam de um sabor amargo. **1874** J. Alencar *Guerra dos Mascates* II. xi. 151: Do outro lado do bufete, a irmã D. Antonia Barbalho, mãi de Leonor, fia em uma roca de braúna as alvas pastas de algodão que enchem o cabaz de palha posto a seus pés. *a***1875** Varela *Avulsas* in *Obras Completas* (ed. 1896, I. 277): À sombra da graúna gigantesca | Sabia eu meditar. **1875** J. Alencar *O Sertanejo* II. viii. 134: É uma ramalhuda braúna, já serrada pelo topo e que á um empurrão do Aleixo Vargas cahirá sobre o caminho, trancando-o com uma sebe viva e emmaranhada. **1898** A. Arinos *Pelo Sertão* 6: E emquanto a Camaradagem, meio obtusa com aquella resolução inesperada, saltava das sellas, ao guizalhar das rosetas no ferro batido das esporas, e os tocadores, acudindo de cá e de lá, iam amarrando nas estacas os burros, divididos em lotes de dez, Manuel Alves, o primeiro em desmontar, quedava-se de pé, recostado a um moirão de braúna, chapéo na corôa da cabeça, cenho carregado, faca núa apparelhada de prata, cortando vagarosamente fumo para o cigarro. **1902** E. Cunha *Os Sertões* 46: [...] as carahybas e baraúnas altas refrondescem á margem dos ribeirões refertos; [...]. Idem *Ib.* 251: Então — nas quadras indecisas entre a *secca* e o *verde,* quando se topam os ultimos fios de agua no lodo das ipueiras e as ultimas folhas amarellecidas nas ramas das baraúnas, e o forasteiro se assusta e foge ante o flagello imminente, [...]. **1914** Coelho Neto *Rei Negro* x. 456: Firmou-se, puxou de novo e sacudia-a frenetico quando descobriu a corda cruzando-se entre as travessas e o grosso moirão de braúna. **1929** A. Peixoto *Sinházinha* xviii. 173: "Aquilo" é "fixe" que nem cerne de braúna. **1938** G. Ramos *Vidas Secas* 24: Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as barahunas. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 282: O caminho-fundo corta uma floresta de terra bôa. onde cansa à gente olhar para cima: árvores velhas, de tôdas as alturas — braçudas braúnas, [...].

bubuia *s.f.* [< T. *ɳ* c' *ɳ* uja ~ VLB II. 21: *Leve ser, o contrario de Pesado* = Abebuy].

Ação de boiar, flutuar; de bubuia, *loc. adv.*, boiando ao sabor da corrente.

1895 J. Veríssimo *A Pesca na Amazônia* I. v. 65: O anzol iscado deve ficar a cerca de meio palmo do fundo, descendo até este o resto da linha com um peso na extremidade. Introduzido n'agua com a cautela havida no retirar da ceva, fica o caniço de bubuia, á beira da canôa, a geito do pescador. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* iii. 40: Perdidos á distancia, homens, mulheres, crianças, animaes agarravam-se aos despojos de bubuia..

buçu *s.m.* Var.: 7, 9 *bossú,* 8 *bussú, bossu, buçú* [< T. * *ɳ* u'su].

Espécie de palmeira; cp. ubuçu.

1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 65: A igreja [em Carrazedo] é pobrissima, coberta de rama de uma arvore chamado bossú, que se parece com a palmeira; [...]. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 11: São infinitas as especies de palmeiras, além do assahy, bacába, patauá, e muritî (*Mauricia Lin.*) a maior de todas, he mais notavel o *bussú*; a cobertura das casas com sua folha, algumas das quaes tem quatro braças de comprido e duas de largo, dura dezoito annos, especialmente, se apanha o fumo; o fructo que produz existe coberto com uma casca flexivel e fibrosa, que chamam *tururi,* da qual fazem chapeos; [...]. **1876** Couto de Magalhães *O Selvagem* II. iv. 89: [...] é uma vasta choça levantada sobre seis ou doze forquilhas, aberta de todos os lados e mal coberta com palmas de bossu ou inajá. **1895** J. Veríssimo *A Pesca na Amazônia* I. ii. 20: Meia duzia de páos toscos servindo de esteios, vigas e caibros formam a armação desse edificio primitivo que coberto por todos os lados de palha de buçú (*Manica saccifera*) de curuá (*Attalea*) [...]. **1910** H. Campos *Poeira* 207: É nas ilhas, no centro, alta noite. Deitado | Em palhas de bossú, num misero casebre, | Sem conforto, sem luz, sem uma alma a seu lado; | [...] — Um pobre seringueiro esqueletico morre...

‖ **buijeja:** v. abon.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxvii. 169): Também se criam outros bichos na Bahia mui estranhos, a que os indios chamam buijeja, que são do tamanho de uma lagarta de couve, o qual é muito resplandecente, em tanto que estando de noite em qualquer casa, ou lugar fora dela, parece uma candeia acesa, e quando anda é ainda mais resplandecente. Tem êste bicho uma natureza tão estranha que parece encantamento, e tomando-o na mão parece um rubim mui resplandecente, e se o fazem em pedaços, se torna logo a juntar e andar como dantes; [...].

‖ **burahu:** v. abon.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 116*v.*: [...] outros passarinhos ha que naõ se mostraõ senaõ ao por do sol ja case noite em grandes bandos e naõ piquena gralheada aque chamaõ-burahu- e eu os comparo aos haivois [*scil.* aivões] da nossa terra. [No VLB I. 28 registra-se: *'Aiuão passaro* = Migjui'. O T. *ɳ* ĩju'i (*migjui* na transcrição do VLB) poderia, em princípio, ser a origem daquela estranha var. port. *burahu.* Da referência expressa do texto dos *Diálogos* à vida noturna dessa ave talvez se possa inferir, também, que se trata de uma espécie da ordem dos caprimulgiformes; cp. o T. ĩ*ɳ* ĩja'u, que designa o noitibó, da família dos caprimulgídeos, ordem dos caprimulgiformes: v. ibijaú].

buranhém *s.m.* Var.: 5 *ubiraém,* 6 *buraem,* 7 *burayém,* 8 *buranhé,* 8-9 *buranhem,* 8 *buranhêm,* 9 *burahem* [< T. ĩ*ɳ* ĩra'eẽ ~ VLB I. 17: *Gauea de nauio* = Igbigranhač].

Árvore da família das sapotáceas, cuja madeira foi muito utilizada na fabricação de navios (v. abon. 1587, 1618, 1644 e 1711).

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxvi. 59): Ubiraém é outra árvore real, de que se acham muitas de vinte palmos de roda para cima, de que se fazem gangorras, mesas, virgens, esteios dos engenhos, e tabuado para navios, e outras obras, cuja côr é amarelaça; não muito pesada, e boa de lavrar. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iii. fl. 85: [...] e assim diguo que as madeiras de que tenho noticia e me alembra a callidade dellas saõ estas, [...] buraem, de que se faz taboado pera nauios caze encorruto [...]. **1644** *Livro de Contas* in DHA, II. (1956) 295: por 7 dusias e 7 taboas de buraem para os fundos das Barcas com o mais q̃ nelas se ouue mister a 7500 e a 8v rs.

duzia 57v 260. 1711 A. J. Antonil *Cultura e Opulência do Brasil* I. II. viii. 57: [...] os forros, & costados, de Utim, Paróba, Burayém, & Unhuiba: [...]. 1817 Casal *Corografia Brazílica* I. 95: Entre outras arvores de boa madeira para construcção, carpinteria e marcineria tem lugar distincto a Ajetahvpéta, o Buranhé, o Cedro, o Condurú, o Coração-de-negro, Golçalo Alves, Jacarandá, Jacarandatan, Jacarandá-mulato, Jequitibá, Jetahy, Louro, Massaranduba, Mocetahyba. Idem *Ib.* II. 75: Fytologia. Entr'outras muitas arvores de boa madeira nomea-se o vinhatico, aderno, [...] biriba, buranhem. 1878 F. Távora *O Matuto* xx. 264: Da mão, em vez do chiqueirador de buranhêm que trazia, pendia agora uma catana fóra da bainha. 1934 G. Ramos *S. Bernardo* xxxvi. 214: E, em manhãs de inverno, tangendo os cargueiros, dando estalos com o buranhem, de alpercatas, chapeo de ouricuri, alguns nickeis na capanga, beberia um gole de cachaça para espantar o frio [...]. 1935 Jorge de Lima *Calunga* vii. 73: — Mal saia do delinio o coronel desconfiava chamava Joaquina, batia-lhe com o burahem pra ela dizer se as moleconas tinham furtado as moedas das barricas do quarto.

buri *s.m.* Var.: 5-6 *bori, mury* [< T. *ɱ u'ri].

Espécie de palmeira.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lv. 26): Há outras palmeiras que chamam bori, que tem muitos nós, que também dão côcos em cachos, mas são miudos; estas tem a folha da parte de fora verde e da de dentro branca, com pêlo como marmelos, as quais também dão palmitos muito bons. 1645 *Livro de Contas* in DHA, II. (1956) 364: [...] por 60 Rosarios de bori a 100 rs e 54 meios Rozr.os a 50 rs p.a o coll.o 8v 700. 1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 47): São os dilatados campos de canarana e de mury de onde se eleva isolada uma ou outra palmeira caraná ou jauary, [...]. Idem *Ib.* 56: Outros, descorçoados dos lugares fundos, "varam" a canôa por sobre os estensos campos de *mury* e vão gapuiar no baixio, onde dorme tranquillo o grande peixe.

buriqui *s.m.* Var.: 5 *beriqui*, 6 *berequig*, 8 *buriquí* [< T. ɱ ĩrĩ'ki ~ VLB I. 56: *Bogio não tem genero.* Os menores Caguî (...) outros maiores: Caî: e Caiguaçu, os de rosto e pernas compridas. Biriggui. Os de barba assi os ruivos como os pretos. Aquigquig, Çaguaçu].

Macaco da família dos cebídeos.

*c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1114-1116: Os beriquis saõ taõbẽ [bugios] grandes e fremosos [...] saõ malẽconizados. 1610 J. Monteiro *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.* VIII. (1949) 421: Há outros, [bugios] a que chamam *berequig*, são da mesma grandeza, que os *aquequis*, mas mais fermosos, e mais malenconizados. 1817 Casal *Corografia Brazílica* I. 217: [...] e a septentrional [uma das tres entradas da bahia de Santos] Bertióga por corrupção de *Burióquióca*, que significa caza, ou caverna de *buriquís*, casta de macacos, [...].

buriti *s.m.* Var.: α. 6 *morety, moritim, morutim, mority, muruty*, 7 *marotim*, 8 *muriti, murity, muryti*, 8-9 *miriti, mirity*; β. 7-9 *buriti*, 7 *brutí*, 8 *brutíz, burety, bority*, 8-9 *burity* [< T. *ɱ ĩrĩ'tĩ].

Espécie de palmeira (*Mauritia vinifera* Mart.); buritizeiro.

*c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 182*v*.: Morety he outro modo de palma m.to comprida e no alto tem hũa roda q̃ fas cõ a folhada e da hũs cachos de coquos m.to grandes a fruta he do tamanho de maracotons redondos a cor da frutta de auinhada [...] a fruta se come. *a*1667 Heriarte *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4.a ed., 1951, III. 186): As molheres [dos Encabelados] cobrem as partes vergonhosas com panos que fazem de uma estopa que tirão das arvores. São amigas de concertar a cabeça com fitas que fazem de *moritim*. *c*1698 J. F. Betendorf *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 169: — Fiz então um retabulo de morutim, pintado ao meio Nossa Senhora da Conceição pisando em um globo a cabeça de serpente, enroscada ao redor delle, com Santo Ignacio á banda direita e S. Francisco Xavier á esquerda. Idem *Ib.* 337: [...] e como não houvesse quem o soubesse curar, ordenei a seu marido que lh'o encaixasse primeiro e depois o lavasse com vinho e azeite do reino, e feito isso mandei-lhe fazer umas redinhas, duas de casca de mority, uma de um palmo e outra de dois palmos, [...]. Idem *Ib.* 341: Tinhamos uma casa e egreja pobre; para ella fiz um retabulo de muruty, em o qual puz Nossa Senhora da Conceição [...]. 1734 in RAPM, XXIII. (1929) 240: [...] em cada um destes vivião 20 e 30 cazaes juntos, as camas erão uns cestos de buritis, que lhes servirão de colchão, e cobertor; erão pouco mais de 600 almas; estava situada toda esta aldeia, junto d'um grande corrego com bastante peixe, e bom: [...]. Idem *Ib.* 242: [...] demos em outro rio maior, que vinha da parte esquerda, em que achamos com as cheias innumeraveis jangadas feitas de buritis, que tinhão rodado com ellas signal de haver gentio perto. 1768 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 85: [...] deixando uma figura de soldado feita de marotim, arvore facilissima a lavrar-se, [...]. 1792 F. O. Barbosa *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 27: [...] accrescendo ter na sua extensão [paragem chamada Sanguixuga,] duas qualidades de palmeiras, que nos rios antecedentes não se encontram; que são *guacuman* e *brutís*: da guacuman se fabrica a isca de tirar fogo, cuja palmeira terá dez palmos de altura e delgada [...]. Idem *Ib.* 28: As brutis são altas e grossas, e a hastea das folhas tem mais de dez palmos de comprimento, e a grossura é a mesma que o pulso de um homem. 1817 Casal *Corografia Brazílica* I. 268: [...] outra [palmeira] denominada brutíz, que he alta, e grossa com folhas de mais de sete pés de comprido: do seu fructo fazem os Indios, e ainda os antigos certanistas um vinho, que se asemelha ao da videira na côr, e gosto. 1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 11: São infinitas as espécies de palmeiras, além do assahy, bacába, patauá, e múriti (*Maurícia Lin.*) a maior de todas, he mais notavel o *bussú*; a cobertura das casas com sua folha, algumas das quaes tem quatro braças de comprido e duas de largo, dura dezoito annos, especialmente, se apanha o fumo; o fructo que produz existe coberto com uma casca flexivel e fibrosa, que chamam *Iururi*, da qual fazem chapeos; [...]. 1863 M. A. Porto Alegre *Brasilianas* 170: Minha bella é mais formosa, | Mais donosa | Do que um alto burity; | Mais que a rosa matutina, | E a bonina, | Mais doce que o sapoty. 1865 J. Alencar *Iracema* (3.a ed., 1878, xxiii. 139): Cerca d'ahi havia um bosque frondoso de murityes, que formavam no meio do taboleito uma grande ilha de formosas palmeiras. Idem *Ib.* 226: [*Nota do Autor*] *Murityapuá* — de *murity* nome da palmeira mais vulgarmente conhecida por burity e *apuam*-ilha. 1869 B. Guimarães *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. iv. 75): Ora o regalava com os mais saborosos peixes e a caça a mais delicada, ora com os tenros palmitos ou a alva mandioca embebida no delicioso mel de jatahy, com ovos de tartaruga, com fructos silvestres, e o suave licor extrahido do tronco do burity; e Gonçalo como que resurgia do tumulo vivificado pela mão de um anjo. 1872 Idem *Hist. e Trad. Minas* II. *Intr.* 20: A fazenda achava-se situada ao pé de um lançante entre suas vertentes orladas de filas de coqueiros chamados buritis, cujas linhas se perdião na immensidade dos horisontes como fileira de guerreiros selvagens postados em ordem de batalha ao longo dos chapadões. Idem *Ib.* III. i. 203: Estava tecendo um cabaz de palhas de burity, em quanto sua mãe, india algum tanto idosa, a alguns passos de distancia moqueava um gordo e grande tyú. Idem *Ib.* III. ii. 213: Erão já passados mais de dous annos, quando Jurema sem mais cerimonia entrou-lhe pela porta dentro, e se lhe apresentou conduzindo pela mão a pequena Jupyra, e já com outro caboclinho ás costas acocorado em uma pequena maca de burety, que trazia preza á testa, como é costume entre as indias. 1872 Taunay *Inocência* (2.a ed., 1884, i. 18): Não ciciam mais os boritys; gemem e convulsamente se agitam as flabelladas palmas. 1874 Idem *Histórias Brasileiras* 25: Estavão então os dous viajantes no *Agaxi*, corrego que atravessa o aldeamento dos kinikináos, a meia legoa para lá da estrada, e procurarão a sombra de um grande grupo de palmeiras buritys para descansarem. Idem *Ib.* 161: Depois de Uberaba, muda a apparencia dos campos: a vegetação é outra. Amiudão-se os grupos de magestosos boritys, essas bellas e malancolicas palmeiras que desde então acompanhão o viajante até [...] palmeiras que, uma vez vistas, não podem ser confundidas com alguma outra e que deixão no espirito de quem se acostumou a admiral-as, uma verdadeira saudade. 1874 J. Alencar *Ubirajara* iv. 70: "As mulheres guerreiras, senhoras de seu corpo, são como a palmeira do murity, que rejeita o fructo antes que elle amadureça e o abandona á correnteza do rio. 1876 Couto de Magalhães *O Selvagem* II. vi. 161: [...] é a palmeira *carandá* que assemelha-se ao burity que é conhecido de todos nós; [...]. 1879 B. Guimarães *O Pão de Ouro* ii. 259: Já quasi esmorecidos e arrependidos de sua louca tentativa, quando um dia avistáram uma india, que á beira de um capão embalava á sombra um menino doente em uma maca de palha de burity. Idem *Ib.* iii. 268: Renques de altos buritys se estendiam ao longo das vertentes como filas de selvaticos guerreiros balanceando na fronte seus vistosos cocares. 1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 218): [...] e formando ás vezes uma especie de construcção maravilhosa e exquisita, com a sua collossal columnata de marmore que o tempo houvesse empardecido e a sua curiosissima cupola verde, as formosas palmeiras miritis. Idem *Ib.* 317: Junto á margem, com as aguas a lamber-lhe o tronco, espalhando sua sombra nas aguas de cristal da bacia, elevava-se airosa uma palmeira mirity. 1888 Inglês de Sousa *O Missionário* (ed. 1899, II. vii. 50): A noite cahia, ensombrando o lago e mergulhando nas trevas a floresta de tucumans e murytis que circumdava a cabana. Idem *Ib.* viii. 100: Justamente achavam-se perto duma pequena ilha verdejante de muritis e tucumans, onde poderiam encontrar sombra e frescura para repousar depois do almoço, [...]. Idem *Ib.* 102: Uma forte lufada que vergou a coroa dos miritys e das jussaras, levantou as folhas seccas que lastravam o solo, e que se puzeram a correr ao sabor do vento com um ruido de maracá selvagem. 1895 J. Veríssimo *A Pesca na Amazônia* I. ii. 20: Meia duzia de páos toscos servindo de esteios, vigas e caibros formam a armação desse edificio primitivo que coberto por todos os lados de palha de buçú (*Manica saccífera*) de curuá (*Attalea*) de miriti (*Mauritia flexuosa*) [...]. 1898 A. Arinos *Pelo Sertão* 68: Sua cabelleira preta e encrespada sustentava um leve chapéo de palha de burity, e da ilharga esquerda pendia-lhe um grosso e pesado facão,

preso a um cinturão de sola. **1898** IDEM *Os Jagunços* I. iii. 119: Mas quem chorou devéras, quem derramou lagrimas como o soro de um velho e alto burity golpeado pelo machadeiro, foi aquele *creoulo* espadaúdo, que ainda na vespera, tão possuido de seu papel e tão contente, servia de rei congo. **1910** H. CAMPOS *Poeira* 22: O annoso burity curva a cópa, e farfalha. ǀ Aves rodam no céo, n'um estéril esfôrço, ǀ Entre nuvens de fôlha e fragmentos de palha. **1911** A. MAIA *Tapera* 35: Aproveitando os ultimos vislumbres da luz do occaso, sarabandeavam os dansadores ao ar livre, no chão capinado de fresco, bem varrido entre a ramada de buriti e a choupana de páo-a-pique e beiras sahidas, com a porta de aduelas aberta de lez a lez e presa por uma pedra contra a parede escalavrada. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* v. 59: Os manos entraram num cerrado cheio de inajás ouricuris ubussús bacabas mucajás miritís tucumãs trazendo no curuatá uma penachada de fumo em vez de palmas e cocos. **1930** G. CRULS *A Amazónia que eu vi* 213: Por todos os lados vemos tufos de miritys. Os seus cocos ainda não estão maduros, mas já hoje experimentámos a seiva que se lhe consegue por entalhes na estipite, depois que a palmeira é derrubada. Esse liquido, de tom avinagrado e sabor agridoce, é bastante agradavel. IDEM *Ib.* 247: [...], já no sopé da encosta, grupos de burity evocavam os renques de palmeiras que habitualmente se vêm á entrada das grandes fazendas. **1931** G. ARANHA *O meu próprio romance* 122: Todos imaginam os regalos que os esperam dos refrescos de assahy e burity. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* ii. 27: Depois de percorrer a bahia de Marapatá, povoada de palmeiras, mirity e assahy sobretudo, penetrou o vapor numa serie de furos em busca de Abaeté, [...]. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 55: — De tardinha, a gente pousou num campo formoso, com aguada, cheio de coqueiro buriti. **1956** IDEM *Grande Sertão: Veredas* 58: Buritý, minha palmeira, ǀ lá na vereda de lá: ǀ casinha da banda esquerda, ǀ olhos de onda do mar.

buritial *s.m.* Var.: 8 *buritiáes* (pl.) [< buriti + -al].

Plantação de buritis; buritiral, buritizal.

1872 B. GUIMARÃES *O Garimpeiro* (ed. 1921, I. 2): Acolá os espigões se abaúlão, como leivas gigantescas divididas pelos buritiáes que se estendem como filas de guerreiros ao longo dos brejaes.

buritiral *s.m.* [< buriti + -r- + -al].

Plantação de buritis; buritial, buritizal.

1872 B. GUIMARÃES *O Garimpeiro* (ed. 1921, XII. 165): A cada espigão que transpunha, cada buritiral que via atraz de si pelos immensos chapadões sentia se lhe desfallecer a alma, e fraquear a resolução.

buritirana *s.f.* [< T. *ᵊŋ ĩrĩtĩ'rana < *ᵊŋ ĩrĩ'tĩ + 'rana 'semelhante'].

Espécie de palmeira.

1956 GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 558: Alaripe esbarrou, como ia quebrar em duas uma palma sêca de buritirana.

buritizal *s.m.* Var.: α. 7 *meritizaes* (pl.), 8 *miritizais* (pl.), 9 *mirityzaes* (pl.); β. 8 *buritisaes* (pl.), 8-9 *buritizal*, 9 *burityzaes* (pl.) [< buriti + -z- + -al].

Plantação de buritis; buritial, buritiral.

1781 in *Annexes du Premier Mémoire du Brésil* I. (1903) 174: Porem o terreno era tão pantanozo, e nas vezinhanças das serras tão coberto de Meritizaes, e alagados, que só vimos huma pequena parte d'ellas. **1872** B. GUIMARÃES *Hist. e Trad. Minas* II. ii. 41: Mas em compensação a situação dellas é quasi sempre aprasivel e pittoresca, ao pé de algum suave lançante, ouvindo o marulho da torrente, que corre á sombra dos buritisaes, e olhando ao longe pelos descampados espigões. **1876** N. J. R. SOUSA *Diário* (ed. 1946, 23): [...] tendo antes atravessado lindas baixadas, algumas com miritizais [...]. **1898** A. ARINOS *Pelo Sertão* 110: Pelas fraldas dos morros, cingindo-os, bordando os valles, em cujo fundo se espreguiçavam paúes somnolentos, o buritizal erguia suas verdes frondes, tão lavadas pelas chuvas e tão brilhantes que se affiguravam magestoso gorjal de pedras finas. **1930** G. CRULS *A Amazónia que eu vi* 189: [...], vendo ao longe a lomba de graciosas collinas ou as palmas dos burityzaes, que esfarfalham á viração do norte. IDEM *Ib.* 197: Á nossa frente, de éste para oéste, justamente entre leitos do Parú e Marapi, desenvolve-se magnifica planicie, de intermina alcatifa verde, apenas salpicada aqui e ali pelas touças dos mirityzaes, que lhe garantem a excellencia das aguadas. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 223: E o buritizal: renques, aléas, arruados de buritís, que avançam pelo atoleiro, frondosos, flexuosos, abanando flabelos, espontando espiques; de todas as alturas e de todas as idades, famílias inteiras, muito unidas: buritís velhuscos, de palmas contorcionadas, buritis-senhoras, e, tocando ventarolas, buritís-meninos. **1956** IDEM *Grande Sertão: Veredas* 46: Daí, se desceu mais, e, de repente, chegamos numa baixada tôda avistada, felizinha de aprazível, com uma lagoa muito correta, rodeada de buritizal dos mais altos: [...]. IDEM *Ib.* 494: Descia e subia a fumaça da noite. Esbarramos. Era uma curta vereda, duns brejos, buritizalzinho.

buritizeiro *s.m.* Var.: α. 7 *marotinzeiro*; β. 8 *buritizeiro*, 9 *burityseiro* [< buriti + -z- + -eiro].

Buriti.

1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 52: Então fomos esperar maré encostado ao mato, onde estavam grossos páos de marotinzeiro, arvore util porque a sua folha suppre a telha em terra, e cobre as canôas em a agua. IDEM *Ib.* 349: O templo é indigno, o altar consta de um nicho de taboas de marotinzeiro, e do mesmo tudo o mais, sem fórma, sem medidas, desigual e indecente. **1881** F. TÁVORA *Lourenço* (ed. 1902, viii. 101): O rio entrava aqui pelos mattos, sahia acolá por entre lagedos, espraiava-se além em varzeas cobertas de buritizeiros. **1931** G. ARANHA *O meu próprio romance* 122: Adeante Sabino trepa em um burityseiro de cachos amarellos, verdes e vermelhos.

butiá *s.m.* [< T. *ᵊŋ uti'a].

Nome comum a várias espécies de palmeiras.

1913 SIMÕES LOPES *Lendas do Sul* 10: Nas copas dos butiás vinham encostar-se bolos de formigas; as cobras se enroscavam na enrediça dos aguapés; e nas estivas do santafé e das tiriricas boiavam os ratões e outros miudos. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* xiv. 204: Comprou duas garrafas de licor de butiá catarinense uma dúzia de sanduíches dois abacaxis de Pernambuco e se amoitou no quartinho.

C

caamembeca *s.f.* Var.: 8 *caámembéca* [< T. *kaame'ɲ eka < ka'a 'folha, mato, erva' + me'ɲ eka 'mole' ~ VLB II. 33: *Mato ou matos* = Caâ; *Ib.* II. 40: *Mole* = Puba. Membeca].

Planta da família das poligaláceas.

1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 105): Para as dores nas costas tinha leite de amapá e para as do peito tinha o de ucuuba. E mais, jarauassica e folhas de café para regularizar as funcções, a milagrosa caámembéca por causa das diarrhéas, a que era atreita; [...].

‖ **caancuam**: v. abon.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxiii. 51): Nas campinas da Bahia se cria outra erva, a que o gentio chama caancuam. que tem as fôlhas de três em três juntas, e são da côr da salva; e dá a flor roxa, de que nasce uma bainha como de tremoços, que tem dentro umas sementes como lentilhas grandes; a qual erva tem o cheiro muito fortum, que causa dor de cabeça a quem a colhe: o gado que come esta erva engorda muito no primeiro ano com ela, e depois dá-lhe como câmeras de que morre: [...].

caaobitinga *s.f.* Var.: 5 *caaobetinga*, *caã obetîga* [< T. *kaaoɲ ĩ'tiŋa < ka'a 'erva' + o'ɲ ĩ 'verde, azul' + 'tiŋa 'branco': v. CAATINGA].

V. abon.

*c*1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 24: Caaobetinga. Esta erua he piquena, deita poucas folhas, as quais começa a lançar da terra, saõ brancas de banda de baixo, e de cima uerdes. deitaõ huã flor do tamanho da auelaã, as raizes, e folhas pisadas sam excellente remedio p[a] chagas de q̃lq̃r sorte, e tãbem se usa da folha por pisar, a qual posta na chaga, pega m[to], e a sara. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1553-1557: Caã obetîga limgoa de vaqua He boa pera feridas e chaguas he baixa aleuãtaçe do chaõ como limgoa de vaqua mas naõ taõ alta faz duas ou 3 estreituras no meo em o peé delgada. Os portugezes lhe chamaõ lîgoa de vaca.

caapara *s.f.* Var.: 5 *capara* [< T. kaa'para < ka'a 'folha, mato, erva' + a'para 'torto' ~ VLB II. 133: *Torta cousa como uara, etc.* = Apara. Parî. Apẽ. Candur].

Planta da família das tifáceas.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxxvii. 83): Capara é outra fôlha, que nasce como a de cima, mas em cada pé estão pegadas quatro fôlhas como as atrás, pegadas umas nas outras; com estas fôlhas arma o gentio em umas varas uma feição como esteira muito tecida, e fica cada esteira de trinta palmos de comprimento e três de largo e assentam-nas sôbre o emadeiramento das casas. com o que ficam muito bem cobertas; e dura uma coberta desta sete, oito anos e mais.

caapeba *s.f.* Var.: 5,7,9 *capeba*, 5 *caapeba*, 6 *caapèba*, 7 *cahapéba*, 7-8 *capéba* [< T. kaa'peŋa < ka'a 'folha, mato, erva' + 'peŋa 'chato'].

Designação comum a diversas plantas da família das piperáceas.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxiii. 50): Capeba é uma erva que nasce em boa terra perto da água, e faz árvore como couve espigada; mas tem a fôlha redonda muito grande com pé comprido, a qual é muito macia; a árvore faz um grêloôco por dentro, e muito tenro e depois de bem espigado, lança umas candeias crêspas em que dá a semente, de que nasce. Esta erva é de natureza frigidissima com cujas fôlhas passadas pelo ar do fogo, se desafoga tôda a chaga e inchação que está esquentada, pondo-lhe estas fôlhas em cima; e se a fogagem é grande, seca-se esta folha; de maneira que fica áspera, e como está sêca se lhe põe outras até que o fogo abrande. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1619-1622: Caapeba Serue pera camaras e chaguas tẽ hũ verde m[to] claro lança a cada pe de folha sua semẽte tẽ outras m[tas] virtudes e he p[a] lôbrigas boa. 1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 79.157: [...] cipó de camaras, béthele, pimenta quatro generos; gingibre, cayapiá, caapèba, caraóba, caâtimay, caâtaya, jetîca, vrûcatú, jaborandi, nhambi, tajóba, jeçapé, inimboya. Todas estas são eruas medicinaes, das mais conhecidas, & vsadas, de virtudes tão raras, que fora necessario hum Dioscorides pera descreuellas. 1730 Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 42. 27: As mais celebres saõ a samambaya, que solda todas as quebraduras, a capeba, que desfaz todos os apostemas, [...]. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 264: [Plantas e herva] Cahapéba, solutiva. 1781 Durão *Caramurú* VII. xxxiii. 206: Nasce a Gelapa alli, a sene amara. ǀ O Filopodio, a malva, o páo da China, ǀ A caroba, a capeba, e mil que agora ǀ Conhece a bruta gente, e a nossa ignora. 1782 F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner., do Brazil* I. vi. 110-111: A capéba hé planta que ordinariamente se cria em lugares humidos como nas margenz dos rios, e lagoas; [...] A capeba hé toda desobstruente; maz a parte de que mais se uza hé a raiz, [...]. 1817 Casal *Corografia Brazilica* I. 110: Entre as plantas medicinaes conta-se a salsaparrilha, a epícuenha, a jalapa, a bútua, a canafistula, a quassia, a aristoloquia, a cahinana, a quina da terra, gengibre, *capéba* por contracção de cáa-péba, á qual o vulgo denomina *herva de Santa Luzia*. 1935 Jorge de Lima *Calunga* xiii. 111: Mézinhas não faltaram, purgas de gitó, vomitórios de ipéca, quina-quina, chás de mangerioba com raiz de capeba, cabacinho serenado com mel de pau, tudo, tudo se deu, até rezas, benzeram a doente contra mal-feitos, olhado, tudo, mas nada dava volta naquéla maleita infernal.

caapeno, caapepena *s.m.* e *f.* Var.: 7 *caapeno*, 8 *caá-pepêna, cahá pépéna* [< T. *kaa'pena < ka'a 'erva, mato' + 'pena 'quebrar-se (como vara, flecha etc.)' ~ VLB II. 92: *Quebrar como pao, uara, frecha, etc.* = Apen, neut.].

Técnica indígena de sinalização: v. abon.

*c*1767 J. Daniel *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, III. (1841) 42: É só quando os matos são pouco limpos por baixo *ex vi* dos arbustos, que nascem à sombra dos arvoredos, é que costumam fazer um signal, a que chamam *caapeno*, que significa mato quebrado, e é o irem quebrando com a mão alguns raminhos d'aquelles arbustos, que vão deixando semiquebrados e dependurados, para que na volta sirvam de balizas e mostradores; que lhes apontem o caminho pelo qual tornem a sahir ao mesmo lugar. 1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense*

127: [...] porém, como respeitando o direito natural e das gentes, antes de começarem as hostilidades, dão o signal declarativo da guerra quebrando nos matos ramos de arvores, ao que alguns chamam caápepêna: [„,]. **1876** N. J. R. Sousa *Diário* (ed. 1946, 15): Dia 18 seg. f. pelas 8 h. da manhã saimos em direção quasi ao Sul, viamos algumas *cahá pépéna* não antigas, indicios que por ali andavam gentios [...].

caapiá *s.f.* Var.: 5 *cayapiâ*, *caapiam*, *caapiá*, *cajapia*, 6 *cayapiá*, 9 *caiapiá* [< T. ˢkaapiˀa].

Designação comum a várias plantas da família das moráceas.

*c*1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 23*v*.: Cayapiâ. Esta erua ha pouco q̃ he descuberta, he unico remedio pª peçonha de toda a sorte maxᵉ de cobras, e assi se chama erua da cobra, e he taõ bõ remedio como vnicorne e bada, pedra de bazar, ou coco de maldiua. Não se aproueita della mais q̃ a raiz, q̃ he delgada, e no meo faz hũ noo como botaõ, esta moida, deitada è agua, e bebida mata a peçonha da cobra, tãbẽ he grande remedio pª as feridas de frechas eruadas, e quando algum he ferido fica sem medo, e seguro bebendo a agua desta raiz, tãbem he grande remedio para as febres, continuandoa, e bebendoa alguãs menhaãs, cheira esta erua a folhas de figrª de Espanha. **1587** G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxii. 48): Nascem outras ervas pelo campo, a que chamam os índios caapiam, que tem flores brancas da feição dos bem-mequeres, onde há umas sementes com gravanços; das quais e das flores se faz tinta amarela como açafrão muito fino, do que usam os índios no seu modo de tintas. A árvore que faz esta erva é como a do alecrim, e tem a fôlha mole, e a côr de verde-claro como alface. Idem *Ib.* II. lxiii. 51: Pelos mesmos campos se criam outras ervas, a que o gentio chama caapiá, e os Portuguêses malvaísco; porque não tem outra diferença do de Portugal que ser muito viçoso; mas tem a mesma virtude; da qual usam os médicos da Bahia, quando é necessário, para fazerem vir a furo as postemas e inchaçôes. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1517-1530: Cajapia pª as cobras Ha hũ cipo pouco ha descuberto he pera mordeduras de cobras e toda peçonha os Carijos se curaõ cõ ella e tẽ mᵗᵃˢ eruas boas mas nos naõ sabemos todas estas vsaõ todos ja e he vnico remedio ha de 3 manrᵉᵃ huã he de hũ palmo de Rais outras alastrada cõ o chaõ tẽ as folhas pera sima redondas em cruz as outras se alastraõ mas tẽ as folhas como de limão piqueno mas pontas agudas naçe debaixo de aruoredo grande he de palmo de cõprido e grossa menos de dedo as raizes tiraõ assi a cor a amarello e verde dizẽ he boa pª feures pª idropicos pera os frechados he verdadrº remedio como dizẽ he no peru. Idem *Ib.* 1532-1534: Esta erua [taroqui] ha nos Jlheos, Camamu, e porto segrº naõ tẽ mais q̃ aserca do caapiá tẽ as flores nas pontinhas dos ramos. **1663** S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 79. 157: [...] cipó de camaras, béthele, pimenta quatro generos; gingibre, cayapià, caapèba, caraóba, caâtimay, caàtaya, jetîca, vrùcatú, jaborandi, nhambi, tajóba, jeçapé, inimboya. Todas estas sáo eruas medicinaes, das mais conhecidas, & vsadas, de virtudes tão raras, que fora necessario hum Dioscorides pera descreuellas. **1918** Monteiro Lobato *Urupês* 76: Impossivel metter no papel todas as contas do rosário; as de caiapiá inda cabem, mas as graúdas não podem sair do Varjão.

caapiranga *s.f.* Var.: 7 *capiranga*, *cahapiranga*, *caapiranga* [< T. ˢkaapiˈraŋa < ka'a 'erva' + pi'raŋa 'vermelho'].

V. abon.

1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 333: Fazem [*os índios*] tintas finissimas de varias plantas, como azul da planta do anil, roxa de capiranga, vermelha do urucuzeiro e de outras plantas mais, amarella de barro de Taôa purificado; e até para refinar a côr preta tem uma planta, que mettida a ferver n'agua, faz este excellente effeito. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 264: [Arvore para tinta] Cahapiranga. **1787** in *Annexes du Premier Mémoire du Brésil* I. (1903) 260: E com relação a tinturaria, as plantas da caapiranga para tinta roxa, [...].

caapoã *s.f.* Var.: 5 *caapoam* [< T. kaŋapu'ã ~ VLB I. 55: *Bespas* = Caba. Suas especies (...) Cabapoã; Eyxu (...)].

Variedade de vespa.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. xci. 119): Há outra casta de abelhas, a que os índios chamam caapoam, que são pequenas, e mordem muito a quem lhe vai bulir no seu ninho, que fazem no chão, de barro sôbre um torrão; [...].

caataia *s.f.* Var.: 6 *caâtaya* [< T. kaa'taja ~ VLB II. 43: *Mostarda* = Caataya].

V. abon.

1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 79. 157: [...] cipó de camaras, béthele, pimenta quatro generos; gingibre, cayapià, caapèba, caraóba, caâtimay, caàtaya, jetîca, vrùcatú, jaborandi, nhambi, tajóba, jeçapé, inimboya. Todas estas saõ eruas medicinaes, das mais conhecidas, & vsadas, de virtudes tão raras, que fora necessario hum Dioscorides pera descreuellas.

‖ **caatimai** *(caâtimay)*: v. abon.

1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 79. 157: [...] cipó de camaras, béthele, pimenta quatro generos; gingibre, cayapià, caapèba, caraóba, caâtimay, caàtaya, jetîca, vrùcatú, jaborandi, nhambi, tajóba, jeçapé, inimboya. Todas estas saõ eruas medicinaes, das mais conhecidas, & vsadas, de virtudes tão raras, que fora necessario hum Dioscorides pera descreuellas.

caatinga *s.f.* Var.: 5 *caâtinga*, 5, 7-9 *catinga*, 5 *caâtĩga*, 8 *cahatinga*, 9 *caatinga* [< T. kaa'tiŋa < ka'a 'mato' + 'tiŋa 'branco, claro' ~ VLB I. 59: *Branca cousa, ou brancura* = Tinga, Morotinga].

Mata de vegetação xerófila, constituída de árvores de folhas finas, cardos e gravatás, característica dos sertões do Nordeste do Brasil.

*c*1584 Cardim *Origem dos índios do Brasil* fl. 10*v*.: Alem destes [*indígenas*] pera o sertão e campos de caátinga uiuem muitas nações de Tapuyas q̃ chamaõ Tucanuçu. **1587** G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. liii. 13): Dá-se esta fruta [ambú] ordinàriamente pelo sertão, no mato que se chama a Catinga, que está pelo menos afastado vinte léguas do mar, que é terra sêca, de pouca água onde a natureza criou a estas árvores para remédio da sêde que os índios por ali passam. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1734-1736: He aruore naõ mᵗᵒ alta mas mᵗᵒ espalhada e debaixo se pode escõder mᵗª gente ha mᵗª no caâtĩga saõ como ameixas amarelas [...]. Idem *Ib.* 2332-2334: Lagartos Ha dous dagoa grãdes vruruguaçu ha no caâtĩga [...]. **1761** Jaboatão *Novo Orbe Seráfico Brasílico* I. i. 391: Tomou por guias aos mesmos, e depois de andar, como cousa de cinco légoas, por huns dilatados campos, a que os naturaes chamaõ catingas, povoadas de poucas, e rasteiras arvores, chegada a noite, fizeraõ rancho, e ao outro dia de manhã continuaraõ a viagem. **1782** F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* I. vi. 112: nos mattos verdadeiros, em outros menores com o nome de catingas, [...]. **1789** Idem *Ib.* II. 25: Habita [o tatu peba] pelos matos, catingas, e campos, em cavernas, que na terra faz. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 319: A face do paiz quazi geralmente desigual, e em poucas partes montanhoza he quazi por toda a parte cuberta de matto *carrasquento*, a que chamam *catingas*. Idem *Ib.* II. 109: A face do paiz he variada de matas, collinas, serras poucas, e charnecas ou *Catingas*, que occupam muito mais de ametade, [...]. Idem *Ib.* 133: e os ambús que duram muito tempo, e só se acham nos agrestes ou *catingas*, [...]. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 11: A piassaba, peculiar á Commarca do Rio Negro, he uma palmeira cujo fructo oleoso he appetecivel, cresce em terrenos paludôsos, a que chamam *cahatinga*. **1875** J. Alencar *O Sertanejo* II. iii. 44: — A cantiga diz: Onze annos eu andei ! Pelas catingas fugido; ! Minha senhora Geralda ! Já me tinha por perdido. **1876** F. Távora *O Cabeleira* v. 98: Os bandos dos salteadores escolheram para centros de suas operações as matas proximas dos rios, as catingas pegadas aos caminhos d'onde podiam facilmente espreitar e acommetter a seu salvo os inoffensicos viajantes [...]. Idem *Ib.* 312: *Catinga*, mato enfezado e bravo, acha-se definido com toda a precisão por Gonçalves Dias, em seu *Diccionario-da-lingua-tupy*; e é voz muito usada em todo o interior do norte do Brazil. **1881** Idem *Lourenço* (ed. 1902, vi. 73): Para mais segurança, sómente tomavam a palhoça de dia; as noites iam elles passal-as n'uma catinga. **1898** A. Arinos *Os Jagunços* II. ii. 191: Ao sahir das catingas, quando tivessem de atravessar campos, elle pretendia ir agachado, rente com a terra occulto pelo capinzal. **1902** E. Cunha *Os Sertões* 13-14: Galga-se uma ondulação qualquer — e elle desvenda-se ou deixa-se adivinhar, ao longe, no quadro tristonho de um horizonte monotono em que se esbate, uniforme, sem um traço diversamente colorido, o pardo requeimado das *caatingas*. Idem *Ib.* 57: E falam nos "campos frios (certamente á noite, pela irradiação intensa do solo desabrigado) cortando leguas de catinga sem agua nem caravatá que a tivesse e com raizes de umbú e mandacarú, remediando a gente" no penoso desbravar das verêdas. **1903** D. Olímpio *Luzia Homem* vi. 39: Ás pastagens de reserva, nos pés de serras, protegidas por espessa facha de catingas impenetraveis, onde se criavam famosos borbotões bravios, haviam sido devoradas ou estruidas [...]. **1907** E. Cunha *Contrastes e Confrontos* 276: O selvagem proseguia abrindo novas roças, novas derribadas, novas queimas e novos circulos de estragos; [...] — e entretecidas de carrascaes, afogadas em maccegas, espelhando, aqui, o facies adoentado da *caatanduva* sinistra, além a braveza convulsiva das *caatingas*. **1926** Coelho Neto *Feira Livre* 182: [...] montando cavalicoques liliputianos, fazem prodigios nos carrascaes perseguindo os barbaroes que se mettem, em arremesso de frechas, por brenhas, cerrados e caatingas, investem as barrancas, vingam-nos, [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* xii. 176-177: Varou num atimo o mar de areia do chapadão dos Parecis e por derrames e dependurados entrou na caatinga e assustou as galinhas com pintos de ouro do Camutengo perto de Natal. **1929** G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* xvi. 293: [...] os fúnereos facheiros, as serras dos jatobás, onde se encostam as mattas de ingazeiras, de oiticicas e de joazeiros, e, sobre ellas e sobre as catingas,

[...]. 1930 G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 229: Por volta das duas horas, entretanto, de novo estavamos todos reunidos, para a passagem de certa caatinga de igapó, de matto muito embaraçado e aspecto sombrio e tenebroso. 1934 J. L. Rego *Banguê* I. ii. 17: Olhava até a vista não alcançar o barro vermelho da caatinga descoberta, para a enxada se fincar nas suas entranhas. 1936 Idem *Usina* I. iii. 63: A varzea do Parahyba estava alli coberta de canna, extendida pelas margens do rio, subindo até o pé das catingas. 1937 Idem *Pureza* xxiii. 218: A mãe chorava dia e noite pelo filho perdido nas caatingas. 1938 G. Ramos *Vidas Secas* 8: A catinga extendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas. 1946 Guimarães Rosa *Sagarana* 314: E dormiam nas brenhas, ou sob as árvores de sombra das caatingas, ou em ranchos de que todos são donos, [...]. 1950 Jorge de Lima *Guerra dentro do beco* xvii. 203: Júlio pensava agora na opulência dos avós, na riqueza do pai: tinha chegado à Bahia, descendo o rio S. Francisco, com manadas de gado, tangidas pelas catingas das margens; [...]. 1956 Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* 100: Último, que me veio com ela, quase por engano de acaso, era um homem que, por mêdo de doença do *toque*, ia levando seu gado de volta dos gerais para a caatinga, logo que chuva chovida.

caatingal *s.m.* [< caating(a + -al].
Grande extensão de caatingas.

1956 Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* 531: Transtopamos com uns campeiros e outros, que vaquejavam, ou que levando gado de volta para o caatingal, por não morrerem suas rêses tôdas, de pastar o capim novo dos Gerais, que cresce cheio de areia.

caatingano *adj.* [< caating(a + -ano].
Relativo às caatingas; típico dessas regiões.

1956 Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* 500: Dentro de muito sol, eu estava reparando uma cena: que era um jumentinho, um jegue já selvagem caatingano, no limpo do campo caçando o que roer, assaz pelos cardos.

caatingueira *s.f.* Var.: 9 *catingueira* [< caating(a + -eira].
Planta da família das leguminosas.

1902 E. Cunha *Os Sertões* 42: São deste numero todas as cesalpinas e as *catingueiras*, constituindo, nos trechos em que aparecem, sessenta por cento das caatingas; [...]. 1938 G. Ramos *Vidas Secas* 12: [...] alcançou o terreiro do fundo, viu um barreiro vazio, um bosque de catingueiras murchas, um pé de turco e o prolongamento da cerca do curral.

caatingueiro[1] *s.m.* Var.: 9 *catingueiro* [< caating(a + -eiro].
Habitante das caatingas.

1936 J. L. Rego *Usina* II. ix. 163: A vida dos catingueiros era restricta, não conhecia luxo de especie alguma, vida de pobres. 1946 Guimarães Rosa *Sagarana* 139: Turíbio Todo viera mesmo para Piedade do Bagre, justo como um catingueiro à frente do latido de dez trelas e mais a buzina do perreiro; [...].

caatingueiro[2] *s.m.* Var.: 9 *catingueiro* [< caating(a + -eiro].
Caatingueira.

1918 Monteiro Lobato *Urupês* 146: Vel-a mordiscando o hastil duma panicula roxa de catingueiro, colhida á beira do caminho, ora risonha ora séria, [...]. 1946 Guimarães Rosa *Sagarana* 278: — Quando voltarmos, de noite, no pasto, ainda haverá bôas touceiras do rôxo-miúdo, que não secaram... E mesmo o catingueiro-branco está com as moitas só comidas a meia altura [...].

‖ **caaxima** (*caàaxima*): v. abon.

1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 74. 153: A mandióca, a que chamão caàaxima pisada, lançada na agoa, & bebida em forma de xarope, he finissima contrapeçonha.

caba *s.f.* [< T. 'kaɰa ~ VLB I. 55: *Bespas* = Caba. Suas especies (...)].
Nome vulgar das vespas sociais.

1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 347: O remedio para a mordedura de Caba [casta de abelhões ou vespas] é por em cima cobre ou ferro, o qual aplaca instantaneamente. [...] Ha grandes cobras de cascavel, e uma casta de abelhões ou vespas, a quem chamam *Cabas*; ellas lançam um cheiro como de mel, que não produzem, e são tão penetrantes, que uma d'ellas por cima das ceroulas e camisa nos morden em uma coxa muito arrasoadamente; faltava-nos depois da cinza e jejum este cilicio, que não esteve frouxo, mas sem ter semelhantes effeitos aos das formigas de Alter do Chão. O remedio para a mordedura de caba é pôr em cima cobre ou ferro, o qual aplaca instantaneamente. 1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 28: [...] especie de *vespas* conhecidas por *cabas*, que os Indios affugentam com o fumo da casca de certo vegetal, por ora só delles conhecido, [...]. 1876 Couto de Magalhães *O Selvagem* I. 264: No terceiro episodio casou a filha com um maribondo ou caba, que, graças as suas azas, póde roubar peixe secco de um varal de pescadores. 1876 N. J. R. Sousa *Diário* (ed. 1946, 17): [...] pernoitamos em uma ilhinha que ficou sendo chamada Ilha do Lauterio, que querendo matar um enxame de cabas com a camisa, deram-lhe as cabas tantas ferroadas que o obrigaram a cair nagua. 1888 Inglês de Sousa *O Missionário* (ed. 1899, I. ii.76): O recto carcomido abrigava innumeras cabas e morcegos, e os cupins damninhos, iam devorando lentamente o madeiramento da cobertura, [...]. 1928 M. Andrade *Macunaíma* xiv. 200: E quando o pirôscafo atravessou o estreito entre a parede da gruta e o baguaí de bombordo a chaminèzona cuspiu uma fumaçada de pernilongos, de borrachudos mosquitos-polvora mutucas maribondos cabas potós moscas-de-ura, todos êsses mosquitos afugentando os motoristas.

cabajuba *s.f.* Var.: 5 *cabaojuba* [< T. *kaɰa'ɹuɰa < 'kaɰa 'vespa' + 'ɹuɰa 'amarelo' ~ VLB I. 55: *Bespas* = Caba. Suas especies (...) Cabobaiuba; (...)].
Variedade de vespa.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. xci. 120): Há outra casta de abelhas, a que o gentio chama cabaojuba, que são amarelas, criam nas tocas das árvores, e são mais cruéis que tôdas; [...].

cabatã *s.f.* [< T. kaɰa'tĩ ~ VLB I. 55: *Bespas* = Caba. Suas especies. Taturana (...) Eyxu. Cabatĩ; (...)].
Variedade de vespa.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. xci. 119): Cabatã são outras abelhas que não são grandes, que fazem seu ninho no ar, dependurado por um fio, que desce da ponta de um raminho; [...].

cabecê *s.m.* Var.: 5 *cabecé* [< T. kaɰe'sẽ ~ VLB I. 55: *Bespas* = Caba. Suas especies (...) Cabecẽ, Tapiucaba, (...)].
Variedade de vespa.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. xci. 119): Há outra casta de abelhas a que o gentio chama cabecé, que mordem muito, que também fazem o ninho em árvores, onde criam mel muito alvo e bom; as quais são louras, e mordem muito.

cabiúna *s.f.* Var.: 8-9 *cabiúna*, *cabiuna* [< T. *kaɰi'una].
Árvore da família das leguminosas.

1817 Casal *Corografia Brazilica* II. 75: Fytologia. Entr'outras muitas arvores de boa madeira nomea-se o vinhatico, aderno [...] jacarandá, dito cabiúna, dito mulato, dito branco; [...] 1856 D. Magalhães *A Confederação dos Tamoyos* IV. 111.: Entretanto os Tamoyos vão vingando | Altas serras pejandas de cabiúnas, | Cupahibas, jacuás e sucupiras; |. 1863 M. A. Porto Alegre *Brasilianas* 57: Como tenue renovo, humilde planta, | Entre os gomos robustos que enraizam | Valente cabiúna, brota e alça | Tortuosa virgulta, que arrimada | Cresce e vigora, cochleando o tronco; [...]. 1871 B. Guimarães *Lendas e Romances* I. vi: 57: Seria com effeito algum burro magro e invalido que ali andava, e não o seo cabiúna?... e, nesse caso, o que poderia elle fazer em cima de tal animal?... [...] Mas ao mesmo tempo considerava: Qual outro animal, a não ser o meo cabiúna, viria procurar-me e cheirar-me a mim só no meio de tanta gente?... e, demais, pelo resfolgar parecco-me ser um animal valente e possante... até parece que conheci o bafo de meo cavallo. 1872 Taunay *Inocência* (2ª. ed., 1884, vi. 71): Pereira obedeceu e descobrio uma espessa cabeleira, negra como o amago da cabiúna e que em liberdade devia cahir até abaixo da cintura. 1872 J. Alencar *Til* III. vii. 77: Mas essa era de cabiuna; e desafiava as forças de muitos homens. 1895 Coelho Neto *Miragem* I. ii. 28: Dizia-se que um dos troncos, um caibro de cabiuna, rolando do carro apanhara-o deixando-o como morto. 1898 A. Arinos *Pelo Sertão* 150: A moça meio pallida, de braço direito estendido, apoiava-se nas pontas dos dedos à secretária de cabiúna, com gavetas de segredos. 1919 Monteiro Lobato *Cidades Mortas* 8: Erguem-se nellas soberbos casarões apalaçados, de um e dois andares solidos como mosteiros, tudo pedra, cal e cabiuna, [...]. 1920 Lima Barreto *Histórias e Sonhos* 107: Aquella mobilia de jacarandá cabiúna com o seu vasto canapé, de tres espaldares, ovalados e vastos, que mais parecia uma cama que mesmo um movel de sala; [...]. 1946 Guimarães Rosa *Sagarana* 213: — Pensei que você era uma cabiúna de queimada...

caboclada *s.f.* [< cabocl(o + -ada].
Grupo de caboclos.

1938 R. Morais *Os Igaraúnas* xviii. 214: Por isso o coronel Anastacio, o major Fidelis e a caboclada toda, armados de rifles e espingardas, tocaram para a margem do igapó.

caboclismo *s.m.* [< cabocl(o + -ismo].
V. abon.

1918 Monteiro Lobato *Urupês* 216: O indianismo está de novo a deitar copa, de nome mudado. Chrismou-se de caboclismo.

caboclo *s.m.* Var.: 6 *cauoucolo*, 6-7 *cabocolo*, 7 *cabocoro*,

7-9 *caboclo*, 7 *caboucolo*. Cp. CURIBOCA [< T. *kari'ụoka (< kara' iụa 'homem branco' + 'oka 'casa') ~ VLB I. 153: *Homẽ branco, a diferença dos Jndios* = Caraiba. *Ib.* I. 68: *Casa* = Oca ~ É bastante controvertida a etimologia de *caboclo*. Admitindo-se que proceda desse étimo tupi, a cadeia evolutiva poderia ser assim estabelecida: T. *kari'ụoka > (1) **caribоca* → (2) *coriboca* → (3) *coriboco* → (4) **cobocoro* → (5) *cabocoro* → (6) *cabocolo* → → (7) *caboclo*. Observe-se que nos elos dessa cadeia evolutiva as formas (2), (3), (5), (6) e (7) estão todas documentadas em textos portugueses, embora não obedeçam, rigorosamente, à cronologia. Assim é que (2) *coriboca* e (3) *coriboco (coriboquo)* já se documentam ambos em textos de 1687 (v. CURIBOCA); (5) *cabocoro* ocorre em 1757 e (6) *cabocolo* em 1648 (*cauoucolo* em 1645); a forma atual (7) *caboclo* data de 1781].

Índio; mestiço de branco com índia; homem do sertão, de hábitos rudes e de pele queimada pelo sol.

Como se depreende da documentação histórica adiante transcrita, com o termo *caboclo* os autores dos sécs. XVII e XVIII designavam, em princípio, o índio em geral — e, mais particularmente, o que já estava semi-aculturado, o que já convivia com o branco, que morava na 'casa do branco' (T. *kari'ụoka 'casa do branco'). Os cinco primeiros textos do séc. XVII aludem aos índios semi-aculturados a serviço dos holandeses nas lutas travadas contra os portugueses. Para estes, portanto, esses índios eram inimigos terríveis e odiosos, cruéis e traiçoeiros, razão por que o termo *caboclo* assumiu o sentido pejorativo a que se referem os autores do séc. XVII. Posteriormente, e ainda com sentido injurioso, o termo passou a designar o mestiço de branco com índia. Em meados do séc. XIX *caboclo* adquire a acepção, ainda viva hoje, de homem do sertão, caipira, roceiro. No feminino (*cabocla*) e, com mais propriedade, no diminutivo — aqui em ambos os gêneros (*caboclinha/caboclinho*) — o vocábulo é empregado por vários autores dos sécs. XIX e XX com uma conotação afetiva bem acentuada.

1645 in ABN, LVII. (1935) 106: Entre os rendidos e mortos dos cauoucolos e flamengos foram 400. e tantos: [...]. **1648** M. CALADO *O Valeroso Lucideno* I. ii. 25: Tanto que os Indios da terra Pitiguares, chamados ordinariamente cabocolos, & os Tapuios, todos grandes inimigos do sangue Portugues; virão as duas fortalezas do arraial, [...]. IDEM *Ib.* I. iii. 35: Informado o Conde de Nasao João Mauricio das cousas da terra, tanto que se aliuiou da viagem do mãr, desejoso de prouar a mão com os Portugueses, & exercitar o cargo em que vinha prouído, ajuntou hum exercito de sinco mil homens, & hũa grande turba de Indios Pitiguares (aos quaes no Brazil commummente chamaõ Cabocolos). **1660** F. M. MELO *Epanáforas* (3ª ed., 1931, 404-405): Tinha ordenado que alguns dos seus induzissem aos Cabocolos (assi se chamão huns a outros os Indios da terra, e nós usamos o mesmo nome, e são gente indigna de piedade e militar cortesia, pellas cruezas que professam) a que desamparassem a praça, que já estavão minando para voar, e voaria brevemente: [...]. **1675** F. B. FREIRE *Hist. da guerra Brasílica* IX. 413: [...] em os achando, Tapuyas, ou Indios Pitiguares (chamados vulgarmente Cabocolos) que vinhão em seu alcance, não perdoávão a sexo, nem a idade, [...]. **1679** R. JESUS *Castrioto Lusitano* I. iv. 189: Ordinariamente succedia (porque sobejasssem mãos a crueldade) levarem em sua companhia os Indios salvagens Tapuyas, & Pytiguares, conhecidos pello nome de Cabocolos (indomitos partos daquellas matas agrestes, ensinados a feras, da criação, & companhia dellas para que sua crueza excedesse, aonde a dos Olandeses não chegasse; [...]. *a*1696 G. MATOS *Obras* (ed. 1969, V. 1191): Não é de beiço furado | o cabocolo maligno, | que me pareceu menino | só em ser demasiado: |. **1757** D. L. COUTO *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 56: Isto mesmo succede aos que chamão Cabocolos, ou Tapuyas aos naturaes do Brazil, ignorando talvez o que significão estes nomes. IDEM *Ib.* 57: O nome de cabocoros lhes foy imposto em seu principio, porque muitas destas nações vivião dispersas pelos mattos em cabanas que formavão de ramas, e folhas de arvores; e os que vivião em suas aldeyas, ou povoações chamavão aos outros cabocoros. Assim como entre nós chamão os cidadãos aldeanos, aos que vivem em aldeyas fora dos mayores povoados; mas he certo que esse nome não era affrontoso; como tambem o não era o de Tapuya, porque assim como os nossos parciaes chamavão aos que nos erão contrarios Tapuyas, isto he inimigos; com o mesmo nome apelidavão estes aos nossos auxiliares. IDEM *Ib.* 117: O nome de cabocoro, que com erro se escreve, e pronuncia cabocolo, deriva-se dos nomes, caab, e oca, dos quaes o primeiro significa matto, e o segundo caza, e vem a dizer homem que tem casa no matto. A falta das letras nasce da sincopa de que usão, e o acabar em o, e não em a, he corrupção da pronuncia. Tapuya, não he nome proprio de nação, he só de divisão, e val tanto como dizer contrario, porq era o mesmo ver hum Tapuya, que ver hum inimigo. **1759** J. A. CALDAS *Notícia da Bahia* 62: Os Autores q. escreveraõ da America conferem igualmente, que ha neste Continente mais de cem castas de povos alem de outros muitos, de quem se naõ tem tem trato; porem os mais conhecidos entre estes saõ os Margajás, Tupinambus, Morpioens, Tupinanquins, Caetes, Carijos, Tamoyós, Cabocolos, Etc; entre estas nasoens as mais nomeadas que dominavaõ a Costa desde o Rio de S. Francisco ate o Rio de S. Matheos. **1781** DURÃO *Caramurú* I. lxxvii. 34: Tal do Caboclo foi a furia infanda, | E o fanatismo, que na mente o cega, | Faz que tendo esta acção por veneranda, | Invoque o grão Tupá, que o raio emprega: |. IDEM *Ib.* VII. lix. 214: Responde o Guassinin, que o segue amigo: | Da varia caça, que o Caboclo mata, |. **1789** F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 80: Caboucolinho, talvez pela similhança na cor com os caboucolos, gentios deste Brasil, [...]. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* I. 90: [...] as [rolas] da terceira casta chamadas cabóclas, pela razão da sua côr de tijôlo, sam do tamanho das precedentes. **1844** MARTINS PENA *O Namorador* (ed. 1956, I. 287): Tudo lhe faz conta — a velha, a moça, a bonita, a feia, a branca, a cabocla... **1856** J. M. MACEDO *O Forasteiro* (2ª ed., II. iii. 57): Um tosco e grosso chapéo de palha trançado pelos caboclos lhe cobre a cabeça; [...]. IDEM *Ib.* II. vi. 144: — Branco! branco!... não acordes no coração da velha cabocla os furores da tamoya selvagem!... **1857** J. ALENCAR *O Guarany* (2ª ed., 1864, II. vii. 258): — Tem santa paciencia, caboclinho de minha alma! Fé de Ayres Gomes, não é possivel; e tu sabes! **1865** IDEM *As Minas de Prata* I. x. 143: Sobre o telhado de uma casa terrea proxima á liça, estava desde cedo trepada uma sucia de galopins de todas as côres começando no mais retinto foucinho africano ou no vermelho acobreado do caboclo, e acabando no branco ruivo do pequeno ilhéo do Fayal. IDEM *Ib.* I. x. 144: Era este, um caboclinho de doze á treze annos, á quem seus camaradas chamavam Martim. **1869** VARELA *Cantos Meridionais* in *Obras Completas* (ed. 1896, II. 174): Perfume de cabocla e de roceira, |. **1869** F. TÁVORA *Um Casamento no Arrabalde* (ed. 1903, 22): — Todos somos iguaes, todos — pobres, ricos, negros, brancos, caboclos, mistiços. **1869** B. GUIMARÃES *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, I. ii. 8-9): Todo esse rumor e vozerias partia de uma casa terrea, porem espaçosa, propriedade de mestre Matheos, velho caboclo, ferreiro de nomeada, o qual n'essa noite reunia em sua casa a mais luzida rapaziada da villa e da roça, e as mais bonitas-raparigas do lugar, afim de festejar com batuque e folgança os annos de uma de suas filhas, para o que tinha obtido licença expressa do juiz ordinario. *a*1871 CASTRO ALVES *A Cachoeira de Paulo Afonso* (1876) 102: Ao meio dia, quando o solo fuma | Ao bafo morto de ũa calma infinda, | Viram-no aos beijos do lamber demente | As rijas formas da cabocla ardente. **1872** B. GUIMARÃES *O Garimpeiro* (ed. 1921, IV. 60-61): O pai de Elias também o estimava e queria como a um verdadeiro amigo, e tendo fallecido ha quatro ou cinco annos sem poder deixar áquelle seu unicó filho outra herança mais do que uma excellente educação, que infelizmente não póde concluir, em seus ultimos momentos rogou ao velho caboclo, que acompanhasse sempre, que nunca abandonasse a seu filho, que ficava com 17 a 18 annos de idade. **1872** IDEM *Hist. e Trad. Minas* III. vi. 247: O amor de Jupyra era amor de cabocla, ardente como o sol do deserto que lhe dourava a tez, profundo como os abysmos do rio onde banhava os membros infantis. IDEM *Ib.* III. vii. 261: — Que tens hoje que estás tão bravinha, caboclinha do meu coração!... disse elle procurando ainda zombetear. **1873** J. ALENCAR *Guerra dos Mascates* I. xii. 146: [...] em lindas cestas de palha matizada, trabalho dos caboclos. **1873** IDEM *O Garatuja* xxvi. 203: Vieram os taes moços, como o chamava o prelado. Eram um moleque, e um caboclo, ambos captivos, os dois coitados, que iam servir de victimas expiatorias das estropelias dos minorenses. **1874** IDEM *Guerra dos Mascates* II. xiii. 190: Dessa façanha da nympha olindense ninguem soube em Olinda, porque ella teve o cuidado de arranjar um passeio ao engenho da tia, e em caminho, no casebre de uma velha cabocla, operou a sua transformação com a armadura e aviamentos que levara o Nuno á garupa em uma burjaca. **1875** IDEM *O Jesuíta* II. iii. 56: É caboclo e basta. Birrento como esta casta de gente. **1875** IDEM *O Sertanejo* I. viii. 92: Isto é para bugios ou caboclos, que tanto vale, pois são da mesma raça. IDEM *Ib.* II. viii. 130: Esses descendentes dos caboclos seguem a mesma regra daquelles: não guardar comida, nem fome para o dia de amanhã. **1876** F. TÁVORA *O Cabeleira* viii. 140: De sua agonia a veiu tirar um caboclo velho, que morava no caminho do povoado, em terras da engenhoca, e que era o estafeta do lugar. **1877** B. GUIMARÃES *Maurício* I. ii. 24: — Prompto! acudio uma vóz de dentro de uma das casinhólas, que cercavão o pateo, e immediatamente saltou della um robusto caboclo, descalço, arregaçado até os joelhos, e embuçado em uma tipóia de couro de veado. **1878** F. TÁVORA *O Matuto* iii. 39: Por felicidade sua casára com Marcellina, cabocla ainda nova das proximidades da Alhandra, trabalhadeira, poupona e ajuntadeira que com as escassas economias de suas industrias ajudava o marido a achar a felicidade no seio da pobreza, e guardava a idéa de libertar-se deste estado às custas do seu esforço. **1881** IDEM *Lourenço* (ed. 1902, iv. 53): O Camarão dirigiu o assalto. Exercitados na vida do matto, os seus caboclos penetraram no pouso sem grande custo, [...]. **1883** B. GUIMARÃES *Rozaura a Engeitada* (ed. 1900, I. vii. 95): O major é caboclo quasi puro sangue, como bem está revelando o seu todo. **1883** IDEM *Folhas de Outono* 192: Gentil cabocla de faguciro

rosto, | De indole indolente, | Sem dôr te concebeu entre as delicias | De um sonho inconsciente. *a*1884 IDEM *O Bandido do Rio das Mortes* (ed. 1905, i. 6): — Itapema — disse o branco, dirigindo-se ao caboclo, — estou quase a desesperar. 1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 115): Era um caboclo, membrudo, forte, mas de physionomia, coisa rara nelles, por vezes risonha. 1888 INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, I. vi. 331): [...], e com as caboclas de saias de chita verde dansando o sahiré á porta das igrejinhas sertanejas. 1890 A. AZEVEDO *O Cortiço* iii. 48-49: Seguia-se Paula, uma cabocla velha, meio idiota, a quem respeitavam todos pelas virtudes de que só ella dispunha para benzer erysipelas e cortar febres por meio de rezas e feitiçarias. 1895 J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* II. ix. 143: Assim era, e das escolas jesuiticas e das outras communidades religiosas passada para as leigas dessa materia foi até a primeira metade deste seculo a fêrula sob a qual gerações de caboclinhos, de mestiços e de brancos aprenderam a cartilha do padre Ignacio, [...]. 1895 COELHO NETO *Miragem* III. i. 300: De uma côr abaçanada de caboclo, olhos negros, miudos e sumidos, fronte vasta e o nariz fino e recto. 1895 A. CAMINHA *Bom-Crioulo* i. 14: Junto aos presos equilibrava-se um homem de grande estatura, largo e reforçado, typo de caboclo nascido no Amazonas, [...]. 1898 A. ARINOS *Os Jagunços* I. iv. 129: Afinal, veiu chegando um caboclinho com um feixe de lenhas ás costas. IDEM *Ib.* II. ii. 183: Além disso, os parceiros desse caboclo diziam que elle enxergava de dia que nem urubú e de noite, tal qual coruja ou cavalo gazeo. 1902 E. CUNHA *Os Sertões* 492: São repellidos pelo 34º batalhão e corpo policial, deixando 15 mortos, uma cabocla aprisionada e um surrão de farinha. 1903 D. OLÍMPIO *Luzia Homem* v. 37: Dominava o murmurio de risos e chacotas grosseiras, a gargalhada estridente e sarcastica de Romana, a lubrica, a roliça e quente cabocla de dentes ponteagudos. IDEM *Ib.* xxiii. 196: Notava-se-lhe, no entanto, certo cuidado excepcional no arrumo dos cabellos [...], a escolha do vestido de chita cabocla, guarnecido de rendas, [...]. 1904 MACHADO DE ASSIS *Esaú e Jacob* viii. 30: Muita gente não embarcava sem subir primeiro ao morro. A cabocla explicava sonhos e pensamentos, curava de quebranto [...]. 1907 E. CUNHA *Contrastes e Confrontos* 231/232: Mas sobrepujando-os pelo numero, pela robustez, pelo melhor equilibrio organico da acclimação, e pelo garbo no se afoitarem com os perigos, os admiraveis caboclos do norte que os absorverão, que lhes poderão impor a nossa lingua, os nossos usos e, ao cabo, os nossos destinos, [...]. 1910 H. CAMPOS *Poeira* 215: Eis uma alma penada: é a triste embiara | De um pagé poderoso e vingativo, | Que um misero cabôclo condemnára | A morar dentro dagua emquanto vivo. 1911 A. MAIA *Tapera* 85: [...] ameaçava a amazia, entre risonha e medrosa, envolvendo o mesmo olhar de amor o caboclo e o filho. 1915 LIMA BARRETO *Policarpo Quaresma* II. iv. 138: Um tanto trigueiro, cabellos corridos e já grisalhos, era o que se chama por ahi um caboclo, embora o seu bigode fosse crespo. 1918 MONTEIRO LOBATO *Urupês* 113: Mora nesta o Urunduva, caboclo amaleitado. 1919 IDEM *Cidades Mortas* 11: Subsiste, como lagartixas na pedra, um pugilo de caboclos amarellos, opilados, [...]. 1920 LIMA BARRETO *Histórias e Sonhos* 15: Inhaúma é ainda dos poucos logares da cidade que conserva o seu primitivo nome caboclo, zombando dos esforços dos nossos edis para apagal-o. 1922 A. PEIXOTO *Bugrinha* iv. 52: Um caboclo do mato não o seria, mais do que ela, selvagem. 1924 RIBEIRO COUTO *A Cidade do Vício e da Graça* 76: De repente muitas cabeças se voltam para uma porta. Um caboclo alto, todo de branco, um cravo vermelho na lapella, entrou. IDEM *Ib.* 85: Aquelle marinheiro que lá está, na porta, a discutir com uma caboclinha de lustroso cabello cortado á bêbê, amanhã matal-a-ha com duas facadas... 1929 G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* xvi. 293: Cunhãs, cabrochas, mulatas, caboclas, invocadas com uma delicadeza e um pudor, que differenciam a volupia sertaneja da luxuria negra. 1929 A. PEIXOTO *Sinhàzinha* xxii. 217: Era um caboclo desempenado, lá do norte, andejo, que trafegou o Itapicurú, o Pardo, o Paraguassú... 1930 G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 187: Ha de tudo entre a gente que nos rodeia: brancos, pretos, mulatos, mamelucos, cafusos e caboclos, [...]. 1931 G. ARANHA *O meu próprio romance* 79: Não encontrei o currupira, nem o sacy-pererê, nem o caboclo-peixe. 1931 RIBEIRO COUTO *Cabocla* vi. 66: Senti uma sympatia fraternal pelos caboclos que estavam á porta, em conversa, fumando, no repouso dos trabalhos da lavoura: caras mongolicas, magras, de zygomas salientes, peitos fundos, sem musculatura, mãos enormes, deformadas pela enxada e pela foice, mãos que eu nunca apertara. 1933 L. MIGUEL PEREIRA *Em Surdina* ix. 181: O Tobias tinha lá um casal de empregados, mas eram caboclos, si bem que de toda confiança. 1933 G. RAMOS *Caetés* xvi 128: Tentei recordar a figura da cabocla, mas apenas me lembrei dos peitos volumosos e do nariz chato. 1934 IDEM *S. Bernardo* ii. 11: Na opinião dos caboclos que me servem, todo o caminho dá na venda. 1934 J. L. REGO *Banguê* II. iv. 96: Não estava tão bôa aquella vida de livros, de conversas, aquelle meu namoro de caboclo, só conhecido de mim mesmo? IDEM *Ib.* II. vii. 111: Ficaria com nojo do amante que se mettia com negras e caboclas do engenho como os seus avós, usando dos seus escravos até para isto. 1934 JORGE DE LIMA *O Anjo* 88: O Heroi rasgou o casaco da cabocla, peitos durões morenos, balançaram, estraçalhou a saia, viu a serenidade immovel;... 1935 IDEM *Calunga* xvii. 153: Deram no cabôclo alguns ponta-pés de quebra e se foram dali satisfeitissimos. 1936 J. L. REGO *Usina* II. xi. 190: Vida de caboclo era a que elles tinham. 1938 G. RAMOS *Vidas Secas* 17: [...], a roupa encarnada de sinhá Victoria provocaria a inveja das outras caboclas. 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* xii. 145: Só ahi o João Cabelludo reconheceu no aggressor um caboclo reforçado que distribuia pão em Cametá. 1940 RIBEIRO COUTO *Largo da Matriz* 15: Ao remeter ao promotor da comarca, no dia seguinte, os autos de um inquérito — ferimentos leves, cacetadas na roça, entre caboclos encachaçados num domingo — tive uma certa emoção. 1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 324: E se voltava para o Juruminho, caboclo franzino, vivo no menor movimento, ágil até no manejo do garfo, que em sua mão ia e vinha, como agulha de coser: [...]. 1956 IDEM *Grande Sertão: Veredas* 43: Este aí, está com uma mocinha cabocla em casa, dois filhos dela já tem.

caburé *s.m.* Var.: 5, 7-8 *caburé*, 5-6 *cabure*, 8 *caborê*, 7-9 *caboré* [<T. kaɳu'reʲ].

Ave noturna da família dos bubonídeos. *Por extensão:* mestiço de negro e índia, cafuzo (v. abon. 1878); indivíduo melancólico (v. abon. 1936); caipira, matuto (v. abon. 1946).

Nas abon. de 1587, *c*1594 e *c*1777 o voc. denomina uma ave da ordem dos falconiformes.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXVIII. 85): A águia, a que o gentio chama caburé-açu, é tamanha como as águias da Espanha, tem o corpo pardaço e as asas pretas; tem o bico revôlto, as pernas compridas, as unhas grandes e muito voltadas, de que se fazem apitos; criam em montes altos, onde fazem seus ninhos e põem dois ovos sòmente; e sustentam os filhos da caça que tomam, de que se mantêm. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1417-1420:Cabure guaçu falcaõ grande, Cabure merj falcaõ piqueno estes dizẽ os naturais q̃ mata huã anta metesse debaixo do braço e tãto piqua te q̃ lhe chega ao coração. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 190*v*: Cabure he pasoro do tamanho de hũa melro [*sic*] pardo como framselho he aparesem mais de noute que de dia fazem dous filhos e fazem seus filhos em buraquos de pauos e os ouos são bramquos e os saluasguemis [*sic*] lhe tiram os peis pera fazerem mezinhas aos filhos pera matarem quasa e as mezinhas que cão he sarafasarlhem [*sic*] os brasos com os peis deste pasoro. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 260: [Ave de rapina] Caburé. 1789 F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 85: Caborê, passaro, pouco menor, que huma cotovia com a cabeça grande; collo curto; olhos sphericos negros; bico extenso com as mandibulas triangulares [...]. 1817 CASAL *Corografia Brazilica* I. 79: Caborê he o pequeno mocho da Hespanha. 1878 TAUNAY *Narrativas Militares* 30: Era *caburé*, isto é, mestiço de negro com india e um magnifico typo do cruzamento destas duas raças. 1895 COELHO NETO *Miragem* III. ii. 311: [...] emquanto a garôa pulverisava as arvores e os caborés piavam agourentos nos topes dos velhos troncos e os sapos nos açudes tintangalhavam... 1936 J. L. REGO *Usina* II. vii. 142: Um triste, um caboré encolhido para dentro, indifferente á riqueza de seu Ernesto, ás gabolices do amarello, ás desgraças de Theodoro. 1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 242: E, em suas feições de caboré insalubre, amigavam-se as marcas do sangue aimoré e do gálico herdado: cabelo preto, corrido, que boi lambeu; dentes de fio em meia-lua; malares pontudos; lobo da orelha aderente; testa curta, fugidia; olhinhos de viés e nariz peba, mongol.

cabureíba *s.f.* Var.: 5 *caborahíba*, 5, 8 *cabureigba*, *cabureiba*, 5 *caboreiba*, 6 *cabaraiba*, *caborehiba*, 8 *caborahy*, (8 *cabuiba*) [< T. kaɳureʲĩɳa ~ VLB I. 51: *Balsamo da terra* = Cabureîbîcigca; a aruore delle Cabureîba. *Ib.* II. 55: *Oleo, ou balçamo da terra* = = Cabureigba (...)].

Árvore da família das leguminosas.

Os cronistas aludem à boa qualidade da sua madeira e, particularmente, às propriedades balsâmicas do óleo, que era usado com eficácia no tratamento de várias enfermidades.

1576 GÂNDAVO *Hist.* v. fl. 19: Outras aruores differentes destas, ha na capitania dos ilheos, & na do Spiritu Sancto a que chamão Caborahíbas, de q̃ tambẽ se tira outro balsamo: o qual sae da casca da mesma aruore, & cheira suauissimamẽte. Tambẽ aproueita pera as mesmas infermidades, & aquelles que o alcançam tẽno em grande estima & vendẽno por muito preço: porq̃ alem de as taes aruores serẽ poucas, corrẽ muito risco as pessoas q̃ o vam buscar por causa dos imigos que andam sempre naquella parte emboscados pelo mato, & nam perdoam a quantos acham. *c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 21: Cabureigba. Esta aruore he m^to^ estimada, e a grande por causa do balsamo q̃ tem, p^a^ se tirar este balsamo se pica a casca da aruore, e lhe poẽ hũ piqueno dalgodaõ nos golpes, e de certos ẽ certos dias uaõ recolher o oleo q̃ ali se estilla. chamãlhe os portugueses balsamo por se parecer m^to^ cõ o verdadr^o^ das uinhas de Engaddi, serue m^to^ p^a^ feridas frescas, e tira todo o sinal, cheira m^to^ bẽ, e delle, e das cascas do pao se fazẽ rosairos, e outras cousas de

cheiro, os matos onde as ha cheirão bẽ, e os animais se uaõ roçar nesta aruore, parece q̃ pª sararẽ de alguãs enfermidades. A madrª he das milhores deste Brasil, por ser mᵗᵒ forte, pesada, e liada e de tal grossura q̃ dellas se fazẽ as Gangorras, eixos, e fusos pª os engenhos. **1587** G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lviii. 34): Não se podiam arrumar em outra parte que melhor estivessem as árvores de virtude que após das que dão fruto: e seja a primeira a árvore do bálsamo que se chama cabureíba; que são árvores mui grandes de que se fazem eixos para engenhos, cuja madeira é pardaça e incorruptível. Quando lavram esta madeira cheira a rua tôda a bálsamo, e tôdas as vêzes que se queima cheira muito bem. Desta árvore se tira o bálsamo suavissimo, dando-lhe piques até um certo lugar, donde começa de chorar êste suavissimo licor na mesma hora, o qual se recolhe em algodões, que lhe metem nos golpes; [...]. Idem *Ib.* II. clxv. 271: [os Tupinambás] Curam as grandes feridas e flechadas com umas ervas, que chamam cabureíba, que é milagrosa. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1751-1770: Balçemo Caboreiba Ha mᵗᵃˢ aruores saõ grandes em trôco e Ramos tẽ vertude a casca e trôco A goma q̃ he o balçemo tẽ grande cheiro serue pª feridas e outras cousas q̃ o doutor Monardes refere he estimado pera gãgorras e ejchos de emgenhos por ser mᵗᵒ mᵗᵒ mociço. Piquase a casca emtaõ esta estilando aquele licor gota a gota em algodaõ e apanhaõno em tempo de estio por se naõ mesturar cõ agoa, chẽira logo de lõge e onde os ha ha mᵗᵃ caça e a caça ferida se vay roçar cõ a ferida na aruore e assi se achaõ mᵗᵒˢ cabelos pegados nesta aruore q̃ a natureza lhe ẽsinou fazẽ os portugezes cõta de chejro desta casca e mesturaõ cõ o oleo e saõ boas pera a cabeça as feridas q̃ cõ elle se cura fiquaõ sẽ sinal e as vezes tornaõ a picar a ferida pª tirar sãgue e cõ elle se curar e diz o faz tirar. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iii. fl. 84 *v.*: [...] e assim diguo que as madeiras de que tenho noticia e me alembra a callidade dellas saõ estas, [...] masaranduba, e cabaraiba, ambos de cor Roxa marauilhosas pera obra prima, principalmente pera cadeiras [...]. **1627** V. Salvador *Hist. Brasil* I. vi. fl. 11*v.*: Outras arvores há chamadas caborehibas que daõ o suavissimo balsamo, com que se fazem as mesmas curas, e o summo Pontifice o tem declarado, por materia legitima da sancta vnçaõ, e chrisma, e como tal se mixtura, e sagra com os sanctos oleos onde falta o da persia; este se tira tambem dando golpes em a arvore, e metendo nelles hum pouco de algodão em que se colhe, e exprimido o metem em huñs coquinhos, pera o guardarem, e venderem. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 110: [...] e entre [as arvores] que destillam balsamo, nomeam-se em primeiro lugar a do *Cabureigba*, mais conhecido pelo nome de balsamo do Espirito Santo, a do *Cupahyba*, a do *Cumarú*. Idem *Ib.* II. 37: [grande diversidade d'arvores de bom páu para construcção principalmente] oleo pardo, dito vermelho, dito cupahyba, dito caborahy; [...]. **1857** J. Alencar *O Guarany* (2ª ed., 1864, I. xi. 120): Era uma cabuiba de alta grandeza que se elevava pelo cimo da floresta, e de cujo tronco cinzento borbulhava um oleo côr de opala que desfiava em lagrimas. Idem *Ib.* 358 *(Nota)*: A cabuiba ou cabureiba, *balsamum Peruvianum* de Pison, *cabuiba* de Marcgrave e *Miroxilem Cabriuva* de outros naturalistas, é uma arvore das nossas mattas de mais de cem palmos e a que vulgarmente se chama arvore do balsamo.

cacundê *s.m.* Var.: 8 *cacondê*, 9 *cacundê* [< T. *kaaku'na < ka'a 'folha' + ku'naŋa 'retorcido' ~ VLB II. 132: *Torcer-se em arco pera sima* = Aicandab, (...) Aiecandab (...) E posto q. este uerbo se parese na toada com outro q. diz Aiecundab difere nisto q. alem de ter, u, e o outro, a, antes do, n, as uoltas deste não são para sima senão como rasto de cobra].

Espécie de enfeite com que se guarnecem peças do vestuário feminino.

1875 J. Alencar *O Sertanejo* II. xi. 175: Deus tenha sua alma, que foi um homem bom, mesmo pela palavra; só tinha que não podia ver cabeção de cacondê que não ficasse logo como pipoca na frigideira! **1903** D. Olímpio *Luzia Homem* xiv. 112: — Olhem — continuou, caqueando no seio do cabeção, bordado de *cacundês*, onde immergiam confundidos, entrelaçados, os rozarios, bentinhos e medidas de santos, [...].

caçununga *s.m.* Var.: 9 *cassununga* [< T. kasu'nuŋa < < 'kaŋa 'vespa' + su'nuŋ 'zunir' ~ VLB I. 55: *Bespas* = Caba. Suas especies. Taturana; (...) Câçununga. *Ib.* II. 149: *Zunir* = Açunung, entendese de toda cousa que faz boatu pouco ou muito].

Vespa social da família dos vespídeos.

1946 Guimarães Rosa *Sagarana* 133: Tirita a mamona, de fôlhas de peludas, como o corselete de um cassununga, brilhando em verde-azul.

cacuri *s.m.* [< T. *kaku'ri].

V. abon.

1895 J. Veríssimo *A Pesca na Amazónia* I. viii. 114: O cacuri é uma tapagem especial, tambem feita nestes mesmos sitios, para apanhar o peixe que por elles sáe, procurando aguas mais profundas.

caetê *s.m.* Var.: 5, 9 *caeté*, 9 *caheté* [< T. *kaae'te < ka'a 'folha' + e'te 'verdadeiro, legitimo'].

Designação comum a várias plantas das famílias das marantáceas, canáceas etc., de cujas folhas os indígenas se utilizavam para diversos fins.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxxvii. 83): Caeté é uma fôlha que se dá em terra boa e úmida, que é da feição das folhas das alfaces estendidas, mas de quatro e cinco palmos de comprido, e são muito têsas; as quais nascem em touças muito juntas, e tem o pé de quatro e cinco palmos de comprido, e não fazem arvore. Servem estas fôlhas aos indios para fazerem delas uns vasos, em que metem a farinha, quando vão a guerra, ou algum outro caminho, onde a farinha vai de feição que ainda que chova muito não lhe entra água dentro. **1918** Monteiro Lobato *Urupês* 122: [...] onde um broto d'agua gelada, fluente por entremeio de pedras limosas, o tenta a sorver um gole aparado em folha de caheté. **1956** Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* 189: Mas, na beira da alpendrada, tinha um canteirozinho de jardim, com escolha de poucas flôres. Das que sobressaíam, era uma flôr branca — que fôsse caeté, pensei, e parecia um lírio — alteada e muito perfumosa.

caferana *s.f.* [< café + -rana (< T. 'rana 'semelhante')]. Planta da família das gencianáceas.

1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 105): Para as dores nas costas tinha leite de amapá e para as do peito tinha o de ucuuba. E mais, [...]: caferana e quina, de prevenção, por causa das sezões endemicas no Trombetas; [...]. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 109: São ellas: *caferana*, arvore de pequenos fructos em cacho; *muricy*, alta arvore, de florezinhas rosco-amarelladas; [...].

caiacanga *s.m.* Var.: 5 *caiacanga*, 6 *caiaganga* [< T. kaŋa' kaŋa ~ VLB II. 80: *Poluo* = Caiyacanga].

Polvo *(Octopus vulgaris)*.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxxvi. 213): Nos arrecifes se tomam muito polvo, e são como os de Espanha sem nenhuma diferença, a que os índios chamam caiacanga, os quais não andam em cima d'água; e tomam-se na baixamar de maré de águas vivas, nas concavidades que tem os arrecifes, onde ficam com pouca água; [...]. *a*1696 G. Matos *Obras* (ed. 1969, V. 1147): Com uma raiz de aipi | vos envio de Passé, | e enfiado num imbé | Guiamu, e Caiaganga, |.

caiarara *s.m.* Var.: 7 *caiarára*, 8-9 *caiarara*, 9 *cairara*, *cajarara* [< T. *kaŋa'rara < ka'i 'macaco' + a'rara 'arara' ~ VLB I. 56: *Bogio não tem genero* = Os menores Caguî, Caguiiuba, outros maiores: Caî: (...)].

Espécie de macaco da família dos cebídeos.

*c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 258: [Macaco] Caiarára. **1888** Inglês de Sousa *O Missionário* (ed. 1899, II. x. 205): Veados, antas, tamanduás, lontras, capivaras, cacetús, enormes barrigudos, e vermelhos caiararas vinham desassombrados beber a agua do furo, animados do silencio e tranquillidade do lugar, apenas levemente alterado pelo desfilar suave do ubá de João Pimenta. **1928** M. Andrade *Macunaíma* v. 57: Nos ramos das ingàzeiras das aningas das mamoranas das embaúbas dos catauarís de beira-rio o macaco-prego o macaco-de-cheiro o guariba o bugio o cuatá o barrigudo o cairara, todos os quarenta macacos do Brasil, todos, espiavam babando de inveja. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* xvii. 194: Não demorou um minuto surgiram bandos de macacos capitaneados pelos coatás. Viam-se o guariba, o cajarara, o barrigudo, [...].

caiçara *s.f.* Var.: 5 *caiçá, caicara, caica,* 6 *caicára*, 6,8 *caiçára*, 6, 9 *caissára*, 6 *caiçâra*, 6, 8 *caissara*, 6 *cayssára*, *cayçára*, 7 *cahiçára*, *cahissára*, 8-9 *caiçara* [< T. kaaï'sa 'cerca de ramos, fortificação' ~ VLB I. 143: *Forte contra os imigos de rama* = Caaigçâ. *Ib.* II. 141: *Ualo de rama pera a deffensão* = Caaigçâ].

Cerca tosca, construída com galhos e ramos entrançados, usada pelos indígenas para defesa e proteção de suas tabas, seus currais etc.; *por extensão*, qualquer cercado de construção rústica.

1587 G. S. Sousa *Noticia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. clxviii. 276): E sendo caso que os Tupinambás achem seus contrários apercebidos com a sua cêrca feita, e êles se atrevem aos cercar, fazem-lhe por de redor outra contracêrca de rama e espinhos muito liada com madeira que metem no chão, a que chamam caiçá, pela qual, enquanto verde não há cousa que os rompa, e ficam com ela seguros das flechas dos contrários, [...]. *c*1587 S. Travaços *Sumário das Armadas* xi. fl. 57: Corridos assy o mais que os nossos puderão, mandou o general queimar toda a caicara e madᵉ e assolado tudo se tornou

pª seus companhᵉᵒˢ a cerca que o vierão receber fora com grãdissima e demasiada alegria, [...]. IDEM *Ib.* xxi. fl. 70*v.*: [...] todavia creseraõ mᵗᵒos imigos, e tinhão ia fᵒ sua caicara [...]. *c*1596 IDEM *Declaração do Brasil* xxxix. fl. 29*v.*: [...] fazemlhe logo por derredor outra contra cerca de rama e mᵗᵒˢ espinhos liada com madeira metida no chaõ, a que chamaõ caica, a qual emquanto uerde, naõ ha cousa que arrompa, [...]. IDEM *Ib.* xxxix. fl. 30: [...] fazem ao longo da agoa em que se fortificaõ cõ presteza sua caica, pera ali dormirem seguros de seus contrairos com grande uigia, [...]. 1627 V. SALVADOR *Hist. Brasil* I. xvi. fls. 28-28*v.*: E sendo cazo, que achaõ seus contrarios apercebidos com cercas feitas, fazem lhes outra contra cerca de estacas metidas na terra com ramos, e espinhos liados a que chamão caicára, a qual em quanto verde naõ ha couza que a rompa, e daly blazonaõ, e jogaõ as pulhas com os contrarios, athe que huns, ou outros abalrroaõ, ou sahein a peleijar em campo, e toda sua peleija he fazendo o moitim, que he correr, e saltar de hua parte pera outra porq̃ lhes naõ façaõ pontaria. IDEM *Ib.* II. x. fl. 45: [...] mas os de dentro como andavaõ mais resguardados, se defenderaõ, e os offenderaõ de modo matando e ferindo tantos, q̃ foy forçado aos capitaẽs depois de mᵗᵃˢ. horas de peleija, mandallos recolher, pera huã caiçára, ou cerca de rama q̃ fizeraõ vinte, e sinco braças afastada da dos contrarios, [...]. IDEM *Ib.* IV. xiv. fl. 115*v.*: [...] toda via cresçéraõ mᵗᵒˢ Inimigos e tinhaõ ja feito hũa caissára sobre ella, que o ouvidor geral lhes mandou desmanchar por Duarte gomes com algũa gente, [...]. IDEM *Ib.* IV. xiv. fl. 116: [...] e por na primeira tranqueira, ou caiçâra do Rio haver detensa pella mᵗᵃ. resistencia, que acharaõ passou lá o Ouvidor geral, e dandolhes muita pressa como quem entendia, que nisto estava a importaçia, com sua chegada se levou sem nos ferirem pessoa, [...]. 1656 J. SOTOMAIOR *Jornada ao Pacajá* in DAP, VIII. (1945) 4: [...] os Portugueses fiserão sua caissara mui forte, a hũ lado da Aldea: eu me não quis meter nella mas levantei hũm girao mistico com a Igreja, em que me agasalhei e fis hũa pequena rossa de feijoens, milho, e outras sementes para me ajudar a sustentar e não ser pesado aos indios tapejaras. *c*1698 J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXII. (1909) 256: Vinham os espias de noite ver a cayssára para reconhecer o que se passára e retiravam-se outra vez, pelo que os cabos com os que iam em a tropa suspeitaram que lhes queriam dar e buscavam occasião para isso; [...]. IDEM *Ib.* 351: [...] cercaram tambem suas casas com uma estacada de páo a pique mui forte, à moda de uma cayçára de brancos, para se defenderem dos Tapuyas pelos sertões. 1749 B. BERREDO *Anais do Maranhão* xiii. 432: [...] se fortificou no mesmo sitio com huma trincheira de páo a pique, que com o nome de Cahiçára costuma ser naquelles Paizes ordinaria defensa às invasões dos barbaros, de que elles tambem usaõ: [...]. IDEM xvi. 524: Antonio Arnau, preocupado todo dos fataes influxos das mesmas esperanças, sem mais exame, nem militar cautela. lhes fez patente a sua cahissára, [...]. 1865 J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, xxix. 172): Durante a noite os Pytiguaras ficam na praia na forte caiçara de espinho, [...] [*Nota do Autor, á pág. 230*] *caiçara* de *cai*, pau queimado e a desenencia *çara*, cousa que tem, ou se faz. O que se faz de pau queimado. Era uma forte estacada de pau a pique. 1874 IDEM *Ubirajara* iv. 57: Então avançou para a taba; na entrada da caissara que cercava o campo dos tocantins, atirou ao chão a seta partida. 1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 270): Ali levantou uma miseravel palhoça para si mais a mulher, e uma ligeira caiçára para o gado. 1895 IDEM *A Pesca na Amazônia* I. v. 78: Nestes curraes feitos de páos toscos, de gradeado estreito em baixo, para que não fujam, e que em alguns lugares do Alto-Amazonas conservam ainda o nome tupi de *caiçara*, vivem ellas no lodo, do qual tiram sustento, seis mezes e perto de um anno, dando farta e boa provisão nos mezes escassos da enchente. 1902 E. CUNHA *Os Sertões* 55: [...] encoivarados, depois de seccos, os ramos, alastravam-se-lhes por cima, crepitando, as caiçaras em bulcão de fumo, tangidas pelos ventos. 1914 COELHO NETO *Rei Negro* x. 408: Então lembrava-se de Balbina, desejando-a ali para que lhe fosse explicando tudo, mostrando: o palacio real entre palmeiras, as cubetas dos guerreiros numa caissára de lanças, [...]. 1933 G. RAMOS *Caetés* vii. 43: Macacos e saguis em dança acrobática pelos ramos, cotias ariscas espreitando á beira da caiçara.

‖ **caiçu:** v. abon.

1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 79: *Caiçú*, que quer dizer cabeça grande, he do tamanho d'huma cotovia, de feitio desagradavel, com as azas, e cauda côr de tabaco, a barriga cinzenta, uma malha branca no peito, a parte superior do corpo parda, salpicada de branco; pescoço grosso, bico grosso, e negro, pontudo, e circulado de barbas compridas, grossas, e duras: seu canto não lisonjeia mais o ouvido.

caiçuma *s.f.* Var. 8 *caecuma*, 9 *caiçuma* [< T. ?].

Bebida indígena.

1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 133: Sua cultura reduz-se a uma pequena plantação de mandioca, não tanto para a reduzirem a farinha quanto para o fabrico do *caxiri*, ou *paiauarú*, sempre uzado nos dias de regosijo e batatas doces, que misturadas com a mandioca fermentada, formam outras bebidas que embriagam conhecidas por *murumurú*, e *caecuma*: [...]. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* vi. 76: Os vinhos eram um Puro de Ica subidor vindo de Iquitos, um Porto imitação, de Minas, uma caiçuma de oitenta anos, champanha de São Paulo bem gelada e um extrato de genipapo famanado e rúim como tres dias de chuva.

caimbé *s.m.* [< T. ˚kaa'iɱe].

Planta da família das dileniáceas (*Curatela americana*); cajupeba.

1930 G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 209: Para esta nos dirigimos por entre arvores já conhecidas, como *caimbés* (*lixeiras* do Sul), [...].

cainana *s.f.* Var.: 8 *caninana, cahinanna* [< ? T.].

Planta da família das rubiáceas.

1813 C. J. CARDOSO *Plantas de Minas Gerais* in RAPM, VII. (1902) 747: *Caninana* — He huma raiz de sabor amargo acre inherente, e cheiro nauzeoso; he estimulante, um poderoso urinario, e purgante drastico: tem curado algumas hidropesias em principio, tanto acites, como anasarcas: da-se em cozimento de meia onça ate seis oitavas, em seis onças d'agua; e em pó ate huma oitava diluida em veiculo conveniente, seu extracto aquoso, obra com mais efficacia na dosis de hum escropulo ate dous, porem irrita mais. Poderá custar cada arroba de rais 800 reis. 1817 CASAL *Corografia Brazílica* II. 245: A jalapa, a epicuenha, a cahinanna nãm sam aqui [no Piauhy] desconhecidas; [...].

caipira *s.m.* e *f.* [Origem controvertida. Admitindo-se que proceda do tupi, *caipira* poderia ser uma corruptela de *caipora*, com intercorrência de *curupira*, que justificaria a evolução - *pora* → - *pira*. Semanticamente a hipótese é viável; faltam, todavia, os elos da cadeia evolutiva, pois a documentação histórica é tardia ~ v. CAIPORA e CURUPIRA].

Indivíduo rústico, tímido; roceiro, matuto.

Em José Lins do Rego (v. abon. 1934, 1936, 1937) o voc. designa um jogo de azar, muito apreciado pelos sertanejos, no qual se utiliza um único dado.

1872 J. ALENCAR *Til* I. vii. 73: — Sahe dahi! chasqueou o mulato. Jaboticabinha de sinhá é lá para beiço de caipira? IDEM *Ib.* III. i. 12: Luiz Galvão era magano e fragueiro; gostava de bolir com as raparigas e pregar peças aos caipiras. 1872 IDEM *Sonhos D'Ouro* II. xxi. 100: — Ora, estão vocês ahi com historias! A Guida o que fez hoje no passeio, assim como no domingo passado, foi debicar o tal caipira de S. Paulo. 1872 TAUNAY *Inocência* (2ª ed., 1884, ii. 29): — Nhôr não, respondeu o outro. Sou caipira de S. Paulo: nasci na villa da Casa Branca, mas fui criado em Ouro-Preto. 1872 B. GUIMARÃES *Hist. e Trad. Minas* II. vi. 92: — Sandeu e calumniador será elle! veja onde está e com quem falla... olhe que não sou nenhum caipira tocador de burros, arrieiro ou capataz de tropa. 1883 IDEM *Rozaura a Engeitada* (ed. 1900, I. vi. 84): Adelaide, não obstante mostrar-se sempre risonha e accessivel a todos os outros estudantes, e em particular a Azevedo, ao menos naquelle dia pensava muito em Belmiro, pobre provinciano simples e negligentemente trajado, que mais parecia um caipira que um estudante. 1890 A. AZEVEDO *O Cortiço* xviii. 249: Alguem reclamaria, mas muitos enguliriam a bucha... Para isso não faltavam estrangeiros e caipiras!... 1907 E. CUNHA *Contrastes e Confrontos* 219: O argumento é impressionadoramente claro: o civil apanhado a laço, o voluntário de páu e corda, o caipira a quem a farda aterrorisa — mas cuja capacidade de acção se desenvolveu autonoma nas caçadas, na faina da lavoura, nos multiplos officios, [...]. 1918 MONTEIRO LOBATO *Urupês* 48: Como a vida do matto asselvaja estas veadinhas! Note-se que os Alvoradas não são caipiras. 1919 IDEM *Cidades Mortas* 16: Nossas desageitadissimas caipiras são morenas cor de jambo. 1929 G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* xvi. 263: Em todos os bancos, de dentro dos guarda-pós e das roupas encardidas de terra roxa, vociferavam-se protestos em brados caipiras e carcamanos contra o calor e o pó. 1929 A. PEIXOTO *Sinhâzinha* x. 99: Vencida a primeira dificuldade de conhecimento timidez ou desconfiança, mistura a que chamam cerimônia, o tabaréu, ou caipira, o sertanejo, é comunicativo. 1934 J. L. REGO *Banguê* II. vi. 107: Se o anno fosse bom de algodão faziam mais roupas e bebiam mais nas festas, inventando novenas para se estragarem no caipira. 1936 IDEM *Usina* II. x. 172: Os homens ficavam jogando caipira, na frente, que isto de resar era só para mulheres. 1937 IDEM *Pureza* xxxi. 331: Iam para a missa do galo, voltariam para casa — teriam feito tudo o que a imaginação delles durante um anno concebera de maior: beber vinho branco, jogar caipira no meio da rua.

caipiragem *s.f.* [< caipir(a + -agem].

Timidez, acanhamento.

1872 TAUNAY *Inocência* (2ª ed., 1884, ii. 28/29): Tudo anda tão calado!... uma verdadeira caipiragem!...

caipora *s.m.* e *f.* e *adj.* Var.: 7-9 *caapora*, 9 *caapóra*, 8-9 *caipora, caipóra*, 8 *cahapora* [< T. kaa'pora < ka'a 'mato' + 'pora 'habitante de'].

Entre os indígenas, designava um ente sobrenatural que trazia infelicidade a quem o via; indivíduo que traz má sorte aos seus semelhantes; infeliz, azarento; infelicidade, má sorte, azar.

*c*1767 J. DANIEL *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, II. (1840) 481: Do que se infere que o diabo, disfarçado em figura humana *Coropira*, tem muita communicação com os Indios mansos e já aldeados; e muito mais com os bravos, a que chamão *Caaporas*, isto é, habitadores do mato. **1855** JUNQUEIRA FREIRE *Contradições Poéticas* 126: Vós divagais nos mattos ! Por entre as caiporas ! Infestas ! Das quaes os nossos velhos ! Nos contão tantas cousas ! Funestas! **1865** J. ALENCAR *As Minas de Prata* II. xi. 199: A gente do logar chamava-o *caiporinha*, de uma palavra tupy que significa — *habitante da floresta*; e com effeito o appellido quadrava perfeitamente, porque vindo a fallecer-lhe o pai, elle abandonara de maneira a casa paterna, que ahi não poz mais os pés, desde o dia em que sahiu orphão. **1872** B. GUIMARÃES *O Garimpeiro* (ed. 1921, XIII. 177): — Pois como?... não ha por ahi nem uma viva alma com quem não tenha tomado caipóra?!... **1872** TAUNAY *Inocência* (2ª ed., 1884, xxiii. 235): Com pouco mais de uma semana, estou de volta, trazendo a felicidade ou a caipora de uma vez. **1872** J. ALENCAR *Til* II. v. 57: — Mas um dia chega a caipora. **1873** IDEM *O Garatuja* vii. 61: O Sebastião Freire, sarapantado e um tanto bambo das pernas, com os olhos gazeos a saltarem desta áquella banda do caminho, lá se foi de recuo, aos trancos, receioso de que lhe surgisse do matto algum máo companheiro, caipora ou bicho, com quem se visse abarbado. IDEM *Ib.* xvii. 137: Por uma coincidencia que mostra quanto é verdade haverem dias caiporas, ou nefastos, como lhe chamaram os romanos, succedeu que no alto do manuscripto campeava uma lettra maiscula, de golpe bastardo, e essa lettra era um M. **1874** IDEM *Ubirajara* iv. 72: Essas contas tornavam o pé do guerreiro agil na corrida, e protegiam o viajante contra os caiporas da floresta, que apartavam-se de seu caminho. IDEM *Ib.* 175 (*Nota*): Além disso contava a mithologia tupyca genios bons e máos, que habitavam as florestas e os rios, e percorriam as solidões montados em caitetus, ou transformados em certos animaes. Entre estes mencionarei o caipora e a mãi d'agua, cuja abusão transmittiu-se á raça conquistadora, [...]. **1874** TAUNAY *Histórias Brasileiras* 214: — Não sou assim mesmo dos mais caiporas. Botaram-me no batalhão mineiro: estou rodeado de patricios e conheço bem o sertão. Não é isto que me assusta. **1875** J. ALENCAR *O Sertanejo* I. ix. 111 — Hade ser o caipora; respondeu um mais desabusado. **1876** F. TÁVORA *O Cabeleira* ii. 49: — Ah!, tu pões a bocca no mundo, caiporinha? observou José. Pois vou tirar-te a fala em um instante. **1876** COUTO DE MAGALHÃES *O Selvagem* II. v. 130: O Cahapora é outro exemplo. Homem colossal, de corpo peludo, montado em um porco do mato, [...]. **1888** R. POMPÉIA *O Ateneu* xii. 367: Elle como um deus caipora, triste, sobre o desastre universal de sua obra. **1891** MACHADO DE ASSIS *Quincas Borba* xv. 31: Suppoz-se n'aquelle tempo um desgraçado, um caipora, quando a verdade era que "mais vale quem Deus ajuda, do que quem cedo madruga". **1894** TAUNAY *O Encilhamento* I. xxi. 156: A sorte é que não me tem ajudado. Sempre caipora, tive minha educação, mas nada me sahio direito; [...]. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazónia* I. iii. 37: Não sendo "Panema" ou não estando "caipora", póde um pescador, em sitio abundante de pirarucús, pescar assim oito, dez e mesmo doze em uma manhã. **1895** COELHO NETO *Miragem* II. ii. 165: As brenhas tinham o caapora perseguidor que surgia em noites negras, saltando n'um pé só, atraz das onças para cavalgal-as. **1902** E. CUNHA *Os Sertões* 141: As lendas arrepiadoras do *caapora* travesso e maldoso, atravessando célere, montado em caititu arisco pelas chapadas desertas, nas noites mysteriosas de luares claros; [...]. **1903** D. OLÍMPIO *Luzia Homem* v. 32: [...] mas, naquelle dia, foi caipóra: falseou-lhe o pé; o boi voltou-se como um gato e mataria o pobre diabo se, dentre o povo, que disparava espantado, não surgisse uma moça afoita e destemida que agarrou o bicho pelas galhadas e o sugicou que nem um cabrito. **1913** SIMÕES LOPES *Lendas do Sul* 89: Quem topar com o Caapóra daí em deante — arrastará consigo a infelicidade (caiporismo) para todo o resto da vida; si era bom torna-se máu caçador, pescador; dará topadas no caminho espinhar-se-ha nas roçadas, perderá objetos, andará atrazado, apoquentado... **1918** MONTEIRO LOBATO *Urupês* 179: Moreira, o caipora, perdia, assim, naquelle dia, os dois unicos negocios bons que durante a vida lhe depara a Fortuna: [...]. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* xv. 223-224: A caapora lá em baixo não sabia que aquela sangueira era do gigante dela e aparava a chuva na macarronada. **1929** A. PEIXOTO *Sinházinha* xviii. 175: O Caipora foi um negro velho, tomador de torrado... o pó de tabaco, com perdão da palavra. **1933** G. RAMOS *Caetés* xxvi. 192: — Safa! exclamou Valentim Mendonça. Já é ser caipora! Onde estava eu mettido! **1935** JORGE DE LIMA *Calunga* x. 90: Zé Pióca saiu correndo atrás da negra mas a bicha corria que só caipora. **1935** J. L. REGO *O Moleque Ricardo* xx. 165: Fallavam de Florencio: — Você vê o que é um homem caipora. **1937** IDEM *Pureza* xvii. 273: E elle continuou a me falar da vida: fôra um infeliz, um caipora. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xiv. 160: Cada criatura possue a sua cuia de cheiro, [...] com o miraculoso liquido perfumado. A infusão admiravel não somente dá sorte, alegria, prosperidade, como tira a macacôa, a caipora, o azar. **1956** GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 219: [...] — Caipora se cura, Jõe? Você sabe rezas fortes?" — por aí devo que indaguei; bobéia minha, assunto. — "A que cujo, se caipora não curasse? Todo mundo dela tem, nos tempos..."...

caiporismo *s.m.* [< caipor(a + -ismo].

Azar; infelicidade, má sorte.

1865 J. ALENCAR *As Minas de Prata* II. iv. 75: O amante infeliz de Joaninha, preoccupado com seu infortunio, nenhum caso fez do accidente; maldizendo-se do seu caiporismo, foi affogar as magoas com um trago de vinho de Caparica na bodega do Braz Judengo. **1871** IDEM *O Tronco do Ipê* I. iv. 48: A mucama de estimação da baroneza estava em dia de caiporismo. Depois do grotesco accidente da pomada de jáca; tudo lhe corria mal. **1872** TAUNAY *Inocência* (2ª ed., 1884, xviii. 197): Quem arranjou tudo assim... foi o meu caiporismo... **1878** IDEM *Narrativas Militares* 108: [...], como tudo n'este globo vai de sympathias e caiporismos, o Valentim cahio-lhe em graça e eu, o filho do meu pai, no mais tremendo desagrado. **1886** J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 219): Mas si por caiporismo não encontramos a montariasinha á mão, ou não nos acodem aos gritos os vaqueiros de um dos miseraveis ranchos de algum dos retiros vizinhos, [...]. **1890** A. AZEVEDO *O Cortiço* iii. 51: [...] cumprimentavam-no em silencio com um respeitoso ar de lastima e piedade, empenhados tacitamente por aquelle caiporismo, contra o qual não valiam nem mesmo as virtudes da Bruxa. **1894** TAUNAY *O Encilhamento* I. xvii. 127/128: Quanto caiporismo!... Felizmente S. Gabriel no céo e o Dr. Sodré na terra a amparavam, lhe davam forças e coragem... **1896** MACHADO DE ASSIS *Várias Histórias* 59: D. Severina apaziguava-o com desculpas, a pobreza da comadre, o caiporismo do compadre, e fazia-lhe carinhos, a medo, que elles podiam irrital-o mais. **1898** A. ARINOS *Pelo Sertão* 52: Tambem, ó pobre cadeirinha, lá terias o teu dia de caiporismo: havia de chegar a hora em que, em vez dos saltos vermelhos de um sapatinho de setim calçando um pézinho delicado, teu fundo fosse calcado pela chancra esparramada de alguma cetacea obesa e tabaquista. **1898** IDEM *Os Jagunços* I. iii. 93: Gabriel ouviu aquillo e, apesar de muito enfezado ainda com os ultimos successos e com a desgraça do curral, sentiu que chegava a occasião para elle matar o caiporismo e fazer um figurão. **1903** D. OLÍMPIO *Luzia Homem* xvii. 145: Desde que tomára a peito quebrar o encanto de Luzia-Homem, andava-lhe a sorte arrevezada. Perseguia-o um *caiporismo* incessante, que o tornava ainda mais irritadiço e trefego; [...]. **1913** SIMÕES LOPES *Lendas do Sul* 89: Quem topar com o Caapóra daí em deante arrastará comsigo a infelicidade (caiporismo) para todo o resto da vida; si era bom torna-se máu caçador, pescador; dará topadas no caminho, espinhar-se-ha nas roçadas, perderá objetos, — andará atrazado, apoquentado... **1934** G. RAMOS *S. Bernardo* xxxv. 208: Ainda por cima os bancos me fecharam as portas. Não sei porque, mas fecharam. E olhem que nunca atrazei pagamentos. Emfim uma penca de caiporismos. **1934** J. L. REGO *Banguê* III. xi. 226: Seu Lula não fôra para frente, por caiporismo. **1935** JORGE DE LIMA *Calunga* xviii. 163: — E ninguem andava, a moléstia continuando em cima dos pobres, num caiporismo sem remédio. **1936** J. L. REGO *Usina* II. xvii. 359: Não fôra culpado do caiporismo do seu compadre José de Moura. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* iv. 46: Sabe-se que o sr. foi uma das victimas [do naufrágio]. — Por meu caiporismo, *seu* dr. Antes eu tivesse quebrado uma perna lá no sitio.

caitetu *s.m.* Var.: *α.* 6 *taiaçetu, tahitetu,* 7 *taititú, taitetú; β.* 7 *cahetatú,* 7-9 *caitetú,* 8 *caytetú,* 8-9 *caititú, caetetú, caitetu,* 8 *caitetê, caitutú, (castetu), caetetu, caitatú, caetitú.* Cp. TAIAÇU [< T. taïte'tu ~ VLB II. 82: *Porco do mato, ou montes* = Tayaçuete, polla particula ete, não se diferẽ dos mansos somente, mas tambem doutros do mato de casta piquena a que chamão Taigtetu, (...)].

Porco do mato da família dos taiaçuídeos.

1610 J. MONTEIRO *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.*, VIII. (1949) 417: Há outros [porcos monteses], a que chamam taiaçetu (é nome próprio), bravos sobremaneira, mas não ousados que acometam gente. São daninhos, e a roça em que dão lá vai em uma noite, porque, depois de fartos, arrancam sem cessar todo o mais mantimento e legumes. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 128: [...] os porquos saõ de diferentes castas como he hũa a que chamaõ - teasu - e outra - tahitetu - e da mesma maneira - teasuitê - que são os nomes por que saõ conhecidos os tais porquos - por serem hûs majores e outros mais piquenos [...]. **1730** ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 64. 39: Das féras ha tigres, onças, antas, susuaranas, e javalis, que chamaõ porcos do mato; estes de duas castas, huns nomeados cahetatûs, outros queixadas brancas. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 258: [Quadrupede] Taiassú e Taititú: são duas especies de porco montez americano. **1786** in *Annexes du Premier Mémoire du Brésil* I. (1903) 219 [...] tambem apparecião algumas antas,

capiuáras, taitetús, e alguns pórcos bravos; [...]. **1789** F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 52-53: Caitetú, porco pequeno com os pes de diante tetradactyles, os detrás tridactyles por falta dos externos. [...] A cor universa ruça desde a Cervix pelo dorso até perto das nares, hum pouco mais escura, e ahi alveja. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 67: Ha tres castas de porcos montezes: uns sam de todo negros, outros tem a queixada inferior branca, outros de pequeno corpo, e russos chamados *caytetús:* estes domesticam-se athé o ponto de acompanhar o dono por todas as ruas, sem jamais o deixar. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 26: São communs nesta Provincia todos os animaes do Brasil, *antas, porcos do mato,* e *caititús, onças* pretas, e pintadas, das quaes são mais ferozes as do alto Amasonas, pois algumas vezes ate accommettem as casas dos Indios; [...]. **1847** A. Leverger *Rio Paraguai* in RIH, XXV. (1862) 232: Em toda a parte encontra-se tambem a timida *capivara,* e de vez em quando manadas de *Caitetés* ou porcos montezes. **1856** D. Magalhães *A Confederação dos Tamoyos* I. 22: Meu filho pelo bosque se entranhára ! Após um caitutú que lhe fugia, !. **1868** M. A. Porto Alegre *Brasilianas* 54: Grunhindo em longas varas serpenteam ! Ferozes caitutús por invias mattas, ! Onde o ferreo mangil tenha poupado ! No ar, na terra, o succulento cibo. **1865** J. Alencar *As Minas de Prata* II. v. 103: — Esmurrou-te?... Elle, o cão do judengo, o focinho de caitetú? Idem *Ib.* III. x. 246: E que monteria? Antas, galheiros, castetus, capivaras, pacas, e tal quantidade de alimaria de menos vulto, que é de perder-lhe a conta! **1865** Idem *Iracema* (3ª ed., 1878, xiv. 84): — Vis guerreiros são aquelles que atacam em bando como os caetetús. [*Nota do Autor, à pág. 217*] *Caetetus* — Porco do mato, especie de javali brasileiro. De *caeté* — mato grande e virgem e *suu* — caça, mudando o *s* em *t* na composição pela euphonia da lingua. Caça do mato virgem. **1869** B. Guimarães *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. ii. 54): Quem diria que não ousaste ir sózinho arrostar a sanha do estrangeiro, e que deixaste morrer teus companheiros como uma vara de caitetús às garras da onça esfaimada!... **1870** J. Alencar *O Gaúcho* I. i. viii. 71-72: Vestia a parte nua do corpo, cara, braços e pernas, um pello rispido e fulvo, semelhante ao do caetetú. *a***1871** Castro Alves *A Cachoeira de Paulo Afonso* 10: Voga, minha canôa! Voga ao largo ! Deixe a praia, onde a vaga morde os juncos ! Como na matta os caititús bravios... **1871** B. Guimarães *Lendas e Romances* I. i. 11: Em grotão ou furna, que por um declive não muito rapido vai terminar no ribeirão tambem chamado Itatiaya, e em parte separada do solo superior por uma linha semi-circular de rochedos a prumo e as vezes pendidos sobre o abysmo, formando lapas fundas e tenebrosos escondrijos, tócas de caitatús e covís de boiciningas e jararacas. **1872** J. Alencar *Til* II. vi. 63: Por estas bandas ha muito veado e paca; mas como os caetetús este anno, nunca se viu; é mesmo uma praga! **1873** Idem *Guerra dos Mascates* I. v. 49: — Aquelle focinho de caitetú do tal de Negreiros... Mas isto cá é comigo. **1874** Idem *Ubirajara* ix. 145: A poderosa nação estava como o bando de caitetús que perdeu o pai, e desgarra-se pela floresta, correndo sem rumo. **1874** Taunay *Histórias Brasileiras* 209: O cabo *tres contra quatorze* já com algumas garrafas de cerveja no bucho, esbugalhava uns olhos muito graúdos e fazia com os dentes tal barulho que semelhava não um caitetú, mas uma vara inteira de porcos. **1875** J. Alencar *O Sertanejo* II. xiii. 204: Esteve como os seus companheiros, delle, os caitetús. **1875** Machado de Assis *Americanas* 190: Ensopa o chão da dilatada selva ! Sangue de caitetus, que o pio intento ! Largos mezes cevou; barbara usança. **1876** Couto de Magalhães *O Selvagem* II. i. 14: [...] quando os *caetetus* (especie de porcos) e pacas se "entocam" [...] os indios empregam o meio muito simples de accender fogo na porta e, com um abano de taquara, impellem para dentro a fumaça [...]. **1879** B. Guimarães *O Pão de Ouro* iv. 281: Gaspar apertado por uma chusma d'elles, trepou emcima de um cocurato ou cupim, que a fortuna lhe deparou, vibrando golpes de espada por todos os lados, os ia matando aos montes com a mesma facilidade, com que os nossos caçadores trepados em um touco de arvore costumam matar uma vara de caitetús, que espumantes e furiosos o atacam por todos os lados. *a***1884** Idem *O Bandido do Rio das Mortes* (ed. 1905, iv. 61): Antonio deu um signal aos seus Aymorés, que em um momento se puzeram de pé com suas armas e cabazes e se agruparam redemoinhando como uma vara de caetitús, gesticulando e resmungando com esgares, gestos e palavras indigenas, que denunciavam impaciência e vontade de partir. Idem *Ib.* v. 62: [...] Maurício e seus companheiros se puzeram em marcha [...] por uma batida, como se diz em linguagem sertaneja, que alli havia aberta ha muitos seculos, por certo pelos animaes silvestres, pelas antas, veados e caitetús e depois mais praticavel talvez pela frequente passagem das hordas errantes que cruzavam por aquellas paragens. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 283): Os cabellos se lhe arripiaram, hispidos, como o pello do caetetú á aproximação do perigo, [...]. **1888** Inglês de Sousa *O Missionário* (ed. 1899, II. viii. 72): [...] não contava entre os seus planos de futuro, [...] o de ser estraçado por uma vara de caetetús, para regalo de urubús vorazes, [...]. **1898** A. Arinos *Pelo Sertão* 78: O pello finissimo, imperceptivel quasi, que lhe cobria os braços como poeirazinha de ouro fosco, eriçára-se todo, arripiando-se como cerdas de caetetú. **1898** Idem *Os Jagunços* II. i. 153: Aos pés do homem se extende um cão de pello fulvo e focinho longo, com a lingua rubra pendente, arquejando de uma corrida aos caetetús pela roça. **1902** E. Cunha *Os Sertões* 48: Ressurge ao mesmo tempo a fauna resistente das caatingas: disparam pelas baixadas humidas os caititús esquivos; [...]. Idem *Ib.* 141: As lendas arrepiadoras do *caapora* travesso e maldoso, atravessando célere, montado em caititu arisco pelas chapadas desertas, nas noites mysteriosas de luares claros; [...]. **1914** Coelho Neto *Rei Negro* viii. 301: Negros referiam encontros assombrados com avantesmas e animaes disformes: mulas sem cabeça, caititús monstruosos, de cerdas faiscantes, que passavam a galope taramelando os colmilhos, montados por anões negros, que eram sacys; [...]. **1915** Lima Barreto *Policarpo Quaresma* II. iv. 133: Felizardo dizia que Mané Candieiro era um mentiroso, pois todas aquellas caçadas de caitetús, jacús, onças eram patranhas; [...]. **1918** Monteiro Lobato *Urupês* 30: A gamma inteira das vozes do cachorro, da acuação aos caitetús ao uivo á lua, e o mais, rosnado ou latido assumia em sua bocca perfectibilidade capaz de illudir aos proprios cães, e a lua. **1929** G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* xvi. 348: No dia seguinte á tardinha, Philippe e Men partiram para a espera dos caititús. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 198: O alimento sobejara-lhes na carne de tres caetetús mortos hontem, e dos quaes nos trouxeram alguns quartos bem gordos. **1938** G. Ramos *Vidas Secas* 156: Porque seria que aquelle safado batia os dentes como um caitetu? **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* xvii. 194: Acampavam exemplares de outras familias. Duas varas de queixadas e caetetús, derrubando matto e rilhando os dentes, verdadeiros sapadores, entraram na clareira semeando terror. **1956** Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* 82: [...] sempre se levantava no meio das estrêlas, percorria o arredor, vagaroso, em passos, calçado com boas botas de caititú, tão antigas.

cajá *s.m.* Var.: *α.* 5, 7-9 *cajá,* 6 *caja, cajáses* (pl.), *caia,* 7 *cajâ, cajazes* (pl.); *β.* 6 *acayá,* 7 *acaiá,* 8 *acaya, acajá* [< T. aka'ja].

Nome comum a diversas plantas da família das anacardiáceas e a seus frutos; cajazeira, cajazeiro.

1579 in ABN, LXXXII. (1962) 199: [...] onde está huma cruz posta em huma cajá e outra em outra árvore, [...]. **1587** G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lii. 11): Cajá é uma arvore comprida, com copa como pinheiro; tem a casca grossa e áspera, e se a picam deita um óleo branco como leite em fio, que é muito pegajoso. A madeira é muito mole e serve para fazer decoada para os engenhos; dá a flor branca como de macieira, e o fruto é amarelo do tamanho das ameixas, tem grande caroço e pouco que comer, a casca é como a das ameixas. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 109: [...] e assim demos o primeiro luguar pela fermozura da pranta ao caja que na jndia se chama Ambare, do quoal pera tantas couzas lá se seruem e aquy pera nenhũa, senaõ pera se comer depois de madura com deixar hũ azedo guostozo e muito cheiro nas mãos [...]. **1624** S. E. Silveira *Relação do Maranhão* fl. 11*v.*: Guayauas, Araçases, cajáses, guajarases, pacóuas, & Bananas, Bacoris, coquinhos de Palma, & outros de fazer azeite como os de Guiné; [...]. *c***1631** C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fls. 179*v.*-180: Caia he aruere tamanha e tão grosa como hũa pereira e tem as folhas como os serizes e a frol muito pequena e he bramqua e a fruta he co como *[sic]* amexas e he amarela e he bom comer e tem hũ carouso gramde que não se come e he pau mole quortãodo hũ pau e metemdo na tera loguo apegua e as folhas xeiram muito bem e se faz hũ auguoa delas que he boma pera o mal dos olhos. **1663** S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* I. § 141.86: Só em fazer varias castas de vinho são engenhosos. Parece certo, que algum Deos Baccho passou a estas partes a ensinarlhes tantas especies delle, que algũs contão trinta & duas. Huns fazem de fruta que chamão acayá; [...]. **1702** A. Rosário *Frutas do Brasil* III. ii. 137: [...] temos huma galharda fruta Cajás, do tamanho de ameixa, boa cor, bom cheiro, grande caroço: [...]. Idem *Ib.* III.ii.138: Atè que vaõ parar nos cajazeiros, nos cemiterios, nos fitos onde estão os cajazes partidos: [...]. **1721** F. F. Henriques *Âncora medicinal* (ed. 1731, 245): Cajás. Acha-se esta fruta no Brazil; he fruta de caroço como ameixas pequenas; he fria e secca, adstrigente, e de bom gosto; conforta o estomago, e ventre; he boa para cursos de relaxaçaõ. **1730** Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 52. 33: [...] os cajás, e os janipapos, excellentes confortativos para o estomago: [...]. **1757** D. L. Couto *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 63: Em fazer varias castas de vinhos, engenhosos alguns, contão trinta e duas especies. Huns feitos da fruta a que chamão cajá, outros de Aipy, e sao de duas castas, a hũa chamão cavycaraçú, a outra cavymachaxera; outros fazem de banana, a que chamão pacoba, outros de milho, a que chamão abativy; outros de ananaz, que chamão nanavy, he generoso, e eficaz; outros de batata que chamão jetivy. **1769** M. S. M. Itaparica *Eustachidos* 125: Os arassás diversos, e silvestres, ! Huns saõ pequenos, outros saõ maiores: ! Oytís, cajás, pitangas por agrestes ! Estimadas naõ saõ dos moradores: ! Aos marcuiás chamar quero celestes, ! Porque contèm no gosto tais primores, ! Que se os Antigos na Asia os encontrarão, ! Que era o nectar de Jove imaginaraõ. *c***1777** F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 263: [Arvore fructifera] Acaiá. Idem

Ib. [Arvore fructifera] Cajá ou Taperebá. **1782** F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* I. iv. 52-53: Esta Arvore hũa vez no anno produz humas pequenas, e brancas flores, á que se seguem frutas com o nome de cajáz, que depois de maduras sam de cor, e formalidade da (fig. 4); maz de grandeza de ordinarias Ameixas. **1813** C. J. Cardoso *Plantas de Minas Gerais* in RAPM, VII. (1902) 746: *Acaya silvestre*, ou *herva Canudo* (Bolota suave — olens) — A infusão de toda a planta he antipasmodica, cefalica; e resolotiva; exteriormente usando-se em fomento, ou banho abranda, e dissipa as dores reumaticas: encontra se em qualquer parte. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 20: [...] *taperebás*, ou *cajás*, *genipapos*, *beribás*, *cutitiribás*, de uma massa amarella glutinosa, assás aromatica, cobrindo um carôço lizo; [...]. **1851** G. Dias *Últimos Cantos* (ed. 1865, II. 105): Se ainda me escuta meus agros delirios [...] "Quero antes um rosto de jambo corado, | "Um rosto crestado | "Do sol do deserto, não flor de cajá". **1866** J. Alencar *As Minas de Prata* VI. vii. 190: [...] e as flores silvestres da mangaba e do cajá abriam a caçoula de seus perfumes. **1874** Idem *Ubirajara* ix. 147: "Assim a terra onde nasceu uma floresta de acajás, recebe o limo do rio e gera nova floresta mais frondosa que a outra. **1895** J. Veríssimo *A Pesca na Amazônia* I. vi. 102: Alimenta-se elle das fructas de diversas arvores e arbustos — catauari, jauari, taperebá, (o cajá do Sul), taquari, taquarirana — [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* v. 63: Por detrás do tejupar do regatão vivia a árvore Dzalaúra-Iegue que dá todas as frutas, cajús cajás cajàmangas mangas abacaxis abacates jaboticabas graviolas sapotís pupunhas pitangas guajirú cheirando sovaco de preta, todas essas frutas e é mui alta. **1933** G. Ramos *Caetés* xxi. 156: — Talvez tenha, fez ella pensativa, sem baixar a voz diante de Clementina, que se approximou com as mãos cheias de cajás. **1934** J. L. Rego *Banguê* II. v. 102: O chão estava sujo de bosta de boi, de cajás maduros apodrecendo. **1935** Idem *O Moleque Ricardo* xv. 121: Sem duvida que chuparia os cajás maduros do chão, ouvindo debiques dos moleques na estrada.

cajati *s.m.* Var.: 8 *cajaty* [< T. *kaɟa'ti].

Planta da família das lauráceas.

1817 Casal *Corografia Brazílica* I. 101 O *Cajaty* he um arbusto de casca muito grossa, e regoada como a cortiça virgem, e anegreada; folha pouco differente da do loireiro; e dá um fructo amarello, da grandeza do abrunho, irregularmente esferico, d'hum sabor, e perfume agradavel, com uma pevide graúda como de laranja, e prezo á extremidade do ramo por um pedunculo comprido, e delicado.

cajazeira *s.f.* Var.: 7-9 *cajazeira*, 8-9 *cajaseira* [< cajá + + -z- + -eira].

Planta da família das anacardiáceas; cajá, cajazeiro.

1728 N. M. Pereira *Peregrino da América* I. xvi. 224: [...] e perto della huma cajazeira, que parecia estava ostentando a sua bizarria, por se achar cuberta de flores, abundante de folhas, farta de ramos, vistosa por alta, e solida por firme. Nella com magnifico applauso os alegres passarinhos, com muy suave harmonia em alternativo canto, estavaõ recreando a todos os que buscavaõ pela protecção de seus ramos; os quaes tecidos de verdes folhas, e brancas flores, pareciaõ hum rico palio de primavera, que com sua sombra cobria aos cansados caminhantes, que calmosos, e molestados se valiaõ do seu abrigo. **1782** F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner., do Brazil* I. iv. 52-53: Hé a cajazeira huma Arvore das maiores, que no Brazil se crião: ella se acha pelos mattos incultos, e cazualmente pelas circunvizinhanças das povoaçoens. [...] ella [a cortiça da cajazeira] hé muito compata, donde vem, que varios Artifeces obrão nella bem delicadas obras como Imagens de Santos, moldes para obras de Ourives, e semelhantes couzas primorozas, [...]. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 104: A *Cajazeira* he arvore alta, de copa redonda, folha miuda, e dá um fructo como lande, amarello insipido, com grande caroço. **1874** J. Alencar *Ubirajara* v. 89/90: — A cajazeira depois que dá seu fructo perde a folha; o guerreiro busca a sombra de outra arvore para repousar. **1875** Idem *O Sertanejo* II. ii. 24-25: Os corrupiões brincavam nos galhos da cajaseira; e a industriosa colonia dos soffrês construia os seus ninhos em forma de bolsas penduradas pelos ramos da arvore hospitaleira. **1876** F. Távora *O Cabeleira* xvii. 283: O Cabelleira sentára-se a um canto, á sombra de uma cajaseira. **1934** J. L. Rego *Banguê* I. x. 61: As cajazeiras acordavam com os canarios estalando. Os passaros festejavam o dia, dos seus galhos pingando da chuva da noite. **1935** Idem *O Moleque Ricardo* iii. 23: Aquellas mesmas cigarras cantavam assim nas cajazeiras do Santa Rosa. **1936** Idem *Usina* I. ii. 48: Iriam apitar pelos cannaviais, pelas ingaseiras, pelas cajaseiras, arrastando canna para as esteiras. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 223: Duas árvores adiantadas, sentinelas: um cangalheiro, de copa trapezoidal, retaca; e uma cajàzeira que oscila os brônquios verdes no alto das forquilhas superpostas.

cajazeiro *s.m.* Var.: 6 *caiazeiro*, 7-9 *cajazeiro*, 7 *cajazeyro* [< cajá + -z- + -eiro].

Planta da família das anacardiáceas; cajá, cajazeira.

1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 87. 163: Caíazeiros tem a mesma grandeza: os frutos como grandes ameixas reinoes, verdes, & amarelos. **1702** A. Rosário *Frutas do Brasil* III. ii. 138: Atè que vaõ parar nos cajazeiros, nos cemiterios, nos fitos onde estão os cajazes partidos: [...] **1757** D. L. Couto *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 160: [...] são tão ferteis pela bondade da terra, que ao meyo dia não offende o sol aos caminhantes defendidos da pompa de larangeiras, limoeyros, cajueiros, oitizeiros, mangabeyras, cajazeyros, e de outras infinitas arvores, que lhes formão verdes pavelhoens com suas folhas, flores, e frutos. **1859** C. Abreu *As Primaveras* 11: Foi alli que n'outro tempo | Á sombra do cajazeiro | Soltava seus doces carmes | O Petrarcha brasileiro; [...]. **1888** Ferreira Leal *O Suplício de um Marido* ii. 55: [...] o cajú de mesocarpo caustico e receptaculo succulento, o cajazeiro e as innumeras mangueiras, [...]. **1936** J. L. Rego *Usina* II. vi. 123: A estrada, pisada de automovel, os partidos de canna subindo para altos aonde nunca foram, e os sitios dos moradores, as casas de Manoel Lucindo com laranjeiras, a casa de José Ludovina com genipapeiros grandes, a estrada coberta de cajazeiros, tudo isto tinha desaparecido.

|| **cajeiju** *(cayeiyu)*: v. abon.

*c***1631** C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 175: Cayciyu he peixe desta forma e maneira q esta pintado tẽ aqueles esporois cõ q pica qualquer cousa q sente iunto a si.

caju *s.m.* Var.: *α.* 5 *acaiù*, *acaju*, *acajú*, *acajù*; *β.* 5-6 *cajû*, 5 *cajuu*, 5-9 *cajú*, 5-7, 9 *caju*, 5 *caiuzes* (pl.), 5-6 *caiu*, 5 *cayu*, 6-7 *cajù*, 6 *quaiu*, *cayjù*, 7 *caijù*, *cayju* [< T. aka'ɟu].

Fruto do cajueiro *(Anacardium occidentale)*.

São expressivas, amplas e minuciosas as descrições do caju nos textos dos sécs. XVI e XVII. De par com as referências muito elogiosas à fruta propriamente dita, há numerosas alusões à sua castanha e, bem assim, ao emprego da madeira do cajueiro em tinturaria. Do óleo extraído dessa madeira fabricavam-se tintas de boa qualidade, com a qual se tingiam tecidos, envernizavam-se móveis etc. Os móveis de mogno *(Swietenia mahagony)* envernizados com a tinta do cajuciro, segundo técnica já referida em textos franceses do séc. XVII, passaram a ser conhecidos como móveis de *acaju* (*acaïou*, em texto francês datado de 1640); v. *acaju*.

Franklin Távora (v. abon. 1878), Euclides da Cunha (v. abon. 1902) e Domingos Olímpio (v. abon. 1903) aludem às chuvas-do-caju, expressão com que se designam as chuvas que caem nos meses de setembro e outubro e que favorecem o amadurecimento do caju.

*a***1576** Gândavo *Trat. Prov. Brasil* (ms. do British Museum) 808-824: Outra fruita se cria nũas aruores grandes, estas se não prantão, nascẽ pello matto muitas, esta fruita de pois de madura he muito amarella, saõ como peros repinaldos compridos, chamão lhes cajús [*no ms. da BNL, fl. 27 v., lê-se:* cajuus], tem muito sumo: & cria se na ponta desta fruita de fora hũ caroço como castanha e naçe diãte da mesma fruita, o qual tem a casca mais amargosa q̃ fel e se tocarẽ cõ ella nos beiços dura muito aquelle amargor e faz empollar toda boca, pello contrario este caroço assado he muito doce e mais gostoso q̃ amendoa saõ de sua natureza mui quentes ẽ estremo. Há na terra tantos destes caroços que os medem aos alqueires. **1576** Idem *Hist.* v. fls. 17*v.*-18: Ha outra fruita que nace pelo mato em hũas aruores tamanhas como pereiras, ou macieiras: a qual he da feiçam de peros repinaldos, & muito amarella. A esta fruita chamão Cajús: tem muito çumo, & comese pela calma pera refrescar, porque he ella de sua natureza muito fria, & de marauilha faz mal, ainda que se desmandẽ nella. Na ponta de cada pomo destes se cria hum caroço tamanho como castanha da feiçam de faua: o qual nace primeiro, & vem diante da mesma fruita como flor. A casca delle he muito amargosa em extremo, & o meolo assado he muito quente de sua propriedade, & mais gostoso que amendoa. *c***1584** Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 20: Acaiû. Estas aruores são muito grandes, e fermosas perdẽ a folha ẽ seus tempos, e a flor se dá ẽ os cachos q̃ fazẽ huãs pontas como dedos, e nas ditas partes nasce hũa flor uermelha de bom cheiro, e apos ella nasce huã castanha, e da castanha nasceu hũ pomo do tamanho de hũ repinaldo, ou maçaã camoeza, he fruita m^to^ fermosa, e saõ alguns amarellos, outros uermelhos, e tudo he súmo: saõ bons p^a^ a calma, refrescaõ m^to^, e o sumo poem nodoa ẽ pano branco q̃ se naõ tira senaõ quando se acaba. A castanha he taõ boa, e milhor q̃ as de portugal, comẽse assadas, e cruas deitadas em agua como amendoas piladas e dellas fazẽ maçapaẽs, e bocados doces como amendoas. A madr^a^ desta aruore serue pouco ainda p^a^ o fogo, deita de sy goma boa p^a^ pintar, e escreuer em m^ta^ abundancia. Com a casca tingem o fiado, e as cuyas q̃ lhe seruẽ de panellas. **1585** Idem *Informação* fl. 80 *v.*: [...] comemos debaxo de hũ Acajueiro muito fresco carregado de Acajus, q̃ saõ como peros repinaldos, ou camoezes, saõ hũs amarellos outros uermelhos tem hũa castanha no olho q̃ naçe pr^o^ q̃ o pero, da qual procede o pero he fruita gostosa, boa p^a^ tempo de calma e toda se desfaz ẽ sumo, o q̃l poem nodoas em roupa de linho em roupa de linho ou algodaõ que nũca se tira. Das castanhas se fazẽ maçapaẽs e outras cousas doces, como de amendoas [...]. Idem *Ib.* fl. 90: Os Padres tem hũa casa bẽ acõmodada cõ sete cubiculos e

hũa igreia noua e capaz. açerca he chea de mujtas larangeiras, limejras doces, cidreiras, acajus e outras fruitas da terra, [...]. **1587** G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, I. xlix. 343): A natureza dêstes cajus é fria, e são medicinais para doentes de febres, e para quem tem fastio, os quais fazem bom estômago, e muitas pessoas lhes tomam o sumo pelas manhãs em jejum, para conservação do estômago, e fazem bom bafo a quem os come pela manhã, e por mais que se coma dêles não fazem mal a nenhuma hora do dia, e saõ de tal digestão que em dois credos se esmoem. *c*1587 S. Travaços *Sumário das Armadas* xviii. fl. 65 *v.*: Varamos todos a aldeia e pouoação que estaua logo acima, a qual achamos toda despeiada, mas com m^{tas} farinhas secas e fauas que foy grande recreação cõ os caiuzes fruta do mato [...]. *c*1590 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. M) 448-449: Caiu he a modo de pero grande tem huã castanha como nos q̃ se come he boa fruta. *c*1594 Idem *Ib.* (ms. C) 1679-1687: Acajú He aruore grande a modo de nugeira tẽ muita goma p^{a} tĩta e pĩtar tẽ huã fruita como huã maçã grãde e hũa castanha no peẽ q̃ serue em lugar damẽdoas p^{a} doçe do sũmo desta fruita fazẽ os naturais vinho cõ outra erua serue p^{a} feridas e sãgue de molheres o sũmo da fruita põe nodoas em pano brãco he boa fruita pera a calma principalm^{te} q̃ refresca m^{to}. Idem *Ib.* 1700-1701: esta aruore do Caju naõ he m^{to} alta e ha m^{tas} p'los matos. **1595** in *Denunciações de Pernambuco* (ed. 1929, 400): [...] e ouvio fallar dentro ao ditto Balthasar da Lomba e a hum negro brasil que então era pagão e ora he christão e casado na aldea do Garamame, e chamava se sendo pagão Acahuy que quer dizer agua de Cayu [...]. *c*1596 S. Travaços *Declaração do Brasil* xlviii. fl. 36*v.*: [...] cuio fruto he fermosissimo, como grandes camoezas, ou Verdeais da Serra da Estrella chamaõse cajus de que ha muitas castas, huns de fruto grande amarello, outro adamascado, outro mais piqueno redondo, [...] são medecinais pera doentes de febres, e muj apetitozos [...] Na ponta deste pomo se cria e daa a castanha, que dentro tem o meolo como amendoa [...] e deste mesmo pomo fazem os negros seus uinhos, que estimão m^{to}. **1608** L. Figueira *Relação do Maranhão* in S. Leite *Luiz Figueira* (1940) 140: [...] eu porem tive algũas castanhas de cajus e obra de hũa quarta de farinha que eu tinha trazido da Ibiapaba [...]. **1618** in RIC, XIX. (1905) 72-73: [...] tem mais de 40 legoas ao redor de si de muitas fructas as melhores do Brazil, como são cajus e mangavas que os antigos plantarão, e no tempo desta fruta sustenta todos aquelles Indios e recolhem muita Castanha do caju para o inverno. Idem 73: E fazem cada cazal mais de 3 pipas de vinho do proprio caju e passão muitas que guardão pera o inverno o Rio em si tem muito bons pedaços de terra para engenhos; [...]. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 97 *v.*: [...] e sobretudo o mais eixelente legume de todos são hũas castanhas, que chamaõ de caju. muito guostozos no comer e de muito notrimento que se conseruaõ longuo tempo e se comẽ asadas e da mesma maneira se seruem dẽllas pera tudo en lugar de Amendoas. Idem iv. fl. 99: [...] outro vinho que se faz de hũa fruta chamada caju, de que abundão os campos do coal se aproueita muita jente branca [...]. **1618** S. E. Silveira *Carta* in ABN, XXVI. (1905) 364: Ha mais infinitas fruitas, Ananases, batatas inhames, cajus como macaris, mangabas, como uuas de que se faz vinho e vinagre, anhas como amendoas no sabor que durão secas, [...]. **1624** Idem *Relação do Maranhão* fl. 9: Hà tãbẽ hũa fruta, q̃ chamão cajùs, q̃ lãça muito sumo, è em mosto, he mais doce que o das uvas, [...]. **1627** V. Salvador *Hist. Brasil* I. vi. fl. 12: Os cajueiros dão a fructa chamada cajúz que são como verdiais mas de mais summo, os quais se colhem no mes de Dezembro em m^{tas}. quantidade, e os estimaõ tanto, que aquelle méz naõ querem outro mantimento, bebida, ou regallo; porq̃. elles lhes servem de fructa, o summo de vinho, e de paõ lhes servem huas castanhas, que vem pegadas a esta fructa, que tambem as molheres brancas prezaõ m^{to}. e seccas as guardaõ todo o anno em caza pera fazerem maçapaẽs, e outros doçes como de amendoas; e dà goma como a Arabia. A figura desta arvore, e de seu fructo he a seguinte. Idem *Ib.* IV. xii. fl. 112: [...] mas com m^{tas}. farinhas feitas, e favas que foy grande recreassaõ juncto com os cajûs do matto fructa, q̃ jà comessava [...]. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fls. 179-179 *v.*: quaiu he hũa fruta a mais desta tera cam tamanhos como as masieiras e ha de tres castas a saber o caiu do lomguo do mar e o caiu asu e o caiu manso e os caius mansos cam os milhores e maoris e gostozos e ha uermelhos e amarelos e tem a castanha no olho como ele esta pintado e a castanha he parda e deita hũ azeite a metemdo no foguo que seria bom a fazer foguo darteficio os caius do lomguo do mar ceruem a fazer uinho que he muito bom os caius asu ceruem tambem a fazer uinho mas a castanha não se come. **1663** S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* I. § 141.87: Espremẽ o acajú è vasos, e nestes o deixaõ estar tão tẽpo, q̃ ferua, escume, & fermẽte, até ficar cõ sustãcia de vinho, mais ou menos azedo, segũdo a quantidade do tẽpo. Idem *Ib.* II. § 81.158: He o acajú, ou cajùeiro, a mais apraziuel, & graciosa de todas as aruores da America: por ventura de todas as de Europa. [...] Desde a raiz até a vltima vergontea, tem grandes mysterios esta pomposa aruore. O vestido mais tosco de seu tronco serue de tintas pretas: o mais interior a modo de camisa, he buscado dos officiaes cortidores pera tinta amarela: a madeira do trõco, & braços he appetecida dos que fabricão obra naual; terão dellas curuas; & leames fortissimos. [...] He singular entre todas as aruores: parece que de proposito busca rãchos estereis, alheios do consorcio das outras: nos areaes mais çãsios, ahi verdeja mais, a hi sae mais alegre cõ sua vfania, enchẽdo talvez legoas inteiras de desertas praias, & areaes inuteis; & quanto he mais seco o lugar, & o tempo, tanto he maior seu vigor; por q̃ parece q̃ atrauessaõ suas raizes o profundo da terra, & della chupão, a modo de esponjas o humor de que se alimentão. Idem *Ib.* § 84.159: Os pomos desta aruore parecem feitos de sobremão da natureza, quando mais curiosa. He hum feito de dous, ou dous que fazem hum, & ambos de diuersas especies: cousa rara no mundo. Ao primeiro chamão cayjù: he fruta cõprida, a modo de pero verdeal, porém maior: huns saõ amarelos, outros vermelhos, outros tirão de hũa, & outra cor; todos succosos, frescos, & doces, quando asezoados. Igualmẽte mataõ aos encalmados a sede, & aos necessitados a fome: a sustancia interior he esponjosa, succosa, & sem caroço, ou peuide algũa. Pera os Indios he toda a fartura, todo o seu mimo, & regalo; porque he seu comer, & beber mais prezado. Idem *Ib.* § 85.160: Por esta fruta contão os naturaes da terra seus annos: o mesmo he dizer tantos annos, que tantos acajús: como se dos acajús depẽdesse a boa fortuna de seus annos: & na verdade, parte he da felicidade natural desta gente. *a*1667 Heriarte *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 171): Do Pereá athé as serras do Camuci, a que cham as serras de Iguapába, ha cem legoas de caminho, pela costa do mar, de formosas prayas, donde sae muito ambar; e nessas prayas andam muitos Barbaros de corso, como são Cururis, e outros que baixam ás comedias da pesca, e de uma fructa a que chamam Cajús, que pelo mez de Outubro e Novembro se cobre, de que fazem cantidade de vinho os Aruatis e outros. *a*1696 G. Matos *Obras* (ed. 1969, IV. 840): A linha feminina é carimá | Moqueca, pititinga caruru | Mingau de puba, e vinho de caju | Pisado num pilão de Piraguá. !. **1702** A. Rosário *Frutas do Brasil* III. i. 111: [...] tem a sua fruta nos Cajús; como saõ duas frutas, Castanha, & Cajù, unidas em hum pomo. **1705** M. B. Oliveira *Música do Parnasso* 131: De varias cores saõ os cajús bellos, | Huns saõ vermelhos, outros amarellos, | E como varios saõ nas varias cores, | Tambem se mostram varios nos sabores; | E criam a castanha, | Que he melhor, que a de França, Italia, Hespanha. **1721** F. F. Henriques *Âncora medicinal* (ed. 1731, 236): Cajú he fruto do Brazil, quente, e humido, mui succulento, e de bom gosto, naõ fará danno ainda que se coma com largueza. Serve de remedio aos que saõ adstritos de ventre, por falta de humidade, que os laxa; e os humedece. **1730** Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 39.26: Dos incultos dá em abundancia, pinhoens, sapucayas, castanhas de caijû, que estando maduras, se comem assadas, e se confeitaõ com as amendoas, das quaes tem o gosto, e supprem a falta em varias especies de doces, saborosos por extremo, e quando estaõ verdes se chamaõ motoris, e delles se fazem excellentes guizados, e compostos regalados. Idem *Ib.* § 52. 33: [...] os caijùs, que tem outro fruto de differente qualidade na castanha, de que já fallámos, aquelles frescos, e estas quentes; [...]. **1734** in RAPM, XXIII. (1929) 240: encontramos um rio caudaloso, em que havia muito peixe cayjus, palmito, e muita e grande caça, que nos servio de muito. **1751** A. Rolim *Relação* in RIH, VII. (1846) 480: D'estas [fructas], as mais especiosas são os cajús, e tambem as de que ha maior abundancia. **1757** D. L. Couto *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 63: Outros [vinhos] de caju, e deste em muita quantidade, com palhete, e de sabor agradavel, e assim de outras frutas, que fora fazer esta relação muito extença se quizeramos nomiar todos. **1761** Jaboatão *Novo Orbe Seráfico Brasílico* I. v. 142: [...] saõ huns dilatados pomares dos salutiferos, e doces cajùs, que sem enfastiar a todo o animal, assim como alimentaõ a natureza em todos, tambem servem aos humanos de singular medicina para alguns achaques. *c*1762 Idem *Ib.* (ed. 1858-1862, II. i. 27): Mas isto só o pode suppor quem naõ tiver inteira noticia do trato desta Gente, porque he certo, que elles sabiaõ fabricar dos cajus da terra, e outras varias frutas os seos vinhos e bebidas, [...]. **1769** M. S. M. Itaparica *Eustachidos* 125: Innumeraveis são os cajús bellos, | Que estão dando prazer por rubicundos, | Na cor tambem há muitos amarellos, | E huns, e outros ao gosto são jocundos; | E só bastava para appetecellos | Serem àlem de doces tão fecundos, | Que em si tem a Brasilica castanha | Mais saborosa, que a que cria Hespanha. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 263: [Arvore fructifera] Cajú. **1781** Durão *Caramurú* VII. xlvii. 210: Os mamões, moricis, e outras famosas, | De que os rudes Caboclos foraõ Mestres, | Que ensinárão os nomes, que se estillão, | Janipapo, e Cajú vinhos distillão. **1782** F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* I. iv. 64: Hé o caju fruto muito sucozo; a sua substancia hé branda, não tem em toda ella semente, ou pivide, tudo hé polpa: o seu cheiro hé aromatico; o sabor hé hum doce subacido, e adstringente: [...]. **1783** M. C. Abreu *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 267: A distancia deste logar á referida fazenda é de duas leguas e meia, de caminho terral, por entre campos e mattos cerrados, cujos campos têm suas fructas, cajús, mangavas e algumas guavirovas, como tambem ariticuns. **1787** in *Annexes du Premier Mémoire du Brèsil* I. (1903) 260: [...] que se encontrão creadas sem cultura, como são o cajú, [...]. **1792** F. O. Barbosa *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 35: [a villa de Cuyabá] tem

muitas frutas, como são: bananas, laranjas, melões, melancias, cajús, mangavas, e pequiis: [...]. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 19-20: [...] *cajús, mangábas, guaiábas* brancas e encarnadas, [...]. **1848** José Bonifácio (o Moço) *Rosas e Goivos* 79: Nos curtos labios o jambo | Seus perfumes exhalava, | — Tão doce como o cajú ! Tinha um beijar que matava; |. **1856** D. Magalhães *A Confederação dos Tamoyos* III. 89: Licores pelos Indios extrahidos | Do sumo do ananaz delicioso, | Do aipim e do cajú, que a sêde aplaca, |. **1857** J. Alencar *O Guarany* (2ª ed., 1864, I. viii. 82): [...] mas, em compensação, vião-se aos cantos do alpendre grossas talhas cheias de vinho de cajú e ananaz, onde os aventureiros podião beber á larga. **1865** Idem *Iracema* (3ª ed., 1878, iii. 23): [...] trouxe o resto da caça, a farinha d'agua, os fructos silvestres, os favos de mel, o vinho de cajú e ananaz. **1865** Idem *As Minas de Prata* IV. xii. 331: Então *Olho* pendurando-se pelos pés aos ramos superiores, de cabeça para baixo, como um cajú suspenso pelo talo, encostou os beiços ao ouvido de Estacio. **1872** Idem *Sonhos D'Ouro* p. xix: O povo que chupa o cajú, a manga, o cambucá e a jaboticaba póde falar uma lingua com igual pronuncia e o mesmo espírito do povo que sorve o figo, a pera, o damasco e nespera? **1873** Idem *A Guerra dos Mascates* I. xiii. 151: Veio o infallivel manjar branco; em seguida as castanhas de cajú confeitas, as tortas [...]. **1874** Idem *Ubirajara* iv. 61: "Delle aprenderam as nações a plantar a mandioca para fazer a farinha; e a tirar do cajú e do ananaz o generoso cauim, que alegra o coração do guerreiro. **1878** F. Távora *O Matuto* vi. 74: Chegou dezembro. O tempo estava enxuto, não obstante se mostrarem os campos borrifados das *chuvas-do-cajú,* nome que vem a taes chuvas de serem ellas muito favoraveis a esta fructa. Idem *Ib.* x. 124: — Tome para você. Não gosto de ponche de cajú. **1881** Idem *Lourenço* (ed. 1902, xvi. 243): [...] o matto porém era o seu principal fornecedor, agora lhes dando a paca, o tatú, a cutia, o preá; agora o jacú, a jurutý, o nambú, o pato bravo; agora o ananaz, o inhame, o ingá, a mangaba, o cajú. **1888** Ferreira Leal *O Supplicio de um Marido* ii. 55: [...] o cajú de mesocarpo caustico e receptáculo succulento, [...]. **1890** A. Azevedo *O Cortiço* vii. 110: [...] era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do cajú, que abre as feridas com o seu azeite de fogo; [...]. **1894** Taunay *O Encilhamento* I. xiv. 108/9: Consultado, já dei a minha opinião: tudo bobagens dos infames reis de Hespanha e Portugal, exploradas pela velhacaria do tal Pedro, o castanha de cajú. **1895** Idem *Ib.* II. xxiv. 144: Qual! todos os bancos tomados por embrulhos, chapéos de sól, cestos de cajús e pitangas, bengalas, livros, [...]. **1898** A. Arinos *Pelo Sertão* 76: Ao amanhecer do outro dia, toda blandicia convidava a Candinha a dar um pulo à Contagem, para trazerem uns cajús que Ambrosina lhe prometera. **1902** E. Cunha *Os Sertões* 185: Passam as "chuvas do cajú" em Outubro, rapidas, em chuvisqueiros prestes delidos nos ares exsiccados, sem deixarem traços; [...]. **1903** D. Olímpio *Luzia Homem* vi. 38: Olhares anciosos procuravam, em vão, o fuzilar de relampagos longinquos a pestanejarem no rumo do Piauhy, desvelando o perfil negro de Ibyapaba. Nada; nem o mais ligeiro prenuncio das chuvas de cajú. **1914** Coelho Neto *Rei Negro* iv. 126: Lucia mal debicou um cajú de compóta e só a muita instancia do noivo aceitou um biscouto. **1915** Lima Barreto *Como o "homem" chegou* 335: [...] mas, ao chegar a riqueza do lugar, ahi pelo tempo do cajú, quando o sol saudoso da tarde dourava as areias e os fructos amarellos e vermelhos mais se entumeciam nos cajueiros frageis, jogavam-se pules de dez tostões. **1922** M. Andrade *Paulicea desvairada* 123: As franjadas flâmulas das bananeiras, | as esmeraldas das araras, | os rubis dos colibris, | os lirismos dos sabiás e das jandaias, | os abacaxis, as mangas, os cajús | almejam localizar-se triunfantemente, | na fremente celebração do Universal!... **1926** Coelho Neto *Feira Livre* 122: [...] a comprar uma duzia de laranjas ou uma penca de bananas, prata ou ouro; um cajú ou outro qualquer dos nossos pomos indigenas? **1928** M. Andrade *Macunaíma* v. 63: Por detrás do tejupar do regatão vivia a árvore Dzaláura-Iegue que dá todas as frutas, cajús, cajás cajàmangas mangas abacaxis abacates jaboticabas graviolas sapotís pupunhas pitangas guajirú cheirando sovaco de preta, todas essas frutas e é mui alta. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 55: Do areial do Tronco, não provei apenas os saborosos cajús. **1931** G. Aranha *O meu próprio romance* 120: Fazia-se fogueira e assavam-se castanhas de cajú. **1934** G. Ramos *S. Bernardo* IV. 21: Nas pedras do Parayba, com um cesto de cajus e uma garrafa de cachaça, aperreava os companheiros de farra declamando sementes e adubos chimicos. **1935** J. L. Rego *O Moleque Ricardo* xxxi. 263: Um pé de cajú dava seus galhos por cima do telheiro de seu quarto. **1935** Jorge de Lima *Calunga* v. 52: O senhor do Canindé regalava seus cincoenta cajús, aleijado e por cima uma miseria organica, amarelo, bigode cobrindo a bôca escura, meio vesgo. Idem *Ib.* vii. 70: Pióca tangia um poder dêles pra os chiqueiros. Ana cevava-os com bagaço de cajú e cana. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* xxvii. 316: Prestou attenção em roda e viu uma grande arvore de cajú do matto. **1956** Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* 538: Alguns dos homens ainda aproveitavam a espera para comer o que tivessem, e um quis me obsequiar com a metade de uma broa de brote, de se roer, e outro que trazia um embornal-de-couro cheio com cajús vermelhos e amarelos.

cajuada *s.f.* [< caju + -ada].

Refresco de caju.

1878 F. Távora *O Matuto* xiii. 177: Marianninha, esquecida do que lhe acontecera por occasião de offerecer a Lourenço a cajuada, adiantou-se para o servir, corada e tremula. **1894** Taunay *O Encilhamento* I. xxxii. 235: Tinha tambem a cajuada gelada não poucos apreciadores. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 35: Não os poupamos [os cajus], até que appareça o assucar para a deliciosa cajuada de pouco mais tarde.

cajual *s.m.* [< caju + -al].

Plantação de cajus; cajueiral, cajuzal.

1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* I. § 141.87: He este vinho entre elles estimado, sobre todos os outros: & ser senhor de hũ destes cajuaes pera effeito delle, he ter o morgado mais pingue. **1876** Couto de Magalhães *O Selvagem* II. ii. 29: Em uma fazenda de Marajós [...] existe uma grande plantação de cajueiros seculares [...] o qual cajual foi plantado [...].

cajueiral, *s.m.* [< cajueir(o + -al].

Plantação de cajus; cajual, cajuzal.

1878 F. Távora *O Matuto* vii. 94: Tomou por ella, e, quando menos pensava, deu comsigo em um cajueiral que se perdia de vista. Idem *Ib.* viii. 106: Pois a unica ocupação delle não era botar sentido aos cajueiraes?

cajueiro *s.m.* Var.: 5 *acajueiro,* 5-9 *cajueiro,* 5 *cajoeiro,* 6 *cajùeiro* [< caju + -eiro].

Planta da família das anacardiáceas (*Anacardium occidentale*); cajuzeiro.

1585 Cardim *Informação* fl. 80*v.*: [...] comemos debaxo de hũ Acajueiro muito fresco carregado de Acajus, [...] a aruore he fresca parecese cõ os castanhr^os^ perde a folha de todo (cousa rara no brasil) porque todo anno as aruores estaõ tam uerdes e frescas como as de Portugal na primauera. **1587** G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, I. xlix. 343): Convém tratar daqui por diante das árvores de fruto naturais da Bahia, águas vertentes ao mar e à vista dêle; e demos o primeiro lugar e capítulo por si aos cajueiros, pois é uma árvore de muita estima, e há tantos ao longo do mar e na vista dêle. Estas árvores são como figueiras grandes, tem a casca da mesma côr, e a madeira branca e mole como figueira, cujas fôlhas são vermelhas, muito brandas e frescas, a flor é como a do sabugueiro, de bom cheiro, mais muito breve. A sombra destas árvores é muito fria e fresca, o fruto é formosíssimo; algumas árvores dão fruto vermelho e comprido, outras o dão da mesma côr e redondo. **1594** in *Denunciações de Pernambuco* (ed. 1929, 324): [...] então elle olhando pera hum cajoeiro grande que tinha no seu quintal lhe respondeo chorando, que quando fôra receber com a ditta negra Anna Mendes, lhe parecia que levava sobre si hum peso tão grande como daquelle cajoeiro. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 104: [...] da mesma maneira abundaõ os campos de grande cantidade de guomas de Aruores. marauilhozas como he finissima Almesegua — e outra de cajueiro eixcelente pera grudar papeis [...]. *Ib.* iv. fl. 109*v.*: [...] o abundante cajuciro o coal demostra que de soberbo, por se desuiar das demais Aruores leua o fruto aos Reues de todas, por que as castanhas que nas de mais se esconde no ameguo delles, nestes cájus campeão por fora em forma que na cabesa do fruto se arremataõ de feiçaõ que mostra aquem naõ conhese que por aly teue principio e fermoso é guostoso pomo do coal se sostenta muita jente em todo o tempo que duraõ [...]. **1627** V. Salvador *Hist. Brasil* I. vi. fl. 12: Os cajueiros dão a fructa chamada cajúz [...]. **1663** S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 81.158: He o acajú, ou cajùeiro, a mais aprazieuel, & graciosa de todas as aruores da America: por ventura de todas as de Europa. [...] Desde a raiz até a vltima vergontea, tem grandes mysterios esta pomposa aruore. O vestido mais tosco de seu tronco. serue de tintas pretas: o mais interior a modo de camisa, he buscado dos officiaes Cortidores pera tinta amarela: a madeira do trõco, & braços he appetecida dos que fabricão obra naual; tirão dellas curuas; & leames fortissimos. [...] He singular entre todas as aruores; parece que de proposito busca râchos estereis, alheios do consorcio das outras: nos areaes mais çâsios, ahi verdeja mais, a hi sae mais alegre cõ sua vfanía, enchẽdo tal vez legoas inteiras de desertas praias, & areaes inuteis; & quanto he mais seco o lugar, & o tempo, tanto he maior seu vigor; por q̃ parece q̃ atrauessaõ suas raîzes o profundo da terra, & della chupão, a modo de esponjas, o humor de que se alimentão. **1675** F. B. Freire *Hist. da guerra Brasílica* V. 199: Tambem junto á Villa, debaixo de grandes arvores, chamadas Cajueiros, (onde por ser no tempo do seu fruto, vinhão a colhelo os Inimigos) [...]. **1711** A. J. Antonil *Cultura e Opulência do Brasil* I. ii. viii. 62: A melhor he a dos Mangues brancos, & de paos molles; a saber, a de Cajueiros, Aroeiras, & Gamelleiras. **1788** N. M. Pereira *Peregrino da América* II. xii. (ed. Acad. Bras., 1939, 152): [...] descobri uma grande arvore mui copada junto da estrada, e chegando mais perto conheci ser um formoso cajueiro, o qual estava carregado de mui maduros pomos, por ser no

mez de Janeiro, tempo em que costumam estas arvores dar seus fructos. 1757 D. L. Couto *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 36: O cajueiro que emquanto arvore hé a mais aprasivel, e graciosa quando nos mezes de Julho, e Agosto se veste de gala de suas flores, e nos de Novembro, Dezembro, e Janeiro da pompa de seos frutos; em Pernambuco ha legoas, e legoas cobertas destas arvores, que com seos maravilhosos frutos servem de regalo, e sustento, [...]. 1758 in ADF I. (1894) 430: epl^a. parte do Eng^o Velho com o defuncto Ant^o Gomes, marido q' foi de Margarida de tal, cortando ao pé de hum cajueiro grande direito. 1782 F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* I. iv. 62: Duas especies de cajueiros se acham neste Brazil, huma silvestre, que sómente pelos campos aggrestes se incontra, e outra domestica, quero dizer, que nasce, e se cria pelos cercados [...]. 1817 Casal *Corografia Brazilica* I. 100: *O Cajueiro*, que ama terreno arenozo, he arvore pequena, de tronco tortuozo, copa redonda com ramos levantados, orizontaes, e inclinados: a primeira casca entra na compozição de tinta preta; a chegada ao lenho na da amarella: as folhas quasi redondas, e asperas: a flor em racimo: seu fructo singular he do tamanho, e figura de pimentão roliço, de pelle fina, liza, avermelhada, ou amarellada, e ás vezes d'ambas estas cores, com uma substancia branca, esponjoza, assáz succulenta, agridoce sem caroço, nem pevides; e tem na extremidade um appendice duro com fórma de rim de lebre, e casca cinzenta, cheia de oleo caustico, que cobre uma substancia alva, e oleoza: dam-lhe com propriedade o nome de castanha; porque só se come assado, e seu sabor nada differe do da castanha Europea, quando assada. He fructa salutifera; e faz-se della excellente doce, e do seu succo boa limonada, e ainda vinho. Dá uma rezina, que faz as vezes da arabiga. 1856 D. Magalhães *A Confederação dos Tamoyos* III. 68: Era o tempo em que o bello cajueiro, | Cujos frondosos ramos o chão tocam, | Se ia tornando avaro de seus fructos, |. 1857 J. Alencar *O Guarany* (2^a ed., 1864, I. iv. 42): Feito isto, correo a um pequeno arroio que passava perto; e enchendo de agua uma folha de cajueiro bravo, que tornou côva, veio borrifar a cabeça da fera. 1859 C. Abreu *As Primaveras* 130: E diz-me: não te recordas ! — Debaixo do Cajueiro — | Lá da lagôa nas bordas ! Aquele beijo primeiro? | Lá o dia já findando... 1865 J. Alencar *Iracema* (3^a ed., 1878, xxxiii. 191): O cajueiro floresceu quatro vezes depois que Martim partiu das praias do Ceará, levando no fragil barco o filho e o cão fiel. 1865 Idem *As Minas de Prata* IV. iv. 105: Mas de longe ainda avistou-o escanchado n'um galho de cajueiro, a balançar-se. 1869 F. Távora *Um Casamento no Arrabalde* (ed. 1903, 63): Uma brisa impregnada de aromas de mangerona, alecrim, flor de cajueiro, afagou as narinas do philosopho. 1873 J. Alencar *Guerra dos Mascates* I. iv. 40: [...], e ahi de um pulo, travou os ramos de um cajueiro, d'onde alcançou facilmente o chão, e desappareceu entre o arvoredo. 1875 Machado de Assis *Americanas* 17: Duas vezes, mimosas rebentaram | Do lacrymoso cajueiro as flores, |. 1876 Couto de Magalhães *O Selvagem* II. ii. 29: Em uma fazenda de Marajós [...] existe uma grande plantação de cajueiros seculares que deu o nome a fazenda [...]. 1878 F. Távora *O Matuto* iii. 38: Francisco cortou madeiras, apparelhou-as e armou a casa ao pé do cajueiro. 1879 B. Guimarães *O Pão de Ouro* iii. 268: A mangabeira, o araticum, o cajueiro espalhavam por todas aquellas veigas o suavissimo cheiro de seus fructos. 1881 F. Távora *Lourenço* (ed. 1902, iii. 28): Do lado opposto, porém, dava ella em um como descampado que se interpunha entre aquellas arvores e a renque de dendezeiros e cajueiros que circulava a lagôa, [...]. 1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 211): As que mais avultam d'entre ellas são os grandes cajueiros do campo, de casca e folhas grossas, mais largos do que altos, agachados, estortegados como si mão potente lhes comprimisse a côma constrangendo-os a esparramarem quasi pelo chão os estirados galhos. 1900 J. Nabuco *Minha Formação* xxv. 293: Emquanto por toda parte á entrada do Rio de Janeiro o que se vê são granitos escuros cobertos de florestas continuas guardando a costa, em Paquetá o quadro é outro: são praias de coqueiros, campos de cajueiros, [...]. 1902 E. Cunha *Os Sertões* 40: Vêm-se, numerosos, agglomerados em *caapões* ou salpintando, isolados, as macegas; arbusculos de pouco mais de metro, de largas folhas espessas e luzidias, exuberando floração ridente em meio da desolação geral. São os cajueiros anões, os typicos *anacardium humilis* das chapadas aridas, os *cajuys* dos indigenas. 1915 Lima Barreto *Como o "homem" chegou* 335: [...] mas ao chegar a riqueza do lugar, ahi pelo tempo do cajú, quando o sol saudoso da tarde dourava as areias e os fructos amarellos e vermelhos mais se entumeciam nos cajueiros frageis, jogavam-se pules de dez tostões. 1919 Idem *Gonzaga de Sá* ix. 123-124: [...] e, quando em quando, tambem uma arvore de mais vulto, um cajueiro, uma figueira [...]. 1920 Idem *Histórias e Sonhos* 17: Por vezes, no fundo, na frente ou aos lados delles, ha uma arvore de mais vulto: um cajueiro, um mamoeiro; [...]. 1922 A. Peixoto *Bugrinha* xiv. 204: Encostara-se a um ramo baixo de cajueiro e abaixara a cabeça, a chorar, sentidamente. 1928 M. Andrade *Macunaíma* xviii. 268: Aromado pelas frutas dos cajueiros o heroi ferrava no sono bem. 1929 A. Peixoto *Sinhàzinha* vii. 70: [...] e, á passagem, um mocambo de cajueiros baixos, esgalhados, em flor, rescendentes como a primavera. 1930 G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 35: Cercam-nos cajueiros appetecentes, de grossos e sumosos fructos, quasi ao alcance das nossas boccas seccas. 1931 G. Aranha *O meu próprio romance* 120: As frutas eram as que davam fartamente os cajueiros, as mangueiras e as goiabeiras. 1934 G. Ramos *S. Bernardo* xiii. 89: [...] e se eu tentasse uma descripção, arricava-me a misturar os coqueiros da lagoa, que appareceram ás tres e quinze, com as mangueiras e os cajueiros, que vieram depois. 1935 Jorge de Lima *Calunga* i. 8: Afogados, Bôa-Viagem, Prazeres, paizagens diferentes, com mocambos nos mangues, habitações lacustres do começo da terra, caranguejos, praias, cajueiros, mangabeiras, cambuim, côco, a igreja dos Guararapes do tempo dos holandêses, Pontezinha: seus melões e sua fabrica de polvora. 1935 J. L. Rego *O Moleque Ricardo* xxi. 263: Naquellas noites de Dezembro o cheiro da flôr do cajueiro se derramava pelo seu aposento. 1936 Idem *Usina* II. xiv. 223: Era um taboleiro maninho, uma areia, onde só nascia formigueiro e cajueiro bravo. 1956 Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* 452: [...] por sinal que armei rêde por entre cajueiro e jenipapeiro, perto dos currais, e, para o segundo sono, mudei de rearmar, de faveira para faveira, lá para dentro duma cêrca.

cajuí *s.m.* Var.: 5, 8-9 *cajuí*, 9 *cajuy* [< T. akaju'i < aka'ĩu + -'i 'pequeno'].

Planta da família das anacardiáceas (*Anacardium microcarpum* Ducke, *A. humile* St,-Hil.).

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, I. xlix. 344): Há outra casta desta fruta, que os indiós chamam cajuí, cuja árvore é nem mais nem menos que a dos cajus, senão quanto é muito mais pequena, que lhe chega um homem do chão ao mais alto dela a colhêr-lhe o fruto, que é amarelo, mas não é maior que as cerejas grandes, e tem maravilhoso sabor com pontinha de azêdo, e criam também sua castanha na ponta, as quais árvores se não dão ao longo do mar, mas nas campinas do sertão além da caatinga. 1876 N. J. R. Sousa *Diário* (ed. 1946, 23): [...] e fomos abarracar sobre o rio ao pé duma colina completamente campo e lavrado, pois a exceção do cajuí não se vê aí uma outra vegetação. 1902 E. Cunha *Os Sertões* 40: Vêm-se, numerosos, agglomerados em *caapões* ou salpintando, isolados, as macegas; arbusculos de pouco mais de metro, de largas folhas espessas e luzidias, exuberando floração ridente em meio da desolação geral. São os cajueiros anões, os typicos *anacardium humilis* das chapadas aridas, os *cajuys* dos indigenas. 1928 M. Andrade *Macunaíma* xvii. 257: Tudo o que Macunaíma pegava ela engulia, tamorita mangarito inhame biribá cajuí guaimbê uxí ingá bacurí capuassú pupunha taperebá graviola, todas essas comidas do mato.

cajupeba *s.m.* [< T. °akaju'peua < aka'ĩu + 'peua 'chato'].

Planta da família das dileniáceas (*Curatela americana*); caimbé.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxxi. 69): Dão-se nas campinas perto do mar umas árvores, que se parecem com os cajueiros, de que já falamos, que não dão fruto, que se chama cajupeba, tem estas árvores a fôlha brancacenta, crêspa e áspera como de amoreira, a casca destas árvores é sêca como de sobreiro. A madeira é leve, mas muito liada, que não fende, de que se tiram curvas para barcos, e se fazem vasos de selas, e destas fôlhas podem manter bichos de sêda, se os levarem a estas partes.

cajuzal *s.m.* Var.: 6 *caiusal* [< caju + -z- + -al].

Plantação de cajus; cajual, cajueiral.

1648 M. Calado *O Valeroso Lucideno* I. ii. 11: [...] & caminhando por ella [*a praia*], ao entrar do rio tapado, deixarão a praia onde os nossos esperauão, sendo guiados por dous mulatos, q̃ certos christãos nouos lhe auião mandado; tomarão por entre hum caiusal, & por hum largo caminho, que vem a dar na villa, por junto a N. Senhora do Emparo, & por detraz do Collegio da Companhia.

cajuzeiro *s.m.* Var.: 5, 7 *cajuzeiro*, 6 *cajuseiro* [< caju + -z- + -eiro].

Cajueiro.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxvi. 167): Em outras árvores que se chamam cajuzeiros, se criam umas lagartas ruivaças. 1648 M. Calado *O Valeroso Lucideno* I. ii. 21: E Manoel de Crasto foi condenado à morte por traidor, & o mandou o Auditor Gèral enforcar em hum cajuseiro, & sobre o calabar se fez junta no que se auia de fazer delle. 1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 181: Vimos tambem cajuzeiros; o fructo tem o feitio de um camoez, ou mais propriamente do que na Beira chamam malapios, muito amarello, mas com a diferença de ter raios encarnados, como os gronhos da feira em Portugal; tem uma castanha pegada em cima, e assada muito saborosa; o cheiro da fructa enjôa, menos aos naturaes.

camaçari *s.m.* Var.: 5 *camaçari*, 6 *camasari*, *camasarim*, 7 *camassarí*, 8 *camaçary* [< T. kamasa'ri].

Planta da família das ternstremiáceas.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxvii. 61): E comecemos no camaçarí que são árvores naturais de areia e terras fracas. São estas árvores muito compridas e direitas, das quais se tiram frechais e tirantes para engenhos de cem palmos, e de cento e vinte de comprido e dois de largo, e palmo e meio afora o delgado da ponta, que serve para outras cousas; a qual madeira serve para tôda a obra das casas, do que se faz muito tabuado para elas e para os navios. Esta madeira tem a côr vermelhaça, boa de lavrar, e melhor de serrar. Destas árvores se fazem mastros para os navios, e se foram mais leves eram melhores que os de pinho, por serem mais fortes; as quais árvores são tão roliças, que parecem torneados. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iii. fl. 84: [...] os caixões se fazem de pao mole como saõ mungubas — buraremas, visgeiro, pao de gamella, camasaris e hũ pao que chamaõ de alho, e outro branquo e dos tais ha diuersas castas por que pera caixõis se busca sempre madeira mole por ser mais façil serrar. Idem *Ib.* iii. fl. 84*v.*: [...] e assim diguo que as madeiras de que tenho noticia e me alembra a callidade dellas saõ estas, [...] camasarim, apropriado pera taboado [...]. **1711** A. J. Antonil *Cultura e Opulência do Brasil* I. ii. vii. 57: [...] os mastos de Inhuibatan: as Vergas, de Camassarí: [...] As Caixas, em que se mete o Assucar, se fazem de Jequitibà, & Camassarí: & não havendo destas duas castas de pao, quanto basta; se poderáõ valer de Burissica para fundos, & tampos. **1817** Casal *Corografia Brazilica* II, 75: Fytologia. Entr'outras muitas arvores de boa madeira nomeia-se o vinhatico, aderno [...] camaçary, caixêta, cedro, cerejeira, condurú [...].

‖ **camaíua**: v. abon.

1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 127-128: [...] uzam também das *tacuáras*, que são as mesmas frexas com pontas de ferro de mais de palmo, ou de certa especie de canna conhecida de um por tabóca, e de outros por *camaíua*, farpada para rasgar o corpo na occasião de se extrahirem delle: [...].

camapu *s.m.* Var.: 5 *canapu*, 6 *camapu* [< T. kama'pu].

Planta da família das solanáceas.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lv. 29): canapu é uma erva que se parece com erva-moura, e dá uma fruta como bagos de uvas brancas coradas do sol e moles, a qual se come, mas não tem bom sabor senão para os índios. **1610** J. Monteiro *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.* VIII. (1949) 408: O mantimento com que os dous Irmãos [únicos sobreviventes], acabado o Dilúvio, se sustentavam chamam eles camapu, que é uma erva semelhante à que chamamos moura; e acrescentam que indo ambos buscar os *camapus* pera si e um seu menino, o Mairatupã vinha e dava de comer à criancinha, e que vendo os pais que quando tornavam, ele não queria comer por estar farto, espreitaram-no, e viram-no estar dando de comer ao menino; pegaram dele, ataram-no, e que pera que o soltassem lhe deu, em concerto, o milho e mais legumes que eles prantam, e que parece nesta confusão aludirem à prisão de Priapo e concerto das abelhas de Aristeu; e acrescentam que quando lhe deu o milho pera o prantar [o deu à mãe], donde nasceu serem elas e não os maridos as que prantam a mandioca, legumes, etc.

camará *s.m.* Var.: 5, 7-9 *camará*, 6 *camara*, *camarà*, 9 *cambará* [< T. ka*ɳ* a'ra].

Designação comum a diversas plantas das famílias das verbenáceas e das solanáceas.

*c***1584** Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 24: Camará. Esta erua se parece cõ syluas de portugal, cozêsse è agua, e a dita agua he unico remedio p^{a} sarna, boubas, e feridas frescas. e quando as feridas se curaõ com as folhas de figr^{a} de q̃ se disse no titulo das aruores, se laua a ferida com a agua desta erua, cuja flor he fermosissima, parece crauo amarello, & vermelho, almiscrado, e destas se fazẽ ramalhetes p^{a} os altares. **1587** G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxii. 47): Camará é uma erva que nasce pelos campos, que cheira a erva-cidreira; a qual faz árvore, com muitos ramos como de roseira de Alexandria; cuja madeira é sêca e quebradiça, a fôlha é como da erva-cidreira; as flores são como cravos de Tunes, amarelos, e da mesma feição, mas de feitio mais artificioso. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iii. fl. 84*v.*: [...] e assim diguo que as madeiras de que tenho noticia e me alembra a callidade dellas saõ estas, [...] camara, Regedissimo e por esse Respeito asas estimado [...]. Idem *Ib.* iv. fl. 106: [...] outro modo de flor que chamão de camara asu — e a dina de tanta estima e consideração flor de Maracuja, pella fermosura della, varias cores deque he composta Rajos fermozos que lansa, com outras particularidades dinas de notar, [...]. **1663** S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 79.157: Camarà erua de seis especies, & todas regalo, & mezinha dos homens. **1752** M. Fonseca *Vida Pe. Belchior de Pontes* (ed. Melhoramentos, xxxv. 235): Tinha em huma estrebaria Joaõ Barboza Lara dous cavallos, e succedendo lançarem lhes na manjadoura camará do campo, houve descuido em separarem dos pàos as folhas, que sómente deviaõ comer. **1817** Casal *Corografia Brazilica* II. 37: [grande quantidade d'arvores de bom páu para construcção principalmente: camará, e outras. **1863** M. A. Porto Alegre *Brasilianas* 79: Do agro camará, da quina tonica | Extingue a raça o misero colono, | Juncto a cabana em que desliza a vida, | Sem na terra enxertar um garfo ao menos. |. **1915** Lima Barreto *Policarpo Quaresma* II. i. 91: Havia nella terra bastante, velhas arvores fructiferas, um capoeirão grosso com camarás, bacurubús, tinguacibas, [...] **1918** Monteiro Lobato *Urupês* 161: [...]: entreverar de cahetés, cambarás, unhas de vacca e outros padrões transplantados das visinhanças [...]. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 224/225: Um claro mais vasto, presidido pelo monumento perfumoso da colhér-de-vaqueiro, faraônica, que mantém à distância cinco cambarás ruivos, magros escravos, e outro cambará, maior, que também vem afinando de cima para baixo.

camboa *s.f.* Var.: 5-6, 8 *camboa*, 6 *gamboa*, 7, 9 *gambôa*, 8 *cambôa* [< ? T. ~ Embora os testemunhos de Gabriel Soares de Sousa (v. abon. 1587) e do autor dos *Diálogos das Grandezas do Brasil* (v. abon. 1618) sejam incisivos em favor de uma origem indígena para o vocábulo *camboa*, ainda subsistem algumas dificuldades para a fixação do étimo tupi].

Lago artificial a beira-mar, cercado por uma estacada de paus e pedras, onde, na maré cheia, entra o peixe miúdo, o qual, na maré baixa, fica aprisionado e é então recolhido.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxxi. 201): [...] o couro dêste peixe [cunapu] é tão grosso como um dedo e muito gordo, o qual se toma com qualquer anzol e linha, sem trabalharem por se soltar dêle, e no tempo das águas vivas se tomam em umas tapages de pedras e de paus, a que os índios chamam camboas, onde morrem muitos, os quais salpresos são muito bons. **1617** in ABN, LXXXII. (1962) 322: [...] começando o rumo do esteiro defronte da camboa que está defronte da cidade, [...]. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 118: [...] em hũa tapajem que estaua feita em serto Rio pera pescarem nella a que nesta terra chamaõ Camboa se cheguaraõ dous peixes de semelhante especie dos coais entrou hũ pera dentro ficando o companheiro de fora. [...]. **1627** V. Salvador *Hist. Brasil* V. xxvi. fl. 180: [...] e sahindo do forte de S. Phelippe a pescar a hũas camboas, q̃ ficão perto déram sobre elles e os pescaraõ antes, q̃ elles pescassem, [...]. **1681** A. O. Cadornega *Hist. Guerras Angolanas* (ed. 1942, III. 87): [...] e formoza e aprazivel entrada do mar por huma ponte, parte de madeira por onde se communica, o mar por de baixo, e em maré vazia fica fazendo huma gamboa do mar que ali empoça, [...]. *a***1696** G. Matos *Obras* (ed. 1969, I. 7): O Mercador avarento, | quando a sua compra estende, | no que compra, e no que vende, | tira duzentos por cento: | não é êle tão jumento, | que não saiba, que em Lisboa | se lhe há de dar na gamboa; |. Idem *Ib.* IV. 830: Se não há lá uma canoa, | poremos de cá uma prancha, | e por falta irá a Lancha | cos esteiros da camboa. |. *c***1698** J. F. Betendorf *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 12: [...] a segunda mais chegada a esta é Itapary, assim chamada em razão das Camboas que havia para banda de São José; a Terceira Carnapijó; [...]. **1721** in *Docs. Hist. Paraná* (ed. 1923, 74): [...] dará a Camara aos Reverendos Padres o terreno, que lhes for necessario para o seu collegio, e cerca, ou seja na parte da Gambôa, onde assistem, [...]. **1876** F. Távora *O Cabeleira* ii. 37: Era uma casa de taipa como quasi todas as outras do lugar, e achava-se a pouca distancia do forte [...]. Foi demolido em 1813, pelo intendente da marinha Siqueira, que com o respectivo material aterrou a cambôa que contornava pelo lado do rio a primeira casa na qual morava. **1895** J. Veríssimo *A Pesca na Amazónia* I. vi. 97: Estes curraes alongam-se ás vezes por cem e cento e cincoenta metros, e multiplicam-se por aquellas costas. Alem destas cercas moveis, constroem cambôas fixas, com varas e talas fortes ou, em sitio em que uma disposição especial da costa os favorece com alguma cerca natural, [...]. Idem *Ib.* I. viii. 112: Das armadilhas as mais notaveis, por mais productoras, são o cacuri, os cercados, as cambôas, [...]. **1936** J. L. Rego *Usina* II. xii. 199: O Poço das Pedras parecia uma gambôa, com os urubús em cima dos lagedos, como se estivessem atraz de carniça.

camboatá *s.m.* Var.: 9 *camuatá* [< T. *ka ɳ ua'ta].

Espécie de peixe da família dos loricarídeos.

1928 M. Andrade *Macunaíma* v. 56: Os manos remavam espantando os mosquitos e cada arranco dos remos repercutindo nas duzentas igaras ligadas, despejava uma batelada de bagos na pele do rio, deixando uma esteira de chocolate onde os camuatás pirapitingas dourados piracanjubas uarús-uarás e bacús se regalavam.

camboatã *s.m.* Var.: 6, 9 *camboatá*, 8 *cabuatã*, 9 *camboatã* [< T. *ka ɳ ua'tã].

Nome comum a diversas plantas das famílias das meliáceas, sapindáceas e simarubáceas.

*a***1696** G. Matos *Obras* (ed. 1969, V. 1148): Minha rica Cumari, | minha bela Camboatá | como assim de Pirajá | me desprezas,tapiti: |. **1876** F. Távora *O Cabeleira* iv. 73: — [...] Faze um espetinho de cabuatã, e crava-o na titela do passarinho. **1878** Idem *O Matuto* xii. 150: A direita no lugar da capella, é agora uma elevaçãosita, de que se atiram

aos ares uns sambaquis, umas maniçóbas, uns marmeleiros, umas cabuatãs, cujos ramos e folhas se entrecortam e amigam. 1911 A. Maia *Tapera* 27: [...], cahiram o galpão, o fôrno, a latada, os chiqueiros, os cinamomos da cêrca, o varal para a carne, o forte palanque, grosseiramente falquejado, de camboatá vetusto. 1946 Guimarães Rosa *Sagarana* 212: Mas cumpria com a lista, porque eu não podia deixar o povo saber que eu entrava no mato, e lá passava o dia inteiro, só para ver uma mudinha de cambuí a medrar da terra-de-dentro de um buraco no tronco de um camboatã; [...].

cambucá *s.m.* Var.: 5, 8-9 *cambucá*, 6 *quamoqua* [< T. ka*ŋ*u'ka].

Planta da família das mirtáceas; o fruto desta planta; cambucazeiro.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. liv. 18): Cambucá é outra árvore de honesta grandura, que dá umas frutas amarelas do mesmo nome, tamanhas como abricoques, mas tem maior caroço e pouco que comer; é muito doce e de honesto sabor. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 110v.: [...] quamoqua, outra fruta vermelha semelhante a jinjas [...]. 1856 D. Magalhães *A Confederação dos Tamoyos* IV. 120: Deixai-lhes estas varzeas tão regadas | De aguas tão doces, estes verdes mattos | Onde colheis o cambucá gostoso, |. 1872 J. Alencar *Sonhos D'Ouro* p. xix: O povo que chupa o cajú, a manga, o cambucá e a jaboticaba, póde fallar uma lingua com igual pronuncia e o mesmo espirito do povo que sorve o figo, a pera, o damasco e nespera? Idem *Ib.* I. ii. 25: Ricardo vendo o segundo painel sentiu na vista uma sensação igual á do paladar que, saboreando a polpa deliciosa de um cambucá, sentisse de repente o gosto do pepino. 1888 Ferreira Leal *O Suplicio de um Marido* ii. 55: Havia alli [...] a grumixameira, o amarellado cambucá tão saboroso e innocente, [...]. 1922 M. Andrade *Paulicea desvairada* 79: Laranja da China, laranja da China, laranja da China! | Abacate cambucá e tangerina. 1929 G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* v. 64: Thereza escolheu pesadas laranjas selectas, tanjerinas mexiriqueiras, abios torneados e cambucás vehementes.

cambucazeiro *s.m.* [< cambucá + -z- + -eiro].

Cambucá.

1871 J. Alencar *O Tronco do Ipê* II. ix. 110: — Naquelle cambucazeiro, você me amarrou um dia com a sua gravata, para que eu não o acompanhasse até a casa de vovô.

cambuí *s.m.* Var.: 5, 9 *cambuí*, 5 *camujz*, 7 *camboi*, *camboy*, 8 *cambuhy*, *cambuy*, 8-9 *camboim*, 9 *cambuim* [< T. ka'*ŋ*ui].

Planta da família das mirtáceas; o fruto desta planta.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. liv. 16): Cambuí é uma árvore delgada de cuja madeira se não usa, a qual dá uma flor branca, e o fruto amarelo do mesmo nome; [...]. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1852-1855: Camujz He arvore grãde pareçe cõ ceregeira de portugal e assi tẽ seu fruito vermelho e no Rari preto e major. 1702 A. Rosário *Frutas do Brasil* III. i. 115: os Cambois sam como uvas, hũs pretos, outros vermelhos: [...]. 1731 in ACSP. X. (1915) 120: [...] que a madeira da dita ponte hade ser de canella o tablado, e que os tanxois seram de uba merim e camboy [...]. 1817 Casal *Corografia Brazílica* II. 163: o cambuhy, arvore grande, cujo fructo do tamanho de ginja he ou vermelho ou roxo. 1870 J. Alencar *O Gaúcho* II. iii. x. 107: Manoel estava em campo raso, onde não se percebia touça de macega, ou mouta de camboim, capaz de esconder um veado, quanto mais um homem e seu cavallo. 1872 Idem *Til* II. ix. 95: Nessa fresca penumbra, que recatava da estrada uma cerca de estacas de cambuys já enramadas, accommodou-se Bertha para passar a sesta, que se approximava. 1913 Simões Lopes *Lendas do Sul* 33: Blau, o guasca apeiou-se maneiou o fléte e por de seguro ainda pelo cabresto prendeu-o a um galho de camboim que verga sem quebrar-se; rodou as esporas para o peito do pé; aprumou de bom geito o facão; santigou-se, e seguiu... 1915 Lima Barreto *Policarpo Quaresma* ii. 24: Acabado o almoço, dava umas voltas pela chacara, chacara em que predominavam as fruteiras nacionaes, recebendo a pitanga e o camboim os mais cuidadosos tratamentos aconselhados pela pomologia, como se fossem bem cerejas ou figos. 1920 Idem *Histórias e Sonhos* 136: [...], pois era seu habito, depois de ler o "Jornal" na venda, descer a praia, embrenhar-se na restinga, chupar cambuim, pitangas, [...]. 1935 Jorge de Lima *Calunga* i. 8: Afogados, Bôa-Viagem, Prazeres, paizagens diferentes, com mocambos nos mangues, habitações lacustres do começo da terra, caranguejos, praias, cajueiros, mangabeiras, cambuim, côco, a igreja dos Guararapes do tempo dos holandêses, Pontezinha: seus melões e sua fabrica de polvora. 1946 Guimarães Rosa *Sagarana* 212: Mas cumpria com a lista, porque eu não podia deixar o povo saber que eu entrava no mato, e lá passava o dia inteiro, só para ver uma mudinha de cambuí a medrar da terra-de-dentro de um buraco no tronco de um camboatã; [...].

cametaú *s.m.* Var.: 7 *cam-hitaou*, 8 *cahuitahu*, *camêtaú*, 9 *camitaú* [T. ?].

Ave da família dos anhimídeos; anhuma.

1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 337: A cousa mais celebre n'estes bosques [Alenquer] é o passaro ou ave de rapina chamado *cam-hitaou*: é grande como um perú alto, e tem nos encontros das azas dois ossos sahidos fóra, redondos, tem no alto da cabeça uma vara ou ponteiro elevado do comprimento de quatro dedos com pouca grossura. Dizem ser grande contraveneno, e ainda os ossos; estes moidos e bebidos; a vara porém posta de infusão em agua: chamam lhe os nossos portuguezes unicornio. 1817 Casal *Corografia Brazílica* II. 281: *[Nota de rodapé]* O *cahuitahu*, que Condamine observou, he sem duvida a *anhuma*; e o trombeteiro parece ser o *queroquero* das provincias meridionaes, [...]. 1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 53/54): [...] do recesso de uma cabeceira a saracura saltitante e viva solta, pelo cair da tarde e ás cinco horas da madrugada em ponto, as notas estridentes de seu canto singular, a que responde mais longe a voz onomatopaica e vibrante do camêtaú; [...]. 1930 G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 76: Elle informa-me ainda sobre o nome de algumas aves, bastante differentes daquelles que as mesmas têm no sul: a anhuma é *camitaú*, [...].

camina *s.f.* [< T. ?].

V. abon.

1895 J. Veríssimo *A Pesca na Amazônia* I. viii. 121: Identico a este, sinão pela forma ao menos pela applicação e resultado, é a camina, apparelho para pesca que consiste simplesmente de uma vara recurvada a cuja extremidade prendem um cesto que mergulha n'agua e ali, convenientemente iscado, permanece graças a um artificio com que o seguram ao fundo.

camiranga *s.m.* [< T. °kami'ra*ŋ*a].

Ave de rapina; espécie de urubu.

1903 D. Olímpio *Luzia Homem* i. 1: Escorchado, indigente de arvoredo, o comoro enegrecido pelo sangue de rezes sem conto, deixara de ser o sitio sinistro do matadouro e a pousada predilecta de bandos de urubús tingas e camirangas vorazes. 1928 M. Andrade *Macunaíma* xvi. 231-232: A ruivor veio vindo veio vindo e era o bando de araras vermelhas e jandaias, todos êsses faladores, era o papagaio-trombeta era o papagaio-curraleiro era o xarã o peito roxo o ajurú-curau o ajurú-curica araríarica araraúna araraí araguaí maracanã maitaca arara-piranga catorra teriba camiranga anaca anapura canindés tuins periquitos, todos êsses, o cortejo sarapintado de Macunaíma imperador.

campinarana *s.f.* [< campina + -rana (< T. 'rana 'semelhante')].

V. abon.

1930 G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 126/127: [...] já se nota menos vigor na vegetação ribeirinha, arvores não tão altas e menos frondosas, parecendo não estarmos longe das zonas de campinarana, transição entre a floresta e a savana e, justamente a mais propicia ao desenvolvimento da batata, [...].

campuava *s.f.* [< T. °kampu'a*ŋ*a].

Planta da família das labiadas, do gênero *Hyptis*.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxiii. 51): Por êstes campos se cria outra erva, a que os indios chamam campuava, que são mentrastos, nem mais nem menos que os de Espanha, e tem a mesma virtude, cuja água cozida é boa para lavar os pés; e são tantos que juncam com êles as igrejas pelas endoenças, em lugar de rosmaninhos.

camucim *s.m.* Var.: 6 *ìcamusy*, 8 *cammuci*, *camuci*, 8-9 *camocim*, 8 *camotim*, *camucy*, *camucim* [< T. kamu'si ~ VLB II. 83: *Pote qualquer* = Camucí. *Ib.* II. 142: *Uaso qualquer* = Camuci].

Vaso em que os indígenas enterravam os seus mortos; cova, sepultura indígena.

Na abon. de 1561, onde se lê *ibás*, *camucis*, talvez se deva ler *ibás-camucis*, ou *ibacamuci*, numa só palavra. Nóbrega emprega o termo para designar uma fruta: v. ibacamuci.

[1561 Nóbrega *Cartas* (ed. S. Leite, 1955, 377-378): Vão tãobem marmeladas de ibás, camucis, e arasazes para as camaras; huma pouca de abobara]. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* i. fl. 24: [...] fuy com jente armada por averem dado hũ assalto na mata do Brazil aonde mataraõ algũs homeñs brancos, encontrar com hũa coua a que o jentio da terra daua o nome de camusy muito dina de considerasaõ. 1817 Casal *Corografia Brazílica* II. 54: Antigamente [os Coroados] sepultavam os caciques encolhidos dentro de grandes vazos de barro cilindricos, denominados *cammucis*, dos quaes se tem desenterrado alguns ainda com ossos. 1857 J. Alencar *O Guarany* (2ª ed., 1864, I. xv. 168): Dahi a alguns momentos retirava do buraco um desses vasos de barro vidrado, a que os indios chamavão *camuci*; este era pequeno e fechado por todos os lados. 1865 Idem *Iracema* (3ª ed., 1878, xxii. 136): [...], para ungir o corpo do velho que a mão piedosa do neto encerrou no camocim. *[Nota do Autor, à pág. 211]*: *camocim* —

vaso onde encerravam os indígenas os corpos dos mortos e que lhes servia de tumulo: outros dizem *camotim*, e talvez com melhor orthografia, porque si não me engano o nome é corrupção da frase *co* — buraco, *ambyra* — defunto, *anohtim* — enterrar; buraco para enterrar defunto — *c'am'* — *otim*. O nome dava-se tambem á qualquer pote. **1866** IDEM *As Minas de Prata* VI. i. 31: [...] e ao sahir da gruta carregou para o pincaro elevado o *camucy* que havia fabricado com suas proprias mãos, segundo os ritos de Tupan. **1874** IDEM *Ubirajara* iv. 62: Trouxeram tambem os camocins rasos, onde se apinhavam as moquecas envoltas em folha de banana, e peças de carne, assada no biariby, [...]. IDEM *Ib.* 104: O grande pagé levantou o tampo do camucim, e descobriu uma abertura, bastante para caber o punho do mais robusto guerreiro. IDEM *Ib. [Nota do Autor, á pág. 177]*: Os indigenas encerravam suas mumias em tumulos especiaes, a que davam o nome de *Camucins*; [...]. **1875** IDEM *O Sertanejo* I. xvii. 203: Sentado em uma saliencia do rochedo, com o corpo immovel e hirto, com as pernas dobradas e estreitamente unidas ao peito, com os cotovellos fincados nos joelhos e a cabeça inserida entre os dois braços; o ancião parecia uma mumia indigena arrancada á seu camocim, e ali esquecida. **1910** H. CAMPOS *Poeira* 217: Foi aqui, neste pincaro alteroso ! Que o maior dos indigenas encerra, ! Que o sol beijou o camocim cheiroso ! De Maranguab — o sabedor da guerra.

camurim *s.m.* Var.: 5, 8 *camuri*, 6, 8-9 *camorim*, 8 *camurim* [< T. kamu'ri].

Peixe da família dos centropomídeos.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxxiii. 205): Camuris são os peixes, assim chamados pelos indios, que se parecem com os robalos de Portugal os quais são poucas vezes gordos e nenhumas estimadas; morrem à linha das bôcas dos rios para dentro até onde chega a maré. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 119-119*v.*: [...] vbarana he bom pescado — e da mesma maneira outro chamado — gaibicuarasu — e pello conseguinte, camorim [...]. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 164*v.*: Camorim he peixe de tres ou coatro palmos cuberto descama parda pelas costas e pela barigua bramquas e tem o focinho muito forte que os pescadores da rede não folguão de o uer na rede porque toda a rede fura pode se ter por hũ dos milhores peixes do mar ele tem ouas que he bom comer não tem mais que hũa espinha em todo o corpo e não tem mais que hũa tripa. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* II. 187: [...] *camurins* com uma risca branca nos lados, *camurupins*, ambos corpulentos, e escamozos. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 35: Na costa criam-se as famosas *gurujubas*, peixe de pelle amarella, e cujo buxo dá a melhor cóla, *caçoens*, *tainhas*, *curimans*, *bagres*, *uritingas*, *camurins*, *carásassús*, *méros* de disforme grandeza, *ôstras*, *carangueijos*, *caramujos*, *mixilhoens*, [...]. **1881** F. TÁVORA *Lourenço* (ed. 1902, iv. 49): As aguas nesse ponto estavam esverdeadas, e grandes camorins, prateadas carapebas, e tantos outros habitadores do rio mostravam-se boiando por entre as crostas venenosas, embriagados pelo forte narcotico dos cipós; [...]. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. ii. 14: Ha ahi uma região neutra, em que as especies marinhas e fluviaes se confundem ou pelo menos se encontram, e os ribeirinhos das bahias formadas pelo rio Pará comem della pescados o camuri, que é do mar, e o tucunaré, que é do rio. **1935** J. L. REGO *O Moleque Ricardo* xvi. 127: Traziam então camorins de três palmos.

camurupim *s.m.* Var.: 5 *camboropim, camurupîg, camuropi, camaropī*, 5-6 *camaropim*, 6-8 *camoropim*, 6 *camoroupim*, 8 *camurupim* [< T. kamuru'pĩ].

Paixe da família dos megalopídeos.

1576 GÂNDAVO *Hist.* VIII. fl. 28*v.*: Outros peixes ha, a que chamão Camboropins, que sam quasi tamanhos como Atuns. Estes tem hũas escamas muy duras, & mayores que os outros peixes: tambẽ se matam com arpões, & quando querem pescalos, põese em algũa ponta ou pedra, ou em outro qualquer posto accomodado a esta pescaria. E o que he bom pescador (pera que nam faça tiro em vão) quando os vẽ vir deixa os primeiros passar, & espera ate que fiquem a geito que possa arpoalos por detras de maneira, q̃ o arpam entre no peixe sem as escamas o impedirem, porq̃ sam (como digo) tam duras q̃ se acerta de dar nellas de maraulha as pode penetrar. Este he hũ dos melhores peixes que há nestas partes, porque alem de ser muito gostoso, he tãbem muito sadio, & mais enxuto de sua propriedade que outro algum que na terra se coma. *c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 25*v.*: Camurupîg. Este peixe tambẽ he hũ dos reais e estimados nestas partes, a carne he toda de feura em folha, chea de gordura e mantega, e de bom gosto, tem m^te espinha por todo o corpo, e he perigoso ao comer. Tem hũa barbatana no lombo q̃ sempẽ traz leuantada pera cima de dous, tres palmos de comprim^to he peixe comprido de ate doze e treze palmos, e de boa grossura, e tem bem q̃ fazer dous homẽs em leuantar algũs delles, tomaõse com arpoẽs. ha muitos, e fazse delles muita mantega. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxx. 199): Camuropi é outro peixe muito prezado e saboroso, tamanho como uma pescada muito grande e da mesma feição, mas cheios de escamas grossas do tamanho da palma da mão, e outras mais pequenas; [...]. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 2134-2137: [...] camaropī saõ grãdes e bõs e tẽ a escama como a palma da maõ grande e se podẽ fazer dellas boas armas. *c*1596 S. TRAVAÇOS *Declaração do Brasil* I. fl. 39*v.*: [...] ha outros [peixes] a que chamaõ camaropins, como grandes pescadas de cascais, mas milhor peixe, que tem ventrechas gordissimas por facanha. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 118: [...] camoropim pescado grande e de bom comer cujas escamas são do tamanho de hũ mejo coarto de papel aos coais vy fazer hũa couza estranha na quoal me mostrarão claramente aver tambem amor entre estes mudos nadadores. **1624** S. E. SILVEIRA *Relação do Maranhão* fl. 10*v.*: Ha muitos erubins, colhos, camaroupins [...]. **1651** *Livro de Contas* in DHA, II. (1956) 482: [...] por hum peixe camaropim p.^a caza V 600. **1730** ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 70. 42: [...] dos naturaes, por serem infinitos, nomearemos só os mais notaveis, baleas, beyjupirâs, cavallas, garopas, vermelhos, corimãs, pampanos, carepebas, parús, ubaranas, guaracemas, jaguaraças, camoropins, olhos de boy, dourados, e charcos; este ultimo, ainda que muito vulgar pela sua quantidade, merece especial noticia, pela grandeza da sua pescaria, e por ser o sustento dos escravos, e do povo miudo da Bahia. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* II. 187: [...] *camurins* com uma risca branca nos lados, *camurupins*, ambos corpulentos, e escamozos. **1865** J. ALENCAR *Iracema* (3^a ed., 1878, xx. 121): Entretanto Poty do alto da rocha, fisgava o saboroso camoropim que brincava na pequena bahia do Mundahú; [...].

canapaúba *s.f.* [< T. kunapo'ĩua ~ VLB II. 30: *Mangue, a mesma arvore* = Guapariigba. Cunapoigba. Cereigba].

Variedade de mangue (*Laguncularia racemosa* Gaertn.).

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxx. 67): Canapaúba é outra casta de mangues, cujas árvores são muito tortas e desordenadas, muito ásperas da casca, cujas pontas tornam para baixo em ramos muito lizos, enquanto novos e direitos, e vem assim crescendo para baixo, até que chegam à maré; e como esta chega a êles logo criam ostras, com o peso das quais vem obedecendo ao chão até que pega dêle, e como pega logo lança ramos para cima, que vão crescendo mui desafeiçoados, e lançam mil filhos ao longo d'água, que tem tão juntos que se afogam uns aos outros.

canarana *s.f.* Var.: 8-9 *canarana*, 9 *cannarana* [< cana + -rana (< T. 'rana 'semelhante')].

Planta da família das gramíneas; capim-de-angola.

1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 47): São os dilatados campos de canarana e de mury, de onde se eleva isolada uma ou outra palmeira caraná ou jauary, em cujas ramas cantam nas manhans alegres os sabiás do poeta; [...]. **1888** INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, II. viii. 75): [...] no capinzal da beira os cururús enfatuados e barulhentos assustavam as timidas rolas aninhadas na espessura da canarana, no aconchego da folhagem macia, [...]. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. iii. 34: Ora pára a canôa á beira dessas extensas touceiras de perimembeca, de titirica, de mury ou de canarana, gramineas diversas que com o nome collectivo de matupás, orlam as margens; [...]. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xxvii. 318: Era um vasto arrozal, espontaneo como a cannarana ou outro qualquer capim. **1956** GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 105: E se deu que o remador encostou quase a canoa nas canaranas, e se curvou, queria quebrar um galho de maracujá-do-mato.

candiru *s.m.* [< T. *kani'ru].

Peixe da família dos tricomicteridéos.

1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 36: He igualmente temivel o *candirú*, tem duas á tres polegadas de comprido, he de pelle, a cabeça chata, e obvio nos rios dôces que participam d'agua salgada; com incrivel facilidade se introduz pelas vias de qualquer pessôa, custando muito a sahir, por abrir umas farpas que tem por todo o corpo: o expediente de o fazer sahir he o banho da parte affectada ou em agua quente, ou em aguardente, e introduz-se mais facilmente orinando-se dentro d'agua; ha outra espécie de *candirús* grandes, só prejudiciaes aos pescadores, por comerem as iscas: [...]. IDEM *Ib.* 119: [...] comendo-se assado o peixe a que chamam *candirú* [...]. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* ii. 20: E pulapulavam se livrando dos buracos, aos berros, com as mãos pra trás por causa dos candirús safadinhos, querendo entrar por êles. **1930** G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 37: É que se não via nada de atemorizante, tinha a cabeça povoada de bichos horrendos: venenosas arraias de ferrão em riste, famelicas piranhas, traiçoeiros candirús, [...]. IDEM *Ib.* 155/6: Chama-n'o ahi *candirú*, que é ainda designação dada a um pequeno peixe que gosa da má fama de penetrar pelos pertuitos naturaes de quem se banha ás suas vizinhanças.

cangoeira *s.f.* Var.: 5-6 *canguéra*, 5, 8 *cangoeira*, 6 *câgoêra*, 7 *câgoeira* [< T. ka'ŋuera 'ossada' < 'kaŋa 'osso' + 'uera 'que foi, que não mais existe' ~ VLB II. 59: *Ossada de animais* = Canguera, aiuntando-lhe todauia o nome do animal, (...);

Ossada humana = Canguera; *Osso* = Canga (...); *Osso sem carne* = Canguera, (...)].

Espécie de canudo, confeccionado com folhas de palmeira, que os indígenas utilizavam para fumar; espécie de flauta rústica, fabricada com ossos descarnados, utilizada pelos indígenas em suas festividades.

*c*1584 CARDIM *Origem dos Índios do Brasil* fl. 3*v*.: Costumaõ estes gentios beber fumo de petigma, e por outro nome de erua sancta, estas secam, e fazem de hũa folha de palma hũa canguéra q̃ fica como canudo de cana cheo desta erua, e pondo-lhe o fogo na ponta, metẽ o mais grosso na boca, e assi estaõ chupando e bebendo aquelle fumo. [...]. 1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CLXIV. 269): Esta cangoeira de fumo é um canudo que se faz de uma fôlha de palma sêca, e tem dentro três e quatro fôlhas sêcas da erva-santa, a que os indios chamam petume, a qual cangoeira atam pela banda mais apertada com um fio, onde estão as fôlhas do petume, e acendem esta cangoeira pela parte das fôlhas do petume, e como tem brasa, a metem na bôca, e sorvem para dentro o fumo, que logo lhe entra pelas cachages, mui grosso, e pelas goelas e sai-lhe pelas ventas fora com muita fúria; como não podem sofrer êste fumo, tiram a cangoeira fora da bôca. *c*1596 S. TRAVAÇOS *Declaração do Brasil* XXXV. fl. 28: E alguns dos principais que estaõ neste concelho leuaõ algũas cangoeiras de fumo, de que bebem, o que começa de fazer o principal pr° e pera isso leua hũ moço, que lhe da a cangoeira aceza, e como lhe toma a salua, manda a cangoeira a outro que a não tem, e assi se reuezaõ todos os que a naõ tem com ella; o que estes Indios fazem por autoridade, como os da India comem o betelle em semelhantes aiuntamentos, o que naõ fazem muitos homens brancos, e todos os Mamelucos, porque tomaõ este fumo por mantença [*à margem direita ocorre* mãtimẽto], naõ podem andar sem elle na boca aos quais dana o bafo, dentes, e lhes fas muj roins cores. Esta cangoeira de fumo he hum [*espaço em branco no manuscrito*] que se fas de folha de palma seca, e tem dentro tres ou 4 folhas secas de erua santa, a que os Indios chamaõ putũ, a qual cangoeira ataõ por a banda mais apertada com hũ fio, donde estão as folhas do potũ, e ascendem esta cangoeira por a parte das folhas do potum, e como tem brasa metem na na boca, e soruem pera dentro o fumo que logo lhe entra pellas cachagens, e guellas, mui grosso, e sailhe pellas uentas com furia, e como a naõ pódem sofrer, tiraõ a cangoeira da boca, e assi a tornaõ a tomar quantas uezes querem. 1627 V. SALVADOR *Hist. Brasil* I. xv. fl. 27: [...] e poemlhe de comer em hum alguidar, e agoa em hum cabasso, e na mão huã canguéra, que he hum canudo feito de palma cheyo de tabaco. [...]. 1663 S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* I. § 143.88: Tem tambem seus instrumẽtos musicos. Hũs os fazem de ossos de finados, a que chamão cãgoêra: [...]. 1757 D. L. COUTO *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 63: Os instrumentos musicos ou fazem de ossos, a que chamão cãgoeira e muremure; outros fazem de conchas, a que chamão membyguaçú, e outros urucã. 1856 D. MAGALHÃES *A Confederação dos Tamoyos* IV. 124: Tendo assim preparado o sortilegio, | Chama p'ra junto a si os tocadores | Da cangoeira, instrumento de ossos, feito, | [...].

canguçu *s.m.* e *f.* Var.: 8 *cangu-sú*, 8-9 *cangoçú*, *cangussú* [< T. °akaŋu'su < a'kaŋa 'cabeça' + u'su 'grande' ~ VLB I. 61: *Cabeça* = Acanga].

Onça pintada (*Felis onca* L.).

1806 in RAPM, VI. (1901) 770: Da Pintada e Tigre procede o Tigre manchado de ocellos pardos sobre hum fundo negro, chamado — Cangu-sú, cuja cor varia pela diversa mistura de humas com outras cores. 1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 66: [pintadas de negro, e branco, ou amarello com symmetria] que sam as propriamente chamadas onças, ou panthêras; umas de malhas miudas, outras dellas grossas chamadas *cangoçús* [...]. 1856 D. MAGALHÃES *A Confederação dos Tamoyos* III. 94: Acaso alguma vez frouxos tremestes | Canguçús e giboyas subjugando? |. IDEM *Ib.* VIII. 265: Com força tal que derrubára um tronco | De amoroso acayaçá: mas como o touro, | Para fincar no cangoçú que o assalta? |. 1869 B. GUIMARÃES *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. vi. 100): Uma enorme cangoçú negra se apresenta parada á porta da gruta com os olhos chammejantes, rosnando e mostrando as agudas prezas como que pasmada e indignada de encontrar em seu covil aquelles estranhos hospedes. IDEM *Ib.* III. iv. 153: — Ah! pobre veado, que sahiste do teu ninho para vir metter-te entre as garras do cangussú, ficarás por tal sorte esmagado, que nada se poderá fazer d'esses teus franzinos ossos. 1870 J. ALENCAR *O Gaúcho* II. IV. vii. 209: Romero pensou que fosse a visinhança de alguma onça das matas de Cangussú; pouco disposto a perder tempo com essa caça, soltou as redeas, e deixou o cavallo disparar. 1872 B. GUIMARÃES *Hist. e Trad. Minas* III. i. 207: — Jupyra, olha que o cangussú quando vê a veadinha tenra pelos bosques, nunca mais lhe perde o rastro, e não descança em quanto não lhe lança as garras. 1877 IDEM *Maurício* I. ix. 106: Um instante depois de ter reboado o tiro do paulista, um formidavel e truculento cangussú amarello mosqueado de grandes malhas negras surgio a tona do matagal da espelunca, [...]. IDEM *Ib.* I. x. 122: Oh! si eu fosse um cangoçú, com que prazer não devorava aquelle coração!... 1898 A. ARINOS *Pelo Sertão* 69: Mas o endemoninhado mulato era mais destro no pulo do que o cangussú; riscava com o facão as fardas dos soldados, e dando um assobio agudo, desapparecia em qualquer touça de arbustos nas immediações. 1898 IDEM *Os Jagunços* I. iii. 96: A novilha dava saltos enormes, soltando um mugido intercadente de desespero, como se sentira no lombo a garra do cangussú. 1902 E. CUNHA *Os Sertões* 319: Eram uma usança avoenga, aquelles mirantes singulares com os quaes desde muito vezavam tocaiar os cangussús bravios. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* xii. 252: Caicãi sentado na porta da toca puxou a violinha dele feita com a outra metade da abobra encantada e agarrou cantando assim: "Vôte vôte coandú! Vôte vôte cuarí! Vôte vôte taiassú! Vôte vôte pacarí! Vôte vôte cangussú! Êh!...". 1929 A. PEIXOTO *Sinházinha* xii. 129: De dia era uma furia de onça acuada, uma sussuarana, uma canguçu... 1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 31/32: — Mas, então foi que eu fiquei sabendo, que tem também anjo-da-guarda de onça!... Você sabe que, quando a tigre arma o bote, é porque ela já olhou tudo o que tinha de olhar, e já pensou tudo o que tinha de pensar, e aí nunca que ela deixa de dar o pulo, não é? Pois, nêsde dia, a cangussú de certo que imaginou mais um tiquinho, porque ela desmanchou o bote, andando de rastro para trás um pedaço bom. 1956 IDEM *Grande Sertão: Veredas* 216: Olhe: légua e outra, daqui, vereda abaixo, tigre cangussú estragou e arruinou a perna do Sizino Ló, um que foi dêsse rio de São Francisco, foguista de vapor; depois cá herdou uns alqueires.

canhambola, canhembora *s.m.* [< T. kañe' *ŋ*ora ~ VLB I. 140: *Fogido* = Jabapara. Canhẽbora, I, Canhẽbara ~ A var. *canhambola* foi influenciada por *quilombola*, termo de procedência africana].

Escravo fugitivo.

1872 J. ALENCAR *Til* II. ii. 21: Cala-a bocca, anda, nhásinha, | Ay-huê, lê-lê ! | Sinão olha, canhambola, | Ay-huê, lê-lê ! | Vem cá mesmo, Pae Zumbi, | Toma, papa nha Bêbê ! 1902 E. CUNHA *Os Sertões* 103: Ahi o elemento indigena se mesclava ligeiramente com o africano, o *canhembora* ao *quilombola*.

caninana *s.f.* Var.: 5, 7-9 *caninana*, 5 *caninam*, 6 *carunana*, 8 *cainana* [< T. kani'nana ~ VLB I. 76: *Cobra* = Boya Gnro. (*scil.* gênero) suas especies são muitas (...) Caninana (...)].

Espécie de cobra; *por extensão*, pessoa irascível, geniosa.

*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 16*v*.: Ay outra [cobra] muyto grossa, e cõprida chamada Caninana, he toda uerde, e de notauel fermosura. Esta tambẽ come ouos, passaros, e mata pitainhos. 1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXIII. 161): Caninam são outras cobras meãs na grandura, com a pele preta nas costas e amarela na barriga, as quais criam em os côncavos dos paus podres, e são muito peçonhentas, e os mordidos delas morrem muito depressa, se lhes não acodem logo. 1610 J. MONTEIRO *Rel. da Provincia do Brasil* in S. Leite *Hist.* VIII. (1949) 422: Há outra [cobra], muito comprida e grossa, chama-se carunana. É verde e mui fermosa, mantém-se aves, ovos, pintãos. Não é peçonhenta. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 259: [Reptil terrestre] Caninana. 1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 72: A caninana [reptil], he muito comprida, delgada, e negra pintada d'amarello. 1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 27-28: [...] a *surucucú*, a *caninana* ou *pepéua*, a *cobra coral*, *cutiboia*, que açoita os que com ella entendem; a *sacaiboia*, *araueboia*, especie de *barata* mui grande e venenosa; [...]. 1865 J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, xi. 65): O pagé, desenvolvera a alta e magra estatura, como a caninana assanhada, que se enrista sobre a cauda, para affrontar a victima em face. 1871 B. GUIMARÃES *Lendas e Romances* I. iii. 33: Florinda, que até então se conservára muda, encolhida e trémula de medo, alçára subitamente o collo altiva e indignada como a cainana exasperada. Seos olhos fusilárão, seus labios tremião, e sua atitude era ameaçadora. 1872 J. ALENCAR *Til* I. xv. 166: Quando te pintavam como um ássassino, auctor dos maiores crimes, e capaz de commetter toda a especie de atrocidade, eu não queria crêr; porque duvidava que um homem pudesse transformar-se em um tigre carniceiro; e tambem porque tantas vezes te vi tão socegado e cuidadoso commigo, e eu não podia imaginar que se pudesse ter esse rosto bom e tranquillo, tendo-se dentro do coração uma caninana. 1883 B. GUIMARÃES *Rozaura a Engeitada* (ed., 1900, I. xiii. 189-190): Desarrazoado como é elle, principalmente neste particular, vae fazer uma estralada de mil demonios, e por certo não serei eu o poupado, eu que lhe machuquei o melindre, que pisei em cheio no rabo da cainana!... IDEM *Ib.* xvi. 225: Quando a cainana assanhada recebe um golpe que a mortifica, não se arroja logo sobre o agressor, mas enrosca-se de subito, alça o collo, e brandindo a lingua bipartida o encara com os olhos em braza como querendo-o devoral-o. 1888 INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, II. viii. 73): [...] vadeando lagoas onde se occultam sucurijús de enorme boca, palmilhando sobre espinhos, onde se aninham caninanas, e penetrando grutas onde habita o maracajá

de sucia com a surucucú, [...]. **1935** JORGE DE LIMA *Calunga* xiv. 120: — O cabôclo estava com os olhos vermelhos da peor raiva possivel, parecia caninana.

canindé *s.m.* Var.: 5-9 *canindé*, 5 *canîde*, 6 *canide, caninde, canindê*, 7 *canindê* [< T. kani'ŋe].

Ave da família dos psitacideos.

1576 GÂNDAVO *Hist.* VII. fl. 26: Ha outros quasi do tamanho destes a que chamão Canindés que sam todos azues: saluo nas asas que tem algũas pennas amarellas. Tambem sam muito fermosos & estimados em grande preço de toda pessoa que os alcança. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXX. 90): Canindé é um pássaro tamanho como um grande galo; tem as penas das pernas, barriga e colo amarelas, de côr muito fina, e as costas acatazoladas de azul e verde, e as das asas e rabo azuis, o qual tem muito comprido, e a cabeça por cima azul, e ao redor do bico amarelo; tem o bico prêto, grande e grosso; e as penas do rabo e as das asas são vermelhas pela banda debaixo. *c***1594** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1279-1280: Canîde Tem todas as cores e he do tamanho do assima [arara] e falaõ. **1608** L. FIGUEIRA *Relação do Maranhão* in S. Leite *Luiz Figueira* (1940) 108: Contão infinidade de bichos dos que se domesticão como bugios e outros que cá não temos, e muitos passaros que se amansão como canindés, araras de varias castas e outros semelhantes; [...]. **1610** J. MONTEIRO *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.*, VIII. (1949) 423: Há outros [araras], a que chamam canindés, das mesmas feições do corpo, que sempre serão do tamanho de um galo. Diferem nas penas. São amarelos; pelo peito, barriga e rabo e costas, é um azul finissimo. Falam mui alto e claro, são tão mansos, que das casas se vão ao mato buscar de comer e se recolhem a elas à sua hora. De ordinário andam brincando com os meninos como cachorrinhos. Uns e outros não criam nesta costa do mar senão no Sertão, e dele vêm em arribações como tralhões no verão em Portugal. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 113*v.*: [...] canides [*na entrelinha:* curusira] se chama hũ passaro que com ser piqueno de corpo tem o Rabo muito comprido [...] . **1627** V. SALVADOR *Hist. Brasil* I. x. fl. 18*v*: Ha Papagayos verdes de sinco ou seis especies, huñs mayores, outros menores, que todos falaõ o que lhes ensinaõ. Há tambem Aráras, e canindéz de bico reuolto como Papagayos, mas saõ mayores, e de mais formozas pennas. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fls. 191-191*v.*: Caninde. he Passaro mui fermozo da grossura de hũ capão. tẽ no rabo dous palmos de comprido. desde o bico p[a] baixo he tão amarello como fino ouro. E todo o mais resto de sima isto he costas E azas azul celeste. de Maneira da cor uerde mar de m[ra] q̃ paresse uestir hũ fatto de ouro fino E per sobre si hũ farregoulo de Damasco azul. O inves das Penas assi nas azas como nas demais tudo he amarello. he passaro formozis[o] posto ao sol. tẽ o mesmo gosto de arara de q̃ já dissemos. fas so hũ f[o] nas tocas dos Paos. seu comer são coas etc.[a] como as araras. os saluajes os estimaõ m[to] pelas cores de suas Penas de que elles fazem braceletes, capassetes etc.[a] cõ q̃ fazẽ seus folguedos. **1648** M. CALADO *O Valeroso Lucideno* I. iv. 53: Tambem alli trazia todas as castas de aues, & animaes que pode achar, & como os moradores da terra lhe conheceraõ a condição, & o apetite, cada hum lhe trazia a aue, ou animal exquisito que podia achar no sertão, alli trazia os papagaios, as araras, os jacijs, os canindés, os jaburijs, os motuns, as galinhas de Guiné, os patos, os cirnes, os pauoens; de perũs & galinhas grande numero, tantas pombas, que não se podião contar. **1663** S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* I. § 139. 76: Outros se ornaõ de pennas varias, de guarás, aráras, canindés, & outros passaros mais lustrosos. IDEM *Ib.* II. § 98. 173: só naquelle primeiro Ceo terreno podiaõ pintarse tão finas cores, como sãõ as de hum quereyuá, de hum Canindê, de hũ guarã, de hũa arára, de hũ papagaio, quando he verdadeiro, de hum tyé, & outros semelhantes, que eu não quero descreuer, porque me remeto a outro livro do mesmo Autor já citado, e he o quinto da obra do Brasil: [...]. *a***1667** HERIARTE *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 188): Tem [o rio Amazonas] grandes cobras de agoa; na terra, onças, tigres, pantheras, [...] avestruzes, tiriuos, jaburús, iguanas, papagaios, araras, canindés, mutús, muitos patos, marrecas, e outras muitas e diversas aves: cantidade de galinhas, periazes, sauxaxes, e outros muitos, todos bons para sustento da vida. **1730** ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 67.40: Das que tem alguma voz, e canto, papagayos, periquitos, araras, e canindẽs, que saõ pelas cores iris animados nas selvas, e ramalhetes de pennas nas Regioens dos ares; proferem todas as palavras, que lhes ensinaõ. **1757** D. L. COUTO *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 62: Enfeitavãose de diversas maneiras nas occasioẽs de alegria, ou pintando o corpo de varias cores, ou ornandóse de vistozas, e lustrosas pennas de araras, guararas, canindẽs, e outros passaros, que a natureza vestio de maravilhosas pennas. **1781** DURÃO *Caramurú* VII. lxiv. 216: O Canindé, qual Iris reluzente; | Mas fallão menos da pronúncia auaras, | gritando as formosissimas Araras. |. **1783** M. C. ABREU *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 258: As Araras, umas são vermelhas, com pennas azues nas azas e rabo, e se chamam araras-pirangas, e outras, de côr amarella, com azas e rabo semelhantes áquellas, se chamam canindés. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* I. 88: *Canindés* [casta de papagaios] tambem azues por cima com a barriga doirada; e outras, que tem a parte inferior, e a cabeça encarnada. **1875** J. ALENCAR *O Sertanejo* II. xii. 190: Ao condusi-lo, Moirão que era o cabo da escolta, querendo obrigar o selvagem á deixar o passo grave e concertado para andar mais ligeiro, travou do penacho de plumas de canindé que o chefe trasia á cabeça pregado com resina de almecega, e puxou-o para deante. **1876** F. TÁVORA *O Cabeleira* xv. 248: — Vossê viu periquito e cuidou que era arára ou canindé, replicou o miliciano. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* xvi. 243: Iriquí ficou triste triste, bem triste, chamou seis araras canindés e subiu com elas pro céu, chorando luz virada numa estrêla.

canitar *s.m.* Var.: 8-9 *kanitar, acangatar* [< T. akaŋa'tara ~ A var. *kanitar* provém da forma paralela akaŋi'tara, através de *akani'tara → *kani'tara].

Penacho de penas que os indígenas usam na cabeça como enfeite; cocar.

Gonçalves Dias assevera que 'os primeiros portugueses escreveram acangatar', mas nenhum dos numerosos textos consultados dos séc. XVI, XVII e XVIII consigna o vocábulo.

1851 G. DIAS *Últimos Cantos* (ed. 1865, II. 93): Em larga roda de noveis guerreiros | Ledo caminha o festival Tymbira, | A quem do sacrificio cabe as honras. | Na fronte o kanitar sacode em ondas, | O enduápe na cinta se embalança [...] IDEM *Ib.* 234: *Kanitar* — é o nome do pennacho ou cocar, de que usavão os guerreiros de raça tupi, quando em marcha para a guerra, ou se aprestavão para alguma solemnidade, d'importancia igual a esta. [...] Os primeiros portuguezes escreverão *acangatar*, que litteralmente quer dizer "enfeite ou ornato da cabeça". **1855** JUNQUEIRA FREIRE *Inspirações do Claustro* 69: E assoberbando as pequeninas testas | Co'o variegado kanitar mutante, | E cingindo ao redor do esbelto corpo | As multicores lindas arasoyas, |. **1872** B. GUIMARÃES *Hist. e Trad. Minas* III. iv. 231: Um forte pé de vento, que então se levantou, arrancou-lhe da cabeça e atirou no rio o bonito kanitar de pennas de arára guarnecido de ouro e pedrarias, que trouxera da casa de seu pae. **1874** J. ALENCAR *Ubirajara* i. 12: Tem na cabeça o kanitar das plumas de tocano, e no punho do tacape uma franja das mesmas pennas. **1875** MACHADO DE ASSIS *Americanas* 133: Não kanitar a cinge, mas vergonha, | Melancholico adôrno do vencido. **1877** B. GUIMARÃES *Maurício* II. vii. 78: Segundo muitas vezes tinha ouvido dizer a Antonio, Judayba tambem era fidalga, senão de escudo e braça d'armas, ao menos de kanitar e tangapema. **1910** H. CAMPOS *Poeira* 180: E era sempre florido. A planta altiva | Que o fóreo kanitar sobre elle ondeava, | Cada dia mais próspera, mais viva, | No seu seio as radiculas cravava. **1920** LIMA BARRETO *Histórias e Sonhos* 54: Homens e mulheres de todas as côres — os alicerces do paiz — vestidos de meia, kanitares e enduapes de pennas multicores, fingindo indios, dansavam na frente, ...|. **1930** G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 150: Madame Coudreau enxerga em tal diadema ou resplendor a representação de um acangatar indigena e não será para despresar a sua comparação. **1933** G. RAMOS *Caetés* vii. 42: Vacillei alguns minutos e afinal me resolvi a pôr-lhe o enduape na cabeça e o kanitar entre parenthesis.

canjerana *s.f.* Var.: 7 *cangirana*, 8-9 *cangerana*, 9 *canjerana* [< T. *akaja'rana < aka'ja 'cajá' + 'rana 'semelhante'].

Planta da família das meliáceas (*Cabralea cangerana* Sald.).

1763 in RAPM, XXIII. (1929) 288: e findou este braço ao pé da serra das Congonhas em campo plano onde se poz um marco de páo chamado cangirana com seis palmos de fora da terra. **1869** B. GUIMARÃES *O Ermitão do Muquem* II. i. 43: As mulheres assentadas em diversos grupos á sombra da cangerana ou da copayba secular, umas amamentavão suas crianças, outras tecião por passatempo esteiras, redes ou cabazes de cipós ou de palhas de coqueiro; [...]. **1872** IDEM *Hist. e Trad. Minas* III. i. 203: Jupyra estava sentada á sombra de uma cangerana ainda nova, de folhagem mui viçosa e cerrada, que dava fresquissima sombra. **1877** IDEM *Maurício* I. vi. 65: Abafado este incidente, e montados todos a cavallo, abrirão-se de par em par os pesados batentes do grande portão de cangerana para dar passagem á cavalgata. **1918** MONTEIRO LOBATO *Urupês* 222: [...], mas entre espetar o santo e tomar da foice, subir ao morro, cortar a canjerana, atoral-a, baldeal-a ás costas e especar a parede [...] não vacilla. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* xvii. 257: Sentou na cangerana da soleira e esperou o dia pra se vingar do mano.

capão *s.m.* Var.: 6-9 *capão*, 7 *capam*, 8 *capoão*, 9 *caapão, caâpuão* [< T. kaa'paũ ~ VLB II. 9: *Jlha de mato ou campina* = = Caapaũ. *Ib.* II. 43: *Mouta de mato* = Caapaũ; *Mouta ou ponta de mato muito basta* = Caapoãnama].

Pequeno bosque insulado num descampado.

1624 in ABN, LXXXII. (1962) 188: [...] hum pedasso de campo, com tôdas as suas águas e capões que se acharem nêlle, [...]. **1648** IDEM 311: [...] defronte de hum capão que ahi está, [...]. **1711** in RAPM, II. (1897) 262: [...] fabricou hua rossa em hũ Capão junto ao Caminho, q[e] vay p[a] as mocajubas, aonde laura milhos canas, e mais

accessorios, de q^e^. paga dizimos a S. Mag.^e^ q^e^. Deos g.^de^, e para segurança de a poder conseruar lhe necess.^ro^ titulos p.^a^ lograr sem contradição de pessoa algúa; [...]. **1738** in DAP I. 7: Das Tojucas fui sempre acompanhando a mesma Serra do mar, e achando sempre campos com alguns capões de matto e não poucos ribeyrões, athé chegar ao grande Cambirera, [...]. **1752** M. Fonseca *Vida Pe. Belchior de Pontes* (ed. Melhoramentos, xxi. 124): Em huma madrugada o vio Joseph de Barros, vizinho de Carapicuyba, que acaso se achava em hum Capaõ (assim chamaõ aos bosques cercados de campo), que estava entre as Aldèas de Carapicuyba, e Maruery, fazendo madeiras para certa obra, [...]. Idem *Ib.* xxxiii. 209: Divertiaõ-se elles naquella occasiaõ com o exercicio da caça em huma dilatada campina, que cercava hum Capaõ, ou pequena matta, [...]. **1758** in ADF (1894) I. 430: [...] a dar em hum capam de matto do mesmo Eng^o^ [...]. **1771** A. B. Sampaio *Campos de Guarapuava* in RIH, XVIII. (1855) 264: No mesmo dia que sahi a estes campos, deixando a maior parte da gente arranxada no capão de Santa-Barbara, [...]. **1870** J. Alencar *O Gaúcho* I. ii. 245: Escrevo *capoão* e não *capão*, o nome da corôa ou ilha de mato. Além de mais correcta, e conforme a etymologia — *caa-apuam*, tem a vantagem de não se confundir com o outro vocabulo de origem portugueza. Assim como dizemos *capoera*, dirivado da mesma raiz — *caa-apuamera*, mato raso, por já ter sido cortado; não ha razão para sermos incorrectos em capoão. **1876** Couto de Magalhães *O Selvagem* II. vi. 161: [...] os pantanaes são commumente acompanhados e cortados de zonas estreitas, mas extensas, de bosques muito densos, e as vezes muito elevados, conhecidos com a designação de *capões* (do tupi cahapóm). [...]. **1902** E. Cunha *Os Sertões* 40: Vêm-se, numerosos, agglomerados em *caapões* ou salpintando, isolados, as macegas; arbusculos de pouco mais de metro, de largas folhas espessas e luzidias, exuberando floração ridente em meio da desolação geral. São os cajueiros anões, os typicos *anacardium humilis* das chapadas aridas, os *cajuys* dos indigenas. **1910** H. Campos *Poeira* 93: Faz um anno... O sertão, verde e ondulado, | Todo em flôres e musicas se abria. | Erravam nuvens pelo céo, e o gado, | Pelas campinas e capões, mugia... **1911** A. Maia *Tapera* 52: Entre o plano inclinado que descera e a rampa dominada pelos contrarios, medeiava extensa campina, mosqueada de capões, até ao matto do Jaguary, em dois angulos, um com o banhado por vertice, outro recortando as serras á direita. **1919** Monteiro Lobato *Cidades Mortas* 11: [...] fauna cadaverica de última phase, roem os derradeiros capões de café escondidos nas grotas. **1933** L. Miguel Pereira *Em Surdina* x. 199: — Ela andava me rondando a casa; uma noite, pegou um novilho; então eu fui no rasto dela, mais o rapaz. Entramos num capão de mato; eu ia na frente. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 8/9: Velho e sábio: não mostrava sequer sinais de bichadeiras; que êle preferia evitar inúteis riscos e o dano de pastar na orilha dos capões, onde vegeta o cafèzinho, com outras hervas venenosas, e onde fazem vôo, zumbidoras e mui comadres, a môsca do berne, a lucília verde, a varejeira rajada, e mais aquela que usa barriga azul. **1956** Idem *Grande Sertão: Veredas* 117: E mandou que eu fôsse guiar aquela gente, até onde o pôço do Cambaúbal, num fechado, mato caápuão.

capim *s.m.* [< T. ka'pii ~ VLB I. 121: *Erua qualquer* = Capij. *Ib.* 137: *Feno* = Capij. *Ib.* II. 62: *Palha ou erua qualquer* = = Capij].

Denominação comum a diversas plantas das famílias das gramineas e das ciperáceas; erva, mato em geral.

Os dicionários registram inúmeras expressões (capim-açu, capim-amargoso, capim-cheiroso etc.) alusivas aos diferentes espécimes botânicos; nos textos adiante transcritos o termo *capim* é usado, em geral, em sentido amplo, abarcando indiscriminadamente algumas dessas variedades. Um ou outro autor, todavia, como Guimarães Rosa (v. abon. 1946 e 1956), consigna, entre muitas outras expressões: capim-mulambo, capim-chatinho etc.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 125 *v.*: [...] sendo assim que hũ só eixercício destes bastara pera Aguoar vinte caualllos dos de espanha e estes tem alento pera tudo comerem mal por que o seu mais ordinario mantimento he erua a que nesta terra chamaõ capim, [...]. *a***1667** Heriarte *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 182): Fazem estes Indios [da Provincia dos Agoas] cantidade de sal de uma erva que chamam *Capinasú*, e se assucára em paens, que mais parece salitre que sal, e o levão a vender a outras naçoens. *a***1696** G. Matos *Obras* (ed. 1969, II. 328): mas vendo, que vos engorda, | mais do que a vaca, o capim | puseram-vos um selim, |. **1711** A. J. Antonil *Cultura e Opulência do Brasil* I. i. ix. 26: [...] pois o Cavallo he servido & tem quem lhe busque capim; tem panno para o suor; & sella, & freyo dourado. Idem *Ib.* I. ii. ii. 39: [...] porque assim como o correr a agua do Outeiro, he causa que se não criem nelle tam facilmente outras hervas; assim o ajuntar-se ella na Varzea, he causa de ser esta sempre muito humida, & conseguintemente muito disposta para crear de novo o capim. Idem *Ib.* I. ii. iii. 41: Porém o inimigo mais molesto, & mais continuo, & domestico da Canna, he o capim; pois mais, ou menos, até o fim a persegue. *c***1727** J. A. C. Camelo *Das Minas do Cuiabá* in RIH, IV. (1842) 492: [...] ou arrancando o capim para que não se lhe communiquem as suas chammas; [...]. **1732** in RAPM, VIII. (1902) 303: [...] não ha neste Arrayal casas donde os pudesse acomodar juntos, nem divididos por esquadras, e muito menos comodos para os cav.^os^, por serem todas pequenas, e a mayor parte dellas cobertas de capim em q̃ facilmente pega o fogo, por qualquer leve descuido, quando não haja quem por sua devoção, lho ponha: [...]. **1737** in RAPM, XVI. (1911) 446: [...] entendia eu que seria conveniente revogar o premio que V. Ex. lhes taxou por cada escravo q' amarrassem, pondo editaes em cada parada, em que se declare q'os Payzanos, só devem dar lhes alojam.^to^, e capim, e nada pelos prezos que amarrarem, [...]. **1751** A. Rolim *Relação* in RIH, VII, (1846) 472: [...] para terem milho prompto e capim para os cavalos; pois sem esta prevenção é preciso largal-os ao pasto, de onde se não podem tirar sem amanhecer, [...]. **1771** A. B. Sampaio *Campos de Guarapuava* in RIH, XVIII, (1855) 271: Por fim deo mais João Lopes ao pac um facão, que mostrando gosto nas mais dadivas, com isto fez extremos de alegria, pondo-se a cortar o capim do campo com elle; [...]. **1790** in ADF, II. (1895) 324: [...] tem crecido o numero de diferentes Bestas [...] para a sustentação das quaes se compra em differentes lugares o capim, [...]. **1799** E. A. S. Correia *Hist. Angola* (ed. 1937, I. 110): Não obstante a intencidade desta Estação, a Primavera se apresenta tantas vezes sobre a terra; quantas a chuva cáe; pois dispostas as sementes de hum capim, ou palha agreste reverdesse em toissas desunidas, [...]. *a***1809** T. A. Gonzaga *Cartas Chilenas* (ed. M. Rodrigues Lapa, 1957, 244): Aqui alguns conheço, que inda vivem | de darem o sustento, o quarto, a roupa | e capim para a bêsta a quem viaja. **1827** in RAPM, II. (1897) 746: [...] os varreiros e os pastos fechados, como tambem a abundancia dos capins. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 3: [...] uma relva muito verde, que no paiz chamam *capim*; [...]. **1844** Martins Pena *O Namorador* (ed. 1956, I. 277): Va arrumar capim na carroça [...]. **1847** A. Leverger *Rio Paraguai* in RIH, XXV. (1862) 188: A margem opposta, ou do chaco, que avistámos desde que voltamos á madre do rio, é baixa, coberta de capim, e em algumas partes de mato carrasquenho. Idem *Ib.* 241: Supprem os habitantes de peixe, lenha, taquaras, capim, remos de canôas, esteiras e algumas outras obrinhas de junco e de caniço. *a***1848** Martins Pena *O Noviço* (ed. 1956, I. 295): É o carrinho tem rodas, capim para os cavalos, uma moça bem enfeitada? **1855** Junqueira Freire *Contradições Poéticas* 110: Muita flôr mimosa | Nasce no capim; | Muita grama agreste | Nasce no Jardim. **1856** D. Magalhães *A Confederação dos Tamoyos* III. 81: Cresce o verde capim e a flôr do campo, |. **1857** J. Alencar *O Guarany* (2ª ed., 1864, I. xiv. 145): Um ramo quebrado, o capim abatido, as folhas sêcas espalhadas e partidas, um galho que ainda se agita, as perolas do orvalho desfeitas, são aos seus olhos exercidos o mesmo que uma linha traçada na floresta e que elles seguem sem hesitação. **1862** D. Magalhães *Urânia* xli. 135: Sentemo-nos junctos | Aqui no bosquete, | Sobre este tapete | De verde capim. **1865** J. Alencar *As Minas de Prata* II. xi. 215: Deu falla aos cinco, e todos, um apoz outro, se foram na pista do capitão do mato, agachados pelo capim. **1867** J. M. Macedo *Memórias do Sobrinho de meu Tio* I. ii. 133: Frue os gozos dessa estrebaria, *ruço queimado*! come o teu milho e o teu capim! **1869** F. Távora *Um Casamento no Arrabalde* (ed. 1903, 49): Méro engano. Uma vez era uma carroça carregada de capim. **1869** B. Guimarães *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, *Intr.* xvi-xvii): Ainda que não seja por devoção, mesmo por espirito de curiosidade vale a pena fazer-se essa viagem para ver como aquelle lugar completamente deshabitado no fundo dos sertões, onde apenas existe uma capellinha e um casebre sem habitantes, converte-se de repente em uma cidade cheia de vida, de rumor e movimento, composta de barracas, toldos, carros de bois, e ranchos cobertos de capim. **1871** Idem *Lendas e Romances* II. i. 140: A explanada inferior é vasta, coberta de um capim sempre viçoso, cortada de vertentes e de pequenos capões, e daria commodo para uma grande e magnifica cidade. **1872** Idem *Hist. e Trad. Minas* II. i. 24: Ao pé da encosta, onde se fazia a roçada, e á beira de um pequeno corrego havia um rancho ou coberta de capim de beira no chão, como os ha em todas as roças, onde se preparava a comida para os escravos, e que lhes servia de guarida contra os temporaes. **1872** Idem *O Seminarista* (ed. 1917, i.3): Perto d'elles, espalhadas no vargedo, umas tres ou quatro vaccas e mais algumas rezes estavão tosando tranquillamente o fresco e viçoso capim da vallada. **1872** Idem *O Garimpeiro* (ed. 1921, II. 15-16): As casas da pequena villa já não crão sufficientes para accomodar tanta gente; os ranchos improvisados e cobertos de capim; as barracas e os carros de bois, [...]. **1872** Taunay *Inocência* (2ª ed., 1884, i. 12): Nesses campos, tão diversos pelo matiz das côres, o capim crescido e resiccado pelo ardor do sol transforma-se em vicejante tapete de relva, [...]. **1872** J. Alencar *Sonhos D'Ouro* I. v. 74: Fóra, o *Galgo* tosava uns tufos de capim mellado; [...]. **1875** Idem *O Sertanejo* I. i. 9: O capim, que outrora cobria a superficie da terra de verde alcatifa, roido até a raiz pelo dente faminto do animal, e triturado pela pata do gado, ficou reduzido a uma cinza espessa que o menor bafejo do vento levanta em nuvens pardacentas. **1876** F. Távora *O Cabeleira* iii. 63: Era uma situação selvagem e encantadora, pela fartura da amenidade e das sombras com que a dotára a natureza, a qual desde os Afogados até ao Peres apresenta uma face monó-

tona e triste — uma immensa planície, coberta de capim-lúca. **1876** N. J. R. Sousa *Diário* (ed. 1946, 23): Os capins mesmo sobre as colinas e serras são verdes e viçosos. **1878** Taunay *Narrativas Militares* 71: [...] entrou em campo raso e, rasgando trilha com os pés pelo capim alto e cortante, lá se foi de bosque em bosque, arfando de cansaço. **1878** F. Távora *O Matuto* v. 62: A' tardinha, entrando Francisco com o feixe de capim que fôra cortar na baixa para o cavallo, ficou admirado de vêr a mudança de Lourenço. Idem *Ib.* v. 66: Para se ir á palhoça, distante ainda menos de metade de um quarto de legua da estrada, tomava-se por um estreito trilho que desta partia, dentre duas toucceiras de capim-assú, e se mettia para dentro, occultando-se pouco adiante por traz das primeiras arvores da capoeira. **1883** B. Guimarães *Rozaura a Engeitada* (ed. 1900, II. xiv. 163): O vento impetuoso tinha dilacerado e atirado pelos ares o tecto de capim do rancho, deixando o cadaver da misera velha exposto a todo o vigor do temporal. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 54): [...] os roxinoes do capim gorgeiam por entre as altas franças da canna brava as variadissimas cantigas, já scintillantes de alegria, já impregnadas de sentida melancolia; [...]. Idem *Ib.* 286/287: As malhadas pastavam calmas o capim ainda fresco e humido da réga do sereno. **1890** A. Azevedo *O Cortiço* iv. 64: E os dois, em vez de procurarem a estrada, atravessaram o capim quente e trescalante. **1895** J. Veríssimo *A Pesca na Amazônia* I. ii. 23: [...] sobre a vegetação viçosa e ephemera das margens, pelos compridos estendaes de capins verdes que a franjam ou recobrem vastos tractos do plaino adjacente, [...]. **1895** Coelho Neto *Miragem* I. v. 77: O rumor das arvores crescia com a passagem dos ventos vesperaes e os flexuosos capins erguiam-se, baixavam, ondulando com um suave marulho como o das ondas nas praias. **1895** A. Caminha *Bom-Crioulo* viii. 158: O capim sêcco do corador ardia, muito raso, muito desolado e outoniço. **1896** Machado de Assis *Várias Histórias* 233: [...] mas um espaço rustico, mais ou menos infinito, alastrado de lavadeiras, capim e burros soltos. **1898** A. Arinos *Pelo Sertão* 63: O corsel lubumo, pastor da tropilha, á sombra de tua fronde, sacode vaidosamente a cabeça para arrojar fóra da testa a crina basta do topete, que lhe encobre a vista; relincha depois, nitre com força appellidando a favorita da tropilha, que morde o capim mimoso da margem da lagôa. **1898** Idem *Os Jagunços* II. ii. 197: Junto do logar onde estava, apparecia o corpo de um soldado, meio occulto por uma touceira de capim, na beira da estrada. **1903** D. Olímpio *Luzia Homem* ix. 69: [...] a colheita dos ovos que ellas, abatendo-se em nuvens sobre as varseas, punham aos milhoês, junto dos seixos, das toiceiras de capim, ou nas barrocas feitas, durante o inverno, pelas patas do gado. **1904** Machado de Assis *Esaú e Jacob* xl. 126/127: Depois leu nelles este monologo: "Anda, patrão, atulha a carroça de carga para ganhar o capim de que te alimentas. **1911** A. Maia *Tapera* 103: Desde o raiar dalva, ao pallido clarão daquelle dia "brabo", após uma infindavel noite mal dormida nos arreios humidos, a pequena escolta trilhava o campo submerso ás ultimas enchentes, com o capim ainda encharcado apagando o piso dos cavallos e o barro alto a retardar a marcha nas estradas êrmas. **1914** Coelho Neto *Rei Negro* vi. 251. Tudo eram hervas emmaranhadas, arvores bravias, espinheiros e capins cortantes, [...]. **1915** Lima Barreto *Policarpo Quaresma* II. i. 92/93: Quaresma, sem abandonar o instrumento, tomou em consideração o conselho de seu empregado. O capim e o matto cobriam as suas terras. **1918** Monteiro Lobato *Urupês* 47: Vejo a orla de capins tufados á laia de debrum pelo fio dos barrancos; [...]. **1920** Lima Barreto *Histórias e Sonhos* 18: A guaxima cresce, e o capim, e a vassourinha, e o carrapicho e outros arbustos sylvestres e tenazes. **1928** M. Andrade *Macunaíma* xii. 176: — Não viram meu neto passar por aqui no seu cavalinho comendo capim? **1929** G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* xv. 250: O espaço reduzido para dois presos, estava entulhado de camas de ferro, com colchões de palha, travesseiro de capim duro, cobertor vermelho e lençol de algodão. **1929** A. Peixoto *Sinhàsinha* vii. 70: Um perfume silvestre espalhado em torno, cheiro de verdura e de terra, em que dominava o capim melado, que pisavam, [...]. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 199: Não resta duvida que neste rio, de aguas pretas, ao contrario dos de alluvião, quasi não existe a vegetação littoranea, principalmente os capins aquaticos e praieiros, muito propicios á proliferação dos peixes, [...]. Idem *Ib.* 221: Em compensação, neste trecho, vemos muito capim-piqui, viçando sobre quasi todos os lageiros e, talvez, a elle se ha de increspar por tão incommoda praga. **1931** G. Aranha *O meu próprio romance* 50: Para mim a inexcedivel attracção da casa estava nos seus quintaes, sobretudo no grande quintal de capim, o ultimo aberto — sobre a barreira, que descia para o aterro de areia do cáes coberta de arvores de mamona, que á tarde eram colhidas pelos pobres velhos da vizinhança para fabricar azeite. **1934** G. Ramos *S. Bernardo* xxxvi. 214: [...] se tivesse casado com a Germana, possuiria meia duzia de cavallos, um pequeno cercado de capim, encerados, cangalhas, seria um bom almocreve. **1934** J. L. Rego *Banguê* II. vii. 113: Não dava uma folha de couve a ninguem. Os seus coentros cresciam como capim. **1935** Jorge de Lima *Calunga* iv. 45: A carneirama corria pra comer o capim-dagua que aparece na beirada da lagôa, maré baixa. **1935** J. L. Rego *O Moleque Ricardo* xxii. 182: Depois me chamaram para o serviço de capim da Cia. dos Bondes. **1936** Idem *Usina* II. xiv. 221: Pelas suas margens plantavam capim de planta, para os cavallos, faziam banheiros e o bamburral chorava ao vento. **1937** Idem *Pureza* xvii. 156: Deixava o rio, subia para a linha de ferro, onde as chuvas tinham feito crescer pelas margens da estrada capim verde que cheirava. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* xxvi. 312: [...] estendia-lhe sobre o seio um carretel de linha, mal segura nas ervas e nos capins da borda, [...]. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 114: Mas o cabeça-de-boi e o capim-mulambo, já donos da rua, tangeram-na de volta; [...]. Idem *Ib.* 144: E Cassiano desarreou o alazão e foi deixá-lo, maniatado com peia larga, atrás da capoeira de assa-peixe, onde havia grama da miúda e umas touceiras de capim-chatinho. Idem *Ib.* 167: Na serra, verde-malaquita, arquipélagos de reses, muito alvas, pastando, entre outras ilhas, vermelhas, do capim barba-de-bode. Idem *Ib.* 273: Mais não foi que Brabagato, o chamurro pintado, que de-manhã pastou por engano algum talo de capim-roseta e agora talvez esteja sentindo dôr qualquer, no terceiro ou no quarto estômago seu, [...]. Idem *Ib.* 280: Vão por um tracto de campo ondulado, com pastagem áspera de capim-guiné verde-azul. Idem *Ib.* 286: — Corria o capim-angola, ainda em mais correnteza [...] Não tenho nunca dor-de-barriga, porque não pasto por engano capim navalha-de-mico, no meio do jaraguá... **1956** Idem *Grande Sertão: Veredas* 29: Aquêle capim-marmelada é muito restível, redobra logo na brotação, tão verde-mar, filho do menor chuvisco. Idem *Ib.* 48: Os cavalos ainda pastavam um pouco, do capim-grama, que tapava os pés dêles. Idem *Ib.* 49: Se acabou o capinzal de capim-redondo e paspalho, e paus espinhosos, que mesmo as môitas daquele de pratcados feixes, capins assins. Idem *Ib.* 108: Acabou de pitar, apanhava talos de capim-capivara, e mastigava; tinha gôsto de milho-verde, é dêle que a capivara come. [...] Sofismei, mas fui andando, fomos, na vargem, no meio-avermelhado do capim-pubo. **1959** Aníbal Machado *Histórias Reunidas* I. 28: Quer dizer que o vento está correndo muito alto, você está vendo? " — Estou, mas eu gosto é quando êle passa baixinho e vem brincar no capim."

capinação *s.f.* [< capin(ar + -ação].

Ato de capinar.

1895 Coelho Neto *Miragem* I. viii. 101: Ainda fraco, voltou ao campo recomeçando a capinação das terras, invadidas de novo pelo matagal e, apezar da violencia das soalheiras do estio, só recolhia á casa ao pôr do sol. **1919** Monteiro Lobato *Cidades Mortas* 18: Outro é a capinação trimensal das ruas, — o raspar das enxadas perturba-o com a insistencia d'um coaxar de sapo-ferreiro.

capinado *adj.* [Participio de *capinar*].

Limpo de capim.

1895 Coelho Neto *Miragem* I. vi. 88: Caira sobre os montes de herva capinada, n'um accesso de tosse, golfando sangue. **1911** A. Maia *Tapera* 35: [...], no chão capinado de fresco, bem varrido entre a ramada de buriti e a choupana de páo-a-pique e beiras sahidas, [...]. **1915** Lima Barreto *Policarpo Quaresma* II. iv. 134: [...]; as rolas pardas e caboclas em bando, mariscando, no chão capinado; [...].

capinador *s.m.* [< capin(ar + -ador].

Aquele que capina, capineiro.

1895 Coelho Neto *Miragem* I. v. 78: [...], mais rapido do que as turmas dos negros capinadores, carbonisando as mattas, reduzindo a cinzas, que os ventos levam, as capoeiras copadas das campinas, nasceu-lhe o pensamento estranho de deitar fogo ás terras do sitio [...]. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 139: [...] era só cruzar com um troço de tropeiros tangendo a burrada, ou alcançar um capinador que ia para a roça, de enxada no ombro, e Cassiano parava, procurando conversa e falando no inimigo com os piores insultos: [...].

capinal *s.m.* [< capi(m) + -al].

Grande extensão de terra coberta de capim; capinzal.

*a***1871** Castro Alves *A Cachoeira de Paulo Afonso* (1876) 13: Meu nobre perdigueiro! vem comingo. ! Vamos a sós, meu corajoso amigo, ! Pelos ermos vagar! ! Vamos lá dos geraes, que o vento açoita. ! Dos verdes capinaes n'agreste moita ! A perdiz levantar!...

capinar *vb.* [< capi(m) + -ar].

Limpar do capim ou de qualquer erva daninha; roçar.

1895 Coelho Neto *Miragem* III. iv. 353: Ando por essas fazendas com empreiteiros capinando como um negro para ganhar o angú que como e a baêta que visto. **1914** Idem *Rei Negro* iii. 110: O terreno foi todo capinado em volta da casa e o caminho alisado tão a capricho que não ficou pedra em resalto nem depressão sensivel. **1915** Lima Barreto *Policarpo Quaresma* II. i. 94: Não se agastou com as primeiras ingratidões da terra, aquelle seu morbido amor pelas hervas damninhas e o incomprehensivel odio pela enxada fecundante. Capinava e capinava sempre até vir jantar. **1929** G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* xvi. 272: Vinham capinar, limpar cafezaes, preparar o terreno para o plantio. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 118: — Olha, Primo, se a gente um dia puder sarar, eu ainda hei de plantar uma

roça, no lançante que trepa para o espigão. Deve ser bom a gente poder capinar lá em riba, de manhã cedinho... **1956** IDEM *Grande Sertão: Veredas* 496: Pois os próprios antigos não sabiam que um dia virá, quando a gente pode permanecer deitada em rêde ou cama, e as enxadas saindo sózinhas para capinar roça, e as fôices, para colherem por si, e o carro indo por sua lei buscar a colheita, e tudo, o que não é o homem, é sua, dêle, obediência?

capinzal *s.m.* [< capi(m) + -z- + -al].

Grande extensão de terra coberta de capim; capinal.

1869 VARELA *Cantos Meridionais* in *Obras Completas* (ed. 1896, II. 143): Que molhe teus pés de fada ! O Orvalho dos capinzáes, !. **1876** N. J. R. SOUSA *Diário* (ed. 1946, 15): [...] fomos pernoitar mortos de sede e sem agua em um capinzal já um tanto desviado da serra. **1878** TAUNAY *Narrativas Militares* 50: [...]; metteu-se pela agua e capinzaes, e veio rompendo seu caminho. **1878** F. TÁVORA *O Matuto* ix. 119-120: As vastas sombras dos matos e dos oiteiros, projectando-se sobre o capinzal donde iam desapparecendo os ultimos pingos da orvalhada brilhante da noite, poder-se-hiam comparar com as folhas fechadas de um livro immenso — o livro da natureza. **1886** J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 45): Nas margens baixas que o circundam a vegetação dominante é de gramineas: estensissimos capinzaes muito verdes, formando um desmedido campo igual, como si a aparara a tesoura adestrada dum jardineiro, [...]. **1888** INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, II. viii. 75): [...] no capinzal da beira os cururús enfatuados e barulhentos assustavam as timidas rolas [...]. **1888** FERREIRA LEAL *O Suplício de um Marido* ii. 57: Nos capinzaes e hervas baixas, rastejavam pequenos ophidios, destituidos de peçonha; [...]. **1888** R. POMPÉIA *O Ateneu* iv. 111: Demos uma volta na sombra e fomos ter ao capinzal, a uma de cujas extremidades estendia-se a toalha d'agua da natação. **1890** A. AZEVEDO *O Cortiço* iv. 7: E, aligeirando o passo, penetraram na estrada do capinzal com direcção ao fundo do cortiço. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. ii. 24/25: Encostam-se ás margens ao pé das feitorias na esperança dos sobejos dellas lançados, escondem-se sob os capinzaes das beiradas refastelando-se dos peixinhos ali copiosos ou vão agglomerar-se á boca dos igarapés e lagos, [...]. **1898** A. ARINOS *Pelo Sertão* 104: Na encosta acclive, chamalotando o verde do capinzal, casinholas de paredes barreadas soltam pelos suspiros do telhado tenues columnas de fumo. **1898** IDEM *Os Jagunços* I. iii. 120: No alto de um serrote, uma ponta de gado repousava, remoendo, sarapintando o verde-claro do capinzal. **1899** TAUNAY *No Declínio* iv. 38: Depois, aquelle capinzal do Andarahy Grande estava arrendado por uma ninharia... uma miseria! **1914** COELHO NETO *Rei Negro* v. 204: O capinzal, dum amarello doirado e secco, era como um mar de chammas. **1919** LIMA BARRETO *Gonzaga de Sá* ix. 125: Ha o capinzal, o arremedo de pomar, alguns canteiros de horta; [...]. **1935** JORGE DE LIMA *Calunga* viii. 77: — Vamos trepar na Chã do Assobio: avistemos coqueiros, coqueiros, coqueiros que não acabam mais na Massagueira, em Santa Rita, em Volta-Dagua, em Bica da Pedra, o capinzal da Lauriana, os salsaes da Barra-Nova. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 11: [...] — tudo estralejando que nem fim de queimada, quando há moitas de taboca fina fazendo ilhas no capinzal. **1950** JORGE DE LIMA *Guerra dentro do beco* iv. 52: E se os malandros viessem violentá-la nos capinzáis? **1956** GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 49: Os urubús em vasto espaceavam. Se acabou o capinzal de capim redondo e paspalhos, e paus espinhosos, que mesmo as môitas daquele de prateados feixes, capins assins. **1959** ANÍBAL MACHADO *Histórias Reunidas* I. 84: A bola saltava às vêzes o muro e ia aninhar-se no capinzal de fora.

capitari *s.m.* [< T. *kapita'ri].

V. abon.

1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 33: [...] aos machos das *tartarugas* chamam *capitaris*, e são menores que as femeas; [...].

capiúna *s.f.* Var.: 7 *capaúna* [< T. kape'una].

Peixe de mar da família dos hemulídeos; corcoroca.

1721 F. F. HENRIQUES *Âncora medicinal* (ed. 1731, 150): Capaúna. He peixe da America, acha-se entre os cachopos, e pedras do mar, e por isto tem a carne dura, friavel, e he de bom gosto, principalmente comendo-se cozido.

capivara *s.f.* Var.: 5 *capijuara, capibara,* 6-9 *capivara,* 6 *capiuara, capijguara,* 6-8 *capivára,* 7 *capigoára, capivaira, capyvara,* 8 *capibára* [< T. kapii'ũara < ka'pii 'capim' + 'ũara 'comedor'].

Mamífero da ordem dos roedores, família dos hidroquerídeos (*Hydrochoerus hydrochaeris*).

[**1560** ANCHIETA *Carta* in S. Leite *Cartas* III. (1958) 214: Sunt et alia animalia ex genere amphibio, quae *capiivára,* hoc est, herbas pascentia nominantur,]. *c***1584** CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 31*v*.: Capijuara. Destes porcos dagoa ha muitos, e saõ do mesmo tamanho dos porcos, mas differẽ nas feiçoẽs, no ceo da boca tem huã pedra muito grande q̃ lhe serue de dentes queixaes. Esta tem os Jndios por joya pª os filhos e filhas, naõ tem rabo andaõ muyto tempo debaixo dagoa porem habitaõ na terra, e nella criaõ seus filhos seu comer he erua e fruitas q̃ ao longo dos rios achaõ. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. ci. 139): Nos rios de água doce e nas lagoas também se criam muitos porcos, a que os índios chamam capibaras, que não são tamanhos como os porcos do mato, os quais tem pouco cabelo, e a côr cinzenta e o rabo como os outros; e não tem na bôca mais que dois dentes grandes, ambos debaixo na dianteira, que são do comprimento e grossura de um dedo; e cada um é fendido pelo meio e fica de duas peças e tem mais outros queixais, todos no queixo debaixo, que no de cima não tem nada; os quais parem e criam os filhos debaixo da água, onde tomam peixinhos e camarões que comem; também comem erva ao longo da água, donde saem em terra e fazem muito dano nos canaviais de açucar e roças que estão perto da água [...]. *c***1607** J. RODRIGUES *Relação* in S. Leite *Novas Cartas Jesuíticas* (1940) 208: E vindo à tarde carregados de araçases, pera passar com eles os seguintes dias, e, com uma capivara, andava a barra do riacho tão folioa, que, por mais que fizemos, não pudemos escapar-lhe [...]. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 121*v*.: [...] tambem se criaõ pellas Alaguoas e Rios hũ animal a que chamão — Capiuara — os coais viuem nas Aguoas e pastão sobre a terra, semelhantes a lontra na natureza mas não nas feiçõis o coal he bom pera se comer. **1627** V. SALVADOR *Hist. do Brasil* I. ix. fl. 16*v*.: Outros há a que chamaõ capijguaras, que quer dizer comedores de erva, andão sempre na agua tirado, quando sahem a pascer pellos valles, e margeñs dos rios, e alguñs tomaõ, e criaõ em caza fora da Agoa, pello que se julgaõ por carne, e não por pescado. *a***1667** HERIARTE *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 175): Ha [nas terras fertilissemas do Tocantins] cantidade de Capiváras, que he uma caça como porcos, que se criam na agoa, [...]. **1685** J. S. FERREIRA *Noticiário Maranhense* i. 30: E como todo o comercio he pellos ryos; assim ordinariamente se encontraõ Veados, Antas, Capiuaras, bandos de porcos, E outras caças; onde con facelidade se aproueitaõ os nauegantes do encontro; [...]. **1721** F. F. HENRIQUES *Âncora medicinal* (ed. 1731, 103): Capigoára. Tambem este animal, como os dois acima [*cutia e paca*], se acha no Brazil, he como porco pequeno, com cabello como de porco, e com focinho, e dentes como coelho. He quente, e secco, de suave gosto, e de bom cozimento, e nutrição. **1751** A. ROLIM *Relação* in RIH, VII. (1846) 478: De caça de pelle n'este rio [Tieté] só vi pacas e capivaras. As primeiras são do tamanho de um leitão, com os pés curtos, o pello como de cão pardo-escuro. Das outras o feitio é de rato principalmente o da cabeça; o pello na aspereza é de porco, mas pardo; são do tamanho de um marrão, e o gosto não é bom: a paca sim é mui gostosa. **1757** D. L. COUTO *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 37: Para a caça; antas, veados, porcos montezes, capivairas, Pacas, Tatus, Cotias, Tamanduás, Lebres, Coelhos, e Quatis. **1768** J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 70: Vimos algumas capiváras em terra, e mergulhando atravessar este profundo canal. São animaes quadrupedes, porêm duros e difficultosos de matar; ainda assim á bala se segurou um que sendo pardo tem alguma semelhança com as antas, e sendo do tamanho de um porco ordinario, e muita boa carne; [...]. *c***1777** F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr.-Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 253: Os indios da nação *Uapixana* e *Macuxi* furam o beiço inferior, e no orificio introduzem, como ornato, um osso do animal *capivara:* [.....]. IDEM *Ib.* 258: [Quadrupede] Capivára ou porco d'agua. **1781** DURÃO *Caramuru* VII. lix. 214: Da varia caça, que o Caboclo mata, ! A Narração por longa não prossigo, ! Veados, Capivaras, e Coatiás, !. **1788** M. C. ABREU *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 259-260: [...] e tambem tem muitos porcos do matto e bastantes capivaras, que são uns animaes do feitio dos porcos, com a differença do focinho e pés, os quaes se criam pelas beiradas dos rios. Estando gordas não é má de comer a sua carne. **1786** in *Annexes du Premier Mémoire du Brésil* I. (1903) 219: [...] tambem apparecião algumas antas, capiváras, taitetús, e alguns pórcos bravos. **1789** F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 57: Capyvara, assim chamada pelos Indios Brasilicos, hum quadrupede com a magnitude de hum grande porco domestico. [...] Habita pelas margens dos rios, e lagoas, nutrese de herva, e legumes semeados por aquellas circumvisinhanças. **1792** F. O. BARBOSA *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 23: [o rio Tieté] é muito fértil de caças, pois tem com abundancia, antas, veados, onças, macacos, porcos, capivaras, quatis, pacas, cutias, lontras, areranhas. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* I. 62: A capibára, tem a figura, a grandeza de hum porco, orelhas curtas, focinho, e dentes de lebre, cabello raro, e aspero, pés como os daquelle animal com grandes membranas entre as unhas. Este animal só anda perto d'agua, e he grande nadador, e tambem damninho: pouca gente lhe come a carne. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 26: [...] *capiváras, guaribas, macácos,* diversos em especies, como *quaiá,* que he o maior e mais horrendo: [...]. **1847** A. LEVERGER *Rio Paraguai* in RIH, XXV. (1862) 232: Em toda a parte encontra-se tambem a timida

Capivara, e de vez em quando manadas de *Caitetús* de porcos montezes. **1857** J. ALENCAR *O Guarany* (2ª ed., 1864, I. xiv. 148): O mais velho, de estatura gigantesca, engastava as presas longas e aguçadas da capivara nas pontas de cannas silvestres, e afiava n'uma pedra essa arma terrivel. **1865** IDEM *As Minas de Prata* III. x. 246: E que monteria? Antas, galheiros, castetus, capivaras, pacas, e tal quantidade de alimaria de menos vulto, que é de perder-lhe a conta! **1869** B. GUIMARÃES *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, I. i. 2): E de feito n'este ponto sua educação foi completa; aos vinte annos de idade, não havia em toda a capitania quem com mais destreza esgrimisse uma chavasca, quem tivesse olho mais certeiro para uma pontaria, quem melhor se segurasse nos arreios, aguentando os corcovos do burro o mais chucro, e quanto ao nadar, só poderia competir com elle a lontra, ou capivara. **1870** J. ALENCAR *O Gaúcho* II. iv. xii. 256: Immediatamente as tempestades que trotavam no firmamento fugiram pavidas para os confins da esphera, como um bando de capivaras ouvindo o berro da giboia. **1871** B. GUIMARÃES *Lendas e Romances* III. i. 198: A este grito appareceu, sahindo de um casebre vizinho, uma menina de oito a dez annos, fusca e bronzeada, quasi nua, bocejando e esfregando os olhos; mas que mostrava ser uma criaturinha esperta e viva como uma capivara. **1872** J. ALENCAR *Til* I. v. 55: Orçava pelos cincoenta annos; barroso da cara que lhe cobria uma barba ruiva e aspera como as cerdas da capivara; [...]. **1874** IDEM *Ubirajara* ix. 153: Cahiu Agniná do primeiro bote; apoz elle cahiram aos dois os chefes tapuias, como cahem os juncos talhados pelo dente afiado da capivara. **1874** TAUNAY *Histórias Brasileiras* 25: *Agaxi* é corrupção da palavra *Euagaxigo,* que quer dizer — bando de capivaras. **1875** J. ALENCAR *O Sertanejo* II. xix. 296: Arnaldo porém mergulhara, e caminhando por baixo d'agua como a lontra ou a capivara foi surdir muito além, já na floresta. **1888** INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, I. i. 54): Por baixo da rede do Padre, deitada sobre vistosa pelle de onça pintada, uma capivara domestica deixara-se cavalgar por um macaco barrigudo [...]. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. i. 12: A caça, que em sua alimentação entra em quantidade infinitamente menor que o peixe, ainda os rios e outras aguas mediterraneas lh'a fornecem, não só na copiosa variedade da sua fauna peculiar, os patos, [...] as cotias, sem falar nas Capivaras, quasi peixe pelo sabor, e que excepto a branca, e ainda esta por necessidade, não comem. **1895** COELHO NETO *Miragem* III. ii. 302: [...] ancioso por ver de novo os campos tantas vezes percorrido, os montes e esse magestoso rio serpentino, d'aguas lodosas, todo semeado de ilhas e de rochas, orlado pela vegetação exuberante, onde as capivaras, ao nascer da lua, grunhem. **1898** A. ARINOS *Pelo Sertão* 131: Assumptaram algum tempo, mas ouviram logo outro ruido egual e, não longe, duas ou tres capivaras que se precipitavam no rio, assustadas com a presença de taes frauduleiros nos seus dominios. **1913** SIMÕES LOPES *Lendas do Sul* 18: E mandei fazer um laço ǀ Do couro da capivara ǀ P'ra laçar meu boi barrozo ǀ Nem que fosse á meira-cara; ǀ. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* xvii. 253: Quando o mano voltou prá tapera Macunaíma pegou na violinha, fez talequal reparara e veio uma imundicie de caça, viados cotias tamanduás capivaras tatús aperemas pacas [...]. **1929** G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* xvi. 277: Ahi já estavam em silencio, garças, guarás, marrecas e gansos. Dentro da agua verde espiavam capivaras. **1930** G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 31: As capivaras, ha uns tres annos, andaram valorizadas e soffriam terrivel chacina. Tudo isso, porque, de seu couro, se consegue excelllente camurça e dos mesmos faziam bôa exportação para a Europa. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xxvii. 324: Também manipulou com o pello das capivaras e tamanduás pinceis com que desenhava letras, arabescos, enfeites. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 72: Posso criar também capivaras: o óleo, só, já dá um dinheirão!... Essa gente é burra, não pensa no lucro de amansar e se criar os bichos do mato... **1956** IDEM *Grande Sertão: Veredas* 56: — "Que só venha!" — e secundei, ao lado dêle. Matou-se capivara gorda, por fim. Dum geralista rôto, ganhamos farinha-de-buriti, sempre ajudava.

capixaba *s.f.* [< T. kopi'saua ~ VLB II. 107: *Roçado antes de se queimar* = Co. Copiçaba ỹbapaara ~ A propósito do *ca–* inicial do voc. port., em lugar de *co–*, como postularia o étimo tupi, veja-se o comentário ao verbete CAPOEIRA; cp., também, CAPUABA].

Local apropriado para plantação, sítio, roça.

*c***1607** J. RODRIGUES *Relação* in S. Leite *Novas Cartas Jesuíticas* (1940) 219: E, entretanto, por não termos que fazer e os moços não estarem ociosos e terem em que espalhar malventuras, e se esquecerem da fome, fizemos aqui junto da igreja uma capixaba para milho, e alguma mandioca por não sabermos o que ao diante sucederia, como sucedeu.

capoeira *s.f.* Var.: 5-9 *capoeira,* 5 *capuera, quapoeira, copuera,* 6-7 *capoera,* 6, 8 *capueira,* 7 *capoeyra,* 9 *caapuera* [< T. ko'pụera < 'ko 'roça' + 'pụera 'que já foi' ~ VLB II. 107: *Roça de qualquer mantimento* = Cô. *Ib.* II. 33: *Mato q. ia foy roçado* = Côpuera ~ Dos autores adiante referidos, somente o padre Fernão Cardim (v. abon. *c*1584) emprega a forma *copuera,* com *co-* inicial, de acordo com o étimo tupi; todos os demais autores adotam variantes com *ca-* inicial, influenciadas, sem dúvida, pelo tupi ka'a 'mato', que se documenta em inúmeros vocábulos portugueses de procedência indígena].

Terreno onde já houve roça e que foi reconquistado pelo mato; *por extensão,* espécie de perdiz (v. abon. 1817, 1856 e 1869) que vive em capoeiras.

1577 in ABN, LXXXII. (1962) 132: [...] ao lomgo de huma rossa que Fr.ᶜᵒ Frz., feitor da dita casa tem derrubado, saindo as capoeiras que forão de Antº Frz. [...]. **1579** IDEM 199: [...] fomos seguindo até dar em humas capoeiras [...]. **1579** IDEM LVII. (1935) 219: [...] e porque na parte em que foi feito e a roda delle tres legoas tudo sam capueras sem hauer nẽhum mato virgem pella coal cauza as terras cansão em duas nouidades que dão [...]. **1580** in ACSP, I. (1914) 159: [...] requereo aos ditos oficiais da camara em quomo o q̃ avia junto e pegado desta vila hũas capoeiras deste comselho as quaes os moradores dele as não lavram [...]. **1581** IDEM 185: [...] q̃ todos os moradores q̃ tivessem gado nas quapoeiras de garepe o tirassem [...]. *c***1584** CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 21*v.*: Estas figᵉᵃˢ naõ saõ mᵗᵒ grandes, nẽ se achaõ nos matos uerdadrᵒˢ mas nas copueras, onde esteue roça, [...]. **1601** in ACSP, II. (1915) 93: [...] as posturas q̃ estavão feitas sobre os q̃ lavravão em capoeras grãdes e matos verdadrᵒˢ se não huze dellas [...] **1617** in ABN, LXXXII. (1962) 260: [...] em hum campinho, entre humas capoeiras junto a hum caminho, se meteo hum marquo de pedra com a marca do dito Colegio [...]. *c***1631** C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 194: Anu he hũ pasoro tamanho como o punho e he todo preto e a sua abitação he pelas capueiras [...]. **1646** in ACSP, V. (1915) 279: proveo outrosi o dito ouvidor geral que porquanto nas terras lavradias em capoeiras trazião mʳᵉˢ gados e outras criações que nas lavouras entravam e faziam notavel damno aos vezinhos [...]. *a***1696** G. MATOS *Obras* (ed. 1969, III. 599): eu com notável sojorno ǀ numa capoeira estava, ǀ vendo, em que o caso parava, ǀ. **1711** in RAPM, II. (1897) 259: [...] comessando do Vallo até a cachoeira grande e suas capoeyras antigas correndo para o morro até a estrada de outra pᵃ.ᵗᵉ do rio das Velhas as mesmas Capoeiras e terras lavradias de testada duzentas e des braças comessando do Valle do ditto, correndo pᵃ.ª a cachoeyra grande a mesma testada, para a outra banda as suas Capoeyras; [...]. **1730** ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* IX. § 28.545: e utilizando da caça, se recolherão aos seus ranchos, ou alojamentos que tinhaõ em hum Capaõ, ou Capoeira, (assim chamaõ no Brasil as moutas grandes, ou mattas pequenas). **1757** in ADF, I. (1894) 456: Declarasse q neste pedaço de terra, q de novo se lhe concede, pª trazer u seo gado pode dentro da demarcação rocal a capoera, alimpar de sorte, q poca trazer o seo gado [...]. **1763** in RAPM, VI.-(1901) 631: [...] os bens que da mesma escritura consta que são os seguintes huma fazenda com sua casa de vivenda coberta de telha com ingenho de pillões e roda de mandioca e hum grande bananal e mandiocas plantadas e mais capoeiras [...]. **1764** IDEM XXIII. (1929) 278: [...] ventrando todos os pastos assim de campos, capoeiras maninhos, e tudo o mais que ficar dentro da dita medição e demarcação na forma das ordens do dito senhor; [...] **1806** IDEM VI. (1901) 770: Ha tambem o gato do mato muito maior do que os domesticos, que habita as Capoeiras, e Carrasquenhos; sustenta-se de coelhos e passaros; e tem a pelle pintada de ocellos negros. *a***1809** T. A. GONZAGA *Poesias* (ed. M. Rodrigues Lapa, 1957, 97): Não verás derrubar os virgens matos, ǀ queimar as capoeiras inda novas, ǀ servir de adubo à terra a fértil cinza, ǀ lançar os grãos nas covas. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* I. 89: As [perdizes] denominadas *Capueiras,* que sam um pouco maiores que as *Nambús* andam em bandos. IDEM *Ib.* II. 75: Os caçadores encontram com facilidade mutuns, jurús, macucos, jacús, jacutingas, aracuans, nhambús, capueiras, papagayos, e diversidade de rolas; [...] **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 25: [...] ha outro chamado de *capoeira,* pequeno arbusto de folha cinzenta como a losna, e cuja raiz ainda he mais venenosa. **1856** J. M. MACEDO *O Forasteiro* (2ª ed., II. ii. 24): [...]; perto gemião as juritis, perto cantavão os inambús e as capoeiras, que vagavão aos bandos; [...]. **1863** M. A. PORTO ALEGRE *Brasilianas* 309: Caçador, caminha avante; [...] ǀ Que um vesgo perseguido ǀ Azas tem para voar. ǀ Mas eil-o que o monte galga, ǀ E entra na capoeira; ǀ Já la desce, vôa, e salta! Para a outra ribanceira. ǀ Caçador, uma carreira, ǀ Se não, te pode escapar. **1865** J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, viii. 49): [...] como dois jovens cervos que ao por do sol atravessam a capoeira [...]. *[Nota do Autor, à pág. 212] Capoeira* — corruptela de *caa-apuam-era* que significa — ilha de matto ja cortado uma vez. **1865** IDEM *As Minas de Prata* II. xi. 198: O menino fugia de casa para evitar os máos tratos, e escondia-se na proxima capoeira. **1869** B. GUIMARÃES *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. v.85-86): Á medida que crescião as forças de Itajiba, esses passeios forão-se alargando a maiores distancias, [...] e pelo caminho Itajiba fazia cahir aos certeiros tiros de seu arco a arára azul ou encarnada; [...] o inhambú, a capoei-

ra, cujas carnes são tão tenras e saborosas, [...]. **1870** J. ALENCAR *O Gaúcho* II. III. XI. 117: Só então reparou que se achava a borda de uma capoeira nas cercanias de Piratinin. **1872** IDEM *Til* I. xi. 116: Essa terra descançada desde muitos annos já estava convertida em capoeira, que invadindo os carreadores deixava a descoberto apenas o trilho batido pela constante passagem. **1875** IDEM *O Sertanejo* I. xx. 258: Creou-se o meu Boi Espacio | No sertão das Aroeiras, | Comia nos cipoaes, | Malhava nas capoeiras. **1876** N. J. R. SOUSA *Diário* (ed. 1946, 14): Extenuados como estávamos pela fome paramos e buscamos nas capoeiras bananas e canas que encontramos em quantidade. **1876** F. TÁVORA *O Cabeleira* iii. 63: No momento em que o negro ia entrar na capoeira que cobria o sitio, alguns ramos se afastaram violentamente de um dos lados, e dous sujeitos litteralmente armados surgiram diante de seus olhos. **1881** IDEM *Lourenço* (ed. 1902, viii. 101): [...] e metteu-se n'uma capoeira que, ao cabo de um quarto de legua, do nascente para o occidente, vinha morrer na margem esquerda. **1886** J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 276): Atravessou primeiro por uma estreita picada, sua conhecida, a pequena capoeira que limitava os campos do marido. **1888** INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, I. i. 47): Na villa ladravam cães e cantavam gallos, e da proxima capoeira vinham vozes confusas de passaros e de bichos. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazónia* I. vi. 98: Sobre a cóva repleta fazem uma grande "coivára" ou montão de lenha daquelles bosques ou capoeiras tirada, e accendem a gigantesca fogueira [...]. **1895** COELHO NETO *Miragem* I. v. 78: [...], mais rapido do que as turmas dos negros capinadores, carbonisando as mattas, reduzindo as cinzas, que os ventos levam, as capoeiras copadas das campinas, nasceu-lhe o pensamento estranho de deitar fogo ás terras do sitio para que a chama, devastadora e fecunda, despisse os cerros do matto hispido e os fertilizasse ao mesmo tempo. **1898** A. ARINOS *Os Jagunços* II. ii. 192: Os tiros se ouviam crebos, reboando pelas quebradas e avolumando-se nas capoeiras. **1902** E. CUNHA *Os Sertões* 55: Renovavam o mesmo processo na estação seguinte, até que, de todo exhaurida, aquella mancha de terra fosse, imprestavel, abandonada em *caapuera*-matto extincto — [...]. **1907** IDEM *Contrastes e Confrontos* 275: Renovavam o mesmo processo na estação seguinte, até que exhaurida aquella mancha de terra fôsse abandonada em caapuera, jazendo dali por deante para todo o sempre esteril, [...]. IDEM *Ib.* 276: O selvagem proseguia abrindo novas roças, [...]; novas capoeiras maninhas, vegetando tolhiças, inaptas para reagir contra os elementos, aggravando cada vez mais os rigores do proprio clima que as flagellava [...]. **1914** COELHO NETO *Rei Negro* iii. 85/86: Anuns voejavam nos ramos baixos e, de pausa em pausa, com regularidade rythmica de um pendulo, soturno gemido d'ave partia da capoeira, lugubre. **1915** LIMA BARRETO *Policarpo Quaresma* III. iv. 212: [...] a lingua de vacca, a silvina, o cipó chumbo — toda aquella drogaria que crescia pelos campos, pelas capoeiras, e pelos troncos de arvores. **1918** MONTEIRO LOBATO *Urupês* 121: Quem sóbe da varzea, transpostas as capoeiras da raiz, ao emboscar-se de chofre no frio tunnel vegetal que é alí a estrada, inevitavelmente espirra. **1922** A. PEIXOTO *Bugrinha* iv. 54: [...], sempre na frente, seguindo os trilhos já escondidos pelas ervas do campo, nas capoeiras furando o mato, agachada para passar sob um tronco caído ou desviando de esguêlha para se livrar dos acúleos de um espinheiro bravo, era sempre ela que os conduzia [...]. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* xvii. 249: Então sairam por mato e capoeira gritando: [...]. **1934** G. RAMOS *S. Bernardo* xxxv. 208: Quem devia estar vivo era o velho Mendonça, que deixava a propriedade coberta de capoeira e o engenho de fogo morto. **1934** J. L. REGO *Banguê* II. v. 101: Maria Pitú ficava feliz com os paus de lenha que tirava na capoeira. **1936** IDEM *Usina* I. i. 33: Cantava como se fosse um liberto, um passaro no meio de seus arvoredos, de suas capoeiras. **1937** IDEM *Pureza* viii. 65: [...] e quando os cabras deixaram as casas tinham queimado as portas para cozinhar feijão, com paus pelas capoeiras que faz gosto. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 138/139: E, nem que só para não deixar que se esgotassem as suas reservas de ódio, punha êle a idéia em assuntos amenos e se relaxava para caçar o jaó nas capoeiras e, nos campos, a codorna e a pomba torcaz. **1956** IDEM *Grande Sertão: Veredas* 170: Levaram aquêle homem, entre as árvores cuma capoeirinha, o pobre ficou lá, nhento, amarrado na estaca. **1959** ANÍBAL MACHADO *Histórias Reunidas* I. 222: A mulher tiritava de mêdo. O eco de seu nome esvaía-se pela capoeira, até desaparecer nos grotões.

capoeirão *s.m.* [< capoeir(a + -ão].

Capoeira grossa e alta; matagal.

1895 COELHO NETO *Miragem* II. iv. 211: [...] surgiu ao longe, no alto de um cerro, a torre esboroada de uma velha igreja e mais em baixo, na rampa, entre capoeirões de matto hispido, appareceram lascas de muralhas, blocos enormes de granito rolados e cheios de limo e de hervas. **1898** A. ARINOS *Os Jagunços* I. iii. 120: — Agora, eram mais frequentes os pios das perdizes pelo campo, os arrulhos das jaós e das pombas nos capoeirões. **1899** TAUNAY *No Declínio* xxiv. 220: — Se você fosse rica perguntou-lhe a viuva em certo trecho de encantadora digressão no seio de copado capoeirão, cortado de abertas sobre dilatada paizagem, se fosse rica, não gostaria de ver tudo isto? **1914** COELHO NETO *Rei Negro* i. 15/16: [...], derrubando os capoeirões para aproveitar o terreno em semeaduras prosperas, [...]. **1915** LIMA BARRETO *Policarpo Quaresma* II. i. 91: Hávia nella terra bastante, velhas arvores fructiferas, um capoeirão grosso com camarás, bacurubús, tinguacibas, [...]. **1918** MONTEIRO LOBATO *Urupês* 48: Este sujeito mora-me a talho de pegar um roçado no capoeirão convisinho á sitioca dos Periquitos, [...]. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* ii. 22: Atravessou o mato e chegou no capoeirão chamado Cafundó do Judas. **1930** G. CRULS *A Amazónia que eu vi* 172: Assim, pouco antes, cruzaramos um capoeirão que lhes fôra antiga roça e, [...]. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 219: Entro na capoeira baixa... Saio do capoeirão alto. E acolá, em paliçadas compactas, formando arruamentos, arborecem os bambús.

capoeiro *s.m.* [< capoeir(a + -o].

O mesmo que capoeira.

Em Domingos Olímpio (v. abon. 1908) a expressão 'coiro de capoeiro' equivale, possivelmente, a 'couro de veado', em alusão ao *habitat* do animal.

1761 in ADF I. (1894) 109-110: Rumo direito ahuã pedra vizinha a hum capoeiro, que divide as matas daz duas viuvaz e do outro com as matas que divide as que foram tambem divididaz para o dito Tenente Andre Alvrez Pereira Viana. **1908** D. OLÍMPIO *Luzia Homem* xii. 98: Trajava bem, gibão, guarda peito, e perneiras de coiro de capoeiro, muito macio, bordados de flores pospontadas á sovêla, com abotoadura e esporas de prata.

capororoca *s.f.* [< T. *kaporo'roka].

Ave da família dos anatídeos *(Coscoroba coscoroba).*

1913 SIMÕES LOPES *Lendas do Sul* 42: Dezembocou num campestre de gramado fôfo, que tinha um cheiro doce que elle não conhecia: em toda a volta arvores enfloradas e estateando frutos; passarinhada de penas vivas e cantoria alegre; veadinhos mansos; capororócas e outro muito bicharedo, que recreiava os olhos; [...].

capuaba *s.f.* Var.: 8 *capuava*, 8-9 *capuaba* [< T. kapi'aua ~ VLB I. 68: *Casa na roça ou quinta* = Capigaba. *Ib.* I. 121: *Erdade onde ha cassa* = Capigaba. *Ib.* II. 94: *Quinta, ou casa qualquer na erdade* = Capigaba ~ Cp. CAPIXABA].

Local apropriado para plantação, sítio; casa de roça, choupana.

1872 J. ALENCAR *Til* I. xi. 115: Pela encosta da collina estendia-se o pasto; e na base estava uma capuava onde já se começára o trabalho de derrubada, e se afolhavam as terras destinadas á lavoura de mantimentos, [...]. *[Nota de rodapé]* Capuava — terreno para roça. **1876** F. TÁVORA *O Cabeleira* viii. 147: — Quando fôr tempo de tocar fogo na capuaba, é só dizer, Joaquim, acrescentou Manoel-corisco. IDEM *Ib.* 312: *Capuaba* é casa de gente pobre, choupana desprezivel. **1907** E. CUNHA *Contrastes e Confrontos* 315: Considero, á porta da capuaba de pau-a-pique e taipa em que me abrigarei, este trecho torturante da estrada de Taboado, onde me colheu a noite.

‖ **capueruçu**: v. abon.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. XCI. 120): Capueruçu é outra casta de abelhas grandes: criam seus favos em ninhos, que fazem no mais alto das árvores, do tamanho de uma panela, os quais são de barro; [...].

cará *s.m.* Var.: 5-6 *carâ*, 5, 7 *carazes* (pl.), 6-7 *cara*, 6-9 *cará*, 6 *quarazes* (pl.), 7 *caraz*, *carâ* [< T. ka'ra].

Nome comum a várias plantas da família das dioscoreáceas.

*c***1584** CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 28*v.*: Nesta terra ha [...] outras raizes q̃ chamaõ mangarâ, outra q̃ chamão Carâ, q̃ se parecẽ cõ nabos, e tuberas da terra. **1585** IDEM *Informação* fl. 86*v.*: Elles nos deraõ a çear de sua pobreza peixinhos de moquẽ. i. assados, batatas, carâ, mangarâ e outras fruitas da terra [...]. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, I. XLIV. 329): Dão-se na Bahia outras raizes maiores que batatas, a que os indios chamam carazes, que se plantam da mesma maneira que as batatas, e como nascem, põem-lhe ao pé uns paus, por onde atrepam os ramos que lançam como erva. Êstes carazes se plantam em março e colhem-se em agôsto, os quais se comem cozidos e assados, como os inhames, mas tem melhor sabor: [...]. *c***1594** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 761-762: [...] tẽ m^to^ Jnhame, Batatas carazes ha m^to^ algodão e bõ [...]. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 97*v.*: [...] da mesma maneira se produzem muitos e boñs jnhames e outra casta delles chamados carâs. que saõ da mesma especia mas muito majores. *c***1631** C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 176: Cara he desta forma que esta pimtado e tem de tres Castas hũa de roxa as outras cam bramquos algumas cam tamanhas como a cabeça de hũa Criamca e os pequenos he hũ bon comer asados e cozidos e cam milhores que pera de portugal e os saluaguemis os cabem bem apremtar que os vam quebramdo por pedasinhos e quada pedaco de cimquo e ceis raizes [...]. **1663** S.

VASCONCELOS *Coisas do Brasil* I. § 140.85: No comer são tambem singulares. E supposto q̃ todos usem dos mesmos mantimentos (commummente fallando) de raizes de plantas, mandióca, aypi, batata inhame, carâ, mangarà, legumes, carne de suas caças, peixe de suas pescas, & frutas dos campos; [...]. IDEM *Cr. Comp. Jesus no Brasil* I. § 189.158: [...] fallandolhes pela propria lingoa, em que era perito, que estes lhe fazião a carga do mais estimado de seus haueres, farinha, caça do matto, batatas, bananas, carás, que he o que possue esta gente quando mais rica: [...]. *a*1667 HERIARTE *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 169): Tem [esta ilha] muitas fructas, ananás, pacovas, batatas, canas de assucar, quarazes, guriazes, tamataranas, laxaces, melões, balancias, uvas, figos, romans, limoens, laranjas e outras muitas. *a*1696 G. MATOS *Obras* (ed. 1969, I. 211): porque outra velha embusteira, | com profia, e com inveja, | não quer que uma légua seja, | e por palmos de cará | diz: que só um palmo achará | quem sai a mijar de Beja. |. *c*1698 J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 233: O ordinario sustento seu é a mandioca que desfazem em vinhos, com outros legumes de batatas e carás. 1705 M. B. OLIVEIRA *Música do Parnasso* 134: Os carás, que de roxo estão vestidos, | São Loyos dos legumes parecidos, | Dentro saõ alvos, cuja cor honesta | Se quis cobrir de roxo por modesta. 1721 F. F. HENRIQUES *Âncora medicinal* (ed. 1731, 212): Caraz. No Brazil se acha huma planta, deste nome, cuja raiz he semelhante aos nossos nabos; he quente e humida; está coberta com humá casca; tem doçura e suavidade; he mui succosa; e della se usa com gosto. 1730 ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 39. 26: [...] batatas, inhames, geremûs, carazes brancos, roxos, e de outrás cores, e castas, mangarâs, mangaritos, tamataranas, remedio insigne para os enfermos de estilicidio, e asma. 1769 M. S. M. ITAPARICA *Eustachidos* 126: Outras frutas dissera, mas agora | Tem lugar os legumes saborosos, | Porèm por naõ fazer nisto demora | Deixo esta explicaçaõ aos curiosos; | Mas com tudo dizer quero por hora, | Que produz esta terra copiosos | Mandioca, inhames, favas, e carás, | Batatas, milho, arroz, e mangarás. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 264: [Plantas e hervas] Carà. 1781 DURÃO *Caramurú* VII. xxxiv. 206: Tem o Cará, o Inhame, e em cópia grata | Mangarás, mangaritos, e batata. |. 1782 F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* I. v. 74: De raizes q̃ merecẽ o nome de batatas tenho eu conhecimento de oito especies, q̃ são de Batatas propriamente ditas 3. Batata branca, roixa, e amarella. O Inhame, o Cará, o Mangará, a Tamoterana, e o Corredor. 1799 E. A. S. CORREIA *Hist. Angola* (ed. 1937, I. 139): Permita-me o Leitor inserir a este Artigo as raizes da Batata e do Cará. Deixo de expor as qualidades da primeira, q̃ todo o mundo conhece. A segunda mais grosseira tanto em figura; como em massa, e gôsto se come, ou assada, ou cozida. 1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 114: Ha variedade de raizes comestiveis: batatas de varias castas, inhames, mangarás, mangaritos, carás, cujo caule sobe por um espeque; [...]. 1873 J. ALENCAR *Guerra dos Mascates* I. xii. 146: [...] passoca e inhames, as muquecas enfolhadas, os bolos de cará, acepipes ensinados pelos indios, [...]. 1874 TAUNAY *Histórias Brasileiras* 137: Não havia dia em que Pacalalá voltasse dos seus trabalhos sem trazer para a mãi um cesto de carás ou de raizes de aipim, alguma fructa saborosa ou miolo assucarado da macaúba, que os indios chupão com delicia. 1876 COUTO DE MAGALHÃES *O Selvagem* II. ii. 30: [...] cultivam a bananeira, o cará e diversas especies de batatas [...]. 1899 MOREIRA DE AZEVEDO *No Tempo do Rei* xxvii. 109: Entretendo-se com jogos de prendas, queimando fogos artificiaes e saboreando as canas, batatas e carás assados, ao som de vivas a Santo Antonio, determinara Antonio Gonçalves, em companhia da familia e de diversos amigos, passar toda a noite em claro. 1918 MONTEIRO LOBATO *Urupês* 173: Partiu Trancoso, levando um pacote de ovos [...]; e um saquito de carás — petisco de que era mui guloso. 1919 IDEM *Cidades Mortas* 75: Pão sovado, pão de cará, pão de Petropolis... 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* xvi. 236: Oibê pegou numa gamela, botou cará com feijão dentro, encheu uma cuia com farinha-dagua e ofereceu pro heroi. 1929 G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* xvi. 330: Este atacava faminto os pratos brasileiros, a sopa de cará, a feijoada, o lombo de porco e contava bravatas de caçadas de onça e de vaquejadas, em que se ferra o gado. 1934 JORGE DE LIMA *O Anjo* 95: Derramava-se pra cima o cheiro das cozinhas pobres, bagre assado, pirão de sururu, inhame cará.

carabuçu *s.m.* [< T. *karaṵa'su].

Espécie de garça (*Ardea candidissima* Gm.).

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXIV. 98): Na Bahia ao longo da água salgada, nas ilhas que ela tem, se criam garcetas pequenas, a que os indios, chamam carabuçu: algumas são brancas e outras pardas, as quais dão umas plumas cinzentas pequenas, muito fidalgas para gôrro; tôdas criam ao longo do mar, onde tomam peixe, de que se mantêm, e caranguejos novos; e esperam bem a espingarda.

caracará *s.m.* Var.: 5 *caràcará*, 6, 8-9 *carcará*, 6 *quaraquara*, 8-9 *caracará*, 8 *cracará*, 9 *cará-cará*, *carácará* [< T. karaka'ra ~ VLB. I. 143: *Francelho* = Carâcarâ].

Ave falconiforme da família dos falconídeos.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXV, 103): Caràcará são uns pássaros tamanhos como gaviões, tem as costas pretas, as asas pintadas de branco e o rabo, o bico revôlto para baixo, os quais se mantêm de carrapatos, que trazem as alimárias, e de lagartixas que tomam; [...] 1610 J. MONTEIRO *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.* VIII. (1949) 408: Ajuntaram-se todos os pássaros, e se puseram sobre os defuntos; uns diziam que estavam vivos, outros que não; e pera resolverem a questão, se levantou o carcará, e arranhou os rostos dos mortos até lhe arrancar os olhos, e vendo-o a *guaricuja* [senhor e autor do fogo!, que é outra ave de rapina, da qual contam não comer carne senão assada, tendo fome, foi buscar uns paus com os quais feriu fogo; e estando assando a carne destes primeiros homens [primeiros povoadores do mundo], veio o filho a ver a sua mãe e tio, e vendo o fogo em que os assavam, arremeteu com eles, e lhe tomou o fogo, e deles aprendeu a o ferir, e juntamente o pera que servia. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fls. 116-116*v.*: [...] ha outro modo de falcaõ ou guauiaõ que naõ sey de que espeçie seja, tambem muy agiles pera a caça, mas naõ taõ grandes como os de que fiz mençaõ de que hũ dos tais se chama — piron — e outro ganbiapiruera, e outra casta aque chamaõ — eixua — e outra semelhante que tem por nome taguato — e outro quaraquara e tambem — guaquaqua — e do mesmo modo jaqueretu — o coal he asaz feo na composição [...]. 1872 TAUNAY *Inocência* (2ª ed., 1884, i. 14): É o caracará commensal do urubú. 1872 B. GUIMARÃES *Hist. e Trad. Minas* III. iv. 227: A pomba foge do cracará, que lhe fisga as unhas, mas gosta do trocáz, que a beija e acaricia. 1874 J. ALENCAR *Ubirajara* vi. 107: "Tupan deu azas á nambú para que ella escape ás garras do carcará. 1876 F. TÁVORA *O Cabeleira* vii. 126: — Diga lá, Joaquim. Vossê não está com patativas choronas, vossê está com carcarás que tem boa vista, boas azas e melhores unhas acudiu Miguel-mulatinho, librando-se nos pés para imitar o pássaro que quer voar. 1878 IDEM *O Matuto* v. 62: Desappareceu o cabello sordido e especado, que fôra cortado rente, as rajas que desfiguravam a cara, as unhas que se podiam comparar com as garras dos carcarás. 1903 D. OLÍMPIO *Luzia Homem* xxiv. 208: [...] creaturas, ainda vivas e exangues, torturadas pelas biccadas de carcarás a lhes arrancarem aos pedaços, as carnes ulceradas e podres. 1914 COELHO NETO *Rei Negro* iii. 112: |...|, o espaço esvasiava-se e, alto, solitário, um lento carà-cará batia o vôo perscrutando, subito inflectindo rispido, direito a um ponto, á prêsa. 1918 MONTEIRO LOBATO *Urupês* 117: Só um carácará resiste á soalheira num esgalho de peroba. 1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 168: Sobre êles, com elegância decadente e complicada pintura de roupagens, passeavam os caracarás.

caracaraí *s.m.* [< T. *karakara'i < karaka'ra + -'i 'pequeno'].

Ave falconiforme da família dos falconídeos.

*c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 260: [Ave de rapina] Caracarai.

caraetê *s.m.* Var.: 7 *garahité* [< T. *karae'te < ka'ra 'cará' + e'te 'verdadeiro'].

Variedade de cará.

1799 E. A. S. CORREIA *Hist. Angola* (ed. 1937, I. 139): Em Angola há [cará] de hũa só qualidade; más no Brazil ha outra mais mimoza, a que chamão Garahité; a sua aplicação não tem partilhas.

caraguatá *s.m.* Var.: I. *α*. 5-6 *caraguatá*, 5 *-guata*, 6 *-gatá*, *-goáta*, *-goatá*, *-goata*, *-guoatha*, *-goatà*, *-goatá*, 7-9 *-guatá*; *β*. 5 *carauatá*, 6 *-uata*, *-oata*, 7 *-uáta*, 7,9 *-vatá*; *γ*. 6, 8 *caroatá*, 7 *caroatazes* (pl.); *δ*. 7 *coroatá*, 8-9 *curuatá*; *ε*. 7 *crabatá*, 8 *crautá*, *crauatá*, *acroatá*, 9 *craguatá*; *ζ*. 6 *garuata*, 7-9 *gravatá* — II. *η*. 8-9 *caroá*, 9 *caruá*; *θ*. 7-9 *croá*, 8 *acroá* — III. *ι*. 8-9 *curauá* [As variantes do grupo I (*α* a *ζ*) dimanam do tupi karaũa'ta (VLB I. 67: *Cardo do mato da estopa* = Caraguata); as dos grupos II (*η* e *θ*) e III (*ι*) talvez se relacionem com *kara'ụa e *kura'ụa (reduções de karaũa'ta ?) ou, então, são empréstimos de um idioma da família caribe].

Designação comum a diversas plantas da família das bromeliáceas.

Com o duplo objetivo de facilitar a identificação dos espécimes vegetais descritos nos textos consultados e de ressaltar a íntima correlação etimológica entre as diversas variantes neles documentadas, reuniram-se num único verbete todas essas formas, distribuindo-se, porém, as passagens abonatórias nos grupos *α*, *β* etc., de acordo com o critério de classificação adotado.

α. vars. *caraguatá*, *-guata*, *-gatá*, *-goáta*, *-goatá*, *-goatà*, *-guotha*, *-goatà*, *-goatá*, *-guatá*.

*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 24*v.*: Este Caraguatà he certo genero de cardos, dam huãs fruitas de cõprim^to^ de hũ dedo

amarellas, cruas fazẽ empolar os beiços, cozidas, ou assadas naõ fazẽ mal, porẽ toda a molher prenhe q̃ as come de ordinario moue logo. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1601-1607: Caraguata He bõ pera amarras he como linho e ha de m.tas castas pera Redes de pescar p.a sapatr.o &c. a folha he como de nanas mas mais cõprida tẽ dez 12 palmos de cõprida e tres dedos de largo he verde botasse nagoa como fazẽ os Jndios redes e os Tapujas p.a pescar de 50 braças. 1627 V. Salvador *Hist. Brasil* I. vi. fl. 11: Naõ he menos admiravel outra planta, que nasce nos ramos de qualquer arvore, e aly cresce, e dá um fructo grande, e mui doce chamado caragatâ, e entre suas folhas, q̃. saõ largas e rijas, se acha todo o verão agua frigidissima, q̃. he o remedio dos caminhantes onde não há fontes. Idem *Ib.* xi. fl. 20*v*.: Outra planta ha chamada caraguatâ da feição da Erva baboza, mas cada folha tem huã brassa de comprido, as quais deitadas de molho, e pizadas se desfazem em linho de quẽ se fazem linhas, e cordas, e se pode fazer panno. 1628 in RIHP, XL. (1945) 81: Segue-se a Capp.a do Ryo grande que nem tem Porto consideravel mais q o em q tem a fortalesa e o dos Buzios e o da Bahya fermossa, nem terras p.a emgenhos de assucar, nem mineraes, nem cousa algũa mais que m.to linho de Caragoáta e de outras castas; [...] A Capp.a de Pernambuco q he junto da de Itamaracá tem sesenta legoas de Costa p.a o Sul com m.tos Ryos acabando no de São Fran.co m.tas vargeas de eicelentes terras, todo o pao Brazil que se navega, muitos emgenhos de assucar, m.tas madeiras Reaes, m.ta tinta de Orocu e Araruba, m.ta erva de Anil, muito linho de Caragoatá de duas castas de Carrapizo, Sipoo e de Tocum, m.to Tabaco, Algodão, Canafistula [...]. *Ib.* 82: A esta Capp.a se segue a de Serigippe del Rey sem Porto de consideração, sem terras de prestimo mais que p.a m.tos Gados, m.to Caragoatá de q se faz linho. *Ib.* 84: Seguesse a esta a ultima Cappitania p.a Sul q he a de São Vicente, tem bastante Porto, muitas Madeiras Reaes, fazemsse ahy m.tos navios muy bons, tem m.ta xarcęas cabos de embé que não he tam bom como os q se fazem do Caragoata. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 181*v*.: Caraguoatha ha hũ modo de aruore q̃ se da a longuo da praia o pao cequo he m.to bon e serue pera isqua e se fazer foguo nele breuem.te a folhada he cõprida e feitio de feros de chusas antigas cerue p.a lauar a roupa e redes de hũas fruttas q̃ pizadas cõ os olhos que bota se mata peixe cõ elas. 1663 S. Vasconcelos *Cr. Comp. Jesus no Brasil* I. § 72.66: O modo de as fazer era este: hião ao cãpo, traziaõ certos cardos, ou caragoatás brauos, lançauãnos na agoa por 15 ou 20 dias, atè q̃ apodrecião: [...]. Idem *Coisas do Brasil* I. § 121.75: E quando faltaõ rios, & fontes, não falta certa casta de planta, que elles chamão Caragoatá, que conserua a agoa da chuua entre as folhas (remedio de lugares estereis para os sequiosos). Idem *Ib.* II. § 70.149: Outra especie, à vista despreziuel, mas chea de prestimos pera a vida humana, he a de erua chamada caràgoatà. He florida, & tem varias, & notaueis especies. Hũa dellas he a verdadeira erua babosa medicinal, conhecida, de que vsaõ nossas boticas. 1799 E. A. S. Correia *Hist. Angola* (ed. 1937, I. 150): [*Nota do Autor*] As folhas da Piteira; e as de Caraguatá no Brazil, que reduzidas a fio aplicão a diversos uzos; [...]. 1847 A. Leverger *Rio Paraguai* in RIH, XXV. (1862) 206: Em poucas partes encontram-se palmeiras. Os matos são muito menos trançados de sipós do que na zona intertropical: mas vê-se com abundancia nos troncos e nos ramos das arvores a planta parasita a que chamam em guarani *Caraguatá-mi* e em hespanhol *flôr del ayre*. 1911 A. Maia *Tapera* 27: [...] e immovel, monotono, esquarroso, espalmava-se o banhado ao sul, com a agua morta lapijada em traços baços entre tiras verde-escuras de caraguatás.

β. vars. *carcuatá, –uata, –oata, –uáta, –vatá.*

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lvi. 30): Ao longo do mar se criam umas fôlhas largas, que dão um fruto a que chamam carauatá, que é da feição de maçaroca, e amarelo por fora; tem bom cheiro, a casca grossa e tẽsa, a qual se lança fora para se comer o miolo, que é mui doce; mas empola-se a bôca a quem come muita fruta desta. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 95: [...] ha [mantimentos] os quoais aproueitaõ pera o tempo da esterilidade, posto que Raramente sosede avella nesta terra, os coais saõ estes, o primeiro a Raiz da Carauata que se da pellos campos sem nenhũ beneficio da coal se faz farinha de boa sostentação [...]. *Ib.* fls. 100-100*v*.: [...] tambem se acha hũa pranta agreste chamada, caraoata que dá grande copia de linho fino e asaz proueitozo e assỹ De todas estas couzas que se achaõ pello campo se podera laurar toda sorte de lensaria. 1711 A. J. Antonil *Cultura e Opulência do Brasil* II. v. 113: Acabado o Rolo, se cobre primeiramente com folhas de Caravatá seccas, amarradas cõ embira; & depois se lhe faz hũa cappa de couro da medida do rolo. 1761 Jaboatão *Novo Orbe Seráfico Brasílico* I. i. 98: [...] e a poucos passos andados vendo humas espadanas, que he huma certa planta, a que o Gentio chama Caráuátas; [...]. 1902 E. Cunha *Os Sertões* 57: E falam nos "campos frios (certamente á noite, pela irradiação intensa do solo desabrigado) cortando leguas de catinga sem agua nem caravatá que a tivesse e com raizes de umbú e mandacarú, remediando a gente" no penoso desbravar das verêdas.

γ. vars. *caroatá, caroatazes* (pl.).

1675 F. B. Freire *Hist. da guerra Brasílica* I. 27: E se achar [*água*] (não tendo nenhũa aquelle sitio) nas còpas, a modo de jarros, onde os cardos silvestres, chamados caroatás, a recebem, & conservão da chuva. 1702 A. Rosário *Frutas do Brasil* III. ii. 143: Os Caroatazes saõ amarellos, cheirosos, [...]. 1805 in DAP, V. 2: Quazi por todas as matas do Brazil ha huma certa especc de linhos agrestes das quaes se podem fazer cordas, e ainda uzar dellas p.a outras infinitas coizas tiradas dẽ varias, e certas folhas as quaes se achão de trez qualid.es a saber Caroá-inferior, Caroatá-mediano e Ticum Superior.

δ. vars. *coroatá, curuatá.*

1730 Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 42.28: [...] o coroatâ, que arroja as lombrigas, [...]. 1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 12: [...] pelo seo tronco cresce uma especie de *curuatá* do genero Bromelia, que serve de isca para tirar fogo: [...]. 1928 M. Andrade *Macunaíma* v. 59: Os manos entraram num cercado cheio de inajás ouricuris ubussús bacabas macujás miritís tucumãs trazendo no curuatá uma penachada de fumo em vez de palmas e cocos. Idem *Ib.* 60: Os tamanduás os boitatás as inajás de *curuatás* de fumo em vez eram caminhões bondes autobondes anuncios-luminosos relogios farois radios motocicletas telefones, gorgetas postes chaminés... Eram máquinas e tudo na cidade era só máquina!

ε. vars. *crabatá, crautá, crauatá, acroatá, craguatá.*

1781 in ADF, I. (1894) 556: [...] dividindose deste por huã Larangeira da terra q está junto do portão cortando direito a serra, e da outra com João Pinheiro de Souza, dividindose deste por hua carreira de crabatá cortando direito ao rumo da Serra de pedra [...]. 1817 Casal *Corografia Brazílica* I. 279: [...] as redeas sam dois cordeis de linho d'acroatá prezos na boca do cavallo como barbicacho. 1865 J. Alencar *Iracema* (3.a ed., 1878, ii. 18): [...] o urú de palha matisada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá, as agulhas da jussará com que tece a renda, [...]. [*Nota do Autor à pág. 203*] *Crautá* — Bromelia vulgar, do que se tiram fibras tanto ou mais finas do que as do linho. 1872 Idem *Til* II. xii. 134: — Coitadinha! exclamou ao ver que o animal estava com as patas ligadas por uma fita de crautá. 1874 Idem *Ubirajara* ii. 30/31: O arco era de ubiratan, grosso como o braço do mais robusto guerreiro; a corda trançada de crautá tinha o corpo do dedo que a brandia. 1875 Idem *O Sertanejo* II. vi. 92: Este, pungido pela dor, conseguiu galgar o atoleiro e fugiu; a furia do moço capitão voltou-se contra as plantas, e elle continuou à fustigar os cardos, os crauatás e os troncos da carnaúba. Idem *Ib.* xvi. 267: Emquanto Arnaldo desapparecia com a donzella na espessura, o velho esgueirou-se na direcção opposta esgarçando a tira de panno pelos crautás e unhas de gato. 1928 M. Andrade *Macunaíma* xvi. 230-231: Descia a cada cheiro de peixe cada moita de craguatá cada tudo, punha entusiasmo nele e o heroi botava a bôca no mundo feito maluco fazendo emboladas e traçados sem sentido.

ζ. vars. *garuata, gravatá.*

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* fl. 110: [...] garuatas, fruta branca e comprida que se come chupada com deixar muito guosto [...]. 1782 F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* I. vi. 112: Por differença de outros Vegetaes do mesmo nome hé chamado este, que vou descrever, Gravatá de Cama: elle nasce, e se cria em muitas, e diversas partes [...] Hé, pois, chamado de cama (julgo eu) porque o centro, que cercão das folhas hé plano; [...]. 1789 Idem *Ib.* II. 70: [...] metem-se [*as zabelès*] entre gravatás espinhosos, e outros intrincados arvoredos. 1869 Varela *Cantos Meridionais* in *Obras Completas* (ed. 1896, II. 176): A casa era pequena [...] | Aos lados gravatás, flôres na frente, |. 1872 Taunay *Inocência* (2.a ed., 1884, i. 12): [...] ora, emfim charnécas meio apaúladas, meio seccas, onde nasce o altivo bority e o gravatá entrança o seu tapume espinhoso. 1875 B. Guimarães *A Escrava Isaura* (ed. 1918, i. 6): Quasi não se via ahi muro, cerca, nem vallado; jardim, horta, pomar, pastagens, e plantios circumvisinhos erão divididos por viçosas e verdejantes sebes de bambús, piteiras, espinheiros e gravatás, que davão ao todo o aspecto do mais aprazivel e delicioso vergel. 1895 Taunay *O Encilhamento* II. xii. 82: Os que, chegando tarde, queriam navegar em aguas batidas, apregoavam com toda a fogosidade as immensas vantagens do plantio e dos proventos, logo e logo, da alfafa, do trigo, do linho, do chá, do canhamo, do gravatá e da aveia, [...]. 1898 A. Arinos *Pelo Sertão* 75: Trazia nos olhos um brilho extranho; seus olhares pareciam ferir como os espinhos dos gravatás, sobre os quaes ella extendia algumas vezes a roupa. 1902 E. Cunha *Os Sertões* 41: Os *caroás* verdoengos, de flores triumphaes e altas; os gravatás e ananazes bravos, trançados em touceiras impenetraveis, copiam-lhe a mesma forma, adrede feita áquellas paragens estereis. 1918 Monteiro Lobato *Urupês* 48: Esta é a sua filha unica. [...] Lembra os pés d'avenca viçados nos sombrios noruegas. Mas arredia e itê como a fruta do gravatá. 1929 G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* v. 79-80: Os automoveis voltaram do fim da estrada fechada pela pedreira, coberta de gravatás e cardos. 1936 J. L. Rego *Usina* II. xviii. 367: Elle alli dentro, com saccos de farinha, com mantas de carne, com feijão, com milho, tudo trancado e gente pedindo lá por fóra, gente pelas mattas, atraz de raiz de páu, fruto de gravatá, que cortava a lingua, como caco de vidro. Maria de Lourdes dizia que na vida

della nunca vira miseria maior. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 214: Dos dois lados, abrem-se os gravatás, como aranhas de espinhentas patorras; mas traçam arcos melodiosos e se enfeitam de flores céu-azul. **1956** IDEM *Grande Sertão: Veredas* 113: Mais tarde, me deu até um facão esterçado, que tinha mandado forjar para ele próprio, quase do tamanho de espada e em formato de fôlha de gravatá.

η. vars. *caroá, caruá.*

1805 in DAP, V. 2: Quazi por todas as matas do Brazil ha huma certa especc de linhos agrestes das quaes se podem fazer cordas, e ainda uzar dellas p.ª outras infinitas coizas tiradas de varias, e certas folhas as quaes se achão de trez qualid.ᵉˢ a saber Caroá-inferior, Caroatá-mediano e Ticum Superior. **1902** E. CUNHA *Os Sertões* 41: Os *caroás* verdoengos, de flores triumphaes e altas; os gravatás e ananazes bravos, trançados em toucciras impenetraveis, copiam-lhe a mesma forma, adrede feita áquellas paragens estereis. IDEM *Ib.* 117: Como que é o cavalleiro robusto que empresta vigor ao cavallo pequenino e fragil, sustendo-o nas redeas improvisadas de *caruá,* suspendendo-o nas esporas, arrojando-o na carreira — [...]. **1933** G. RAMOS *Caetés* vii. 42: Suando, escrevi dez tiras salpicadas de maracás, igaçabas, pennas de araras, cestos, redes de caroá, giraus, cabaças arcos e tacapes. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* ii. 22/23: Na sua mala grande vae uma rêde branca feita por mim para o dr. Loris. É obra superior á do Ceará e até á do Maranhão. Eu mesmo fiei o fio, armei o tear, trancei o panno, urdi as varandas. As proprias cordas de caruá são destas mãos. **1956** GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 59: Uns tocavam jumentos de almocreve, outros carregavam suas coisas — sacos de mantimentos, trouxas de roupa, rêde de caroá a tiracol.

θ. vars. *croá, acroá.*

1763 J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 220: [...] de sorte que em Pauxis, aonde chega a fome, se estão sustentando de farinhas de outras raizes do mato, e valendo-se de fructas de croá, que é a medulla do coquilho, e tambem da mombaca, fructa azeda e de feitio e côr de ginjas, que encontrámos em algumas praias, e finalmente de tocumá, fructa de cachos, encarnada e toda agreste. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* I. 221: As mulheres [Bugres] escondem do umbigo até junto aos joelhos com uma cinta larga de acroá tecido. Posto que tem alojamentos, e fazem rossas, onde cultivam batatas, mindubins, feijões, aboboras, [...]. **1874** J. ALENCAR *Ubirajara* iv. 63: Fructas de varias especies, pencas douradas de banana, cachos rôxos de assahy, os rubros croás, e os fragrantes abacaxis, enchiam o girão levantado no meio do terreiro. **1902** E. CUNHA *Os Sertões* 400: "Ao Chique-Chique, Palmatoria, Rabo de Raposa, Mandacarús, Croás, Cabeça de Frade, Culumby, Cançanção, Favella, Quixaba e a respeitabilicissima Macambira, reuniu-se muito fallado e temido *cunanan,* especie de cipó com aspecto arborescente [...].

ι. var. *curauá.*

1883 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 10-11: [...] o *curauá* (Tilandsia utriculata) também dá a mesma substancia fibrosa, e he mais alva e forte e muito estimada para cordas de rêdes e arcos dos Indios: [...]. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. viii. 122: Rêdes e tarrafas são geralmente por elles fabricadas, ou de fio importado, ou de fios indigenas, de algodão, curauá, tucum, ou castanheiro, [...]. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* i. 11: Jiguê não desconfiou de nada e começou trançando corda com fibra de curauá.

caraguatal *s.m.* Var.: 7 *caravatal, graguatal, guragatal,* 8 *caraguatal* [< caraguat(á + -al].

Plantação de caraguatás.

1728 N. M. PEREIRA *Peregrino da América* I. xv. 208: De huma me livraraõ duas cobras: porque subindo a huma arvore, onde estava hum grande caravatal; saltaraõ ellas de cima, e encontrando-se com os que me perseguiaõ, corréraõ atraz delles, e me deraõ tempo de me pôr em segurança. **1756** in ADF, I. (1894) 458: [...] athé chegar ao corrego, correndo pª, outra parte athe o matto virgem, dividindo-se com a chacara do preto Miguel, p.ᵗᵒˢ graguataes, q fazem circulo no mesmo morro, e vam parar no mesmo corrego, e para esta divisa no fucinho do oiteyro, q principéa no mesmo corrego, correndo paª parte do mesmo preto Miguel, ficando esta chacara com o mesmo foro e devidido embacho com a chacara do Sargento Mor João Borges, pᵗᵉˢ. guragataes, comessando da cerca do defuncto Placido Perª athe acabar em hua pedra, q fica porbacho das Sanzallas dos escravos do mesmo Sarg.ᵗᵒ Mor João Borges. **1825** JOSÉ BONIFÁCIO *Poesias Avulsas* 61: Os esquivos *Jacús* nos bastos galhos | Cheios de *Caraguataes,* das *Upiubas.* [*Nota de rodapé*: Pertencem ao genero Bromelia].

caraíba¹ *s.m.* Var.: 5, 7-8 *caraiba,* 6 *caraibba, carayba* [< T. kara'iua.

O VLB registra, em sete verbetes distintos, duas acepções básicas para o tupi kara'iua (ou *caraiba,* na transcrição do VLB), a saber: (1) 'benta cousa' (I. 54), 'consagrada cousa, ou benta' (I. 80), 'diuina cousa, ou sancta' (I. 104), 'sagrada cousa ou benta' (II. 111), 'sancta cousa' (II. 112); (2) 'cristão' (I. 86), 'homẽ branco, a diferença dos Jndios' (I. 153).

A ordenação cronológica aqui proposta para as duas acepções não é baseada no VLB, que consigna os sete verbetes na ordem alfabética das entradas das respectivas expressões portuguesas, de acordo com o critério adotado nesse vocabulário para o registro de todas as palavras e expressões.

A cronologia das acepções foi estabelecida com base na documentação histórica adiante transcrita. Com efeito, Anchieta (v. abon. 1584) informa que o termo indígena *caraíba* traduz-se por 'cousa sancta e sobrenatural', esclarecendo ainda que os índios o adotaram para designar os portugueses; Cardim (v. abon. *c*1584) assevera, por seu turno, que o termo era aplicado aos 'feiticeiros' indígenas, dando ao vocábulo, todavia, uma conotação pejorativa, pois entre os indígenas *caraíba* designava o 'guia espiritual', espécie de pajé que presidia os seus cultos religiosos; Frei Vicente do Salvador (v. abon. 1627) apresenta uma bem fundamentada explicação da origem dos novos significados assumidos pelo vocábulo *caraíba,* isto é, 'homem branco', 'cristão'.

Assinale-se, por fim, que o tupi kara'iua relaciona-se etimologicamente com o etnônimo *caribe,* designação que os europeus do séc. XVI davam aos indígenas de vários grupos étnicos das Antilhas, da América Central e do extremo norte da América do Sul. Nesses idiomas, dos grupos caribe e aruaque, o termo *caribe* (*cariba, caniba, galibi* etc.) traduzia-se por 'homem valente, corajoso', 'herói'.

Em português, o etnônimo *caribe* já ocorre em meados do séc. XVI (sem dúvida com mediação do espanhol), nesta passagem do *Tratado dos Descobrimentos* (publicado em 1563) de Antônio Galvão (? -1557): "Alonso de hijada começou hũa fortaleza em Caribana Solar dos Caraibas, & foy a primeira villa q̃ os castelhanos em terra firme fizerã" (pág. 165 da ed. de 1944)].

Santidade, feiticeiro indígena; o homem branco, o europeu.

[**1554** L. GRÃ *Carta* in S. Leite *Cartas* II. (1957) 133-134: Y esto hazen con dizer que haziéndose caraibas, que assí llaman a los christianos, an de morir luego:]. **1584** ANCHIETA *Informação do Brasil* fl. 52*v.*: Todas estas inuenções por hũ uocabulo geral chamão Caraiba, que quer dizer como cousa sancta e sobrenatural, e por esta causa puseraõ este nome aos portugueses logo quãdo uieraõ tendoos por cousa grande e como doutro mundo, por uirem de tam longe por cima das aguas. *c*1584 CARDIM *Origem dos Índios do Brasil* fls. 1-1*v.*: Entre elles se aleuãtaõ alguãs uezes algũs feiticᵉᵒˢ a q̃ chamaõ Caraiba, i. *[id est* = isto é] sancto, ou sanctidade, e he de ordinario algũ Indio de roim vida: este faz alg.ªˢ feitiçarias [...] dizendolhes q̃ naõ rocẽ, nẽ plantẽ seus legumes & mãtimentos, nem cauem, nẽ trabalhem &c. porq̃ cõ sua uinda he chegado o tempo ẽ q̃ as enxadas per si haõ de cauar, [...]. **1627** V. SALVADOR *Hist. Brasil* I. i. fl. 8*v.*: [...] porque só de verem homeñs vestidos, e calsados brancos, e com barba (do que tudo elles caressem) os tiveraõ por devinos, e mais, que homeñs, e assim chamando lhe Caraibbas, que quer dizer na sua lingoa couza divina se chegarão pacificamente aos nossos. Donde assi como os Indios da nova Hespanha, que viraõ dezembarcar nella os Hespanhoẽs lhes chamaraõ viracoches, que significa escumas do mar, parecendolhes, que o mar os lansara de si como escumas, e este nome lhes ficou sempre, assim somos ainda destoutros chamados Caraibbas, e respeitados mais, que homeñs. **1663** S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 16.109: Aquelles (a que chamaõ Payes, ou Caraybas) cõ falsas apparẽcias os enganão; [...]. **1757** D. L. COUTO *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 64: O Padre Simão de Vasconcellos na sua Chronica do Brazil traz hum caso sucedido a vista dos Portuguezes, por onde se manifesta, o muito que o diabo trazia por meyo dos seos feiticeyros, a q̃ chamão Caraibas, enredados estes miseraveis. **1848** G. DIAS *Segundos Cantos* (ed. 1865, I. 170): Chefe stulto d'um povo de bravos, | Mas que os piagas victorias te fadem, | Hão de os teos, miserandos escravos, | Taes triunfos um dia chorar! | Caraibas taes feitos applaudem, | Mas sorrindo vos forjão cadeias, | E pesadas algemas, e peias, | que traidores vos hão de lançar! **1874** J. ALENCAR *Ubirajara* i. 13: — O Caraiba guiou teu passo ao encontro de Pojucan, o matador de gente, guerreiro chefe da terrivel nação tocantim, que enche de terror as outras nações.

caraíba² *s.f.* Var.: 8 *carahiba,* 9 *carahyba, caraíba* [< T. kara'iua ~ Cp. CLARAÍBA].

Planta da família das borragináceas.

1817 CASAL *Corografia Brazílica* II. 163: Nota-se ainda a cannafistula, a carahiba, cuja flor amarella, e um pouco grande, he delicioso pasto dos veados. **1902** E. CUNHA *Os Sertões* 46: [...] as caraybas e baraúnas altas refrondescem á margem dos ribeirões refertos; [...].

1956 GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 304: Daí, passamos um rio vadoso — rio de beira baixinha, só buritís ali, os buritís calados. E a flôr de caraíba urucuiá — rôxo astrazado, um rôxo que sobe no céu.

caraipé *s.m.* [< T. karai'pe].
Planta da família das rosáceas.

1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 8: Abundam os cedros de altura extraordinaria; o louro he comum, e o *caraipé* he notavel não só pela rigidez de sua madeira, como tambem porque sem a sua cinza misturada no barro, nenhuma loiça da fabricada no paiz supporta o fogo. 1895 J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* II. ix. 149: [...], forneciam mais as tartarugas as pelles do pescoço, [...], as carapaças, de vasto uso como utensilio domestico e que calcinadas suppriam a falta da cinza do caraipé (*Licania floribunda*), [...].

carajuru *s.m.* Var.: 6 *cariurú, carajuru,* 6-9 *carajurú,* 7 *carujurú,* 8 *curagirú, crajurú* [< T. °karaju'ru].
Planta da família das bignoniáceas, cujas folhas submetidas à fermentação produzem matéria corante de tonalidade vermelha.

*c*1619 in ABN, XXVI. (1905) 345: [...] onde vão todos os annos ingreses e Olandeses ao resgate do tabaco, e de alguas tintas, como são Orocú e Cariurú, e de alguas madeiras, [...]. 1625 in ABN, XXVI. (1905) 393: [...] dos grandes proveitos que da terra tirão en tabaquo, urucu e carajuru que são tintas [...]. *a*1667 HERIARTE *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 188): Tem este rio [Amazonas] em si grande cantidade de ilhas grandes, e pequenas, em que se pode fazer grandes lavouras da canaviaes de assucar, tabaco, cacáo urucú, carajurú, que são tinta que os estrangeiros vem a buscar. 1763 J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 59: [...] como esta gente [os indios] tem em alto grão a crença e medo de feitiços attribuindo a isto quanto mal lhe succede, o que é rarissimo, apprehenderam que os dentes da jararáca, o bico do passaro a quem o canto dá o nome de quiquiós, e tambem a tinta do carujurú, são amuletos preservativos. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 268: Para as adquirir basta fazelos industriosos, cultivando os generos para que as terras são proprias: o cacáo, o café, o oleo de cupaiba, o urucú, o carajurú, o arroz. 1787 in *Annexes du Premier Mémoire du Brésil* I. (1908) 260: E com relação a tinturaria, as plantas da caapiranga para tinta roxa, do carajurú para tinta encarnada, [...]. 1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 307: *Curagirú* dá uma boa tinta encarnada: os cedros sam communs, corpolentos, e inuteis como as outras muitas, e excellentes madeiras, por falta de povoação. 1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 9: [...] e a *carajurú* especie de cipó, de cujas folhas fervidas se extrahe uma gomma, que serve para alguns medicamentos, e tintas encarnadas, misturando-se-lhe tambem a gomma do *urucú*, alem de varias especies de gramma das quaes fervidas se tira diversidade de tintas. 1865 J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, xxiii. 141-142): [...] Poty partiu para colher as sementes de crajurú que dão a bella tinta vermelha, [...]. 1874 IDEM *Ubirajara* iv. 63: As mulheres diligentes os serviam, enchendo de vinho de cajú e ananaz as largas combucas, tintas com a pasta do crajurú que dá o mais brilhante carmim. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* xi. 164: Inda passou um pouco de carajarú na cara pra ficar mais corado porquê estava desmerecido com a doença e então foi na praça da República muitissimo satisfeito. 1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 88/89: O mais é uma mistura de trepadeiras floridas: fôlhas largas, refilhos, sarmentos, gavinhas e, em glorioso e confuso trançado, as taças amarelas da herva-cabrita, os fones róseos do carajurú, [...].

caramuru[1] *s.m.* Var.: 5 *caramurú, caramuru,* 6 *caramoru* [< T. karamu'ru ~ VLB II. 18: *Lampréa* = Caramuru. *Ib.* II. 42: *Morèa do mar* = Caramurû. He de muitas maneiras, etc.]
Peixe de mar da família dos murenídeos; moréia.

*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 27: Caramurû. Estes peixes saõ como as amoreas de portugal, de cõprim^to^. de 10. e quinze palmos saõ muyto gordos, e assados sabem a leitaõ, estes tẽ estranha dẽtadura, e ha muitos homẽs aleijados de suas mordeduras, de lhe apodrecerẽ as maõs ou pernas onde foraõ mordidos. Tem por todo o corpo m^tos^ espinhos: [...]. 1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxxii. 203): Chamam os índios às morcias caramuru, das quais há muitas, mui grandes e mui pintadas como as de Espanha, as quais mordem muito, e tem muitas espinhas, e são muito gordas e saborosas; não as há senão junto das pedras, onde as tomam às mãos. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 165: Caramoru que ce parece com a moreia e ha alguma de coatro ou cimquo palmos tira da cor de parda e uerde e tem demtes muito aguodos e mordem muito e estam debaixo das pedras daomde os negros as tirão com hũ amzol metido num pau aomde os negros ficam as uezes bem mordidos e comece com a pelia e he muito bom peixe asado.

caramuru[2] *s.m.* [< caramuru[1]].
Antiga designação brasileira do europeu residente no Brasil; membro do Partido Restaurador, criado em 1831; adepto do Partido Conservador-monárquico do Rio Grande do Sul.

Caramuru, em alusão ao peixe do mesmo nome, foi o apelido dado pelos indígenas ao português Diogo Álvares, que escapou a nado de um naufrágio nas costas da Baía de Todos os Santos, em 1510. Daí, provavelmente, o termo passou a designar, no português do Brasil, o europeu em geral (v. abon. *a*1696). Posteriormente, com cunho algo pejorativo, *caramuru* foi aplicado aos adeptos do Partido Restaurador e do Conservador-monárquico.

A lenda segundo a qual Diogo Álvares fora apelidado Caramuru por haver maravilhado os indígenas com um tiro de espingarda parece ter sido divulgada por Santa Rita Durão, no poema épico *Caramuru*, publicado em 1781. Morais (v. abon. 1813), baseado nela, registra o voc. com o significado de 'homem de fogo'.

*a*1696 G. MATOS *Obras* (ed. 1969, IV. 840): Há cousa como ver um Paiaiá | Mui prezado de ser Caramuru, | Descendente de sangue de Tatu, | Cujo torpe idioma é cobé pá. |. 1813 MORAIS *Dic.* I. 344: CARAMURU, s.m. na Lingua Brasil. Homem de fogo: dão este nome aos Européos por causa das espingardas. 1870 J. ALENCAR *O Gaúcho* II. iii. viii. 79: Olha, si eu te perder, amanhã arremato para mim as primeiras balas dos caramurús, á troco das relhadas e laçaços que hei de arrumar-lhes. IDEM *Ib.* IV. 266: *Caramurús* nome do partido legalista em principio. 1874 IDEM *Ubirajara* ix. 155: Mais tarde, quando vieram os caramurús, guerreiros do mar, ella campeava ainda nas margens do grande rio. 1895 A. CAMINHA *Bom-Crioulo* iv. 74: E começou a descrever o pedaço do littoral que se ia desdobrando á luz, alcantilado e fulgurante, como essas terras lendarias de tamoyos e caramurús [...]. 1898 A. ARINOS *Pelo Sertão* 165: Dizia que aquelles demonios de caramurús não haviam de tomar conta da fazenda assim, com dous tiros e meio. 1911 A. MAIA *Tapera* 24: Eu mesmo nasci assim, quando os meus, *caramurús*, dos quatro costados, fugiram para o Uruguay, perseguidos dos *farrapos*.

caraná *s.f.* Var.: 5 *carana,* 8 *caraná* [< T. kara'na].
Planta da família das palmáceas; cp. CARANDÁ.

*c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1935-1938: Almecega Serue pª chagas dor de cabeça cõ o sũmo pª corrimẽtos e emprastos chamalhe Monardes carana, tira-se como oleo mas secase logo. 1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 12: [...] *caraná* cresce muito nos lugares humidos, os seos talos oblongos servem para bater o algodão que deve ser fiado: [...]. 1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 47): São os dilatados campos de canarana e de mury, de onde se eleva isolada uma ou outra palmeira caraná ou jauary, [...].

carandá *s.f.* Var.: 7 *carandá,* 8-9 *carandá* [< T. kara'na].
Planta da família das palmáceas; cp. CARANÁ.

*c*1743 in *Notícias de Mato Grosso* 26: Tem huma Igreja feita de abobeda por dentro coberta de Carandàs a imitação da telha, hê muito grande, e toda pintada. 1847 A. LEVERGER *Rio Paraguai* in RIH, XXV. (1862) 202: Desde defronte o porto de Valdovinos, o lado do chaco que abeirámos é campo limpo semeado cá e lá de carandás de pequenas estaturas; [...]. 1872 TAUNAY *Inocência* (2ª ed., 1884, vi, 72): A cabeça trazia um chapéo de palha de carandá sem cópa de maneira que a melena lhe apparecia toda arripiada e erguida em torcidas e emmaranhadas grenhas. 1874 IDEM *Histórias Brasileiras* 27: As tres casinhas, ou melhor choupanas, de que falava o moço assentavão n'uma elevação de terreno e dominavão todo aquelle restricto valle. Feitas de pouco e cobertas de palmas de carandá, erão rectangulares, de frente muito baixa e com uma fenda estreita no meio que lhes servia de porta. 1876 COUTO DE MAGALHÃES *O Selvagem* II. vi. 161: Do forte Olympo (Paraguay) até Albuquerque, a arvore que predomina estes desertos dos pantanaes é a palmeira *carandá* que assemelha-se ao burity que é conhecido de todos nós; [...]. 1878 TAUNAY *Narrativas Militares* 45: As casinhas encravadas na floresta e junto a copioso corrego eram de palha de carandá, feitas às pressas e como que a medo, [...]. 1902 E. CUNHA *Os Sertões* 75: Descolmam-se as casas; dobram-se, rangendo, e partem-se, estalando, os carandás seculares; ilham-se os morros; alagoam-se os plainos [...].

carandazal *s.m.* [< carand(á + -z- + -al].
Plantação de carandás.

1847 A. LEVERGER *Rio Paraguai* in RIH, XXV. (1862) 284: Quanto à margem direita, pouco ha que se notar n'ella: posto que em partes se eleve acima das enchentes, e em outras seja muito rasa, essa differença do livel não é tão grande, que perturbe sensivelmente a apparencia horisontal do terreno, o qual continúa a apresentar á vista campanhas, carandazáes e pantanos.

caranha *s.f.* Var.: 5-6, 8 *caranha,* 6 *guaraanha* [< T. akara'ãja < aka'ra 'acará' + 'ãja 'dente' ~ VLB I. 94: *Dentes* = Tânha. *Ib.* II. 70: *Peixe cão* = Acaraãya].
Peixe da família dos lutianídeos.

*c*1590 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.M) 486-490: Peixe na agoa doce tambẽ ha m^tos peixes grandes e huñs ha no rio de saõ fr^co q̃ se chamaõ caranhas estes cortaõ logo os èzoes e poucos tomaõ se passaõ alguns indios a nado por onde os ha cortaõ huã perna taõ facilm^te q̃ acerca se naõ sente a pessoa estes dentes tem elles como facas saõ grandes. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 166: guaraanha tera dous palmos de comprido coberto descama de cor de prata e he bom Comer. 1658 in ACS, III. (1949) 242: [...] E se uendera dito peixe pelos ditos obrigados na forma seguinte a cauala a corenta Reis Libra b[eiu]pira pelo mesmo preço e pescada pelos ditos dous uinteins, uermelho, caranha mero, garopa a uinte e sinco Reis, pampano, pl̃er tri]nta Reis, [...]. 1883 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 34: [...] *caranhas* peixe de escama, e pouco differente do *tambaquê*.

carão *s.m.* Var.: 6 *caram*, *carão*, 7 *caráo* [< ? T.].

Ave da ordem dos gruiformes, família dos aramídeos.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 117: [...] outra sorte [de Ave] a que chamaõ — Caram — a modo de Masariquos [...]. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 186*v.*: Carão he hũo pasoro tamanho como hũ capam he pardo musturado de preto he pasoro que sempre amda nos perizes e alagoas e come de hũs buzios que ha no peri[ze] e he muito bom comer fazem dous filhos os ouos cão bramquos e fazem em riba das arueres [...]. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 261: [Ave aquatica. Preta] Caráo.

carapanã *s.m.* Var.: 7 *garapanazes* (pl.), 8 *carapaná*, *carapanans* (pl.), 9 *carapanã* [< T. *karapa'na].

Espécie de mosquito da família dos culicídeos; na Amazônia, denominação genérica dos mosquitos.

1763 J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, XI. (1869) 70: Chegámos pelas 10 horas a boca do rio que sahe ao das Amazonas, onde dormimos atormentados da praga que tem copiosa de mosquitos, de garapanazes, meruins, pium, e motucas, que são umas moscas verde-negras, [...]. 1817 CASAL *Corografia Brazilica* II. 342: He terra [Alemquer] infestada do mosquito *carapaná*; [...]. 1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 28: [...] o *carapaná* he um mosquito não menos damnoso, á cujo incommodo sómente impede a sêda bem tapada. 1888 INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, II. viii. 8): Os mosquitos, os carapanans, os piuns, as morissocas, os pernilongos atiravam-se com uma gana desenfreada á iguaria rara e delicada d'aquella epiderme branca [...]. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* x. 138: Uma feita era dia da Flor, festa inventada pros brasileiros serem caridosos e tinha quantos mosquitos carapanãs que Macunaíma largou do estudo e foi na cidade refrescar as ideas. 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* vii. 86: — Vive pegando carapanã á boquinha da noite. Disque é elle que dá febre na gente, mas então só a femea, uma tal de anophelina: É certo, será? 1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 115: É de-tardinha, quando as motucas convidam as muriçocas de volta para casa, e quando o carapanã rajado mais o mossorongo cinzento se recolhem, que êle aparece, o pernilongo pampa, de pés de prata e de asas de xadrez.

carapanaúba *s.f.* [< T. *karapana'ĩua < *karapa'na + + 'ĩua 'planta'].

Planta da família das apocináceas.

1930 G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 128: [...] a casca da *carapanaúba*, também muito amargosa, é que nem quinino, para as febres.

carapiaçaba *s.m.* Var.: 5 *carapeaçaba*, *carapiaçaba* [< T. akarapea'saua ~ VLB II. 113: *Sargo do Rio* = Acarapeaçaba].

Espécie de sargo: v. abon.

*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 27: Ay outro [peixe] q̃ se chama Carapeaçaba de cor gateado, pardo, preto, e amarello he bõ peixe e dase aos doentes, os figados, e tripas tem tam forte peçonha q̃ a todo animal mata, e por esta causa os naturais em o tirando lhe deitaõ as tripas, e figado no mar. 1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXXXVII. 216): Carapiaçaba são uns peixinhos que se tomam à cana, os quais são redondos como choupinhas, e pintados de pardo e amarelo, e são sempre gordos e muito bons para doentes. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 2194-2197: Carapeaçaba tẽ muita peçonha he m^to fermoso preto e amarello e pardo he o peixe bõ mas se se derramar o fel por elle se o comerẽ naõ escapara, [...].

carapicu *s.m.* Var.: 6 *carapicu*, 8 *carapicú*, 9 *carapicum* [< T. *akarapu'ku < aka'ra 'acará' + pu'ku 'comprido'].

Peixe de mar da família dos encinostomídeos.

1681 A. O. CADORNEGA *Hist. Guerras Angolanas* (ed. 1942, III. 43): [...] mas como as canoas são leves e mediocres, as arrastão os pescadores quando vão e tornão ou as levão aos hombros, aonde se pesca regalado peixe como são meros, garoupas, lingoados, [...] carapicus, que são como bezugos, [...]. 1890 A. AZEVEDO *O Cortiço* xiii. 218: No fim de pouco tempo os dois partidos estavam já perfeitamente determinados; os habitantes do Cabeça de Gato tomaram por alcunha o titulo do seu cortiço, e os de São Romão, tirando o nome do peixe que a Bertoleza mais vendia á porta da taverna, foram baptisados por "Carapicús". 1895 TAUNAY *O Encilhamento* II. xxviii. 167: A rêde tinha que apanhar, não já grandes e alentados peixes, mas tambem modestos carapicús e miudos mamareis. 1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 243: Só o tortulho amarelo do chão das queimadas, "champignon" gostoso, o simpático carapicum.

carapina *s.m.* [< T. kara'pina ~ VLB I. 67: *Carpinteiro* = = Ybigrapãdara, tambem dizem carapina].

Carpinteiro.

1623 *Livro de Contas* in DHA, II. (1956) 19: A fran.^co affonso carapina do Eng^o por tornear hũa moenda e fazer hum eixo nouo assentar a moenda e outras obras en q̃ gastou 32 dias a 400 rs. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 189 *v.*: O pecu he hũ pasoro mahor que hũa melroa [...] uai atrepamdo pelos pauos e uai piquamdo nelas que não parese senão carapina que cortam madeira [...]. 1658 in RIC, XXXIV. (1920) 318: Que se faça Titulo separado de cada Aldeya de Indios Officiaes de Carapina de Serra, e dos bem peritos no abrir Cannoas; [...]. 1681 in ACS, V. (1950) 313: [...] Seja obrigado apagarlhe logo quem quizer fazer todo aquelle que o uzar no S[e]u engenho e esttiuer dous emais page omesmo pelo de sinquoenta mil reis por Cada hu eque nenhum possa leuanttar nem Carapina fazer sem Licença delle panttaleão de fonttes sob pena eeliminação que he esttillo enttam enuenttiuas e desse preuilegios e graça selhepace Prouizão a Real Magestade [...]. *a*1696 G. MATOS *Obras* (ed. 1969, II. 263): Mecânica disciplina ! vem a impor por derradeiro ! o confessor marceneiro ! ao pecador carapina: ! . *c*1698 J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 488: — Estava o Padre Antonio da Silva levantando uma bella e grande egreja em Naricurú, trabalhando nella um carapina branco para se fazer como convinha, e porque pela largura que tinha não ficava com proporcionada compridão, mandeilhe que acrescentasse aquella parte que tinha sido destinado para copiar; [...]. 1711 A. J. ANTONIL *Cultura e Opulência do Brazil* I. i. i. 2: Servem ao Senhor do Engenho em varios officios, alèm dos Escravos de enxada, & fouce, que tem nas Fazendas, & na Moenda; & fóra os Mulatos, & Mulatas, Negros, & Negras de casa, ou occupados em outras partes; Barqueiros, Canoeiros, Calafates, Carapinas, Carreiros, Oleiros, Vaqueiros, Pastores, & Pescadores. 1720 in RAPM, XXV. (1937) 131: Acordarão assignar mandados p.^a os vendeyros, e carapinas pagarem as danças que se deytarão p.^a aprocição do Corpo de Deos. 1782 ALVARENGA PEIXOTO *Carta* (ed. M. Rodrigues Lapa, 1960, 62): De Villa Rica lhe escrevi incumbindolhe a arremataçam de tres negros carapinas, que forão do defunto Serra, e estavão na prassa do Sabará, sem lhe limitar preço, cazo estejão rematados, V.M.^ce os remeta a esta caza, e cazo ainda se não rematassem torno a recomendar a V.M.^ce a mesma diligencia com todo o empenho, sem limitação, athé o ponto de os levar quem os queira tirar do meu lançe por preço que se arrependa. 1873 J. ALENCAR *Guerra dos Mascates* I. i. 4: Tinha cerca de quatro annos o edificio. Acabada n'elle a obra de pedreiro e carapina, quando se teve de passar ao artigo pintura, [...]. 1918 MONTEIRO LOBATO *Urupês* 67: Se a mulher emmudecia, emmudecia com ella a razão, porque o Teixeirinha Maneta era um carapina ruim inteirado, que vivia de biscates e remendos. 1919 IDEM *Cidades Mortas* 137: Sahiu coisa tosca e mal ajambrada, de fazer rir a qualquer carapina, e pequena demais — [...]. 1937 J. L. REGO *Pureza* xi. 93: A terra estava seca, e viam-se as raspas de madeira que os carapinas tinham deixado.

carapinima *s.f.* [< T. *akarapi'nima < aka'ra + pi'nima 'pintado, malhado' ~ VLB II. 80: *Manchas assi diuersas* = Paraparaba. Pinima vel Pinipinima].

V. abon.

1663 S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 80. 158: [...] a terra toda póde chamarse hum só bosque. Pello que, deixando por mão a frescura, & preciosidade dos cedros, angelins, quase ebanos, carápinimas, mocetaybas, claraybas, jacuybas, maçarãdúbas, cibipyras, vinhãticos, putúmuyús, tapapinhoãs, peróbas, cupucâyas, jacarandâs, paos Reys vermelhos, amarelos, palmeiras, coqueiros: deixada outrosi a delicia das aruores, os balsamos, copaigbas, ibicuybas, icicatybas, jataybas, salsafrazes, canafistolas, tamarinhos, quasei crauos, canelas, &c. deixando todas estas especies, descreuerei algũas sómente das q̃ saõ fructiferas, pera gosto dos que saõ curiosos.

|| **caraquopitam**: v. abon

*c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 188*v.*: Caraquopitam da cor de hũa perdis e do tamanho e tẽ o biquo e os peis pardo tiiramdo de uerde e he hũ pasoro muito bom quomer tam bom como a perdis e milhor fazem quoatro e simquo filhos e fazem no cham os filhos os ouos cam rozados e tem o biquo e é lomguo uerde.

carará *s.m.* [< T. kara'ra].

Ave pelicaniforme, também conhecida por anhinga e biguatinga.

*c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 261: [Ave aquatica] [Preta] Carará. 1888 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 29: [...] *Cararás*, especie de mergulhoens; [...]. 1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 215): Potros rufiões, [...], espantando os cararás que mariscavam nalguma poça d'agua por ali perdida e fazendo-os levantar vôo em bando com uma grasnada enfadonha de palmipedes. 1930 G. Cruls *A Amazónia que eu vi* 118: Trisnam andorinhas, paira no ar, em vôo sereno, um carará, e, numa arvore proxima, guincha agudamente um tucano de papo branco. 1938 R. Morais *Os Igaraúnas* xvii. 195: Nesse interim, baixou outra revoada de surucuás, arirambas pica-paus, [...] cararás, mergulhões.

caratai *s.m.* [< T. °akarata'i].

Peixe de rio da família dos doradídeos.

1928 M. Andrade *Macunaíma* x. 143: E então pegou na frexa de pracuúba com ponta de taboca e foi pescar caratais.

caraubeira *s.f.* [< caraúb(a [< T. kara'ỹua: cp. caraíba[2]] + + -eira].

Planta da família das bignoniáceas.

1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 212): Nesta epoca a caraubeira perde as folhas e cobre-se literalmente de folhas amarellas, avivando o tom neutro dos campos pelos quases se multiplica fartamente. 1930 G. Cruls *A Amazónia que eu vi* 247: De solo bem relvoso e com arvoretas quasi equidistantes, todas de igual porte, entre as quaes muitas caraubeiras floridas, [...].

caraúna, caraúno *adj.* [< ? cara + -una (< T. 'una 'preto')]

Diz-se de boi de pêlo muito preto.

1875 J. Alencar *O Sertanejo* I. xx. 257: Vinde cá meu Boi Espacio, | Meu boi preto caraúna; | Por seres das pontas liso, | Sempre vos deitei a unha. 1911 A. Maia *Tapera* 145: — Amanhã, — disse ao Anastacio, — derrube e carneie a terneira caraúna da ponta dos banhados, que venho almoçar no posto. 1946 Guimarães Rosa *Sagarana* 41: Era um caraúno cara-larga, espácio, com sete anos de idade, com cinco anêis no pé do chifre [...].

caraxué *s.m.* Var.: 8 *caraxoé*, 8-9 *carachué* [< T. °karašu'e].

Pássaro da família dos turdídeos.

1883 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 31: [...] caraxoé, de côr cinzenta, e famoso canto; [...]. 1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 54): [...] o feio carachué do canto divino gargantea além as melodias mais imprevistas que nunca sonharam maestros; [...] 1895 Idem *A Pesca na Amazónia* I. ii. 22/23: [...]; mil outras avesinhas, de varias cores, de varios tamanhos, de varios cantares, o melodioso carachué plangente; [...]. 1930 G. Cruls *A Amazónia que eu vi* 85: Debalde procuro saber que passaro será esse que já me habituei a ouvir cantar tres vezes por dia, sempre ás mesmas horas: logo ao primeiro alvor da manhã, depois, ao empino do sol e, finalmente, ao escurecer. Será algum carachué? O seu canto é muito rapido, mas encantador: um gorgeio unico e chocalhante como, se a um só tempo, se agitassem muitos guizos. 1938 R. Morais *Os Igaraúnas* vii. 98: — Se repetir, parto-lhe a cara, seu badameco. Não admito insolencia de carachué debaixo do meu tecto. Puxa, fóra, toque pr'a traz.

carazal *s.m.* [< cará + -z- + -al].

Plantação de carás.

1678 in ABN, LVII. (1935) 372: [...] e chegamos a hũ porto onde o dº capitam antonio de Muros tem feito hum sitio de faz.ª principiado com muitas bananeiras limeiras feijoins fumo carazais e outras mais plantas [...].

caribé *s. m.* [< T. °kari'ɯ e].

Mingau de farinha muito fina.

1938 R. Morais *Os Igaraúnas* ix. 109: Faça agora uma canjinha muito rala, mas de gallinha nanica inda na primeira ninhada, e altere com o caribé de farinha branca, nem quente nem frio, de hora em hora.

carimã *s.f.* Var.: 5-6 *carimá*, 5-9 *carimã*, 5-6 *carima*, 6 *carimà*, 6, 8 *cariman*, 7 *carimar*, 8 *carimam* [< T. kari'mã].

Farinha de mandioca, seca e fina.

[1554 L. Grã *Carta* in S. Leite *Cartas* II. (1957) 131: Pan de triguo no lo tienen sino de Portugual, aunque en San Vicente se semea y coje mui hermoso, pero ni alli ni en las otras Capitanias se trabaja por lo semear, porque este mantinimiento de la tierra de raizes de árboles, a que lhaman mandioca, aipin, carimã, es harto bueno.]. 1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, I. xli. 324): Muito é para notar que de uma mesma cousa saia peçonha e contrapeçonha, como da mandioca, cuja água é cruelíssima peçonha, e a mesma raiz sêca é contrapeçonha, a qual se chama carimá que se faz desta maneira. Idem *Ib.* II. clv. 271: [...] às quais febres [terçãs e quartã] não fazem nenhuma cura senão comendo uns mingaus, que são uns caldos de farinha de carimã, como já fica dito, que são muito leves e sadios; [...]. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 736-744: Da carima q̃ he a rais [da mandioca] seca se fazẽ amẽdoados cousas doçes e o mais e se faz paõ cõ aRoz mesturado e esta seca botaõ e mesturaõ cõ a outra qᵈᵒ querẽ q̃ se cõserue pª longe como qᵈᵒ a trazẽ pª portugal os marinheiros ou qᵈᵒ vaõ a guerra e p̃ isso lhe chamaõ farinha de guerra esta he mᵗᵒ mais roin q̃ a fresca mas façe p̃ neçessidade serue a Carima pera lombrigas dor de colica e maleitas. *c*1596 S. Travaços *Declaração do Brasil* xxxvi. fl. 28*v.*: [...] mingaos, que saõ caldos de farinha de carima, mᵗᵒ soltos, que saõ leues, e sadios [*no manuscrito fôra escrito* saidos, *mas na margem direita o copista registrou a forma* sadios]. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fls. 91*v.*-92: [...] pois ainda se fazem transformaçõis dẽlla a coal he que despois da mandioca estar podre na Aguoa pello modo que tenho mostrado, por que aque está desta maneira se chama mandioqua puba, lhe tiraõ a casca e a poem no fumeiro donde despois de estar curada e seca se chama carima e se faz dẽlla hũa eixcelente farinha de que se fazem hũas papas em caldo de guallinha e de peixe, e tambem com asucar as coais sao de marauilhozo guosto e de muito notrimento e tambem as aplicaõ pera mantimento de enfermos com muita vtilidade dos tais e a este semelhante manjar daõ por nome mingao. 1624 S. E. Silveira *Relação do Maranhão* fl. 8*v.*: Porẽ o segũdo lugar depois do trigo pertence à Mandioca, que he farinha de hũas rayzes muito ferteys, muito sàdias, & muito substanciaes, das quaes se fazẽ muitas sortes de farinha, hũa muito fina, & tão branca, & mais, que a do trigo de Alẽtejo, a que chamão carimá, de que se fazẽ bollos, que chamão beijús, & biscouto, que chamão caçave, & filhòs, & bolinhollos, & sobre tudo, hũ caldo, como de almidão, mas muito melhor, q̃ chamão mingào, & emgomão cõ elle, como cõ a goma muito fina de trigo. 1627 V. Sálvador *Hist. Brasil* I. viii. fl. 15*v.*: Outra farinha se faz fresca, que naõ he tam cozida, e pera esta (se aquerem regalada) deitaõ primeiro as rayzes de molho, athe que amoleçaõ, se façam brandas, e então as expremem &c. e se estas raizes, assi molles as poem a secar ao sol chamasse carimã, e as guardaõ ao fumo em canissos muito tempo, as quais pizadas se fazem em pó tam alvo, como o da farinha de trigo, e delle amassado fazem paõ, que se he de leite, ou mixturado com farinha de milho, e de arrós, he muito bom, mas extreme he algum tanto corriento; [...]. Idem *Ib.* I. xvii. fl. 29*v.*: [...] grandes alguidares de migas, e papas de farinha de carimá, pera suprir na falta da carne, e poder chegar a todos; [...]. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 176: A mandioqua ha de quoatro Castas a saber mandioqua ata e mandioqua ati maquaxeira e iuriquo ha destas outras que haqui diguo tres Cam bom as bom as *[sic]* pera fazer farinha e Carima [...]. 1644 *Livro de Contas* in DHA, II. (1956) 313: [...] de carima 100rs. 1656 J. Soto-maior *Jornada ao Pacajá* in DAP, VIII. (1945) 5: [...] acabada a missa hia correr o arraval: e depois delle a Aldea, em que avia tantos ou mais doentes, vendo o que avião mister, mandando a todos carimã, e asuccar; a outros algũa caça, ou pescado leve conforme a fraquesa, e qualidade da doença: [...]. 1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 73. 152: Secaõ tambem estas raizes ao fogo, & guardãonas por de maior estima pera varios vsos: chamaõ lhe carimà. Destas pisadas fazem hũa farinha aluissima, & della os mais estimados mingaos; q̃ he a modo de papas sutis, & medicinaes, frescas, contra peçonha. *a*1696 G. Matos *Obras* (ed. 1969, IV. 840): A linha feminina é carimá | Moqueca, pititinga caruru | Mingau de puba, e vinho de caju | Pisado num pilão de Piraguá. |. *c*1698 J. F. Betendorf *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 110: [...] ás mulheres occupava em fazer roças e cozer farinhas, carimans e Tapiocas para mantimento da viagem; [...]. 1721 F. F. Henriques *Âncora medicinal* (ed. 1731, 56): [...] o pó de umas raizes sativas, e cultivadas, a quem chamaõ Mandiocas, de que fazem varias especies, e dellas seus bolos a que chamaõ Bejùs; os que vem a Portugal, e a farinha de Carimar, que he da mesma Mandioca, e serve de utilidades nas tosses humidas, e nas fluxoens de estilicidio, como conhece toda a gente do povo. 1730 Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 34. 24: e postas ao Sol, a carimã, ambas substancialmente, e com virtudes para remedio de muitas enfermidades. *c*1767 J. Daniel *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, II. (1840) 344: — Outros usão de outra bebida, que chamão tacatá, que é uma pouca d'água engrossada ao fogo com a farinha carimã, e com seus raios de tucupi, e picante da malagueta: [...] Idem *Ib.* 489 [...] qual a sua farinha, qual a Tapióca, qual o carimã, beijús, e fructas da terra; [...]. 1865 J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, xxxi. 183): Ella dissolveu a alva cariman e preparou ao fogo o mingáo para nutrir o filho. *[Nota do Autor, à pág. 231] Carimam* — uma conhecida preparação de mandioca. *caric* —correr; *mani-* mandioca escorrida. 1875 Idem *O Sertanejo* I. x. 123: Depois do queijo fresco, que ainda estava no chincho, vieram os balaios de biscouto, as rosquinhas de cariman, flores de alfinim, em summa toda a provisão de golozinas que a sertaneja havia feito á espera de sua filha de criação. 1876 Couto de Magalhães *O Selvagem* II. ii. 31: Conheciam [os tupis] processos de fermentação [...] entre outros citarei os bolos de "carimã", com os quais quasi todos nós fomos alimentados durante o periodo de nossa infancia. 1928 M. Andrade *Macunaíma* ii. 27-28: Quando o heroi voltou da sapituca foi chamar os manos e os tres chorando muito passaram a noite de guarda bebendo olonití e comendo carimã com peixe.

carioca *adj.* e *s.m.* e *f.* [< T. ? ~ É bastante controvertida a etimologia de *carioca*. Dos numerosos étimos tupis propostos, o que talvez melhor satisfaça às exigências morfológico-semânticas é *kari'oka 'casa do branco' (< kara'iua 'homem branco' + 'oka 'casa'). A documentação histórica é, todavia, insuficiente para o estabelecimento dos elos da cadeia evolutiva do tupi para o português. Cp. CABOCLO, CARAÍBA[1], CURIBOCA].

Relativo à cidade do Rio de Janeiro; indivíduo natural do Rio de Janeiro.

[**1560** L. GRÃ *Declaração* in S. Leite *Cartas* III. (1958) 195: (...) porque eu amoestey ho povo na Villa de São Vicente que se gardasem dos Franceses que amtam herão chegados do Ryo de Janeiro, honde vivião lluteranamente, como elles mesmos o pregavão, e se via pellos llyvros que trazião, e que os que vyerão da Carioca erão todos huns; ho que eu emtemdia por Monseor do Bollés e seus companheyros, como cllaramente se emtemdia, ainda que ho eu nom nomeasse; (...)]. **1736** in RAPM, XVI. (1911) 390: Jose da Fonseca mosso de vinte sinco annos alto de corpo com dous dentes dissima podres e cobrados filho de hua Carioca q' no Pitangúui matou seu Marido; [...]. **1846** MARTINS PENA *O Diletante* (ed. 1956, I. 225): — Vem cá, carioca, quero te dizer com que me pareço... **1871** J. ALENCAR *O Tronco de Ipê* I. ii. 19: Esta profunda observação á respeito da educação dos meninos fluminenses partiu como já se presume da Felicia, criola carioca, das mais pernosticas e sacudidas como dizia o Martinho, pagem do barão. **1873** IDEM *O Garatuja* i. 14: Já não é a carioca faceira e petulante, de saia de crivo e olhos bregeiros, estalando castanholas ao som do fadinho. IDEM *Ib.* xii. 109: A verdade é que o novo prelado da igreja fluminense no seu fervor de curar o rebanho e grangear o amor de suas ovelhas, se houve por modo, que annos depois os cariocas já bastante edificados por suas virtudes, assestaram-lhe contra a casa uma peça de artilharia, devidamente escorvada, com a mecha accesa, e calculada para dar tempo aos autores da graça de se porem ao fresco. **1875** IDEM *O Jesuíta* 208: Desde muito reconheci que o meu publico é mais brasileiro, e até mais estrangeiro do que carioca. **1878** TAUNAY *Narrativas Militares* 147: Um contra seis! Valentes peitos aquelles cariocas e fluminenses! **1894** IDEM *O Encilhamento* I. xxxi. 231: Sorrio-se Menezes, acolhido logo pelo tal ricasso por modo tão expressivo, que dava razão ao aviso e ás prevenções da formosa e ciumenta carioca. **1929** G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* v. 68: As musicas, os jazzs, as prostitutas, os exoticos, os negros, os capadocios, os marinheiros caboclos infantis, os soldados pardavascos, os operários multicores e maltrapilhos, compunham aquella feira carioca. **1931** RIBEIRO COUTO *Cabocla* vii. 81: Contentissimos com encontrarem um carioca, perguntaram-me logo si eu tinha assistido ao "Chá de pagode", que estava sendo levado no Theatro Recreio.

cariperana *s.f.* [< T. *karaipe'rana < *karai'pe (v. CARAIPÉ) + 'rana 'semelhante'].

Nome comum a diversas plantas da família das rosáceas.

1930 G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 166: A uma das margens, tambem pudemos observar algumas cariperanas, arvores de tronco esbranquiçado, [...], e de cuja casca, no seu dizer, se consegue certa cinza especial, que de mistura com barro, é muito usada no fabrico da louça.

caripirá *s.m.* Var.: 5 *caripirâ*, 5, 8 *carapirá*, 5 *caripira*, 7 *caripirá*, 9 *carapiá* [< T. karipi'ra ~ VLB II. 95: *Rabiforcado* = Caripirâ].

Ave da família dos fregatídeos.

*c***1584** CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 29*v.*: Caripirâ. Por outro nome se chama Rabiforcado. estes passaros saõ muitos, chama-se Rabiforcado por ter o rabo partido p'lo meyo. das penas fazẽ m^to^ caso os Jndios pera empenaduras das frechas [...] as enxundias saõ boas p^a^ currimentos costumaõ estes passaros trazes nouas dos nauios á terra e saõ taõ certos nisto q̃ raram^te^ falhaõ, porq̃ como se ueẽ, de ordinario day a dous ou tres dias chegaõ os nauios. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXIV. 98): Carapirá é uma ave, a que os mareantes chamam rabiforcado, os quais se vão cinqüenta e sessenta léguas ao mar, donde se recolhem para a Bahia, diante de algum navio do reino, ou do vento Sul que lhe vem nas costas ventando, donde tornam logo fazer volta ao mar; mas criam em terra ao longo dêle. *c***1594** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 2256-2260: Passaros dagoa Rabiforcado, caripira andã m^tos^ dias e noites sẽ pousar. *c***1777** F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 261: [Ave aquatica. Preta] Caripirá: [...] **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 30: [...] são mui frequentes nas praias da costa, bem como as *carapirás*. **1929** G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* xvii. 359-360: As aves tubulares ou angulosas, gaivotas em bandos e carapiás aos pares, desfilam desdenhosas sobre os jogos humanos.

carnaúba *s.f.* Var.: 7-8 *carnauba*, 8 *carnahúba*, 8-9 *carnaúba*, 9 *carnahuba* [< T. karana'iua < kara'na (v. CARANÁ) + 'iua 'planta'].

Palmeira da subfamília das corifóideas, de cujas folhas se extrai uma cera muito utilizada na fabricação de velas, pasta para soalhos, vernizes etc.; carnaubeira.

1752 in RIC, XXXV. (1921) 232: Daquy voltey para o riacho das Tabocas que nasce perto do Riacho da varge das Carnaubas, [...]. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* II. 262: [Fytologia] a palmeira *carnahúba*. **1868** M. A. PORTO ALEGRE *Brasilianas* 26: [...] Suas gramineas cestas entornando | Juncam o solo de modestos fructos: | E em luzentes cylindros apresentam | A vital carnaúba, cujo tronco | Ao homem presta no labor da vida | Tecto, lume, colxão, armas e cibo, [...]. **1865** J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, i. 13): Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba: [...]. **1875** IDEM *O Sertanejo* I. ii. 20: Ouvia-se ao longe um leve crepitar, semelhante ao rugir do vento nas palmas crenuladas da carnauba. IDEM *Ib.* II. i. 14: — A carnaúba é um presente do céo: é ella que na secca dá sombra ao gado, e conserva a frescura da terra. **1878** TAUNAY *Narrativas Militares* 124: [...], onde nunca hei de pôr os pés, nem pela teteia da carnaúba e medalhas de campanha que poucas vezes *chimpo* no peito, pois não sou tafulo, nem cheio de mim; [...]. **1894** IDEM *O Encilhamento* I. xxi. 151: [...], no mais breve tempo, poder eu, ou outro qualquer, montar um estabelecimento modelo de velas de todas as qualidades, desde a mais fina estearina, cêra, etc., até a carnaúba... **1902** E. CUNHA *Os Sertões* 559: [...] cobertos, officiaes e soldados, de grandes chapéos de palha de carnahuba, desabados, dando-lhes apparencia de numeroso bando de matteiros. **1903** D. OLÍMPIO *Luzia Homem* v. 31: Nisto ouviu um forte silvo de fadiga. Era Alexandre que chegava, trazendo provisões em um urú, funda bolsa de malha tecida com palhas de carnaúba. IDEM *Ib.* xviii. 153: Nessa casa fronteira, allumiada pela froixa luz de uma vela de carnaúba, chorava, em magoados vagidos, uma creança enferma, [...]. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* vi. 79: Caterina era uma boneca de cera de carnaúba posta ali pelo gigante. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* vii. 80: — A *cêra*, aqui, é no trabalho, respondeu sorrindo Anastacio. Que pena a gente não ter nesta região uma palmeira p'ra correr com a carnahuba. **1956** GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 80: Quando estiou a chuva, procuramos o que acender. Só se trouxe uma vela de carnaúba, o tôco, e um brandão de tocha.

carnaubal *s.m.* Var.: 9 *carnahubal, carnaubal, carnaúbal* [< carnaúb(a + -al)].

Plantação de carnaúbas.

1902 E. CUNHA *Os Sertões* 47: Se não existisse o umbuseiro aquelle tracto de sertão, tão esteril que nelle escasseiam os carnahubaes tão providencialmente espalhados nos que o convisinham até ao Ceará, estaria despovoado. **1919** H. CAMPOS *Poeira* 213: O verde carnahubal bate os leques á briza... | Tudo vibra em redor pelo campo empastado: | Ao sereno rumor d'um riacho que desliza | Ha balidos de ovelha e mugidos de gado... **1956** GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 306: Ao que Joca Ramiro pousou que se desfez, enterrado lá no meio dos carnaúbais, em chão arenoso salgado.

carnaubeira *s. f.* Var.: 8-9 *carnaubeira*, 9 *carnaúbeira, carnahubeira* [< carnaúb(a + -eira].

Palmeira da subfamília das corifóideas; carnaúba.

1877 N. J. R. SOUSA *Diário* (ed. 1946, 34): [...] sobre as arvores de uma outra serra pouco distante de tal maneira, que a representava como coberta de campos com carnaubeiras. **1903** D. OLÍMPIO *Luzia Homem* ix. 68: [...] caraúnas airosas papeando em *volatas* vibrantes nos leques das carnaúbeiras esguias; [...]. **1929** G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* xvi. 272: Ceará, Ceará. Calor. Chuva. Pastos alegres. Campos fartos. Carnaubeiras como custodias santas. IDEM *Ib.* 293: Era a paizagem núa e dura, o descampado secco, o deserto das carnaúbeiras, os cómoros,... **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* vii. 79/80: — A senhora é mesmo uma santa. Olhe alli uma carnahubeira. Aquillo é plantada. No nordeste chamam ella de *arvore providencia*. Dessa palmeira tudo se aproveita, e a cêra dá uma fortuna.

caroba *s.f.* Var.: 5 *caároba, caraoba, caâroba*, 6 *carobba, caraóba*, 7-9 *caroba*, 7-8 *caróba* [< T. kaa'roua < ka'a 'folha, erva' + 'roua 'amargo'].

Planta da família das bignoniáceas.

*c***1584** CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 21*v.*: Caároba. Destas aruores ha grande abundancia. as folhas della mastigadas, e postas nas boubas as faz secar, e sarar de manr^a^ q̃ naõ tornaõ mais, e parece q̃ o pao tem o mesmo effeito q̃ o da China, e Antilhas p^a^ o mesmo mal. Da flor se faz cõserua p^a^ os doentes de boubas. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LIX. 36): Caraobuçu é uma árvore como pessegueiro, mas tem a madeira muito sêca e a fôlha miúda, como a da amendoeira: esta madeira é muito dura é de côr almecegada, a qual se parece com o pau das Antilhas; cuja casca é delgada: da fôlha se aproveitam os índios, e com ela pisada curam as

boubas, pondo-a com o sumo em cima das bostelas ou chagas, com o que se secam muito depressa: e quando isto não basta, queimam em uma telha estas fôlhas, e com o pó delas, feitas em carvão, secam estas bostelas; do que também se aproveitam os Portuguêses, que tem necessidade dêste remêdio para curarem seus males, de que muitos tem muitos. [...] Caraobamirim é outra árvore da mesma casta, senão quanto é mais pequena, e tem a fôlha mais miúda, da qual se aproveitam como da caraoba de cima, e dizem que tem mais virtude; com as fôlhas desta árvore cozidas, tomam os Portuguêses doentes dêstes males suadouros, tomando o bafo desta água, estando muito quente, de que acham muito bem; e lhes faz sair todo o humor para fora e secar as bostelas, tomando dêstes nove suadores, e o sumo da mesma fôlha bebido por Xarope. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1972-1975: Caàroba Ha m^tas e de m^tas castas p^a feridas he boa fazè della hũ unguento da flor fazè cõserua se a bebẽ he boa p^a corrimentos e p^a boubas. *c*1596 S. Travaços *Declaração do Brasil* xxxvi. fl. 28: [...] e quando esta naõ basta curaõ lhe as bustellas com a folha de Caraoba, erua que la tem uirtude, e assim secas tem pera si que estaõ sãos deste mao humor. [...]. **1627** V. Salvador *Hist. Brasil* I. vii. fl. 14*v*.: A folha da figueira do Inferno posta sobre nascidas, e leicenços metiga a dor, e a sára; As de jurubèba saraõ as chagas, e as raizes são contra pessonha. A carobba sára das boubas. O cipó, das camaras; [...]. **1663** S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 79. 157: [...] cipó de camaras, bêthele, pimenta quatro generos: gengibre, cayapiá, caapèba, caraóba, caàtimay, caàtaya, jetica, vrùcatú, jaborandi, nhambí, tajóba, jecapê, inimboya. Todas estas são eruas medicinaes, das mais conhecidas, & vsadas, de virtudes tão raras, que fora necessario hum Dioscorides pera descreuellas. **1730** Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 42. 27: [...] a caroba, que tira as boubas, [...]. **1781** Durão *Caramurú* VIII. xxxiii. 206: A Caroba, a Capeba, e mil que agora ! Conhece a bruta gente, e a nossa ignora. !. **1782** F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* I. ix. 167: Pelos mattos mais incultos, e por perto das Praias do mar hè produzida huma Arvore de mediocre grandeza á que deram o nome de Caróba. **1813** C. J. Cardoso *Plantas de Minas Gerais* in RAPM, VII. (1902) 747: *Caroba vulgar.* (Bignonia Chelonoides.) — As folhas deste arbusto são o remedio geral de todo o Sertão para o virus venereo bobatico: usa se do cusimento, que he amargo, por bebida ordinaria, e do pó das mesmas folhas para curar as chagas, pois as mundifica, e fas cicatrizar. Poderá custar cada arroba 1$000 reis. **1817** Casal *Corografia Brazilica* I. 111: [...] herva de *curucucú*; caróba; [...]. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 15: [...] diversas qualidades de arbustos, a que chamam geralmente *tajá*, que são antidotos contra os venenos dos reptis, a *caróba*, e o *araranin*, ou *coruatatiua*, excellente dissolutivo das hidropezias reduzido a cinzas: [...]. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 192: À hora da partida, nas cercanias do acampamento, o General mostra-me novos vegetaes que se encontram nos campos do Sul: o *catipé* ou *pimenteira*, a *caroba do campo*, [...].

caruara[1] *s.f.* Var.: 5, 9 *caruara*, 8-9 *caruára* [< T. *karu'ara].

Espécie de corrimento que afeta as articulações e provoca dores reumáticas; mau olhado, quebranto.

Na abonação de 1902, *caruara* talvez se refira ao animal afetado de dores nas articulações, que se desgarrou do rebanho.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. clxv. 272): Dêstes índios [Tupinambás] andarem sempre nus, e das fragueirices que fazem dormindo no chão, são muitas vêzes doente de corrimentos a que êles chamam caruaras, de que lhes dói as juntas; [...]. *c*1596 S. Travaços *Declaração do Brasil* xxxvi. fl. 28*v*.: Destes Jndios andarem nus, e das fragueirizes que fazem dormindo no chaõ saõ muitas uezes doentes de corrimentos, a que chamaõ caruaras, de que lhes doè as iuntas, das quaes são os feiticeiros grandes medicos. [...]. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 300): [...]: a avó era afamada no lugar e d'ali até ao Curachy e Cussarú e a propria villa como benzedeira: não havia caruára, mau olhado, quebranto ou espasmos que resistissem; Vicentina essa [...]. **1902** E. Cunha *Os Sertões* 117: Que se lhe antolhem quebradas, acervos de pedras, coivaras, moutas de espinhos, ou barrancos de ribeirões, nada lhe impede encalçar o *caruara* desgarrado, [...]. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* ii. 22: [...]; o balaio bonito é do dr. Jaime Aben-Athar, sabio que, abaixo de Deus, me curou das minhas caruáras; [...]. Idem *Ib.* ix. 102: Queira Deus não seja mau olhadó... Compadre esteve hontem com o regatão? Aquillo é peor que peste. Por onde passa, a gente fica virada. A caruára acompanha, paresque, o maldito.

caruara[2] *s.f.* [< T. *karu'ara].

Espécie de abelha.

1817 Casal *Corografia Brazilica* I. 75: A *caruara* [especie de abelha] he pouco maior que a precedente [a getahy].

‖ **carumã:** v. abon.

1648 in ABN, LXXXII. (1962) 313: [...] noutra árvore muito grande, a que chamão carumã, mandou fazer outra mossa à maneira de aspa, [...].

carumbé *s.m.* [< T. *karu'ŋe].

Vasilha utilizada para transportar minério do local de extração para o de lavagem; espécie de tartaruga, cuja carapaça serve de vasilha.

1884 B. Guimarães *O Bandido do Rio das Mortes* (ed. 1905, ii. 12): O indio pegou em sua ferramenta, o alvião, o almocafre e o carumbé, o filhò fez outrotanto e puzeram-se os tres a caminho, Gaspar, o bugre velho e o moço. **1907** E. Cunha *Contrastes e Confrontos* 128: Desde as primitivas buscas pelos leitos dos corregos, [...]; aos trabalhos nos taboleiros, arcando sob os carumbés refertos, [...]. **1913** Simões Lopes *Lendas do Sul* 74: Dentro desse mato, no mais tupido delle, ha uma lombada redonda, como uma casca de carumbé; em cima della, ha uma caza de pedra-branca como si encaliçada, e sem porta em nenhum lado nem janela em nenhuma altura. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 282: De manhã, o Vicente e o Moreira atulham a nossa canoa de jabotis. [...] Aqui, de accôrdo com o sexo, distinguem estes chelonios em *carumbé* e *jabota*. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* xvi. 189: O carumbé, de carapaça partida, viu-se descoberto pelo tapuio.

‖ **carunje:** v. abon.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxxii. 73): Entre as árvores de cheiro, que se acham na Bahia, há uma a que os índios chamam carunje, que se parece na fôlha, na casca e no cheiro aos loureiros de Espanha, mas não na baga, cuja madeira é sôbre o mole, que se gasta no fogo dos engenhos.

catanduva *s.f.* Var.: 9 *caatanduva* [< T. *kaataŋ'tiua].

Mato rasteiro e espinhoso, que nasce em terreno impróprio para cultura.

1902 E. Cunha *Os Sertões* 45: É a *caatanduva*, matto doente, da etymologia indigena, dolorosamente cahida sobre o seu terrivel leito de espinhos! **1907** Idem *Contrastes e Confrontos* 276: O selvagem proseguia abrindo novas roças, novas derribadas, novas queimas e novos circulos de estragos; [...] — e entretecidas de carrascaes, afogadas em macegas, espelhando, aqui, o facies adoentado da *caatanduva* sinistra, além a braveza convulsiva das *caatingas*.

catauari *s.m.* Var.: 8-9 *catauari*, 8 *catauary* [< T. *kataua'ri].

Planta da família das caparidáceas.

1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 47/48): Umas arvores de cerne alvadio, rugoso, de nomes esquisitos: o magro e folhudo socaró, o paricá falso, o uruá, o acarauassú, de casca pintada como o peixe desse nome, o catauari de poucos galhos e a cuiarana, mal comparada á verdadeira e linda cuieira. **1895** Idem *A Pesca na Amazônia* I. vi. 102: Alimenta-se elle das fructas de diversas arvores e arbustos — catauari, jauari, taperebá, (o cajá do Sul), [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* v. 57: Nos ramos das ingàzeiras das aningas das mamoranas das embaúbas dos catauaris de beira-rio o macaco-prego o macaco-de-cheiro o guariba o bugio o cuatá o barrigudo o cairara, todos os quarenta macacos do Brasil, todos, espiavam babando de inveja. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 122: Mais adiante, além de um renque de *pacovas sororocas*, ha um *catauary*, cujo fructo, quando cae n'agua, igualmente attrae os peixes.

catimpoeira *s.f.* [< T. ?].

Espécie de bebida indígena, à base de aipim fermentado.

1781 Durão *Caramurú* I. xxxii. 19: E a immunda catimpoeira, que da baba ! Fazer costuma a barbara patrulha, ! Que só de ouvillo o estomago se embrulha. [*Nota do Autor, à pág. 41 (nota nº 9)*] Catimpoeira. Immunda bebida dos Salvagens, que mastigando o milho, fazem da saliva, e do succo mesmo do grão huma potagem abominavel. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 115: [...] outras vezes usám nos seos dias de festa da *catimpoeira* ou *paiauarú*, summamente nojenta, e cuja operação he da competencia das indias velhas.

catuaba *s.f.* [< T. ?].

Planta da família das bignoniáceas.

1946 Guimarães Rosa *Sagarana* 224: Tudo aqui manda pecar e peca — [...] e a erótica catuaba, cujas fôlhas, por mais amarrotadas que sejam, sempre voltam, bruscas, a se retesar.

catulé *s.m.* Var.: 8 *catuléz*, 8-9 *catolé* [< T. katu're].

Palmeira da subfamília das ceroxilíneas; catulezeiro.

1817 Casal *Corografia Brazilica* II. 201: Catuléz he uma casta de palmeira grande, cujo fruto alimenta o gado. **1875** J. Alencar *O Sertanejo* II. xi. 176: Flor, vendo as pinhas de coquinhos amarellos, cobiçou-os, e pediu os catolés. **1881** F. Távora *Lourenço* (ed. 1902, viii. 109): Eu bem ouvi cantar, pouco antes de chegar a este logar, um pitiguari no olho de um catolé. **1935** Jorge de Lima *Calunga* xvi. 146: Quando descobri os cabras armados pisando de-vagá apagando os

rastro com paia de catolé, fiquei detrais das moita só vendo a intenção daquêles porqueira. 1936 J. L. Rego *Usina* II. x. 172: Veio porem a usina e não respeitou o oratorio de Feliciano, que teve que deixar a casa de telhas da beira da estrada e conduzir os seus santos para o alto, acolher santo Antonio e São Sebastião debaixo de folhas de catolé. 1946 Guimarães Rosa *Sagarana* 145: Então Cassiano rastejou, recuando, e, dando três vezes o lanço, transpôs as abertas entre a crissiúma e a guaxima, entre a guaxima e o rancho, e entre o rancho e o gordo coqueiro catolé.

catulezeiro *s.m.* Var.: 8 *catolezeiro* [< catulé + -z- + -eiro]. Catulé.

1875 J. Alencar *O Sertanejo* II. xi. 178: Afinal correu o boi para os catolezeiros, e começou á esfregar o lombo no tronco das palmeiras, como um meio de arrancar o fardo das costas.

cauaçu *s.m.* Var.: 8 *cauassú, caoassú* [< T. *kaua'su].
Nome comum a diversas plantas das famílias das quenopodiáceas, poligonáceas e rubiáceas.

1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 12-13: [...] bem como as do *cauassú*, e *pacóva sororóca*, que em nada mais differe da bananeira commum, senão em começarem as folhas da terra para cima, e não fructificar bem [...]. 1875 J. Alencar *O Sertanejo* II. iv. 60: D. Genoveva e a filha continuavam a perseguir as rezes que lhe ficavam proximas, e padre Telles, um tanto emancipado com a ausencia do capitão-mór, acompanhando-as nesse folguedo, empunhava um ramo de caoassú que elle quebrara para fazer as vezes de aguilhada.

cauim *s.m.* Var.: 5 *caõý, cagüi*, 6 *cauy, cauỳ, cauî*, 7 *cavy, cauhî, cauin*, 8-9 *cauim*, 8 *cauym*, (*cajuhy*), *kauin* [< T. ka'ụĩ ~ VLB II. 146: *Uinho qualquer* = Caoõ].
Denominação genérica das bebidas fermentadas que os indígenas preparavam com a mandioca e o milho, como também com o caju, o ananás e diversas outras frutas.

*c*1584 Anchieta *Informação dos Casamentos dos Índios do Brasil* fl. 132: [...] e asy a seu uinho chamaõ [*os indígenas*] caõỳ etê .i. [= *id est*, isto é] uinho legitimo e uerdadeiro á differença do nosso a q̃ chamaõ caõỳ âva .i. uinho agro [...]. 1585 Cardim *Informação* fl. 75*v.*: O p^e lhe[s] daua [*aos indígenas*] das cousas de portugal, como facas, tizouras, pentês, fitas, gualteiras, [...] mas o cõ que mais folgauaõ era cõ hũa uez de cagüi etê .i. [= *id est*, isto é] uinho de portugal. 1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* I. § 141. 86: [...] outros [vinhos] de aipy, & são de duas castas: a hũa chamão cauy caraçú, a outra cauy machaxéra: [...]. Idem *Ib.* II. § 74. 152: Da raiz do aipy machaxera fazem tambem os Indios seus vinhos, a que chamão caùy machaxera; [...]. Idem *Ib.* Mastigaõ as femeas a mandioca, & lançada em agoa assi mastigada, fazẽ outra especie de vinho cauicaraixú; até as folhas da mesma Manayba pisadas, & cozidas, Saõ outro pasto gostoso aos Indios. 1757 D. L. Couto *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 63: Em fazer varias castas de vinhos, engenhosos alguns, contão trinta e duas especies. Huns feitos da fruta a que chamão cajá, outros de Aipy, e sao de duas castas, a hũa chamam cavvcaraçú, a outra cavvmachaxera; outros fazem da banana, a que chamão pacoba, outros de milho, a que chamão abativy; outros de ananas, que chamão nanavy, he generoso, e eficaz; outros de batata que chamão jetivy. 1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 197: No mesmo dia [Dia de Reis], querendo pagar a um indio o ter-nos feito a barba, dando-lhe meia pataca, riu muito, dizendo que aquillo não prestava senão na cidade, e perguntou se havia cauhi, isto é aguardente da terra. 1781 Durão *Caramurú* II. lxxiii.: Põe-se-lhe Uiçu de peixe, e carne crua, | E o mimoso Cauin, que he paixão sua. [*Nota do Autor, á pág. 74 (nota nº 12)*] Cauin, bebida similhante á que já dissemos da Catimpoeira. 1851 G. Dias *Últimos Cantos* (ed. 1865, II. 91): Em fundos vasos d'alvacenta argilla | Ferve o cauim; | Enchem-se as copas, o prazer começa, | Reina o Festim. 1856 D. Magalhães *A Confederação dos Tamoyos* III. 81: Feliz daquelle para quem tu mesma | O cauim preparares, e a quem deres | Filhos, que ao menos no valor me igualem". Idem *Ib.* IV. 121: Fugir! sem combater?... Quem?... Nós, Tamoyos? | Ferve-te acaso o cajuhy nas veias, I. 1857 J. Alencar *O Guarany* (2ª ed., 1864, III. xiv. 156): Depois de conservar-se muito tempo nesta posição, a menina adiantou-se de novo, tomou um vaso cheio de *cauim*, e apresentou-o a Pery sorrindo e quasi suplicante. 1865 Idem *Iracema* (3ª ed., 1878, xiv. 83): Os guerreiros tabajaras excitados com as copiosas libações do espumante cauim, se inflammam á voz de Irapuam que tantas vezes os guiou ao combate, quantas á victoria. 1869 B. Guimarães *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. iii.)62): |Era alta noite; o silencio e o somno reinavão na taba do velho cacique, o qual, depois de ter narrado aos amigos reunidos em torno do fogo algumas das proezas de sua mocidade, adormecêra suavemente a fumaça de seu cachimbo e os vapores de um vaso de cauim sobre a sua enorme pelle de onça. 1872 Idem *Hist. e Trad. Minas* III. i. 208: Sómente Baguary, — que cuidára n'esta tarde abrevar-se de cauym e de prazer nos braços da gentil Jupira, — retirado no mais recondito antro da floresta, arrancava rugidos de amargura e de despeito. 1874 J. Alencar *Ubirajara* ii. 33: Quando os nhengaçáras entoaram o canto do triunpho, vieram as mulheres com vasos cheios do generoso cauim e apresentaram as taças aos guerreiros. 1875 Machado de Assis *Americanas* 22: Não a assusta o labor; nem dos perigos | Conhece os medos. Nas ruidosas festas, | Quando ferve o cauim, e o ar atròa | Poema de alegria ou de combate, | Como que se lhe fecha a flor do rosto. 1876 Couto de Magalhães *O Selvagem* II. v. 133: A mandioca não é só o pão do nosso selvagem, como tambem a substancia de que tiram diversos vinhos, como o *kauin*, a *maniquera*, o puchirum e outros. *a*1884 B. Guimarães *O Bandido do Rio das Mortes* (ed. 1905, iv. 46): Não faltarão aos aymorés nem a caça e o cauim e nem a taba do repouso [...]. 1928 M. Andrade *Macunaíma* v. 67: Maanape tirou dez garrafas, abriu e veio um aroma perfeito. Era o cauim famoso chamado quianti.

caúna *s.f.* [< T. kaa'una < ka'a 'erva' + 'una 'preto'].
Nome comum a diversas plantas aqüifoliáceas do gênero *Ilex*.

1913 Simões Lopes *Lendas do Sul* 61: Mas tambem quando tinha serviço na estancia, ninguem vinha de vontade dar-lhe um ajutorio, e a campeirada folheira não gostava de conchavar-se com elle, porque o homem só dava para comer um churrasco de tourito magro, farinha grossa e herva caúna e nem um naco de fumo... e tudo, debaixo de tanta somiticaria e choradeira, que parecia que era o seu proprio couro que elle estava lonqueando...

cauré[1] *s.m.* [< T. *kau're].
Ave falconiforme, da família dos falconídeos.

1938 R. Morais *Os Igaraúnas* xvii. 193: Vinham-lhe na esteira o gavião pega-macaco, o gavião-pombo, o tauató pintado, o gavião-uruá, o gavião-tesoura, o gavião come-cobra (acauan), e o cauré, o menor de todos, [...].

cauré[2] *s.m.* [< T. *kau're].
Espécie de erva aromática: v. abon.

1928 M. Andrade *Macunaíma* xi. 161-162: Tomou banho de cauré cheiroso, vestiu roupa chegada da lavadeira e perfumada com priprioca botou um chapeu brilhante de jupatí e deu uma chegada no cabeleireiro pra encharcar o cabelo com essencia de pau-rosa, bastante essencia.

caxiri *s.m.* Var.: 8-9 *caxiri*, 9 *cachirí* [< ? T.].
Iguaria indígena preparada com o beiju diluído em água; espécie de licor extraído da mandioca por fermentação.

1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 133: Sua cultura reduz-se a uma pequena plantação de mandioca, não tanto para a reduzirem a farinha quanto para o fabrico do *caxiri*, ou *paiauarú*, sempre uzado nos dias de regosijo e batatas doces, que misturadas com a mandioca fermentada, formam outras bebidas que embriagam conhecidas por *murumurú*, e *caecuma*: [...]. 1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 331): Ha poucos momentos distribuiu-se o caxiri. 1928 M. Andrade *Macunaíma* vii. 91: E foi lá que Macunaíma provou pela primeira vez o cachirí temivel cujo nome é cachaça.

|| **chayge:** v. abon.

1579 in ABN, LXXXII. (1962) 212: [...] a árvore que tem a dita cruz hé hum chayge, [...].

|| **chiriúba:** v. abon.

1817 Casal *Corografia Brazílica* II. 278: [...] a cinza da *chiriúba*, que arde como isca, he a melhor, que se conhece para a factura do sabão. 1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 18: [...] assim como a *chiriúba* que cresce nas margens dos rios, que recebem agua salgada: [...].

|| **chonta:** v. abon.

*a*1667 Heriarte *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 185): Teem muitas *chontas*, que he hum bom sustento. Idem *Ib.* 186: Usão de milho, mandioca e *Chontas*; [...].

cipó *s.m.* Var.: 5-9 *cipó*, 5-6 *sipo*, 5 *cipo*, 5-6 *cipo*, 6-9 *sipó*, 6-7 *sipô*, 6 *sipoo*, *cipô*, 7 *cypó*, *cypô* [< T. ĩsĩ'po ~ VLB II. 145: *Uime, ou semelhante pera atar* = Igcîpo. Especies. Timbô. Timborana. Timbopeba].
Designação genérica das plantas trepadeiras que pendem das árvores ou nelas se enroscam; vara, chicote.

Os dicionários registram dezenas de expressões (cipó amargoso, cipó azougue, cipó branco etc.) alusivas a diferentes espécimes botânicos. As passagens adiante transcritas consignam algumas dessas expressões.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lx. 39): Criam-se nesta terra outras árvores semelhantes às de cima, que atrepam por outras maiores, que se chamam o cipó das feridas as quais dão umas favas aleonadas pequenas, da feição das de Portugal, cuja

fôlha pisada e posta nas feridas, sem outros ungüentos, as cura muito bém. IDEM *Ib.* II. LXXIV. 78: Ao pé de algumas árvores se criam uns ramos como parreiras, da grossura e da feição de uma corda meã, a que os índios chamam cipós, os quais atrepam pelas árvores acima como as videiras; os quais cipós cheiram a alhos, e quem pega dêles não se lhe tira o cheiro, em todo aquêle dia, por mais que se lave. IDEM *Ib.* II. LXXVI. 81: Criam-se também nestes matos uns cipós muito grossos, a que os índios chamam cipó-embé, cujo nascimento é também ao pé das árvores, por onde atrepam; e são tão rijos que tiram com êles as gangorras dos engenhos do mato e as madeiras grossas; pelos quais puxam cem e duzentos índios, sem quebrarem, e se acertam de quebrar, tornam-se logo a atar, e com êles varam as barcas em terra, e as deitam ao mar, e acham-nos tão grossos como são necessários; com os quais se escusam calabretes de linho. *c*1587 S. TRAVAÇOS *Sumário das Armadas* xxi. fl. 71*v.*: Das caxas que se acharaõ se fizerão dez pauezes atados com cairo cipó e como melhor puderão, como q Vendo-se pella manhã bem ordenados se animou a gente, e forão buscar aos imigos. [...]. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1500-1516: Sipo ou piguaja He hũ eficáz remedio pera camaras de sangue a sua astea naõ sobe sobre a terra mais de hũ palmo tẽ em sima ate 3-4 folhas no meo hũs fios como algodaõ sua raiz se retalha em redondo como a manrª de contas piquenas tẽ esta Rais tres palmos ou 2. tẽ grãde cheiro Moeẽse esta Rais como pimẽta e poẽna ẽ hũ copo poẽna ao sereno onde lhe naõ de orualho nẽ agoa e polla menhã como purga se da algũs tomaõ na logo a q̃lq̃r hora botaõ na pizada em hũ pucaro nouo e coaõ e espremẽ daq̃le bagaço a q̃l rais ha ter mejo real de prata de pezo, e fazẽ q̃ naõ aRebeçe cobrẽ o emfermo e q̃ sue e logo se uaõ as camaras ha de tres castas taõbẽ tenho mᵗᵃˢ vezes isto esperemẽtado e he verdadrᵒ remedio. IDEM *Ib.* 1608-1610: Barbasco Çipo Serue pª embebedar o peixe ha mᵗᵃˢ castas s. groços e delgados. IDEM *Ib.* 1954-1962: Cipo q̃ da agoa pª beber no sertão He de grossura de huã cana grossa e cõprida em alguãs partes do sertaõ da baya naõ ha agoa e so aqui ouui dizer careçer esta provincia de agoa p̃ q̃ no mais sertaõ a cada mea legoa acharaõ mᵗᵃˢ fontes. E aqui proueo N. S. q̃ este cipo em o cortãdo se desfaz em agoa e assi fazẽ cauãdo a modo de tijela pª se ẽcher dagoa e bebẽ q̃ he fria e boa. *c*1596 S. TRAVAÇOS *Declaração do Brasil* xxxi. fl. 25*v.*: [...] fazem cepos de huãs varas, a que chamaõ cipos, e outras uazilhas, como as de rota da India, [...]. 1598 in ABN, LXXXII. (1962) 172: [...] logo o dito procurador se pôs a passear no dito chão, quebrando ramos e cipós e tomando pedras e ervas e o meirinho tornou a dizer se avia alguma pessoa [...]. 1610 J. MONTEIRO *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.* VIII (1949) 417: Também os tomam [ao veado branco] em redes de cipós, que armam quase em circulo, e os índios, tintos de branco, os vão metendo dentro como boi[z] de pássaros com perdizes, até que fecham de todo circulo e os tomam às mãos. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 95*v.*: [...] o quinto [mantimento]he a Raiz de hũ sipó aque chamaõ maquna acoal desfazem em farinha que comem despois de cozida. IDEM *Ib.* 101*v.*: [...] e em luguar de preguos se seruem de dous modos de cordas com que se amarraõ e seguraõ as tais madeiras, a hũa déllas chamada sipô, e a outra timbô que saõ taõ boãs e taõ fortes pera o efeito que se traz por comum adajo, que se naõ ouuera sipô naõ se podera pouoar, o brazil — pellas diuersas couzas de que se aproueitaõ délle — [...]. 1627 V. SALVADOR *Hist. Brasil* I. vi. fl. 10*v.*: Saõ tambem as madeiras do Brazil mui acomodadas pera os edificos das cazas por sua fortaleza, e com ellas se acha junctamente apregadura, porque ao peé das mesmas arvores nascem huńs vimes mui rijos chamados timbós, e cipós, q̃ subindo athe o mais alto dellas ficaõ paressendo mastos de navios com seus ouveis, e com estes ataõ os caibros, ripas, e toda a madeira das cazas, que houvera de ser pregadas. [...]. IDEM *Ib.* IV. xv. fl. 117: [...] com tudo Mártim Leytaõ foy o primeiro, que rompeu a cerca cortando com a espada os cipós, ou vimes com que estava liada, e fazendo buraco por onde se meteo, [...]. 1628 in RIHP, XL. (1945) 81: — A Capp.ª de Pernambuco q he junto da de Itamaracá tem sesenta legoas de Costa p.ª o Sul com m.ᵗᵒˢ Ryos acabando no de São Fran.ᶜᵒ m.ᵗᵃˢ vargeas de eicelentes terras, todo o pao Brazil que se navega, muitos emgenhos de assucar, m.ᵗᵃˢ madeiras Reaes, m.ᵗᵃ tinta de Orocu e Araruba, m.ᵗᵃ erva de Anil, muito linho de Caragoatá de duas castas de Carrapizo, Sipoo e de Tocum. m.ᵗᵒ Tabaco, Algodão, Canafistula [...]. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 181: Vubapeua he sipo que atrepa por riba das arueres e tem as folhas deste tamanho que esta aqui pimtado [...]. 1648 M. CALADO *O Valeroso Lucideno* I. iii. 29: [...] & começarão a brigar com elles em forma de cara a cara sem que nós os pudessemos socorrer com a diligencia, que desejauamos, por ser o caminho mui estreito, & o mato mui fragoso & cheo de cipôs, que nos impediaõ o caminhar; [...]. IDEM *Ib.* III. iii. 189: [...] & chegando ao Rio Tapucurâ, vendo que hia cheo demasiadamente, ordenou que se fizesse huma jãgada com hum vai, & vem de Cipôs, a qual fez por suas mãos o Capitaõ Joaõ Barbosa de Sousa, por ser mui engenhoso, & sobretudo mui animoso, & sofredor de trabalhos; [...]. 1654 A. VIEIRA *Cartas* (ed: J. L. Azevedo, 1925, I. 374): Tudo isto se arma e sustenta sem um só prego, o que se não vê em uma canoa para o intento, pois todo o pregar se supre com atar, e o que havia de fazer o ferro, fazem os vimes, a que também chamam cipós, muito fortes, com que as mesmas partes da canoa se atracam; [...]. 1656 J. SOTOMAIOR *Jornada ao Pacajá* in DAP, VIII. (1945) 3: Aqui mesmo não podendo os índios da canoa em que eu ia, sustentala com os Cipòs por razão do muito orgulho da água. IDEM *Ib.* 8: [...] e que o Principal respondera, que todos erão seus filhos e parentes: e que a isto o lingua lhe dera hum cipo, e o ameaçara com hũma forca da parte do governador, se não dava escravos: [...]. 1663 S. VASCONÇELOS *Coisas do Brasil* I. § 121.75: Onde lhes anoitece, ahi tẽ facilmẽte casa certa, fogo, & cama; porq̃ se a noite he chuuosa, fincão na terra 4 paos, & nestes armão outros por tecto, cõ hũ modo de vimes, a que chamão cipós, & cobreño de folhas, ou palmas: [...]. IDEM *Ib.* II. § 79. 157: [...] cipó de camaras, béthele, pimenta quatro generos; gingibre, cayapiá, caapêba, caraóba, caâtimay, caâtaya, jetica, yrùcatú, jaborandí, nhambi, tajóba, jeçapé, inimboya. Todas estas saõ eruas medicinaes, das mais conhecidas, & vsadas, de virtudes tão raras, que fora necessario hum Dioscorides pera descreuellas. 1678 in ABN, LVII. (1935) 372: [...] e pos tambem huã crux grande de pâo atada a trauessa com um sipô a qual ficou iunto ao dito marco de pedra [...]. *a*1696 G. MATOS *Obras* (ed. 1969, V. 1148): não vêdes, que murici | sou dêsses olhos timbó | amante mais que um cipó |. 1711 A. J. ANTONIL *Cultura e Opulência do Brasil* I. I. v. 16: Reprehendellos, & chegarlhes com hum cipó âs costas com algumas varancadas, he o que se lhes póde, & deve permitir para ensino. 1716 J. C. SEMEDO *Memorial* in *Brasília* III. (1946) 231: [...] ha duas sortes de Cypò, hum he mais grosso, mais branco, & mais forte, outro he mais delgado, mais escuro, & mais benigno no obrar: [...]. 1730 ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 55. 34: A bahinilha nasce em humas delgadas varas, a que no idioma dos naturaes chamaõ Sipôs, compridas, sempre verdes, e cheas de apartados nós, com só duas folhas em cada hum; [...]. 1734 in RAPM, XXIII. (1929) 236: Daqui passámos no outro dia a fazer pouso nas margens de um riacho, que passamos na manhã seguinte encostados a uns páos, e presos com uns cipós para vencermos a muita violencia e grande força d'agoa, com que corria. 1761 JABOATÃO *Novo Orbe Seráfico Brasílico* I. I. 16: [...] e atados em roda destes muito bem aquelles molhos, com cypós, a que chamaõ Tymbós, brandos, e fortes, e assim unidos huns molhos com outros, formavaõ huma larga esteira. [...]. 1763 J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 104: [...] sendo costume de muitos [indios] ainda depois de baptizados, enterrarem seus defuntos em casa, conservando assim superstições do gentilismo, constou-nos haver alguns que deixando o cadaver suspenso por cordas de fio de sipó ou de embira, punham por baixo um recipiente ou vaso, em que cahissem gottas da corrupção e com estes temperavam as suas bebidas de raizes e vinhos, persuadidos que ficavam mais substanciaes. IDEM *Ib.* 190: Quando os indios não encontram agua para beber nos montes do seu sertão, nem fructas que os refresque, dão golpes em um sipó, arbusto que encostado ás arvores grossas se enrola n'ellas subindo mais do que a hera em Portugal; [...]. IDEM *Ib.* 344: Qualquer sipó ou páo lhe parece [ao copeiro do bispo, moço nascido na Galiza] giriparana, que são as cannas de que usam cá, e as muitas equivocações que tem padecido deram bem que rir aos companheiros. *c*1767 J. DANIEL *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, II. (1840) 341: Todos os seus moveis, trastes, e instrumentos de casa se cifrão em uma panella, uma cuia, que é um genero de cabaço por onde bebem, uma machira ou rede para dormirem, que muitos remedão com uma esteira, a que chamão miaçaba, tecida de palmas ou cipó. IDEM *Ib.* 348: Não necessitão de pregos para segurarem os esteios, nem para segurança dos caibros, travessas, paredes, e telhados; porque tudo vai atado com cipós, excellentes cordas da America: [...]. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 262: [...] tomam muitas fórmas, ou diversificam em multiplicidades de especies, das quaes a mais celebre é a que os portuguezes chamam *sipó*, os francezes *liane*, os hespanhóes *bejuco*. É este *sipó* uma corda vegetal, que desce de umas arvores, sobe de outras, e se enlêa de sorte que embaraça o transito pelos matos: uns são lisos, outros ramificam, outros dão flôr e fructo: o seu uso na economia é universalissimo. Suprem o prego em muitas obras, e emfim tudo o que é necessario atar e unir são a melhor materia pela sua tenacidade e duração. Acham-se alguns de tal grossura, que servem de calabres e amarras de embarcações. 1781 DURÃO *Caramurú* VII. xlvii. 210: A Bainhilha nos sipós desponta, | Que tem no chocolate a parte sua, |. 1782 F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* I. iii. 37: Hé pois este cipó huma planta q̃ sempre nasce, e se cria sobre outra [...] ella lança seos ramos, e tam enredados entre si, q̃ nam facilmente se podem desembaraçar, nem descobrir o principio do seo tronco; [...]. 1799 E. A. S. CORREIA *Hist. Angola* (ed. 1937, I. 150): [*Nota do Autor*] Para atar qualquer couza, o fasem com sipós, q̃ são flexiveis, rijos e duraveis. 1801 in RAPM, II. (1897) 687: Sipó de chumbo, [...] Almezega de sipó ç de Páo. 1813 C. J. CARDOSO *Plantas de Minas Gerais* in RAPM, VII. (1902) 747: *Cípó de Carijó.* (Davilla) — A rais deste arbusto he hum violento purgante, util contra a Mania petuitosa: dá-se na dosis de meia oitava em pó posto em maceração por 24 horas em vinho. Poderá custar cada arroba 1$000 reis. 1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 9: [...] e a *carajurú* especie de cipó, de cujas folhas

fervidas se extrahe uma gomma, que serve para alguns medicamentos, e tintas encarnadas, misturando-se-lhe tambem a gomma do *urucú*, além de varias especies de gramma das quaes fervidas se tira diversidade de tintas. IDEM *Ib.* 14: [...] tem a mesma applicação o *güapuhí*, especie de sipó parasita de arvores que estimam os terrenos humidos; [...]. **1846** G. DIAS *Primeiros Cantos* (ed. 1865, I. 8): Trás embira dos cimos pendentes | — Brenha espessa de vario cipó — | Dessas brenhas contêm vossas matas, | Taes e quaes, mas com folhas; é só! **1847** A. LEVERGER *Rio Paraguai* in RIH, XXV. (1862) 206: Em poucas partes encontram-se palmeiras. Os matos são muito menos trançados de sipós do que na zona intertropical; mas vê-se com abundancia nos troncos e nos ramos das arvores a planta parasita a que chamam em guarani *Caraguatá-mi* e em hespanhol *flôr del ayre*. **1856** J. M. MACEDO *O Forasteiro* (2ª ed., I. ii. 61): prendem ao gancho do candieiro grandes rodas de cipó ou de palha, correm e tirão-n'as como podem ou querem, [...]. **1856** D. MAGALHÃES *A Confederação dos Tamoyos* IV. 104: Por incultas veredas mal trilhadas | Luctando co'os sipós que os emmaranham, | Os Tamoyos belligeros caminham. |. IDEM *Ib.* VII. 214: Atados com cipós, os põem às costas, | E seguem por um trilho, entre canteiros |. **1857** J. ALENCAR *O Guarany* (2ª ed., 1864 I. ix. 94): Abaixo da janella abria-se a rocha cortada á pique e formava um valiado profundo, coberto por um docel verde de trepadeiras e cipós que servia de habitação a todos esses reptis de mil fórmas que pullulão na sombra e na humidade. **1863** M. A. PORTO ALEGRE *Brasilianas* 56: Como enorme lacraia, nas vergonteas | O sipó-matador tenaz se agarra, | Rouba-lhe o sangue, o garbo lhe anniquila, | Mirra-lhe os membros, cresta-lhe os pimpolhos, |. **1865** J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, xvii. 104): Martim ficou mudo e triste, semelhante ao tronco d'arvore á que o vento arrancou o lindo cipó que o entrelaçava. **1865** VARELA *Cantos e fantasias* in *Obras Completas* (ed. 1896, II. 52): Nos tremulos cipós de orvalho gottejantes | Embalam-se avesinhas de pennas multicôres |. **1869** F. TÁVORA *Um Casamento no Arrabalde* (ed. 1903, 28): Rita aqui, acolá, com seus usuaes torcicollos, para uma banda e para outra, serpeando como cobra de sipó. **1869** B. GUIMARÃES *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. i. 47): Depois de ter-se entranhado, cerca de uns duzentos passos por um matto espesso e emmaranhado, abrindo caminho com a faca por entre taquáras e cipós, escolheu posição para fazer frente aos inimigos junto a um corpulento tronco de peroba, que lhe oferecia formidavel baluarte. *a***1871** CASTRO ALVES *A Cachoeira de Paulo Afonso* (1876) 103: Como pontes aerias-de coqueiro | Os cipós escarlates se atirando, | De grinaldas em flor tecendo a arcada | São arcos triumphaes de tua estrada!... **1871** B. GUIMARÃES *Lendas e Romances* II. iii. 152: Além do arroio, havia uma especie de lapa, formada pela saliencia de um enorme penedo que lhe servia de tecto, e cujas paredes erão formadas por arbustos emmaranhados, por uma rede impenetravel de cipós e trepadeiras. **1871** J. ALENCAR *O Tronco do Ipê* I. v. 53: [...], havia um duplo renque de espinheiros, enleiados de cipós, cujo fim era proteger o muro contra qualquer projecto de escalada, e até esconde-lo á vista. IDEM *Ib.* II. vii. 84: [...], pareciam as duas amiguinhas entre os recortes da folhagem, duas flores do campo a se balançarem na haste delicada de um sipó. **1872** IDEM *Til* I. xiv. 156: Occorreu então a Bertha uma idea, encolhendo-se dentro do escondrijo, que lhe deparára tão propicio acaso, quedou-se á espera, sem rumor, cortando subtil com os dentes as cordas dos cipós que a enleiavam. **1872** B. GUIMARÃES *Hist. e Trad. Minas* III. ix. 277: Chegados á beira do rio os dous pescadores desprendêrão uma pequena canôa, que alli estava amarrada com um cipó a um tronco da margem. **1872** IDEM *O Seminarista* (ed. 1917, iii. 22): De dia em dia crescia essa mutua amizade entre as duas crianças, como um cipó, que nascendo entre dous tenros arbustos visinhos, se enleia em torno d'elles e confunde seus galhos tornando-os como um só. **1872** TAUNAY *Inocência* (2ª ed., 1884, xxx. 305): Á tarde desse dia, o viajante que passasse por aquelle sitio poderia ver uma cova coberta de fresco, sobre a qual se erguia uma cruz tosca feita de dous grossos páos amarrados com cipós. **1872** J. ALENCAR *Sonhos D'Ouro* I. x. 153: Trazia varias celhas de cipó cheias de peixe; uma dellas era destinada á D. Joaquina, á quem a Gertrudes a mandava de presente. **1874** IDEM *Ubirajara* iv. 65: Guaribú, cujos annos enchiam a corda de sua existencia de mais nós, do que tem o velho cipó da floresta, fallou por ultimo: [...]. **1875** IDEM *O Sertanejo* II. v. 82: Como não bastasse esse tenue arruido para despertar o madraço, o rapaz quebrou uma haste de cipó. **1876** F. TÁVORA *O Cabeleira* vi. 119: Pouco adiante, a vereda estava completamente tomada por grossos troncos ligados ás arvores parallelas por fortissimos cipós. **1877** B. GUIMARÃES *Maurício* I. xxi. 264: Aqui era preciso romper um matagal espesso, todo emmaranhado de taquáras e cipós. **1877** N. J. R. SOUSA *Diário* (ed. 1946, 37): Quem olhando para um cipó tal poderá imaginar que é ele uma fonte de saborosa agua? **1878** F. TÁVORA *O Matuto* vi. 83: Esta o vio arrastar um tamborete para junto della e uma rodilha de cipós para junto de si. **1879** B. GUIMARÃES *O Pão de Ouro* v. 283: Quem tiver reparado no modo por que as formigas costumam carregar para a cova o misero insectosinho, que teve a desgraça de cahir-lhes nas garras, fará uma idéa justa da maneira por que Gaspar e seus companheiros, amarrados com cipós de pés e mãos, carregados cada um por sete, oito e mais selvagens, uns puchando para aqui, outros para acolá, uns pegando, outros largando, uns arrastando, outros empurrando, foram introduzidos aos trambulhões pelas furnas a dentro no meio de uma selvatica e immensa grita de triumpho. **1881** F. TÁVORA *Lourenço* (ed. 1902, ix. 137): As longas cortinas de sipós pendentes das folhagens das grandes arvores, esfrangalhadas, despedaçadas, ou deslocam-se das alturas donde as suas flores namoravam o sol e o azul ethereo, [...]. IDEM *Ib.* xii. 181: [...] porque não podia dar um passo sem lhe ser preciso antes abrir caminho atravez de folhagens e cipós emmaranhados, que faziam rêdes e tapagens de differentes fórmas. IDEM *Ib.* xv. 230: [...] alguns trazendo arma de fogo na mão, e cartuxeira a tira-collo, alguns com espadim, ou catana pendentes da cintura, alguns arrimados a grossos cipós-páus; [...]. **1886** J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 59): Os materiaes para a construcção das casas trouxera-os do Trombetas: eram palha, para as paredes e tecto, cipó, que lhes serviria em vez de pregos, e paus para esteios e traves. **1890** A. AZEVEDO *O Cortiço* vii. 108: [...] áquella cantiga seductora e voluptuosa que o enleiava e tolnia, como á robusta gameleira brava o cipó flexivel, carinhoso e traiçoeiro. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazónia* I. iii. 33: O João-de-páo é um dos seus remos, a metade de um delles de preferencia, fixado por cipós ou cordas á pôpa, [...]. IDEM *Ib.* vii. 100: Do alto pendem os sipós de mil fórmas e grossuras das convulvulaceas amazonicas, uns largos como taboas, outros delgados como fios de retroz. **1898** A. ARINOS *Pelo Sertão* 132: Encontrando, alfim, um espraiado, onde a enchente, sem a constricção de barrancos, podia pavoncar suas forças, avassalando pacificamente, sem tropeço, os descampados, os fugitivos derribaram algumas piteiras, já meio seccas, cujas hastes se erguiam, ainda rectas e altaneiras, das touças em redor, e, jungindo-as fortemente com cipós em grossos travessões de taquarussú, improvisaram uma jangada. IDEM *Os Jagunços* I. iii. 126: — Alguns cipós grossos desciam até ao fundo do buraco, abeberando-se na agua terrosa. **1900** J. NABUCO *Minha Formação* xx. 211: Na planicie extendiam-se os cannaviaes cortados pela alameda tortuosa de antigos ingás carregados de musgos e cipós que sombreavam de lado a lado o pequeno rio Ipojuca. **1902** E. CUNHA *Os Sertões* 189: [...] o *bogó* ou borracha, especie de balde de couró para o transporte de agua; pares de *cassuás* (jacás de cipó) e os *aiós*, bolça de caça, feita das fibras de *caruá*. **1903** D. OLÍMPIO *Luzia Homem* xxviii. 278: Agarrando-se aos arbustos encravados nos intersticios dos rochedos, escorregando onde o penhasco se inclinava em rapido declive, saltando com energia indomita por sobre as fendas, pendurando-se nos cipós, que entreteciam a floresta, atufando-se nas frondes das arvores, [...]. **1913** SIMÕES LOPES *Lendas do Sul* 89: Quando perseguido pelo curupira, o melhor meio de fujir-lhe é atirar-lhe e ir deixando pelo caminho cruzes e rodilhas de cipó, entrançadas; elle entretem-se a examinar o achado e destrançal-o, e enquanto isso, o perseguido escapa-se. **1914** COELHO NETO *Rei Negro* x. 398: O negro atolava-se em aguaçaes, esparrinhando os pés em lodo. Grossos cipós, retorcidos á maneira de cordoalhas, pendiam dos ramos cabelludos, outros cruzavam-se em redouças, outros colleavam em estiras pelo chão ou enrolados, vincando os troncos, apertavam-nos estrangulando-os. **1915** LIMA BARRETO *Policarpo Quaresma* II. 32: Os macacos se enternecem e resolvem salval-a. Para isso, arrancaram cipós, emendaram-nos bem, amarraram a corda assim feita á cintura de cada um delles e tiraram uma das pontas á onça. **1918** MONTEIRO LOBATO *Urupês* 121: [...] com grandes arvores velhas por cujo tronco e galhaça trepam cipós, escorre a barba de pau, e adherem musgos. **1919** IDEM *Cidades Mortas* 179: Mesinha central de cipó, com embrechados, obra de um "curioso" do lugar. **1920** LIMA BARRETO *Histórias e Sonhos* 123: Podia elle, perfeitamente, amar o passaredo alegre na plumagem e triste no canto, a gravidade alpestre de scenarios severos, os morros cobertos de arvores de insondavel verde-escuro, que descem pelas encostas amarradas umas ás outras, pelos cipós e trepadeiras, até o mar fusco que muge ao sopé delles. **1922** A. PEIXOTO *Bugrinha* iv. 54/55: Depois de o arrancar ás aguas, nadando e o conduzindo á margem, com a mesma ousadia, munida de um sipó, castigara com dureza aos dois pequenos malvados que planearam e executaram a perversidade. **1922** M. ANDRADE *Paulicea desvairada* 125: Temos nossos coros só no tom de dó! | Para os desafinados doutrina de cipó! **1928** IDEM *Macunaíma* iii. 38: Terminada a função da companheira de Macunaíma toda enfeitada ainda, tirou do colar uma muiraquitã famosa deu-a pro companheiro e subiu pro céu por um cipó. **1929** G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* xvi. 348: Aquella pedra respira, floresce, é um vegetal, aquelle cipó amarra as arvores, palpita, é uma cobra. **1929** A. PEIXOTO *Sinhàzinha* xviii. 176: No dia seguinte, logo que amanheceu, começou a tirar as palhas do coqueiro e com cipó e folhas se pôs a tecer um cêsto, [...]. **1930** G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 276: É curioso observar as raizes que o cipó imbé e o apuyzeiro, agarrados ás arvores mais altas, por vezes enviam ao leito do rio, onde se fixam fortemente sobre pedras submersas. **1934** J. L. REGO *Banguê* III. v. 180: Vinha com ordem de metter o cipó de boi no povo do engenho. O official almoçou commigo. **1937** IDEM *Pureza* xxvi. 265-266: E tive medo.

Quis correr, mas tropeçava nos cipós que se enroscavam pelo chão como cobras. **1938** G. Ramos *Vidas Secas* 45: E aos conhecidos que dormiam no tronco e aguentavam cipó de boi offerecia consolações: "Tenha paciencia. Apanhar do governo não é desfeita. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* ii. 21: Este mólho de cipó-catinga é pr'a cheiro da professora Sodrelina. Idem *Ib.* xv. 175: — É cheiro do matto. A receita é do dia de S. João: pataqueira, cipó-catinga, pega-não-me-larga, mão de onça, patchuli, japana, priprioca e macaca-poranga. Idem *Ib.* xvii. 194: Romperam da selva de ramo em ramo, saltando nos cipós, balouçando-se nas lianas. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 20: — E Juca Bananeira vai para a eloquência, porque confia tanto na moleza de Silvino quanto um tem-farinha-aí acredita na imobilidade de uma cobra-cipó, ou uma cobra-cipó crê na lonjura alta de uma acauã. Idem *Ib.* 88/89: O mais é uma mistura de trepadeiras floridas: fôlhas largas, refilhos, sarmentos, gavinhas, e, um glorioso e confuso trançado, as taças amarelas de herva-cabrita, [...], as campânulas brancas do cipó-de-batatas, [...]. Idem *Ib.* 160: Enquanto isso, o mico espiralava tronco abaixo e pulava para o vinhático, e do vinhático para o sete-casacas, e do sete-casacas para o jequitibá; desceu na corda quinada do cipó-cruz, [...]. Idem *Ib.* 223: As queridas umbaúbas jovens, que são tôda uma paisagem!... Depuradas, esguias, femininas, sempre suportando o cipó-braçadeira, que lhes galga o corpo com espirais constrictas. Idem *Ib.* 225: Todos aqui são bons ou maus, mas tão estáveis e não-humanos, tão repousantes! Mesmo o cipó-quebrador, que aperta e faz estalarem os galhos de uma árvore anônima; [...]. Idem *Ib.* 232: Cipós espinhentos, cipós cortinas, cipós cobras, cipós chicotes, cipós braços humanos, cipós serpentinas — uma cordoalha que não se acaba mais. **1950** Jorge de Lima *Guerra dentro do beco* xvi. 127: Grossos cipós de hera e trepadeiras subiam pela parede, formando uma escada natural. **1956** Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* 22: Burumbum! O cavalo se ajoelhou em queda, morto quiçá, e eu já caindo para diante, abraçado em folhagens grossas, ramadas e cipós, que me balançaram e espetavam, feito eu estava pendurado em teião de aranha... Idem *Ib.* 548: Em beira do mato, no Cererê-Velho, se trabalhou com facão em ramagem e cipó, armando tipóias e latadas.

cipoada[1] *s.f.* Var.: 8 *cipoada, sipoada* [< cipó + -ada].
Pancada com cipó; chicotada.

1871 J. Alencar *O Tronco do Ipê* I. iii.: [...], continuou a fustigar os arbustos, applicando tambem por diversão uma cipoada nas canellas do Martinho. **1876** F. Távora *O Cabeleira* iv. 79: O menino quiz chorar, com o que se mostrou escandalizado por extremo o tyranno da familia, que, para o fazer chorar com mais gosto, segundo disse, lhe deu tres ou quatro sipoadas fortes, depois das quaes José mal se pôde ter em pé.

cipoada[2] *s.f.* Var.: 8 *sipoada* [< cipó + -ada].
Cipoal.

1872 Taunay *Inocência* (2ª ed., 1884, xv. 158): — Sem attender a nada, começou a caminhar em cima da *sipoada* que cobria a boca de um percipicio, fundo como tudo neste mundo...

cipoal *s.m.* Var.: 6, 8-9 *cipoal,* 8 *sipoal* [< cipó + -al].
Mata de cipós; *figuradamente* (em alusão ao emaranhado dos cipós), cabeleira em desalinho, grenha; negócio intricado, complicação, dificuldade.

1648 M. Calado *O Valeroso Lucideno* I. iii. 38: [...] o [Capitão João Lopes Barbalho] estando atrauessado com hũa bala de parte a parte, por não ser morto por mãos dos Indios Pitiguares, se escondeo entre hum cipoal mui denso, aonde esteue dous dias, não comendo outra cousa, senão as postas de seu mesmo sangue, que por o buraco da ferida lhe sahia, & de noite se acolheo, & se veio sem curar, caminhando atè a alagoa, [...]. **1872** Taunay *Inocência* (2ª ed., 1884, xx. 209): Metteu-se no matto perto da minha roça, onde eu trabalhava com os meus captivos, e lá fazia um barulhão a quebrar os galhos e romper o cipoal como se fosse anta. **1874** Idem *Histórias Brasileiras* 196: Foi então que D. Cula se metteu n'um sipoal de palavreado, d'onde só sahio quando lhe faltou a respiração. **1874** J. Alencar *Guerra dos Mascates* II. viii. 115: Cançada de espreitar, a velha deitou-se a trote miudo para as bandas do Corpo Santo e foi ter a uma rotula, onde apparecia a mais emmaranhada grenha que já lastrou em cabeça de mulher. A dona deste cipoal mal se podia conter á gelozia; [...]. **1875** Idem *O Sertanejo* I. xx. 258: Creou-se o meu Boi Espacio | No sertão das Aroeiras; | Comia nos cipoaes, | Malhava nas capoeiras. **1877** N. J. R. Sousa *Diário* (ed. 1946, 33): [...] regatos sem agua: muitos dos quais cheios de rochas e cipoais, o que torna a marcha dificilima. **1898** A. Arinos *Os Jagunços* I. iii. 125: Nisto o camarada, esguardando um pé de aroeirinha, bem perto do sangradouro, meio occulto por um cipoal, deu com um vulto longo, que parecia de homem. **1902** E. Cunha *Os Sertões* 248: Enredam-se no cipoal que as agrilhoa, que lhes arrebata das mãos as armas, e não vingam transpol-o. **1926** Coelho Neto *Feira Livre* 66: [...] não mais em silvas frondosas, como as primitivas, mas em matto enrediçado, com mil tramas de cipoaes e liames, rêdes de espinheiros, tapigos de ramarias, arvores rachiticas, sem grandeza, caricaturas mesquinhas de florestas... **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* v. 62: O coronel viu logo o cipoal em que estava mettido. Ou dente ou queixo... Abanou-se com o chapeu, meio atordoado, doido para embarcar e ir ouvir no sitio a palavra bondosa e leal dos seus, [...].

cipotá *s.m.* Var.: 7 *sipotuá, sipotá,* 8 *cipotá* [< ? T.].
Planta da família das cucurbitáceas.

1783 M. C. Abreu *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 261: Produzem as margens deste rio muitas fructas silvestres, de que se utilisam os navegantes; [...] o sipotuá é uma fructa vermelha, e redonda, quasi do tamanho da laranja; [...]. **1792** F. O. Barbosa *Noticias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 24: Produzem as margens d'este rio [Tietê] muitas frutas silvestres de que se utilizam os navegantes, cujos nomes são os seguintes: marmeladas, jabuticavas, uvacuparis, nhandipapos, sipotás, jatahis: d'estes páus se servem os moradores para as fabricas dos engenhos de assucar e aguardentes, por ser madeira de muita duração; e da casca por ser muito grossa, fazem os gentios e sertanistas canôas para navegarem; e da resina, que com abundancia ha na raiz, se utilizam os mesmos gentios para as suas luzes e outros artificios que trazem nas orelhas e beiços, a que chamam — botoques —, cuja resina, depois de curtida, fica propriamente como o alambre e sem differença alguma: figos silvestres, jaracatiás, ingás, uavaonas. **1817** Casal *Corografia Brazilica* I. 212: Entre outras frutas acham-se jabuticabas, marmeladas, cipotás, jatahis, nhandipapos, uvacuparys.

claraíba *s.f.* Var.: 6 *clarayba,* 7 *claraiba* [Alteração de caraíba[2], com provável intercorrência do adj. fem. *clara*].
Planta da família das borragináceas.

1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 80. 158: A terra toda póde chamarse hum só bosque. Pello que, deixando por mão a frescura, & preciosidade dos cedros, angelins, quase ebanos, carápinimas, mocetaybas, claraybas, jacuybas, maçarãdúbas, cibipyras, vinhâticos, putúmuyús, tapapinhoãs, peróbas, çapucâyas, jacarandàs, paos Reys vermelhos, amarelos, palmeiras, coqueiros: deixada outrosi a delicia das aruores, os balsamos, copaigbas, ibicuybas, icicatybas, jetaybas, salsafrazes, canafistolas, tamarinhos, quasi crauos, canelas, &c. deixando todas estas especies, descreuerici algũas sómente das q̃ saõ fructiferas, pera gosto dos que saõ curiosos. **1730** Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 59. 37: Os incorruptiveis paos vermelhos, angelins, cedros, jataypevas, e maçarandubas; os potumujús, sopopiras, e adernos acastanhados; as claraibas, os louros, tapinhõas, os bacuris, guabiranas, e jandirobas, o pao ferro, o de arco, o da sapocaya, e outros troncos das mesmas qualidades, e varias cores, tão grossos, que delles se lavraõ as embarcações inteiriças, que chamaõ Canoas; [...].

coirana *s.f.* Var.: 7 *courana, coirana* [< T. *kĩ'rana < kĩ'ĩa (kĩ'ĩña) 'pimenta' + 'rana 'semelhante' ~ VLB II. 77: *Pimenta* = Quigynha, tem mtas. especies].
Nome comum a diversas plantas da família das solanáceas.

1730 Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 48. 31: As flores da courana miudas, e suaves, [...]. **1782** F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim. e Miner. do Brazil* I. xii. 179: Entre os vegetaes brazilicos do meo conhecimento em que considero virtude refrigerante, hé hum dos mais activos a coirana, Hé pois huma das menores arvores que este paiz produs: ella se cria pelos lugares ordinariamente que foraõ roçados, porem ferteis, e nam aridos.

coivara *s.f.* Var.: 6 *coibara,* 8-9 *coivara, coivára* [< T. ?].
Técnica de origem indígena, ainda hoje empregada no interior do Brasil, que consiste em pôr fogo em restos de mato, troncos e galhos de árvores para limpar o terreno e prepará-lo para a lavoura; terreno coberto de galhos e troncos quebrados.

*c***1607** J. Rodrigues *Relação* in S. Leite *Novas Cartas Jesuíticas* (1940) 230: E como as árvores são pequenas e pau mole, facilmente fazem sua roça, a qual, acabante de a queimarem, logo prantam, sem fazerem coibara nem fazerem covas pera a mandiiba; [...]. **1863** M. A. Porto Alegre *Brasilianas* 272: É qual lume de coivara, | Que parece perto estar, | Mas que illude, e que é preciso | Muitas legoas caminhar. *a***1871** Castro Alves *A Cachoeira de Paulo Afonso* (1876) 19: Era uma dessas cantigas | Que elle um dia improvisara, | Quando junto da coivára | Faz-se o escravo — trovador; |. **1872** J. Alencar *Til* II. vii. 76: Este curto dialogo, travára-se no canto da casa, juncto da cerca, onde havia um grosso toco de árvore, denegrido pelo fogo da coivara que alli passára outr'ora. **1872** B. Guimarães *Hist. e Trad. Minas* II. i. 34: Já estava na distancia de um tiro de espingarda, quando seu cavallo embaraça-se nas coivaras, e cae. **1876** F. Távora *O Cabeleira* viii. 150: — Quando se resolverem a não

morrer assadas na coivara, como lagartixas, abram a porta e saiam sem susto, que não havemos de brigar — disse Joaquim. IDEM *Ib.* 312: Pela voz *coivara* designam os matutos uma fogueira de grandes proporções. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. vi. 98: Sobre a cóva repleta fazem uma grande "coivára" ou montão de lenha daquelles bosques ou capoeiras tirada, e accendem a gigantesca fogueira [...]. **1898** A. ARINOS *Os Jagunços* II. iii. 226: No meio das roçadas, onde *magus* troncos nús, se erguiam para o ar com as cascas encarvoadas, avultavam as coivaras. **1902** E. CUNHA *Os Sertões* 117: Que se lhe antolhem quebradas, acervos de pedras, coivaras, moutas de espinhos ou barrancas de ribeirões, nada lhe impede encalçar o *caruara* desgarrado, porque *por onde passa o boi passa o vaqueiro com o seu cavallo...* **1914** COELHO NETO *Rei Negro* v. 192: Negros cruzavam-se nos carreiros, cães latiam e, dentre os mattos densos, como de coivaras que começassem a arder, subiam fumos ralos. **1915** LIMA BARRETO *Policarpo Quaresma* II. iii. 117: [...]; os galhos miudos e folhas, elle removia para longe, onde então queimaria em coiváras pequenas. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xx. 240: Bastaria um phosphoro para o fogo auxiliar o homem. A coivara completaria o trabalho. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 135: [...]; perdera o anzol grande, engastalhado na coivara; e, voltando para casa, vinha desconsolado, trazendo apenas dois timburês no cambão.

comandá *s.f.* Var.: 5 *comendá,* 6 *comemda,* 7 *comandâ* [< T. koma'na ~ VLB I. 135: *Faua* = Comandâ. Comãdaguaçu. *Ib.* I. 136: *Feijão* = Comãdâ. Comandâmirî].

Nome comum a várias plantas da família das leguminosas.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, I. XLVI. 333): Pois que até aqui tratamos dos mantimentos naturais da terra da Bahia, é bem que digamos dos legumes, que nela se criam. E comecemos pelas favas, que os índios chamam comendá, as quais são muito alvas, e do tamanho e maiores que as de Évora em Portugal; mas são delgadas e amassadas, como os figos passados. *c***1631** C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 177: Comemda quer dizer feiiam e tem de quatro ou cimquo castas bramquos e pretos e uermelhos e pardos e as folhas e frol cam como as de noso oropo e cam muito bomis de comer as froles cão aszuis [sic] e bramquas e amarelas e tem grãode uertude que as feiteiseiras na nosa tera fazem muitas feiteisirias deles e por iso elrei tem defemdido de leuar nenhuma e so pena de serem emforquados e aomde os axam cão queimados. IDEM *Ib.* fl. 177*v.*: Comemda gura cão feiiamis de pau que cão de altura de des ou doze a folho [sic] he desta maneira que aqui esta pintada he amarela dourada e he bom de comer. *c***1777** F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 263-264: [Arvore medicinal] Comandâuassú: a sua fructa é uma fava, remedio infallivel para empigens. Mal endemico da America.

comandoí *s.m.* Var.: 5 *comedoí* [< T. *komaṇu'i].

Espécie de feijão (*Erythrina mulungu* Mart.); mulungu.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXV. 79): Nos matos se criam umas árvores de honesta grandura, a que os índios chamam comedoí, de cuja madeira se não faz conta. Esta árvore dá umas bainhas como feijões, meios vermelhos, e meios pretos, mui duros, de finas côres, que é a semente de que as arvores nascem, os quais servem para tentos, e são para isso mui estimados.

congonha *s.f.* [< T. ?].

Nome comum a diversas plantas do gênero *Ilex*, semelhantes ao mate.

1783 M. C. ABREU *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 289: [...] porque muitos fazem vida de conduzir congonhas para a villa de Paranaguà, onde as permutam pelo sal, algodão e farinha, [...]. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 334: — Tem chá de congonha, requentado, mano velho [...]. **1956** IDEM *Grande Sertão: Veredas* 218: — "Fôfo faço, e em prazo, siô Baldo: acabar para uma vez com essa cambada canalha de jagunços!" — êle referia, com rompante e festa no dizer, bebendo seu coité de chá-de-congonha, que de tão quente pelava.

copaíba *s.f.* Var.: α. 5 *copahíba,* 5-7 *-paíba,* 5 *-pajba,* 5, 7 *-paiba,* 6-7 *-pauba,* 6 (*corpauba*), *-pahiva,* 6, 8-9 *-pahiba,* 6 *-paibba, -paiua, -paigbá, -paygba, -paigba, -paúba,* 7 *-paîba,* 8-9 *-pahyba*; β. 5, 8 *cupaigba,* 6 *-paîba,* 6-7 *-paúba,* 7 *-paûba, -pauba, -paiba,* 7-8 *-pahyba,* 8 *-pahuba, -pahiba* [< T. kopa'ïua].

Planta da família das leguminosas, de que se extrai um óleo com propriedades medicinais; copaibeira.

Tal como a cabureíba, a copaíba despertou extraordinário interesse nos cronistas dos sécs. XVI e XVII. Todos se referem às propriedades balsâmicas do seu óleo, que era aplicado com sucesso na cura de várias enfermidades.

1576 GÂNDAVO *Hist.* V. fls. 18*v.*-19: Hum certo genero de aruores ha tambem pelo mato dêtro na Capitania de Paranambuco a que chamam Copahíbas de q̃ se tira balsamo muy salutifero & proueitoso em extremo pera infirmidades de muitas maneiras, principalmente nas que procedem de frialdade causa grandes effectos & tira todas as dores por graues q̃ sejam em muito breue espaço. Pera feridas ou quaesq̃r outras chagas, tem a mesma virtude: as quaes tanto que com elle lhe acodem, saram muy depressa, & tira os sinaes de maneira, q̃ de marauilha se enxerga onde esteueram, & nisto faz ventagem a todas as outras medicinas. Este oleo nam se acha todo anno perfeitamente nestas aruores, nem procuram ir buscalo, senam no estio, q̃ he o tempo em que assinaladamente o crião. E quando querem tiralo, dam certos golpes ou furos no tronco dellas, pelos quaes pouco a pouco estam estilãdo do amago este licor precioso. Porẽ nam se acha em todas estas aruores, senam em algũas a que por este respeito dão nome de femeas: & as outras que carecẽ delle chamam machos, & nisto somente se conhece a differẽça destes dous generos: q̃ na proporçam e semelhança nam differem nada hũas das outras. As mais dellas se acham roçadas dos animaes q̃ per, instinto natural quando se sentem feridos, ou mordidos de algũa fera, as vão buscar pera remedio de suas infermidades. *c***1584** CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fls. 21-21*v.*: Cupaigba. He huã figrª comũtᵉ mᵗᵒ alta, dirtª, e grossa, tem dentro mᵗᵒ oleo, pª se tirar a cortaõ p'lo meo, aonde tẽ o uento, e av tem este oleo ẽ tanta abundancia, q̃ algũas daõ hũ quarto, e mais de oleo, he mᵗᵒ claro de cor dazeite pª as feridas he mᵗᵒ estimado, e tira todo o sinal. Tambẽ serue pª as cãdeas e arde bem. os animais sentindo sua uirtude, se uem esfregar nellas. ha grande abundãcia, a madrª naõ ual nada. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LVIII. 34): De tão santa árvore como a do bálsamo merece ser companheira e vizinha a que chamam copaíba que é árvore grande, cuja madeira não é muito dura, e tem a côr pardaça: e faz-se dela tabuado: a qual não dá fruto que se coma, mas um óleo santíssimo em virtudes, o qual é da côr e clareza de azeite sem sal; [...]. IDEM *Ib.* II. CXCII. 314: Fazem também na Bahia paveses e rodelas de copaiba, de que fizemos menção quando falamos da natureza desta árvore, [...]. *c***1594** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1771-1794: Copajba Saõ aruores altas e grosças he pao naõ mᵗᵒ duro fazẽ caixoẽs pª asuq̃r tẽ a folha como pessegeiro cortaõ esta aruore ate o meo ou onde tẽ uẽto e assi botaõ comũmᵗᵉ dez doze canadas deste oleo que vnico pª feridas e taõbẽ fiquaõ sẽ sinal [...] No ueraõ he o bõ este he mais claro q̃ o outro de assima [*caboreiba*] mas o outro cheira milhor e val mais dizẽ q̃ este de q̃ vou tratando he o verdadrº balçemo e ja se cotegou cõ hũ pouco q̃ leuaraõ ao brazil pª se fazerẽ oleos tẽ o cheiro e tudo senaõ a aruore e ja me pareçe q̃ vaj liçença ao bispo do brazil pª fazerem oleos cõ este, curaõ cõ elle quẽte e prezerua a carne da corrução. *c***1596** S. TRAVAÇOS *Declaração do Brasil* xlviii. fl. 37: Ha muitas aruores que cortandoas daõ muito oleo da copaiba que tem grandes uirtudes pera feridas, e corrimentos, E outras que daõ o balsamo, que dos Ilheos, E Spiritosanto, he o milhor do mundo. *c***1607** J. RODRIGUES *Relação* in S. Leite *Novas Cartas Jesuíticas* (1940) 201: E aqui me quebraram os moços um cabaço de óleo de cupaíba que muito estimava, indo-se-lhe pola ladeira abaixo. **1617** in ABN, LXXXII. (1962) 260: [...] no sopé do dito outeiro, se fês outra cruz em huma copaíba, junto da quoal está hum burarema, [...]. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* ii. fl. 56*v.*: prouco a'natureza com lhes dar hũ azeite que se tira de hũa aruore chamado copauba docoal toma o azeite o nome e com elle curaõ as feridas por ser detaõ marauilhosa vertude que em breue tempo sáraõ dellas [...]. IDEM *Ib.* fl. 57: e os nossos portuguezes que abitaõ por Estas partes uzaõ do propio Remedio desse azeite do Copauba e balsamo. IDEM *Ib.* iii. fls. 84*v.*-85: [...] e assim diguo que as madeiras de que tenho noticia e me alembra a callidade dellas saõ estas, [...] corpauba de hũa cor preta cixçelente [...]. **1624** S. E. SILVEIRA *Relação do Maranhão* fl. 12: [...] & pera as cãdeas hà muita sera, & muito oleo de Copahiva que alumia melhor que o de oliva, [...]. **1627** V. SALVADOR *Hist. Brasil* I. vi. fls. 11-11*v.*: [...] tambem se estimam outros, porque estillaõ de si oleo odorifero, e medicinal, quais saõ huas arvores mui grossas altas, e direitas chamadas copahibas, que golpeadas no tempo do estio com hum machado, ou furadas com huã verruma ao peé estillaõ do amego um preciozo oleo, com que se curaõ todas as infermidades de humor frio, e se metigaõ as dores, q̃ dellas procedem, e saraõ quaisquer chagas, principalmente de feridas frescas, posto com o sangue, de tal modo, que nem fica dellas signal algum depois, que saraõ: E acerta às vezes estar este licor tam de véz, e dezejozo de sahir, que em tirando a verruma corre com tanta quantidade como se tiraraõ o torno a huá pipa de azeite; porem nem em todas se acha isto, senaõ em as que os Indios chamaõ femeas, e esta he a differença, que tem dos machos, sendo em tudo o mais muito semelhantes, [...]. IDEM *Ib.* vii. fl. 14: Alem das arvores do salutifero balsamo, e oleo de copaibba, de q̃ ja fiz mençaõ no Cap. 6º ha outras, [...]. **1635** *Livro de Contas* in DHA, II. (1956) 223: De mel de pao olio de copaiua e balsemo 2v880. **1663** S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* I. § 58. 38: Dizião, q̃ desde o Rio doce até Cabo frio todas as mattas erão preciosas de pao Brasil, jacarãdá, copaigbás, pao rey, balsamos finos, cheirosissimos, medicinaes: [...]. IDEM *Ib.* § 72. 45: Veriaõ seus grandes aruoredos, espessas mattas que sóbẽ as nuuẽs, & encobrem o ceo: a grossura monstruosa de seus antiguos

troncos: a variedade de suas preciosas especies, as melhores de todo o Vniuerso, dos cedros, vinhaticos, jacarãdás, paos reys, paos Brasis vermelhos & amarellos, balsamos, copaygbas, almecegas, ibicuygbas, ou nóz noscadas, & outras especies innummeraueis de paos reaes, preciosos. IDEM *Ib.* II. § 80. 158: A terra toda póde chamarse hum só bosque. Pello que, deixando por mão a frescura, & preciosidade dos cedros, angelins, quasi ebanos, carápinimas, mocetaybas, claraybas, jacuybas, maçarãdúbas, cibipyras, vinhãticos, putúmuyús, tapapinhoãs, peróbas, çapucãyas, jacarandãs, paos Reys vermelhos, amarelos, palmeiras coqueiros: deixada outrosi a delicia das aruores, os balsamos, copaigbas, ibicuybas, icicatybas, jetaybas, salsafrazes, canafistolas, tamarinhos, quasi crauos, canelas, &c. deixando todas estas especies, descreuerei algũas sómente das q̃ saõ fructiferas, pera gosto dos que saõ curiosos. *c*1677 S. P. MORÃO *Queixas de Pernambuco* (ed. 1965, 52): [...] começam a acudir ao miserável enfermo com um tropel de mezinhas as mais delas quentes, como são os óleos de copaíba e outras fomentações semelhantes, [...]. 1694 J. F. ROSA *Trat. Constituição Pestilencial* I. vi. 37: Nas fogueiras se pôde lançar ramos de murta, incenso, almecega, ou balsamo, ou oleo de copauba [...] porque com estas cousas se faz o ar mais puro, & cheiroso, [...]. IDEM *Ib.* I. viii. 52: He o oleo de copaúba tirado de huma arvore grande, que só se acha nas mayores matas. Tem esta arvore a cor como vermelhão, & he de substançia muito dura: a sua folha he de figura oval: & dá huns fruttos de que se naõ acha uso medicinal. Neste pão nas luas cheas quando os fruttos estão maduros, se faz hum golpe até a sua medulla; & succede muitas vezes, estando assasoado, correr oleo em tanta quantidade, que em huma só arvore se tiraõ dez ou doze quartilhos. *c*1698 J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 15: [...] dá muito algodão, anil, urucù, copaúba, casta de balsamo [...]. IDEM *Ib.* 663: Na cidade do Pará fez-se uma bella palissada de pau cupaúba, desde o forte até o convento das Mercês, fazendo-se bellos reductos, [...]. 1730 ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 57. 36: Ha outro genero destas arvores da mesma côr, e grandeza, mas differentes na qualidade, e brotaõ dos troncos oleo menos suave, mas tambem cheiroso, que chamaõ cupaúba, igualmente proveitoso para muitos achaques, dores, e feridas, preservando-as de espasmos, e curando-as mais brevemente, que os unguentos da Cirurgia, e para as pinturas tem o mesmo effeito, que o de linhaça. IDEM *Ib.* II. § 119. 138: Levaõ os navios, além dos importantissimos referidos generos, outros de muito preço; ambar, balsamo, cravo, cacao, bahinilha, gengibre, canella, algodão, anil, oleo de copauba, madeiras de valor, pao Brasil, condurú, salsafraz, jacarandá, violete, vinhatico, tapinhoam, jataypeba, angelim, e cedro: [...]. 1730 in ABAP, III. (1904) 286: [...] aproveitandose elles dos Indios e Indias para as drogas que produz o certaõ de cravo e olio de cupahyba [...]. 1759 IDEM VIII. (1913) 50: Forão os preços estabelecidos cada [...] canada de olio de cupauba medida da terra a 1700 rs. [...]. 1761 JABOATÃO *Novo Orbe Seráfico Brasílico* I. i. 79: Suas matas rescendem em perfumes, e saõ delicias dos cheiros, porque abundaõ em balsamos, copaíbas, almecegas, e salsafrazes. 1763 J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 106: Tem esta Villa [*Villa Franca*] uma larga campina e lugares de que tira farinha em abundancia, e colhe muito cravo, recolhendo maravilhoso oleo de copaíba. IDEM *Ib.* 498: Ha muitas arvores de merim e de cupaúba, grandes páos amarellos, e de guariúbas, de que se fazem boas e compridas canôas: tambem se acha louro amarello excelente. 1770 in *Annexes du Premier Mémoire du Brésil* I. (1903) 181: Ha neste rio algum Oleo de Cupauba, e he habitado de Indios da Nação Aroaqui. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 204: Tem tambem *copaubas*, de que se extrahe o oleo do mesmo nome: [...]. IDEM *Ib.* 264: [Arvore medicinal] Cupaiba: bem conhecido balsamo. 1781 DURÃO *Caramurú* VII. li. 212: A Copaiba em curas applaudida, | Que a Médica Sciencia estima tanto, |- 1787 in *Annexes du Premier Mémoire du Brésil* I. (1903) 260: [...] a somauma branca e da amarella, a que tambem chamão Monguba, o oleo de cupaiba, [...]. 1801 in RAPM, II. (1897) 686-687: Generos vigetaes, Madeiras [...] Oleos de Biscoigba de Cupaigba: [...]. 1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 110: [...] e entre [*as árvores*] que destillam balsamo, nomeam-se em primeiro lugar a do *Cabureigba*, mais conhecido pelo nome de balsamo do Espirito Santo, a do Cupahyba, a do *Cumarú*. IDEM *Ib.* I. 163: As arvores que dam a rezina denominada sangue do dragão, as do oleo de cupahuba; epicuenha, jalapa, ruibarbo, e outras plantas medicinaes: [...]. 1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 8: Entre os balsamicos se notam a cupahiba, que dá o famoso oleo que constitue um dos ramos de exportação: a Gomma *elême*, o *umerim*, cuja casca encarnadá, alem dos varios usos na medicina, serve de incenso nos Templos das Villas e Aldèas do interior, e dá fructo saborozissimo. IDEM *Ib.* 117: [...] os Jacundás indios muito alvos e pacificos habitam as cabeceiras dos rios Mujú, Acará, e uma parte do Tocantins, comercèam com cravo, e oleo de copahiba: [...]. 1856 D. MAGALHÃES *A Confederação dos Tamoyos* IV. 111: Entretanto os Tamoyos vão vingando | Altas serras pejadas de caiúnas, | Cupahibas, jacuás e sucupiras; |- 1863 M. A. PORTO ALEGRE *Brasilianas* 59: Allí [...] Do roseo araribá, do copahiba, | Que o amago oleoso ensoberbece; [...] De novo a sombra na cerrada grenha | Quieta guarida offertaria ás aves, [...]. 1875 B. GUIMARÃES *A Escrava Isaura* (ed. 1918, i. 5-6): Longe em derredor a natureza ostentava-se ainda em toda a sua primitiva e selvatica rudeza; mas por perto, em torno da deliciosa vivenda, a mão do homem tinha convertido a bronca selva, que cobria o solo, em jardins e pomares deleitosos, em viçosos gramaes e pingues pastagens, sombreados aqui e acolá por gameleiras gigantescas, peróbas, cedros e copahybas, que attestavão o vigor da antiga floresta. 1888 V. MAGALHÃES *Horas Alegres* II. 155: As pilulas cruzavam-se inflammadas, as capsulas de copahyba explodiam mortiferas, o iodo corria de mil feridas invisiveis... 1895 J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazónia* I. i. 9/10: E quando á cata da seringa, da copahiba, da andiroba ou da castanha, preciso lhes é penetral-a, ainda os igarapés, bastantes ás suas leves canôas, abrem-lhes caminho commodo aos recessos habitados por esses vegetaes preciosos. 1907 E. CUNHA *Contrastes e Confrontos* 230: O latex das seringueiras, o cacáu, a salsa, a copahyba e toda a especie de oleos vegetaes, substituindo o ouro e os diamantes, alimentavam as mesmas ambições ensofregadas. 1930 G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 91: Depois da castanha, e emparelhando, talvez, com o oleo de copahiba, é esse um dos principaes productos de commercio da região, [...]. 1938 R. MORAIS *Os Igarauínas* xx. 237: Certas arvores eram prohibidas de cortar. A dona do roçado não deixava abater os cumarús, as pupunhas, as castanhas, sapucaia ou do Pará, as copahibas e as andirobas.

copaibeira *s.f.* Var.: 8 *copaibeira*, 9 *copahibeira* [< copaíb(a + -eira].

Copaíba.

1895 J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. i. 10: [...] nas matas virgens, onde se elevam as alterosas castanheiras de vasta cópa, as fartas andirobeiras e as robustas copaibeiras; [...]. 1930 G. CRULS *A Amazónia que eu vi* 91: Obtem-se o oleo de copahiba por meio de um furo feito á pua ou trado no tronco das arvores. Dahi a expressão, muito usada, de *tradar* a copahibeira.

copaibuçu *s.m.* Var.: 5 *copaubuçu* [< T. kopaïua'su < koïua + ũa'su 'grande'].

Gameleira (*Urostigma doliarium* Miq.).

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXI. 69): Há umas árvores muito grandes, a que o gentio chama copaubuçu, cuja madeira é mole, e não serve senão para cinza, para os engenhos fazerem decoada. Estas árvores tem umas raízes sôbre a terra, feitas por tal artificio, que parecem tábuas postas ali à mão, as quais lhe cortam ao machado; de que se tiram tabuões, de que se fazem gamelas de cinco, seis palmos de largo, e sete e oito de comprido, donde se fazem também muitas rodelas, que são como as de adargoeiro, e davantagem na levidão, cuja madeira é estopenda e muito branda, que não fende.

copiar *s.m.* Var.: 6 *cupiar*, 6-9 *copiar*, 8 *copiár*, 9 *copiá*, *cupiá* [< T. *kupi'ara].

Alpendre na parte dianteira das choupanas indígenas, formado pelo prolongamento da cobertura; espécie de varanda.

1623 in ACSP, III. (1915) 32: [...] e requereo o dito pd^{or} que o caminho da fonte que vai pello cupiar das cazas de paulo da costa estava feito [...]. *c*1698 J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 488: [...] e para que ficasse mais a mão aos missionarios que moravam em suas casas antigas, delineei o logar a modo de casa nova de residencia, com seus corredores e copiares que havia de ter, para ficar obra em tudo perfeita. 1711 A. J. ANTONIL *Cultura e Opulência do Brasil* I. i. iv. 15: [...] não consentindo risadas, nem conversaçoens, & praticas indecentes, não só na Capella, mas nem ainda no Copiar, particularmente quando se celebra o santo Sacrificio da Missa. 1761 JABOATÃO *Novo Orbe Seráfico Brasílico* I. ii. 44: [...] com lagrimas, e suspiros, e hum geral sentimento de todos, depois de lhe beijarem enternecidos os pés, lhe deraõ sepultura no Alpendre, ou copiarsinho [...]. *c*1762 IDEM *Ib.* (ed. 1858-1862, II. i. 55): [...] he vermos ainda hoje dentro dos muros e cerca do convento hũa capellinha com seu copiar, ou alpendre sobre assentos e columnas de pedra, [...]. 1763 J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 197: Sahimos costeando [umas praias]; mas o norte soprou pela prôa, que foi necessario dormir em uma enseada, onde ceiámos, e acalmado o vento prosseguimos, indo jantar a uma roça sem gente, mas com bom copiar, isto é casas de palha e lugares cobertos contra a chuva. IDEM *Ib.* 503: Lembra-vos a tyrannia com que abrazou as vossas casas e copiares, ralando a maniba roubando a banana, quebrando o arco dos fortes, e despontando as settas que serviam de terror ás nações, de respeito ao branco? 1857 J. ALENCAR *O Guarany* (2ª ed., 1864, II. i. 176): No vasto copiár do pouso havia tres pessoas contemplando com um certo prazer a luta espantosa dos elementos, que para homens habituados com elles, não deixava de ter alguma belleza. 1865 IDEM *Iracema* (3ª ed., 1878, xxi. 129): Quando veio a noite, os doces esposos armaram a rêde em sua nova cabana; e o amigo no copiar que olhava para o nascente. 1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 1): Naquelle dia o Sr. Porfirio Espirito

Santo da Silva recolheu-se para jantar mais cedo, [...] — em chinelas, sem meias, dirigiu-se para o copiar que servia de sala de jantar, [...]. **1888** INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, II. xii. 297): [...] elle, para descansar da escandalosa mandriice, atirava o corpo para o fundo d'uma excellente maqueira de tucúm, armada no copiar — para as sestas do defunto Padre Santo [...]. **1903** D. OLÍMPIO *Luzia Homem* xxvii. 264: Aboletaram-se no copiar, derrubando o comboio, que era um estandarte de malas, instrumentos, espingardas, na cara dos passageiros. **1922** A. PEIXOTO *Bugrinha* ix. 126: Na meia luz interna, a vista se acomodando no "copiar" da habitação abandonada, ela procurou o rude cêpo que servia de assento, [...]. **1934** J. L. REGO *Bangué* III. i. 146: Aquillo era lá engenho! Uma gangorra com casa de purgar de palha e o senhor de engenho de pés no chão, no copiá da casa-grande, que era uma tapera. **1936** IDEM *Usina* II. xxviii. 372: O cupiá da casa-grande coalhado de trabalhadores, de velhos, de mulheres. **1938** G. RAMOS *Vidas Secas* 70: Sinha Victoria cachimbava tranquilla no banco do copiar, catando lendeas no filho mais velho. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xx. 233: E, subindo com as tres para o copiar, armou uma rêde e a offereceu á mameluca.

corimbó *s.m.* [< T. kori'ɱo].

Planta da família das convolvuláceas.

1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 14: [...] diversas qualidades de trêvos aromáticos, a *piripiróca,* especie de capim, cuja raiz he assás fragante; o *corimbó,* cipó grosso que cresce nos lugares humidos, sua côr he encarnada, e exhala de si agradavel cheiro; [...].

corneíba *s.f.* [< T. ?].

Aroeira (*Schinus terebinthifolius* Raddi.).

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lx. 38): Corneíba é uma árvore, que na fôlha, na flor, na baga e no cheiro é a aroeira de Espanha, e tem a mesma virtude para os dentes, e é diferente na grandura das árvores, que são tamanhas como oliveiras, de cuja madeira se faz boa cinza para decoada dos engenhos. Naturalmente se dão estas árvores em terra de areia, debaixo de cujas raizes se acha muito anime, que é no cheiro, na vista, e na virtude como o de Guiné, pelo que se entende, que o estila de si, pelo baixo do tronco da árvore, porque se não acha junto de outras árvores.

coroca *adj.* e *s.m.* e *f.* Var.: 8-9 *coroca,* 9 *coróca, curuca* [< T. ku'ruka 'resmungão' ~ VLB II. 101: *Remusgar, ao q. lhe dizem, ou mandão* = Xenheẽcurũcurũc, 1, Xenheengcurũruc].

Decrépito, caduco; pessoa idosa e feia; *por extensão,* galinha velha (v. abon. 1930).

1875 J. ALENCAR *O Sertanejo* II. xi. 175: O Jaime, este é bom menino; sahe ao pae, coitadinho, o defuncto Sr. Lourenço Falcão, rapaz do meu tempo, que ainda me conheceu moça, quando eu era uma rapariga sacudida, que hoje não presto mais; estou uma velha coroca. **1930** G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 276: Agora, nada se perde e até uma coróca, morta hoje pelo Sampaio, deu-nos bôa canja no jantar. **1935** JORGE DE LIMA *Calunga* viii. 81: [...] — rezadeira contra olhados e bicheiras, da velha Guiné — que vivia de adivinhações de sonhos de bicho, dando palpites, mas daquéla curuca engilhada absolutamente não se lembrava mais não. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 250: — Um se chamava Furta-Moça... Só mesmo por graça, que nem velha coroca êle não era gente p'ra furtar!

corocuturu *s.m.* [< T. ?].

Ave da família dos falconídeos.

1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 84: [grande variedade de gaviões! O *corocuturú* he pardo de quatro palmos de comprimento do alto da cabeça athé á extremidade da cauda, com dois chifres depennas compridas aguçadas a par um do outro; e unhas negras de polegada e meia de comprimento, e grossura proporcionada, com as quaes arrebata um micco, ou macaco pequeno de cima das arvores, e o leva pelo ar com muita facilidade. Pouco ou nada differe do Bufo. Alguns brigam, e matam as cobras, fazendo um escudo das azas, e lança da unhas.

‖ **coruatatíua** v. abon.

1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 13: [...] diversas qualidades de arbustos, a que chamam geralmente *tajá,* que são antidotos contra os venenos dos reptis, a *caróba,* e o *araranin,* ou *coruatatíua,* excellente dissolutivo das hidropezias reduzido a cinzas: [...].

craúba *s.f.* [< T. kara'ĩua ~ cp. CARAÍBA[2]].

V. abon.

1874 J. ALENCAR *Ubirajara* i. 8: O joven caçador empunha a lança de duas pontas, feita de roxa craúba, mais rija que o ferro. IDEM *Ib.* 164: *Craúba.* — É a mesma *carabiuba* dos indios, assim contrahida pelo uso dos nossos sertanejos. Madeira roixa, excessivamente rija, que não cede ao páo-ferro no peso e na dureza. **1875** IDEM *O Sertanejo* II. i. 8: Todavia Arnaldo não trocaria por esta, a sua vara de craúba, que elle com a ponta da faca havia nas horas de repouso coberto de toscos desenhos, onde talvez escrevera a historia de sua vida.

criciúma *s.f.* Var.: 8 *cresciúma,* 9 *crissiúma* [< T. ?].

Planta da família das gramíneas.

1863 M. A. PORTO ALEGRE *Brasilianas* 53: Immensos crivos de cruzadas norças, | De estriadas butuas, camarões, flexiveis, | E de aérea, arrendada cresciúma, | Semi-suspensos de pujantes troncos, | Das auras ao volver se embalam, gemem, | Como harpas cólias gigantescas. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 145: Então Cassiano rastejou, recuando, e, dando três vezes o lanço, transpôs as abertas entre a crissiúma e a guaxima, [...].

crueira *s.f.* [< T. kuru'era ~ VLB I. 134: *Farelo, e tudo o q. fica da farinha peneirada ou aioeirada* = Mindocuruera, e todo o semelhãte como não for farinha. Curuera, como o q. fica da cal ioeirada etc.].

Parte grosseira da mandioca que não passa nas malhas da peneira; cp. MINDOCURUERA.

1928 M. ANDRADE *Macunaíma* ii. 20: Comeram tudo, até a crueira dura se acabou e o fogarêu de noite e dia não moqueava nada não, era só pra remediar a friagem que caiu. **1936** J. L. REGO *Usina* I. i. 12: Diziam que o desgraçado tinha dinheiro. E só encontrára crueira na casa de farinha.

cuandu *s.m.* Var.: 5 *candu,* 5-6 *coandu,* 6 *quoandu, goandú,* 7 *gandú,* 8-9 *quandú, coandú,* 9 *cuandú* [< T. kụa'nu].

Mamífero roedor da família dos eretizontídeos; espécie de porco-espinho.

Os primeiros cronistas identificaram-no com o porco-espinho do Velho Mundo (da família dos histricídeos), com o qual, efetivamente, apresenta muitas afinidades.

*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 14*v.*: Canduacú. Este animal he o porco espin de africa, tem tambẽ espinhos brancos e pretos taõ grandes q̃ sam de palmo e meo, e mais; e tambẽ os despedem como os de africa. Ay outros destes [*porcos-espinhos*] q̃ se chamaõ candumiri: por serem mais piquenos, e tambẽ tem espinhos da mesma manr[a] **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cviii. 151): Há outro bicho que no mato se cria a que chamam os índios coandu, que é do tamanho de um gato; não corre muito, por ser pesado no andar, cria no tronco das árvores onde está metido de dia; e de noite sai da cova ou ninho a andar pela árvore, [...]. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1073-1079: Canduguaçu porco espinho Este he o porco de africa tẽ os espinhos como de palmo e meio e despedeos de ssi como setas saõ brãcos e pretos ha no sertaõ de Rjo de s. fr.[co] m[tos] ha outros mais piquenos da mesma manr[a] candumerj̃ como ourico cacheiro tẽ penas mas naõ as despede. **1610** J. MONTEIRO *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.* VIII. (1949) 420: Do coandu guaçu. Este é o verdadeiro porco espinho, o qual não se cria nesta costa junto ao mar, mas pelo Sertão dentro, nas ribeiras do Rio S. Francisco, como os viram alguns Padres nossos naquelas partes, e de quem tomei esta relação. Tem uns espinhos em lugar de cabelo mais de palmo, grossos como penas de patos, mui agudos, talhados de preto sobre o branco. Estas são as suas armas com que se defendem, despedindo-os de si como setas. Há outros mais pequenos, coandu mirim; estes não despedem os espinhos posto que os tenham como os maiores. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 133*v.*: [...] quoandu — he hũa casta de ouriço da feiçaõ dos de portugal. deque tambem os jndios se aproueitaõ pera seu mantimento [...]. **1648** M. CALADO *O Valeroso Lucideno* VI. i. 348: Qual Goandù sagitifero, que irado | Ao jauali mais furibundo excede, | E nas aruores altas encumbrado, | Centos de sètas com furor despede:]. *c*1767 J. DANIEL *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, II. (1840) 335: Um destes seus agouros é com a anta, de que fallámos acima: similhante tem com o ouriço cacheiro, a que chamão gandú-açú, que lhes annuncia a morte, porque o virão deste ou daquelle modo; e em muitos outros animaes. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* II. 223: Ha furões, ouriços-cacheiros com o nome de *quandús* como em Pernambuco, [...]. **1865** J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, xviii. 108): [...] nas pontas irriçadas de suas flechas, que elles despedem do arco aos molhos, como o coandú os espinhos de seu corpo. [*Nota do Autor à pág. 219*] *Coandú* — porco espinho. **1903** D. OLÍMPIO *Luzia Homem* xxvi. 241: — Ainda fico frio quando me lembro dessa visagem. Os meus cabellos se arripiam como espinho de quandú. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* xvii. 252: Caicãi sentado na porta da toca puxou a violinha dele feita com a outra metade da abobra encantada e agarrou cantando assim: "Vôte vôte coandú! Vôte vôte cuatí! [...]. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xvii. 196: Enquadravam bandos de preguiças e conduziam na rectaguarda filas de cuandús.

cuatá *s.m.* Var.: 7-9 *coatá,* 8 *quatá,* 9 *cuatá* [< T. [m]kụa'ta].

Macaco da família dos cebídeos.

*c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH,

XIII. (1872) 258: [Macaco] Coatá, de duas variedades, preto e cinzento. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 123: [...] attribue-se a origem desta deformidade ao ajuntamento das Indias com os macacos *quatás*, por cujo motivo saõ tambem conhecidos por *Quatás-tapuias*. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 277): [...]. e no estado de espirito em que se achava, cuidava vêr como um enorme coatá nú, hirsuto, elevando o corpo esgalgado, secco, até o ceu, e erguendo na mão esqueletica o facão do vaqueiro, [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* v. 57: Nos ramos das ingàzeiras das aningas das mamoranas das embaúbas dos catauarís de beira-rio o macaco-prego o macaco-de-cheiro o guariba o bugio o cuatá o barrigudo o cairara, todos os quarenta macacos do Brasil, todos, espiavam babando de inveja. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 70: Um dos nossos homens, que sahira a caçar, voltou acurvado ao peso de duas macacas coatás. Idem *Ib.* 169: A bicharada é tambem numerosa: dous filhotes de coatá, [...]. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* xvii. 194: Não demorou um minuto surgiram bandos de macacos capitaneados pelos coatás.

cuati *s.m.* Var.: 5-6, 8-9 *coati*, 5-6, 8 *quati*, 6, 8 *coaty*, 6 *coatí*, 7 *coati*, *coatí*, (*coatiá*), 7-8 *quatí*, 8 *quaty*, 9 *cuatí* [< T. kụa'ti ~ VLB II. 96: *Rapoza* = Jagoapitanga, não no parecer, nem no officio. Outra Coati, no parecer, mas não no officio. Jaguacining, no parecer e no off°.].

Mamífero carnívoro da família dos procionídeos.

A var. *coatiá* (v. abon. 1781) talvez resulte da fusão de *cuati* com *cutia*.

*c*1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 15*v.*: Coati. Este animal he pardo, parecesse cõ os texugos de Portugal, tem o fucinho m^to^ comprido, e as unhas, trepaõ polas aruores como bugios. naõ lhe escapa cobra nem ouo, nem passaro, nẽ quanto pode apanhar, fazemse domesticos ẽ casa mas naõ ha quem os sofra porq̃ tudo comẽ. brincaõ cõ gatinhos, e cachorrinhos, e sam maliciosos, aprazieis, e tem muitas habilidades. **1587** G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. xcviii. 132): Coati é um bicho tamanho como gato, tem o focinho como furão e mais comprido. São pretos, e alguns ruivos; tem os pés como gato, o rabo grande e felpudo, o qual trazem sempre levantado para o ar; são mui ligeiros, andam pelas árvores, de cujas frutas se mantêm, e de pássaros que nelas tomam. Tomam-no os cães quando os acham fora do mato, a que ferem com as unhas mui valentemente; os novos se amansam em casa; onde tomam as galinhas que podem alcançar; as fêmeas parem três e quatro. *c*1590 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. M) 366-367: Porcos espinhos de Africa ha de duas castas e asim tem as sedas e o mais gatos brauos, e coatis, saguis e outros m^tos^ bichos ha. *c*1594 Idem *Ib.* (ms. C) 1130-1137: Dos quatis Texugos de portugal Este animal he mais inquieto e sofrego trepa p'las aruores naõ corre m^to^ he daninho quati monde se saõ m^tos^ cometẽ a gẽte trepaõ e tẽ grãde força cõ as vnhas e dentes ha outros q̃ tẽ dẽtes como Jauaris tẽ pelles pera forros boas que parecẽ veludo tẽ tromba como de porco mais cõprida e delgada. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 129: [...] e tambem outra sorte dos semelhantes a que chamaõ Coaty — e assy hũ como o outro saõ boñs pera se comerẽ [...]. **1618** S. E. Silveira *Carta* in ABN, XXVI. (1905) 364: Ha muita quantidade e diversidade de porcos e algunos se matao atrauessando os braços do Rio em magotes; ha muitos veados, muitas antas, pacas, como lebres, gibatos e coatis mayores que ellas, apercas como coelhos, lindos bugios, e saguis [...]. **1648** M. Calado *O Valeroso Lucideno* I. iv. 53: [...] alli tinha os tigres, a onça, a cissuarana, o tamandua, o bugio, o quati, o sagoim, o apereà, as cabras do Cabo verde, os carneiros de Angola, a cutia, a paqua, a anta, o porco jauali , grande multidão de coelhos, & finalmente naõ auia cousa curiosa no Brasil q̃ alli não tiuesse, [...]. **1663** S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 102. 177: Remetome aos livros citados, & repito sómente os nomes: pacas, tátús, tamãduás, coelhos, este de seis especies; bogios, ságuis, macacos, preguiças, cotias, coatis, londras: seria longo cõtar todos. **1730** Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 65. 40: Das caças quadrupedes silvestres, ha veados, capivaras, coelhos, cotias, coatis, periz, teûs, tatûs, e pacas; estas, posto que nocivas para a saude, tem a carne superior no gosto a todas as do Brasil. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 258: [Quadrupede] Coatí, de duas especies. **1781** Durão *Caramurú* VII.'lix. 214: Da varia caça, que o Caboclo mata, ! A Narração por longa não prosigo, ! veados, capivaras, e Coatiás, !. **1792** F. O. Barbosa *Noticias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 23: [o rio Tietê] é muito fertil de caças pois tem com abundancia [...] quatis, pacas, cutias [...]. **1806** in RAPM, VI. (1901) 772: Coati, pequeno animal do tamanho de hum Cão muito rasteiro. He de corpo toruloso, pello alto, e macio, de varias côres, parda, cinzenta, e amarello-verde com beta cinzenta, que em alguns he fusca pelo fio do lombo em huns e n'outros pela cruzes. A sua carne he delicada, e preferivel a do Leitão; costuma criar toicinho de meia polegada, e anda em lotes. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 68: O *quaty* he muito semelhante á rapoza na primeira vista, mórmente na cabeça, porém as orelhas sam mais curtas, mais redondas, e menos pelludas: seu pello tambem he comprido, grosso, e molle como o daquelle animal, do qual terñ a fizionomia: as pernas sam curtas, e grossas; os pés compridos com cinco dedos guarnecidos de unhas com que sóbe ás arvores, e dezenterra os insectos: a cauda he comprida, redonda, adelgaçando em todo o comprimento athé á extremidade, [...]' a boca grande, e dentes de cão: o queixo inferior de quazi dois dedos mais curto que o superior: este animal domestica-se de sorte, que acompanha seu dono ao campo, como hum cãozinho; mas o seu natural inquieto faz que elle esteja sempre prezo. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 26: [...] *rapózas, quatís, preguiças, ouriços-caxeiros* e a *mucúra*, animal nojento, inimigo declarado das galinhas; recolhe os filhos em uma especie de sacco, que tem em parte exterior do ventre, logo que sente o menor movimento dos outros animaes; o seo tamanho pouco excede ao de um gato grande, e os Indios comem a sua carne, que reputam saborosa. **1846** G. Dias *Primeiros Cantos* (ed. 1865, I. 14): Já hoje não cáção nas matas frondosas ! A corça ligeira, o trombudo coati... ! A morte pousava nas plumas da frexa, ! No gume da maça, no arco Tupi! **1865** J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, xxiv. 143): Traçavam em principio negras riscas sobre o corpo, á semelhança do pello do coaty de onde procedeu o nome dessa arte da pintura guerreira. **1875** Idem *O Sertanejo* II. xvi. 265: Deixando-o andar ás tontas, estendeu a sua gente em roda do capoão e com os melhores vaqueanos começou á bater o mato em regra, como sabem fazer os sertanejos, á quem não escapa um quaty entre as folhas. **1876** F. Távora *O Cabeleira* viii. 141-142: Cheiro de carnes putrefactas feriu-lhe logo o olfacto agudissimo que sentia, á distancia, o coaty, o veado, a anta, e até a cobra. **1876** Couto de Magalhães *O Selvagem* II. ii. 83: Quem visita uma aldea selvagem visita quasi que um museu vivo de zoologia da região em que está a aldêa; araras, [...] quatys, mutuns, [...]. **1877** N. J. R. Sousa *Diário* (ed. 1946, 37): [...] almoçamos a carne assada dum coati [...]. **1879** B. Guimarães *O Pão de Ouro* vi. 296: Outros com a agilidade do quati andavam trepando pelas arvores para colher fructos, ou para sorprehender os passaros e roubar-lhes os ninhos. **1898** A. Arinos *Os Jagunços* I. ii. 21: E tú, coati velho... élho! Eu te faço... aço... cahir do páu... áu... **1928** M. Andrade *Macunaíma* xvii. 252: Caicãi sentado na porta da toca puxou a violinha dele feita com a outra metade da abobra encantada e agarrou cantando assim: "Vôte vôte coandú! Vôte vôte cuati! [...]. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* xvii. 198: O macaco piscou p'ra cotia; o jacaré p'ra giboia; o coati p'ra arara.

cuatiara *s.f.* Var.: 6 *cotiara, cutara*, 8 *quatiára*. Cp. ibiracuatiara [< T. kụa'tiara ~ VLB II. 78: *Pintada cousa, adiectiuo* = Ycoatiaripigra. *Ib.: Pintura, substantiue* = Coatiara, 1. Ycoatiara].

Madeira rajada; ibiracuatiara.

1616 in ABN, XXVI. (1905) 258: O Rio [Amazonas] parece capaz para muy grandes cousas por ser da largura que digo, e as terras muyto fertelissimas com muita diversidade de madeiras, como as do Brazil e mais avantajadas por serem arvores notavelmente grandes entre as quaes ha hum páo a que o Gentio chama Cotiara muy lindamente debuxado e gracioso á vista. **1618** S. E. Silveira *Carta* in ABN, XXVI. (1905) 364: [...] mil bellas arbores de muito prestimo, ha infinitas madeiras grandissimas ha paodarco, cotiara, que quer dizer pao pintado as aruores das anhas sao como castanheiros he pao amarello, pao Santo; pao do Brasil [...]. *a*1667 Heriarte *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 177): [as terras planas do rio Paranaíba] Tem infinitas madeiras de Cutaras Pinimas, que sam de muitos lavores, Cedros, Louros, Piquis, Piquiranas, e muitas castanhas que se criam nos montes: são melhores que as nozes e amendoas. **1817** Casal *Corografia Brazílica* II. 338: Entr'outras arvores de madeira estimada que se criam no seu districto [Macappá] nota-se a chamada *quatiára*, cujo páu he amarello raiado de preto; [...].

cuatimundé *s.m.* Var.: 5 *quati monde*, 6 *quatimondé*, 7 *quatí mundé*, 8 *quaty-mondé* [< T. kụatimu'nẹ < kụa'ti 'cuati' + + mu'nẹ 'armadilha' ~ VLB I.41: *Armadilha que tomba com peso ou estalando* = Mundê (...)].

Nome de uma espécie de cuati (*Nasua nasua solitaria*), de vida solitária; designação vulgar dos cuatis já velhos, que vivem desgarrados do bando e que, por vezes, são aprisionados nas armadilhas de caça.

*c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1130-1137: Dos quatis Texugos de portugal Este animal he mais inquieto e sofrego trepa p'las aruores naõ corre m^to^ he daninho quati monde se saõ m^tos^ cometẽ a gẽte trepaõ e tẽ grãde força cõ as vnhas e dentes ha outros q̃ tẽ dẽtes como Jauaris tẽ pelles pera forros boas que parecẽ veludo tẽ tromba como de porco mais cõprida e delgada. *a*1696 G. Matos *Obras* (ed. 1969, V. 1147): Indo à caça de tatus / encontrei Quatimondé / na cova de um Jacaré/tragando treze Teiús: /. **1789** F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 28: Quatí Mundé com a cabeça parva, ovada; rostro fino, longissimo;

tomba subporcina; olhos grandes negros; orelhas pequenas, rotundatas; nares lateraes, grandes, fissas; [...]. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* I. 69: Ha duas castas deste quadrupede (*cuati*) sem outra diferença mais que a do volume: os pequenos andam sempre em rebanhos: *quaty-mondé* he o seu nome.

cuatipuru *s.m.* Var.: 9 *quatipurú* [De *acutipuru* (< T. *akutipu'ru), com influência de *cuati* (var. *quati*)].

Mamífero roedor da família dos ciurídeos; ACUTIPURU.

1929 G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* xiii. 192-193: Não entraram no parque já fechado, mas aspiravam de fóra o bom cheiro daquelle interior, onde passeavam tranquillas as cutias, sorriam os quatipurús e dormitavam os cysnes e os flaminios.

cuaxinguba *s.f.* Var.: 7 *coaxanduba*, 8 *caxingúba*, 9 *guaxinguba* [< T. *kuašiŋ'iua, *kuašin'iua].

Planta da família das moráceas.

1763 J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 72: Pelas 11 horas procuramos terra para jantármos á sombra do arvoredo, que alcançámos debaixo de bem copadas e altas *coaxandubas*. Esta arvore não menos vistosa pela folha larga e tesura do tronco, é notavel pelo leite que se lhe tira, e é excellente para vomitorio, e tambem para extinguir lombrigas e parar diarrhéas. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 14: [...] a *caxingúba*, arvore lactifera, e cujo licor he excellente contra as lombrigas: o jasmim do mato tambem lactifero he applicado para as obstrucoens; [...]. **1930** G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 122: Aqui, é uma *manaiara* com a copa pintalgada de rosco; ali, uma *guaxinguba* com ramilhetes dourados á ponta dos ramos; [...].

cuia *s.f.* Var.: 5-7 *cuya*, 5-9 *cuia*, 5-6 *cuja* [< T. 'kuia; cp. kui'aua 'cabaço cortado ao meio' ~ VLB I. 61: *Cabaço de grãde casta partido pello meyo* = Cuyaba. outros compridos q. seruem assi partidos. Cuipeba: inteiros Cuiete, daruore jgacica cuĩbuca].

Vasilha, de forma semi-elipsoidal ou semi-esférica, feita com a casca da cuieira; cabaça.

*c***1584** CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 31*v.*: Ha nos rios dagoa doce muytos generos de conchas grandes e piquenas, alg^as^ saõ taõ grandes como boas cuyas, [...]. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CLVIII. 259): [...] e as moças [Tupinambás] solteiras da casa andam dando o vinho em uns meios cabaços, a que chamam cuias, aos que andam cantando, os quais não comem nada emquanto bebem, o que fazem de maneira que vem a cair de bêbados por êsse chão; [...]. *c***1596** S. TRAVAÇOS *Declaração do Brasil* xxx. fls. 25-25v.: [...] e as mocas solteiras da casa andaõ dando o uinho em hũs meios cabacos (a que chamaõ cujas). aos que andaõ cantando, os quais naõ comem nada em quanto bebem, [...]. *c***1607** J. RODRIGUES *Relação* in S. Leite *Novas Cartas Jesuíticas* (1940) 239: E cada um tem sua tripeça, em que está assentado, e sua cuia, e um indio anda com uma cuiaba cheia de vinho, e, com outra pequena, vai lançando nas cuias, que êles têm na mão, cantidade de um ovo: [...]. **1610** J. MONTEIRO *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.* VIII. (1949) 416: [Lamentação dos mortos] Depois de chorado o defunto, levam-no pintam-no com mil pinturas; acabado isto enovelam-nò todo à roda com fio de algodão, de modo que lhe não parece parte alguma do corpo; cobrem-lhe o rosto com uma cuia, que é a metade de um cabaço; [...]. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* vi. fl. 144*v.*: [...] hũa cuja, que he hũ mejo cabaço em que vaõ buscar Aguoa com aver da comonidade de tres ou coatro fornos de barro em que cozem a farinha — feitos ao modo de Alguidares [...]. **1627** V. SALVADOR *Hist. Brasil* I. xiii. fls. 23*v.*-24: Quando he hora de comer se ajuntaõ os do rancho, e se asentáo em cocoras, mas o Pay de familia deitado na redde, e todos comem em hum alguidar, ou cabasso a que chamaõ Cuia, que estas saõ as suas baixelas, e dos cabassos principalmente fazem muito cabedal porque lhes servem de pratos p^a^. comer, de potes, e de pucaros pera agua, e vinho, e de colheres, [...]. *c***1631** C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 181*v.*: Cuijte he hũa aruore não m^to^ gramde de hũas fruttas como cabasos redondos e cõpridas dele fazem cuias de que usão os negros p^a^ sua seruentia [...]. **1636** L. FIGUEIRA *Missão do Maranhão* in S. Leite *Luiz Figueira* (1940) 196: [...] todos traziaõ seus prezentes, naõ só de couzas de comer, mas outras muitas como arcos, frechas, pedras que elles estimaõ, e saõ como dinheiro seu e cuyas, que saõ como pratos ou tigellas, que disso seruem; [...] e em todas as aldeas repartiaõ cõ o Padre liberalmente de todas estas couzas, e principalmente destas cuyas, que só aqui neste Curupá se fazem por não áuer noutra parte as tintas, que saõ uernizes, e rezinas de certas aruores. **1663** S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* I. § 120. 74: Fóra deste, seu maior enxoual vẽ a ser hũa rede, hum patiguá, hũ pote, hum cabaço, hũa cuya, hũ cão. **1663** IDEM *Cr. Comp. Jesus no Brasil* II. § 125. 267: cõ tal successo, q̃ por prouidencia diuina a poucas jornadas encõtrou cõ chusma de mais de tres mil almas, homens, mulheres, & meninos, taõ carregados de suas alfaias, cabaços, cuyas, patigoàs, potes, bogios; [...]. IDEM *Ib.* III. § 39. 312: Houue tal, que entregou sua liberdade por hũa só cuya de farinha pera liurar a vida; [...]. **1685** J. S. FERREIRA *Noticiário Maranhense* iii. 141: [...] por. que o fructo, que se pode esperar de todos elles espargidos na ociosidade de seus dilatadissimos, E incognitos certoẽs sem cuidado de uestir; nem mais fazenda, que hũ cabaço a que chamaõ cuya; [...] *a***1696** G. MATOS *Obras* (ed. 1969, I. 198): A tal era uma Tapuia | grossa como uma jibóia, | que roncava de tipóia, | e manducava de cuia: |. *c***1698** J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 36-37: [...] e desfeitas com uma pedrinha, com que as vão roçando e em uma cuia de agua bebida, dã tão grandes forças, que indo os indios á caça, um dia até outro, não têm fome, [...]. IDEM *Ib.* 180: [...] estando uma parenta sua morrendo na sua rède com a assistência minha, ahi mesmo estavam bailando e fazendo seus pocès e bebedices, pondo-lhe ao doente uma cuia de farinha secca debaixo da rêde, para que della comesse se quizese. **1711** A. J. ANTONIL *Cultura e Opulência do Brasil* III. xiv. 171: Divertida, & esgotada a agua com as bateas, ou cuyas; se tira o cascalho, ou seixos grandes, & pequenos, que na agua naõ he muy alto, & se dá cõ a piçarra: [...] **1757** D. L. COUTO *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 61: [...] o seu enxoval, hũa rede, hum patigua, hum cabaço, hũa cuya, hum cão. **1761** JABOATÃO *Novo Orbe Seráfico Brasílico* I. 1. 154: [...] Cuyatés, que saõ como cocos, que produzem certas arvores, huns redondos, outros espigados, de casca forte, e dura; os mayores saõ como aboboras sylvestres, e muito mais avultados alguns; de huma, e outra especie depois de seccos, e partidos ao meyo, fazem pratos para comer nelles, a que chamaõ cuyas, e algumas lavradas por fóra de várias cores, e ao seu modo muy galantes; [...]. *c***1762** IDEM *Ib.* (ed. 1858-1862, II. 1. 27): [...] cozer o seo caldo e fazer de hum pouco deste seo mel para comer logo e guardar, e outro pouco deixa-lo engrossar mais, e lançado em vazos de barro maiores para coalhar, e fazer o açucar, e em outros vazos menores, a que chamaõ cuyas, ou cuyatez as rapaduras, [...]. **1763** J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 88: As mulheres aqui [Belém], fiam e tecem algodão, pintam cuias, que é uma certa especie de cabaças redondas que nascem em grandes arvores, e partindo as taes fructas ao meio servem para beber, sendo as mais estimadas n'esta altura as que têm em o labio ou borda a pedra verde uuraquitam. *c***1767** J. DANIEL *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, II. (1840) 341: Todos os seus moveis, trastes, e instrumentos de casa se cifrão em uma panella, uma cuia, que é um genero de cabaço por onde bebem, uma machira ou rede para dormirem, que muitos remedeão com uma esteira, a que chamão miaçaba, tecida de palmas ou cipó. IDEM *Ib.* 343: Os seus pratos sãò umas vezes folhas de arvores, outras nos mais polidos são umas cuyas, que, como ja disse, são um genero de bons cabaços, ou cousa similhante; [...]. **1781** DURÃO *Caramurú* IV. xxvi. 119: Nas mãos hum dardo de páo santo agudo; | Sobre os hombros a rede, á cinta as cuias, | Tal era a imagem dos crueis Tapuias. **1798** D. C. BARBOSA *Viola de Lereno* (ed. 1826, II. 15): Xarapim eu bem estava | Alegre nest'alleluia; | Mas para fazer-me triste | Veio Amor dar-me na cuya |. **1798** in *Annexes du Premier Mémoire du Brésil* I. (1903) 293: [...] e que lhes levasse algumas cousas que indicarão, como são o anil, tabaco, pentes, cuyas. **1811** IDEM 298: [...] e que tambem lhe pediram algumas cuias pintadas, [...]. **1842** MARTINS PENA *O Juiz de Paz* (ed. 1956. I. 37): [...]: a minha cadela Tróia, aquela mesma que escapou de morder a V. S^a^. naquela noite, depois de que lhe dei uma tunda nunca mais comeu na cuia com os pequenos. **1856** D. MAGALHÃES *A Confederação dos Tamoyos* III. 77: Lhes offertam em cúias coloridas | O ardente nanauy, e outros diversos |. **1863** M. A. PORTO ALEGRE *Brasilianas* 269: [...] A mão mimosa | Esta cuia adornou, colhida da arvore | Que ella mesma plantára, de saudades | Formosa tarja lhe bordou na orla, | E aqui, n'um coração farpado, Angelia | Gravou seu lindo nome; [...]. **1866** J. ALENCAR *As Minas de Prata* VI. v. 131: Ao mesmo tempo viravam cuias sobre cuias de aloá e outras bebidas fermentadas, de que tinham sido parcos á conselho do padre; e o insultavam jogando-lhe às faces a borra que ficava no fundo do vaso. **1869** VARELA *Cantos Meridionais* (in *Obras Completas*, ed. 1896, II. 172): As cuias de café se repetiam. **1870** J. ALENCAR *O Gaúcho* I. 1. iii. 19: Depois de recolher seus animaes ao potreiro, e guardar os arreios ao canto que lhe destináram, sentou-se no alpendre e pediu uma cuia de mate. **1871** IDEM *O Tronco do Ipé* I. xiv. 159-160: Mario tinha então sete annos, e assistiu a uma parte da conferencia dos dois irmãos, que vendo-o entretido a brincar com um carrinho de cuia não pensaram que lhe desse attenção. **1871** B. GUIMARÃES *Lendas e Romances* I. iii. 27: — Deixa a pobre rapariga chorar, gritou pae Simão, que até ali tinha-se conservado silencioso acocorado ao pé do fogo, comendo uma cuia de melado com mandiócas assadas. **1872** IDEM *Hist. e Trad. Minas* II. i. 34-35: Uma cuia de agoa fria lançada na cabeça de Paulina restituio-lhe promptamente os sentidos, e o consternado pae levantou aos ceos as mãos agradecidas chorando de alegria ao ver que felizmente sua filha estava ilesa. **1872** TAUNAY *Inocência* (2ª ed., 1884, iv. 54): Appareceu a velha escrava, que estendeu em larga e mal aplainada mesa uma toalha de algodão grosseira, mas muito alva, sobre a qual derramou duas boas cuias de farinha de trigo: [...]. **1875** J. ALENCAR *O Sertanejo* II. viii. 130: — Que tem lá isso? perguntou com tom arrebitado a Rosinha, que estava de lado sentada em um galho secco, e

almoçava laranjas e passoca em uma cuia. 1875 IDEM *O Jesuíta* II. iii. 57: Uma fumaça de cigarro, uma cuia de mate, um beijo de moça, e o seu tordilho por junto, é tudo que ha de melhor neste mundo. 1876 F. TÁVORA *O Cabeleira* xi. 189: Sem esperar resposta, o velho tomou o interior do casebre, e voltou logo, trazendo pães, postas de peixe frito, e uma cuia com farinha. 1877 B. GUIMARÃES *Maurício* I. xiv. 173: — [...] Sahe que bem o sei eu. Ainda hontem um sujeito contou-me que o vio lá para as bandas do rio, e por signal que estava a comer uma cuia de jacuba, e o sujeito fugio a bom fugir, como se tivesse visto o diabo em pessoa. 1881 F. TÁVORA *Lourenço* (ed. 1902, xviii. 281): [...] colhia araçás aqui e acolá, e atirava-os dentro de uma cuia, correndo e saltando com os cabellos soltos, de um araçazeiro para outro, [...]. 1883 B. GUIMARÃES *Rozaura a Engeitada* (ed. 1900, II. xi. 114): No primeiro, para o qual dava a porta unica da casa, por onde Conrado tinha entrado, via-se no chão um cinzeiro apagado, e junto delle um colchão esfrangalhado rodeado de algumas cuias e cacos de panella. *a*1884 IDEM *O Bandido do Rio das Mortes* (ed. 1905, x. 106): De maneira, que naquella caverna de bandidos, podia-se offerecer um jantar quasi tão delicado e profuso como na mesa do capitão-mór Diogo Mendes, com a diferença da baixella, que na gruta consistia em cuias e colheres de casca de palmito; [...]. 1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 83): A pedido de Antonio começou a beber muito, por uma cuia preta com pinturas encarnadas e rôxas. 1888 INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, II. vii. 19): [...] os malditos tapuyos não perdiam occasião de esvasiar grandes cuias de chibé, fazendo consistir a sua alimentação quasi exclusivamente nessa mistura refrigerante de farinha com agua de que o sacristão tambem gostava [...]. 1890 A. AZEVEDO *O Cortiço* xv. 248: — Ladroeira tinha o avô na cuia! Anda a tomar alguma coisa. Queres? 1895 J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. v. 82: Para comel-os crus desfazem-os em um prato ou cuia, mexem-os bem para que se dissolvam e depois liguem em uma pasta ou massa homogenea, amarello-assafroado. 1902 E. CUNHA *Os Sertões* 350: Alli estavam carnes seccas ao sol; cuias cheias de passoca, a farinha de guerra do sertanejo; [...]. 1903 D. OLÍMPIO *Luzia Homem* ix. 69: Como era saboroso o leite morno, espumando nas cuias; [...]. 1918 MONTEIRO LOBATO *Urupês* 220: No mais umas cuias, gamellinhas; um pote esbeiçado, a pichorra e a panella do feijão. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* vii. 93-94: A feiticeira tirou a roupa, ficou nua, só com os colares os braceletes os brincos de contas de prata pingando nos ossos. Foi tirando da cuia que Ogan pegava, o sangue coalhado do bode comido e esfregando a pasta na cabeça da balalaó. 1929 G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* xvi. 291: O feiticeiro segurou a cuia de farinha nos joelhos, deitou dentro um pouco de paraty e de azeite e, rezando sempre, mexia com a mão até fazer uma passoca. 1930 G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 109: É o *axuá*, de cuja casca se extrae forte tinta preta, muito usada na coloração do fundo daquellas cuias ornamentadas, que, em Santarem, vieram vender a bordo. 1934 G. RAMOS *S. Bernardo* xvii. 109: Mande meia cuia de farinha, mande uns litros de feijão. 1934 J. L. REGO *Banguê* III. i. 145: Queria saber o preço do assucar em Goianna, perguntar quanto dera a cuia de milho e de feijão na feira. 1936 IDEM *Usina* II. x. 172: Não ia ao eito, plantava uns páus de roça e do seu rodete o povo se servia, pagando uma besteira pelas cuias de farinha que fabricava. 1938 G. RAMOS *Vidas Secas* 15: Fabiano tomou a cuia, desceu a ladeira, encaminhou-se ao rio secco, achou no bebedouro dos animaes um pouco de lama. 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* xxvii. 320: Emquanto Diana foi buscar uma cuia de mingau de milho, a doutora correu a vista pelo terreiro da maloca, verificando a abundancia de xerimbabos. 1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 277: Tiãozinho tinha até de levar a cuia com feijão, para comer junto com êle, porque nem que a mãe não tinha paciência de pôr comida na bôca do paralítico... 1956 IDEM *Grande Sertão: Veredas* 60: O senhor bebe uma cuia de garapa e dá a êle lembranças minhas.

cuiaba *s.f.* [< T. kuị'aụa: v. CUIA].

Cuia grande: v. abon.

*c*1607 J. RODRIGUES *Relação* in S. Leite *Novas Cartas Jesuíticas* (1940) 239: E cada um tem sua tripeça, em que está assentado, e sua cuia, e um indio anda com uma cuiaba cheia de vinho, e, com outra pequena, vai lançando nas cuias, que êles têm na mão, cantidade de um ovo: [...].

cuiada *s.f.* [< cuí(a + -ada].

Porção (de bebida ou comida) que uma cuia pode conter.

1918 MONTEIRO LOBATO *Urupês* 68: — Vá lavrando, compadre, que eu sosinho escoro esta cuiada.

cuiaíba *s.f.* Var.: 5 *cuieiba*, 6 *cuyîba* [< T. kuịa'ĩụa < 'kuịa 'cuia' + -ĩụa 'árvore, planta'].

Planta da família das bignoniáceas, de cujos frutos se fazem as cuias; cuieira, cuietê.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXV. 79): Cuieiba é uma árvore tamanha como nogueira, e tem a fôlha como nogueira, a qual se não cria em ruim terra, e dá umas flores brancas grandes. Da madeira se não trata, porque as não cortam os índios: por estimarem muitõ o seu fruto, que é como melões, maiores e menores de feição redonda e comprida, o qual fruto se não dá entre as fôlhas como as outras árvores, senão pelo tronco da árvore, e pelos braços dela, cada um por si; [...] 1636 L. FIGUEIRA *Missão do Maranhão* in S. Leite *Luiz Figueira* (1940) 196: [...] e se fazem de fruitas de certas aruores, a que chamam Cuyîba, e as fruitas saõ semelhantes e do tamanho de balanças, cuja casca he dura.

cuiapeua *s.f.* [< T. kụi'peụa < 'kuịa + 'peụa 'chato': v. CUIA].

Cuia chata.

1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 156): Girando-lhe em torno com cuiapéua na dextra, a tia Zeferina revolvia em todos os sentidos a massa esfarellada, amarella e humida, que cobria o fundo negro da bacia, [...].

cuiarana *s.f.* [< T. °kuịa'rana < 'kuịa + 'rana 'semelhante'].

Planta da família das lecitidáceas.

1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 47/48): Umas arvores de cerne alvadio, rugoso, de nomes esquisitos: o magro e folhudo socoró, o paricá falso, o uruá, o acarauassú, de casca pintada como o peixe desse nome, o catauari de poucos galhos e a cuiarana, mal comparada á verdadeira e linda cuieira. 1930 G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 166: Consignemos ainda uma cuiarana, acapellada de branco, touças de murteiras igualmente de niveas inflorescencias [...].

cuica[1] *s.f.* [< T. °ku'ika].

Mamífero marsupial da família dos didelfídeos.

1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 63: A *cuica*, he especie de rato anfibio, malhado de branco, e negro, com a cauda pellada; come peixe, e as aves que póde caçar.

cuíca[2] *s.f.* [< cuíca[1]].

Instrumento popular, constituído de um pequeno barril, fechado numa das bocas com uma pele bem esticada, em cujo centro se prende uma pequena vara, que, ao ser atritada com a palma da mão, produz um som rouco característico.

1940 RIBEIRO COUTO *Largo da Matriz* 82: Cuícas roncavam, ansiosas, dispnéicas. IDEM *Ib.* 88: Com o cabo do estandarte de encontro à anca, [a mulata] arrastava pelo palco — as cuícas pareciam uivar de sensualidade, ruf, ruf, ruf, — as sandálias pequenas, tão pequenas e tão meigas [...].

cuidaru *s.m.* Var.: 7 *cudaru*, 8 *cuidarà* [< ? T.].

Espécie de clava indígena.

1770 in *Annexes du Premier Mémoire du Brésil* I. (1903) 180: Tambem he commum a todos o uso do arco, flexas, e lanças envenenadas, e de páos semelhantes aos Cudaruz e Tamaranas, de que já se tratou. 1838 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 129: [...] o cuidarà cacete de páo levigado, de sete e oito palmos de comprimento e largura augmentada para a extremidade inferior, ornado com o murucú, de pennas: [...].

cuieira *s.f.* Var.: 5 *cuyeira*, 8 *cuieira* [< cuí(a + -eira].

Planta da família das bignoniáceas, de cujos frutos se fazem as cuias; cuietê.

1585 CARDIM *Informação* fls. 74*v.*-75: [...] tem algũs coqueiros e huã aruore que chamão cuyeira que naõ da mais que cabaços, he fresca e muito pera uer. 1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 240): "O moço" da filha suppria-lhe a casa, e quando elle ou outros lh'as encommendavam, desculpava-se que não as havia, que não pudera obter tintas, as cuieiras não davam frutos capazes, [...]. 1888 INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, II. viii. 103): Depois iriam abrigar-se sob a copada cuieira que dalli estavam vendo, e cujos ramos entrelaçados de parasitas multicores offereciam um resguardo sufficiente.

cuiejurimu *s.m.* [< T. °kĩĩịuru'mũ < kĩ'ĩa 'pimenta' (v. CUIÉM) + ịuru'mũ 'abóbora' (v. JERIMUM)].

Variedade de pimenta: v. abon.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, I. XLVIII. 338): Há outra casta [de pimenta] que se chama cuiejurimu, por ser da feição de abóbora, assim amassada; esta quando é verde tem a cor azulada, e como é madura se faz vermelha; da qual se usa como das mais de que temos dito, cuja árvore é pequena e em todo o ano dá novidade.

cuiém *s.m.* Var.: 5 *cuiém*, 6 *quiinha* [< T. kĩ'ĩa (kĩ'ĩña) ~ VLB II. 77: *Pimenta* = Quigynha. tem mtas. especies].

Designação genérica da pimenta, entre os indígenas.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, I. xlviii. 338): À sombra dêstes legumes, e na sua vizinhança, podemos ajuntar quantas castas de pimenta há na Bahia, segundo nossa notícia: e digamos logo da que chamam cuiém, que são tamanhas como cerejas, as quais se comem em verdes, e depois de maduras cozidas inteiras com o pescado e com os legumes, e de uma maneira e doutra queimam muito, e o gentio come-a inteira misturada com a farinha. *c***1631** C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 180*v.*: quiinha he pimenta e ha de quoatro ou cimquo castas e ha de hũ pequeno que xamamam [*sic*] comarim e he de cor de laramia e outra pequena comprida que he muito forte e cemte e outra gramde e comprida que não he tão forte e outra gramde como serizes e redomda e se fas mermelada dela e tem todas as folhas e as froles humas como as outras e a frol he bramqua [...].

cuiemuçu *s.m.* [< T. *kĩĩmu'su < kĩ'ĩa 'pimenta' + u'su 'grande'].

Variedade de pimenta: v. abon.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, I. xlviii. 338): Há outra pimenta, a que pela língua dos negros se chama cuiemuçu; esta é grande e comprida, e depois de madura faz-se vermelha; e usam dela como da de cima; e faz árvores de altura de um homem, e todo o ano dá novidade; sempre tem pimentas vermelhas, verdes, e flor, e dura muitos anos sem secar.

cuiepiá *s.f.* [< T. *kĩĩpi'a].

Variedade de pimenta: v. abon.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, I. xlviii. 338): Há outra casta [de pimenta], que chamam cuiepiá, a qual tem bico, feição, e tamanho de gravanços; come-se em verde, crua e cozida como a de cima [cuiemuçu], e como é madura faz-se vermelha, a qual queima muito; a quem as galinhas e pássaros tem grande afeição; e faz árvore meã que em todo o ano dá novidade.

cuietê *s.f.* Var.: 6 *cuijte*, 7 *cuyaté*, *cuyatez* (pl.), *cuiaté*, 8 *coitê*, 8-9 *cuité*, 9 *cuitê*, *coité* [< T. kuie'te ~ v. cuia].

Planta da família das bignoniáccas, cuieira; pequena vasilha feita com o fruto da cuieira, espécie de cuia.

*c***1631** C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 181*v.*: Cuijte he hũa aruore não m^to^ gramde de hũas fruttas como cabasos [*esta palavra foi riscada e por cima foi escrito* balancias] redondos e outras cõpridas dele fazem cuias de que usão os negros p^a^ sua seruentia a folha he cõprida de mais de hũ palmo as grandes a flor he amodo de flor de laramgeira branca. **1761** Jaboatão *Novo Orbe Seráfico Brasílico* I. i. 154: Estes Maracás os faziaõ elles, ou mayores, ou mais pequenos; estes os faziaõ dos chamados Cuyatés, que saõ como cocos, que produzem certas arvores, huns redondos, outros espigados, de casca forte, e dura; [...]. *c***1762** Idem *Ib.* (ed. 1858-1862, II. i. 27): [...] cozer o seo caldo e fazer de hum pouco deste seo mel para comer logo e guardar, e outro pouco deixa-lo engrossar mais, e lançado em vazos de barro maiores para coalhar, e fazer o açucar, e em outros vazos menores, a que chamaõ cuyas, ou cuyatez as rapaduras, [...]. **1782** F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner., do Brazil* I. i. 15: Hé a Cuiaté huma fruta produzida por huma pequena Arvore, que nasce, e se cria pelos campos, mattos, e mesmo pelas circunvezinhanças dos Povos. **1875** J. Alencar *O Sertanejo* I. vii. 78: Precisamente nesse instante abriu-se a porta do rustico albergue, e sahiu ao terreiro Justa, à quem logo cercou um bando de gallinhas, frangos e pintos à gana do milho pillado que a roceira vascolejava em uma coitê. **1898** A. Arinos *Os Jagunços* I. iv. 144: O boiadeiro bebia vagarosamente, em pequeninos goles, o café que lhe offereccêra num cuité, o Beatinho e trocava palavras com este, quando o missionário se dirigiu a Luís Pachóla. **1914** Coelho Neto *Rei Negro* viii. 298/299: [...]; um pote d'agua bojudo, manchado como de lepra, prateleiras amarradas ás ripas, um caixote servindo de mesa atulhado de bugigangas: cuités, latas, combucas, vidros. **1928** M. Andrade *Macunaíma* iv. 48: A cabeça foi buscar um cuitê de friagem nos Andes e falou: [...]. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 19: Fazendolas cercadas de cacauaes e em que as casas se destacam num terreiro bem limpo, onde viçam cuités, mangueiras e bananeiras. **1937** J. L. Rego *Pureza* viii. 62: Os passageiros deixavam cair os tostões na coité e, nos quinze minutos de parada, Ladislau não estancava o seu canto. **1956** Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* 168: Muitos misturavam a jacuba pingando no coité um dedo de aguardente, eu nunca tinha avistado ninguém provar jacuba assim feita. Idem *Ib.* 299: E veio depois, com muitos mais outros, um capitão Carvalhais, maior da marca, êsse bebia café em cuité e cuspia pimenta com pólvora.

cuim *s.m.* Var.: 5, 8 *cuim*, 5 *corĩ*, 6 *coim* [< T. kui'ĩ ~ VLB II. 60: *Ouriço cacheiro* = Cuĩ].

Mamífero roedor da família dos eretizontídeos; espécie de cuandu.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cviii. 151): Cuim é outro bicho assim chamado dos índios que é do tamanho de um láparo, tem o pés muito curtos, o rabo comprido, o focinho como doninha; e é todo cheio de cabelos brancos e tesos, e por entre o cabelo é todo cheio de espinhos até o rabo, cabeça, pés, os quais são tamanhos como alfinêtes; com os quais se defende de quem lhe quer fazer mal, sacudindo-os de si com muita fúria, com o que fere a outros animais; os quais espinhos são amarelos, e tem as pontas pretas e mui agudas. *c***1594** [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1080-1084: Ha outros [*porcos-espinhos*] q̃ chamaõ corĩ de tamanho de gato tẽ o cabello ralo cobrẽ os espinhos q̃ tẽ amarelos e como lhe tocaõ os larga e se metẽ polla carne como cousa viua este hé o extremento cõ que furaõ os Jndios as orelhas. **1610** J. Monteiro *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.* VIII. (1949) 420: Há outros [coandus] a que chamam coanducoim, do tamanho de gatos, os espinhos são amarelos e a ponta preta, pouco cabelo, mas comprido. Tem uma particularidade mui notável, e é que estes espinhos, tanto que pegam com a ponta em alguma cousa, como se tivessem vida, se vão metendo pola carne, até de todo se ensoparem nela. Com estes furam os Indios as orelhas com muita facilidade, e quase nenhuma dor. São noturnos, porque nunca se encontram de dia. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 63: O *cuim*, he bicho do tamanho de laparo; tem pés curtos, cauda comprida, focinho de dóninha; todo cuberto de pêllo, e de espinhos como alfinetes, que o defendem de qualquer outro: corre pouco, vive no chão.

cuipeúna *s.f.* [< T. *kuipe'una].

Planta da família das melastomáceas.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II lv. 38): Cuipeúna é uma árvore pontualmente como a murta de Portugal, e não tem outra diferença que fazer maior árvore e ter a fôlha maior do viço da terra; a qual se dá pelos campos da Bahia, cuja flor e o cheiro dela é da murta, mas não dá murtinhos; da qual murta se usa na Misericórdia para cura dos penitentes e para todos os lavatórios, para que ela serve, porque tem a mesma virtude dessecativa.

cuipuna *s.m.* Var.: 8 *coipuna* [< T. *kuĩ'puna].

Planta da família das mirtáceas.

1875 J. Alencar *O Sertanejo* II. v. 89: O debuxo de Arnaldo fora estrezido com o succo do coipuna, que dá uma bella tinta escarlate, com que os indios outr'ora e actualmente os sertanejos tingem suas redes de algodão.

cuíra *adj.* [< T. ?].

Impaciente, irrequieto.

1938 R. Morais *Os Igaraúnas* xviii. 205: A Merandolina tambem queria ir. Estava cuira [...].

cuitezeira *s.f.* [< cui(e)tê + -z- + -eira].

Cuietê.

1817 Casal *Corografia Brazílica* 104: A *Cuitezeira* he arvore pequena com os ramos orizontaes, e folhas um pouco compridas, lisas, largas, e redondeadas na ponta, e pontudas na baze: dá um fructo grande, oval, de casca delgada, liza, e muito dura, da qual partida ao meio se fazem cuyas ou cuités.

cuiú-cuiú *s.m.* Var.: 7 *cuiú-cuiú*, 8 *cuiúcuiú* [< T. ?].

Peixe de água doce da família dos doradídeos.

*c***1777** F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 259: [Peixe de menor corpulencia] Cuiú-Cuiú. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 57/58): A pasmosa variedade de peixes do Amazonas recolhe-se tambem para elles nesse tempo, [...]; o cuiúcuiú; [...]. **1895** Idem *A Pesca na Amazónia* I. ii. 26: [...], productores de affecções herpeticas, são, entre mil outros: o surubim, o mapará, a piramutaba, o mandi, o jandiá, a pirarára, o bacú, o cuiúcuiú, [...].

cujubi *s.m.* Var.: 7 *cujubí*, 8-9 *cujubim* [< T. *kuju'ŋ i].

Ave galiforme da família dos cracídeos.

*c***1777** F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 261: [Ave silvestre] Cujubí, duas variedades. **1876** Couto de Magalhães *O Selvagem* I. 174: Assim ella fez o cujubim; pintou a cabeça do cujubim de branco, com tabatinga; pintou-lhe as pernas de vermelho com urucú, [...]. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* xvii. 195: Nesse interim, baixou outra revoada de surucuás, arirambas, picapaus, cujubins, [...].

cumari *s.m.* Var.: 5-6 *cumari*, 6 *comarin*, 7 *comari*, 8 *cumarí*, *cumary* [< T. *ku ŋa'ri].

Variedade de pimenta.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, I. xlviii. 338/339): Há outra casta [de pimenta] que chamam cumari, que é bravia e nasce pelos matos, campos e pelas roças, a qual nasce do feitio dos pássaros que a comem muito, por ser mais pequena que gravanços; mas queima mais que tôdas as que dissemos, e é mais gostosa que tôdas; e quando é madura faz-se vermelha, e quando

se acha desta não se come da outra; faz-se árvore pequena, tem as flores brancas como as mais, e dá novidade em todo o ano. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 180*v.*: quiinha he pimenta e ha de quoatro ou cinquo castas e ha de hũ pequeno que xamamam [*sic*] comarim e he de cor de laramia. [...]. *a*1696 G. Matos *Obras* (ed. 1969, V. 1148): Minha rica Cumari, | minha bela Camboatá! como assim de Pirajá | me desprezas tapiú: |. 1782 F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Vegt., Anim., e Miner. do Brazil* I. vii. 151: Há outra Pimenta denominada comari, produzida por huma planta tam semelhante a da Malagueta, que não hé facil a sua distinção, [...]. 1856 D. Magalhães *A Confederação dos Tamoyos* III. 90: Co'os pó do cumarí mais saborosas, | Servem de refeição, regalo aos Indios, | E aos amigos Francezes que os imitam. 1874 J. Alencar *Ubirajara* vi. 106: "A cumary arde no labio do guerreiro; mas torna mais gostosa a carne do veado assado no moquem. 1888 Inglês de Sousa *O Missionário* (ed. 1899, II. xi. 243): Da outra banda do igarapé vinha um cheiro forte de baunilha e de cumarí, que misturando-se á exhalação das flores das laranjeiras do terreiro formava um perfume aphrodisiaco que entrava pelas portas dentro e lhe subia ao cerebro [...].

cumaru *s.m.* Var.: 7 *cumaru, comarú,* 7-9 *cumarú* [< T. *ku.*ŋ*a'ru].

Planta da família das leguminosas.

1760 in ABAP, XI. (1969) 340: O cuidado com que promptamente desejo servir a V. Exa. em materia tanto do seu empenho e gosto, produzio o milagre de descobrir em tão pouco tempo hum frasco de oleo de cumaru que a V. Exa. remetto [...]. 1768 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 222: Este diretor [em Faro] ainda penteava o anno passado a sua cabelleira, e para pegarem bem os excellentes polvilhos, que no Pará são alvissimos e finissimos, usava de oleo de comarú, que entregou em um frasco não cheio de todo a um familiar do ministro para lh'a asseiar: pegou o ministro do frasco, e como não distingue Poncio d'Aguirre de Poncio Pilatos, nem entre oleo e oleo, como outros entre lepra e lepra, assentando que era oleo de merim, o deixou ficar, mandando-lhe com mais propriedade uma moderada porção de banha de flôr, e com mão parca, a mesma com que escreveu aquelle rasgo liberal, que foi da penna. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 268: [Arvore que serve para madeira] Cumarú, a mais rija madeira que se conhece. 1817 Casal *Corografia Brazílica* I. 110: [...] e entre as [*árvores*] que destillam balsamo, nomeam-se em primeiro lugar a do *Cabureigba,* mais conhecido pelo nome de balsamo do Espirito Santo, a do *Cupahyba,* a do *Cumarú.* 1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 8: O *cumarú,* que dá a estimada fava do mesmo nome, tão procurada para as fabricas de rapé: esta fava colhe-se junto ás arvores que a produzem nos mezes de Julho e Agosto, existe dentro de um pequeno globo maior que o do mendobí, porém mais duro de uma polegada de comprimento e meia de largura, he bastante aromatica; sua pellicula externa he preta, e a massa interna flexivel, e de côr branca-escura, tem a particularidade de afugentar a traça. 1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 368): como é formosa com os cabellos negros e lustrosos, [...], rescendendo a trevo e cumarú e onde ella, com uma garridice toda sua, ageitou um raminho de jasmins, [...]. 1928 M. Andrade *Macunaíma* xvi. 235: Subiu na ponta dum cumarú de quarenta metros e afinal depois de muito campear descobriu uma luzinha longe. 1930 G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 91: O cumarú é a semente de um pequeno fructo que, como o ouriço da castanha, só se colhe quando, já maduro, vem espontaneamente ao chão, onde é catado. Idem *Ib.* 206/207: [...], entre bellas arvores. Ha mesmo uma, de mais avantajado porte, que deu motivo a discussão. [...]. Outros optam pela cumarurana ou mesmo cumarú-ferro. 1935 Jorge de Lima *Calunga* i. 15: Em Barra subiu dentro dos carros um vendedor de corrimboques, já cheiinhos de rapé com pozinho de cumarú. 1938 R. Morais *Os Igaratínas* xiv. 166: Agua perfumada, trescalava a macacaporanga, a patchuli, a priprioca, a casca preciosa, a arataciú, a baunilha, a camarú, a japana, e a cem outras plantas odoriferas.

cumarurana *s.f.* [< T. *ku *ŋ*aru'rana < *ku *ŋ*a'ru + 'rana 'semelhante'].

Planta da família das leguminosas.

1930 G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 206/207: [...], entre bellas arvores. Há mesmo uma, de mais avantajado porte, que deu motivo a discussão. [...]. Outros optam pela cumarurana ou mesmo cumarú-ferro.

cumaruzeiro *s.m.* [<cumaru + -z- + -eiro].

Cumaru.

1930 G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 90/91: [...] dous ou tres cumaruzeiros, a arvore que fornece o cumarú ou fava Tonka, tambem de delicadissima fragrancia, e muito empregada na industria da perfumaria.

cumaté *s.m.* [< T.].

Planta da família das melastomáceas.

1928 M. Andrade *Macunaíma* vi. 76-77: E inda havia dispostos com arte enfeitadeira e muitos recortados de papel os esplendidos bombons Falchi e biscoitos do Rio Grande empilhados em cuias dum preto brilhante de cumaté com desenhos esculpidos a canivete provindas de Monte Alegre.

cumbira *s.f.* Var.: 6 *combira* [< T. ?].

Planta da família das mirtáceas.

1648 in ABN, LXXXII. (1962) 313: [...] mandou o dito Ouvidor fazer huma cruz em huma árvore que chamão combira [...].

cumbuca *s.f.* Var.: 6, 8-9 *cuiambuca,* 8 *combuca* [< T. kui' *ŋ* uka ~ v. cuia].

Espécie de cuia.

*a*1696 G. Matos *Obras* (ed. 1969, V. 1119): A negra testa | de cuiambuca | a põe tão cuca, | que testa nasce, e em cuia | desembesta. |. 1874 J. Alencar *Ubirajara* iv. 68: As mulheres diligentes os serviam, enchendo de vinho de cajú e ananaz as largas combucas, tintas com a pasta do crajurú que dá o mais brilhante carmim. 1876 F. Távora *O Cabeleira* ix. 162: — Macaco velho não mette mão em combuca, respondeu Theodosio, preparando-se para montar novamente. 1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 40): Homens e mulheres, mettidos n'agua até os joelhos, enchiam potes vermelhos, bojudos, ou grandes cuiambucas esphericas. 1938 R. Morais *Os Igaratínas* xiv. 164: Em vez de agua-raz, para a combustão das esponjas, geradoras de gaz, o João Cabelludo havia trazido da floresta duas cuiambucas de gazolina vegetal dum pé de louro-inamuhy encontrado.

cunambi *s.m.* Var.: 8 *cunambí,* 8-9 *cunambi* [< T. *kuna'*ŋ* i].

Planta da família das compostas, subfamília das arteráceas.

1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 25: [...] o cunambí cresce vara e meia de altura, e cujo fructo se assemelha á *pimenta da India*: [...]. 1895 J. Veríssimo *A Pesca na Amazônia* I. viii. 122: Dizendo os processos gerais de pesca, não devemos esquecer o da intoxicação ou antes narcotisação dos peixes, mediante o succo narcotico de certos vegetaes. Os que mais commummente o fornecem são, em primeiro lugar, o timbó, *(Paullinia pinnata)* e depois o assacú *(Hura crepitans),* o tingui *(Jacquinia)* e o cunambi *(Bailleria aspera).* 1928 M. Andrade *Macunaíma* xii. 169: Então Macunaíma se lembrou de fazer uma pescaria. Porém não podia pescar nem de frexa nem com timbó nem joticá nem cunambi nem tinguí [...].

cunapu *s.m.* [< T. *kuna'pu].

Espécie de mero: v. abon.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva II. cxxxi. 201): Cunapu são uns peixes, a que chamam em Portugal meros, os quais são mui grandes, e muitos morrem tamanhos que lhe caberia na bôca um grande leitão de seis meses; [...].

cunauaru *s.m.* Var.: 9 *cunaurú, cunauarú* [< T. *kuna*ɰ*a'ru].

Variedade de sapo.

1928 M. Andrade *Macunaíma* ii. 19: Caça, ninguem não pegava caça mais, enm algum tatu-galinha aparecia! e por causa de Maanape ter matado um boto pra comerem, o sapo cunaurú chamado Maraguigana pai do boto ficou enfesado. 1938 R. Morais *Os Igaratínas* xxv. 294: Queimava resina de sapo cunauarú, cujo perfume brando e sadio occultava os primeiros gazes da decomposição.

cunduru *s.m.* Var.: 5 *conduru, comduru,* 6 *comduro,* 7 *condurú,* 7-8 *condurú* [< T. kun*ɰ*u'ru].

Planta da família das moráceas, cuja madeira foi muito utilizada na fabricação de móveis.

1565 J. Rodrigues *Carta* in S. Leite *Mon. Brasiliae* IV. (1960) 280: A igreija, alem de ser em si fresca e nova, estava muy bem ornada, não com panos d'armar, porque pola ventura não os há nesta terra, nem erão necessarios, porque as grades e os entretalhos, que fez o P^e^ Francisco Pirez, lhe davão muita graça. As grades são de pao vermelho, chamado conduru, de balaustres feitos ao torno. *c*1574 *Inventário* in DHA III. (1963) 104: [...] avalliarão as duas cadeiras de estado de conduru em oitocentos reis. Idem *Ib.* 336: [...] hemtregou serta madeyra de pao de comduru e outra madeira de pao preto q̃ esta as folhas trimta he oito na vollta. 1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxix. 65): O conduru é árvore de honesta grossura, e acham-se algumas que tem três palmos de testa, e não dão um palmo de âmago vermelho, que todo o mais é branco que apodrece logo, e o vermelho é incorruptivel; de que se fazem leitos, cadeiras e outras obras delicadas. Dêstes condurus novos se fazem espeques para os engenhos, porque não quebram, por darem muito de si quando lhe fazem fôrça. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iii. fl.

84*v.*: [...] e assim diguo que as madeiras de que tenho noticia e me alembra a callidade dellas saõ estas, [...] comduro pao de grande fortaleza do coal se fazem bons chaprõis [...]. **1730** ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* II. § 35. 86: todos os annos vaõ do Reyno a buscar os seus preciosos generos, cacao, bahinilha, cravo, salsa parrilha, urucû, e as estimadas madeiras condurû, violete, burapenimâ, que tem ondas compostas como por regras; e de umirì, cujo tronco destila hum oleo mais fragrante que do balsamo, e a casca he tão suave qucimada, que serve de simples pastilha, para os perfumes admiravel; [...]. IDEM *Ib.* II. § 119. 138: Levaõ os navios, alêm dos importantissimos referidos generos, outros de muito preço; ambar, balsamo, cravo, cacao, bahinilha, gengibre, canella, algodão, anil, oleo de copauba, madeiras de valor, pao Brasil, condurû, salsafraz, jacarandá, violete, vinhatico, tapinhoam, jataypeba, angelim, e cedro: [...]. **1757** D. L. COUTO *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 35-36: Os violetes, Jatubás, condurús, Rabuge, e Gonçallo Alz, os mais estimados para obras sò nas terras destes Paizes se achão. O páo Brazil he o melhor, e em muita quantidade. Os Balçamos sò esta Capitania, e a do Espirito Santos os produz, sendo o nosso o mais precioso, e mais extimado. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* I. 95: Entre outras arvores de boa madeira para construcção, carpinteria, e marcineria tem lugar distincto a Ajetahypéta, o Buranhé, o Cedro, o Condurú, o Coração-de-negro, Gonçalo-Alves, Jacarandá, Jacarandatan, Jacarandá-mulato, Jequitibá, Jetahy, Louro, Massarandúba, Mocetahyba. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 7: [...] o *pao d'arco,* de que ha cinco especies: o *páo santo, condurú,* [...].

cunhã *s.f.* [< T. ku'ñã ~ VLB II. 40: *Molher. mulier.* = Cunhã].

Mulher indígena, índia; *por extensão,* esposa ou companheira do caboclo, ou do homem branco.

1903 D. OLÍMPIO *Luzia Homem* xii. 99: — Eu fazia idéa da furia, da damnação delle, quando deu por falta de mim, da cunhãzinha russa. Imaginei os berros, os despropositos, as pragas, [...] pois sabia que não era homem para se conformar com o roubo da mulher. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* ii. 19: Jiguê era muito bobo e no outro dia apareceu puxando pela mão uma cunhã. Era a companheira nova dele e chamava Iriqui. **1929** G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* xvi. 293: Cunhãs, cabrochas, mulatas, caboclas, invocadas com uma delicadeza e um pudor, que differenciam a volupia sertaneja da luxuria negra. **1930** G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 211: O seu perfume é mesmo agradabilissimo e não é atoa que as cunhãs tanto lhe requestam o oleo para perfumar os cabellos. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xiii. 158: Conversa daqui, namoro dacolá, quando a gente de bordo viu, o inglez estava cahidinho pr'a cunhã.

cunhambira *s.f.* Var.: 5 *cunhambira, cunhã-embira,* 8 *cunhãmembira* [< T. kuñame'ɱ̃ïra < ku'ñã 'mulher' + me'ɱ̃ïra 'filho, filha' ~ VLB I. 139: *Filho ou filha da mãy* = Membigra].

Mestiço; filho de índia com prisioneiro branco ou com índio de tribo inimiga.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CLXXI. 279): [...] e a mãe que não come seu próprio filho, a que êstes índios [Tupinambás] chamam cunhambira, que quer dizer filho do contrário, tem-na em ruim conta, e em pior, se o não entregam a seus irmãos, ou parentes com muito contentamento. IDEM *Ib.* II. CLXXVIII. 291: E quando as fêmeas emprenham dos contrários, em parindo lhe comem logo a criança, a que chamam cunhã-embira e a mesma mãe ajuda logo a comer o filho que pariu. **1874** J. ALENCAR *Ubirajara* 191: [*Nota do Autor*] Fallam alguns authores da *cunhãmembira,* como de uma cerimonia em que se devorava o filho que por ventura a esposa do tumulo concebia do prisioneiro morto. [...] Ora cunhãmembira significa, sahido do ventre da mulher.

cunhamena *s.m.* [< T. kuña'mena < ku'ñã 'mulher, índia' + 'mena 'marido' ~ VLB II 32: *Marido* = Mêna].

V. abon.

1754 in ABAP, III. (1904) 199: [...] com o barbaro intento de os captivarem valendose do fingido e simulado titulo de cunhamenas, isto hé, pedindo e aseytando dos Principaes, Filhas e Parentes a titulo de mulheres [...]. *c*1767 J. DANIEL *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, III. (1841) 289: E como ainda hoje ha brancos, que esquecidos de sua alma vão viver com os Tapuyas, para com toda a liberdade poderem viver gentios, e lhes dão o nome proprio do seu mau officio — Cunhamenas — isto é, marido ou homem de muitas mulheres; [...].

cunhamucu *s.f.* Var.: 8 *cunhã-mucú,* 9 *cunhamucú* [< T. kuñamu'ku ~ VLB II. 39: *Moça q. passa de minina* = Cunhamucu].

Moça indígena (v. abon. 1895); *por extensão,* tartaruga jovem (v. abon. 1938), que ainda não põe ovos.

1895 J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* II. ix. 146: Chamavam-lhes os indios *Cunhã-mucú,* mocetonas, consoante a traducção do naturalista. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xxvi. 307: Uma tartaruga (cunhammucú) foi arpoada.

cunhantã *s.f.* Var.: 8 *cunhantem,* 9 *cunhatã, cunhantã* [< T. kuña'taî ~ VLB II. 39: *Moça piquena como até dez annos pouco mais ou menos* = Cunhataî].

Menina, moça indígena.

1874 J. ALENCAR *Ubirajara* 174: [*Nota do Autor*] as virgens *cunhantem* — mulheres debalde, que pertenciam a familia, e se destinavam para esposas dos guerreiros que as obtivessem pelas provas de esforço e denodo. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* iv. 43: Eu era uma boniteza de cunhatã e todos os tuxauas vizinhos desejavam dormir na minha rede e provar meu corpo mais molengo que embirossú. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* i. 10: A Merandolina, cunhatã de 16 annos, sorrindo e abanando a labareda no meio de tres tijolos articulados no chão, interpellou ligeiramente o mariscador sentado num banquinho baixo forrado com peito de jacaré: [...]. IDEM *Ib.* ix. 111: O coronel começou a matutar, recordando factos, coincidencias, episodios e sorriu. Foi observando e reparou que a cunhatã só ficou serena depois que o tapuio levantou curado.

|| **cunhatainape:** v. abon.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 114*v.*: [...] tambem ha outra sorte de passaros cujo canto forma o choro de hũa criansa que tem por nome cunhatainape [...].

cupá *s.m.* [< T. *ku'pa ~ cp. ATUCUPÁ (< T. ɥatuku'pa)].

Espécie de pescada: v. abon.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXXXI. 201): Cupá são uns peixes a que os Portuguêses chamam pescadas bicudas que são pontualmente da feição das das ilhas Terceiras; mas muito maiores e mais gostosas, as quais se tomam à linha; [...].

cupim *s.m.* Var.: 5 *copi,* 6 *copij,* 7-8 *copim,* 7-9 *cupim* [< T. kupi'i ~ VLB I. 142: *Formiga não tem genero.* A ruiua. e grande q. come as prantas. Ygçauba. (...) as q. comẽ a madeira Cupij: (...)].

Nome genérico dos insetos da ordem dos isópteros, térmita; montículo de terra, habitação dos cupins.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CVIII. 151): [o coandu de noite sai da cova ou ninho a andar pela árvore] onde faz sua morada, a buscar uma casta de formigas que se cria nela, a que chamam copi, de que se mantém. IDEM *Ib.* II. CXXIII. 179: Pelas árvores se cria outra casta de copi prêto, e do tamanho e feição do gorgulho, que em Espanha se cria no trigo; êste morde muito, e é mais ligeiro que o de cima, e faz seus ninhos pelos ramos das árvores sêcas; e lavram-nos tôdas por dentro. **1627** V. SALVADOR *Hist. Brasil* I. ix. fl. 18: Outra casta há chamada copij que fazem huñs caminhos cubertos por onde andão, e roem as madeiras das cazas, e os livros, e roupa, q̃ acham se naõ ha muita vegilançia. **1711** A. J. ANTONIL *Cultura e Opulência do Brasil* I. 1. ii. 6: Nem deixe os papeis, & as escrituras, que tem na caixa da mulher, ou sobre hũa meza exposta ao pó, ao vento, á traça, & ao copim; para que depois não seja necessario mandar dizer muitas Missas a Santo Antonio, para achar algum papel importante, que desappareceo, quando houver mister exhibillo. **1734** in RAPM, XXIII. (1929) 238: [...] e o eu ficar com vida o devo ao meu cavallo, que para me montar nelle pela nimia fraqueza, em que me achava, me era preciso o lançar-me primeiro nelle de braços levantados sobre o primeiro cupim que encontrava. **1749** *Prodigiosa Lagoa* (ed. 1925, 22): Paulo, escravo de Antonio Carlos Moreira, do Sabará, com principio de quigilia na perna esquerda, ha sete annos, tendo a tibia, e inchada, como hum pequeno barril, e no tarço começava a quigilia por modo de copim a separar-lhe o mesmo pé, com dezesete dias de banhos desinchou de todo, e está quasi natural. **1789** F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 17: [...] anatomizando eu hum Tamanduá, lhe achei o ventriculo bem repleto de formigas, denominadas cupins, quase todas inteiras. IDEM *Ib.* 215: Copim, formiga com a extensão de duas linhas; cabeça grande, collo fino; 6 pernas articuladas; nos angulos da bocca 4 filamentos menores, moveis. *a*1809 T. A. GONZAGA *Cartas Chilenas* (ed. M. Rodrigues Lapa, 1957, 305): Qual negra tempestade, que carrega | as nuvens de cupins e de formigas, | que criam, com as chuvas, longas asas, | assim o nosso chefe traz consigo | arribação infame de bandalhos, | que geram também asas, com a muita, | nociva audácia que lhes dá seu amo. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* I. 74: O *cupim* he uma formiga pequena, esbranquiçada, e gorda, que só se mantêm do farello de lenho, com o qual, e uma especie de grude, que sahe de seu mesmo corpo, cobrem de abobeda a estrada por onde caminham, sem serem vistas dos outros insectos, e aves, que as comem. **1865** J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, xxxii. 189): [...] é como o outeiro que abriga do vendaval o tronco forte e robusto do Ubiratan, quando o copim lhe broca o amago. [*Nota do Autor à pág. 232*] *Copim* — Insecto conhecido. O nome compõe-se de *co* — buraco e *pim* — ferrão. **1869** J. M. MACEDO

A Luneta Mágica I. xxxviii. 158: O cupim estraga, aniquilla mais cabedaes do que certos ministros da fazenda e de obras publicas que temos tido no imperio do Brasil: fação idéa de quanto elle estraga para vencer na comparação! **1872** J. ALENCAR *Til* II. xvi. 177: [...] e voltou com um sapo que atirou juncto ao buraco da casa de cupim, debruçando-se em cima della, á espreita. **1872** TAUNAY *Inocência* (2ª ed., 1884, iii. 44): Procuraram-se os taes livros, e topou-se com um bahú cheio de obras, em parte devoradas pelo cupim. **1874** IDEM *Histórias Brasileiras* 172: — Será bom, avisou o homem ao depôr os caixotes no chão, que Vossa Senhoria mande abrir este *trem*. O cupim pode ter dado nele: dizem que é muito *caroavel* do papel escrevinhado na maquina. *a*1875 VARELA *Diário de Lázaro* in *Obras Completas* (ed. 1896, III. 327): [...] Grossas vigas, | Roidas de cupim e de carcomas |. **1875** J. ALENCAR *O Sertanejo* II. xii. 191: Um dos tres estypes em que se dividira desde a raiz o tronco da arvore secular, brocado pelo copim ficara reduzido ao cortice, que entretanto ainda absorvia bastante seiva para nutrir os ramos superiores. **1879** B. GUIMARÃES *O Pão de Ouro* iv. 281: Gaspar apertado por uma chusma d'elles, trepou em cima de um cocurato ou cupim, que a fortuna lhe deparou, vibrando golpes de espada por todos os lados, os ia matando aos montes com a mesma facilidade, com que os nossos caçadores trepados em um touco de arvore costumam matar uma vara inteira de caitetús, que espumantes e furiosos o atacam por todos os lados. *a*1884 IDEM *O Bandido do Rio das Mortes* (ed. 1905, v. 65): [...] sinão se assemelhava a um congresso de vampiros e duendes, devia parecer-se com uma vara de caetitús quando agglomerada em torno do caçador, que trepado em um tronco ou em um cupim, munido de uma fouce os vae ceifando, um por um. **1886** J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 212): [...] um capim alto de dois palmos, amarellado e magro, pelo meio do qual avolumam as "casas" negras e informes, que o cupim se fabrica de terra e que, olhadas de longe, assemelham-se ora a pedras, ora a escuros troncos de arvores. **1888** R. POMPÉIA *O Ateneu* v. 137: [...] a vaidade de illudir, a secreta mofa, o appetite de cupim pela demolição invisivel do que está constituido, a urdidura preoccupada, [...]. **1895** A. CAMINHA *Bom-Crioulo* v. 96: O quarto era independente, com janella para os fundos da casa, especie de sotão roído pelo cupim e tresandando a acido phenico. **1898** A. ARINOS *Pelo Sertão* 29: De um salto foi cahir no meio das fórmas impalpaveis e vacillantes; um fragor medonho se fez ouvir; o assoalho pôdre cedeu e um barrote, roido de cupins, baqueou sobre uma cousa que se desmoronava em baixo da casa. **1898** IDEM *Os Jagunços* I. i. 6: Corujas batuqueiras — O som perdeu-se de novo no meio da algazarra dos grillos, e de uma outra gargalhada das corujas batuqueiras, pousadas nos cupins. **1908** D. OLÍMPIO *Luzia Homem* xxiii. 200: — Alexandre é rijo e moço. Com alguns dias de ar livre, fica capaz de outra, do que Deus o livre. Aquillo é madeira de lei; o cupim da molestia ha de custar a roel-a. **1911** A. MAIA *Tapera* 126: Morreu, 'sta debaixo da terra. Metteram num cupim? perguntá ás formigas. Me importa lá! **1913** SIMÕES LOPES *Lendas do Sul* 64: O Negrinho, varado de fome e já sem forças nas mãos, enleiou a soga num pulso e deitou-se encostado a um cupim. **1914** COELHO NETO *Rei Negro* viii. 304: Achou-se no meio do pasto, perto d'um cupim, e o touro inglez junto d'elle, deitado, ruminando. **1918** MONTEIRO LOBATO *Urupês* 189: [...] folga nenhuma para o amanho do sitio, que, afinal, roido pelo cupim da hypotheca, lá foi parar ás mão d'um calabrez velhaco. **1920** LIMA BARRETO *Histórias e Sonhos* 89: À meia encosta da collina, o seu casebre crescia como um comoro de cupins; [...]. **1931** RIBEIRO COUTO *Cabocla* vi. 65: Humildes, as palhoças dos aggregados eram como manchas de cupim na encosta dos morros. **1935** JORGE DE LIMA *Calunga* xx. 170: Bem em riba da cumieira, surgindo fóra das telhas, um cupim colosso convencia, que Santa Luiza estava desabando. **1938** G. RAMOS *Vidas Secas* 13: Foi apanhar gravetos, trouxe do chiqueiro das cabras uma braçada de madeira meio roida pelo cupim, [...]. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 274: Estão num baixadão de campo, de semi-arbustos, flechinhas e capim-lancêta, todo encalombado de suruges de cupins. IDEM *Ib.* 319: E as mariposas e os cupins-de-asa vinham voar ao redor da lamparina [...]. **1956** IDEM *Grande Sertão: Veredas* 213: O Garanço parado quieto, sempre empinado com a frente do corpo, semelhando que o cupim êle tivesse abraçado.

cupiúba *s.f.* Var.: 5 *copiúba* [< T. *kupi'ïua].

Jabuticabeira.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LIV. 18): Copiúba é uma árvore da feição do loureiro, assim na côr da casca do tronco como na fôlha, a qual carrega por todos os ramos de uma fruta preta do mesmo nome, maior que murtinhos, e toma tantos ordinariamente que negrejam ao longe.

cupu *s.m.* [< T. *ku'pu].

Fruto semelhante ao cacau.

1929 G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* xii. 174: Ritinha trouxe do Maranhão uma rêde de tucum para o tio se deitar; uma cuia pintada para Juju se banhar; rendas, crivos, lenços para Aracy se enfeitar; bacury, cupú, jussara para os primos regalar [...].

cupuaçu *s.m.* Var.: 8-9 *cupuassú*, 8 *copuassú*, *copú-assú* [< T. *kupua'su < *ku'pu + ïa'su 'grande'].

Fruto do cupuaçuzeiro.

1817 CASAL *Corografia Brázilica* II. 278: Entr'outras fructas mais nomea-se [...] o cupuassú, [...]. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 20: [...] o *copuassú*, fructo d'uma arvore mediana que se encontra nos lugares humidos: este fructo existe dentro d'uma casca quebradiça, que encerra porção de bagos acamados de uma substancia branca, agridôce e mucilaginosa, approvada para itiricias: [...]. **1886** J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 37): De terra vinham-lhe presentes, pães de ló, araras, atas, bananas, copú-assús, macacos. **1888** INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, I. i. 64): Os tapuyos dos sitios [...] preparavam as igaritês para leyar a bordo os cestos de laranjas, as bananas, as melancias, os copús-assús, os rouxinoes canoros, os papagaios tagarelas e os periquitos mimosos [...]. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* xvii. 257: Tudo o que Macunaíma pegava ela engulia, tamorita mangarito inhame biribá cajui guaimbê uxi ingá bacurí cupuassu pupunha taperebá graviola, todas essas comidas do mato. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xv. 176: Via-se também um bolo de tapioca parecido a uma grande rosca, pés de moleque, pamonhas e um chocolate feito de amendoa de cupuassú, especialidade da família Igaraúna.

cupuaçuzeiro *s.m.* Var.: 8 *copúassúseiro* [< cupuaçu + + -z- + -eiro].

Planta da família das esterculiáceas.

1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 12): Na frente do sitio, [...], cresciam algumas arvores frutiferas e arbustos floriferos, como laranjeiras, um pé de sapotilheira, um outro de copúassúseiro, jasmineiros brancos e de Cayenna, [...].

cupuaí *s.m.* Var.: 7 *cupahi*, *cupuahi* [< T. *kupua'i].

Planta da família das esterculiáceas.

1787 in *Annexes du Premier Mémoire du Brésil* I. (1903) 260: [...] que se encontrão creadas sem cultura, como são o cajú, abiorana, cupahi digo cupuahi, [...].

‖ **curauabí**: v. abon.

1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 11: [...] e a *curauabí*, cuja folha he tambem de muita duração.

‖ **curaxirì**: v. abon.

*c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 262: [Ave silvestre] É proprio aos campos do Rio Branco o Curaxirì, ave pequena: é de côr amarella, e sómente os encontros das azas e o rabo de côr preta salpicado de branco: o seu canto é admiravel. [*Nota do Autor*] Ha infinidade de passarinhos sem nome. A palavra *uirá* corresponde a passaro ou ave.

curcurana *s.f.* Var.: 6 *caracurana*, 6, 8 *curcurana*, (6 *vircuranha*) [< T. *karaku'rana].

Terreno alagado, brejo.

Curcurana designou, também, algumas povoações de Pernambuco e da Bahia, construidas em terrenos baixos e cheios de alagadiços. Da documentação adiante transcrita não se pode precisar se seus autores se referem à curcurana como nome comum ou como apelativo de povoação.

1612 in *Livro Primeiro do Governo do Brasil* (ed. 1958, 82): [...] E os mãtim.tos Recolhidos Em terra cada qual tratou de fazer choça È que se albergar E passar a noite como se Estiuerão nas caracuranas de Pernaõbuco. **1648** M. CALADO *O Valeroso Lucideno* III. ii. 175: [...] foi manifesto este dito a Domingos Fagundes, o qual se veio logo chegãdo para junto do Arrecife, aonde mandou buscar passaporte, que o Conde lhe mandou, & lho derão nas Curcuranas, & então lhe deu copia de si, & se deteue algũs dias em casa de Melchior Alures, que auia sido grande amigo de seu pai. IDEM *Ib.* IV. vii. 302: [...] antes que a nossa gente os pudesse socorrer, se auião de retirar por as Curcuránas, & hirse a embarcar no porto da Candelaria, aõde auião de ter lãchas preparadas para isso, [...]. **1669** in RIC, XXXV. (1921) 66: [...] aonde se passarão muitos trabalhos na peleja que houve junto a campina dos cagoraterapos e das vircuranhas na batalha que se deo aos Holandezes. **1876** F. TÁVORA *O Cabeleira* xv. 251: Quando o Felisberto se casou com a filha de Lourenço Ribeiro, mestre de assucar do engenho Curcuranas, teve a feliz idéa de ir estabelecer-se naquelle sitio [...].

curi *s.m.* Var.: 6-7 *cori* [< T. ?].

Espécie de argila vermelha que serve para tingir.

1693 J. S. FERREIRA *América abreviada* in RIH, LVII. (1894) 49: Para tintas ha muita variedade de páos e frutas, e ainda a terra mais ordinaria, que é quazi vermelha, dá tinta parda, outra que chamam cori dá côr vermelha, e outra chamada taguá dá côr amarella, e outra que chamam tijuco dá côr preta. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 265: [*Reino Mineral*] Acha-se

tambem cori, especie de greda vermelha; tauá, amarella; tabatinga, branca.

curiboca *s. m.* Var.: 6 *coriboquo,* 6, 8 *coriboca,* 6, 8-9 *curiboca,* 8-9 *curibóca, cariboca* [< T. *kari'uoka < kara'iua 'homem branco' + 'oka 'casa' ~ Para exame dos aspectos morfológico-semânticos da evolução do tupi para o português, vejam-se os comentários aos verbetes CABOCLO e CARAÍBA[1]].

Mestiço.

Aires de Casal (v. abon. 1817) é claro e incisivo ao asseverar que os portugueses chamavam de curibocas os 'filhos dos índios com as negras', mas nos textos do séc. XVII o termo é empregado como sinônimo de 'mestiço, bastardo', sem que, todavia, daí se possa inferir que se trata do mestiço de índio com negra.

*a***1687** *Manifesto de Utilidades do Brasil* in *Brasília,* VII. (1952) 182: Eu o pudera asegurar com as rezois seguintes, e he que aquelles homes alem de leuarem em sua comp.ª muito gentio de guerra mamaluquos, coriboquos, mulatos e mais sorte de mestiços, [...]. **1687** in ACSP, VII. (1915) 345: Proveo q̃ nenhũa pesoa asim macho como femia a q̃ chamão bastardo e mamaluco e coriboca posa ser vendido sendo livre [...]. *a***1696** G. MATOS *Obras* (ed. 1969, I. 218): Que será de ti, maldi- | to, que assaz a ti te toca | por neto de curiboca |. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* I. 148: [*Nota de rodapé*] *Curibócas* he o nome dos primeiros [filhos dos Indios com as negras] entre os portuguezes. IDEM *Ib.* 302: Delles [Parycis] com os Brancos, e Africanos descende boa parte dos Mamalucos, e Curibócas que fazem o grosso da povoação: [...]. **1875** J. ALENCAR *O Sertanejo* II. viii. 126: Luiz Onofre era um producto desse crusamento de raças á que se deu o nome de coriboca. **1876** F. TÁVORA *O Cabeleira* v. 101: Era curibóca, reforçada, não feia e de boa estatura. **1881** IDEM *Lourenço* (ed. 1902, iv. 42): Grande parte desta força, passante de duzentos homens, era composta de caboclos; no restante havia de tudo — negros, curibocas, mestiços, semi-brancos e até brancos. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. iii. 30: O pescador é, noventa e nove vezes em cem, um indio semi-civilisado, um tapuio, ou um mameluco, mestiço do indio com o branco. Menos frequentemente um negro ou mestiço da raça negra com a indigena ou com a branca, crioulo, cafuz, curibóca ou mulato; [...]. **1898** A. ARINOS *Os Jagunços* II. iii. 249: Não era mulata, nem mameluca, nem cariboca: alli havia por força o sangue das tres raças, fundindo-se num exemplar que fazia honra a cada uma; alli havia branco, indio e negro. **1902** E. CUNHA *Os Sertões* 68: Theoricamente elle seria o *pardo,* para que convergem os cruzamentos successivos do mulato, do cariboca e do cafuz. IDEM *Ib.* 100: Veio subsequentemente o cruzamento inevitavel. E despontou logo uma raça de curibocas puros quasi sem mescla de sangue africano, facilmente denunciada, hoje, pelo typo normal daquelles sertanejos. **1929** G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* vii. 106: Eu, homem branco, derrubava qualquer garróte bravo, como um garimpeiro curibóca. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 105: — Seu Major! Seu Major! — (Lalino invadira a sala, empurrando para a frente um curiboca mazelento e empoeirado, novidadeiro-espião chegado da Bôa Vista num galope de arrebentar cavalo.).

curica *s.m.* Var.: 5 *coríca,* 5-7 *corica,* 6 *coriqua, coryca,* 9 *curica* [< T. ku'ruka ~ Cp. AJURUCURAU, AJURUCURICA].

Variedade de papagaio: v. abon.

1576 GÂNDAVO *Hist.* VII. fl. 26-26v.: Outro genero delles ha pela costa entre os Portugueses do tamanho destes, a que chamam Coricas: os quaes sam vestidos de hũa penna verde escura, e tem a cabeça azul de cor de rosmanhinho. Destes papagayos ha na terra mais quãtidade do q̃ cá entre nós ha de gralhas, ou destorninhos, & nam sam tam estimados como os outros, porque gazeão muito, & alem disso falam difficultosamente & á custa de muita industria. Mas quando vem a falar, passam pelos outros & fazemlhes nesta parte muita ventagem. E por isso os Indios da terra costumão depênar algũs em quanto sam nouos, & tingilos com o sangue de hũas certas raãs, com outras misturas que lhe ajuntam: & depois que se tornam a cobrir de pẽna ficam nẽ mais nem menos da cor dos verdadeiros: & assi acõtece muitas vezes enganarem com elles a algũas pessoas vẽdendolhos por taes. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXIII. 96): Há outros papagaios a que chamam coricas, que são todos verdes, e não tem mais que o soqueixo amarelo, e algumas penas nas asas encarnadas; os quais criam em ninhos nas árvores, donde fazem grande dano nas searas do milho; tomam-nos novos para se amansarem em casa, onde falam muito bem; cuja carne comem os que andam pelo mato, mas é dura. *c***1594** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1286-1288: Anacam ajurucurao he verdadrº, Aiuruj, Corica, Maracanaguaçu, Maracanamerĩ, toĩs grandes e piquenos diuersos, Jandajete Jandajuba. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 115: [...] outra casta [de papagaios] a que chamão coriquas — que ainda que naõ saõ taõ fermozas quoando daõ em fallar o fazem muito bem [...]. **1624** S. E. SILVEIRA *Relação do Maranhão* fl. 10: [...] ha outros muitos passaros, hũns vermelhos, outros amarellos, papagayos, araras, corycas, [...]. *a***1696** G. MATOS *Obras* (ed. 1969, VII. 1660): Falou como um Papagaio | o Papagaio êste dia: | eu falei como Estorninho, | Fílis qual pêga, ou Corica. |. *c***1777** F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 260: [Papagaio:] Coricas. **1930** G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 41: Ja ao escurecer, passam bandos de papagaios e curicas sobre as nossas cabeças.

curicaca *s.f.* Var.: 6 *quriquaqua,* 7 *coricáca, curicaca,* 8 *curicáca* [< T. kuri'kaka].

Ave ciconiforme da família dos tresquiornitídeos.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 114: [...] e da mesma maneira ha outro que lhe não he inferior na fermozura da plumajem chamado quriquaqua [...]. *c***1777** F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 261 [Ave aquatica] [Preta] Coricáca. **1783** M. C. ABREU *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 265: [...] perdizes, codornizes, curicaca, que é uma ave cinzenta e do mesmo tamanho da perdiz, [...]. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 30: [...] *curicácas,* as *culhereiras* côr de roza, que tomam o nome do feitio do seo bico, semelhante á uma colher; [...].

curimã *s.m.* Var.: 5 *coirima, curima,* 6-7 *corimá,* 6 *corima, corimáns* (pl.), *curimá,* 7 *corimâ,* 8-9 *curimans* (pl.), *curimã,* 9 *corimã* [< T. kuri'ma].

Variedade de tainha: v. abon.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXXXIV. 208): Chamam os índios coirimas a outros peixes da feição das tainhas, que morrem nas rêdes e que tem o mesmo sabor, mas são muito maiores, e quando estão gordas, estão cheias de banhas, e são muito gostosas, e tem grandes ovas; as quais morrem nas enseadas. *c***1594** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 2157-2161: Tainhas ha mtas e [...] he pera ver estas tainhas q̃ saõ comũmte de bõs dous palmos de comprido e chamaõlhes curimas, vẽ em cardumes de fora la do mar largo a desouar nos Rios. **1610** J. MONTEIRO *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.* VIII. (1949) 399: No mês de Junho vêm desovar a este rio [Magé] infinitos cardumes de tainhas e corimás. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 119*v.*: [...] corima, he pescado na feição de tainhas mas majores e mais guordas [...]. **1627** V. SALVADOR *Hist. Brasil* III. xviii. fl. 80*v.*: Nas agoas vivas do mes de Junho, que he aly a força do inverno, entraõ por elle tantas fataças ou corimáns (como os Indios Brazís lhe chamaõ) que pera as poderem vencer se junctaõ duzentas canoas de gente, e lançando muito barbasco machucado a riba donde chega a marê, quando está preamar se tapa a boca, ou barra do Rio com huá rede dobrada, [...]. *a***1696** G. MATOS *Obras* (ed. 1969, VI. 1523): Que vai por lá, Senhores Cajaíbas, | Vocês se levam vida regalada, | com arraia chata, a curimá ovada, | Que lhes forma em dous lados quatro gibas. |. **1730** ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 70. 42: dos naturaes, por serem infinitos, nomearemos só os mais notaveis, baleas, beyjupirâs, cavallas, garopas, vermelhos, corimâs, pampanos, carepebas, parûs, ubaranas, guaracemas, jaguaraçâs, camoropîns, olhos de boy, dourados, e chareos; este ultimo, ainda que muito vulgar pela sua quantidade, merece especial noticia, pela grandeza da sua pescaria, e por ser o sustento dos escravos, e do povo miudo da Bahia. **1781** DURÃO *Caramurú* VII. lxviii. 217: Outros peixes, que proprios são do clima, | Berupirás, Vermelhos, e o Garopa, | Pampanos, Corimás, que o vulgo estima, |. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 35: Na costa criam-se as famosas *gurujubas,* peixe de pelle amarella, e cujo buxo dá a melhor cóla; *caçoens, tainhas, curimans, bagres, uritingas, camurins, carásassús, méros,* de disforme grandeza, *ôstras, carangueijos, caramujos, mixilhoens,* [...]. **1876** F. TÁVORA *O Cabeleira* iii. 68: Um momento depois o cadaver de Gabriel, entalado entre duas pedras que sobresahiam ás aguas no meio do canal, tingia-as com o seu sangue, e Joaquim o mostrava com o cano do bacamarte, ainda fumegante, ao filho, que nunca pôde, como seu pai, matar curimãs a tiro nas aguas turvas das enchentes. **1903** D. OLÍMPIO *Luzia Homem* iii. 16: [...] emigrar, confundir-se nas levas de famintos em busca das praias ubertosas, com os lagos povoados de curimans, em cardumes assombrosos, [...]. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* xii. 170: sacou o anzol da guela bem contente porquê agora podia pescar corimã piraíba aruana pirarara piaba, todos êsses peixes. **1935** JORGE DE LIMA *Calunga* iv. 47: Debaixo do coqueiral se manejava o catetú das casas de farinha, assava-se o milho verde, tangia-se a galinha de pintos pra os poleiros, catava-se cafuné, remendavam-se as vastas rêdes pras pescarias curimãs.

curimatã *s.f.* Var.: 6 *curamata,* 6-7 *curimata,* 7 *corimatá,* 8 *curumatans* (pl.), *crumatans* (pl.), *crumatã,* 8-9 *curimatá, curumatã,* 9 *curymatans* (pl.), *curimatã* [< T. kurima'ta].

Nome comum a diversos peixes da família dos caracídeos.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 119*v.*: [...] curumata he Reputado por sauel de portugual porque são da propia feiçaõ e tem tantas espinhas como elle [...]. *c***1631** C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão*

fls. 172-172*v.*: curimata he peixe de hũ palmo e meio cuberto descama de cor de prata parece se com o a [*sic*] de nossa oropa [*sic*] não tem mais que que [*sic*] este daqui cer mais bramquo he peixe guordo he xeio de ouos muito bomos e ha muita camtidade em rios e laguos e não ce tomão cenão A frexa e arpam e he muito bom peixe fresquo. **1721** F. F. Henriques *Ancora medicinal* (ed. 1731, 149): Curimata. He este peixe semelhante ao carpe, na figura, na cor, e na carne, mas naõ se acha se naõ nas agoas doces. Pescase nos rios do Brazil. **1763** J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 76: Aqui houve antes de anoitecer muita pesca de serobins, tucanarés, corimatás, acarazes, piranhas, pirorocús (de que a lingua é o melhor ralador de noz moscada), araoanás e aracús, e seria extraordinaria a pesca se as redes estivessem em melhores termos, [...]. *c***1777** F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 259: [Peixe de menor corpulencia] Corimatá. **1806** in RAPM, VI. (1901) 766: He abundante de variedade de peixes, quaes o [...] Curumatans, [...]. Idem *Ib.* 767: Pescam-se nelles a Crumatam, Traira e Piáos; [...]. **1817** Casal *Corografia Brazílica* II. 189: [o Rio Grande] Cria sorubins, crumatans, grandes doirados, piranhas, piáus, martrinchans, e outras castas de pescado. **1869** B. Guimarães *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, IV. iv. 206): Alli a anta membruda arrojando-se n'agua fazeia esvoaçarem sobresaltadas com grande ruido uma chusma de aves aquaticas: além a lontra esbelta e viva de um salto emborca-se no rio dando caca aos peixes e surge além tendo atravessada na boca a prateada pyrapitinga ou a crumatã de escamas de ouro. **1872** Idem *Hist. e Trad. Minas* III. i. 204-205: Com um pequeno anzol ou fisga, e uma linha de tucum da grossura de um fio de barbante, pescão não só os pequenos bagres e pyrapitingas, como os corpulentos dourados e crumatãs, e o jaú, que attinge ás vezes o tamanho de um homem de alta estatura, e tem a força de um touro. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 57): A pasmosa variedade de peixes do Amazonas recolhe-se tambem para elles nesse tempo, [...]; o curimatá; [...]. **1895** Idem *A Pesca na Amazônia* I. vii. 105: Entre esse estão os peixes chamados do matto, por viverem nos alagadiços cobertos de vegetação alta, o jijú, o jandiá, o jacundá, e ainda alguns francamente fluviaes, como o jaraqui, o curimatá, um dos mais estimados da região, e outros. **1898** A. Arinos *Pelo Sertão* 78: As aguas tinham ahi uma colloração escura, carregada ainda pela sombra dos ingazeiros, cujos ramos se debruçavam para dentro do poço, mergulhando nelle as vagens cheias de pôlpa doce e branca, que as curumatãs vinham beliscar. Idem *Ib.* 189: Alli para os lados do Baptista, perto de um baruzeiro grande, ha poço, onde as curumatans e os piáus são como formigas. **1903** D. Olímpio *Luzia Homem* xxvi. 242: — O Izidro, rapaz destemido e caçador de fama, tambem viu a mãe-d'agua de uma feita que estava tarrafeando curymatans. **1928** M. Andrade *Macunaíma* iv. 49: Perguntaram pra todos os seres, aperemas saguis [...] curimatás do rio os pecais tapeceereis e iereres da praia, todos êsses entes vivos mas ninguem não vira nada, [...]. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 107: Diz elle que o melhor [...] é o *aracú*, e nomeia-me outros: *matáu, surubim, pacú, curimatã*... **1934** J. L. Rego *Banguê* II. iii. 90: De vez em quando uma curimatã espanava a agua com uma rabanada. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 113: Em abril, quando passaram as chuvas, o rio — que não tem pressa e não tem margens, porque cresce num dia mas leva mais de mês para minguar — desengordou devagarinho, deixando poços redondos num brejo de ciscos: [...] curimatãs pastando barro na invernada; [...]. **1956** Idem *Grande Sertão: Veredas* 283: Todo dia se comia bom peixe novo, pescado fácil: curimatã ou dourado; [...].

curió *s.m.* Var.: 7-9 *curió*, 7 *corió* [< T. ?].

Pássaro da família dos fringilídeos.

1728 N. M. Pereira *Peregrino da América* I. v. 47: A este tempo se ouvia | Num raminho o Curió, | Com sonora melodia, | E com requebros na voz. **1789** F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 81-82: Corió, passaro com a grandeza do precedente Papa-capim, olhos bem sphericos; bico grosso, curto, subcompresso, escuro; cauda hum pouco extensa; pes tetradactyles; [...]. **1878** F. Távora *O Matuto* xiii. 174: Era, sim, a asa pardacenta de receio traiçoeiro ou de duvida intima a causa do intermittente eclipse daquelles olhos negros e vivos, daquelle sorriso franco e loução, daquella voz afinada pelas harpas dos sabiás e dos curiós que cantavam ao nascer e ao pôr do sol nas ramalhudas pitombeiras do quintal. **1900** J. Nabuco *Minha Formação* xx. 218/219: Nas paredes algumas gravuras coloridas representando o episodio de Ignez de Castro, entre as gaiolas dos curiós afamados, pelos quaes seu marido costumava dar o preço que lhe pedissem... **1928** M. Andrade *Macunaíma* xv. 212: Macunaíma se lembrou de armar arapuca pros curiós mas faltava isca. **1929** G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* xii. 170: Os macacos pulavam alegres e guinchavam ruidosos, os mutuns piavam, os jacamins roncavam cavernosos, cantavam os curiós, as patativas ligeiras, as graúnas altivas, os sabiás saudosos. **1931** Idem *O meu próprio romance* 96: Cachos de banana amadureciam, dependurados nos postes da varanda, ao canto dos sabiás, das graunas e dos curiós, — presos nas gaiolas. **1935** J. L. Rego *O Moleque Ricardo* xxvii. 238: Alli só se fallava de bicudos, de curiós, de canarios. **1935** Jorge de Lima *Calunga* i. 15: Um vendedor de passaros veiu com uma gaiola; pintasilgos, guriatans, sangues-de-boi, curiós, xexéus, galos de campina.

curuá *s.m.* [< T. *kuru'a].

Nome comum a diversas plantas da família das palmáceas.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxvi. 58): Nas várzeas de areia se dão outras árvores reais: a que os Índios, chamam curuá, as quais se parecem na feição, na folha, na côr da madeira, com carvalhos; e acham-se alguns de vinte e cinco a trinta palmos de roda, de que se fazem gangorras, mesas, eixos, virgens, esteios e outras obras miúdas; mas não é muito fixo ao longo da terra; a qual também serve para liames de navios e barcos, e para tabuado; e de pesado se vai ao fundo. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 106*v.*: [...] pois se pera ornato desta orta e jardim forem necessario latadas vos darey muitas, como he huã que forma bõa sombra e apraziuel verdura a coal dá hú fruto chamado curuá, do tamanho de hũa Abobora das ordinarias, que despois de colhido, e metido algũs dias na caixa, cobra hũ cheiro taõ suaue que basta pera espalhar grande fragançia delle por toda a caza, e assim se conserua muitos dias sem corrupsaõ [...]. **1895** J. Veríssimo *A Pesca na Amazônia* I. ii. 20: Meia duzia de páos toscos servindo de esteios, vigas e caibros formam a armação desse edificio primitivo que coberto por todos os lados de palha de buçú *(Manica saccifera)* de curuá *(Attalea)* de miriti [...]. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 266: O bichinho mediu, com viva olhada, um arco de círculo, escolhendo melhor esconderijo: ao pé do pé de farinha-sêca, num emaranhado de curuás, balieiras e sangues-de-cristo.

curuanha *s.f.* [< T. *kuru'aña].

Nome comum a várias plantas do gênero *Dioclea*, da família das leguminosas.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. liv. 16): Dá-se no mato perto do mar e afastado dêle uma fruta que se chama curuanhas, cuja árvore é como vides, e trepa por outra árvore qualquer, a qual tem pouca fôlha: o fruto que dá é de uns oito dedos de comprido e de três a quatro de largo, de feição da fava, o qual se parte pelo meio como fava e fica em duas metades, que tem dentro três ou quatro caroços [...] os quais tem virtude para o fígado.

curuatá *s.m.* Var.: 5 *caraoatá* [< T. kurua'ta ~ VLB I. 29: *Albocora* = Curuatã].

Peixe marinho da família dos escombrídeos; albacora.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxxiii. 205): No mesmo tempo [verão] entram na Bahia muitas albacoras, a que os índios chamam caraoatá, que são como as que seguem os navios, mas tem bichos nas ventrechas que se lhes tiram, que são como os que se criam na carne; o qual peixe é sêco e toma-se à linha.

curumim *s.m.* Var.: 5 *cunumi*, 5, 8 *colomi*, 6, 8 *colomim*, 6 *corumi*, 8 *columy, corumin*, 8-9 *curumim*, 8 *columim, coromim*, 9 *curumí* [< T. kunu'mĩ ~ VLB II. 38: *Minino assi na puericia* = Cunumĩ. *Ib.* II. 96: *Rapaz* = Cunumĩ].

Menino, rapaz novo, moleque.

[**1559** A. Sá *Carta* in S. Leite *Cartas* III. (1958) 37: Y después de dezir la perda que causaría la yda del Padre (porque como no uviesse quien reprendiesse los peccados, todo avia de dar al través) se començó a enojar contra los moradores christianos, llamándolos de cunumîs, id est, moços, lastimándosse mucho porque faltavan ya los viejos.]. **1585** Cardim *Informação* fls. 75-75*v.*: Os Cunumis i. meninos cõ muitos molhos de frechas leuantados pera cima faziaõ seu moitĩ de guerra, [...]. Idem *Ib.* fl. 89: [...] Era p^a^ uer os nouos christãos, e christaãs sairẽ de suas ocas como colomis acõpanhados de seus parẽtes e amigos cõ sua bandejra diante e tamboril, depois do baptismo, [...]. **1610** J. Monteiro *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.* VIII. (1949) 400: [morubuxabas] acompanhados de colomins, bem empenados, e mui bons dançantes e tangedores de frautas, violas, e com bandeiras, arcabuzaria, e mil outras invenções. **1627** V. Salvador *Hist. Brasil* IV. xxxxi. fl. 147*v.*: Daly mandou tambem recado aos nossos religiosos, q̃ nella assistiaõ, q̃ lhe mandassem huá dansa de corumis, q̃ eraõ os meninos da escolla, e lhe enrramassem a igreja, e abrissem a porta, porq̃ havia de entrar nella. *a***1696** G. Matos *Obras* (ed. 1969, III. 581): Ao som de uma guitarrilha, | que tocava um colomim | vi bailar na Água Brusca | as Mulatas do Brasil: |. *c***1698** J. F. Betendorf *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 168-169: [...] mandei ao colomim que o levassem e lhe dessem um torrão de assucar, e depois fiz diligencia, não só pelos livros, mas pela informaçaõ dos indios, [...]. **1866** J. Alencar *As Minas de Prata* VI. v. 131: Partira pois o bando de *colomis* com uma grande cabaça, incumbidos de traze-la cheia do virulento insecto. **1872** B. Guimarães *Hist. e Trad. Minas* III. i. 206: — Então ingrata columy, — disse o indio abanando a cabeça, — de todo não queres saber do infeliz

Baguary?... IDEM *Ib.* III. iv. 231: — Seja como quizeres... mas esse columim?... disse o indio apontando para a creança. **1874** J. ALENCAR *Ubirajara* viii. 134: Pahan, a seta, era o ultimo filho de Canicran. Ainda corumim, pelejava ao lado do irmão, o guerreiro Creban, cujo hombro mal alcançava com o braço. IDEM *Ib.* 163 [*Nota do Autor*]: [...] 2º *curumim-mirim,* isto é, o pequeno que balbucia; comprehendia os meninos até sete annos. [...] 4º *curumim-guassu* era a adolescencia, em que os rapazes se empregavam na caça e na pesca. **1877** B. GUIMARÃES *Maurício* I. v. 48: [...] lhe tinha enviado de mimo um bello columim ou caboclinho de dez a doze annos da tribu dos Aimorés, que occupavão as cercanias da serra do Itacolumim. *a***1884** IDEM *O Bandido do Rio das Mortes* (ed. 1905, ii. 12): — Quando estava com os meus companheiros do matto me chamavam Tacapemba, e a este colomim, que é meu filho, Jurucy. IDEM *Ib.* iv. 29: — Nossa gente está lá no alto do serrote, — disse Itauby — não são muitos, mas creio que arranjamos mais do que o patrão que não traz sinão esse pobre vêlho e este columim... **1886** J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 13): Ali Rosinha nascera e crescera á lei da natureza, vivendo na promiscuidade indecente dos moleques e curumins, seus companheiros constantes de brinquedos no terreiro da casa, [...]. **1888** INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, I. i. 53): Um coromim de onze annos, legitimo Maué, de calças e camisa de riscadinho e grossos sapatos engraxados, tinha na mão um tição de fogo para acender o cachimbo de S. Revdm.ª, cheio de perfumado tabaco do Tapajoz. **1888** R. POMPÉIA *O Ateneu* iii. 69: [...]; mandando adiante, coroados de flôres, pela estrada larga de area branca, os columins alegres, [...]. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. iii. 33: Nesta embarcação sáe o pescador á pesca. Um companheiro, um filho menor ou qualquer outro corumim, vae ao jacuman, isto é, sentado no banco extremo da pôpa, [...]. IDEM *Ib.* 46: A esta vara, que tem o nome de "marã", dão o appellido especial de "curumim", rapazinho. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* ii. 23: — Tu não é mais curumi, rapaiz, tu não é mais curumi não... Gente grande que faz isso... E como Jiguê não conseguira moçar nenhuma das icamiabas o curumim sem ama chupou o peito da mãi no outro dia, chupou mais, deu um suspiro envenenado e morreu. **1930** G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 19: De novo, espanta-nos a destreza com que tenros curumins cortam as aguas do rio, pagaiando sózinhos á proa de frageis e minusculas montarias. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xxv. 298: O curumim Benedicto, já fôra *dado* ao juiz substituto, tenente Philocreão da Silva, que o fez logo seu moleque de recado nas margens do Tocantins.

curupaí *s.m.* Var.: 8 *curupai* [< T. ˚kurupa'i].

Variedade de angico.

1847 A. LEVERGER *Rio Paraguai* in RIH, XXV. (1862) 206: Entre as arvores vêem-se muitas proveitaveis para diversas construcções, como sejam o Laurél, o Timbó, o Lapacho, o Sangue de Draco (que tambem dizem ter propriedades medicinaes) o Curupai, cuja casca serve para o cortume: espongeiros, e diversas outras arvores de espinhos.

curupicaí *s.f.* Var.: 5 *curupicaigba, curupicaiba* [< T. kurupika'ĩua].

Planta da família das euforbiáceas, também chamada leiteira e pau-de-leite.

*c***1584** CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 21*v.*: Curupicaigba. Esta aruore se parece na folha cõ os pissigr^os de portugal. as folhas estyllaõ hũ leyte como o das figr^as de Espanha, o q̃l he unico remedio p^a feridas frescas e uelhas, e p^a boubas, e das feridas tira todo o synal, se lhe picaõ a casca deita grande quãtidade de visco cõ q̃ se tomaõ os passarinhos. *c***1594** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1942-1944: Curupicaiba Em tocãdo nesta aruore bota hũ leite muito bõ p^a feridas frescas curaõ as boubas e he visgo.

curupira *s.m.* Var.: 5 *curypyrans* (pl.), 5-9 *curupira*, 6 *curupíra*, 7 *curopirá, coropira*, 8-9 *currupira*, 8 *corropira* [< T. kuru' pira ~ VLB I. 102: *Diabo* = Anhanga. Este he como gro. (*scil.* gênero) especie Curupira, Taguaîba. Jurupari. Taûba. Aguaçaig. Guaiupiâ. etc.].

Diabo, entre os indígenas; ente fantástico que, segundo a crendice popular, vive nas matas e tem os dedos dos pés voltados para trás e o calcanhar para frente.

[**1560** ANCHIETA *Carta* in S. Leite *Cartas* III. (1958) 234: Notum est et in omnium ore versatur, esse quosdam daemones, quos Brasilles vocant *corupîra*, qui saepe in sylvis adoriuntur Indos, flagris caedunt, macerant et necant.]. **1567** B. FERNANDES *Carta* in S. Leite *Mon. Brasiliae* IV. (1960) 427: Dizem, e affirmão isto por verdade [*os índios*], que haa nos matos huns diabos a que elles chamam Cu[rypyrans], que matam a muitos delles e ouvem as pancadas e não vem quem lhes dá, e assi ficam logo muitos mortos, e lhes aparecem, segundo elles dizem, vizões, que depois morrem disso. *c***1584** CARDIM *Origem dos Índios do Brasil* fl. 1: [...] e tem grande medo do demonio al q̃l chamaõ Curupira, [...] e he tanto o medo q̃ lhe tem, q̃ soo de imaginarem nelle morrẽ, como acõteceo ia m^tas uezes naõ no adoraõ, nẽ a algũa outra criatura, nẽ tẽ Idolos de nhuã sorte, soom^te dizem algũs antiguos q̃ em algũs caminhos tẽ certos postos aonde lhe offrecẽ alg.^as cousas p'lo medo q̃ tem delles e por naõ morrerẽ. **1663** S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 15. 108: Creem que ha huns espiritos malignos, de q̃ tẽ grandissimo medo: a estes chamão por varios nomes: Curupira, aos espiritos dos pensamentos; Macachéra, aos espiritos dos caminhos Jurúpary, ou Anhãga, aos espiritos q̃ chamão maos, ou diabos; Maràguigána, aos espiritos, ou almas separadas, q̃ denuncião morte; [...]. **1706** M. BERNARDES *Nova Floresta* I. x. § III. 402: O P. Joseph da Costa da Companhia de Jesus refere entre as noticias do mundo novo, que se vem andar vagando pelos bosques muitos destes espiritos, a que os naturaes chamaõ Curopirá: e outros nas aguas a que chamaõ Igpupiará; e outros nas praias do mar e ribeiras dos rios, que chamaõ Baetatá: estes levaõ diante de si fogo inquieto, que discorre a huma, e outra parte; [...]. **1757** D. L. COUTO *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 64: Crem que ha espiritos malignos, de que tinham grandissimo medo, e chamão com varios nomes, curupira ao que influe pençamentos. Machachera aos espiritos das obras, Juruparv, ou Anhãga aos espiritos, que chamão maos, ou diabos. Maraguigana aos Espiritos, ou almas separadas, que denunciavão a morte, aquem davão tanto credito, que bastava imaginarem que lhes denunciava a morte, para logo se entregarem a ella. *c***1767** J. DANIEL *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, II. (1840) 480: Nas matas e suas roças, dizem os mesmos Indios, que lhes apparecem uns vultos com figura humana, nús como Tapuyas, e de cabeça rapada, a que chamão *Coropiras*, e com elles fallão, e mostrão algumas vezes o que os Indios querem. **1865** J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, 208): [*Nota do Autor*] *Espírito da treva* — A esses espiritos chamavam os selvagens *curupiras*, meninos maos, de *curumim* — menino e *pira*-mão. **1872** TAUNAY *Inocência* (2ª ed., 1884, viii. 90): Tambem a gente anda por estas estradas afóra como se fosse alma do outro mundo a penar... algum currupira... ou boitatá... Cruzes! **1876** COUTO DE MAGALHÃES *O Selvagem* II. v. 138: O Curupira é o deus que protege as florestas. IDEM *Ib.* II. v. 139: No Pará, quando se viaja pelos rios e ouve-se alguma pancada longinqua no meio dos bosques os remeiros dizem que é Curupira que está batendo nas sapupemas, a ver se as arvores estão sufficientemente fortes para soffrerem a acção de alguma tempestade. A funcção do Curupira é proteger as florestas. **1886** J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 17): Pelos mesmos motivos ameaçavam-na tambem com o Curupira, o tútú, pretos velhos que comem meninas, mettendo-lhe muito medo. **1890** A. AZEVEDO *O Cortiço* xix. 297: [...] em que ha caboclinhos corropiras que no sertão vêm pitar á beira das estradas em noites de lua clara, [...]. **1913** SIMÕES LOPES *Lendas do Sul* 89: O Curupira é como um tapuio pequeno; tem os dentes verdes e os pés colocados ás avessas. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* ii. 23: Vagamundou ao atá uma semana até que topou com o Currupira moqueando carne acompanhado do cachorro dele Papamel. E o Currupira vive no grêlo do tucunzeiro e pede fumo pra gente. **1929** G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* xvi. 330: Mas um christão, que topa currupira e não está prevenido de fumo, ah! fim triste de vida! **1931** IDEM *O meu próprio romance* 77: Por elle familiarisei-me com o currupira, o caboclinho que tem o rastro ao contrario, que o assombrou no matto e de que se livrou dando-lhe fumo. **1933** G. RAMOS *Caetés* xxiv. 175: Bicho por toda a parte, mundeos traiçoeiros, a floresta povoada de juruparvs e curupiras. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* ix. 105: Parece até que me deram pussanga pr'a bebê. No matto, antão, vivo me perdendo. Só vejo curupira atrás de mim.

cururi *s.m.* Var.: 8 *cururé*, 9 *cururê, cururi* [< ? T.].

Espécie de sal extraído de plantas da família das podostemáceas.

1883 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 15: No rio Vaupé fabricam os Indios Tarianos um sal alvissimo, extrahido de certas hervas da classe criptogamia, ao qual chamam *cururé*; [...]. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* II. ix. 141: São as plantas do gênero *murera* as que dão este sal vegetal. Os indigenas as conhecem pelo nome generico de *cururê* ou *cururi*.

cururu[1] *s.m.* Var.: 5, 9 *cururu*, 8-9 *cururú* [< T. kuru'ru ~ VLB II. 113: *Sapo* = Cururu].

Variedade de sapo, também chamada sapo-cururu.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxv. 165): Chamam os índios Cururus aos sapos de Espanha, do que não tem nenhum diferença, mas não mordem, nem fazem mal, estando vivos, mortos sim, porque o seu fel é poçonha mui cruel, e os figados e a pele, da qual o gentio usa quando quer matar alguém. Êstes sapos se criam pelos telhados, e em tocas de árvores e buracos das paredes, os quais tem um bôlso na barriga em que trazem os ovos, que são tamanhos como avelãs e amarelos como gemas de ovos, de que se geram os filhos, onde os trazem metidos até que saiam para buscar sua vida; [...]. **1875** J. ALENCAR *O Sertanejo* II. xiii. 215: — De sapo cururú. **1888** INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, II. viii. 75):

[...] no capinzal da beira os cururús enfatuados e barulhentos assustavam as timidas rolas aninhadas na espessura da canarana, no aconchego da folhagem macia, e que se punham a dar gritosinhos afflictos, cedendo á fascinação irresistivel. 1908 D. Olímpio *Luzia Homem* xxvi. 241: A lagôa estava serena como um espelho. Tudo quiéto. Só ouvia sapos ateimando: *foi, não foi*, e os cururús roncando. 1914 Coelho Neto *Rei Negro* x. 405: Escurecia aos poucos tristemente; aqui, ali um gasnir de pererêca, um grasnar de ran, grulhos de cururú e começavam a apparecer centelhas, a matta enxameava-se de vagalumes. 1934 J. L. Rego *Banguê* II. vii. 116: Barulho, havia muito, de sapos berrando na lagôa: os caldeireiros repetindo a mesma toada, como cretinos, e cururús gemendo sem parar. 1934 Jorge de Lima *O Anjo* 64: [...] subiu para o seu quarto, e abrindo a janella se pôs a olhar a noite cheia de cururús. 1935 Idem *Calunga* x. 85: Lula já não sentia o impulso de caminhar pela terra, de vencer esses panos de vegetação embrejada, pululando de saparia, de cururús, de caranguejos, mas havia nêle uma obsessão de parar na terra ficando a olhar detalhes que antes eram devorados pelas suas passadas de andarilho. Idem *Ib.* xx. 172: Um sapo cururú grelou-os e ficou deslumbrado, com os olhos esbugalhados, presos naquêla boniteza luminosa. 1938 G. Ramos *Vidas Secas* 177: Mas o coração grosso, como um cururu, enchia-se com a lembrança da cadella.

cururu² *s.m.* Var.: 8 *cururú* [< cururu¹? ~ cp. cururu-apé].

Planta da família das sapindáceas.

1817 Casal *Corografia Brazilica* I. 111: O *Cururú* [planta medicinal] cujo succo bebido com agua he um remedio efficacissimo para estancar o sangue, que se lança pela boca.

cururu³ *s.m.* Var.: 8-9 *cururú* [< cururu¹?].

Espécie de batuque sertanejo.

1872 Taunay *Inocência* (2ª ed., 1884, xxvi. 260): Você verá que desta festa fallarão... E o sapateado á noite? O descantes?... Talves se possa arranjar um *cururú* valente... 1874 Idem *Histórias Brasileiras* 185: Ninguem sabia como elle cantar chulas, armar um cururú, repinicar na viola ou contar historias, umas gaiatas que fazião estourar de riso, outras de bruxas e mandingueiros que deixavão a gente toda arripiada e sem vontade mais de pregar olho. 1928 M. Andrade *Macunaíma* xiv. 199: Os oculos das cabinas eram colares no casco e nos cinco deques empoleirados corria música entre a gentama dançando mexida no cururú.

cururu-apé *s.m.* Var.: 6 *cururúapé* [< T. *kururua'pe ~ cp. cururu²].

Planta da família das sapindáceas.

1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* I. § 124.76: [...] ou com hũa fruta que chamão cururúapé, ou cõ raiz de mangue: [...].

cururupeba *s.m.* [< T. kururu'peua].

Diabo, entre os indígenas: v. abon.

*c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 676-683: Sabẽ estes Jndios q̃ o homẽ tẽ alma e depois de o homẽ morrer dizem q̃ se ha de tornar diabo de q̃ elles tẽ grande medo e chamaõ lhe m^tos nomes. s. Cururupeba anhãgua Tagoypitanga algũs Jndios os tẽ nos caminhos pĩtados e dizẽ se lhes naõ offeressẽ alguã cousa q̃ an de morrer e as uezes cuidaõ nisto e morrẽ por terẽ grande eficazia na jmaginação.

cururutimbó *s.m.* [< T. °kururuti'ɲ o].

Espécie de cipó: v. abon.

*c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 265: [Cipó] Cururutimbó.

cutia *s.f.* Var.: 5-9 *cotia*, *cutia*, 5 *acuti*, 6 *acoti*, *aquoti*, *cotya*, 6-8 *cotía*, 7 *cotìa*, *cutía* [< T. aku'ti].

Mamífero roedor da família dos dasiproctídeos.

1576 Gândavo *Hist.* VI. fl. 21: Outros animaes ha que chamão Cotias, que sam do tamanho de lebres: & quasi tem a mesma semelhãça, & sabor. Estas Cotias sam ruiuas, & tem as orelhas pequenas, & o rabo tam curto que quasi se nam enxerga. *c*1584 Cardim *Origem dos Indios do Brasil* fl. 9: [...] sarrafaçandoo por todo o corpo com hum dente de Cutia q̃ se parece com dente de coelho [...]. Idem *Do Clima e Terra do Brasil* fls. 13*v*.-14: Acuti. Estas Acutis se parecẽ cõ os coelhos de Espanha, principalmente nos dentes: a cor he loura, e tira a amarella: saõ animais domesticos, e tão que andaõ por casa, e uaõ fora, e tornaõ, quando comẽ tudo tomaõ cõ as mãos, e assi o leuaõ a boca, e comem muyto depressa, e o q̃ lhe sobeja escõdem pera quando tem fome. Destas ay m^tas especies, todas se comẽ. *c*1586 *Roteiro da Costa do Brasil* fl. 20*v*.: [...] tem mantimẽtos fruitas, galinhas e muita cassa veados, porcos, pacas, cotias tactus, coelhos como há em toda a terra do Brasil, e chama-se porto de dõ Rodrigo. 1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cap. 143): Cotias são uns bichos tamanhos como coelhos grandes, mas são muito barrigudos; tem o cabelo como lebre, a cabeça com o focinho agudo, e os dentes mui agudos, os dois dianteiros são compridos e agudíssimos, com o que os índios se sarjam como com uma lanceta; tem os pés e mãos como coelhos, as unhas como cão, criam em covas, em que parem duas e três crianças, mantêm-se com frutas; [...] Cotimirim é outra casta de cotias do tamanho de um láparo; tem o focinho comprido, e são muito felpudas, de côr pardá; e tem o rabo muito felpudo, o qual viram para cima e passa-lhe a felpa por cima da cabeça, com que se cobrem: [...] *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 963-966: Cotias Ha tres castas huãs majores q̃ coelhos pardas outras pretas no sertão e huãs m^to pequenas pardas e amarellas. *c*1596 S. Travaços *Declaração do Brasil* xxxvi. fl. 28*v*.: [...] sarjão as fontes, e aos mininos nas pernas, quando tem febre, o que fazem as uelhas com hũ dente de cotia muito agudo, que pera isso tem; [...]. Idem *Ib.* xlix. fl. 38: Ha huns bichos a que chamaõ cotias, tem o cabello como de lebre, E a mesma carne, e feiçaõ, mas naõ tem rabo, tem aiuntam^to das femeas pera tras, como dizem dos Camellos. 1610 J. Monteiro *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.* VIII. (1949) 418: [Cotias]. São pouco maiores que um coelho. Têm nos pés e mãos três dedos com suas unhas, que mais parecem de cabra que de coelho; têm os cabelos compridos e mais amarelos, de modo que correndo inteiriçam o cabelo, e parece açafrão muito fino. É das boas carnes destas partes, e mui ordinária, por haver muitas. Seu mantimento são frutas, as quais, tomando nas mãos, se assentam e comem ao modo de bugio, e os sobejos escondem pera seu tempo. Recolhem-se em covas na terra ou tocas de pedra ou de árvores, aonde as tomam com facilidade. Criam estes Índios em suas casas muitas, que são mui lindas e mui domésticas, tanto que vão e vêm com os Índios à roça, à fonte, e ao mais serviço, como cachorrinhos. Idem *Ib.* 418: Há outros [cotias] a que chamam acotimerim. Este me parece é o mais fermoso e limpo animalejo, que vi nestas partes: é pardo sobre amarelo, o cabelo mui brando e mimoso, tem o rabo mui comprido e cabeludo; são do tamanho de uma doninha, os olhos grandes, comem frutas, andam de salto pelas árvores, e se delas as sacodem logo as tomam. Há poucas. No Cabo Frio vimos algumas. Domesticam-se fàcilmente, e são uma perpétua recreação de uma casa. Mas morrem fàcilmente, por serem mui mimosas. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 129: [...] Cotias que he hũ animal que se faz domestico e anda pellas cazas coando o querem trazer nellas [...]. *Ib.* fls. 130*v*.-131: Aquotimeri — he hũ animal piqueno ocoal tem o Rabo tamanho que lhe basta pera se cobrir todo com elle — e assim quoando o topam naõ se lhe enxergua mais que o Rabo. por que o corpo lhe fica escondido debaixo [...]. 1624 S. E. Silveira *Relação do Maranhão* fl. 10: Ha cotyas que são como os nossos coelhos, è melhores, & cõ a orelha de gato como a paca. 1627 V. Salvador *Hist. Brasil.* I. ix. fl. 16*v*.: Há outras mais cassas de veados, coelhos, cutias, e pacas que saõ como lebres, mas mais gordas, e saborozas, e nam se esfollaõ pera se comerem, porque tem couros como de leitão. 1648 M. Calado *O Valeroso Lucideno* I. iv. 53: [...] alli tinha os tigres, a onça, a cissuarana, o tamandua, o bugio, o quatí, o sagoim, o apereá, as cabras do Cabo verde, os carneiros de Angola, a cutia, a paqua, á anta, o porco jauali, grande multidaõ de coelhos, & finalmente naõ auia cousa curiosa no Brasil q̃ alli naõ tiuesse, [...]. 1656 J. Sotomaior *Jornada ao Pacajá* in DAP, VIII. (1945) 6: [...] com farinha e castanhas, passamos alguns dias, e outros so com palmitos: sò 2. cotias, e 2. jacares, que achamos em duas ribeiras, matamos neste caminho: mas que era isto para 19 pessoas: que assi por resão de fato, como da segurança me acompanhavão. 1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* I. § 71. 45: Outras de animaes de caça, antas, veados, porcos monteses, & aquarios, pacas [...]. Outras de animaes de gosto, & recreação, monos, macacos, bugios, çaguiz, preguiças, cotias, & outras especies sem conto. Idem *Ib.* II. § 102. 177: Remetome aos livros citados, & repito sòmente os nomes: pacas, tátús, tamãdúas, coelhos, estes de seis especies; bogios, ságuis, macacos, preguiças, cotias, coatis, londras: seria longo cõtar todos. *a*1667 Heriarte *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 188): Tem [o rio Amazonas] grandes cobras de agoa; na terra, onças, tigres, pantheras, leôespardos; muitas antas, porcos, veados, coelhos, tatús, cutias, pacas, capiváras, [...]. *c*1698 J. F. Betendorf *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 355: [...] suas mattas teem muita caça de porcos, cotias, paccas e passaros; [...]. 1721 F. F. Henriques *Âncora medicinal* (ed. 1731, 103): Cotia. Este animal he semelhante à Páca de que fallamos no numero antecedente, assim na figura como na grandeza, e cabello, tambem he quente, e secco, e de bom gosto, e nutrição. 1730 Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 65. 40: Das caças quadrupedes silvestres, ha veados, capivaras, coelhos, cotias, coatis, perias, teûs, tatûs, e pacas; estas, posto que nocivas para a saude, tem a carne superior no gosto a todas as do Brasil. 1757 D. L. Couto *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 37: Para a caça; Antas, veados, porcos montezes, capivairas, Pacas, Tatus, Cotias, Tamanduás, Lebres, Coelhos, e Quatis. 1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 184: [Ha] cotias, especie semelhante algum tanto aos coelhos, com differença na côr; que é como a dos indios avermelhada, e de vista tão activa como elles. *c*1767 J. Daniel *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, II. (1840) 342: Dissemos acima que usão de machados de pedra e facas de pau; e

usão tambem de dentes de animaes, especialmente de cotia, que são muito duros e agudos, com que alguns mais curiosos fazem seus labores. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 258: [Quadrupede] Cotia ou coelho americano. 1781 Durão *Caramurú* II. xxxviii. 54: Mas não come o Estrangeiro, nem consente | Comer-se carne humana; e só teria | Outra carne qualquer por innocente, | Aves, féras, Tatús, Paca, ou Cotia; |. 1789 F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 45: Eu estou vendo; e observando a Cotía com a grandeza de huma lebre. A cabeça subcompressa; rostro curvado; fronte complanada; orêlhas rotundatas, finas, não parvas, [...]. 1792 F. O. Barbosa *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 23: [o rio Tieté] é muito fertil de caças, pois tem com abundancia [...] cutías, lontras, areranhas. 1806 in RAPM, VI. (1901) 771: Cotia, pequeno animal ruivo, coberto de sedas rijas e asperas, semelhante ao leitão de dois a tres mezes. Tem cauda curta, e calva, mas encuberta por huma faxada de sedas. 1817 Casal *Corografia Brazílica* I. 63: A *cotía*, tem dois palmos de comprimento, pernas altas, orelhas pequenas, focinho de coelho, cabello avermelhado, e rijo, e apenas sinal de cauda: depois de domesticadas vam ao campo, e tornam: sua carne he um pouco sêcca, e dura. Idem *Ib.* 141: Entr' outras especies de quadrupedes selvaticos ha antas, veados, onças, macacos, pacas, coelhos quatys, cutias, tatús, aliàs *armádilhos*, jaraticácas, [...]. 1857 J. Alencar *O Guarany* (2ª ed., 1864, I. iv. 42): Neste momento uma cotia timida e arisca appareceo na lesira da matta, e adiantando o focinho, escondeo-se arrepiando o seu pello vermelho e afogueado. 1863 M. A. Porto Alegre *Brasilianas* 267: O veado passeia onde era a horta, | As cotias se entocam nas ruinas | Do forno da olaria: [...]. 1865 J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, xvii. 103): Martim seguiu silencioso a virgem, que fugia entre as arvores, como a selvagem cotia. *a*1871 Castro Alves *A Cachoeira de Paulo Afonso* (1876) 51: Quem foi? — Da mata sombria | Uma vermelha cotia | Saltou timida e bravia, | Em procura do sertão. 1872 J. Alencar *Til* II. xii. 136: Rapida como uma setta, a cotia fusilou no ar e sumiu-se pelo matto. 1872 Taunay *Inocência* (2ª ed., 1884, xv. 158): Quando ia botar a mão no tal bicho encarnado, encostou-se ao páo e... zás!... afundou-se, dando um grito esganiçado que parecia de cotia. 1874 J. Alencar *Ubirajara* vi. 106: "O ferrão da saúva não dóe como o dente afiado; e Jurandyr sabe que o pêlo dourado da cotia, não é tão macio como o collo de Aracy. 1875 Machado de Assis *Americanas* 162: Á caça dos veados e cotias, | Ia matando o tempo. Algumas vezes | Com o padre vigario se entretinha. 1877 B. Guimarães *Maurício* I. xxi. 265: Irabussú vencia todas essas difificuldades adelgaçando ainda mais o corpo já de si mirrado e esguio, mas flexivel como a serpente, e agil como a cotia. 1881 F. Távora *Lourenço* (ed. 1902, xvi. 243): [...] o matto porém era o seu principal fornecedor, agora lhes dando a paca, o tatu, a cutia, o preá; agora o jacú, a juruty, o nambú, o pato bravo; agora o ananaz, o inhame, o ingá, a mangaba, o cajú. 1888 Inglês de Sousa *O Missionário* (ed. 1899, II. ix. 166): Uma cotia, que por alli passara, sentira o appetite aguçado pelo cheiro vegetal da fibra tirada de fresco, e a roera de tal sorte que com um pequeno esforço Macario pudera libertar os pés. 1898 A. Arinos *Os Jagunços* II. ii. 203: Moviam-se rapidos e silentes como as cotias do matto e, deitados em terra no meio do capinzal, escondidos nas depressões do terreno, debruçados na beira dos barrancos, [...]. 1915 Lima Barreto *Policarpo Quaresma* II. i. 92: [...], Quaresma limitou-se a fazer o seu museu no papel, por onde sabia que as terras eram povoadas de tatús, cotias, preás, cobras variadas, saracuras, [...]. 1920 Idem *Histórias e Sonhos* 154: Elles estavam no Campo de Sant'Anna e aquellas cotias sempre ariscas e aquellas saracuras de gallinheiro, apezar de tudo, não deixavam de dar um toque selvagem naquelle jardim educado. 1928 M. Andrade *Macunaíma* xiv. 204: — Olhe, tem paca tatú cotia... Minto, cotia não enxerguei nenhuma. Paca tatú, cotia não. 1929 G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* xiii. 192-193: Não entraram no parque já fechado, mas aspiravam de fóra o bom cheiro daquelle interior, onde passeavam tranquillas as cutias, sorriam os quatipurús e dormitavam os cysnes e os flaminios. 1930 G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 31: Assim, os guaribas e cutias daqui têm a pellagem vermelha, ao passo que, na margem direita, nunca entraram o *henné* e a agua oxygenada... 1933 G. Ramos *Caetés* vii. 43: [...], macacos e saguis em dança acrobatica pelos ramos, cotias ariscas espreitando á beira da caiçara. 1934 J. L. Rego *Banguê* I. ix. 55: Estava ali Josepha apanhando como se fosse de ferro, com onze annos, dada de presente como uma cotia, um tatu. 1936 Idem *Usina* II. xix. 279: Nunca mais que se pegasse um tatuzinho, uma paca, uma cotia para encher a barriga. 1938 R. Morais *Os Igaraúnas* vii. 86: — Antão um tapuio mais *sahido* foi na rêde da coutora querendo abusá. Mas não lhe conto nada cunhado, madama metteu os pés, e levantou como uma onça. Tapuio cahiu dos quartos e emprestou perna da cotia, sôco! 1940 Ribeiro Couto *Largo da Matriz* 204: Tinha vindo da fazenda: um mês a perseguir veados, cotias e pacas. 1946 Guimarães Rosa *Sagarana* 212: Cachorro não é meu sócio. [...]. Porque todos êles são mesmeiros despóticos: um cotó pesqueiro pensa que no mundo só existem pacas, quando muito tambem tatús, cotias, capivaras, lontras; [...].

cutitiribá *s.m.* Var.: α. 6 *tuturubà, titiribá*; β. 7 *oitituruba*, 8 *cotitiribá, cutitiribá* [< T. *titiri'ua ~ Nas variantes do grupo β talvez tenha havido interferência de *oiti*; Vieira (v. abon. 1654), por exemplo, informa que *titiribá* é uma espécie de *güité* (oiti): v. oiti].

Planta da família das sapotáccas.

1624 S. E. Silveira *Relação do Maranhão* fl. 11*v.*: [...] outras como peras, outras como frutas nouas, q̃ chamaõ tuturubàs; [...]. 1654 A. Vieira *Cartas* (ed. J. L. Azevedo, 1925, I. 375-376): Por uma parte e por outra tudo são arvoredos agrestes e sem fruto, pôsto que no princípio do rio nos convidaram com uma fruta do tamanho e côr das nossas camoesas: é espécie dos gùites do Brasil, porém estes têm muito menor caroço e sem couro; chamam-lhe os indios titiribás; se o açúcar fôra menos dóce, dêle e de gemas de ovos parece se pudera imitar, na côr e no sabor, a massa de que é composta esta fruta. 1702 A. Rosário *Frutas do Brasil* III. iii. 152: Não lhes faltaremos com a fruta, que está guardada para elles, chamase Oitituruba, he do tamanho de huma laranja, tem hum caroço de uma banda preto, no qual se vê hũa pessoa como em hum espelho: [...]. 1817 Casal *Corografia Brazílica* II. 278: Entr'outras fructas mais nomea-se [...]. o cotitiribá, [...]. 1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 20: [...] *taperebás*, ou *cajás, genipapos, beribás, cutitiribás*, de uma massa amarella glutinosa, assás aromatica, cobrindo um carôço lizo; [...].

cutuba *adj.* Var.: 9 *cutúba, cotuba* [< T. ?].

Bom; corajoso, valente.

1914 Coelho Neto viii. 293: Tito, além de cutúba, era *fechado*. Quando deram em cima d'elle, a tiro, no Rodeio, foi o mesmo que nada. 1929 G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* xiii. 210: Uma mulher que não respeita seu marido, um homem tão trabalhador, homem de sabedoria, um moço fidalgo que a minha mãe criou, tão bonitinho desde menino e que é um homem importante, cotuba...

cuxiú *s.m.* [< T. ?].

Espécie de macaco da família dos cebídeos.

*c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 258: [Macaco] Cuxiú, de grande topéte e rabo felpudo. 1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 26: [...] o *cuxiú*, cuja cauda serve de espanejador; [...]. 1938 R. Morais *Os Igaraúnas* xvii. 194: Não demorou um minuto surgiram bandos de macacos capitaneados pelos coatás. Viam-se o guariba, o caiarara, o barrigudo, o prego, o cuxiú, o de cheiro, o da noite.

D

descoivarado *adj.* [Particípio de *descoivarar* (< des- + coivar(a + -ar)].

Terreno a que se retiraram as coivaras.

1918 Monteiro Lobato *Urupês* 124: No meio della, em terreiro descoivarado, entremostra-se uma tapera. 1919 Idem *Cidades Mortas* 60: Nos fundos da casa vê-se o lavadoiro, descoivarado apenas, n'um poço onde o corgo rebrilha tres palmos d'agua.

E

eixuá *s.m.* Var.: 5 *ejxuã*, 5-6 *eixua* [< T. eĩsu'a ~ VLB I. 125: *Esmirilhão, aue de rapina* = Eixuâ. Eixuaguaçû. Eixuâmiri].

Ave da ordem dos falconiformes: v. abon.

*c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1422-1424: Ejxuã guaçu esmirilhaõ grãde Eixua merj 3 castas menhu Vrubuanga canduguaçu dizẽ que este come homẽs ate os ossos e a caça ha m^tos^ frãselhos. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fls. 116-116*v.*: [...] ha outro modo de falcaõ ou guauiaõ que naõ sey de que espeçie seja, tambem muy agiles pera a caça, mas naõ taõ grandes como os de que fiz mençaõ de que hũ dos tais se chama piron, e outro ganbiapiruera, e outra casta a que chamaõ — eixua — e outra semelhante que tem por nome — taguato — e outro quaraquara e tambem — guaquaqua — e do mesmo modo jaqueretu — o coal he asaz feo na composiçaõ [...].

embaúba *s.f.* Var.: 5 *ambaigba*, 5, 8 *embaiba*, 5 *amaiba*, 6 *abaiba, ambaiba*, 7-9 *embaúba*, 7 *ambaúba*, 8 *umbaúba, imbahiba, imbauba*, 9 *embaúva, imbaúba* [< T. a*m*a'ĩua ~ VLB I. 138: *Figo ou figueira* = Ambaiba].

Nome comum a várias plantas da família das moráceas, do gênero *Cecropia*; embaubeira.

*c*1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 21*v.*: Ambaigba. Estas figr.^as^ naõ saõ m^to^ grandes, nẽ se achaõ nos matos uerdadr.^os^ mas nas copueras, onde esteue roça, a casca desta figr^a^. raspando-lhe da parte de dentro, e espremendo aq̃llas raspas na ferida põdolhas em cima, e atandoas cõ a mesma casca em breue sara. Dellas ha m^ta^ abundancia, e saõ muito estimadas, por sua grande uirtude, as folhas saõ asperas, e seruẽ de alizar q̃lq̃r pao, a madr^a^ naõ serue p^a^ nada. **1587** G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lix. 36): Embaiba é uma árvore comprida e delgada, que faz uma copa de pouca rama; a fôlha é como de figueira, mas tão áspera que os índios cepilham com clas os seus arcos e hastes de dardos, com a qual se põe a madeira melhor que com a pele de lixa. Os frutos desta árvore são umas candeias e cachos como os dos castanheiros, e como amadurecem as comem os passarinhos e os indios, cujo saibo é adocicado, e tem dentro uns grãos de milho, como os figos passados, que é a semente de que estas árvores nascem: as quais se não dão em mato virgem, senão na terra que foi já aproveitada; e assim no tronco como nos ramos é tôda oca por dentro, onde se criam infinidade de formigas miúdas. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1802-1815: figeira braua Amaiba Saõ aruores altas e direitas tẽ algũs figos deferẽtes mas no sabor como passados mas o doçe mais suaue cõpridos de mejo palmo saõ gostosos e aruore he occa as folhas farpadas grandes e Redondas tẽ m^ta^ virtude e quẽtes seruẽ p^a^ inchaços. Os olhos pizados postos na ferida fresca para logo m^to^ depreça e se for chagua velha lauãdoa m^to^ bẽ cõ limaõ q̃ naõ fique nada em sangue seraõ taõbẽ as folhas quẽtes seruẽ p^a^ inchaços e corrim^tos^. O olho tirãdolhe a tona vermelha delida he p^a^ camaras saõ as folhas como pelles de lixas e Raspaõ paos cõ ellas. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 110: [...] Abaiba, [fruta] semelhante aos dedos da maõ tem o sabor de figuos [...]. **1627** V. Salvador *Hist. Brasil* I. vii. fl. 14*v.*: As Ambaibas, saõ huãs figueiras bravas que dão huñs figos de dous palmos, quazi, de comprido, mas pouco mais grossos, que hum dedo, os quais se comem, e saõ mui doces, e os olhos destas arvores pizados, e postos em feridas frescas com o sangue as saraõ maravilhozamente. **1763** J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 207: Vimos as celebres arvores de embaúba, remedio efficaz para sangue do peito; tirado o olho á planta, raspado, lançado em vinagre, logo batido com clara de ovo e alguns pós de assucar, se toma pela bocca. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 263: [Arvore fructifera] Ambaúba. 1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 19: Entre as silvestres nota-se a *umbaúba*, a casca do seo tronco e ramos he esbranquiçada, os ramos separados, e de folhas quasi como a da figueira, e pouco espessa: o fructo das mansas he como um cacho de uvas, cujos bagos do tamanho e côr de um figo prêto pequeno, saõ dôces e saborosos; cada cacho tem até cincoenta bagos, a pellicula que circula o bago he aspera, e se lhe extrahe para comer o fructo; [...]. **1857** J. Alencar *O Guarany* (2^a^ ed., 1864, 360): [*Nota do Autor*] A sapucaia perde a folha no tempo da florescencia, e cobre-se de tanta flôr amarella que não se vê nem tronco, nem galhos; o mesmo succede á embaiba, ao páo d'arco e outras arvores. **1868** M. A. Porto Alegre *Brasilianas* 55: Alli eterno ipê, onde mil vezes | O dorso colossal de anta membruda | Em furia abalroando, perseguida | Nem sequer lhe abalára a copa augusta, | No baque horrivel que arqueára angicos, | Centos de estragos descreveo, prostrando | Na queda suas brancas imbahibas | Cujas raizes para o céo se ergueram; | E a planta esguia de entrellaçados braços, | Que ufana retratava na ramagem | Hebraico candelabro em synagoga, | Sobre o solo se esmaga desfolhada. | Geme grudada no carmineo grelo | Tarda preguiça, de nojento aspecto. **1865** J. Alencar *As Minas de Prata* IV. xii. 315: O segundo ouvia na distancia de cem passos o roer da lagarta na folha da imbauba, e distinguia no vasto rumor da matta virgem a qualidade e a distancia de todos os sons que formavam o surdo concerto das selvas. *a*1871 Castro Alves *A Cachoeira de Paulo Afonso* (1876) 3: Mas não me esqueço nunca dos fraguedos | Onde infante selvagem me guiavas, | E os ninhos do *soffrer* que entre os sylvedos | Da embaiba nos ramos me apontavas; |. **1872** B. Guimarães *O Seminarista* (ed. 1917, i. 2-3): A menina era morena, de olhos grandes, negros e cheios de vivacidade, de corpo esbelto e flexivel como o pendão da imbauba. **1872** J. Alencar *Til* II. ii. 16: Com pouco os urubús vieram pousar nas ramas da embaúba. **1874** Idem *Ubirajara* iii. 44: O balsamo suave da embaiba sara rapidamente os golpes mais profundos; [...]. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 47): São os dilatados campos de canarana e de mury de onde se eleva isolada uma ou outra palmeira caraná ou jauary, [...] a fraca embaúba de folhas grandes, recortadas e asperas, [...]. **1888** Inglês de Sousa *O Missionário* (ed. 1899, II. viii. 67): No meio da massa verde-escura da floresta, de um e de outro lado, as altas embaúbas abriam as folhas brancas, leques inuteis que a viração rão abanava, e as bacabeiras carregadas de cachos, deixavam-se estar immoveis com as palmas estiradas, [...]. **1898** A. Arinos *Pelo Sertão* 92: — "E eu", pensava, "estou como quem passa um fundo grottão sobre o tronco da embaúba que a ventania derribou: ora pendo p'r'aqui, ora p'r'alli, lutando no ar, procurando o equilibrio, e assim até vencer a perigosa pinguela, vingando a barranca opposta. **1899** Taunay *No Declínio* viii. 74: Demais, egoista, indifferente ás coisas mais capazes de acordar do torpor uma preguiça, sim... sim, legitima preguiça no tôpo de um páu de embaiba. **1907** E. Cunha *Contrastes e Confrontos* 286: Em varios trechos cerra-

dões trançados, guardando ainda no afogado das embaúbas e dos tabocaes alguns raros pés de café de remotas culturas em abandono, desdobram-se inextricaveis na lenta reconquista do solo, num resurgimento da floresta primitiva. **1914** COELHO NETO *Rei Negro* vi. 226: A acacia vergava opulenta ao peso dos cachos de ouro e a matta, enfeitada para o Natal, reviçava em rebentos pintalgada de amarello e roxo, com as claras folhas das embaúbas luzindo, como de aluminium, no escuro lustroso das ramagens. **1915** LIMA BARRETO *Como o "homem" chegou* 335: Em geral, os inspectores por elles mesmos resolviam o caso; davam paternos conselhos suasorios e a lei sagrava o que já havia sido abençoado pelas prateadas folhas das embaúbas, nos capoeirões cerrados. **1918** MONTEIRO LOBATO *Urupês* 64: A sua casa, de esteios roliços e portas de embaúba rachada, muito encardida de picumam, prenunciava tapera próxima. IDEM *Ib.* 71: Vivi no matto toda a vida, lidei toda a casta de arvore, desdobrei desde embaúva velha e embirussú, até balsamo, [...]. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* v. 57: Nos ramos das ingàzeiras das aningas das mamoranas das embaúbas dos catauarís de beira-rio o macaco-prego o macaco-de-cheiro o guariba o bugio o cuatá o barrigudo o cairara, todos os quarenta macacos do Brasil, todos, espiavam babando de inveja. **1930** G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 18: Mais para traz, annunciando a matta, imbaúbas brancacentes e tachizeiros esguios, [...]. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 223: Mas, as imbaúbas! As queridas imbaúbas jovens, que são tôda uma paisagem!... Depuradas, esguias, femininas, sempre suportando o cipó-braçadeira, que lhes galga o corpo com espirais constrictas.

embaubeira *s.f.* Var.: 8 *umbaubeira, embaúbeira, embaubeira* [< embaúb(a + -eira)].

Embaúba.

1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 15: O *ipadú* he outra planta do tamanho do loureiro da Europa, torram as folhas e pizam-nas para as reduzirem a pó, ajuntando a cinza da folha da *umbaubeira*, ficando tudo reduzido a certa substancia verde que os Indios comem, alliviando com ella o peso do somno, sem que com tudo produza insomnios, conservando-se desta sorte em uma doce inacção: [...]. **1886** J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 42/43): Por aquella terra de alluvião crescia uma vegetação exuberante e verde, intrincada e densa aqui, rala acolá, onde as embaúbeiras com suas folhas reviradas e claras mettiam um tom alegre. **1888** INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, II. x. 206): As altas sumaúmas, as agrestes embaubeiras, os cedros gigantescos haviam sido substituidos por grande variedade de plantas de cultura, de modo a tornar o sitio uma miniatura de toda a lavoura do Amazonas.

embautinga *s.f.* Var.: 5 *ambaigtinga, amaitim* [< T. a *ɱ*aï'-ti*n*a ~ VLB I. 139: *Figueira do inferno do açeite* = Amaigtinga. Outra do mato Amaigbetê, tambem chamão ha de inferno. Ambairana].

Embaúba branca, figueira-do-inferno.

*c***1584** CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 21*v.*: Ambaigtinga. Esta figr^a^ he a q̃ chamaõ do inferno, achaõse è taperas, daõ certo azeite q̃ serue p^a^ a candea tẽ grande uirtude, como escreue monardes, e as folhas saõ m^to^ estimadas p^a^ quem arreueça, e naõ pode ter o q̃ come, vntando o estomago com o oleo tira as opilaçoẽs, e colica, p^a^ se tirar este oleo, poẽna ao sol algũs dias, e depois a pisaõ, e cozem, e logo lhe uẽ aq̃lle azeite acima que se colhe p^a^ os sobreditos effectos. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LIV. 18): Amaitim é uma árvore muito direita, comprida e delgada; tem a fôlha como figueira, dá uns cachos maiores que os das uvas ferrais; tem os bagos redondos, tamanhos como os das uvas mouriscas, e muito esfarrapados, cuja côr é roxa, e cobertos de um pêlo tão macio como veludo.

embiara *s.f.* [< T. *ɱ* i'ara ~ VLB II. 85: *Preza na cassa, ou guerra. Proeda* = Biara. Tembiara].

Qualquer presa apanhada na caça, na pesca ou na guerra.

1886 J. VERÍSSIMO *Cenas.da Vida Amazónica* (ed. 1899, 273): O vaqueiro deu um grito rouco, um rugido de raiva, como o da onça que fugindo com a embiara ás costas vê-se de repente cercada de homens e acuada por cães, [...]. **1910** H. CAMPOS *Poeira* 215: Eis uma alma penada: é a triste embiara | De um pagé poderoso e vingativo, | Que um misero cabôclo condemnára | A morar dentro dagua emquanto vivo. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xvi. 311/312: O genio inventivo da raça tapuia, que não gosta de violencias nos seus processos de caça e de pesca, antes prefere o methodo suave de agarrar a embiara sem ruido, logo suggeriu o Cabelludo um *barreiro* falso, capaz de lograr os bichos, nas proximidades do barracão.

embira *s.f.* Var.: 5-9 *embira,* 5 *envira,* 6 *enuira, jmvira, emvira* 7 *imbira, embira,* 8 *imbira.* Cp. BIRIBÁ, IBIRIBA [< T. *ʷ*i'*ɱ* ïra (forma paralela de ï'*ɱ* ïra 'fibra, filamento, estopa') ~ VLB I. 129: *Estopa* = Ygbigra].

Designação comum a várias plantas, particularmente as da família das anonáceas, que fornecem material para cordas e estopa; fibra vegetal usada como corda; *por extensão*, negócio intricado, situação dificil.

*c***1574** *Livro de Contas* in DHA, III. (1963) 386: [...] custarão dous quintaes de embira pera cordas E calafetar tres mil rs [...]. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXVIII. 63): Acham-se pelos matos muitas árvores de que se tira a envira para calafetar: [...]. **1592** in *Confissões da Bahia* (ed. 1935, 166): [...] e que manda tambem nos domingos e santos trabalhar aos seus a cortar embira pera atar a cana e a carregar a barca, nos tempos da necessidade porque vee que assim o costumão fazer geralmente nesta terra. **1610** J. MONTEIRO *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.* VIII. (1949) 407: Quando andam caminhando e fazem alguma jornada, tomam umas embiras, que são como estopas ásperas, e molham-nas no mel agreste, e, com as chuparem somente, se mantêm por muitos dias. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 102: [...] mas pera cordoalha de nauios se aproueitão da casca de hũ Aruore. chamado enuira da coal se fazem eixçelentes cordas Rijas e de muita dura, [...]. IDEM *Ib.* iv. fl. 102*v.*: [...] outro fruto que se apanha de hũ Aruore, chamado jmvira de que vzão muitas pessoas, e por Rezão diuerão de vzar todas, por ser eixçelente drogua a coal vsurpa pera sy o efeito que faz a pimenta crauo e canella con tenjir como asafraõ couza que naõ crera senão quem o esprimentar e tem muito bom cheiro [...]. **1623** *Livro de Contas* in DHA, II. (1956) 17: De hũa pessa de corda de embira p.^a^ escotas cõ 3 arrobas a Rezão de 1400 rs. q.^tal^. **1624** *Ib.* 61: [...] de duas pessas de corda de enuira 880 rs. *c***1626** D. C. MORENO *Livro que dá razão do estado do Brasil* (ed. 1968, 44): Na dita Capitania [Bahia] em lugar de Estopa se usa certa erua q̃ chamão enuira, com que calafettão tudo o q̃ vay debaixo dagoa: há muita, e custa pouco; [...]. **1632** in *Anais do Museu Paulista* III. II. (1927) 229: Dez quintaes de murrão, porq̃ para o gasto ordinario lá [*no Maranhão*] o fazem de enuira o qual não seruc na occasiam porq̃ perde o crauo com o primr^o^ tiro, e assy he neçess.^rio^ o de caá [*de Portugal*]. **1637** in ABN, XXVI. (1905) 428: E que na Capitania do pará se podem fabricar grandes nauios e naos pella muita copia de madeiras que ha de toda a sorte e tambem ha breu e emvira para se fazerem cordas para emxarcea mas contudo para amarras e para outras emxarcias de maes jmportancia he necessario serem de linho, [...]. **1654** A. VIEIRA *Cartas* (ed. J. L. Azevedo, 1925, I. 374): [...] e com o mesmo [pau] de que fazem as cordas, que chamam embira, amarram e vão tecendo as tiras como quem tece uma esteira, [...]. **1711** A. J. ANTONIL *Cultura e Opulência do Brasil* I. II. xi. 71: [...] & alimpa-se ao redor com hum Vasculho, que he como hum pincel, ou escova de embira, amarrado na ponta de hũa vara: & nesta tacha se deixa estar mais tempo, atè ficar jà meyo cozido. IDEM *Ib.* II. v. 113: Acabado o Rolo, se cobre primeiramente com folhas de Caravatá seccas, amarradas cõ embira; & depois se lhe faz hũa cappa de couro da medida do rolo; [...]. **1768** J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 104: Sendo costume de muitos [indios], ainda depois de baptizados, enterrarem seus defuntos em casa, conservando assim superstições do gentilismo, constou-nos haver alguns que deixando o cadaver suspenso por cordas de fio de sipó ou de embira, punham por baixo um recipiente ou vaso em que cahissem gottas da corrupção e com estas temperavam as suas bebidas de raizes e vinhos, persuadidos que ficavam mais substanciaes. **1768** in ADF, I. (1894) 132: Hum Bezerro tinto — Hum couro de Veado — Tres cordas de embira. **1781** DURÃO *Caramurú* I. xix. 15: De outra côr differente, que os affèa: | Pedras, e páos de embiras enfiados, | Que na facc, e nariz trazem furados. IDEM *Ib.* I. 40: [*Nota de rodapé*] Especie de cordão feito da casca interior de algumas arvores. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 119: [...] mediante uma ligadura de *imbira* ou trança tecida de que usa um e outro sexo. IDEM *Ib.* 131: Continuamente nús, não sentem os effeitos da estação, só os velhos de um e outro sexo trazem ao redor da cintura uma ligeira tanga de embira, ou de tecidos de palha; [...]. **1846** G. DIAS *Primeiros Cantos* (ed. 1865, I. 8): Trás embira dos cimos pendente | — Brenha espessa de vario cipó — | Dessas brenhas contêm vossas matas, | Taes e quaes, mas com folhas; é só! **1855** JUNQUEIRA FREIRE *Inspirações do Claustro* 69: Barbaros erão. — Mas em ranchos longos, | Nos tejupás pendido das imbiras | Desamparando o vibrador tacape, | E meneando os collos enlaçados | Das correntes das perolas do rio, |. **1856** D. MAGALHÃES *A Confederação dos Tamoyos* IV. 124: Deita e amarra com torcida embira, | Uma clava de pennas enfeitada, | A que chamam os Indios Tangapema. **1872** J. ALENCAR *Til* II. ii. 17: Movida de compaixão, venceu a natural repugnancia que lhe devia causar o aspecto da ferida para lavá-la e cobrir com folhas de fumo atadas por embira. **1873** IDEM *Guerra dos Mascates* I. vii. 69: Aquellas varinhas ligadas com embiras tinham especial encanto para o nosso poeta, que enfiava por ellas uns compridos olhos e deleitava-se na contemplação... **1873** IDEM *O Garatuja* xvi. 134: — Abraça, abraça, que da pelle te ha de sahir! — Gostas, hem? Pois hei de dar-te um bem apertado, mas é de embira!... **1874** TAUNAY *Histórias Brasileiras* 38: Com visgo natural que tirava da mangabeira para armar arapucas e com bagas de succo inebriante, conseguia ella agarral-os vivos, e voltava, então, pulando de

contente, deposital-os nas mãos de Alberto depois de ligar-lhes as azas ao corpo por meio de uma embira larga. 1875 MACHADO DE ASSIS *Americanas* 24: E alguns da rija estaca desatando | Os nós de embira ás rapidas igaras, | A' pesca vão pelas ribeiras proximas, |. 1875 J. ALENCAR *O Sertanejo* II. ix. 167: Outras vezes passava-lhe um laço de embira e amarrava-a á goiabeira; ou trazia do matto uma folha de ortiga para esfregar-lhe no braço, e um lagarto para pregar-lhe um susto. 1876 F. TÁVORA *O Cabeleira* iv. 81: Uma forca havia sido levantada com ramos deverdes no terreiro em sua ausencia, e della pendia por uma embira o coelho, minutos atrás cheio de vida, agora morto, [...]. 1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 105): Suspensos das ripas das paredes por finos cordeis e embiras, pendiam vidros maiores e menores, [...]. 1895 IDEM *A Pesca na Amazónia* I. v. 76: Com um espinho forte, a ponta de uma frecha ou da sua faca furam-lhes depois mãos e pés e passando nesses furos uma embira ou cipó, ligam-os um ao outro tolhendo-lhes a possibilidade de se virarem e escaparem-se. 1898 A. ARINOS *Pelo Sertão* 190: "Um homem é para outro". E, depois, o Paschoal não me deixava nas embiras. 1898 IDEM *Os Jagunços* II. i. 164: Passando-se pelas portas das casas, ouvia-se a pancada retumbante da mão-de-pilão, que mulheres de saia arregaçada e presa á cintura por uma embira, ou por uma ouréla de panno piloto, empunhavam resolutamente, socando milho para canjica, ou pulverisando-o para fubá. 1926 COELHO NETO *Feira Livre* 81: [...] e Garutamo — que era elle o assaltante dos poleiros e do resto — viu-se nas embiras e então, a pretexto de que, com os ladridos da cainçalha fiel, não podia cantar em paz, chamou aos amigos a conselho dizendo-lhes que se não mandassem acorrentar os bichos nunca mais abriria o bico. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* vi. 78: Foi lá dentro e voltou carregando um grajau tamanho feito de embira e cheinho de pedra. 1930 G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 89: Nenhum delles carrega á cabeça [...]; mas, sim, fazendo fardos que ageitam ás costas e têm por ponto de sustentação não só as alças de sarrapilha, corda ou qualquer embira, [...]. 1931 RIBEIRO COUTO *Cabocla* vi. 69: A calça de brim ordinaria estava amarrada á cintura por uma embira; [...]. 1938 G. RAMOS *Vidas Secas* 11: As alpercatas delles estavam gastas nos saltos, e a embira tinha-lhe aberto entre os dedos rachaduras muito dolorosas. 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* xvii. 141: Derrubaram o madeiro, esgalharam-no, descascaram-no, e depois enfeitaram-no de folhagem, em espiral, por meio de embiras e cipós. 1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 282: Não havia caixão: só o esquife tosco, entre padiola e escada, com as barras atadas com embirà e cipó. 1956 IDEM *Grande Sertão: Veredas* 389: Arte que a aproveitar, êle tornou a atar melhor o resumo de embira, que cinturava aquêles molambos de calças.

embirado *adj.* [Particípio de *embirar* (< embir(a + -ar)]. Enlaçado, preso com embira; *por extensão*, casado.

1934 G. RAMOS *S. Bernardo* xvi. 106: — D. Gloria, communico-lhe que eu e sua sobrinha dentro duma semana estaremos embirados. Para usar linguagem mais correcta, vamos casar.

embirataí *s.f.* Var.: 5 *ubirataía* [< T. *ɲ ïrata'i].
Planta da família das anonáceas.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXII. 73): Ubirataia é uma árvore que não é grande, cuja madeira é mole, de côr parda, que cheira muito bem; e na casa onde se queima recende o cheiro por tôda a rua.

embiricica *s.f.* Cp. IBIRACICA [< T. *ɲ ïrï'sïka < *'ɲ ïra 'embira' + ï'sïka 'resina' ~ VLB II. 105: *Rezina* = Igcigca].
Porção de coisas ou grupo de pessoas dispostas em fila; série, enfiada.

1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* xiv. 162/163: Nas cidades como Belem ou Cametá, essa récua de fieis, meio-vagabundos, e meio-devotos, homens, mulheres e rapazinhos, são conhecidos pela alcunha de *embiricicas*. 1956 GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 348: A Casa acho que falava um falar — resposta ao assovioso — e quando um tiro estrala em dois, dois. De embiricica, entrantes as balas vinham, puxavam um fio de ar.

embiriti *s.f.* [< T. *ɲ ïrï'ti ~ Cp. BURITI].
V. abon.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXVIII. 63): Embiriti é outra árvore meã, cuja madeira é mole, e do entrecasco dela se tira envira branca, com que se fazem cordas tão alvas como de algodão, e morrões de espingarda muito bons, que se não apagam nunca, e fazem muito boa brasa; [...].

embiruçu *s.m.* Var.: 5 *enviroçu*, 8 *embiroçu*, 9 *embirussu, embirossú* [< T. *ɲ ïru'su].
Designação comum às plantas bombáceas do gênero *Bombax*.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXVIII. 63): Acham-se pelos matos muitas árvores de que se tira a envira para calafetar: e comecemos a dizer das que se chamam enviroçu, que são árvores grandes, cuja madeira é mole, e não se faz conta dela senão para o fogo; as quais tem a casca áspera por fora, a qual se esfola das arvores, e se pisam muito bem, faz-se branda como estôpa, que serve para calafetar. Dão estas árvores umas flores brancas como cebola cecém muito formosas, e da mesma feição, que estão fechadas da mesma maneira, as quais se abrem como se põe o sol: e estão abertas até pela manhã, enquanto lhe não dá o sol, e como lhe chega se tornam a fechar, e as que são mais velhas caem no chão; cujo cheiro é suave, mas muito mimoso; e como apertam com elas não cheiram. 1875 MACHADO DE ASSIS *Americanas* 151: A fresca brisa o seio delicado | A branca flor do embiroçu descerra. 1918 MONTEIRO LOBATO *Urupês* 221: [...] elle abandona a casa e vai agachar-se no oco d'um velho embirussu do quintal [...]. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* iv. 43: Eu era uma boniteza de cunhatã e todos os tuxauas vizinhos desejavam dormir na minha rede e provar meu corpo mais molengo que embirossú.

emboaba *s.m.* Var.: 7-9 *emboaba*, 7 *amboaba, embuàba*, 7-8 *imboaba*, 7 *embuaba* [< T. ?].
Alcunha que, nos tempos coloniais, principalmente na região das minas, foi dada pelos descendentes dos bandeirantes paulistas aos portugueses e aos forasteiros em geral; reinol.

1711 A. J. ANTONIL *Cultura e Opulência do Brasil* III. xii. 165: [...] & ahi está hum Fortim, com trincheiras, & fosso, que fizeraõ os Emboabas no primeiro levantamento. 1730 ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* IX. § 23. 542: Tendo noticia deste maligno intento os Emboabas, ou Forasteiros residentes nos tres Arrayaes do Sabarabusú, do Cahetê, e do Rio das Velhas, e vendo, que se os Paulistas invadiaõ a estancia de Manoel Nunes Viana, a quem tinhaõ por Protector, ficariaõ todos sogeitos ao jugo dos inimigos, experimentando as suas insolencias, caminharaõ armados a socorrello, e guardarlhe a casa; [...]. 1734 in RAPM, XXIII. (1929) 237: Respondeu-lhes que a resenha era escusada, porque os Amboabas, assim chamão aos Reynoes, não era gente que lho merecesse. 1752 M. FONSECA *Vida Pe. Belchior de Pontes* (ed. Melhoramentos, xxxiii. 204): Sendo do ordinario as guerras civis o açoute, com que Deos castiga aos povos, naõ será muito de estranhar que aos peccados dos moradores das Minas se attribuaõ as guerras, que entre si tieuraõ, taõ celebres, e decantadas com o appelido do levante dos Embuàbas contra os Paulistas. IDEM *Ib.* 214: Animado com tanta benevolencia, tratou da paz. mas elles a naõ admittiraõ, persuadindo-se, que aquelle tratado nascia do medo, que o seu exercito tinha causado ja nos animos dos Embuábas. 1781 DURÃO *Caramuru* IV. xxxii. 121: Por filho do trovão tem acclamado, | Hum Imboaba, que do mar viera, | Por hum pouco de fogo que accendêra. IDEM *Ib.* IV. 140: [*Nota*] Imboaba. Nome, que dão aquelles Barbaros aos nossos Europeos. 1793 in RAPM, II. (1897) 347: [...] e absoluto dispotismo, com que ultrajavam, e desprezavão aos ditos Portuguezes tratando-os por voz Forasteiros, q^e. depois da mortandade do Rio das Mortes os denominavão Embuabas. 1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 235: Aos Indios se agregou logo grande numero de Europeus, aos quaes aquelles denominaram *Emboabas*, por trazerem as pernas cubertas á semelhança de certas aves, que tem penna até os dedos, ás quaes elles davam aquelle nome. 1856 D. MAGALHÃES *A Confederação dos Tamoyos* I. 22: "Apenas ha tres sóes que os Emboabas, | Dos que talvez na Bertióga habitam, | N'aquella praia em baixo appareceram. 1863 M. A. PORTO ALEGRE *Brasilianas* 266: E as noites deleitosas quando á lua, | Nossa avó nos contava antigos casos, | E ás lendas encantadas misturava | As guerras da conquista, o sangue, os crimes, | Que o ávido emboaba praticára. 1865 J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, v. 32): Celebra, Irapuam, a vinda dos emboabas e deixa que cheguem todos aos nossos campos. 1866 IDEM *As Minas de Prata* VI. i. 8: Abaré, o grande pagé dos Tupis, vendo seu povo expulso das formosas ribeiras de Paraguassú e Maragogipe pelo feroz emboaba; [...]. 1869 B. GUIMARÃES *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. i. 48): Mais de um cahio aos pés do intrepido imboaba a um bem atirado golpe de fouce ou recuou rugindo de dôr com a mão decepada ou com o craneo escorchado. 1872 TAUNAY *Inocência* (2ª ed., 1884, x. 113): É como se recebesse uma ordem do punho do Imperador, filho de Pedro I, que pinchou os *emboabas* para fóra d'esta terra do Brazil e levantou o Imperio nos campos do Ypiranga, [...]. 1874 IDEM *Histórias Brasileiras* 224: — Cheguei de pouco da Formiga, lhe respondeu o cujo, por isso não o conheço, mas sei que a filha d'ella é casada com o Chico Luiz, o Emboaba. 1877 B. GUIMARÃES *Maurício* I. i. 12: [...] que pretendião usurpar seus thesouros, e principalmente aos portuguêzes, que appellidavão emboabas. *a*1884 IDEM *O Bandido do Rio das Mortes* (ed. 1905, xxi. 204): O caudilho paulista era um homem de maneiras distinctas; não tinha a arrogancia de seu antagonista, mas achava-ase nesse momento satisfeito por ter feito sentir ao insolente emboaba que o sangue que corre nas veias dos paulistas também é nobre, [...]. 1898 A. ARINOS *Pelo Sertão* 153: "Papae me falou muita vez nas mulheres de Piratininga, não querendo receber seus maridos, seus filhos os seus noivos, emquanto estivesse inulta a affronta que receberam dos emboabas. 1902 E. CUNHA *Os Sertões* 97: [...] ou mesmo os portugueses

de Manoel Nunes Vianna, que dalli partiu da sua fazenda do "Escuro", em Carinhanha, para commandar os *emboabas* no rio das mortes, os forasteiros, ao attingirem o amago daquelle sertão, raro voltavam.

enapupê *s.m.* Var.: 5 *nhapupé, nhũ apope,* 6 *jnhuapupe, inhapupê,* 7 *enhapopê, enha-popé, napupé,* 8 *enapupê* [< T. ñuãpu'pe ~ VLB II. 73: *Perdiz* = Nhuãpupe. So no auoo se parese com ella e não na feição, nem no cantar, nem na cor]:

Espécie de perdiz.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXIX. 114): Nhapupé é uma ave do tamanho de uma franga, de côr aleonada, tem os pés como galinha, a qual anda sempre pelo chão, onde cria e põem muito ovos de fina côr aleonada, cuja carne é dura, é come-se cozida. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1403-1407: [...] Nhũ apopeguaçu tẽ carne como hũa galinha crian no canpo boaõ pouco e criaõ muitas jũtas os ovos azuis no cantar parecẽ codornizes naõ daõ mais q̃ tres avos e assi as tomaõ os caẽs. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 112*v*.: [...] jnhuapupe [Aves] semelhantes ás perdizes de nossa Espanha e naõ sey se me alargue a dizer que saõ milhores [...]. *a*1696 G. Matos *Obras* (ed. 1969, V. 1148): não vêdes, que muriçi | sou dêsses olhos timbó | amante mais que um cipó | desprezado Inhapupê, | pois se eu fôra Zabelê | vos mandara um Miraró. |. **1730** Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 66. 40: Logo as enhapopês, mayores que as gallinhas, de mais titellas, e melhor gosto: [...]. **1781** Durão *Caramurú* VII. lxi. 215: Logo a Enha-popé, carne preciosa, | De que a titela mais o gosto irrita, |. **1789** F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 67-68: Napupé, a maior das perdizes Brasilienses com o rostro extenso, hum pouco aduncо; bocca nimiamente rasgada; olhos vivos com a iris cineracea; prunella grande, negra; nares grandes; collo fino; cauda nulla. **1817** Casal *Corografia Brazilica* I. 89: as *enapupêz* [perdizes] sam ainda maiores, [que as zabelêz] e tem o bico comprido: [...].

encaiporar *vb.* [< en- + caipor(a + -ar].

Tornar caipora, azarar.

1872 J. Alencar *Til* IV. i. 13: — Pois não; foi você mesmo que me encaiporou! **1876** F. Távora *O Cabeleira* ix. 164: — Estou já em outro accôrdo. Deixo-te o cavallo e vou a pé. Este cavallo é quem me está encaiporando.

encoivarar *vb.* [< en- + coivar(a + -ar].

Fazer coivaras.

1876 F. Távora *O Cabeleira* vi. 114: Esta partilha elle a considerava tão forçada, tão fatal, que, sempre que abria um novo roçado, ou encoivarava terras para algum novo partido de cannas, dizia, entre gracejo e resignação: [...]. Idem *Ib.* 312: *Encoivarar o roçado* quer dizer entre elles requeimar os páos mais grossos que resistiram ao fogo da primeira queima. No texto escrevi *encoivarava terras.* Esta expressão não é propria, e eu a empreguei no sentido translato, tomando *terras* pela extensão roçada ou desbravada. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (1899): Desambicioso, sinão indolente, quando a necessidade não o chamava á pesca ou á caça, quando não era a época de encoivarar a roça, de plantar a mandioca, [...]. **1902** E. Cunha *Os Sertões* 55: [...] encoivarados, depois de seccos, os ramos alastravam-se-lhes por cima, crepitando, as caiçaras em bulcão de fumo, [...]. **1907** Idem *Contrastes e Confrontos* 275: Entalhadas as arvores pelos cortantes digis de diorito, e encoivarados os ramos, alastravam-lhes por cima as caitaras crepitantes e devastadoras. **1914** Coelho Neto *Rei Negro* x. 425/426: A trilha estava encoivarada: matto, ramos enredados em tapigo. **1934** G. Ramos *S. Bernardo* ii. 12: Se eu possuisse metade da instrucção de Magdalena, encoivarava isto brincando. Reconheço finalmente que aquella papelada tinha prestimo.

enduape *s.m.* Var.: 8 *enduápe,* 9 *enduape* [< T. *ñanu'aua 'pluma de nhandu' < ña'nu 'nhandu' + 'aua 'cabelo, pena, pluma' ~ v. NHANDU].

Fraldão de penas usado pelos guerreiros indígenas.

1851 G. Dias *Últimos Cantos* (ed. 1865, II. 91): Em tanto as mulheres com leda trigança, | Affeitas ao rito da barbara usança, | O indio já querem captivo acabar: | A coma lhe cortão, os membros lhe tingem, | Brilhante enduápe no corpo lhe cingem, | Sombreia-lhe a fronte gentil kanitar. **1920** Lima Barreto *Histórias e Sonhos* 54: Homens e mulheres de todas as côres — os alicerces do paiz — vestidos de meia, kanitares e enduapes de pennas multicores, fingindo indios, dansavam na frente, ao som de uma zabumbada africana, [...]. **1933** G. Ramos *Caetés* vii. 42: Vacillei alguns minutos e afinal me resolvi a pôr-lhe o enduape na cabeça e o kanitar entre parenthesis.

enguanxumado *adj.* [< en- + guanxum(a [var. de *guaxima*] + -ado].

Coberto de guanxumas.

1918 Monteiro Lobato *Urupês* 159: Os pastos ensapesados, enguanxumados, ensamambaiados nos topes, eram acampamentos de cupins [...].

ensamambaiado *adj.* [< en- + samambai(a + -ado].

Coberto de samambaias.

1918 Monteiro Lobato *Urupês* 159: Os pastos ensapesados, enguanxumados, ensamambaiados nos topes, eram acampamentos de cupins [...].

ensapezado *adj.* Var.: 9 *ensapesado* [< en- + sapê + -z- + + -ado].

Coberto de sapês.

1918 Monteiro Lobato *Urupês* 49: Mas a vida lhe correu dura na lucta contra terras ensapesadas e seccas [...].

enxu *s.m.* Var.: 8 *inxú, ichu* [< T. ei'šu ~ VLB I. 55: *Bespas* = Caba. Suas especies. Taturana; (...) Eyxu (...)]..

Variedade de vespa.

1817 Casal *Corografia Brazilica* I. 76: O *inxú* [casta de vêspa ou moribondos] he grande; fabrica os favos pelo methodo daquellоutra, e enche-os d'hum mel optimo. **1876** Couto de Magalhães *O Selvagem* II. i. 14: Do fogo se auxiliam tambem para poder tirar o mel de certas abelhas bravas, accendendo um facho com que se approximam da colmêa dos *ichu, mandaguahy, arapua, sanharão* e outras [...].

enxuí *s.m.* Var.: 8 *inxúy* [< T. eišu'i ~ VLB I. 55: *Bespas* = Caba. Suas especies. Taturana; (...) Eỹxui; (...)].

Variedade de vespa.

1817 Casal *Corografia Brazilica* I. 75: A *inxúy* — [casta de vêspas, ou moribondos] he delicada, e faz sua habitação ordinariamente de fórma redonda, liza, e de côr cinzenta pegada a um ramo, ou no chão preza a alguma planta: seus favos sam côvos, e encaixados uns nos outros como tigelas de pilha, muito estreitos com um pequeno intervallo de permeio, lizos pela parte concava, e regular, e finamente esburacados pela convexa sem differença dos favos das abêlhas europeas: estes orificios, ou cellulas sam cheios d'hum mel amarellado, e saborozissimo, que por fim fica como assucar refinado.

‖ **epenê:** v. abon.

*c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 258: [Quadrupede] Epenê, cotia de rabo e propria do territorio do Rio Branco.

‖ **ereiteuna, ereitiuna:** v. abon.

*c*1681 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 183: ereitiuna he huma aruore g^de e grosa e tẽ grãode folha bota delas hũ modo de rezina negra como breo cõ que os indios fazẽ suas frechas esta rezina e bota nas forquas dos ramos que botta e por ter este breu pretto se chama ereiteuna e da tanto q̃ tãobẽ se breão canoas cõ ele.

espipocar *vb.* [< es- + pipoc(a + -ar].

Pipocar; saltar ou estalar como pipoca.

1888 R. Pompéia *O Ateneu* xi. 329: Era cahir a semente e a virtude instantanea espipocava.

G

‖ **gaitiepia:** v. abon.

*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 16*v.*: Ay outra {cobra} chamada Gaitiepia, achase som^te no Rari he de notauel grandura cheira tanto a rapozinhos por onde q̃r q̃ uay q̃ naõ ha quẽ a sofra.

gambá *s.m.* [< T. ?].

Nome comum a vários mamíferos marsupiais do gênero *Didelphis*.

1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 69: O *Sarôhé*, ou *gambá*, he do tamanho d'hum gato mediano com fórma de rato, de aspecto feio, e cheiro desagravel; pernas curtas, pés, e orelhas de rato; pêllo comprido, raro, e macio; cauda comprida, afuzada, e sem pêllo; cabeça e focinho de porco; boca grande com dentes de cão. **1856** J. M. MACEDO *O Forasteiro* (2ª ed., I. v. 117): Esse nome, alias muitissimo prosaico, e de infeliz lembrança de *mato do gambá*, tirou-o ella de um ribeiro pelo qual é banhada. **1872** J. ALENCAR *Sonhos D'Ouro* II. xxi. 103: — O Sr. Visconde de pé!... exclamou o Benicio. O incomparavel obsequiador possuiu-se de um horror que talvez não lhe causasse o visconde, si em vez de ter-se direito, como a natureza o fizera, pozesse as mãos na areia, e fazendo cauda d'aba da casaca, imitasse a gambá, de que tinha seus traços physionomicos. **1872** IDEM *Til* I. iv. 41: Os lanhos das faces indicavam a casta monjola do africano, em cujo rosto se desenhava a astucia do gambá, e alguma cousa do focinho desse animal. **1872** B. GUIMARÃES *Hist. e Trad. Minas* II. iii. 54: — Matar uma onça então é para qualquer?... o pateta cuidou que uma onça se mata assim como se mata um gambá; coitado! não foi má a esfrega que levou. **1890** A. AZEVEDO *O Cortiço* xiv. 288: Muito bebedo, hein? — Como um gambá! **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. vi. 105: Iscam-lhes o anzol de preferencia com bagaço de laranja, carangueijo e carne, principalmente a da mucura (o gambá do Sul), saberecada, bocados de que, parece, são elles gulosos. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* xii. 177: — Me diga uma coisa, filho de gambá é raposa, como que chama êste lugar? **1929** G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* xiii. 187: Não. Elles estão mas é bebados. Gambás... que fedor! **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 60: — Veiu com o côrno cheio... Está bêbedo que nem gambá. **1956** IDEM *Grande Sertão: Veredas* 509: Porque, no comer de comum, êle aproveitava era qualquer calango sinimbú, ou gambás, que, jogando nêles certeiramente o calabôca, sempre conseguia de caçar.

‖ **ganbiapiruera:** v. abon.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fls. 116-116*v.*: [...] ha outro modo de falcaõ ou guauiaõ que naõ sey de que especie seja, tambem muy agiles pera a caça, mas naõ taõ grandes como os de que fiz mençaõ de que hũ dos tais se chama piron. e outro ganbiapiruera, e outra casta a que chamaõ — eixua — e outra semelhante que tem por nome — taguato — e outro quaraquara — e tambem — guaquaqua — e do mesmo modo jaqueretu o coal he asaz feo na composiçaõ [...].

gaponga *s.f.* [< T. *ĩ'ụa'poŋa < ĩ'ụa 'fruta' + 'poŋa 'que ressoa, sonante'].

Aparelho de pesca de origem indígena, constituído de uma bola de osso de peixe-boi, presa por uma linha a um caniço, com a qual se bate na água para atrair o peixe; processo de pesca que utiliza este aparelho, cujo ruído imita o da queda de frutas na água.

1895 J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. vii. 103: Este caniço fica posto no chão, o anzol n'agua. Com a gaponga — nome do caniço com a bóla — produz o pescador ao redor do anzol iscado o som caracteristico da quéda da fructa. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* xii. 169: Então Macunaíma se lembrou de fazer uma pescaria. Porêm não podia pescar nem de frexa nem com timbó nem joticá nem cunambi nem tinguí nem macerá nem no pari nem com linha nem arpão nem juquiaí nem sararaca nem gaponga nem de poita nem de cassuá nem itapuá nem de giqui nem de grozera nem de gererê, guê, tresmalho, cóvo, anzol de vara, todos êsses objetos armadilhas e venenos porquê não possuia nada disso.

gapuiar *vb.* [< T. ?].

Pescar nos baixios, com flecha ou arpão.

1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 56): Outros, descorçoados dos lugares fundos, "varam" a canôa por sobre os estensos campos de *mury* e vão gapuiar no baixio, onde dorme tranquillo o grande peixe.

‖ **gaquara:** v. abon.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 117: [...] gaquara — que he hũa Ave que naõ pesca senaõ de noite [...].

‖ **garepe:** v. abon.

1580 in ACSP, I. (1914) 166-167: [...] alguas pesoas desta vila q̃ traziam gado em garepe pera porem dia pera se tirar da capoeira de garepe e loguo asantaram os ditos moradores com os ditos officiais q̃ a desaseis dias do mes de agosto se ajuntariam todos no campo de garepe [...]. [*O termo* garepe *talvez esteja aqui empregado como topônimo; pouco provável, embora possível também, é a sua associação com* IGARAPÉ].

gargaúba *s.f.* [< T. ?].

V. abon.

1702 A. ROSÁRIO *Frutas do Brasil* III. i. 121: Huma fruta chamada Gargauba, do tamanho de huma cereija, amarela, o comer adocicado, mas trava muyto na boca; [...].

gaturamo *s.m.* [< T. ?].

Nome comum a diversos pássaros da família dos tanagrídeos.

1843 TEIXEIRA E SOUSA *O Filho do Pescador* (ed. 1859, i. 12): O requebrado gorgeio do lédo gaturamo, os bellos trinados do lepido canario do Brasil, acabavam esta magica scena de feiticeiros encantos com a sympatica grynalda de innocentes hymnos, tecida pslos amorosos canticos dos alados da selva! **1856** J. M. MACEDO *O Forasteiro* (2ª ed., I. vi. 162): [...] sempre se encontrava uma sombra propicia de tarde, mercê da qual se gosava da frescura das auras, dos gorgeios dos gaturamos, das sabiás, dos coleiros, e do encanto somnolento murmurio do ribeiro. **1859** C. ABREU *As Primaveras* 13: Chora, sim, como suspiro | Por esses campos que eu amo, | Pelas mangueiras copadas | E o canto do gaturamo; |. **1859** IDEM *Poesias* (ed. Sousa da Silveira, 1955, 388): Bem sabes quanto eu te amo, | Bem sabes, sim, mas és

má. | Na fala és um gaturamo, | No canto és um sabiá! **1863** M. A. Porto Alegre *Brasilianas* 54: Da fulva rôla o compassado arrulho, | Do sahico gentil, do gaturamo | Os brilhantes gorgeios, que nas calmas | Alegravam do bosque a soledade; |. **1870** J. Alencar *O Gaúcho* II. iv. vi. 198: Na folhagem de uma arvore fronteira á janella, dois gaturamos, cuja penugem brilhava ao reflexo do sol como pingentes de esmeralda, se namoravam, adejando de ramo em ramo, e chilrando o seu canto mavioso; os olhos de Catita fitaram-se um instante naquella scena e se annuviaram. **1872** B. Guimarães *O Seminarista* (ed. 1917, xiv. 140): Cada arvore era uma orchestra de pios, trinados e gorgeios, onde o sabiá, o gaturamo, o pintasilgo e outros mil passarinhos parecião disputar entre si a palma da harmonia. **1873** J. Alencar *Guerra dos Mascates* I. iv. 31: Ao sopro da brisa as roupas transparentes de garça verde gaio lhe fluctuavam em torno como azas de gaturamo, especialmente as mangas soltas, [...]. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 155/156: A calma e a tristeza do povoado eram imutáveis, com cantigas de rôlas fôgo-apagou e de gaturamos, e os mugidos soturnos dos bois.

‖ **gibato:** v. abon.

1618 S. E. Silveira *Carta* in ABN, XXVI. (1905) 364: Ha muita quantidade e diversidade de porcos e algunos se matao atrauessando os braços do Rio em magotes; ha muitos veados, muitas antas, pacas, como lebres, gibatos e coatis mayores que ellas, apercas como coelhos, lindos bugios, e saguis [...].

graúna *s.f.* Var.: *α.* 6 *guarahũ, gurauna,* 8-9 *graúna,* 8 *graúna,* 9 *grauna*; *β.* 7 *uiraúna,* 8 *uraúna,* 9 *irauna*; *γ.* 8 *araúna*; *δ.* 8-9 *caraúna* [As vars. do grupo *α* dimanam do tupi ũara'una (< ũa'ra 'guará[1]' + 'una 'preto') e as do grupo *β* de ũĩra'una (< ũĩ'ra 'ave' + 'una). É provável, todavia, que na formação das vars. dos quatro grupos — *α*, *β*, *γ* e *δ* — tenha havido cruzamento de três vocs. tupis: ũĩra'una ⇌ ũara'una ⇌ ara'una].

Nome comum a diversos pássaros de coloração predominantemente negra, a maioria dos quais da família dos icterídeos.

Os zoólogos em geral e os ornitologistas, em particular, distinguem diferentes espécies de pássaros da família dos icterideos e de outras famílias afins, cujas denominações vulgares, todavia, não são facilmente identificáveis nos textos adiante transcritos. Por esse motivo julgou-se conveniente agrupar num só verbete todas as passagens abonatórias que documentam essas variantes, a fim de ressaltar a íntima correlação etimológica entre elas. Registre-se, ainda, por sugestiva, a distinção que Raimundo Morais (v. abon. 1938) faz entre *graúna* e *iraúna*.

*c***1631** C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 186*v.*: guarahũ he pasoro tamanho como hũa gualinha pequena he todo uerde e preto e he bom comer e fas tres filhos e fas em riba das aruoreas [*sic*] seus ouos são pimtados de preto. Idem *Ib.* fl. 191: gurauna. tẽ a cor toda rouxo claro: As Pontas das azas E o rabo preto do tamanho de hũa piquena melroa do nosso Portugal fas 4. f[os] seus ouos são brancos pintão de vermelho E bõ p[a] comer. *c***1777** F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 261: [Ave silvestre] Uiraúna. **1817** Casal *Corografia Brazílica* II. 143-144: Na vizinhança do rio de S. Francisco ha varias lagoas de grande extensão, em cujas margens se ajuntam numerozos bandos de aves paludaes; como sejam colhereiras, [...] caraúnas, [...]. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 31: [...] *uraúna* passaro negro, cujo canto he pelos supersticiosos reputado presagio de damnos; [...]. **1865** J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, ii. 17): Iracema [...] que tinha os cabellos mais negros que a aza da graúna, [...] [*Nota do Autor, à pág. 202*] *Graúna* é o passaro conhecido, de cor negra luzidia. Seu nome vem por corrupção de *quira* — passaro e *una* — abreviação de *pixuma* — preto. **1871** Idem *Tronco do Ipê* I. xviii. 214: Ao trinado das teclas do instrumento, a graúna pousada na proxima aroeira suspendia um momento o gorgeio, para ouvir a extranha harmonia. **1872** Taunay *Inocência* (2ª ed., 1884, vi. 68): — Neste lugar, disse o mineiro apontando para o pomar, todos os dias se juntam tamanhos bandos de *graúna* que é um barulho dos meus peccados. **1874** Idem *Histórias Brasileiras* 190: Fosse lá algum mariola dizer que a Babita tinha cabellos pretos como a aza da graúna e tão compridos [...]. **1875** J. Alencar *O Sertanejo* II. xvi. 269: Diversas vezes passaram junto de Arnaldo, que os illudia imitando o canto da graúna. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 319): O que se via primeiro era uma cabeça emmoldurada por uns cabellos negros e lustrosos como as asas da araúna, a espalharem-se humidos sobre o collo e hombros. **1903** D. Olímpio *Luzia Homem* ix. 68: [...] caraúnas airosas papeando em *volatas* vibrantes nos leques das carnaúbeiras esguias; [...]. Idem *Ib.* xxiii. 204: E sentou-se á soleira da porta, desmanchando, lentamente, as bastas tranças, do lustre fulvo da aza da caraúna, [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* xviii. 274: Morena e coradinha que nem a cara do dia e feito o dia que vive cercado de noite, ela enrolava a cara nos cabelos curtos negros negros como as asas da graúna. **1929** G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* xv. 248: No silencio, em que tudo se entorpecia, os cantos melosos da patativa e da graúna fluiam uma frescura florestal. **1931** Idem *O meu próprio romance* 128: Passavam mulheres tostadas, desgrenhadas, arrastando crianças portadoras de gaiolas de graúnas, muitas carregando nos braços um fardo, que era o filho morto no vapor. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* xiv. 182: Pondo os ovos espaçadamente, sem tempo de chocar isolados um a um e muito menos a ninhada toda, a irauna ficou obrigada, instinctivamente, para salvar a prole, a botar o ovo no ninho alheio, de modo que vinguem todos os exemplares. [...] a grauna nidifica, chocá e cria os filhos. O passaro que deixa de o fazer é a irauna, não por vadiagem e muito menos por ausencia de affectos maternos, sim porque a natureza, devido a motivos que a ornithologia até agora ainda não apurou, a fez exquisita no ponto sensivel da nidificação. **1956** Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* 34: Quando o dia quebrava as barras, eu escutava outros pássaros. Titiri, graúna, a fariscadeira, juriti-do-peito-branco ou a pomba-vermelha-do-mato-virgem.

‖ **grexiuruba:** v. abon.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 110*v.*: [...] grexiuruba, outra [fruta] a modo de Zamboa [...].

grumixama *s.f.* Var.: *α.* 5 *comichã,* 6 *comixã*; *β.* 8 *grumixama* [< T. ?].

Planta da família das mirtáceas; fruto da grumixameira; cp. ibanemixama, ubaxainha.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. liv. 16): Há outra árvore como laranjeira que se chama comichã a qual carrega todos os anos de umas frutas vermelhas, tamanhas e de feição de murtinhos, que se comem tôdas lançando-lhes fora uma pevide preta que tem, que é a semente destas árvores, a qual fruta é muito gostosa. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 110*v.*: [...] comixã, fruta meuda a feição de mortinhos [...]. **1863** M. A. Porto Alegre *Brasilianas* 270: [...]; cantar quero | A' minha bella coplas que hei sonhado | A' sombra olente da ramagem grata | Da roxa grumixama, que o meu rancho | Bemfazeja ennobrece.

grumixameira *s.f.* [< grumixam(a + -eira].

Planta da família das mirtáceas.

1817 Casal *Corografia Brazílica* II. 20: [Nas Quintas ou Chácaras dos suburbios da Capital cultivam-se...] algumas jabuticabeiras como myrtus lucida a que denominam *grumixameira*, cujo fructo he semelhante, athé no sabor, á cereja: [...]. **1888** Ferreira Leal *O Suplício de um Marido* ii. 55: Havia alli, [...] o jambeiro, a grumixameira [...].

grupiara *s.f.* Var.: 7 *guapiara,* 8-9 *gupiara,* 8 *gopeara, grupiára,* 9 *grupiara* [< T. ?].

Terreno próprio para lavra de ouro e diamantes; espécie de tabuleiro junto às margens dos rios.

1733 in RAPM, V. (1900) 849: [...] por hum rego de sinco legoas de distancia passando por bicas, e andames em q' tem feito hum serviço de grande despesa e trab.º p.ª com a d.ª agoa mineral em guapiaras barrancos, e taboleiros do d.º rio das Velhas onde possa tirar ouro. *a***1800** in ABN, LXXX. (1960) 36: Ainda que commummente se procurão os Diamantes nos Leitos dos Rios ou corgos, tambem se achão nas terras seccas immediatas, e contiguas ás margens dos mesmos Rios, e corgos, a que se dá o nome de Taboleiros, ou Gupiaras. Idem 210: Chegárão quasi a extinguir-se aquelles lugares, que crão somente proprios para se trabalhar no tempo das agoas, como as Gopearas, ou altos, que ficão nas margens dos rios os Taboleiros, e os Brejaes; [...]. **1872** B. Guimarães *O Garimpeiro* (ed. 1921, xv. 203): Montões de cascalho bruto agglomerado em torno das grupiáras, eis o fructo unico que se via do trabalho do infeliz moço. **1898** A. Arinos *Pelo Sertão* 153: Depois, chamou de parte o gerente das minas e disse-lhe que se fizesse prestes a seguir para as gupiaras; puzesse toda a gente que trabalha prompta para o que désse e viesse. **1902** E. Cunha *Os Sertões* 222: [...] e estes esquadinhando-lhe affanosamente os flancos das serranias e as nascentes dos rios, fizeram mais do que amaninhar a terra com a ruinaria das catas e indumento aspero das grupiaras: [...]. **1907** Idem *Contrastes e Confrontos* 126: É que a terra farta, desentranhando-se nos mineiros anhelados, não era um lar, senão um campo de exploração predestinado a proximo abandono quando as grupiaras ricas se transmudassem nas restingas safaras,... **1922** A. Peixoto *Bugrinha* iii. 43: [...]; ha uma epopéia sem duvida neste esforço heroico e insubmisso contra a terra, que esconde nas entranhas os seus tesouros, donde o amor cubiçoso do homem os vae arrancar, nas grunas, sob as torrentes nas grupiaras, sob os desmontes [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* vi. 83: Porêm não achava graça em colecionar pedras não porquê já tinha uma imundicie delas na terra dele pelos espigões, nos manadeiros nas corredeiras e gupiaras elevadas.

guabiju *s.m.* Var.: 9 *guabijù, guabijú* [< T. *ĩua *mi'ĩu].

Nome comum a várias plantas da família das mirtáceas e a seus frutos, que se assemelham a jabuticabas.

1913 SIMÕES LOPES *Lendas do Sul* 35: Fiquei sozinho, ouvindo com os ouvidos da minha cabeça as ladainhas que iam minguando, em retirada... mas tambem ouvindo com os ouvidos do pensamento o chamado carinhozo da teiniaguá; os olhos do meu rosto viam a consolação da graça de Maria Purissima que se alongava... mas os olhos — do pensamento viam a tentação do rizo mimozo da teiniaguá; o nariz do meu rosto tomava o faro do incenso que fujia, ardendo e perfumando as santidades... mas o faro do pensamento sorvia a essencia das flores do mel fino de que a teiniaguá tanto gostava; a lingua da minha boca estava seca, de agonia, dura, do terror, amarga, de doença... mas a lingua do pensamento saboreava os beijos da teiniaguá, doces e macios, frescos e sumarentos como a polpa de guabijù colhido ao nascer do sol, o tato das minhas mãos tocava manilhas de ferro, que me prendiam por braços e pernas mas o tato do pensamento roçava sôfrego pelo corpo da encantada, torneado e rijo, que se encolhia em ancias, arrepiado como um lombo de jaguar no cio, que se estendia planchado como um corpo de cascavel em furia... 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* viii. 103: O heroi vinha dando horas de tanta fome e a barriga dele empacou espiando aquelas sapotas sapotilhas sapotis bacuris abricôs mucajás miritis guabijús melancias ariticuns, todas essas frutas.

‖ **guabirana:** v. abon.

1730 ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 59. 37: Os incorruptiveis paos vermelhos, angelins, cedros, jataypevas, e maçarandubas; os potumujús, sopopiras, e adernos acastanhados; as claraîbas, os louros, tapinhôas, os bacuris, guabiranas, e jandirobas, o pao ferro, o de arco, o da sapocaya, e outros troncos das mesmas qualidades, e varias cores, taõ grossos, que delles se lavrão as embarcações inteiriças, que chamaõ Canoas; [...].

guabiroba *s.f.* Var.: 6 *gabiraba,* 7 *guavirova,* 8-9 *guabiroba,* 9 *gabiroba.* Cp. IBABIRABA [< T. ĩ̯uaɣe'raɣa < ĩ'ɣa 'fruta' + ɣe'raɣa 'brilhante'].

Nome comum a diversas plantas da família das mirtáceas; fruta aromática, comestível e de sabor agradável de algumas das suas espécies, como a *Campomanesia corymbosa* e a *Campomanesia obversa*; guabirobeira.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 110: [...] gabiraba [fruta] do modo de azeitonas e saõ doses [...]. 1783 M. C. ABREU *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 267: [...] por entre campos e mattos cerrados, cujos campos têm suas fructas, cajús, mangavas e algumas guavirovas, como tambem ariticuns. 1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 266: [...] quatro castas de excellentes guabirobas [em Camapuania — M. Grosso]. 1874 TAUNAY *Histórias Brasileiras* 33: A essa hora, Ierecê tinha por costume esperal-o com uma cestinha de fructas da terra, bananas, mamões e jaracatiás, ou outros mais incultos como o murecí dos cerrados, a marmelada do campo, a guabiroba ou a uvaia, que, apezar do sabor agreste agradão bastante ao paladar. 1918 MONTEIRO LOBATO *Urupês* 219: [...] sempre coisas que a natureza derrama pelo matto e ao homem custa apenas o trabalho de espichar o braço, e colher — cocos de tuncum e jissara, guabirobas, bacuparis, [...]. 1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 169: E a aragem traz o aroma evocativo do pau-santo, o cheiro açucarado das gabirobas, e o odor enjoativo dos muricís.

guabirobeira *s.f.* Var.: 8 *guabirabeira,* 9 *guabirobeira* [< guabirob(a + -eira].

Guabiroba.

1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 298: Entre as arvores frutiferas dos matos sam bem conhecidas as *marmeladeiras,* as jabuticabeiras, os ambuzeiros, os araticumzeiros, as guabirabeiras, as goyabeiras. 1918 MONTEIRO LOBATO *Urupês* 210: [...] uma longa meditação desanimadora, feita, ainda me lembro, de papo acima, sob a fronde duma guabirobeira.

guabiru *s.m.* Var.: 9 *gabirú* [< T. ɣaɰi'ru ~ VLB II. 97: *Rato de casa* = Goabiru].

Espécie de rato grande, ratazana.

1935 JORGE DE LIMA *Calunga* v. 55: O camarada que tinha vendido fiado estava escanzelado de magro, os fundilhos remendados, o cofre vazio cheio de gabirús.

guacá *s.m.* [< T. ɣa'ka].

Gaivota: v. abon.

*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 29*v.*: Guacâ. Este passaro he a propria Gaiuota de portugal, seu comer ordinario saõ amejas e porq̃ saõ duras, e as naõ podem quebrar leuaõnas no bico ao ar e deixandoa cair muytas uezes a quebraõ e comẽ.

guacaré *s.m.* Var.: 5 *oacaré* [< T. ɣaka're ~ VLB I. 60: *Buzio, os muyto grandes* = Goatapig. do mar. Outros menores Caruiagoaçu. outros menores. Çaçura. Pirigoaî. Paraguacarê. Cupaci. Çacurauna. ec.].

Espécie de búzio: v. abon.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXLII. 226): Há outros búzios, que se criam na areia, a que os índios chamam oacaré, que são muito lisos, e pintados por fora, os quais tem grande miolo, e sôbre o têso. Estes buzios são os com que as mulheres burnem e assentam as costuras.

guacucuiá *s.f.* Var.: 5 *bacupuá, acucua,* 6 *vaquocoha* [< T. ɣakuku'ɣa].

Peixe de mar da família dos oncocefalídeos; peixe-morcego.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXXXVI. 214): Bacupuá é um peixe da feição do enxarroco nos ombros e nà cabeça, mas tem a bôca muito pequena e redonda; e é do ombro para baixo muito estreito, delgado e duro, como nervo, e as perpetanas do rabo são duras e grossas, e na despedida do rabo tem duas pernas como rãs, e no fim delas duas perpetanas duras como as do rabo; e debaixo na barriga tem dois bracinhos curtos, e nêles maneira de dedos; e tem as costas cheias de sarna como ostrinha, e da cabeça lhe sai um côrno de comprimento de um dedo, mas delgado e duro como osso e muito prêto, e o mais é côr vermelhaça; e tem na barriga debaixo das mãos, dois buracos. Êste peixe não nada, mas anda sempre pela areia sôbre as mãos, onde há pouca água; ao qual os índios comem esfolado, quando não tem outra cousa. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 2197-2198: Acucua [*peixe*] a cabeça tẽ como capello he como morçego, [...]. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 168*v.*: Vaquocoha he o morcego do mar de hũ palmo os maores tem a cabeça muito desforme e espamtoza tem a pelia emcarquilhada de cor de pardo e por baixo pela bariga de cor de carne e parece que tem dous bracos manus e he peixe muito ralo e não cei se he bom ou mau porque não no tenho comedo.

guacuri *s.m.* Var.: 7-8 *guacuri,* 7 *guacurí,* 8 *guacurí, aucury* [< T. ĩ̯uaku'ri].

Espécie de palmeira.

1783 M. C. ABREU *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 261: Tem muitos palmitos, de que se sustentam os sertanistas e de varias qualidades, como são a guarirova, jarivá, guacuri e palmito molle; [...]. 1792 F. O. BARBOSA *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 30: [...] e nas suas margens [rio Cuxym] se encontram com abundancia duas qualidades de palmeira, cujos nomes são guacurús e bocayuvas. 1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 270: [rio Cochim] onde se encontram em grandissima quantidade duas castas de palmeiras, chamadas umas *guacuríz,* outras *bocayúvas.* 1872 TAUNAY *Inocência* (2ª ed., 1884, xxv. 251): Abundam ahi coqueiros de stipite curto e folhuda corôa chamados aucurys, a que rodeam numerosas lagoinhas de agua empoçada e cobertas de limo.

‖ **guaí** (*guahi*): v. abon.

*c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fls. 187*v.*-188: guahi he hũ pasoro de grandeza de hũa pôba de cor pretta saluo a bariga athe a cabesa cor branca cõ hũas tiras [?] uermelhas as pontas das azas são amarellas e a pena de baixo uermelha o rabo preto as pernas a modo de cor azul o biquo he grande de cor amarela saluo o prêcipio q̃ comesa da cabesa que he a uermelho e por baixo azul e por cima os olhos azuis.

guaiá *s.m.* Var.: 5 *goaiá,* 6 *goajá* [< T. ɣa'ɣa ~ VLB I. 67: *Caranguejo não tem gro.* = Os grãdes do mato. Guanhumyg (...) Os do mar que estão debaixo das pedras. Guajâ (...)].

Variedade de caranguejo.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXXXIX. 220): Criam-se outros caranguejos na água salgada, a que os índios chamam goaiá: êstes são compridos, e tem as pernas curtas e pequenas bôcas: são muito poucos mas muito bons. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 124: [...] ha hũa casta dos tais [caranguejos] aque chamaõ — vsâ — e outra serỹ — e tambem, goajâ — e da mesma maneira o guoazaranha e Aratu — e outra casta delles que se tem por contra peçonha posto que eu o naõ esperimentey — tambem se achaõ hũs de outra callidade aque chamaõ — garausâ — e sobre tudo os guanhamus — cuja natureza cauza espanto.

guaiaimbira *s.f.* Var.: 5 *goaiaimbira* [< T. *ɣaɰai'ɱĩra]. V. abon.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXVIII. 64): Goaiaimbira é uma árvore pequena, que não é mais grossa que a perna de um homem; cortam-na os índios em rolos de dez, doze palmos, e esfolam-na inteira para baixo como coelho, e saem os entrecascos inteiros; de que os índios fazem aljavas em que metem os arcos e flechas, a qual envira é muito alva; de que fazem cordas e morrões de espingarda.

guaiamum *s.m.* Var.: 5 *guanhũmig, guoanhamu,* 5-6 *guanhamu,* 5 *ganhemũ,* 6 *guajamú, guiamu,* 7 *ganhamú, ganhamum,*

8-9 *goiamum*, 8 *goyamú*, 9 *guaiamum* [< T. ɰañu'mï ~ VLB I. 67: *Caranguejo não tem gro.* = Os grãdes do mato. Guanhumyg (...)].

Caranguejo da família dos gecarcinídeos.

*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 28: Guanhûmig. Este genero de caranguejos saõ tam grandes que huã perna de hũ homẽ lhe cabe na boca, saõ bons p^a^ comer, quando fazem trouões saẽ de suas couas e fazem taõ grande matinada hũs com os outros, q̃ ja ouue pessoas q̃ acudiraõ com suas armas parecendo q̃ eraõ inimigos. se comẽ huã certa erua, quem antaõ os come, morre. Estes sam da terra, mas uiuem em buracos a borda do mar. 1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXLVI. 237): A êstes caranguejos da terra chamam os índios guoanhamu, os quais se criam em várgeas úmidas, não muito longe do mar, mas na vizinhança da água doce, os quais são muito grandes e azuis, com o casco e pernas mui luzentes; os machos são muito maiores que as fêmeas, e tamanhos que tem os braços grandes, onde tem as bôcas com tamanhos bicos nelas, e tão compridos e voltados que faz com êles tamanha aparência como faz o dedo demonstrativo da mão de um homem com o polegar, o que é tão duro como ferro, e onde pegam com esta bôca não largam até os não matarem. Criam-se êstes caranguejos em covas debaixo da terra, tão fundas que com trabalho se lhe pode chegar com o braço e ombro de um índio metidos nela, onde os mordem mui valentemente. [...] Algumas vêzes morreram pessoas de comerem êste *guanhamu*, e dizem os índios que no tempo em que fazem mal comem uma fruta, a que chamam aritucupana, de que já fizemos menção, a qual é peçonhenta. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 2229-2232: Ganhemũs saõ azuis e grandes andaõ no mato e canaueais jũto dagoa comũm^te^ tẽ grãde boca estes as uezes comẽ serta fruita e fazẽ mal. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 124: [...] ha hũa casta dos tais [caranguejos] aque chamaõ — vsâ — e outra serỹ — e tambem, goajâ — e da mesma maneira o guoazaranha e Aratu — é outra casta delles que se tem por contra peçonha posto que eu o naõ esperimentey — tambem se achaõ hũs de outra callidade aque chamaõ — garausâ — e sobre tudo os — guanhamus — cuja natureza cauza espanto. 1627 V. SALVADOR *Hist. Brasil* I. x. fl. 20: Há muitas castas de caranguejos, naõ só na agoa do Mar, e nas prayas entre os mangues; mas tambem em terra entre os matos há huñs de cor azul chamados guajamúz, os quais em as primeiras agoas do Inverno, que saó em Fevereiro, quando estaõ mais gordos, e as femeas cheas de ovas se sahem das covas, e se andaõ vagando pello campo e estradas, e metendosse pellas cazas pera que os comaõ. *a*1696 G. MATOS *Obras* (ed. 1969, V. 1147): Com uma raiz de aipi ! vos envio de Passé ! e enfiado num imbé ! Guiamu, e Caiaganga, !. 1730 ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 77. 47: Os caranguejos, gordissimos, e de que se fazem admiraveis, e mimosos guizados, saõ de cinco generos, ussâs. ganhamús, seris, aratùs, garaûsas: [...]. 1789 F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 199-200: Ganhamum, o maior dos Carangueijos Brasilienses, todo similhante ao Caranguejo Ossá, com a differença de não ter as pernas barbadas, [...] Habita pelas praias dos rios, e mar em cavernas, que faz, não na lama, como o Ossá, mas onde não chega a agoa. 1865 J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, xxvi. 155): — Elle manda que Iracema ande para traz, como o goiamum, [...]. 1872 IDEM *Til* III. ix. 92: Apezar da torsão que lhe vergara o espinhaço como uma hastea de taquarussú, conservava elle ainda certa agilidade nas gambias, que se moviam á semelhança das patas de um goiamum. 1881 F. TÁVORA *Lourenço* xviii. 279: Fôra Marcellina a autora da idéa, dizendo ao marido que os goyamús, bem cevados como ella os sabia cevar, haviam de dar bom dinheiro na villa, e não convinha perder este lucro. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* i. 9: Passava o tempo do banho dando mergulho e as mulheres soltavam gritos gosados por causa dos guaiamuns diz que habitando a agua-doce por lá. 1934 JORGE DE LIMA *O Anjo* 86: O mangue amontoado atolando as raizes na lama, aratus dando adeus á tristeza do sol, goiamuns azulando, uçás cabelludos que nem as vergonhas das mulheres, um langanho passou agorinha numa morena. 1935 J. L. REGO *O Moleque Ricardo* vii. 48: Cosinhavam nas panellas de barro, e os goiamuns de olhos azues, magros que só tinham o casco enchiam a barriga delles. 1935 JORGE DE LIMA *Calunga* vii. 70: — E dava á moça grandes goiamuns pra ceva. 1950 IDEM *Guerra dentro do beco* iv. 55: O mangue amontoado atolando as raízes na lama, aratus abanando as pinças para o sol, goiamuns azulando, uçás cabeludos fugindo pras locas.

guaiarara *s.f.* Var.: 5 *goaiarara* [< T. *ɰaja'rara ~ Cp. T. ɰara'ru; VLB I. 67: *Caranguejo não tem gro.* = Os grãdes do mato. Guanhumyg (...) hũs da agoa doce. Goararu (...)].

Variedade de caranguejo.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXXXIII. 220): Há outros caranguejos, a que os índios chamam goaiarara que se criam nos rios, onde a água doce se mistura com a salgada, os quais são mui lisos e de côr apavonada, e tem o casco redondo, as pernas curtas, e são poucos e gostosos.

guaibicuara *s.f.* Var.: 5 *goaivicoara* [< T. *ɰai ɳ i'kɰara < ɰai'ɳ ĩ 'velha' + 'kɰara 'buraco' ~ VLB II. 143: *Uelha molher, ou qualquer femea* = Guaibĩ. *Ib.* I. 60: *Buraco* = Coara, Buca ou Puca].

Peixe marinho (*Conodon nobilis* L.).

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXXXIII. 205): Goaivicoara são uns peixes que os Portuguêses chamam roncadores; porque roncam debaixo d'água, dos quais morrem em todo o ano muitos à linha; e é peixe leue e pouco estimado.

guaibicuaraçu *s.m.* Var.: 6 *gaibicuarasu* [< T. *ɰai ɳ ikɰara'su < *ɰai ɳ i'kɰara + a'su 'grande'].

V. abon.; cp. GUAIBICUARA.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fls. 119-119*v*.: [...] vbarana he bom pescado — e da mesma maneira outro chamado — gaibicurasu [...].

guaibicuati *s.m.* Var.: 5 *goaiibicoati* [< T. *ɰai ɳ ikɰa'ti].

V. abon.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXXXV. 211): Goaiibicoati são uns peixes azulados pequenos, que se tomam à cana, nas pedras, que são em todo o ano muito gordos e saborosos, e leves para doentes; e outros muitos peixes há muito medicinais para doentes e de muita substância, que por não enfadar não digo dêles.

‖ **guaihirabá:** v. abon.

1663 S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 87. 163: [*à margem*] andà engà, joà, moçarandùba, muricì, amoreira, pequià, ibaraè, guaihirabà, ibarùba, iberàba, ibaxùma, japarandiba, jabotapitàba, jaracatià, ibabiràba, ibacamucì, ibapurũga, getaigba, miùba vmarì, saõ fruitas agrestes, scruem a Indios, & a gado.

guainumbi *s.m.* Var.: 5 *guainumbig, gainambi, haynãbig*, 6 *ainambig, guanibu, goanhambig*, 7 *guaynumbi*, 8 *guainumbý, guaynumby, guynamby, guanumby* [< T. ɰainu'ɳ ĩ].

Nome indígena do beija-flor.

[1560 ANCHIETA *Carta* in S. Leite *Cartas* III. (1958) 229: Sunt et alii passerculi, *guainumbi* appellati, omnium minimi; rore solum pascunter;]. *c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 19: Guainumbig. Destes passarinhos ha uarias species .s. Guaracigâ i. [*id est* = isto é] fruita do sol, por outro nome Guaracigobá. i. [*id est* = isto é] cubertura do sol ou Guaracigaba i. [*id est* = isto é] cabello do sol nas antilhas lhe chamaõ o passaro resuscitado e dizem q̃ seis meses dormẽ, e seis meses uiuẽ, he o mais fino passaro q̃ se pode imaginar tẽ hũ barrete sobre sua cabeça, a qual se naõ pode dar cor propria porq̃ de q̃lq̃r parte q̃ a tomaõ mostra uermelho, uerde, preto e mais cores todas muito finas, e resplandecentes e o papo he taõ fermoso q̃ de q̃lq̃r parte q̃ o tomaõ mostra todas as cores, principalm^te^ hũ amarello mais fino q̃ ouro. O corpo he pardo, tẽ o bico muito cõprido, e a lingua de dous cõprim^tos^ de bico, saõ m^to^ ligr^os^ no uoar e quando uoam fazem hũ estrondo como abelha, e mais parecem abelhas na ligeireza q̃ passaros porque sempre comẽ de uoo sẽ pousar na aruore, assi como abelhas andaõ chupando o mel das flores, tem dous principios de sua geraçaõ. hũs se geraõ de ouos como outros passaros, outros de borboletas, e he cousa p^a^ uer huã borboleta começarse a conuerter neste passarinho, porque iuntam^te^ he borboleta, e passaro, e asi se uay conuertendo ate ficar neste fermosissimo passarinho: cousa marauilhosa, e ignota aos philosophos, pois hũ viuente sem corrupçaõ se conuerte noutro. 1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXVII. 109): Gainambi são uns passarinhos muito pequenos, de côr apavonada, que tem os bicos maiores que o corpo, e tão delgados como alfinêtes: comem aranhas pequenas e fazem os seus ninhos das suas teias; tem as asas pequenas e andam sempre bailando no ar, espreitando as aranhas; criam em tocas de árvores. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1307-1309: Haynãbig Saõ m^to^ piquenos naõ comẽ senaõ de avo comẽ as flores e saõ diuerços nas cores. 1610 J. MONTEIRO *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.*, VIII. (1949) 424: Do ainambig. Há destes pássaros muitos e mui vários. São mui pequenos, mantêm-se do orvalho das flores, e o maior chamado *gueracicam* que se não poderá igualar com uma firifolha nem carriça. É a pena deste passarinho a mais fina que há nesta Província: têm na cabeça um barrete ao qual se não pode dar própria cor, porque posto de uma parte, não ha cetim mais vermelho, da outra fica finissimo preto, e conforme a variação da postura, eles variam as cores, com mil graças; o papo padece a mesma variedade, representando-se já amarelo, já vermelho, já fino verde; o corpo é pardo todo sobre dourado, com uma cor vivissima; tem o bico mui comprido e delgado. No voar e toar parecem besouros. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 191*v*.: guanibu he hũ pasoro deste tamanho que aqui esta pimtado e tem de duas castas e ha hum que tem o rabo como hũa forqua e este que tem o rabo como forqua he pardo pelo rabo e as azas o resto do corpo pimtado de muitas cores poproro [*sic*] e uerde e pardo e amarelo e ouro q̃ estamdo ao sol parese oro mustarado [*sic*] e outro he desta cor pardo tira de bramquo pela barigua e as azas e o rabo dum pardo tiramdo de preto e o resto do corpo

uerde parecemdo ouro e he o mais pequeno pasoro desta terra ele quoamdo uai aboamdo parese hum borcamtim eles fazem muitos filhos e os ouos sam bramquos. **1663** S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 98. 173: [...] & he que de hum passarinho se contão noue especies. diuersas todas, a qual mais galante, & enfeitada da natureza; chamaõ a este passarinho em geral os naturaes da terra goanhambig: em particular a hũas especies, chamão goaracyaba, que quer dizer raio do Sol; a outras guoraciyaba, que quer dizer cabello do Sol, & a outras poem outros nomes segundo o modo de sua fermosura, que he taõ uaria, & apraziuel, que naõ poderá arremedàlla o mais destro pintor com as mais finas tintas; [...]. **1782** F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* I. iv. 48: [...] emanão [as flôres da bananeira] hum claro, e doce licor, que as Abelhas, e o celebre passarinho chamado Guaynumbi, vulgarmente Beija-flor, aproveitão. **1800** J. Veloso *Aviário Brasílico* 13: O Trochilo *beija-flor.* [*Em nota de rodapé*]: *Guainumbý* dos Brasilianos, do qual admittem duas especies *Coaracy oaba,* Cabello do Sol; *Coaracy beraba,* resplendor do Sol. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 82: Nenhum passaro no Brazil faz seu ninho com tanta arte, e perfeição. *Guaynumby* lhe chamam algumas nações indigenas. **1856** D. Magalhães *A Confederação dos Tamoyos* III. 81: É a minha Iguassú: ambas tão bellas ! Como um sahy de um guanumby ao lado. **1856** J. M. Macedo *O Forasteiro* (2ª ed., II. ii. 37): A moça que Lopo vio era uma d'essas: sua arrebatadora formosura fazia o encanto e a admiração de todos os seus irmãos da mesma raça, que lhe havião dado por isso o nome do mais delicado e do mais encantador de todos os passarinhos. Chamava-se Guaynumby. [*Nota do Autor*] Guaynumby era o nome dado ao beija-flôr pelo gentio do Brasil. **1857** J. Alencar *O Guarany* (2ª ed., 1864, IV. xi. 292): É por isso que tu vês o *guanumby,* saltando de flôr em flôr, beijando uma, beijando outra; e depois batendo as azas e fugindo. [*Nota do Autor à pág. 330*]: Guanumby. Segundo uma tradição dos indios o colibri, que conhecião pelo nome de *guanumby,* levava e trazia as almas do outro mundo. **1874** Idem *Ubirajara* v. 91: "Nos campos alegres, onde vão os guerreiros quando morrem, elle me chamará; e o guanumby virá buscar a minha alma no seio da flôr do manacá para leva-la a seu amor. [*Nota do Autor à pág. 192*]: Quanto ao nome Guaynumby, ou mais correctamente Guynamby penso eu que significa o brinco das flôres. **1875** Machado de Assis *Americanas* 26: Ventura que ja foi. As azas colhe ! Guanumby, e o aguçado bico embebe ! No tronco, onde repousa adormecido ! Até que volte uma estação de flores. ! Ventura imita o guanumby dos campos: ! Accordará co'as flores de outros dias.

guaipeva *s.m.* Var.: 9 *guaypeva* [< T. ? ~ Cp. JAGUAPEVA].
Cão pequeno.

1911 A. Maia *Tapera* 143: Tão conhecido era no sitio que, após os primeiros ladridos, a cachorrada cessou de latir, deitando-se indifferente. e um perro, um guaypeva pitôco, chegou até ao alambrado, festejando-lhe o cavallo desde a cruz giratoria da cancella, á beira estrada.

guajará *s.m.* Var.: 6 *guajarases* (pl.) [< T. *ᵒĩụaja'ra].
Planta da família das sapotáceas.

1624 S. E. Silveira *Relação do Maranhão* fl. 11*v.*: Guayauas, Araçases, cajáses, guajarases, pacóuas, & Bananas, Bacoris, coquinhos de Palma, & outros de fazer azeite como os de Guiné; [...].

guajaraí *s.m.* Var.: 7 *guajarahi* [< T. *ĩụaja'ra'i < *ĩụaja'ra + -i 'pequeno'].
Planta da família das apocináceas.

*c***1777** F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 268: [Arvore fructifera] Guajarahi.

guajeru *s.m.* Var.: 5 *abajeru,* 6 *guajeru,* 7-8 *guajerú,* 9 *guajirú* [< T. ĩụaju'ru].
Planta da família das rosáceas.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. liv. 17): Abajeru é uma árvore baixa como carrasco, natural donde lhe chega o rocio do mar, pelo que se não dão estas árvores senão ao longo das praias, cuja fôlha é áspera, e dá uma flor branca e pequena. O fruto é do mesmo nome e da feição e tamanho das ameixas de cá, e de côr roxa; come-se como ameixas, mas tem maior caroço; o sabor é doce e saboroso. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* IV. fl. 110*v.*: [...] e guajerus [fruta] do modo de ameixas mousinhas [...]. *c***1777** F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 263: [Arvore fructifera] Guajerú. **1874** J. Alencar *Ubirajara* iv. 75: Quando Aracy ouviu estas palavras cobriu-se de sorrisos, como o guajerú se cobre de suas flôres alvas e perfumadas, com os orvalhos da manhã. **1928** M. Andrade *Macunaíma* v. 63: Por detrás do tejupar do regatão vivia a árvore Dzalaíra-Iegue que dá todas as frutas, cajus cajás cajámangas mangas abacaxis abacates jaboticabas graviolas sapotis pupunhas pitangas guajirú cheirando sovaco de preta, todas essas frutas e é mui alta.

guaju-guaju *s.m.* Var.: 5 *goajugoaju,* 9 *guajúguajú* [< T. ũa'ĩu ~ VLB I. 142: *Formiga não tem genero* = (...) As q. aduinhão a chuua ou saẽ antes della em grande multidão a buscar baratas e outros bichos. Guajû (...)].
Espécie de formiga.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxx. 174): Temos que dizer de outra casta de formigas mui estranha, a que os índios chamam goajugoaju, as quais são pequenas e ruivas, e mordem muito; estas de tempos em tempos se saem da cova, maiormente depois que chove muito, e torna a fazer bom tempo que se lhe enche a cova de água; e dão em uma casa onde lhe não fica caixa em que não entrem, nem buraco, nem grêta pelo chão e pelas paredes, onde matam as baratas, as aranhas e os ratos, e todos os bichos que acham; [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* xiii. 192: D'aí a pouco veio uma chuvarada que refrescou a carne verde do heroi, impedindo a putrefação. Logo se formou um poder de correições de formigas guajúguajús e murupetecas pro corpo morto.

guajuvira *s.f.* [< T. ?].
Planta da família das borragináceas.

1911 A. Maia *Tapera* 28: Um casal de forneiros cujo ninho de barro, construido num *mestre* de guajuvira, rolára, com a base estorroada á quéda, batiam azas, afflictos, piando.

guamirim *s.m.* Var.: 9 *guamerim* [< T. ĩụami'rĩ: cp. IBAMIRIM].
Planta da família das meliáceas.

1918 Monteiro Lobato *Urupês* 72: Estava cortando um guamerim quando de repente soltou um grito.

guaná *s.m.* Var.: 8 *goaná,* 9 *goanhá* [< T. ?].
V. abon.

1865 J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, vii. 41): O nome de Irapuam vôa mais longe que o goaná do lago, quando sente a chuva além das serras. **1874** Idem *Ubirajara* vii. 121: — O goaná do lago, vôa longe, longe, para banhar-se nas aguas da chuva que alargaram a varzea; [...]. **1956** Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* 70: *Serra Escura.* Nem munição nem de-comer não sobraram. De forma que a gente carecia de se separar, cada um por seu risco, como pudesse caçar escape. Se esparramavam os goanhás.

guanandi *s.m.* Var.: 5 *guanandi,* 6 *guoanadim, goarandi,* 8 *oanandy* [< T. ĩụana'nĩ].
Planta da família das gutíferas; v. ANANI.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxvii. 61): Guanandi é uma árvore comprida, e não muito grossa, cuja madeira é amarelaça, que serve para a obra de casas em parte aonde lhe não toque a água: a casca desta árvore é muito amarela por dentro, e entre ela e o páu lança um leite grosso, e de côr amarela muito fina, o qual pega com visco; e com êle armam os moços aos pássaros; da qual madeira se não faz conta, nem se aproveitam dela senão em obras de pouca dura; as quais árvores são muito compridas, direitas e roliças, de que se fazem mastros para navios. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iii. fls. 84*v.*-85: [...] e assim diguo que as madeiras de que tenho noticia e me alembra a callidade dellas saõ estas [...] guoanadim que se produzem per alaguadisos. e mangues que se naõ daõ senaõ pello salguado [...]. **1648** in ABN, LXXXII. (1962) 318: [...] à borda do brejal fica huma cruz feita de mossa em huma árvore a que chamam goarandi, [...]. **1817** Casal *Corografia Brazílica* II. 75: Fytologia. Entr'outras muitas arvores de boa madeira nomea-se o vinhatico, aderno [...] oanandy: [...].

guanandirana *s.f.* [< T. ĩụananĩ'rana < ĩụana'nĩ + 'rana 'semelhante'].
Planta semelhante ao guanandi.

1817 Casal *Corografia Brazílica* II. 75: Fytologia. Entr'outras muitas arvores de boa madeira nomea-se o vinhatico, aderno [...] farinheira, grapiapunha, guanandirana, [...].

guapeba *s.f.* Var.: 7 *guapeva,* 8 *guapéba* [< T. ĩụa'peụa < ĩ'ụa 'fruta' + 'peụa 'chato' ~ cp. UBAPEBA].
Planta da família das sapotáceas.

1741 in RAPM, VI. (1901) 576-577: Os madeiramentos serão das melhores madeiras do paiz, como Canella preta, Upiùna, Licorama, guapeva, Limpas do brejio, ou branco, os sobrados serão vigados com vigas de vitola ou de palmo esforçado metidas nas paredes com as suas cabesas de forma, q̃ lhe não toque cal, serão espaçadas as ordinarias. **1812** B. A. Gomes *Plantas do Brasil* cxxiv: As Guapébas cómemse, e são muito agradaveis; tem sabor doce, hum quasi nada acerbo, e a fragancia das maçãas camoêzas.

guapebeira *s.f.* [< guapeb(a + -eira].
Guapeba.

1812 B. A. Gomes *Plantas do Brasil* cxxiii: *Guapebeira* he o nome trivial no Rio de Janeiro. Árvore de altura de hum Carvalho. Tronco na corpulencia, madeira, e casca gretada, semelhante ao do carvalho. Ramos curtos, delgados [...].

‖ **guapiú:** v. abon.

*c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 264: [Arvore medicinal] Guapiú: a sua gomma se applica por emplasto em dôres e fracturas.

guapuí *s.m.* Var.: 8 *gúapuhí* [< T. ?].

Planta da família das bignoniáceas.

1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 14: [...] tem a mesma applicação o *gúapuhí*, especie de sipó parasita de arvores que estimam os terrenos humidos; [...].

‖ **guaquaqua:** v. abon.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fls. 116-116*v*.: [...] ha outro modo de falcaõ ou guauiaõ que naõ sey de que especie seja, tambem muy agiles pera a caça, mas naõ taõ grandes como os de que fiz mençaõ de que hũ dos tais se chama — piron — e outro ganbiapiruera, e outra casta a que chamaõ — eixua — e outra semelhante que tem por nome taguato — e outro quaraquara — e tambem — guaquaqua — e do mesmo modo jaqueretu — o coal he asaz feo na composiçaõ [...].

guará[1] *s.m.* Var.: 5 *goará*, 5-6 *guarâ*, 5-9 *guará*, 5-7 *guarazes* (pl.), 6 *guarases* (pl.), *guoara, goarà, goarazes* (pl.), (7*guarara*), 8 *garâ* [< T. ŭa'ra].

Ave da família dos tresquiornitídeos.

[1560 Anchieta *Carta* in S. Leite *Cartas* III. (1958) 230: Est et alius passer marinus, *guará* nomine, mergo aequalis, sed tibiis longioribus, collo itidem producto, protento et aduncо rostro; cancris pascitur, voracissimus etc.]. 1576 Gândavo *Hist.* VII. fl. 26*v*-27: Algũas aues notaues he tambem nestas partes afora estas que tenho referido de que tãbem farey menҫam, & em especial trataрey logo de hũas maritimas a q̃ chamão Goarás: as quaes seram pouco mais ou menos do tamanho de gayuotas. A primeira pẽna de q̃ a natureza as veste, he branca sem nenhũa mistura, & muy fina em extremo. E por espaço de dous annos pouco mais ou menos a mudão, & tornalhes a nacer outra parda tãbẽ muito fina sem outra nenhũa mistura. E pelo mesmo tempo a diãte a tornam a mudar, & ficam vestidas de hũa muito preta distinta de toda outra cor. Depois dahi a certo tempo pelo conseguinte a mudam, & tornanse a cobrir doutra muy vermelha e tanto como o mais fino e puro cramesim que no mundo se pode ver: & nesta acabam seus dias. *c*1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 30: Guarâ. Este passaro he do tamanho de huã pega, tẽ o bico m^to^ comprido cõ a ponta reuolta e os pees de comprim^to^ de hum grande palmo, quando nasce he preto, e depois se faz pardo, quando ja auoa fazse todo branco mais q̃ huã pomba, depois daz-se vermelho claro, et tandem tornasse uermelho mais q̃ a mesma graã, e nesta cor permanesce ate a morte: sam muitos em quantidade, mas não tem mais q̃ esta especie, criamse bem em casa, o seu comer he peixe, carne, e outras cousas e sempre haõ de ter o comer dentro nagoa, a pena destes he m^to^ estimada dos Jndios, e dellas fazẽ diademas, frajas, com que cobrem as espadas com q̃ mataõ e fazem bracelletes q̃ trazem nos braços, e poẽnas nos cabellos como botoẽs de rosas, e estas suas joyas, e cadeas douro com que se ornaõ em suas festas, e estimaõ nas tanto que com serẽ m^to^ amigos de comerẽ carne humana daõ muita uezes os cont^os^ q̃ tem p^a^ comer a troco das ditas penas andaõ em bandos estes passaros e se lhe da o sol nas prayas, ou yndo p'lo ar he cousa fermosa de uer. 1585 Idem *Informação* fl. 92: Ao dia seguinte depois de jantar partimos pera S.Vte e caminhando tres legoas por hũ grande e fermoso rio cheo de hũs passaros uermelhos q̃ chamaõ Guará, dos fermõsos desta terra, os quais saõ como pegas. os bicos são de hũ bom palmo e na ponta reuoltos. e tem muj compridas pernas, nacem estes passaros pretos depois se fazẽ pardos, depois brancos, quarto loco ficaõ de hũ encarnado gracioso, quinto loco ficaõ uermelhos mais que graã e nesta fermosissima cor permaneçẽ. *c*1590 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. M) 504-507: Ha m^tos^ passaros q̃ andaõ na agoa e hũ guarazes saõ todos m^to^ vermelhos mui fina cor saõ como capons ẽ pequenos saõ pretos q^do^ crescẽ pardos e despois q̃ uoam brancos e despois ficaõ vermelhos e viuem m^to^. *c*1594 Idem *Ib.* (ms.C) 2261-2272: Guarazes He tamanho como hũ Galo tẽ o bico de palmo delgado os peés de tres palmos o pescoço comprido o Rabo curto e piqueno he preto q^do^ creҫe pardo depois q̃ voa brãco e tudo se vai fazẽdo vermelho e assi fica nesta cor vermelho muj fino as pontas das azas saõ pretas criaõse em as casas mãços e nas aruores so em s. v^te^ e Rjo de Janr^o^ ha m^tas^ e pareҫe bẽ em huã aruore toda vermelha ou q^do^ voaõ pareҫẽ huã nuuẽ fermosa. 1610 J. Monteiro *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.*, VIII. (1949) 425: Dos guarases. Este é o mais maravilhoso pássaro desta Província. Será do tamanho de um galo pernialto; o bico mui comprido e da feição de uma colher em pequeno é preto, indo crescendo se faz pardo, e depois que voa se torna todo branco como neve, e desta cor se vai mudando em um vermelho não muito claro, até que vem a dar em uma púrpura ou escarlata finíssima. São infinitos. Vivem ao longo do mar aonde é pera ver as praias alcatifadas de vermelho. Vi as árvores vestidas da mesma cor. Não vi neste Brasil cousa mais pera notar nem pera desejar de se ver com toda a curiosidade. Andam em nuvens como zorzais, e o que sobretudo notei é que quando se vão recolher, sobre a tarde, se põem todos em fileiras uns de trás dos outros, com tanta ordem, como se ordenassem alguma procissão, e quando voam têm muita graça o vermelho com a reverberação do sol. E são mui domésticos, criam-se com facilidade. Pelas penas destas aves faz muito este gentio, porque lhe servem para diademas da cabeça e pera galantearem as espadas e outros ministérios semelhantes. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 187-187*v*.: guoara he pasoro tamanho como hũa gualinha uermelho como gram por todo o corpo os peis uermelhos como sangue e o biquo cor de carne e as pomtas das penas e as azas pretas eles fazem seus filhos como as garsas e fazem quoatro e simquo dilhos e os ouos sam bramquos pimtados de pardo e o seu natural he serem pretos de primeiro e depois pardos e uermelhos e branquos e depois de sererem [*sic*] de quatorze ou quinze mezes se tornão todos uermelhos cor de gram e tem muito gramde camtidade nesta tera do maranham e he guosto ue los coamdo fazem os filhos que se atirão hũa arquabuzada que se alcuamtão parese que todo o seu esta uermelho e he muito bom comer. 1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* I. § 139. 76: Outros se ornaõ de pennas varias, de guarás, aráras, canindés, & outros passaros mais lustrosos. Idem *Ib.* II. § 98. 173: [...] só naquelle primeiro ceo terreno podiaõ pintarse taõ finas cores, como saõ as de hum quereyuá, de hum Canindé, de hũ guará, de hũa arára, de hũ papagaio, quando he verdadeiro, de hum tyé, & outros semelhantes, que eu não quero descreuer, porque me remeto a outro liuro do mesmo Autor já citado, e he o quinto da obra do Brasil: [...] rouba o verde do còllo do pauaõ, o amarelo do pintacilgo, o louro do papagaio, & o vermelho do goarà, ou tyé: [...]. Idem *Ib.* III. § 108. 362: Está entreҫachada de ilhas, boqueiroens, & esteiros: estes ornados da verdura dos mangues, & vermelho dos passaros a que chamão Goarazes, fazem a vista aprazivel. *a*1667 Heriarte *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 169): Há [nesta ilha] muitos generos de aves, papagaios, araras, pavos, motuns, guarazes, colhereiras. *a*1696 G. Matos *Obras* (ed. 1969, IV. 841): Um calção de pindoba a meia zorra ! Camisa de Urucu, mantéu de Arara, ! Em lugar de coró arco, e taquara, ! Penacho de Guarás em vez de gorra. !. *c*1698 J. F. Betendorf *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 15: [...] fica, porém, coberta de mattas já mais baixas, e povoada de palmeiras mui accomodadas para a caça dos porcos do matto, veados, cotias, paccas, antas, e tambem de varias castas de passaros mui bons, no numero dos quaes devem entrar os guarás vermelhos todos como lacre, [...]. 1730 Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 67. 41: As vivas tintas com que os colorido, e matizou a natureza, saõ taõ admiraveis, que os fazem parecer flores volantes nos jardins da esféra: os mais celebres saõ os tocanos pelas pennas mimosas, e gemadas, que como pelles de ouro lhes cobre os peitos, e os guarazes pela purpura de que vestem os corpos. 1757 D. L. Couto *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 62: Enfeitavãose de diversas maneiras nas occasioẽs de alegria, ou pintando o corpo de varias cores, ou ornandose de vistozas, e lustrosas pennas de araras, guararas, canindés, e outros passaros, que a natureza vestio de maravilhosas pennas. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 261: [Ave aquatica. Encarnada] Guará. Idem *Ib.*: [Ave aquatica. Preta] Guará preto. 1781 Durão *Caramuru* VII. lxiii. 216: Os Guarazes pelo ostro tão luzidos, ! Que parecem de purpura vestidos. 1817 Casal *Corografia Brazílica* I. 84: Guará, uma das mais lindas aves paludaes, tem o corpo d'huma perdiz, pernas compridas, pescoço longo, bico comprido, e um pouco curvo; sem cauda. A primeira penna he branca; passado algum tempo torna-se negra, e finalmente escarlate, conservando a segunda côr nas extremidades das azas. 1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 30: [...] os *guarás*, cujo bico he comprido, e delicadissima a sua côr; esta em quanto novos os passaros he prêta, depois côr de roza, e por fim de um carmim vivissimo; [...]. 1865 J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, ii. 18): Emquanto repousa, empluma das penas do gará as flechas do seu arco, [...]. [*Nota do Autor, à pág. 203*] *Gará* — Ave palludal, muito conhecida pelo nome de *guará*. Penso eu que esse nome anda corrompido de sua verdadeira origem que é *ig* — agua e *ará* — arara; arara d'agua, assim chamada pela bella côr vermelha. 1869 B. Guimarães *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, IV. iv. 205-206): Nuvens de aves aquaticas cortando os ares abatião o vôo e vinhão pousar ao longo das praias; a alva e esbelta garça, mais bella que o cysne, o guará e o colhereiro alardeando a belleza de sua mimosa plumagem côr de rosa, o corpulento e pesado jaburú, o pato silvestre com suas escuras pennas luzentes como o aço polido, e mil outras aves de diversas especies e tamanhos esvoaçavão, passeavão ou nadavão em bandos por ambas as margens, emquanto pelas altas ramagens, que se desbruçavão mirando-se na torrente, myriades de passaros de mil qualidades batendo as azas inquietas e fazendo immensa algazarra com seus pios e gorgeios, e os saguis e caximglerés gritando e saltando de arvore em arvore ou balançando-se nos ramos e cipós das brenhas emmaranhadas, enchião as selvas de vida e rumor. 1874 J. Alencar *Ubirajara* iii. 42: Tu gostavas de seus cabellos negros que arrastam no chão; ella os entrançará com as plumas vermelhas do guará para que te pareçam mais bonitos. 1875 Machado de Assis *Americanas* 85: Traja da ingenua côr que a natureza ! Pintou nas plumas que primeiro brota ! O seu patrio guará. 1926 Coelho

NETO *Feira Livre* 31: Em tal lagôa vi eu, com encanto, na hora dourada da tarde, bandos de garças e guarás vermelhos. 1929 G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* xvi. 277: Ahi já estavam, em silencio, garças, guarás, marrecas e gansos. Dentro da agua verde espiavam capivaras. 1930 G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 199: Sempre pensei que aqui viesse encontrar bandos e mais bandos de garças, guarás, passarões e outras aves ribeirinhas, [...]. 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* xvii. 195: Nesse interim, baixou outra revoada de surucuás, arirambas, picapaus, [...], guarás maguarys, [...].

guará² *s.m.* Var.: 5 *gorazes* (pl.), *guiará*, 6 *guara* [< T. ŭa'ra ~ VLB II. 148: *Xareo, certo peixe* = Guaraguaçû, o mayor delles. Outro Guarajuba, algum tanto ou pouco menor. Guaracîma, mais piqueno. Goaranhana. Goarapucû].

Nome comum a peixes de diversas famílias, alguns dos quais foram identificados com o xaréu, da família dos carangídeos.

*c*1586 *Roteiro da Costa do Brasil* fl. 3*v.*: [...] hũ riacho que sae do rio de São fr^co^ ao mar que se chama guaratubi, (quer dizer agoa de gorazes que [he] hũ pexe vermelho e muito que ali há.). 1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxx. 199): Carapitanga são uns peixes que pela lingua do gentio querem dizer vermelhos, porque o são na côr: os grandes são como pargos; e os pequenos como gorazes, mas mais vermelhos uns e outros, e mais saborosos; [...]. IDEM *Ib.* II. cxxx. 201: Chamam os indios guiará, a que os Portuguêses chamam xaréu, que é peixe largo, branco, prateado e têso, o qual quando é gordo é em extremo saboroso; [...]. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 164*v.*: guaratibiro de hũ palmo e meio de comprido ou dois palmos pardo pelas costas e tira de uerde e pelo meio do corpo tidra [*sic*] de bramquo e pela barigua tira damarelo e tem pouquas espinhas e he muito cequo [...]. IDEM *Ib.* fl. 166: guara he peixe de palmo e meio de comprido. cẽ escama pelas costas pardo tira de uerde he bramquo pelo meio do corpo e pela barigua amarelo e he bom peixe açado e cozido não he bom porque ce bota a pelia fora e tem pouqua espinha.

guará³ *s.m.* Var.: 6 *aguará*, 7 *avará*, 8-9 *guará*. Cp. JAGUARAGUAÇU [< T. aŭa'ra ~ VLB II. 28: *Lobo, animal* = Aguaraguaçû].

Mamífero carnívoro da família dos canídeos (*Chrysocyon brachyurus*).

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 138: [...] Aguará asu — saõ hũs animais á feiçaõ de cam [...]. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 258: [Quadrupede] Avará ou raposa. 1806 in RAPM, VI. (1901) 771: O Guará he huma especie de Lobo do feitio de hum Cão de viados grande, cor bãia e ruiva, com beta negra pelo fio do lombo até a cauda, pello comprido e macio. Vive nas Serras e montanhas, e nutre-se de carnes, principalmente das de bezerros e potros recem-nascidos. 1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 63: O *guará*, tem a figura do lobo com a differença de uma pequena clina das espaduas athé o coruto inclinada para diante; só se encontram nas provincias centraes, onde não sam numerozos, nem tão damninhos como a sua especie na Europa; sendo comtudo roubadores de bezerrinhos: em algumas partes não duvidam chamar-lhe lobo: estima-se-lhe a pelle, e os dentes. IDEM *Ib.* II. 211: No mato encontram-se os mesmos quadrupedes das provincias limitrofes sem exceptuar o lobo ou guará, nem o furão, nem a preguiça, nem o veado çuçuapára. 1865 J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, xi. 64): Como trota o guará pela orla da mata, quando vae seguindo o rasto da presa [...] [*Nota do Autor, à pág. 214*] *Guará* — Cão selvagem, lobo brasileiro. Provem esta palavra do verbo *u* — comer, do qual se forma com o relativo G e a desinencia *ara* o verbal *g-u-ára* comedor. A syllaba final longa é a particula propositiva *á* que serve para dar força a palavra. *G-u-ara-á*, realmente comedor, voraz. 1872 IDEM *Til* II. xvi. 176: A' subtileza do reptil venenoso, reunia a sagacidade do guará. 1876 COUTO DE MAGALHÃES *O Selvagem* II. ii. 82: Mas temos familias equiparaveis ao porco, ao gato, ao cão, á galinha. O *queixada*, o *maracajá*, o *guará* ou lobo, o *mutum* e o *jacu* seriam sem duvida alguma especies domesticaveis [...]. 1898 A. ARINOS *Pelo Sertão* 179: Fóra, na orla do campo, os guarás famintos uivavam dolentemente, do meio da sombra. 1956 GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 199: Daquele lugar, vazio de moradas e de terras lavradias, a gente ouvia o gugo da juriti como um chamado acabado, junto com lôbo guará já dando gritos de penitência.

guarabebe *s.m.* [< T. ŭara ɱe'ɱ e < ŭa'ra 'guará²' + ɱ e'ɱ e 'voar' ~ VLB I. 48: *Avoar* = Abebê. *Ib.* II. 147: *Uoar, ou auoar* = Abebe ~ Cp. PIRABEBE].

Espécie de peixe-voador.

*c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 2211: [Peixes] Bocima he Roin, Guarabebe taõbê.

guarabu *s.m.* Var.: 8 *guarabú, barabú* [< T. *ĩŭara'ɱu].

Planta leguminosa da subfamília das cesalpináceas.

1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 181: [...] *guarabú*, e *grapecique* sam arvores de preciosa madeira veiada para marceneiraria; como tambem o denominado aqui [santa Catharina] *páu d'oleo*, que he ondeado, e compacto. IDEM *Ib.* II. 163: [Fytologia] barabú macho, e femea mais ou menos roxo; [...]. 1868 M. A. PORTO ALEGRE *Brasilianas* 59: Sem mais esforços da sciencia e da arte, | Bizantinas columnas se ergueriam, | Naves sombrias, porticos soberbos, | Sustendo a cup'la engrinaldada e mobil | D'esse portento de verdura e nardo! | [...] | O rouxo guárabú, alma dos plaustros, |.

guaracão *s.m.* [< guará³ + cão].

V. abon.

1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 64: O *guaracão*, he uma especie de cão grande, e bravio, que não se confunde com alguma outra deste genero.

guaracema *s.f.* [< T. ŭara'sïma < ŭa'ra 'guará²' + 'sïma 'liso' ~ VLB II. 23: *Lisa cousa ser* = Xecigm. Xeacigm. Xepecigm (...). *Ib.* II. 148: *Xareo, certo peixe* = Guaraguaçû, o mayor delles (...) Guaracîma, mais piqueno (...)].

Peixe da família dos carangídeos, espécie de xaréu.

1730 ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 70. 42: [...] dos naturaes, por serem infinitos, nomearemos só os mais notaveis, baleas, beyjupirâs, cavallas, garopas, vermelhos, corimãs, pampanos, carepebas, parûs, ubaranas, guaracemas, jaguaraçâs, camoropins, olhos de boy, dourados, e chareos; este ultimo, ainda que muito vulgar pela sua quantidade, merece especial noticia, pela grandeza da sua pescaria, e por ser o sustento dos escravos, e do povo miudo da Bahia.

guaraciaba *s.f.* Var.: 5 *guaracigá, guaracigobá, guaracigaba, garaciça*, 6 *guueracicam, goaracyaba, guoraciyaba*, 8 *coaracy oaba, coaracy beraba, coaracy-aba, guaracy-aba* [< T. *kŭarasï'aŭa < kŭara'sï 'sol' + 'aŭa 'cabelo' ~ VLB II. 120: *Sol* = Coaracig. *Ib.* I. 61: *Cabelo da cabeça* = Aba].

Variedade de beija-flor.

O padre Fernão Cardim (v. abon. *c*1584) faz distinção entre *guaracigá* 'fruta do sol' (< T. *kŭarasï'a < kŭara'sï 'sol' + ï'ŭa 'fruta'), *guaracigobá* 'cobertura do sol' (< T. *kŭarasïo'ŭa) e *guaracigaba* 'cabelo do sol' (< T. *kŭarasï'aŭa). Igualmente interessantes são as referências do padre Simão de Vasconcelos (v. abon. 1663) às formas *goaracyaba* e *guoraciyaba*, as quais, embora etimologicamente idênticas, são por ele atribuídas a duas espécies distintas de beija-flor. Refira-se, por fim, que o autor do *Aviário Brasílico* (v. abon. 1800) distingue *coaracy oaba* 'cabelo do sol' de *coaracy beraba* 'resplendor do sol' (< T. *kŭarasïŭe'raŭa < kŭara'sï + ŭe'raŭa 'resplandecente').

Essa variedade de expressões — morfológica e semanticamente correlatas — por que foram designadas algumas das espécies da pequenina ave, deve sua origem, sem dúvida, à admiração que causaram aos indígenas e aos primeiros colonizadores europeus as cores brilhantes, resplandecentes e incomparavelmente belas dos beija-flores.

*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 19: Destes passarinhos [guainumbig] ha uarias species .s. Guaracigâ i. [*id est* = isto é] fruita do sol, por outro nome Guaracigobâ i. [*id est* = isto é] cubertura do sol, ou Guaracigaba i. [*id est* = isto é] cabello do sol; [...]. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1309-1314: O garaciça he o mais fino ẽ suas penas q̃ passaro nhũ tẽ como hũ barrete na cabeça q̃ se naõ pode ver cor propria senaõ de qualquer parte q̃ virаõ pareçe de huã cor tẽ o bico cõprido e preto criaõ dous e 2 e sostẽtaõse cõ o mel destas flores. 1610 J. MONTEIRO *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.*, VIII. (1949) 124: [ainambig] Há destes pássaros muitos e mui vários. [...] O maior chamado *Guueracicam*, que se não poderá igualar com uma firifolha nem carriça. 1663 S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 98. 173: [...] & he que de hum passarinho se contão noue especies, diuersas todas, a qual mais galante, & enfeitada da natureza; chamaõ a este passarinho em geral os naturaes da terra goanhambig: em particular a hũas especies, chamaõ goaracyaba, que quer dizer raio do Sol; a outras guoraciyaba, que quer dizer cabello do Sol; & a outras poem outros nomes segundo o modo de sua fermosura, que he taõ varia, & apraziuel, que naõ poderá arremedálla o mais destro pintor com as mais finas tintas: [...]. 1800 J. VELOSO *Aviário Brasílico* 13: O Trochilo *beija-flor*. [*Em nota de rodapé*]: Guainumbý dos Brasilianos, do qual admittem duas especies *Coaracy oaba* Cabello do Sol; *Coaracy beraba*, resplendor do Sol. 1851 G. DIAS *Últimos Cantos* (ed. 1865, II. 234): Os indigenas chamavão ao beija-flor "Coaracy-aba" "raios", ou mais litteralmente "cabellos do sol". 1874 J. ALENCAR *Ubirajara* 192: [*Nota do Autor*] Tambem chamavam os indios a esse passaro, *Guaracy-aba*-cabelos do sol; [...].

guaracu *s.m.* Var.: 7 *uaracú* [< T. *ŭara'ku].

V. abon.

*c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 259: [Peixe de menor corpulencia] Uaracú.

guaraguá *s.m.* Var.: 5 *goaràgoá,* 6 *guaragua* [< T. ïu̯ara'ü̯a ~ VLB II. 70: *Peixe Boi* = Ygoaragoa].

Nome indígena do peixe-boi.

[**1560** ANCHIETA *Carta* in S. Leite *Cartas* III. (1958) 208: Piscis quidam est (quem bovem marinum dicimus, Indi *Iguaraguâ* nominant) frequens in oppido Spiritus Sancti, et aliis versus Boream habitationibus, ubi aut nulla est, aut exigua admodum et minor quam apud nos frigoris iniuria; hic ingentis est magnitudinis, herbis pascitur, quod ipsa gramina depasta scopulis, quos aestuaria alluunt, inhaerentia indicant.] **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXXIX. 197): Goaràgoá é o peixe a que os Portuguêses chamam boi, que anda na água salgada e nos rios junto da água doce, de que êlles bebem; e comem de uma erva miúda como milhã que se dá ao longo da água; o qual peixe tem o corpo tamanho como um novilho de dois anos, e tem dois côtos como braços, e nêles umas mãos sem dedos; não tem pés, mas tem o rabo à feição de peixe e a cabeça e focinho como boi; [...]. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 164: Guaragua he a uaqua do mar he da compridam de des ou doze palmos he groso como hũa uaqua he pardo cor de cimza tem as tripas e a forcura como hũa uaqua e cria ceus filhos de leite e tem as mamas debaixo dos brasos o macho tem a sua natura tamanha como de caualo e da propia forma o rabo tudo he gordura de que ce faz manteigua que he boma pera ferguir e pera camdeia e ha algum tamanho que da dez ou omze arobas e ceis ou sete canadas de manteigua não se bota nada fora tudo ce come ate as tripas e a pelea serue pera fazer sola fazem o seu acoitamento no mar perto da costa e no mes do marco uam aos laguos e rios de auguoa doce comer eruas e folhas ouue anno que se matariam trezemtos peixes ou mais ele tem duas pedras no ouuido do tamanho de hũ e tem duas pequenas apeguadas as duas gramdes e as pequenas ceruem pera o ar e as gramdes seruem pera dor de pedra couza esprementada [*sic*] em framsa e uos quero comtar o que ui fazer a este peixe ui matar hũa femmea e esfolarem na e botarem a pelia em tera a borda daguoa e coamdo foi ao outro dia imdo busquar auguoa axarem o filho em riba da pelia deitado e tomaram no.

guaraí *s.m.* Var.: 6 *guara hi* [< T. *ü̯ara'i: cp. GUARÁ[2]].

Peixe da família dos serranídeos.

*c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 166: guara hi he dous palmos não tem escama he pardo he peixe ralo que ce ue pouquo he bom de comer.

guarajuba *s.f.* Var.: 5 *guigraiuba,* 7 *virajuba* [< T. ü̯ïra'ïu̯a < ü̯ï'ra 'ave' + 'ïu̯a 'amarelo'].

Espécie de papagaio (*Guaruba guaruba*).

*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 18*v.*: Chamase este papagayo Guigraiuba .i. [*id est* = isto é] passaro amarello, naõ fallaõ nem brincaõ antes saõ m^to^ malenconizados, e tristes, saõ muito estimados, por se trazerẽ de duzentas, e trezentas leguas, e naõ se achaõ, senaõ em casa de grandes principais, e tẽnos em tanta estima q̃ daõ resgate, e ualia de duas pessoas por hũ delles, [...]. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 260: [Papagaio] Virajubas.

guarantã *s.f.* Var.: 8 *guratan, guaratan,* 9 *guarantã* [< T. *ïu̯ara'tã].

Planta da família das rutáceas.

1817 CASAL *Corografia Brazílica* II. 37: [...] grande quantidade d'arvores de bom páu para construcção principalmente: [...] guratan. **1872** J. ALENCAR *Til* I. ix. 100: Havia, juncto a um copado guaratan, que lhe dava sombra, uma ponte de madeira, lançada sobre as altas ribanceiras de um corrego, que regava parte das terras lavradas. IDEM *Ib.* II. x. 115: Debalde o Domingão brandiu a pesada palmatoria de guaratan, e ferrou uma chuva de formidaveis carollos na cabeça do Braz; não conseguiu delle em um mez que repetisse o nome das tres primeiras lettras. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 241: Cavalos, burros e ainda outros cavalos, amarrados em frente às casas — e aí foi que fiquei conhecendo o préstimo daqueles postes de guarantã ou de aroeira, cheios de argolas e plantados por toda a parte.

guarapiapunha *s.f.* Var.: 8 *guarapiapunha, grapiapunha* [< T. ?].

Planta da família das leguminosas.

1817 CASAL *Corografia Brazílica* II. 37: [grande diversidade d'arvores de bom páu para construcção principalmente:] guarapiapunha. IDEM *Ib.* II. 75: Fytologia. Entr'outras muitas árvores de boa madeira nomea-se o vinhatico, aderno [...] farinheira, grapiapunha, [...]. **1868** M. A. PORTO ALEGRE *Brasilianas* 59: Sem mais esforços da sciencia e da arte, | Bizantinas columnas se ergueriam, | Naves sombrias, porticos soberbos, | Sustendo a cup'la engrinaldada e mobil | D'esse portento de verdura e nardo! | Aureas grapiapunhas, que no Oceano | Mojam tranquillas do marouço inhospito; |.

guarapicica *s.f.* Var.: 8 *grapecique* [< T. ?].

Planta da família das sapotáceas.

1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 181: [...] *guarabú,* e *grapecique* sam arvores de precioza madeira veiada para marceneiraria; como tambem o denominado aqui [santa Catharina] *páu d'oleo,* que he ondeado, e compacto.

guarapicu *s.m.* Var.: 5 *guarapicu,* 6 *guarapocu* [< T. ü̯arapu'ku < ü̯a'ra 'guará[2]' + pu'ku 'comprido' ~ VLB I. 69: *Cauala, peixe* = Goarapucu].

Peixe da família dos tunídeos; espécie de cavala.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXXXI. 201): Guarapicu são uns peixes a que os Portuguêses chamam cavalas, das quais há muitas que começam a entrar na Bahia no verão com os nordestes, e recolhem-se com êles, com a criação que desovaram na Bahia. São èstes peixes maiores que grandes pescadas, mas da feição e côr dos sáveis, os quais não comem a isca estando quêda; [...]. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 164*v.*: guarapocu parece porem (botar) de dous palmos ou dous palmos e meio tem demtes mui agudos não tem escama he pardo pelas costas e bramquo pela parigua [*sic*] e pimtado e he bom comer não tem mais que hũa espinha.

guarara *s.m.* Var.: 5 *goarara* [< T. *ü̯a'rara].

Peixe da família dos ciprinodontídeos.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXLIV. 232): Há outros peixes nos rios a que os índios chamam goarara, que são como ruivacas, e tem a barriga grande, os quais se tomam à cana.

guararieí *s.m.* Var.: 5 *guararigeig.* Cp. JUIGUARAIGARAÍ [< T. ü̯ararïe'ï].

Variedade de rã: v. abon.

*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 31*v.*: Não faltaõ raãs em rios, fontes, charcos, lagoas: e saõ de m^tas^ species principalmente esta Guararigeig. he cousa espantosa o medo q̃ della tem os Jndios naturais porq̃ soo de a ouuirẽ, morrem, e por que lhe preguem naõ tem outro remedio senaõ deixarse morrer, taõ grande he a ymaginaçaõ, e apprehensaõ q̃ tomaõ de a ouuir cantar, e q̃lq̃r Jndio q̃ a ouue, morre porq̃ dizem q̃ deita de sy hũ resplandor como relampago.

‖ **guararimá, gararina:** v. abon.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 117: [...] gararina — [Ave] que de ordinario mora dentro das Aguoas [...]. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 261: [Ave aquatica. De diversas côres] Guararimá, de tres especies.

‖ **guarataiaçu** (*guaratayacu, guratayasei*): v. abon.

1783 M. C. ABREU *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 259: Os guaratayacus são as vezes cinzentos, do tamanho de uma franga, e se sustentam só com peixes, e da mesma sorte as garças. **1792** F. O. BARBOSA *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 23: Os passaros saõ innumeraveis e de diversas qualidades, como são [...] guratayaseis, socós, [...].

guaratimbó *s.m.* [< T. *ü̯arati'ɱ o].

V. abon.

1817 CASAL *Corografia Brazílica* II. 48: Nas suas margens [Rio-Morto, confluente do Rio Muriahè] cria-se um sipó venenozo, chamado *timbó,* ou *tingui,* e uma arvore denominada *guaratimbó,* (cuja raiz não he menos nociva) aos quaes se attribue a malignidade de suas aguas.

guaravira *s.f.* Var.: 6 *guoara emuira* [< T. *ü̯ara'ɱïra < ü̯a'ra 'guará[2]' + *'ɱïra (forma paralela de ï'ɱ ïra 'fibra, filamento')].

Peixe da família dos gimnotídeos.

*c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 165: guoara emuira he de tres ou coatro palmos de comprido parece estamdo todo cuberto de prata e he boma comer.

guaraxaim *s.m.* Var.: 8 *guaraxaim,* 9 *guará-chaim, guarachim, guarachaim, graxaim* [< T. *aü̯araša'i].

Mamífero carnívoro da família dos canídeos; espécie de cachorro-do-mato.

1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 64: O *guaraxaim,* he uma especie de cão do tamanho de gato: habita em tocas subterraneas, que elle mesmo faz: tudo o que encontra no campo, ainda que não seja comestível, como um chapéo, ou lenço, o conduz para a porta da habitação. **1913** SIMÕES LOPES *Lendas do Sul* 10: E era terneiros e pumas, tourada e potrilhos perdizes e guará-chains, tudo amigo, de puro medo. IDEM *Ib.* 51: Mas não era, não, gado chucro espantado, nem guaráchim corrido, nem tatú vadio; era gente, que se escondia uns dos outros e delle... IDEM *Ib.* 65: Então viéram os guarachains ladrões e farejaram o Negrinho e cortaram a guasca da soga. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* xvii. 253: Quando o mano voltou prá tapera Macunaíma pegou na violinha, fez talequal reparara e veio uma imundicie de

caça, viados cotias tamanduás capivaras tatús aperemas pacas graxains lontras [...].

‖ **guariama**: v. abon.

*c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 187: guariama he pasoro tamanho como hũa pomba he pardo cor de simza ao longuo da cabesa e mais pera o corpo bramquo no papo amarelo diguo azul e na barigua amarelo pelas costas pardo raiado de bramquo e o rabo tambem pardo rajado de bramquo fazem os filhos em buraquos na tera o longuo do rio os ouos cam bramquos e fazem dous filhos e fazem nos metidos hũa boma braca pela tera demtro.

guariba *s.m.* Var.: 5, 7-9 *guariba,* 5-6 *gariba,* 6 *guaribba, guariua,* 8 *guaríba,* 9 *guaryba* [< T. ɰa'riɰa].

Macaco da família dos cebídeos.

Franklin Távora (v. abon. 1876 e 1878) e Lima Barreto (v. abon. 1915) empregam o voc. em sentido figurado.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. civ. 145): Guaribas é outra casta de bugios que são grandes e mui entendidos; èstes tem barbas como um homem, e o rabo muito comprido; os quais como se sentem flechados dos índios, se não caem da flechada, fogem pela árvore acima, mastigando fôlhas, e metendo-as pela flechada, com que tomam o sangue e se curam; [...]. *c*1596 S. Travaços *Declaração do Brasil* xlix. fl. 38*v*.: Ha outros [Bugios] muito maiores que se chamaõ Garibas; E como saõ maiores saõ ainda mais entendidos, e tem grandes barbas, E rabo comprido. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fls. 135*v*.-136: [...] a outra sorte de bogios se chamaõ — garibas os coais saõ muito majores e tem barba e no modo com que viuem e prouidencia con que se guouernaõ caze que se querem pareçer com a jente humana — estes fazem sempre sua abitação por çima de grandes matas e creçidos Aruoredos junto em cabildas — donde estaõ em continua grita que se ouue de muito longe — e toda a pessoa que ignorar a cauza tera pera sy serem vozes humanas ou som de estromentos por que daquella maneira Respondem [...]. 1627 V. Salvador *Hist. Brasil* I. ix. fls. 17-17*v*.: Hà rapozas, e bogios, e deste há huñs q̃ sam grandes chamados guaribbas, que tem barbas como homeñs, e se barbeaõ huñs aos outros cortando o cabelo com os dentes, andam sempre em bandos p.[as] arvores, e se o cassador atira a algum, e naõ o acerta mataõse todos de rizo, mas se o acerta, e naõ cahe aranca a frecha do corpo, e torna a fazer tiro com ella aquem o ferio, e logo foge pella arvore assima, e mastigando folhas metendo as na ferida se cura, e estanca o sangue com ellas; [...]. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fls. 178*v*.-179: yaraquatia he aruere [...] e a fruta he como figo [...] e he hũa das bomas frutas desta tera e saõ trabalhoszas a uer senão os maquaquos e guariuas que os fazem quahir [...]. 1730 Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 64. 39: As guaribas, de triste, e porfiado canto nas arvores, e os guassinins, que saõ do seu coro, e solfa. 1757 D. L. Couto *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 37: Para o gosto; Monos, Macacos, Bugios, Guaribas, Saguins, Preguiças, Parigues, e Maritacas. 1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 61: Vimos muita quantidade de guaribas, especie de macacos, e tão destros como elles nunca se punham a tiro, occupando n'este sitio os ramos mais altos das sumaúmeiras, celebres arvores de que se tira aquella especie de seda ou lãa, que com o sabido nome de sumaúma amarella uma e outra branca, servem de occupar os colxões de mais regalo. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 253: A nação *Guariba Tapuya* dizem que tem rabo, como o macaco chamado *guariba.* Idem *Ib.* 258: [Macaco] Guariba, preta e parda. 1781 Durão *Caramurú* VII. lix. 214: À Canção da Guariba sempre ingrata ! Responde o Guassinin, que o segue amigo: !. 1789 F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 1: Guariba, o maior dos Bogios Brasilienses; com o rosto comprido, testa, faces, naris, e labios calvos; barba crescida, liza, imitante á humana; [...]. 1792 F. O. Barbosa *Notícia da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1842) 33: Tambem ha neste rio [Paraguay] os bugios pretos chamados — Guaribas — de cujos couros se fazem xaireis e capelladas para as sellas: [...]. 1806 in RAPM, VI. (1901) 772: Macaco, he bem conhecido no Paiz pelo nome de Mica, de que ha varias especies de differentes grandezas, e cores, desde o pequeno e lindo Saguin até o mono, que he o maior do Brazil. A guariba pertence a esta especie, e he de côr negra brilhante. 1817 Casal *Corografia Brazílica* II. 162: [...] as guaribas (especie de macaco) geralmente avermelhadas do rio de S. Francisco para o Sul, sam negras nesta Provincia [Palmares], e a sua pelle por isso mais estimada. 1838 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 26: [...] *capiváras, guaribas, macácos,* diversos em especies, como *quatá,* que he o maior e mais horrendo: [...]. 1847 A. Leverger *Rio Paraguai* in RIH, XXV. (1862) 232: Vêem-se com frequencia *Ariranhas, Lontras,* e *Guaribas,* pulando e mergulhando nas aguas do rio. 1876 F. Távora *O Cabeleira* vi. 122: — Por este guariba fico eu — disse. Não ha de vir mais perturbar o nosso socego. 1878 Idem *O Matuto* xxvii. 407: Promettêra-lhes o sargento-mór a liberdade a todos, e tanto bastou para que os guaribas lutassem como si foram leões. 1915 Lima Barreto *Policarpo Quaresma* II. i. 98/99: Era tolo estar a pensar em governadores e guarybas, quando a nossa vida pede tudo á terra e ella quer carinho, luta, trabalho e amor... 1928 M. Andrade *Macunaíma* v. 65: Maanape atirou guaribas pícotas jaós jacús jacutingas piaçocas, todas essas caças porém Piaimã engulia e tornava a pedir a gente que êle flexava. 1937 J. L. Rego *Pureza* xxvi. 265: Eu ouvia os gritos das guaribas como assovios de vaias. 1938 R. Morais *Os Igaraúnas* xvii. 194: Não demorou um minuto surgiram bandos de macacos capitaneados pelos coatás. Viam-se o guariba, o cairara, [...]. 1956 Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* 54: "Tal tampo!" — truquei, mais forte, rouco como um guariba.

guaricanga *s.f.* [< T. *ɰari'kaŋa].

Variedade de palmeira (*Geonoma spixiana*).

1817 Casal *Corografia Brazílica* I. 222: Casas cobertas de *guaricanga,* que he uma casta de palmeira anan, com uma pequena entrada em uma das extremidades.

‖ **guaricuja**: v. abon.

*c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 700-707: O fogo dizẽ [*os índios, explicando sua origem*] q̃ morreo hũ homẽ no mato e se ajũtaraõ os gauioẽs e lhe tiraraõ os olhos e hũ lhe trouxe o foguo q̃ he hũ Guaricuja e assou os olhos nisto veo hũ filho e achou o pay morto e os passaros fugiraõ e deixaraõ o fogo e dahi ficoù ẽ huã certa casta de pao donde elles logo o tiraõ cada vez q̃ querẽ ferir fogo tã presto como cõ q̃q̃r fuzil. 1610 J. Monteiro *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.* VIII. (1949) 408: O pássaro guaricuja, senhor e autor do fogo, é entre os índios privilegiado e tem-no em tanta estima, que antes morrerão de pura fome que comer ou matar um deles; e com outro, a quem chamam *urubatinga,* guardam a mesma lei por ser seu neto.

guaripoapém *s.m.* [< T. ɰaripoa'pema].

Variedade de molusco; lingueirão, unha-de-velho.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxli. 224): Nas enseadas da Bahia, na vasa delas, se cria outro marisco, a que os índios chamam guaripoapém. a que os Portuguêses dizem lingüeirões, os quais são tão compridos como um dedo e mais, e da mesma grossura, e tem um miolo grande e mui gostoso, que se come aberto no fogo; e a casca se abre como a das ameijoas.

guaríroba *s.f.* Var.: 7 *guarirova, guarerova* [< T. *ɰari'roɰa].

Variedade de palmeira, também chamada coqueiro-amargoso.

1788 M. C. Abreu *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 261: Tem muitos palmitos, de que se sustentam os sertanistas e de varias qualidades, como são a guarirova, jarivá, guacuri e palmito molle; [...]. 1792 F. O. Barbosa *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 24: [as margens do rio Tieté] Tambem tem muitos palmitos, com que se sustentam os sertanistas; e são de varias qualidades, cujos nomes são: nhasaruamembeca, guarerovas, e jarivás, cujos côcos se comem, e o gosto é propriamente similhante ao côco da Bahia.

guariúba *s.f.* Var.: 7-8 *guariúba,* 9 *guaruba* [< T. *ɰari'ɪɰa].

Planta da família das moráceas.

1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 498: Ha muitas arvores de merim e de cupaúba, grandes páos amarellos, e de guariúbas, de que se fazem boas e compridas canôas: tambem se acha louro amarello excellente. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 263: [Arvore que serve para madeira] Guariúba. 1838 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 8: Para a tinturaria se contam alem do anil e *urucú, guariúba,* madeira que dá finissima côr de cana, e cujo commerció, outr'ora lucroso acha-se actualmente abandonado. 1928 M. Andrade *Macunaíma* xiii. 187: Nem bem o mascate sovertera entre as sapupiras guarubas e parinaris do mato que já o micura quis fazer necessidade outra feita.

guaru *s.m.* [< T. *ɰa'ru].

Espécie de sapo.

1919 Monteiro Lobato *Cidades Mortas* 189: [...] contemplo um grupo de guarús espiando resabiados uma "vaquinha" de elytros verde gaio, [...].

guaruçá *s.m.* Var.: 5 *goaiauçá,* 6 *garausâ,* 7 *garaûsa* [< T. aɰarau'sa ~ VLB I. 67: *Caranguejo não tem gro.* (*scil.* gênero) = Os grãdes do mato. Guanhumyg (...) Hũs q. andaõ pla praya. Aguarãuçâ (...)].

Espécie de caranguejo.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxxix. 220): Goaiauçá são outros caranguejos que se criam dentro d'areia, que se descobre na vazante da marê, os quais são pequenos e brancos, e tem as covas mui fundas; e andam sempre pelas praias, enquanto não vêem gente, e como a sentem se metem logo nas covas; [...]. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 124: [...] ha hũa casta dos tais [caranguejos] a que chamão — vsâ — e outra serỳ — e tambem, goajâ — e da

mesma maneira o guoazaranha e Aratu — e outra casta delles que se tem por contra peçonha posto que eu o não esperimentey — tambem se achaõ hũs de outra callidade a que chamaõ — garausâ — e sobre tudo os — guanhamus — cuja natureza cauza espanto. **1730** ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 77. 47: Os carangueijos, gordissimos, e de que se fazem admiraveis, e mimosos guizados, saõ de cinco generos, ussàs, ganhamús, serîs, aratûs, garaûsas.

guaru-guaru *s.m.* Var.: 6 *varu varu* [< T. ɥaruɥa'ru]. Peixe de água doce da família dos ciprinodontídeos.

*c***1631** C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 166*v.*: Varu Varu cor de pardo de hũ palmo de comprido com escama cor de pardo e he bom de comer.

guarumá *s.f.* [< T. *ĩɥaru'ma]. Planta da família das marantáceas.

1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 12: A *guarumá*, da qual ha outra especie *membéca*, a mais flexivel, he um junco grosso cuja casca serve para tecidos de chapéos, peneiras, cêstos, e outros objectos, [...]. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* i. 10: Então pediu pra ela que largasse de tecer o paneiro de guarumá-membeca e levasse êle no mato passear.

guatambu *s.m.* Var.: 9 *guatambú, guatambu* [< T. *ɥata'-mu].

Planta da família das apocináceas, cuja madeira, dura e resistente, fornece bons porretes.

1918 MONTEIRO LOBATO *Urupês* 137: Desceu pelas miudezas domesticas abaixo até alcançar o porretinho de guatambú assado ao fogo, o qual virou S. Benedito, [...]. **1919** IDEM *Cidades Mortas* 93: Ás vezes vem-me impetos de reagir, entrar em casa de guatambú em punho e ir deslombando ás cegas [...]. **1931** RIBEIRO COUTO *Cabocla* vi. 68: O caboclo deixou a mão na minha. A delle era grossa como a pata de um palmipede e dava a sensação de não saber segurar senão o guatambu das enxadas: [...].

guatapu *s.m.* Var.: 5 *guatapig, tapu, oatapu, oapu,* 7 *atapú* [< T. ɥata'pï ~ VLB I. 60: *Buzio, os muyto grandes* = Goatapig. do mar (...)].

Variedade de búzio: v. abon.

*c***1584** CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 28*v.*: Os mayores [buzios] q̃ ha se chamaõ Guatapiggoaçû .i. [*id est* = *isto é*] buzio grande, são m^to^ estimados dos naturais, porq̃ delles fazem suas trombetas, Jaezes, contas, metaras, e arrecadas, e luãs p^a^ os meninos: e saõ entre elles de tanta estima q̃ por hũ daõ huã pessoa das q̃ tem catiuas: e os Portugueses dauam antigam^te^ hũ cruzado por hũ. saõ taõ aluos como marfins, e de largo muytos delles tem dous palmos e hũ de comprim^to^. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXLII. 226): Tapuçu são uns búzios tamanhos de palmo e meio, que tem uma borda estendida para fora no comprimento do búzio de um côto de largo, os quais são algum tanto baixos, e tem grande miolo; que os índios comem, mas é muito têso; os quais búzios servem aos índios de buzinas, e criam-se na areia; e no miolo tem uma tripa cheia dela, que se lhe tira fàcilmente. Há outros búzios, a que os índios chamam oatapu, que são tamanhos como uma grande cidra, e pontagudos no fundo, e roliços com grande bôca; êstes tem grande miolo bom para comer, e algum tanto têso, o qual tem uma tripa cheia de areia, que se lhe tira bem. [...]. Também se criam na areia outros búzios de três quinas, a que os índios chamam oapuaçu, que são tamanhos como uma pinha e maiores; e no que a bôca abre para fora são mui formosos, cujo miolo é grande e saboroso, sôbre o têso, onde tem uma tripa cheia de areia; também servem de buzinas aos índios. **1789** F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 205: Atapú, especie de Lesma com a differença de ter a cabeça sem tentaculos, e recolhido dentro do caracol, [...]. Habita pelas praias maritimas, porem cô o costume das Lesmas.

guaxe *s.m.* Var.: 6 *guaxa,* 9 *guaxe* [< T. ɥai'šo]. Pássaro da família dos icterídeos.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 114*v.*: [..] e assim outra [Ave] chamada — tiquaran — e outra de cor vermelha chamada — guaxa [...]. **1922** A. PEIXOTO *Bugrinha* v. 69: Na ramaria os guaxes e japús faziam a sua gralhada, de quem se acomoda para o longo sossêgo noturno. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* ii. 22: Andou legua e meia nele, nem se enxergava mato mais, era um coberto plano apenas movimentado com o pulinho dos cajueiros. Nem guaxe animava a solidão. **1956** GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 352: Aí já se via o dia quase em fim, com as côres do sol. Voavam uns guaxes.

guaxima *s.f.* Var.: 5, 7-9 *guaxima,* 6 *guaxiuma,* 8 *vaxima,* 9 *guaximba, guanxuma* [< T. *ɥa'šima < 'ɥaja 'rabo, cauda, ponta, extremidade' + 'sïma 'liso' ~ VLB II. 95: *Rabo de qualquer animal, ou aue* = Çoaya. *Ib.* II. 23: *Lisa cousa ser* = Xecigm. Xeacigm. Xepecigm (...)].

Nome comum a numerosas espécies de plantas de diversas famílias afins, que fornecem fibras têxteis utilizadas para cabos, cordas, vassouras etc.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXIII. 50): Criam-se outras ervas pelos campos da Bahia, que se chama guaxima, da feição de tanchagem; mas tem as fôlhas mais pequenas, da feição de escudete, e tem o pé comprido; as quais são brancas da banda de baixo, cuja natureza é fria; e posta sôbre chagas e coçaduras das pernas que tem fogagem, as desafoga, e encouram com elas, sem outros ungüentos. **1693** J. S. FERREIRA *América abreviada* in RIH, LVII. (1894) 139: A arvore de que nós tiramos estopa para murrão é o castanheiro; faz melhor méxa que a de linho, e para os mais ministeres de cordas se tira tambem estopa da munguba e guaxiuma. **1799** E. A. S. CORREIA *Hist. Angola* (ed. 1987, I. 150): [*Nota do Autor*] A casca de Guaxima da qual se fabrica cabos para a marcação dos navios, hé de fibra mais fraca; do que os Rabos de Elefante. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 11: [...] da vaxima tambem se extrahe outra casca fibrosa de pequena duração. **1857** J. ALENCAR *O Guarany* (2ª ed., 1864, I. xi. 117): Havia meia hora que Cecilia estava no banho, quando Peri, que collocado sobre uma arvore não deixava de lançar o olhar ao redor de si vio na margem opposta as guaximas se agitarem. **1915** LIMA BARRETO *Policarpo Quaresma* II. i. 93: [...] elle, muito pequeno, myope, a dar golpes sobre golpes para arrancar um teimoso pé de guaximba. **1918** MONTEIRO LOBATO *Urupês* 56: O oitão ruira e o terreirinho pintalgava-se de moitinhas de guanxuma, cordão de frade e joás [...]. **1919** IDEM *Cidades Mortas* 11: Rodeiam a morada senhorial extensas senzalas vazias, terreiros de pedra com viçosas guanxumas nos interstícios. **1920** LIMA BARRETO *Histórias e Sonhos* 18: A guaxima cresce, e o capim, e a vassourinha, e o carrapicho e outros arbustos sylvestres e tenazes. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 145: Então Cassiano rastejou, recuando, e, dando três vezes o lanço, transpôs as abertas entre a crissiúma e a guaxima, entre a guaxima e o rancho, [...].

guaxupé *s.f.* Var.: 8 *guaxupé,* 9 *uaxupé* [< T. *ɥašu'pe]. Abelha da família dos meliponídeos.

1872 TAUNAY *Inocência* (2ª ed., 1884, xxix. 293): — Você diz bem, retorquio Pereira, tenha pena de mim... Estou com esta cabeça como um cortiço de guaxupés... **1899** IDEM *No Declínio* xvii. 155: [...] Esta minha cabeça é um ninho de guaxupé, como se diz na minha terra, em S. Gonçalo, onde nasci, pois, nesse tempo, meu pae la cultivava uma fazendola... **1930** G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 227: Cenobilino foi mais feliz e deu com um bom enxame de abelhas *uaxupé*.

guigó *s.m.* [< ? T.]. Macaco da família dos cebídeos.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CIV. 145): Nos matos da Bahia se criam muitos bugios de diversas maneiras: a uns chamam guigós, que andam em bando pelas árvores, e como sentem gente, dão uns assovios com que se avisam uns aos outros, de maneira que em um momento corre a nova em espaço de uma légua, com que entendem que é entrada gente, para se porem em salvo. **1728** N. M. PEREIRA *Peregrino da América* I. v. 50: Não fallo aqui das mais aves, | Nem dos Sahuins, e Guigós, | Que com bayles de alegria | Festejaõ ao Creador. **1789** F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 4: Não acho nas obras de Linneu descripção identica com a que faço agora do guigó. Bugio com a grandeza de hum gato. Cabeça oblonga para o Occiput. Orelhas grãdes, villosas, quase humanas, assim como rostro, e maons. [...] Habita sempre pelos matos grandes, nunca sem companheiros; andão sobre as arvores mais altas, saltando de huns para outros ramos com velocidade.

|| **guirapanema** (*uirapanéma*): v. abon.

*c***1777** F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 261: [Ave silvestre] Uirapanéma.

guirapuru *s.m.* Var.: 8 *guirapurú,* 9 *uirapurú, yrapurú* [< T. ɥïrapu'ru]. Nome comum a diversos pássaros da família dos piprídeos.

1876 COUTO DE MAGALHÃES *O Selvagem* II. v. 136: Não ha no Pará, no Maranhão e Amazonas, muitos taverneiros que não tenham na soleira da porta enterrado um Guirapurú, a quem attribuem a virtude de conduzir freguezes a sua taverna. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* iv. 50: Então o passarinho uirapurú agarrou cantando com doçura e o heroi entendeu tudo o que êle cantava. **1930** G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 97: Não sei se em regosijo á descoberta da América, ouvi, hoje, pela primeira vez, cantar o uirapurú. [...] Trinos, gorgeios e regorgeios em floreados incriveis. Havia de ser um genio da floresta quem assim soprava em flauta tão subtil. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* vi. 71: — Mais cantador ainda que os outros? arriscou o coronel. — Não diga isso. Refiro-me á raridade e á plumagem differente, pois os mais lindos yrapurús são os do Purús.

‖ **guira-têu** (*urateon*): v. abon. Cp. GUIRA-TÉU-TÉU.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXIV. 98): Ao longo do salgado se criam uns pássaros, a que os índios chamam urateon; são pardos, tamanhos como frangãos, tem as pernas vermelhas, o bico prêto e comprido; são mui ligeiros, e andam sempre sôbre a água salgada, saltando em pulos, espreitando os peixinhos de que se mantêm.

‖ **guirateúna** (*garateuma*): v. abon.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 113*v*.: [...] garateuma Ave de cor loura fermosissima [...].

guira-têu-téu *s.m.* Var.: 5 *guiratéotéo, uirateonteon*. Cp. TÉU-TÉU [< T. ɰĩrateõte'õ ~ VLB I. 63: *Calcamar, hús.passarinhos do mar* = Guirateõteõmyrĩ].

Ave da família dos caradrídeos, também chamada téu-têu e quero-quero.

*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 29*v*.: Esta aue se chama em portugues Tinhosa, chamase Guiratéotéo i. [*id est = isto é*] passaro q̃ tem accidentes de morte, e q̃ morre e torna a uiuer, como quẽ tem gotta coral e saõ taõ grandes estes accidentes q̃ m^tes uezes os achaõ os Jndios p'las prayas os tomaõ nas maõs, e cuidando q̃ de todo estaõ mortos os botaõ por ay, e elles em cayndo se aleuantaõ e se uaõ embora. saõ brancos, e fermosos, [...]. 1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXIV. 98): Há outros pássaros, a que os indios chamam uirateonteon, que se criam perto do salgado, que são pardos, e tem o pescoço branco, o bico verde, e são tamanhos como adens, e tem os pés da sua feição. Êstes pássaros andam no mar perto da terra, e voam ao longo d'agua tanto sem descansar, até que caem como mortos; e assim descansam até que se tornam a levantar, e voam.

guiratinga *s.f.* Var.: 5 *guigratinga, uratinga*, 6 *guratimgua* [< T. ɰĩra'tiŋa < ɰĩ'ra 'ave' + 'tiŋa 'branco' ~ VLB I. 146: *Garça* = Guîratinga].

Nome indígena da garça, ave da família dos ardeídeos.

*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 29*v*.: Guigratinga. Este passaro he branco do tamanho dos grous de Portugal, saõ em extremo aluos, os pees tẽ m^to compridos, o bico m^to cruel e agudo, e muito fermoso por ser hum amarello fino, as pernas tãbẽ saõ cõpridas entre uermelhas, e amarellas. No pescoço tem os milhores penachos e finos q̃ buscar se pode, e parecẽse cõ os das emas affricanas. 1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXI. 92): Ao longo dos rios da água doce se criam mui formosas garças a que o gentio chama uratinga, as quais são brancas, e tamanhas como as de Espanha. Tem as pernas longas, pescoço e bico mui comprido, pernas e pés amarelos, e tem entre os encontros um molho de plumas, que lhe chegam à ponta do rabo, que são mui alvas e formosas, e para estimar. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 184*v*.: guratimguaosu são passoros brancos q ca tẽ per garcas e he toda brãoqua como neue fora o biquo e os peis que tem pardos e amarelos e uerde ao lomguo dos olhos e he hũ pasoro muito estimado polas penas que ele tem e heram as milhores merquadarias que os estramieiros tinham nesta tera eu creio que noso sôr lhe pos os penachos em riba das costas emtre as azas pera as guardar de não quebrarem e he pasoro que se mamtem de peixe e he pasoro tamanho como maguarim e faz tres o quoatro filhos e os ouos cam uerde mar e fazem os filhos em riba de aruores pequenas a borda do mar e ha muita camtidade deles e he bom comer. IDEM *Ib*. fl. 185: guratimguamerim he guarsa pequena he toda bramqua como neue parese tamanha como hũa gualinha mas quoamdo tem as penas fora não tem mais quarne que hũa pomba ela tem panacho muito fino e muito prezado em framsa e tem muito gramde camtidade delas a lomguo do mar e rios de augua dose e fazem os filhos como as outras e tem os peis e o biquo como as outras e fazem criasão duas uezes no ano e são bomas de comer.

‖ **guirauaçu** (*uirauassú*): v. abon. Cp. URAÇU.

*c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 260: [Reptil aquatico] Uirauassú. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* ix. 132: [...] e embora algo com os homens se pareçam, originam-se êles dos reais *uirauassús* e muito pouco têm de humanos.

guiraundi *s.m.* Var.: 5 *urandi, uanandi* [< T. ɰĩrau'ni]. Pássaro da família dos tanagrídeos.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXVIII. 112): Há outros pássaros pretos, com os encontros amarelos, a que os índios chamam urandi, que criam em ninhos de palha, onde põem dois ovos, os quais cantam muito bem. IDEM *Ib*. LXXXIX. 115: Uanandi é um pássaro pequeno pardo, pintado de prêto pelas costas e branco na barriga; e tem o bico curto, e cria em ninhos de palha que faz nas árvores.

guiraupiaguara *s.f.* Var.: 5 *guigraúpiagoara, urapiagara, guiraopiguara*, 6 *guirá apiaguara* [< T. ɰĩraupia'ɰara < ɰĩ'ra 'ave' + upi'a 'ovo' + 'ɰara 'que come, comedor' ~ VLB II. 60: *Ouos* = Çupia].

Cobra da família dos colubrídeos, papa-ovos.

*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 16*v*.: Ay outra [cobra] q̃ chamaõ Guigraúpiagoara .i. [*id est = isto é*] comedora dos ouos dos passaros, he m^to preta, comprida, e tem os peitos amarellos, andaõ por cima das aruores, como nadando por agua, e naõ he pessoa q̃ tanto corra p'la terra, como ellas p'las aruores; esta destrue os passaros, e seus ouos. 1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXIII. 161): Urapiagaras são outras cobras, que andam pelas árvores salteando pássaros, e a comer-lhes os ovos nos ninhos, do que se mantêm; as quais não são grandes, mas muito ligeiras. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1195-1197: Guiraopiguara [cobra] anda pollas aruores come ouos he preta p'las costas e amarella p'la barriga estas saltaõ p'las aruores. 1610 J. MONTEIRO *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.*, VIII. (1949) 422: Há outras, [cobras] a que chamam guirá apiaguara, que na língua brasil quer dizer comedeira dos ovos dos pássaros. São muito compridas e delgadas, vivem nas árvores, e por cima delas andam com tanta velocidade como se fossem pássaros. Têm dentes roliços e crueis, mas sem peçonha.

guiri *s.m.* Var.: 5 *curi*, 6 *guori* [< T. ɰĩ'ri ~ VLB I. 50: *Bagre do mar, hũs aluinhos* = Guirî; outros amarelos, Urutû].

Nome indígena do bagre.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXXXII. 203): Há outro peixe, a que os indios chamam curis e os Portuguêses bagres: tem o couro prateado sem escama, tomam-se à linha, tem a cabeça como enxarroco, mas muito dura; e tem o miolo dela duas pedrinhas brancas muito lindas; [...]. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 167: guori he o baguere e ha de quoatro ou cimquo castas e he algum de coatro ou cimquo palmos e ha de amarela que parecem cor de ouro naguoa e outro que tirão de preto e cam mais pequenas e he o mais comum peixe que se toma nesta tera e heu ui matar ao pauo [*sic*] caregua de coatro ou cimquo pecoas e he bom de comer e tem duas pedras na cabeça pequenas redomdas. IDEM *Ib*. fl. 167*v*.: guoriatiuai he o baguere brabado de hũ palmo e meio os mahores da cor azul escuro e pela barigua tira de bramque e he muito bom peixe sal prezo e ce tomão muitos a linha.

‖ **guoazaranha**: v. abon.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 124: [...] ha hũa casta dos tais [caranguejos] a que chamaõ -vsâ- e outra serỹ — e tambem, goajâ — e da mesma maneira o guoazaranha e Aratu — e outra casta delles que se tem por contra peçonha posto que eu o naõ esperimentey — tambem se achaõ hũs de outra callidade a que chamaõ — garausâ — e sobre tudo os — guanhamus — cuja natureza cauza espanto.

‖ **guoquy**: v. abon.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 131: [...] moquos — ou guoquy — por outro nome — saõ hũns bichos do tamanho de hũ laparo com os coais despensou natureza que tiuesem bolso debaixo da barriguadentro do coal aguazalhaõ os filhos despois que os parem e coando caminhaõ os leuaõ ally dentro metidos e estando parados os soltaõ pera que pastem e comaõ pello campo e querendo outra vez caminhar os tornaõ a Recolher.

guraputepoca *s.f.* [< T. *?*].

V. abon.

1792 F. O. BARBOSA *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 23: Os passaros são innumeraveis e de diversas qualidades, como são [...] gurapútepócas, guratayaseis, [...]. 1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 222: Entre outras numerozas especies de aves notaveis pela sua grandeza, ou sabor, ou plumagem, ou raridade, nomeam-se as êmas, colhereiras, carões, tabuyayás, tayuyus, jacús, mutuns, macucos, tucanos, papagaios, arapongas, guraputepócas, pombos troquazes, rolas, garças, anhumas, urubus brancos socós, patos, maçaricos.

guri *s.m.* Var.: 9 *guri, gury* [< T. ɰĩ'ri 'bagre': v. GUIRI].

Bagre novo; *por extensão*, criança.

1911 A. MAIA *Tapera* 54: Fôra uma bala atirada quasi ás cegas, braço para traz, contra outro; e emquanto, com estrupido injuriando-se, dois cavalleiros passavam a disparada, desappareciam, pallido, de olhos esgazeados, um fio de sangue a almagrar-lhe sobre o peito a camisa encardida, o guri, como um passarinho ferido, offegava moribundo nas hervas. 1913 SIMÕES LOPES *Lendas do Sul* 46: Terra massiça, mato cerrado, capins, limos... e nenhuma fresta, nem brecha nem buraco, nem furna, caverna, tóca, por onde escorresse um corpinho de guri, quanto mais passasse porte de homem... 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* iii. 36-37: O pecurrucho tinha cabeça chata e Macunaíma inda a achatava mais batendo nela todos os dias e falando pro guri: [...]. 1929 G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* xi. 158: — Não acha que está definhando? Este gury não brinca, vive no ar, tristesinho.

guriatã *s.m.* Var.: 5 *guigranheengetá, uranhengatá, uraenhan-*

guetá, guiranheẽgueta, 6 *guiranheenguetá, gurajnhete, guraingaeta,* 7 *guarinhataã,* 8-9 *grunhatá,* 8 *gurinhatã,* 9 *guriatans* (pl.) [< T. ɰïrañeeŋa'tã < ɰï'ra 'ave' + añeeŋa'tã 'falar' ~ VLB I. 133: *Falar aspero* = Anheengatã].

Pássaro da família dos tanagrídeos.

*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 19: Guigranheengetã. Este passaro he do tamanho de hũ pintasiluo, e tem as costas, e asas azuis, e o peito, e barriga de hũ amarello finiss°. Na testa tem hũ diadema amarello q̃ o faz m^to^ fermoso, he passaro excellente p^a^ gayola por falar de muitas man^as^ arremedando m^tos^ passaros, e fazendo m^tos^ trocados e mudando a falla ẽ mil man^as^, e atura m^to^ ẽ o canto, e saõ de estima, e destes de gayola ha m^tos^ e fermosos, e de uarias cores. 1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXVII. 109): Uranhengatá é uma ave do tamanho de um estorninho, que tem o peito, pescoço, barriga e coxas de fino amarelo, e as costas, asas e rabo de côr preta mui fina, e a cabeça e derredor do bico um soqueirxo amarelo, e as pernas e pés como frouva. IDEM *Ib.* LXXXVIII. 112: Há outros passarinhos, a que os índios chamam uraenhanguetá, que são quase todos amarelos, que criam em ninhos de palha que fazem nas árvores, os quais cantam nas gaiolas muito bem. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1823-1827: Guiranheẽgueta He de hũ pardo azul pollas costas e por baixo amarello tẽ hũ barrete amarelo cãta bẽ e de m^tas^ maneiras arremeda outros e assi armaõ cõ estes pondolhe visgo jũto da gajola. 1610 J. MONTEIRO *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.*, VIII. (1949) 424: É pássaro pequeno, do tamanho de um pintassilgo, preto pelas costas e por baixo amarelo, com um barrete da mesma cor, que o faz mui gracioso. É o passaro mais músico de quantos há nesta Província, porque arremeda a todos os mais, e por isso o chamaram guiranheenguetá, que quer dizer pássaro que fala todas as linguas de todos os mais passaros. São mui prezados. Estes são os que de ordinário se conservam cá em gaiolas. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 113*v*.: [...] gurajnhete — passaro de penas amarellas e pretas [...] outro passaro chamado pello nome da terra — guaraingaeta — cuja estranha callidade quero deixar em silençio por me naõ alarguar em Referilla. 1728 N. M. PEREIRA *Peregrino da América* I. v. 48: A linda Guarinhataã | Chochorriando, compoz | Hum solo bem affinado, | Que seu amor explicou. 1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 84: Grunhatá he do tamanho de pintarroxo, amarello pela parte inferior, e na anterior da cabeça; o resto he escuro tirando a azulado: seu canto he armoniozo: arremeda outros passarinhos depois de acostumado á gaiola. 1881 F. TÁVORA *Lourenço* (ed. 1902, XVIII. 280): Depois de andar cêrca de meia hora, deu na varzea que de ha muito não via, a varzea do Japomim, por onde brincara alguns annos antes, pegando canarios e gurinhatãs, quando o seu espirito discorria por horizontes sem nuvens nem limites, quando no seu coração não havia nenhum espinho. 1935 JORGE DE LIMA *Calunga* i. 15: Um vendedor de passaros veiu com uma gaiola; pintasilgos, guriatans, sangue-de-boi, curiós, xexéus, galos de campina. 1956 GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 30: Assovios que fechavam o dia: o papa-banana, o azulêjo, a garricha-do-brejo, o suiriri, o sabiá-ponga, o grunhatá-do-coqueiro...

‖ **guriaz, goariá:** v. abon.

*a*1667 HERIARTE *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 169): Tem [esta ilha] muitas fructas, ananás, pacovas, batatas, canas de assucar, quarazes, guriazes, tamataranas, laxacces, melões, balancias, uvas, figos, romans, limoens, laranjas e outras muitas. 1721 F. F. HENRIQUES *Âncora medicinal* (ed. 1731, 220): Goariá. He raiz quente, e humida, de bom gosto, mas coze-se e digere-se-mal, e nutre pouco; cauza colicas, e flatulencias; cultiva-se no Brazil; come-se cozida ou guizada.

gurijuba *s.f.* Var.: 8 *gorujúba, gurujuba,* 8-9 *gurijuba* [< T. ɰïrï'juŋa < ɰï'rï 'bagre' + 'juŋa 'amarelo': v. GUARÁ[2]].

Peixe siluriforme da família dos arídeos.

1817 CASAL *Corografia Brazílica* II. 292: Entr'outras especies de pescado cria gorujúbas, grandes perahybas, [...]. 1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 35: Na costa criam-se as famosas *gurujubas,* peixe de pelle amarella, e cujo buxo dá a melhor cóla; *caçoens, tainhas, curimans, bagres, uritingas, camurins, carásassús, méros* de disforme grandeza, *óstras, carangueijos, caramujos, mixilhoens,* [...]. 1895 J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazónia* I. vi. 88: A tainhà e a gurijuba pertencem ainda á grande pesca. A destas especies faz-se fóra das aguas amazônicas, a da gurijuba em pleno mar, [...]. IDEM *Ib.*: A gurijuba, semelhante a um grande bagre, de pelle amarellaça, cresce até 1m a 1,m20. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* xvii. 251: Isso vieram muitos peixes, veio acará veio piracanjuba veio aviú gurijuba piramutaba mandú surubim, todos êsses peixes.

‖ **guronna:** v. abon.

1801 in RAPM, II. (1897) 686-687: Generos vigetaes, Madeiras [...] Guronnas, [...].

‖ **gurumarim:** v. abon.

1817 CASAL *Corografia Brazílica* II. 37: [...] grande diversidade d'arvores de bom páu para construcção principalmente [...] gurumarim amarello, e branco; [...].

‖ **guturá:** v. abon.

*c*1767 J. DANIEL *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, II. (1840) 341: [...] e um guturá, certo genero de cestos que tecem os maridos, em que mettem todo este enxoval quando vão de casa mudada de umas para outras partes, [...].

H

|| **hain:** v. abon.

*c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1464-1468: Dos passaros q̃ andaõ de noite Ha de m[as] castas piquenos e grãdes algũs como corujas grandes .s. Vrucuriaguaçu Vruiagui 2 pipupipuba Jacuritu 2 Abijaguaçu hain aig. 2 aritara 2. Putunara Cuxa Aguigui baèvaũ. [A propósito da dificuldade para a interpretação dos nomes de animais citados neste trecho, ver o comentário ao verbete *abijaguaçu*].

|| **hiá:** v. abon.

*c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 258: [Macaco] Hia, ou macaco noctambulo.

I

iá *s.m.* Var.: 6 *yha* [< T. ï'a ~ VLB I. 61: *Cabaça ou cabaço inteiro ou com buraco sementes* = Jgá ~ Cp. ANHÁ].

Planta da família das cucurbitáceas (*Lagenaria vulgaris* Ser.), cujo fruto os indígenas utilizavam como vasilhas ou cabaças.

*c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 177*v.*: yha quer dizer cabaso e tem a folha desta propia maneira que aqui esta pintada a frol he bramqua a folha xeira a catimgua e ha algum que leua seis ou sete canadas da medida daqui e ha muita cãotidade deles e he a seruemtia desta tera quoamdo são pequenos e uerdes são bomis a comer.

iara *s.f.* Var.: 8 *yára,* 8-9 *yara,* 9 *uyára, oiára, uiara, iara* [< T. 'ɨara ~ VLB II. 116: *Senhora cuja he a cousa* = Jara].

Sereia dos rios e dos lagos, segundo a mitologia indígena; mãe-d'água.

1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 319): [...] fazia-me pensar na *yára* da lenda indigena e a mim mesmo perguntava si não era eu o mancebo da lenda, a quem a mãi d'agua aparecia com todos os seus encantos para o seduzir. 1895 COELHO NETO *Miragem* II. ii. 164: [...] tinham o patronato mysterioso das varas que, á noitinha, vinham á beira humida pentear os cabellos verdes como o limo das pedras, e nuas, inteiramente nuas, cantando tristes e maviosas trovas que iam pela noite e pelo bosque a fóra, embalando e seduzindo os que sem perceberem a insidia das virgens diaphanas, eram attrahidos e desappareciam, [...]. 1907 IDEM *Fabulário* II. 237: Morena, lisos cabellos negros, tão linda que as uyáras vinham á tona do rio e, nadando em torno do berço fluctuante, contemplavam-na maravilhadas. 1910 H. CAMPOS *Poeira* 232: Homem não é que com temôres ande. ! Mas... tem medo de vêr a vara um dia. ! E uma noite de encontrar a cobra-grande. 1918 SIMÕES LOPES *Lendas do Sul* 90: A Oiára ou Maî d'agua — é um demonio macho-femea dos rios. É um tapuio ou tapuia de rara beleza, morador no fundo dos rios ou lagos, e que facina aquelle que cai em seu poder, induzindo a pessoa facinada a lançar-se nagua. 1922 M. ANDRADE *Paulicea desvairada* 53: Ha navios de vela para os meus naufrágios! ! E os cantares da uiara na rua de São Bento... 1928 IDEM *Macunaíma* v. 62: [...] que a máquina devia de ser um deus de que os homens não eram verdadeiramente donos só porquê não tinham feito dela uma Iara explicavel mas apenas uma realidade do mundo. IDEM *Ib.* xvi. 231: As aguas araguaias murmurejavam chamando a reta da igaritè com gemidinho e lá do longe vinha a cantiga peguenta das uiaras. 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* xiii. 149: Entretanto, ha casos de jovens tapuios que o cetaceo, no caracter de vara, de sereia portanto, *pega* tambem e leva para o fundo dos lagos e dos rios, donde nunca mais voltam.

‖ **iaroubi:** v. abon.

1590 in ACSP, I. (1914) 388: [...] pelo quererem matar è jaguari abaixo de hũa tapera de iaroubi e lhe matarão alli a hũ mansebo [...].

ibabiraba *s.f.* Var.: 6 *baibiraba, ibabiràba.* Cp. GUABIROBA [< T. ïɰaɣe'raɰa < ï'ɰa 'fruta' + ɣe'raɰa 'brilhante'].

Nome comum a diversas plantas da família das mirtáceas, algumas das quais, como a *Campomanesia maschalantha,* fornecem madeira branca, dura e elástica, própria para construção civil.

1648 M. CALADO *O Valeroso Lucideno* III. v. 151: [...] & a outra ametade [da ponte] se fez de pilares de pao mui grossos, & fiaos, & de tal casta, que não apodrece a tal madeira na agua, mas antes reverdece, a qual madeira se chama Baibiraba: [...]. 1663 S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 87. 163 [*à margem*]: andà, engà, joà, [...] jaracatià, ibabiràba, ibacamuci, ibapurũga, getaigba, miùba vmarì, saõ fruitas agrestes, seruem a Indios, & a gado.

ibacamuci *s.m.* Var.: 5 *ibá camuci, jgbacamuci, jbacamuçu,* 6 *ibacamucì* [< T. ïɰakamu'si < ï'ɰa 'fruta' + kamu'si 'pote' ~ Cp. CAMUCIM].

V. abon.

1561 NÓBREGA *Cartas* (ed. S. Leite, 1955, 377-378): Vão tãobem marmeladas de ibás, camucis [= *ibacamucis*], e arasazes para as camaras; huma pouca de abobara. *c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 21*v.*: Jgbacamuci. Destas aruores ha m.^{tas} em s.v. ^{te} daõ huãs fruitas, como bons marmellos da feiçaõ de huã panella, ou pote, tẽ alguãs semẽtes dentro m^{to} piquenas, saõ vnico remedio p^{a} as camaras de sangue. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1905-1908: Jbacamuçu Saõ grandes aruores e daõ fruito como Romã dentro tẽ como sorua senaõ as peuides o gosto azedo saõ boas p^{a} camaras em s. Vte ha muitas. 1663 S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 87. 163 [*à margem*]: andà, engà, joà [...] ibabiràba, ibacamucì, ibapurũga, getaigba, miùba vmarì, saõ fruitas agrestes, seruem a Indios, & a gado.

ibamirim *s.m.* Var.: 6 *iba merim,* 7 *hiba mirim, uba merim.* Cp. GUAMIRIM [< T. ïɰami'rĩ < ï'ɰa 'fruta' + mi'rĩ 'pequeno'].

V. abon.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 110*v.*: [...] iba, merim como limõis [...]. 1700 in ACSP, VII. (1915) 539: [...] e a ponte tera de largo quatro palmos antes de mais q̃ de menos, e as travesas de madeira de ley serrada e os esteios de hiba mirim com boa pregaria como se tem Usado athe agora [...]. 1731 IDEM X. (1915) 120: [...] que a madeira da dita ponte hade ser de canella o taboado, e que os tauxois seram de uba merim e Camboy [...].

‖ **ibanemixama** (*igbànemixama*): v. abon. Cp. GRUMIXAMA.

1663 S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 87. 162: Igbànemixama, tem o fruto a modo de ameixas çaragoçanas, de bom sabor. [Merece referência especial o seguinte registro: 1813 MORAIS *Dic.* II. 128: IGRANAMIXÀMA, s.f. Fruto do Brasil (...) *Vasconc. Not.* Lá (*scil.* no Brasil) chamão-lhe vulgarmente *grumixama*; são vermelhas ou roixas.].

ibapuringa *s.f.* Var.: 6 *vbaperungua, ibapurũga* [< T. ?].

Planta da família das ramnáceas.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 110*v.*: [...] vbaperungua — [fruta] como vuas bastardas [...]. 1663 S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 87. 163 [*à margem*]: andà, engà, joà [...] ibapurũga, getaigba, miùba vmarì, saõ fruitas agrestes, seruem a Indios, & a gado.

‖ **ibaraè:** v. abon.

1663 S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 87. 163 [*à margem*]: andà, engà, joà [...] murici, amoreira, pequià, ibaraè, guaihirabà, [...] saõ fruitas agrestes, seruem a Indios, & a gado.

‖ **ibarùba:** v. abon.

1663 S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 87. 163 [*à margem*]: andà, engà, joà [...] ibarùba, iberàba, ibaxùma, [...] getaigba, miùba vmarì, saõ fruitas agrestes, seruem a Indios, & a gado.

‖ **ibaxùma:** v. abon.

1663 S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 87. 163 [*à margem*]: andà, engà, joà [...] ibarùba, iberàba, ibaxùma, japarandiba, jabotapitàba, [...] saõ fruitas agrestes, seruem a Indios, & a gado.

‖ **iberàba:** v. abon.

1663 S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 87. 163 [*à margem*]: andà, engà, joà [...] iberàba, ibaxùma, [...] saõ fruitas agrestes, seruem a Indios, & a gado.

‖ **ibiaú** (*jbiaũ*): v. abon.

*c***1594** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 2285-2286: [*Peixe de água doce*] Jbiaũ, picoĩs pretos dalêtejo tẽ azeite de gordos, [...].

ibiboca, ibiboboca *s.f.* Var.: 5 *jgbigboboca, ububoca, jbibiboca,* 6 *ibigboboe* [< T. ĩ*mj* ĩ'*mj* oka, ĩ*mj* ĩ *mj* o'*mj* oka < ĩ'*mj* ĩ 'terra, chão' + '*mj* oka, *mj* o'*mj* oka, 'abertura, fenda': v. BIBOCA ~ VLB I. 76: *Cobra* = Boya Gnro. (*scil.* gênero) suas especies são muitas. As q. matão. Jararaca. Boypeba; Çurucucuc; Boycoatiara, Ybiboca, Ybijara (...) A dos corais, Igbigboca (...)].

Nome indígena da cobra-coral.

[**1560** ANCHIETA *Carta* in S. Leite *Cartas* III (1958) 216: Sunt et alii mira pictura decorati, nigro, albo et rubro coraliis simili distincti colere, qui *ibibobóca*, id est terra fossa dicuntur.]. *c***1584** CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 17*v.*: Jgbigboboca. Esta cobra he m^to^ fermosa, a cabeça tem uermelha branca, e preta, e assi todo o corpo manchado destas tres cores. Esta he mais peçonhenta de todas, anda deuagar, e uiue em as gretas da terra e por outro nome se chama a cobra dos corais. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXI. 157): Ububocas são outras cobras assim chamadas do tamanho das gereracas, mas mais delgadas, a que os Portuguêses chamam de coral, porque tem cobertas as peles de escamas grandes vermelhas e quadradas, que parecem coral; e entre uma escama e outra vermelha, tem uma preta pequena. *c***1594** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1263-1268: Jbibiboca He a mais fina pessonha de todas mas naõ faz mal comũmẽte e se morde poucos escapaõ tem hũ fino vermelho e brãco e preto piquena e Redonda tẽ de cõprido comũm^te^ tres palmos andaõ entre taipas de barro ou de casas comũm^te^ mas ha poucas [...]. **1610** J. MONTEIRO *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.*, VIII. (1949) 423: Há outra [cobra], a que chamam ibigboboc. Os Portugueses lhe chamam *cobra coral,* e não se viu escapar nenhum em que mordessem, nem mordeu senão depois de as assanharem ou pisarem. São repartidas de fino branco, preto, vermelho, que não há mais que ver. Disseram-me alguns Padres que as maiores seriam de quatro palmos; contudo em uma Quinta nossa ou Tanque, como cá lhe chamam, desta Baía, me achei junto a uma fonte, perto da qual em um terreiro andava uma que era sumo prazer de ver: Matamo-la. Mas tinha mais de cinco palmos de comprido. Quem não souber o que é aquilo, sem dúvida o toma na mão pela beleza de suas cores.

ibijara *s.f.* Var.: 5 *hebijára, ubojara, jbigyara,* 6 *ebijara* [< T. ĩ*mj* ĩ'*mj* ĩjara < ĩ'*mj* ĩ 'terra, chão' + 'jara 'senhor, senhora' ~ Cp. IBIBOCA].

Réptil lacertílio da família dos anfisbenídeos, também conhecido como cobra-de-duas-cabeças.

*a***1576** GÂNDAVO *Trat. Prov. Brasil* (ms. do British Muscum) 1265-1271: Outras q̃ lhes chamão hebijáras, tem duas bocas hũa na cabeça outra no Rabo mordem com ambas, esta cobra he branca e mui curta, o mais do tempo está debaixo da terra he pessonhentissima sobre todos, quem desta for mordido não tera vida muitas oras: [...]. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXII. 159): Nos formigueiros velhos se criam outras cobras, que se chamam ubojara, que são de três a cinco palmos, e tem o rabo rombo na ponta, da feição da cabeça; e não tem outra diferença um do outro que ter a cabeça bôca, em a qual não tem olhos e são cegas; e saem dos formigueiros, quando se êles enchem com a água da chuva; [...]. *c***1594** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1269-1272: Jbigyara He taõ groça na cabeça como no Rabo naõ tẽ olhos tẽ coua na terra q̃ fura e se morde he fina peçonha. **1605** F. GUERREIRO *Relação* (ed. A. Viegas, 1930, I. 380): Os indios por me fazerem festa e caridade, deixaram primeiro chegar o Moço que nos servia, ao buraco, o qual com trabalho encheu um púcaro, que além de ser mui salobra, tinha tal côr que me foi necessario fechar os olhos para a beber, mas em acabando de beber, eis que chegam correndo uns indios, que a não bebesse, porque no buraco estava uma ebijara (que é um certo género de cobras das mais peçonhentas, que há no Brasil).

ibijaú *s.m.* Var.: 5 *ubujaú* [< T. ĩ*mj*ĩja'u ~ VLB II. 50: *Noitiuo passaro* = Ygbigjaû ~ Cp. ABIJAGUAÇU, BURAHU].

Ave da família dos caprimulgídeos (*Nyctidromus albicolis* Gm.).

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXVI. 106): Há outros pássaros, a que os indios chamam ubujaús, que são tamanhos como pintãos, tem a cabeça grande, o rabo comprido; e são todos pardos e muito cheios de penugem, os quais andam de noite gritando cuxaiguigui.

ibiraçanga *s.f.* Var.: 6 *ybirassanga,* 9 *mirassanga* [< T. ĩ *mj*ĩraĩ'sa*ŋ*a ~ VLB II. 64: *Pao feitiço pera matar, como o q. usão os guaimorés* = Ygbigrâigçanga].

V. abon.

*c***1698** J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII (1909) 41: [...] e logo depois investindo com furor e crueldade diabolica contra o servo de Deus lhe deram repetidos golpes com suas ybirassangas, que são uns páus duros, largos e compridos, [...]. IDEM *Ib.* 70: [...] armados de seus arcos e fréchas, e sobre isso de suas ybirassangas, que são os páus com que quebram a cabeça; [...]. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* xiv. 202: Macunaíma saiu atrás. Jiguê era muito valente. Pegou numa mirassanga enorme e foi devagarinho atrás deles. Procurou procurou e encontrou Suzi com Macunaíma de mãos dadas no jardim da Luz. Já estavam se rindo um pro outro. Jiguê desceu a mirassanga nos dois, levou a companheira prá pensão e deixou o mano fatigado na beira da lagoa entre cisnes.

ibiracica *s.f.* Var.: 5 *ubiracica,* 6 *inuiracica,* 7 *burissica.* Cp. EMBIRICICA [< T. ĩ*mj* ĩraĩ'sĩka < ĩ*mj* ĩ'ra 'madeira, pau' + ĩ'sĩka 'resina' ~ VLB I. 114: *Encenso* = Ybiraigcigca. Ygcigcaapoãgatu].

Almecegueira do Brasil (*Protium icicariba*), da família das burseráceas; ICICA, ICICARIBA.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LX. 38): Há outras árvores de muita estima, a que os índios chamam ubiracica; tem honesta grandura, de cuja madeira se não aproveitam, mas valem-se de sua resina, de que lança grande quantidade, e quando a deita é muito mole e pegajosa; a qual é maravilhosa almécega, que faz muita vantagem à que se vende nas boticas, e para uma árvore lançar muita, picam-na ao longo da casca com muitos piques, e logo começa a lançar por êles esta almécega, que lhe os índios vão apanhando com umas fôlhas aonde a vão ajuntando e fazem em pães. **1648** in ABN, LXXXII. (1962) 329: [...] huma árvore que chamão inuiracica, [...]. **1711** A. J. ANTONIL *Cultura e Opulência do Brasil* I. II. VII. 57: As Caixas, em que se mete o Assucar, se fazem de jequitibá, & Camassarí: & naõ havendo destas duas castas de pao, quanto basta; se poderáõ valer de Burissica para fundos, & tampos.

ibiraçoca *s.f.* Var.: 5 *ubiraçoca* [< T. *ĩ *mj*ĩra'soka ~ Cp. MURIÇOCA].

V. abon.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXLIII. 228): Aos gusanos chamam os indios ubiraçoca, do qual não é de espantar furar a madeira dos navios, pois fura as pedras, onde não acha paus, as quais se acham cada hora lavradas dêles, e furadas de uma banda e outra; êste gusano é um bicho mole e comprido como minhoca, e da mesma feição; e tem a cabeça e bôca dura, o qual se cria em uma casca roliça, retorcida, alva e dura, como búzio, e com ela faz as obras e dano tão sabido; [...].

ibiracuá *s.f.* Var.: 5 *jgbigracuá, ubiracoá, jbiracua* [< T. ĩ *mj*ĩra'ku*a* ~ VLB I. 76: *Cobra* = Boya Gnro. (*scil.* gênero) suas especies são muitas (...) Ibiracua que sempre esta nos paus e morde de arremeço].

Variedade de cobra: v. abon.

*c***1584** CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 17*v.*: Jgbigracuá. He taõ uchemente a peçonha desta cobra q̃ em mordendo a hũa pessoa logo lhe faz deitar o sangue por todos os meatos que tem .s. olhos, narizes, boca, orelhas, e por quantas feridas tem em seu corpo, e correlhe põr muito espaço de tempo, e se lhe naõ acodem todo se uasa em sangue, e morre. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXIII. 161): Há outra casta de cobras a que os índios chamam ubiracoá, que são pequenas e de côr ruivaça, as quais andam sempre pelas árvores, donde mordem no rosto e pelos lugares altos das pessoas, e não se descem nunca ao chão; e se não acodem à mordedura desta com brevidade, é a sua peçonha tão fina que faz arrebentar o sangue em três horas por tôdas as partes, de que o mordido morre logo. *c***1594** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1258-1262: Jbiracua Saõ m^to^ Roĩs de tres palmos saõ verdes e algũ tanto

branco estaõ ẽ tocas das aruores e como mordẽ logo o sangue sae p'lo corpo até q̃ se escoa e morre a pessoa.

ibiracuatiara *s.f.* Var.: 6 *uburaquatiara, iburâquatiára, buracutiará, baracutira, bum-cutiara, 7 mucoatiára, 8 muirá-quatiára.* Cp. CUATIARA [< T. ĩɲ ĩrakụa'ṭiara < ĩɲ ĩ'ra 'pau' + kụa'ṭiara 'pintado' ~ VLB II. 64: *Pao, gnlr.* = Igbigrâ. *Ib.* II. 27: *Madeira ou madeiro, gnlr.* = Igbirâ. *Ib.* II. 78: *Pintura, substantiue* = Coatiara, I. Ycoatiara].

Madeira rajada; CUATIARA.

1618 in RIC, XIX. (1905) 68: [...] e muito pao a quem os Indios chamão Uburaquatiara que é o melhor que até agora se ha descuberto em todo o Brazil por ser como damasco, e tambem carregavão pao de tinta chamado tatagiba com algum ambar. **1627** V. SALVADOR *Hist. Brasil* IV. XXXVIII. fl. 142: [...] e daly foraõ â enceada gr.de do Ambar, e à matta do pao de cores, q̃. chamão iburâquatiâra depois ao Camocy [...]. **1628** in RIHP, XL. (1945) 80: A segunda he a do Maranhão de pouco fundam.to Ruins terras, para Canas de assucar. M.tas Madeiras notaveis, tinta de Orocu, Tabaco e Algodão em abundancia dá a Terra, e ha nella hũa Madeira a q. chamão Buracutiará q. he eicelente nas cores p.a obras de Bap.chs escritorios e leitos. IDEM 80: A treceira he a do Seará. Ruim Porto e baixo a terra sem prestimo p.a emgenho de assucar e sem madeiras suposto que tambem naquelle distrito onde chamão Gerequaquará ha pao Baracutira, [...]. *a***1667** HERIARTE *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 170): [dentro da ilha] tem campeche, em abundancia, e tatajuba, que dá tinta amarela; e muita madeira a que chamam Bum-Cutiara e páo-santo, que serve para escritorios, catres e outras obras semilhantes. *c***1777** F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 263: [Arvore que serve para madeira] Mucoatiára, outra especie de pintado. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 8: Para a marcenaria se escolhe a preciosa madeira *macacaúba,* vermelha e ondeada de preto, que depois de polida se assemelha á tartaruga: *muirá-quatiára,* que no idioma Tupinambá significa pão pintado, he amarella, e tambem ondeada de preto; o *jacarandá,* e o *muirá-piníma* de diversidade de veias coloridas, bem como o *páo setim, mariquitaia,* páo roxo, todos de grande preço e estima.

|| **ibiracuatino** (*ybira çoatino*): v. abon.

*c***1698** J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 15: A marcancia que desta Ilha se pode tirar, são páus de *ybira coatino,* páo roxo, pao amarello, e ybira peteruna, como tambem pau santo, e côr de ouro, que se acha nos mattos de Tapecuru; [...].

ibiracuí *s.m.* Var.: 6 *ibiracuí, buraquihi* [< T. ĩɲ ĩraku'ĩ < ĩɲ ĩ'ra 'pau' + ku'ĩ 'pó' ~ VLB II. 79: *Po de cousa moida ou pizada* = Cuî, ut, Igbira cuî polo po ou farinha q. faz a terra ou caruncho no pao, etc.].

Espécie de madeira: v. abon.

*c***1607** J. RODRIGUES *Relação* in S. Leite *Novas Cartas Jesuíticas* (1940) 206: E estes inculcaram ao Padre um pau *ibiracuí,* de que em uma semana fizeram uma canôa de cinco palmos de boca e de 50 e tantos de comprido, [...]. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iii. fl. 84*v*.: [...] e assim diguo que as madeiras de que tenho noticia e me alembra a callidade dellas saõ estas, [...] buraquihi, asas proueitoso [...].

ibiraigara *s.f.* Var.: 5 *ubiragara* [< T. ĩɲ ĩraĩ'ara ~ VLB I. 32: *Almadia, ou canoa de pao* = Ibirâigara. Igarete, e se he piquenina Cigueoca].

V. abon.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXI. 70): Pelo sertão da Bahia se criam umas árvores muito grandes em comprimento e grossura, a que os índios chamam ubiragara, das quais fazem umas embarcações para pescarem pelo rio e navegarem, de sessenta e setenta palmos de comprido, que são facilíssimas de fazer; e porque se cortam estas árvores muito depressa por não ter dura mais que a casca, e o âmago é muito mole e tanto que dois índios em três dias tiram com suas foices o miolo todo a estas árvores, e fica a casca só, que lhe serve de canoas, tapadas as cabeças, em que se embarcam vinte e trinta pessoas.

ibiraipu *s.m.* Var.: 5 *ubiraipu* [< T. ĩɲ ĩraĩ'pĩ ~ VLB I. 18: *Abelha, gnlr.* = Eiruba, tem muitas especies. Ybiraigpig. jateî. Eiruçu. Eirapua].

V. abon.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXXII. 177): Ubiraipu é outra casta de formigas, que se criam nos pés das árvores; são pardas e pequenas, mas mordem muito; as quais se mantêm das fôlhas das árvores, e da podridão do côncavo delas.

ibiraitá *s.f.* Var.: 5 *ubiraetá* [< T. ĩɲ ĩraĩ'ta < ĩɲ ĩ'ra 'pau' + i'ta 'pedra, ferro' ~ VLB II. 69: *Pedra gnlr.* = Itâ. *Ib.* I. 138: *Ferro, o metal* = Itâ].

Pau-ferro; IBIRAOBI.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXIX. 65): Há outras árvores grandes de que se fazem esteios para os engenhos, a que os índios chamam ubiraetá, e os Portuguêses pau-ferro, por serem muito duras e trabalhosas de cortar, cuja madeira é pardaça e incorruptível, as quais árvores se dão em terra de pedras e lugares ásperos.

ibirajaca *s.f.* Var.: 5 *ubirajaca* [< T. °ĩɲ ĩra'ịaka].

V. abon.

1597 in ABN, LXXXII. (1962) 207: [...] huma árvore por nome ubirajaca onde fizerão duas cruzes [...].

ibiraobi *s.f.* Var.: 5 *ibiraobj* [< T. ĩɲ ĩrao'ɲ ĩ < ĩɲ ĩ'ra 'pau' + o'ɲ ĩ 'verde, azul'].

Pau-ferro; madeira dura e resistente, de cerne de cor arroxeada, extraída da *Cesalpinia ferrea,* da família das leguminosas; IBIRAITÁ.

*c***1574** *Inventário* in DHA, II. (1963) 87: Vinte e sinquo dentes de ibiraobj pera o engenho foi avaliado em cento e sincoenta reis.

ibirapariba *s.f.* Var.: 5 *ubirapariba* [< T. ĩɲ ĩrapa'rĩụa < ĩɲ ĩra'para 'arco' + 'ĩụa 'planta, árvore' ~ VLB I. 40: *Arco de tirar* = Igbirâpara, mas iá o custume tem Urapara].

V. abon.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXIX. 65): Ubirapariba é árvore grande, muito dura, de que os índios fazem os seus arcos, a madeira tem a côr parda, e é muito dura de lavrar e de cortar; que pelo ser se não aproveitam destas árvores, por quebrarem os machados nelas; cuja madeira se não corrompe, nem estalam os arcos, que se dela fazem: em os quais se faz aleonada depois de cortada: e é tão pesada que, em tocando n'agua, se vai logo ao fundo.

ibirapaúba *s.f.* Var.: *murapaúba* [< T. °ĩɲ ĩrapa'ĩụa ~ Cp. IBIRAPARIBA].

V. abon.

*c***1777** F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 263: [Arvore que serve para madeira] Murapaúba.

|| **ibirapeaponha:** v. abon.

1632 in ABN, LXXXII. (1962) 318: [...] logo meti outro marco com a mesma marca, junto a huma árvore que os índios chamão ibirapeaponha, [...].

|| **ibirapeteruna** (*ybira peteruna*): v. abon.

*c***1698** J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 15: A marcancia que desta Ilha se pode tirar, são páus de *ybira coatino,* páo roxo, pao amarello, e ybira peteruna, como tambem pau santo, e côr de ouro, que se acha nos mattos de Tapecuru; [...].

ibirapinima *s.f.* Var.: 6 *gurapinima, burapinima, ibirapinima,* 7 *burapenimâ, muyrapinima, murápenima,* 8 *merapinima, muirá-piníma* [< T. °ĩɲ ĩrapi'nima < ĩɲ ĩ'ra 'pau' + pi'nima 'pintado, malhado' ~ VLB II. 30: *Manchado animal ser* = Xepinim. Xepinĩpinigm. Xeparaparab. Xerâbarab. *Ib. Manchas assi diuersas* = Paraparaba. Pinima vel Pinipinima].

Madeira rajada.

16.. in RIC, XXXIV. (1920) 258: [...] e depois de fazer o signal por onde he conhecido, prezenteava o Principal, o qual logo despachava avizos aos seus Aldeados, que acudiam promptam.te, despachava-os a tirar Pao Violete e Gurapinima e outras Madeiras, [...]. **1656** J. SOROMAIOR *Jornada ao Pacajá* in DAP, VIII. (1945) 3: Enquanto havia esta forçosa detença os indios que se espalhavam á comedia acharam por vezes troncos de burapinima no chão, que o vento ou a muita idade tinha aruinado. Muito dele com haver anos segundo mostrava que estava derrubado estava ainda com as cores tão vivas que se mandaram cortar e guardar alguns rolos para o Senhor Governador, e dos pedaços menos uteis fizeram os índios arcos e bastoins. O certo é que os indios não conhecem esta arvore pela fôlha, como com eles averiguamos; e que só com irem picando os paus que acham no chão derrubados dão com algum deles: também é certo que há muito por estes matos pois só dos que o tempo ou o vento derruba se recolheu um bom numero de rolos: e se se prometesse aos índios prémio pela averiguação deste pau de modo que o conhecessem pelas fôlhas se poderia tirar grande copia deles que seria uma nova droga deste estado. *c***1698** J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 33: Tem ares moderadamente bons, aguas excellentes, carne, peixe e tartarugas em abundancia, mas não tanto nem tão bôas terras, e de lá tambem se vae pela terra a dentro ao páo de Ibirapinima. **1730** ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* II. § 35. 86: [...] todos os annos vaõ do Reyno a buscar os seus preciosos generos, cacao, bahinilha, cravo, salsa parrilha, urucû, e as estimadas madeiras condurû, violete, burapenimâ, que tem ondas compostas como por regras; e de umirî, cujo

tronco destila hum oleo mais fragrante que do balsamo, e a casca he taõ suave queimada, que serve de simples pastilha, para os perfumes admiravel; [...]. **1752** in ABAP, II. (1902) 32: Este Pao a que no Ryo Negro chamão Penyma não hé tão solido como os das Trombetas, nem tambem pintado. [*Nota*] Vão para Lisboa seis toros de muyrapinima remetidos do Rio Negro. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 263: [Arvore que serve para madeira] Murápeníma ou pintado. **1817** Casal *Corografia Brazilica* II. 278: [Entre as arvores oleozas e balsamicas...] o *merapinima* compacto, pezado, e manchado, parecendo tartaruga depois de polido; porém mui quebradiço; [...]. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 8: Para a marcenaria se escolhe a preciosa madeira *macacaúba*, vermelha e ondeada de preto, que depois de polida se assemelha á tartaruga: *muirá-quatiára*, que no idioma Tupinambá significa páo pintado, he amarella, e tambem ondeada de preto; o *jacarandá*, e o *muirá-piníma* de diversidade de veias coloridas, bem como o *páo setim, mariquitaia*, páo roxo, todos de grande preço e estima.

ibirapiranga *s.f.* Var.: 7 *murápiranga*, 9 *muirapiranga* [< T. ĩ*mb*ĩrapi'ra*ŋa* < ĩ*m*ĩ'ra 'pau' + pi'ra*ŋa* 'vermelho'].

V. abon.

*c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 263: [Arvore que serve para madeira] Murápiranga ou páo vermelho. **1928** M. Andrade *Macunaíma* vi. 76: Depois de muitos salamaleques Piaimã tirou os carrapatos da francesa e levou-a pra uma alcova lindissima com esteios de acaricoara e tezouras de itaúba. O assoalho era um xadrez de muirapiranga e pau-setim.

ibirapiroca *s.f.* Var.: 5 *ubirapiroca*, 6 *buraperoca, burapiroqua* [< T. ĩ*m*ĩrapi'roka < ĩ*m*ĩ'ra 'pau' + pi'roka 'esfolado' ~ VLB I. 124: *Esfolar* = Aipiroc].

Planta da família das mirtáceas.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxix. 65): Há outras árvores, a que o gentio chama ubirapiroca: saõ árvores compridas, muito direitas, de que se tira grossura até palmo e meio de testa, de que se fazem tirantes e frechais de casas. Esta madeira è pesada e vai-se ao fundo, e é muito rija e boa de lavrar; tem estas árvores a casca lisa, a qual péla cada ano, e vem criando outra casca nova por baixo daquela pele. **1617** in ABN, LXXXII. (1962) 260: [...] hum pao por nome buraperoca, no quoal se pôs também huma cruz, [...]. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iii. fl. 85: [...] e assim diguo que as madeiras de que tenho noticia e me alembra a callidade dellas saõ estas, [...] burapiroqua, louro, dos coais se aproueitaõ pera armaçôis de cazas, [...].

ibirapocá *s.f.* Var.: 5 *ybirapocâ, birapoca* [< T. ĩ*m*ĩrapo'ka ~ Cp. T. ĩ*m*ĩrapo'ka*ŋa* 'espingarda' ~ VLB I. 40: *Arcabus, ou espingarda* = Igbirapocaba].

V. abon.

1579 in ABN, LXXXII. (1962) 200: [...] huma árvore que se chama Ybirapocâ [...]. **1584** *Ib.* 202: [...] posta uma cruz em huma árvore que chamão birapoca [...].

‖ **ibiraporomocaci:** v. abon.

*c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1666: Do cupsertio, ibira poromacaci.

ibirarema *s.f.* Var.: 5 *ubirarema*, 6 *burarema*, 8 *guararema* [< T. ĩ*m*ĩra'rema 'pau-d'alho' ~ O T. ĩ*m*ĩra'rema resulta, provavelmente, da fusão de ĩ*m*ĩ'ra 'pau' com i*m*a'rema 'alho' ~ VLB I. 32: *Alho, ou alhos* = Ibarêma].

Planta da família das fitolacáceas; pau-d'alho.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxxiv. 78): Nestes matos se acham umas árvores meãs e direitas, de que se fazem obras de casas, a sua madeira por fora é almecegada e o âmago por dentro muito prêto; mas quando a lavram não há quem lhe sofra o fedor, porque é pior que o de umas necessárias, e chegar os cavacos aos narizes é morrer, que tão terrivel fedor tem; e metendo-se no fogo, se refina mais o fedor; a estas árvores chamam os índios ubirarema, que quer dizer madeira que fede muito. **1617** in ABN, LXXXII. (1962) 260: [...] no sopé do dito outeiro, se fês outra crus em huma copaíba, junto da quoal está hum burarema, [...]. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iii. fl. 84: os caixôis se fazem de pao mole como saõ mungubas — buraremas, visgeiro, pao de gamella, camasaris e hũ pao que chamaõ de alho, e outro branquo e dos tais ha diuersas castas por que pera caixôis se busca sempre madeira mole por ser mais facil de serrar. **1863** M. A. Porto Alegre *Brasilianas* 58: De rubros angelins, odores cedros, | Louras parobas, guararemas causticas, | No proprio ventre das errantes nuvens | A esponjosa guedelha iria ovante, | Antes do raio e dos trovões medonhos, | Sorver o cibo nas cinzentas chuvas.

ibiratinga *s.f.* Var.: 5 *ubiratinga* [< T. ĩ*m*ĩra'ti*ŋa* < ĩ*m*ĩ'ra 'pau' + 'ti*ŋa* 'branco, claro'].

Planta da família das aspidospermas.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxxiii. 77): Há outras árvores, a que os índios chamam ubiratinga, que não são grossas, mas compridas e direitas, e tem a casca áspera;-a côr da madeira é açafroada e boa de fender, o que se lhe faz para fazerem hastes de lança e arremeções, que se fazem muito formosos, e de dardos que são mais pesados que os de Biscaia; mas mais duros e formosos. Dão-se estas árvores em terras baixas e úmidas perto do salgado.

ibiraúna *s.f.* Var.: 5 *ubiraúna*, 7 *muraú*. Cp. braúna [< T. ĩ*m*ĩra'una < ĩ*m*ĩ'ra 'pau' + 'una 'preto'].

Planta da família das anacardiáceas (*Schinopsis brasiliensis* Engl.); braúna.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxix. 65): Ubiraúna são árvores grandes de que se fazem esteios para os engenhos, por se não corromper nunca; cuja madeira é preta, muito dura de lavrar, e tão pesada que se vai ao fundo se a lançam n'água. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco*, in RIH, XIII. (1872) 263: [Arvore que serve para madeira] Muraú.

ibiriba *s.f.* [< T. *ĩ*m*ĩ'rĩu*a* < *'ĩ*m*ĩra (forma paralela de ĩ'*m*ĩra 'fibra, filamento, estopa' + 'ĩu*a* 'planta' ~ Cp. biribá, embira].

Designação comum a várias plantas, particularmente as da família das anonáceas, que fornecem a embira.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxviii. 63): Há uma árvore meã, que se chama ibiriba, de que se fazem esteios para os engenhos, tirantes e frechais, e outra obra de casas, tirando tabuado por ser má de serrar. Esta madeira é muito dura e má de lavrar, é muito forte para todo o trabalho, e não há machado com que se possa cortar, que não quebre ou se trate mal, è muito boa de fender; a qual os indios fazem em fios para fachos com que vão mariscar, e para andarem de noite; e ainda que seja verde cortada daquela hora, pega o fogo nela como em alcatrão; e não apaga o vento os fachos dela; e em casa servem-se os indios das achas desta madeira, como de candeias, com que se servem de noite à falta delas.

içá *s.f.* Var.: 5 *içans* (pl.), 9 *iça, içá* [< T. ĩ'sa ~ VLB I. 142: *Formiga não tem genero* = A ruiua. e grande q. come as prantas. Ygçauba. As q. dellas nascem com azas q. depois enxameão e se comẽ Ygçâ, (...)].

Variedade de formiga; fêmea da saúva.

[**1560** Anchieta *Carta* in S. Leite *Cartas* III. (1958) 226: Formicarum ergo solum illae videntur commemoratione dignae, quae arbores demoliuntur: *içá* illis nomem, subrufae sunt, contritae citrum redolent, ingentes sibi excavant domos sub terra.] **1587** G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxi. 175): Criam-se na mesma terra outras formigas, a que os índios chamam içans, as quais tem o corpo tamanho como passas de Alicante, e são da mesma côr, as quais tem asas como os agudes, e também se saem dos formigueiros depois que chove muito, a enxugar-se ao sol; [...]. **1918** Monteiro Lobato *Urupês* 160: [...] para que, em Outubro, se toldasse o ceu de nuvens de iças em saracoteios amorosos com enamorados savitús. **1919** Idem *Cidades Mortas* 179: [...], e varias curiosidades naturaes — caramujos, conchas, um ninho de João-de-barro, um mico sêcco e uma familia de iças vestidos. **1928** M. Andrade *Macunaíma* vi. 75: E virou tijolos pedras telhas ferragens numa nuvem de içás que tomou São Paulo por tres dias. **1956** Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* 523: Iça, savitú: ja ouvi dizer que homem faminto come frita com farinha essa imundície...

icica *s.f.* Var.: 5 *jgcigca*, 8 *igcica* [< T. ĩ'sĩka ~ VLB I. 32: *Almecigua* = Ygcîca. A dura q. serue de louça. Itaîcîca. *Ib.* II. 105: *Rezina* = Igcigca].

Almecegueira (*Protium icicariba*); ibiracica, icicariba.

*c*1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 21*v.*: Jgcigca. Esta aruore dá a almecega, onde está cheira m^to^ por hũ bom espaço, daôse algũs golpes na aruore, e logo c̃ontinente estylla hũ olco branco q̃ se coalha, serue p^a^ emprastos ẽ doenças de frialdade, e p^a^ se defumarẽ, tambẽ serue em lugar de encenso. **1866** J. Alencar *As Minas de Prata* VI. i. 20: Era este um pedaço de panno embebido na gomma da igcica, sobre o qual traçava com tinta de urucú a direcção da cordilheira e dos rios principaes em relação á Bahia.

icicariba *s.f.* Var.: 6 *sequeriba, icicatyba*, 8 *issicariba* [< T. *ĩsĩka'rĩu*a* < ĩ'sĩka 'resina' + 'ĩu*a* 'planta'].

Planta da família das burseráceas (*Protium altissimum*); almeceguceira; ibiracica, icica.

*c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 183: sequeriba he outra aruore g^de^ a folha g^de^ e cheira como o breo esta aruore da desy hũ modo de almecega dura branca e amarela cõ ce [*sic*] brcão embarcasois e he m^to^ bõ e ha m^to^ tem flor uermelha o pao e mole e da hũ coquo piqueno q̃ se come he aruore de almacega. **1663** S. Vas-

CONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 80. 158: A terra toda póde chamarse hum só bosque. Pello que, deixando por mão a frescura, & preciosidade dos cedros, angelis, quasi ebanos, carápininas, mocetaybas, [...] deixada outrosi a delicia das aruores, os balsamos, copaigbas, ibicuybas, icicatybas, jetaybas, salsafrazes, [...] deixando todas estas especies, descreuerei algũas sómente das q̃ saõ fructiferas, pera gosto dos que saõ curiosos. **1817** CASAL *Corografia Brazilica* II. 163: [Fytologia] Acha-se a issicariba, que produz a gomma *eleme* ou almecega: [...].

igaçaba *s.f.* Var.: 6, 8 *igaçába*, 6 *igáçába*, *igaçava*, 6-9 *igaçaba*, 7 *iguaçaba* [< T. ïa'saua ~ VLB II. 83: *Pote em q. fazem os uinhos* = Igaçaba].

Talha, pote; *por extensão*, recipiente de grandes dimensões; urna funerária dos indígenas.

1663 S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* I. § 140. 86: O mesmo he nos vinhos: gastaõ muitos dias em fazer quantidade em talhas grandes, que chamaõ igaçábas; [...]. IDEM *Ib.* II. § 84. 160: [...] & tirada a castanha, vão espremendo poucos & poucos, ou às mãos, ou à força de certo genero de prensa de palma, que chamão tipity; & aparado o licor em alguidares, o vão lançando em grandes talhas, que pera isso obraõ, & chamão igáçábas, onde como em lagar ferve, & se torna em vinho puro, & generoso; [...]. *a***1667** HERIARTE *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 180): Neste rio [da Madeira] ha hum barro mui cheiroso, de que fazem os moradores *Igaçavas*, que sam como talhas grandes e pequenas, que a vender levão a outras partes a troco de algodam e fio para atarem as frechas. *c***1698** J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 170: [...] aconteceu um dia que vendo eu uma fileira grande de homens e mulheres com seus filhinhos ao collo ou pelas mãos, e igaçabas ou quartas grandes de vinho na cabeça, [...]. **1757** D. L. COUTO *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 61: [...] igaçaba (he como cantaro) este para guardar seos vinhos, o cabaço para a farinha de mandioca, e a cuya para pucaro, para por ella beberem, e o cão para as suas caçadas. IDEM *Ib.* 62: Os seos mortos, ou enterravão em hum vaso de barro, que chamavão igaçaba, com sua fouce, e enchada ao pescoço, para que pudessem na outra vida fazer suas plantas para se sustentarem; [...]. *c***1767** J. DANIEL *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, II. (1840) 343: E destes mesmos materiaes fabricão umas talhas pequenas, e grandes chamadas iguaçabas, que ordinariamente fazem as vezes de pipas e toneis, para lançar nellas as suas vinhaças, a que são mui inclinados, como logo diremos. IDEM *Ib.* 356: e nas funcções de maior lustre são as mais velhas e revelhas do logar, como tambem são as mestras das vasilhas, que são umas grandes talhas, a que chamão *iguaçabas*, e ha *iguaçaba* que leva uma boa pipa. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 136: [...] entre algumas naçoens se pratica a exhumação dos cadaveres, trasladando os ossos das grandes *igaçábas*, em que os enterram, para outras mais pequenas com ceremonias peculiares, nas quaes alguns bebem o residuo dos ossos pizados. **1856** D. MAGALHÃES *A Confederação dos Tamoyos* I. 16: Já o cadáver dentro da igaçaba, | Com as guerreiras armas de que usara, | Tinha sido enterrado em funda cova. **1865** J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, v. 32): — Fica tu, escondido entre as igaçabas de vinho, fica, velho morcego, porque temes a luz do dia, [...]. **1874** IDEM *Ubirajara* iv. 62/63: Depois suspenderam a caça mais volumosa, veados e antas, assim como as igaçabas de cauim, nos ramos inclinados da arvore, em altura que o braço do guerreiro podesse alcançar. **1875** MACHADO DE ASSIS *Americanas* 31: Vivo o guardam no bojo da igaçaba, | e á fria terra o dão, como se fôra | Pasto melhor (melhor!) aos frios vermes. **1876** COUTO DE MAGALHÃES *O Selvagem* II. i. 13: Usam do fogo como meio de fundir, ou, melhor de cozinhar a argilla para preparar vasos de agua (*igaçaba*), urnas funerárias [...]. *a***1884** B. GUIMARÃES *O Bandido do Rio das Mortes* (ed. 1905, iv. 45): Itapema está velho e cançado e em breve irá repousar na *igaçaba* da morte [...]. **1920** LIMA BARRETO *Histórias e Sonhos* 14: Estes nomes tupaicos mesmo tendem a desapparecer e todos sabem, que, quando uma turma de trabalhadores, em excavações de qualquer natureza, encontra uma igaçaba, logo se apressam em partil-a, em destruil-a como cousa demoniaca ou indigna de ficar entre os de hoje. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* iii. 38: Botaram o anjinho numa igaçaba esculpida com forma de jaboti e pros boitatás não comerem os olhos do morto o enterraram mesmo no centro da taba com muitos cantos muita dansa e muito pajuari. **1933** G. RAMOS *Caetés* vii. 42: Suando, escrevi dez tiras salpicadas de maracás, igaçabas, pennas de araras, cestos, redes de caroá, giraus, cabaças arcos e tacapes.

igapó *s.m.* [< T. °ïa'po].

Charco, pântano coberto de mato.

1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 119): Varada a primeira e mais densa cortina de folhagem, achou-se num igapó — um grande estirão de mato alagado pelo lago na enchente e ainda não de todo abandonado por elle. **1895** IDEM *A Pesca na Amazônia* I. vii. 100: O igapó é a mata invadida pela água da enchente e a sua feição varia consoante a do terreno submergido. **1902** E. CUNHA *Os Sertões* 77: [...] entrecruzados em rêde complicadissima de Mediterraneo, vincado de correntes fortes, dentre as quaes emergem, ilhados, os igapós verdejantes. **1907** IDEM *Contrastes e Confrontos* 221: [...]; e repontando, a subitas, na orla florida dos igapós, e desapparecendo, impalpaveis, no afogado dos paranamirins, [...]. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* iii. 31: Uma feita os quatro iam seguindo por um caminho no mato e estavam penando muito de sêde longe dos igapós e das lagoas. **1933** H. CAMPOS *Lagartas e Libélulas* xxix. 135: Do charco do Mangue e dos igapós da lagôa Comprida, surge a Cidade Nova. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xviii. 204: D. Victorina andava com vontade de comer uns *peixes do matto*, sobretudo um tambaqui gordo, irmão daquelles que pescavam no igapó da Caieira Velha, por trás do Redemptor.

igara *s.f.* Var.: 8 *igára*, *ygara*, 8-9 *igara*, 8 *igará* [< T. ï'ara ~ VLB I. 52: *Barca ou barco gnlr. e toda a embarcação* = Jgara].

Canoa indígena.

1817 CASAL *Corografia Brazilica* II. 295: [os Nhengahybas] possuiam vastissimo numero de canoas, denominadas em linguagem do paiz *igára*, donde se lhes derivou o appellido d'*Igaruúnas*, isto he gentes que andam sempre em canoas. **1846** G. DIAS *Primeiros Cantos* (ed. 1865, I. 14): Teos filhos enchião as bordas do mar, | As ondas coalhavão de estreitas igáras, | De frexas cobrindo os espaços do ar. **1851** IDEM *Últimos Cantos* (ed. 1865, II. 87): E das ygaras concavas | A frota aparelhada, | Vistosa e formosissima | Cortando a undosa estrada, | Sabendo, mas que frageis, | Os ventos contrastar: [...]. IDEM *Ib.* 231: *Ygaras* — Erão canoas feitas de ordinario de um só toro de madeira. **1856** D. MAGALHÃES *A Confederação dos Tamoyos* I. 23: Para o matto correo. Correram elles | Após com as igáras esfaimadas; |. **1857** J. ALENCAR *O Guarany* (2ª ed., 1864, IV. xi. 296-297): [...] os Goytacazes tem *igaras* grandes como aquella arvore que toca ás nuvens; quando elles atirão o remo, ellas voão sobre as aguas como a *atyaty* de azas brancas. [*Nota do Autor à pág. 330*] Igara. Significa em guarany *canôa; atyaty* é o nome que davão á gaivota. **1865** IDEM *Iracema* (3ª ed., 1878, xxix. 170): A grande igara corre nas ondas, ao longo da terra que se dilata até as margens do Parnayba. **1872** B. GUIMARÃES *Hist. e Trad. Minas* III. iv. 283: Jupyra, que o esperava em pé com um feroz sorriso de triumpho, deixou-o chegar, e quando o indio enfurecido hia deitar a mão ao bordo da pequena igará, descarregou-lhe com toda a força o remo sobre a cabeça e rebentou-lhe o craneo. **1875** MACHADO DE ASSIS *Americanas* 24: E alguns da rija estaca desatando | Os nós de embira ás rapidas igaras, | A'pesca vão pelas ribeiras proximas, |. **1876** COUTO DE MAGALHÃES *O Selvagem* II. i. 13: Com o fogo vergam e espalmam os mesmos troncos de modo a fazer uma canoa muito mais larga do que era o primitivo madeiro; são as que os tupis denominam *igara*. **1886** J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 320): E a *ygara*, impellida pelo braço robusto do moço manáos, cortava ligeira, como a setta do seu arco, as aguas do riacho. **1920** LIMA BARRETO *Histórias e Sonhos* 50: Elle seria rei, estaria no seu quadro natural, não na Camara, mas remando em ubás ou igaras nos nossos grandes rios ou distendendo aquelles fortes arcos de iry que despejam frechas hervadas com curaro. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* v. 56: Os manos remavam espantando os mosquitos e cada arranco dos remos repercutindo nas duzentas igaras ligadas, despejava uma batelada de bagos na pele do rio, [...]. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* vii. 82: [...], se não estou em erro, *igaraúna* quer dizer canôa preta, de *igara* canôa, e *una* preto.

igaraçu *s.m.* Var.: 7 *igarassũ* [< T. °ïara'su < ï'ara 'canoa' + a'su 'grande'].

V. abon.

1757 D. L. COUTO *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 19-20: [...] e no mesmo lugar foi situada a villa de Igarassũ, tomando o nome que naquella occasião lhe deo a admiração dos naturaes, vendo a grandeza das nossas embarcações, sendo o mesmo em seu idioma Igarassũ, que nao grande em Portugues.

igarapé *s.m.* Var.: 6-9 *igarapé*, 7 *iguarapé*, *garapé*, *guarapé* [< T. °ïara'pe < ï'ara 'canoa' + 'pe 'caminho' ~ VLB I. 64: *Caminho da gente* = Pe (...)].

Pequeno rio que corre entre duas ilhas ou entre uma ilha e a terra firme; canal natural que liga dois trechos mais ou menos próximos de um mesmo rio.

1693 J. S. FERREIRA *América abreviada* in RIH, LVII. (1894) 55: E' estilo viver cada família na sua ilha, ou no seu igarapé, que são os rios pequenos, que dos grandes, como veias, se apartam retalhando as terras e bosques, [...]. *c***1698** J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 256: — Foi a tropa bem aviada de tudo pelo rio dos Tocantins á riba, a chegada que foi ao porto do caminho que leva para as terras do sertão dos Poquizes, acharam lá um igarapé ou riacho, em cujo fundo estavam varias pedrinhas de côres, [...]. **1724** in ABAP, I. (1902) 201: [...] e mandareis tirar o livel e ver o que se havia de cortar e abrir que herão mil e duzentas braças, duzentas e cincoenta, que se havião de rebaixar ao primeiro igarapé ou Riacho [...]. **1730** ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* II. § 37. 87: Em distancia quarenta legoas da cidade fica a Vila do Camutá, senhorio da Casa de

Antonio de Albuquerque Coelho e Carvalho, junto ao Igarapé do Limoeiro que he o caminho, ou estreito, por onde se faz a navegacaõ para o rio das Amazonas, e onde está a Fortaleza do Gurupâ, em que resistaõ as embarcações, que vaõ para aquelle rio, [...]. *c*1753 in DAP, VII. 1: Disse Missa no Domingo em hũm iguarapé, em o qual levantei hũa Cruz, e puz por nome o iguarapé de S. João, por ser em dia da degolação de S. João Baptista. **1763** J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 52: e para nos livrar dos ventos de trovoada [o sargento mór Pedro Barreiro] nos metteu por um igarapé grande, ramo ou braço do Tocantins, onde dormimos, [...]. Idem *Ib.* 495: Deixada pois a bahia, [Acayacai,] entrámos ao furo ou garapé dos Pagés, que é um rio escuro, coberto de arvoredos, que no dia antecedente mandámos indios o facilitassem em alguns passos, cortando ramos atravessados, em ordem a não costear mais pelo desabrigo das formidaveis bahias do Furtado, que são uma congregação tremenda de aguas do Amazonas, que lhe entra primeiro pelo Tajapurú ao lago de Melgaço, e deste pelo furo, que conduz com largueza de um Danúbio ás bahias. *c*1767 J. Daniel *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, III. (1841) 425: Mais em cima, menos um dia de viagem, recebe o Mojú ao rio Acará do mesmo Nascente, além de outros regatos ou guarapés, que avassalla de uma e outra parte. **1781** in *Annexes du Premier Mémoire du Brésil* I. (1903) 155: [...] a qual com não menor cômodidade se poderá situar sobre a margem do Rupunori, na vezinhança do igarapé ou pequeno rio Tauari Kurú, se acazo isto não fôr contra as pretenções dos ditos Holandezes, [...]. **1817** Casal *Corografia Brazilica* II. 305: Pouco arriba da ponta meridional da Ilha Araraby está na margem oriental do Tucantins a entrada meridional do mencionado Igarapé-mirim [*Nota do Autor*] igarapé — significa esteiro, ou canal estreito, que só dá passagem a canoas. Estes canaes sam d'ordinario preferidos pelos navegantes aos largos, e rios frequentemente empollados com o vento, e por onde só navegam, quando não tem d'estoutros. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 3: [...] pequenas ribeiras chamadas *igarapés*, que do centro dos matos vem desaguar em o rio: [...]. **1876** F. Távora *O Cabeleira* 10: [...] Como pintar taes immensidades, si vencer um desses rios, um desses furos, um desses igarapés, deixar atrás ou de lado uma, dez, cem ilhas, é o mesmo que penetrar em novos igarapés, novos furos, novos rios, contornar novas ilhas? **1876** N. J. R. Sousa *Diário* (ed. 1946, 15): [...] pernoitamos sobre a margem de um igarapé com pouca agua por ser ainda verão [...]. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 218): Estes campos vão morrer na margem de um ribeiro, que com o nome de igarapé do Erêrê vem não se sabe bem d'onde e passa ali suas aguas barrentas, apertado entre ribanceiras de pequena altura e ensombrado pela mata ou antes pelo estreito e comprido renque de arvores que lhe faz alas á passagem. **1895** Idem *A Pesca na Amazônia* I. iii. 42: Collectivamente procedem assim: em uma porção favoravel de um igarapé ou lago, collocam as suas canôas em fila umas atrás das outras, [...]. **1902** E. Cunha *Os Sertões* 77: A enchente é uma parada na vida. Preso nas malhas dos *igarapés*, o homem aguarda, então, com stoicismo raro ante a fatalidade incoercivel, o termo daquelle inverno paradoxal, de temperaturas altas. **1907** Idem *Contrastes e Confrontos* 222: A imagem material de uma campanha, ali, será o labyrintho inextricavel dos igarapés. **1928** M. Andrade *Macunaíma* v. 59: E foi numa boca-da-noite fria que os manos toparam com a cidade macota de São Paulo esparramada a beira-rio do igarapé Tietê. **1929** G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* viii. 106: Delicia de me achar nos igarapés, nos seringaes, só, sem saber quem eu era, na floresta, nas aguas, imbebido no torpor verde, intoxicado de maleita, desvairando. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 228: Dos tres igarapés que cortavam o nosso caminho, apenas um, maior, forçou-nos ao recurso das canoas. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* xvii. 196: O que porém chamou a attenção de todos os animaes pelo exotismo da caminhada em secco, aliás, commum nos verões duros, foram os dois cardumes de acarys e tamuatás vindos com as maiores difficuldades das cabeceiras distantes de igarapés.

igaraúna *s.f.* [< T. *ïara'una < ï'ara 'canoa' + 'una 'preto'].

V. abon.

1938 R. Morais *Os Igaraúnas* vii. 82: [...], se não estou em erro, igaraúna quer dizer canôa preta, de *igara* canôa, e *una* preto.

igaritê *s.f.* Var.: 7 *iguaritê, iguaritê,* 7-9 *igaritê* [< T. ïare'te < ï'ara 'canoa' + e'te 'verdadeiro' ~ VLB I. 32: *Almadia, ou canoa de pao* = Ibîrâigara. Igarete, e se he piquenina Cigucoca].

Canoa.

*c*1764 in *Notícias de Mato Grosso* 136: [...] e mandou ao Soldado que hia na Iguaritê [...]. Idem 140: [...] se mandou no dia 15 huma iguaritê a rondar, e a espiar athê aquelle Rio [...]. Idem 155: [...] que fossem com Cautella a ver se encontravão a Igaritê, [...]. **1784** in *Annexes du Premier Mémoire du Brésil* I. (1903) 198: [...] e como as Igaritês são de pouca carga, pesso a V.Exª. seja servido mandar que os soccorros de farinha se conduzão athé o Lugar de Santa Maria, [...]. **1874** Taunay *Histórias Brasileiras* 51: — Veja se vai perder o vapor... depois não teria outro remedio senão descer em *igaritê* para Corumbá... viagem vagarosa e massante... **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 346): Uma canôa, uma igaritê, passava no rio em frente da casa e aportou. **1888** Inglês de Sousa *O Missionário* (ed. 1899, II. vii. 11): Mal embarcado adormecera, [...], mas agora, [...] despertava bem disposto, e achando-se deitado sob a tolda da igaritê, vendo a batina do vigario cahindo da coberta, [...] não poude deixar de pensar [...]. **1895** J. Veríssimo *A Pesca na Amazônia* I. vi. 89: A vigilenga é a canôa mestiça, o resultado da combinação, para não dizer do cruzamento, entre o barco de pesca português e a igaritê, a canoa grande (*igára*, canôa *été* grande) do indigena brasileiro. **1928** M. Andrade *Macunaíma* xv. 214: A moça estava sentada na borda duma igaritê encalhada na praia. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* i. 12/13: Appareceu, de facto, no principio do estirão, á jusante, uma igaritê equipada a seis remos, fóra o jacumã.

‖ **ijija** (*jgija*): v. abon.

*c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 2353-2355: Ha m^tas lontras — Jaguapopeba — taçape Jgija Taguaranha saõ pretas ahô cariguemeiú saõ como doninhas mas majores [...].

imbé *s.m.* Var.: 5 *goembe, embe,* 6 *embé,* 6, 8 *imbé,* 7 *ambé, guambé,* 8-9 *imbê,* 9 *guaimbê* [< T. ũe'ɱ c].

Planta da família das aráceas (*Philodendron imbe* Schott.); cipó-imbé.

*c*1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 24: Goembegoáçũ. Esta erua serue m^to p^a fluxo de sangue, max^e de molheres, as raizes saõ m^to cõpridas, e alguãs de trinta, e quorenta braças. Tem huã casca rija, de q̃ se fazẽ m^to fortes cordas e amarras p^a Nauios, e saõ de m.^ta dura, porq̃ nagua reuerdece. esta tomandoa .i. [= *isto é*] a casca della, e defumando a pessoa em a parte do fluxo, logo estanca. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1545-1552 Embe. Embeguaçu das frechas he bõ pera froixo de sangue e logo se estãqua tomando a casca e defumãdo a parte pera onde o sangue sae logo obra serue pera frechas balajos e cordas de Naujo tẽ mais de 50 braças daltura emverdece nagoa ha 3 castas pareçe ser o verdadr^o aro na flor e fruito. **1628** in RIHP, XL. (1945) 84: — Seguesse a esta a ultima Cappitania p.^a Sul q he a de São Vicente, tem bastante Porto, muitas Madeiras Reaes, fazemsse ahy m.^tos navios muy bons, tem m.^ta xarçeas cabos de embé que não he tam bom como os q se fazem do Caragoata. *a*1696 G. Matos *Obras* (ed. 1969, V. 1147): Com uma raiz de aipi | vos envio de Passé | e enfiado num imbé | Guiamu, e Caiaganga, | 1734 in RAPM, XXIII. (1929) 243: [...] e agusado com uma pedra tirámos bastante peixe, servindo-nos de linha um pouco de ambé, era o peixe excellente, muito, e grande, e tanto como o do mar: [...]. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 265: [Cipó.] Guambé. **1817** Casal *Corografia Brazilica* I. 199: Fazem-se aqui [villa de S. Francisco] embarcações de bom porte. Madeira, e cordas *d'imbé* sam os objectos mais importantes, que sahem do seu bom porto depois da farinha. **1863** M. A. Porto Alegre *Brasilianas* 55: Oh dor inexplicavel! Sotopostos | Troncos a troncos, inda emmaranhados | Na espessa malha das tenazes cordas, | Que como enxarcias sobre a terra a prumo | O serpentino imbé do alto brotára, | Vejo um rubro tiê, que á flor purpurea | Disputa o brilho co'a louçã plumagem, | O desfiado ninho contemplando! **1872** J. Alencar *Til* I. v. 55: Galgando então pelos socalcos do penhasco, com o apoio de uma grossa enrediça do imbé, que descia dos galhos de um procero jequitibá, alcançou o tope do rochedo, donde se descortinava entre o rendado das folhas uma volta do caminho. **1874** Idem *Ubirajara* v. 87: Jurandyr cortou na floresta uma comprida rama de imbé, e atou as mãos de Jandyra. **1928** M. Andrade *Macunaíma* xvii. 257: Tudo o que Macunaíma pegava ela engulia, tamorita mangarito inhame biribá cajuí guaimbê uxi ingá bacurí cupuassú pupunha taperebá graviola, todas essas comidas do mato. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 225: Todos aqui são bons ou maus, mas tão estáveis e não-humanos, tão repousantes! [...]; mesmo o imbê-de-fôlha-rôta, que vai pelas altas ramadas, rastilhando de copa em copa, por léguas, levando suas fôlhas perfumadas, picotadas, e sempre desprendendo raízes que irrompem de junto às folhas e descem como fios de aranha para segurar outros troncos ou afundar no chão.

imbu *s.m.* Var.: 5 *ombú,* 5-6 *ambu,* 5 *vmbu,* 6 *huambu, vmbù,* 7-9 *umbú,* 7 *umbu,* 8-9 *imbú,* 8 *ambú, ombú,* 9 *imbu* [< T. ï'ɱ u].

Nome comum a diversas plantas das famílias das anacardiáceas e das fitolacáccas; imbuzeiro.

*c*1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 20v.: Este Ombú he aruore grande, naõ m^to alta, mas m^to espalhada, dá certa fruita como amexas aluares, amarella, e redonda, e por esta rezaõ lhe chamaõ os portugueses amexas, faz perder os dentes, e os Jndios q̃ os comẽ os perdẽ facilm^te. as raizes desta aruore se comẽ, e saõ gostosas è mais saborosas q̃ a balancia, porq̃ saõ mais doces, e a duçura parece de açucar. saõ frias, sadias, e daõse aos doentes de febres, e aos q̃uaõ p^a o sertaõ serue de agua quando naõ tem outra. **1587** G. S. Sousa *Notí-*

cia do Brasil (ed. Pirajá da Silva, II. LIII. 13): Ambu é uma árvore pouco alegre à vista, áspera da madeira, e com espinhos como romeira, e do seu tamanho, a qual tem a fôlha miúda. Dá esta árvore umas flores brancas, e o fruto, do mesmo nome, do tamanho e feição das ameixas brancas, e tem a mesma côr e sabor, e o caroço maior. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1783-1739: Vmbu. He aruore naõ m^to^ alta mas m^to^ espalhada e debaixo se pode escõder m^ta^ gente ha m^ta^ no caàtĩga saõ como ameixas amarelas saõ muj gostozas mas roĩs p^a^ os dentes por tempo os faz cair. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 110*v*.: [...] Ambus saõ [frutas] semelhantes a ameixas branquas [...] huambu, [fruta] semelhante a peseguo de cuja pranta comida a Raiz mata a sede por grande que seja [...]. **1668** S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 87. 162: Vmbù, tem fruto a modo de ameixas, & as raizes como balancias esponjosas, seruem de comer, & beber aos caminhantes sequiosos em falta de agoa. **1702** A. ROSÁRIO *Frutas do Brasil* III. i. 110: Os Umbús saõ como ameixas, comemse como Melancias; nos sertões onde naõ ha rios, nem fontes, he o refrigerio da sede: pelos desertos desta America. **1730** ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 52. 33: De outras agradaveis, posto que de inferior estimaçaõ, se achaõ cubertas as brenhas, e matos do Brasil, tendo nesta multidaõ muito lugar a jaboticaba, e o umbu, o qual no Certaõ suppre com a copia do succo a falta da agua. **1806** in RAPM, VI. (1901) 769: Cria-se nos Sertõens o Imbú, o Pequi, o Ariticum, de que ha varias especies e de que os Sertanejos fazem a maior parte de seu sustento ordinario; [...]. **1817** CASAL *Corografia Brazilica* II. 133: [Das fructas silvestres as Jabuticabas; que só se encontram em mattas] e os ambús, que duram muito tempo, e só se acham nos agrestes ou *catingas*, sam as mais estimadas. **1865** J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, xxvii. 161): O imbú, filho da serra, si nasce na varzea [...] vinga, achando boa terra e fresca sombra; [...]. [*Nota do Autor, à pág. 228*] Imbú — Fructa da serra do Araripe que não vem no littoral. É saborosa e semelhante ao cajá. **1870** IDEM *O Gaúcho* II. IV. ix. 229: O gaúcho encostou Romero, sempre atado de pés e mãos, ao tronco do ombú, que offerecia aos viajantes uma sombra refrigerante. **1874** TAUNAY *Histórias Brasileiras* 22: De uma e outra banda estende-se vistoso o cerrado: ha muito *umbú* que embalsama os ares com a fragrancia de suas flôres, grande cópia de *jatahys*, de *piquís*, cujos fructos amarello-avermelhados são tão bonitos e de *mangabeiras* que nos mezes de Dezembro e Janeiro vergão ao peso dos saborosos e rubicundos pomos. **1902** E. CUNHA *Os Sertões* 47: O umbú é para o desventurado matuto que alli vive o mesmo que a *mauritia* para os garaunos, dos *llanos*. Alimenta-o e mitiga-lhe a sede. Abre-lhe o seio acariciador e amigo onde os ramos recurvos e entrelaçados parecem de proposito feitos para a arrumação das redes bamboantes. E ao chegarem os tempos felizes dá-lhe os fructos de sabor exquisito para o preparo da *umbusada* tradicional. **1911** A. MAIA *Tapera* 27: Intacto, vazio e mudo, só o rancho destacava bem manchado no viso da coxilha, com a santa-fé doirado ao sol entre a ramagem dos umbús. **1918** SIMÕES LOPES *Lendas do Sul* 61: Não dava pouzada a ninguem, não emprestava um cavallo a um andante; no inverno o fogo de sua caza não fazia brazas; as geadas e o minuano podiam entanguir gente, que a sua porta não se abria; no verão a sombra dos seus umbús só abrigava os cachorros; e ninguem de fóra bebia agua das suas cacimbas. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* iii. 31: Não tinha nem mesmo umbú no bairro e Vei, a Sol, esfiapando por entre a folhagem guascava sem parada o lombo dos andarengos. **1934** J. L. REGO *Banguê* II. vii. 113: E fomo ficar acolhidos num pé de imbú que era mesmo que um aposento reservado. Os seus galhos caíam até a terra. IDEM *Ib.* III. ix. 220: O pé de umbú, lá estava. Não mudava de cara, era o mesmo, chovesse ou fizesse sol, sempre sombrio, sempre verde. **1938** G. RAMOS *Vidas Secas* 3: Apossara-se da casa porque não tinha onde cahir morto, passara uns dias mastigando raiz de imbu e sementes de mucunã.

imburana *s.f.* Var.: 8-9 *emburana, imburana,* 9 *umburana* [< T. ˚ĩ *ɳ* u'rana < ĩ'*ɳ* u 'imbu' + 'rana 'semelhante'].

Planta da família das burseráceas.

1874 J. ALENCAR *Ubirajara* i. 8: Jaguarê arremessou a lança, que vibrou nos ares e foi cravar-se além no grosso tronco da emburana. **1878** F. TÁVORA *O Matuto* ii. 20: "Ahi, bem na beira, debaixo de uma emburana, estava a cabra. **1898** A. ARINOS *Pelo Sertão* 79: O noivado desses dous rebentos opulentissimos da exuberancia tropical se havia celebrado como o do jaguar, no meio das mattas, á voz melancolica dos jaós, á sombra densa de uma imburana. **1902** E. CUNHA *Os Sertões* 46: [...] as umburanas perfumam os ares, filtrando-os nas frondes enfolhadas, e — dominando a reviviscencia geral — não já pela altura senão pelo gracioso do porte, os umbuseiros alevantam dous metros sobre o chão, irradiantes em circulo, os galhos numerosos. **1903** D. OLÍMPIO *Luzia Homem* xxviii. 275: [...], e haüria o ar fresco da montanha, embalsamado pelo capitoso perfume das emburanas, a descascarem, numa exhuberancia magnifica de seiva. **1929** G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* xii. 174: [...] sobre o corpo esfregava pega-não-me-larga e ños cabellos punha essencia de pripioca e no lenço a umburana de cheiro. **1938** G. RAMOS *Vidas Secas* 72: Um pé de vento cobria de poeira a folhagem das imburanas, [...]. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 205: — Saltem um cálice da branquinha potabilíssima de Januária que está com um naco de umburana macerando no fundo da garrafa!... **1956** IDEM *Grande Sertão: Veredas* 106: O ódio que eu quis: ah, tantas canoas no pôrto, boas canoas boiantes, de faveira ou tamboril, de imburana, vinhático ou cedro, e a gente tinha escolhido aquela...

imbuzada *s.f.* Var.: 8 *ambuzada,* 9 *umbusada* [< imbu + -z- + -ada].

Iguaria preparada com a polpa e o suco do imbu, leite e açúcar.

1817 CASAL *Corografia Brazilica* I. 96: [...] uma beberagem, a que chamam *ambuzada*, [do fructo do ambuzeiro. A gente do campo faz coĩh seu fluido, e leite coalhado, bem mechido, e adoçado com assucar ou mel] e pretendem que seja uma *comida régia*. **1902** E. CUNHA *Os Sertões* 47: O umbú é para o desventurado matuto que alli vive o mesmo que a *mauritia* para os garaunos, dos *llanos*. Alimenta-o e mitiga-lhe a sede. Abre-lhe o seio acariciador e amigo onde os ramos recurvos e entrelaçados parecem de proposito feitos para a arrumação das redes bamboantes. E ao chegarem os tempos felizes dá-lhe os fructos de sabor exquisito para o preparo da *umbusada* tradicional.

imbuzeiro *s.m.* Var.: 8 *ambuzeiro,* 8-9 *umbuzeiro,* 9 *umbuseiro, umbùzeiro* [< imbu + -z- + -eiro].

Imbu.

1817 CASAL *Corografia Brazilica* I. 96: O *Ambuzeiro* he arvore de pouco crescimento, que prospéra nos terrenos agrestes, e não quer cultura: começa a ramificar ao sahir da terra: seus ramos são extremamente entrelaçados uns com os outros, as folhas pequenas, elipticas, e invernizadas por ambas as faces: a flor he em racimos pequenos como os da oliveira: o fructo muito semelhante ao abrunho, quando á vista; de côr entre verde e branca, pelle grossa, e aspera ao paladar, com um caroço grande, e redondo, o qual nunca se despega da polpa, que se rezolve em um fluido crasso, e ordinariamente agradavel, quando maduro. He fructa muito estimada nos sertões, onde todos os quadrupedes gostam della. Come-se á maneira das sorvas, fazendo-se-lhe uma abertura. **1898** A. ARINOS *Os Jagunços* II. iii. 242: O gado graúdo, agora que era tempo de sêcca, andava pelo campo comendo as folhas dos umbuzeiros, cuja calote alta apparecia nitidamente... **1902** E. CUNHA *Os Sertões* 46: [...] as umburanas perfumam os ares, filtrando-os nas frondes enfolhadas, e — dominando a reviviscencia geral — não já pela altura senão pelo gracioso do porte, os umbuseiros alevantam dous metros sobre o chão, irradiantes em circulo, os galhos numerosos. IDEM *Ib.* 138: [...] arranca as raizes tumidas dos umbuzeiros, que lhe dessedentam os filhos, [...]. **1934** J. L. REGO *Banguê* III. ix. 210: Lá estava o umbuzeiro de Maria Alice, muito verde, de copa redonda, rastejando no chão. **1956** GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 333/334: A passeata das bonitas môças morenas, tão socialmente, algumas delas com os cabelos mais prêtos rebrilhados, cheirando a óleo de umbùzeiro, uma flôr airada enfeitando o espirito daqueles cabelos certos.

inambu *s.m.* e *f.* Var.: 5-7 *nambu,* 6 *jnhambu, nãbu, ynambu,* 6, 8-9 *inambu,* 6 *inembu,* 7 *enambú, inhambu,* 7-9 *inhambú,* 8-9 *inambú, nambú, nhambú* [< T. ina' *ɳ* u ~ VLB I. 76: *Codornis* = Ynambutininga].

Ave da família dos tinamídeos.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXII. 94): Nambu é uma ave da côr e tamanho da perdiz, tem os pés e bico vermelhos, voam ao longo do chão, por onde correm muito, e criam em ninhos que fazem no chão, onde põem muitos ovos. Estas aves tem grande peito cheio de titelas muito tenras e saborosas. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 112*v*.: [...] jnhambu [*na entrelinha:* nambuuasu] tambem como as mesmas perdizes. e do seu tamanho [...] nambus [Aves] naõ majores que as codornizes. as quoais naõ envejaõ em bondade guosto e sabor aos taõ estimados, faisõis — da Europa — [...]. **1624** S. E. SILVEIRA *Relação do Maranhão* fl. 10: Ha nãbus, como as perdizes de cà. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 188: ynambuasu quer dizer perdis ela he tamanha como hũ capam gramde e fazem seus filhos em riba da tera os peis dos paus e fazem des e doze ouos e os ouos cam azuis uerde mar e os ouos cam mahorres que ouos de gualinha e he hũ pasoro dos milhores desta ter[a] pe[ra] comer e he pardo. IDEM *Ib.* fl. 190*v*.: Inambu merim. he a perdiz desta terra he de duas castas esta he do mesmo tamanho das de Portugal E da mesma cor o bico E os pes he pardo tirão de azul. não tem o gosto das nossas perdizes a carne he branca E hũ dos bons comeres desta terra. fazẽ os f^os^ em sima da terra como as de portugal. os ouos são da cor purpura E fas 9. E des f^os^ E gritã assi de dia como de noite. **1656** J. SOTOMAIOR *Jornada ao Pacajá* in DAP, VIII. (1945) 8: [...] ouve dia que passamos os 3. com hũm inembu, outro so com castanhas: [...]. **1721** F. F. HENRIQUES *Âncora medicinal* (ed. 1731, 130): Nambu. He passaro do Brazil, semelhante à perdiz, mas maior que ella, e de melhor gosto. He quente, e secco, coze-se bem, e nutre melhor. **1763** J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 218: [no Lago famoso dos Ja-

mundazes] Ha caça de grandes patos, saborosos e tenros, tambem os enambús são bem estimados, e não são inferiores as perdizes do termo de Lisboa e Castello Branco, temperados porém ao gosto portuguez. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 261: [Ave silvestre] Enambú, sete variedades: é a perdiz americana. 1783 M. C. ABREU *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 258: O inhambuaçú é proprio a estes [macucos], porem mais pequeno no tamanho. 1792 F. O. BARBOSA *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 23: Os passaros são innumeraveis e de diversas qualidades, como são araras, [...] inhambús, patos, [...]. 1806 in RAPM, VI. (1901) 770: Atrahe as prezas por meio da imitação, fingindo o pio do macuco, ou do inambú, ou de qualquer outra ave, de que pertende apoderar-se. 1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 89: [...] as [perdizes] denominadas *Capueiras*, que sam um pouco maiores que as *Nambús* andam em bandos. [...] Ha cinco especies de perdizes, todas pardas, e derrabadas: as mais pequenas chamadas *Nambús*, tem o bico encarnado. 1838 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 31: [...] *inambús* de varias especies, e da familia das *codornizes* que tambem abundam; [...]. 1856 J. M. MACEDO *O Forasteiro* (2ª ed., II. ii. 24): [...]; aves formosas voavão por cima de sua cabeça, ou pousavaõ nas arvores que se levantavão á beira da estrada; perto gemião as juritis, perto cantavão os inambús e as capoeiras, que vagavão aos bandos; [...]. 1865 J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, v. 30): — O gavião paira nos ares. Quando a nambú levanta, elle cahe das nuvens e rasga as entranhas da victima. 1869 B. GUIMARÃES *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. v. 85-86): A medida que crescião as forças de Itajiba, esses passeios forão-se alargando a maiores distancias, já deslisando vagarosamente em uma leve piroga ao longo das umbrosas ribanceiras, já pelas veredas escondidas da floresta; e pelo caminho Itajiba fazia cahir aos certeiros tiros de seu arco a arára azul ou encarnada, a alva garça, rainha dos lagos, o roseo colhereiro, cujas pennas são tão estimadas, o tucano de enorme bico, cujo peito rubro é procurado para enfeinte [*sic*] da tunica das virgens, o jaó, o inhambú, a capoeira, cujas carnes são tão tenras e saborosas, e mil outras aves, de cujas lindas pennas Guaraciaba com suas habeis mãos compunha vistosos ornatos para as armas de seus guerreiros. 1872 IDEM *O Seminarista* (ed. 1917, iii. 24): Desde então trocárão-se os papéis e era Eugenio quem não deixava a pequena casa da tia Umbelina, onde passava os dias quasi inteiros junto a Margarida, ajudando-a em seus pequenos serviços, ou pelos campos e capões visinhos, armando arapucas e esparrélas para apanhar pombas, sabiás, inhambús, saracuras e outros passaros, com que obsequiava a sua linda amiguinha, a qual com isto mostrava-se infinitamente satisfeita. 1872 IDEM *Hist. e Trad. Minas* III. iii. 221: Com um pequeno arco e flechas proporcionadas ás suas forças, ella varava os jaós, inhambús, macucos, capoeiras e outras aves que abundão naquellas florestas, e abastecia de copiosa caça o rancho de seu pequeno bando. 1874 TAUNAY *Histórias Brasileiras* 137: Ás vezes a caçada diligente do rapaz fazia apparecer na refeição habitual a delicada carne da *jaó*, da *aracuan, jacutinga* e *inambú*; mas o preço da polvora e do chumbo tornava raras essas occasiões. 1874 J. ALENCAR *Ubirajara* iv. 68: [...]; são os guerreiros vermelhos com pennachos de nambú. 1875 IDEM *O Sertanejo* II. ii. 22: Ahi dentro da selva espessa, fez a nambú seu ninho, onde piam os pintinhos implumes. 1876 COUTO DE MAGALHÃES *O Selvagem* II. i. 19: D'esses objetos de argilla [...] trouxe aqui dous, a saber: [...] o outro é um assovio para imitar artificialmente o canto do inambu, especie de perdiz de excellente carne. 1881 F. TÁVORA *Lourenço* (ed. 1902, xvi. 243): [...] o matto porém era o seu principal fornecedor, agora lhes dando a paca, o tatú, a cutia, o preá; agora o jacú, a juruty, o nambú, o pato bravo; agora o ananaz, o inhame, o ingá, a mangaba, o cajú. 1895 J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. i. 12: Não faz tambem alimento da capivara, da lontra e de outros animaes, nem lhe apetecem as aves, sinão as grandes, os inambús, os jacús, os jacamins, [...]. 1898 A. ARINOS *Pelo Sertão* 131: Tranquillisados, partiram, numa farfalhada de folhas molhadas e de taquaras que se quebravam, assustando as jáos, fazendo os nhambús occultar as cabecinhas no meio das folhas, levantando para o ar o uropygio coberto de frouxeis. 1918 MONTEIRO LOBATO *Urupês* 216-217: O indianismo está de novo a deitar copa, de nome mudado [...]; o boré descahiu lamentavelmente para pio de inambú; [...]. 1919 IDEM *Cidades Mortas* 30: Ha na casa do Otacilio uma collecção de pios de inambú. 1922 A. PEIXOTO *Bugrinha* iv. 51: [...]; uma ingazeira, lá atrás do valado, carregadinha de ingás maduros; a arapuca armada no trilho das nhambús e juritís; [...] IDEM *Ib.* v. 69: Não tardaria que a nambú désse os seis piados melancólicos de sua hora, e a carretilha trilada de sua escala final. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* xvii. 249-250: Dormindo nada, então! Estava mas era negaceando um inambu-guassú. Você fez bulha, nhambú escapoliu! 1930 G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 76: Elle informa-me ainda sobre o nome de algumas aves, bastante differentes daquelles que as mesmas têm no sul: a anhuma é *camitaú*, o macuco — *inhambú-tona*, o jaó, — *macucáua*... IDEM *Ib.* 105: De tarde, volta meio murcho, mas traz sempre um inhambú-gallinha, especie de macuco com a cabeça arruivascada. 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* vi. 72: Aquillo chama de menhã os cachorros, espingarda na mão, e antes do meio dia risca no terreiro com a embiára: paca, inhambú, mutum, ás vezes um veado ou queixada. 1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 230: E se eu der uns tiros? Inútil. Quem ouvir pensará que estou atirando aos nhambús, claro. 1956 IDEM *Grande Sertão: Veredas* 104: Um passaro cantou. Nhambú? E periquitos, bandos, passavam voando por cima de nós.

‖ **inaúba:** v. abon.

*a*1667 HERIARTE *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 169): Tem [esta ilha, à distância de dezoito legoas da terra, S. Luís do Maranhão] bacoris, inaubas, maçarandubas, e outras de diferentes castas.

indaiá *s.m.* Var.: 7-8 *indayá*, 8-9 *indaiá*, 9 *indaia*. Cp. ANAJÁ [< T. *ina'ja (forma paralela de ina'ja: v. ANAJÁ)].

Nome comum às palmeiras da subfamília das cocosoídeas.

1734 in RAPM, XXIII. (1929) 243: [...] e tanto que fomos dormir distancia de quatro ou cinco leguas rio abaixo, arranchando-nos no matto da parte esquerda, onde achámos algum palmito Indayá, [...]. 1877 B. GUIMARÃES *Maurício* I. xix. 229: O porte esbelto, flexivel e espigado justificava o appellido, que lhe dérão, derivado da gentil palmeira indayá. 1898 A. ARINOS *Pelo Sertão* 87: Uns coqueiros de indaiá, uma gamelleira arrochando com suas raizes-tentaculos ou moirões, a frente da casa alpendrada, o oratorio de côr nebulenta na sala de jantar um pouco escura, bancos grosseiros de madeira com altos recostos, — tudo austero, meio claustral, até o lenço de seda que, lançado á manceira de capuz de burel, emmoldurava um rostinho mosarabe, sadio e fresco como o dessas hebréas juvenis que trazem os pintores em suas télas sobre o grande exodo do Egypto. 1930 G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 103: Ficou prompto o barracão, que foi revestido com folhas de ubim e indaiassú. 1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 150: Mas, daí por frente, Turíbio Todo começou a vêr lugares que não conhecia. [...] Indaiás nanicas, quase sem caules, abrindo as palmas verdes [...].

indaié *s.m.* [< T. *ina'je: v. ANAJÉ].

Anajé.

1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 179/180: E reparei que os olhos de Maria Irma são negros de verdade, tais, que para demarcar-lhes a pupila de íris, só o deus dos muçulmanos, [...], ou o gavião indaié, que, ao lusco-fusco e em vôo beira núvens, localiza um anú pousado imóvel em chão de queimada.

ingá *s.m.* Var.: 5 *engá*, 6 *enga, enguà, engáa, engà*, 7-9 *ingá* [< T. i'ŋa].

Nome comum a diversas plantas da família das leguminosas, subfamília das mimosáceas, gênero *Inga*; ingazeira, ingazeiro.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LII. 11): Engá é árvore desafeiçoada que se não dá senão em terra boa, de cuja lenha se faz boa decoada para os engenhos. E dá uma fruta da feição das alfarrobas de Espanha, e tem dentro umas pevides como as das alfarrobas, e não se lhe come senão um doce que tem derredor das pevides, que é muito saboroso. 1617 in ABN, LXXXII. (1962) 260: [...] e no cabo do dito rumo se fês huma cruz em hum engamirim com mais a marca do dito Colégio [...]. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 110: [...] enguàs, [frutas] que são semelhantes a Alfarrobas e doçes no guosto [...]. 1648 in ABN, LXXXII. (1962) 313: [...] outra árvore mais pequena junto à mesma, que chamão engáa, [...]. 1663 S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 87. 163: [*à margem*] andà, engà, joà, moçarandùba, [...] vmarì, são fruitas agrestes, seruem a Indios, & a gado. 1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 355: o ingá, celebre fructa: [do ingazeiro] não se deverão porem dar por ella passos á terra da promissão, nem como ás vinhas do Engádi, por ser fructa agreste e do mato, deliciosa a outra. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 263: [arvore fructifera] Ingá, de diversas especies. 1792 F. O. BARBOSA *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 24: Produzem as margens d'este rio [Tietê] figos silvestres, jacaratiás, ingás, uavaonas. 1817 CASAL *Corografia Brasílica* II. 278: Entr'outras fructas mais nomea-se [...] o ingá, [...]. 1838 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 20: [...] *araças, ingás,* diversas, entre as quaes são apreciaveis por seo tamanho e dôçura as *ingás cipós,* [...]. 1856 D. MAGALHÃES *A Confederação dos Tamoyos* I. 23: Cantando andava só, toda entretida | a colher uns ingás pela restinga; |. 1857 J. ALENCAR *O Guarany* (2ª ed., 1864, IV. xi. 298): Deitou sobre uma folha larga os fructos que tinha colhido; crão os araças, os jambos corados, os ingás de polpa macia, os cocos de varias especies. 1859 C. ABREU *As Primaveras* 67: A gota de orvalho | Tremendo no galho | Do velho carvalho, | nas folhas do ingá; |. 1863 M. A. PORTO ALEGRE *Brasilianas* 263: A flôr da caneleira sete vezes | No bosque recendèo; o ingá nectareo | Os niveos favos debruçou na estrada. | Opiparo festim ás aves dando, | E ao calido e poente boiadeiro. 1881 F. TÁVORA *Lourenço* (ed. 1902, xvi. 243): [...] o matto porém era o seu principal fornecedor, agora lhes dando a paca, o tatú, a cutia, o preá; agora o jacú, a juruty, o nambú, o pato

bravo; agora o ananaz, o inhame, o ingá, a mangaba, o cajú. 1900 J. Nabuco *Minha Formação* xx. 211: Na planicie extendiam-se os cannaviaes cortados pela alameda tortuosa de antigos ingás carregados de musgos e cipós, que sombreavam de lado a lado o pequeno rio Ipojuca. 1922 A. Peixoto *Bugrinha* iv. 51: [...]; uma ingazeira, lá atrás do valado, carregadinha de ingás maduros; [...] Idem *Ib.* vii. 93: — Tem carregado muito, o nosso pé de ingá? 1928 M. Andrade *Macunaíma* xvii. 257: Tudo o que Macunaíma pegava ela engulia, tamorita mangarito inhame biribá cajuí guaimbê uxi ingá bacuri cupuassú pupunha taperebá graviola, todas essas comidas do mato. 1946 Guimarães Rosa *Sagarana* 65: O cavalo preto de Benevides não desceu, porque ficou preso, com a cilha enganchada num ramo de pé-de-ingá.

ingapenambi *s.f.* Var.: 5 *jngapenâbi* [< T. ïãpena'ɳ i < ïã'pema 'espada de pau' + na'ɳ i 'orelha' ~ VLB I. 125: *Espada de pao* = igãpẽma. *Ib.* II. 58: *Orelha* = Nambî].

V. abon.

*c*1584 Cárdim *Origem dos Índios do Brasil* fl. 7*v*.: [...] tambem a espada, a q̃l he de pao ao modo de huã palmatoria senaõ q̃ a cabeça naõ he taõ redonda, mas quasi triangular, e as bordas acabaõ quasi en gume, e a hastia q̃ sera de 7. ou 8. palmos naõ he todo roliça. Terá junto da cabeça 4. dedos de largura, e uem cada uez estreitando ate o cabo onde tem hũs pendentes, ou campainhas de pena de diuersas cores he cousa gallante, e de preço entre elles, elles lhe chamaõ Jngapenãbi. i. (= *id est, isto é*) orelhas da espada.

ingarana *s.f.* [< T. ˀiŋa'rana < i'ŋa 'ingá' + 'rana 'semelhante'].

Planta leguminosa da subfamília das mimosáceas.

1930 G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 28: Familiarizo-me tambem com a flora local: elegantes ingaranas, tarumazeiros de suave floração, [...].

ingazeira *s.f.* Var.: 8-9 *ingazeira*, 9 *ingaseira, ingàzeira* [< ingá + -z- + -eira].

Ingá; ingazeiro.

1876 F. Távora *O Cabeleira* i. 23: [...], levantava-se na margem uma ingazeira idosa e ramalhuda. 1881 Idem *Lourenço* (ed. 1902, ix. 118): [...] sentia já por Marianninha doce affeição, que começava a encher-lhe o coração como o aroma do manacá silvestre povôa as abobadas formadas pelas ingazeiras nas margens dos rios. 1922 A. Peixoto *Bugrinha* iv. 51: Expunha-lhe o seu programa: o leite crú tomado no corral; uma ingazeira, lá atrás do valado, carregadinha de ingás maduros; [...]. 1928 M. Andrade *Macunaíma* v. 57: Nos ramos das ingàzeiras das aningas das mamoranas das embaúbas dos catauarís de beira-rio o macaco-prego o macaco-de-cheiro o guariba o bugio o cuatá o barrigudo o cairara, todos os quarenta macacos do Brasil. todos. espiavam babando de inveja. 1929 G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* xvi. 293: [...] as serras dos jatobás, onde se encostam as mattas de ingazeiras. de oiticicas e de joazeiros, [...]. 1936 J. L. Rego *Usina* I. ii. 48: Iriam apitar pelos cannaviais, pelas ingaseiras, pelas cajaseiras, arrastando canna para as esteiras. Idem *Ib.* II. xiv. 222: Passeiava por debaixo dos arvoredos e quando apparecia ao sol se enroscava pelas ingazeiras, pelo bamburral. 1937 Idem *Pureza* xii. 109-110: Um pé de ingazeira enorme, de galhos derramados, fazia um recanto dentro d'agua.

ingazeiro *s.m.* Var.: 8-9 *ingazeiro*, 8 *ingaseiro, ingáseiro, engazeiro*, 9 *ingàzeiro* [< ingá + -z- + -eiro].

Ingá; ingazeira.

1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 355: Nada se offereceu consideravel, se exceptuarmos a bella vista que offereciam as margens [serra e fortaleza de Parú] com a multidão de ingazeiros, arvore que dá o ingá, celebre fructa: não se deverão porém dar por ella passos á terra da promissão, nem como ás vinhas de Engádi, por ser fructa agreste e do mato, deliciosa a outra. 1856 J. M. Macedo *O Forasteiro* (2ª ed., I. vi. 162): [...] á beira do *Tingidor* um *ingaseiro* se elevava molhando suas raizes na agua clara e transparente. 1861 Idem *Romances da Semana* (3ª ed., 1873, 177/178): — Fique aqui, disse Baptista, terá uma caçada certa, e para distrahir-se, subindo áquelle ingaseiro, verá á sua vontade a fazenda do Sr. Guilherme, e o sitio do compadre Pereira. Até logo. 1869 Varela *Cantos do Ermo e da Cidade* (2ª ed., 1880, 38): Que entre risos feiticeiros | Contemplais vossa belleza, | À sombra dos ingáseiros, | No espelho da correnteza! Idem *Ib.* 127: O manacá cheiroso que se ostenta | Á beira d'agua, pensativo e triste; | Os festões do ingazeiro e as açucenas, | Todos te amavão, te adoravão todas! 1869 Idem *Cantos Meridionais* in *Obras Completas* (ed. 1896, II. 171): Chamam-se enamorados os canarios | E os fulvos bem-te-vis nos ingazeiros. *a*1871 Castro Alves *A Cachoeira de Paulo Afonso* (1876) 90: A tarde morria! Mais funda nas aguas | Lavava-se a galha do escuro engazeiro... | Ao fresco arrepio dos ventos cortantes | Em musico estalo rangia o coqueiro. 1888 Inglês de Sousa *O Missionário* (ed. 1899, I. ii. 88): Trepara aos altos ingazeiros, atolara-se na lama dos brejos e dos chiqueiros, espojara-se na relva como um burrico. Idem *Ib.* I. vi. 329: Só o canto do rouxinol amazonense, no ramo do engazeiro, valia Stradella executando Palestrina. 1895 Coelho Neto *Miragem* II. ii. 173: Ao longe, nos ingazeiros da beira do rio, o acauan agourento gemia tristonho e lugubre e sabiás, nos limoeiros em flor, illudidos pela luz da noite, solfejavam trilos rapidos e alegres. 1898 A. Arinos *Pelo Sertão* 78: As aguas tinham ahi uma colloração escura, carregada ainda pela sombra dos ingazeiros, cujos ramos se debruçavam para dentro do poço, mergulhando nelle as vagens cheias da pôlpa doce e branca, que as curumatãs vinham beliscar. 1918 Monteiro Lobato *Urupês* 111-112: Ingazeiros desgalhados dobram sobre elle as tranças cujas pontas arripiam o espelho das aguas. 1919 Idem *Cidades Mortas* 189: De bruços no remanso de um pôço á sombra de ingazeiros, em cuja rama se estorcem as bainhas em ferradura — peludos escrinios duma polpa que furtou á neve a cor e ao velludo o macio — [...]. 1946 Guimarães Rosa *Sagarana* 182: Oh, tristeza! Da gameleira ou do ingàzeiro, desce um canto, de repente, triste, que faz dó. 1956 Idem *Grande Sertão: Veredas* 284: Atravessei um ribeirão verde, com os umbùzeiros e ingàzeiros debruçados — e ali era vau de gado.

inimbó *s.m.* Var.: 6 *inimboya* [< T. ini'ɳ o ~ VLB I. 139: *Fio grosso como da rede* = Ynĩbô. *Ib.* II. 28: *Linha grossa ou fio como barbante, etc.* = Ynimbô].

Planta leguminosa da subfamília das cesalpináceas.

1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 79: 157: [...] cipó de camaras, béthele, pimenta quatro generos; gingibre, cayapià, caapèba, caraóba, caâtimav, caâtaya, jetîca, urûcatu, jaborandí, nhambi, tajóba, jeçapé, inimboya. Todas estas são eruas medicinaes, das mais conhecidas, & vsadas, de virtudes tão raras, que fora necessario hum Dioscorides pera descreuellas.

intanha *s.f.* Var.: 8 *intanha*, 9 *untanha* [< T. ?].

Espécie de sapo.

1865 J. Alencar *As Minas de Prata* III. x. 237: Tiburcino inchou como uma intanha; e depois de um grande esforço soltou bufando estas palavras sumidas: — Uma mulher, Reverendo Padre, que por meus peccados esfeitiçou-me, e agora me deixa [...]. 1865 Idem *Iracema* (3ª ed., 1878, xii. 79-80): [...] em meio do caminho perceberam seus olhos as sombras de muitos guerreiros que rojavam pelo chão como a intanha. 1872 Idem *Til* III. ix. 91-92: No fim do cannavial ouviu ella um sussurro particular que parecia o zumbir de um grande bizouro, e voltando os olhos para o lado donde trazia a briza aquelle zum-zum, avistou acocorado á uma pedra, como uma intanha, o negro velho, que rosnava a sua monotona lenga-lenga em giria africana. 1918 Monteiro Lobato *Urupês* 30: Tambem grunhia de porco, cacarejava de gallinha, coaxava de untanha, [...].

inúbia *s.f.* [< ? T. ~ Embora já documentada no séc. XVIII (v. abon. 1781) com a acepção de 'corneta usada dos brasilienses', a palavra *inúbia* não parece de origem tupi].

Trompa indígena; espécie de corneta, de som rouco, usada pelos índios brasileiros, particularmente durante os combates.

1781 Durão *Caramurú* V. xl. 154: E quando a rouca Inubia arma publíca, | Tão longe tinha as armas da memoria, |. Idem *Ib.* IV. 140 (Nota nº 12): Especie de corneta usada dos Brazilienses. 1857 J. Alencar *O Guarany* (2ª ed., 1864, III. vii. 86): A inubia retroava: o som dos instrumentos de guerra misturado com os brados e alaridos formava um concerto horrivel, [...]. 1865 Idem *Iracema* (3ª ed., 1878, x. 61): De repente o rouco som da inubia reboou pela mata; [...] [*Nota do Autor à pág. 214*] *Inubia* — Trombeta de guerra. Os indigenas segundo Lery, as tinham tão grandes que mediam muitos palmos no diametro da abertura. 1866 Idem *As Minas de Prata* VI. i. 31: Resoa perto a inubia dos Tupynambás; [...]. 1869 B. Guimarães *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, III. ii. 130): Uma chusma de ligeiras pirogas entrulhadas de guerreiros semi-nús, de tez bronzeada e aspecto sinistro, ao som estrugidor de rudes cantos de guerra e ao ruido das inubias e maracás, vogavão lentamente contra a corrente do rio. 1874 J. Alencar *Ubirajara* iii. 48: O grande chefe dos araguayas levou aos labios a inubia de Camacan; a voz de mando reboou pelo vasto ambito da taba. 1875 Machado de Assis *Americanas* 40: Viveremos alli. Troveje em baixo | A inubia convidando á guerra os povos; [...]. *a*1884 B. Guimarães *O Bandido do Rio das Mortes* (ed. 1905, iv. 32): [...] mas Itapema hoje não pertence a si e só obedece ao Tupan dos brancos, que amaldiçoa a inubia da guerra e só quer a paz e a caridade. 1895 Coelho Neto *Miragem* II. iii. 175: [...] abstrusas florestas de arvores gigantes, onde ainda atroavam as inubias roucas dos indios. 1915 Lima Barreto *Policarpo Quaresma* I. ii. 39: — Obrigado. Fique certa, minha senhora, que o violão é um bello instrumento e tem grandes difficuldades. Por exemplo... — [...] — O piano? perguntou Ricardo. — Que piano! O maracá, a inubia. 1918 Monteiro Lobato *Urupês* 216: Vindo o publico a bocejar de farto, ja sceptico pelo desmantelo crescente do ideal, cessou no mercado literario a procura de bugres homericos, inubias, tacapes, [...].

ipadu *s.m.* Var.: 7 *ypadú, padù,* 8-9 *ipadú* [< T. ?].
Planta da família das eritroxiláceas.

1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 207: Do chá que ha n'este Estado e se acha no rio Guamá em o sitio de André Corsino, junto a villa de Ourém, não usam: porém é incomparavelmente mais efficaz e virtuoso em os defluxos a folha da arvore Ypadú, extrahida do sertão, de que já em a cidade de Belém se vê uma unica arvore em casa de Clemente da Silva, pai do padre Lino Gularte, a quem ordenámos sacerdote. Toma-se e prepara-se como chá. *c***1767** J. Daniel *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, II. (1840) 344-345: [...] como tambem do celebre chá Padù, que usão alguns Indios, especialmente os naturaes do Rio Negro, cujas folhas trazidas na bocca supprem a falta do somno, e mastigadas matão a fome e sêde, além de outros admiraveis effeitos em que vence o affamado Bètele da Azia, sem serem necessarios tantos ingredientes, nem tantas misturas. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 15: O *ipadú* he outra planta do tamanho do loureiro da Europa, torram as folhas e pizam-nas para as reduzirem a pó, ajuntando a cinza da folha da *umbaubeira*, ficando tudo reduzido a certa substancia verde que os Indios comem, alliviando com ella o peso do somno, sem que com tudo produza insomnios, conservando-se desta sorte em uma doce inacção: [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* xiv. 202: Não queria saber daquela macacheira não e como andava curtindo fome passava o tempo mastigando ipadú para enganar.

ipê *s.m.* Var.: 8 *ipe,* 8-9 *ipé,* 8 *aipé,* 8-9 *ipê,* 8 *epê* [< T. ï'pe ~ VLB I. 68: *Casca de pao* = Igpê].
Nome comum a diversas plantas das famílias das bignoniáceas e das leguminosas, que fornecem madeiras de cerne avermelhado e veios escuros muito ornamentais; sua casca tem propriedades medicinais.

*a***1800** in DAP, II. 7: [...] compare-se a força de hum pao ferro, de hum Ipe de hum sucupira das margens do Rio das Amazonas com a de hum carvalho de hum pinho, de hum buxo das margens do Nieper: [...]. **1801** in RAPM, II. (1897) 686-687: Generos vigetaes, Madeiras [...] Ipês, [...]. **1806** Idem VI. (1901) 769: [...] e das serragens do Aipé, chamado tambem páo mulato, desfeitas em agoa com sabão, que se lhes ajunta, sahe a cor de roza. **1817** Casal *Corografia Brazílica* II. 75: Fytologia. Entr'outras muitas arvores de boa madeira nomease o vinhatico, aderno [...] ipê, dito tabaco, dito preto, dito peróba; [...]. Idem *Ib.* 81: Os epês, as ibicuibeiras, as sapucayas, e os piquias sam aqui assáz multiplicados: [Villaverde — P. Seguro.]. **1856** D. Magalhães *A Confederação dos Tamoyos* VII. 212: Pela margem do rio; e avante enxerga | Negrejar ao luar o immenso vulto | Do grandissimo ipê tão desejado. **1857** J. Alencar *O Guarany* (2ª ed., 1864, IV. iii. 185): O velho Aymoré vacillou; seu braço que vibrava o tacape com uma força herculea, cahio inerte; o corpo abateo-se como o ipê da floresta cortado pelo raio. **1863** M. A. Porto Alegre *Brasilianas* 28: Mostra-lhe ao longe dominando os ermos | Ipé frondoso, co'a soberba cópa, | onde mil aves harmonias cruzam! **1869** Varela *Cantos do Ermo e da Cidade* (2ª ed., 1880, 127): Poeta, a trepadeira solitaria | Que se enrosca lasciva ao duro tronco | Do cedro secular; a flôr guardada, | Entre os galhos do ipê, nas grossas folhas [...]. *a***1871** Castro Alves *A Cachoeira de Paulo Afonso* (1876) 46: Não mais ! não mais! O raio, quando esgalha ! O ipé secular, atira ao longe ! Flores, que ha pouco se beijavam n'hastea, | Que unidas nascem, juntas viver pensam, | E que jamais na terra hão de encontrar-se. **1871** J. Alencar *O Tronco do Ipê* I. v. 51-52: Entre os solitarios da varzea, destacava um frondoso ipê. Monarcha da floresta, alçando com soberba a regia corôa submissa e respeitosa. **1872** B. Guimarães *Hist. e Trad. Minas* III. i. 220: O tronco do ipê já se tinha de novo toucado de seus tufados cachos de flôres amarellas. **1872** Taunay *Inocência* (2ª ed., 1884, i. 16): [...], a folhagem lustrosa e os troncos brancos das pindaybas, a copa dos ipês [...]. **1874** Idem *Histórias Brasileiras* 69: Tudo o mais não passa de um penoso vegetar, como se a gente fosse simplesmente um páo de ipé ou de peroba... **1874** J. Alencar *Ubirajara* vi. 96: [...], o grande chefe ergue a fronte soberba como o velho ipê da floresta coroado de flôres. **1875** Varela *Anchieta* X. iv. 326: Nem as vozes vibrantes dos mancebos | Ao golpear sonoro dos machados | Nos grossos troncos dos ipês frondosos! **1875** Machado de Assis *Americanas* 35: Um desfolhado ipê conserva a guarda | flores que lhe ficaram de outro estio. **1876** Couto de Magalhães *O Selvagem* II. i. 15: Os indios fazem com madeira rachada de ipé um facho [...]. **1879** B. Guimarães *O Pão de Ouro* i. 253: É o truculento Ipé, que como um cacique todos os annos se enfeita de um diadema de flores amarellas, diadema ephemero e irrisorio, que no outro dia o vento lhe arranca da fronte e roja pelo chão. **1914** Coelho Neto *Rei Negro* x. 424: Amanhecia ao tempo, tiritando, com os humidos farrapos apegados ao corpo e, quando o sol luzia, fazendo brilhar a matta florida, ás manchas roxas e amarellas das *quaresmas* e dos ipês, [...]. **1918** Monteiro Lobato *Urupês* 113: Borboletas amarellas nas poças: parece debulhado n'agua um ramo de ipé. **1919** Idem *Cidades Mortas* 189: Na lama da estrada, ao pé da porteira, uma orla de pétalas côr de ouro — flôres de ipê? — engrinaldam as pôcinhas d'agua côr de telha. **1928** M. Andrade *Macunaíma* iv. 43: Os ipês de beira-rio relampeavam de amarello e todas as flores caíram nos ombros soluçando do moço Titçatê guerreiro de meu pai.

ipeca[1] *s.f.* Var.: 5 *upeca,* 6 *upequa,* 8 *ypeca,* 9 *ipêca* [< T. ï'peka ~ VLB II. 68: *Pata, ou pato, gnlr.* = Ypeca].
Nome indígena do pato.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, H. lxxxi. 92): Criam-se mais ao longo dêstes rios e nas alagoas muitas adens, a que o gentio chama upeca, que são da feição das de Espanha, mas muito maiores, as quais dormem em árvores altas, e criam no chão perto d'agua. Comem peixe, e da mandioca que está a curtir nas ribeiras; tomam os indios estas adens, que são novas, e criam-nas em casa, onde se fazem muito domésticas. *c***1631** C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 186: Upequa quer dizer pato he preto pelas costas e pardo pela barigua e as azas pintadas de bramquo e algumis cam todos pretos e he hũ dos pacaros milhores de comer desta tera e fazem os filhos ẽ buraquos de paos e fazem noue e des filhos e tamto que os tirão tomannos com os bicos leuam a borda do rio pera comerem. **1800** J. Veloso *Aviário Brasílico* 14: Não ha Ave alguma, que faça impressão deleitável sobre o sentido do olfato, á excepção da Adem *olmiscarada*, da qual o cheiro de ambar [*em nota de rodapé: ypecaguaçu* dos Brasileiros] a faz appetecer por muitos. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 229: O casal de patos nada disse, pois a voz das ipêcas é só um sôpro.

ipeca[2] *s.f.* Var.: 9 *ipéca* [Forma reduzida de *ipeca*cuanha].
Ipecacuanha.

1935 Jorge de Lima *Calunga* xiii. 111: Mézinhas não faltaram, purgas de gitó, vomitórios de ipéca, quina-quina, chás de mangerioba com raiz de capeba, cabacinho serenado com mel de pau, tudo, tudo se deu, até rezas, benzeram a doente contra mal-feitos, olhado, tudo, mas nada dava volta naquêla maleita infernal.

ipecacuanha *s.f.* Var.: 5 *jgpecacoãya, pecacuém,* 7 *picaquanha,* 7-8 *ipecaquanha,* 8 *ipecacuanha,* 9 *ipecaconha* [< T. ïpeka'-kuaña < ï'peka 'pato' + a'kuaña 'pênis' ~ VLB II. 35: *Membrũ uerile* = Tácoãnha, I. Tacoãya. Aîgnha].
Planta da família das rubiáceas (*Cephaelis ipecacuanha*), de cujas raízes se extrai o alcalóide emetina, de propriedades medicinais.

*c***1584** Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 23*v.*: Jgpecacoãya. Esta erua he proueitosa p[a] camaras de sangue, a sua hastia he de cõprim[to] de hũ palmo, e as raizes de outro, ou mais, deita som[te] quatro, ou cinco folhinhas, cheira m[to] onde quer q̃ está, mas o cheiro he fortum e terriuel. esta raiz moida, botada ẽ huã pouca dagua se poẽ a serenar huã noite toda, e p'la menhaã se aquẽta a agua cõ a mesma raiz moida, e coada se bebe som[te] a agua, e logo faz purgar de manr[a] que cessão as camaras de todo. **1587** G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, H. lxi. 44): Pecacuém são uns ramos que arrepam como parra, cuja fôlha é pequena, redonda e brancacenta; as suas raizes saõ como de junça brava, mas mais grossas, as quais têm grande virtude para estancar câmeras; de que se usa tomando uma pequena desta raiz pisada e lançada em agua; posta a serenar e dada a beber ao doente de câmeras de sangue lhas faz estancar logo. **1716** J. C. Semedo *Memorial* in *Brasília* III. (1946) 230/231: Raiz do Cypò, & suas virtudes. A esta raiz, a quem os Portugueses chamão Cypò, chama o Gentio da America Picaquanha, que he o mesmo, que dizer Pica de cão: [...]. **1782** F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* I. v. 78-79: Duas são as especies de Ipecaquanha, huma com o nome de preta, outra branca. *a***1800** in DAP, II. 6: A quina, a Ipecaquanha, e outros muitos generos medicinais são excellentes produções para as terras mais do interior daquelle continente: [...]. **1801** B. A. Gomes *Plantas do Brasil* ix: Apesar da raiz da Ipecacuanha ser usada na Europa ha perto de dous seculos, e a pesar de ser contada no cathalogo dos grandes remedios, de que tem feito aquisição a Medicina, tem sido até agora desconhecida aos Botanicos a verdadeira planta, de que se colhe. **1801** in RAPM, II. (1897) 686-687: Generos vigetaes, Madeiras [...] Ipecacuanha, [...]. **1813** C. J. Cardoso *Plantas de Minas Gerais* in RAPM, VII. (1902) 748: *Ipecacuanha.* (Viola Ipecacuanha:) — A rais desta planta, que os Indios da Freguezia do Pomba, e habitantes das margens do Rio Doce, colhem para venderem a commerciantes a 300 até 400 reis a libra; seria mais util aos Reaes Interesses, que os Cómandantes das Divisoens daquelles Districtos a comprassem, para a remetter directamente os Armazens Reaes. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 13: São innumeraveis as medicinaes, notam-se a quina, herva santa, *abútua,* o *fedegoso,* ou páo *magirioba, excellente febrifugo, barbatemão,* cuja cásca he um famoso adstringente, *artemisia, herva cidreira,* que cresce espontaneamente, o *mastruz, mentrasto, jalapa, ipecacuanha,* [...]. **1936** J. L. Rego *Usina* II. xxviii. 365: Dona Dondon distribuia dose de ipecaconha.

ipecu *s.m.* Var.: 5 *uapicu, jpecum,* 6 *upecû, opecu* [< T.

ipe'kû ~ VLB II. 76: *Peto* = Ipecũ: este he o principal da cabeça uermelha: (...)].

Ave da família dos picídeos; pica-pau.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXIX. 115): Há outros pássaros, a que o gentio chama uapicu, tamanhos como tordos, têm o corpo prêto e as asas pintadas de branco, e o bico comprido, tão duro e agudo que fura com êle as árvores que tem abelheiras até que chega ao mel, de que se mantêm; [...]. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1375-1380: Jpecum Ha hũs passaros tamanhos como poupas tẽ hũ capello de fino vermelho o mais he preto cõ os emcõtros brãcos tẽ o bico m^to^ forte mas piqueno os peés como de pega fura os paos cõ o bico e pareçe calafate natural no picar saõ de tres castas. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 113*v.*: [...] vpecù — he Ave que tem coatro esporõis a modo dos de gualo [...]. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 189*v.*: Opecu he hũ pasoro mahor que hũa melroa tem a cabesa uermelha pelo papo e as azas e o rabo preto e em riba das costas bramquo a barigua bramqua raiada de pardo tem os peis e o biquo pardo cor de simza e uai atrepamdo pelos pauos e uai piquamdo nelas que não parese senão carapina que cortam madeira e mais tiram mel dos pauos eles fazem seus filhos em buraquos dos pauos e fazem dous filhos e os ouos sam bramquos.

iperu *s.m.* Var.: 5 *uperu* [< T. ïpe'ru ~ VLB II. 138: *Tubarão* = Yperû].

Nome indígena do tubarão.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXXVIII. 195): Uperu é o peixe a que os Portuguêses chamam tubarão, de que há muita soma no mar da Bahía; êstes comem gente, se lhe chegam a lanço, e andam sempre à caça do peixe miúdo; [...].

ipu *s.m.* Var.: 8-9 *ipú* [< T. ?].

V. abon.

1865 J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, v. 29-30): Nós guardamos as serras, d'onde manam os corregos, com os frescos ipús onde cresce a maniva e o algodão; [...] [*Nota do Autor, à pág. 202*] Ipú — Chamam ainda hoje no Ceará certa qualidade de terra muito fertil, que forma grandes corôas ou ilhas no meio dos taboleiros e sertões [...]. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* xvii. 251: Vinha trazendo um naco pra vocês, vai, escorreguei atravessando o ipú, dei um tombo, naco foi parar longe e tanajura sujou nele.

ipueira *s.f.* Var.: 5, 7 *ipoeyra*, 8 *ypoeira*, 9 *ipueira* [< T. °ï'puera < 'ï 'água' + 'puera 'que já foi' ~ VLB I. 24: *Agoa* = Ig].

Terreno alagado; charco formado pelo transbordamento dos rios, onde as águas se conservam por vários meses.

1588 in ABN, LXXXII. (1962) 220: [...] até acabar de medir as setecentas brassas que com as ipoeyras estavão medidas [...]. *c*1753 in DAP, VII. 1: [...] as beyradas do Rio são indignas, por ordinario m^to^ bayxo, que allaga no Inverno cheyo de ipoeyras, e cercado de pequenos lagos, e com infinda praga, sem nunca melhorar. *a*1871 CASTRO ALVES *A Cachoeira de Paulo Afonso* (1876) 103: E tu desces ó Nilo brazileiro, | As largas ypoeiras alagando, | E das aves o côro alviçareiro | Vae nas balsas teu hymno modilhando! 1902 E. CUNHA *Os Sertões* 14: Intercorrem, ainda, paragens menos estereis, e nos trechos em que se operou a decomposição *in situ* do granito, originando algumas manchas argillosas, as copas virentes dos ouricuryseiros circuitam, parenthesis breves abertos na aridez geral, as bordas das ipueiras. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* xvi. 230: Noite chegada, enxergando as luzinhas dos afogados sambando manso nas ipueiras da cheia Macunaíma olhava e adormecia bem. 1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 50: No côvo da ipueira, o coaxar dos sapos avançava longe e voltava — *um... um... um...* — como se corressem escalas em enorme teclado fanho. 1956 IDEM *Grande Sertão: Veredas* 237: Ao tanto levamos os lotes de burros para esconder no Capão dos Ossos, onde tem carrascais e caminho de caatinga pobre, com lagoas secando: as ipueiras verdolengas.

ipupiara *s.f.* Var.: 5 *hipupiára*, *jgpupiara*, *upupiara*, 7 *igpupiará* [< T. ïpupi'ara ~ VLB I. 85: *Cousa mâ q. anda nagoa* = Ygpupiara].

Monstro marinho: v. abon.

[1560 ANCHIETA *Carta* in S. Leite *Cartas* III. (1958) 235: Sunt et alii in fluminibus, quos *igpupiára*, id est aquam incolentes dicunt, qui similiter Indos perimunt.]. 1576 GÂNDAVO *Hist.: Capit. 9. Do monstro marinho que se matou na capitania de Sam Vicente no anno de 1564*. Foy cousa tam noua, & tam desusada aos olhos humanos, a semelhança daquelle fero & espantoso monstro marinho que nesta prouincia se matou no anno de 1564 q̃ ainda que por muitas partes do mundo se tenha ja noticia delle, nam deixarey todauia de a dar aqui outra vez de nouo, relatando por extenso tudo o q̃ acerca disto passou. Porque na verdade a mayor parte dos retratos, ou quasi todos, em que querem mostrar a semelhança de seu horrendo aspecto, andam errados, & alem disso, contase o successo de sua morte por differentes maneiras, sendo a verdade hũa só, a qual he a seguinte. Na capitania de Sam Vicente, sendo ja alta noite a horas em que todos começauam de se entregar ao sono, acertou de sair fora de casa hũa India escraua do capitão: a qual lançando os olhos a hũa varzea q̃ está pegada com o mar, & com a pouoçam da mesma capitania, vio andar nella este monstro, mouendo se de hũa parte pera outra, com passos & meneos desusados, & dando algũs hurros de quando em quando tam feos, que como pasmada & quasi fora de si, se veo ao filho do mesmo capitam, cujo nome era Baltesar Ferreira, & lhe deu conta do que vira, parecẽdolhe que era algũa visam. diabolica. [...] Os Indios da terra lhe chamão em sua lingua Hipupiára, que quer dizer demonio dagoa. *c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 27*v.*: Estes homens marinhos se chamaõ na lingoa Jgpupiara, tẽlhe os naturais taõ grande medo q soo de cuidarem nelle morrem muitos, e nhũ q̃ o uee escapa, algũs morreraõ ja, e perguntando lhe a causa, diziaõ q̃ tinhaõ uisto este monstro, parecemse cõ homens propriamente de boa statura, mas tẽ os olhos muito encouados. 1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXXVII. 190): Não há dúvida senão que se encontram na Bahia e nos recôncavos dela, muitos homens marinhos, a que os índios chamam pela sua língua upupiara, os quais andam pelo rio d'água doce pelo tempo do verão, onde fazem muito dano aos índios pescadores e mariscadores que andam em jangadas, onde os tomam, e aos que andam pela borda da água, metidos nela. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 2212-2217: Homẽs marinhos Ha de m^tas^ manr^as^ e se os naturais dizẽ q̃ os vẽ vẽ asombrados e m^tos^ morrẽ de pasmo Jgpupiara dizẽ os naturais q̃ saõ como homẽs tẽ o cabello Ruiuo os olhos emcouados de boa estatura as molheres dizẽ tẽ cabelos cõpridos e fermosos. 1706 M. BERNARDES *Nova Floresta* I. x. § III. 402: O P. Joseph da Costa da Companhia de Jesus refere entre as noticias do mundo novo, que se vem andar vagando pelos bosques muitos destes espiritos, a que os naturaes chamaõ Curopirá: e outros nas aguas a que chamaõ Igpupiará; e outros nas praias do mar e ribeiras dos rios, que chamaõ Baetatá: estes levaõ diante de si fogo inquieto, que discorre a huma, e outra parte; [...].

irara *s.f.* Var.: 5-6 *eirara*, 6 *jrarâ*, *heirate*, 7-9 *irára*, 8 *hyrara*, *hirára*, 8-9 *irara*, 8 *hirara* [< T. ei'rara < e'ira 'mel' + 'ara 'tomar, recolher' ~ VLB II. 35: *Mel dabelhas* = Eira. *Ib.* II. 130: *Tomar como quer* = Aiar. act.].

Mamífero carnívoro da família dos mustelídeos; papa-mel.

*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 15: Eirara. Este animal se parece cõ gato de Algaliae: ainda q̃ alguns dizem q̃ o naõ he, saõ de muytas cores .s. pardos, pretos, e brancos: naõ comẽ mais q̃ mel: e neste officio sam taõ terrjueis q̃ por mais piqueno q̃ seja o buraco das abelhas o fazem tamanho q̃ possam entrar, e achando o mel naõ no comẽ ate naõ chamar os outros: e entrando o mayor dentro naõ faz senaõ tirar, e dar aos outros, cousa de grande admiração, [...]. 1610 J. MONTEIRO *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.*, VIII. (1949) 420: Do eirara. Há três castas destes animais. Seu mantimento comum é mel, e a isto tomam o nome de *eirara*, que quer dizer colhedor de mel, no que são estremados oficiais. Contam os Índios que guardam em o colher este modo, que é quando algum dá com alguma abelheira, ajunta os eiraras, e o maior é o que entra na toca ou concavidade, onde está o mel, e dela o desencova, dando-o por sua ordem aos que estão de fora, até que o tiram fora. Acabada a cresta ajuntam tudo, e o comem irmãmente. Os grandes são pretos, excepto a cabeça, que é branca. Há outros a que chamam *eiraramerim*, mais pequenos, e estes são todos pretos. Há outros, a que chamam *eiratinga*, que quer dizer branco, e são os mais pequeninos. Um Padre, que os viu, me disse que lhe parecia que estes eram de algália, e que tendo feito muita diligência nunca pudera haver um, por serem mui bravos e ligeiros. Estes, além do mel, são grandes caçadores de pássaros. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 131*v.*: [...] Jrarâ — he hũ animal do tamanho de hũ gato de cor negra foçinho comprido a boqua de feiçaõ de jlho cujo verdadeiro mantimento saõ formigas e déllas se sostenta. IDEM *Ib.* v. fl. 133: [...] heirate — hũ animal grande o coal se sobe sobre as Aruores aonde vé que ha mel do modo que o fazem os guatos — e despois de estarem ençima delle com os dentes e vnhas. furaõ o tromquo pera averem de comer o mel, e assim se fartaõ delle sem arresearem o Aguilhaõ das Abelhas. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 258: [Quadrupede] Irára ou papamel; são cinzentos e raiados de branco, o que é próprio ás d'este paíz; é espécie de Fuinha. 1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 63: A *hyrara*, por outro nome em algumas provincias *papamel*, tem semelhanças de macaco, vista de longe, tres palmos de comprimento, focinho agudo, pernas curtas, cauda comprida, côr anegreada, cabeça cinzenta, mas não conservam estas côres em todas as provincias. 1857 J. ALENCAR *O Guarany* (2ª ed., 1864, I. ix. 96): Sua pupilla fulva brilhou na treva, como os olhos da hirára. IDEM *Ib.* 356 [*Nota do Autor*]: Especie de gato selvagem, indigena do Brasil. 1865 IDEM *Iracema* (3ª ed., 1878, xxxi. 183): Na espessura do bosque estava o leito da irara ausente; os tenros cachorrinhos, grunhem enrolando-se uns sobre os outros. *a*1871

CASTRO ALVES *A Cachoeira de Paulo Afonso* (1876) 15: A queimada! A queimada é uma fornalha! ! A hirara pula; o cascavel chocalha... ! Raiva, espuma o tapir! **1871** B. GUIMARÃES *Lendas e Romances* I. vi. 65: A esquerda era a continuação do mesmo roladouro que se erguia por cima de sua cabeça, e que só a irára ou o sagui poderião galgar. **1872** IDEM *Hist. e Trad. Minas* III. iii. 225: Jupyra não perdeu um só instante; mal se vio solta dos braços do truculento cacique, em quanto este a rijos botes de tacape perseguia a cobra, mais veloz e subtil do que uma irára desappareceu pela matta, e chegou suando e arquejando ao pé de sua mãe. **1877** IDEM *Maurício* II. xiii. 142: Emfim tinha faro de cão, leveza e agilidade de irara, esperteza e astucia de rapoza. **1879** IDEM *Pão de Ouro* iii. 268: O saguim, a irára, o quati e outros animacsinhos inoffensivos saltavam e brincavam pelas ramas das arvores. **1918** MONTEIRO LOBATO *Urupês* 118: A menina era entrevada e a mãe má como irára. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xvii. 196: As iraras papa-mel e os cachorros do matto fechavam a caravana. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 266: Com um rabeio final, o papa-mel empoou-se nas costas, e andou à roda, muito ligeiro, porque é bem assim que fazem as iraras, para tomar qualquer resolução. **1956** IDEM *Grande Sertão: Veredas* 22: E um pedacinho de pensamento: se aquêle bicho irara tinha jazido lá, então ali não tinha cobra.

irerê *s.m.* Var.: 6 *airire*, 8 *aréré*, 8-9 *irerê*, 9 *ererê*, *iererê* [< T. *ire're].

Ave da família dos anatídeos; espécie de marreca.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 117: [...] demais das Aves de que tenho tratados. ha enfinidade de outras que se sostentaõ de pescados e pastaõ sobre os Rios e Alagoas. todas de marauilhozo guosto no comer, como saõ — Patas e Adeñs — fermosissimas e oittra sorte desta callidade a que chamaõ — Airires — potoris — Masariquos — seriquos — colhereiras — vermelhas e branquas — que daõ marauilhozas plumajeñs [...]. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* II. 143-144: Na vizinhança do rio de S. Francisco ha varias lagoas de grande extensão, em cujas margens se ajuntam numerosos bandos de aves paludaes; como sejam colhereiras, [...]: no centro navegam grandes frotas de marrécas *arérés*, e paturés, que sam menores. [**1865** J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, 225): [*Nota do Autor*] *Jererahu* — rio das marrecas; de *jerere* ou *irêrê* — marreca, e *hu* — agua]. **1873** IDEM *O Garatuja* vii. 57: Certa manhã, andara o Ivo á pautear com o nariz ao vento pelas margens da lagoa das Marrecas, espantando os irerês e colhendo flores para as copiar á tempera, lá na tenda do Belmiro. **1874** IDEM *Ubirajara* v. 84/85: No seio das ondas ninguem a advinhava a não ser o ouvido subtil de Jurandyr, a quem ella chamava com o doce murmurio do irerê. **1886** J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 323): Ora seu corpo cortava airoso como o da irerê as aguas claras da bacia sobre as quaes boiavam seus negros cabellos, quando não repousavam humidos no dorso lustroso. **1914** COELHO NETO *Rei Negro* i. 9: Um veio limpido descia da matta em fio serpentino cascalhando, borbulhando nas pedras até gorgolejar num tanque ourelado de avencas e samambaias em torno das quaes ererês domesticos galravam. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* iv. 49: [...] e seu compadre marimbondo, prá baratinha casadeira, pro passaro que grita "Tam!", [...] prá lagartixa que anda de pique com o ratão, pros tambaquis tucunarés pirarucús, curimatás do rio, os pecaís tapicurús e iererês da praia, todos êsses entes vivos mas ninguem não vira nada, ninguem não sabia de nada. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 149: — Tem o marrequinho rabudo, que assobia... Tem os irerês... tem as garças...

|| **iriarana** (*iriarânna*): v. abon.

1817 CASAL *Corografia Brazílica* II. 37: [grande diversidade d'arvores de bom páu para construcção principalmente:] iriarânna; [...].

iru *s.m.* Var.: 5 *heru*. Cp. IRUÇU [< T. *e'iru: cp. T. ei'ruua ~ VLB I. 18: *Abelha, gnlr.* = Eiruba, tem muitas especies (...)].

Espécie de abelha: v. abon.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. xci. 119): Na Bahia há muitas castas de abelhas. Primeiramente há umas a que o gentio chama heru, que são grandes e pardas; [...].

iruçu *s.f.* Var.: 7 *oruçu*, 8 *uruçú*, 9 *irussú*, *urussú* [< T. eiru'su ~ VLB I. 18: *Abelha, gnlr.* = Eiruba, tem muitas especies (...) Eiruçu. Eirapua].

Abelha da família dos meliponídeos.

1789 F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 209-210: A Abêlha, que estou observâdo, he: Oruçu, hum pouco menor, que a mellifica Europea. [...] Habita em concavos dos troncos das arvores pelos grandes matos; domestica-se, e conserva-se em caixoens de madeira pendurados por cordas no exterior das casas com o abrigo das têlhas. [...] Fabrica mel, e cera em quantidade maior que todas as outras especies. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* I. 75: A chamada *uruçú* [especie de abêlha] he a mais numeroza, e de côr parda: fazem-se-lhe cortiços de páu, que dependuram debaixo dos beirados ao enxuto: o aivado ou porta he um orificio, por onde cabe commodamente uma por cadavez, e onde sempre está uma de vigia com a cabeça de fóra, para impedir a entrada aos pequenos insectos. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 125: Amanhã êle vai ao capoeirão, tirar mel de irussú para o Primo Ribeiro [...]. IDEM *Ib.* 225: Muito mel, muita bojuí, jati, urussú, e tôda raça de abelhas e vespas, esvoaçando; [...].

itã *s.f.* Var.: 5, 9 *itã*, 6 *itans* (pl.) [< T. i'tã ~ VLB II. 37: *Mexilhões dagoa doce* = Itãmirî. as mayores pintadas. Turumũbu. as muito grãdes. Itãguaçû].

Molusco bivalve cuja concha era utilizada como cuia pelos indígenas; concha bivalve que se encontra nas areias dos rios.

*c***1584** CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 31*v.*: Itã. Ha nos rios dagoa doce muytos generos de conchas grandes e piquenas. alg^as saõ taõ grandes como boas cuyas e seruem de fazer a farinha com ellas, [...]. *c***1698** J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 28: [...] acham-se mais como acazo umas perolas nas Itans grandes, e estas por não serem bem redondas não se estimam. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 185: Mas êste é um bicho vivo, uma itã. No córrego tem muitos iguais...

|| **itacaba:** v. abon.

*c***1767** J. DANIEL *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, II. (1840) 344: — De algumas outras bebidas mais deliciosas, como os vinhos do açay, de itacaba, de cacau, como mais usados dos Indios mansos [...].

itacuatiara *s.f.* Var.: 9 *itacoatiara* [< T. *itakua'tiara < i'ta 'pedra' + kua'tiara 'pintura' ~ VLB II. 69: *Pedra, gnlr.* = Itã].

Inscrição rupestre.

1930 G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 145: Aliás, esses petroglyphos (*itacoatiaras* dos selvicolas) são bastante frequentes por aqui, [...].

itaicica *s.f.* Var.: 5 *jgtaigcigca*, *jtaiçiqa*. Cp. JATAICICA [< T. itaï'sîka ~ VLB I. 32: *Almecigua* = Ygcîca. A dura q̃ serue de louça. Itaîcîca].

Almécega: v. abon.

*c***1584** CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 21*v.*: Ay outra aruore desta casta [Jgcigca] chamada jgtaigcigca. .i. [*id est = isto é*] almecega dura como pedra, e assi mais parece anime q̃ almecega, e he taõ dura e resplandecente q̃ parece uidro, e serue de dar uidro a louça, e p^a isto he m^to estimada entre os Jndios, e serue tãbẽ p^a doenças de frialdade. *c***1594** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1935-1941: Almecega Serue p^a chagas dor de cabeça cõ o sũmo p^a corrimẽtos e emprastos chamalhe Monardes carana, tirase como oleo mas secase logo ha outra q̃ parece pedra e serue p^a o lustre dos pratos e alguidares q̃ estes fazẽ vẽ m^ta p'lo Rjo grande abaixo chamaõlhe Jtaiciqa.

itaimbê *s.m.* Var.: 7, 9 *itambé*, 9 *taimbé* [< T. ita'*ɳ*e < i'ta 'pedra' + e'*ɳ* e 'lábio inferior', 'borda, beira' ~ VLB I. 53: *Beiço de baixo* = Tembê se he de homem, e se não Cembê].

Vale de paredes abruptas, *cañon*; despenhadeiro, precipício.

Merece especial referência a descrição pitoresca, mas bem precisa, que fez o padre Manuel da Fonseca (v. abon. 1752) de um *cañon* do sul do Brasil.

1752 M. FONSECA *Vida Pe. Belchior de Pontes* (ed. Melhoramentos, xvii. 98): Naõ saõ tambem poucos os perigos, que se encontraõ nos campos de Corytyba, porque ha Itambés taõ altos, (assim chamaõ os naturaes as concavidades) que nascendo hum pinheiro nos profundos destas covas, dá parabens á sua antiguidade, quando chega a ver o Sol, ficando os seus ramos sombranceiros á terra, e offerecendo alegre, e victorioso os seus fructos aos viandantes, os quaes os poderiaõ colher sem mais trabalho, do que estenderam as mãos ás suas ramas, se naõ temessem o precipicio, com que a pouca firmeza da terra os ameaça. **1907** E. CUNHA *Contrastes e Confrontos* 131: Enquanto á roda, desafiando-os, alcandorados nos *itambés* a prumo; [...]. **1911** A. MAIA *Tapera* 117: A cheia invadira a pleno os taimbés, rasára as tocas e da garganta das grotas golfára torrentes sobre os banhados, [...]. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 169/170: E a vista se dilatara: [...] e mais pedreiras, tabuleiros, canhões, canhadas, tremembés e itambés, chãs e rechãs. **1956** IDEM *Grande Sertão: Veredas* 432: E vi um itambé de pedra muito lisa; subi lá.

itaipava *s.f.* Var.: 7, 9 *itaipava*, 7 *itaypava*, *itaupaba*, *itaupuba* [< T. *itai'paua].

Cachoeira, corredeira, salto.

1721 in *Docs. Hist. Paraná* (ed. 1923, 19): [...] e por hum rio, que vay quasi ao pé da Serra, e em que ha varias itaipavas, ou cachoeyras, que se passão com risco, [...]. *c***1727** J. A. C. CAMELO *Das Minas do Cuiabá* in RIH, IV. (1842) 487: [...] d'estas roças ao Rio Grande serão doze ou treze dias de viagem, n'estes se passam com bastante risco e perigo

muitas itaypavas e cachoeiras: [...]. **1751** A. Rolim *Relação* in RIH, VII. (1846) 475: Este primeiro rio, a que chamam Tieté, é o mais cheio de cachoeiras e das peiores. O fundo d'elle é quasi todo pedra, quando esta é assentada por igual, mas com pouco fundo, de modo que algumas partes eram calhau, onde roção as canôas; chamam a isto itaupaba; [...]. Idem *Ib.* 477: Além d'estes saltos [de Avenhundaba e Itapurã] passei n'este rio [Tieté], entre itaupubas, cachoeiras e sirgas, 61; em algumas das quaes se tiravam meias cargas âs canôas, e em muitas houve grandes demoras. **1907** E. Cunha *Contrastes e Confrontos* 128: Desde as primitivas buscas pelos leitos dos corregos, dos caldeirões e das itaipavas, com almocafre curvo ou a bateia africana, na actividade errante das faisqueiras; [...].

itamembeca *s.f.* [< T. itame'ŋ eka < i'ta 'pedra' + me'ŋ eka 'mole' ~ VLB II. 69: *Pedra, gnlr.* = Itâ. *Ib.* II. 40: *Mole* = Puba. Membeca].

Esponja do mar: v. abon.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxliii. 228): Também deita o mar por estas praias muitas vêzes esponjas, a que os índios chamam itamembeca, as quais se criam no fundo do mar, donde umas saem delgadas e moles, e outras têsas e aperfeiçoadas.

itamotinga *s.f.* [< T. °itamo'tiŋa].

Espécie de pedra brilhante que se encontra nas margens dos rios.

1928 M. Andrade *Macunaíma* vi. 78: Tinha turquezas esmeraldas berilos seixos polidos, machados facões frexas de pedra lascada, grigris rochedos elefantes petrificados, colunas gregas, deuses egipcios, budas javaneses, obeliscos mesas mexicanas, ouro guianense, pedras ornitomorfas de Iguape, opalas do igarapé Alegre, rubis e granadas do rio Gurupí, itamotingas do rio das Garças, itacolumitos, turmalinas de Vupabussú, [...]. **1956** Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* 306/307: Nhorinhá puta e bela. E ela rebrilhava, para mim, feito itamotinga.

itaoca[1] *s.f.* Var.: 5 *jtaoca,* 7 *taóca* [< T. ita 'oka].

Peixe-sapo.

*c*1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 27: Ay outro peixe sapo q̃ na lingoa se chama Jtaoca, tem 3. quinas em o corpo q̃ todo elle parece hũ punhal, he fermoso, tem os olhos esbugalhados, esfollado se come, consiste a peçonha na pelle figados, tripas, e ossos, q̃lq̃r animal q̃ o come logo morre. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 2191-2194: Jtaoca [peixe] pareçe punhal de tres gumez e os olhos esbugalhados este taõ bẽ esfolado e estripado se comẽ. **1789** F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 183-184: Taóca, peixe com a extensão de hum grãde palmo; todo o corpo triangulo: dorso, e lados do abdomen com gume agudo á maneira de instrumento incidente; os meios acanulados; cabeça, e rostro nimiamente compressos com as faces cavadas; [...] Todo o corpo cuberto de cutis ossea, aspera, com figuras de dados, [...].

itaoca[2] *s.f.* Var.: 5 *jta oca* [< T. ita'oka].

V. abon.

*c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1142-1144: Ha outros [gatos] como pretos maracajamerj. Jta oca saõ como onças e m^to^ Ligeiros tẽ hũ brãço asafroado as peles destes saõ boas p^a^ forros.

‖ **itapicurú:** v. abon.

1817 Casal *Corografia Brazílica* II. 98: Entre as arvores de boa madeira para construção acha-se a [...] itapicurú, [...].

itapuá *s.m.* [< T. ita'pua].

Espécie de arpão.

1895 J. Veríssimo *A Pesca na Amazônia* I. v. 63: O itapuá é uma especie de harpão mais curto que o já descripto. **1928** M. Andrade *Macunaíma* xii. 169: Então Macunaíma se lembrou de fazer uma pescaria. Porêm não podia pescar nem de frexa nem com timbó nem joticá nem cunambí nem tinguí nem macerá nem no parí nem com linha nem arpão nem juquiaí nem sararaca nem gaponga nem de poita nem de cassuá nem itapuá nem de giquí nem de grozera nem de gererê, guê, tresmalho, cóvo, anzol de vara, todos esses objetos armadilhas e venenos porquê não possuia nada disso.

itaúba *s.f.* [< T. °ita'ĩua < i'ta 'pedra' + 'ĩua 'planta, árvore'].

Planta da família das lauráceas.

*c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 263: [Arvore que serve para madeira] Itaúba. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 343): A ligeira montaria de itaúba está presa á pequena ponte de troncos de palmeira, á margem do rio. **1895** Idem *A Pesca na Amazônia* I. iii. 32: A madeira a que dão a preferencia é a itaúba, páo pedra, páo duro como pedra, páo ferro, de *itá* pedra e depois ferro, e *ubá,* madeira, páo. **1928** M. Andrade *Macunaíma* vi. 76: Depois de muitos salamaleques Piaimã tirou os carrapatos da francesa e levou-a pra uma alcova lindissima com esteios de acaricoara e tezouras de itaúba. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 122/123: Aprendo tambem [...], que a *itaúba* é das melhores madeiras para a construção de canoas, [...].

ituá *s.m.* [< T. ?].

Planta da família das gnetáceas.

*c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 265: [Cipó] Ituá.

ivirapema *s.f.* Var.: 8 *iverapeme, (igara-pema), iverapema,* 9 *ivarapema* [< T. ĩ'ŋĩra'peŋa].

Espécie de tacape.

1851 G. Dias *Últimos Cantos* (ed. 1865, II. 93): Na fronte o kanitar sacode em ondas, | O enduápe na cinta se embalança, | Na dextra mão sopesa a iverapeme, | Orgulhoso e pujante. **1874** J. Alencar *Ubirajara* 164: [*Nota do Autor*] O uso da lança não era commum aos selvagens, que empregavam de preferencia o arco, o tacape, a macana, e a igarapema, especie de remo, que fazia as vezes da partasana. Idem *Ib.* Outros escrevem *iverapema*; mas o nome é aquelle de *igara-pema,* espada da canôa; basta ver-lhe a fórma para comprehender seu duplo destino. **1933** G. Ramos *Caetés* xxxi. 229: Porque fui provocar o Dr. Castro sem motivo e fiz de um taco ivarapema para rachar-lhe a cabeça?

J

jabebira *s.f.* Var.: 5 *jabubirá, jabebira,* 6 *yabebura, jarabuibura* [< T. ỵaụe'ɱĩra ~ VLB I. 41: *Arraya* = Jabebîra. Suas especies: Jabebigtinga, Narinari, Narinaripinima e Aiereba].

Espécie de arraia: v. abon.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxxii. 208): Arraias há na Bahia muitas, as quais chamam os indios jabubirá e são de muitas castas como as de Lisboa; e morrem à linha e em rêdes; há umas muito grandes e outras pequenas, que são muito saborosas e sadias. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 2112-2114: Arrajas Ha m^tos^ e todas se comẽ Jabebira Narinarj, e baepeçu, Agereba. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 168: yabebura he a raia e tem de tres castas e tem hũa casta de [*sic*] mui grande he muito forte coberta de picamis nas costas e a pelia despois de cequa cerue aos negros de rapar as cuas tes que são muito fortes que nem frexa nem espada a pode pacar ela tem hũ piquão no rabo que com muito periguazos que de algũa piquaduras delas tem ia morido algua iente ela he muito bom comer uinaigre e azeite. Idem *Ib.* fl. 170: Raia Jarabuibura são de tres palmos de compridos tẽ no rabo hu farpão cuia ferida he peçonhenta são boas p^a^ comer.

jabebirapinima *s.f.* Var.: 6 *yabeburapeni* [< T. ỵaụeɱĩrapi'nima < ỵaụe'ɱĩra 'jabebira' + pi'nima 'pintado, manchado'].

Espécie de arraia: v. abon.

*c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fls. 173*v*.-174: Yabeburapeni a raia dauguoa dose de hũ palmo e meio de comprido que pode uir a fazer de roda quoatro palmos e meio elas cão muito redomdas e o rabo quanto elas cão pardas e pimtadas de cor de laramgua e o pesquoso quuberto de piquamis pequenos e tem dous compridos peguados ao rabo e cam muito periguozos e peçonhentos ela são muito pereguozas e cam bom de comer.

jabota *s.f.* Var.: 8-9 *jabóta,* 9 *jabota* [Do masculino *jaboti,* variante já documentada no séc. XVII (v. jabuti), com a desinência *-a,* característica da maioria dos vocábulos femininos em português].

Fêmea do jabuti.

1876 N. J. R. Sousa *Diário* (ed. 1946, 22): Pouco adiante deste lugar achamos uma jabóta atravessando o rio [...]. 1930 G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 282: Aqui, de accôrdo com o sexo, distinguem estes chelonios [os jabotis] em *carumbé* e *jabota.* 1938 R. Morais *Os Igaraúnas* ii. 20: — Da nhá Philomena, da outra banda. Ella paga em xerimbabo: gallinha, jabóta, porco, mutum, saracura, o que o caruné quizé.

jaburandi *s.m.* Var.: 5 *jabigrandi,* 5-6, 8 *jaborandi,* 6 *jaborandí,* 5 *jaborandiba, jaburãdi, jaborãdi,* 7 *jamvarandim, iamvarandim* [< T. ỵaɱũ'ra'ni].

Nome comum a diversas plantas das famílias das piperáceas (*Piper jaborandi, P. corcovadense* etc.) e das rutáceas (*Pilocarpus integrifolia, P. pennatifolius* etc.).

*c*1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 22: Jabigrandi. Esta aruore ha pouco q̃ foi achada, e he como dizẽ algũs Jndiaticos, o Betele, nomeado da Jndia, os Rios e ribr^os^ estaõ cheos destas aruores, as folhas comidas saõ unico remedio p^a^ doenças de figado, e m^tos^ neste Brasil sararaõ ja de muy graues ẽfermidades do figado comendo dellas. 1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxii. 48): Jaborandi é uma erva que faz árvore de altura de um homem, e lança umas varas em nós como canas, por onde estalam muito como as apertam; a fôlha será de palmo de comprido, e de largura da fôlha da cidreira, a qual cheira a hortelã francesa, e tem a aspereza da hortelã ordinária; a água cozida com estas fôlhas é loura e muito cheirosa e boa para lavar o rosto, ao barbear; quem tem a bôca danada, ou chagas nela, mastigando as fôlhas desta erva, duas ou três vêzes cada dia, e trazendo-a na bôca, a cura muito depressa. [...] Dão-se ao longo da ribeira da Bahia umas ervas, a que os índios chamam jaborandiba; e dão ao mesmo nome da de cima, por se parecer nos ramos com ela; e os homens que andaram na Índia lhe chamam bétele, por se parecer em tudo com êle. A fôlha desta erva metida na bôca requeima como fôlhas de louro, a qual é muito macia, e tem o verde muito escuro. A árvore que faz esta erva é tão alta como um homem, os ramos tem muitos nós, por onde estala muito. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1909-1915: Bethele da Jndia Jaburãdi Ha taõto deste q̃ se pode carregar naujos nos brejos e onde ha agoa he bõ p^a^ o figado comido. Ha outro mais piqueno as raizes pizadas dadas a beber saõ boas p^a^ camaras de sangue, a Rais delgada he boa p^a^ dor de dentes mastigãdo se vay logo. Idem *Ib.* 1920-1925: Jaborãdiguaçu Tem grandes folhas [...] redondas como tataros e pareçe deceplinas seruẽ as folhas p^a^ tirar o fogo e p^a^ quaisq̃r chagas. 1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 79. 157: [...] cipó de camaras, béthele, pimenta quatro generos; gingibre, cayapià, caapèba, caraóba, caàtimay, caàtaya, jetica, vrûcatú, jaborandí, nhambi, tajóba, jeçapé, inimboya. Todas estas são eruas medicinaes, das mais conhecidas, & vsadas, de virtudes tão raras, que fora necessario hum Dioscorides pera descreuellas, [...]. 1716 J. C. Semedo *Memorial* in *Brasília* III. (1946) 252: Na Bahia, ou em Pernambuco nascem humas raizes delgadas, & compridas, que os Naturaes daquellas terras chamão Jamvarandim, cuja virtude he milagrosissima contra todas as mordeduras de animaes venenosos, pizando-a, ou verde, ou seca, & pondo sobre a parte mordida; provoca muchissimo as ourinas; faz cuspir muyto mascando-a; he grande contraveneno, & tem outras infinitas virtudes, que pouco a pouco se vão descobrindo com o tempo. 1782 F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* I. vi. 110: Obra prodigiozos effeitos a raiz do Iamvarandim applicada aos obstrutos, cacheticos, e ainda Hidropicos; enfermidades familiarissimas a este Paiz: [...]. 1813 C. J. Cardoso *Plantas de Minas Gerais* in RAPM, VII. (1902) 748: *Jaborandi.* (Piperreticulatum.) Herva vivaz, cuja raiz he de sabor acre inherente, e cheiro aromatico: usa-se, como diuretica, sudorifica, calexifarmaca nas febres adnomeningeas remitentes: dá se em infusão de duas oitavas ate meia onça em seis d'agua; em pó de des grãos ate meia oitava.

jaburu *s.m.* Var.: 5 *jaboru,* 6 *jaburu, yaboru, jaburij,* 6-9 *jaburú,* 7 *jaború,* 9 *jabirú* [< T. ỵa ɱu'ru (ỵa ɱĩ'ru) ~ VLB I. 151: *Grou* = Iaburû].

Nome comum a várias aves de grande porte das famílias dos ardeídeos e dos ciconídeos.

Em Coelho Neto (v. abon. 1895) o voc. designa uma espécie de roleta portátil em que os números são substituídos por figuras de animais.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxxxiv. 98): Jaboru é outra ave tamanha como um grou, tem a côr cinzenta, as pernas compridas, o bico delgado e mais que de palmo de comprido; estas aves criam em terra ao longo do salgado, e comem peixe que tomam no mar, perto da terra por onde andam. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 112*v*.: [...] jaburu [Ave] que he muito major que hũ, pauão, bastante pella sua grandeza a abundar meja, duzia de companheiros posto que famintos com ser carne asaz sabrosa [...]. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 184: yaboru, he pasoro mais pequeno hũ pouquo que o teiciu he todo bramquo fora as pomtas das azas e os peis e o biquo que cão pardos que tirão de preto e uiue de peixe e fazem ceus filhos em riba de grãodes pauus e fazem tres ou quoatro filhos e ha muito grãode cantidade deles e dos teicius que todas as bordas dos rios estão cheias e e uemdo os Estar não dirão senão que cão omenis uestidos de brãoquo com chapeus na cabesa e são tambem duros e os filhos he muito bom comer. **1648** M. Calado *O Valeroso Lucideno* I. iv. 53: Tambem alli trazia todas as castas de aues, & animaes que pode achar, & como os moradores da terra lhe conheceraõ a condição, & o apetite, cada hum lhe trazia a aue, ou animal exquisito que podia achar no sertão, alli trazia os papagaios, as araras, os jacijs, os canindés, os jaburijs, os motuns, as galinhas de guiné, os patos, os cirnes, os pauoens: de perũs & galinhas grande numero, tantas pombas, que não se podião contar.[...]. *a*1667 Heriarte *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 188): Tem [o rio Amazonas] grandes cobras de agoa; na terra, onças, tigres, pantheras, leôespardos; muitas antas, [...] avestruzes, tiriuos, jaburús, iguanas, papagaios, araras, canindés, mutús, muitos patos, marrecas, e outras muitas e diversas aves: cantidade de galinhas, periazes, sauxazes, e outros muitos, todos bons para sustento da vida. **1721** F. F. Henriques *Âncora medicinal* (ed. 1731, 133): Jaború. He ave silvestre do Brazil. tamanha como perua; he quente e secca muito gostosa, de facil cozimento, e boa nutriçaõ. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 261: [*Ave aquática*] Jaburú, tambem grande. **1817** Casal *Corografia Brazilica* I. 84-85: *Jaburú* he maior que o peru, derrabado, alvo como neve, de pernas compridas, pescoço muito longo, bico comprido, e pontudo. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 29: Os grandes *jaburús moleques* ou *tutujús*, ainda maiores que a *êma*, de côr branca, e azas pretas, tem cinco palmos dos pés ao bico: [...]. **1865** J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, xxii. 134): Assim dorme o jaburú na borda do lago. **1869** B. Guimarães *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, III. iv. 150): Sua figura colossal surgia no meio dos mais combatentes como o corpulento jequitibá por cima da coma ondulante das florestas, ou como á margem de um lago o jaburú se eleva entre as outras aves. **1875** J. Alencar *O Sertanejo* II. iii. 37: Pelas margens das lagoas os jaburús caminham lentos e taciturnos ou miram-se immoveis nas aguas. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 53): [...] nas praias de tijuco passeiam graves os jaburús brancos, espreitando attentos os peixinhos que lhe servirão de pastos; [...]. **1888** Inglês de Sousa *O Missionário* (ed. 1899, II. viii. 74): O unicorne denunciava a sua presença nas varzeas da beira do rio, cortando o ar com as vibrações da voz sonora e potente acordando o jaburú meditativo e tristonho na sua roupagem negra. **1895** J. Veríssimo *A Pesca na Amazônia* I. ii. 22: As garças, pequenas e reaes, agrupam-se por milhares ás beiradas, na triumphante brancura das suas pennas refractarias á impureza, [...] Os altos jaburús brancos, com os grandes rostros negros; [...]. **1895** Coelho Neto *Miragem* III. iv. 352: Luiza deixou-a para metter-se com um tal Feliciano, sujeito de baralhos e de jaburús que até lhe batia. **1922** M. Andrade *Paulicea desvairada* 125: Só é nobre o passo dos jabirús! **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 226: Também póde ser que apareça alguma garça ou um jaburú, cegonhão seu compadre, [...]. **1956** Idem *Grande Sertão: Veredas* 47: Dali eu via aquêle movimento: os homens, enxergados tamanhinho de meninos, numa alegria, feito nuvem de abelhas em flor de araçá, êsse alvorôço, como tirando roupa e correndo para aproveitarem de se banhar no redondo azul da lagoa, de donde fugiam espantados todos os pássaros — as garças, os jaburús, os marrecos,...

jabutapitá *s.m.* Var.: 5 *aiabutipigta, tabotipita,* 6 *abatiputa, jabotapitába* [< T. *ĩɱotipï'tã < ĩɱo'tïra 'flor' + apï'tãma 'feixe' ~ VLB I. 144: *Frol, absol.* = Ybotigra. *Ib.* I. 64: *Cambada de qualquer cousa* = Apigtãma].

Planta da família das ocnáceas.

*c*1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 22: Aiabutipigta. Esta aruore será de comprim^to^ de cinco, seis palmos, he como amendoas, e preta a fruita, e assi he o azeite q̃ estimaõ m^to^, e se untaõ cõ elle em suas enfermidades. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1893-1898: Tabotipita He aruore de ate dez palmos a fruita como amẽdoas seruelhe este azeite pera suas emfermidades todo este azeite serue p^a^ se vntarẽ cõ elle q̃ elles naõ comẽ azeite secaõlhe as feridas vntaõ seus cabelos &c. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 99*v*.: [...] primeira mente se colhe muito bom Azeite de comer e naõ pouco do fruto de hũa Aruore chamado, Abatiputa, que nasc agreste por esses campos [...]. **1663** S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 87. 163: [*à margem*] andà, engà, joà, moçarandùba, murici, amoreira, pequià, ibaraè, guaihirabà, ibarùba, iberàba, ibaxùma, japarandîba, jabotapitába, jaracatià, ibabirába, ibacamucì, ibapurũga, getaigba, miùba vmarì, são fruitas agrestes, seruem a Indios, & a gado.

jabuti *s.m.* Var.: 5-8 *jabuti,* 6 *jubati,* 6-7 *jabotim,* 6-9 *jaboti,* 6 *javotim,* 6, 9 *jabuty,* 6, 8-9 *jaboty,* 7-8 *jabutí,* 7, 9 *jabotí* [< T. jaɱo'ti ~ VLB I. 62: *Cagado da terra* = Jaboti].

Réptil da ordem dos quelônios, família dos testudinídeos.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cvi. 149): Em qualquer parte dos matos da Bahia se acham muitos cágados, que se criam pelos pés das árvores, sem irem à água, a que os índios chamam jabuti; há uns que são muito maiores que os de Espanha, mais altos e de mais carne, e tem as conchas lavradas em compartimentos oitavados de muito notável feitio; os lavôres dos compartimentos são pretos, e o meio de cada um é branco e almecegado. Êstes cágados tem as mãos, pés, pernas, pescoço e cabeça, cheios de verrugas tamanhas, como chícharos, muito vermelhas, e agudas nas pontas; êstes põem infinidade de ovos, de que nascem em terra úmida, onde criam debaixo de arvoredo [...] Há outras castas de cágados da feição dos de Espanha, a que os índios chamam jabutimirim, que se criam e andam sempre na água, que também são mui saborosos e medicinais; e dos que se criam na água há muitas castas de diversas feições, que tem as mesmas manhas, e natureza, mas mui diferentes na grandura. **1624** S. E. Silveira *Relação do Maranhão* fl. 10: Ha jubatis, q̃ são como cágados, mas grãdes, & muito ovados por sima, a carne he muito sàdia, [...]. **1626** C. Lisboa *Cartas* in RIC, XXIII. (1909) 318-319: [...] mandando eu que se abstivessem dos Jabotins nos dias de peixe por não haver rezão que mostrasse não serem Carne te vir isto resoluto pelo superior disseraõ no pulpito publicamente que elles crão peixe e por tal se comião diante do Papa, e na Bahia, e que os religiosos santos francezes por peixe o derão, sendo todas estas allegações mentira, [...]. **1654** A. Vieira *Cartas* (ed. J. L. Azevedo, 1925, I. 370): [...] como tambem outra espécie [de tartarugas], que sempre vive em terra, que em as Índias de Castela se chamam icotéas, e aqui jabotis, que é sustento muito geral em todas estas partes, e foram os que nesta jornada nos mataram muitas vezes a fome. *a*1667 Heriarte *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 170): [...] e para se fabricarem os canaviaes, sem sobresalto destes Indios [Cururisos, Oraotisos, Imajanazes], se fez esta casa forte [arriba dos engenhos, com quatro peças de artilheria e dez soldados Portugueses, e dez Indios] para refrear suas insolencias, ainda que algumas vezes vêem de paz, a resgatar ferramenta e fio de algodão para atarem as frechas, pelo que dão papagaios, araraś, porcos, jabotins, e alguns escravos. Idem *Ib.* 188: Tem [o rio Amazonas] grandes cobras de agoa; na terra, onças, tigres, [...] capiváras, javotins, tamandoás, matamatas, bugios de diversas castas, avestruzes, tiriuos, [...]. **1685** J. S. Ferreira *Noticiário Maranhense* iii. 213-214: [...] E os Jabotins hũ anno; tudo de feitio de cagado cada tartaruga pesa duas arrobas E alguãs mais, carne como de carneiro, de que se fazem uariedade de guisados; mas por peixe se comem; E tambem os jabotins; ainda Que se caça do mato, o figado he o melhor, que das caças se tem achado, E tambem o das tartarugas naõ he mao; ainda que delle não se faz tanta estimaçaõ. *c*1698 J. F. Betendorf *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 25: [...] tem comtudo assaz campinas, por uma banda, cheias de mangabeiras, que dão mangabas mui excellentes, e mais de jabutis, ou kagados, [...]. Idem *Ib.* 32: A aldêa de Gurupatuba ou Jogoaguara tem melhores ares e aguas não lhe faltam, nem caça e jabutys, mas tem poucas terras de mantimentos, e grandes campinas totalmente inuteis; [...]. Idem *Ib.* 301: — Mandei logo em busca delle com uma carta a Roque Monteiro, em que me queixava delles, ameaçando-o com o castigo que lhe havia de dar o governador si o indio não apparecesse, porque sabia que o tinha querido levar aos jabotys ou kagados. **1763** J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 182: Tem mais a villa [villa de Cintra=Maracanan] muitos jabotins, certa especie de kagado, de que é excellente o figado depois de assado, com azeite e vinagre: estimam-se os ovos por saborosos, como os da tartaruga pela excellente manteiga e pela multidão. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 259: [Reptil terrestre] Cobra de jabutí, venenosa. Idem *Ib.* 260: Jabotí ou tartaruga terrestre. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 26: Os campos abundam em infinidade de *cágados*, conhecidos genericamente por *jabutis*, e são de trez especies; o propriamente *jabutí*, maior de todos, tem as mãos e pernas encarnadas, he oviparo, e sua carne e figado he appetecivel; [...]. **1868** J. M. Macedo *Memórias do Sobrinho de meu Tio* II. viii. 67: [...] e tinha uma filha solteira com quarenta annos de idade, feia como um jaboty, é da qual nunca se separava pelo medo da seducção de algum namorado. **1874** J. Alencar *Ubirajara* iv. 67: O velho é o jaboty prudente que não se apressa. Idem *Ib.* 196/197 [*Nota do Autor*]: Contou-me o Dr. Coutinho

que o jaboty para os indios do Amazonas é o symbolo da gravidade, prudencia e sabedoria, e prometteu-me dar um apologo, em que elles celebram essas virtudes, contando a história de um jaboty, que venceu na ligeireza ao veado, na força a onça, e assim aos mais animaes. **1875** IDEM *O Sertanejo* II. xx. 323: O nosso capellão fazendo este raciocinio sentiu um ligeiro arrepio, e encolheu-se um tanto dentro da casula como um jaboty no seu casco, lançando de esguelha um olhar para o campo inimigo. **1876** COUTO DE MAGALHÃES *O Selvagem* I. 175: Neste primeiro episodio a anta, abusando do direito da força pretende expellir o jabuti de debaixo do taperabaseiro, onde este colhia o seu sustento: [...] a fruta do taperebá é sustento favorito de antas e jabotis; [...]. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. v. 57: Deixando de lado os jabutis, que sendo terrestres pertencem á caça, vejamos como pescam estes preciosos amphibios. **1902** E. CUNHA *Os Sertões* 328: [...] restos de repasto em que eram preexcellente vitualha jabutys assados e quartos de cabrito; [...]. **1915** LIMA BARRETO *Policarpo Quaresma* I. v. 82: De resto, aquelles vistuarios extravagantes de indios, aquelles adornos de uma mythologia francamente selvagem, jacarés, cobras, jaboty, vivos, bem vivos, [...]. **1919** IDEM *Gonzaga de Sá* xi. 173: — Que idiota! Com aquella voz de castrado, com aquelle passo de jaboty... **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* xviii. 279: Era uma honra grande pra mim receber no meu mosqueiro um descendente de jaboti, raça primeira de todas... No principio era só o Jaboti Grande que existia na vida... **1929** G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* i. 5: E se parecem, volumes iguaes, expressões, olhos, apenas a negra tem bocca escancarada de tubarão e Radagasio bocca apertada de jaboti. IDEM *Ib.* xii. 180: — Olhe, Dindinha, aquelle jabotisinho dourado. Parece que veiu da nossa terra. Thereza arrematou o jaboty e o presenteou a Ritinha. **1930** G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 277: Por aqui continúa grande a devastação dos jabotis e o pessoal queixa-se de já estar farto de comer tanto kagado ao almoço e ao jantar. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* x. 115: Já comprara perús, picota, jabotys, cupuassús, laranjas [...]. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 278/279: De repente, boi Brilhante projetou a cabeça, que saí do enquadramento — canga, canzís e brocha — como o pescoco de um jaboti que se desencaixa para beber chuva. **1950** JORGE DE LIMA *Guerra dentro do beco* vi. 69: Tinha se transformado em jaboti.

jabuticaba *s.f.* Var.: 5-9 *jaboticaba,* 5 *jabaticaba,* 7-8 *jabuticaba,* 7 *jabotecaba,* 7-8 *jabuticava* [< T. jaʊoti'kaʊa].
Fruto da jabuticabeira.

c1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 21: Jaboticaba. Nesta aruore se dá huã fruita do tamanho de hũ limaõ de seitil, a casca, e gosto, parece de vua ferral, desda raiz da aruore por todo o tronco ate derradr° raminho. he fruita rara, e achase som^te p'lo sertão adêtro na Cap.^ta de S.Vte. Desta fruita fazẽ os Indios uinho, e o cozem como uinho duuas.*c1594* [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1865-1871: Jabaticaba He das milhores fruitas do brazil he grãde e aruore a fruita como de meixieira Em S.Vte as vi boas saõ como limões piquenos tẽ a flor como de murta e carregaõ debaixo ate bẽ assima nẽ se ue da aruore senaõ tudo fruito o sabor he como de vuas. fazẽ os Jndios vinho dellas. **1663** S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 87. 162: Jaboticaba; seu fruto nasce no mesmo pao da aruore, desde a raiz atè o vltimo das vergonteas; he preto, redondo do tamanho de ameixas, & de sabor de vuas, suaue, até pera enfermos. **1702** A. ROSÁRIO *Frutas do Brasil* III. i. 110: De Jabuticabas livre Deos aos Pastores do rebanho de Christo; saõ como uvas ferraes, tem a raiz fóra da terra. **1721** F. F. HENRIQUES *Áncora medicinal* (ed. 1731, 242): Jaboticabas. He fruto do Sertão do Brazil; he quente e secco: da-se no tronco das arvores, que o produzem, desde baixo, atè todo acima. He de bom gosto. **1730** ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 52. 33: De outras agradaveis, posto que de inferior estimaçaõ, se achaõ cubertas as brenhas, e matos do Brasil, tendo nesta multidaõ muito lugar a jabotecaba, e o umbu, o qual no certaõ suppre com a copia do succo a falta da agua. **1783** M. C. ABREU *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 261: [...] tem a jaboticaba, fruta muito singular no gosto e de saudavel remedio as suas cascas para hemorrhoidas, desfeitas em ajudas; [...]. **1792** F. O. BARBOSA *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 24: Produzem as margens d'este rio [Tietê] muitas frutas silvestres, de que se utilizam os navegantes, cujos nomes são os seguintes: marmeladas, jabuticavas, uvacuparis, nhandipapos, sipotás, jatahis: d'estes páus se servem os moradores para as fabricas dos engenhos de assucar e aguardentes, por ser madeira de muita duração; e da casca por ser muito grossa, fazem os gentios e sertanistas canôas para navegarem; e da resina, que com abundancia ha na raiz, se utilizam os mesmos gentios para as suas luzes e outros artificios que trazem nas orelhas e beiços, a que chamam — botoques —, cuja resina depois de curtida, fica propriamente como o alambre e sem differença alguma: figos silvestres, jaracatiás, ingás, uavaonas. **1801** in RAPM, II. (1897) 687: Fructas — Jabuticavas, [...]. **1806** in RAPM, VI. (1901) 768-769: Fructas ha indigenas, e algumas silvestres, de que se faz grande uso no Paiz. A Jaboticaba he a melhor; [...]. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* I. 212: Entre outras frutas acham-se jabuticabas, marmeladas, cipotás, jatahis, nhandipapos, uvacuparys. **1871** B. GUIMARÃES *Lendas e Romances* I. iii. 25: Seus olhos grandes, pretos como jaboticabas e brilhando no meio das palpebras arroxeadas pelo pranto á sombra de espessas sobrancelhas, parecião dous pombos negros, espreitando cheios de pavor á porta do ninho o vôo do gavião. **1871** J. ALENCAR *O Tronco do Ipê* I. ii. 29: [...]; o amarello das goiabas e araçás; o preto das uvas e jaboticabas temporans; o louro acerejado das mangas, que rescendiam. **1872** IDEM *Sonhos D'Ouro, Pról.* xix: O povo que chupa o cajú, a manga, o cambucá e a jaboticaba, póde fallar uma lingua com igual pronuncia e o mesmo espirito do povo que sorve o figo, a pera, o damasco e nespera? **1872** IDEM *Til* I. vii. 73: — Sahe dahi! chasqueou o mulato. Jaboticabinha de sinhá é lá para beiço de caipira? **1872** B. GUIMARÃES *Hist. e Trad. Minas* III. iv. 229: De feito, Jurema e seus companheiros tinhão-se entranhado pela floresta á cata de jaboticabas, araticuns, bacoparis e outras fructas silvestres de que abundão aquellas mattas, e deixárão alli Jupyra tomando conta do rancho e vigiando a creança. **1875** MACHADO DE ASSIS *Americanas* 164: Cabello negro, os largos olhos brandos ! Côr de jaboticaba, quem sería, ! Quem, senão a mucama da fazenda. **1883** B. GUIMARÃES *Rozaura a Engeitada* (ed. 1900, I. i. 17): — Justamente. É muito meu amigo, e fez-me a honra de convidar a um passeio á sua chacara do O para comer jaboticabas. **1894** TAUNAY *O Encilhamento* I. xxxii. 243/244: De estatura elegante, tinha a baroneza da Matta-Grande bellos olhos, muito negros e reluzentes como duas graudas jaboticabas, bocca fresca e soberbos dentes, ar resoluto e desembaraçado. **1915** LIMA BARRETO *Policarpo Quaresma* II. i. 91: E elle viu então diante dos seus olhos as laranjeiras, em flôr, olentes, muito brancas, a se enfileirar pelas encostas das collinas, como theorias de noiva; [...]; as jaboticabas negras a estalar dos caules rijos; [...]. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* v. 63: Por detrás do tejupar do regatão vivia a árvore Dzalaúra-Iegue que dá todas as frutas, cajús cajás cajàmangas mangas abacaxis abacates jaboticabas graviolas sapotis pupunhas pitangas guajirú cheirando sovaco de preta, todas essas frutas e é mui alta. **1934** J. L. REGO *Banguê* III. x. 220: Em meus tempos tempos de menino, era um prazer prohibido comer jaboticabas, escondido, tirando do pé. **1956** GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 526: E dito e referido que chovia em Goiás todo, assistimos dentro de casa, só saindo no quintal para chupar jaboticabas.

jabuticabal *s.m.* Var.: 8 *jaboticabal* [< jabuticab(a + -al].
Plantação de jabuticabeiras.

1883 B. GUIMARÃES *Rozaura a Engeitada* (ed. 1900, I. ii. 29): Tambem a mim pouco me importão as jaboticabas; mas déra de bom grado metade de minha vida para passar a outra metade nos braços de Adelaide á sombra do jaboticabal...

jabuticabeira *s.f.* Var.: 8 *jaboticabèira, jabuticabeira,* 8-9 *jaboticabeira* [< jabuticab(a + -eira].
Planta da família das mirtáceas.

1813 MORAIS *Dic.* II. 185: JABOTICABÈIRA, s. f. Arvore grande, de tronco, e ramos mũi lisos, casca delgada, que perde annualmente, ou antes todas as vezes que dá umá camada, e novidade de frutas; e nos annos chuvosos acontece dar cinco ou seis novidades, e outras tantas vezes largar a casca exterior do tronco, e ramos, para na casca nova brotar a flor, que é miudinha, e branca, e depois o fruto aì mesmo: tem a folha pequena, da feição de lança mũi aguda; dá a *jaboticaba,* e vive no Brasil. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* I. 97: A *Jabuticabeira* he arvore pequena, delgada, e de casca liza: as folhas, que sam envernizadas por ambas as bandas, mas não d'hum mesmo verde, variam de fórma num mesmo ramo: só florece no tronco, começando do chão athé onde os ramos tem boa grossura: a fructa tem ordinariamente a grandeza, e côr de jinja, e a fórma de perinha com um pediculo curtissimo; a pelle he um pouco grossa, e a polpa semelhante á da uva ferral: como ordinariamente estam em pinha, sam em grande parte angulozas: he fructa gostoza, e innocente; della se distilla um liquor forte. **1871** J. ALENCAR *O Tronco do Ipê* II. ix. 107: Alice para abrigar-se do sol e arrumar os figos, procurou a sombra de uma bonita jaboticabeira, que ficava quasi no centro do pomar. **1872** B. GUIMARÃES *Hist. e Trad. Minas* II. ii. 41: Por detraz se estende um vasto pomar, um verdadeiro bosque sombrio e perfumoso, onde a laranjeira, o limoeiro, a jaboticabeira, o jambeiro, o genipapeiro, o mamoeiro, o jaracatiá, as bananeiras e coqueiros de diversas especies crescem promiscuamente. **1883** IDEM *Rozaura a Engeitada* (ed. 1900, I. ii. 21): Por detraz della se extende o vasto pomar de jaboticabeiras, laranjeiras, bananaes, emfim uma floresta profunda de arvores fructiferas indigenas e exoticas, que vai terminar na orla dos vargedos, sendo delles separada por uma sebe de espessos espinheiros. **1883** IDEM *Folhas de Outono* 160: Umbroso labirynto ! De mil fructos e flores carregado, ! Encantador recinto ! De jambeiros em flor, de larangeiras, ! E de folhudas jaboticabeiras. **1888** FERREIRA LEAL *O Suplício de um Marido* ii. 55: Havia alli, da fecunda familia das myrtaceas, as jaboticabeiras de fructos de ebano, [...]. **1915** LIMA BARRETO *Miss Edith e seu tio* 315: Da antiga chacara, das mangueiras que a "viração" todas as tardes penteava a alta cabelleira verde, das jaqueiras, de mares desorientadas, das jaboticabeiras, dos sapotineiros [...]. **1934** J. L. REGO *Banguê* II. vii. 113: As jaboticabeiras, porém, estavam uma belleza, de carregadas. Não

havia um lugar pelo seu caule que não tivesse fruta madura, pretinha, humida ainda no orvalho. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 180: [...], víamos as águas e as frondes, justinho como um ramal de grimpa de jaboticabeira, com frutas maduras enfiadas em série comprida.

jabutipeba *s.f.* Var.: 5 *jabutiapeba* [< T. ịaụoti'peụa < ịaụo'ti 'jabuti' + 'peụa 'chato'].

V. abon.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CVI. 149): Há outros cágados, que também se criam no mato, sem irem à água, a que os índios chamam jabutiapeba; os quais tem os mesmos lavôres nas conchas, mas são muito amassados, e tem as costas muito chãs, e não tem verrugas; [...].

jacá *s.m.* Var.: 6 *jacázes* (pl.), 7 *jacazes* (pl.), 8 *jacases* (pl.), 8-9 *jacá* [< T. aja'ka ~ VLB I. 71: *Cesto entre os Tupi* = Aiacâ].

Cesto feito de taquara.

*c***1698** J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 466: [...] e assim foram á caza do Paricá, onde se lhes armaram as redes e os jacázes, e assentados aqui todos pedio o principal Mamoriny licença aos padres de os ir visitar, [...]. **1771** A. B. SAMPAIO *Campos de Guarapuava* in RIH, XVIII. (1855) 272: [...] pegaram em dous jacazes que ali estavam, [...]. *a***1809** T. A. GONZAGA *Cartas Chilenas* (ed. M. Rodrigues Lapa, 1957, 276-277): Contudo, Doroteu, o céu permita [que guerras não tenhamos; pois, a têrmos [algum acampamento, que constranja [a sairem da praça os regimentos, [há-de haver bom trabalho em conduzir-se [o rancho de crianças em jacases. *a***1837** MARTINS PENA *Um Sertanejo na Corte* (ed. 1956, I. 60): Entra Tobias montado em um cavalo [...] e precedido de duas bestas carregadas com jacases [...]. **1871** B. GUIMARÃES *Lendas e Romances* II. 198: Desde a manhã até a noite vião-se homens, mulheres e creanças, que vinhão de todos os lados lançar no medonho sorvedouro, um uma pedra, outro um páo, outro uma gamêla de terra, ou um jacá de cisco, até que o buraco ficou de todo entulhado. **1876** N. J. R. SOUSA *Diário* (ed. 1946, 19): Neste lugar vimos jacás velhos que tinham deixado os gentios. **1883** B. GUIMARÃES *Rozaura a Engeitada* (ed. 1900, I. v. 70): — [...] estes meus collegas são uns lorpas; pensão que a felicidade consiste em comer jaboticabas, e o unico meio de que sabem lançar mão para se tornarem agradaveis ás damas, é trazer-lhes um jacá cheio dellas. **1902** E. CUNHA *Os Sertões* 189: [...] o *bogó* ou borracha, especie de balde de couro para o transporte de agua; pares de *cassuás* (jacás de cipó) e os *aiós*, bolça de caça, feita das fibras de *caruá*. IDEM *Ib.* 601: [...] rêdes em fiapos; berços de cipó e balaios de taquara; jacás sem fundo; roupas de algodão, de côr indefinivel; [...]. **1914** COELHO NETO *Rei Negro* viii. 298: Uma telha, entalhada em pedrouço, jorrava agua limpida numa tina que transbordava em atascal; ao lado da moenda e o gallinheiro, cercado de bambús, com um jacá suspenso d'um cepo para os pintos. **1918** MONTEIRO LOBATO *Urupês* 65: — Eh! eh! Aquillo é fogo de jacá velho, é calor de pinguço!... **1930** G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 35: Durante esse tempo, anda-se por um lado e outro, attentando para tudo, de cabeça ao ar e passos incertos, como criação que é posta á solta depois de longas horas de jacá. **1931** RIBEIRO COUTO *Cabocla* xxiv. 156/157: Mandei despachar hoje para o doutor um jacá de excellentes queijos aqui da fazenda do meu primo.

jacamim *s.m.* Var.: 6 *iacami*, 7 *jacamí*, 8-9 *jacamim* [< T. ịaka'mĩ].

Ave gruiforme da família dos psofideos.

*c***1631** C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 194*v.*: Iacami he passoro tamanho como hũ capão da cabesa p[a] baixo tira a preto pela garganta que parece rozado testado as costas tẽ parda os peis tirão a uerde o ninho o fas no chão os ouos são brancos e tira 4 ou 5 filhos canta por ambas as p[tes]. *c***1777** F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 261: [Ave silvestre! Jacamí, duas variedades. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 31: [...] o *jacamim* de côr verde-escura, e grande, celebre pelo seu delicado canto nocturno, e porque domesticado toma das *galinhas* os pintos e os cria: [...]. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. i. 12: Não faz tambem alimento da capivara, da lontra e de outros animaes, nem lhe apetecem as aves, sinão as grandes, os inambús, os jacús, os jacamins, as macucauas e outros, de carne farta e saborosa. **1929** G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* xii. 170: Os macacos pulavam alegres e guinchavam ruidosos, os mutuns piavam, os jacamins roucavam cavernosos, cantavam os curiós, as patativas ligeiras, as graúnas altivas, os sabiás saudosos. **1930** G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 169: A bicharada é também numerosa: dous filhotes de coatá, tres araras vermelhas, dous gallos e algumas gallinhas, um periquito e um jacamim. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xvii. 197: Quando appareceram os jacamins, ventriloquos, o espectaculo foi comico, porque os animaes presentes não sabiam donde vinham os roncos ouvidos.

jaçanã *s.f.* Var.: 5, 8-9 *jaçanã*, 7 *jacenam*, 8 *jacana*, 8-9 *jaçanan*, 8 *jassanan* [< T. ịasa'nã].

Ave da família dos parrídeos.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXVII. 190): Jaçanã são uns pássaros pequenos todos encarnados e os pés vermelhos. **1789** F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 109: He inutil o disvelo de procurar nas obras de L. a descripção da ave, que vejo com o nome de Jacenam, passero maior, que hum Tordo com a cabeça cuberta toda de pennas, [...] Cabeça, peito, collo, e abdomen tudo negro; [...]. **1800** J. VELOSO *Aviário Brasílico* 9: O FERRÃO AXILLAR: que se vê nos encontros das azas, no lugar em que lhes nasce o pollegar, junto da aza bastarda, e se termina em huma ponta curta. Vem-se na Palamedea [*em nota de rodapé*: no Brasil *Anhyma*] na Parra [*em nota de rodapé*: *Jacana, Aguapecaba, Macauã.*], na Ema. **1817** CASAL *Corografia Brazilica* I. 85: *Jaçanan* he pouco menor que o tordo, avermelhado pelo peito, côr de tabaco por cima; com as azas curtas, e redondas; cauda curtissima com oito penninhas; olhos encarnados, pernas da mesma côr, e assás compridas; bico fino; uma malha avermelhada na parte anterior da cabeça; anda sempre pelo chão; e não he fugitiva. **1857** J. ALENCAR *O Guarany* (2ª ed., 1864, I. xi. 117): As vezes a linda menina se deitava de bruços e sorrindo ao céo azul ia levada pela corrente; ou perseguia as jassanans e marrecas que fugião diante della. **1865** IDEM *Iracema* (3ª ed., 1878, xxi. 126): Iracema [...] divagava com a jaçanan em torno do lindo seio, que ali fez a terra para receber o mar. **1869** VARELA *Cantos Meridionais* in *Obras Completas* (ed. 1896, II. 143): Vamos respirar nos campos ! [...] Ver as garças [...], [Espreitar entre as tabôas [Os brincos da Jassanan. **1874** J. ALENCAR *Ubirajara* iii. 42: — Seus olhos negros que te fallavam, ella os cercará de uma listra amarella como os olhos da jaçanan. **1875** IDEM *O Sertanejo* II. ii. 24: As jaçanans escoaçavam por cima das lagoas e pousavam entre os juncos. IDEM *Ib.* II. xii. 198-199: Ao começar a segunda appareceu Arnaldo, que trazia um casal de jaçanãs para Flor. **1878** F. TÁVORA *O Matuto* iv. 47: Os sapos coaxavam pela beira d'agua, e os jassanans soltavam de dentro das moitas aquaticas suas risadinhas de som vibrante e agudo; tudo o mais era immobilidade e silencio. **1903** D. OLÍMPIO *Luzia Homem* ix. 68-69: [...] mergulhava e voltava a flux, espadanando a agua com o açoite de cangapés acrobáticos, espantando os paturys e jaçanans medrosos, [...]. **1934** G. RAMOS *S. Bernardo* x. 63: Ao atravessar o paredão do açude, amedrontei uma nuvem de marrecas e jaçanãs.

jacarandá *s.m.* Var.: 5-7 *jacaranda, jacarandá*, 5-9 *jacarandá*, 6 *jacarãdá* [< T. ịakara'ụa].

Nome comum a diversas plantas das familias das leguminosas e das bignoniáceas que fornecem excelente madeira para móveis e outras obras finas de marcenaria.

*c***1584** CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 22*v.*: Ha paos de cheiro, como Jacaranda, e outros de m[to] preço e estima. **1585** IDEM *Informação* fl. 84: [...] os almarios [*do relicário*] saõ todos forrados por dentro de setim cramisim, as portas da banda de dentro saõ forradas de sedas de uarias cores, s. damasco, ueludo, setim etc. a madr[a] he de pao de cheiro de Jacarandâ, e outras madr[as] de preço [...]. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXII. 73): Jacarandá é uma árvore de bom tamanho, que se dá nas campinas em terras fracas, cuja madeira é preta com algumas águas; e é muito dura, e boa de lavrar para obras primas; e é muito pesada, e não se corrompe nunca sôbre a terra, ainda que lhe dê o sol e chuva, a qual tem muito bom cheiro. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iii. fl. 84*v.*: [...] e assim diguo que as madeiras de que tenho noticia e me alembra a callidade dellas saõ estas, [...] Jacaranda taõ estimado em nossa Espanha pera leitos e outras obras [...]. **1624** in ABN, LXXXII. (1962) 315: [...] e os ditos Padres puserão sua marca no principio do caminho em huma árvore que os indios chamão jacarandá e outra marca está em outro pao da mesma casta que vai sair ao campo, [...]. *c***1626** D. C. MORENO *Livro que dá razão do Estado do Brasil* (ed. 1968, 79): Tem [na capitania do Rio Grande] Jacaranda maes delgado, q̃ o da Bahia; tem pao amarelo para tintas, [...]. **1663** S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* I. § 58. 38: Dizião, q̃ desde o Rio doce até Cabo frio todas as mattas erão preciosas de pao Brasil, jacarãdá, copaigbás, pao rey, balsamos finos, cheirosissimos, medicinaes: [...]. IDEM *Ib.* I. § 72. 45: Veriaõ seus grandes aruoredos, espessas mattas que sóbẽ as nuuẽs, & encobrem o ceo: a grossura monstruosa de seus antiguos troncos: a variedade de suas preciosas especies, as melhores de todo o Vniuerso, dos cedros, vinhaticos, jacarãdás, paos reys, paos Brasis vermelhos & amarellos, balsamos, copaygbas, almecegas, ibicuygbas, ou nóz noscadas, & outras especies innumeraveis de paos reaes, preciosos. IDEM *Ib.* II. § 80. 158: A terra toda póde chamarse hum só bosque. Pello que, deixando por mão a frescura, & preciosidade dos cedros, angelins, quasi ebanos, carápinimas, [...] çapucâyas, jacarandâs, paos Reys vermelhos, amarelos, [...] deixando todas estas especies, descreuerei algũas sómente das q̃ saõ fructiferas, pera gosto dos que saõ curiosos. *a***1696** G. MATOS *Obras* (ed. 1969, V. 1240): O Imaginário, que há [de tôdas tantas ventagens, [diz, que é mau para as imagens [o pau de Jacarandá: [. **1711** A. J. ANTONIL *Cultura e Opulência do Brasil* I. II. vii. 156: Chamaõ Paos de ley aos mais solidos, de mayor dura, & mais aptos para serem lavrados: & taes saõ os de sapucâya, de Sapupîra carí, de Sapupîra me-

rim, de Sapupira açú, de Vinhatico, de Arco, de Jetay amarello, de Jetay preto, de Messetaûba, de Massarandûba, Pao Brasil, Jacarandá, Pao de Oleo, Picaí, & outros semelhantes a estes. 1730 ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 58. 36: Logo o jacarandà. igual na estimaçaõ, luzimento ao evano, com a ventagem das ondas pardas, que o fazem mais vistoso. IDEM *Ib.* II. § 119. 138: Levaõ os navios, além dos importantissimos referidos generos, outros de muito preço; ambar, balsamo, cravo, bahinilha, gengibre, canella, algodão, anil, oleo de copauba, madeira de valor, pao Brasil, condurú, salsafraz, jacarandà, violete, vinhatico, tapinhoam, jataypeba, angelim, e cedro: *c*1735 in ADF, II. (1895) 423: Por um Bofete de Jacarandá grd.e torneado, com molduras e com 8 palmos de comprido e quatro de largo com quatro gavetas e suas fexaduras — 40$rs. 1759 J. A. CALDAS *Notícia da Bahia* 440: [...] toros de jacaranda e de Sebastião d'arruda, madeiras para naoz e outros muitos generos. [...]. IDEM *Ib.* 442: Tẽ tambem o Sebastiaõ d'Arruda madeira de muita estimação pela sua duração e cor vermelha engraçada, que carregaõ em abundancia, e juntamente o jacarandà, que quaze se asemelha ao evano, madeira Aziatica estimada tambem pela sua duraçaõ e cor azivichada. *c*1762 JABOATÃO *Novo Orbe Seráfico Brasílico* (ed. 1858-1862, II. i. 263): Na do meyo tem lavatorio de marmore, dous cayxões da outra parte de páo Jacarandá preto com seos espaldares do mesmo, [...]. 1763 J. S. JOSÉ *Viagem ao Grem-Pará* in RIH, IX. (1869) 106: Acha-se madeira de jacarandá, que é tão rara n'este Estado como em outras partes commum. 1763 in RAPM, XXIII. (1929) 289: proximo a huma porteira aonde se poz hum marco de pau chamado jacarandá do campo com sete palmos de fora da terra. 1768 in ADF, I. (1894) 75: Igreja comtres Altares com grades nomeyo de Jacarandá torneadas cemtalhadas com seo-pulpito de talha feito denovo porpintar asparedes azulejadas Com seo coro com grades de Jacarandá torneadas cem talhadas com Pia Batismal depedra doReino edentro dadita Igreja. 1799 E. A. S. CORREIA *Hist. Angola* (ed. 1937, I. 151): Aplicado em obra aprezenta uma superficie ondeada, e brilhante entre pardo, e escuro; imitando; ou para melhor dizer excedendo em superioridade ao Jacarandá do Brazil: [...]. 1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 95: Entre outras arvores de boa madeira para construcção, carpinteria, e marcineria tem lugar distincto a Ajetahypéta, o Buranhé, o Cedro, o Condurú, o Coração-de-negro, Gonçalo Alves, Jacarandá, Jacarandatan, Jacarandá-mulato, Jequitibá, Jetahy, Louro, Massarandúba, Mocetahyba. 1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 8: Para a marcenaria se escolhe a preciosa madeira *macacaúba*, vermelha e ondeada de preto, que depois de polida se assemelha á tartaruga: *muirá – quatiára*, que no idioma Tupinambá significa páo pintado, he amarella, e tambem ondeada de preto; o *jacarandá*, e o *muirá-piníma* de diversidade de veias coloridas, bem como o páo setim, *mariquitaia*, páo roxo, todos de grande preço e estima. 1846 MARTINS PENA *O Judas em sábado de Aleluia* (ed. 1956, I. 129): [...]; além da porta da direita uma comoda de jacarandá, sobre a qual estará uma manga de vidro [...]. 1854 M. A. ALMEIDA *Memórias de um Sargento de Milícias* 64: A sala era pequena e baixa; a mobilia que a guarnecia era toda de jacarandá e feita no gosto antigo; todas as peças erão enormes e pesadas; as cadeiras e o canapé, de pés arcados e espaldares altissimos, tinhão os assentos de couro que era a moda da transição entre o estofo e a palhinha. 1856 D. MAGALHÃES *A Confederação dos Tamoyos* I. 14: Outros nos densos mattos mutilavam I Arabutans, jacarandás, graúnas, I. 1857 J. ALENCAR *O Guarany* (2ª ed., 1864, I. i. 9): Agora [...] podemos abrir a pesada porta de jacarandá, que serve de entrada, e penetrar no interior do edificio. 1865 IDEM *Iracema* (3ª ed., 1878, xxviii. 168): — Não vêem teus olhos lá o formoso jacarandá, que vae subindo ás nuvens? 1865 IDEM *As Minas de Prata* I. vii. 96: Um delles era um negro, moço e robusto, cuja tez escura reflectia os raios da luz, como lustro do jacarandá polido. 1870 J. M. MACEDO *As Mulheres de Mantilha* I. xxvi. 219: [...] as mesas e bufetes erão de jacarandá e ornados de custoso trabalho de talha; as cadeiras tambem de jacarandá e com o mesmo trabalho erão de espaldar [...]. 1872 B. GUIMARÃES *O Seminarista* (ed. 1917, xxii. 217): O leito bem composto, era guarnecido de um transparente cortinado côr de rosa, e em frente d'elle sobre uma pequena meza de jacarandá de pés torneados, via-se um lindo oratorio dourado, diante do qual ardia uma véla de cera entre duas jarras cheias de viçosas e fragrantes flôres. 1872 IDEM *O Garimpeiro* (ed. 1921, I. 10): Lucia tinha dezoito annos; seus cabellos erão da côr do jacarandá brunido, seus olhos tambem erão assim, castanhos bem escuros. 1872 TAUNAY *Inocencia* (2ª ed., 1884 iv. 52): [...]: pelo que estavam o sapé do fôrro e o ripamento revestidos de luzidia e tenue camada de picuman que lhes dava brilho singular, como se tudo houvéra sido jacarandá envernizado. 1872 J. ALENCAR *Til* I. vii. 74: Alli, estava posta para o almoço a larga meza de jacarandá, coberta com alva toalha de linho adamascado; e rodeada naquelle momento, como de ordinario, por cinco pessoas. 1873 IDEM *Guerra dos Mascates* I. xii. 135: De jacarandá preto, trabalhado a torno, e de sola vermelha com pregaria de metal amarello, era toda a mobilia. 1873 IDEM *O Ermitão da Glória* x. 61: Um momento, as palpebras da menina se ergueram a custo, e os olhos azues, coalhados em um pasmo glacial, volvendo para o nicho de jacarandá suspenso na parede, cravaram-se na imagem de Nossa Senhora da Gloria, mas cerraram-se logo. 1873 IDEM *O Garatuja* xii. 99: Ajoelhou-se o Ivo do outro lado da mesa, e sacando do bolso o seu tinteiro de chifre e a penna de ganço bem aparada, preparou-se a tirar o traslado do bacamarte reclinado diante delle sobre um enorme cunhete de jacarandá. 1874 IDEM *Guerra dos Mascates* II. vii. 94: Tolhido como estava de matar este homem, e com a sahida embargada pelas grossas portas de jacarandá; o alferes reputava-se perdido; [...]. 1874 IDEM *Ubirajara* iv. 66: De longe Aracy viu o estrangeiro, sentado entre os anciões, como o frondoso jacarandá no meio dos velhos troncos das aroeiras. 1875 IDEM *O Sertanejo* I. v. 64: Os arreios e a maca de pellego foram guardadas na bifurcação dos galhos do jacarandá, emquanto o viajante encostado ao tronco fazia uma tão rapidá como sobria refeição. 1877 B. GUIMARÃES *Maurício* I. ii. 16: A um lado corria em toda a extensão do edificio larga varanda guarnecida de um peitoril com balaústres de jacarandá torneado. 1878 F. TÁVORA *O Matuto* xii. 154: Um tear ao canto, bancas de jacarandá de delicadas entalhas e sobre as bancas garrafinhas e frascos de vidro e crystal completavam, com o grande espelho affixado na parede a sala particular de d. Damiana. 1883 B. GUIMARÃES *Rozaura a Engeitada* (ed. 1900, II. xxii. 257): Teria visto mais sobre um bufete de jacarandá negro um rico leque, um lenço de cambraia [...]. *a*1884 IDEM *O Bandido do Rio das Mortes* (ed. 1905, ii. 16): [...] os moveis asseiados de jacarandá preto modelados segundo o gosto da epocha, por artifices que comsigo trouxera. 1888 FERREIRA LEAL *O Suplicio de um Marido* ii. 60: [...]; e para a bibliotheca e os dormitorios destinára o mogno, o jacarandá com embutidos, [...] e o vinhatico. 1890 A. AZEVEDO *O Cortiço* i. 9-10: Havia, além da cama, uma commoda de jacarandá muito velha com maçanetas de metal amarello [...]. 1894 TAUNAY *O Encilhamento* I. xix. 138: [...] tudo muito novo, lustroso, os metaes polidos a resaltarem das madeiras preciosas, jacarandá, páo rosa e outras — emfim, [...]. 1899 MOREIRA DE AZEVEDO *No Tempo do Rei* xi. 50: Ouvindo os seus conselheiros o rei sorria e abanava com a cabeça, mas repentinamente fechando o semblante, como costumava fazer quando queria mostrar-se reservado, após ligeiro cumprimento, ausentou-se com passo vagaroso apoiado em seu bastão de jacarandà por estar soffrendo de uma das pernas. 1903 D. OLÍMPIO *Luzia Homem* xxvi. 250: Prostrada á meia-sombra de um confissionario de jacarandá, salientemente adornado de arabescos estranhos, absorta em sincera prêce, ella ouviu a missa, [...]. 1919 LIMA BARRETO *Gonzaga de Sá* viii. 97: E seguimos para a sala de jantar, não sem que eu deitasse um longo olhar sobre aquelles velhos moveis de jacarandá, tão amplos e fortes que se diria feitos para outra raça de homens que não a nossa, [...]. 1922 M. ANDRADE *Paulicea desvairada* 129: A minha voz tem dedos muito claros I que vão roçar nos lábios do Senhor; I mas as minhas tranças muito negras I emaranharam-se nas raizes do jacarandá... 1928 IDEM *Macunaíma* vi. 76: A alcova estava mobiliada com as famosas redes brancas do Maranhão. Bem no centro havia uma mesa de jacarandá esculpido arranjada com louça branco-encarnada de Breves e ceramica de Belem, dispostas sobre uma toalha de rendas tecidas com fibra de bananeira. 1929 G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* ix. 124: Os negros moveis de jacarandá misturavam-se aos dourados europeus. A austeridade colonial e o arrebicado rococó. 1934 J. L. REGO *Banguê* I. viii. 50: — Aonde estão as camas de jacarandá, seu Carlos? 1934 JORGE DE LIMA *O Anjo* 108: Se trabalhava no jacarandá. Se fazia bahu de couro bonito. 1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 327: Depois, entestou de pôr abaixo o mato, que conduzia até à beira do córrego os angicos de casca encoscorada e os jacarandás anosos, da primeira geração. 1950 JORGE DE LIMA *Guerra dentro do beco* i. 9: Uma estante de jacarandá guardava álbuns de música. 1959 ANÍBAL MACHADO *Histórias Reunidas* I. 120: Nobre e envelhecida residência. Seu piano de cauda já foi vendido; os cristais, tapêtes, lustres e móveis de jacarandá para que mãos se teriam passado?

jacarandatã *s.m.* Var.: 8 *jacarandatan* [< T. °jakarana'tã < jakara'na 'jacarandá' + a'tã 'duro'].

Planta leguminosa da subfamília das papilionáceas.

1813 MORAIS *Dic.* II. 185: JACARANDÁTÀN, s.m. Especie de jacarandá, inferior, e não preto, mas roixo, esbranquiçado. 1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 95: Entre outras arvores de boa madeira para construcção, carpinteria, e marcineria tem lugar distincto a Ajetahypéta, o Buranhé, o Cedro, o Condurú, o Coração-de-negro, Gonçalo Alves, Jacarandá, Jacarandatan, Jacarandá-mulato, Jequitibá, Jetahy, Louro, Massarandúba, Mocetahyba.

jacaré *s.m.* Var.: 5-9 *jacaré*, 5-6 *jacare*, 6 *jacarê, jaquare*, 7 *jacarè* [< T. jaka're ~ VLB II. 17: *Lagarto dagoa* = Iacare. outro Ururâ].

Nome comum a vários rêpteis da família dos crocodilídeos.

Euclides da Cunha (v. abon.1902) menciona o facão jacaré, de folha larga e forte, muito usado pelos sertanejos do Nordeste. Em Monteiro Lobato (v. abon. 1918) o voc. designa uma árvore da família das leguminosas.

[1560 ANCHIETA *Carta* in S. Leite *Cartas* III. (1958) 213-214: Sunt

et lacerti itidem fluviatiles, qui *jacarè* dicuntur, magna etiam corporis vastitate, ut possint hominem deglutire.|. *c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 31: Jacaré. Estes lagartos saõ de notauel grandura, e alguns ha taõ grandes como caês tem o focinho como de caõ muito comprido, e assi tem os dentes, Tem por todo o corpo huãs laminas como cauallo armado, e quando se armaõ naõ ha frecha q̃ os passe: saõ muito pintados de uarias cores: naõ fazem mal a gente mas antes os tomaõ cõ laços facilmente e alguns se tomaraõ de doze, quinze palmos e os estimaõ muito e os tem por estado os Jndios como rembabas .i. [*id est* = *isto é*] caês, ou outra cousa de estado. andaõ nagoa e na terra poem ouos tam grandes como de patas, e taõ rijos que dando hũs nos outros tinem como ferro, aonde estes andaõ logo sam sentidos p'los grandes gritos q̃ daõ. a carne destes cheira muyto, max^e os texticulos q̃ parecẽ almiscre, e saõ de estima, o esterco tem alguãs uirtudes em special he bom p^a belidas. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXIV. 163): Nas lagoas e rios de água doce se criam uns lagartos a que os índios chamam jacaré, dos quais há alguns tamanhos como um homem, e que tem a cabeça como um grande tebréu; êstes lagartos são todos cobertos de conchas muito rijas, os quais não remetem à gente, antes fogem dela; e mantêm-se do peixe que tomam, e da erva que comem ao longo da água; [...]. *c*1590 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. M) 514-515: Os jacares poẽ ouuos e dizem q̃ cõ os olhos os goraõ tem 30 40 ouuos. *c*1594 IDEM *Ib.* (ms. C) 2344-2352: Jacare he mais piqueno naõ Remete senaõ se homẽ nada la ferra e assi o come tẽ os mesmos q̃ os grãdes todos poẽ ovos como de patos poẽ 30 — 40 dizẽ q̃ cõ os olhos os goraõ naõ estãdo emsima daõ gritos. algũs tomaõ cõ anzolos de cadea comẽse estes e he boa carne e algũs cuidaõ se o naõ sabẽ que he galinha saõ algũs de 15-20 palmos de cõprido e hũ vi de 12. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 121*v*.: [...] alem destas capiuaras se achaõ tambem pellos mesmos Rios e Alaguoas hũs laguartos grandissimos a que os naturais da terra chamaõ Jacarẽ — mas naõ taõ carniseiros como os da jndia estes laguartos poem ouos ao modo dos de pato mas naõ saõ Redondos. porque saõ alguns tantos chatos — os quais tem em choquo dentro na Aguoa somenyes com olharem pera elles. porque a sua vista he bastante pera produzir nelles os filhos como as Aves o fazem com o callor das penas e ao tempo nasem delles laguartinhos. **1654** A. VIEIRA *Cartas* (ed. J. L. Azevedo, 1925, I. 371-372): [...] porque estando nós alojados em um assento sôbre o rio, à sombra de árvores, com as canoas abicadas em terra, vieram dois crocodilos (que aqui chamam jacarés) a rondar-no-las por fora. **1656** J. SOTOMAIOR *Jornada ao Pacajá* in DAP, VIII. (1945) 6: [...] com farinha e castanhas, passamos alguns dias, e outros so com palmitos: sò 2. cotias, e 2. jacares, que achamos em duas ribeiras, matamos neste caminho: mas que era isto para 19 pessoas: que assi por resão do fato, como da segurança me acompanhavão. **1663** S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* I. § 121. 75: Nẽ o comer lhes he difficultoso, saõ pouco delicados, cõtẽtaõse com ratos dos cãpos, rans, cobras, lagartos, jacarés, & outros bichos semelhantes. *a*1667 HERIARTE *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 188): Tem este rio [das Amazonas] muitissimos jacarés, e tartarugas de disforme grandeza. He mui aprazivel e agradavel á vista. **1681** A. O. CADORNEGA *Hist. Guerras Angolanas* (ed. 1942, III. 83): [...] e por aquellas pedras sahem aquelles jacarés a terra, a porse ao soalheiro, como quem está na sua morada, [...]. **1685** J. S. FERREIRA *Noticiário Maranhense* i. 28: E os Tigres entanta cantidade (por naõ auer des campados) que ensemetendo hua ués no Mato não saé, E o mesmo risco corre a gente; se naõ anda acompanhada, E pellos ryos, E lagos dos Jaquares: saõ estes de feitio de lagarto Cabeça de caualo, E peito; mas mais dobrado; boca de Caõ rasgada por cada banda mais de palmo, E toda a pessoa ou animal, que achaõ nagua pegaõ, E leuaõ o fundo, E alguas uezes saé a terra sentindo caça, de que se aproueitaõ; [...]. *a*1696 G. MATOS *Obras* (ed. 1969, V. 1147): Indo à caça de tatus | encontrei Quatimondé | na cova de um Jacaré | tragando treze Teiús: |. *c*1698 J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 133: [...] porquanto este rio tem muitos lagos pelo sertão que todos se enchem de peixe, jacarés e outros animaes, pelo rigor do inverno; [...]. **1708** M. BERNARDES *Nova Floresta* II. v. § III. 200: E daquelles seja exemplo Artemidoro, que vendo um crocodilo (andaõ no rio Nilo, & comẽ gente, como os nossos Jacarès no Brasil) foi tal o pavor que concebeu, que lhe varrerão da memoria todos seus estudos até então adquiridos. **1751** A. ROLIM *Relação* in RIH, VII. (1846) 480: N'este dia se matou o primeiro jacaré, a tres ou quatro passos de distancia da canôa, que tão pouco espantadiços são. *c*1762 JABOATÃO *Novo Orbe Seráfico Brasílico* (ed. 1858-1862, II. III. 670): Naõ cria pescado de nenhuã especie, e só se deixaõ ver nelle ainda hoje alguns dos que chamaõ Jacarés, monstros aquaticos, e taõbem das Sucuryubas, especie de cobras, e taõbem algũas Gyboyas, outra especie de cobras, que mais habitaõ em terra do que na agoa, em a qual continuamente moraõ as Sucuryubas. **1763** J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 61: Na tarde penetrámos pelo tal rio dentro, onde havia muita caça nas arvores e muitos jacarés, que logo se occultavam; [...]. *c*1767 J. DANIEL *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, II. (1840) 350: [...] nem correm mais risco que o de serem assaltados por algum crocodilo ou jacaré: [...]. **1769** J. B. GAMA *O Uraguay* 40: Quando Tatú Guaçú, o mais valente | De quantos Indios vio a nossa idade, | Armado o peito da escamosa pelle | De hum Jacaré disforme, que matára, | Se atravessa diante. Intenta o nosso | Com a outra pistola abrir caminho, |. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 259: Jacaré, de duas especies: é o crocodilo: os d'esta parte da America são de extraordinária corpulencia e ferocissimos: Camaleão de duas especies. **1789** F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 127: A virtude medicinal do Jacaré consiste em huma materia hum pouco crassa flaveo-escura, oleosa, encerrada em quatro tubulos vesiculares, [...]. **1792** F. O. BARBOSA *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 33: e da mesma sorte [o rio Paraguay] tem muitos jacarés, que são uns bichos do feitio de lagarto, porém muito grandes, e assistem pelas praias: os seus dentes são contra o ar; e por isso os sertanistas os matam para os tirar: estes amphibios dão uns urros similhantes aos das onças. **1799** E. A. S. CORREIA *Hist. Angola* (ed. 1937, I. 132): Talvez se a tasca do assougue fosse favoravel á pobreza, crescesse o rendimento deste gado superfluo, q̃. jamais baxa de preço, para servir de nutrição as famintas Onças, aos Lobos, aos Jacarés, e aos Leons. **1806** in RAPM, VI. (1901) 766-767: O Urucuya, vertendo da Serra da Tabatinga caminho do Oriente, opulento depois com as aguas dos outros Rios e Ribeiros vai perderse no de S. Francisco pela parte occidental. Cria Jacarés de prodigiosa grandeza, e Sucuriús de comprimento, [...]. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* I. 71: O monstruozo anfibio com figura de lagarto, chamado crocodilo na Africa, e Azia, tem aqui o nome de jacaré, e encontra-se em todas as lagôas, e rios de corrente tranquilla. **1847** A. LEVERGER *Rio Paraguai* in RIH, XXV. (1862) 232: Não são estas, nem as Onças e Jacarés as unicas alimarias contra as quaes se deve usar de cautéla; encontra-se tambem *Sucuris* e varias especies de cobras venenosas. **1855** JUNQUEIRA FREIRE *Contradições Poéticas* 113: Estas pastagens agrestes, | Estas lagôas profundas, | Que os jacarés espanejão | Co'as suas serras immundas; |. **1856** D. MAGALHÃES *A Confederação dos Tamoyos* II. 35: [...] Larga, escamosa, verdenegra pelle | De enorme jacaré, qu'elle matára, |. **1857** J. ALENCAR *O Guarany* (2ª ed., 1864, I. xii. 130): [...] amanhã vereis que nos traz algum jacaré, depois uma cascavel ou uma giboia; encher-nos-ha a casa de cobras e lacráos. **1868** M. A. PORTO ALEGRE *Brasilianas* 168: Antes em valor redobra, | Como o bronzeo jacaré. | Quando encova e espreita os ovos | Nas margens do Guaporé. **1867** J. M. MACEDO *Memórias do Sobrinho de meu Tio* Pról. xii: [...] é guloso, devorador á ponto de engulir sem mastigar, como o jacaré, [...]. **1869** IDEM *A Luneta Mágica* I. xii. 95: Entrei no *Passeio Publico*, e com apressada curiosidade fui *vendo* e gozando os deleitosos quadros da relva verdejante, dos grupos de arbustos graciosos, das arvores gigantes, das correntes d'agua, das pontes, do outeiro dos jacarés, do terraço que se torna admiravel pela vista das montanhas, dos rochedos e do mar, [...]. **1869** B. GUIMARÃES *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. v. 86): Itagiba pallido de susto pensa que algum monstro do rio, algum jacaré ou sucury, a arrebatou; [...]. **1871** J. ALENCAR *O Tronco do Ipê* I. i. 10: [...] ahi ficou aquecendo-se ao sol do meio dia como um velho jacaré. **1872** B. GUIMARÃES *Hist. e Trad. Minas* III. iii. 218: Mas Jupyra fugia delle como a timida lontra foge do jacaré, ou como a pomba se esconde do gavião. **1873** J. ALENCAR *Guerra dos Mascates* I. *Advert.* vi: Sentia elle tambem suas cocegas pela politica, e desde certo tempo andava chocando de longe como jacaré, o lugar de inspector de quarteirão. **1875** B. GUIMARÃES *A Escrava Isaura* (ed. 1918, XX. 254): — Eu antes queria que me casassem com um jacaré. **1876** COUTO DE MAGALHÃES *O Selvagem* II. ii. 33: Quem visita uma aldea selvagem visita quasi que um museu vivo de zoologia da região em que está a aldêa; araras, [...] sycurijús, giboyas e jacarés, [...]. **1883** B. GUIMARÃES *Rozaura a Engeitada* (ed. 1900, I. vii. 92): — Quando te levantaste todo sarapantado vermelho como camarão e chcio de folhiço não fazes idéa da figura que fizeste... parecias um jacaré. **1888** INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, II. viii. 97): Não fosse o receio das dentadas das piranhas, e da morte entrevista na garganta de jacarés enormes, teria prolongado o delicioso banho. **1895** COELHO NETO *Miragem* II. iv. 209: [...], maracajás que se arrojavam ao rio e atravessavam-n'o sob uma saraivada de balas, e jacarés pasmados, séstiando ao sol, olhavam meneando as caudas, fugindo logo que percebiam movimento á bordo, a tristeza foi desapparecendo suffocada pela visão do imprevisto e pelas narrativas do veterano, [...]. **1898** A. ARINOS *Pelo Sertão* 129: Era a grande massa d'agua, farrusca, ameaçadora, que grimpava a pedra, traiçoeiramente, como um jacaré que se arrasta, subtil e feroz, na algidez repellente de sua pelle escamosa, querendo pilhar a presa durante o somno. **1898** IDEM *Os Jagunços* I. iv. 135: Eis senão quando uma rez, bem no fio da correnteza, ou fosse pegada por algum suruby, ou jacaré, ou porque fosse, desgarrou de repente e desceu pela correnteza abaixo. **1902** E. CUNHA *Os Sertões* 189: Por fim as armas — a mesma reviviscencia de estadios remotos: o facão *jacaré*, de folha larga e forte, a *parnahyba* dos cangaceiros, longa como uma espada; [...]. **1913** SIMÕES LOPES *Lendas do Sul* 18: E mandei fazer um laço | Da casca do jacaré, | P'ra laçar meu boi barrozo | Num redomão pangaré. **1918** MONTEIRO LOBATO *Urupês* 123: — Aquelle fiapinho de planta ali no gancho do jacaré, continuou o cicerone, apontando com dedo e beiço uma parasita humilde, grudade na folhinha

de um galho, com dois filamentos pendurados, [...]. **1926** COELHO NETO *Feira Livre* 151: Leões; tigres, leopardos, elephantes, jacarés, até zebras, tida por indomaveis, são hoje artistas de cinema. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* v. 57: O jacarèuna o jacarètinga o jacarè-assú o jacarè-ururau de papo amarelo, todos êsses jacarés botaram os olhos de rochedo pra fora dagua. **1929** G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* xii. 175: Os rapazes na varanda do outeiro da Gloria pensavam que Ritinha dansava a [*sic*] cantava para elles e não se mexiam com olhos de jacaré. **1934** JORGE DE LIMA *O Anjo* 97: O Heróe não aguentava mais ir na lagoa do Pilar matar jacaré. **1935** IDEM *Calunga* xiii. 110: O chão húmido da ilha aquentava-se no sol, feito jacaré do Pilar, corregozinhos desapareceram, brejos voaram sêcos, estirões e estirões de lama negra todos os dias surgia para o sol comer, mas tudo era ainda móle, guardando o levissimo desenho das patas dos caranguejos, ou pegada espalhada do solado cabôclo. **1956** GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 33: Jacaré grita, uma, duas, as três vêzes, ronco roncado. Jacaré choca — olhalhão crespido do lamal, feio mirando na gente. Eh, ele sabe se engordar. Nas lagoas aonde nem um de asas não pousa por causa de fome de jacaré e da piranha serrafina.

jacarepinima *s.m.* Var.: 5 *jacaré-pinima* [< T. ịakarepi'nima < ịaka're 'jacaré' + pi'nima 'pintado, manchado'].

V. abon.

1587 G. S. SOUSA *Noticia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxiv. 163): Pelos matos se criam outros lagartos pequenos pintados como os de Espanha, a que os índios chamam jacaré-pinima, os quais criam por entre as pedras, e em tocas de árvores, com os quais tem as cobras grandes brigas.

jacaretinga *s.m.* Var.: 8 *jacaré-tinga*, 9 *jacarètinga, jacaretinga* [< T. *ịakare'tiŋa < ịaka're 'jacaré' + 'tiŋa 'branco'].

Réptil da família dos crocodilídeos (*Caiman sclerops*).

1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 85: [...] mais pequenos em tamanho conhecidos por *jacarés-tingas*; não tanto almiscar, e muitos comem a sua carne. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazónia* I. i. 12: O jacaré, o jacaré-tinga, pequeno, de peito branco, carne alva e bôa, só comem as populações do lado oriental do estado do Pará [...]. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* v. 57: O jacarèuna o jacarètinga o jacarè-assú o jacaré-ururau de papo amarelo, todos êsses jacarés botaram os olhos de rochedo pra fora dagua. **1930** G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 173: Assim, se acaso se avista ao longe a cabeça de um jacaretinga immóvel á flor das aguas, elles não se furtam ao prazer de remar até as proximidades, [...] para que, [...] um dos proeiros vise a cabeça do saurio e sobre ella desabe acertado golpe com o varejão.

jacareúba *s.f.* [< T. *ịakare'ịua < ịaka're 'jacaré' + 'ĩua 'planta'].

Planta da família das gutíferas.

*c***1777** F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 263: [Arvore que serve para madeira.] Jacaréuba.

jacarezada *s.f.* Var.: 9 *jacaresada, jacarezada* [< jacaré + *-z-* + *-ada*].

V. abon.

1928 M. ANDRADE *Macunaíma* vi. 76: Numas bacias enormes originarias das cavernas do rio Cunani fumegava tacacá com tucupi, sopa feita com um paulista vindo dos frigorificos da Continental, uma jacaresada e polenta. **1935** JORGE DE LIMA *Calunga* iv. 43: Ainda se ia a jacarezadas, como no começo do mundo.

jacina *s.f.* [< T. *ịa'sina].

Inseto da ordem dos odonatos; espécie de libélula, também conhecida como lavadeira.

1930 G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 199: Á falta das aves de gracioso porte e rica plumagem, contendo-me em admirar as libellulas, — *jacinas*, como as chamam aqui — estas sim, abundantissimas, e de uma extrema variedade de côres e tamanhos.

jacitara *s.f.* Var.: 8-9 *jacitára*, 9 *jacitara* [< T. *ịasi'tara].

Espécie de palmeira do gênero *Desmoncus*; TITARA.

1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 12: [...] a *jacitára*, que em outras partes do Brasil chamam *titára*, da sua casca se extrahem coberturas de cadeiras e sofás, que supposto sejam de pouca duraçaõ, supprem todavia a falta do junco da India: [...]. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. viii. 118: O matapi, especie da nassa européa, é um grande cesto conico, tecido das talas da curiosa palmeira trepadeira, a jacitára. (*Desmonchus*). **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* ii. 25: Foi lá e topou com a cotia farinhando mandioca num tipiti de jacitara. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* x. 117/118: Gurupemas, balaios, esteiras, abanos, urús, trabalhados em jacitára, cipó, tabúa, fibra, voaram.

jacu *s.m.* Var.: 5, 7-9 *jacú*, 5-6, 8 *jacu*, 6 *jaqu, jacúz* (pl.), *iaqu*, (6 *jacij*), 7 *jacũ* [< T. ịa'ku ~ A curiosa grafia *jacij*, documentada em Fr. Manuel Calado (v. abon. 1648), foi identificada como var. de *jacu* por analogia com a grafia *jaburij* (por *jaburu*), que ocorre no mesmo trecho, onde o autor relaciona os nomes de várias aves da fauna brasileira].

Ave galiforme da família dos cracídeos.

1576 GÂNDAVO *Hist.* VII. fl. 25*v.*: Tambem ha outras quasi tamanhas como estas, a que chamão Jacús, & nós lhe chamamos galinhas do mato. Sam pardas & pretas, & tem hum circulo branco na cabeça & o pescoço vermelho. Matanse na terra muitas dellas, & pelo conseguinte sam muy sabrosas & das melhores que ha no mato. Ha tambẽ na terra muitas perdizes, pombas, & rolas como as deste Reino, & muitos patos & adẽs brauas pelas lagoas & rios desta casta: & outras muitas aues de differentes castas, que nam sam menos sabrosas & sadias, que as melhores que cá entre nós se comem, & se tem em mais estima. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxxix. 88): Jacus são umas aves a que os Portuguêses chamam galinhas do mato, e são do tamanho das galinhas e pretas; mas tem as pernas mais compridas, a cabeça e pês como galinha, o bico prêto, cacarejam como perdizes, criam no chão, e têm o vôo muito curto; mantêm-se de frutas, matam-nas os índios às flechadas; cuja carne é muito boa, e tem o peito cheio de titelas como perdiz da mesma côr, e muito tenras; a mais carne é dura para assada, e cozida é muito boa. *c***1594** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 707-709: Outros dizẽ que do Jacu q̃ he como gallinha ficou o fogo porq̃ tẽ o papo m^to^ vermelho. **1610** J. MONTEIRO *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.* VIII. (1949) 409: Deste lugar, onde se feria o fogo, dizem o levou [fogo] Jacu pera as partes do mundo, e que por este respeito tem o pescoço vermelho. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fls. 112-112*v.*: Alem das Aues domesticas de que tenho feito mençaõ se achaõ pellos bosques e campos grande moltidaõ de jaqus, que saõ como gualinhas siluestres de tanta estima quelhe naõ fazem ventaja às mesmas gualinhas posto que sejaõ muito guordas [...]. **1618** S. E. SILVEIRA *Carta* in ABN, XXVI. (1905) 364: [...] ha muitos patos, galinhas crioulas pequenas, galinholas brauas, rollas, pombas, motus, como Perus, Jacus, haracoas como galinhas muitos tocanos em moncoes como tordos, Aletos e garças, e outras muitas aues e papagaios de comer e de fermosas penas. **1624** IDEM *Relação do Maranhão* fl. 10: [...] ha muitas rolas, muitos motus, como pirùs, cõ o bico groço, ẽ vermelho, jacus, è aracoas, como gallinhas, muitos tocanos, ẽ mõçoẽs [...]. **1627** V. SALVADOR *Hist. Brasil* I. x. fl. 18*v.*: Além das Aves que se criam em caza galinhas, Pattos, Pombas, e perúz, ha no Brazil muitas galinhas bravas pellos matos, patos nas lagoas, Pombas bravas, e huãs aves chamadas Jacúz, que na feiçaõ, e grandeza são quazi como Perúz. *c***1631** C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fls. 188*v.*-189: O iaqu he pasoro tamanho como hũa gualinha e he pardo e a graguamta uermelha ate o lomguo do biquo e o biquo pardo tiramdo damarelo e tem os peis pardos cor de cimza e tem a guoela saimdo do peito e uai pera riba do estamoguo e torna a uirar e uai ao biquo eles cão sempre maxo e femia em companhia ele o podem cer em hũ dos milhores pasoros desta tera e tem a carne muito bramqua e guostoza e fazem dous filhos em riba dos ramos das aruores e os ouos cão bramquos crião em casa. **1648** M. CALADO *O Valeroso Lucideno* I. iv. 53: Tambem alli trazia todas as castas de aues, & animaes que pode achar, & como os moradores da terra lhe conheceraõ a condiçaõ, & o apetite, cada hum lhe trazia a aue, ou animal exquisito que podia achar no sertão, alli trazia os papagaios, as araras, os jacijs, os canindés, os jaburijs, os motuns, as galinhas de Guiné, os patos, os cirnes, os pauoens; de perús, & galinhas grande numero, tantas pombas, que não se podião contar, [...]. **1721** F. F. HENRIQUES *Âncora medicinal* (ed. 1731, 132): Jacú he ave do Brazil, tamanha como galinha; he quente e secca, de excellente sabor, e de boa nutriçaõ, sustenta-se de frutas. **1730** ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 66. 40: De outros passaros tambem comestiveis ha araquans, mutuns, jacús, jacutingas, e nas ribeiras do mar, e dos rios, marrecas, e galeiroens. **1751** A. ROLIM *Relação* in RIH, VII. (1846) 478: Patos bravos, maiores e mais gostosos do que os do Reino, e outra casta de passaros a que chamam jacús, do tamanho de perdizes, e com alguma semelhança no gosto. *c***1777** F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 261: [Ave silvestre] Jacú, duas variedades. **1783** M. C. ABREU *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 258: Os jacús saõ de duas qualidades; a uns se chamam jacútingas e a outros jacúcacas. **1789** F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 65: Jacú verdadeiro com a cabeça e collo mais extenso e menos grosso; a caruncula da gula maior, sem pêllos, mais rubicunda; [...]. **1792** F. O. BARBOSA *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 23: Os passaros são innumeraveis e de diversas qualidades, como são araras, [...] jacús, macucos, [...]. **1806** in RAPM, VI. (1901) 778: Jacú, passaro grande dos matos, de forma elegante, cauda grande, pernas compridas, corpo levantado, côr fusca com pequenas manchas pardo-fuscas. Comem-se, mas a carne he dura, e tirando a negra: sustenta-se de bagas silvestres. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* I. 85: *Jacú* he do tamanho de hum grande capão, preto com figura de perúa. **1825** José BONIFÁCIO *Poesias Avulsas* 61: A rouca voz pararão temerozos ! Os esquivos *Jacús* nos bastos galhos ! [*Nota do Autor*] Os *Jacús* são especies do genero Penelope de Linné. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 30:

[...] *jacús, jacutingas, araçaris, e tocanos*, celebres pelo grande bico, que os priva de descer á terra, e côr delicada das suas pennas; bebem unicamente da chuva, ou descendo aos rios pelos ramos das arvores que a elles descem; [...]. **1847** A. LEVERGER *Rio Paraguai* in RIH, XXV. (1862) 232: Entre as aves; citarei as *Anhumas*, que depois das *Emas* são as maiores de todas, mas que o caçador não persegue porque não se come a carne d'ellas; os *Mutuns, Jacús, Arancuans*, que offerecem um saboroso e saudavel manjar, bem como os *Patos* e *Marrecos*, que se veêm em grandes bandos; [...]. **1865** J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, xxi. 124): Elles occupavam as margens do Soipé, cobertas de mattas, onde os veados, as gordas pacas e os macios jacús abundavam. **1865** IDEM *As Minas de Prata* II. xi. 200: Queria João communicar á Christovão alguma caçada de jacús a que pretendia ir á boca da noite? **1876** COUTO DE MAGALHÃES *O Selvagem* II. ii. 32: Mas temos famílias equiparaveis ao porco, ao gato, ao cão, á galinha. O *queixada*, o *maracajá*, o *guara* ou lobo, o *mutum* e o *jacu* seriam sem duvida alguma especies domesticaveis [...]. **1881** F. TÁVORA *Lourenço* (ed. 1902, xvi. 243): [...] o matto porém era o seu principal fornecedor, agora lhes dando a paca, o tatú, a cutia, o preá; agora o jacú, a juruty, o nambú, o pato bravo; agora o ananaz, o inhame, o ingá, a mangaba, o cajú. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. i. 12: Não faz tambem alimento da capivara, da lontra e de outros animaes, nem lhe apetecem as aves, sinão as grandes, os inambús, os jacús, os jacamins, as macucauas e outras, de carne farta e saborosa. **1898** A. ARINOS *Os Jagunços* II. iv. 384: Derrubei muito jacú de perna vermelha e de bonet na cabeça. **1915** LIMA BARRETO *Policarpo Quaresma* III. iv. 133: Felizardo dizia que Mané Candieiro era um mentiroso, pois tôdas aquellas caçadas de caitetús jacús, onças eram patranhas; [...]. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* v. 64: Caça caia com estrondo e Macunaíma aparava os macucos macacos micos monos mutuns jacús jaós tucanos, todas essas caças. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xi. 130: A roupa dominguceira dos caboclos, o jubilo derramado no ambiente, a abundancia de comida, tacacá, assahy, que reforçava as caldeiradas de peixe, as paneladas de mocotós, as adubadas de maniçobas, os leitões assados, os jaboty, os patos do matto, as pacas no tucupy, os jacús e os veados, entornavam na atmosphera notas de prazer. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 72: Vocês, eu aposto que nunca pensaram em ter um galinheiro enorme, cheio de jacús, de perdizes, de codornas...

‖ **jacuá** (*jacuhá*): v. abon.

1817 CASAL *Corografia Brazílica* II. 87: ¦grande diversidade d'arvores de bom páu para construcção principalmente:¦ jacuhá; [...]. **1856** D. MAGALHÃES *A Confederação dos Tamoyos* IV. 111: Entretanto os Tamoyos vão vingando ¦ Altas serras pejadas de cabiúnas, ¦ Cupahibas, jacuás e sucupiras; ¦.

jacucaca *s.m.* Var.: 5 *jacucaca*, 7 *jacúcaca* [< T. ¡aku'kaka¦.

Ave galiforme da família dos cracídeos (*Penelope jacucaca*); espécie de jacu.

*c***1594** [F. SOARES¦ *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1388-1391: Jacutîga Jacupema Jacucaca Jacuguaçu e aj outras m^tas^ castas tẽ tãta carne como huã boa galinha e aj m^tas^ em cãtidade e gostosas as penas desta seruẽ p^a^ frechas. **1783** M. C. ABREU *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 258: Os jacús são de duas qualidades; a uns se chamam jacútingas e a outros jacúcacas. Os jacutingas são do tamanho de uma gallinha e pintados de preto e branco e os outros são mais pequenos, de côr parda, e têm um papo vermelho, á maneira do perú.

jacuguaçu *s.m.* Var.: 5 *jacu-açu, jacuguaçu* [< T. ¡akuũa'su < ¡a'ku 'jacu' + ũa'su 'grande'¦.

Ave galiforme da família dos cracídeos (*Penelope obscura*); espécie de jacu.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXI. 92): Jacu-açu são outras aves da feição das garças grandes, e do seu tamanho; são pardas e pintadas de branco, andam nos rios e lagoas, criam ao longo delas e dos rios, no chão; mantêm-se do peixe que tomam. *c***1594** [F. SOARES¦ *Coisas Notáveis do Brasil* (ms.C) 1388-1391: Jacutîga Jacupema Jacucaca Jacuguaçu e aj outras m^tas^ castas tẽ tãta carne como huã boa galinha e aj m^tas^ em cãtidade e gostosas as penas destas seruẽ p^a^ frechas.

‖ **jacuíba** (*jacuyba*): v. abon.

1663 S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 80. 158: A terra toda póde chamarse hum só bosque. Pello que, deixando por mão a frescura, & preciosidade dos cedros, angelins, quasi ebanos, carápinimas, mocetaybas, claraybas, jacuybas, maçarãdúbas, [...] deixando todas estas especies, descreuerei algũas sómente das q̃ saõ fructiferas, pera gosto dos que saõ curiosos.

jacumã *s.f.* Var.: 7 *jacumã*, 8-9 *jacuman*, 9 *jacumã* [< T. ñaku'mã, ¡aku'mã ~ VLB I. 51: *Balisa da pescaria, s, hũas uaras em q. se amarra a embarcação em quanto se pesca* = Nhacumã, vel, Jacumã¦.

Espécie de remo usado como leme.

*c***1767** J. DANIEL *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, III. (1841) 43: [...] pás, de que alguns [pilotos Tapuyas¦ usam nas suas canôas em lugar de leme, chamadas *jacumã*. **1886** J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 350): O velho sentou-se ao jacuman e com mãos seguras ainda péga o remo de itaúba. **1888** INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, II. viii. 114): [...] largaram o jacuman, e o ubá, perdendo a força impulsiva que trazia, fôra de mansinho cedendo á correnteza, [...]. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. iii. 33: Um companheiro, um filho menor ou qualquer outro corumim, vae ao jacuman, isto é, sentado no banco extremo da pôpa, [...] . **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* viii. 107: Quando a jacumã de Vei não embalou mais o sono dele Macunaíma acordou. **1930** G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 305: Passamo-nos, então, para a canoa providencialmente encontrada, e como a nossa tinha de ser comboiada, o Ricardo, com o auxilio de uns paus, improvisou-lhe á popa uma jacumã. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* i. 12/13: Appareceu, de facto, no principio do estirão, á jusante, uma igarité equipada a seis remos, fóra o jacumã. IDEM *Ib.* xxvi. 307: A Merandolina pegou na jacuman e o João postou-se á prôa, de frecha em punho.

jacumaíba *s.m.* Var.: 7 *jacomaúba, jacumayba* [< T. °¡akuma'ĩua < ¡aku'mã 'jacumã' + ĩ'ua 'guia, cabo, chefe' ~ VLB I. 152: *Guia como na dança* = Igbá¦.

Piloto de canoa.

1763 J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 52: [O sargento mór Pedro Barreiro¯ logo principiou a exercitar a sua obrigação de piloto, que cá se diz universalmente jacomaúba. *c***1767** J. DANIEL *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, III. (1841) 43: Chamam estes pilotos [Tapuyas¦ na sua lingua *jacumaybas*, cujo nome é originado de umas pás, de que alguns usam nas suas canôas em lugar de leme, chamadas *Jacumã*.

‖ **jacumaú** (*jacumahu*): v. abon.

1614 in RIC, XXIII. (1909) 135-136: Ha data oitenta e seis deu jeronimo dalboquerque a dominguos sirguo em honze de outubro de seis sentos e sinco annos, he de mea leguoa de terra em quadra no ryo de jacryhú, a qual comessa de hu pacoual de jacumahu pello ryo abaixo ficando o ryo em meio, nunca fez bemfeitorias, está dada ás filhas de manoel rodrigues, serue pera guados e mantimentos.

jacundá *s.m.* Var.: 6 *jacundâ, iacunda*, 8 *jucundá* [< T. ¡aku'ŋa¦.

Peixe da família dos ciclídeos.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 120*v*.: [...] jacundà — he peixe de Aguoa doçe eixcelentes pera se darem a comer a doentes [...]. *c***1631** C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 175: Iacunda he peixe de pardo E verde os olhos são uermelhos ha tres castas delle são de 2 palmos E meio de cóprido a outra casta diferença se q tẽ no rabo hũ espelho a outra casta he raiada de preto azulado são bõs p^a^ comer. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. vii. 105: Entre esses estão os peixes chamados do matto, por viverem nos alagadiços cobertos de vegetação alta, o jijú, o jandiá, o jucundá, [...].

jacupema *s.f.* Var.: 5-6, 8 *jacupema*, 7 *jacu-pema, jacu-pemba*, 8 *jacú-pemba* [< T. ¡aku'pe ŋa < ¡a'ku 'jacu' + 'pe ŋa 'anguloso'¦.

Ave galiforme da família dos cracídeos (*Penelope superciliaris*), tambem conhecida como jacupeba; espécie de jacu.

*c***1594** [F. SOARES¦ *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1388-1391: Jacutîga Jacupema Jacucaca Jacuguaçu e aj outras m^tas^ castas tẽ tãta carne como huã boa galinha e aj m^tas^ em cãtidade e gostosas as penas desta seruẽ p^a^ frechas. *a***1696** G. MATOS *Obras* (ed. 1969, V. 1123): Se acaso furtou, Senhor, ¦ algum ôvo a Jacupema, ¦ o fêz só, para que gema ¦ cos pesos do meu amor: ¦. **1789** F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 63-64: Jacu-pema, ou pemba com a grandeza de huma pequena gallinha, mais extenso, e menos ventroso, cabeça, e bico gallinaceo; [...] Habita pelos matos, vôa com velocidade principalmente fugindo dos inimigos; nutre-se de frutas, e a sua carne he muito saborosa. **1800** J. VELOSO *Aviário Brasílico* 10: CORNETE; o esporão, que se ve na cabeça, como na Palamedea, e Penepole Satyra. [*Em nota de rodapé*¦: Ave da India esp. cong. ao *Jacupema* do Brasil¦. **1806** in RAPM, VI. (1901) 773: Jacú, passaro grande dos matos, [...] Jacupema, menor que o Jacú, he variedade desta especie. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* I. 85: Jacú-Pemba he menor que o primeiro [jacutinga¦, e tem o peito cinzento.

jacuruaru *s.m.* [< T. °¡akurua'ru¦.

Réptil lacertílio da família dos teídeos.

1888 INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, II. viii. 101): Sobre as folhas seccas que a ultima ventania derrubara, camaleões [...] e grandes jacuruarús pardos, deixando o esconderijo dos tocos de pau, arrastavam-se pelo chão, ou trepavam aos troncos, silenciosos e rapidos, á caça de gafanhotos inoffensivos [...].

jacurutu *s.m.* Var.: 5, 9 *jucurutu*, 5 *jacuritu*, 6 *jaqueretu, ja-*

curutu, 8-9 *jacurutú*, 9 *jucurutú* [< T. ịakuru'tu ~ VLB I. 60: *Bufo, passaro* = Jacurutù].

Ave da família dos bubonídeos; espécie de coruja.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxxxvi. 106): Jucurutu é uma ave tamanha como um frango, que em povoado anda de noite pelos telhados; e no mato cria em tocas de árvores grandes, e anda ao longo dos caminhos; e aonde quer que está, tôda a noite está gritando pelo seu nome. Esta ave é de côr brancacenta, tem as pernas curtas, a cabeça grande com três listas pardas por ela que parecem cutiladas, e duas penas nela de feição de orelhas. *c*1594 [F. Soares *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1464-1468: Dos passaros q̃ andaõ de noite Ha de m^tas castas piquenos e grãdes algũs como corujas grandes .s. Vrucuriaguaçu Vrutaqui 2 pipupipuba Jacuritu 2 Abijaguaçu hain aig. 2 aritara 2. Putunara Cuxa Aguigui baèvatì. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fls. 116-116*v*.: [...] ha outro modo de falcaõ ou guauiaõ que naõ sey de que especie seja, tambem muy agiles pera a caça, mas naõ taõ grandes como os de que fiz menção de que hũ dos tais se chama — piron — e outro ganbiapiruera, e outra casta aque chamaõ — eixua — e outra semelhante que tem por nome taguato — e outro quaraquara — e tambem — guaquaqua — e do mesmo modo jaqueretu — o coal he asaz feo na composiçaõ [...]. *a*1696 G. Matos *Obras* (ed. 1969, V. 1125): Se é certo, que o General I em tal conflito roncou I é, que a prima noute andou I visitando o arraial: I como por todo o arrebal I nadou qual Jacurutu, I sempre à espera de um Tatu, I. **1817** Casal *Corografia Brazilica* II. 163: [varias castas de milhafres e gaviões O *jacurutú*, que he o de maior volume, tem dois grandes chifres de penna, e mata as maiores cobras com cautela, e destreza para não ser dellas picado. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 32: [...] o *jacurutú*, que só vaguêa de noite, e cujo canto pronuncia o nome que tem, he grande, e o bico, e cabeça em nada differem da de um *gato*; [...]. **1903** D. Olimpio *Luzia Homem* xiii. 105: [...] ou as proezas de lobishomem e cavallos sem cabeça, vagando pelos campos, nas noites tetricas em que os jucurutus sinistros piam á beira dos rios; [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* iii. 37: Mas uma feita jucurutú pousou na maloca do imperador e soltou o regongo agourento. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* ix. 108: Mandou sahirem todos da barraquinha, fechou a porta com a folha de japá, accendeu o cigarro de tauari, arrumou varios animaes seccos: sapos, camaleões, cobras, gaviões, jacurutús; [...].

jacutinga *s.m.* Var.: 5 *jaculiga*, 7-9 *jacutinga*, 7 *jacútinga*, *jacotingo* [< T. ịaku'tiŋa < ịa'ku 'jacu' + 'tiŋa 'branco'].

Ave galiforme da família dos cracídeos; espécie de jacu.

*c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1388-1391: Jacutiga Jacupema Jacucaca Jacuguaçu e aj outras m^tas castas tẽ tãta carne como huã boa galinha e aj m^tas em cãtidade e gostosas as penas desta seruẽ p^a frechas. **1730** Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 66. 40: De outros passaros tambem comestiveis ha araquans, mutuns, jacús, jacutingas, e nas ribeiras do mar, e dos rios, marrecas, e galeiroens. **1751** A. Rolim *Relação* in RIH, VII. (1846) 486: Ha tambem pelos matos muita [caça] de jacús e jacotingos, que passam de bom gosto a saudaveis, de modo que se dão aos doentes, principalmente as aracoans, que sendo estes os mais pequenos, sempre tem o tamanho das nossas frangas. **1781** Durão *Caramurú* VII. lxii. 215: As Marrecas, que ao rio enchem as bordas, I As Jacutingas, e a Aracan prezada: I. **1783** M. C. Abreu *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 258: Os jacús são de duas qualidades; a uns se chamam jacútingas e a outros jacúcacas. Os jacutingas são do tamanho de uma gallinha e pintados de preto e branco [...]. **1806** in RAPM, VI. (1901) 773: Jacutinga, he o maior, e o mais saboroso dos Jacus, o mais elegante, e agradavel á vista, por ter os encontros das azas brancos, topete grande da mesma côr, pescoço salpicado de pontos brancos, sobre fundo negro: pés, pernas, e bico são vermelhos. He raro, e apenas apparece em mattas cerradas, e grandes. **1817** Casal *Corografia Brazilica* I. 85: *Jacutinga* he um pouco maior, com a mesma figura, e côr; pernas vermelhas, o meio das azas branco, bico verde, olhos grandes, e negros; as pennas da parte superior da cabeça compridas, e brancas; o peito salpicado de branco. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 30: [...] *jacús, jacutingas, araçaris*, e *tocanos*, celebres pelo grande bico, que os priva de descer á terra, e côr delicada das suas pennas; bebem unicamente da chuva, ou descendo aos rios pelos ramos das arvores que a elles descem; [...]. **1874** Taunay *Histórias Brasileiras* 137: Ás vezes a caçada diligente do rapaz fazia apparecer na refeição habitual a delicada carne da *jáo*, da *aracuan, jacutinga* e *inambú*; mas o preço da polvora e do chumbo tornava raras essas occasiões. **1913** Simões Lopes *Lendas do Sul* 18: E mandei fazer um laço I Do couro da jacutinga, I P'ra laçar meu boi barrozo I Lá no passo da restinga I. **1928** M. Andrade *Macunaíma* v. 65: Maanape atirou guaribas picotas jaós jacús jacutingas piaçocas, todas essas caças porém Piaimã engulia e tornava a pedir a gente que êle flexava.

jaguacati *s.m.* Var.: 5 *jabacatim* [< T. ịaũaka'tĩ].

Ave coraciforme da família dos alcedinídeos, também chamada martim-pescador.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxxxi. 92): Jabacatim è um pássaro tamanho como um pintão, tem o bico comprido, o peito vermelho, a barriga branca, as costas azuis, criam em buracos, que fazem nas barreiras sôbre os rios, ao longo dos quais andam sempre com os pés pela água a tomar peixinhos, de que se mantêm.

jaguacininga *s.f.* Var.: 5 *jaguaçini, guaçoni*, 6 *guasuni*, 7 *guassinim*, 8-9 *guaxinim*, 8 *guachinim* [< T. ịaũasi'niŋa < ịa'ũara 'jaguar, onça' + si'niŋa 'retinir' ~ VLB II. 96: *Rapoza* = Jagoapitanga, não no parecer, nem no officio. Outra Coati, no parecer, mas não no officio. Jaguacining, no parecer e no off°].

Mamífero carnívoro da família dos procionídeos (*Procyon cancrivorus* Cuv.).

*c*1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 16: Jaguaçini. Este animal he tamanho como Rapoza de Portugal, tem a mesma cor de rapoza sustentase somente de caranguejos, e dos Canaueais daçucar, e destruem m^tos delles saõ muito dorminhocos, e dormindo os mataõ, naõ fazem mal. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1180-1182: Raposo Guaçoni comẽ nagoa e ẽ terra passaros canas dasuẽr saõ feos e dorminhocos. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 133*v*.: [...] guasuni — he cachorro do mato medianamente grande [...]. **1730** Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 64. 39: As guaribas, de triste, e porfiado canto nas arvores, e os guassinins, que saõ do seu coro, e solfa. **1781** Durão *Caramurú* VII. lix. 214: A Canção da Guariba sempre ingrata I Responde o Guassinin, que o segue amigo: I. **1817** Casal *Corografia Brazilica* I. 64: O *guaxinim*, he uma casta de rapoza com o focinho curto, e grosso; dedos um pouco compridos, e abertos; e o peito largo: sam mais numerosos nas vizinhanças do mar, a cujas praias descem a caçar os caranguejos. **1874** J. Alencar *Ubirajara* i. 12: A virgem disse e desappareceu na selva. Os olhos de Jaguarê seguiram o passo ligeiro da formosa caçadora, como o guachinim que rasteja o zabelê. **1936** J. L. Rego *Usina* II. x. 179: Todos agora eram como os filhos de Pinheiro, todos se juntavam em bando, de estrada afóra, como guaxinins assanhados.

jaguané *s.m.* [< T. °ịaũa're].

V. abon.

1817 Casal *Corografia Brazilica* I. 67: O Jaguanè he especie de cão pequeno, refeito com riscas. Idem *Ib.* I. 142: [...] outras de cães como jaguaratiricas, guarás, guaraxains, jaguanès.

jaguapeva *s.m.* Var.: 9 *jaguapéva, jaguapé* [< T. °ịaũa'peũa < ịa'ũara 'cão' + 'peũa 'chato' ~ VLB I. 65: *Cão, animal* = Jagoara, Jagoamîbaba].

Variedade de cão doméstico, de pernas curtas.

1931 Ribeiro Couto *Cabocla* vi. 69: [...], bisavô talvez daquelles caboclinhos que ainda pouco corriam atraz do meu forde, eh! eh! eh! eh! eh! de embolada com os jaguapevas aos guinchos! **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 270: — Vigia ai, Tiãozinho! Vi um bicho raboso mexer no matinho... Alguma bisca de raposa, ou um jaguapé.

jaguapitanga *s.f.* [< T. ịaũapĩ'taŋa < ịa'ũara 'jaguar, onça' + pĩ'taŋa 'avermelhado, pardo' ~ VLB II. 96: *Rapoza* = Jagoapitanga, não no parecer, nem no officio. Outra Coati, no parecer (...)].

Espécie de raposa.

Na abon. de 1610 o termo designa a *onça ruiva*, tradução literal do étimo tupi.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. xcviii. 132): Jaguapitanga é uma alimária do tamanho de um cachorro, de côr preta, e tem o rosto de cordeiro; tem pouca carne, as unhas agudas, e é tão ligeira que se mantêm no mato de aves que andam pelo chão, que toma a coço, e em povoado faz oficio de raposa, despovoa uma fazenda de galinhas que furta. **1610** J. Monteiro *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.* VIII. (1949) 419: Há outras, [onças], a que chamam jaguapitanga, onça ruiva: são estas a destruição total das galinhas, e onde entrão tudo levam. Sós, não são muito ousadas, mas de companhia acometem a todo o homem. São como bons rafeiros na grandeza.

jaguapopeba *s.f.* Var.: 5 *iaguapopèba, jagoarapeba, jaguapopeba* [< T. ịaũapo'peũa ~ VLB II. 24: *Lontra* = Iagoapopeba. Guairacâ. Areraya, este he mayor].

Nome indígena da lontra.

*c*1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 31: Iaguapopèba. Estas saõ as uerdadr^as lontras de portugal. **1587** G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. ci. 139): Criam-se nos rios de água doce outros bichos, que se parecem com lontras de Portugal, a que o gentio chama jagoarapeba, que tem o cabelo prêto, e tão macio como veludo. São do tamanho de um gôzo, tem a cabeça como de gato, e a boca muito rasgada e vermelha por dentro e nos dentes grandes prêsas, as pernas curtas. Andam sempre n'agua, onde criam e parem muitos filhos e onde se mantêm dos peixes que tomam e de camarões: não

saem nunca fora da água, onde gritam quando vem gente ou outro bicho. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 2358-2355: Ha m^tas^ lontras — Jaguapopeba — taçape Jgija Taguaranha saõ pretas ahô cariguemeiu saõ como doninhas mas maiores.

jaguar *s.m.* Cp. jaguaretê [< T. ja'ũara ~ VLB II. 56: *Onça, ou tigre* = Iaguara. Iaguaretê suas especies, Cigoaçuarana: Jaguapitãguçû: he na feição, e não na cor].

Nome comum aos grandes mamíferos carnívoros da família dos felídeos, particularmente os do gênero *Felis*; onça, jaguaretê.

1610 J. Monteiro *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.* VIII. (1949) 397: A terra desta enseada [Guaratiba] que vizinha com o Mar, é valhacouto e povoação de onças, a que chamam *Jaguares*, cão verdadeiro. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 257: [Quadrupede] Conforme o systema de M. de Buffon, não ha na America a onça verdadeira: e por isso o citado naturalista aplica aos referidos animaes, que nós chamamos onça, os proprios nomes americanos na lingua *Tupinambá*, a dominante do Brasil. Assim lhe chama *Jaguar*, que deriva da palavra Juauraitê. **1856** D. Magalhães *A Confederação dos Tamoyos* II. 35: Nem do rapido pulo escapava | O jaguar mais ligeiro sobre a rocha; |. **1857** J. Alencar *O Guarany* (2ª ed., 1864, I. xiv. 147): Ia então em procura desse animal que tão importante papel representa nesta historia, especialmente depois de morto; como não o satisfazia qualquer pequeno jaguar, assentára buscar nos seus proprios dominios um dos reis das grandes florestas que corrião ao longo do Parahyba. **1865** Idem *Iracema* (3ª ed., 1878, xiv. 84): O jaguar, senhor da floresta, e o anajê, senhor das nuvens, combatem só o inimigo. **1865** Varela *Cantos e fantasias* in *Obras Completas* (ed. 1896, II. 86): Que sicario real, [...] Te apanhará, jaguar das soledades?... **1869** Idem *Cantos do Ermo e da Cidade* (2ª ed., 1880, 74): Filha dos serros onde o sol se esconde, | São horas de partir, desponta a aurora, | Deixa-me que te abrace e que te beije. **1869** Idem *Cantos Meridionais* in *Obras Completas* (ed. 1896, II. 107): O sertão com seus jaguares, |. **1869** B. Guimarães *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. vi. 102): O jaguar se refugia na tóca do canguçú, onde o caçador o veio sorprender. *a*1871 Castro Alves *A Cachoeira de Paulo Afonso* (1876) 67: "Crime! Pois será crime se a giboia | Morde silvando a planta que a esmagara? | Pois será crime se o jaguar nos dentes | Quebra do indio a perfida taquara? **1871** B. Guimarães *Lendas e Romances* I. x. 102: Consultárão um momento entre si, sem nunca perderem de vista o cabra que estava a uns dez passos de distancia, sempre amoitado na cavidade do rochedo, rolando olhos sanguineos e chamejantes como o jaguar acuado em sua toca, e sem nunca arredar a ponta da faca de sobre o peito da rapariga. **1872** Idem *Hist. e Trad. Minas* III. iii. 218: Era á sombra de sua mãe que vinha arquejante e espantada como a caça acossada pelo jaguar, abrigar-se das perseguições do cacique. **1874** J. Alencar *Ubirajara* i. 7: O rugido do jaguar abala a floresta; mas o caçador tambem despreza o jaguar, que já cançou de vencer. **1875** Idem *O Sertanejo* I. vii. 76: Tantas vezes obrigado á pernoitar no meio dos perigos de toda a casta, entre as garras da morte que o assaltava sob varias formas, no pulo do jaguar como no bote da cascavel; o sertanejo aprendera essa arte prodigiosa de dormir acordado, quando era preciso. **1875** Machado de Assis *Americanas* 42: [...] Não mais prompto | Cae sobre a triste corça fugitiva | Jaguar de longa fome esporeado, |. **1875** Varela *Anchieta* IX. iii. 287: Es tu, que triste e pallido caminhas, | Como um feroz jaguar das cordilheiras, | Que os homens do sertão levam cativo. **1876** F. Távora *O Cabeleira* xvi. 268: Cabeleira, rápido como um jaguar, pôz a cabeça de fora do mato, olhou, observou, e, nada vendo, atravessou o asseiro e penetrou no cannavial. **1877** B. Guimarães *Maurício* I. xxiii. 303: — Ah! meu Deos! meu Deos! — ia elle murmurando; — se elles me roubão Judayba, eu não serei mais Antonio, não; serei o jaguar, que hei-de rasgar o coração, e beber o sangue desses malditos. **1883** Idem *Rozaura a Engeitada* (ed. 1900, II. iv. 82): Rozaura arrojou-se anhelante e tremula, como corsa escapada ás garras do jaguar, [...]. **1883** Idem *Folhas de Outono* 87: Eil-o que além de altissimos fraguedos | Despenha-se ruidoso, | E mais longe se embebe entre penedos | Rosnando furioso. | Qual ferido jaguar, que busca a tóca, | Pondo-se a salvo em solapada róca. *a*1884 Idem *O Bandido do Rio das Mortes* (ed. 1905, iv. 52): A torrente turva, e impetuosa do corrego espumoso e revolto, solapando as ribanceiras e bramindo furioso á semelhança do jaguar ferido, que rompendo as florestas, solta rugidos de dor e de raiva, offerecia aos olhos de Mauricio a mais viva imagem de seu cruel destino. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 280): Deu um grito agudo como se sentisse as presas do jaguar cravarem-se-lhe nas carnes, [...]. **1888** R. Pompéia *O Ateneu* iv. 104: [...] e cofiava os magestosos bigodes brancos de marechal, pausadamente, como lambe o jaguar ao focinho a pregustação de um repasto de sangue. **1898** A. Arinos *Pelo Sertão* 23: Então: o cuyabano pôz-se de gatinhas, atravessou a faca entre os dentes e marchou como um felino, subtilmente, vagarosamente, de olhos arregalados, querendo varar a tréva. Súbito, um ruído estranho fel-o estancar, arripiado e encolhido como um jaguar que prepara o bóte.

1898 Idem *Os Jagunços* II. v. 447: Aos poucos passos do inimigo, os tres jagunços saltaram como jaguares e, ganhando a cacimba ao fundo, mergulharam nellas as borrachas. **1902** E. Cunha *Os Sertões* 101: [...] e tiveram, ampliando-lhes os attributos ancestraes, uma rude escola de força e de coragem naquelles geraes amplissimos, onde ainda hoje ruge impune o jaguar e vagueia a ema velocissima, [...]. **1907** Coelho Neto *Fabulário* II. 241: [...] As feras, logo que souberem da vossa partida, virão profanar o meu asylo e quem me defenderá dos jaguares carniceiros? **1913** Simões Lopes *Lendas do Sul* 40: Enredada como os caminhos dum cupim era a furna, dando corredores sem conta, a todos os rumos; e ao dezembocar do em que vinha, justo num cotovelo delle, saltaram-lhe aos quatro lados jaguares e pumas, de goela aberta e bafo quente, patas levantadas mostrando as unhas, a cola mosqueando, numa furia... **1926** Coelho Neto *Feira Livre* 9: [...] mettiam-se nas furnas onde, não raro, encontravam-se com o jaguar; [...]. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* xviii. 214: A femea do jaguar veio logo, numa pisada macia, atrás do companheiro.

jaguaracanguçu *s.m.* Var.: 5 *jaguaracangoçu* [< T. jaũaraka*n*u'su < ja'ũara 'jaguar, onça' + a'ka*n*a 'cabeça' + u'su 'grande'].

V. abon.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. xcvi. 129): Jaguaracangoçu é outra alimária e casta de tigre ou onça da que tratamos já: e são muito maiores, cuja cabeça é tão grande como de um bom novilho. Criam-se estas alimárias pelo sertão longe do mar, e tem as feições e mais condições dos tigres, de que primeiro falamos. Quando estas alimárias matam algum índio que se encarniçam nêle, fazem despovoar tôda uma aldeia, porque em saindo alguma pessoa dela fora de casa não escapa que a não matem e comam.

jaguararuapem *s.m.* Var.: 6 *jagararuapem* [< T. *jaũararua'pẽ].

Espécie de cachorro-do-mato: v. abon.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 133*v*.: [...] — guasuni — he cachorro do mato medianamente grande — jagararuapem he hũ animal naõ muito grande grandissimo caçador e matreiro pera semelhante arte.

jaguaretê *s.m.* Var.: 5 *jagoaretê, jaguareté,* 6 *iaguareté* [< T. jaũare'te < ja'ũara 'jaguar' + e'te 'verdadeiro' ~ VLB II. 56: *Onça, ou tigre* = Iaguara. Iaguaretê suas especies, Cigoaçuarana: Jaguapitãguçû: he na feição, e não na cor].

Jaguar, onça.

*c*1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 14: Jagoaretê. Ay muitas onças, huãs pretas, outras pardas, outras pintadas, he animal m^to^ cruel, e feroz, acometẽ os homẽs sobreman^ra^, e nẽ em aruores, principalmente se sam grossas lhe escapaõ, quando andaõ ceuadas de carne naõ ha quem lhe espere principalmente de noyte; mataõ logo muitas rezes juntas, desbaratаõ huã casa de galinhas, huã manada de porcos, e basta darem huã unhada em hũ homem, ou qualq^r^ animal pera o abrirem p'lo meo, [...]. **1587** G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. xcv. 128): Tem para si os Portuguêses que jaguareté é onça, e outros dizem que é tigre: cuja grandura é como um bezerro de seis meses: falo dos machos, porque as fêmeas são maiores. A maior parte destas alimárias são ruivas, cheias de pintas pretas; e algumas fêmeas são tôdas pretas; e todos tem o cabelo nédio, e o rosto a modo de cão e as mãos e unhas muito grandes, o rabo comprido; e o cabelo nêle como nas ancas. Tem prêsas nos dentes como lebréu, os olhos como gato, que lhe luzem de noite tanto que se conhecem por isso a meia légua; [...]. **1610** J. Monteiro *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.* VIII. (1949) 418: Há muita cópia destas feras [onças ou tigres] nestes matos do Brasil. São várias nos nomes. A umas chamam iaguareté: estas são malhadas de pardo, preto, amarelo e branco, com tal proporção lançada, que parecem mais artificiais que naturais; têm o rabo mui comprido, mui grande à feição de gato, o peito largo, as mãos grandes e armadas como crueis unhas. Serão da grandeza de um bezerro de ano. Dêstes animais têm os Índios extraordinário medo, porque depois que começam a gostar carne humana, ficam tão atrevidos que dentro das casas matam os Índios, e por este respeito aconteceu despovoarem-se Aldeias inteiras. Tem este animal tão grande força na bofetada, que dá com a mão, que da primeira pancada abre em muitos pedaços a cabeça de uma vaca ou qualquer outro animal.

jaguaroba *s.f.* [< T. *jaũa'roua].

Variedade de palmeira; cp. guariroba.

1734 in RAPM, XXIII. (1929) 238: [...] achamos tambem algum palmito, do que chamão jaguaroba, que comiamos assado, e ainda que é amargoso sustenta mais, que os mais.

jaguaruçá *s.m.* Var.: 5 *jagoaraçá,* 7 *jaguaraçâ* [< T. jaũare'sa < ja'ũara 'jaguar, onça' + e'sa 'olho' ~ VLB II. 56: *Olho, ou olhos* = Teçã. Teçacoaral.

Peixe da família dos holocentrídeos (*Holocentrum adscensionis*).

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXXXV. 211): Jagoaracá é um peixe que morre à linha, tamanho como cachuchos, e tem a côr de peixe-Cabra, e feição de salmonete; tem os figados vermelhos como lacre: a carne dêste peixe é muito têsa, muito saborosa: e são tão leves que se dão aos doentes. **1730** Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 70. 42: [...] dos naturaes, por serem infinitos, nomearemos só os mais notaveis, baleas, beyjupirás, cavallas, garopas, vermelhos, corimàs, pampanos, carcpebas, parús, ubaranas, guaraccmas, jaguaraçàs, camoropins, olhos de boy, dourados, e chareos; [...].

jaguaruçu *s.m.* Var.: 5 *jaguaruçù, jaguaruçu* [< T. ịaũaru'su < ịa'ũara 'jaguar' + u'su 'grande'].

Jaguar, onça.

Em Cardim (v. abon. *c*1584) o voc. designa dois animais distintos: o primeiro é o guará (v. GUARÁ[3]) e o segundo a onça ou jaguar.

*c*1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 15*v.*: Jaguaruçû. Estes sam os caẽs do Brasil, saõ de hũ pardo almiscrado de branco, saõ mujto ligeiros, e quando choraõ parecem caẽs, tem o rabo muito felpudo, comẽ fruitas e caça, e mordem terriuelmente. Idem *Ib.* fl. 31: Jaguaraçû. Este animal he maior que nhum boy, tem dentes de grande palmo, andaõ dentro e fora dagoa, e mataõ gente, saõ raros, alguns delles se achaõ em o Rio de s. francisco, e no Paraguaçû. **1587** G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. XCVI. 129): Criam-se no rio de S. Francisco umas alimárias tamanhas como poldros, às quais os índios chamam jaguaruçu que são pintadas de ruivo e prêto e malhas grandes; e tem as quatro prêsas dos dentes do tamanho de um palmo: criam-se na água dêstes rio, no sertão; donde saem a terra fazer suas prêsas em antas; e ajuntam-se três e quatro destas alimárias, para levarem nos dentes a anta ao rio, onde a comem à sua vontade, e a outras alimárias; e também aos Índios que podem apanhar.

jaguatirica *s.f.* Var.: 7 *jaguatarica,* 8-9 *jaguatirica,* 8 *jaguaratirica, jaguaterica* [< T. °ịaũati'rika < ịa'ũara 'jaguar' + ti' rika 'ruído de estalo' ~ VLB I. 127: *Estalar como a aruore pera cahir, ou a trauessa da casa, etc.* = Apuruc. Atiric].

Mamífero carnívoro da família dos felídeos; gato-do-mato.

1772 A. B. Sampaio *Campos de Guarapuava* in RIH, XVIII. (1855) 280: [...] e tendo morto uma oncinha vulgarmente chamada jaguatarica, e pondo-a no barranco do rio, continuaram a caçada, [...]. **1806** in RAPM, VI. (1901) 770: Ha outra especie, a que chamão Jaguatirica, pouco mais pequena, que hum cão viadeiro, de pelle pintada, com pequenos ocellos negros sobre fundo alvação: come as aves, e feras menores. **1817** Casal *Corografia Brazilica* I. 142: [quadrupedes selvaticos porcos, rapozas com outras castas de cães como jaguaratiricas, guarás, guaraxains, jaguanês. **1872** B. Guimarães *Hist. e Trad. Minas* III. viii. 266-267: Já havia quatro ou cinco dias, que Carlito não fazia uma visita a casa de Genoveva e não via Rosalia com medo de Jupyra, que o espreitava lá de sua janellinha, ou lhe seguia a pista subtil e sorrateira como a jaguatirica. **1874** Taunay *Histórias Brasileiras* 136: — Os *portugueses,* dizião os velhos com aquelle sorriso quasi imperceptivel que os indios têm, não podem com Pacalalá. Elles são velhacos como a jaguatirica, mas Pacalalá é como o lagarto que dá chicotadas sem ser visto. **1877** B. Guimarães *Maurício* I. xiii. 165: — [...] Irabussú está velho, mas suas pernas ainda sabem andar muito, e seus olhos enchergão no escuro como os da jaguatirica. Idem *Ib.* xv. 190: Irabussú naquelle dia havia apanhado vivo em um laço, que armára no mato, um desses grandes gatos silvestres, antes pequena onça, a que chamão *jaguatirica. a*1884 Idem *O Bandido do Rio das Mortes* (ed. 1905, viii. 90): De dia, subindo as eminencias circumvizinhas observava tudo com seu olhar de jaguatérica, mais penetrante que o do lynce. **1928** M. Andrade *Macunaíma* xvii. 253: Quando o mano voltou prá tapera Macunaima pegou na violinha, fez talequal reparara e veio uma imundicie de caça, viados cotias tamandúas capivaras tatús aperemas pacas graxains lontras mussuans catetos monos antas jaguatiricas tejús queixadas, isso era uma imundicie de caças! **1956** Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* 325: [...], sem esperdiçar minuto, então aqui na Fazenda dos Tucanos pegavam caça grossa reunida — de lôbo jaguatirica e onça — de tôda a jagunçada maior reinante no vezvez dêsses gerais sertões.

‖ **jajaboçui** (*jajaboçuj*): v. abon.

*c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 2285: Jajaboçuj piabas piquenas.

jamaru *s.m.* [< ? T.].

Planta da família das cucurbitáceas, cujo fruto é utilizado como cuia ou vasilha.

1895 J. Veríssimo *A Pesca na Amazônia* I. vi. 92: Outras vezes serve de boia o cabaço de uma volumosa curcubitacea, o jamarú. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 168: Entre os primeiros, destaco os jamarús (cuias para a conservação de bebidas), [...]. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* ii. 22: O jamarúzinho com zólhio secco de bôto entregue ao dr. Pernambuco; [...].

jamaxi *s.m.* Var.: 9 *jamachí, jamaxi* [< ? T.].

Espécie de cesto.

1928 M. Andrade *Macunaíma* xiv. 200: [...] todos os dias comprava uma lagosta pra ela, punha no fundo do jamachí e por cima esparramava a macacheira pra ninguem não maliciar. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* xviii. 213: Cheios dos aturás, jamaxis e paneiros de peixe, puzeram-se a caminho de casa.

jandaia *s.f.* Var.: (5 *jandajete, jandajuba*), 6 *hyendaya, jimdaia,* 6, 8-9 *jandaia,* 7 *nhendaia,* 8 *iandaya, jandáia* [< T. ịa'n̲aịa].

Ave psitaciforme da família dos psitacídeos; espécie de papagaio.

O padre Francisco Soares (v. abon. *c*1594) refere-se a duas variedades de jandaia, a *jandajete* [< T. ịa'n̲aịa + e'te 'verdadeira') e a *jandajuba* [< T. ịa'n̲aịa + 'iuua 'amarela').

*c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1286-1288: Anacam ajurucurao he verdadr^a, Aiuruj, Corica, Maracanaguaçu, Maracanamerj, toĩs grandes e piquenos diuerssos, Jandajete Jandajuba. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 113: [...] hyendayas,— saõ outros passaros que se criaõ no sertaõ e ao tempo da colheita das nouidades principalmente dos milhos desem ás fraldas do mar pera se aproueitarem do ceuo delles, e nisto saõ taõ ymportunas que custa muito trabalho o defendellas delles por que não basta grandes gritas nem estrondo de cosias nem o matarem nas ás pancadas pera se desuiarem das milharadas, em tanto que ja vy algũs homẽs posto em afronta com ellas. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 192*v.*: jimdaia he papaguaio tamanho como este que ariba ano meio e tem o rabo de hũa poleguada e tem o biquo e os peis como e papaguaio e desno biquo ate o estamaguo amarelo cor de laramia e o mais do corpo e o rabo uerde eles fazem os filhos como os outros. *a*1696 G. Matos *Obras* (ed. 1969, II. 363): Diz, que em tudo tinha graça | a Jandaia abrindo a bôca, | dizendo já toca toca, | meu Papagaio, quem passa?|. **1783** M. C. Abreu *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 258: Os papagaios são juruguas, maitacas, araguais, maracanãs, nhendaias, jirivas e sabiacy, [...]. **1817** Casal *Corografia Brazilica* II. 219: Dizem que ciará no idioma dos Indigenas significava *canto* da iandava, que he uma casta de papagayo pequeno, grasnador. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 30: [...] *jandáias, maracanãs,* e *periquitos,* dos quaes são mais engraçados os de cabeça encarnada, todos pertencentes á mesma familia dos *papagaios.* **1865** J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, i. 13): Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba: [*Nota do Autor, à pág. 213*] *Jandaia* — Este nome que anda escripto por diversas maneiras, *nhendaia, nhandaia* e em todas alterado, é apenas um adjectivo qualificativo do substantivo *ará.* Deriva-se elle das palavras *nheng* — fallar, *antan* — duro, forte, aspero, e *ara* — desinencia verbal que exprime o agente; *nh' ant' ara*; substituido o *t* por *d* e o *r* por *i*, tornou-se nhandaia, donde jandaia, que se traduzirá por periquito grasnador. *a*1871 Castro Alves *A Cachoeira de Paulo Afonso* (1876) 24: É este o galho da rolinha brava, | Aonde a escrava seu viver abriga... | Canta a jandaia sobre a curva rama | E alegre chama sua dona amiga. **1874** J. Alencar *Ubirajara* viii. 135: As setas do corumim tinham vasado as pupillas do fero guerreiro cuja vista era raio. Assim a jandaia róe o grello do procero coqueiro. **1875** Idem *O Sertanejo* II. ii. 24: Agora era um bando de jandaias que atravessava o espaço grasnando e ralhando, em demanda de outra carnaúba onde pousar. **1898** A. Arinos *Pelo Sertão* 151: A's palavras do intendente, Cotinha saltou como jandaia ferida, prompta a usar das garras. **1902** E. Cunha *Os Sertões* 138: Povoa-a, contrastando com a fuga das seriemas, que emigram para outros "taboleiros" e jandaias, que fogem para o littoral remoto, uma fauna cruel. **1922** M. Andrade *Pauliceia desvairada* 123: As franjadas flâmulas das bananeiras, | as esmeraldas das araras, | os rubis dos colibris, | os lirismos dos sabiás e das jandaias, | os abacaxis, as mangas, os cajús | almejam localizar-se triunfantemente, na fremente celebração do Universal!... **1926** Coelho Neto *Feira Livre* 31: [...] caminhamos ouvindo as charitas e vendo os revôos, em nastros e collares, dos bandos de jandaias que, á tarde, chalrando ruidosamente, demandavam seus ninhos na floresta. **1928** M. Andrade *Macunaíma* iii. 32: Vieram então muitas jandaias, muitas araras vermelhas tuins coricas periquitos, muitos papagaios saudar Macunaíma, o novo Imperador do Mato-Virgem.

jandiá *s.m.* Var.: 5 *nhũdia,* 6 *iundia,* 7-9 *jandiá,* 8 *jundia,* 9 *jundiá* [< T. ịuni'a ~ VLB I. 50: *Bagres dagua doce* = Nhũdiâ; Mãdij; Pirâacãmucú; Jaú; este he muito grande].

Nome comum aos bagres de rio, da família dos pimelodídeos.

*c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 2293-2295: Nhũdia he peixe muj gostoso naõ tẽ espinha pode cõparar cõ salmonete no gosto e sẽpre comũm^te esta gordo. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 175*v.*: iundia he de hũ grão palmo de pele he de

mui bom gosto. **1763** J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 346: Em os dias que estivemos houve muita abundancia de peixe, principalmente de excellentes paraoivas e outros entre os quaes veio um grande e muito bom chamado jandiás. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 259: [Peixe de menor corpulencia] Jandiá pequeno. **1817** Casal *Corografia Brazilica* I. 242: [...] uma ponte sobre o rio, que cria entre outros peixes os chamados *jundias*, de que se lhe derivou o nome [Jundiahy]. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 34: [...] os *jandiás, surubins, pacús, piranambús, piraráras, pirapucús, acarís, piraandirás*, semelhante na cabeça a um *morcêgo*, da qual tomou o nome; [...]. **1895** J. Veríssimo *A Pesca na Amazônia* I. vii. 105: Entre esses estão os peixes chamados do matto, por viverem por alagadiços cobertos de vegetação alta, o jijú, o jandiá, o jucundá, [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* xvii. 250: Mais pra diante fez que nem tinha reparado e veio muito peixe, veio pirandeira veio pacú veio cascudo veio bagre jundiá tucunaré, todos êsses peixes e Jiguê voltou carregado prá tapera depois de esconder a cabeça na raiz do cipó. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* xviii. 210: Quando este começou a ser recolhido, surgiram não só os bellos tambaquis, como os tucunarés e os jandiás.

japá *s.m.* [< *?* T.].
Esteira tecida com folhas de palmeiras.

1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 60): Na frente, entre os dois esteios, rasgaram uma abertura e atraz outra menor, que serviriam de portas, fechadas por japás novos e habilmente tecidos da mesma palha. **1888** Inglês de Sousa *O Missionário* (ed. 1899, II. xiii. 323): Quando o ubá chegou ao sitio do Tucumduva, no rio do Ramos, seriam tres horas da tarde, e havia tres dias que viajavam, descendo o rio Abacaxis, na esguia embarcação selvagem, bem provida de todo o necessário que era possivel accomodar sob a estreita tolda de japá, improvisada para resguardar a Clarinha do sol ardente de Dezembro. **1895** J. Veríssimo *A Pesca na Amazônia* I. ii. 20: Raro é que tenha divisões mesmo em havendo familia, e mais de duas aberturas ou portas, fechadas mediante esteiras tambem de palha, melhor diriamos de franças de palmeiras expressamente entretecidas, chamadas "japás". **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* ix. 108: Mandou sahirem todos da barraquinha, fechou a porta com a folha de japá, accendeu o cigarro de tauari, arrumou varios animaes seccos: sapos, camaleões, [...].

japacanim *s.m.* Var.: 7 *yapacani, japocani* [< T. ịapaka'ni].
Ave falconiforme, espécie de gavião.

*c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 260: [Ave de rapina] Yapacaní. **1783** M. C. Abreu *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 259: Os gaviões, além de muitos, são tambem de diversas qualidades, pois uns se chamam japocanis, que são quasi do tamanho de uma gallinha grande, com a côr preta, e raias brancas; [...].

japarana *s.f.* Var.: 5 *japparána, japarana, tiopurana* [< T. *?*].
Variedade de cobra: v. abon.

*a*1576 Gândavo *Trat. Prov. Brasil* (ms. do British Museum) 1274-1277: Ha outra quallidade dellas [*cobras*] que não tem dentes nem mordem. Estas não são pessonhentas nẽ tampouco muito grandes, chamão lhe Japparánas. [*no ms. da BNL, fl. 14v., lê-se*: Japaranas]. **1587** G. S. Sousa *Notícias do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxiii. 161): Há outra casta de cobras, a que os indios chamam tiopurana, que são de quarenta e cinqüenta palmos de comprido, que não mordem nem fazem mal a gente nenhuma, e mantêm-se da caça que tomam. Estas tomam os indios às mãos, quando novas, e prendem-nas em casa, aonde as criam, e se fazem tão domésticas que vão buscar comer ao mato e tornam-se para casa, cuja carne é muito saborosa. *Na tradução espanhola desta obra, conservada num manuscrito do séc. XVI e publicada, em 1958, por Cláudio Ganns, o trecho acima foi assim transcrito:* Hay otra Casta a que los Yndios llamam Liaparana (...) ~ *A var.* liaparana *da versão espanhola está mais próxima da* japarana *de Gândavo do que da* tiopurana *do texto de G. S. Sousa*].

japaranduba *s.f.* Var.: 6 *japarandiba* [< T. ịapara'nïụa].
Planta da família das lecitidáceas.

1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 87. 163: [*à margem*] andà engà, joà, [...] ibaxùma, japarandiba, japotapitàba, [...] são fruitas agrestes, seruem a Indios, & a gado.

japecanga *s.f.* Var.: 8 *japicanga*, 8-9 *japecanga* [< T. *ịapï'kaŋa].
Planta da família das liliáceas.

1813 C. J. Cardoso *Plantas de Minas Gerais* in RAPM, VII. (1902) 749: *Japicanga.* (Smilax pseudo china.) — Planta vivax, cuja raiz faz os mesmo effeitos, que a raiz da China, tanto nas enfermidades venereas, como no Reumatismo cronico: usa-se em cozimento huma onça para cada libra d'agua. Nasce nos campos seccos; cada arroba poderá custar 800 reis. **1875** J. Alencar *O Sertanejo* II. v. 82: Elle bem vira que essa brenha era urdida de grossas enrediças de japecanga, capazes de arrastar o mais grosso madeiro, de tão fortes que são. **1928** M. Andrade *Macunaíma* xv. 221: Bem no meio do hol de acapú mobiliado com sofás de cipó-titica feitos por um judeu alemão de Manaus, se via um buraco enorme tendo por cima um cipó de japecanga feito balanço.

japeraçaba *s.f.* [< T. *?*].
Espécie de palmeira (*Attalea funifera* M.).

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lv. 25): Há outras palmeiras bravas que chamam japeraçaba, que também são grandes árvores; mas não serve a fôlha para cobrir casas, porque é muito rara e não cobre bem, [...].

japerujaguara *s.m.* [< T. *ịaperuịa'ũara ~ Cp. T. ïpe'ru 'tubarão': v. iperu].
Espécie de tubarão.

*c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 2085-2089: Tubarões Ha m^{tos} e de m^{tas} castas, Japerujaguara he m^{to} Roin tẽ sete ordeñs de dentes m^{to} horrẽdos seruẽ estes dentes p^{a} frechas e tal ha q̃ corta p'la canella cõ os dẽtes huã perna [...].

japicaí *s.m.* Var.: 6 *japicay, iupicai* [< T. ịapika'i ~ VLB I. 51: *Barbasco, não tem genero* = Timboguaçû. Timbopiriâna, jbìratimbo. Yapicai; e o sumo de cada hum destes Tinguí].
Erva que os indígenas utilizavam em suas pescarias para entorpecer os peixes, espécie de timbó.

1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* I. § 124. 76: Nas pescarias vsaõ de frecha, cõ que atrauessaõ o peixe, que uai nadando, com arte estremada, ou de cruas, com que os embebedão de muitos modos, com folhas que chamão japicay, ou com cipò, a que chamão timbo putyana, ou com outro que chamão tinguy, ou tiniuiry. *c*1677 S. P. Morão *Queixas de Pernambuco* (ed. 1965, 63): [...] e quando depois de evacuado muito bem o corpo queiram usar de uma erva, que nestas capitanias se acha, a que o gentio chama *Iupicai*, e os Portugueses erva das impigens, o podem fazer, porque suposto seja de sua natureza fria, contudo tem particular virtude para os curar, [...].

japinabeiro *s.m.* [< *japinab(a [< *?* T.] + -eiro].
V. abon.

1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 87. 163: Japinabeiro, he semelhante em altura: seus frutos como grandes maçãas, seruem aos Indios igualmente de comer, & enfeite com sua tinta.

japu *s.m.* Var.: *α.* 5 *yapú*, 5-6 *japu*, 7-9 *japú*; *β.* 5 *japĩ, japi*, 7 *japy*, 8 *japim*; *γ.* 6 *japehi*, 7 *japíi*, 8-9 *japiim*, 9 *japihim*; *δ.* 8 *japué* [< T. ịa'pï ~ As vars. *γ* e *δ* remontam, provavelmente, ao T. ịapï'i (< ịa'pï 'japu' + -i 'pequeno')].
Nome comum a várias aves passeriformes da família dos icterídeos.

*c*1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fls. 18*v.*-19: Yapû. Este passaro he do tamanho de huã pega, o corpo tem de hũ preto fino, e o rabo todo amarelo gracioso, na cabeça tem tres penachoszinhos, q̃ naõ parecem senaõ cornitos quando os aleuãtam, os olhos tem azuis, o bico muito amarello, he passaro fermoso, e tem hũ chéiro muito forte quando se agasta, saõ muito sollicitos em buscar de comer, naõ fe escapa aranha, barata, grillo, &c. e saõ grande limpeza de huã casa, e nadaõ por ellas como pegas naõ lhe fica cousa q̃ naõ corraõ, he perigo grande terẽno na maõ, porq̃ arremetẽ aos olhos e tiraõnos. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1293-1306: Japu, Japïoba, Japiuna Saõ pretos pello corpo e amarelos nas azas e emcõtros as penas do Rabo grãdes estes saõ m^{to} estimados e a pena pera remate de suas carapuças por ser fina ha os nos Jlheos e criaõ em os mais delgados Ramos das aruores e fazẽ hũs sacos de musgo e assi estaõ dependurados por amor das cobras e doutras cousas e assi saõ os mais dos ninhos dos passaros do brazil. Japu outra casta He preto o Rabo amarelo e os olhos aoRedor brancos e fermozos tẽ o bico amarelo saõ no andar como pegas e tamanho e cãtaõ como galos. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fls. 114-114*v.*: [...] os dias passados me trouxeraõ a amostrar hũ passaro que me disseraõ chamarse Japu — he hũa cor amarella dina de estimar [...]. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fls. 189-189*v.*: japehi he pasoro tamanho como hũa melroa he todo preto fora metade das azas e sobre a rabadilha e a metade do rabo que he damarelo torado tem o biquo e os peis como bramquos ele fas seus filhos depomdurados nos pauos a modo dum saquo piqueno fas tres filhos e os ouos cam bramquos pimtados de pardos e fazem muitos os linho iuntos num pao e he pasoro que quamdo ele he manso fala. **1763** J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 70: Houve muita caça de aves, e se fizeram reparaveis algumas amarellas e só nas costas pretas, mais vistosas que os japvs. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 261: [Ave silvestre] Japú. Japii, Tangará, muitas variedades. **1817** Casal *Corografia Brazilica* I. 85: Japú he do tamanho de uma pomba, negro com a cauda amarella; bico da mesma côr, grosso, ro-

liço, e finamente pontudo: quando canta, dependura-se pelos pés com o corpo para baixo, batendo com as azas uma na outra. IDEM *Ib.*: O *Japué* he menor, e da mesma côr [que o Japú]; com uma grande malha vermelha no lombo, olhos pequenos, e o iris azul. 1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 31: [...] *japiim, ou chexéo,* ave que imita com o seo canto a todas as outras; [...]. 1865 J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, xxviii. 167): [...]; mas tua alma se abre para o grito do japim, porque elle tem as pennas douradas como os cabellos daquella que tu amas! [*Nota do Autor, á pág. 229*] *Japim* — Passaro côr de ouro com encontros pretos e conhecido vulgarmente pelo nome de soffrê. 1875 MACHADO DE ASSIS *Americanas* 40: Outro destino escolhe. Cauteloso, | Tece o japú nos elevados ramos | Das elevadas árvores o ninho, | Onde o inimigo lhe não roube a prole. 1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 54): [...] das mongubeiras, donde pendem, como grandes frutas pardas os ninhos dos japiins, estes passarinhos travessos, irrequietos, espalham em roda a sua melodiosa algazarra, brilhando por entre o verde das folhas e o escuro dos ninhos com a sua vivissima côr amarella, realçada sobre um negro lustrosissimo. 1888 INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, II. xii. 296): Padre Antonio de Moraes acordava ao romper d'alva, quando os japiins, no alto da mangueira do terreiro, começavam a executar a opera-comica quotidiana, imitando o canto dos outros passaros e o assovio dos macacos. 1895 J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. ii. 22/23: [...]; mil outras avezinhas, de varias cores, de varios tamanhos, de varios cantares, o melodioso carachué plangente; os japiins, carbunculo e ouro, trefegos, galhofeiros, de canto vibrante, harmonioso, variadissimo: [...]. 1922 A. PEIXOTO *Bugrinha* v. 69: Na ramaria os guaxes e japús faziam a sua gralhada, de quem se acomoda para o longo sossêgo noturno. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* iv. 49: Perguntaram pra todos os seres, aperemos saguis tatús-mulitas tejús mussuãs da terra e das árvores, tapiucabas chabós matinta-pereras pinicapaus [...] pra ave japiim [...]. 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* xxiii. 278: Porque o selvicola arremeda quanto bicho há: macucáua, sapo, pomba, japihim, graúna, jacamim, anta, jabory, tudo emfim que for voz do matto.

jaquiranabóia *s.f.* Var.: 8 *jaquiranamboia,* 9 *jaquiranaboia* [< T. ˢiakĩrana'ŋ oia < iakĩ'rana 'cigarra' + 'ŋ oia 'cobra' ~ VLB I. 74: *Cigarra* = Yaquîranal.

Inseto homóptero da família dos fulgorídeos, de aspecto feio e assustador, mas inofensivo.

1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 28: [...] he porém entre todas mais perigosa e terrivel a *jaquiranamboia*: [...]. 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* iii. 68: — Olha a jaquiranaboia! Isto é pá casca se ferrar alguem, commentou um taifeiro. IDEM *Ib.* vi. 69/70: Jaquiranaboia quer dizer cigarra-falsa cobra, porque a tromba, quando o insecto está de asas fechadas, lhe sá um aspecto de pequeno ophidio.

jaracatiá *s.f.* Var.: 5 *jaracateá, jaracatia,* 6 *yaraquatia, jaracatiyá, jaracatiá,* 7 *jaracatheá,* 7-9 *jaracatiá* [< T. iarakati'a].

Planta da família das caricáceas.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LI. 9): Nesta terra da Bahia se cria outra fruta natural dela, que em tudo se parece com êstes mamões de cima, senão que são mais pequenos, à qual os indios chamam jaracateá, mas tem a árvore delgada, de cuja madeira se não usa. Esta arvore dá a flor branca, o fruto é amarelo por fora, da feição e tamanho dos figos bêberas ou longais brancos, que tem a casca dura e grossa, a que chamam em Portugal longais; desta maneira tem esta fruta a casca, que se lhe apara quando se come, tem bom cheiro, e o sabor toca de azêdo, e tem umas sementes pretas que se lançam fora. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1723-1732: Jaracatia He grãde aruore mas vaõ por dentro e tẽ como miolo q̃ se tira e assi fica como modo de barril e a cortaõ quaõ cõprida a aruore querẽ e assi serue de caixa dos naturais pª terẽ ali as frechas e o mais tapaõ nas pollas bocas e assi esta guardado o q̃ lhe metẽ dentro tẽ huã fruita boa taõbẽ pª camaras de sangue e taõbẽ a Rais moida fazẽ alguãs canoas pª Rjos mas logo apodreçe. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fls. 178v.-179: yaraquatia he aruere [... muito muito comprido e groso todo xeio de piquamis e a fruta he como figo lomga e quoamdo eles cam maduros cam amarelos e tem a simente como figuo e a de se asar ou cozer pera ce quomer e se a comem crua fas arebemtar a boqua e he hũa das bomas frutas desta tera e são trabalhoszas a uer senão os maquaquos e guariuas que os fazem quabir e a frol he bramqua tira damarelo o pau serue a fazer quanoas quoamdo querem pasar os rios e fazemnas muito depresa que se uam trimta e coremta pesoas. 1663 S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 75. 158: Iamacarú, ou vrumbeba, ou jarácatiyâ, he genero de cardo agreste, espinhoso, informe, amigo de lugares mais seccos, & areosos, desprezo das plantas, quanto à vista exterior; mas quanto à qualidade interna, hôra da natureza. IDEM *Ib.* II. § 87. 168: [*à margem*] andâ engâ, joâ, [...] jabotapitâba, jaracatiâ, ibabirâba, ibacamuci, ibapurũga, getaigba, miûba vmari, saõ fruitas agrestes, seruem a Indios, & a gado. 1702 A. ROSÁRIO *Frutas do Brasil* III. ii. 132-133: [...] tenho hũa fruta por nome Jacaratheá, a cor, & o sabor de Mamão, tem hum leite, que untando-se as mãos com elle ficão tão rubicundas, que parece estão vertendo sangue: [...]. 1792 F. O. BARBOSA *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 24: Produzem as margens d'este rio [Tieté] figos silvestres, jaracatiás, ingás, uavaonas. 1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 266: jaracatiás, especie de mamão. 1872 TAUNAY *Inocência* (2ª ed., 1884, xvi. 174/176): — Jaracatiá!? exclamaram com assombro o doente e Pereira. [...] — Mas o que é járacatiá, Sr. Pereira? insistio o allemão. Voltou-se o interpellado com impaciência: — É uma arvore, Sr. Meyer, arvore grande de folhas cortadas, que dá umas especies de mamõesinhos. Deitam leite muito grosso e queimam os beiços, quando a gente não tem cuidado. È uma arvore, ouvio? Uma arvore! 1872 B. GUIMARÃES *Hist. e Trad. Minas* II. ii. 41: Por detraz se estende um vasto pomar, um verdadeiro bosque sombrio e perfumoso, onde a laranjeira, o limoeiro, a jaboticabeira, o jambeiro, o genipapeiro, o mamoeiro, o jaracatiá, as bananeiras e coqueiros de diversas especies crescem promiscuamente e cruzão suas ramagens em uma espessa abobada cheia de fresquidão, de murmurios e perfumes. 1874 TAUNAY *Histórias Brasileiras* 33: A essa hora, ferecê tinha por costume esperal-o com uma cestinha de fructas da terra, bananas, mamoës e jaracatiás, ou outros mais incultos como o mureci dos cerrados, a marmelada do campo, a guabiroba ou a uvaia, que, apezar do sabor agreste agradão bastante ao paladar. 1934 J. L. REGO *Banguê* II. viii. 118: Ficavam, para que os vermes não morressem de fome. E por um milagre, com jaracatiá, chegavam a homens. 1935 JORGE DE LIMA *Calunga* x. 91: Tomou remédios, vermífugos, leite de Jaracatiá, gameleira, mamote.

jaraqui *s.m.* Var.: 7, 9 *jaraquí,* 8 *jaraqui* [< T. *iara'ki].

Nome comum a vários peixes da família dos caracídeos.

*c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 259: [Peixe de menor corpulencia] Jaraquí. 1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 57): A pasmosa variedade de peixes do Amazonas recolhe-se tambem para elles nesse tempo, [...] o jaraqui, que se pesca á fisga ou farpão de tres dentes; [...]. 1895 IDEM *A Pesca na Amazônia* I. vii. 107/108: Os peixes de piracema chamados, isto é, aquelles que arribam em bandos numerosos, são o jaraqui, a piramutaba, [...]. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* xvii. 249: Passava uma piracema de jaraquís. Macunaíma agarrou pescando e distraído distraído quando viu estava em Obidos, a montaria cheinha de peixes frescos.

jararaca *s.f.* Var.: 5 *geraráca,* 5-9 *jararaca,* 5 *gereraca, jareraca,* 7 *jereráca,* 7-8 *jararáca,* 7 *geraraca* [< T. iara'raka ~ VLB I. 76: *Cobra* = Boya Gnro. suas especies são muitas. As q. matão. Jararaca. Boypeba (...)].

Cobra da família dos crotalídeos (*Bothrops jararaca*), cujo veneno ocasiona dores locais, inchação, suores frios, hemorragias e morte; *por extensão,* pessoa de gênio irascível, indivíduo intratável.

[1560 ANCHIETA *Carta* in S. Leite *Cartas* II. (1958) 215-216: Alii vocantur *jararáca,* qui frequentissimi sunt in campis,]. 1576 GÂNDAVO *Hist.* vi. fl. 24: Alem destas ha outras muitas cobras na terra doutras diuersas (q̃ aqui nam refiro por escusar prolixidade) as quaes pela mayor parte sam tam nociuas & peçonhẽtas (especialmẽte huãs a q̃ chamã Gerarácas q̃ se acertã de morder algũa pessoa de marauilha escapa, & o mais q̃ dura sam vinte & quatro horas. *c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 17: Jararaca he nome q̃ cõprehende quatro generos de cobras mᵗᵒ peçonhentas [v. abon. *c*1584 in *jararacuçu*]. 1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXI. 157): Pelos matos e ao redor das casas se criam umas cobras, a que os índios chamam gereracas; as maiores são de sete e oito palmos de comprido, e são pardas e brancacentas nas costas, as quais se põem às tardes ao longo dos caminhos esperando a gente que passa, e em lhe tocando com o pé lhe dão tal picada, que se lhe não acodem logo com algum defensivo, não dura o mordido vinte e quatro horas. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1208-1209: Jareraca Destas [cobras] ha mᵗᵃˢ castas [v. abon. *c*1594 in *jararacuçu*]. 1610 J. MONTEIRO *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.,* VIII. (1949) 422: De [cobras] peçonhentas há sem conto, e de cujas mordeduras morre muita gente. A umas chamam jararacas. As mordeduras destas são mais venenosas à tarde que pola manhã, e são tão fecundas nos partos que parem até 64, de cada vez, como experimentaram os nossos Padres. São pardas, têm, pelo fio do lombo, uma cadeia preta mui galante. IDEM *Ib.*: Há outras [cobras] que chamam jararacas soatinga, que quer dizer jararaca que tem a ponta do rabo branco. Os mordidos desta raramente escapam. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 137: [...] naõ quero callar as diferentes castas de cobras peconhentas que se achaõ por toda esta prouinçia — como saõ jararacas saracucus — [...] estas todas saõ peçonhentissimas e mataõ ás pessoas a que mordem em breue termo e por isso saõ muy temidas — [...]. 1752 M. FONSECA *Vida Pe. Belchior de Pontes* (ed. Melhoramentos, XXXV. 236): Acompanhava-o seu irmão Manoel Ferraz de Campos, cujo cavallo picou no dia seguinte huma cobra Jereráca, que estava no caminho, e lhe imprimio o veneno com tal efficacia, que logo o fez manquejar. 1763 J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-*

Pará in RIH, IX. (1869) 184: Ha cobras de salto chamadas jararácas, e correspondem na malignidade em nossas biboras de Portugal. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 258: [Reptil terrestre] Jararáca, de tres especies: é a vibora americana. 1781 DURÃO *Caramurú* VII. lvi. 213: Batendo a aguda cauda a Jararaca, | Com veneno, a quem fere tão presente, | Que logo em convulsão morrer se sente. 1789 F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 162-163: Geraraca com a extensão de quatro até seis palmos; a cabeça depressa; collo, e cauda fina; corpo pouco ventroso, de esquama imbricata, e cor viridatre. 1806 in RAPM, VI. (1901) 774: Dos reptis, a cobra de differentes nomes, Jararaca, Cascavel, e outras são perigosissimas: raro he o que sobrevive á picada, ou mordedura dellas. 1817 CASAL *Corografia Brazilica* I. 72: A *jararáca*, cuja casta he a mais multiplicada, e fatal: a denominada de *cauda branca* não tem mais d'hum palmo de comprimento, e seu veneno não tem ainda antidoto conhecido: o vivente, a quem elle picou, fica logo em convulções, e suores de sangue, e espira em pouco tempo. 1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 27: [...] *jararacas* de que se contam cinco especies, [...]. 1842 MARTINS PENA *A Família e a Festa da Roça* (ed. 1956, I. 92): — Não abra que é uma jararaca. 1856 D. MAGALHÃES *A Confederação dos Tamoyos* IV. 116: Já tudo dorme emfim, é alta noite. | O fogo despertou as jararacas, | Inimigas do fogo, que dormiam. 1857 J. ALENCAR *O Guarany* (2ª ed., 1864, I. xii. 130): — Fazei o que vos aprouver! Sois homem, e não tendes medo de nada! Mas eu, continuou arrepiando-se, não poderei mais dormir, só com a idéa de que uma jararaca sobe-me á cama; [...]. 1863 M. A. PORTO ALEGRE *Brasilianas* 54: No antro escuro de cavada rocha, | Açodada em pavor arqueja e ronca | Medonha jararaca, e despe astuta | O escamigero estojo que a reveste, | Para fugir mais leve a tanto estrago. 1869 B. GUIMARÃES *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. vi. 101): Não o póde saber Itajiba, que em seu assombro esqueceu a fêra, que diante d'elle rugia apresentando as prezas ameaçadoras e agitando a comprida cauda a estorcer-se e bater-lhe os flancos como uma jararáca enfurecida. 1870 J. ALENCAR *O Gaúcho* II. iii. vii. 72: — De certo; respondeu o Canho sem mudar de tom. O motivo por que você me quer matar pouco me importa saber; eu nunca perguntei á jararaca por que morde a gente. 1871 B. GUIMARÃES *Lendas e Romances* II. iv. 160: A boca, de cerca de tres braças de diametro, era orlada de um cômoro de pedras soltas, e emmaranhada de matagal bravio, onde se aninhavão bandos de morcegos e corujas, e servia de covil ás jararacas e boiciningas. 1872 IDEM *O Seminarista* (ed. 1917, II. 14): Quando este deu pela falta e foi procural-a, encontrou-a assentada na relva junto de uma fonte a brincar... com o que, Santo Deus!... a brincar com uma formidavel e truculenta jararaca. 1872 IDEM *Hist. e Trad. Minas* III. iii. 224: Pisada pelo indio uma enorme jararáca, que dormia em uma moita de capim quasi debaixo de seus pés, salta enfurecida, e enrosca-se-lhe nas pernas. 1872 J. ALENCAR *Til* IV. vii. 78: Com os sibillos da labareda enroscada no ar, confundiam-se os silvos das cascaveis e jararácas, que sorprehendidas pelo incendio, arremessavam-se furiosas contra o fogo, e rompiam estortegando pelo campo abrazado. 1875 IDEM *O Sertanejo* I. xii. 146: — Tem-se visto sujeitos neste sertão que lidam com as cobras mais assanhadas, como a cascavel e a jararaca, as enrolam ao pescoço ou as trazem no seio sem que lhes façam mal; observava Agrela. 1876 F. TÁVORA *O Cabeleira* xv. 248: [...] Fallei com elle como estou fallando com vossê agora. Lá o elle ter voado como passarinho, ou ter-se mettido pela terra a dentro como tatú ou jararaca, é caso á parte. 1877 B. GUIMARÃES *Maurício* II. iv. 46: É por isso, que aqui ficarei vigiando aquelle deposito sagrado, que o céo confiou á minha guarda, como quem defende o ninho da innocente rola, em volta do qual vagueia a jararaca astuta procurando devoral-a. 1878 TAUNAY *Narrativas Militares* 142: Oh! senhor! O homem ficou que nem jararáca, quando topa com um tição. 1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 75): A tapuia, saída por fim do pasmo em que a deixaram as palavras delle, gritou-lhe zangada, estrangulada de raiva, furiosa como uma jararáca maltratada: [...]. 1894 TAUNAY *O Encilhamento* I. xxiii. 166: Fulana tinha um collar de 20 ou 30 contos; sicrana uns brincos de saphyras rodeadas de brilhantes, que eram dous legitimos matacões, calháos enormes; a desfrutavel *jararaca* viscondessa Maria do Rosario, um diadema avaliado pelo Fonseca em 55 contos. 1914 COELHO NETO *Rei Negro* ix. 354: [...] Ella pudia contá sinhô, mas p'ra quê? Sê não lembra Lucinda? sinhá ficô qui nem jararaca, inda mandô surrá rapariga, largô dipois á tôa até Mangalô fazê u qui fez. 1919 MONTEIRO LOBATO *Cidades Mortas* 90: E se visses que jararaca me sahiu minha mulher!... 1922 A. PEIXOTO *Bugrinha* xii. 166: — Estava rachando lenha na mata, quando uma jararaca o mordeu, no dedo grande... 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* vi. 82: — Agora te agarro mesmo porquê vou buscar a jararaca Elitê! Quando ouviu isso o heroi gelou. Com a jararaca ninguem não pode não. 1938 G. RAMOS *Vidas Secas* 89: O inferno devia estar cheio de jararacas e sussuaranas, [...]. 1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 114: [...]; a jararaquinha-da-barriga-vermelha é mansa, não morde; [...] IDEM *Ib.* 209: Além do falado, trazia comigo uma fórmula gráfica: treze consoantes alternadas com treze pontos, traslado feito em meia-noite de sexta-feira da Paixão, que garantia invulnerabilidade a picadas de ofídios: [...] ou de uma jararaca-papuda, a correr mato em caça urgente. 1956 IDEM *Grande Sertão: Veredas* 398: Mas uma jararaca picou o Gregoriano: era aquela, a rastejo no capim e nas fôlhas caídas, nem chegava a quatro palmos [...].

jararacapeba *s.f.* Var.: 5 *jararacpéba, jareracapeba* [< T. jararaka'pẹua < jara'raka 'jararaca' + 'peua 'chato'].

Cobra venenosa, espécie de jararaca.

*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 17: Ay outra [cobra] chamada Jararacpéba, he peçonhẽtissima, tem huã cadea p'lo lombo uermelha, e os peitos, e o mais corpo he todo pardo. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1231-1232: Jareracapeba tẽ a cadea vermelha mas he de mais peçonha q̃ as outras [cobras] assima.

jararacuçu *s.f.* Var.: 5, 8 *jararacuçu*, 5 *jareracaçu*, 7 *gerarac-açú*, 8 *jararácussú*, 9 *jararacussú* [< T. jararaku'su < jara'raka 'jararaca' + u'su 'grande'].

Cobra da família dos crotalídeos (*Bothrops jararacussu*), espécie de jararaca.

*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 17: Jararaca he nome q̃ cõprehende quatro generos de cobras m^to peçonhentas. a 1ª he maior e Jararacuçu.i. [*id est* = *isto é*] Jararaca grande, e saõ de dez palmos, tẽ grandes prezas na boca, escondidas ao longo do queixo, e quando mordem estendẽ no como dedo de maõ tẽ a peçonha nas gingiuas, tem os dentes curuos, e na costa delles hũ rego por onde lhe corre a peçonha. Outros dizem q̃ a tem dentro no dente q̃ he furado por dentro. Tem tam uehemente peçonha q̃ en 24. horas e menos mata huã pessoa, a peçonha he muito amarella como agoa de açafraõ. parem muitos filhos e alguãs se achaõ treze na barriga. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1208-1229: Jareraca Destas [cobras] ha m^tas castas Jareracaçu vi de dez palmos de cõprido e outras de 4 dedos de largo na cabeça todas tẽ grãde preza naõ as tẽ senaõ escõdidas e cõ emgonços ao longo da gimgiba do beiço de cima e debaixo e q^do mordẽ estẽdẽnas como dedos de maõs q̃ estaõ emcolhidos e saõ vaõs por dentro mas a peçonha vẽ das gemgiuas e corre por hũ rego q̃ o dente tẽ como eu ui e a peçonha he amarella como agoa de asafraõ e no pao onde mordia a botaua isto foi a tarde q̃ entaõ tẽ mais força e os q̃ mordẽ p'la menhã comũm^te escapaõ todas tẽ grande peçonha e criaõ m^to e tal ouue q̃ tinha na barriga sesenta e quatro filhos comẽ rãs e bichos dizẽ q̃ a sua peçonha tomaõ pella menhã do orualho e por isso a tarde esta taõ refinada saõ todas pardas tem huã cadea preta pello lombo galante a cabeça larga tẽ aparẽçia cõ as biboras e assi saltaõ quando mordẽ as vezes. 1789 F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 152-153: Geraraco-açu, Geraraca grande no idioma Brasilico, serpente com a cabeça muito depressa, grande, olhos brilhantes; bocca nimiamente rasgada; a extremidade da cauda teres finissima, com a qual vibrando o ar no acto de irada, faz um som agudo, forte. 1817 CASAL *Corografia Brazilica* I. 72/73: O jararacuçu [reptil] he verdenegro, assáz comprido, e pouco grosso; mas sua picada d'ordinario he mortifera. 1871 B. GUIMARÃES *Lendas e Romances* III. iv. 219: O camarada Timotheo era mandigueiro e curado de cobra, pegava ahi no mais grosso jararácussú ou cascavel, as enrolava no braço, no pescoço, mettia a cabeça dellas dentro da boca, brincava e judiava com ellas de toda a maneira, sem que lhe fizessem mal algum. 1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 7: Trouxera, um dia, do pasto — coisa muito rara para essa raça de cobras — uma jararacussú, pendurada no focinho, como linda tromba negra com diagonais amarelas, da qual não morreu porque a lua era bôa e o benzedor acudiu pronto. 1956 IDEM *Grande Sertão: Veredas* 158: Viu rusgo de touro no alto campo, brabejando; cobra jararacussú emendando sete botes estalados; [...].

jararaguaipitanga *s.f.* Var.: 5 *jararagoaipigtanga* [< T. jararaũaipĩ'taŋa < jara'raka 'jararaca' + 'uaja 'rabo, cauda' + pĩ'taŋa 'pardo'].

Cobra da família dos crotalídeos (*Bothrops neuwiedii*), também chamada jararaca-do-rabo-branco.

*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 17: Ay outra [cobra] q̃ se chama Jararagoaipigtanga .i. [*id est* = *isto é*] q̃ tem a ponta do rabo mais branco que pardo, estas saõ tam peçonhentas como as bibras de Espanha, e tem a mesma cor e feiçam.

jataí[1] *s.m.* Var.: 6 *gitai, gitahi*, 7-8 *jetay*, 7-9 *jutahy*, 7 *jatai, jotaí, itahy, jatahí*, 8 *jetahy, jatahi*, 8-9 *jatahy*, 8 *jitahy, jutahí, jutahi, jutay*, 9 *jutaí*. Cp. JATAÍBA, JATUAÍBA [< T. jeta'i].

Planta da família das leguminosas, subfamília das cesalpináceas, cuja madeira é utilizada em construção civil; jataizeiro.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iii. fl. 84*v*.: [...] e assim diguo que as madeiras de que tenho noticia e me alembra a callidade dellas saõ estas, a ssaber gitai — que he hũ pao amarello que lansa de sy a mesma tinta. muito Rijo. [...]. 1693 J. S. FERREIRA *América abreviada* in

RIH, LVII. (1894) 139: Gitahi se chamam as arvores, de cujos troncos os Indios tiram as cascas inteiras e lhes servem de canoas, em que navegam. 1711 A. J. ANTONIL *Cultura e Opulência do Brasil* I. II. vii. 56: Chamaõ Paos de ley aos mais solidos, de mayor dura, & mais aptos para serem lavrados: & taes saõ os de Sapucàya, de Sapupìra cari, de Sapupìra merim, de Sapupìra açú, de Vinhatico, de Arco, de Jetay amarello, de Jetay preto, de Messetaùba, de Massarandùba, Pao Brasil, Jacarandá, Pao de Oleo, Picaí, & outros semelhantes a estes. IDEM *Ib.* 57: Os Carros, de Sapupìra merim, ou de Jetay, ou de Sapucaya. 1744 in ACSP, XII. (1918) 38: [...] para mandar vir quatro cepos de seis palmos de comprido e dois e meio de largo, de canella preta ou de jutahy, e na falta destes de passarayva para o corte do açougue [...]. 1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 207/208: Ainda que outros lhe antepoem a resina d'arvore jatai desfeita em pó e lançada em agua, que fica como leite, e livra do sangue do peito e de diarrhéa sanguinea. IDEM *Ib.* 365-366: O arvoredo vistoso e a variedade de fructas o faz notavel, como são os anaorazes e jotaís: esta ultima fructa partida é transparente, e da resina, que tambem o é, se servem para as roturas, e pisada é notavel para soldar felizmente qualquer ferida. 1783 M. C. ABREU *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 261: [...] os itahys são umas fructas compridas á maneira de vagens de feijão, com a casca dura que é preciso quebrar-se para comer, e sustentam muito quando misturados com mel de abelha, de que é tambem abundantissimo. 1792 F. O. BARBOSA *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 24: Produzem as margens d'este rio [Tietê] muitas fructas silvestres de que se utilizam os navegantes, cujos nomes são os seguintes: marmeladas, jabuticavas, uvacuparis, nhandipapos, sipotás, jatahis: d'estes páus se servem os moradores para as fabricas dos engenhos de assucar e aguardentes, por ser madeira de muita duração; e da casca por ser muito grossa, fazem os gentios e sertanistas canôas para navegarem; e da resina, que com abundancia ha na raiz, se utilizam os mesmos gentios para as suas luzes e outros artificios que trazem nas orelhas e beiços, a que chamam — botoques —, cuja resina depois de curtida, fica propriamente como o alambre e sem differença alguma: figos silvestres, jacaratiás, ingás, uavaonas. 1817 CASAL *Corografia Brazilica* I. 95: Entre outras arvores de boa madeira para construcção, carpinteria e marcineria tem lugar distincto a Ajetahypéta, o Buranhé, o Cedro, o Condurú, o Coração-de-negro, Gonçalo-Alves, Jacarandá, Jacarandatan, Jacarandá-mulato, Jequitibá, Jetahy, Louro, Massarandúba, Mocetahyba. IDEM *Ib.* 212: Entre outras frutas acham-se jabuticabas, marmeladas, cipotás, jatahis, nhandipapos, uvacuparys. IDEM *Ib.* II. 75: Fytologia. Entr'outras muitas arvores de boa madeira nomea-se o vinhatico, aderno [...] jatahy, IDEM *Ib.* 145: Fytologia. Entre outras arvores, que dam madeira para a construcção, e marcineria, nota-se a [...] jitahy. 1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 7: O *jutahí*, de cuja casca fazem os Indios as suas canoas ou *ubás*, e que produz a rezina do mesmo nome. IDEM *Ib.* 9: [...] que depois de pisada fica a escorrer ao sol nas cascas convexas do jutahi, reduzida previamente a massa em globos. 1856 D. MAGALHÃES *A Confederação dos Tamoyos* VII. 212: [...] Enorme jatahy, que mal cortado | Junto á raiz, co'o peso desabára, |. 1865 J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, xxxiii. 192): [...] porque nesse instante seu coração transudou, como o tronco de jetay nos ardentes calores, [...]. 1872 IDEM *Til* III. xi. 114: Uma semente de jetahy, trazida pelo vento cahiu ahi numa greta da pedra e brotou. 1874 TAUNAY *Histórias Brasileiras* 22: De uma e outra banda estende-se vistoso o cerrado: ha muito *umbú* que embalsama os ares com a fragrancia de suas flôres, grande cópia de *jatahys*, de *piquís*, cujos fructos amarello-avermelhados são tão bonitos, e de *mangabeiras* que nos meses de Dezembro e Janeiro vergão ao peso dos saborosos e rubicundos pomos. 1874 J. ALENCAR *Ubirajara* iv. 64: — Tu chamarás ao hospede Jutay, porque sua cabeça domina o cocar dos mais fortes guerreiros, como a copa do grande pinheiro apparece por cima da mata. 1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 240): O nome de Jutahy derivava de uma frondosa hymenea que ensombrava a casinha, ou antes a palhoça, das duas mulheres. 1918 MONTEIRO LOBATO *Urupês* 219: [...] sempre coisas que a natureza derrama pelo matto e ao homem custa apenas o trabalho de espichar o braço e colher — cocos de tuncum e jissara, [...] bacuparis, maracujás, jatahys, [...]. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* v. 66: Maanape acendeu uma tocha de jutaí e puderam descer a escadinha negra. 1930 G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 123: Mas os conhecimentos do Ricardo não ficam nisso e elle, esquecido, talvez, de que fala a medicos, preconiza: [...]: do succo do *jutahy*, que é travoso, faz-se xarope contra as catarreiras; [...].

jataí² *s.m.* e *f.* Var.: 7 *gitaí*, 8 *getahy, jaty, jatahi, jatahy*, 9 *jity, jatí* [< jate'i ~ VLB I. 18: *Abelha, gnlr.* = Eiruba, tem muitas especies, Ybiraigpig. jateî. Eiruçu. Eirapua].

Abelha da família dos meliponídeos.

1789 F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 212: Gitaí, abêlha com a extensão de tres linhas; a cabeça não parva; 6 pernas, as anteriores menores, as medias maiores, as posteriores muito maiores; thorax curto; abdomen longinsculo; as azas tenuissimas. 1817 CASAL *Corografia Brazilica* I. 75: A *getahy* [especie de abelha] he do tamanho de mosquito, e fabrica um mel muito liquido, e deliciozo; e no aivado um tubo de cêra em forma de buzina, pelo qual entram a uma e uma. 1868 M. A. PORTO ALEGRE *Brasilianas* 30: [...] e juncta alegre | Vasado tronco, em que o jaty pozera | O doce nectar, que no Olympo a Jove | Hebe offertava nos festins celestes. IDEM *Ib.* 52: Raiadas parasytas, que debruçam | Em cheirosas liaças brandos feixes | De multimodas flores, onde ha pouco | O melifluo jaty zumbindo, errante, | Co'a tromba odora recolhia o polen. IDEM *Ib.* 320: Colhendo o mel das corollaś | A jatahi não te excede, | Nem o colibrio mimoso | Nos beijos que á flor só péde. 1865 J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, ii. 17): O favo da jaty não era tão doce como seu sorriso; [...] [*Nota do Autor, á pág. 202*] *Jaty* — pequena abelha que fabrica delicioso mel. 1869 B. GUIMARÃES *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. iv. 75): Ora o regalava com os mais saborosos peixes e a caça a mais delicada, ora com os tenros palmitos ou a alva mandioca embebida no delicioso mel de jatahy, com ovos de tartaruga, com fructos silvestres, e o suave licor extrahido do tronco do burity; [...]. 1872 IDEM *Hist. e Trad. Minas* III. i. 207: Para que apanhar a flor que ainda não abrio, colher os favos do jatahy que ainda não tem mel? 1872 TAUNAY *Inocência* (2ª ed., 1884, xi. 118): Quando nada se tenha que comer, vai-se ao matto, e fura-se mel de jatahy e mandory ou chupa-se miôlo de macaubeira. 1878 IDEM *Narrativas Militares* 13: Se a abelha fôr *mandury*, os olhos do *melleiro* interrogão só a bifurcação dos troncos; se *jatahy*, cujos favos guardam os perfumes das flôres amalgamando-os, então elle estuda a base das arvores, bem junto ao sólo e não tarda em descobrir um cónesinho de terra preta e dura, que é a porta do cortiço. 1898 A. ARINOS *Os Jagunços* II. ii. 222: Travára-se alli verdadeira batalha e as abelhas jatahy, tão trabalhadeiras e tão mansas juncavam o chão, [...]. 1918 MONTEIRO LOBATO *Urupês* 51: Estava difficil, n'um ôco muito alto e sem geito, mas sempre tirei. Não é jity não, é mel de pau. 1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 225: Muito mel, muita bojuí, jati, urussú, e toda raça de abelhas e vespas, esvoaçando; [...].

jataíba *s.f.* Var.: 6 *jatauba, jetayba, getaigba.* Cp. JATAÍ¹, JATUAÍBA [< T. jeta'iua].

Nome comum a diversas plantas das famílias das moráceas e das leguminosas.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iii. fl. 84*v.*: [...] e assim diguo que as madeiras de que tenho noticia e me alembra a callidade dellas saõ estas [...] jatauba vermelho de fermosa cor [...] jatauba de cor dourada [...]. 1663 S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 80. 158: A terra toda póde chamarse hum só bosque. Pello que, deixando por mão a frescura, & preciosidade dos cedros, angelins, quasi ébanos, carápinimas, mocetaybas, [...] deixada outrosi a delicia das aruores, os balsamos, copaigbas, ibicuybas, icicatybas, jetaybas, salsafrazes, [...] descreuerei algũas sómente das q̃ saõ fructiferas, pera gosto dos que saõ curiosos. IDEM *Ib.* § 87. 163: [*à margem*] andà engà, joà. moçarandùba, [...] ibapurûga, getaigba, miùba vmarì, saõ fruitas agrestes, seruem a Indios, & a gado.

jataícica *s.f.* Var.: 7,9 *jutahicica, 7 jutaycica,* 8 *getaicica, jutahi-sica.* Cp. ITAICICA [< T. *ʲjetaï'sïka < jeta'i 'jataí'' + ï'sïka 'resina' ~ Cp. T. itaï'sïka: v. ITAICICA].

Planta da família das leguminosas, subfamília das cesalpináceas, jataí; resina extraída desta planta.

*c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 264: [Resina] Jutahicica, ou gomma copal. Ninguem ignora o uso d'esta gomma nas fabricas. 1787 in *Annexes du Premier Mémoire du Brésil* I. (1903) 260: E com relação a tinturaria, as plantas da caapiranga para tinta roxa, do carajurú para tinta encarnada, para os vernizes as rezinas de jutaycica. 1817 CASAL *Corografia Brazilica* II. 278: [...] a rezina da *getaicica* serve para vidrar loiça: [...]. 1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 7: O Alvará de 10 de Dezembro de 1770 concedia á direcção da Real Fabrica de sedas o previlegio exclusivo da introducção desta resina, que chamam *jutahi-sica*, prohibindo a introducção estrangeira: serue no Pará para vidrar loiças, e outros usos da medicina domestica. 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* ix. 101/102: Traziam ambas uma chocolateira de folha de Flandres com o chá de erva-cidreira, tigela, colher, assucar e um urú onde havia sebo de Hollanda, balsamo de copahiba, linhaça algodão, azeite de mamona, panno p'ra emplastros, resina de jutahicica, breu, [...].

jataí-mondé *s.m.* Var.: 5 *jataimondé* [< T. jetaimu'ne < jeta'i 'jataí'' + mu'ne 'armadilha' ~ VLB I. 41: *Armadilha que tomba com peso ou estalando* = Mundê (...)].

Planta da família das leguminosas, subfamília das cesalpináceas; variedade de jataí.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXVI. 58): Há outra árvore, real que se chama jataimondé, que não é tamanha como as de cima, mas de honesta grandura; de que se fazem eixos, fusos, virgens, esteios e outras obras dos engenhos; cuja madeira é amarela de côr formosa muito rija e doce de lavrar e incorruptível; e é tão pesada que vai ao fundo; e não se dá em ruim terra.

jataipeba *s.m.* Var.: 5 *jutaipeba,* 7 *jataypeva, jataypeba,* (8 *ajetahypéta*) [< T. i̯etai'pe̯ua < i̯eta'i 'jataí[1]' + 'pe̯ua 'chato'].

Planta da família das leguminosas, subfamília das cesalpináceas; variedade de jataí.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxv. 56): Há outras árvores também naturais de várgeas de areia, a que o gentio chama jutaipeba, cuja madeira é vermelhaça e muito fixa, que nunca apodrece; e é mui dura ao lavrar; acham-se muitas árvores desta casta de cincoenta a sessenta palmos de roda; e pela maior parte estas grandes são ôcas por dentro; mas ha outras de honesta grandeza, maciças, de que se fazem gangorras, mesas, virgens, esteios e outras obras de engenhos, como são os eixos. Não são estas árvores muito altas, por se desordenarem pelo alto, lançando grandes troncos; mas tiram-se delas gangorras de cinqüenta e sessenta palmos de comprido, e a madeira é boa de lavrar, ainda que muito dura e tão pesada que se vai na água ao fundo. **1730** Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 59. 37: Os incorruptiveis paos vermelhos, angelins, cedros, jataypevas, e maçarandubas; [...]. Idem *Ib.* II. § 119. 138: Levaõ os navios, além dos importantissimos referidos generos, outros de muito preço; ambar, balsamo, cravo, cacau, vahinilha, gengibre, canella, algodaõ, anil, oleo de copauba, madeiras de valor, pao Brasil, condurû, salsafraz, jacarandâ, violete, vinhatico, tapinhoam, jataypeba, angelim, e cedro: [...]. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 95: Entre outras arvores de boa madeira para construcção, carpinteria, e marcineria tem lugar distincto a Ajetahypéta, o Buranhé, o Cedro, o Condurú, o Coração-de-negro, Gonçalo-Alves, Jacarandá; Jacarandatan, Jacarandá-mulato, Jequitibá, Jetahy, Louro, Massarandúba, Mocetahyba.

jataizeiro *s.m.* Var.: 8 *jutahizeiro* [< jataí[1] + -z- + -eiro].

Planta da família das leguminosas, subfamília das cesalpináceas, jatai.

1877 N. J. R. Sousa *Diário* (ed. 1946, 38): Passamos no mesmo lugar, procurando cascas de jutahizeiros para ubás.

jaticá *s.m.* Var.: 8 *jaticá,* 9 *joticá* [< T. *i̯ati'ka].

Espécie de arpão, usado na pesca da tartaruga.

1895 J. Veríssimo *A Pesca na Amazônia* I. v. 63: Basta-lhe esse signal do animal respirando em baixo; crava o jaticá e na ferrea ponta delle vem a presa para a canôa. **1928** M. Andrade *Macunaíma* xii. 169: Então Macunaíma se lembrou de fazer uma pescaria. Porêm não podia pescar nem de frexa nem com timbó nem joticá nem cunambi nem tinguí nem macerá nem no parí nem com linha nem arpão nem juquiaí nem sararoca nem gaponga nem de poita nem de cassuá nem itapuá nem de giqui nem de grozera nem de gererê, guê, tresmalho, covo, anzol de vara, todos êsses objetos armadilhas e venenos porquê não possuia nada disso.

jatium *s.m.* Var.: 5 *inhatium, nhatium,* 6 *iateum, jateum* [< T. i̯ati'ũ (ñati'ũ) ~ VLB II. 43: *Mosquitos que mordem* = Piũ: estes são os borrachudos, os das pernas compridas Nhatiũ, (...)].

Espécie de mosquito da família dos culicídeos.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. xciii. 124): Há outra casta [de mosquito] que se cria entre os mangues, a que os índios chamam inhatium, que tem as pernas compridas, e zunem de noite, e mordem a quem anda onde os há, que é ao longo do mar; mas se faz vento não aparece nenhum. [...] Há outra casta de mosquitos, a que os índios chamam nhatium-açu; êstes são de pernas compridas, e mordem e zunem pontualmente como os que há em Espanha, que entram nas casas onde não há fogo; e de que todos são inimigos. **1656** J. Sotomaior *Jornada ao Pacajá* in DAP, VIII. (1945) 5: [...] os iateuns que toda a noite nos fasião gastar passeando, suspirando pella menhãa por escapar de seus ferroens, fora para mim materia de assas merecimento se o eu soubera oferecer a Deus cheguei finalmente a aldea. Idem *Ib.* 7: [...] descançamos, e ao outro dia, que era o da ascenção de Christo demos em hum rio, que passamos com agua pellos peitos, e chegamos a Aldea com trabalho por levar os Indios doentes com o do caminho; os 6. de cesoins. não esta ella sobre o rio por respeito dos muitos jateuns, que nelle vivem; [...].

jatobá *s.m.* Var.: 7-8 *jatubá,* 8-9 *jatobá* [< T. *i̯etï'u̯a < i̯etaï'u̯a < i̯eta'i 'jataí[1]' + ï'u̯a 'fruta'].

Planta da família das leguminosas, subfamília das cesalpináceas; variedade de jataí.

1757 D. L. Couto *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 35-36: Os violétes, Jatubás, condurús, Rabuge, e Gonçallo Alz, os mais estimados para obras sò nas terras destes Paizes se achão. O páo Brasil he o melhor, e em muita quantidade. Os Balçamos sò esta Capitania, e a do Espirito Santo os produz, sendo o nosso o mais precioso, e mais extimado. **1801** in RAPM, II. (1897) 687: — Rezinas — O Jatobá breu. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 114: O *jatubá*, que não tem este nome em todas as provincias, fructifica em vagens como o tamarinheiro. **1865** J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, xix. 114): Poty levou o christão aonde crescia um frondoso jatobá, que affrontava as arvores do mais alto pincaro da serrania, e quando batido pela rajada parecia varrer o céo com a immensa copa. [*Nota do Autor, à pág. 223*] Jatobá — arvore frondosa, talvez de *jetahy, oba* — folha e *a* augmentativo; jetahy de grande copa. **1865** Idem *As Minas de Prata* IV. v. 142: Proferindo estas palavras, as narinas rosadas da mulatinha insuflaram-se, e ao sopro ardente o magarefe dissorava estremecendo, como um tronco de jatobá, ao halito que o ameaçava. **1874** Idem *Ubirajara* i. 15: Eram dois jatobás que nasceram juntos e entrelaçaram os galhos ligando-se no mesmo tronco. **1875** Idem *O Sertanejo* II. ii. 24: Passava depois a trinar uma multidão de gallos de campina, á cata do milhal; ou um enxame de chechéos que pousava em um jatobá secco, e cobrindo-lhe os galhos mortos e nús de folhas, formava uma copa artificial com a sua lusidia plumagem negra marchetada de ouro e purpura. **1876** F. Távora *O Cabeleira* xiii. 221: — Descansemos um pouco á sombra deste jatobá. **1878** Taunay *Narrativas Militares* 49: Vagens de jatobá e côcos forão o alimento exclusivo de quasi 3.000 pessoas durante oito tremendos e interminaveis dias. **1929** G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* xvi. 293: [...] os funereos facheiros, as serras dos jatobás, onde se encostam as mattas de ingazeiras, de oiticicas e de joazeiros, [...]. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 169: Todas ellas, [ubás] longas e muito esguias, são feitas de tres pedaços de casca de jatobá, bem ajustados, [...]. **1938** G. Ramos *Vidas Secas* 39: Debaixo do jatobá do quadro taramelou com sinha Rita louceira sem se atrever a voltar para a casa. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 152: Mas, no caminho, foi peorando, e teve de fazer alto no Mosquito — povoado perdido num cafundó de entremôrro, longe de toda a parte —, onde três dúzias de casebres enchiam a grota amável, que cheirava o grão-de-galo, muricí e gabiroba; com vacas lambendo as paredes das casas, com casuarinas para fazerem música com o vento, e grandes jatobás diante das portas, dando sombra. **1956** Idem *Grande Sertão: Veredas* 228: De como, no prazo duma hora só, careci de ir me vendo escorando rifle [...] trepado em jatobá e pequizeiro, deitado no azul duma laje grande [...].

jatuaíba *s.f.* Var.: 5 *jatuaíba,* 6 *jatuaýba,* 8 *jatuaúba.* Cp. jataí[1], jataíba [< T. i̯etua'ïu̯a].

Planta da família das meliáceas.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxxv. 79): Há outras árvores meãs, a que os índios chamam *jatuaíba*, cuja madeira é muito pesada, às quais cai a fôlha cada ano, e torna a rebentar de novo. Esta árvore dá umas frutas brancas do tamanho e feição de azeitonas cordovesas. **1648** in ABN, LXXXII. (1962) 313: [...] mandou fazer em outra árvore mayor huma mossa com hum machado à maneira de aspa a qual árvore se chama Jatuaýba, [...]. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 14: [...] *jatuaúba* produz em cachos o seu fructo similhante á uva no feitio, da sua raiz se tira famoso purgante, e passa pelo meio mais efficaz para impedir a esterilidade do sexo feminino; abundam nos campos as arvores que destillam o lacre tambem estimado por varios usos da medicina; [...].

jatuarana *s.f.* [< T. ?].

Peixe da família dos caracídeos.

1928 M. Andrade *Macunaíma* ii. 20: Falou pros manos que inda tinha muita piaba muito jejú muito matrinchão e jatuaranas, todos êsses peixes do rio, fossem bater timbó! **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 79: Hoje, aprendo que os melhores peixes deste rio são a jatuarana, o pacú e o aracú.

jaú *s.m.* Var.: 5, 7-8 *jaú,* 5 *jaû,* 7 *jau,* 7-8 *jahú* [< T. i̯a'u ~ VLB I. 50: *Bagres dagua doce* = Nhũdiâ; Mãdij; Pirâacãmucú; Jaú; este he muito grande].

Peixe siluriforme da família dos pimelodídeos.

*c***1584** Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 30*v.*: Entre estes ha hũ peixe real de bõ gosto e sabor q̃ se parece mujto com o solho de Espanha, este se chama Jaú, saõ de quatorze, e quinze palmos, e as uezes mayores, e muito gordos, e delles se faz mantega. *c***1594** [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 2277-2279: Dos peixes das agoas doçes Jaû dizẽ tẽ 15 palmos de cõprido comũm[te] he gordo he tẽ pelle. **1751** A. Rolim *Relação* in RIH, VII. (1846) 478: Não foi menor a abundancia de peixe, ainda fóra dos logares que já disse, a maior parte dourados. Alguns se pescavam, que custavam a um homem levantal-os: os communs eram como gorazes. Há outra especie, a que chamam Jaus, que são de pelle, muito maiores que os dourados; [...]. **1783** M. C. Abreu *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 263: Estes suruvys e jahús são de tal grandeza que alguns, depois de tirados a cabeça e os ossos e seccos ao sol, pesam a sua carne duas arrobas de peso. **1792** F. O. Barbosa *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 23: Os peixes que ha no rio Tieté, além da abundancia, são especialissimos; cujos nomes são: [...] jaús, [...]. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 212: Entre outras especies de pescado ha doirados, saupés, pacús, piracanjuva, surubins, piracambucús, jahús, e piraquaxiáras. **1872** B. Guimarães *Hist. e Trad. Minas* III. i. 204-205: Com um pequeno anzol ou fisga, e uma linha de tucum da grossura de um fio de barbante, pescão não só os pequenos bagres e pyrapitangas, como os

corpulentos dourados e crumatãs, e o jaú, que attinge ás vezes o tamanho de um homem de alta estatura, e tem a força de um touro.

jauaraicica *s.f.* Var.: 7 *jauaráhicica,* 8 *jarauassica* [< T. °iaŭaraĩ'sĩka].

Espécie de resina: v. abon.

*c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 264: [Resina] Jauaráhicica, para verniz da louça; é uma especie de almecega. 1886 J. VERISSIMO *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 105): E mais, jarauassica e folhas de café para regularizar as funcções; [...].

jauari *s.m.* Var.: 8-9 *jauary,* 8 *jauari* [< T. ?].

Espécie de palmeira (*Astrocarium jauari*).

1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 47): São os dilatados campos de canarana e de mury, de onde se eleva isolada uma ou outra palmeira caraná ou jauary, em cujas ramas cantam nas manhans alegres os sabiás do poeta. 1895 IDEM *A Pesca na Amazônia* I. vi. 102: Alimenta-se elle das fructas de diversas arvores e arbustos — catauari, jauari, taperebá, [...]. 1930 G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 127: Nellas predominavam os araparys, alguns em flor, bosquetes de mongubeiras e uma ou outra soca de palmeiras jauarys.

|| **jauati**: v. abon.

*c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 260: [Ave de rapina] Jauati.

|| **jaueti**: v. abon.

*c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1358-1361: Rolas Jaueti das daRibaçaõ de portugal pairari, paraj sebui picaipeba picuipitanga picuiguaçu.

jeju *s.m.* Var.: 6 *yeiguo, ieiu,* 7 *gejù,* 8-9 *jejú,* 8 *gijú, jijú* [< T. ie'iu].

Peixe da família dos caracídeos (*Hoplerythrinus unitaeniatus* Spix).

*c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 174: yeiguo peixe de hũ palmo de comprido cuberto desquama todo pardo e são muitos xeios de ouos e he muito bom comer e he peixe de suri que more todos os anos e uem outro cem meterem nenhum e ha muito grãode camtidade e he muito bom comer. IDEM *Ib.* fl. 175*v.*: ieiu he de hũ grande palmo de escama de cor pardo he peixe mui cheio de ouas E mui bom pª comer. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 259: [Peixe de menor corpulencia] Gejù. 1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 34: [...] os saborosos *mandubés, piramutàbas, mandiìs, matupiris, aracús, trairas, jejús,* e *tamoatás*, conhecidos por *peixe do mato*, [...]. 1895 J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. iii. 46: Si podem deixal-os vivos no anzol, melhor é, para illudir o pirarucú, e ao gijú preferem o tamuatá por não poderem com as suas escamas rijas as voracissimas piranhas. IDEM *Ib.* I. vii. 105: Entre esses estão os peixes chamados do matto, por viverem nos alagadiços cobertos de vegetação alta o jijú, o jandiá, [...]. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* ii. 20: Falou pros manos que inda tinha muita piaba muito jejú muito matrinchão e jatuaranas, todos êsses peixes do rio, fossem bater timbó!

jeneúna *s.f.* Var.: 5 *geneúna* [< T. iene'una].

Planta da família das leguminosas (*Cassia leiandra* Benth.).

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LX. 38): Em algumas partes do sertão da Bahia se acham árvores de canafístula, a que o gentio chama geneúna, mas de agrestes dão a canafístula muito grossa e comprida; e tem a códea áspera, mas quebrada, e da mesma feição, assim nas pevides que tem como no prêto; que se come e tem o mesmo saibo, da qual não usa o gentio, porque não sabe o para que ela presta.

jenipapeiro *s.m.* Var.: 7 *junipapeiro, genipapeyro, ginipapeyro, ginipapeiro,* 7-9 *genipapeiro,* 8-9 *jenipapeiro,* 8 *jinipapeiro* [< jenipap(o + -eiro].

Planta da família das rubiáceas (*Genipa americana*).

1734 in RAPM, XXIII. (1929) 243: Daqui rodámos rio abaixo e demos em um junipapeiro, com cuja fructa nos regalamos dois dias, e no fim destes como a fome era muita entramos pelas sementes das ditas frutas: [...]. 1752 in RIC, XXXV. (1921) 232: Fazem barra estes riachos no Genipapeyro nos pastos da fazenda do Xerez. 1753 IDEM 254: [...] curiozamente o vio tirar no do Ginipapeyro de donde me trouxe hua amostra de perto de hua oytava; [...]. *c*1762 JABOATÃO *Novo Orbe Seráfico Brasílico* (ed. 1858-1862, II. I. 318): [...] e mais cazas necessarias para seus exercicios da banda do Ginipapeiro, que graciozamente lh'o permittiamos, e davamos toda a terra, que lhe necessario fosse para a parte do Ginipapeiro, dos alicerces que estaõ feitos para dentro, [...]. 1782 F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* I. iv. 58: O Genipapeiro hé huma Arvore, que chega a ser das maiores, que produz este Paiz: ella hé domestica, e raras vezes se incontra pelos mattos: [...]. 1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 98: *O Jenipapeiro* he arvore de boa altura, tronco direito, copa mediana, e redonda; folha semelhante á do castanheiro, muito grossa, e d'hum verde escuro: nunca está sem fruto, que he do tamanho de maçan, e pelle tenue, um pouco aspera, e cinzenta; a polpa branca, e o interior repleto de pevides. Ficam d'hum anno para outro nos ramos, que se despem totalmente da folha, e só amadurecem, quando a arvore está de novo bem vestida de folhas, e já com bom crescimento os novos fructos, que hão de ficar para o anno seguinte. A madeira he preferida para varaes de seges. IDEM *Ib.* II. 145: Fytologia. Entre outras arvores, que dam madeira para a construcção, e marcineria, nota se [...] jinipapeiro. 1872 B. GUIMARÃES *Hist. e Trad. Minas* II. ii. 41: Por detraz se estende um vasto pomar, um verdadeiro bosque sombrio e perfumoso, onde a laranjeira, o limoeiro, a jaboticabeira, o jambeiro, o genipapeiro, o mamoeiro, o jaracatiá, as bananeiras e coqueiros de diversas especies crescem promiscuamente e cruzão suas ramagens em uma espessa abobada cheia de fresquidão, de murmurios e perfumes. 1898 A. ARINOS *Pelo Sertão* 191: "Um vento aspero passava, arrancando do genipapeiro as fructas maduras, que esborrachavam no chão assim — pof! — espantando as juritis que andavam esgaravatando a terra e comendo grãosinhos 1922 A. PEIXOTO *Bugrinha* xi. 157: — O Manoel Alves, que veiu comigo, batendo bôca. Foi botar os animaes á sombra do genipapeiro do oitão. 1929 IDEM *Sinhàzinha* xix. 188: Acomodando a vista á penumbra da copa do genipapeiro no oitão, pareceu ver uma forma branca, [...]. 1936 J. L. REGO *Usina* II. vi. 123: A estrada, pisada de automovel, os partidos de canna, subindo para altos aonde nunca foram, e os sitios dos moradores, as casas de Manoel Lucindo com laranjeiras, a casa de José Ludovina com genipapeiros grandes, a estrada coberta de cajazeiras, tudo isto tinha desapparecido. 1956 GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 452: [...] por sinal que armei rêde por entre cajueiro e jenipapeiro, perto dos currais, e, para o segundo sono mudei de rearmar, de faveira para faveira, lá para dentro duma cêrca.

jenipapo *s.m.* Var.: 5-9 *jenipapo, genipapo,* 5 *genipâpo, genipápo, janipába,* 5, 8 *ginipapo,* 5 *jenipaba, genipago,* 6 *janipâpo,* 6-7 *janipapo,* 6 *yenipapo, janipabo,* 7 *genipappo, janipápo,* 7-8 *nhandipapo,* 8 *jinipapo, genipá* [< T. ianĩ'paua (ianĩ'paua)].

Planta da família das rubiáceas, cujo fruto é uma baga globosa de casca mole, aromática, com polpa adocicada; jenipapeiro.

De par com as referências elogiosas à qualidade da madeira e ao sabor da fruta, os textos aludem com freqüência ao hábito que tinham os índios de se pintarem com o suco extraído do fruto verde, que se torna negro por oxidação em contacto com o ar.

*c*1574 *Inventário* in DHA, III. (1963) 335: [...] houtra quaixa de pao de jenipapo. *c*1574 *Livro das Contas* in DHA, III. (1963) 407: [...] hũa caixa de Vinhatico outra de genipapo. *a*1576 GÂNDAVO *Trat. Prov. Brasil* (ms. do British Museum) 1144-1151: E assy tãbem machos como femeas custumão a tingir se com o sumo dũa fruita q̃ se chama genipâpo que he verde quando se piza e depois q̃ o poem no corpo e se enxuga fica mui negro e por muito que se laue não se tira senão aos noue dias: isto tudo fazẽ por gallantaria. 1576 IDEM *Hist.* x. fl. 35*v.*: E assi tambẽ machos como femeas costumão tingir se alguãs vezes cõ o sumo de hũ certo pomo q̃ se chama Genipápo, q̃ he verde q̃ndo se pisa, & depois q̃ o põe no corpo & se enxuga, fica muy negro, & por muito q̃ se laue, nam se tira senam aos noue dias. *c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 22: Janipába. Esta aruore he mᵗᵒ fermosa de hũ uerde alegre, todos os meses muda a folha, q̃ se parece cõ folha de nogrª. as aruores saõ grandes, e a madrª mᵗᵒ boa, e doce de laurar, a fruita he como grandes laranjas, e se parece com marmellos, ou peras pardas, o sabor he de marmello: he boa mezinha pª camaras de toda a sorte. Desta fruita se faz tinta preta, quando se tira he branca: e ẽ untandose cõ ella naõ tinge logo, mas day a algᵃˢ horas fica hũa pessoa taõ preta como azeuiche, he dos Jndios mᵗᵒ estimada, e com esta fazẽ em seu corpo emperiaes, giboẽs, todos golpeados, e daõ certos riscos p'lo rosto, orelhas, narizes, barbas, pernas e braços, e o mesmo fazem as molheres [...]. 1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LIV. 15/16): Genipapo é uma árvore que se dá ao longo do mar e pelo sertão, de cujo fruto aqui tratamos sòmente. A sua fôlha é como de castanheiro, a flor é branca, da qual lhe nasce muita fruta, de que toma cada ano muita quantidade; as quais são tamanhas como limas, e da sua feição; são de côr verdoenga, e como são maduras se fazem de côr pardaça, e moles, e tem honesto sabor e muito que comer, com algumas pevides dentro, de que estas árvores nascem. IDEM *Ib.* II. LXXIII. 77: Atrás tratamos do genipapo no tocante ao fruto, agora lhe cabe tratar no tocante à madeira; cujas árvores são altas e de honesta grossura, tem a fôlha como castanheiro; a madeira é de côr branca, como buxo, de que se fazem muitos e bons remos, que duram mais que os de faia; enquanto verdes são pesados, mas depois de seccos são muito leves; esta madeira não fende nem estala, de que se faz também tôda a sorte de poleame, por ser doce de lavrar; e cabos e cepos para tôda a ferramenta de tôda a sorte. 1592 in *Confissões da Bahia* (ed. 1935, 168): [...] e no ditto sertão elle usou dos usos e costumes dos

gentios tingindo se pellas pernas com huã tinta chamada urucu, e outra ginipapo e empenandosse pella cabeça de penas e tangendo os pandeiros dos gentios, [...]. IDEM *Ib.* 172: [...] tisnado pello pescoço com tinta de genipapo ao costume gentilico [...]. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 818-819 [...] e depois o tingê cõ huã tinta m^to preta de ginipapo [...]. IDEM *Ib.* 1926-1934: Jenipaba Todo o anno tẽ fruito a folha pareçe como de Nugr^a he grãde como larãjas verde o sũmo he como agoa turba põdose ou pitãdo se os Jndios cõ ella dahi a meja hora ficaõ pretos e muy pretos e duralhes noue dias m^to q̃ se lauẽ. a fruita madura comẽna e cozida pareçe como marmelo a madr^a he boa p^a Remos. sẽpre estaõ Macho e femea. *c*1596 S. TRAVAÇOS *Declaração do Brasil* xxviii. fl. 23*v.*: [...] e pintaõ se de lauores pretos com tinta de pao do genipago, e se tem damas, ellas tem esse cuidado de os pintar, [*A curiosa var.* genipago *ocorre oito vezes no manuscrito* — fls. 23*v.*, 24, 28*v.* (*duas vezes*), 30 (*duas vezes*), 31 e 32 —, *enquanto* genipapo *é documentado apenas em quatro passagens* — fls. 31, 31*v.* e 32*v.* (*duas vezes*)]. **1610** J. MONTEIRO *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.*, VIII. (1949) 411: Acabada estas festa dos paus [maior solenidade, em especial quando o que hão de matar é tapuia ou algum principal afamado], ao dia seguinte lhe pintam o rosto com genipaquo, que é uma fruta de uma árvore, mui semelhante na folha ao castanheiro, da qual se tira um negro muito fino, e onde quer que toca dura 9 dias sem se poder tirar com algum remédio: a isto ajuntam cascas de ovos moídas, que assentam sôbre almeccga, de que tem untado o rosto; este oficio é das velhas, que na pintura se esmeram. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 103*v.*: [...] e da fruta de hũ Aruore por nome jenipapo. se forma tinta preta, ocoal fruto com dar osumo branquo, se coal quer pessoa se vntasse com elle ficaria aparte vntada negra, e naõ se lhe tirara a negridaõ por espaso de algũns dias aynda que se laue muytas vezes [...]. **1627** V. SALVADOR *Hist. Brasil* I. vi. fl. 12: Janipâpos de que fazem os remos pera os barcos como em Hespanha os fazem de faya, tem hum fructo redondo tam grande como laranjas, o qual quando he verde exprimido dá o summo tam claro como agoa do pote; porem quẽ se lava com elle fica negro como carvaõ, nem se lhe tira a tinta em poucos dias; Desta se pintaõ, e tingem os Indios em suas festas, e sahem tam contentes nús, como se sahiraõ com huã rica libré, e este fructo se come depois de maduro sem botar delle nada fora. IDEM *Ib.* I. xiv. fl. 25*v.*: Nas festas se tingem todas de janipapo, de modo que se naõ he no cabello paressem negras de Guiné, e da mesma tinta pintaõ os maridos, e lhes arancão o cabello da barba se acerta de lhe nascer algum, e os das sobrancelhas, e pestanas, com q̃ elles se tem por mui galantes juncto com terem os beiços debaixo furados, e alguñs as faces, e huñs tornos, ou batoques de pedras verdes metidos pellos buracos com que parecem huñs Demonios. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 178-178*v.*: yenipapo he aruore da grosidão de hũ homem e he pau muito direito que serue para fazer quaixas de arquabus e quolheres e remos e de canoa e as folhas são de a compridão de hũ palmo de comprido a frol he brãoqua a fruta he tamanha como hũa gramde laramia e he boma pera comer quoamdo he madura e os negros e tem em muita estima pera se temguirem que o seu uerdadeiro uistido por amor do sol e serue tambem pera mezinha pera as boubas que se algum bramquo se timgue com ele pode se ter por serto de o trazer noue dias que parece pimtado [*sic*] hũ feio diabo. **1648** in ABN, LXXXII. (1962) 312: [...] ao pé de huma árvore grande e alta a que chamão jenipapo, a qual está à borda de huma lagoa limpa de ágoa doce, [...]. **1663** S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* I. § 139. 85: Tambem se enfeitaõ a seu modo de diuersas maneiras. Hũa he pintarse todo o corpo de varias cores, commumente de preto, vermelho, & amarello, com sumo de frutas, janipabo, vrucú, & outras. IDEM *Ib.* I. § 141. 87: outros [vinhos] de janipabo. **1702** A. ROSÁRIO *Frutas do Brasil* III. i. 119: Para o habito branco, & pardo, estão guardados os Genipapos, & Capucaias, por terem de ambas as cores, as medullas brancas, as cascas pardas: [...]. **1711** A. J. ANTONIL *Cultura e Opulência do Brasil* I. ii. vii. 57: [...] as varas, de mangue branco: & os remos, de Lindirâna, ou de Genipappo. **1721** F. F. HENRIQUES *Âncora medicinal* (ed. 1731, 253): Janipápos saõ frutos do Brasil, do tamanho de limoens; saõ feios e humidos; doces çumarentos, e de bom gosto. **1730** ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 52. 33: os cajás, e os janipapos, excellentes confortativos para o estomago: [...]. **1784** in RAPM, XXIII. (1929) 244: Perdemos tambem aqui o nosso estimado ansol, que nos roubou um formoso e grande peixe, e assim ficámos só a palmito e janipapo, e esses quando os achavamos. **1757** D. L. COUTO *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 68: Outros [vinhos] de Jenipapo, chamado bacutinguy, he muito confortativo. **1763** J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 363: Chegando esta [a lua cheia de Março], tingem os corpos [os barés] de genipapo, que é certa fructa que faz varias côres, e tomam uma rigorosa disciplina, pelo modo barbaro seguinte. **1781** DURÃO *Caramurú* VII. xlvi. 210: De que os rudes Caboclos forão Mestres. | Que ensinárão os nomes, que se estillão, | Janipapo, e Cajú vinhos distillão. **1782** F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* I. iv. 61: O Genipapo verde, ja fica ponderado ser dum forte adstringente; maz no estado de maduro, a experiencia me tem testificado ser hum prodigiozo corroborante [...]. **1783** M. C. ABREU *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 261: [...] o nhandipapo, que é quasi do tamanho e feitio do limão doce. **1792** F. O. BARBOSA *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 24: Produzem as margens d'este rio [Tieté] muitas frutas silvestres de que se utilizam os navegantes, cujos nomes são os seguintes: marmeladas, jabuticavas, uvacuparís, nhandipapos, sipotás, jatahis: d'estes paús se servem os moradores para as fabricas dos engenhos de assucar e aguardentes, por ser madeira de muita duração; e da casca por ser muito grossa, fazem os gentios e sertanistas canôas para navegarem; e da resina, que com abundancia ha na raiz, se utilizam os mesmos gentios para as suas luzes e outros artificios que trazem nas orelhas e beiços, a que chamam — botoques —, cuja resina, depois de curtida, fica propriamente como o alambre e sem differença alguma: figos silvestres, jaracatiás, ingás, uavaonas. **1801** in RAPM, II. (1897) 687: Para Tinturaria. — Cascas de [...] Genipapo, [...]. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* I. 212: Entre outras frutas acham-se jabuticabas, marmeladas, cipotás, jatahis, nhandipapos, uvacuparys. IDEM *Ib.* I. 277: [os Guaycurús] Pintam o corpo com tinta d'urucú, e jenipapo, no que guardam assás de simitria. IDEM *Ib.* II. 98: Entre as arvores de boa madeira para construção acha-se [...]: jinipapo, [...]. **1838** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 14-15: [...] cuja fructa similhante no tamanho ao ginipapo, he o melhor dissolvente das empigens; [...]. IDEM *Ib.* 20: [...] *taperebás*, ou *cajás, genipapos, beribás, cutitiribás*, de uma massa amarella glutinosa, assás aromatica, cobrindo um carôço lizo; [...]. **1856** D. MAGALHÃES *A Confederação dos Tamoyos* IV. 104: [...] Amarellas e negras, vivas cores | Que tiram do assafrão e genipapo, |. **1865** J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, xxiv. 145): A filha de Araken, foi buscar á cabana as iguarias do festim e os vinhos de genipapo e mandioca. **1869** B. GUIMARÃES *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, III. iv. 151): Seu rosto medonho guarnecido de grossos botoques que lhe dilatavão horrivelmente o labio inferior e as orelhas, todo o seu corpo listrado de negro e vermelho com as tintas do genipá e do urucú, davão-lhe uma apparencia ainda mais hedionda que a do tigre ou da panthera, e o assemelhavam a um d'esses dragões ou chimeras que só existem na imaginação dos poetas, ou sobre a téla dos pintores. **1878** J. ALENCAR *Guerra dos Mascates* I. xii. 146: Tambem a par dos bons vinhos das Canarias e do Reino, figurava o mosto do genipapo e a garapa; [...]. **1873** IDEM *O Garatuja* x. 84: Essa outra embiocava-se, para examinar no seio, si por acaso não se enamorara a larva, dos dois genipapos. **1874** TAUNAY *Histórias Brasileiras* 36: A sua faceirice natural e innocente era ajudada por intelligencia vivida e pela delicadeza de instinctos: assim para logo desterrou do rosto e braços as pinturas que costumava traçar com urucú e ginipapo; [...]. **1888** INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, II. x. 201): Os troncos núa luziam ao sol, destacando-se o do velho no meio da folhagem com uns toques quentes de urucú e genipapo, cuja tinta o revestia de desenhos caprichosos com antiga e indelevel tatuagem, [...]. **1895** A. CAMINHA *Bom-Crioulo* i. 19: Era um pobre diabo de terceira-classe, moreno côr de genipapo, cabello rente, á escovinha, olhos negros, nariz acaçapado, cara magra, e cujo nome lá estava no livro de castigos um rôr de vezes. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* ii. 19: Pintava a cara con araraúba e genipapo e todas as manhãs passava coquinhos de assaí nos beiços que ficavam totalmente roxos. **1936** J. L. REGO *Usina* II. x. 172: Os pés de genipapo, os pés de laranjeira, os seus páus de roça, os bogaris das biqueiras, as roseiras velhas, tudo destruido, tudo posto abaixo, como se tivesse morrido bexiguento por lá. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xxvii. 324: A seiva do genipapo e do urucú lhe serviram de tinta de escrever, usando em vez de Mallat, como primitivamente, das pennas de ave. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 124: [...] Viu-se de vestido azul-do-mar [...] os braços côr de jenipapo [...].

jeniparana *s.f.* Var.: 9 *geniparana* [< T. ?].
Planta da família das lecitidáceas.

1930 G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 79: Desse mesmo homem, tive ainda o nome de algumas arvores que nos cercam: morrãozeiro, ucuúba, geniparana, esta ultima a tal das lindas flores.

jequi *s.m.* Var.: 8 *gequi, jequy, jiqui, giqui,* 9 *giquí, jiquí* [< T. ieke'i ~ VLB I. 84: *Coução de peixe* = Jequeâ: outros piquenos sẽ nassinho. Jequeî].
Rede de malhas, geralmente em forma de saco afunilado, utilizada em pescarias; cesto ou covo para apanhar peixe.

1874 J. ALENCAR *Ubirajara* iv. 73: Vieram os jovens pescadores da taba com os anzóes e gequis saber do hospede que peixe elle preferia. **1875** B. GUIMARÃES *A Escrava Isaura* (ed. 1918, xx. 255): — Não te arrebites, minha Rosa; já agora não ha remedio senão contentar-me comtigo, que em fim de contas tambem és bem bonitinha, e... tudo que cahe no jequy, é peixe. **1875** J. ALENCAR *O Sertanejo* II. viii. 130: [...] lá no Inhamuns quanta piabinha bonita havia foi direitinho para o jiqui. **1881** F. TÁVORA *Lourenço* (ed. 1902, iv. 49): As aguas nesse ponto estavam esverdeadas, e grandes camorins, prateadas carapebas, e tantos outros habitadores do rio mostravam-se boiando por entre as crostas venenosas, embriagados pelo forte narcotico dos cipós; outros enchiam *giquis* enfiados nas cercas. IDEM *Ib.* viii. 112: Venho fugindo do malvado, e caio dentro do meu *giqui*. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma*

xii. 169: Então Macunaíma se lembrou de fazer uma pescaria. Porêm não podia pescar nem de frexa nem com timbó nem joticá nem cunambi [...] nem itapuá nem de giquí [...]. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 216: [...] é homem só de cercar parí no trecho estreito do rio, armar jiqui na saída de poço, e soltar carueira de oito anzóis na lagôa, para biscate de pegar os peixes mais tolos de todos...

jequiri *s.m.* Var.: 7 *jekeri*. Cp. JUQUIRI [< T. ?].

V. abon.

*c*1767 J. DANIEL *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, II. (1840) 449: A herva *Jekeri*, chamada por alguns malicia das mulheres, não sei se por muito espinhada, se por se encolher quando a tocão em alguma folha, mostrando-se melindrosa, e inculcando-se por encolhida e muita recatada, sendo que é uma grande peste e refinado veneno, propriedades todas muito proprias das mulheres, é tambem muito frequente e usual no Amazonas.

jequiriti *s.m.* Var.: 8 *jequerity* [< T. ?].

Planta da familia das leguminosas, subfamília das papilionáceas.

1874 J. ALENCAR *Ubirajara* iv. 74: Seus dedos ageis enfiavam as sementes de jequerity, de que fazia um ramal para seu collo gentil.

jequitibá *s.m.* Var.: 5 *juquitibá*, 7 *jequitiba*, 8-9 *jequitibá*, 8 *jiquitibá* [< T. jikĩtĩ'ua].

Planta da família das lecitidáceas.

Os textos aludem às grandes dimensões da árvore e à qualidade da madeira, muito usada em marcenaria.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXVI. 58): Juquitibá é outra árvore real, façanhosa na grossura e comprimento, de que se fazem gangorras, mesas dos engenhos e outras obras, e muito tabuado: e já se cortou árvore destas tão comprida e grossa, que deu no comprimento e grossura duas gangorras, que cada uma pelo menos ha de ter cinqüenta palmos de comprido, quatro de assento e cinco de alto. Esta madeira tem a côr bracacenta, é leve e pouco durável onde lhe chove; não se dão estas árvores em ruim terra. **1711** A. J. ANTONIL *Cultura e Opulência do Brasil* I. II. vii. 57: As Canoas, de Picay, Joairàna, Jequitiba, Utussica, & Angelí. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* I. 95: Entre outras arvores de boa madeira para construcção, carpinteria e marcineria, tem lugar distincto a Ajetahypéta, o Buranhé, o Cedro, o Condurú, o Coração-de-negro, Gonçalo-Alves, Jacarandá, Jacarandatan, Jacarandá-mulato, Jequitibá, Jetahy, Louro, Massaranduba, Mocetahyba. IDEM *Ib.* I. 395: Nas matas regadas pelos primeiros ramos do Rio Mucury ha cedros com trinta palmos de circunferencia: jiquitibás, de grossura prodigiosa; uma casta d'araticumzeiro, cujo fructo he do tamanho d'um ovo de perúa, e o mais saborozo de quantos se tem achado; [...]. **1856** D. MAGALHÃES *A Confederação dos Tamoyos* IV. 115: E o echo inda mais funebre e monótono, | Como o som do martello sobre a incude, | Da immovel araponga, que soluça | De ancião jequitibá altiva coma. **1869** B. GUIMARÃES *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, III. iv. 152): Na derribada das selvas depois de devastado todo o matto em redor, uma multidão de machados brandidos por braços vigorosos se reunem em torno do altaneiro jequitibá, rei das florestas, e a repetidos golpes acommetem-lhe o rijo tronco, que com a fronte immovel e sobranceira por longo tempo zomba dos esforços de seus aggressores: Tal estava Jaguarussú rodeado e assaltado por uma multidão de Chavantes. **1871** IDEM *Lendas e Romances* I. xi. 104: Dizendo isto, o truculento Zambi brandia o machadinho sobre a cabeça da pobre Florinda, que sempre desmaiada lhe pendia do braço, como tenro cipó enleado ao galho do robusto jequitibá. **1871** J. ALENCAR *O Tronco do Ipê* II. i. 7: Era um alto jequitibá, reliquia da antiga mata virgem; tinham-n'o conservado para dar sombra ao curral do gado. **1872** IDEM *Til* I. vi. 59: A faca brandida com força vibrava ainda no tronco do jequitibá, onde cravára a cabeça de um urutú, que estorcia-se de furia e dor. **1875** MACHADO DE ASSIS *Americanas* 129: Seu porte, entre os irmãos, semelha á vista | Jequitibá robusto; mais que todos, | Terror inspira e universal respeito. **1883** B. GUIMARÃES *Folhas de Outono* 156: [...] A turba dos bugios, | No tronco excelso do jequitibá, | Por onde o sol nos ramos luzidios | A frouxo os raios tepidos resvala, | Aos mil rumores meiga se intercala | A voz do sabiá, | Com pausada, plangente melodia | Embalando no occaso o rei do dia. **1899** TAUNAY *No Declinio* iii. 30: O compadre era legitimo jequitibá; a comadre vivia vida de roça, onde quasi não se morre... **1900** J. NABUCO *Minha Formação* 293: A madrugada, a alta noite, a distancia não eram impedimento para elle, tratando-se de um nascer de sol, um effeito de luar, um fio de agua descendo pela pedra, um jequitibá escondido na matta virgem. **1929** G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* xvi. 348: Os jequitibás postam-se enormes, espectraes, á entrada da matta para guardar o mysterio verde. **1934** J. L. REGO *Bangué* II. iv. 92: Cantavam passaros pelos jequitibás e ella olhava embevecida para os paus linheiros quê iam com a sua copa nas alturas. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 222: E, do lado da encosta e do lado do vale, temos a mata: marmelinho, canela, jacarandá, jequitibá-rosa; [...]. IDEM *Ib.* 224: Primeiro, o "Venusberg" — onde impera a perpendicularidade excessiva de um jequitibá-vermelho, empenujado de líquens e roliço de fuste, que vai liso até vinte metros de altitude, para então reunir, em raqueta melhor que em guarda-chuva, os seus quadrangulares ramos.

jequitiguaçu *s.m.* Var.: 5 *jequigtiÿgoaçû, teguitî tiguaçu* [< T. jekĩtĩũa'su].

Planta da família das sapindáceas, saboeiro.

*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 22: Jequigtiÿgoaçû. Esta aruore da huãs fruitas como madronhos, e dentro huã cõta taõ rija como hũ pao q̃ he a semẽte, saõ das milhores contas que pode auer porq̃ saõ m^to^ iguais, e m^to^ pretas, e tẽ hũ resplandor como dazeuiche, a casca q̃ cobre estas contas amarga mais q̃ piorno, serue de sabaõ, e assi ẽsaboaõ como o milhor sabaõ de Portugal. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1899-1904: Contas Teguitî tiguaçu Saõ huãs aruores grãdes daõ huã fruita como modronhos tẽ dentro huã avelã tã dura como pao seruẽ p^a^ cõtas e pareçẽ azeviche que assi reluzẽ a casca desta fruita pareçe fino sabaõ e assi lauaõ a Roupa cõ ella e cabelos.

jererê *s.m.* Var.: 9 *gererê, gereré* [< T. *ịere're].

Pequena rede de pesca.

1928 M. ANDRADE *Macunaíma* xii. 169: Então Macunaíma se lembrou de fazer uma pescaria. Porêm não podia pescar nem de frexa nem com timbó nem joticá nem cunambi nem tinguí nem macerá nem no parí nem com linha nem arpão nem juquiaí nem sararaca nem gaponga nem de poita nem de cassuá nem itapuá nem de giqui nem de grozera nem de gererê, guê, tresmalho, cóvo, anzol de vara, todos êsses objetos armadilhas e venenos porquê não possuia nada disso. **1934** J. L. REGO *Bangué* II. ix. 132: Ouvia de longe a mulher de Zé Guedes com o gereré batendo nas pedras.

jerimum *s.m.* Var.: 5, 8 *gerumu*, 6 *jeremu, geremu, geremù*, 6, 8 *geremú*, 6 *jurumú*, 7 *geremú*, 8 *gerumú*, 8-9 *jurumum*, 9 *gerimum, girimum* [< T. ịuru'mũ].

Fruto do jerimuzeiro; abóbora.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, I. XLVI. 333): Chamam os índios gerumus às abobras da quaresma, que são naturais desta terra, das quais há dez ou doze castas, cada uma de sua feição: e plantam-na duas vêzes no ano, em terra úmida e sôlta, as quais se estendem muito pelo chão, e dá cada abobreira muita soma: mas não são tamanhas como as da casta de Portugal. Costuma o gentio cozer e assar estas abobras inteiras por lhe não entrar água dentro, e depois de cozidas as cortam como melões, e lhes deitam as pevides fora, e são assim mais saborosas que cozidas em talhadas, e curam-se no fumo para durarem todo o ano. IDEM *Ib.* 334: As [abobras] que em Portugal chamamos cabaços, chama o gentio pela sua língua gerumuiê, das quais tem entre si muitas castas de diferentes feições, tirando as abobras compridas, de que dissemos atrás. Estas abobras ou cabaços semeia o gentio para fazer delas vasilhas para seu uso, as quais não costuma comer, mas deixam-nas estar nas abobreiras até se fazerem duras, e como estão de vez curam-nas no fumo, de que fazem depois vasilhas para acarretarem água, por outras pequenas bebem, outras meias levam às costas cheias de água quando caminham: [...]. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 97: Pois ainda tenho muito que dizer delles [legumes] por que ha hũas como Aboboras a que no Reino chamaõ de guine, antes cuido serem as propias, de duas sortes das quoais a hũa se chama jeremu — e a outra jeremu pacoua, que seruem de mantimento, do coal se sustenta muita jente por ser de grande sustançia e se come asado e cozido e coando se lhe ajunta azeite e vinagre pode fazer postoleta na meza dos grandes pera os coais se compoem tambem em asucare como serem muito estimados e conseruãose muitos dias sem apodreserem. **1619** in *Livro Primeiro do Governo do Brasil* (ed. 1958, 280): [...] a m^to^ geremu E m^tas^ balansias E tem a jlha duas ribeiras daugua jnda q̃ saõ piquenas [...]. **1624** S. E. SILVEIRA *Relação do Maranhão* fl. 11: [...] & abobaras de diuersas castas, & bugangos, a q̃ la chamão geremùs, [...]. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 176*v*.: jeremu quer dizer abobra e tem duas ou tres castas compridos e redomdos e outros pequenos que sam pimtados damarelo e uerde e a folha e a frol he como a da nosa tera e cam bomus de comer. **1648** M. CALADO *O Valeroso Lucideno* IV. v. 264: Cada qual manda do comer que tinha, | A vitella, o carneiro, & o leitaõ, | O cabrito, o perum, pato, & galinha, | O jurumú, a faua, & o feijaõ: [...]. *c*1677 S. P. MORÃO *Queixas de Pernambuco* (ed. 1965, 99): Entre os alimentos medicamentosos entram também as alfaces cozidas, as chicórias, abóbora a que no Reino chamam de carneiro e aqui de água, e não a que no Brasil chamam geremús, [...]. **1730** ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 39. 26: batatas, inhames, geremûs, carazes brancos, roxos, e de outras cores, e castas, mangarãs, mangaritos, tamataranas, remedio insigne para os enfermos de estilicidio, e asma. **1876** F. TÁVORA *O Cabeleira* ii. 39: Mas ainda o primeiro gerumú não se havia derretido entre os poderosos molares do faminto animal, [...]. IDEM *Ib.* ix. 163: — [...]. Pois morreu o Liberato, tão bom amigo nosso, que nunca nos faltou com geremús, cannas e criação? IDEM *Ib.* 310: Chama-se no norte *geremú* ao que se chama aqui *abobora*, e *macaxeira* ao que se chama

aipim. **1878** IDEM *O Matuto* v. 57-58: Imaginai uma creatura humana com entranhas de tigre; na mão o páo ou a faca prestes para offender ou ferir a quem estava perto, a pedra para atirar contra quem estava longe; sempre a saltar e a correr pelo caminho, a trepar-se nas arvores novas, primeiro que nas arvores idosas por serem mais faceis de quebrar-se com o peso do corpo as primeiras do que as ultimas; imaginai um ente essencialmente malevolo que cortava, por gosto de fazer mal, os gerumuzinhos ainda na herva, arrancava as batatas verdes, despedaçava os maturis, queimava as cercas, quebrava as pernas ás aves domesticas, que se achavam a seu alcance quando elle entrava em seu furor; [...]. **1886** J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 299): Em não havendo peixe, alimentavam-se com mingaus de jurumum, de banana, [...]. **1902** E. CUNHA *Os Sertões* 131: Volvem os vaqueiros ao pouso e alli, nas redes bamboantes, relatando as peripecias da vaquejada ou famosas aventuras de feira, passam as horas matando, na significação completa do termo, o tempo, e desalterando-se com a *umbusada* saborosissima, ou merendando a iguaria incomparavel de gerimum com leite. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* xvii. 250: O catimbozeiro possuia uma cabaça encantada feito com a metade duma casca de gerimum. **1934** G. RAMOS *S. Bernardo* xxxvi. 215: Tinha uma casa grande, mas a casa estava sempre cheia, o girimum caboclo apodrecia na roça — e por aquellas beiradas ninguem tinha fome. **1934** J. L. REGO *Banguê* I. ii. 17: Cem saccas de lá arrancava dali, milhares de alqueires de milho, e carros e mais carros de gerimuns vinham para os porcos. **1935** JORGE DE LIMA *Calunga* x. 86: — Sêo doutor Lula, os porcos do coronel comeram pra amanhecer hoje o roçado de gerimuns, passei fogo nos bichos que deixei o campo coalhado. **1936** J. L. REGO *Usina* II. vi. 131: O dr. Juca não tomaria do povo as vasantes, aonde só crescia o gerimum e a batata doce. IDEM *Ib.* II. xii. 198: Com tres mezes dava tudo: a batata doce, o girimum de leite, a folha larga de fumo. **1937** IDEM *Pureza* xxxi. 330: O porco do pé de juá estava gordo, á custa do gerimum de leite. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xx. 234: — [...] e milho, arroz, feijão, jurumum, mundubi, tabaco, melancia, algodão, ananaz, banana. Um pouco de cada, mas de um tudo... Foi assim que meu fallecido me ensinou.

jerimuzeiro *s.m.* Var.: 8 *gerumuseiro* [< jerimu(m + -z- + -eiro].

Planta da família das cucurbitáceas; aboboreira.

1876 F. TÁVORA *O Cabeleira* xiii. 222: Estava verde, limpa, matizada de fructos. Com os ramos de gerumuseiro se confundiam as folhas lanceoladas do batateiral.

jerivá *s.m.* Var.: 7 *jarivá,* 8-9 *gerivá* [< T. *ʷieri'ua].

Palmeira da subfamília das cocosoídeas.

1783 M. C. ABREU *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 261: Tem muitos palmitos, de que se sustentam os sertanistas e de varias qualidades, como são a guarirova, jarivá, guacuri e palmito molle; [...]. **1792** F. O. BARBOSA *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 24: [as margens do rio Tieté] Tambem tem muitos palmitos, com que se sustentam os sertanistas; e são de varias qualidades, cujos nomes são: nhasaruamembeca, guarerovas, e jarivás, cujos côcos se comem, e o gosto é propriamente similhante ao côco da Bahia. **1872** J. ALENCAR *Til* I. xi. 115: Além, na assomada de uma collina frondosa um vistoso ramalhete de palmeiras de diversas especies, entre as quais avultava o gerivá com seus lindos pennachos. IDEM *Ib.* IV. i. 7: Uma linha de gerivás corre-lhe em frente, moldurando com as verdes arcadas a volta das janellas, o que dá ao edificio graça e chiste especial; pois enfeita a simples architectura com os florões e recortes das palmeiras. **1913** SIMÕES LOPES *Lendas do Sul* 49: Amigo! As suas onças parecem talas de gerivá, que só cai uma de cada vez.

‖ **jeroqui** (*yeroquig*): v. abon.

*c***1607** J. RODRIGUES *Relação* in S. Leite *Novas Cartas Jesuíticas* (1940) 241: Têm um [feiticeiro] a que chamam *yeroquig,* que dizem ser um anjo, que veio do céu. [É oportuno assinalar que há um T. ʲero'kĩ com a acepção de 'mesura' ~ VLB II. 36: *Mesura de molher* = Ieroquig; *Ib.*: *Mesura de homẽ* = Ieroquig. Pigbojra ~ É possivel que o termo tupi também significasse feiticeiro, em alusão às 'mesuras' e aos gestos de submissão com que os feiticeiros se dirigiam às divindades, implorando auxílio ou agradecendo um beneficio concedido].

jetica *s.f.* Var.: 6 *gitica, jetica,* 8 *jetyca* [< T. ʲe'tĩka ~ VLB I. 53: *Batata* = Jetigca].

Nome indígena da batata-doce, planta da família das convolvuláceas.

*c***1631** C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 176*v.*: gitica quer dizer betata e ha de tres castas amarelas e bramquas e cam muito bomas cozidas ou asadas primsipalmente as amarelas elas tem a folha e a frol como aqui esta pimtada e a frol he cor rozada e brâqua e apremtão cam da betata mesma partemna em padasinhos e qdada padaso da muitas emfimdas. **1663** S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 79. 157: [...] cipó de camaras, béthele, pimenta quatro generos, gingibre, cayapiá, caapéba, caraóba, caàtimay, caàtaya, jetica, vrùcatú, jaborandi, nhambí, tajóba, jeçapé, inimboya. Todas estas saõ eruas medicinaes, das mais conhecidas, & vsadas, de virtudes tão raras, que fora necessario hum Dioscorides pera descreuellas. **1865** J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, xxxii. 188): Pousando a creança nos braços paternos, a desventurada mãi desfalleceu como a jetyca si lhe arrancam o bulbo.

jeticuçu *s.m.* Var.: 5 *jetigcuçú, jeticuçu,* 8 *jetícu cu* [< T. ʲetĩku'su < ʲe'tĩka 'batata-doce' + u'su 'grande'].

Batata de purga, também conhecida por tapioca de purga e mechoacão, planta da família das convolvuláceas.

*c***1584** CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 23*v.*: Jetigcuçû. Este he o Mecheocaõ das antilhas, saõ huãs raizes cõpridas como rabaõs, mas de boa grossura seruẽ de purga tomase esta raiz moida em vinho, ou agua pª febres. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXI. 44): Jeticuçu é uma erva, que nasce pelos campos, e lança por cima da terra uns ramos como batatas, os quais são umas sementes pretas como ervilhacas grandes; deitam estas ervas umas raizes por baixo da terra como batatas, que são maravilhosas para purgar; do que se usa muito na Bahia; as quais raizes se cortam em talhadas em verdes, que são por dentro alvissimas, e secam-nas muito bem ao sol; [...]. *c***1594** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1487-1499: Jeticucu Este he o Mexuaquaõ das Jndias ha pouco tempo q̃ he descuberto e ha mᵗᵒ serue pª purga a todo o brazil e he boa faz algũ tanto fastio tomasse em polme e cõ vinho ou agoa ou no caldo ou feita em cõserua de mᵗᵃˢ maneiras se da as folhas he como a manᵃ de mãdioca farpadas a semẽte he triangular mᵗᵒ preta a flor he como campainhas e colhẽno qᵈᵒ o fruito esta em sua perfeiçaõ em todo tempo q̃ o haõ mister ẽ q̃ naõ esteja perfeito sẽpre faz obra. He boa pª toda emfermidade e he a cõmũ purga do brazil q̃ se pudera escreuer mᵗᵒ della. **1813** C. J. CARDOSO *Plantas de Minas Gerais* in RAPM, VII. (1902) 748: *Jeticu cu, Batata de purga.* (Convolvulus aperculatus.) — Raiz purgante, que produz os mesmos effeitos, que a Jalapa; he menos estimulante, assim como tambem em resina; mais abundante em Piracatu, onde poderá custar cada libra de rais secca em rodas 80 reis.

jetivi *s.m.* Var.: 6 *jetiuy,* 7 *jetivy* [< T. ietï'ĩ < ʲe'tĩka 'batata-doce' + -ĩ; cp. nana'ĩ < na'na + -ĩ; v. ABATIVI].

Vinho de batata.

1663 S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* I. § 141. 87: [...] outros [vinhos] de batata, que chamão jetiuy: [...]. **1757** D. L. COUTO *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 63: Em fazer varias castas de vinhos, engenhosos alguns, contão trinta e duas especies. Huns feitos da fruta a que chamão cajá, outros de Aipy, e são de duas castas, a hũa chamão cavycaraçú, a outra cavymachaxera; outros fazem de banana, a que chamão pacoba, outros de milho, a que chamão abativy, outros de ananaz, que chamão nanavy, he generoso, e eficaz; outros de batata que chamão jetivy.

jia *s.f.* Var.: 6-7 *gia,* 9 *jia.* Cp. JUÍ [< T. iu'i (> *ʷiui > *ʷii) ~ VLB II. 96: *Rã dagoa* = Iuî: especies são muitas ~ A terminação *-a* do voc. port. é a desinência do feminimo, pois do T. ju'i origina-se, normalmente, *juí* ou *ji*; v. JUÍ].

Espécie de rã.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 132: [...] — gia — animal de feiçaõ de Ram — e tamanho como hũ caguado, muito bom pera se aver de comer e quem quer que o tiuer não careçera de bõa cea [...]. **1789** F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 119-120: Gia, a maior das Rans do Brasil com a extensão de hum grande Sapo, e a mesma figura. A cabeça depressa; bocca nimiamente ampla, olhos grandes, convexos, salidos [...] Todo o corpo coiraceo, brando, nitente. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 319: — Apareceu uma jia na horta, e pererecas dentro de casa, pelas paredes...

jibóia *s.f.* Var.: 5, 7-8 *giboya,* 5 *gibóia, giboja, jiboa,* 7 *gyboya,* 7-9 *giboia,* 7 *gyboia,* 9 *jibóia.* Cp. JIBOIAÇU [< T. ĩ'ɱ oia ~ VLB I. 76: *Cobra* = Boya Gnro (*scil.* gênero) suas especies são muitas (...) Giboya. grandissima da terra, dagoa maior que todas (...)].

Cobra não venenosa da família dos boídeos (*Constrictor constrictor*); jiboiaçu.

O grande ofídio impressionou bastante os primeiros cronistas do Brasil. Todos a ele se referem com admiração, descrevendo-o pormenorizadamente.

*c***1584** CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 16*v.*: Giboya. Esta cobra he das grandes q̃ por qua ha, e alguãs se achaõ de 20 pees ẽ cõprido saõ muyto gallantes: mas mais o saõ em engullir hũ veado intr. naõ tem peçonha, nem os dentes saõ grandes conforme ao corpo pera tomar a caça de q̃ se sustenta usa desta manha estendese p'los caminhos, e em praepassando a caça lançase sobre ella, e de tal maneira, se enrodilha, e a aperta q̃ lhe quebra qᵗᵒˢ ossos tem, e depois a lambe, e seu lamber tem tal uirtude q̃ a moe toda, e então a engolle, e traga. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CIX. 153): Co-

mecemos logo a dizer das cobras a que os índios chamam gibóias, das quais há muitas de cinquenta e sessenta palmos de comprido, e daqui para baixo. Estas andam nos rios e alagoas, onde tomam muitos porcos d'agua, que comem; dormem em terra, onde tomam muitos porcos, veados e outra muita caça, o que engolem sem mastigar, nem espedaçar; e não há dúvida senão que engolem uma anta inteira, e um índio; o que fazem porque não tem dentes, e entre os queixos lhe moem os ossos para o poderem engolir. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1185-1194: Cobras da terra Giboja Saõ das majores emgolẽ hũ veado intrº saõ pintadas cõ manchas pretas e pardas huã vi de vinte pes de cõprido mas aj mᵗᵒ majores naõ tẽ peçonha nẽ grandes dẽtes poẽse nos caminhos a esperar a caça e lãsase sobre ella e de tal manrª a aperta q̃ lhe quebra todos os ossos e assi a lambe e a faz como limos e o come e se ha anta q̃ he Rija metelhe o Rabo per detras e lhe tira as tripas. *c*1596 S. Travaços *Declaração do Brasil* xlix. fl. 38*v*.: Ha muitos generos, e castas de cobras, das quais as Jiboas saõ tamanhas que engollem hum bezerro inteiro, E ia se uirão alguãs de nouenta palmos de comprido. *a*1696 G. Matos *Obras* (ed. 1969, I. 198): A tal era uma Tapuia | grossa como uma jibóia, | que roncava de tipóia, | e manducava de cuia: |. 1730 Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 64. 39: Em generos de cobras monstruosas, a giboya, taõ grande, que se alcança o mayor touro, o prende com a cauda, e apertando-lhe os ossos, lhos quebra, e o come. *c*1762 Jaboatão *Novo Orbe Seráfico Brasílico* (ed. 1858-1862, II. iii. 670): [...] e taõbem alguãs Gyboyas, outra especie de cobras, que mais habitaõ em terra do que na agoa, em a qual continuamente moraõ as Sucuruyubas. [...] e por ser lugar naõ habitado ainda chamado o Desterro, estes animaes, especialmente as Gyboyas, que andaõ taõbem por terra, e mais continuamente, além de atrevidas e vorazes, em grande numero, [...]. 1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 493: Ha neste sitio, [villa de Portel] ou em seu termo, grandes giboias, e se nutrem de antas, porcos e veados, e do mais que encontram. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 258: [Reptil terrestre] Giboya, de duas especies. [*Nota*] A palavra *giboya* é composta de *gi* e de *boya*; a de *boya* é a que corresponde á cobra. 1781 Durão *Caramurú* VII. lvi. 218: As Giboias, que cingem volumosas | Na cauda hum touro, quando o dente o ataca: |. 1782 F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* I. xi. 178-179: [...] fritos entam em qualquer banha, e melhor se for banha de Teyû, ou Giboia animaes particulares á este Paiz, [...]. 1789 Idem *Ib.* II. 143: Gyboia, serpente grande com a cabeça depressa; olhos brilhantes, de noite phosphoricos; [...] O corpo cuberto de esquama imbricata branda; côr cineracea flavescente, com manchas pelo dorso orbiculares, e semilunares pelos lados. A extensão do corpo até vinte palmos. He tarda nos movimentos; o morso se dirige a preza, ou defensa, sem veneno. 1817 Casal *Corografia Brazílica* I. 72: A giboia, [reptil] que apenas se distingue da precedente [surucucú] em quanto á grandeza, e matizado da pelle, não tem ferrões, nem morde; quando péga em algum vivente, sempre he para o comer: nunca lhe faz bote sem primeiro ter laçado a cauda a um tronco, afim de que a preza não possa arrastalla; e depois de a ter bem fatigada, cinge-se-lhe á roda do corpo tão apertadamente, que lhe quebra os ossos, e a mata. 1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 27: A giboia tambem disforme em Tamanho, e á qual se attribue a virtude de attrahir á si todos os animaes, que passam á sua pequena distancia: [...]. 1856 D. Magalhães *A Confederação dos Tamoyos* III. 94: [...] Acaso alguma vez frouxos trementes | Canguçús e giboyas subjugando? 1857 J. Alencar *O Guarany* (2ª ed., 1864, I. xii. 130): [...] amanhã vereis que nos traz algum jacaré, depois uma cascavel ou uma giboia; encher-nos-ha a casa de cobras e lacráos. 1863 M. A. Porto Alegre *Brasilianas* 46: Nos largos botareos, que a base escoram, | E no solo se entranham tripartidos, | Como ingentes giboias no profundo, | Talha o machado a corpolenta crosta. 1865 J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, xi. 64): — Tua boca mente como o ronco da giboia: [...] [*Nota do Autor, à pág. 214*] *Giboia* — cobra conhecida: de *gi* — machado e *boia* — cobra. O nome foi tirado da maneira porque a serpente lança o bote, semelhante ao golpe do machado; póde traduzir-se bem, cobra de arremesso. 1869 B. Guimarães *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. v. 85): Uma tunica, que lhe descia até os joelhos, enfeitada de pennas de brilhantes côres, lhe rodeava a cintura; um carcaz formado de pelle de uma monstruosa giboia lhe pendia dos hombros recheiado de mortiferas settas. 1870 J. Alencar *O Gaúcho* I. i. x. 89: A' imitação da giboia o envolvêra da baba, para que resvalasse ao longo da garganta. *a*1871 Castro Alves *A Cachoeira de Paulo Afonso* (1876) 67: "Crime! Pois será crime se a giboia | Morde silvando a planta, que a esmagara? | Pois será crime se o jaguar nos dentes | Quebra do indio a perfida taquara? 1871 B. Guimarães *Lendas e Romances* I. iv. 39: Cassange não podia supportar esta idéa: confrontava no espirito a grosseira e trombuda catadura de mãe Maria com a suave e gentil figura de Florinda, e achava desafôro que um dos seos mais insignificantes subditos tivesse uma tão linda okaia, emquanto elle, chefe omnipotente, se contentava com ter no seo girão aquella nauseabunda giboia. 1872 Idem *Hist. e Trad. Minas* III. i. 206: Parecia truculenta giboia procurando fascinar com os olhos a timida pomba, que pretende devorar. 1872 J. Alencar *Til* III. ix. 98: O arco já se convolvia em caracol: fechando-a e a seu companheiro em uma espira sinistra, que cerrava-se de instante a instante, como a constricção da giboia em torno á preza. 1874 Idem *Ubirajara* viii. 142: Pojucan recebeu o arco. Fincando nelle os pés, o guerreiro arrojou-se para traz como a giboia quando se enrista para armar o bote. 1875 Idem *O Sertanejo* I. vii. 83: Apostaria que anda tresnoitado, si não soubesse que você em ferrando á dormir é como giboia quando engoliu veado. 1876 Couto de Magalhães *O Selvagem* II. ii. 33: Quem visita uma aldea selvagem visita quasi que um museu vivo de zoologia da região em que está a aldêa; araras [...] sycurijús, giboyas e jacarés, [...]. 1877 B. Guimarães *Maurício* I. vi. 54: Desse terraço avistavão-se as lezirias e vargedos, por onde corre o Rio das Mortes, e aqui e alli o veio do rio brilhando ao sol, como a escama scintillante da giboia, que se esgueira por entre as moutas. 1883 Idem *Rozaura a Engeitada* (ed. 1900, I. i. 10): Iremos talvez pela centesima vez, depois de uma caminhada de estafar, pôr-nos em extase a ver correrem as sombrias aguas do Tieté, lugubres e somnolentas como as do Lethes, que lá vão, como giboia preguiçosa, lambendo as margens tão monotonas como elle, e apenas sombreadas aqui e acolá por umas restingas de mato enfezado! 1936 J. L. Rego *Usina* II. xx. 286: E a São Felix por perto, rondando como uma giboia, marcando o bote. 1938 R. Morais *Os Igaraúnas* xvi. 183: E o incidente mais se aggravara com o desapparecimento dum casal de giboias que o tapuio criava na sua propria barraca, giboias destinadas à funcção de gato. 1946 Guimarães Rosa *Sagarana* 251: Passei banha de jibóia no aleijão da perna do Furta-Môça, trabalhei de dentista, p'r'amór de entupir com massa branca as panelas dos dentes dos dois [...]. 1956 Idem *Grande Sertão: Veredas* 409: A raiva não se tem duma jibóia porque jibóia constraga mas não tem veneno. 1959 Aníbal Machado *Histórias Reunidas* I. 160: As tropas recomeçaram a desfilar pelo vale do Anhangabaú. A jibóia reluzente se movimentava. As damas assestaram os binóculos.

jiboiaçu *s.f.* Var.: 5 *giboyassú, giboiassum, giboiossú,* 6 *giboioçú* [< T. ji̇̃ *m* oi̯a'su < ji̇̃' *m* oi̯a 'jibóia' + a'su 'grande'].
Jibóia.

*a*1576 Gândavo *Trat. Prov. Brasil* (ms. do British Museum) 1238-1254: Ha nestas partes muitos bichos mui feros e pessonhentos, principalmente cobras de muitas castas e de nomes diuersos. Hũas ha tão grandes e tão disformes q̃ engollem hũ veado todo inteiro, & affirmão q̃ tem esta cobra tal quallidade que de pois de o ter comido arrebenta pella barriga e quanta carne tem pello corpo apodrece e fica sómente no espinhaço cõ a cabeça e a ponta do Rabo saã e tanto q̃ desta maneira fica torna pouco a pouco a criar carne noua ate que se cobre outra vez da mesma carne tão perfeitam[en]te como dantes. Jsto virão e expremẽtarão muitos jndios e moradores da terra. A esta chamão pella lingoa dos jndios Giboyassú. [*à margem, lê-se*: Giboiassum; *no ms. da BNL, fl. 41, lê-se*: Giboiossú]. 1610 J. Monteiro *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.*, VIII. (1949) 422: A maior de todas [*as cobras*] se chama giboioçú. Engolem um Veado inteiro, são manchadas de preto e pardo, com muita graça. Um Padre me disse vira uma de comprimento de 20 pés. Indo nós visitando as Aldeias de Pernambuco, vi uma de estranha grandeza e grossura. Fez-me pouco medo por estar morta. Mandei-a medir, tinha de comprimento mais de 20 palmos, de diâmetro mais de um palmo e meio. Mantêm-se de caça pera o que se põe em veredas por onde ela passa, e de salto se enrodilha nela e aperta de tal sorte, que lhe moi todos os ossos, e porque às vezes comem vacas, e não são tão fáceis de morrer, com o rabo por detrás lhe vai tirando as tripas, e assi a mata.

jiquitaia *s.f.* Var.: 6 *juquitaia, jiquitaia,* 6-7 *giquitaia,* 6 *giquitaya,* 7 *jektaia* [< T.i̯ukĩ'tai̯a ~ VLB II. 112: *Salpimenta* = Juquigtaya].
Pimenta-malagueta reduzida a pó.

*c*1607 J. Rodrigues *Relação* in S. Leite *Novas Cartas Jesuíticas* (1940) 231: Não comem mingau, nem pimentas, nem juquitaia, nem sal, com estarem junto do mar, e se lho dão do reino, comem-no. *a*1696 G. Matos *Obras* (ed. 1969, IV. 979): vos mandou pôr atalaia | o vosso amigo da praia, | e vendo, que o outro malho | vos punha de vinha-d'alho | quis pôr-vos de jiquitaia |. *c*1698 J. F. Betendorf *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 179: [...] e a terceira farinha com sal e pimenta, que chamam giquitaia. Idem *Ib.* 223: [...] a matalotagem que me deram foi um paneiro de farinha com giquitaya, e uma piroleira de aguardente, que me deu Agostinho Duarte, esta em uma quarta que servia de agua por não haver piroleira. *c*1767 J. Daniel *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, II. (1840) 341: Nas mulheres é a proporção o seu dote e alfaias. Vem a ser uma cuia, um pequeno cabaço de jektaia ou malagueta, que lhes serve de tempero em todos os seus guizados; [...]. 1782 F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* I. vii. 149: [...] levando as ditas Pimentas secas reduzidas a pó com o nome de giquitaia para dellas se servirem por esses dilatados caminhos na necessidade.

jirau *s.m.* Var.: 5, 9 *jirau,* 5 *iurao,* 6 *juraó, jurau,* 6, 9 *girao,* 6, 8-9 *giráo,* 8 *giraó, gyráo,* 8-9 *girau, giráu* [< T. i̯u'ra; cp. T.

ĭuraï*ŋ*a'te 'varanda, balcão' < ĭu'ra 'jirau' + ï*ŋ*a'te 'alto'; cp. T. ĭuraï'ta 'tirante de casa' < ĭu'ra 'jirau' + ï'ta 'armação' ~ VLB II. 141: *Uaranda, ou balcão* = Iuraigbate; *Ib.* I. 32: *Alta cousa, ou altura para cima* = Igbatê; *Ib.* II. 128: *Tirante de casa* = Iuraigtà; *Ib.* I. 41: *Armação pollas principaes peças em que se sostenta qualquer cousa ou machina* = Itâ].

Espécie de plataforma, geralmente de tábuas ou ripas, que fica acima do nível do piso de um pavimento e é apoiada sobre colunas ou consolos ou, então, suspensa por tirantes ao teto do pavimento; em sentido amplo, toda e qualquer armação que repousa sobre forquilhas fixadas ao chão e que tem as mais diversas aplicações: serve de assento ou de leito; para assar a caça ou guardar mantimentos; para secar as redes de pesca ou as roupas do corpo, etc.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cli. 246): [...] e por cima dêstes tirantes [*único repartimento*] das casas lançam umas varas arrumadas bem juntas, a que chamam jiraus, em que guardam suas alfaias e seus legumes, que se aqui curam ao fumo, para não apodrecerem; [...]. *c*1596 S. Travaços *Declaração do Brasil* xxvi. fl. 22*v.*: E por cima destes tirantes das casas lançaõ huãs uaras arrumadas muito iuntas, a que chamaõ iuraos, em que guardaõ suas alfaias, e ligumes, e os curaõ ao fumo, pera naõ apodrecerem, [...]. **1627** V. Salvador *Hist. Brasil* I. xiii. fl. 24: [...] guardaõ em huñs canissos que fazem chamados juraós, onde tambem curão ao fumo os seus legumes, porque se naõ corrompam, e sem terem caixas, nem fechaduras, e os ranchos sem portas todos abertos, saõ tam fieis huñs aos outros, que naõ há, quem tome, ou bulla em couza alguã sem licensa de seu donno. **1654** A. Vieira *Cartas* (ed. J. L. Azevedo, 1925, I. 394): Depois de mortos os assaram e comeram como costumam, e ainda o mesmo soldado viu os juraus, que são umas grelhas de pau, em que foram assados. **1656** J. Sotomaior *Jornada ao Pacajá* in DAP, VIII. (1945) 4: [...] os Portugueses fiserão sua caissara mui forte, a hũ lado da Aldea: eu me não quis meter nella mas levantei hũm girao mistico com a Igreja, em que me agasalhei e fis hũa pequena rossa de feijoens, milho, e outras sementes para me ajudar a sustentar e naõ ser pesado aos indios tapejaras. Idem *Ib.* 7: [...] chegando a aldea me sairão a receber todos com mostras de muita alegria, e me levarão para hum girao pequeno, que para mim tinhão despejado, e limpo: a primeira cousa que fiserão, em me asentando na rede, foi cercarem me, e fazerem me hum sapiron mui enternecido, eu desimulei pelos não desgostar nisto: [...]. **1681** A. O. Cadornega *Hist. Guerras Angolanas* (ed. 1942, III. 105): [...]; e puzerão sua cabeça em cima de hum *ocalo*, ou girão alto, para memoria daquella façanha; [...]. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 221: [os Bugres] Guardam-nos [pinhões] em *girões*, que sam como os canniços de seccar as castanhas. **1865** J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, i. 14): [...] á espaços o olhar empanado por tenue lagrima cahe sobre o giráo, onde folgam as duas innocentes creaturas, [...]. [*Nota do Autor, à pág. 202*] *Giraó* — Na jangada é uma especie de estrado onde accommodam os passageiros: ás vezes o cobrem com tecto de palha. Em geral é qualquer estiva elevada do solo e suspensa em forquilhas. **1869** Varela *Cantos Meridionais* in *Obras Completas* (ed. 1896, II. 172): No vasto rancho ao lado giráo, | Onde os tropeiros [...]. **1871** B. Guimarães *Lendas e Romances* I. iii. 34: Você, pae cabra, vai para teo rancho, deita no giráo, accende teu pito, e dorme com Deos. **1872** Idem *O Garimpeiro* xvi. 221: — Agora pódes falar, Simão, disse sentando-se á beirada do giráo. **1872** Taunay *Inocência* (2ª ed., 1884, xiv. 142): Porque não imitava os bacorinhos que, entrando familiarmente pela sala a dentro, se haviam abrigado dos ardores do dia e, deitadinhos debaixo de uns giráos, já resonavam, presa de gostoso somno? **1873** J. Alencar *Guerra dos Mascates* I. xiv. 167: Viam-se pela ribeira, proximos á jusante da maré, giráos cobertos de palha, onde costumavam os pescadores guardar as canoas; e [...]. **1874** Idem *Ubirajara* ii. 23: Os anciões sentados no longo giráo contemplam taciturnos a geração de guerreiros que elles ensinaram a combater, [...]. **1875** Idem *O Sertanejo* I. vii. 79: O sertanejo andava tão facil e seguro por aquelle giráo como pelo pavez de um sobrado. **1878** F. Távora *O Matuto* iii. 37: Quantas vezes, ao ver-vos descalços, mal vestidos e mal passados, não senti apertar-se-me o coração com pena de vós?! Esta pena redobrava sempre que, passando pela frente dos vossos casebres, eu descobria ahi por mobilia um banco tosco, uma caixa grosseira, um pote de agua suspenso entre os braços de uma forquilha enterrada no canto da salinha, e por leito de dormida para vós e vossos filhinhos uma esteira ou um giráo de varas! **1878** Taunay *Narrativas Militares* 78: [...] me metteu tamanho susto que por vezes de noute cheguei a pular do gyráo em que dormia, [...]. Idem *Ib.* 126: N'esses casos tratava de fazer um gyráosinho para não dormir dentro d'agua, [...]. **1881** F. Távora *Lourenço* (ed. 1902, x. 154): [...] enquanto se aproximava do giráo onde as gallinhas dormiam, viu tomando chegada, um vulto que veiu parar junto della. **1883** B. Guimarães *Rozaura a Engeitada* (ed. 1900, II. xi. 115): Em um giráo firmado sobre quatro toscas e grossas forquilhas fincadas no chão, estava estendida a misera velha em cima de uma encherga de palhas de milho, tão esfarrapada e poida que mais parecia um montão de lixo. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 12): De outro lado levantava-se, quasi á altura de dois metros o "tendal" ou girau de secar o cacáo, [...]. **1890** A. Azevedo *O Cortiço* iii. 53: [...] e quasi sem me ouvirem, a voz um tanto cansada já pelo serviço, defronte d'ellas, separado pelos giráos, formava-se um novo renque de lavadeiras, [...]. **1898** A. Arinos *Os Jagunços* II. i. 169: Muitas vezes, nas longas vigilias das noites grandes, julgou surprehender, de pé, junto ao giráu onde dormia, uma figura alva brilhando serenamente. **1902** E. Cunha *Os Sertões* 138: [...] o *bró*, que incha os ventres num enfarte illusorio, empanzinando o faminto; atesta os giráos de coquilhos; [...]. **1914** Coelho Neto *Rei Negro* viii. 298: Um girau baixo forrado de palha de milho, com um estraçalhado cobertor azul; [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* i. 9: Ficava no canto da maloca trepado no girau de paxiúba espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha, Maanape já velhinho e Jiguê na fôrça do homem. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 19: Aqui, tambem os curraes são feitos sobre giraus, para as longas invernadas, [...]. **1931** G. Aranha *O meu próprio romance* 96: No jardim, rosas, cravos, cravinas, mangeronas, malvas, em giraos e canteiros, gira-sóes, bugarys, espirradeiras roseas, limpa sapatos vermelhos. **1933** G. Ramos *Caetés* vii. 42: Suando, escrevi dez tiras salpicadas de Maracás, igaçabas, pennas de araras, cestos, redes de caroá, giraus, cabaças, arcos e tacapes. **1934** J. L. Rego *Banguê* II. vii. 113: Craveiros velhos no girão davam um ou outro cravo. Idem *Ib.* III. ix. 210: E saí para a horta. Lá dentro havia matto do tamanho das fruteiras; os leirões da velha Sinházinha, ciscados pelas gallinhas, o girau dos craveiros apodrecendo. **1934** Jorge de Lima *O Anjo* 82: Detrás das casas desses pescadores ha sempre cacos de panella onde plantam begonias e mangericão, giraus com flandres de alecrim e de losna. **1935** Idem *Calunga* xvi. 134: Passavam fundos de quintais pobres, ruas modestas, mangues com seus mocambos, tendo sempre ao lado a concharia do sururú e da ôstra, rêdes de pescar secando em giraus, cães gósos que arremetiam contra a máquina. **1936** J. L. Rego *Usina* II. xviii. 265: Pela beira da estrada havia casas de moradores, sitios, laranjeiras, giráus com craveiros, pitangueiras, rodeando os casebres e hoje era aquelle cannavial só, perdendo-se de vista. **1938** G. Ramos *Vidas Secas* 60: chegou-se ao girau onde se guardavam cambucos e mantas de carne, abriu a mochila de sal, tirou um punhado, jogou-o na panella. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 216: — Foi tempo de meu compadre Silivério destorcer da caxerenguengue e pular fora do jirau: ainda viu o outro subindo parede arriba, de pé em-pé! **1956** Idem *Grande Sertão: Veredas* 137: Me levou para um quarto, onde tinha um jirau com enxergão, me botou lá à la vontade, fechou a porta.

jitinga *s.f.* Var.: 5 *nhitinga* [< T. ĭe'tiŋa) ~ VLB II. 43: *Mosquitos, como de uinho* = Nhẽtĩgaruru: outros tambem piquenos que acodem âs feridas e põe cancere. Nhetĩga].

Espécie de mosquito: v. abon.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. xcii. 124): Digamos logo dos mosquitos, a que chamam nhitinga; e são muito pequenos e da feição das môscas; os quais não mordem, mas são muito enfadonhos, porque se põem nos olhos, nos narizes; e não deixam dormir de dia no campo, se não faz vento. Êstes são amigos de chagas, e chupam-lhe a peçonha que tem; e se se vão pôr em qualquer coçadura de pessoa sã, deixam-lhe a peçonha nela, de que se vem muitas pessoas a encher de boubas.

|| **jitiquera** (*gitiquera*): v. abon.

1617 in ABN, LXXXII. (1962) 260: [...] e se comesarão ao pé de hum gitiquera grande que tem duas cruzes [...].

jitirana *s.f.* Var.: 8 *gityrana* [< T. ?].

Planta da família das leguminosas, subfamília das papilionáceas.

1782 F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* I. vii. 153: A Gityrana, conhecida tambem pelo nome de Salsa da praia, hé huma erva que nasce, e se cria em terrenos humidos [...] ella hé huma especie de cipó, que estende pela terra enredando-se mutuamẽte os seus ramos [...].

juá *s.m.* Var.: 6 *joà*, 7, 9 *joá(s)*, 7 *joaz*, 8-9 *juá* [< T. ĭu'a].

Nome comum a diversas plantas das famílias das solanáceas e das ramnáceas e aos seus frutos; juazeiro.

1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 87. 163: [*à margem*] andà engà, joà, moçarandùba, murici, [...] saõ fruitas agrestes, seruem a Indios, & a gado. **1702** A. Rosário *Frutas do Brasil* III. iii. 154: A fruta dos mercadores chamase Joás, como medronho, tem sua doçura com resaibo de amargura. **1721** F. F. Henriques *Ancora medicinal* (ed. 1731, 241): Joazes. Este frutto he do Brasil, muito semelhante ás frutas novas, he frio, e humido, mui delicioso, se se come com excesso, causa colicas, e indigestoens, porque a sua muita humidade o faz corrõmper facilmente. **1875** J. Alencar *O Sertanejo* I. viii. 87-88: O cavallo deste sertão de Quixeramobim caminha o dia inteiro, come um ramo de juá, e só bebe agua quando encontra a cacimba; Aonde ha mais va-

lente campeão? 1902 E. Cunha *Os Sertões* 140: E nem um cereus avulta mais em torno; foram cuminadas as ultimas ramas verdes dos joás... Idem *Ib.* 252: [...] as palmatorias, despidas em combustão rapida dos espinhos numerosos, os *mandacarús* talhados a facão ou as folhas dos *juás* — sustentam-lhe o cavallo; [...]. 1903 D. Olímpio *Luzia Homem* ix. 71: — Porque não os ensaboas com raspa de juá? Todas as moças, na redondeza das Ipueiras, têm cabellos lindos, que crescem depressa — dizem — por causa da agua de lá, que é virtuosa, a da tal raspa [...]. 1914 Coelho Neto *Rei Negro* viii. 297/298: Joás espinhentos, cocurutos verdes de melão de S. Caetano, piteiras espalmas e o folhedo escuro e largo dos inhames davam á lugubre covanca um aspecto hirsuto de abandonada miseria. 1918 Monteiro Lobato *Urupês* 56: O oitão ruira e o terrerinho pintalgava-se de moitinhas de guanxuma, cordão de frade e joás. 1926 Coelho Neto *Feira Livre* 160-161: Uma manhan, porém, descobre elle o sapê ou o joá, o espinheiro ou a vassoura. 1934 J. L. Rego *Banguê* II. ix. 128: O Coringa arquejava descendo suor pelo lombo. Parei debaixo de um pé de joá, afrouxando-lhe a cilha. 1936 Idem *Usina* II. vii. 139: Aonde estava o sitio das meninas de seu Lucindo, a casa de barro escuro, o pé de joá, o genipapeiro, as roseiras velhas que davam umas rosas que nasciam murchas? Idem *Ib.* II. x. 173: Voltava sempre e ficava por debaixo do pé de juá conversando e, quando não tinha com quem conservar, falando só. 1937 Idem *Pureza* vi. 44: Havia um pé de juá, bem verde, na porta daquella casa por onde eu passava. 1946 Guimarães Rosa *Sagarana* 114: [...] e nem pôde recuar, a coitadinha rasteira, porque no quintal os joás estavam brigando com o espinho-agulha e com o gervão em flôr. Idem *Ib.* 219: No chão, o joá-bravo defende, com excesso de espinhos, seus reles amarelos frutos.

II **juarana** (*joairâna*): v. abon. [Cp. jucirana].

1711 A. J. Antonil *Cultura e Opulência do Brasil* I. ii. vii. 57: As Canoas, de Picay, Joairâna, Jequitiba, Utussica, & Angeli.

juazeiro *s.m.* Var.: 8-9 *joazeiro*, 8 *joaseiro*, 9 *joàzeiro* [< juá + -z- + -eiro].

Juá.

1817 Casal *Corografia Brazílica* I. 96-97: O *Joazeiro*, que ama terreno arenozo, he do tamanho d'huma oliveira mediana: sua copa redonda, e espessa: as folhas, de que apenas se despe, quazi redondas, e finamente serreadas: seu lenho branco; sua cinza boa para a saboaria: a flor em pequenos, e redondos racimos: o fructo do tamanho de cereja, esferoido, amarellado, aspero no tacto, e com um caroço sarabulhento, do qual não he facil despegar a polpa, em quanto o fructo não está meio secco. He pasto de alguns quadrupedes, de jacús, e outras aves; ainda que sam poucos os saborozos. 1865 J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, iii. 21): [...] e mais longe, pendurada no rochedo, á sombra dos altos joaseiros, a cabana do pagé. Idem *Ib.* vi. 33: Martim vai á passo e passo por entre os altos joazeiros que cercam a cabana do pagé. 1875 Idem *O Sertanejo* I. i. 10: Apenas ao longe se destaca a folhagem de uma oiticica, de um joazeiro ou outra arvore vivaz do sertão, que elevando a sua copa virente por sobre aquella devastação profunda parece o derradeiro arranco da seiva da terra exhausta remontar ao céo. 1876 F. Távora *O Cabeleira* v. 105: — Perdôe-me, Luizinha. Nem eu a posso levar comigo, nem posso demorar-me por mais tempo. [...] Mas, espere por mim um pouco debaixo deste joazeiro, que eu quero que vossê me ouça. 1902 E. Cunha *Os Sertões* 43: Têm o mesmo caracter os joazeiros, que raro perdem as folhas de um verde intenso, adrede modeladas ás reacções vigorosas da luz. 1903 D. Olímpio *Luzia Homem* ix. 68: [...]: a campina verdejante humedecida de orvalho congregado no côncavo das folhas em gottas tremulas, os cabeças-vermelhas gorgeando nos mais altos ramos dos joazeiros frondosos; [...]. 1907 E. Cunha *Contrastes e Confrontos* 147: [...] a arborização em vasta escala com os typos vegetaes que, a exemplo do joazeiro, mais se affeiçoem á rudeza climatica das paragens; [...]. 1929 G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* xvi. 293: [...] as serras dos jatobás, onde se encostam as mattas de ingazeiras, de oiticicas e de joazeiros, e, sobre ellas e sobre as catingas, arribando, as infinitas e tumultuosas vagabundas avoantes, vorazes poeideiras. 1934 J. L. Rego *Banguê* II. ix. 128: Passei a perna no cavallo e comecei a voltar para casa, o Coringa affrontado, de pernas bambas. Tinha demorado bem duas horas no joazeiro. 1938 G. Ramos *Vidas Secas* 7: A folhagem dos joazeiros appareceu longe, atravez dos galhos pelados da catinga rala. 1956 Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* 77: Chegou um brabo, cabra de Zagaia, recomendado. — "Tua sombra me espinha, joàzeiro!"

jucá *s.m.* [< T. ju'ka: v. jucá (pau de)].

Planta leguminosa da subfamília das cesalpináceas, também chamada pau-ferro.

1878 F. Távora *O Matuto* xii. 150-151: Por onde corria a rua dos negros, composta de vinte a vinte e cinco casinhas, de cada lado, veem-se adjuntos de embiribas e jucás. 1935 Jorge de Lima *Calunga* xvii. 152: Meteram-lhe o buranhem a torto e a direito cortaram-lhe os bigodes a faca, deram-lhe com o cano das pistolas na cara, deixaram o cabra moido, precisando de banho de jucá nas feridas abertas por todo o corpo. 1936 J. L. Rego *Usina* II. x. 188: Botaram jucá nos ossos machucados do tio Feliciano.

jucá (pau de) *s.m.* Var.: 6-7 *jucar*, 6 *jucàr*, *jocar*, 6-7 *jucá*, 7 *jucár*, *juncar* [Em tupi ju'ka traduz-se por 'matar'. Os portugueses chamavam de 'pau de jucar' ao pau que os indígenas utilizavam para matar os inimigos. A var. *jucar*, em lugar de *jucá*, sofreu a influência analógica dos verbos portugueses da 1ª conjugação, terminados em *-ar* ~ VLB II. 33: *Matar como quer* = Ajuca].

Espécie de tacape: v. abon.

1612 in *Livro Primeiro do Governo do Brasil* (ed. 1958, 84): [...] È se metèdo no lodo, nelle ficauaõ peeguado E nelle lhes quebrauaõ os nossos indios as cabeças cõ Seus paos de jucar, cõtudo na retaguarda ouue m.te Resistẽcia porque peleiaua nelle monSiur de pizam general que uinha Suceder a Reuardiere o qual era mãcebo, [...]. 1648 M. Calado *O Valeroso Lucideno* IV. vii. 282: [...] & o maioral delles lhe quebrou a cabeça com hum pao de jucàr, & com isto ficou armado caualleiro, segundo suas gentilicas ceremonias. *a*1667 Heriarte *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 171): As suas armas [*dos índios*] são arcos de frechas, e uns páos lavrados a seu modo que lhes serve de espada, a que chamão *Tamarana*, ou páo de *jucar*, com que quebram as cabeças de seus inimigos. 1685 J. S. Ferreira *Noticiário Maranhense* iii. 211: [...] deixando o Cabo já cõ a cabeça quebrada, E outras pessoas que naquelle primeiro descarregar cõ seus paos de jocar acharaõ descuidadas das armas, E os que della nos ualemos lhe fizemos a inda alguã perda cõ que seretiraraõ, [...]. *c*1698 J. F. Betendorf *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 66: [...] derramara com elle seu sangue debaixo de um páu de jucá, ou ybirassanga, si o Céo o não guardára para cousas maiores; [...]. Idem *Ib.* 174: [...] ditoso se fez, porque vindo depois do sertão com uma canôa grande de escravos, confiado em o muito que todos lhe queriam, se deitou a dormir, o que vendo, os escravos lhe deram com um páu de jucá em a cabeça e o mataram, [...]. 1749 B. Berredo *Anais do Maranhão* xvi. 524: [...] e com os mesmos páos, que levavão nas mãos, que chamão jucár, (que quer dizer matar) ordinarias armas de muita parte das nações Tapuyas, lhe descarregaraõ pelas costas repetidos golpes na cabeça, de que cahio morto. 1757 D. L. Couto *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 39: Ferirão-se primeiro com setas, paos de Juncar e outras armas de arremeço. 1761 Jaboatão *Novo Orbe Seráfico Brasílico* I. ii. 13: [...] sahindo dos matos vizinhos huma grande multidão, que tinhaõ de emboscada, com arcos, frechas, e os páos de Jucar, que he o mesmo que páos de matar, [...]. Idem *Ib.* I. i. 83: [...] e foraõ victima da sua barbaridade, passados a frechas os corpos dos mais robustos, e quebradas as cabeças aos outros, á força de seus malhos, ou páos de Jucá, ficando a Villa quasi deserta: [...].

juçana *s.f.* Var.: 6 *iuçana* [< T. ju'sana (ñu'sana) ~ VLB II. 17: *Laço pera tomar* = Nhuçana].

Armadilha para apanhar pássaros; laço.

1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* I. § 128. 75: Pera aues tẽ tambẽ instrumẽtos diuersos, principalmente tres: chamaõ a hum Iuçana bipiyara, que caça pellos pẽs; a outra Iuçana juripiyara, que caça pellos pescoços; & a outro Iuçana pitereba, que caça pello meio do corpo.

juçara *s.f.* Var.: 5 *yçara*, *isara*, 6 *gesara*, *jeçara*, 7 *juçara*, 8-9 *jussara*, 8 *jussára*, 9 *jissara* [< T. ĵï'sara (ĵeï'sara). Cp. T. ĵeïsaru'ã 'palmito da juçara' (< ĵeï'sara 'juçara' + su'ã 'palmito') ~ VLB II. 63: *Palmito de qualquer palma* = Çuã. O .c. he relatiuo, e se se nomea o proprio nome da palmeira perde o .c. ut. Pindobuã. Patiruã. Jeiçaruã, etc.].

Palmeira da subfamília das ceroxilíneas.

1568 I. Azevedo *Visita* in S. Leite *Mon. Brasiliae* IV. (1960) 487-488: Em todas as cazas, em que está posto o Santissimo Sacramento, se procure sustentá-lo parte com azeite que lhes virá de Portugal, parte de esmolas e de azeite que se lhes dará da terra, de figueiras e yçaras e outras cousas que o derem. 1575 in ACSP, I. (1914) 76: [...] na obra q̃ se lhe havia de fazer pr.ª ce cobrir de palha e ripar de isara e pr andar a preguão [...]. *c*1607 J. Rodrigues *Relação* in S. Leite *Novas Cartas Jesuíticas* (1940) 219-220: [...]; os índios neste tempo comiam gesaras com peixe e mixilhõis. Idem *Ib.* 237: As casas dos índios, como não haja terra, são todas de *jeçara* a pique. *c*1767 J. Daniel *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, II. (1840) 349: Outros as fabrição de palmeira, que chamão *Juçara*, cujos espinhos são tão grandes e duros, que servem a muitos de agulhas de fazer meias: e as trincheiras feitas de *juçara* são mais seguras que as mais bem reguladas fortalezas; porque de modo nenhum se pódem penetrar e romper, senão com fogo, por crescerem não só cheias de grandes estrepes ou agudos espinhos, mas tão enlaçadas e enleadas umas com outras que se fazem impenetraveis. 1865 J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, ii. 18): [...], as agulhas de jussára com que tece a renda, e as tintas de que matisa o algodão. [*Nota do Autor, à pág. 204*] *Jussara* — Palmeira de grandes espinhos dos

quaes servem-se ainda hoje para dividir os fios de renda. **1872** IDEM *Til* II. xvi. 173: Espetando cada qual em um espinho de jussára, fincou-os no chão, deante de si, até o número de seis. **1874** IDEM *Ubirajara* vi. 105: "A Jussara tem setas agudas: mas Aracy quando atravessa a floresta, colhe o côco de mel, embora a palmeira lhe espinhe a mão. **1888** INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, II. viii. 102): Uma forte lufada que vergou a coroa dos miritys e das jussaras, levantou as folhas seccas que lastravam o solo, e que se puzeram a correr ao sabor do vento com um ruído de maracá selvagem. **1918** MONTEIRO LOBATO *Urupês* 219: [...] sempre coisas que a natureza derrama pelo matto e ao homem custa apenas o trabalho de espichar o braço, e colher — cocos de tucum e jissara, guabirobas, bacuparis [...]. **1919** IDEM *Cidades Mortas* 46: Um fogo insolente ronca dentro da prisão dos toros que quatro espeques de jissara mantem em fórma, escorados nos encruzes. **1929** G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* xii. 174: Ritinha trouxe do Maranhão uma rêde de tucum para o tio se deitar; uma cuia pintada para Jujú se banhar; rendas, crivos, lenços para Aracy se enfeitar; bacury, cupú, jussara para os primos regalar [...]. **1931** IDEM *O meu próprio romance* 122: Delirio da criançada, que apanha rapidamente as jussaras que se desprendem do cacho.

‖ **jucirana** (*jucirâna, juciranna*): v. abon. [Cp. JUARANA].

*c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1945-1953: Jucirana He boa p^{a} canoas e tẽ todas as feições que diz monardes da Aquatia so no cheiro tẽ deferẽca tẽ fauas depẽduradas por hũ pcé de 5 palmos de cõprido e no pe tem 5. e 6. fauas de cõprimento de palmo e dẽtro achaõ fauas como modo das de comer mas naõ tẽ dẽtro mais q̃ hũ licor pega m^{to} he bõ p^{a} visgo inda q̃ choua pega. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* II. 75: Fytologia. Entr'outras muitas árvores de boa madeira nomea-se o vinhatico, aderno [...] jucirâna, dito branco, dito vermelho, dito prégo; [...]. IDEM *Ib.* II. 145: Fytologia. Entre outras arvores, que dam madeira para a construcção, e marcineria, nota se [...] juciranna, [...].

juí *s.m.* Var.: 5 *juins* (pl.), *juií*. Cp. JIA [< T. i̯u'i ~ VLB II. 96: *Rã dagoa* = Iuî: especies são muitas].

Nome indígena da rã.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxv. 165): [...] e os seus ovos [das rãs da mesma casta da juiponga] são pretos, e de cada um nasce um bichinho com perpetanas e rabo, e as perpetanas se lhes convertem nos braços, e o rabo se lhes converte nas pernas. Enquanto são bichinhos lhes chamam os indios juins, [...] do que há sempre infinidade dêles, assim nas lagoas como no remanso dos rios; [...]. IDEM *Ib.* 166: Há outra casta de rãs, a que os índios chamam juií; e são muito grandes, e de côr pretaça, e desovam na água como as outras, as quais, depois de esfoladas, tem tamanho corpo como um honesto coelho.

juiguaraigaraí *s.m.* Var.: 5 *juigoaraigarai*. Cp. GUARARIEÍ [< T. ?].

Variedade de rã.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxv. 166): Ha outra casta de rãs, a que os indios chamam juigoaraigarai, que são pequenas, e no inverno quando ha de fazer sol e bom tempo, cantam tôda a noite no alagadiço, onde se criam, o qual sinal é muito certo; estas são verdes, e desovam na água que corre entre junco ou rama, e também esfoladas se comem e sã muito boas.

juijiá *s.m.* Var.: 5 *juigiá* [< T. ?].

Variedade de rã.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxv. 165): Juigiá é outra casta de rãs, que são brancacentas, e andam sempre na água, e quando chove muito falam de maneira que parecem crianças que choram, as quais se comem esfoladas, como as mais; e são muito alvas e gostosas.

juiperega *s.f.* [< juí (< T. i̯u'i) + perereca (< T. pere'reka); v. JUÍ, PERERECA].

Variedade de rã.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxv. 166): Cria-se na água outra casta de rãs, a que os índios chamam juiperega, que saltam muito, em tanto que dão saltos do chão em cima dos telhados onde andam no inverno, e cantam de cima como chove; as quais são verdes, e desovam também na água em lugares úmidos; e esfoladas comem-se como as outras.

juiponga *s.f.* [< T. i̯ui'poŋa < i̯u'i 'rã' + 'poŋa 'que soa, sonante'].

Variedade de rã.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxv. 165): E porque as rãs são de diferentes feições e costumes, digamos logo de umas a que os índios chamam juiponga, que são grandes, e quando cantam parecem caldeireiros que malham nas caldeiras; e estas são pardas, e criam-se nos rios onde desovam cada lua; as quais se comem, e são muito alvas e gostosas.

‖ **jundiaíba** (*jundiahyba*): v. abon.

1817 CASAL *Corografia Brazílica* II. 37: [grande diversidade d'arvores de bom páu para construcção principalmente:] jundiahyba: loiro preto, dito branco, dito amarello: [...].

jupará *s.m.* Var.: 5, 7 *jupará*, 6 *juparra* [< T. i̯upa'ra].

Mamífero carnívoro da família dos procionídeos, também chamado macaco-da-meia-noite.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cviii. 151): Nestes matos se cria um animal, a que os gentios chamam jupará, que quer dizer noite, que é do tamanho de um bugio, e anda de árvore em árvore como bugio, por ser muito ligeiro; se cria no côncavo das árvores, onde pare um só filho, e mantém-se dos frutos silvestres. Êste animal tem a boca por dentro até as goelas, e lingua tão negra, que faz espanto, pelo que lhe chamam noite, cuja carne os índios não comem por terem nojo dela. **1618** *Diál. Grandezas do Brasil* v. fls. 133-133*v*.: [...] Juparra — he outro animal grande caçador, e a elle caçaõ tambem os jndios com cachorros pera o averem de comer [...]. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 258: [Macaco] Jupará, ou macaco noctambulo de maior corpulencia.

jupati[1] *s.m.* [< T. ?].

Mamífero marsupial da família dos didelfídeos.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cv. 147): Em algumas partes dos matos da Bahia se criam uns bichos, sôbre o grande, com tôdas as feições e parecer de ratos, a que os gentios chamam jupati, que se não comem, os quais criam em os troncos de árvores velhas; e as fêmeas tem um bôlso na barriga em que trazem sete e oito filhos, até que são criados, que tantos parem.

jupati[2] *s.m.* Var.: 6 *jupati*, 8-9 *jupatí* [< T. ?].

Espécie de palmeira da subfamília das lepidocarináceas.

1654 A. VIEIRA *Cartas* (ed. J. L. Azevedo, 1925, I. 373-374): As velas, se as não há ou rompem as de algodão, não se tecem mas lavram-se com grande facilidade, porque são feitas de um pau leve e delgado, que com o beneficio de um cordel se serra de alto abaixo, e se dividem em tabuinhas de dois dedos de largo; e com o mesmo de que fazem as cordas, que chamam embira, amarram e vão tecendo as tiras como quem tece uma esteira, e êste pau de que elas se formam se chama jupati, e estas velas, que se enrolam com a mesma facilidade que uma esteira, tomam tanto e mais vento que o mesmo pano. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 11: [...] a *pindóba, o jupatí*, de cujos talos unidos entre si com a casca da monguba se fazem vélas para canôas de todo o porte, e que por serem mui leves as tornam mais arfantes, [...]. IDEM *Ib.* 12: Alem destas encontram-se as seguintes *massassú* similhante ao *jupatí*, porem de tamanho crescimento, produz um côco grande, coberto de uma pellicula, que depois de assado serve de pão aos indigenas: [...]. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* xi. 162: Tomou banho de cauré cheiroso, vestiu roupa chegada da lavadeira e perfumada com priprioca botou um chapeu brilhante de jupatí e deu uma chegada no cabelereiro pra encharcar o cabelo com essencia de pau rosa, bastante essencia.

jupiá *s.m.* Var.: 7 *jupiá, jopia* [< T. ?].

Redemoinho, voragem: v. abon.

1734 in RAPM, XXIII. (1929) 244: [...] topando no meio do rio com um recife de pedras, em que a minha Canôa se vio perdida, porque sahida das pedras deu em um jupiá, aonde depois de 17 ou 18 voltas, que nelle deu a mesma violencia d'agoa, a alcançou fóra: [...]. **1751** A. ROLIM *Relação* in RIH, VII. (1846) 481: A 17 de Outubro passei uma jopia, que este rio tem mais pequeno e menos perigoso que o do Rio Grande, mas sempre o é alguma cousa. Como passei por junto a elle, tive todo o logar de observal-o. Fazia a agua a figura de um covo fundo, e estreito para baixo: a circunferencia da base que ficava para cima era maior que a de um grande alguidar de amassar, e n'esta figura remoinha a agua de fórma que, segundo dizem os pilotos, tem ja succedido alli alagarem-se varias canôas, puxando-as para o fundo a força d'agua. Para se acautelarem d'isto, lhe deitam uma corda ou cadèa pela pròa, e quando vão chegando perto, puxam por ella com força as canôas da banda da terra, até que tenham salvado a dita jopia; e algumas vezes as seguram com outra corda pela pópa, para que a revessa, que alli é grande, as não bote sobre ella.

‖ **juquiá**: v. abon.

1587 G. S. SOUSA *Notícias do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxliv. 231): Juquiás chamam os índios a outros peixes da feição dos safios de Espanha, mas mais pequenos; os quais se tomam às mãos, entre as pedras; o qual peixe não tem escama, e é mui saboroso.

juquiraí *s.m.* Cp. JIQUITAIA [< T. i̯ukïra'i < i̯u'kïra 'sal' + -'i 'pequeno' ~ VLB II. 111: *Sal* = Iuquigra].

Espécie de tempero indígena: v. abon.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, I. xlviii. 338): Costumam os Portuguêses, imitando o costume dos índios, se-

carem esta pimenta, e depois de estar bem sêca a pisam de mistura com sal, ao que chamam juquiraí, em a qual molham o peixe e a carne, e entre os brancos se traz no saleiro, e não descontenta a ninguém.

juquiri *s.m.* Var.: 5 *jucuri,* 8 *jukery, juquiri.* Cp. JEQUIRI [< T. jukĩ'ri].

Planta da família das leguminosas, subfamília das mimosáceas.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXII. 73): Jucuriaçu é uma árvore que se dá em terras fracas, e não é demasiada na grandeza, mas contudo se acham algumas, que dão três palmos de testa: a madeira desta árvore não se corrompe nunca, é dura, pesada, e muito boa de lavras para obras primas. **1874** J. ALENCAR *Ubirajara* iv. 70: A virgem tocantim comprehendeu que o estrangeiro se referia a si; e não escondeu sua alegria, como não esconde sua flôr, a jukery que o rio beija. **1886** J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 220/221): [...], um arvoredo ralo, cercado no primeiro plano por tufos cerrados de uma sensitiva selvagem, o espinhoso juquiri, coberto ainda em partes do tijuco que lhe deixou a cheia, durante a qual esteve mergulhado.

jurará *s.m.* Var.: 6 *jurara, jurarà, iurará,* 6, 9 *yurara,* 8 *jurará* [< T. jura'ra ~ VLB I. 62: *Cagado dagoa* = Jurara].

Espécie de tartaruga.

1624 S. E. SILVEIRA *Relação do Maranhão* fl. 10*v.*: Em segũdo lugar he excellente cousa o jurara, q̃ assi chamão a hũs grandes càgados da agoa doce, q̃ se comẽ tambẽ por peixe, sendo elles mais carnosos, que hũ porco, e os lõbos assados, & de vinhadalhos, são, de ventagẽ, & se faz delles sarapatèl tẽ cõ torresmos, & muita manteiga, que excede a de vacas: saõ grandes, ha muitos, & tomaõse facilmẽte, & duraõ em casa sem comer mais de hũ mès, & pellas prayas se achão suas ninhadas de ouos, & outras vezes de tartarugas do mar (q̃ tãbẽ ha muitas) que tẽ quatrocẽtos ouos, [...]. Tãbẽ as cõchas dos jurarás saõ de proueito. IDEM *Ib.* fl. 12: [...] & a manteiga dos Iurarás excede a todas, [...]. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 175*v.*: Yurara do parra [*sic*] he hũ modo de peixe conforme a tartaruga do mar salgado as cores são desformes que são pardas e amarellas e dellas ai algũas m^to^ grandes e sendo uiuas tem mas volor [*sic*] a carne ou peixe dela se come e dellas se fas m^ta^ mãoteiga m^to^ boa que pera comer serue e p^a^ candea. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* II. ix. 140/141: [...] o peixe-boi era comido assado e cosido, com couves, fingindo certamente a celebre "vaccca e arroz" do lisboeta, e da tartaruga, a que o bom chronista chama ainda jurará faziam o sarapatél, [...]. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xvii. 193: Logo após repontou a maior das tartarugas da Amazonia, a yurara-assú.

jurarapeba *s.m.* Var.: 6 *yurarapeua* [< T. jurara'peua < jura'ra 'jurará' + 'peua 'chato'].

Espécie de tartaruga.

*c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 174*v.*: yurarapeua coberto de hũo quasquo pardo pelas bordas de meio palmo de compridо e ha a cabeça e os peis e pesquoso pimtado de pardo e amarelo e uerde e uermelho e tem muito grande camtidade deles nas cãopinas e perizes e cão muito trabalhozos de tomar porque ce metem nas quouas com as quobras que mordem muitas uezes os negros e cão muito guordos e he muito bom comer que se parece no guosto co carneiro [...].

jurema *s.f.* Var.: 7 *jerema,* 8 *gerêmma,* 8-9 *jurema* [< T. ?].

Planta da família das leguminosas.

1782 F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* I. vii. 132: Hé a Jerema huma Arvore de medeana altura; o seo tronco de huma substancia compata, e dura, coberto de huma casca alguma couza groça, e toda espinhoza, cujas pontas sam agudas, e voltadas á semelhança dos espinhos da Silva de Portugal; [...]. **1817** CASAL *Corografia Brazilica* I. 107: A *Gerémma* he uma arvore pequena espinhoza, de folha pinnulada, e miudissima, que fecha diariamente ao pôr do sol: a flor imita a do castanheiro: o fructo he uma vagem; do seu lenho se faz carvão para as forjas. **1865** J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, iv. 25-26): — Estrangeiro, Iracema não pode ser tua serva. É ella que guarda o segredo da jurema e o mysterio do sonho. Sua mão fabrica para o pagé a bebida de Tupan. [*Nota do Autor, à pág. 207*] *Jurema* — Arvore mean, de folhagem espessa; dá um fructo excessivamente amargo, de cheiro acre, do qual juntamente com as folhas e outros ingredientes preparavam os selvagens uma bebida, que tinha o effeito de hatchis, de produzir sonhos tão vivos e intensos, que a pessoa sentia com delicias e como si fossem realidades, as allucinações agradaveis da fantasia exitada pelo narcotico. A fabricação desse licor era um segredo, explorado pelos pagés em proveito de sua influencia. *Jurema* é composta de *ju* — espinho e *rema* — cheiro desagradavel. **1875** IDEM *O Sertanejo* II. xv. 248: Mas ouvia-lhe a voz harmoniosa, e bebia-lhe nos olhos a belleza, que o embriagava como o suco da jurema, do qual provara uma vez na taba de Anhamum. **1875** MACHADO DE ASSIS *Americanas* 35: Longe era ainda a hora melancholica | Em que a geremma cerra a miuda folha, | E o lume azul o pyrilampo accende. **1902** E. CUNHA *Os Sertões* 48: As juremas, predilectas dos caboclos — o seu *hachih* capitoso, fornecendo-lhes, gratis, inestimavem beberagem, que os revigora depois de caminhadas longas, extinguindo-lhes as fadigas em momentos, feito um filtro magico — derramam-se em sébes, impenetraveis transqueiras disfarçadas em folhas diminutas; [...]. **1903** D. OLÍMPIO *Luzia Homem* xxiii. 204: [...], surgindo onde o caminho torcia, encoberto de moitas mortas de mofumbas e juremas, a cujos galhos, desordenadamente hirtos, contorcidos, a ventania vultarna dava movimento, gestos de afflicção, nuns silvos de estertor. **1910** H. CAMPOS *Poeira* 94: Vão-se abrindo as estrellas e as juremas... | Muge o gado saudoso; vem de longe | O assustado gritar das seriemas... **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* vi. 75/76: Era tanta coisa que ficou pesado mas virou numa francesa tão linda que se defumou com jurema e alfinetou um raminho de pinhão paraguaio no patriotismo pra evitar quebranto. **1956** GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 512: Depois da madrugada, de guardado eu bebia um chá de jurema, me restabelecesse todos os ânimos.

juremari *s.f.* Var.: 5 *geremari* [< T. ?].

V. abon.; cp. JUREMA.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXI. 69): Geremari é outra árvore, que se dá pela terra dentro, a qual é delgada no pe, e muito grossa em cima: e dá umas favas brancas; cuja madeira não serve mais, que para o fogo.

juriti *s.f.* Var.: 5 *juruti,* 6 *yoroti,* 7-9 *juritĩ,* 7 *juritî,* 7-8 *juriti,* 8 *jurity, juruty* [< T. juru'ti].

Ave columbiforme da família dos peristerídeos.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXII. 94): Jurutis é outra casta de rôlas do mesmo tamanho, mas são alcunadas, e tem o bico pardo; também criam no chão onde põem dois ovos, e tomam-nas em rêdes, cuja carne é muito tenra e boa. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 193*v.*: Yoroti he pomba do mato he ta[ma]nha como a de noso europa e tem a mesma cor tẽ a mesma uirtude como as de nosa europa que quando o macho more não se torna a femia a cazar e tambem quãodo a femia more não se tor[na] o maxo a cazar e despois que hũ fiqua ueuuo não se pom mais em riba das ramas uerdes e os negros as dam a comer as molheres pera não terem comuercasãocom outro omem e fazem dous filhos. **1728** N. M. PEREIRA *Peregrino da América* I. v. 50: A fermosa Juritĩ | No bico trouxe huma flor, | E com taõ custosa gala, | Que as tenções arrebatou. **1730** ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 66. 40: As juritîs, e pariris, tenras, e gostosissimas: [...]. **1781** DURÃO *Caramurú* VII. lxii. 215: Juritiz, Pararis, tenras, e gordas, |. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* I. 90: A especie das rôlas tambem he muito variada: as chamadas *juritîs* sam um pouco menores que aquellas que passam da Africa para a Europa na primavera, e não tem a sua formozura: seu canto, que não tem mais que uma nota longa, he tristonho: [...]. **1838** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 31: [...] outras muitas pombas como *juritîs,* gallegas, verdadeiras, e *rôllas*; *bem-te-ví* cujo canto lhe dá o nome: [...]. **1856** J. M. MACEDO *O Forasteiro* (2ª ed., II. ii. 24): [...] aves formosas voavão por cima de sua cabeça, ou pousavão nas arvores que se levantavão á beira da estrada; perto gemião as juritis, perto cantavão os inhambús e as capoeiras, que vagavão aos bandos; [...]. **1857** J. ALENCAR *O Guarany* (2ª ed., 1864, I. v. 54): Erguendo-se, apinhou em botão de rosa os labios vermelhos e imitou com uma graça encantadora os arrulhos doces da jurity; [...]. **1859** C. ABREU *As Primaveras* 29: Na minha terra, no bulir do mato, | A jurity suspira; | E como o arrulo dos gentis amores, | São os meus cantos de secretas dôres | No chorar da lyra. **1863** M. A. PORTO ALEGRE *Brasilianas* 287: Quando elle canta, ou falla, | Da bocca lança fogo; | A sua voz se cala | A serpe e o tigre logo, | E como juritis | Mansinhas, sem tardar | As suas plantas vis | Apressam-se a beijar. **1865** J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, xv. 93): A jurity, que divaga pela floresta, ouve o terno arrulho do companheiro; bate as azas, e vôa á conchegar-se ao tepido ninho. **1865** IDEM *As Minas de Prata* IV. xii. 310: João Fogaça comeu com o apetite valente dos homens cuja vida é o movimento constante; a moça com o desembaraço e a singeleza da gente do povo; Christovão devorou uma jurity que a sua hospeda cuidadosa mandára assar de espeto para desenfastiar o doente. **1869** VARELA *Cantos Meridionais* in *Obras Completas* (ed. 1896, II. 171): Quando chilra a cigarra nos fraguedos | E geme a jurity nas assomadas; |. **1869** B. GUIMARÃES *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. v. 88): Itajiba avistára pousadas sobre um galho de uma alta cangerana duas lindas e grandes juritis de luzidia plumagem, que se beijavão e se afagavão com os encarnados biquinhos, arrulhando de prazer; immediatamente embebe a setta e curva o arco. **1870** J. ALENCAR *O Gaúcho* II. iv. i. 156: O gavião real, arrulhando como a jurity, não produziria igual impressão. *a*1871 CASTRO ALVES *A Cachoeira de Paulo Afonso* (1876) 27: E chegou-se p'ra vivenda | Risonho, calmo, feliz... | Escutou... mas só ao longe | Cantavam as juritis... |. **1871** J. ALENCAR *O Tronco do Ipê* I. iii. 28: [...], destacava como a rutilação do diamante entre as scintillações do cristal, a nota opulenta e sonora do sabiá; longe, formando o sombreado da esplendida melodia, resoava a endeixa plangente da jurity. **1872** IDEM *Til* I. x. 109: Naquelle momento

com a fronte reclinada, as espaduas ligeiramente curvas, pelo recato, as mãos recolhidas ao scio; parecia-se com a juruty quando arrufa a doce e macia pennugem. **1872** B. Guimarães *Hist. e Trad. Minas* II. viii. 137-138: — Prima de meu coração, — disse-lhe Roberto com toda a meiguice de que era capaz, — o que está fazendo aqui tão sósinha?!... vamos passear, e não esteja aqui assim triste como uma jurity de aza quebrada. **1872** Idem *O Seminarista* (ed. 1917, iv. 39): Era um arrulho de juritis perdido no meio da atroadora garrulice dos melros. **1872** Idem *O Garimpeiro* (ed. 1921, v. 79): Mas ella, triste como a Jurity, a quem exilárão da sombra silenciosa de seus bosques, sentia indisivel saudade dos laranjaes da fazenda paterna, de seu jardim, de sua fonte, e mais ainda de um ente, cuja imagem em seu espirito andava sempre ligada á d'aquella saudosa solidão. **1873** J. Alencar *Guerra dos Mascates* I. i. 7: Outra differença vinha de estarem as adufas da direita sempre cerradas, em horas soalheiras; n'isso pareciam-se com o calice de certas flôres e com os cilios da jurity, que fecham-se pela muita luz, e só abrem ao doce toque do crepusculo. **1874** Idem *Ubirajara* vi. 111: "Aracy queria ser como a jurity, e ter no corpo uma penugem macia, que só a deixasse ver em sua formosura. **1875** Idem *O Sertanejo* I. vi. 65: Ali, em seu pavilhão de verdura, grimpado nos ares, não tinha outros visinhos alem de uma jurity, que fabricara o ninho no proximo galho, e acabara de ruflar as azas á sua chegada para dar-lhe boa noite. Idem *Ib.* II. iv. 60: Minhas companheiras são as estrellas do céo que me visitam á noite na malhada; e a jurity que fez seu ninho na mesma arvore em que durmo. **1875** Machado de Assis *Americanas* 25: [...] nem os trillos ! Das andorinhas interrompe a nota ! Que a jurity suspira. **1876** F. Távora *O Cabeleira* v. 98: — Certamente. Nenhum gavião seria capaz de tirar-me das unhas a minha formosa juruty. Idem *Ib.* vi. 108: O bandido lembrou-se de que uma quadra tinha havido em sua vida, na qual elle só cuidava em armar arapucas por entre os leirões do roçado para pegar juritis [...]. **1881** Idem *Lourenço* (ed. 1902, xvi. 243): [...] o matto porém era o seu principal fornecedor, agora lhes dando a paca, o tatú, a cutia, o preá; agora o jacú, a juruty, o nambú, o pato bravo; agora o ananaz, o inhame, o ingá, a mangaba, o cajú. *a***1884** B. Guimarães *O Bandido do Rio das Mortes* (ed. 1905, xv. 147): Os passarinhos que costumavam ir cantar pela madrugada no jardim de Leonor, tinham fugido espavoridos e os sabiás, rolas e juritys, que vinham no terreiro debicar as migalhas [...]. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 321): Quando a ygara vogava, ouvi um canto longinquo, mais doce do que o do carachué, mais terno que o arrulho da jurity. **1888** Ferreira Leal *O Suplício de um Marido* ii. 56: [...]; e a grande colleção das rôlas e juritys, de arrulhados amores, dolentes, melancolicos. **1898** A. Arinos *Pelo Sertão* 191: "Um vento aspero passava, arrancando do genipapeiro as fructas maduras, que esborrachavam no chão assim — pof! — espantando as juritis que andavam esgaravatando a terra e comendo grãosinhos. **1922** A. Peixoto *Bugrinha* iv. 51: [...]; uma ingazeira, lá atrás do valado, carregadinha de ingás maduros; a arapuca armada no trilho das nhambús e juritís; [...]. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 282: Cheiro bom de baunilha, sombra muito fresca, cantos de juritís, gorgear dos bicudos, [...]. **1956** Idem *Grande Sertão: Veredas* 199: Daquele lugar, vazio de moradas e de terras lavradias, a gente ouvia o gugo da juritî como um chamado acabado, junto com lôbo guará já dando gritos de penitência.

jurubeba *s.f.* Var.: 6 *jurubêba, jubebe,* 8 *jurupeba, jeroveva, jurubéba, jerobeba,* 9 *jurubeba* [< T. ĵuru'ɥeɥa].

Planta da família das solanáceas.

1627 V. Salvador *Hist. Brasil* I. vii. fl. 14*v.*: A folha da figueira de Inferno posta sobre nascidas, e leicenços metiga a dor, e a sára. As de jurubêba saraõ as chagas, e as raizes saõ contra pessonha. A carobba sára das boubas. O cipó, das camaras; [...]. **1632** in ABN, LXXXII. (1962) 318: [...] e pegado a huma árvore que os indios chamão jubebe, [...]. **1813** C. J. Cardoso *Plantas de Minas Gerais* in RAPM, VII. (1902) 749: *Jurupeba,* ou *Jeroveva.* (Solanum paniculatum). — As virtudes da raiz deste arbusto são conhecidas por huma grande parte dos habitantes de Minas, cuja he d'obstruente, serve efficazmente, para dissolver os grumos de sangue, que occasionão as inflamaçoens; faz expellir pelas ourinas suas impuridades; tambem se usa, para rezolver as concressoens causadas pelo virus escorbutico: está acreditada por hum dos melhores diurecticos: da-se de infusão, ou cozimento a meia onça até huma; para cada libra d'agua: sua colheita he facil pela abundancia. **1876** F. Távora *O Cabeleira* ii. 44: O taverneiro, sem replicar, pôz o copo na boca, e, depois de haver sorvido alguns golles que lhe souberam a quassia ou jurubéba, restituiu-o ao rapazito, que o esvasiou quasi de um trago. **1878** Idem *O Matuto* xxiv. 344: Então vosmecê poderá descer com seus caixeiros, ganhar a rua e desapparecer por traz dessas moitas de jerobebas que cobrem os fundos da Igreja. **1888** V. Magalhães *Horas Alegres* II. 108: — Sempre engraçado, sempre bondoso, commendador... Mas com licença, vou ali ao Silva Araujo vêr o meu emplastro de jurubéba... **1935** J. L. Rego *O Moleque Ricardo* xxvii. 227: — Isto se cura com jurubeba de vinho. E a jurubeba entrava e sahia e Odette com febre. Sinhá Ambrosia não tinha mais o que fazer.

jurubebal *s.m.* Var.: 8 *jerobebal* [< jurubeb(a + -al].

Plantação de jurubebas.

1881 F. Távora *Lourenço* (ed. 1902, xii. 183): Á roda da casa nascera um jerobebal espesso, em cujo fechado poderia esconder-se, não um só homem, mas muitos homens; [...].

jurucuá *s.f.* Var.: 5 *girucoá* [< T. ĵuruku'ɥa ~ VLB II. 125: *Tartaruga* = Jurucuguâ. Unũanã].

Nome indígena da tartaruga.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxxiii. 206): Chamam os índios às tartarugas girucoá e tomam-se muitas na costa brava tamanhas que as suas cascas são do tamanho de adargas, as quais põem nas arcias infinidades de ovos, dos quais se comem sòmente as gemas, porque as claras, ainda que estejam no fogo oito dias a cozer ou assar, não se hão de coalhar nunca; e sempre estão como as dos ovos crus de galinhas.

‖ **jurugua:** v. abon.

1783 M. C. Abreu *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 258: Os papagaios são juruguas, maitacas, araguais, maracanãs, nhendaías, jirivas e sabiacy, [...].

jurujuba *s.f.* [< T. ˢaĵuru'ĵuɥa].

Planta da família das verbenáceas.

1899 Taunay *No Declínio* ii. 17: Os massiços de *ardisias, azaléas, fuchsias e jurujubas* do seu jardim chamavam as vistas de quantos transitavam por deante das grades [...]. **1945** Guimarães Rosa *Sagarana* 187: Maria Irma estava dando água ás latas de begônia, jurujuba, dinheiro-em-penca e beicinho-de-sinhá.

juruparã *s.f.* Var.: 7 *giriparana* [< T. ?].

V. abon.

1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 344: Qualquer sipó ou páo lhe parece [ao copeiro do bispo, moço nascido em Galliza] giriparana, que são as cannas de que usam cá, e as muitas equivocações que tem padecido deram bem que rir aos companheiros.

jurupari *s.m.* Var.: 6 *juruparym, jurúpary,* 6-7 *jurupari,* 7-9 *jurupary,* (7 *iunepari*), 8-9 *juruparí* [< T. ĵurupa'ri ~ VLB I. 102: *Diabo* = Anhanga. Este he como gro. (*scil.* gênero) especie Curupira, Taguaiba. Jurupari. Taũba, Aguaçaig. Guaiupia. etc.].

Diabo, entre os indígenas.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* vi. fl. 141*v.*: [*Os índios*] não tem [*crença*] nenhuã e se algum modo de adoraçaõ fazem, posto que naõ se lhe conheçe, he ao diabo ao qual daõ nome de Juruparym. **1663** S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 15. 108: Creem que ha huns espiritos malignos, de q̃ tẽ grandissimo medo: a estes chamão por varios nomes: Curupíra, aos espiritos dos pensamentos; Macachéra, aos espiritos dos caminhos Jurúpary, ou Anhãga, aos espiritos q̃ chamão maos, ou diabos; Maràguigàna, aos espiritos, ou almas separadas, q̃ denuncião morte; [...]. *a***1667** Heriarte *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 172): Jurupari que he o Diabo, e que lhe diz [ao Paiè] que fação tal e tal cousa, o que guardam inviolavelmente. **1757** D. L. Couto *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 64: Crem que ha espiritos malignos, de que tinhão grandissimo medo, e chamão com varios nomes, curupira ao que influe pençamentos. Machachera aos espiritos das obras, Jurupary, ou Anhãga aos espiritos, que chamão maos, ou diabos. Maraguigana aos espiritos, ou almas separadas, que denunciavão a morte, aquem davão tanto credito, que bastava imaginarem que lhes denunciava a morte, para logo se entregarem a ella. **1763** J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 190: [...] estremedendo de certos gritos que [os magués] ouvem de noite, que ou são de feras ou de indios, e attribuindo aquillo ao Juruparí, isto é ao demonio. *c***1767** J. Daniel *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, II. (1840) 480: E comtudo tem noticia do diabo, e o nomeão com vocabulo proprio na sua lingua com a palavra — Iunepari —: d'onde infiro que tambem tem alguma luz de que ha Céo e Inferno, posto que muito tenue e confuza; e do diabo tem muito medo. **1856** D. Magalhães *A Confederação dos Tamoyos* IV. 117: Despertam-se os guerreiros, receiosos ! Que os malignos genios Macacheras, ! E os ruins juruparís os acommettam. **1865** J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, ix. 54): — Jurupary se esconda para deixar passar a hospede do pagé. [*Nota do Autor, á pág. 212*] Jurupary — demonio; de *juru* — boca e *ápara* — torto, alejado. O boca torta. **1876** Couto de Magalhães *O Selvagem* II. v. 126: [...] a palavra — *jurupari* — equivale a isso que nossas amas de leite descrevem como *pesadelo.* É, segundo os índios, um ente que de noite cerra a garganta das crianças [...]. **1913** Simões Lopes *Lendas do Sul* 90: Juruparí é um espirito máu, que à noite aperta a garganta das crianças e até dos homens, para trazer-lhes afflição e máus sonhos, principalmente por haverem comido muito antes de se deitarem. **1928** M. Andrade vii. 95: [...] gemia uns roncos regongados meio chôro meio gôso e não era polaca mais, era Exú, ô jurupari

mais macanudo daquela religião. 1933 G. Ramos *Caetés* xxiv. 175: Bicho por toda a parte, mundeos traiçoeiros, a floresta povoada de juruparys e curupiras.

‖ **jurupencú:** v. abon.

1792 F. O. Barbosa *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 23-24: Além dos referidos peixes [saupês, piracanjuvas, jacús, suruvis etc...] ha outras qualidades de que não se faz menção por não darem a conveniencia d'aquelles; como são; [...] jurupencús cuja profusão é com abundancia inexplicavel.

‖ **jurupenden:** v. abon.

1783 M. C. Abreu *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 263: Além dos referidos peixes ha outras qualidades de que não fazem caso por não darem as conveniencias daquelles e são muito excellentes de comer, cujos nomes são: bagres, piavas, pacupevas, piracururús, ximburés, jurupoca e jurupenden.

jurupoca *s.f.* [< T. *juru'poka].
Peixe da família dos silurídeos.

1783 M. C. Abreu *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 263: Além dos referidos peixes ha outras qualidades de que não fazem caso por não darem as conveniencias daquelles e são muito excellentes de comer, cujos nomes são: bagres, piavas, pacupevas, piracururús, ximburés, jurupoca e jurupenden. 1792 F. O. Barbosa *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 23/24: Além dos referidos peixes [saupês, piracanjuvas, jacús, suruvis etc...] ha outras qualidades de que não se faz menção por não darem a conveniencia d'aquelles; como são: [...] jurupocas [...] cuja profusão é com abundancia inexplicavel.

jururu *adj.* Var.: 8-9 *jururú,* 9 *jururu, jurúrú* [< T. ?].
Melancólico, tristonho, cabisbaixo.

1872 J. Alencar *Til* I. x. 108: — Ai da pombinha! Como está jururú! Quem foi que arrepiou sua penna minha rôla? 1872 Taunay *Inocência* (2ª ed., 1884, v. 62): — Essa obrigação de casar as mulheres é o diacho!... Se não tomam estado, ficam *jururús* e fanadinhas... 1874 Idem *Histórias Brasileiras* 197: Durante este tempo, o nosso tropeiro seguia o seu caminho, jururú e abatido. Se cantava, era com uma vóz abafada que fazia ainda mais triste a solidão. 1878 Idem *Narrativas Militares* 90: N'esse tempo vinhão chegando muitos outros voluntarios, uns, influidos como eu e que parecião querer engulir brazas, outros, meio *jururús* e com um chôrosinho no canto do olho. 1895 Coelho Neto *Miragem* II. iii. 193: Olha, eu ás vezes, quando você se encontra jururú, encolhido n'um canto, estou pensando na minha gente. 1911 A. Maia *Tapera* 121: E, com isso, extremado carinho á terra, fóra dos campos nataes, respirava mal, ficava como "affrontado" e mais "jururu" que animal arrancado á querença. 1914 Coelho Neto *Rei Negro* x. 388/89: Muxiba anda di crista cahida qui nem pirú do gôgo. Perdeu a prôa. [...]. Bicho anda jururú i sirviço tá hi parado. 1918 Monteiro Lobato *Urupês* 77: O Nunes, jururú, estava debulhando milho na porta. 1919 Idem *Cidades Mortas* 147: Ernesto, jurú-rú, achegou-se a um tio, influente na politica, e cavou afinal o empreguinho. 1922 A. Peixoto *Bugrinha* viii. 101: — Que é que Você tem, que anda jurúrú, apalermada, ás vezes falando só?... 1929 G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* v. 74: — Thereza estava adivinhando passarinho verde e agora voltou jururú. 1931 Ribeiro Couto *Cabocla* xi. 105: Os primos não souberam de nada, mas desconfiaram, ao ver que eu andava jururu e prudente.

juruva *s.m.* Var.: 6 *giruba,* 7 *jiriva* [< T. i̯i'rïu̯a].
Ave da família dos momotídeos.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 114: [...] Giruba — são hûs passaros que crião por barrocas. que tem as penas de verde cor de mar. e da mesma maneira outra chamada pirarigua [...]. 1783 M. C. Abreu *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 258: Os papagaios são juruguas, maitacas, araguais, maracanãs, nhendaias, jirivas e sabiacy, [...].

K

‖ **kacum:** v. abon.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 116*v.*: [...] outros passarinhos ha que naõ se mostraõ senaõ ao por do sol ja caze noite em grandes bandos e naõ piquena gralheada a que chamaõ — burahu — e eu os comparo aos haivois da nossa terra — Kacum — se chama hũa Ave que nunca dorme e faz da noite, dia.

L

lambari *s.m.* Var.: 7 *lambare,* 9 *lambary, lambarí.* [O étimo de *lambari* é controvertido. O vocábulo talvez se relacione com o T. ara ṵe'ri, através da seguinte evolução: T. ara ṵe'ri > araberi → °aramberi → °arambari → °alambari → lambari; nessa cadeia evolutiva o único elo documentado é *araberi:* v. ARAUIRI].

Nome comum a diversas espécies de peixes da família dos caracídeos.

1749 *Prodigiosa Lagoa* (ed. 1925, 7): Sinco castas de peixes se tem nella descuberto, a saber Pirumbebas, Bicudas, Trahiras, Lambares, e Piabás. **1914** COELHO NETO *Rei Negro* x. 413: Anuns piavam perto, bambaleando-se em arbustos; lambarys deslisavam nagua. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* xii. 170: E deu um lambari de rabo vermelho. **1940** RIBEIRO COUTO *Largo da Matriz* 122: Ao cair da noite, êle aparecia silencioso à minha porta, oferecendo a fieira de lambaris.

‖ **lindirâna:** v. abon.

1711 A. J. ANTONIL *Cultura e Opulência do Brasil* I. II. vii. 57: [...] as varas, de Mangue branco; & os remos, de Lindirâna, ou de Genipappo.

M

macacaúba *s.f.* [De *macaca,* feminino de *macaco* (vocábulo de origem africana) + 'ïụa 'planta'].

Planta da família das leguminosas.

1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 8: Para a marcenaria se escolhe a preciosa madeira *macacaúba,* vermelha e ondeada de preto, que depois de polida se assemelha á tartaruga: *muirá-quatiára,* que no idioma Tupinambá significa páo pintado, he amarella, e tambem ondeada de preto; o *jacarandá,* e o *muirá-pinima* de diversidade de veias coloridas, bem como o *páo setim, mariquitaia,* páo roxo, todos de grande preço e estima.

macacica *s.f.* [< T. maka'sika].

Pássaro da família dos cerebídeos *(Coereba chloropyga),* também chamado cambacica e mariquita.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxxxvii. 110): Macacica é um pássaro pequeno que tem as asas verdes, a barriga amarela, as costas e o rabo pardo, e o bico prêto; fazem êstes pássaros os ninhos nas pontas das árvores, dependurados por um fio da mesma arvore; e os ninhos são de barro e palha, com coruchéus por cima muito agudos, e servem-se por uma portinha, onde põem dois ovos; e fazem os ninhos desta feição para fugirem às cobras que lhes comem os ovos, se os acham em outra parte.

macambira *s.f.* [< T. *maka'ɱ ira].

Planta da família das bromeliáceas.

1898 A. Arinos *Os Jagunços* II. iv. 316: Muitas centenas de crianças já taludas appareciam agora brincando nas ruelas, montando os bodes, que havia em quantidade enorme por alli, ou levando estrepadas nas moutas de macambiras á procura de ninhos. 1902 E. Cunha *Os Sertões* 41: No pino dos verões, um pé de macambira é para o matuto sequioso, um copo d'agua crystalina e pura. 1938 G. Ramos *Vidas Secas* 16: Em seguida acocorou-se, remexeu o aiol, tirou o fuzil, accendeu as raizes de macambira, soprou-as, inchando as bochechas cavadas. 1956 Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* 547: Macambira das estrêlas, ! xique-xique resolveu: ! — Quixabeira, bem me queira, ! quem te ama, Bem, sou eu...

maçaranduba *s.f.* Var.: *α.* 5 *moçorandigba,* 6 *mosaranduba, moçarandúba, mussuranduba; β.* 5 *maçarandiba,* 6 *masaranduba, maçarãdúba,* 6-7 *maçaranduba,* 7-9 *massaranduba,* 7 *masaradumba,* 7-8 *massarandúba,* 8 *maçarandúba, massarandubá,* 9 *massaranduva* [< T. mosaraɲi'ïụa].

Planta da família das sapotáceas, maçarandubeira.

*c*1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fls. 21*v.*-22: Caarob mocorandigba. Este pao parece q̃ he o da China, tomase da mesma manr^a q̃ o de Iaa, e sara os currim^tos, boubas, e mais doenças de frialdade, he pardo, e tẽ o amago m^to duro como o pao da China. 1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. liv. 18): Maçarandiba é uma árvore real de cuja madeira se dirá ao diante. Só lhe cabe aqui dizer do seu fruto, que é da côr dos medronhos e do seu tamanho. [...]. Idem *Ib.* lxvi. 58: Maçarandiba é outra árvore real, de cujo fruto já fica dito atrás: são naturais estas árvores da vizinhança do mar; e acham-se muitas de trinta a quarenta palmos de roda, de que se fazem gangorras, mesas, eixos, fusos, virgens, esteios e outras obras dos engenhos, cuja madeira é da côr de carne de presunto, e tão dura de lavrar que não há ferramenta que lhe baste, e tão pesada que se vai ao fundo. Estas árvores são tão compridas e direitas que se aproveitam do grosso dela de cem palmos para cima, e nunca se corrompem. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iii. fl. 84*v.*: [...] e assim diguo que as madeiras de que tenho noticia e me alembra a callidade dellas são estas, [...] masaranduba, e cabaraiba, ambos de cor Roxa marauilhosas pera obra prima, principalmente pera cadeiras [...]. Idem *Ib.* iv. fl. 109*v.*: [...] Mosarandubas [fructas] que se paresem com as serejas [...]. 1627 V. Salvador *Hist. Brasil* I. vi. fls. 11*v.*-12: Mussurandubas, que he a madeira mais ordinaria de que fazem as traves, e todo o madeiramento das cazas por ser quazi incorruptivel, seu fructo he como cerejas mayor, e mais doçe, mas lansa de si leite como os figos mal maduros. 1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 80. 158: A terra toda póde chamarse hum só bosque. Pello que, deixando por mão a frescura, & preciosidade dos cedros, angelins, quasi ebanos, carápinimas, mocetaybas, claraybas, jacuybas, maçarãdúbas, [...] deixando todas estas especies, descreuerei algũas sómente das q̃ saõ fructiferas, pera gosto dos que saõ curiosos. Idem *Ib.* § 87. 163: [*à margem*] andà engà, joà, moçarandùba, murici, amoreira, pequià, [...] são fruitas agrestes, seruem a Indios, & a gado. *a*1667 Heriarte *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 169): Tem [esta ilha, à distância de dezoito legoas da terra, S. Luís do Maranhão] bacorîs, inaubas maçarandubas, e outras de diferentes castas. 1711 A. J. Antonil *Cultura e Opulência do Brasil* I. ii. vii. 56: Chamaõ Paos de ley aos mais solidos, de mayor dura, & mais aptos para serem lavrados: & taes saõ de Sapucâya, de Sapupîra cari, de Sapupîra merîm, de Sapupîra açú, de vinhatico, de Arco, de Jetay amarello, de Jetay preto, de Messetaúba, de Massaranduba, [...] & outros semelhantes a estes. 1730 Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 59. 37: Os incorruptiveis paos vermelhos, angelins, cedros jataypevas, e maçarandubas; [...]. 1759 J. A. Caldas *Notícia da Bahia* 442: Vaõ repletos de muitas coucoeiraz, duzias de taboado de vinhatico, tapinhoaà, masaradumba, e outras muitas qualidades, alem de muitas vigas, e paos de varaes de sege, varas de parreira, toros de piquiá, que entre todas as madeiras se faz digna de estimaçaõ pela sua solidês, e cor amarela. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 263: [Arvore que serve para madeira] Maçaranduba. 1817 Casal *Corografia Brazílica* I. 95: Entre outras arvores de boa madeira para construcção, carpinteria, e marcineria tem lugar distincto a Ajetahypéta, o Buranhé, o Cedro, o Condurú, o Coração-de-negro, Gonçalo Alves, Jacarandá, Jacarandatan, Jacarandá-mulato, Jequitiba, Jetahy, Louro, Massarandúba, Mocetahyba, [...]. Idem *Ib.* II. 98: Entre as arvores de boa madeira para construção acha-se a maçarandúba, tapinhuan, vinhatico, loiro, jinipapo, itapirucú, cedro, pitiá, hybicuhyba, sassafras, angico, gonsalo-alves, páu d'arco, páu d'oleo, páu ferro, páu roxo, sucupira, sapucaya. 1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 7: [...] distinguem-se, o *angelim, Massarandúba* de côr vermelha e durissima, que destilla do tronco e ramos um licôr doce do qual muitos fazem uso, e que condensado se torna em visco; [...]. 1876 Couto de Magalhães *O Selvagem* II. i. 12: Com o fogo condensam tambem a resina da massarandubá, que hoje ja se exporta com o

titulo de *gutta percha*. **1878** F. TÁVORA *O Matuto* ix. 119: Ao ruido das arvores; ao ciciar da viração por entre a folhagem de um pé de massaranduba, que ficava de um lado da cosinha; [...]. **1888** INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, I. iv. 232): — E o leite de massaranduba para o peito, accrescentou o Neves, intervindo. É muito bom para a abertura do peito. IDEM *Ib.* II. viii. 62: As ribanceiras negras [...]; em alguns lugares retendo a custo dos cedros que se esforçavam por despenhar-se no rio [...] em outros esmagadas pelas possantes massarandubas que lhes entranhavam no seio as raizes grossas como galhos de pau pereira [...]. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. iii. 41: As madeiras para esta preferidas são a paracuuba, o páo-d'arco, a abiurana e, em segunda linha, a massaranduba, [...]. **1918** MONTEIRO LOBATO *Urupês* 50: — Inda agorinha saiu, — mas não demora, foi queimar um mel na massaranduva do pasto. **1930** G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 126: A brava, vermelha (referia-se á massaranduba) tambem não fica assim. E, depois de conseguir uma pequena bola com a seiva já coagulada, levou-a á bocca e partiu-a entre os dentes, outro signal distinctivo da Mimusops, pois que a massaranduba, quando soffre a mesma operação, sem jamais quebrar-se, conserva apenas, á sua superficie, a marca dos dentes, tal como acontece com os *chiclets*. **1935** JORGE DE LIMA *Calunga* xii. 98: — beato do Padre Cicero, vagando pelo sertão de um pouso para outro, como uma sombra, metido num camisão de brim mescla, apoiado num grosso bastão de massaranduba, escaveirado, barbado e sujo. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* v. 54: E emquanto se cuida de tiral-o de lá, casque a massaranduba no bicho.

maçarandubeira *s.f.* [< maçarandub(a + -eira].

Maçaranduba.

1877 N. J. R. SOUSA *Diário* (ed. 1946, 37): Neste dia não fomos mais felizes quanto á agua procurando sempre e não a encontramos [...] porem á luz da goma da maçarandubeira foram [...] tirá-la do cipó.

macaúba *s.f.* [< T. ?].

Espécie de palmeira, macaubeira.

1873 J. ALENCAR *Guerra dos Mascates* I. ix. 101: Lembrem-se d'aquelles moldes feitos em velho papellão, que as rendeiras pregavam outr'ora na almofada com espinhos de macaúba, e farão idéa justa da figura do meu pobre Lizardo cosido á parede por aquelle molho de crivos. **1874** TAUNAY *Histórias Brasileiras* 137: Não havia dia em que Pacalalá voltasse dos seus trabalhos sem trazer para a mãi um cesto de carás ou de raizes de aipim, alguma fructa saborosa ou miolo assucarado da macaúba, que os indios chupão com delicia. **1878** IDEM *Narrativas Militares* 25: Forçoso era, pois, vencer a natural repugnancia e para não morrermos á mingua chupar miolo de palmeiras macaúbas, tão visguento e desassucarado que o estomago o acolhe com desgosto. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 213: A cafua — taipa e côlmo, picumã e pau-a-pique — estava lá, bem na linha de quéda da macaúba. **1956** IDEM *Grande Sertão: Veredas* 148: Em horas, andávamos pelos matos, vendo o fim do sol nas palmas dos tantos coqueiros macaúbas, e caçando, cortando palmito e tirando mel da abelha-se-poucas-flôres, que arma sua cêra côr-de-rosa.

macaubeira *s.f.* Var.: 8 *mocahybeira, macahybeira, macaubeira* [< macaúb(a + -eira].

Macaúba.

1876 F. TÁVORA *O Cabeleira* xv. 257: Viração intermittente agitava as folhas das mocahybeiras e dendezeiros que se levantavam pela extrema das terras de Filisberto. **1878** IDEM *O Matuto* v. 66: Um dia, já ao anoitecer, por occasião de Marcellina entrar para accender a candeia, Lourenço, que passara a tarde amuado sobre um tronco de macahybeira que jazia estendido ao pé da casa, largou-se pela estrada afóra. **1878** TAUNAY *Narrativas Militares* 42: [...], rola aguas purissimas entre margens alcantiladas e cobertas de vigorosa vegetação na qual avultam os elegantes taquarussús a formarem pitorescos massiços, donde se alteiam elevadas macaubeiras.

macaxeira[1] *s.m.* Var.: 5, 7-8 *macachera,* 6 *macacheira, macachéra* [< T. maka'šera].

Diabo, entre os indígenas.

*c***1584** CARDIM *Origem dos Índios do Brasil* fl. 1: [...] e tem grande medo do demonio ao q̃l chamaõ [...] Macachera, Anhanga, e he tanto o medo q̃ lhe tem, q̃ soo de imaginarem nelle morrẽ, como acõteceo ia m^tas^ uezes naõ no adoraõ, nẽ a alguã outra criatura, nẽ tẽ Jdolos de nhuã sorte, soom^te^ dizem algũs antiguos q̃ em algũs caminhos tẽ certos postos aonde lhe offrecẽ alg.^as^ cousas p'lo medo q̃ tem delles e por naõ morrerẽ. **1610** J. MONTEIRO *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.* VIII. (1949) 408: [...] e posto que morram de doença natural, os mais [gentios] dizem que Foão morreu por não oferecer presente aos diabos, ao qual comumente chamam anhanga ou tangui pitanga, Macacheira, etc. **1663** S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 15. 108: Creem que ha huns espiritos malignos, de q̃ tẽ grandissimo medo: a estes chamão por varios nomes: Curupíra, aos espiritos dos pensamentos; Macachéra, aos espiritos dos caminhos Jurúpary, ou Anhãga, aos espiritos q̃ chamão maos, ou diabos; Maràguigàna, aos espiritos, ou almas separadas, q̃ denuncião morte; [...]. **1757** D. L. COUTO *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 64: Crem que ha espiritos malignos, de que tinhão grandissimo medo, e chamão com varios nomes, curupira ao que influe pençamentos. Macachera aos espiritos das obras, Jurupary, ou Anhãga aos espiritos, que chamão maos, ou diabos. Maraguigana aos Espiritos, ou almas separadas, que denunciavão a morte, aquem davão tanto credito, que bastava imaginarem que lhes denunciava a morte, para logo se entregarem a ella. **1856** D. MAGALHÃES *A Confederação dos Tamoyos* IV. 117: Despertam-se os guerreiros, receiosos ! Que os malignos genios Macacheras, ! E os ruins juruparís os acommettam.

macaxeira[2] *s.f.* Var.: 6, 9 *macacheira,* 6 *maquaxeira,* 7-9 *macaxeira,* 9 *macachêra, macachera* [< T. maka'šera].

Mandioca doce ou aipim.

1608 L. FIGUEIRA *Relação do Maranhão* in S. Leite *Luiz Figueira* (1940) 117: [...] que para nos esforçarem pera o restante do caminho nos tinhão prestes hũas poucas de raizes de mâdioca a que chamão macacheira cosidas e hũ pouco de sal e pimenta da terra e hũ palmito pera assentar o estomago; [...]. **1618** *Diál. Grandezas do Brasil* iv. fl. 91: [...] pois tambem vos direy mais que tambem a Raiz antes de se lhe fazer o beneficio que tenho dito he veneno e mata a quem o come, ciseto hũa sorte de semelhante Raiz a que chamão macacheira, porque esta tal se come asada e cozida com ter o sabor das castanhas da nossa terra. **1624** S. E. SILVEIRA *Relação do Maranhão* fl. 11: Milhor q̃ as batatas são as macacheiras tãbẽ raizes mais cõpridas a modo de Mandioca q̃ assadas, & cozidas são muito boas, & sàdias. *c***1631** C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 176: A mandioqua he de quoatro castas [...] e a maquaxeira serue pera comer asada e Cozida e he tam boma Como peras da nosa tera [...]. *c***1777** F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 264: [Plantas e hervas] Maniba. Macaxeira: das raizes d'estas duas ultimas se faz a farinha chamada de páo ou mandioca. **1876** F. TÁVORA *O Cabeleira* vi. 112: A macaxeira mais enxuta, a melancia mais madura, o melhor milho verde, o feijão de melhor qualidade eram para a bocca ou antes, ao dizer popular, para o papo dos pesados vizinhos. IDEM *Ib.* 310: Chama-se no norte *gerumú* ao que se chama aqui *abobora,* e *macaxeira* ao que se chama aipim. **1878** IDEM *O Matuto* iv. 92-93: No dia aprazado, antes do menino entrar na casa do padre para receber a primeira lição, já Marcellina tinha levado pessoalmente umas macaxeiras, uma gallinha gorda e duas duzias de ovos para almoço do illustre vizinho, e jurado, com a eloquencia dos sorrisos e das lagrimas simultaneamente, gratidão eterna e infinita áquelle que se mostrava tão bom e generoso para a obscura creatura. **1881** IDEM *Lourenço* (ed. 1902, xviii. 288): [...] angú de milho já nesse tempo muito usado entre o povo, e que Joaquina sabia fazer primorosamente, deram-lhe, com café com leite, e as usuaes macaxeiras e batatas doces, honras de lauta refeição de gente abastada. **1903** D. OLÍMPIO *Luzia Homem* ix. 69: Como era saboroso o leite morno, espumando nas cuias; [...]; as merendas e o mel de rapadura e macaxeira, [...]. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* xiv. 203: Jiguê falou que sim. Todos os dias ia ao mercado comprar macacheira e quando voltava batia demorado na porta. **1929** A. PEIXOTO *Sinhàzinha* iii. 25: [...] uma arvore tirada do mato com a sua folhagem e ramaria, replantada com uma carga de frutos extranhos: garrafas de vinho, espigas de milho verde, raizes de macachêra, queijos, caixas de charuto, [...]. IDEM *Ib.* xx. 197: Sem o querer, foi com os olhos da saudade que reviu, desta vez, a profusão de beijús, bôlos de milho, macachera, cuscús, tapiocas, mingaos, leite, manteiga, requeijão... que a gula dos outros dias mal dava ensejo a considerar. **1934** J. L. REGO *Banguê* III. ix. 208: Depois, dera para vender verduras, macacheira em mólhos, para o Pilar. **1934** JORGE DE LIMA *O Anjo* 73: Trabalhou de enxada, plantou macaxeira, desfrutou coqueiros. **1935** IDEM *Calunga* xvi. 146: A menina foi botar em cima da mesa os cúscús de milho, a macacheira cozida e o café para o chefe. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* x. 121: — Uái! disse nhá Andreza, não espalham por ahi que no Acre mandioca vira macacheira?

macucaguá *s.m.* Var.: 5 *macucagoá, macucaguá, macucaguâ, macucagua,* 6 *macugaga,* 8 *macucaua,* 9 *macucáua, macacáua* [< T. makuka'üa ~ VLB I. 133: *Faisão, aue* = Macûcaguâ].

Ave da família dos tinamídeos, macuco.

1576 GÂNDAVO *Hist.* VII. fl. 25*v.*: Ha hum certo genero delles, a que chamão Macucagoás, que sam pretas & mayores que galinhas: as quaes tem tres ordẽs de titelas, sam muy gordas e tenras, & assi os moradores as tem em muita estima: porque sam ellas muito sabrosas & mais que outras algũas que entre nós se comão. *c***1584** CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 19*v.*: Macucaguá. Esta aue he maior q̃ nhuã galinha de portugal, parecesse cõ faisaõ, e assi lho chamaõ os portugueses tẽ tres titellas huã sobre outra, e m^ta^ carne, e gostosa põe duas uezes no anno, e de cada uez treze ou quinze ouos. Andaõ sempre p'lo chaõ, mas quando uem gente se sobem nas aruores, e

a noite quando se empoleiraõ como fazem as gallinhas. Quando se poem nas aruores, não poẽ os pees nos paos, mas as canellas das pernas, e mais parte diantr^a. Destas ha m^uas species, e multidaõ, e facilmente se frechaõ. **1587** G. S. Sousa *Noticia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II LXXIX. 88): Macucagoá é uma ave grande de côr cinzenta, do tamanho de um grande pato, mas tem no peito mais titelas que dois galipavos, as quais são tenras como de perdiz, e da mesma côr; a mais carne é sôbre dura, sendo assada, mas cozida é muito boa. Tem estas aves as pernas compridas, cheias de escamas verdoengas; tem o bico pardaço da feição da galinha; voam pouco e ao longo do chão, por onde correm muito;[...]. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1382-1387: Macucaguá he do tamanho de hũ pato sua feiçaõ e modo he como faizaõ tẽ tres titelas huã sobre outra poẽ como 14. 15 ouos tẽ m^a carne naõ poẽ os peés quando dorme nos paos senaõ sobre as canellas das pernas dorme andaõ como galinhas, e tẽ calos nas canellas. Idem *Ib.* 1398-1399: [...] e os ouos do macucagua saõ verdes e grãdes. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 113*v.*: [...] Macugaga he hũ Ave que dà grandes e continos brados Repetindo muitas vezes este seu propio nome [...]. **1895** J. Veríssimo *A Pesca na Amazónia* I. i. 12: Não faz tambem alimento da capivara, da lontra e de outros animaes, nem lhe apetecem as aves, sinão as grandes, os inambús, os jacús, os jacamins, as mucucauas e outras, de carne farta e saborosa. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 76: Elle informa-me ainda sobre o nome de algumas aves, bastante differentes daquelles que as mesmas têm no sul: a anhuma é *camitaí*, o macuco, — *inhambú-tona*, o jaó, — *macucáua*... **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* xxiii. 273: [...]: macacáuas, sapo, pomba, japihim, grauna, jacamim, anta, jaboty, tudo enfim que for voz do matto.

macuco *s.m.* Var.: 7-9 *macuco*, 8 *macúco* [De *macucaguá*, por derivação regressiva: macucaguá → °macucágua → °macucaua → macuco].

Ave da família dos tinamídeos, macucaguá.

1783 M. C. Abreu *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 258: O macuco é ave terrestre, de côr cinzenta, sem rabo, com o tamanho e feitio da gallinha. **1792** F. O. Barbosa *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 23: Os passaros são innumeraveis e de diversas qualidades, como são araras, papagaios, jacús, macucos, [...]. **1806** in RAPM, VI. (1901) 772: Macuco, he dos maiores passaros dos matos. Com a forma de uma perdiz, de que só differe na côr, por ser todo cinzento, he maior do que ella. Come grãos e insectos, como as gallinhas; a carne he deliciosa, e excede em quantidade á de todas as aves de volume egual. Não prosegue o pio como a perdiz, mas dá hum só alto, e sonoro que costuma amiudar, particularmente de Agosto a Outubro. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 89: [...] as [perdizes] chamadas *macúcos* sam muito mais corpulentas, e de côr escura com dois esporões nas juntas das azas, e uma serra (ao menos os machos) na parte posterior das pernas: [...]. Idem *Ib.* II. 54: Diariamente logo que ao romper do dia [os Coroados] ouvem o canto do macúco, immediatamente se levantam, e, ainda-que chova, vam lavar-se na torrente ou lagoa mais vizinha, para o que se faz sinal com uma buzina de cana, e tornam para a maca. **1863** M. A. Porto Alegre *Brasilianas* 53: Alli mais não virão, chirlando em nuvens, | Fugazes maritacas; nem no outono | O grisalho macuco enamorado, | Incauto a morte achar no tredo canto, | Que o sagaz caçador pipita occulto. **1865** J. Alencar *As Minas de Prata* III. x. 234: Passei unicamente para saber de V. Reverendissima, como dormiu e se gosta de caça, porque agora mesmo mandou-nos um amigo e devoto da casa, D. Lopo de Velasco, um veado de sua monteria e dois macucos. **1872** B. Guimarães *Hist. e Trad. Minas* III. iii. 221: Com um pequeno arco e flechas proporcionadas as suas forças, ella varava os jaós, inhambús, macucos, capoeiras e outras aves que abundão naquellas florestas, e abastecia de copiosa caça o rancho de seu pequeno bando. **1928** M. Andrade *Macunaíma* v. 63: Caça caia com estrondo e Macunaíma aparava os macucos macacos micos monos mutuns jacús jaós tucanos, todas essas caças. **1929** G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* xvi. 267-268: Eram o tutú, o cuscús paulista, o lombo de porco, o macuco e os legumes taioba, tayá, mangerico, mandioca, aipim. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 105: De tarde, volta meio murcho, mas traz sempre um inhambú-gallinha, especie de macuco com a cabeça arruivascada. **1956** Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* 287: — "Vigia êste, Diadorim!" — eu disse; pensei que Diadorim estivesse em voz de alcance. Êle não estava. O macuco me olhou, de cabecinha alta.

macucu *s.m.* [< T. *?*].

Nome comum a várias plantas das famílias das leguminosas e das rosáceas.

1930 G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 101: São longas varas de madeira [os varejões], que precisam ser bastante resistentes e para as quaes elle prefere o *macucú*, [...].

maçunim *s.m.* Var.: 9 *massuni*, *massunim* [< *?* T.].

Espécie de molusco.

1928 M. Andrade *Macunaíma* v. 58: [...] e a moeda tradicional não era mais cacau em vez, chamava arame contos contecos milreis borós tostão duzentorreis quinhentorreis, cincoenta paus, noventa bagarotes, e pelegas cobres xenxens caraminguás selos bicos-de-coruja massuni boladas, [...]. **1934** Jorge de Lima *O Anjo* 95: O Anjo mais se inquietava vendo a moça ouvir com agrado pabulagens de Zé Tinturreira, um alcijado, empapuçado, tirador de massunins, bicho de areia.

maguari *s.m.* Var.: 5, 7 *magoari*, 6 *maguarim*, 7-8 *maguarí*, 8-9 *maguary*, 8 *mauari*, 9 *magoary* [< T. maũa'ri].

Ave da ordem dos ciconiformes, família dos ciconídeos.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXIX. 114): Magoari é outra ave de côr branca, que faz tamanho vulto como uma garça, e tem as pernas e pés mais compridos que as garças, e o pescoço tão longo que quando voa o faz em voltas; e tem o bico curto e o peito muito agudo e nenhuma carne, porque tudo é pena; e voa muito ao longe, e corre pelo chão por entre o mato, que faz espanto. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 184*v.*: O maguarim quer dizer e he pasoro da cor de simza tirãodo de brãquo e tem os peis e o biquo pardo e amarelo ele uiue de peixe e tem tres penas em riba da cabesa mas elas não são tam bomas como as da nossa tera e he p^a comer muito guordo e bom comer e ha muito grãode camtidade e fazem dous e tres filhos e os ouos são uerde mar. **1721** F. F. Henriques *Áncora medicinal* (ed. 1731, 136): Magoari he ave silvestre do Brazil, do tamanho de grou, tem as pernas mui altas. He quente, e secca, e ainda que a sua carne he de bom gosto naõ tem estimação que a faça chegar a mesas nobres. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 261: [Ave aquatica. De diversas côres] Maguarí, grande e pequeno. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 29: [...] os *maguarís*, mais pequenos que os precedentes; [...]. **1888** Inglês de Sousa *O Missionário* (ed. 1899, I. ii. 88): Acordava cedo, banhava-se no rio horas inteiras, e depois corria leguas á caça dos ninhos de garças e de maguarys. **1895** J. Veríssimo *A Pesca na Amazónia* I. ii. 22: As garças, pequenas e reaes, agrupam-se por milhares ás beiradas, na triumphante brancura das suas pennas refractarias á impureza, [...] os espantadiços mauaris, de compridos, pesados bicos, repousados nas costas; [...]. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 199: No entanto, excepção feita de algumas raras corocas ou magoarys que vemos de vez em quando, assim mesmo sempre isolados, [...]. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* xvii. 195: Nesse interim, baixou outra revoada de surucuás, arirambas, pica-paus, cujubins, aracuans, inhambús, macucáuas, frangos dagua, maçaricos, piacoças, pavõezinhos, garças, arapapás, colhereiras, guarás, maguarys, jaburús, tuiútuiús, gaivotas, cararás, mergulhões.

maira *s.m.* [< T. ma'ira].

Ente sobrenatural, divindade, entre os indígenas.

1610 J. Monteiro *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.* VIII. (1949) 408: Dizem mais que este Maira Tupã dividiu entre eles [gentios] as línguas pera que tivessem guerra com os Tapuias, mas não sabem dar a razão delas.

‖ **mairia** (*mayria*): v. abon.

*c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 194: mayria he hũ pasarinho do tamanho de hũ canario he todo preto fora a cabesa que tem bramqua como neue e camta sua camtigua do mato e fas dous ou tres filhos.

majerioba *s.f.* Var.: 8 *magirioba*, *manjerioba*, 9 *mangerioba* [Do T. pajemari'oua 'fedegoso', deturpado em *pau majerioba* (v. abon. 1833); daí *majerioba*, *manjerioba*; v. PAJAMARIOBA].

Planta da família das leguminosas; fedegoso.

1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 13: São innumeraveis as medicinaes, notam-se a quina, herva santa, *abútua*, o fedegoso, ou páo *magirioba*, *excellente febrifugo*, *barbatemão*, cuja cásca he um famoso adstringente, *artemisia*, *herva cidreira*, que cresce espontaneamente, o *mastruz*, *mentrasto*, *jalapa*, *ipecacuanha*, [...]. **1876** F. Távora *O Cabeleira* ii. 50: Quem estivesse com os olhos em Theodosio no momento em que o Cabelleira corrêra atraz dos meninos, têl-o-hia visto atirar dentro em uma mouta de mussambês e manjeriobas, que ficava perto da ribanceira, pesado pacote que tirára do bolso. **1935** Jorge de Lima *Calunga* xiii. 111: Mézinhas não faltaram, purgas de gitó, vomitórios de ipéca, quina-quina, chás de mangerioba com raiz de capeba, [...].

mamoá *s.f.* [< T. mamo'ã ~ VLB II. 60: *Ourincu* = Mamoã ~ Segundo Morais *Dic.* (1813) II. 376, *ourincu* era sinônimo de *lumieira*, *perilampo*].

Espécie de vagalume: v. abon.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXVII. 169): Na Bahia se criam uns bichos, a que os índios chamam mamoás, aos quais chamam em Portugal lucernas, e outros cagalume, que andam em noites escuras, assim em Portugal como na Bahia, em cujos matos os há muito grandes; [...].

manacá *s.m.* Var.: 8 *manacan*, 8-9 *manacá* [< T. "mana' ka].

Planta da família das solanáceas.

1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 14: [...] o *manacan*, arbusto mediano, e antiverolico excellente, o cozimento extrahido de sua raiz produz lethargos; [...]. **1862** D. Magalhães *Urânia* xli. 135: Urania! Não ouves | Um terno reclamo, | Que sôa no ramo | Do teu manacá! **1863** M. A. Porto Alegre *Brasilianas* 303: [...] Colhi o manacá, e engrinaldei-o | No teu throno feliz. Sobre elle desça. | O perfume do céo, de Deos a bençam. **1865** J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, xxxii. 188): [...]; mas a formosura ainda morava nella, como o perfume na flôr cahida do manacá. [*Nota do autor, à pág. 232*] *Manacá* — Linda flôr. Veja-se o que diz a respeito o Sr. Gonçalves Dias em seu diccionario. **1869** Varela *Cantos do Ermo e da Cidade* (2ª ed., 1880, 127): O manacá cheiroso que se ostenta | Á beira d'agua, pensativo e triste; | Os festões do ingazeiro e as açucenas, | Todos te amavão, te adoravão todas! **1869** Idem *Cantos Meridionais* in *Obras Completas* (ed. 1896, II. 120): Pelo jasmim, pelo goivo. | Pelo agreste manacá. | . Idem *Ib.* 174: Cabellos negros, bastos, ennastrados | De roxos manacás e rubras rosas. **1869** B. Guimarães *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. vi. 98): Desde os primeiros momentos tu viste meu coração abrir-se para ti, como a flôr do manacá aos primeiros raios do sol. *a*1871 Castro Alves *A Cachoeira de Paulo Afonso* (1876) 20: "Minha Maria é bonita, | Tão bonita assim não ha; | O beija-flor quando passa | Julga ver o manacá. |. **1871** B. Guimarães *Lendas e Romances* II. iii. 144: Gostava muito da natureza e da solidão, e quando o tempo estava bonito, pegava no fuzo ou no balaio de costura, e ia trabalhar em algum recanto aprazivel e pitoresco, a sombra de algum desses rochedos pendidos sobre a relva, ou desses bosquetes florecidos de manacás e canelleira silvestre que abundão aquellas paragens. **1874** J. Alencar *Ubirajara* iii. 51: "Eu fui Jandyra, o manacá viçoso que se vestia de flôres azues e brancas. **1879** B. Guimarães *O Pão de Ouro* i. 250: Um dia, que ella passeava pelos valles visinhos á sua gruta encantada, deo com os olhos em um jovem e formoso cacique, que dormia á beira de uma fonte á sombra de um pé de manacá, que balanceado pela viração entornava sobre elle uma nuvem de flores. **1881** F. Távora *Lourenço* (ed. 1902, ix. 118): [...] sentia já por Marianninha doce affeição, que começava a encher-lhe o coração como o aroma do manacá silvestre povôa as abobadas formadas pelas ingazeiras nas margens dos rios. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 105): E mais, [...]; morurê e manacan contra as dores de origem suspeita; [...]. **1888** Ferreira Leal *O Suplício de um Marido* ii. 51: [...]; e innumeros exemplares de varias filiações, como o resedá, o geranio, manacá, as verbenas, a camelia, [...]. **1890** A. Azevedo *O Cortiço* ii. 40: [...] ella ia colhendo com muita graça, ora toda vergada sobre as plantas rasteiras, ora pondo-se na pontinha dos pés para alcançar os heliotropos e manacás. **1915** Lima Barreto *Policarpo Quaresma* I. i. 20: Acabado o jantar foram ver o jardim. Era uma maravilha; não tinha nem uma flôr... Certamente não se podia tomar por tal miseros beijos de frade, palmas de Santa Rita, quaresmas luctulentas, manacás melancolicos e outros bellos exemplares dos nossos campos e prados. **1920** Idem *Histórias e Sonhos* 18: [...] não se esquecia nunca de colher pelo caminho uns *boas-noites*, umas flôres de melão de S. Caetano, de pinhão, de quaresma, de manacás, de maricás — o que encontrasse — para enfeitar-se ou trazel-as nas mãos, em ramilhete. **1922** M. Andrade *Paulicea desvairada* 138: Guardai nos mantos de sombra dos manacás | os vossos vagalumes interiores! **1956** Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* 40: — "Pois, para mim, pra quem ouvir, no fato essa Ana Duzuza fica sendo minha mãe!" — foi o que eu disse. E, fechando, quase gritei: — "Por mim, pode cheirar que chegue o manacá: não vou! Reajo dessas barbaridades!..."

manaíba *s.f.* Var.: 6 *mandiiba*, *baniba*, *manaiba*. *manayba*, 6, 8-9 *maniva*, 7 *manaîba*, *maniba*, 9 *manaíba* [< T. manï'iŋa].

Planta da família das euforbiáceas; pé de mandioca.

*c***1607** J. Rodrigues *Relação* in S. Leite *Novas Cartas Jesuíticas* (1940) 230: E como as árvores são pequenas e pau mole, facilmente fazem sua roça, a qual, acabante de a queimarem, logo prantam, sem fazerem coibara nem fazerem covas pera a mandiiba; [...]. **1616** in ABN, XXVI. (1905) 230: [...] E lavrar a terra para bem dos mantimentos, e conservar as outo mil Covas de baniba, que tem prantada, [...]. **1663** S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 71. 150: He esta planta toda a fartura do Brasil, & he tradição, que a ensinou aos Indios o Apostolo S. Tomé, cauando a terra em mõtinhos, & metendo em cada qual quatro pedaços da vara de certos ramos, que chamão manaiba, de comprimento como de hum palmo cada hum dos pedaços, cujas tres partes vão metidas em terra, q̃ fiquem em forma de Cruz: [...] Idem *Ib.* § 74. 152: Mastigão as femeas a mandioca, & lançada em agoa assi mastigada, fazẽ outra especie de vinho cauĩcaraixũ; atè as folhas da mesma manayba pesadas, & cozidas, são outro pasto gostoso aos Indios. *c***1698** J. F. Betendorf *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 469: [...] como os indios tinham desamparado suas roças, com aquella mudança, em Mareú e em Nazareth, lhes não renderam nada as que lá tinham plantado por entrarem por ellas os Tapuyas e lh'as comerem e destruirem, de sorte que nem maniva acharam para plantar outra de novo, e lhes foi necessario que eu os ajudasse [...]. **1730** Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 33. 23: As Capitanias do Norte carecem de farinha de trigo de que abundaõ algumas do Sul, mas a commum, e geral em todas he a da mandioca. Esta se planta com huns ramos, ou garfos, que em qualquer tempo (excepto nos mezes de Abril, Mayo, e Junho, que saõ os do mais rigoroso Inverno no Brasil) se metem na terra, chamados Manaibas, [...]. **1763** J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 86: Tem esta villa de Santarém muita maniba, isto é, planta e seára de farinha. Idem *Ib.* 100: Em uma das suas grandes serras [do rio Tapocorá-merim], que terá de largura um quarto de legua, se acha maniba, isto é, a planta da farinha de mandioca, produzida sem industria humana, e nos valles e partes inferiores da serra excellentes ananazes, fructa de que fallaremos em lugar mais opportuno, e n'este se acham em abundancia sem beneficio da cultura. Idem *Ib.* 503: Lembra-vos a tyrannia com que abrazou as vossas casas e copiares, ralando a maniba, roubando a banana, quebrando o arco dos fortes, e despontando as settas que serviam de terror às nações, de respeito ao branco? *c***1777** F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist.do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 264: [Plantas e hervas] Maniba. Macaxeira: das raizes d'estas duas ultimas se faz a farinha chamada de páo ou mandioca. **1786** in *Annexes du Premier Mémoire du Brésil* I. (1903) 216: Na Serra nos visitarão e presentearão com os seus beijus (que são hũs bôlos chatos de farinha de maniba). **1865** J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, v. 29-30): Nós guardamos as serras, d'onde manam os corregos, com os frescos ipús onde cresce a maniva e o algodão. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 15): Governava a casa, plantava com elle a maniva, colhia-a e reduzia-a a farinha, [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* xvii. 254: Plantei mandioca nasceu maniva, de ladrão de casa ninguem se priva, paciencia!... **1956** Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* 12/13: A mandioca-dôce pode de repente virar azangada — motivos não sei; às vêzes se diz que é por replantada no terreno sempre, com mudas seguidas, de manaíbas — vai em amargando, de tanto em tanto, de si mesma toma peçonhas.

‖ **manaibaru**: v. abon.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, I. xxxvii. 316): [...] e há outras castas [*de mandioca*] que chamam taiaçu e manaibaru, que se querem comestas de um ano por diante, e duram estas raizes debaixo da terra sem apodrecerem três, quatro anos.

manaibuçu *s.m.* Var.: 5 *manaibuçu*, 6 *mãdijbuçú* [< T. manïïu'su].

Variedade de mandioca: v. abon.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, I. xxxvii. 316): Há uma casta de mandioca, que se diz manipocamirim, e outra que chamam manaibuçu, que se quer comesta no ano e meio por diante; e há outras castas, que chamam taiaçu e manaibaru, que se querem comestas de um ano por diante, e duram estas raizes debaixo da terra sem apodrecerem três, quatro anos. **1663** S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 71. 150: Tem debaixo de si [*a mandioca*] diuersissimas especies, a saber: mãdijbuçú, mandijbimana, [...].

manaitinga *s.f.* [< T. manïï'tiŋa].

Variedade de mandioca: v. abon.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, I. xxxvii. 317): Há outras castas [*de mandioca*], que se dizem manaitinga e parati, que se começam a comer de oito meses por diante, e se passa de ano apodrecem muito; esta mandioca manaitinga e parati se quer plantada em terras fracas e de areia.

manapuçá *s.m.* Var.: 8 *mandupussá* [< T. ?].

Planta da família das melastomatáceas.

1817 Casal *Corografia Brazílica* II. 163: Entre as arvores e arbustos frutiferos dos bosques nomea-se o ambuzeiro, o cajueiro, o araçazeiro, a jabuticabeira, o mandupussá, cujo fructo he amarello, & tambem á roda do tronco, como o da precedente; [...].

mandaçaia *s.f.* Var.: 8 *mandassáya* [< T. ?].

Abelha da família dos meliponídeos.

1817 Casal *Corografia Brazílica* I. 75: A *mandassáya* [especie de abelha] negra e curta.

mandacaru *s.m.* Var.: α. 5 *modurucu*, 7-9 *mandacarú*, 7 *mandacarû*, 9 *mandacaru*; β. 6 *janamacara*, *iamandacaru*, *iamacarú*, 7 *jaramacarú*, 8 *jacumarú*, 8-9 *jaramacurú*; γ. 6 *comanacaru*, *comandacaru* [< T. jamanaka'ru (ñamanaka'ru) ~ VLB I. 67: *Cardo dos figos* = Nhamãdacarû. outro. Ururûbebâ].

Planta da família das cactáceas.

As passagens abonatórias foram distribuídas nos três grupos, α, β e γ, de acordo com o critério aqui adotado para classificação das variantes.

α. vars. *modurucu*, *mandacarú*, *-carû*, *-caru*.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lvi. 29):

Modurucu ê nem mais nem menos que uma figueira das que se plantam nos jardins de Portugal, que tem as fôlhas grossas, a que chamam figueiras da índia; estas tem as fôlhas de um palmo de comprido e quatro dedos de largo e um de grosso, e nascem as fôlhas nas pontas umas das outras, as quais são tôdas cheias de espinhos tamanhos e tão duros como agulhas, e tão agudos como elas, e dão o fruto nas pontas e nas ilhargas das fôlhas, que são uns figos tamanhos como os lamparos vermelhos por fora, com a casca grossa que se não come; [...] **1702** A. Rosário *Frutas do Brasil* III. ii. 136: [...] pois tem na sua terra hũa fruta chamada Mandacarú, do tamanho de huma Camoeza, a casca encarnada, repartida em dados, cada dado he huma pinha de espinhos; a massa de dentro alva como neve, he muito doce, suave, & fresca para a calma; a casca de fóra encarnada: [...]. **1782** F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* I. xii. 191: O *Mandacarú* he uma medeana Arvore, porem de figura bem extravagante, porque tudo nella hé tronco, e ramos sem produzir folhas, e toda coberta de espinhos. [...]. **1875** J. Alencar *O Sertanejo* II. xii. 199: Cortou o menino uma haste de mandacarú, e tirando os espinhos, espremeu-a na boca do desconhecido; para aplacar o maior ardor, enquanto ia á busca de uma cacimba, pois era ela secca e os rios já tinham desapparecido. **1898** A. Arinos *Os Jagunços* II. iii. 242: O mandacarú de máu agouro viçava por toda a parte. **1902** E. Cunha *Os Sertões* 14: [...] localisadas em depressões, entre collinas nuas, rodeadas pelos *mandacarús* despidos e tristes, como espectros de arvores; [...]. **1903** D. Olímpio *Luiza Homem* xiii. 107: [...] tinham percebido algo suspeito, estalidos de galhos seccos, rumor de passos precavidos, vozes abafadas, sumidas, muito perto da casa, na direcção das touceiras de mandacarús que defendiam, com intransponivel cerca de espinhos o pequeno quintal abandonado. **1928** M. Andrade *Macunaíma* ii. 27: Não era viado não, era a mais própria mãi tapanhumas que Macunaíma flexara e estava morta ali toda arranhada com os espinhos das titaras e mandacarús do mato. **1929** G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* xvi. 293: Era a paizagem núa e dura, o descampado secco, o deserto das carnaúbeiras, os cómoros, onde se exilam, na pedra e na areia, os mandacarús, os chique-chiques, [...]. **1934** G. Ramos *S. Bernardo* iii. 17: Amarrei-o metti-me com elle na capoeira, estraguei-lhe os couros nos espinhos dos mandacarus, quipás, alastrados e rabos de raposa. **1938** Idem *Vidas Secas* 32: Indispensável os meninos entrarem no bom caminho, saberem cortar mandacaru para o gado, concertar cercas, amansar brabos. **1956** Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* 502: E o que olhei? Sangue na minha faca — bonito brilho, feito um verniz veludo... E êle: estava rente aos espinhos dum mandacarú-quadrado.

δ. vars. *janamacara, iamandacaru, iamacarú, jaramacarú, jacumarí, jaramacurú.*

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 109*v.*: [...] janamacaras [*na entrelinha lê-se*: iamandacarus naçê na praia] cuja pranta he a feição de cardos e daõ hũa fruta vermelha guostosissima no comer [...]. **1663** S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 75. 153: Iamacarú, ou vrumbeba, ou jarácatiyà, he genero de cardo agreste, espinhoso, informe, amigo de lugares mais seccos, & arcosos, desprezo das plantas, quanto à vista exterior; mas quanto à qualidade interna, hôra da natureza. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 264: [Plantas e hervas] Mucuracahá. Piriuácæ. Jaramacarú: estas tres ultimas conhecidas contra venenos. **1876** N. J. R. Sousa *Diário* (ed. 1946, 18): Na parte mais elevada da lage entre lindos pequenos arvoredos ve-se jacumarú e diversas parasitas [...]. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 105): E mais, jaraúassica e folhas de café para regularizar as funcções; [...] caldo de jaramacurú, para o baço; [...]. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 116: Estou rodeado de vegetação xerophila; jaramacurús espinescentes e arbustos de rama rala e troncos tortuosos, [...].

γ. vars. *comanacaru, comandacaru.*

*c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 182*v.*: comanacaru [*no manuscrito tinha sido escrito* comandacaru, *que foi riscado e substituido por* comanacaru, *que ocorre na entrelinha*] he hũ modo de aruore toda espinhada que se da junto ao mar e não tẽ folha mais que hũs brasos coadrados de hũa frutta de cor rozada comese tẽ dentro m^ta semẽte negra como mostarda grosa aruore e fruta desy he tudo m^to mole.

mandaguari *s.m.* Var.: 8 *mandaguahy*, 9 *mandaguarí*, *mandaguary* [< T. ?].

Espécie de abelha silvestre.

1876 Couto de Magalhães *O Selvagem* II. i. 14: Do fogo se auxiliam tambem para poder tirar o mel de certas abelhas bravas, accendendo um facho com que se approximam da colmêa dos *ichu*, *mandaguahy*, *arapua*, *sanharão* e outras [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* xii. 169: Fez um anzol com cerca de mandaguari, porêm bagre mordia, levava anzol e tudo. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 216: É verdade que, hoje, já nos arranjaram nova porção [de mel], mas esse é de mandaguary e não tem o perfume daquelle.

mandi *s.m.* Var.: 5 *mandaig*, 6 *mandeii*, *manohi*, *manii*, 7 *mandiy*, 8-9 *mandi*, *mandim*, 8 *mandii*, *mandii*, 9 *mandu*, *mandí* [< T. manï'i ~ VLB I. 50: *Bagres dagua doce* = Nhũdiâ; Mãdij; Pirâacâmucú; Jaû; este he muito grande].

Peixe de rio da família dos pimelodídeos.

*c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 2283-2284: Mandaig he como bagre tẽ dous ferros, [...]. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 120: [...] Mandeii [peixe] de feição de solho [...]. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 173*v.*: manohi he peixe de hũa grãode palmo de comprido e parecese com o bagre do mar he pardo por riba do lombo e brãoquo pela barigua e tem duas barbas compridas como o corpo e tem mais quoatro biguodes na boqua e he mauto [*sic*] bom comer e ce tomão a linha. Idem *Ib.* fl. 175: manii he 2 palmos he de pele E como bagre he bõ p^a comer. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 259: [Peixe de menor corpulencia] Mandiy. **1806** in RAPM, VI. (1901) 766: He abundante de variedade de peixes, quaes os [...] Mandis. **1817** Casal *Corografia Brazilica* I. 393: Em todos estes rios [Jequitinhonha, Itucambyrussú, Vaccaria, Arassuahy, S. Antonio, Itamaranduba, Setuvel, Hottinga, S. João] ha doirados piampáras, piáus, piabanhas, trahiras, sorubins, mandins por outro nome *roncadores*. Idem *Ib.* II. 167: [...] os mimosos *mandins*, que sobem por elle [rio Moxotó] em quanto cheio, logo que o rio deixa de correr, e a agua começa a aquecer nos poços, definam, e morrem em pouco tempo [...]. Idem *Ib.* 187: Os mais deliciozos peixes deste rio sam *sorubins*, que tomam a grandeza d'um homem-*mandins*, que crescem athé quatro pés de comprimento com grossura proporcionada, e tem mui grandes barbas; [...] **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 34: [...] os saborosos *mandubés*, *piramutábas*, *mandiis*, *matupiris*, *aracús*, *traíras*, *jejús*, e *tamoatás*, conhecidos por *peixe do mato*. [...]. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 57/58): A pasmosa variedade de peixes do Amazonas recolhe-se tambem para elles nesse tempo. [...]; o mandi e o mandii; [...]. **1895** Idem *A Pesca na Amazônia* I. ii. 26: Os de pelle, que nós lá, por uma sobrevivencia da crendice mithologica, relacionando por um parallelismo de formas exteriores caracteres animaes e factos pathologicos ou moraes, temos por nocivos, productores de affecções herpeticas, são, entre mil outros: o surubim, o mapará, o piramutaba, o mandi, [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* xvii. 251: Isso vieram muitos peixes, veio acará veio piracanjuba veio aviú gurijuba piramutaba mandu surubim, todos êsses peixes. **1935** Jorge de Lima *Calunga* xiii. 110: Os mandins principiaram a sumir tambem. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 113: Em abril, quando passaram as chuvas, o rio — que não tem pressa e não tem margens, porque cresce num dia mas leva mais de mês para minguar — desengordou devagarinho, deixando poços redondos num brêjo de ciscos: [...] cardumes de mandis apodrecendo; [...].

mandioca *s.f.* Var.: 5-9 *mandioca*, 5-6 *mandioqua*, *mãdioca*, 5 *mãdioqua*, 5-6 *mamdioqua*, 5 *mandiôca*, 5-6, 8-9 *mandióca*, 5 *mandiocha*, 6 *mandiòca* [< T. manï'oka].

Planta da família das euforbiáceas (*Manihot utilissima*); raiz tuberosa, comestível, que fornece amido, tapioca e farinha, e com a qual se preparam inúmeras iguarias.

A atestar a extraordinária importância da mandioca como alimento indispensável aos indígenas e aos primeiros colonizadores europeus, a documentação adiante transcrita é abundante e extensa. Nenhum outro vocábulo de origem tupi está tão amplamente documentado na língua portuguesa. Todos os autores são unânimes em atribuir à mandioca as mais notáveis qualidades alimentícias e alguns a colocam imediatamente abaixo do trigo, considerando-a superior ao milho e aos outros cereais.

1549 Nóbrega *Cartas* (ed. S. Leite, 1955, 60): O mantimento comum da terra é uma raiz de pau, que chamam mandioca, do qual fazem uma farinha, de que comemos todos. E dá também milho, o qual misturado com a farinha faz um pão, que escusa o de trigo. **1556** Idem *Ib.* 213: [...] e podia dar-nos alguns moios de arrôs do dizimo, e o dizimo da mandioqua da Villa de S. André, que creo que tudo hé menos do que nos quá dão, e a nós escusarnos hia de mandarmos fazer mantimentos, nem teremos necessidade de ter escravos. **1557** Idem *Ib.* 267: [...] e peixe, mandioca e algodão, que andão arendados sobre sy, rendem setenta ou oitenta mil reis em dinheiro; [...]. **1557** *Alvará de D. João III* in S. Leite *Cartas* II. (1957) 358: Faço saber a vós, Meu Governador das Partes do Brasil, que ora sois, e ao diante fordes, e aos Provedores de Minha Fazenda em ellas, que eu hei por bem, e me praz, que aos 28 Padres e Irmãos da Companhia de Jesus, que tenho por informação, que estão nas ditas Partes, se dê a cada um dos ditos Padres cada mez, à custa de minha Fazenda nas Capitanias, onde estiverem, quatro panacus de mandioca, e um alqueire de arroz; [...]. **1559** *Carta Régia* in S. Leite *Cartas* III. (1958) 148-149: [...] quatro panacus de mandioca, e um alqueire de arroz, [...]. [**1560** Anchieta *Carta* in S. Leite *Cartas* III. (1958) 231: De herbarum autem arborumque ratione illud nolui non attingere, quod hae, quibus ad victum utimur, radices quae dicuntur *mandioca*, venenosae sunt, et ex natura sua nocent, nisi ad vescendum industria aptentur humana: homines

necant, si crudae, assae, aut coctae comedantur;]. **1565** IDEM *Carta* in S. Leite *Mon. Brasiliae* IV. (1960) 252: [...] determinavão de ir a algumas roças dos Tamoyos a buscar alguma mandioca para comer, [...]. **1566** D. Góis *Cr. D. Manuel* I. lvi. fl. 53: Comẽ pão feito de hũas raizes brancas, tamanhas quomo çinouras, a que chamam mãdioca has quaes sam tam peçonhentas, que se has alguem comer cruas morre subitamente. Estas raizes pisam em hũas pias de pedra, & depois de bem pisadas lhespremẽ ho çumo, que he por fim muito mais peçonhento que ha raiz, & depois de ho terem bem espremido poem ha massa a secar ẽ cestos que para isso tem, & seca ha moẽ em farinha, a que chamão caistus, de que fazem hũ pão tão saboroso, q̃ hos nossos Portugueses ho comẽ de milhor vontade que pão de muito bõ trigo: vsam tambem pão de milho. *c***1572** *Inventário* in DHA. III. (1963) 249: [...] por seiscemtos cruzados que lhe devia a dita fazenda de dizimos de seis ãnos q̃ seu marido fora remdeiro da mãdioqua e pejxe [...]. IDEM 252: [...] meresia pagar cada ano de dizimo e mamdioqua he peixe vinte he tres mill e sem rs dos seis ano comteudos [...]. *c***1574** IDEM 104: [...] forão avalliados os dous ralos de relar mandioca de ferro em seiscentos reis. *a***1576** GÂNDAVO *Trat. Prov. Brasil* (ms. do British Museum) 690-718: Nestas partes dó Brasil não semeão nẽ se dá outro mantimẽto algũ deste Reino. O que lã se come em lugar de pão ẽ farinha de pao. Esta se faz da Raiz dũa pranta q̃ se chama mandiôca, a qual he como inhame, & tanto q̃ se tira de baixo da terra está cortindo se em agoa tres quatro dias & depois de cortida pizão na ou Rellão na muito bem e expremẽ na daquelle sumo de tal maneira q̃ fique bem escorrida, porque ẽ aquella agoa q̃ sae della tam possonhenta que qualq[ue]r pessoa ou animal que a beber logo naquelle instante morre. Assy q̃ depois de a terẽ deste modo curadas poem hũ alguidar grande sobre o fogo & como se aquenta botão aquella mandiôca nelle, & por espaço de meya ora está naquella quentura cozendo se dalli a tirão e fica têperada pera se comer. Ha todauia farinha de duas maneiras, hũa se chama de guerra e outra fresca, a de guerra ẽ muito seca fazem desta maneira pera durar muito e não se danar. A fresca ẽ mais branda e tem mais sustançia finalmẽte que naõ he tão aspera como a outra, mas não dura mais q̃ dous ou tres dias como passa daqui logo se dana. **1576** IDEM *Hist.* v. fl. 16: Primeiramẽte tratarei da planta & raiz de q̃ os moradores fazem seus mantimentos q̃ lá comem em lugar de pão. A raiz se chama Mandióca, & a planta de que se géra, he da altura de hum homẽ pouco mais ou menos. Esta planta nam he muito grossa, & tem muitos nós: quando a querẽ plantar ẽ alguã Roça, cortã na & fazẽ na em pedaços, os quaes metẽ debaixo da terra, depois da cultiuada como estacas, & dahi tornam árrebentar outras plantas de nouo: & cada estaca destas cria tres ou quatro Raizes & dahi pera cima (segundo a virtude da terra em q̃ se planta) as quaes poẽ noue dou dez meses em se criar: saluo em Sam Vicente q̃ poem tres annos por causa da terra ser mais fria. **1584** ANCHIETA *Informação do Brasil* fl. 50: Este campo he muj fertil de mantimẽtos criações de Vaccas, porcos, cauallos, Aues &c. da-se nella muito uinho marmellos, outras fruitas despanha e trigo e çeuada, posto que os homẽs não curaõ de o çemear pla facilidade e bondade do mantimẽto da terra q̃ se chama Mandioca. *c***1584** CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fls. 22*v.*-23: O mantim^{to} ordinario desta terra q̃ serue de paõ se chama Mandioca, e saõ huãs raizes como de senouras, ainda q̃ mais grossas e compridas. Estas deitaõ huãs uaras, ou ramos e crecem ate altura de quinze palmos. Estes ramos são muyto tenros, e tem hũ miollo branco por dentro, e de palmo ẽ palmo tem certos noos. E desta grandura se q̃braõ, e prantaõ na terra em huã piquena coua, e lhe ajuntaõ terra ao pee, e ficaõ metidos tanto quanto basta pera se terẽ, e day a seis ou noue meses tem ja raizes taõ grossas q̃ serue de mantimentos. Contem esta mandioca debaixo de si m^{tas} species, e todas se comẽ, e cõseruaõse dentro na terra, tres, quatro e até 8. ãnos, e naõ he necess^{o} celr^{o}, porq̃ naõ fazem senaõ tiralas, e fazse o mantim^{to} fresco de cada dia, e quãto mais estaõ na terra, tanto mais grossas se fazẽ, e rende mais. [...] Destas raizes expremidas, e reladas se faz farinha q̃ se come, tambẽ se deita de molho ate apodrecer, e depois de limpa, expremida, se faz tambẽ farinha, e hũs certos beijus como filhós m^{to} aluos e mimosos. **1585** IDEM *Informação* fl. 86: [...] das fazendas de canaueaes e mandioca muitas se secaraõ por onde ouue muj grãde fome principalm^{te} no sertaõ de Pernãbuco, [...]. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, I. xxxvii. 316): Mandioca é uma raiz da feição dos inhames e batatas, e tem a grandura conforme a bondade da terra, e a criação que tem. Há casta de mandioca, cuja rama é delgada e da côr como ramos de sabugueiro, e fofos por dentro; a fôlha é de feição e da brandura da parra, mas tem a côr do verde mais escura, os pés destas fôlhas são compridos e vermelhos, como os das mesmas fôlhas das parreiras. Planta-se a mandióca em covas redondas como melões muito bem cavadas, e em cada cova se metem três quatro pauzinhos da rama, de palmo cada um, e não entram pela terra mais que dois dedos, os quais paus quebram á mão, ou os cortam com faca ao tempo que os plantam, porque em fresco deitam leite pelo corte, donde nascem e se geram as raízes; e fazem-se estas plantadas mui ordenadas seis palmos de uma cova a outra. IDEM *Ib.* II. clix. 261: As mulheres [Tupinambás] já de idade tem cuidado de fazerem a farinha de que se mantêm, e de trazerem a mandioca das roças às costas para a casa. *c***1590** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. M) 306: Vinho fazem no de m^{tas} m^{ras} he da propria rais de mandioca cozida. **1593** in *Denunciações de Pernambuco* (ed. 1929, 80): [...] e perguntado pello senhor visitador que cousa he tapioca respondeo que são huns bolos que nesta terra se fazem de farinha de paao que he huã raiz de mandioca de que se faz a farinha de que se fazem as dittas tapiocas que são bollos como obreas, que he ho mantimento comum desta terra em lugar de pães. *c***1594** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 715-755: A mandioca q̃ se criou em huã aruore ha m^{tas} castas desta mandioca e he o mãtim^{to} principal do brazil milhor q̃ Arros, Jnhames milho e q̃l q̃r outro mantim^{to} e se se faz bẽ tirado o trigo nao ai outro milhor mantim^{to} q̃ este pois he milhor q̃ paõ de Rala, de milho ou de mestura e he de boa degestaõ por m^{to} q̃ comaõ não faz mal esta mãdioca he huã Rais grosça como huã perna e do mesmo cõprim^{to} pouco mais ou menos 2º a terra he a agoa q̃ se della espreme pera se fazer a farinha a pessoa ou animal q̃ a beber morre mas se lhe derã a farinha seca q̃ della se faz he cõtra pessonha e sara logo [...] A Aruore da mãdioca he taõ alta como hũ homẽ tẽ a folha como dedos e maõ e em neçessidade se come cozida Dura em s. Vte m^{to} na terra por q̃ he fria e no Rjo de Janr^{o} eu ja ui de dez annos m^{to} boa e assi se come aos 6 mezes e se tẽ debaixo da terra q̃ he o seleiro e q^{do} a an mister a vaõ buscar a Roça e em arancando esta Rais p^{a} a farinha do pao se mete na terra daltura de palmo e m^{o} e logo torna a dar e por esta facilidade se naõ quer dar a gẽte pricipalm^{te} em s. Vte e Rjo de Janr^{o} a trigo q̃ o da m^{to} bõ. *c***1596** S. TRAVAÇOS *Declaração do Brasil* xlvii. fl. 35: A mandioca, que he o principal, e ordinario mantimento daquelle estado, tem a rama baixa e delgada, deita muitas, e grandes raizes, como iñame, segundo a bondade da terra aonde a plantão, porque quer terra arenisca solta, [...]. IDEM *Ib.* xlvii. fl. 35*v.*: Ha outra casta de mandiocha, que se chama Aypim, e he muy necessario conhecela, porque se parece muito com a outra, mas he muito doce, e gostosa, nem mais, nem menos como batatas [...]. **1607** in ACSP, II. (1915) 186: [...] que não podião ter hũa raiz de mandioca nen criasão tudo pr via dese joão soares [...]. *c***1607** J. RODRIGUES *Relação* in S. Leite *Novas Cartas Jesuíticas* (1940) 204: E até as cascas de alguma raizinha de mandioca comiam os pobres, deixando-o muitas vezes de comer e de dar a seus filhinhos por no-lo dar. **1608** L. FIGUEIRA *Relação do Maranhão* in S. Leite *Luíz Figueira* (1940) 108: Da fertilidade da terra [Maranhão] dizem os indios que não tem comparação a mandioca batata e tudo o mais que cá ha cõ o de lá por ser o de lá de muito notavel ventagem em grandeza e fertilidade. IDEM *Ib.* 115: [...] viemos a lãçar mão da manicoba brava bem amargosa e sem sabor e depois chegamos a comer da mesma raiz da mãdioca brava assada de que algũs se comecarão a achar mal. eu então tiveme mais a fome posto que não me fez mal a que tinha comido; [...]. IDEM *Ib.* 117: [...] que para nos esforçarem pera o restante do caminho nos tinhão prestes hũas poucas de raizes de mãdioca a que chamam macacheira cosidas e hũ pouco de sal e pimenta da terra e hũ palmito pera assentar o estomago; [...]. IDEM *Ib.* 151: [...] porque não me tendo o outro dado nada elle me trouxera por algũas vezes hũs mingaos de mãdioca brava que caro me custarão, mas de tudo isto teve o Senhor por bem de me livrar; [...] . **1609** F. GUERREIRO *Relação* (ed. A Viegas, 1931, II. 423): [...] mas a verdade é que, tirando naqueles meses, em todo o tempo padecem muita fome, e assim a padecemos nós, que, quando temos uma raiz de mandioca da grossura de um rábão, damos graças a Deus, ficando muitas vezes sem jantar e o mais dos dias sem cear, [...]. **1610** J. MONTEIRO *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.* VIII. (1949) 395: [Os moromins] no viver são mui semelhantes aos Aimurés, porque sua habitação não é certa, sustentam-se de caça, frutos do mato, não prantam mandioca, nem outro algum legume à guisa do mais gentio, dormem no chão sobre ramos ou ervas, falam com muita pressa, e na pronunciação vizinham muito com os Castelhanos e ainda nas feições. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fls. 89*v.*-90: [...] os mantimentos de que se sustentaõ os moradores do Brazil brancos yndios e escrauos de guine, são diuersos hũs summamente bõns, e outros naõ tanto dos coais os principais e melhores saõ tres e destes ocupa o primeiro luguar a mandioqua que he a Raiz de hũ pao que se pranta de estaqua o coal em tempo de hũ ano está em perfeição de se poder comer e por este mantimento se fazer de Raiz de pao lhe chamão em portugal farinha de pao. IDEM *Ib.* fls. 91*v.*-92: [...] pois ainda se fazem mais transformaçoïs délla a coal he que despois da mandioca estar podre na Aguoa pello modo que tenho mostrado, por que a que está desta maneira se chama mandioqua puba, lhe tiraõ a casca e a poem no fumeiro donde despois de estar curada e seca se chama carima e se faz délla hũa eixcelente farinha de que se fazem hũas papas, em caldo de gallinha e de peixe, e tambem com asucar as coais saõ de marauilhozo guosto e de muito notrimento e tambem as aplicaõ pera mantimento de enfermos com muita vtilidade dos tais e a este semelhante manjar daõ por nome mingao. **1618** in RIC, XIX. (1905) 73: [...] as terras criam muitos mantimentos em grande maneira convem a saber de mandioca, milho zaburo, aboboras de muitas castas, [...]. **1621** in DAP, III. 7: [...] huã pequena

de farinha de Mandioca, a que chamaõ de pão, [...]. **1624** S. E. SILVEIRA *Relaçâo do Maranhão* fl. 4*v*.. [...] & não vzão da farinha de Mandioca; nẽ de arco, è frechas, [...]. **1627** V. SALVADOR *Hist. Brasil* I. viii. fls. 15-15*v*.: Mas o ordinario, e principal mantimento do Brazil he o que se fas da mandioca que saõ huás raizes mayores, que nabos, e de admiravel propriedade, por que se as comem cruas, ou assadas saõ mortifera pessonha mas raradas, exprimidas, e desfeitas em farinha fazem della huns bollos delgados, que cozem em hua bacia, ou alguidar, e se chamão beijús, que he muito bom mantimento e de facil digestão, ou cozem a mesma farinha mechendoa na bacia como confeitos e esta se a torraõ bem dura mais, que os beijús, e por isso he chamada farinha de Guerra, porque os Indios a levam quando vaõ á guerra longe de suas cazas, e os marinheiros fazem della sua matalotage, daqui pera o Reyno. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 176: A mandioqua he de quatro Castas a saber mandioqua ata e mandioqua ati maquaxeira e iurique ha destas outras que haqui diguo tres Cam bom as bom as [sic] pera fazer farinha e Carima e a maquaxeira serue pera comer asada e Cozida e he tam boma Como peras da nosa tera e das outras ce fas tapioquo que parese farinha de triguo e tem alguma rais tamanha como a Coxa de hum homem e he couza pera ver da bomdade desta tera que fiquamdo hũ pau na tera vem tres e quatro raizes e Ce berem [sic] da auguoa que saie dela cem a Cozerem moreram. IDEM *Ib.*: [...] e tem outra Casta de mandioqua que xomam mamdioqua aguoa que não tem diferemça no pau nem nas folhas da outra e não Cerue pera fazer farinha mais que manepoeira que he a aguoa Cozida de que os negros fazem muita estima e he hũa das gramdes pesonhas desta tera. **1636** L. FIGUEIRA *Missão do Maranhão* in S. Leite *Luiz Figueira* (1940) 195: [...] mas diante hia a fama e nouas da sua ida, com que antes que chegasse já se esperaua por elle cõ muito refresco de tartarugas, peixe, carne, e certo genero de pam moleite, que se fas de mandioca, que são hũs bollos mui brandos e se tem por regallo nestas partes e se chamaõ Tapiopubâs. **1648** M. CALADO *O Valeroso Lucideno* III. i. 152: [...] entrou [o Escolteto do Arrecife] nas freguesias de Sancto Amaro, & São Lourẽço, & as abrã ou com tyrannicas condenaçoens, porque aos que não achaua cõprehendidos na prematica da planta das rossas de mandioca, os condenaua por não terem meios alqueires, [...]. **1663** S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* I. § 82. 52: ensinandolhes cõ tudo primeiro o modo de plantar & colher o fruto do principal mantimento de que vsão, chamado mandióca. IDEM *Ib.* I. § 140. 85: No comer são tambem singulares. E supposto q̃ todos vsem dos mesmos mantimentos (commumente fallando) de raizes de plantas, mandióca, aypi, batata, inhame, carâ, mangarà, legumes, carne de suas caças, peixes de suas pescas, & frutas dos campos. [...] o que há de cozerse, em panelas, a q̃ chamão nhaempepó, de cujo caldo com farinha de mandióca fazẽ como papas, que chamão mingaú, ou mindìpiró. IDEM *Ib.* II. § 71. 150: O genero de erua de raiz mais notauel, & proueitosa do Brasil, he a que chamão mandioca. Tem debaixo de si diuersissimas especies, a saber: mãdijbuçú, mandijbimana, mandijbibiyána, mãdijbiyuruçù, apitiùba, aipiy; & este se diuide em mui varias especies apontadas á margẽ. O fumo destas raizes verdes (exceptas as dos aipiys todos) he venenoso, & mortal a todo o genero de viuente. IDEM *Ib.* II. § 73. 152: Lanção tambem de molho em agoa estas raizes por tres quatro, ou cinco dias, até que amoleçaõ, & destas assi molles, chamadas mandiópuba, fazẽ farinha mais mimosa, chamada vypuba; [...]. **1663** in ACS, IV. (1949) 174: [...] E a este Respeito seraõ os demais aume [nos pessas] as [Serrarias] a cada des [peças Se] lhe acrescentaraõ mais [Duas] E com a mesma igual[dade] E Respeito seraõ orçadas todas, o que naõ auera nos Lauradores de mandioca, porque a Estes Se lhe lançaraõ nos Escrauos que tiuerem somentes uisto laurarem mantimento E so arsento para o Pouo. *a*1667 HERIARTE *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 169): Dá [esta ilha] arroz, jerzelin, de que fazem bom azeite para comer: o pão que se come he de mandioca, de que fazem a farinha; [...]. IDEM *Ib.* 171: Os Mujaraguanos têm roças de mandioca, de que fazem farinha. **1675** F. B. FREIRE *Hist. da Guerra Brasílica* IV. 187-188: A Mandiòca dividese em perluxas, & diversas especies de outras plãtas, com a mesma propriedade. Cresce de piquena estaca, ao igual das hervas, que mais se levantão da terra, sazonandose em menos de hum anno. O summo, he mortalmente venenoso. O amego, ralado, & espremido, se cose no forno em vasos largos, desfeito como o cuscùz de Europa. Desta sorte, lavrão esta farinha, que sustentandó geralmẽte todo o Estado do Brasil, obrão os Indios de três castas, a que chamão Vytingga, Vyèçacoátinga, Vuatá. **1679** R. JESUS *Castrioto Lusitano* I. iv. 181: Tinha mandado o seu conçelho supremo, que cada hum dos vezinhos plantasse em sua fazenda, quando menos, mil covas de Mandioca, (ordinario sustento daquellas partes) [...]. **1681** A. O. CADORNEGA *Hist. Guerras Angolanas* (ed. 1942, III. 135): [...] poupão a farinha de pao ou de mandioca e não gastão tanto della e se provẽm do necessario que lhes falta em quanto a gente portugueza, [...]. *a*1696 G. MATOS *Obras* (ed. 1969, II. 486): que os tais imitar pertendam! a poesia de Angola, | cuja catinga os consola, | qual mandioca negreira! I. *c*1698 J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 15: [...] e muitas vezes, idos os annos, as raizes das mandiocas das quaes usam em lugar de trigo, engrossam em pouco tempo. IDEM *Ib.* 314: Deram finalmente com uma Nação que tinha roças abundantes em mandioca, não faltando pelo rio pirahuybas e outras castas de peixes, com que a tropa se ia sustentando. **1705** M. B. OLIVEIRA *Música do Parnasso* 134: A Mandioca, que Thomè sagrado | Deu ao gentio amado. | Tem nas raizes a farinha occulta. | Que sempre o que he feliz, se difficulta. | E parece que a terra de amorosa | Se abraça com seu frutto deleytosa: | Della se fas com tanta actividade | A farinha, que em facil brevidade | No mesmo dia sem trabalho muyto | Se arranca, se desfas, se cose o fruyto; | Della se fas tambem com mais cuydado | O beyjù regalado, | Que feyto tenro por curioso amigo | Grande ventagem leva ao pão de trigó. **1711** A. J. ANTONIL *Cultura e Opulência do Brasil* I. i. 2: [...] & para isso saõ necessarias Roças de muitas mil covas de Mandioca. **1711** in RAPM, II. (1897) 265: [...] aonde tinha seu engenho de cana, mandiocas, e mais plantas, e tinha mais quatro rossas de milho, e feijão. **1716** J. F. M. MASCARENHAS *Os Orizes Conquistados* in DAP, XXVI-XXVII (1948) 2: Cultivaõ sómente a mandioca, paõ universal das Nações Brasilicas; [...]. **1721** F. F. HENRIQUES *Ancora medicinal* (ed., 1731, 56): No Brazil, onde, ou por ignavia dos naturaes, ou pelas qualidades das terras, naõ ha Paõ, supre-se este defeito com a farinha de pào, que he o pó de umas raizes sativas, e cultivadas, a quem chamaõ *Mandiocas,* de que fazem varias especies, e dellas seus bolos a que chamaõ *Bejùs;* os que vem a Portugal, e afarinha de *Carimar,* que he da mesma *Mandioca,* e serve de utilidades nas tosses humidas, e nas fluxoens de estilicidio, como conhece toda a gente do povo. A raiz he quente, e secca, e a sua farinha tem as mesma qualidades. **1721** in *Docs. Hist. Paraná* (ed. 1923, 23): Tratão aqui mais que na circumvisinha da lavoura de mandioca, de que fazem farinhas, que bastantes embarcações vem aqui carregar, [...]. *c*1727 J. A. C. CAMELO *Das Minas do Cuiabá* in RIH, IV. (1842) 497: [...] dão tambem excellentes mandiocas, de que se faz farinha: [...]. **1730** ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 33. 23: As Capitanias do Norte carecem de farinha de trigo, de que abundão algumas do Sul, mas a commum, e geral em todas he a da mandioca. Esta se planta com huns ramos, ou garfos, que em qualquer tempo (exceto nos mezes de Abril, Mayo, e Junho, que saõ os do mais rigoroso Inverno no Brasil) se metem na terra, chamados Manaibas, [...]. IDEM *Ib.* § 34. 24: Das mesmas raizes lançadas de molho, se fas a mandioca-puba; [...]. **1741** in ABAP, II. (1902) 12: A mandioca dasse igualmente bem [...]. **1748** in ACSP, XII. (1918) 573: [...] que ha mais de oito annos a esta parte não pode colher milho, nem feijão e mandioca [...]. *c*1753 in DAP, VII. 6: [...] encontrarão com hũas Tapuyas, q̃ vinhão buscar mandioca, [...]. **1757** D. L. COUTO *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 318: A mandioca de que se faz a farinha usual do Brazil, sendo refinado veneno antes de lançada de molho, he utilissimo sustento depois de beneficiada. **1759** in ADF, I. (1894) 144: Dous coixos de aparar, ou de botar a mandioca. **1760** in ABAP, X. (1926) 286: [...] na carta de V. Ex.ª de 15 de junho do prez.e anno sobre o cuidado que devo ter às plantaçoens da mandioca como um dos primeiros objectos e interece das Povoaçoens [...]. **1761** JABOATÃO *Novo Orbe Seráfico Brasílico* I. i. 20: Eraõ os Tupynambás muy trabalhadores das suas lavouras, que plantavaõ, e entre ellas a principal a Mandioca, [...]. **1763** J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 100: Maniba, isto é, a planta da farinha de mandioca, produzida sem industria humana, [...]. IDEM *Ib.* 487: Respondeu o chamado amigo como procurador; entregou o miseravel [um homem de fóra] a sua alma ao diabo; e apparecendo de repente uma grande mesa, e sentados varios demonios á roda, cada um com uma canella ou osso de defunto, lhe offereciam para roer: mas o amigo lhe disse que comesse um bocado de beijú ou bolo de mandioca. **1763** in RAPM, VI. (1901) 631: [...] os bens que da mesma escritura consta que são os seguintes huma fazenda com sua casa de vivenda coberta de telha com ingenho de pillões e roda de mandioca e hum grande bananal e mandiocas plantadas e mais capoeiras. *c*1767 J. DANIEL *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, II. (1840) 334: Tambem da vinda do Apostolo S. Thomé á America, e que os ensinára o modo de cultivar as suas sementeiras, que todas se cifrão na mandioca e farinha de pau, e poucas outras. **1769** M. S. M. ITAPARICA *Eustachidos* 126: Outras frutas dissera, mas agora | Tem lugar os legumes saborosos, | Porém por naõ fazer nisto demora | Deixo esta explicação aos curiosos; | Mas com tudo dizer quero por hora, | Que produz esta terra copiosos | Mandioca, inhames, favas, e carás, | Batatas, milho, arroz, e mangarás. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 271: [...] a maior parte do anno os operarios das obras reaes passam unicamente com a ração de farinha de mandioca, que se lhes dá dobrada, por não haver peixe ou tartaruga; [...]. **1781** DURÃO *Caramurú* VII. xxviii. 204: Depois que em bolandeiras foi ralada, | No Tapití se espreme, e se convinha, | Fazem a puba então, e a tapioca, | Que he todo o mimo, e flor da mandioca. **1782** F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim. e Miner. do Brazil* I. ii. 23: A Mandioca hé huma Planta tão conhecida como necessaria neste Brazil, por se fazer della o pam com que os seus Habitantes se sustentão. **1783** M. C. ABREU *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 287: Os moradores das villas de S. Vicente, Concei-

ção de Itanhaen, Iguape e Cananéa vivem miseraveis, pois só tem a pesca, alguma farinha de mandioca e madeiras para venderem aos navegantes daquela costa. [...]. **1787** in *Annexes du Premier Mémoire du Brésil* I. (1903) 263: Isto, porém, não decide contra o terreno do Rio Branco, nem contra o meu projeto, pois toda a mais Capitania ha formiga e ha roças de mandioca. IDEM *Ib.* 267: [...] costumão fazer de roças de mandioca puba o seu diario sustento, [...]. **1788** in ADF, II. (1895) 371: [...] tem tres legoas de terras em sapo caya termo da Villa de Santo Antonio de Sá Comarca desta Cidade em que tem fazendas de mandioca. **1789** F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 68: [...] nutre-se [a napupe] de frutas, e legumes, que acha pelas roças, cavando, e arrancando mandiocas, e milhos. **1797** in ADF, II. (1895) 228: Em vereança de 6 de Abril do anno paçado acordou o Senado que se estabelecesse hú Terreiro publico p.ª venda da Farinha de Mandioca Milho Fejão e Aros [...]. **1799** E. A. S. CORREIA *Hist. Angola* (ed. 1937, I. 114): O cultivo mais simples hé o da mandioca: com tudo a dispozição com q̃ hé plantada diminue a colheita. IDEM *Ib.* I. 139: No Brazil chamão, a esta raiz apodrecida; e q̃. exalla hum cheiro desagradavel; Mandioca Puba, [...]. **1817** CASAL *Corografia Brazilica* I. 114: [...] a mencionada *mandióca*, fraiz comestivel; da qual se faz o pão uzual do paiz: a sua planta, que admitte varias castas, he um arbustulo d'huma ou mais hasteas com folhas dedaleas de grandes, e grossos peciolos, e que vam cahindo à proporção, que outras crescem: a raiz depois de raspada, e ralada he esprimida athé ficar exhaurida do seu abundante succo, que d'ordinario he venenozo: e por fim torra-se num alguidar grande de barro ou de cobre, assentado sobre uma fornalha, athé ficar secca. Este vegetal só prospéra em terrenos fortes, e em quanto não estam cançados. Planta-se cavando a terra em pequenos montes, e mettendo em cada um ametade d'hum tôro da hastea da mesma planta, que tenha um palmo de comprimento. **1842** MARTINS PENA *O Juiz de Paz* (ed. 1956, I. 30): — Que fique raspando mandioca, que é oficio leve. **1847** A. LEVERGER *Rio Paraguai* in RIH, XXV. (1862) 222: Occupam-se de lavoura, e abastecem essa parte de nossa fronteira de farinha de mandioca e feijão; [...]. **1856** D. MAGALHÃES *A Confederação dos Tamoyos* V. 151: Quem mostrou aos Tupís como extrahindo | Da mandioca o succo venenoso, | Se fabrica a farinha e a tapioca. **1865** J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, xxiv. 145): A filha de Araken, foi buscar á cabana as iguarias do festim e os vinhos de genipapo e mandioca. **1869** B. GUIMARÃES *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. iv. 75): Ora o regalava com os mais saborosos peixes e a caça a mais delicada, ora com os tenros palmitos ou a alva mandioca embebida no delicioso mel de jatahy, com ovos de tartaruga, com fructos silvestres, e o suave licor extrahido do tronco do burity; [...]. **1871** IDEM *Lendas e Romances* I. iii. 27: — Deixa a pobre rapariga chorar, gritou pae Simão, que até alí tinha-se conservado silencioso acocorado ao pé do fogo, comendo uma cuia de melado com mandiócas assadas. **1871** J. ALENCAR *O Tronco do Ipê* I. vii. 75: Esse primeiro dono foi um negro cambaio, que ali viveu desde tempos remotos, quando a fazenda não passava de uma roça á tôa com um velho casebre e alguma plantação de mandioca e milho. **1872** IDEM *Til* II. viii. 92: Nhá Tudinha não tirava o sentido do forno onde assava um bolo de mandioca puba: além de que de prova em prova já petiscára seus biscoitos bons. **1872** TAUNAY *Inocência* (2ª ed., 1884, i. 16): Satisfeita a sêde que lhe seccára as fauces, e comidas umas colheres de farinha de mandióca ou de milho adoçada com rapadura. **1873** J. ALENCAR *O Garatuja* xi. 92: — Tão são tivesse o senhor miolo, que já me está cheirando a mandioca puba!... **1874** IDEM *Ubirajara* iv. 61: "Delle aprenderam as nações a plantar a mandioca para fazer a farinha; e a tirar do cajú e do ananaz o generoso cauim, que alegra o coração do guerreiro. **1874** TAUNAY *Histórias Brasileiras* 18: — Julio Freitas de Miranda, murmurou elle, largo da Mandioca n. 10. **1875** J. ALENCAR *O Sertanejo* I. xx. 244-246: Os lenhadores voltavam do mato carregados de feixes, emquanto os companheiros conduziam á bolandeira cestos de mandioca, ainda da plantação do anno anterior, para a desmancharem em farinha durante o serão. **1876** COUTO DE MAGALHÃES *O Selvagem* II. I. 12: Condensam tambem [...] o caldo da mandioca de que preparam uma conserva [...]. **1876** N. J. R. SOUSA *Diário* (ed. 1946, 25): [...] trouxemos 2 panacus com mandioca [...]. **1876** F. TÁVORA *O Cabeleira* viii. 138: Sem ter escravos nem dispôr de grandes meios pecuniarios, Liberato, com o auxilio de Gabriel, Sebastião, Ricardo e Vicente, plantava cannas, fazia roçados e vasantes, e, no tempo proprio, fabricava assucar e rapaduras, distillava aguardente, e desmanchava mandioca que lhes dava farinha para todo o anno. **1878** IDEM *O Matuto* xiii. 171: Não o afamado bolo de S. João, que só nas mezas ricas ou ao menos abastadas costuma apparecer, mas uns bolos de mandioca estavam assando no forno, e por terem sido feitos pelas duas filhas de Victorino mereciam a honra de ser visitados por ellas emquanto não ficavam no tom de apresentar-se. **1878** TAUNAY *Narrativas Militares* 13: [...] parte um pedaço de rapadura, dissolve-o n'agua e junta-lhe farinha de mandioca ou de milho, se fôr bem fresca. *a*1884 B. GUIMARÃES *O Bandido do Rio das Mortes* (ed. 1905, x. 107): Como a agricultura naquella epoca e neste paiz das Minas era muito secundaria apesar da uberdade do terreno, apenas haviam em S. João algumas pequenas plantações de milho, de feijão ou de mandioca. **1886** J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazônia* (ed. 1899, 345): Planta tão bem a mandioca como pesca o tucunaré. **1888** INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, II. ix. 131): [...], as noites nas festas ruidosas dos lundús e dos cateretès que iam até ao amanhecer, ao som dos instrumentos primitivos dos tapuyos, ao perfume irritante da aguardente de mandioca e da catinga das mulatas, [...]. **1890** A. AZEVEDO *O Cortiço* ix. 134: A revolução afinal foi completa: a aguardente de canna substituio o vinho; a farinha de mandioca succedeu á brôa; [...]. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. v. 82: Raras vezes juntam-lhes sal e quasi sempre farinha, a sua farinha d'agua, de mandioca amarella ou da branca previamente apodrecida n'agua (mandioca puba, chamada). **1898** A. ARINOS *Os Jagunços* II. i. 153: Eram productos da roca — espigas de milho misturadas com abóboras, pepinos, raizes de mandioca e de batata roxa. **1902** E. CUNHA *Os Sertões* 452-453: As pequenas roças de milho, feijão da vazante e mandioca, que attenuavam a principio a semsaboria dessa alimentação de feras, exhauriram-se prestes. **1903** D. OLÍMPIO *Luzia Homem* i. 2: Acertára a Comissão de Soccorros em substituir a esmola depressora pelo salario emulativo, pago em rações de farinha de mandióca, arroz, carne de xarque, feijão e bacalháo, [...]. **1913** SIMÕES LOPES *Lendas do Sul* 27: E atulhava de planta cohida — milho, feijão, mandioca — os meus paióis. **1914** COELHO NETO *Rei Negro* vi. 261: Balbina poz-se a caminho dobrando o cómoro pelo lançante suave todo espalhado de ramas de mandióca. **1918** MONTEIRO LOBATO *Urupês* 223: Ha bens que vem para males. A mandioca illustra que farte, o avesso do proverbio. **1919** IDEM *Cidades Mortas* 11: Raro é o casebre de palha que fumega, e entremostra em redor a rocinha de mandioca, o quartel de canna. **1920** LIMA BARRETO *Histórias e Sonhos* 126: [...]; von Langschoff, consul geral da Russia, tinha uma fazenda na raiz da serra, onde cultivava em larga escala a mandioca; [...]. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* i. 10: E pediu prá mãi que largasse da mandioca rolando na cevadeira e levasse êle passear no mato. A mãi não quis porquê não podia largar da mandioca não. **1929** G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* xvi. 291: Voltou a mãe de santo com uma gallinha preta, uma garrafa de paraty, uma cuia de farinha de mandioca e um copo de azeite de mamona. IDEM *Ib.* xvi. 268: [...] quando Salvador e os estrangeiros se mettiam na goiabada e no pudim de mandioca puba, o administrador regalava-se com as frias peras da California. **1929** A. PEIXOTO *Sinhàzinha* i. 6: Agora, esbelta e linheira, parecia naturalmente ai crescida e enfolhada, se dos galhos não lhe pendessem espigas de milho, raizes de mandioca, garrafas de vinho, [...]. **1930** G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 169: Esqueceia-me de mencionar uma bacia de barro contendo massa de mandioca, [...]. **1933** G. RAMOS *Caetés* xiii. 102: Vou preparar o Sardinha pela sua receita e misturo tudo com pirão de farinha de mandioca. **1934** IDEM *S. Bernardo* iv. 21: Tenho pensado numa plantação de mandioca e numa fabrica de farinha, moderna. **1934** J. L. REGO *Banguê* II. ii. 150-151: Para crear gado, pagavam ao senhor de engenho um tanto por cabeça e da mandioca que desmanchavam, uma cuia de farinha, por certa quantidade, seria da Fazenda. **1936** IDEM *Usina* II. xiv. 223: A terra era fraca, só dava mesmo para mandioca e fruteiras. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* vii. 82: De sorte que os bichos ingerindo a mandioca brutamente como ella está na roça, sem a limparem do envolucro que a cobre, nada sentem, porque essa casquinha os imuniza. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 154: — Por causa que êle queria tomar de mim estas mandioquinhas ensoadas... **1956** IDEM *Grande Sertão: Veredas* 12/13: Agora, o senhor já viu uma estranhez? A mandioca-dôce pode de repente virar azangada — motivos não sei;... E, ora veja: a outra, a mandioca-brava, também é que às vêzes pode ficar mansa, a êsmo, de se comer sem nenhum mal.

mandiocaí *s.f.* [< T. manioka'i].

Nome comum a várias plantas do gênero *Didymopanax*, da família das araliáceas.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXIX. 65): Mandiocaí é uma árvore assim chamada pelo gentio, de honesta grossura e comprimento, de que se fazem esteios dos engenhos e virgens, por ser madeira de muita dura, a qual é pesada e boa de lavrar, e de côr amarelaça.

mandiocal *s.m.* [< mandioc(a + -al].

Plantação de mandioca.

1757 in ADF, I. (1894) 558: [...] pª plantar suas Lavouras, e mandiocais, [...]. **1799** E. A. S. CORREIA *Hist. Angola* (ed. 1937, II. 220-221): Os inimigos acautelarão de tal forma os mantimentos, q̃ não se achou hum só Legume; & somente os mandiocaes, fornecerão algum sustento, [...]. **1817** CASAL *Corografia Brazilica* I. 74: Todos os trabalhos admittem dias de descanço, menos o de preservar os mandiocaes deste daninho vivente: [as formigas de mandióca]. **1842** MARTINS PENA *O Juiz de Paz* (ed. 1956, I. 29): — Meu pai disse que quando desmanchar o mandiocal grande há-de comprar uma negrinha para mim. **1856** D. MAGALHÃES *A Confederação dos Tamoyos* VIII. 245: Correm, vôam as soltas labaredas | Pelos mandiocaes e milharadas, | Á cinzas reduzindo as verdes roças. **1895** COELHO NETO *Miragem* I. iv. 61: [...] uma parte para horta, outra parte para os cereaes, as barrancas virgens para o

mandiocal, as collinas para o café, o corte dos aceiros, a construcção do bicame para as regas. [...]. **1914** IDEM *Rei Negro* i. 15: A lavoura não lhe dava cuidado — sentia-a medrar nos outeiros encarapinhados pelos cafesaes, nas chans de milho e canna, nos acclives que o mandiocal alastrava. [...]. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 278: Um mandiocal. O cafesal: de cimo a chão, moita e fôlha. As bananeiras. **1956** IDEM *Grande Sertão: Veredas* 56: — "Aí, então, é a fome?" — uns xingavam. Mas outros conseguiram da mulher informação: que tinha, obra de quarto-de-légua de lá, um mandiocal sobrado.

mandioqueiro *s.m.* [< mandio(ca) + -(qu)eiro].

Pequeno lavrador que se dedica ao cultivo da mandioca; *por extensão*, roceiro, matuto, caipira.

1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 74: — Elas ficam nas janelas e nas portas, vestindo de pijama... de menos ainda... Só vendo, seus mandioqueiros!

mandubi *s.m.* Var.: 6 *mandube*, 7-8 *mandubé* [< T. manī'i ~ Cp. MANDI].

Peixe siluriforme da família dos ageneiosídeos.

*c***1631** C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 173*v.*: mandube peixe de palmo e meio ou mais cem esquama e pardo por o lombo e bramquo por a barigua e he muito bom comer fresquo e salguado e ce matão a linha. *c***1777** F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 259: [Peixe de menor corpulência] Mandubé-Anajá. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 34: [...] os saborosos *mandubés, piramutábas, mandiis, matupiris, aracús, trairas, jejús*, e *tamoatás*, conhecidos por *peixe do mato*, [...]. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazónia* II. ix. 156: Então "para as mesas delicadas" se pescavam a pescada, o mandubé, o maparà e o urucá. [...].

manduri *s.m.* Var.: 8 *mandory, mandury* [< T. ?].

Abelha da família dos meliponídeos.

1872 TAUNAY *Inocência* (2ª ed., 1884, xi. 118): Quando nada se tenha que comer, vai-se ao matto, e fura-se mel de jataby e mandory ou chupa-se miôlo de macaubeira. **1878** IDEM *Narrativas Militares* 13: Se a abelha fôr *mandury*, os olhos do *melleiro* interrogão só a bifurcação dos troncos; [...].

manduricão *s.m.* [< manduri + -(c)ão?].

Espécie de abelha.

1930 G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 223/224: Ha pouco, o General trouxe ao Sampaio uma plantinha, da familia das Melastomaceas, que deve ser a mellifera da manduricão.

mangaba *s.f.* Var.: 5, 8 *mangába*, 5-9 *mangaba*, 5 *mãgaua*, 6 *mangaua*, 6-7 *mangava*, 6 *manguaua*, 7 *mangabá* [< T. ma'ŋaŋa ~ VLB II. 121: *Sorua* = Mangaba].

Planta da família das apocináceas, cujo fruto é muito apreciado; mangabeira.

[**1554** B. LOURENÇO *Carta* in S. Leite *Cartas* II. (1957) 43: De dia nos ivamos por esses matos a comer frutas silvestres, que llaman mangabas, que son como sorvas de Portogal; (...)]. *c***1584** CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fls. 20-20*v.*: Mangába. Destas aruores ha grande copia, max^e na Baya porq̃ nas outras p^tes são raras, na feiçaõ se parece cõ maceira de anafega, e na folha cõ a de freixo, saõ aruores graciosas, e sẽpre tẽ folhas verdes. Daõ duas uezes fruito no anno, a 1ª de botaõ. porq̃ naõ deitaõ flor, mas o mesmo botaõ he a fruita, acabada esta camada q̃ dura dous, ou tres meses dá outra, tomando primeiro flor, a q̃l he toda como de gesmi, e deitaõ bom cheiro, mas mais esperto: a fruita he de tamanho de albicorques amarella, e salpicada de alguãs pintas pretas, dentro tem alguãs piuides, mas tudo se come, ou sorue como soruas de portugal, saõ de m^to bom gosto, sadias, e taõ leues q̃ per mais q̃ comaõ parece q̃ naõ comẽ fruita, naõ amodrecem na aruore, mas caẽ no chaõ, e day as apanhaõ ia maduras, ou colhendoas uerdes as poẽ em madureira, dellas fazẽ os Jndios uinhos; a aruore e a mesma fruita em uerde toda esta chea de leite branco q̃ pega muito nas maõs, e amarga. **1585** IDEM *Informação* fls. 80*v*-81*r.*: Daqui partimos pera a Aldea atraueçando pelo sertaõ, caminhamos toda a tarde por hũs Mangabaes q̃ se pareçẽ alguã cousa cõ maceiras danafega. dão huãs Mangabas amarellas do tamanho e feiçaõ de albicorques, cõ mujtas pintas pardas q̃ lhe daõ muita graça. naõ tem caroço, mas huãs piuides muj brandas q̃ tambẽ se comẽ, a fruita he de marauilhoso gosto, tam leue e sadia que por mais que huã pessoa coma naõ ha fartarse, soruemse como soruas, naõ amadurecẽ na aruore, mas caindo amadurecẽ no chaõ ou pondoas em madurejro. daõ no anno duas camadas a pr^a se diz de botaõ e naõ da flor, mas o mesmo botaõ he a fruita. Estas saõ as melhores e majores, e uẽ p^lo natal, a 2ª camada he de flor alua como neue, da propria manr^a, que a de gesmi, assi na feiçaõ, tamanho, e chejro. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LII. 11): [...] o fruto é amarelo corado de vermelho, como pêssegos calvos, ao qual chamam mangabas; que são tamanhas como ameixa e outras maiores, as quais em verde saõ tôdas cheias de leite, e colhem-se inchadas para amadurecerem em casa, o que fazem de um dia para o outro, porque se amadurecem na árvore caem no chão. *c***1590** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. M) 450-451: Mãgaua he tamanho de hũ limaõ galego e m^to boa serue como soruas naõ lhe botaõ nada fora. *c***1594** IDEM *Ib.* (ms. C) 1688-1700: Mangabas He m^to boa fruita pareçe no comer cõ soruas mas muj deferẽte no gosto bõ e sabor e boa dezistaõ e por m^tas q̃ comaõ naõ empachaõ nẽ emfastiaõ de madurejro saõ boas e a flor cheira bẽ, naõ tẽ casca tudo se come e as peuides taõbẽ q̃ saõ piquenas perde a folha cada anno como as aruores em portugal e assy carrega huã vez no anno cousa q̃ comũm^te todas as aruores estaõ todo o anno como q̃ se nũqua mudaçe a folha mas inda q̃ algũa vez as aruores a mudẽ sẽpre lhe fica ja outra noua e assi nũqua estaõ sẽ folha. *c***1596** S. TRAVAÇOS *Declaração do Brasil* xlviii. fl. 86*v.*: Ha huãs aruores como amexieiras, E o fruto he como amexeas grande da cor de pesegos caluos e assi gõstosos, E saborosos, chamãose mangabas, de que ha muitos matos cheios, que saõ muito peitorais, frias e sadias. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 109*v.*: [...] mangaua, fruta que pode ser estimada antre as boas que ha no mundo a quoal semelha as soruas de portugal [...]. **1618** in RIC. XIX. (1905) 72-73: [...] tem mais de 40 legoas ao redor de si de muitas fructas as melhores do Brazil, como são cajus e mangavas que os antigos plantarão, e no tempo desta fruta sustenta todos aquelles Indios o recolhem muita Castanha do caju para o inverno. **1618** S. E. SILVEIRA *Carta* in ABN, XXVI. (1905) 364: Ha mais infinitas fruitas Ananases, batatas inhames, cajus como macaris, mangavas, como uuas de que se faz vinho e vinagre, anhas como amendoas no sabor que durao secas, [...]. **1624** IDEM *Relação do Maranhão* fl. 11*v*: [...] mangauas com sabor de soruas, mas mayores & milhores. **1644** *Livro de Contas* in DHA, II. (1956) 307: [...] por 22.1^as de manguauas em comcerua a 70 rs lv 540. **1645** IDEM 360: [...] por uinte liuras de mangauas en concerua a 80rs lv 600. **1663** S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 87. 162: Mocujẽ, que, se não excede, naõ cede, à mangaba na doçura do fruto. **1685** J. S. FERREIRA *Noticiário Maranhense* i. 33: Muita uariedade de fructas; assim de cultura como silvestres: sendo destas Rainha a Mangaua, chea de hũa suaue maça branca; como nata, E hũa pelica uermelha tão tenue que pondosse nos labios se deixa coar; como sorua pouco maior. *c***1698** J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 25: [...] tem comtudo assaz campinas, por uma banda, cheias de mangabeiras, que dão mangabas mui excellentes, e mais de jabutis, ou kagados, [...]. **1702** A. ROSÁRIO *Frutas do Brasil* III. ii. 132: Hũa das mais nobres frutas desta America he a Mangaba, de que se faz rica conserva, bem estimada, ainda fóra da sua patria; [...]. **1705** M. B. OLIVEIRA *Música do Parnasso* 133: A'lem das fruytas, que esta terra cria, | Tambem naõ faltam outras na Bahia; | A mangava mimosa | Salpicada de tintas por fermosa, | Tem o cheyro famoso, | Como se fora almiscar oloroso; | Produze-se no mato | Sem querer da cultura o trato, | Que como em si toda a bondade apura, | Naõ quer dever aos homens a cultura. **1721** F. F. HENRIQUES *Áncora medicinal* (ed. 1731, 237): Mangaba. He hum dos mais deliciosos fruttos da America; frio, e humido, muito succoso, e deliciosissimo no gosto; não madura nas arvores, mas caindo dellas, logo amadurece. Em quanto verde he austero, e amargoso, de tal sorte que nem os brutos o comem. He de facil cozimento, e digestaõ depois de maduro, tempera os ardores das entranhas; e he grande remedio dos febricitantes, como em si mesmo experimentou Guilherme Piso, segundo escreve no livro que imprimio das cousas medicinaes do Brasil. **1730** ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* i. § 52. 32: As frutas silvestres saõ muitas, e entre ellas as de melhor sabor, e mais nome, as mangabas, que sazonadas excedem a muitas, e em conserva nenhuma as iguala, suaves no cheiro, e agradaveis à vista, de huma parte vermelhas, amarelas de outra: [...]. **1763** J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 343: Ha abundancia de farinhas, veados, porcos, carneiros e ovelhas. Tem fructas de atas, mangabas e outras, mas pouca banana. *c***1777** F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 263: [Arvore fructifera] Mangaba. **1781** DURÃO *Caramurú* I. xxxii. 19: Mimosas carnes mandão, doces frutas | O araças, o cajú, coco, e mangaba; |. IDEM *Ib.* V. xiii. 145: A mulher cada hum lhe offerecia: | Trazem-lhe o peixe, as carnes, a mangaba, |. IDEM *Ib.* VII. xlvi. 210: As várias frutas do Brazil campestres, | Com gala de ouro, e purpura vistosas, | Brilha a Mangabá, e os Mocujes silvestres: |. **1783** M. C. ABREU *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 267: A distancia deste logar á referida fazenda é de duas léguas e meia, de caminho terral, por entre campos e mattos cerrados, cujos campos têm suas fructas, cajús, mangavas e algumas guavirovas, como tambem ariticuns. **1789** in ADF, I. *Supl.* (1894) 27: Ezte he o condutor do oiro, leva um caixão com doçe de mangaba secaz, q.^e me fará m^e oferecella ao Snr. Gonzaga em meu nome. **1792** F. O. BARBOSA *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 35: [A villa de Cuyabá] tem muitas frutas, como são: bananas, laranjas, melões, melancias, cajús, mangavas, e pequiis: [...]. **1806** in RAPM, VI. (1901) 768-769: Fructas ha indigenas, e algumas silvestres, de que se faz grande uso no Paiz. A Jaboticaba he a melhor; a Mangaba, a Guaiaba, o Arassá, a Pitanga, O Maracujà, o Mamão comem-se em fructa e em doce. **1812** B. A. GOMES *Plantas do Brasil* clxvi: O leite viscoso, que se tira por incisão, tanto das Mangabas verdes, como da casca da Mangabeira, coalha-se, e dá huma especie de Gomma

elástica, como a que vem do Pará, com a differença, segundo me pareceo, menos elástica. **1817** CASAL *Corografia Brazilica* I. 363: Os cajús, as jabuticabas, os araticuns, as mangábas, sam conhecidos por toda a parte, como tambem as laranjas, limoes, bannanas, annanazes, e melancias. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 19-20: [...] *cajús, mangábas, guaiabas* brancas e encarnadas, [...]. **1865** J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, ii. 18): Iracema sahiu do banho: o aljofar d'agua ainda a roreja, como á doce mangaba que corou em manhã de chuva. **1866** IDEM *As Minas de Prata* VI. vii. 190: [...] e as flores silvestres da mangaba e do cajá abriam a caçoula de seus perfumes. **1872** TAUNAY *Inocência* (2ª ed., 1884, v. 62): — Agora está ella um tanto desfeita, mas quando tem saude é coradinha que nem mangaba do arêal. Tem cabellos compridos e finos com seda de paina, [...]. **1879** F. TÁVORA *Carta* in 'Apêndice' a *Um Casamento no Arrabalde* (ed. 1903, 95): Eu n'este ponto, como em varios outros, sou muito provinciano, gosto do que é simplesmente doce e se parece com o succo da canna chupada na casa do engenho, ou a deliciosa mangaba sorvida ao pé da arvore que a produz, em região agreste e virgem. **1881** IDEM *Lourenço* (ed. 1902, xvi. 243): [...] o matto porém era o seu principal fornecedor, agora lhes dando a paca, o tatú, a cutia, o preá; agora o jacú, a juruty, o nambú, o pato bravo; agora o ananaz, o inhame, o ingá, a mangaba, o cajú. **1895** TAUNAY *O Encilhamento* II. xv. 101: [...] explorações já não em grande, mas em ponto enorme, dos productos naturaes, borracha, cacáo, castanhas, sabão vegetal, baunilha, gutta perche, mangaba, [...]. **1899** IDEM *No Declínio* xxviii. 256: Que disparidade na simples conformação dos seios! Que róscos matizes nas aréolas dos tumidos biquinhos e nos peitos ponte-agudos, desde o carmezim da polposa pitanga, até ao desmaiado da mangaba que vae amadurecer!... **1935** JORGE DE LIMA *Calunga* xii. 100: Por enquanto consentia que desfrutassem coqueiros mangas; cajú era mato, mangaba e cajurú tambem ali davam demais. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 182/183: Depois do doce — compota de mangabas de-vez, em verde calda crassa — fitou-me com um olhar novo, quase prometedor. **1956** IDEM *Grande Sertão: Veredas* 35: Ah, a mangaba boa só se colhe já caida no chão, de baixo...

mangabal *s.m.* [< mangab(a + -al].

Plantação de mangabeiras; mangabeiral.

1585 CARDIM *Informação* fl. 80*v.*: Daqui partimos pera a Aldea atraueçando pelo sertaõ, caminhamos toda a tarde por hũs Mangabaes q̃ se pareçê algũa cousa cõ maceiras danafega. **1956** GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 48: Em o que afundamos num cerrado de mangabal, indo sem volvência, até perto de hora do almoço.

mangabarana *s.f.* [< mangaba + -rana (< T. 'rana 'semelhante')].

Planta da família das sapotáceas.

1956 GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 48/49: Mas o terreno aumentava de soltado. E as árvores iam se abaixando menorzinhas, arregaçavam saia no chão. De vir lá, só algum tatú, por mel e mangaba. Depois se acabavam as mangabaranas e mangabeirinhas.

mangabeira *s.f.* Var.: 5-6, 8-9 *mangabeira,* 5 *mãgabeira,* 6 *mangaueira,* 7 *mangabeyra, mangaveira* [< mangab(a + -eira].

Mangaba.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LII. 11): Na vizinhança do mar da Bahia se dão umas árvores nas campinas e terras fracas, que se chamam mangabeiras, que são do tamanho de pessegueiros. Tem os troncos delgados, e a fôlha miúda, e a flor como a do marmeleiro; o fruto é amarelo corado de vermelho, como pêssegos calvos, ao qual chamam mangabas; que são tamanhas como ameixas e outras maiores, as quais em verde são tôdas cheias de leite, e colhem-se inchadas para amadurecerem em casa, o que fazem de um dia para o outro, porque se amadurecem na arvore caem no chão. *c***1594** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1884-1887: Moxiricuiiba Ha na paraiba saõ como mãgabeiras a fruita como larãjas das peuides fazẽ o azeite e a casca serue pª barbasco. *c***1631** C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 183: Mangaueira he hũa aruore não mᵗᵒ grande nẽ grosa da hũa frutta mᵗᵒ gostoza do tamanho de aluaricoques ou frutta nqua cendo maduras cheirão e cão tão molles que se esmagão todas tem bon sabor a cor he colorada a flor he branca como de mão [*sic*]. **1663** S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 87. 162: Mangabeira, cujo fruto é suauidade de gosto & cheiro não concede ventagem a muitos de Europa. *c***1698** J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 25: [...] tem comtudo assaz campinas, por uma banda, cheias de mangabeiras, que dão mangabas mui excellentes, e mais de jabutis, ou kagados, [...]. IDEM *Ib.* 376: Desta aldêa, dadas as graças ao nosso bemfeitor, montámos outra vez a cavallo, e passando pelas mangabeiras e o sitio das pedras cryztaes, chegámos finalmente á desejada fortaleza do Ceará, [...]. IDEM *Ib.* 426: É o sitio de Tabarapixy muito ameno e alegre pelas suas campinas, não tanto para mantimentos quanto para mangabeiras docissimas, e além disso da grossura de um ovo de ganso, [...]. **1757** D. L. COUTO *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 36: O mesmo socede com as Mangabeyras, arvores que dispostas pela natureza em terreno de huã, duas, e mais legoas, parece um pomar bem concertado pela arte. IDEM *Ib.* 160: [...] são tão ferteis pela bondade da terra, que ao meyo dia não offende o sol ás caminhantes defendida da pompa de larangeiras, limoeyros cajueiros, oitizeiros, Mangabeyras, cajazeyros, e de outras infinitas arvores, que lhes formão verdes pavelhoens com suas folhas, flores, e frutos. **1763** J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 208: Encontrámos muitas arvores que não tinhamos visto, como são as que dão as castanhas chamadas do Maranhão, que não ha n'aquelle Estado, ou rarissimas: mangaveiras bravas, e finissimo páo mulato, e outros muitos. **1812** B. A. GOMES *Plantas do Brasil* clxvi: O leite viscoso, que se tira por incisão, tanto das Mangabas verdes, como da casca da Mangabeira, coalha-se, e dá huma especie de Gomma elástica, como a que vem do Pará, com a differença, segundo me pareceo, menos elástica. **1817** CASAL *Corografia Brazilica* I. 98: *A Mangabeira* he arvore de mediana grandeza, de folha miuda, e pontuda, flor como jasmim: a fructa he redonda de varios tamanhos num mesmo ramo, com a casca amarellada, e avermelhada, a polpa branca, extremamente molle, com varias pevides cubertas de cotão: o lenho, a folha, a flor, a mesma fructa, quando partidas, destillam um leite alvissimo e pegajozo. **1874** J. ALENCAR *Ubirajara* iv. 71: Ella é como a mangabeira; nutre o fructo com seu leite, que é a flôr de seu sangue. **1874** TAUNAY *Histórias Brasileiras* 22: De uma e outra banda estende-se vistoso o cerrado: ha muito *umbú* que embalsama os ares com a fragrancia de suas flôres, grande cópia de *jatahys*, de *piquís*, cujos fructos amarello-avermelhados são tão bonitos, e de *mangabeiras* que nos mezes de Dezembro e Janeiro vergão ao peso dos saborosos e rubicundos pomos. **1876** N. J. R. SOUSA *Diário* (ed. 1946, 18): Dali a pouca distancia tudo muda alarga-se o rio, ve-se pelas margens mangabeiras, tarumaneiros, taxizeiros e outras arvores do soberbo Amazonas. **1879** B. GUIMARÃES *O Pão de Ouro* iii. 268: A mangabeira, o araticum, o cajueiro espalhavam por todas aquellas veigas o suavissimo cheiro de seus fructos. **1881** F. TÁVORA *Lourenço* (ed. 1902, ix. 128): De uma e outra banda estendia-se um varjado, coberto de cajueiros novos, mangabeiras, e araçazeiros bravos. **1902** E. CUNHA *Os Sertões* 326: Dominando a vegetação inteira, quasi exclusivos em certos trechos, enredam-se, em todos os pontos, mirrados arbusculos de mangabeiras, unico vegetal que alli medra sem decahir, graças ao latex protector que lhe permitte, depois das soalheiras e das queimadas, cobrir de folhas e de flores os troncos carbonizados, á volta das estações propicias. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 283: E começa a rezar, meio alto, só como sabe, enquanto a estrada sai do mato para o calorão do cerrado, com enfezadas arvorezinhas: muricís de pernas tortas, manquebas; mangabeiras pedidoras-de-esmola; [...]. **1956** IDEM *Grande Sertão: Veredas* 48/49: E as árvores iam se abaixando menorzinhas, arregaçavam saia no chão. De vir lá, só algum tatú, por mel e mangaba. Depois, se acabavam as mangabaranas e mangabeirinhas.

mangabeiral *s.m.* [< mangabeir(a + -al].

Plantação de mangabeiras; mangabal.

1956 GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 495: As fôrças me amanheceram acordado. Adiante da gente, o mangabeiral.

mangabeiro *s.m.* [< mangab(a + -eiro].

Indivíduo que se dedica ao cultivo das mangabeiras e à extração do seu látex.

1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 331: Viajou nas paragens dos mangabeiros, que lhe davam dormida nas malocas, de tecto e paredes de palmas de buritú, entreligadas.

mangangá *s.m.* Var.: 9 *mañgangá, mangangaba* [< T. maŋa'ŋa ~ VLB I. 56: *Bizouros* = Mãgãga; outros, que picão como bespas Mangagay. Aramãday].

Abelha do gênero *Bombus*.

1930 G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 77: [...] evolava-se tão inebriante perfume que, mesmo quando já ás nossas mãos, ainda á sua volta se adoidavam enormes vespas mangangá. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 91: — Sou lá bêsta p'ra pôr mão em lagarta-cabeluda?! Eu não, que não vou cotucar caixa de mangangaba...

mangará *s.m.* Var.: 5, 7 *mangarâ,* 5 *mangarazes* (pl.), 6 *mangarà,* 6-9 *mangará,* 7 *mangaras* (pl.), *mangarais* (pl.) [< T. maŋa'ra].

Planta da família das aráceas.

Em Euclides da Cunha (v. abon. 1902) o voc. designa a "parte tenra e comestivel da inflorescência de algumas bromeliáceas" e em Mário de Andrade (v. abon. 1928) a "parte terminal da inflorescência da bananeira, cujas brácteas cobrem pequenas pencas de flores abortadas".

*c***1584** CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 23*v.*: Nesta terra ha [...] outras raizes q̃ chamaõ mangarâ, [...]. **1585** IDEM *Informação* fl. 86*v.*: Elles nos deraõ a çear de sua pobreza peixinhos de moquẽ. i. assados, batatas, carâ, mangarâ e outras fruitas da terra [...]. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, I. XLIV. 329): Dão-se nesta terra [Bahia] outras raízes tamanhas como nozes e avelãs, que se chamam

mangarazes, e quando se colhem arrancam-nos debaixo da terra em tôuças como junça, e tira-se de cada pé duzentos e trezentos juntos; e o que está no meio é como um ôvo, e como um punho, que é a planta donde nasceram os outros; o qual se guarda para se tornar a plantar: e quando o plantam se faz em talhadas, como as batatas e carazes; mas plantam-se tão juntos e pela ordem com que se dispoẽ a couvinha, e não se cava a terra tôda, mas limpa do mato a cada enxadada metem uma talhada. **1663** S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* I. § 140. 85: [...] no comer são tambem sengulares. E supposto q̃ todos vsem dos mesmos mantimentos (communmente fallando) de raizes de plantas, mandióca, aypi, batata inhame, carâ, mangarâ, legumes, carne de suas caças [...] & frutas dos campos: *a*1696 G. Matos *Obras* (ed. 1969, IV. 874): praza ao demo, que um cobé ! vos plante tal mangará, ! que parais um Paiaiá, ! mais negro do que um Guiné. !. **1705** M. B. Oliveira *Música do Parnasso* 133: Os Mangaras que brancos ou vermelhos, ! Saõ da abundancia espelhos; ! Os candidos inhames, se naõ minto. ! Podem tirar a fome ao mais faminto. **1721** F. F. Henriques *Ancora medicinal* (ed. 1731, 214): Mangarais. He raiz cultivada no Brasil; he quente e humida e semelhante á raiz da junça, e de muito melhor gosto, que as maes raizes esculentas daquelle paiz. Come-se cozida, ou guizada. **1730** Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 39. 26: [...] batatas, inhames, geremûs, carazes brancos, roxos, e de outras cores, e castas, mangarás, mangaritos, tamataranas, remedio insigne para os enfermos de estilicidio, e asma. **1769** M.S.M. Itaparica *Eustachidos* 126: Outras frutas dissera, mas agora ! Tem lugar os legumes saborosos, ! Porèm por naõ fazer nisto demora ! Deixo esta explicação aos curiosos: ! Mas com tudo dizer quero por hora, ! Que produz esta terra copiosos ! Mandioca, inhames, favas, e carás, ! Batatas, milho, arroz, e mangarás. **1781** Durão *Caramurú* VII. xxxiv. 206: Alguns medicinaes, com que despedem ! Do peito estilicidios radicados; ! Tem o Cará, o Inhame, e em cópia grata ! Mangarás, mangaritos, e batata. **1782** F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* I. v. 74: De raizes q̃ merecẽ o nome de batatas tenho eu conhecimento de oito especies, q̃ são de Batatas propriamente dita 3. Batata branca, roixa, e amarella. O Inhame, o Cará, o Mangará, a Tamotarana, e o Corredor. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 114: Ha variedade de raizes comestiveis: batatas de varias castas, inhames, mangarás, mangaritos, carás, cujo caule sobe por um espeque; [...]. **1902** E. Cunha *Os Sertões* 139-140: Restam-lhe, para desalterar e sustentar os filhos, os talos tenros, os *mangarás* das bromelias selvagens. Illude-os com essas iguarias barbaras. **1928** M. Andrade *Macunaíma* vi. 75: Então Macunaíma emprestou da patroa da pensão uns pares de bonitezas, [...] dependuru dois mangarás nos peitos e se vestiu assim.

mangarito *s.m.* [< mangar(á + -ito].

Planta da familia das aráceas.

1781 Durão *Caramurú* VII. xxxiv. 206: Do peito estilicidios radicados; ! tem o Cará, o Inhame, e em cópia grata ! Mangarás, mangaritos, e batata.

maniçoba *s.f.* Var.: 6-9 *maniçoba,* 6 *manisoba,* 8 *maniçóba* [< T. ma<u>n</u>i'soua 'folha de mandioca' < °ma'<u>n</u>i (< ma<u>n</u>i'i̯ua 'mandioca') + 'soua 'folha' ~ VLB I. 141: *Folha de qualquer aruore ou erua* = Çoba].

Folha da mandioca; *por extensão,* guisado feito com grelos de mandioca, carne e peixe.

O termo designa, tambem, uma outra planta da familia das euforbiáceas, a *Manihot glaziovii,* de que se extrai borracha (v. abon. **1878** e **1933**).

1605 F. Guerreiro *Relação* (ed. A. Viegas, 1930, I. 382): [...] e por haver pouco tempo que passara trinta dias sem comerem todos êles outra coisa que alguma fruta, como nêsperas e maniçoba brava, que são umas folhas peçonhentas, as quais pisam e espremem e depois secam ao sol para se comerem, [...]. **1608** L. Figueira *Relação do Maranhão* in S. Leite *Luíz Figueira* (1940) 115: [...] viemos a lãçar mão da maniçoba brava bem amargosa e sem sabor e depois chegamos a comer da mesma raiz de mãdioca brava assada de que algũs se começarão a achar mal, e então tiveme mais a fome posto que não me fez mal a que tinha comido; [...]. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 95: [...] o segundo [mantimento] he as folhas da mandioqua cozidas a que chamaõ manisoba, as coais saõ tambem eixcelentes pera tempo de fome e ainda sem ella a vzaõ muitas pessoas por mantimento [...]. *c*1698 J. F. Betendorf *Cron. dó Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 233: O sitio é frio e mui saudavel e tanto que se conta por maravilha não adoecer da tropa ninguem por este sertão, sustentando-se a gente mais de um mez de maniçoba, que se faz da folha da mandioca pisada e cozida, sem outro sustento, porque o rio pelo inverno é esteril de peixe, e como são tantos os indios e lhe fazem tantas redes estreitas, e outras armadilhas em logares estreitos, o peixe que entra pelo rio nunca mais sahe destes laços; [...]. **1730** Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 40. 27: Das hervas naturaes comestiveis saõ principaes os quiabos, os gilôs, e os maxixeres, as largas tayobas, e peitoral maniçoba, que se guiza das folhas da mandioca, as cheirosas pimentas de muitas especies, e cores, que servem ao gosto, ao olfato, e à vista. **1781** Durão *Caramurú* VIII. xxxi. 205: Nas comestiveis hervas he louvada ! O Quiabo, o Gilô, os Maxixeires, ! A Maniçoba peitoral prezada, I. **1817** Casal *Corografia Brazílica* II. 165: A gente do sertão apanha grande quantidade de rolas e pombos troquazes com a *maniçoba-brava,* deitada d'infusão em vazos meios enterrados na arêa, nos lugares onde se conserva alguma agua, e ellas costumam hir beber, depois que as torrentes seccam: **1878** F. Távora *O Matuto* xii. 150: A direita no lugar da capella, é agora uma elevaçãosita, de que se atiram aos ares uns sambaquis, umas maniçóbas, uns marmeleiros, umas cabuatãs, cujos ramos e folhas se entrecortam e amigam. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 2): O Sr. Porfirio atacou successivamente a carne cozida, o tambaqui moqueadó e um prato seu predilecto, a maniçoba, preparado com mocotós de paca e grêlos de mandioca, [...]. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* iii. 73: — Mas a maniçoba não é uma planta que dá gomma elastica no nordeste?

maniçobal *s.m.* [< maniçob(a + -al].

Plantação de maniçobas.

1956 Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* 310: Um Pitolô, sei lá, cabra destemido, com crimes nos maniçobais perto para cima de Januária; mas era nascido no barranco.

maniim, manoiu *s.m.* [< T. amïni'i̯u ~ VLB I. 31: *Algodão* = Amignijû].

Algodão.

As formas *maniim* e *manoiu,* adaptações do tupi amïni'i̯u, não vingaram em português, sem dúvida porque o algodão que vicejava no Brasil era idêntico, na aparência, ao que os europeus cultivavam muitos séculos antes da descoberta do Novo Mundo; o termo algodão foi, então, aplicado aos espécimes brasileiros e o voc. de origem tupi foi imediatamente esquecido.

1587 G. S. Sousa *Noticia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxii. 47): Maniim chamam os indios ao algodão, cujas árvores parecem marmeleiros arruados em pomares, mas, a madeira dêle, é como de sabugueiro, mole e oca por dentro; a fôlha parece de parreira, com o pé comprido e vermelho, com o sumo da qual se curam feridas espremido nelas. A flor de algodão é uma campainha amarela muito formosa, donde nasce um capulho, que ao longe parece uma noz verde, o qual se fecha com três folhas grossas e duras, da feição das com que se fecham os botões das rosas; e como o algodão está de vez, que é de agôsto em diante, abrem-se estas fôlhas, com que se fecham êstes capulhos, e vão-se secando e mostrando o algodão que tem dentro muito alvo, e se não o apanham logo, cai no chão: [...]. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 180: manoiu he o alguodam tamanho de des ou doze palmos de altor e nase em abumdamcia nesta tera e da alguodam no quabo de seis meses que he apramtado a frol he amarela e ele he o remedio desta tera que se ele não fora bem poderam amdar todos nus por quazo das embarquacamis e uem aqui muito pouquas.

manima *s.f.* Var.: 5 *manĩma, manima* [< T. ma'nima].

V. abon.

*c*1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fls. 30*v.*-31: Manĩma. Esta cobra anda sempre nagoa. he vnda mayor q̃ a sobredita [çucurijuba] e m^to^ pintada, e de suas pinturas tomaraõ os gentios deste Brasil pintaremse temse por bemauenturado o Jndio a q̃ ella se amostra, dizendo q̃ haõ de viuer muyto tempo pois a Manĩma se lhes mostrou. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 2329-2331: Manima [*cobra d'água*] He major mas naõ faz mal aos homẽs he muito pintada sẽpre esta nagoa.

manipueira *s.f.* Var.: α. 6 *manepoeira,* 8-9 *manipueira*; β. 8 *maniquera* [< T. ma<u>n</u>i'pu̯era < °ma'<u>n</u>i (< ma<u>n</u>i'i̯ua 'mandioca') + 'pu̯era 'que já foi' ~ A var. *maniquera* (pronunciada *maniqüera* / mani'kuèra /) parece provir de uma forma evoluída do tupi: °ma<u>n</u>i'ku̯era].

Líquido venenoso extraído da mandioca ralada e utilizado pelos indígenas para o preparo de uma espécie de vinho.

*c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 176: e tem outra Casta de mandioqua que xomam mamdioqua aguoa que não tem deferença no pau nem nas folhas da outra e não Cerue pera fazer farinha mais que manepoeira que he a aguoa Cozida de que os negros fazem muita estima e he hũa das grandes pesonhas desta tera. **1876** F. Távora *O Cabeleira* xv. 253: No centro via-se o forno onde tinha de ser cozida a massa já apertada pela prensa e livre da manipueira. **1876** Couto de Magalhães *O Selvagem* II. v. 133: A mandioca não é só o pão do nosso selvagem, como tambem a substancia de que tiram diversos vinhos como o *kauin,* a *maniquera,* o *puchirum* e outros. **1895** J. Veríssimo *A Pesca na Amazónia* I. v. 64: Sinão ceva-as previamente, deixando por um a tres dias, mergulhadas n'agua, a determinada altura do fundo, bananas verdes, raizes de mandioca, da maniquera [...]. **1934** J. L. Rego *Bangué* II. vii. 114: Quando morria gado bebado com manipueira, era que o povo gostava. **1935** Jorge de Lima *Calunga* vi. 66:

Para êle tudo aquilo, envenenamento com manipucira, desaparecimentos de animais, tudo era a mandado do avarento do Canindé.

maniveira *s.f.* [< maniv(a [var. de *manaíba*] + -eira: v. MANAÍBA].

Manaíba.

1928 M. ANDRADE *Macunaíma* xiii. 271: D'aí a pouco vieram vindo no pêlo da aguinha as sementes do milho cururuca, o fumo a maniveira, todas essas plantas boas.

mapará *s.m.* [< T. *mapa'ra].

Peixe de água doce da família dos serrassalmídeos.

*c***1767** J. DANIEL *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, III. (1841) 432: [missões de Aricará, Piraveri, Ita Crucá, todas tres sobre o rio, muito fartas, alegres, e sadias] Cujos Indios aqui se regalam, além da mais pescaria, com o peixe mapará, que merecia ser chamado o rei dos peixes, pois além de não ter espinha nenhuma, como a estimada lamprêa da Europa, é tão superlativo no gosto que vence a todos. *c***1777** F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 259: [Peixe de menor corpulência] Mapará. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* II. ix. 156: Então "para as mesas delicadas" se pescavam a pescada, o mandubé, o mapará e o uçará, [...]. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* ii. 26: Jiguê viu que a maloca estava cheia de alimentos, tinha pacova tinha milho tinha macacheira, tinha aluá e cachiri, tinha maparás e camorins [...]. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* vii. 84: O que tem muito agora, respondeu o interpellado, é mapará. IDEM *Ib.* xx. 240: Cincoenta paneiros de farinha e duzentos pacotes de mapará salgado viraram ponta de cigarro.

‖ **mapurunga:** v. abon.

1702 A. ROSÁRIO *Frutas do Brasil* III. i. 115: Mapurungas saõ como pimentas de cheyro pretas.

mará *s.m.* [< T. *?*].

Vara para amarrar embarcações.

1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 58): Viam-se outras amarradas á beira, nalgum tronco d'arvore ou no mará fincado no tijuco, sobre as ancoras ou entradas em terra. **1888** INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, I. i. 64): A ancora fôra largada ao rio, e as espias e amarras eram levadas em pequenos botes, tripolados por marinheiros, que as deviam prender aos marás da praia, afim de proteger contra a correnteza a manobra de sahida. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. iii. 46: Outras vezes prende a linha ao topo de uma vara assás forte e resistente, [...]. A esta vara que tem o nome de "mará", dão o appellido especial de "curumim", rapazinho.

maracá *s.m.* [< T. mara'ka].

Espécie de chocalho indígena; itamaracá.

1561 L. VALE *Carta* in S. Leite *Cartas* III. (1958) 447: E acabada a missa, se fez huma procissão, [...] e porque a festa não parecesse somente nossa [...] muytos dos gentios, cheos de fervor e ataviados à sua gisa com pena muyto louçã e seus maracás nas mãos tangendo, ordenarão sua folia com que descorrião polla procissão. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CLV. 254): [...] e levam [os Tupinambás] na mão esquerda seu arco e flechas, com dentes de tubarão; e na direita um maracá, que é um cabaço cheio de pedrinhas, com seu cabo, com que vai tangendo e cantando; [...]. IDEM *Ib.* II. CLXII. 266: [...] outros [Tupinambás] trazem um maracá na mão, que é um cabaço, com umas pedrinhas dentro, com seu cabo, por onde pegam; [...]. *c***1596** S. TRAVAÇOS *Declaração do Brasil* xxxiii. fl. 27: [...] outros trazem huã maracá na mão, que he hũ cabaco com huãs pedrinhas dentro, com seu cabo por onde pegaõ, [...]. *c***1607** J. RODRIGUES *Relação* in S. Leite *Novas Cartas Jesuíticas* (1940) 241: Aqui tinha um índio cristão uns dous ou três maracás, mui guardados, que eram de muitos anos, em que parece lhes falava o demónio, [...]. **1608** L. FIGUEIRA *Relação do Maranhão* in S. Leite *Luiz Figueira* (1940) 121: Chegando a aldea sahiu hũ grãde tambor que já toda a manhã hiamos ouvindo e cõ seus maracás (que são hũs cabaços com hũs feijões dentro) tangendo e cantando, [...]. **1761** JABOATÃO *Novo Orbe Seráfico Brasílico* I. i. 154: Tamaracá, quer dizer, Vaso, que faz som, ou estrondo na ponta, ou bico da Canoa, isto he na lingua dos Gentios. Porque *Maracá*, na sua lingua, significa vaso que soa. Estes vinhaõ a ser huns certos instrumentos de que usavão, assim nas suas festas, como em guerras, particularmente em as navaes. Estes Maracás os faziaõ elles, ou mayores, ou mais pequenos; estes os faziaõ dos chamados Cuyatés, [...]. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* II. 295-296: [...] e grandes de quarenta a cincoenta pés de comprimento, inteiriças, cavadas com machados de pedra, e fogo para a guerra, ás quaes davam o nome de *Maracatim*, vocabulo composto de *maracá*, nome d'hum instrumento de cabaça com seixos, ou legumes seccos dentro, e *tim*, que propriamente significa, nariz, e translatamente bico das aves, e ainda a prôa das embarcações: [...]. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 114: [...] tendo na mão direita um *maracá*, pequena cabaça com pedras dentro para chocalhar, e na esquerda um penacho de plumagem encarnada da cauda das aráras; [...]. **1846** G. DIAS *Primeiros Cantos* (ed. 1865, I. 8): Ouve o annuncio do horrendo phantasma, ! Ouve os sons do fiel Maracá; ! Manitôs já fugirão da Taba! ! Ó desgraça! ó ruina! ó Tupá! **1851** IDEM *Últimos Cantos* (ed. 1865, II. 87): La vai a gente improvida, ! Nação vencida, imbelle, ! Buscando as matas invias, ! Donde outra tribu a expelle; ! Jaz o pagé sem gloria, ! Sem glória a maracá. IDEM *Ib.* 90: As tribus visinhas, sem forças, sem brío, ! As armas quebrando, lançando-as ao rio, ! O incenso aspirárão dos seus maracás: ! Medrosos das guerras que os fortes accendem, ! Custosos tributos ignavos lá rendem ! Aos duros guerreiros sugeitos na paz. **1855** JUNQUEIRA FREIRE *Contradições Poéticas* 238: Por teu Deos, por Tupá, por teu maracá, ! Por quanto é santo e teu, — dize-me claro, ! Porque não veio aqui Dertinca ainda?" **1857** J. ALENCAR *O Guarany* (2ª ed., 1864, IV. ii. 175): O ar estrugio com os sons roucos da inubia e do maracá; [...]. **1863** M. A. PORTO ALEGRE *Brasilianas* 286: ! Eu vi, eu vi, eu vi ! Por entre o nevoeiro, ! Cantar ledo o sacy ! Piar mocho agoureiro; ! Sem flecha retorcer-se ! Na terra o sabiá, ! E n'esta mão fender-se ! Calado o maracá. **1865** J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, iv. 26): Rugia o maracá; ao quebro lento do canto selvagem, batia a dansa em torno a rude cadencia. [*Nota do Autor à pág. 216*] *Maraca* — Pendão de guerra, de *maran* — combate, e *aca* — chifre, ponta. O maraca servia de estandarte aos tupys. **1866** IDEM *As Minas de Prata* VI. i. 8: Mas Tupan lhe fallára á noite, na hora dos sonhos, e elle fôra de taba em taba, rugindo o maracá por todo o valle ou montanha, onde resoava a doce lingua da valente raça. **1869** B. GUIMARÃES *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, III. ii. 130): Uma chusma de ligeiras pirogas entulhadas de guerreiros semi-nús, de tez bronzeada e aspecto sinistro, ao som estrugidor de rudes cantos de guerra e ao ruido das inubias e maracás, vogavão lentamente contra a corrente do rio. **1874** J. ALENCAR *Ubirajara* viii. 135: Agitando no ar o craneo sangrento como um maracá de guerra, Itaquê arrojou-se contra os inimigos, [...]. **1875** MACHADO DE ASSIS *Americanas* 30: Os cantos cessam. ! Calou-se o maracá. **1888** INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, II. viii. 102): Uma forte lufada que vergou a coroa dos miritys e das jussaras, as folhas seccas que lastravam o solo, e que se puseram a correr ao sabor do vento com um ruido de maracá selvagem. **1915** LIMA BARRETO *Policarpo Quaresma* I. i. 39: — Obrigado. Fique certa, minha senhora, que o violão é um bello instrumento e tem grandes difficuldades. [...] — O piano? perguntou Ricardo. — Que piano! O maracá, a inubia. **1922** M. ANDRADE *Paulicea desvairada* 121: Só aquentam o *rubato* lancinante violinos, flautas, clarins, a bateria e mais borés e maracás. **1933** G. RAMOS *Caetés* vii. 42: Suando, escrevi dez tiras salpicadas de maracás, igaçabas, pennas de araras, cestos, redes de caroá, giraus, cabaças, arcos e tacapes. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* ix. 108: [...] empunhou pequeno maracá enfeitado de pennas e começou, em torno da rêde do mariscador, uma cantilena rouca, roufenha, incomprehensivel ao doente.

maracajá *s.m.* Var.: 5, 7-9 *maracajá,* 5 *maracaja,* 6 *maracaiâ,* 8 *maracaya, maracaiá, bracayá* [< T. maraka'ja ~ VLB I. 147: *Gato* = Maracaya, se he caseiro acrecente-se-lhe Mimbaba. se do mato. Ete. Em gatinhas. Opobo; Opobonhe].

Mamífero carnívoro da família dos felídeos; espécie de gato-do-mato.

[**1555** L. GRÃ *Carta* in S. Leite *Cartas* II. (1957) 226: (...) chegou aqui hum (*índio*) principal que chamam Maracajagaçu, que quer dizer guato grande (...)]. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. XCVIII. 132): Maracajás são uns gatos bravos, tamanhos como cabrito de seis meses; são muito gordos, e na feição pontualmente como os outros gatos, mas pintados de amarelo e prêto em raias, cousa muito formosa; e são felpudos, mas tem o rabo muito macio, e as unhas grandes e muito agudas; parem muitos filhos, e mantêm-se das aves que tomam pelas árvores, por onde andam como bugios. *c***1594** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1142-1144: Ha outros como [gatos] pretos maracajamerĩ. Jta oca saõ como onças e m^to^ Ligeiros tẽ hũ brãco asafroado as peles destes saõ boas p^a^ forros. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 133: [...] Maracaiâ — saõ de feiçaõ de guato. posto que do mato muito fermozos por terem todo o corpo listrado [...]. *c***1777** F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 257: (Quadrupede) Maracajá, ou onça pequena de quatro variedades: 1ª malhada, com as pontas das orelhas brancas; 2ª vermelha; 3ª preta; 4ª pintada de malhas miudas. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* I. 63: Ha tres castas de *gatos montezes*: pardos denominados mariscos; avermelhados; e pintados chamados *maracayas*. Os derradeiros sam mui grandes, e nem sempre tímidos. Dizem que os avermelhados sabem arremedar as zabellêz, e que pondo-se de emboscada, as fazem vir junto de si, e as surprendem. **1865** J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, xiv. 84): O vulto de Cauby enche o vão da porta; suas armas guardam deante delle o espaço de um bote do maracajá: **1872** IDEM *Til* III. vii. 77: Nesse momento, e como um echo de seu brado de terror, ouviu-se tambem do lado do cannavial, um grito, sinão era uma gargalhada selvagem, semelhante ao grasnar do maracajá. **1872** TAUNAY *Inocência* (2ª ed., 1884, xii. 127): Tenho agora de ficar na alcatcia... metter-me em tocaia e fazer fojos para que a *bracayá* não me entre no gallinheiro.

1874 IDEM *Histórias Brasileiras* 31: Olhou então curiosa e agradecida para aquelle estrangeiro e sorrio-se para elle, deixando vêr no encrespar dos mimosos labios uns dentesinhos alvos e agudos, como dentes de maracaiá. 1876 COUTO DE MAGALHÃES *O Selvagem* II. ii. 32: Mas temos familias equiparaveis ao porco, ao gato, ao cão, á galinha. O *queixada*, o *maracajá*, o *guara* ou lobo, o *mutum* e o *jacu* seriam sem duvida alguma especies domesticaveis [...]. 1878 F. TÁVORA *O Matuto* viii. 98: Não foi você quem me botou aqui ha tempos os cachorros em cima como si eu fosse alguma raposa ou maracajá? Foi você mesmo que nunca mais sua cara me sahiu da lembrança. 1888 INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, I. viii. 73): [...], palmilhando sobre espinhos, onde se aninham caninanas, e penetrando grutas onde habita o maracajá de sucia com a surucucú, para, por fim, se viesse a sahir dessa impossivel peregrinação, chegar morto de cansaço, doente e desmoralisado á sua saudosa e sempre lembrada Silves. 1890 A. AZEVEDO *O Cortiço* x. 178: O outro — franzino, um palmo mais baixo que o portuguez, pernas e braços seccos, agilidade de maracajá: era a força nervosa: era o arrebatamento que tudo desbarata no sobressalto do primeiro instante. 1895 COELHO NETO *Miragem* II. iv. 208-209: Mas, quando começaram a subir as aguas do Paraná por entre barrancas erriçadas de herva, d'onde saltavam, aos galões, maracajás que se arrojavam ao rio e atravessavam-n'o sob uma saraivada de balas, [...]. 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* xvii. 191: Quirirús no flanco de maracajás. 1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 338: E a casa matraqueou que nem panela de assar pipocas, escurecida á fumaça dos tiros, com os cabras saltando e miando de maracajás, [...].

maracanã *s.f.* Var.: 5 *marcanão, marcaná*, 5, 7 *maracana*, 6 *maraquana*, 7-9 *maracanã*, 8 *maracaná*, 8-9 *maracanan* [< T. maraka'na].

Ave psitaciforme, da família dos psitacídeos; espécie de papagaio.

1576 GÂNDAVO *Hist.* VII. fl. 26*v.*: Outros há pela costa tamanhos como melros, a q̃ chamão Marcanáos: os quaes tem a cabeça grande & hũ bico muito grosso: tambem sam verdes e falão como cada hum dos outros. 1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXIII. 96): Marcaná é um passaro verde todo, como papagaio, tem a cabeça toucada de amarelo, o bico grosso e sôbre o grande, e voltado para baixo. o rabo comprido e vermelho: criam-se em árvores altas, em ninhos; e amansam-se alguns porque falam, cuja carne é dura, mas come — a quem não tem outra melhor. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1286-1288: Anacam ajurucurao he verdadr^o, Aiuruj. Corica, Maracanaguaçu, Maracanamerj. Toîs grandes e piquenos diuerssos, Jandajete Jandajuba. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fls. 192-192*v.*: maraquana he pasoro tamanho como papaguio [*sic*] tem o rabo dum palmo de comprido tem o biquo e os peis como papaguaio e he verde tiramdo damarelo e pardo e uerde mar e he hũ pacoro que fas muita perda aos lauradores pera apor [*sic*] o milho que o quome todo que sempre e amdam estar a olhar e sempre andam maxo e femea em companhia e fazem os filhos como os outros e tambem quoamdo os emsinem falam. 1721 F. F. HENRIQUES *Âncora medicinal* (ed. 1731, 134): Maracana. Tambem he especie de papagaio, das mesmas qualidades, e gosto que a Maitáca. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 260: [Papagaio] Maracanã, de especie grande e pequena. 1783 M. C. ABREU *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 258: Os papagaios são juruguas, maitacas, araguais, maracanãs, jirivas e sabiacy, [...]. 1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 30: [...] *jandáias, maracanãs, e periquitos*, dos quaes são mais engraçados os de cabeça encarnada, todos pertencentes á mesma familia dos *papagaios*. 1875 J. ALENCAR *O Sertanejo* II. ii. 24: No meio da orchestra concertada pelos cantos dos sabiás, das graúnas e das patativas, reteniam os clamores das maracanans, os estridulos das arapongas, e os gritos dos tiés e das araras. IDEM *Ib.* I. x. 118: Já se ouviam grazinar as maracanãs entre os leques sussurrantes da carnaúba e repercutirem os gritos compassados do cancan, saltando pela relva. 1876 F. TÁVORA *O Cabeleira* xiii. 222: O estalar do milho despertou um rapazito que, achando-se alli para enxotar as maracanãs que destroem os milharaes, adormecêra ao calor do meio dia [...]. 1903 D. OLÍMPIO *Luzia Homem* xxv. 225: [...] as suas companheiras de trabalho aguardando a chamada, a tagarellarem com a garridice de maracanans nos roçados; [...]. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* xvi. 231: A ruivor veio vindo veio vindo e era o bando de araras vermelhas e jandaias, todos êsses faladores, era o papagaio-trombeta era o papagaio-curraleiro era o xarã o peito-roxo o ajurú-curau o ajurú-curica arari ararica araraúna ararai araguai maracanã maitaca arara-piranga catorra teriba [...]. 1934 J. L. REGO *Banguê* II. iii. 90: Passavamos por cima do balde do açude. Gritavam maracanãs pelas baronezas. 1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 328: Depois, um grupo verde-azulado, mais sóbrio de gritos e em fileiras mais juntas. Uai! Até as maracanãs! E mais maitacas. E outra vez as maracanãs fanhosas. 1956 IDEM *Grande Sertão: Veredas* 193: Vindo na vertente, tinha o quintal, e o mato, com o garrulho de grandes maracanãs pousadas numa embaúba, enorme, e nas mangueiras, que o sol dourejava.

maracatim *s.m.* Var.: 7 *maracátim*, 8-9 *maracatim* [< T. maraka'tĩ < mara'ka 'maracá' + 'tĩ 'nariz'].

Embarcação indígena.

1761 JABOATÃO *Novo Orbe Seráfico Brasílico* I. i. 154-155: E porque, nas que faziaõ sobre a agoa nesta Ilha nas suas Canoas, costumavaõ pôr na proa destas hum espigaõ de ferro, ou páo muy forte para abalroar as outras, ao qual chamavaõ *Tim*, no seu idioma, e neste penduravaõ alguns daquelles seus *Maracás*, mayores, e faziaõ mais estrondo, a esta Canoa assim armada, chamavaõ *Maracátim*, [...]. 1817 CASAL *Corografia Brazílica* II. 295: [Tinham igáras pequenas] e grandes de quarenta a cincoenta pés de comprimento, inteiriças, cavadas com machados de pedra, e fogo para a guerra, ás quaes davam o nome de *Maracatim*, vocabulo composto de *maracá*, nome d'hum instrumento de cabaça com seixos, ou legumes seccos dentro, e *tim*, que propriamente significa nariz, e translatamente bico das aves, e ainda a prôa das embarcações: [...]. 1865 J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, xxix. 173): Ao romper d'alva, o maracatim fugia no horisonte para as margens do Mearim. [*Nota do Autor, á pág. 230*] Maracatim — Grande barco que levava na proa — *tim* um *maracá*. Aos barcos menores ou canoas chamavam *igara* — de *ig.* — agua e *jara*, senhor; senhora d'agua. 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* xvi. 186: Tanto que maracatim, como era chamado o navio de guerra dos tupis, aruaks e carahibas, povoadores do nosso estuario, provinha dum vasto maracá trazido à prôa em forma de nariz.

maracuguara *s.m.* [< T. ũa m̃ajakuũa'ra ~ VLB II. 70: *Peixe porco* = Goãbayacugoarã. Goaperuguã].

Peixe-porco: v. abon.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXXXIII. 206): Maracuguara é um peixe a que os Portuguêses chamam porco, porque roncam no mar como porco: são do tamanho e feição dos sargos, mas muito carnudos e tesos e de bom sabor, e tem grandes figados e muito gordos e saborosos, e em todo o ano se toma êste peixe à linha.

maracujá *s.m.* Var.: α. 5 *murucujá, murucuiá, morocuia, morocuja*, 7 *murucujá*; β. 5-9 *maracujá*, 6 *maracuja, maraquiia, maracuia*, 6, 8 *maracujà*, 7 *marcujà, maracujá, maracujazes* (pl.), *marcuiá* [< T. moruku'ia].

Nome comum a várias plantas da família das passifloráceas e aos seus frutos.

*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fls. 28-28*v.*: Murucujâ. Estas eruas saõ m^to fermosas max^e nas flores trepaõ p'las paredes, e aruores como Era. as folhas expremidas cõ uerdete de vnico remedio p^a chagas uelhas, e boubas. Da huã fruita redõda como laranjas, outras, a feiçaõ de ouo hũs amarellos, outros pretos, e de outras uarias castas. Dentro tẽ huã substancia de piuides e sumo com certa tea q̃ as cobre, e tudo junto se come, e he de bom gosto, tem ponta dazedo, e he fruita de q̃ se faz caso. 1585 IDEM *Informaçâo* fl. 85: [...] huã fruita q̃ chamaõ Murucuià, sadia gostosa e refresca muito o sangue ẽ tẽpo de calma, tem ponta dazedo, he fruita estimada. 1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LVI. 29): E comecemos logo a dizer dos maracujás, que é uma rama como hera e tem a fôlha da mesma feição, a qual atrepa pelas árvores e as cobre tôdas, do que se fazem nos quintais ramadas muito frescas, porque duram, sem se secar, muitos anos. *c*1590 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. M) 439-442: Morocuias Saõ huãs frutas como macâns saõ appetitosas as folhas seruẽ p^a curar boubas, no pe de cada folha nasce hũ talozinho delgado a modo de lanceta do mesmo comprim^to em sima nascem 3. e depois 5. c. ẽ sima hũs biquos como de coroa a qual anda ao redor sem se desfazer. *c*1594 IDEM *Ib.* (ms. C) 1558-1577: Morocujas Ha m^tas castas e m^ta cantidade ho fruito he m^to apetitoso as flores pareçẽ Rozas brãcas pizaõ as folhas e o sũmo posto nas chagas tira o fogo e cançer q̃ tiuer faz secar as boubas ja se he cõ verdete tomãdo seus lauatorjos No peé de quada folha naçe hũ talilho delgado onde naçẽ 3 folhazinhas a modo de lançetas e quaize do mesmo cõprim^to e em sima destas naçẽ sinco do mesmo modo cõ outras sinco brancas do mesmo modo e todas em torno cõmo coroa no pcẽ destas naçe huã coroa de Rajos m^to delicados Redonda azul m^to fino e ametade brãca e em sima desta coroa naçe outra de sinco astes piquenas nas põtas das astes tẽ .5. couas como de argẽtarja andaõ a Roda e naõ quebraõ em sima se cria o põmo q̃ he como Redondo e como huã larãja piquena em sima deste põmo estaõ tres crauos m^tos bẽ feitos e este he o Remate de sua flor. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 106: [...] outro modo de flor que chamaõ de camara asu — e a dina de tanta estima e consideração flor de Maracuja, pella fermosura della, varias cores de que he composta Rajoz fermozos que lansa com outras particularidades dinas de notar, [...] outras latadas se fazem de Maracuja de cuja frol ja tratey asima que dá hũ fruto do tamanho de hũa pinha muy Reguallado. cujo miolo, que he como o da abobora, se sorue ou come as colheradas, com dar muito guosto e marauilhozo cheiro, e destes tais ha coatro castas. hũ chamado, Maracuja asupor grande — e o segundo Maracuja, peroba que he eixçelente pera conserua — a terçeira, Maracuja mexira — a quoarta, Mara-

cuja merim. por piquena que todas fazem muy boãs latadas e daõ iguoal sombra [...]. **1627** V. Salvador *Hist. Brasil* I. vi. fl. 13*v.*: Maracujás he outra planta, que trepa pellos matos, e tambem a cultivaõ, e poem em latadas nos patios, e quintaes, daó fructo de quatro, ou sinco sortes huñs mayores, outros menores, huñs amarellos, outros roixos, e todos mui cheirozos, e gustozos, e o que mais se pode notar he a flor, porq̃. alem de ser formoza, e de varias cores, he misterioza comessa no mais alto em tres folhinhas, que se remataõ em hum globo, q reprezenta as tres devinas pessoas em huá Devindade, ou (como outros querem) os tres cravos com que Christo foy encravado, e logo tem abaixo do globo (que he o fructo) outras sinco folhas, q̃. se remataõ em huã roixa coroa, reprezentando as sinco chagas e coroa de espinhos de christo nosso redemptor. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 180*v.*: maraquiia asu he erua que esta pelo xam alestrada e se pode fazer latada dela e a fruta, he tamanha como hũ limam e he uerde e tem a casqua muito grosa e he xeia de hũ ligor e simente muito azeda e serue a fazer uinaigre pera comer o peixe e he muito bom e a frol he muito fermoza em feicam de hũa campainha e a frol he parda cor como a frol do linho raiada de cor de popro [*sic*] e cor rozada e xeira muito bem outro maracuia hi he como os aracas do mato tem as folhas como a mais gramde que aqui esta pimtada a fruta he como hum ouo de hũa framgua cheio de [*ilegível*] te e ligor que hũ doemte folgua muito de o comer e a frol he toda uermelha musturada e seruiria muito bem pera fazer latadas pera os fidalguos. Idem *Ib.* fl. 181*v.*: Maracuiausu he hũa frutta do tamanho de hũa cidra piquena e aruore he o modo pereira a flor a flor [*sic*] he uermelha a fruta he m^to^ boa a casqua pa cõserua e de dentro ce come cheira m^to^ bem tem huas piuides a modo das de abobora a cor he amarela outra casta de maracuia mais piqueno q̃ taobem cheia m^to^ bem a cor tẽ amarelo [*ilegível*] e tem o sabor a modo de azedo mas guostoso serue e se fas de casqua cõserua e flor he bramqua a folha grande. **1663** S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 77. 155: O outro portento das eruas, graça dos prados, brinco da natureza, & deuação da piedade Christãa he aquella, a que chamão os Portugueses erua da Paixão, os Indios maracujá, os Castelhanos da Nova Espanha granadilha. Tem noue especies, maracujá guaçú, mirí, satá, eté, mixira, peróba, pirúna, temacúja. vna. Duas saõ as mais principaes, de que sò fallarei, guaçú, & mirí. Cresce a maneira de era, em breue tempo trepa altas aruores, grãdes tectos, espaciosas latadas, a modo de parreira; cobrindo tudo de hũa verdura graciosa, & varia, entreçachada de folhas, flores, frutos em numerosa quantidade. He a folha das mais agradaueis & frescas do Brasil, & por esse respeito sua sombra mui appetecida. **1694** J. F. Rosa *Trat. Constituição Pestilencial* II. i. 65: E ordinariamente no cozimento das malvas mando lançar folhas de maracujá meirim machucadas, tendo o cosimento tepido; & depois coando o, & compondo se com humas colheres de agoa rosada, & leyte de peito (ou sem elle) se forme christel, depois de haver tomado purgativo; & he remedio excellente: o que aconselhàra Guilherme Pison, falando da maracuja meirim, se tivera notiçia de todas as suas virtudes. *a*1696 G. Matos *Obras* (ed. 1969, III. 610): Tornamo-nos a embarcar | algum tanto descontentes, | porque em tôda a Ilha achamos | dois maracujás sòmente. I. **1702** A. Rosário *Frutas do Brasil* III. iii. 155: O licor, & as pevides do Maracujá he tão suave, & refrigerativo, que póde servir de cordeal: [...]. **1705** M. B. Oliveira *Música do Parnasso* 132: O Marcujà tambem gostoso, & frio | Entre as fruytas merece nome, & brio; | Tem nas pevides mais gostoso agrado, | Do que açucar rosado; | He bello, cordial, & como he molle, | Qual suave manjar todo se engole. **1721** F. F. Henriques *Âncora medicinal* (ed. 1731, 244): Maracujá. He delicioso fruto do Brazil, de que ha duas especies. *Maracujá-guassú* e *Maracuja-merim*, que he o mesmo que dizer grande, qual he o guassú, e pequeno, que he o merim; saõ frios e humidos, e muito aromaticos. A sua polpa refrigera insignemente, e he de grande consolação aos febricitantes; tendo a circunstancia de que ainda que se tome em grandes quantidades, nunca offende, conforme escreve Guilherme Piso. **1730** Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 46. 29: Das naturaes ha muitas admiraveis, sendo a primeira a do maracujá, mysterioso parto da natureza, que das mesmas partes, de que compoz a flor, lhe formou os instrumentos da Sagrada Paixão, fazendolhe nas folhas cumuladas ao pé o Calvario, em outras pessas a Columna, os tres Cravos, a Coroa de espinhos, e pendentes em cinco braços, que com igual proporçaõ se abrem da Columna para a circunferencia, as cinco Chagas, de cada tres, com attençaõ, se fórma a Cruz, e no ramo em que se prende o pé, se vê a Lança. Idem *Ib.* I. § 50. 32: Os maracujás cordealissimos de cinco especies, mas de huma só qualidade, de cujo succo se fazem deliciosos sorvetes, e da casca perfeitas conservas. **1763** J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 366: Ha fructa muito boa de maracujazes, de que já fallámos, dizendo ser fructo da flor dos martyrios, accrescentando que esta é de varias côres, sendo a mais bella a encarnada; e da fructa a casca é que se aproveita em doce, e util para queixas do peito. **1769** M. S. M. Itaparica *Eustachidos* 125: Os arassás diversos, e silvestres, | Huns saõ pequenos, outros saõ maiores: | Oytis, cajás, pitangas por agrestes | Estimadas naõ saõ dos moradores; | Aos marcuiás chamar quero celestes, | Porque contèm no gosto tais primores, | Que se os Antigos na Asia os encontraraõ, | Que era o nectar de Jove imaginăraõ. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 263: [Arvore fructifera] Murucujá. **1781** Durão *Caramurú* IV. ii. 111: Mas buscando a frescura deleitosa | De hum grão maracujá, que alli discorre, I. **1806** in RAPM, VI. (1901) 768-769: Fructas ha indigenas, e algumas silvestres, de que se faz grande uso no Paiz. A Jaboticaba he a melhor; a Mangaba, a Guaiaba, o Arassá, a Pitanga, o Maracujà, o Mamão comem-se em fructa e em doce. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 112: O maracujá he da grandeza de laranja, oblongo, regular, de casca grossa, dura, verde por fóra, e branca por dentro, cheio d'hum liquido crasso, agridoce, semeado de pevides semelhantes ás do melião. A sua planta he trepadora com muitos sarmentos compridissimos, gavinhosos, quadrangulares; folhas alternas, um pouco grandes, oblongas, grossas, lizas, redondeadas na baze. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 20: [...] *maracujás* de quatro especies, [...]. **1865** J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, xxvi. 155): — Elle manda que Iracema andę para traz [...] e guarde sua lembrança, como o maracujá guarda sua flôr todo o tempo até morrer. **1869** Varela *Cantos Meridionais* in *Obras Completas* (ed. 1896, II. 120): Pelas chagas rouxeadas | Da flôr do maracujá! **1872** B. Guimarães *O Seminarista* (ed. 1917, iv. 38): Ha n'essa esplanada um bello grupo de magnificas e giganteas castanheiras silvestres, e vião-se tambem alli n'aquelle tempo frescos e sombrios caramanchões de maracujá, e lindas latadas de flôres trepadeiras. **1872** Idem *Hist. e Trad. Minas* II. ii. 41: Os cercados são latadas de maracujá com seus doces e aromaticos fructos, em renques de piteiras eriçando em torno as longas e agudas hastes como uma floresta de bayonetas, do meio das quaes se ergue como estandarte o comprido pendão coroado de brancas flores. **1873** J. Alencar *O Garatuja* xvi. 133: Desta vez, naturalmente pelo cansaço, deixaram-se ficar os namorados como estavam, arrimados a uma latada de maracujás, juntinhos e entrelaçados pela cintura. **1874** Idem *Ubirajara* ix. 147: [...], os guerreiros lembravam-se do tronco já morto que a rama do maracujá ainda sustenta de pé junto ao penedo. **1875** Idem *O Sertanejo* I. xvii. 201: "As ramas do maracujá que rebentam com as primeiras aguas cobrem-se de flores; das flores sahem os fructos que espalham na terra as sementes e das sementes brotam novas ramas, que por sua vez cobrem-se de flores, até que murcham e seccam. **1875** Machado de Assis *Americanas* 17: Antes que o último sol á melindrosa | Flor do maracujá cerrasse as folhas. **1876** F. Távora *O Cabeleira* xiii. 222: [...] adormecêra ao calor do meio dia na estremidade da vasante debaixo de uma latada formada pelos ramos de um pé de maracujá que, com a frescura do solo, se mostrava verdejante e florido. **1879** B. Guimarães *O Pão de Ouro* iii. 268: O maracujá enlaçando pelos arvoredos suas ramas flexiveis formava berços e grutas de verdura da mais amena fresquidão, embalsamadas do aroma de sua flor symbolica e de seus fructos deliciosos. **1888** Inglês de Sousa *O Missionário* (ed. 1899, II. viii. 64: [...] dormir ao relento, matar a fome nos maracujás sylvestres e nas castanhas oleosas [...]. **1911** A. Maia *Tapera* 18: Sia Rosa dirigia o trabalho ao abrigo da soalheira, sob uma latada de maracujás; [...]. **1918** Monteiro Lobato *Urupês* 219: [...]; sempre coisas que a natureza derrama pelo matto e ao homem custa apenas o trabalho de espichar o braço e colher — cocos de tuncum e *jissara*; [...] bacuparis, maracujás, jatahys, [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* ii. 26/27: Jiguê viu que a maloca estava cheia de alimentos, tinha pacova tinha milho tinha macacheira, tinha aluá e cachirí, tinha maparás e camorins pescados maracujá-michira ata abio sapota sapotilha, [...]. **1933** L. Miguel Pereira *Em Surdina* xi. 218: — Credo! um doutor comendo comida de porco, espantava tia Maria, a mulher do Cesario, uma cabocla toda enrugadinha, murchinha como um maracujá; essa gente da cidade tem astucia. **1956** Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* 105: E se deu que o remador encostou quase a canoa nas canaranas, e se curvou, queria quebrar um galho de maracujá-domato.

maracujazeiro *s.m.* Var.: 7 *maracujazeiro*, 8 *maracujaseiro* [< maracuj(á + -z- + -eiro].

Maracujá.

1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 181: Tem laranjas, limoeiros, maracujazeiros ou arvore que dá flor dos martyrios, e o fructo é singular em conservas. **1873** J. Alencar *Guerra dos Mascates* I. i. 7: Tinha outro ar e outros modos a janella da esquerda. Começava logo por uma latada que lhe haviam armado em volta, e lhe servia como de capuz, com as ramadas do maracujaseiro entrelaçada pelos esquaques do caramanchel. **1875** Idem *O Sertanejo* II. xi. 179: Da outra banda um maracujaseiro dessa especie delicada que ali chamam suspiro, prendendo-se aos galhos das arvores, formava entre lindas grinaldas de flores, um mimoso collar de seus lindos fructos dourados e fragrantes.

|| **maraguigana** (*maràguigàna*): v. abon.

1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 15. 108: Creem que ha huns espiritos malignos, de q̃ tẽ grandissimo medo: a estes chamão por varios nomes: Curupíra, aos espiritos dos pensamentos; Macachéra, aos espíritos dos caminhos Jurúpary, ou Anhãga, aos espiritos

q̃ chamão maos, ou diabos; Maráguigàna, aos espiritos, ou almas separadas, q̃ denuncião morte; [...]. **1757** D. L. Couto *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 64: Crem que ha espiritos malignos, de que tinhão grandissimo medo, e chamão com varios nomes, curupira ao que influe pençamentos. Macachera aos espiritos das obras, Jurupary, ou Anhãga aos espiritos, que chamão maos, ou diabos. Maraguigana aos Espiritos, ou almas separadas, que denunciavão a morte, a quem davão tanto credito, que bastava imaginarem que lhes denunciava a morte; para logo se entregarem a ella. **1856** D. Magalhães *A Confederação dos Tamoyos* I. 21: Nem ouvi murmurar por entre o bosque | O echo de nenhum Maraguigana. **1928** M. Andrade *Macunaíma* ii. 19: Caça, ninguem não pegava caça mais, nem algum tatu-galinha aparecia! e por causa de Maanape ter matado um boto pra comerem, o sapo cunauru chamado Maraguigana pai do boto ficou enfesado.

marajá *s.f.* [< T. *mara'ja].

Nome comum a várias palmeiras do gênero *Bactris*.

1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 12: [...] o *marajá* que produz um fructo como a uva rôxa e agridoce; [...]. **1895** J. Veríssimo *A Pesca na Amazônia* I. viii. 112: O pari é panno de talas, chatas, de um ou dous dedos de largura, tiradas e affeiçoadas do tronco, da palmeira marajá (*Bactris marajá*) principalmente. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 58: Por todos os lados, surgem fustes de palmeiras. São inajás portentosas, bosquetes de jauarys, esguias urucurys, marajás, tucumãs, patauás...

marajaíba *s.f.* Var.: 5 *marujaíba* [< T. maraja'ïua].

Espécie de palmeira.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lvi. 29): Marujaiba são uns ramos espinhosos, mas limpos dos espinhos ficam umas canas pretas que servem de bordões como canas de rota, cujos espinhos são pretos, e tão agudos como agulhas. Nos pés dêstes ramos se dão uns cachos como os das tamareiras, feitos os fios em cordões cheios de bagos como os de uvas ferrais, e do mesmo tamanho; [...].

marandová *s.m.* [< T. *?*].

Espécie de lagarta.

1928 M. Andrade *Macunaíma* vi. 74: O marandová branquinho tanto chupou o sangue delle que até virou rosado. **1929** G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* xvi. 304: Vosmecês sabem o que é marandová? Aquella lagarta verde das folhas? Pois eu já vi marandová engravidar uma mulher virgem com o olhar, depois de passar pela urina della no terreiro...

maranduba *s.f.* [< T. mora'nuua 'notícia, novidade' ~ VLB II. 51: *Nouas* = Moranduba].

Narrativa, história; *por extensão*, enredo, intriga (v. abon. 1763).

1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 190: [alguns soldados de Portugal] trazem a terra em um enredo continuo e intriga, a que chamam marandubas, e nenhuma honra fazem ao catholicismo; [...]. **1874** J. Alencar *Ubirajara* vii. 116: Si quereis saber porque tomei este nome, ouvi a minha maranduba de guerra. [*Nota do Autor, à pág. 180*] Os tupys para exprimirem historia, ou narrativa, diziam *maranduba*, conto de guerra, de *mara*-guerra-*nheng*-fallar e *tuba*-muito; fallar muito de guerra.

marapuama *s.f.* [< T. *?*].

Planta da família das acantáceas.

1938 R. Morais *Os Igaraúnas* ii. 22: — Aquelle feixe de marapuama é do dr. Amazonas; [...].

‖ **margui**: v. abon.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxxxiv. 99): Margui é um pássaro pequeno e pardo, tem as pernas mui compridas, o bico e pescoço longo; e está sempre olhando para o chão e como vê gente foge dando um grande grito.

mari *s.f.* [Provavelmente de *umari*, por confusão do *u*-inicial com o art. *o*].

Planta da família das leguminosas; marizeiro.

1902 E. Cunha *Os Sertões* 22: O umbu desaltera-o e dá-lhe a sombra escassa das derradeiras folhas; o araticum, o ouricuri virente, a mari elegante [...] alimentam-no a fartar.

maricá *s.m.* [< T. *?*].

Planta da família das leguminosas, subfamília das mimosáceas.

1919 Lima Barreto *Gonzaga de Sá* ix. 123: A estrada me veio em mente: arenosa, de solo fugidio e movel, [...] com os maricás, as pitangueiras, nas bordas, salpicadas de fructas vermelhas, [...]. **1920** Idem *Histórias e Sonhos* 17: Numa das ruas desse humilde arrabalde, antes trilho que mesmo rua, em que as aguas cavaram sulcos caprichosos, todo elle bordado de maricás que, quando floriam, tocavam-se de flócos brancos, morava em um barracão D. Felismina.

marimari *s.m.* Var.: 8 *mary-mary*, 9 *marimari* [< mari + mari: v. mari].

Planta da família das leguminosas, subfamília das cesalpináceas.

1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 115/116): De volta da pesca ou do mato, raro era não trazer-lhe um mimo qualquer, uma fruta, um mary-mary de beira-rio, ou um jutahy da mata virgem. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 19: Junto de um desses mutás, algumas cassias — os marimaris da região — com lindos cachos de ouro.

maririçó *s.m.* [< T. *ɲ aeriri'so].

Planta da família das iridáceas.

[**1560** Anchieta *Carta* in S. Leite *Cartas* III. (1958) 233-234: *Marareçó* Indi vocant, folia acoris sunt similia, radix parva et rotunda, quae aut comeditur assa, aut contrita ex aqua et nocte una sub dio exposita potatur.]. **1812** B. A. Gomes *Plantas do Brasil* ccxxv: A raiz do *Maririçó* não tem cheiro, mas tem hum sabor adocicado não desagradavel; he brandamente purgante, e usada não só pelos Roceiros, mas tambem por alguns dos habitantes do Rio de Janeiro.

maritacaca *s.f.* Var.: *α*. 5 *biaratacа, mariatacaca, maratacaca,* 6 *miaratacа,* 7 *maritacа*; *β*. 5 *jaguarecaca,* 6 *jaratаquaqua, jarutacáca, jaratacaca,* 8 *jaraticaca, jaraticáca,* 9 *jaratataca* [As vars. *α* dimanam do T. *ɲ* iara'taka (*ɲ* iarata'kaka); as vars. *β* talvez decorram de uma alteração dessa forma tupi por influência de ja'ũara 'onça, jaguar' (ja'ũara ⇌ *ɲ* iara'taka → *jaũara'taka, *jarata'kaka etc.)].

Mamífero carnívoro da família dos mustelídeos.

*c***1584** Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 16: Biarataca. Este animal he do tamanho de hũ gato, parecesse cõ foraõ p'lo lombo tem huã mancha branca, e outra parda q̃ lhe fica em cruz m^to^ bem feita. sustentasse de passaros, e seus ouos e outras cousas, max^e^ de Ambar, e gosta tanto delle que toda a noite anda p'las prayas a buscalo, e aonde o ha elle he o pr^o^, he m^to^ temido naõ porque tenha dentes, nem outra arma cõ que se defenda, mas dá certa uentusidade taõ forte, e de tam roĩ cheiro, q̃ os paos, pedras, e quanto diante de sy acha, penetra, e he tanto q̃ algũs Jndios morreraõ ja de tal fedor; ja caõ que elle se achega, naõ escapa, e dura este cheiro quinze, uinte e mais dias, e he tal q̃ se da esta uentusidade junto dalguã aldea logo se despouoa pera naõ serem sentidos, cauaõ no chaõ, e dentro daõ a uentusidade, e a cobrem cõ a terra; e quando os achaõ por naõ serem tomados, sua defensa he desparar aq̃lla uentusidade. **1587** G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. xcix. 134): Jaguarecaca é um animal do tamanho de um gato grande; tem a côr pardaça e o cabelo comprido, e os pés e mãos da feição dos bugios, o rosto como cão, e o rabo comprido, o qual se mantém das frutas do mato. Anda sempre pelo chão, onde pare uma só criança, o qual é tão estranho e fedorento, que por onde quer que passa deixa tamanho fedor que, um tiro de pedra afastado de uma banda e da outra, não há quem o possa sofrer, e não há quem por ali possa passar mais de dois meses, por ficar tudo tão empeçonhentado com o mau cheiro que se não pode sofrer. *c***1590** [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. M) 370-382: Mariatacaca he hũm animal mais terribel q̃ se uio he m^to^ pequeno como gato e fermoso este se algũ cam arremete a elle ou se ue ẽ aperto larga huã certa ventosidade q̃ m^tas^ vezes de taõ roim cheiro morrẽ os caẽs e se he iunto de aldea inda q̃ esteiao dous mil Jndios ou qualquer gente todos acordaõ o cheiro e daõ m^tos^ espirros e ja sabem q̃ he aquelle bicho fogem dahi mais longe ate pasar por hũ pedaso aquelle cheiro hũ padre da cõpanhia indo de noite achou hum cuidou era outra cousa deulhe cõ o bordaõ e tal ficou o bordaõ e o padre q̃ naõ auia quem chegasse a elle o fato se escaldou m^tas^ vezes sem querer perder o cheiro o bordaõ se desfes mais de ametade cõ huã praia sẽ nunqua perder o cheiro e ao padre valeolhe q̃ naõ tem sentido de cheirar inda o ouuir m^to^ mal disto naõ duuidem q̃ ainda tem mais o animal. *c***1594** Idem *Ib.* (ms. C) 1157-1179: Maratacaca He do tamanho de hũ gato cazeiro tẽ a feiçaõ de furaõ o focinho agudo e o corpo esguio tem p'lo fio de Lombo como tres dedos de Largura de preto e p'las espadoas ate as maõs o mesmo o mais hũ branco asafroado e assi fiqua hũ modo de + come bichos e passaros e ovos e faz m^to^ por comer nas prajas ambar todos o tẽmẽ e o cõ que se defende he que quando se ve em aperto larga huã ventuzidade q̃ basta pera matar como morrẽ algũs caẽs e toda huã aldea a corda a seu cheiro inda q̃ estejaõ no mejo do ẽno e de espaço de sincoenta braças e tal cheiro fiqua ali nos paos pedras q̃ por m^to^ tempo se naõ tira e assi acõteẽo a hũ padre q̃ deu em hũ cõ hũ bordaõ e o bordaõ o desbastaraõ te o mejo sẽ se tirar o cheiro e a Roupa por mais escaldada q̃ foi se lhe naõ tirou o cheiro e este padre naõ tinha sẽtido de cheirar q̃ ouue ja do Ruĩ cheiro morrerẽ Jndios. e assi faz huã coua p^a^ as necessidades naturais e cobre logo m^to^ bẽ por naõ ser sẽtido. **1610** J. Monteiro *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.*

VIII. (1949) 421: Do miarataca. É do tamanho de um gato, na feição assemelha-se ao furão. Terá pelo fio do lombo três dedos em largo de cor preta, e desce, na mesma forma polas espáduas até às mãos, fazendo uma bem feita cruz, assentada sobre branco. Mantém-se de pássaros, ovos, é contínuo nas praias, em as quais espera o âmbar para o comer, e entupido a ninguém teme, e ele de todos é temido, defendendo-se com tão mau cheiro, que de si lança que nos paus, pedras, a que abrange dura por muito tempo; com ele pelam os cães e morrem, e do mesmo morreram já alguns índios; é eterno no vestido em que deu. Na Serra do Rari se acham estes animais como nas mais partes do Brasil, mas não tão insofriveis no cheiro, porque os criam os Indios, e têm-nos em grande preço, porque têm pera si que enquanto os tiverem não hão de morrer; e pera este efeito os buscam com notável diligência, e os põem debaixo das redes em que dormem pera que os defendem da morte. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fls. 129*v*.-130: jarataquaqua — he animal do tamanho de hũ gozo de cor parda, da mais Rara e estranha natureza de coantos o mundo tem aquoal he que se acazo andando pastando pello campo — for acometido de algua pessoa que o pretenda tomar vay fogindo délla, mas coando se vê apertado — largua pera sua defensaõ hũa ventozidade que he poderoza com o seu Ruim cheiro de abater e lansar por terra sem acordo toda a couza viua que o segue quer seja homem quer caualllo quer cam ou coalquer outra sorte de animal sem nenhũ Reparo. e aly fiqua aruoado sem dar acordo de sy por espaço de tres ou quoatro oras. [...] e a mim me soçedeo estando hũ dia vendo pezar asucare entrar na caza hũ homem, ao coal avia mais de sete dias que avia tocado a ventozidade do animal e com vir já lauado muitas vezes cabello e barba feita e outro vestido, foy tanto o mao cheiro que de sy lançou que nos obrigou aos que aly estauamos a desamparar a caza e sair fogindo pera fora com ignoraremos o cazo ate que elle propio contou o que lhe avia suçedido. **1627** V. Salvador *Hist. Brasil* I. ix. fl. 17*v*.: Ha outro animal chamado Jarutacáca, que tem as maõs, e pés como bugios o qual he malhado de varias cores, e deleitavel â vista, maiz que ao olphato, como experimentão os que o querem cassar porq̃ só com huã ventozidade, que larga, he tanto o fedor q̃ lhe foge o cassador, e do cassador fogem os vezinhos m.^tos^ dias naõ podendo sofrer o mau cheiro, que se lhe comunicou, e vay comunicando por onde quer que vay, e os caês se vaõ m.^tas^ vezes lavar na agoa, e esfregar com a terra sem poder tirar o fedor. *a*1696 G. Matos *Obras* (ed. 1969, V. 1147): Indo à caça de tatus I encontrei Quatimondé I na cova de um Jacaré I tragando treze Teiús: I eis que dous Surucucus I como dous Jarataca-cas I vi vir atrás de umas Pacas, I. **1757** D. L. Couto *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 37: [...] Guaribas, Saguins, Preguiças, Parigues, e Maritacas. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 64: A *jaraticaca* ou *cangambá*, como lhe chamam em algumas provincias, e que alguns reputam por uma especie de foinha, he bem notavel tanto pela sua linda figura, sendo branca, malhada de negro com cauda felpuda, como pela singular, e invencivel arma, com que facilmente se defende de qualquer inimigo, que ouze atacal-la. Este animal sendo accometido, e ás vezes antes de o ser, solta uma porção de ourina de fétido tão forte, e enjoativo, que o aggressor não cuida mais que no modo de se livrar delle: os cães ferem o focinho de o esfregar pelo chão; e o homem só dezeja mudar de vestido. Idem *Ib.* I. 141: Entr'outras especies de quadrupedes selvaticos ha antas, veados, onças, macacos, pacas, coelhos, quatys, cutias, tatús, aliàs *armadilhos*, jaraticácas, [...]. **1956** Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* 178: Mas, em mim, para mim aquilo tudo era — era assim como um lugar com mau-cheiro, no campo, uma árvore: lugar fedido, onde é que alguma jaratataca acuou, por se defender do latido dos cachorros.

marizeiro *s.m.* Var.: 9 *maryseiro, marizeiro, mariseiro* [< mari + -z- + -eiro].

Planta da família das leguminosas; mari.

1902 E. Cunha *Os Sertões* 48: [...] refrondam os maryseiros raros — misteriosas arvores que presagiam a volta das chuvas e das epocas anheladas do *verde* e do tempo da *magrem* [...]. **1935** J. L. Rego *O Moleque Ricardo* I. 9: Lá estava a canoa do engenho amarrada no marizeiro maior. **1936** Idem *Usina* I. iii. 64: Os mariseiros do rio não perdiam aquelle verde desmaiado. Idem *Ib.* II. xxvi. 348: Se fosse atraz do povo as almas do outro mundo andavam alli pelos marizeiros, os lobishomens viviam pelas estradas rondando sangue de menino para beber. **1937** Idem *Pureza* xxxi. 332: As ingazeiras, os marizeiros, gostavam das beiras do rio.

maruim *s.m.* Var.: 5 *marigui, margui,* 7 *meruim, merim,* 8-9 *maruim,* 9 *birigui, maroim* [< T. mari'ũi ~ VLB II. 43: *Mosquitos que mordem* = Piũ: estes são os borrachudos, os das pernas compridas Nhatiũ, os piquininos dos mangues Marigui; os seus semelhantes do mato, Mariguiũna e sãõ ainda menores].

Nome comum a vários mosquitos hematófagos.

[**1560** Anchieta *Carta* in S. Leite *Cartas* III. (1958) 228: Alii qui marina aestuaria incolunt, *marigui* vocitati, dira lues;]. *c*1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 29: Nestes mangais ha hum certo genero de mosquitos q̃ se chamaõ Mariguis: tamaninos como piolhos de galinha mordem de tal manr^a^ e deixaõ tal pruido, ardor e comichão q̃ naõ ha ualerse huã pessoa porq̃ ate os uestidos passaõ e he boa penitencia, e mortificaçaõ sofrelos huã madrugada [...]. **1587** G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. xciii. 124): Marguis são uns mosquitos que se criam ao longo do salgado, e outros na terra perto d'agua, e aparecem quando não há vento; e são tamanhos como um pontinho de pena, os quais onde chegam são fogo de tamanha comichão e ardor que fazem perder a paciência, mormente quando as águas são vivas; e crescem em partes despovoadas; e se lhe pôem a mão, desfazem-se logo em pó. **1763** J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 70: Chegámos pelas 10 horas a boca do rio que sahe ao das Amazonas, onde dormimos atormentados da praga que tem copiosa de mosquitos, de garapanazes, meruins, pium, e motucas, que são umas moscas verde-negras. Idem *Ib.* 76: A noite tivemos em uma enseada, e foi bem cruel com a praga de meruins, especie de mosquitos que mettem em desesperação a quem os sentem; [...]. Idem *Ib.* 202-203: [*os índios*] Achavam-se frios; para dormir pois apenas ceiaram, fizeram covas na arêa, e cobertos ou enterrados nella, e só com a cabeça de fóra, se deixaram aquentar por este estylo, que á imitação das tartarugas praticam quando pousam á noite em praias, e tambem por se livrarem da praga dos garapanazes, mosquitos e merins, para o que, descançando a cabeça no ramo, a cobrem com a camisa; ainda que o ordinario é fazer grandes fogueiras para intimidar as feras, e para dar gasto á lenha prompta que sempre acham nas praias. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 29: [...] o *maruim* he um insecto quasi invisivel, afflige com suas picadas, e a hora mais ordinaria para istó he ao occaso do sol: [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* ii. 21: E eram muitos mosquitos, piúns maruins arurús tutuquiras muriçocas meruanhas borrachudos varejas, toda essa mosquitada. Idem *Ib.* xvii. 256: Esperou a visita da saúde, criou fôrça e pegou no mosquito biriguí mordendo o joelho dele. Passou a doença no mosquito biriguí. **1935** J. L. Rego *O Moleque Ricardo* vii. 48: O maroim dia de lua nova era mais feroz. **1935** Jorge de Lima *Calunga* xiii. 110: As murissocas de-tarde, boquinha da noite principalmente, invadem as casas, maruins pequenininhos, quasi invisiveis queimavam o couro do cristão indefeso.

marupá *s.m.* [Cp. T. maru'pa ~ VLB II. 48: *Naualha de cana, ou palha* = Marupa].

Planta da família das simarubáceas.

1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 329): O resto da mobilia compõe-se de bahús de marupá pintados de verde, um ou dois bancos e peitos de jacarê. **1895** Idem *A Pesca na Amazônia* I. vi. 90: [...], leva além dos apetrechos da pesca e os paneiros de sal, com que hão de salgar o pescado, os bahús de marupá pintados de verde da roupa, [...]. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 122/123: Aprendo tambem que a *carapanaúba*, de tronco linheiro, dá bons cabos para machado, [...] e que o *marupá* e o *marrãozeiro* são excellentes ripeiras. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* i. 10: A velha Andreza, cabocla, cincoentona, que se educára num collegio de freiras em Belem, e que estava sentada num bahú de marupá pintado de verde, acrescentou: [...].

marupiara *s.m.* [< T. ?].

Indivíduo feliz, afortunado.

1928 M. Andrade *Macunaíma* iv. 50: Porêm agora, cantava o lamento do uirapurú, nunca mais que Macunaíma havia de ser marupiara não, porquê uma tracajá engulira a muiraquitã e o mariscador que apanhara a tartaruga tinha vendido a pedra verde [...].

matamatá *s.m.* Var.: 6 *matamata,* 7-9 *matamatá,* 9 *matámatá* [< T. matama'ta].

Espécie de tartaruga.

*c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 174*v*.: matamata he armado não se come. *a*1667 Heriarte *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 188): [Tem o rio Amazonas I grandes cobras de agoa; na terra, onças, tigres, pantheras, [...] javotins, tamandoás, matamatas, bugios de diversas castas, avestruzes, tiriuos, jaburús, iguanas, papagaios, araras, canindés, mutús, [...] *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 259: Tartaruga de menor especie. Matamatá, outra especie. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 33: O matamatá, pertencente à mesma família, habita unicamente nos lagos, seo pescoço, e cabeça he desproporcionada, e a concha cheia de tuberosidades; e excrescencias escabrosas. **1895** J. Veríssimo *A Pesca na Amazônia* I. v. 86/87: As outras especies da mesma ordem dos testudos, o hediondo matamatá, que passa por muito saboroso, o mussuan, o pitiú, habitam principalmente os lodaçaes, igarapés e lagos rasos, lamosos. **1928** M. Andrade *Macunaíma* xvi. 232: Macunaíma pigarreava atirando gusparadas no rio e enquanto o guspe afundava transformado em matamatás nojentos, o herói botava a boca no mundo feito maluco sem saber o que cantava, assim: [...]. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* xvii. 193: Trazia nas pegadas o tracajá, o mussuan, o pitiú e o matámatá.

matapi *s.m.* [< T. ?].

V. abon.

1876 COUTO DE MAGALHÃES *O Selvagem* I. 275: [*Nota de rodapé*] Matapi é uma especie de cercado que os indios fazem para apanhar peixe. 1895 J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. viii. 118: O matapi, especie de talas da curiosa palmeira trepadeira; a jacitára (Desmonchus).

matarana *s.f.* Var.: 8 *matarânna* [< T. ?].

V. abon.

1817 CASAL *Corografia Brazílica* II. 264: [os Gamèllas] Suas armas sam o arco, a flecha, e uma maça de páu rijo denominada *matarânna*, esquinada na parte grossa, e aguçada na delgada.

matintaperera *s.m.* [< T. ?].

Variedade de coruja.

1928 M. ANDRADE *Macunaíma* iv. 49: Perguntaram pra todos os seres, aperemas saguis tatús-mulitas tejús mussuãs da terra e das árvores, tapiucabas chabós matintapereras pinicapaus e aracuãs do ar, prá ave japiim e seu compadre marimbondo, [...] todos êsses entes vivos mas ninguem não vira nada, ninguem não sabia de nada, [...]. 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* xvii. 196: E logo se destacaram, estonteados com a luz meridiana, os jacurutús, os murucututús, as corujas, as matintapereras.

matiri *s.m.* [< T. ?].

V. abon.

1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 10: [...] os matirís, especie de sacos de tamanho e formas diversas entre si, extrahe-se o fio das fibras interiores das folhas; esta palmeira he no seo tronco cheia de espinhos, no alto estaõ as folhas de vara e meia de comprimento, e recortadas; [...].

matuim *s.m.* Var.: 5 *matuim, matuí* [< T. matu'i].

V. abon.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXIV. 98): Matuim-açu são uns pássaros, que andam sempre sôbre os mangues, tamanhos como franganitos, de côr pardaça; tem as pernas e bico prêto, e mantêm-se de peixe que tomam. IDEM *Ib.* 99: Matuimirim são outros pássaros de feição dos de cima, mas mais pequenos e brancacentos; mantêm-se do peixe que tomam; e uns e outros criam no chão ao longo do salgado.

matupá *s.m.* [< T. ?].

Mato denso à beira dos rios e dos lagos.

1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 49): Agarrados á margem, os compactos matupás de canarana, por sobre os quaes esvoaçam leves, alegres e chilreantes passarinhos microscopicos, vergando as delgadissimas ramas do capim, [...]. 1895 IDEM *A Pesca na Amazônia* I. iii. 34: Ora pára a canôa á beira dessas extensas touceiras de perimembeca, de tiririca, de mury ou de canarana, gramineas diversas que com o nome collectivo de matupás, orlam as margens; [...].

matupiri *s.m.* Var.: 8 *matupirì, matupirí, matupiri* [< T. ?].

Peixe da família dos caracídeos.

1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 34: [...] os saborosos *mandubés, piramutábas, mandiis, matupiris, aracús, traíras, jejús*, e *tamoatás*, conhecidos por *peixe do mato*, [...]. 1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 57): A pasmosa variedade de peixes do Amazonas recolhe-se tambem para elles nesse tempo, [...]; o microscópico e gostoso matupiri; [...]. 1895 IDEM *A Pesca na Amazônia* I. ii. 25/26: Dos primeiros, alem do grande, do vantajoso, do preferido pirarucú nomeam, pescam, comem ou fazem objecto do seu commercio, a pescada, [...], o matupiri, o peixe-cachorro, [...].

‖ **maturaqué:** v. abon.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXLIV. 232): Também se tomam nestes rios à cana outros peixes a que os índios chamam maturaqué, que são pequenos, largos e muitos saborosos.

maturi *s.m.* Var.: 7 *mutorî*, 8 *matury, maturi*, 9 *maturim* [< T. ?].

Castanha de caju ainda verde, com a qual se preparam iguarias: v. abon.

1730 ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 39. 26: Dos incultos dá em abundancia, pinhoens, sapucayas, castanhas de caijú, que estando maduras. se comem assadas, e se confeitaõ como as amendoas, das quaes tem o gosto, e supprem a falta em varias especies de doces, saborosos por extremo, e quando estaõ verdes se chamaõ mutorîs, e delles se fazem excellentes guizados, e compostos regalados. 1873 J. ALENCAR *Guerra dos Mascates* I. xiii. 152: Veio o infallivel manjar branco; em seguida as castanhas de cajú confeitas, as tortas de matury e crême, as trouxas d'ovos [...]. 1878 F. TÁVORA *O Matuto* v. 57-58: Imaginai uma creatura humana com entranhas de tigre; na mão o páo ou a faca prestes para offender ou ferir a quem estava perto, a pedra para atirar contra quem estava longe; sempre a saltar e a correr pelo caminho, a trepar-se nas arvores novas, primeiro que nas arvores idosas por serem mais faceis de quebrar-se com o peso do corpo as primeiras do que as ultimas; imaginai um ente essencialmente malevolo que cortava, por gosto de fazer mal, os gerumuzinhos ainda em herva, arrancava as batatas verdes, despedaçava os maturis, queimava as cercas, quebrava as pernas ás aves domesticas, que se achavam a seu alcanse quando elle entrava em seu furor; [...]. 1915 LIMA BARRETO *Um Especialista* 251: Quem não se recordaria sempre de uma frigideira de camarões com maturins ou de um bom feijão com leite de côco?

‖ **mejuare:** v. abon.

*c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1154-1156: Ha m^tos [ratos] e comẽnos os Jndios Caguija saõ como coelhos piquenos da Jndia pardos moltrepiquaõ m^to aj algũs grandes e de cores Mejuare caguija pixuma &c.

membi *s.m.* Var.: 6 *mumbi*, 8 *memby*, 9 *membí* [< T. mi'ɱ ĩ 'instrumento de sopro' ~ VLB I. 38: *Apito* = Mimbig. Itamîbig. *Ib.* I. 58: *Bozina, e tudo o q. se tange com uento* = Mimbig. *Ib.* I. 146: *Gaita como quer* = Mîbig].

V. abon.

*c*1698 J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 356: São os Irurizes mui curiosos, e lavram com singular arte as suas trombetas ou mumbiz [...]. 1865 J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, v. 32): Ella deve encostar o tacape da luta para tanger o memby da festa. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* vi. 75: Enfiou um membi na guela, virou Jugê na máquina telefone e telefonou pra Venceslau Pietro Pietra que uma francesa queria falar com êle a respeito da máquina negocios.

membiapara *s.m.* Var.: 6 *membyapára* [< T. mi ɱïa'para ~ VLB II. 137: *Trombeta de cana dos Indios* = Mimbigapara. Mimbigpucu].

V. abon.

1663 S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* I. § 143. 88: [...] outros [*instrumentos músicos indígenas*] de cana chamaõ membyapára; [...].

membiguaçu *s.m.* Var.: 6 *membyguaçú*, 7 *membyguaçû* [< T. miɱ'ïũa'su < mi'ɱ'ĩ 'instrumento de sopro' + ũa'su 'grande'].

V. abon.

1663 S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* I. § 143. 88: [...] outros [*instrumentos músicos indígenas*] chamaõ membyguaçú, & outros vrucá: [...]. 1757 D. L. COUTO *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 63: Os instrumentos musicos ou fazem de ossos, a que chamão cãgoeira e murcmure; outros fazem de conchas, a que chamão membyguaçû, e outros urucã.

‖ **menhu:** v. abon.

*c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1422-1424: Ejxuã guaçu esmirilhaõ grãde Eixua merj 3 castas menhu Vrubuanga canduguaçu dizẽ que este come homẽs ate os ossos e a caça ha m^tos frãselhos.

meru *s.m.* [< T. ɱ e'ru ~ VLB II. 43: *Mosca* = Berû].

Nome indígena da mosca.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. XCII. 122): Merus são outras môscas grandes e azuladas que mordem muito, onde chegam, tanto que por cima de rêde passam o gibão a quem está lançado nela, e logo fazem arrebentar o sangue pela mordedura; aconteceu muitas vêzes pôrem elas varejas a homens que estavam dormindo, nas orelhas, nas ventas e no céu da bôca, e lavrarem de feição por dentro as varejas, sem se saber o que era, que morreram alguns disso.

meruanha *s.f.* Var.: 5 *muruanja*, 9 *meruanha, muruanha* [< T. ɱ eru'ãja < ɱ e'ru 'mosca' + 'ãja 'dente' ~ VLB I. 94: *Dentes* = Tãnha. ~ cp. MERU].

Inseto díptero hematófogo da família dos eumiídeos, também conhecido como mosca-dos-estábulos.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. XCII. 122): Há outra casta de môsca, a que os índios chamam muruanja, que são mais miúdas que as de cima e azuladas; estas seguem sempre os cães e comem-lhe as orelhas; e se tocam em sangue ou chaga, logo lançam varejas. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* ii. 21: E eram muitos mosquitos, piúns maruins arurús tatuquiras muriçocas meruanhas borrachudos varejas, toda essa mosquitada. 1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 269: Que por isso, êle querer tôda vez, no pasto, a sombra das árvores, à borda da mata, zona perigosa, onde mil muruanhas — tavãs e tavôas — tão môscas, voejam, campeando o mole e quente em que desovar.

metara *s.f.* [< T. *ŋ* e'tara ~ VLB II. 69: *Pedra de beiço. gnlr.* (*scil.* geral) = Metara. A comprida se acrecenta Apoa. ut Metarapoâ (...)].

Pedra que os indígenas usavam nos lábios como adorno.

*c*1584 CARDIM *Origem dos Índios do Brasil* fl. 4: Vsaõ estes Jndios ordinariam^te^, principalm^te^ nas festas q̃ fazẽ de colares de buzios, de diademas de penas, e de huãs metaras (i. [*id est = isto é*] pedras q̃ metẽ no beiço debaixo) uerdes, brancas, azuis muito finas, e q̃ parece esmeraldas, ou cristal, saõ redondas, e alguãs taõ cõprida q̃ lhe daõ p'los peitos [...]. **1610** J. MONTEIRO *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.* VIII. (1949) 409: pera entrar em seus conselhos e juntas, e aos que querem sejam os mais estimados e autorizados, além da metara [*pedra verde ou branca*] do beiço de baixo lhe põem [*os índios*] duas no de cima; outros trazem todos os beiços cheios destas pedras, respeitando aos imigos que mataram, e, conforme ao número, as trazem e acrescentam. *a*1667 HERIARTE *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 171): Furão [*os índios*] os narizes e os beiços e nelles põem pedras verdes, a que chamam *metaras*, que têm em grande estima.

miaçaba *s.f.* Var.: 7 *miaçaba*, 8 *miassáva* [< T. ?].

V. abon.

*c*1767 J. DANIEL *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, II. (1840) 341: Todos os seus moveis, trastes, e instrumentos de casa se cifrão em uma panella, uma cuia, que é um genero de cabaço por onde bebem, uma machira ou rede para dormirem, que muitos remedeão com uma esteira, a que chamão miaçaba, tecida de palmas ou cipó. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* II. 267: Todas as cazas sam de madeira, e cubertas de palha, e seus habitantes Indios pescadores, e cultivadores de varios comestiveis, que fazem tambem esteiras de *miassáva* para estivar os navios, e cordas *d'imbé*.

miapeatã *s.m.* Var.: 6 *miapeatâ* [< T. miapea'tã < mi'ape 'pão' + a'tã 'duro' ~ VLB II. 64: *Pão, ou bolos de qualquer farinha q. seião* = Miape. *Ib.* I. 107: *Dura cousa* = Adiectiuo ou duramente. Atâ].

Biscoito: v. abon.

1663 S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 73. 152: Desta fazem huns bollos aluissimos, & delicadissimos, q̃ he o comer mais mimoso; ou em quãto molles & frescos, ou depois de duros, & torrados: & estes se guardão por muito tempo, & chamão-lhe os Indios miapeatã, que val o mesmo q̃ biscouto.

micuim *s.m.* Var.: 8 *mucuím*, 9 *mucuim* [< T. mukui'ĩi ~ VLB I. 55: *Bichinhos do mato uermelhos pouco majores q̃. ouçãões que causão em homem grande comichão pollo corpo* = Mucuiĩ. Entrão pollo corpo].

Espécie de carrapato.

1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 29: [...] o *mucuím* he quasi imperceptivel, e só existe na *relva* ou *capim rasteiro*, sendo todavia mui incommodo nos corpos á que se segura. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* xvi. 234: Entrou no mato bem, legua e meia. Foi buscar a linda Iriqui, companheira dele que já fora companheira de Jiguê e esperava se enfeitando e coçando mucuim assentada nas raizes da samaúma.

mindocuruera *s.f.* Var.: 6 *minocuruera*. Cp. CRUEIRA [< T. minokuru'era ~ VLB I. 134: *Farelo, e tudo o q. fica da farinha peneirada ou aioeirada* = Mindocuruera, e todo o semelhãte como não for farinha. Curuera. como o q. fica da cal ioeirada etc.].

Crueira.

*c*1607 J. RODRIGUES *Relação* in S. Leite *Novas Cartas Jesuíticas* (1940) 233: [...] e depois a cozem [*a mandioca*], mal cozida, e às vezes depois de cozida, vem pedaços tamanhos como a cabeça dum dedo, crús, que parecem *minocurueras*; [...].

mingau *s.m.* Var.: 5-6, 9 *mingao*, 5-9 *mingau*, 5 *mingaõ*, 6 *mingão*, *minguao*, *mingaú*, 6-8 *mingáo*, 7, 9 *mingáu* [< T. miŋa'u ~ VLB II. 64: *Papas* = Mingaû (...)].

Alimento de consistência pastosa, espécie de papa preparada com farinha de mandioca ou de trigo (ou fubá, maizena, aveia etc.), diluída e cozida em água ou em leite e a que se adicionam açúcar, ovos, canela etc.

*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 23: Desta mandioca curada ao fumo se fazẽ m^tas^ manr^as^ de caldos q̃ chamaõ mingaos taõ sadios, e delicados q̃ se daõ aos doentes de febres ẽ lugar de amido, [...]. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXII. 47): Estes caroços do algodão come o gentio pisados e depois cozidos, que se faz em papas que chamam mingau. *c*1596 S. TRAVAÇOS *Declaração do Brasil* xxxvi. fl. 28*v.*: [...] às quais febres não fazem outra cousa, senaõ comendo huns mingaos, que saõ caldos de farinha de carima, [...]. IDEM *Ib.* xlvii. fl. 35*v.*: [...]tambem delida huã pouca desta farinha em agua, se fazem caldos tão bõos, como amendoadas que com açucar se comem, e la chamaõ mingaõs. *c*1607 J. RODRIGUES *Relação* in S. Leite *Novas Cartas Jesuíticas* (1940) 224: E a uns moços dos nossos deu uma india um pequeno de não sei quẽ, como mingau, e logo lhe pediu um fio de contas em paga. **1608** L. FIGUEIRA *Relação do Maranhão* in S. Leite *Luíz Figueira* (1940) 151: [...] porque não me tendo o outro dado nada elle me trouxera por algũas vezes hũs mingaos de mãdioca brava que caro me custarão, mas de tudo isto teve o Senhor por bem de me livrar; [...]. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fls. 91*v*-92: [...] pois ainda se fazem mais transformaçõis délla a coal he que despois da mandioca estar podre na Aguoa pello modo que tenho mostrado, por que aque está desta maneira se chama mandioqua puba, lhe tiraó a casca e a poem no fumeiro donde despois de estar curada e seca se chama carima e se faz délla hũa eixcelente farinha de que se fazem hũas papas em caldo de guallinha e de peixe, e tambem com asucar as coais são de marauilhozo guosto e de muito notrimento e tambem as aplicaõ pera mantimento de enfermos com muita vtilidade dos tais e a este semelhante manjar daõ por nome mingao. **1624** S. E. SILVEIRA *Relação do Maranhão* fl. 8*v.*: Porẽ o segũdo lugar depois do trigo pertence à Mandioca, que he farinha de hũas rayzes muito ferteys, muito sàdias, & muito substanciaes, das quaes se fazẽ muitas sortes de farinha, hũa muito fina, & tão branca, & mais que a do trigo de Alẽtejo, a que chamão carimá, de que se fazẽ bollos, que chamão beijús, & biscouto, que chamão caçave, & filhós, & bollinhollos, & sobre tudo, hũ caldo, como de almidão, mas muito melhor, q̃ chamão mingào, & engomão cõ elle, como cõ a goma muito fina de trigo. **1648** M. CALADO *O Valeroso Lucideno* IV. iv. 245: Sahiose o Padre a tomar hũ caldo de farinha, a que no Brasil chamão, mingao, [...]. **1652** *Livro de Contas* in DHA, II. (1956) 514: Que se gastou em caza em mingaos p^a^ doentes e mais mihudezas [...]. **1656** J. SOTOMAIOR *Jornada ao Pacajá* in DAP, VIII. (1945) 5: Aqui eu mesmo a minha vista os fasia sangrar, e curar a todos e pella menhãa, o jantar e a noite se fasião 3 alguidares de minguao doce, com que a todos se dava sua reção e eu mesmo muitas veses fui obrigado a lho faser com minhas mãos, por não aver quem nisso se quisesse occupar. **1663** S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* I. § 140. 85: [...] o que ha de cozerse, em panelas, a q̃ chamaõ nhaempepò, de cujo caldo com farinha de mandióca fazẽ como papas, que chamaõ mingaú, ou mindipiró. **1675** F. B. FREIRE *Hist. da Guerra Brasílica* IV. 188: Avaliãona [à mandioca] pelo melhor mantimento depois do trigo; que tambem, como de obréa ás cartas, serve de goma ás voltas; & para bollos, & caldos, com nome de mingáos, & beijús; no que se vem a apurar o mimoso pão, daquella tosca farinha. *a*1696 G. MATOS *Obras* (ed. 1969, IV. 840): A linha feminina é carimá | Moqueca, pititinga caruru | Mingau de puba, e vinho de caju | Pisado num pilão de Piraguá. I. *c*1698 J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 563: [...] contou-me [...] que lhe appareciam uns indios de sua nação e lhe offereciam em cuias suas papas e mingáos, [...]. **1734** in RAPM, XXIII. (1929) 243: gastámos na sua fabrica 12 dias abrigados á sombra daquelles mattos, e como perdemos os anzoes e linhas, perdemos tambem gosto ao peixe, e nos valiamos do palmito bocayuba, que depois de esfolado, e feito em uns pequenos pedaços seccavamos ao fogo, e secco o soccavamos em uma pedra, e o comiamos em mingáos, [...]. **1761** JABOATÃO *Novo Orbe Seráfico Brasílico* I. i. 201: As mais iguarias, eraõ humas como pappas, ou caldo grosso, a que o Gentio chama *Mingáu*, feito de outras chamadas tambem por elles *Aypy-Mandioca* [...]. *c*1767 J. DANIEL *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, II. (1840) 336: [...] e quando muito lhe dão as velhas algum pouco de mingau, certa bebida que fazem engrossada com alguma farinha, e mais nada. IDEM *Ib.* 338: O mesmo é em outro qualquer trabalho, e isto muitas vezes passando dias inteiros, sem outra comida mais que um punhado de farinha de pau misturada com agua, a que chamão — tiquara — e se tem commodo para a cozerem, ou aquentar ao fogo, a que chamão mingáu, já remão mais contentes. IDEM *Ib.* 343: Porém, quando nas suas ucharias ha vianda, que não se póde assar, e se deve cozinhar, como é a sua uzual bebida, a que chamão mingau, tacaca, e outras, tem para isso suas panellas fabricadas da cinza de uma arvore misturada com algum barro, e burnida com uma resina, com que ficão como vidradas. **1799** E. A. S. CORREIA *Hist. Angola* (ed. 1937, I. 117): Os Navios embarcão a Fuba para dietas dos doentes dada em Matêtes, que correspondem aos Mingáos do Brazil, ou Caldos de farinha de Portugal. **1865** J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, xxxi. 183): Ella dissolveu a alva cariman e preparou ao fogo o mingáo para nutrir o filho. **1872** IDEM *Sonhos D'Ouro* II. xviii. 61: [...] e ahi teve a satisfação de encaixar-lhe o par de galochas, com que a excellencia patinhou no mingáo do macadam, sem macula das insignias prelaticias. **1873** IDEM *Guerra dos Mascates* I. *Advert.* vii: Logo na cama tomara, á guisa de mingáo ou chocolate, a siribanda da folha opposicionista n'um artigo furibundo, sob a epigraphe — *Ubinam gentium summus*!... **1876** COUTO DE MAGALHÃES *O Selvagem* I. 165: [*Nota de rodapé*] O *tucumã* é uma linda palmeira espinhosa que cresce nos valles do Amazonas e Prata. Seu côco, de um vermelho côr de laranja brilhantissimo, serve de alimento aos selvagens, que com sua pôlpa preparam um succulento mingáo de sabor agradavel, mas indigesto. **1896** MACHADO DE ASSIS *Várias Histórias* 176: [...], e acabou atirando-me um prato de mingau, que achou frio, e o prato foi cahir na parede onde se fez em pedaços. **1918** MONTEIRO

LOBATO *Urupês* 70: Falquejado o toro, correram a linha, empapado num mingáu de carvão. 1929 A. PEIXOTO *Sinhàzinha* viii. 86: Fôra pretexto, para que á noite, á sua cabeceira, encontrasse ora gemadas, ora mingáus, cangicas, coalhadas, [...]. IDEM *Ib.* xx. 197: Sem o querer, foi com os olhos da saudade.que reviu, desta vez, a profusão de beijús, bôlos de milho, macachera, cuscús, tapiocas, mingaos, leite, manteiga, requeijão... que a gula dos outros dias mal dava ensejo a considerar. 1931 G. ARANHA *O meu próprio romance* 51: As criadas nos preparavam para dormir, depois do banho. Vinhamos todos para a merenda, mingau de milho ou de arroz, que minha mãe distribuia em tigelas. 1933 L. MIGUEL PEREIRA *Em Surdina* v. 99: E não teve sossego emquanto não mandou Don'Ana deitar-se um pouco, depois de a ter visto tomar o seu prato de mingáu. 1934 J. L. REGO *Banguê* I. i. 13: — Preguiça, queres mingau? Estou para ver outro como José Paulino. 1934 G. RAMOS *S. Bernardo* i. 10: — È o diabo, Gondim. O mingau virou agua. Tres tentativas falhadas em um mez! 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* xx. 287: Apesar do serviço andar á vontade, entre duas cuias de mingau, dois cigarros de tauary, as tarefas avançavam [...].

mirim *adj.* [< T. mi'rĩ 'pequeno' ~ VLB II. 78: *Piquena cousa* = Mirî. Tairî. Ciciî].

Pequeno.

A propósito do emprego, raro e esporádico, de adjetivos tupis em português, veja-se o comentário ao verbete *açu*.

*c*1696 G. MATOS *Obras* (ed. 1969, II. 459): À vista dèste Alfaiate I disse o Cabido espantado, I somos nós gatos mirins, I que inda agora engatinhamos. I. 1868 J. M. MACEDO *Memórias do Sobrinho de meu Tio* II. vii. 26: [...] *mirim* é adjectivo guarani que não entra no diccionario do genio progressista da nossa idade: todas as entidades *mirins* são esmagadas pelas locomotivas da moderna civilisação. 1894 TAUNAY *O Encilhamento* I. xxix. 212: [...], como rosado presunto, de meio, sem mais Chopins e Chapecós, Pepirys e Santo Antonio *mirins* ou *guaçús*, aquelle bravio território, tantos decennios, litigioso [...]. 1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 226: Só que eu acendo outro cigarro, por causa dos mil mosquitos, que são corja de demônios mirins.

mirindiba *s.f.* Var.: 8 *merendiba, mirindiba* [< T. *miri' nĩua].

Planta da família das litráceas.

1817 CASAL *Corografia Brazílica* II. 87: [grande diversidade d'arvores de bom pau para construcção principalmente:] merendiba: [...]. IDEM *Ib.* II. 75: Fytologia. Entr'outras muitas arvores de boa madeira nomea-se o vinhatico, aderno [...] piquí, dito preto, dito amarello aliás mirindiba; [...].

‖ **miuaná**: v. abon.

1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 129: [...] o miçaranga em nada mais differe do precedente que em ser feito da madeira *miuaná*, e finalmente, a *crauatána*, ou esgravatàna igual às de que uzam os de Masassar, Achem, e muitos cantoans do Archipelago Indico, he composta de dous pàos unidos, de oito a dez palmos, formando um canudo ligado por cordoens, e serve de disparar pequenas frexas hervadas, de palmo e meio, com uma pequena bóla de algodão na extremidade exterior proporcionada ao orificio do tubo, pelo qual se expellem á força do sôpro; [...].

miúva *s.f.* Var.: 6 *miùba* [< T. *mi'ĩua].

Planta da família das melastomatáceas.

1663 S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 87. 163: [*à margem*] andà engà, joà, [...] getaìgba, miùba vmarì, saõ fruitas agrestes, seruem a Indios, & a gado.

mixira *s.f.* [< T. *mi'šira].

Conserva preparada com a carne do peixe-boi (v. abon. 1876).

1817 CASAL *Corografia Brazílica* II. 292: Tem [a balêa] olhos extremamente pequenos; carne como vitella, e gostoza; da qual fazem tambem linguiças, a que chamam *mixiras*: [...]. 1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 33: [...] ha outra qualidade de *peixe-boi*, vulgarmente chamado de azeite, porque toda a sua substancia se reduz á azeite, conhecido no paiz por *mixira*, havendo alguns destes peixes, que rendem vinte e um almudes; [...]. 1876 COUTO DE MAGALHÃES *O Selvagem* II. i. 11: Outra conserva, não menos notavel é a que fazem da carne do peixe boi por meio do fogo e graxa do mesmo animal, e que é mais conhecida no Pará sob o nome de *mixira*. 1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 124): [...]; sobre o seu jantar do meio dia, de mixira de peixe-boi — um presente de genro á sogra — uma comida carregada, conforme era ella a primeira a reconhecer, — bebera uma cuia de vinho de tucuman — um outro veneno. 1895 IDEM *A Pesca na Amazónia* II. ix. 145: Do precedentemente exposto, porem, verifica-se que não só não foi tão grande a transformação, como que adoptou o conquistador as praticas culinarias do indigena, o muquem, a mixira, o piracui, [...].

‖ **moani**: v. abon.

*c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 175*v.*: Moani he peixe de hũ palmo he de c[omer].

moçacara *s.m.* Var.: 5 *moçacara,* 6, 8 *moacara* [< T. mosa' kara ~ VLB I. 138: *Fidalgo* = Moçacara. *Ib.* I. 143: *Franco e liberal* = Moçacara. Angaturama. *Ib.* I. 147: *Generoso, ou nobre* = Moçacara].

Homem honrado, nobre e generoso, entre os indígenas.

*c*1584 CARDIM *Origem dos Índios do Brasil* fl. 9.: Estas saõ as façanhas, honras, ualentias, em q̃ estes gentios tomaõ nomes de [que] se prezaõ mujto e ficaõ daly por diante Abaêtes, Murubixaba, Moçacara, q̃ saõ titulos e nomes de cauallr^os^. 1585 IDEM *Informação* fl. 90*v.*: Entre ellas uinha Martim afonso cõmendador de Christo Jndio antigo Abaetê, e moçacara .i. grande caualr^o^ e ualente [...]. *c*1698 J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 511: [...] porém, a sua principaleza maior, que chamavam Moacara e consultam em suas empresas como um orago, quiz agazalhar-se na mesma aldêa de S. Gonçalo, [...]. 1874 J. ALENCAR *Ubirajara* ix. 145: Os mais valentes moacaras, chefes das tribus, esperavam pelo grande chefe da nação, para abrir-lhes o caminho da guerra.

mocitaíba *s.f.* Var.: 5 *mucetaíba,* 6 *mocetayba,* 7 *messetaûba,* 8 *mocetahyba, mussutuahyba* [< T. mosita'ĩua ~ VLB II. 64: *Pao ferro, q. chamão* = Mocitaigba].

Planta da família das leguminosas.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXII. 73): Mucetaíba é uma árvore que se dá em terras boas e não é de demasiada grandeza, a que chamam em Pernambuco pau-santo; cuja madeira é de honesta grossura, muito rija e pesada, mas boa de lavrar e melhor de tornear, e tem boas águas, para se dela fazer obras de estima; nunca se corrompe do tempo, e cheira muito bem. 1663 S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 80. 158: A terra toda póde chamarse hum só bosque. Pello que, deixando por mão a frescura, & preciosidade dos cedros, angelins, quasi ebanos, carápinimas, mocetaybas, claraybas, jacuybas, [...] descreuerei algũas somente das q̃ saõ fructiferas, pera gosto dos que são curiosos. 1711 A. J. ANTONIL *Cultura e Opulência do Brasil* I. II. vii. 56: Chamaõ Paos de ley aos mais solidos de mayor dura, & mais aptos para serem lavrados: & taes saõ os de Sapucàya, de Sapupìra cari, de Sapupìra merîm, de Sapupìra açu, de Vinhatico, de Arco, de Jetay amarello, de Jetay preto, de Messetaûba, de Massarandûba, Pao Brasil, Jacarandá, Pao de Oleo, Picaí, & outros semelhantes a estes. IDEM *Ib.* 57: [...] os dentes dos tres Eixos da Moenda do Rodete, & da Volandeira saõ de Messetaûba. 1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 95: Entre outras arvores de boa madeira para construcção, carpinteria e marcineria tem lugar distincto a Ajetahypéta, o Buranhé, o Cedro, o Condurú, o Coração-de-negro, Gonçalo-Alves, Jacarandá, Jacarandatan, Jacarandá-mulato, Jequitibá, Jetahy, Louro, Massarandúba, Mocetahyba, [...]. IDEM *Ib.* II. 87: [grande diversidade d'arvores de bom páu para construcção principalmente:] mussutuahyba.

mocó *s.m.* Var.: 6 *moquô, moquo,* 7-9 *mocó,* 8 *mócó* [< T. mo'ko].

Mamífero roedor da família dos cavídeos (*Kerodon rupestris*).

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 130*v.*: [...] e assim hũa casta delles [coelhos] muito piquenos aque chamaõ — Moquô — os coais se fazem domesticos e se trazem pella caza pera contra os Ratos. por serem grandes perseguidores délles [...]. IDEM *Ib.* v. fl. 131: [...] moquos — ou guoquy — por outro nome — saõ hũns bichos do tamanho de hũ laparo. com os coais despensou a natureza que tiuesem bolso debaixo da barrigua — dentro no coal aguazalhaõ os filhos despois que os parem. e coando caminhaõ os leuaõ ally dentro metidos e estando parados os soltaõ pera que pastem e comaõ pello campo. e querendo outra vez caminhar os tornaõ a Recolher. 1789 F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 40: Mocó, coelho, todo similhante ao precedente Periá, mas hum pouco maior, e a côr rubescente. 1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 65: O *mócó* sómente se differença do coelho em não ter orelhas, nem cauda; tambem só se encontra, onde ha pedras, cujas lapas sam suas moradas. Domestica-se com a maior facilidade; e domesticado torna-se confiado, e atrevido: apezar da sua pequenêz investe, maltrata, e faz fugir os caens: he um inimigo mortal dos ratos, ainda mais destruidor que o gato; mas de natural extremamente inquieto, e infiel, sem sagacidade para executar suas maleficencias, o que faz que sua vida não seja prolongada. IDEM *Ib.* II. 262: Zoologia — os mócós sam numerozos por toda a parte. 1898 A. ARINOS *Os Jagunços* II. iv. 371: A essa hora da tarde, os mocós appareciam entre as pedreiras, sem se espantarem com a passagem da padiola, [...]. 1902 E. CUNHA *Os Sertões* 48-49: [...] e as sussuranas, aterrando os mocós espertos que se aninham aos pares nas luras dos fraguedos, pulam, alegres, nas macegas altas, antes de quedarem nas tocaias traiçoeiras aos veados ariscos ou novilhos desgarrados [...]. 1934 JORGE DE LIMA *O Anjo* 74: A felicidade dos homens numa magica fazia brotar pelas encostas o milharal para S.

João, e as folhinhas despontavam aqui mais acolá que nem mesmo orelhinhas de mocó em campo de batujás. **1935** IDEM *Calunga* i. 7: — De tão comprido o rio era como uma cobra devorando um mócozinho.

mocororó *s.m.* Var.: 7 *mócororó,* 9 *mocororó* [< T. *?*].

Bebida fermentada.

*c***1767** J. DANIEL *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, II. (1840) 356: Fazem estas suas vinhaças, a que chamão *Mócororó,* da mesma farinha de pau: e mais gasto tem a farinha no *mócororó* do que no pão que comem. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* vi. 83: Descansou um pedaço e como estava arado de fome bateu uma fritada de sururú de Maceió, um pato seco de Marajó molhando a janta com mocororó.

moqueação *s.f.* [< moque(ar + -ação].

Ação ou efeito de moquear.

1876 COUTO DE MAGALHÃES *O Selvagem* II. i. 11: Para preparar conservas alimentares pelo processo da moqueação (permitam-me a expressão tupi, porque nós não temos na lingua portugueza um verbo que substitua o *moquear* [...]. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. ii. 15: [...] apparecem nos mercados ou frescas ou conservadas pela salmoura, pelo salgamento ou pela moqueação, com o mapará, o tambaqui, etc.

moqueado *adj.* Var.: 7-8 *moqueado,* 9 *muqueado* [Particípio de *moquear*].

Assado no moquém.

1768 J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 188: O *Mura* [nação indigena] matou onze *Ariquenas* [nação indigena], cuja carne moqueada estava por modo de presuntos uma, outra a cozer. **1874** J. ALENCAR *Ubirajara* 187: [*Nota do Autor*] Hans Stade pag. 4. cap. 43 e seg., conta a historia de dois individuos moqueados pelos tupinambás, e guardados para um banquete. **1886** J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 2): O Sr. Porfirio atacou successivamente a carne cozida, o tambaqui moqueado e um prato seu predileto, [...]. **1895** IDEM *A Pesca na Amazónia* I. i. 11: Para durar, para levar ás expedições em que se empenham, conservam-o salgado ou moqueado, isto é, assado no muquem. **1931** G. ARANHA *O meu próprio romance* 121: Caboclos carregados que passam para a cidade e nos vendem peixe muqueado, beijús, brôa de milho.

moquear *vb.* Var.: 8-9 *muquear, moquear* [< moqué(m + -ar].

Assar no moquém.

1869 B. GUIMARÃES *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. i. 43): Os poucos homens que n'essa occasião alli se achavão, pois estavão pela maior parte dispersos pelas mattas ao longo da margem do rio occupados em caçadas e pescarias, uns assavão peixe, ou muqueavão um lagarto, um tatú ou uma paca em fogueiras acendidas fóra das tabas; [...]. **1872** IDEM *Hist. e Trad. Minas* III. i. 203: Estava tecendo um cabaz de palhas de buruty, em quanto sua mãe, india algum tanto idosa, a alguns passos de distancia moqueava um gordo e grande tyú. **1874** J. ALENCAR *Ubirajara* 189: [*Nota do Autor*] Morto o inimigo, não era devorado; antes as mulheres tratavam o corpo e o curavam, moqueando as carnes. IDEM *Ib.* 201: *Moquem* era simplesmente o assado envolto em folha e feito sobre a braza; d'ahi vem *moqueca* de que tiramos os verbos moquear e amoquecar. **1876** COUTO DE MAGALHÃES *O Selvagem* II. i. 11: [...] não temos na lingua portugueza um verbo que substitua o *moquear.* Este methodo de preparar conservas de carne, peixe e fructas, que elles conseguem moqueando estas substancias, isto é, submettendo-as a um calor muito lento, porque não se moquea bem uma carne sem o espaço de tres dias, é para eles um recurso preciosissimo, porque não conhecendo o uso do sal, não teriam meio algum de preservar e fazer conservas de substancias azotadas. **1877** B. GUIMARÃES *Maurício* I. xiii. 166: [...] ficava quasi sempre em casa muqueando a caça, que este lhe trazia, tecendo esteiras e cabazes, ou entregue a indolencia nativa de sua raça. **1918** MONTEIRO LOBATO *Urupês* 216: [...]; do contrario lá teriamos o filho de Araré a moquear a linda menina n'um bom brazeiro de pau brasil, [...]. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* ii. 20: Comeram tudo, até a crucira dura se acabou e o fogaréu de noite e dia não moqueava nada não, era só pra remediar a friagem que caiu. **1929** A. PEIXOTO *Sinhàzinha* xviii. 177: Em casa o homem matou [os macacos], esfolou, muqueou, sapecou, e comeu [...]. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xxvi. 308: Mas a cunhã moqueou as cabeças dos bodécos para o dia seguinte e as metteu no tucupy.

moquém *s.m.* Var.: 5 *moquẽ,* 5-6, 9 *moquém,* 5-9 *moquem,* 6 *mocahem, mocaem,* 7 *muquém,* 8 *moquêm, muquem* [< T. moka'ẽ ~ VLB II. 134: *Tostada carne, ou peixe* = Caẽ. Mocaẽ].

Carne preparada segundo uma técnica indígena primitiva, que foi transmitida aos primeiros colonizadores europeus e que é ainda hoje adotada no Brasil, particularmente no sertão; espécie de grelha, feita de varas, usada para assar ligeiramente a carne.

O voc. designa, também, uma planta medicinal do gênero *Cassia* (v. abon. *c*1777) e um arbusto da família das compostas (v. abon. 1895).

[**1554** L. GRÃ *Carta* in S. Leite *Cartas* II. (1957) 132-133: Ni sé otra mejor traça de infierno que ver una multitud dellos quando beven, porque pera esso combidan de mui lexos; y esto principalmente quando tienen de matar alguno o comer alguma carne humana, que ellos traen de moquen.]. **1585** CARDIM *Informação* fl. 86*v.*: Elles nos deraõ a çear de sua pobreza peixinhos de moquẽ .i. assados, batatas, carâ, mangarâ e outras fruitas da terra [...]. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CLXXIV. 284): Acabado de morrer êste prêso, o espedaçam logo os velhos da aldeia, e tiram-lhe as tripas e freçura, que, mal lavadas, cozem e assam para comer; e reparte-se a carne por tôdas as casas da aldeia e pelos hóspedes que vieram de fora para ver estas festas e matanças, a qual carne se coze logo para se comer nos mesmos dias de festas, e outra assam muito afastado do fogo de maneira que fica muito mirrada, a que êste gentio chama moquém, a qual se não come por mantimento senão por vingança; [...]. *c***1596** S. TRAVAÇOS *Declaração do Brasil* xliii. fl. 31*v.*: [...] e repartesse a carne por todas as cazas da aldeia, e pellos hospedes que uierão a estas matancas, e della comem logo assada E cozida, com outra m^to assada, E mirrada, a que chamão moquem, [...]. *c***1607** J. RODRIGUES *Relação* in S. Leite *Novas Cartas Jesuíticas* (1940) 212-213: E assim logo disse ao Padre que désse facas a todos os que alí tinha consigo, sem nos oferecer nem sequer uma talhada de carne de moquém da muita que tinha. **1610** J. MONTEIRO *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.* VIII. (1949) 417: [...] assada a seu modo, de moquém, que se faz nesta forma: fazem uma cova no chão; enchemna de brazas; sobre elas botam uma camada de folhas de bananas, que são mais altas que um homem, e de largura de dous ou três palmos; e depois de a cobrirem com outra camada lhe lançam terra, de modo que tapam a cova. A carne se vai alli assando com tal têmpera, que leva ventagem a toda a mais invenção de assado, na limpeza e na ternura e sabor. **1627** V. SALVADOR *Hist. Brasil* I. xvii. fls. 29-29*v.*: Em morrendo este prezo logo os velhos da aldea o despedaçaõ, e lhe tiraõ as tripas, e forsura, que mal lavada cozem pera comer, e repartase a carne por todas as cazas, e pellos hospedes, q̃ vieraõ a esta matansa, e della comem logo assada, e cozida, e guardaõ alguã muito assada, e mirrada, a que chamaõ moquem, metida ẽ novellos de fio de algodaõ, e posta nos canissos ao fumo, pera depois renovarem o seu odio, e fazerem outras festas, [...]. *c***1698** J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 355: [...] estando um dia comendo peixe assado, que chamam mocahem, [...]. IDEM *Ib.* 492: Não é rio muito abundante em peixe senão uma jornada abaixo da aldêa, onde ha tanta cópia delles que em certo tempo do anno se ajuntam lá os indios, assim das aldêas distantes como visinhas, para pesca-los e os levam assados de um modo que chamam "mocaem", para suas casas, para muitos dias. IDEM *Ib.* 495: — O sustento ordinario, emquanto lá estive em companhia do padre missionario frei Theodosio, era peixe de moquem, ou tartaruga, das quaes elle e os indios vão fazer provimento para a banda do rio das Amazonas, de onde as Trazem e guardam em curraes para o sustento do anno. **1732** in ABAP, V. (1906) 387: [...] cada mes duzentas tainhas secas e sessenta salpresas e cem mais a que chamão de moquem por serem feitas no Pesqueiro a moda dos Negros. **1734** in RAPM, XXIII. (1929) 243: [...] matámos tambem aqui muitos barbados que postos de moquem, nos serviram de nova matalotagem para o caminho. *c***1777** F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 263: [Arvore medicinal] Muquém, excellente solutivo e rarefactivo do sangue: dá-se como singular especifico nas contusões. E' pena se não tenha communicado á Europa esta droga. **1781** DURÃO *Caramurú* V. xxiv. 150: Chamão moquem as carnes, que se cobrem, | E a fogo lento sepultadas assão; |. **1838** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 137: [...] costumam assar os animaes que apanham ou em *moquéns,* que vem a ser uma especie de grelha de páos um pouco elevada do fogo, ou debaixo da terra em buracos que abrem, coberta a carne com folhas, depois do que, tapado o mesmo buraco, fazem grandes fogueiras em cima, adquirindo a carne assim um gosto especial. **1865** J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, ix. 52): — Filha de Araken, escolhe para teu hospede o presente da volta e prepara o moquem da viagem. [*Nota do Autor à pág. 212*] *Moquem* — Do verbo mocáem — assar na labareda. Era a maneira porque os indigenas conservavam a caça para não apodrecer, quando a levavam em viagem. Nas cabanas a tinham no fumeiro. **1866** IDEM *As Minas de Prata* VI. i. 19: [...] mas sem prejuizo do apetite com que devoraram uma grande peça da caça preparada de moquem. **1874** IDEM *Ubirajara* vi. 106: "A cumary arde no labio do guerreiro; mas torna mais gostosa a carne de veado assada no moquem. [*Nota do Autor à pág. 201*] *Moquem* era simplesmente o assado envolto em folha e feito sobre a braza; [...]. **1877** B. GUIMARÃES *Maurício* I. xv. 190: Era muquem de que muito gostava, e ia conduzindo viva para casa presa em um forte balaio de taquáras. *a***1884** IDEM *O Bandido do Rio das Mortes* (ed. 1905, iv. 51): [...] podiam se tomar por verdadeiras mumias tiradas da igaçaba, si não fosse a mastigação com que devoravam avidamente o moquem de caças que de antemão traziam preparado. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazónia* I.

i. 11: O muquem é um assadouro ou grelha, de fórma geralmente triangular, cada angulo descançando em uma pedra ou em uma forquilha de madeira. IDEM *Ib.* I. i. 11: Madeira especial, refractaria ao fogo, chamada "páo de muquem", [...]. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* xii. 176: Então Macunaima escutou surucucú tratando com a companheira pra fazerem um moquem do heroi. **1956** GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 11: Não possuia os prazos. Vivi puxando dificil de dificil, peixe vivo no moquém: quem mói no asp'ro, não fantasêia.

‖ **moracira:** v. abon.

*c*1698 J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 116: [...] os quaes tendo disso noticia tocaram logo muitas buzinas e moracira de trombetas, para se ajuntarem todos para guerra, [...].

morubixaba *s.m.* Var.: 5 *murubixaba, murubixába,* 6-9 *morubixaba,* 6-7 *morobixaba,* 6 *morubuxaba,* (7 *moroxava*), 9 *morubichaba* [< T. moru *m* i'šaua ~ VLB I. 66: *Capitão ou qualquer principal q. tem mando* = Tubixaba. Tubixacatu. Morubixaba. *Ib.* II. 100: *Rey* = Morubixaba. Tubixaba. Tubixacatû. Tubixacatuî. Mas todos estes são comûs a todos os principais que tem mando .s. por quê principalmente se rege o pouo].

Chefe indígena.

*c*1584 CARDIM *Origem dos Índios do Brasil* fl. 9: Estas saõ as façanhas, honrras, ualentias, em q̃ estes gentios tomaõ nomes de [que] se prezaõ mujto, e ficaõ daly por diante Abaêtes, Murubixaba, Moçacara, q̃ saõ titulos e nomes de cauallr^os. **1585** IDEM *Informação* fl. 75*v.*: Estas festas acabadas os Jndios Murubixaba .i. principaes deraõ o Ereiupe ao P^e que quer dizer, Vieste? IDEM *Ib.* fl. 88*v.*: [...] uieraõ algũs Jndios Murubixába .i. principaes cõ mujtos outros em 20 canoas [...]. **1608** L. FIGUEIRA *Relação do Maranhão* in S. Leite *Luiz Figueira* (1940) 151: [...] eu lhes declarei o que era e juntamente o que significava, e como ordinariamente quando aquilo aparecia avia mortes de grandes e morubixabas, cõ o que o principal atemorisado me perguntou se escaparia, [...]. IDEM *Ib.* 147: [...] cõtudo me foi falar pello pay dizendome que não me lembrasse de nada que seu pay sempre tivera costume de falar aspero a todos e que era costume dos grãdes morobixabas pera terem autoridade e que elle o mãdava comigo pera que me trouxesse e visse o que passava na Igreja pera depois vir tãbem e que não quisesse eu apartar de todo o seu pay de my. **1610** J. MONTEIRO *Rel. da Provincia do Brasil* in S. Leite *Hist.* VIII. (1949) 400: [Aldeia junto ao rio Reritibe=Rio das Ostras] aonde os Principais Morubuxabas, vestidos ao natural, com os giolhos em terra, nos davam as boas vindas, acompanhados de colomins, bem empenados, e mui bons dançantes e tangedores de frautas, violas, e com bandeiras, arcabuzaria, e mil outras invenções. IDEM *Ib.* 423: São [as araras] mui estimadas deste gentio, porque das penas fazem mil galantarias, e de ordinário não nos tem senão algum Morubixaba. **1757** D. L. COUTO *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 49-50: A seos Principes chamão os nossos Indios: Morubixaba, que vem de poro mudado o p. em, m, e yxaba. **1763** J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 498: O gentio se faz temer: mas com isso está que nos fins do anno passado encontrando-se algum com gente do capitão mór João de Moraes, que andavam na pesca da tartaruga por ser excellente para o prato, e sabendo de quem eram, destinou o principal da nação a seu filho um indio de boa estatura para que descesse, e em seu nome dissesse ao Moroxava do rio (assim chamão ao capitão mór) que seu pai queria descer com dez aldêas de vassalos para o gremio da igreja, e ser subdito do rei dos brancos, e que visse como isto se havia de effectuar. **1866** J. ALENCAR *As Minas de Prata* VI. v. 134: Os tupinambás voltaram-se ao ouvir a exclamação, e reconheceram a figura gigantesca do terrivel bandeirista cuja fama enchia os sertões: — Morubixaba! murmuraram com respeito. **1874** IDEM *Ubirajara* vii. 119: "Itaquê, morubixaba dos tocantins, Ubirajara, o senhor da lança, grande chefe dos araguavas, te envia a guerra na ponta de sua seta." **1902** E. CUNHA *Os Sertões* 103: Um capuchinho dominava-o, desfazendo as dissenções tribaes e imperando, humillimo, sobre os morubichabas mansos. **1918** MONTEIRO LOBATO *Urupês* 225: O morubixaba, grato e sorridente, galardoa-lhe o heroismo flagrantemente documentado pelo latejar da calota com um aperto de mão, [...]. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* xviii. 269: Relumeava lá no campo vasto do céu e a filha mais velha do morubixaba Zozóiaça da tribu carajá, solteirona chamada Imaerõ falou assim: [...]. **1933** G. RAMOS *Caetés* vii. 42: Fiz do morubixaba um bicho feroz, pintei-lhe o corpo e enfeitei-o.

‖ **mosuinha:** v. abon.

*c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 174: mosuinha peixe de hũa poleguada cuberto desquama pratiada e he muito grande camtidade dele e he muito bom comer pera doente [...].

‖ **moxiricuíba** (*moxerecuigba, moxiricuiiba*): v. abon.

*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 22: Moxerecuigba. Esta aruore se acha no sertaõ nos campos. he piquena, dá huã fruita do tamanho de laranja e dẽtro della tẽ huãs peuides, e de tudo junto fazem hũ azeite p^a se untarẽ. a casca serue p^a barbasco dos peixes, e todo animal q̃ bebe dagoa donde se deita, morre. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1884-1887: Moxiricuiiba Ha na paraiba saõ como mãgabeiras a fruita como larãjas das peuides fazẽ o azeite e a casca serue p^a barbarco.

mutaiúba *s.f.* Var.: 7 *mucajuba,* 8 *mucojú.* Cp. BOCAIÚVA [< T. *muka'ïua].

Mucajá.

*c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 263: [Arvore fructifera] Mucajuba. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 12: [...] *mucojú,* que produz em cachos um côco de figura oblonga com pouca massa dentro: [...].

mucajá *s.m.* [< T. *muka'ja].

Palmeira da subfamília das cocosoídeas (*Acrocomia sclerocarpa*); bocaiúva, mucaiúba, mucajazeiro.

1928 M. ANDRADE *Macunaíma* v. 59: Os manos entraram num cerrado cheio de inajás ouricuris ubussús bacabas mucajás miritis tucumãs trazendo no curuatá uma penachada de fumo em vez de palmas e cocos.

mucajazeiro *s.m.* Var.: 8 *mucajaseiro* [< mucaj(á + -z- + -eiro].

Mucajá.

1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 6): Uma aragem morna e fraca bulia levemente as frondes empoeiradas dum mucajaseiro que Rosinha tinha defronte de si no quintal do sobrado, [...].

muçambé *s.m.* Var.: 8-9 *mussambé,* 9 *muçambê* [< T. *musa'*m* e].

Planta da família das caparidáceas.

1876 F. TÁVORA *O Cabeleira* ii. 50: Quem estivesse com os olhos em Theodosio no momento em que Cabelleira corrêra atraz dos meninos, tê-l-o-hia visto atirar dentro em uma mouta de mussambês e manjeriobas, que ficava perto da ribanceira, um pesado pacote que tirára o bolso. **1934** J. L. REGO *Banguê* II. iii. 86: O Caminho feito para um casal de namorados, de tanto cheirar o muçambê e tanto enfeite de trepadeiras pelas estacas do cercado. **1934** G. RAMOS *S. Bernardo* iv. 20: Padilha andava com um lote de caboclas fazendo voltas em redor dum tacho de cangica, no pateo que os mussambês invadiam.

muciqui *s.m.* [< T. mosï'kï ~ VLB I. 24: *Aguas mortas por certa especie de marisco* = Mociquig].

Água-viva, alforreca.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXLIII. 228): Também êste mar lança fora pelas praias alforrecas ou coroas de frades, como aquelas que saem no rio de Lisboa na praia de Belém e em outras partes; e na Bahia saem às vêzes juntas duas, e três mil dellas, a que os indios chamam muciqui.

muçuã *s.m.* Var.: 8-9 *mussuan,* 9 *mussuâ* [< T. *musu'â].

Espécie de cágado, da família dos cinosternídeos (*Kinosternon scorpioides*).

1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 26: [...] o *mussuan* he mais pequeno porém mais saboroso, e o *aperéma* he chato, e de delicado gosto a sua carne: [...]. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. v. 86/87: As outras especies da mesma ordem dos testudos, o hediondo matamatá, que passa por muito saboroso, o mussuan, o pitiú, habitam principalmente os lodaçaes, igarapés e lagos rasos, lamosos. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* iv. 49: Perguntaram pra todos os seres, aperemas saguis tatús-mulitas tejús mussuãs da terra e das árvores, [...] todos êsses entes vivos mas ninguem não vira nada, ninguem não sabia de nada, [...]. IDEM *Ib.* xvii. 253: Quando o mano voltou prá tapera Macunaíma pegou na violinha, fez talequal reparara e veio uma imundicie de caças, viados cotias tamanduás capivaras tatús aperemas pacas graxains lontras mussuans catetos monos antas jaguatiricas tejús queixadas, isso era uma imundicie de caças!

mucuíba *s.f.* Var.: 8 *mocuhyba* [< T. *muku'ïua].

V. abon.

1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 95/96: Entre outras arvores de boa madeira para construcção, carpinteria, e marcineria tem lugar distincto a [...] Mocuhyba que he alta, da copa pequena, e semelhante a um chapéo de sol, e dá uma pequena noz com alguma semelhança de azeitona, de casca delgada, liza por ambas as faces, e que encerra uma amendoa oval de que se extrahe um oleo, que se applica com proveito a vários achaques.

mucujê *s.m.* Var.: 5 *mucugé, macugé, mocuiezes* (pl.), 5, 7 *mocuje,* 6 *maquje,* 6-7 *mocujé,* 7 *macujé, macujê* [< T. muku'je].

Planta da família das apocináceas.

*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 20*v.*: Mucugé. Esta fruita se dá ẽ huas aruores altas, parecese cõ peros de mato de Portugal, o pee tẽ muy^to comprido, colhemse uerdes, e poemse a madurar, e ma-

duros saõ muito gostosos, e de facil digestiaõ, quando se haõ de colher sempre se corta toda a aruore por serem m^to^ altas, e se naõ fora esta destruiçam ouuera mais abundancia, e por isso saõ raras. o tronco tẽ grande copia de leite branco, e coalhase, pode servir de lacre se quiserem usar delle. **1587** G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LIV. 15): Macugé é uma árvore comprida, delgada e muito quebradiça, e dá-se em areias junto dos rios, perto do salgado, e pela terra a dentro dez ou doze léguas. Quando cortam esta árvore, lança de si um leite muito alvo e pegajoso que lhe corre em fio; a qual dá umas frutas do mesmo nome, redondas, com os pés compridos e côr verdoenga, e são tamanhas como maçãs pequenas; [...]. *c*1590 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. M) 451: Aracazes m^to^ Mocuiezes saõ m^to^ bons e doces. *c*1594 Idem *Ib.* (ms. C) 1702-1710: Mocuje Dizem he a melhor fruita q̃ ha no brasil no seu aspeito pareçe cõ perinhos de alẽtejo do mato saõ redondos e pardos poẽ nos em madureiro mas o gosto he bõ algũ tanto doçe sobre azedo saõ as aruores altas e tẽ leite quando a cortaõ cortaõ as aruores p^a^ as colherẽ p̃ q̃ ainda q̃ as abanẽ naõ caẽ e assim p'lo tempo em diante auera menos. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 110: [...] Maquje — fruita eixcelentissima de feiçaõ de peras [...]. **1663** S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 87. 162: Mocujê, que, se não excede, não cede à mangaba na doçura do fruto. **1702** A. Rosário *Frutas do Brasil* III. ii. 130: Dà o Brasil hũas frutas, que chamão Macujés, como sorvas de Portugal, muy doces, & pegajosas; & as doçuras saõ muy faceis de sorver. **1705** M. B. Oliveira *Música do Parnasso* 133: Do Macujè se alcança, | Que tambem se produs no mato inculto. | Por soberano indulto. | E sem fazer ao mel injusto agravo, | Na bocca se desfas qual doce favo. **1730** Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 52. 32: [...] os mocujês, como ellas [*mangabas*] na massa, no gosto, e na fórma, porém differentes na côr, entre verde, e pardo; corta-se-lhe a arvore para se colherem. **1781** Durão *Caramurú* VII. xlvi. 210: As várias frutas do Brazil campestres, | Com gala de ouro, e purpura vistosas, | Brilha a Mangabá, e os Mocujes silvestres: |.

muçum *s.m.* Var.: 5 *mocim*, 6 *musu, mocu*, 8 *mussú* [< T. mu'su ~ VLB II. 12: *Jnguia* = Moçû. Outras. Çarapô].

Peixe da ordem dos simbrânquios, espécie de enguia.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXLIV. 231: E começemos das eirós, que há nestes rios [da água doce da Bahia], que se criam debaixo das pedras, a que os índios chamam mocim, as quais são da feição e sabor das de Portugal. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 121: [...] pois ainda vos poderey dizer que a terra deste brazil he tão corouoal de produzir pescados que nos campos por onde nunca os ouue quoando pello ynuerno se formaõ nelles Alaguoas loguo se achaõ nellas hũs peixes a que chamaõ Musus — semelhantes a jnguias e cantidade grande de camarôis [...]. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 173: mocu he de tres palmos e tres palmos e meio he como moriam de auguoa doce de portugal e tem muito grãode camtidade deles e estam de baixa [*sic*] da lama e he muito bom comer. **1872** Taunay *Inocência* (2ª ed., 1884, xxix. 294): Qual!... É que nem *mussú*. Quando a gente mal pensa, surde no Sucuriú e até no Corredor.

mucunã *s.f.* Var.: 5 *mucuná*, 6 *maquna*, 9 *mucunan, mucunã, mucuna, macunã* [< T. muku'nã].

Planta da família das leguminosas.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LX. 39): Ao longo do mar da Bahia nascem umas árvores que tem o pé como parras, as quais atrepam por outras árvores grandes, por onde lançam muitos ramos como vides, as quais se chamam mucunás, cujo fruto são umas favas redondas e aleonadas na côr, e do tamanho de um tostão, as quais tem um circulo preto, e na cabeça um ôlho branco. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 95*v*.: [...] o quinto [mantimento] he a Raiz de hũ sipó aque chamaõ maquna acoal desfazem em farinha que comem despois de cozida. **1903** D. Olímpio *Luzia Homem* XXV. 225: [...] muitas agrupadas em torno da figura herculea, vermelha e ruiva de Raulino Uchoa, com a distincção de typo de outra raça, entre os ouvintes, emaciados de privações, minadas pelos toxicos das raizes de mucunan, de pau mocó, esboroadas em farinha. **1938** G. Ramos *Vidas Secas* 23: Apossara-se da casa porque não tinha onde cahir morto, passara uns dias mastigando raiz de imbu e sementes de mucunã. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 224: Tudo aqui manda pecar e peca — desde a cigana-do-mato e a mucuna, cipós libidinosos, de flores poliandras, até os cogumelos cinzentos, [...]. **1956** Idem *Grande Sertão: Veredas* 104: No alto, eram muitas flôres, sùbitamente vermelhas, de ôlho-de-boi e de outras trepadeiras, e as roxas, do macunã, que é um feijão bravo; [...].

mucura *s.f.* Var.: 7-8 *mucura*, 8 *mucúra*, 9 *micura* [< T. *mu'kura].

Mamífero marsupial da família dos didelfídeos; gambá, sarigûê.

*c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 258: [Macaco] Mucura, de duas especies. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 26: [...] *rapôsas, quatis, preguiças, ouriços-caixeiros* e a *mucúra*, animal nojento, inimigo declarado das galinhas; recolhe os filhos em uma especie de sacco, que tem em parte exterior do ventre, logo que sente o menor movimento dos outros animaes; o seo tamanho pouco excede ao de um gato grande, e os Indios comem a sua carne, que reputam saborosa. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 32): D. Feliciana essa noite foi incommodada por certo ruido que lhe fez temer pela sorte dos seus pintos, victimas de alguma famêlica mucura. **1895** Idem *A Pesca na Amazônia* I. vii. 105: Iscam-lhes o anzol de preferencia com bagaço de laranja, carangueijo e carne principalmente a da mucura (o gambá do Sul), [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* xiii. 186: Legua e meia adiante topou com um micura e lembrou de trabucar tambem um bocado. Pegou um gambazinho, fez ele engulir dez pratas de dois mil reis e voltou com o bicho debaixo do braço.

mucuracaá *s.m.* Var.: 7 *mocura caa, mucuracahá*, 8-9 *mucura-caá* [< T. *mukuraka'a < *mu'kura 'mucura' + ka'a 'folha'].

Planta da família das gramíneas.

*c*1767 J. Daniel *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, III. (1841) 291: Cozem em um tacho ou panella bastantemente grande algumas hervas medicinaes como são mocura caa, pagé, merioba, e muitas outras aperientes; [...]. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 264: [Plantas e hervas.] Mucuracahá. Piriuáca. Jaramacarú: estas tres ultimas conhecidas contra venenos. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 14: [...] *apii herva mucura-caá*, ou folha de *mucúra*, assim chamada pelo máo cheiro de suas folhas, pouco differente daquelle que exhálam de seo corpo as *mucúras*, he uma herva de mediano crescimento e de grande prestimo; [...]. **1929** G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* xii. 175: Entravam pela casa, vaiavam Ritinha, xingando-a de macacaporanga, mucura-caá... Ritinha chorava.

muçurana *s.f.* Var.: 5 *muçurana, masurana, mucarana*, 8 *musurana, mussuranna, mussurana* [< T. musu'rana].

Corda com que os indígenas amarravam os prisioneiros.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CLIX. 260): [...] fazem mais êstes índios [Tupinambás], os que são principais, rêdes lavradas de lavôres de esteiras, e de outros laços, e umas cordas tecidas, a que chamam muçuranas, de algodão, que tem o feitio dos cabos de cabresto que vem de Fez. Idem *Ib.* II. CLXXI. 279: Os contrários que os Tupinambás cativam na guerra, ou de outra qualquer maneira, metem-nos em prisões, as quais são cordas de algodão grossas, que para isso tem mui louçãs, a que chamam muçuranas, as quais são tecidas como os cabos dos cabrestos de África; [...]. *c*1596 S. Travaços *Declaração do Brasil* xxxi. fl. 25*v*.: [...] redes lauradas de lauores, de esteira, e de outros lanços em huãs cordas tesidas, a que chamaõ masuranas de algodaõ, q̃ tem o feitio dos cabos de cabrestos que uem de Fez. Idem *Ib.* xli. fl. 30*v*.: [...] aos contrarios que catiuaõ metem em prizoens de cordas de algodaõ grossas que pera isso tem mui loucans, a que chamaõ mucaranas, as quais saõ tecidas, como os cabos dos cabrestos d'africa [...]. **1851** G. Dias *Últimos Cantos* (ed. 1865, II. 93): Vem a terreiro o misero contrario; | Do collo á cinta a musurana desce: | "Dize-nos quem es, teus feitos canta, |. **1857** J. Alencar *O Guarany* (2ª ed., 1864, III. xiv. 155): Os Aymorés, depois de ligarem os punhos do prisioneiro, o conduzirão a alguma distancia á sombra de uma arvore, e ahi o prendêrão, com uma corda de algodão matizada de varias côres, a que os Guaranys chamavão *mussurana*. [*Alencar transcreve, em nota à pág. 327, trecho do capítulo CLXXI da obra de G. S. Sousa (v. abon. 1587)*]. **1874** Idem *Ubirajara* vi. 108: O grande pagé collocou Jurandyr na distancia de uma mussurana, que cinge dez vezes a cintura do guerreiro. **1875** Machado de Assis *Americanas* 31: Longa e forte | A mussuranna os rins lhe cinge e aperta. Idem *Ib.* 32: Estaca... Não lhe dá mais amplo espaço | A mussurana, cujas pontas tiram | Dous mancebos robustos. **1877** B. Guimarães *Maurício* I. xiii. 163: [...], sete velhos indigenas com as mãos atadas por detráz das costas com fortes mussuranas, com os joelhos cavados na areia, [...].

mucurí *s.m.* Var.: 5 *mocuri*, 8 *mocory*. Cp. bacuri [< T. muku'ri].

Planta do gênero *Platonia*, da família das gutíferas, bacuri.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LIV. 18): Mocurí é uma árvore grande que se dá perto do mar, a qual dá umas frutas amarelas, tamanhas como abricoques, que cheiram muito bem, e tem grande caroço; [...]. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 114: Mucory he arvore grande, e de boa madeira: o seu fructo he do tamanho d'hum abrunho, amarello, odorifero, mui saborozo, e tem um grande caroço.

muiepereru *s.m.* [< T. *mĩrepuru'ru].

Pássaro da família dos troglodidídeos (*Troglodytes musculus*), também chamado carriça, cambaxirra, e corruíra.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXVIII. 112): Muiepereru são uns passarinhos pardos tamanhos como carriças; criam nos buracos das árvores e das pedras, põem muitos ovos,

comem aranhas e minhocas, cantam como rouxinóis, mas não dobram tanto como êles.

muirapuama *s.f.* Var.: 8 *muira puána* [< T. *°ɲ ĩra' puama].

Planta da família das olacáceas.

1838 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 13-14: [...] o *merantan*, ou *muira puána*, pequena arvore de madeira rija, cuja casca e fôlhas em banhos servem de remedio efficaz contra as frouxidoens de nervos; o arvoredo pouco differente do pinhão, o seu fructo consiste em uma fava durissima, e he um efficaz remedio para as hernias em defumadores; [...].

muiraquitã *s.m.* Var.: 6 *baraquitã, buraquita,* 7 *uuraquitan, uuruquitan,* 9 *muiraquitã, muirakitã* [< T. *°ɲ ĩraki'tã].

V. abon.

*a*1667 Heriarte *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 172): Quando [*os índios*] se casam comprão as molheres por pedras verdes, a quem chamão *Baraquitãs* (e as estimão em muito) ou por escravos, ou por caens de caça que criam em casa. Idem *Ib.* 178: [...] e por este rio dos Tapajós vam quatro formadas a resgatar madeiras, redes, orcús, e pedras verdes, *que os Indios chamão buraquitas*, e os estrangeiros do norte estimam muito; e commumente se diz que estas pedras se lavrão, neste rio dos Tapajós, de um barro verde, que se cria debaixo da agoa, e debaixo della fazem contas redondas e compridas, vazos para beber, assentos, passaros, rãs, e outras figuras; e tirando-o feito debaixo da agoa, ao ar, se endurece o tal barro de tal maneira que fica convertido em mui durissima pedra verde. 1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 87: [...] chama-se esta [*pedra*] pela lingua geral, que é a dos *Tupinambazes*, corrupta, *uuraquitan*, isto é, nó de páo. Idem *Ib.* 88: [...] e partindo as taes fructas [especie de cabaças redondas] ao meio servem para beber, sendo as mais estimadas n'esta altura as que têm em o labio ou borda a pedra verde uuraquitan. Idem *Ib.* 199: Junto a ella [outra serrana villa de Alter do Chão], em ribeiro que fazem as aguas quando descem com chuva da serra, se achavam as pedras uuruquitans: mandámos fazer diligencia por ellas, mas sem effeito. 1928 M. Andrade *Macunaíma* iii. 38: Terminada a função a companheira de Macunaíma toda enfeitada ainda, tirou do colar uma muiraquitã famosa deu-a pro companheiro e subiu pro céu por um cipó. 1930 G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 23: [...] e em mãos de quem (com que inveja o escrevo!) pude admirar dous dos mais bellos muirakitãs que já tenho visto.

mujanguê *s.m.* [< T. °muja'ɳuẽ].

V. abon.

1895 J. Veríssimo *A Pesca na Amazónia* I. v. 82: Os ovos da tartaruga não se prestam tanto como os do tracajá á moqueação e depois de moqueados não duram tanto como estes. Dos ovos crus de uma e de outra especie fazem, addicionando-lhes farinha d'agua, uma expessa massa chamada *mujanguê*, da qual preparam um refresco desfazendo-a em agua.

mumbaca *s.f.* Var.: 7 *mombaca* [< T. °mu' ɳ aka].

Nome comum a duas palmeiras do gênero *Astrocaryum* (*A. humile* e *A. mumbaca*).

1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 220/221: [...] fructa de croá, que é a medulla do coquilho e tambem da mombaca, fruta azeda e de feitio e côr de ginjas, que encontrámos em algumas praias.

mumbuca *s.f.* Var.: 8 *mumbúca,* 9 *mumbuca* [< T. °mu' ɳ uka].

Abelha da família dos meliponídeos.

1817 Casal *Corografia Brazílica* I. 75: A *mumbúca* [especie de abelha] he anegreada. 1928 M. Andrade *Macunaíma* xvii. 255/256: Então foi a vez da formiga aquêque devoradora de sementes e da formiga guiquem, da formiga tracuá e da formiga mumbuca bem preta, todas ficaram leprosas.

mundéu *s.m.* Var.: 5, 9 *mundéu,* 5 *monde,* 6 *mondè,* 8-9 *mundéo,* 8 *mondéo, mondé,* 9 *mundeu, mundeo* [< T. mu'ɲe ~ VLB I. 41: *Armadilha que tomba com peso ou estalando* = Mundê (...)].

Armadilha de caça.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. xcv. 128): Armam os índios a estas alimárias [jaguaretés] em mundéus que é uma tapagem de pau a pique, muito alta e forte, com uma só porta; onde lhe armam com uma árvore alta e grande levantada do chão, onde lhe põem um cachorro ou outra alimária presa; e indo para a tomar cai esta árvore que está deitada sôbre esta alimária, onde dá grandes bramidos; ao que os indios acodem e a matam às flechadas; e comem-lhe a carne, que é muito dura e não tem nenhum sebo. *c*1587 S. Travaços *Sumário das Armadas* xi. fl. 58: [...] e certo q̃ fazião admiração os foios q̃ chamaõ mondes, trincheiras intulhadas de terra, cegas de rama, e m^tas encontradas huãs com outras, ao longo do caminho pello mato, e taõ cortado e embaraçado destas cousas, q̃ a não aver grande cautella sincoenta bastauão a sinco mil, [...]. 1668 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* I. § 122. 75: E o que mais he, que a cada genero de caça, tem seu distinto modo de armar a hum modo chamão Patacú, a outro Mondè aratacá, a outro Poè, a outro Mondèguaçú, & a outro Mondègoaya. 1856 J. M. Macedo *O Forasteiro* (2ª ed., I. v. 116): A floresta que de um outro lado, e ao bordar outra estrada, toma o nome de *mato dos mundéos*, é a mesma, que se chamava, como se chama ainda, *mato do gambá*, [...]. 1875 J. Alencar *O Sertanejo* II. viii. 127: — Você fica no mondéo lá do outro lado para cortar a corda; [...]. 1876 F. Távora *O Cabeleira* 160: — Eu também não tenho medo delles, disse o cabra. Mas é bom a gente estar prevenido para não cahir no mondé como bicho do mato. 1907 E. Cunha *Contrastes e Confrontos* 129: [...] troncos e galhadas, fraguedos e graiceiros, confundidos, embaralhados, remoendo-se, triturando-se descendo vertiginosamente e batendo em baixo dentro dos amplos *mundéos* onde acachoava o fervor da vasa avermelhada lampejante das palhetas appetecidas [...]. 1914 Coelho Neto *Rei Negro* i. 33: Na fazenda o pequeno desforrava-se á ufa do apertado regimen do internato, galopando á redea solta, [...] devastando os ninhos a bodoque, armando mundéus e arapúcas [...]. 1918 Monteiro Lobato *Urupês* 157: Depois, gritos de colera d'envolta a um grunhir de queixada cahido em mundéo [...]. 1919 Idem *Cidades Mortas* 86: O coronel quando soube bufou como queixada no mundeu. 1922 A. Peixoto *Bugrinha* iv. 55: Protegia-o, conduzindo, ajudando, colhendo-lhe ninhos e frutas, armando arapucas e mundéus, [...]. 1933 G. Ramos *Caetés* xxiv. 175: Bicho por toda a parte, mundeos traiçoeiros, a floresta povoada de juruparys e curupiras. 1938 Idem *Vidas Secas* 64: Dicidiu armar um mundeo perto do poleiro.

mundururu *s.m.* [< T. munuru'ru].

Planta da família das melastomatáceas (*Miconia macrophylla*).

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. liv. 16): Mondururu é outra árvore que dá umas frutas pretas, tamanhas como avelãs, que se comem tôdas, lançando-lhes fóra umas pevides brancas que tem, a qual fruta é muito saborosa.

munguba *s.f.* Var.: 6, 9 *munguba,* 6-8 *monguba,* 6 *ibomguiua,* 7 *monjuba* [< T. °ĩ ɲ u'ɲĩua 'árvore de fusos negros' < 'ĩma 'fuso' + 'un 'negro' + 'ĩua 'árvore' ~ VLB I. 145: *Fuzo de fiar* = Igma].

Planta da família das bombacáceas (*Bombax munguba*).

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iii. fl. 84: [...] os caixõis se fazem de pao mole como saõ mungubas — buraremas, visgeiro, pao de garnella, camasaris e hũ pao que chamaõ de alho, e outro branquo e dos tais ha diuersas castas por que pera caixõis se busca sempre madeira mole por ser mais façil de serrar. Idem *Ib.* iv. fls. 100*v.*-101: [...] mas naõ he essa sorte de lam da que eu trato senaõ de outra de diferente especia que produz hũ Aruore chamada monguba — a quoal he a lanujem sobre que auemos comesado esta pratiqua que sem duuida fará muito bõns panos e chapeos [...]. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 178*v.*: ibomguiua he hũa aeuere tamanha como macieira e a fruta he da propia formo [*sic*] de hũ malan e o casquo he pau todo xeio de castanhas que salguado com sal e auguoa he mui bom comer a frol he desta maneira que esta pimtada e a cor he rozada amarela e branqua e tẽ muito gramde camtidade camtidade [*sic*] o lomguo do rio e fomtes. 1693 J. S. Ferreira *América abreviada* in RIH, LVII. (1894) 139: A arvore de que nós tiramos estopa para murrão é o castanheiro; faz melhor méxa que a de linho, e para os mais ministeres de cordas se tira tambem estopa da munguba e guaxiuma. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 264: [Casca] Monjuba, para cordas. 1787 in *Annexes du Premier Mémoire du Brésil* I. (1903) 260: [...] a que tambem chamão Monguba, [...]. 1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 11: [...] a *pindóba*, o *jupatí*, de cujos talos unidos entre si com a casca da monguba se fazem vélas para canôas de todo o porte, e que por serem mui leves as tornam mais arfantes, [...]. 1865 J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, xxvi. 157-158): Durante o dia seus dedos ageis teceram o formoso urú de palha que forrou da felpa macia da monguba para agasalhar sua companheira e amiga. [*Nota do Autor, à pág. 228*] *Monguba* Arvore que dá um fructo cheio de cotão, semelhante ao da sumauma, com a differença de ser escuro. 1874 Idem *Ubirajara* ix. 154: A esposa despiu as armas de seu guerreiro, enxugou-lhe o corpo com o macio cotão da monguba, e cobriu-o do balsamo fragrante da embaiba. 1928 M. Andrade *Macunaíma* xvii. 247: Um passarinho serigaita trepado na munguba, enxergando o farrancho gritou logo: [...].

mungubeira *s.f.* Var.: 8-9 *mongubeira* [< mungub(a + -eira].

Munguba.

1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 10: A mongubeira se assemelha á sumaúmeira; porém a sua lã ou felpa he de côr parda, e re-

puta-se por mais fresca; a casca desta arvore he fibrosa, e della se extrahem cordas, de que se faz grande uso para a navegação das canoas e barcos: [...]. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 47): [...] a grossa e rude mongubeira em cujos galhos fabricam seus ninhos, compridos como aboboras, os japiins brincões; [...]. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 127: Nellas predominavam os araparys, alguns em flor, bosquetes de mongubeiras e uma ou outra soca de palmeira jauarys.

muquirana *s.f.* [< T. mokĩ'rana ~ VLB II. 78: *Piolhos do corpo humano* = Moquigrana].

Piolho (*Pediculus vestimenti*).

1956 Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* 378: Ver a ver o sacerdote! — "Ih! Essa gente tem piolho e muquiranas!..." — o Nelson disse, contrabaixo.

murajuba[1] *s.f.* Var.: 8 *murajúba* [< T. ?].

Papagaio.

1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 30: [...] *papagaios* de diversas côres, entre os quais se notam os *murajúbas* pela sua côr amarella, verde e encarnada; *anacâns* (*psittacus anacá* Lath) muito estimados pela facilidade com que aprendem quanto se lhes ensina; [...].

murajuba[2] *s.f.* [< T. **mĩra'juua*].

Planta da família das leguminosas.

1930 G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 206: Ha mesmo uma [*árvore*], de mais avantajado porte, que deu motivo a discussão. Quer o Ricardo que seja uma murajuba.

|| **murehí:** v. abon.

*c***1777** F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH. XIII. (1872) 264: [Casca] Murehí; a casca para dôres do estomago.

muremuré *s.m.* Var.: 6 *murémurè*, 7 *muremure*, 8 *murmuré, murémuré* [< T. muremu're].

Instrumento de música indígena.

1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* I. § 143. 88: [...] outros [*instrumentos músicos indígenas*] chamam murémurè: outros maiores cõmummente de conchas chamaõ membyguaçù, & outros vrucá: [...]. **1757** D. L. Couto *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 63: Os instrumentos musicos ou fazem de ossos, a que chamão cãgoeira e muremure; outros fazem de conchas, a que chamão membyguaçù, e outros urucã. **1851** G. Dias *Últimos Cantos* (ed. 1865, II. 86): Vio primeiro os incolas | Robustos, das florestas, | Batendo os arcos rigidos, | Traçando homereas festas, | A' luz dos fogos rutilos, | aos sons do murmuré! Idem *Ib.* 230: *Murémuré* escreve o padre Vasconcellos nas suas "Noticias Curiosas": collige-se que é um instrumento feito de ossos de defuntos, como alguns outros, de que servião. **1865** J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, 203): [*Nota do Autor*] Os indigenas como augmentativo usavam repetir a ultima syllaba da palavra e as vezes toda a palavra, como *murémuré, Muré*-frauta, *murémuré* — grande frauta.

murici *s.m.* Var.: 5-6, 8 *murici*, 6 *morosi, morecim, muricì*, 7 *moreci, moricî*, 7-8 *moruxi*, 8-9 *muricy*, 8 *mureci, muruchy, muruxi*, 9 *muricí, muruci* [< T. mori'si].

Planta do gênero *Byrsonima*, da família das malpiguiáceas.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. liv. 18): Murici é uma árvore pequena, muito sêca da casca e da fôlha, cuja madeira não serve para nada; dá umas frutas amarelas, mais pequenas que cerejas, que nascem em pinhas como elas, com os pés compridos; a qual fruta é mole e come-se toda; cheira e sabe a queijo do Alentejo que requeima. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 110v.: [...] morosis [frutos] que saõ apropiados a mortinhos [...]. *c***1631** C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 179v.: morecim he aruore de des ou doze palmos de altor e tem a fruta como cerizes toda amarela e a has [*sic*] o lomguo do mar as folhas cam dum uerde pardo e as froles cam amarelas e ha muito gramde camtidade e os negros uam a eles como nos farimos [*sic*] os serizes. **1663** S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 87. 163 [*à margem*]: andà engà, joà, moçarandùba, murici, amoreira, [...] saõ fruitas agrestes, seruem a Indios, & a gado. *a***1696** G. Matos *Obras* (ed. 1969, V. 1147): De massa um tapiti, | um cofo de Sururus, | dous puçás de Baiacus, | Samburá de Murici: |. **1702** A. Rosário *Frutas do Brasil* III. iii. 150: Os lavradores, & hortelões plantem Morecis; saõ como uvas, mas azedas; [...]. **1730** Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 52. 33: Os areticûs-apês, os mamões, os moricis, [...]. **1763** J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 355: Estavam sim floridas [arvores do ingazeiro], e mais arvores, como são as que dão a fructa de moruxi, com flores bem fragrantes, e formam pyramide composta de uma especie de caxias, se bem que a correnteza e o vento pela prôa não deixava livre nem saborosa a fruição de tão innocentes quanto agradaveis objectos. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 99: O *Muricy* he um arbusto de folha grande, grossa, aspera, redondeada na extremidade, e pontuda na baze: a flor he em racimos como a do azereiro, começando amarella, e tornando-se encarnada: a fructa he miuda, e pouco saboroza. **1874** Taunay *Histórias Brasileiras* 83: A essa hora, Ierecê tinha por costume esperal-o com uma cestinha de fructas da terra, bananas, mamões e jaracatiás, ou outros mais incultos como o mureci dos cerrados, a marmelada do campo, a guabiroba ou a uvaia, que, apezar do sabor agreste agradão bastante ao paladar. **1876** Couto de Magalhães *O Selvagem* II. vi. 176: [...] as vezes são campinas abertas [...] em que predomina a arvore da lixa, o piqui e o murici. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 343): A tolda de japá é nova, a vela foi ha pouco tinta de muruchy e a montaria é ligeira como a sararaca do pescador. **1895** Idem *A Pesca na Amazônia* I. iii. 30/31: Não ha um trage especial de pesca, mas quem representasse o pescador vestido de calça e camisa solta, curta, mal lhe cobrindo o cós da calça e a cintura, tingidas ambas no vermelho terroso da tinta do moruxi (*Byrsonyma*) [...]. Idem *Ib.* vi. 89: A vigilenga é uma canôa mestiça, [...] É em geral pintada de escuro, rôxo-terra, vermelho carregado, com as proprias tintas dos seus vegetais, como o muruxi (*Byrsonima*) [...]. Idem *Ib.* II. ix. 147: [...] a roupeta de algodão, tinta em tijuco ou em muruxi do jesuita ascetico, [...]. **1902** E. Cunha *Os Sertões* 357-358: A um official que anciosamente o interpellou sobre aquelle transe, respondeu com humorismo triste, rimando um dicto popular do norte: | "É tempo de muricy | Cada um cuide de si..." **1922** A. Peixoto *Bugrinha* x. 140: [...]; um ramo de muricis, amarelinhos, cujo sabor acidulo lhe enchia a boca de água, só com a lembrança ou a vista... **1928** M. Andrade *Macunaíma* viii. 105: Vei tomou Macunaíma na jangada que tinha uma vela cor-de-ferrugem pintada com murici e fez as tres filhas limparem o heroi, catarem os carrapatos e examinarem si as unnhas dele estavam limpas. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 109: Pondo á prova os seus conhecimentos, pedi-lhe o nome de algumas plantas do nosso acampamento. São ellas: [...] *muricy*, alta arvore, de florezinhas roseo-amarelladas; [...]. Idem *Ib.* 238: Os muricys acaules, [...], dir-se-iam plantados pela mão do homem e como a planta é tronchuda e tem largas folhas de dorso argenteo, cresce de ponto a impressão de que estejamos num immenso repolhal. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* x. 117: Doces de goiaba, cupuassú, murici, cubio, araçá, em pasta, em compota, em latas e frascos, foram-se todos. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 169: E a aragem traz o aroma evocativo do pau-santo, o cheiro açucarado das gabirobas, e o odor enjoativo dos muricís. **1956** Idem *Grande Sertão: Veredas* 232: Gostei de favas de mato, muito murici, quixaba e jaca.

muriçoca *s.f.* Var.: 8 *muruçóca, morissoca*, 8-9 *murissoca*, 9 *muriçoca* [< T. **muri'soka* ~ Cp. ibiraçoca].

Variedade de mosquito.

1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 28: Os Indios de algumas naçoens costumam cobrir-se de massas e betumes preparadas para este fim, os quaes simultaneamente lhes servem de ornato: he mais terrivel a *muruçóca*; e quer esta, quer o *carapaná*, perseguem de dia e de noite: [...]. **1888** Inglês de Sousa *O Missionário* (ed. 1899, II. viii. 79): Eram murros no ar, sacudidelas de braços, [...] exclamações de odio e rancor que lhe sahiam em atropelo dos labios espumantes para permittir a entrada repentina na cavidade bocal d'alguma atrevida murissoca, doida por chupar-lhe o veu do paladar [...]. Idem *Ib.* 81: Os mosquitos, os carapanans, os piuns, as morissocas, os pernilongos atiravam-se com uma gana desenfreada á iguaria rara e delicada d'aquella epiderme branca [...]. **1926** Coelho Neto *Feira Livre* 53: Os ares enxameiam-se de culices de varias especies. Ha de tudo, desde a muriçoca até o pium; [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* II. 21: E eram muitos mosquitos, piúns maruíns arurús tatuquiras muriçocas meruanhas borrachudos varejas, toda essa mosquitada. **1935** Jorge de Lima *Calunga* xiii. 110: As murissocas de-tarde, boquinha da noite principalmente, invadem as casas, maruins pequenininhos, quasi invisiveis, queimavam o couro do cristão indefeso. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 115: É de-tardinha, quando as mutucas convidam as muriçocas de volta para casa, [...].

murucaia *s.m.* Var.: 5 *mirocaia* [< T. miro'kaja].

Peixe da família dos cienídeos.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxxvii. 216): Mirocaia é um peixe, assim chamado dos índios, de feição de choupinhas, que se tomam à cana nos rios do salgado: são tesos e de fraco sabor; em cujas bôcas se criam no inverno, com as cheias, uns bichos como minhocas, que lhes morrem no verão.

murucu *s.m.* Var.: 8-9 *murucú* [< T. **muru'ku*].

V. abon.

1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 129: O murucú que he uma especie de lança com ponta cortada e tambem impregnada do verari; [...] o cuidarà cacete de páo levigado, de sete a oito palmos de cumprimento e largura augmentada para a extremidade inferior, ornado como o murucú, de pennas: [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* iii. 32: Maanape trançou os braços dela por detrás enquanto Jiguê com a murucú lhe dava uma porrada no coco.

murucututu *s.m.* Var.: 7, 9 *murucututú*, 8 *moruculutú* [< T. **murukutu'tu*].

Espécie de coruja.

*c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 262: [Ave silvestre] Murucututú, duas especies: é a coruja americana. 1888 Inglês de Sousa *O Missionário* (ed. 1899, I. v. 297): Sobre o seu tumulo obscuro viriam pastar as cabras [...] e como não ficava uma lembrança, uma saudade, a unica voz que choraria sobre o seu corpo inanimado seria a do murucututú agoureiro, fugindo á luz do dia e ao alegre convivio da passarada na matta para gemer tristemente nas trevas e na solidão do cemiterio os seus melancolicos amores. 1928 M. Andrade *Macunaíma* iv. 42: Maanape engulia as lagrimas, invocando o Acutipurú o Murucututú, o Docucú, todos êsses donos do sono em acalantos assim: [...]. 1938 R. Morais *Os Igaraúnas* xvii. 196: E logo se destacaram, estonteados com a luz meridiana, os jacurutús, os murucututús, as corujas, as matintapereras.

murungu *s.m.* Var.: 8 *molungú*, 9 *mulungú*, *mulungu* [< T *muru'ŋu].

Planta da família das leguminosas.

1875 J. Alencar *O Sertanejo* II. ix. 164: Qual de cima, qual de baixo: e já queria passar-me a perna, quando encontrei um toro de molungú. e agora vereis. 1934 J. L. Rego *Bangué* II. v. 100: Um pé de mulungú pontilhado de vermelho recebia o sol festivamente. 1938 G. Ramos *Vidas Secas* 169: Áquella hora o mulungu do bebedouro, sem folhas e sem flores, uma garrancharia pelada, enfeitava-se de pennas.

mururê *s.m.* Var.: 6 *mururiz*, *moruruz*, 8 *mururé*, 8-9 *mururê*, 8 *murerú*, *moruré* [< T. ?].

Planta da família das ninfeáceas.

*c*1698 J. F. Betendorf *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 81-82: [...] porém depois deram em um enxame de folhas mui largas chamado *Mururiz* pela lingua da terra, que fechava o rio de sorte que impediam a passagem das canôas, e era necessario abrir-lhes caminho á força de braços, machados e fouces; [...]. Idem *Ib.* 333: Ficava ainda por aquelle tempo o Padre Antonio da Cunha em a missão do Pinaré do Maranhão e foi com o irmão Manoel Rodrigues ao sertão dos Guajajaras, com summo trabalho em razão dos moruruz, [...]. 1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 14: [...] o *mururé* arvore grande, meia colher de leite, extrahido do seo tronco e dissolvido em deseseis onças de agua pura substitue ao azougue. 1874 J. Alencar *Ubirajara* v. 84: Ella parecia a flôr do mururê que se desprendeu da haste, e passa levada pela corrente. 1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 49): [...] o humido murerú, de grandes folhas grossas, arredondadas, concavas, forma chãos de um verde carregado, onde sobresaem as suas flores arroxadas com que o bôto compõe os ramalhetes destinados ás suas amadas. Idem *Ib.* 105: E mais, jarauassica e folhas de café para regularizar as funcções; [...] moruré e manacan contra as dores de origem suspeita; [...]. Idem *Ib.* 316: Hoje a aninga, as nymphêas, e outras plantas aquaticas, como o mururé e o capim, cobrem totalmente a sua superficie. 1895 Idem *A Pesca na Amazónia* I. iv. 52: [...] mordendo docemente, com calculada cautela, os grelos do capim ou do murerú [...]. 1928 M. Andrade *Macunaíma* iv. 45/46: [...] me virou nesta pedra e atirou Titçatê na praia do rio, transformado numa planta. É aquela uma que está lá em baixo lá! É aquele mururê tão lindo que se enxerga bracejando nagua pra mim. As flores roxas dele são os pingos de sangue da mordida, que meu frio de cascata regelou. 1946 Guimarães Rosa *Sagarana* 113/114: Em abril, quando passaram as chuvas, o rio — que não tem pressa e não tem margens, porque cresce num dia mas leva mais de mês para minguar — desengordou devagarinho, deixando poços redondos num brêjo de ciscos: [...] e bois sarapintados, nadando como búfalos, comendo o mururé-de-flor-roxa flutuante, por entre as ilhas de melosal.

mutá *s.m.* Var.: 8-9 *mutá*, 9 *mutans* (pl.) [< T. mï'ta ~ VLB I. 35: *Andaimo no mato para esperar a cassa* = Migta. Migtajurá. Tocai ibatê].

V. abon.

1876 Couto de Magalhães *O Selvagem* II. i. 14: [...] o indio que está em um palanque a que elles denominam *mutá*, flexa o veado a seu salvo e sem cançar-se. 1895 J. Veríssimo *A Pesca na Amazónia* I. v. 73: Os vigias, para observal-as construiam uma ligeira barraca pequenina, ou levantavam em sitio apropriado um girão elevado, ali denominado mutá, de 15 metros de altura ás vezes, quando lhes não fornecia commodo posto alguma arvore. 1902 E. Cunha *Os Sertões* 319: Os mutans dos indigenas intercallavam-se, desse modo, destacadamente, completando o alinhamento das trincheiras. 1930 G. Cruls *A Amazónia que eu vi* 19: Junto de um desses mutás, algumas cassias — os marimaris da região — com lindos cachos de ouro.

mutirão *s.m.* Var.: 8 *moquirão*, *motirão*, *putirum*, 9 *moitirão* [< T. ?].

Ajuda mútua, gratuita, que se prestam os trabalhadores rurais, reunindo-se para a execução de uma tarefa em proveito de um dos trabalhadores, o qual fornece a bebida e providencia a festa em seu terreiro, logo após o término dos serviços avençados.

1872 J. Alencar *Til* II. xiv. 153: Das poucas palavras que apanhára, percebeu Jão Fera que destinavam elles uns cincoenta mil réis, tudo quanto possuiam, á compra de mantimentos, afim de fazer um moquirão, com que pretendiam abrir uma boa roça. 1872 B. Guimarães *O Seminarista* (ed. 1917, xi. 110): É o motirão um costume dos pequenos lavradores, ou da gente pobre dos campos, que vivem como aggregados dos grandes fazendeiros, e que não possuindo terras, e menos ainda braços para cultival-a, nem por isso deixão de plantar boas roças, ou de exercer sua pequena industria, de que tirão a subsistencia. 1895 J. Veríssimo *A Pesca na Amazónia* I. iii. 43: Convocam-se e reunem-se em putirum, em numero ás vezes crescido. 1915 Lima Barreto *Policarpo Quaresma* II. iv. 131: Entretanto, tinham bem perto o exemplo dos portuguezes que, unidos aos seis e mais, conseguiam em sociedade cultivar a arado roças de certa importancia, lucrar e viver. Mesmo o velho costume do *moitirão* já se havia apagado.

mutuca *s.f.* Var.: 5, 7-9 *mutuca*, 7-8 *motuca* [< T. mu'tuka ~ VLB II. 43: *Moscas do gado* = Mutucuçû].

Nome comum às moscas da família dos tabanídeos.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. xcii. 122): E por que as môscas se não queixam, convém que digamos de sua pouca virtude: e comecemos nas que se chamam mutuca, que são as môscas gerais e enfadonhas que há em Espanha; as quais adivinham a chuva, começando a morder onde chegam, de maneira que, se sente sua picada, é que há boa novidade. 1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 70: Chegámos pelas 10 horas a boca do rio que sahe ao das Amazonas, onde dormimos atormentados da praga que tem copiosa de mosquitos, de garapanazes, meruins, pium, e motucas, que são umas moscas verde-negras, [...]. 1789 F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 217: Mutuca, mosca com a extensão de 7, ou 8 linhas; com a vista se percebe a cabeça grãde, collo muito curto, e muito fino; olhos duas linhas verdes orisontaes em cada lado [...] 4 pernas com 3 articulaçoens; [...]. 1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 28-29: [...] a *mutuca*, *mosca* grande, que sómente offende de dia, faz tambem chagas nos lugares onde introduz o ferrão; [...]. 1863 M. A. Porto Alegre *Brasilianas* 287: Como uma anta, a quem pica a mutuca, | Anhanguera nos ares passeia, | As florestas e o rio incendeia, | E seu braço peior que o trovão. 1872 J. Alencar *Til* II. xiii. 142: Quando tres dias antes partira espavorido daquelle sitio ao vêr o relicario de que Bertha lhe offerecêra o cordão de ouro, corrêra por algum tempo sem consciencia de si, mas acossado por uma lembrança que o pungia, como o aguilhão da motuca no lombo do tapir. 1872 B. Guimarães *Hist. e Trad. Minas* III. iv. 229: Pendurada a um galho se via perto della uma pequena maca, onde dormia um irmãozinho seu, que ella embalava cantando, e enxotando com um ramo os marimbondos e mutucas, que lhe esvoaçavão em torno. 1877 Idem *Maurício* I. viii. 89: — Eu não! Deos me livre, replicou Fernando... tenho lá paciencia para ficar ahi á estaca entregue a estas malditas vespas e motucas, que desde pela manhã nos estão atormentando!... 1888 Inglês de Sousa *O Missionário* (ed. 1899, II. viii. 101): Um enxame de mutucas verdes esvoaçavam no ar, com um zumbido sonoro, e o sol dava-lhes um brilho de esmeralda e ouro ás azas rutilantes. 1911 A. Maia *Tapera* 144: Tambem, nem se apeiára e já as perguntas lhe cahiam ao ouvido "que nem mutucas". 1914 Coelho Neto *Rei Negro* x. 394: Quando o sol queimava mettia-se á sombra, estirado, fumando para afugentar as mutucas, o olhar perdido, banzeiro. 1928 M. Andrade *Macunaíma* xiv. 200: E quando o piróscafo atravessou o estreito entre a parede da gruta e o bagual de bombordo a chaminèzona guspiu uma fumaçada de pernilongos, de borrachudos mosquitos-polvora mutucas marimbondos cabas potós moscas-de-ura, todos êsses mosquitos afugentando os motoristas. 1946 Guimarães Rosa *Sagarana* 275: Alguma mutuca voandeja passou e pinicou a orelha de Brabagato, que estava de olhos fechados e atribuiu a ofensa a Capitão. 1956 Idem *Grande Sertão: Veredas* 33: Aquelas chapadas compridas, cheias de mutucas ferroando a gente. Mutucas! Dá o sol, de onda forte, dá que dá, a luz tanta machuca.

mutum *s.m.* Var.: 5 *mutũ*, 5-7 *motum*, 5-6 *motu*, 6-7 *mutu*, 6 *motũ*, 6-9 *mutum*, 6-7 *mutú*, 7 *motúm* [< T. mï'tũ].

Ave galiforme da família dos cracídeos.

*c*1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 19v.: Mutũ. Esta gallinha he m^to^ caseira, tẽ huã crista de gallo spargida de branco e preto, os ouos saõ grandes como de patas m^to^ aluos, taõ rijos q̃ batendo hũ no outro, tinẽ como ferro, e delles fazẽ os seus maracãs .i. *[id est* = isto é] — cascaueis, todo o caõ q̃ lhe come ossos, morre, e aos homẽs nhũ periuizo lhe faz. 1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxxix. 88): Motum são umas aves pretas nas costas, asas e barriga branca; são do tamanho dos galipavos, tem as pernas compridas e pretas, e sôbre a cabeça umas penas levantadas como pavão, e voam pouco e baixo, correm muito pelo chão, onde os matam a flechadas e as tomam a cosso com cães. Criam no chão, os seus ovos são tamanhos como de pata, muito alvos, e tão crespos da casca como confeitos, e a

clara dêles é como manteiga de porco derretida, a qual enfastia muito. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1395-1399: Motu he taõ grãde como hũ peru os machos saõ grandes e brãcos dizẽ q̃ os caẽs q̃ comẽ os ossos destes q̃ emdoudeçẽ ate ẽ morrẽ tẽ os ovos zarabulhẽtos. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 122*v*.: [...] outras [aves] a que chamaõ, Mutus, que saõ do tamanho de hũ grande gallipabo e naõ menos prezados que elles [...]. **1618** S. E. Silveira *Carta* in ABN, XXVI. (1905) 364: [...] ha muitos patos, galinhas, crioulas pequenas, galinholas brauas, rollas, pombas, motus, como Perus, haracoas como galinhas muitos tocanos em moncoes como tordos, Aletos e garças, e outras muitas aues e papagaios de comer e de fermosas penas. **1624** Idem *Relaçâo do Maranhão* fl. 10: [...] ha muitas rolas, muitos motus, como pirús, cô o bico groço, è vermelho, [...]. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 188*v*.: O motum he pasoro tamanho como hũ pato tem hũ panaxo em riba da quabesa todo em guoruinho todo preto eles ceriam muito estimado em noso oropo pera fazer panaxos aos fidalguos ele he preto fora a barigua que he bramqua e a pomta do rabo e tẽ o biquo pardo e os olhos amarelos e a femia tem o panaxo pimtado de bramquo e tem a barigua parda tiramdo damarelo eles cão cempre em companhia maxo e femia eles fazem os filhos em riba dos paus e fazem dous filhos e os ouos cão he boma carne de comer parece se com a carne de capam não tem mais que ser mais dura a carne he carregadissima pessima p^{a} feridas. Idem *Ib.* fl. 194*v*.: o outro motũ he do mesmo tamanho em tudo he semelhante tirado q tẽ hua crista m^{to} grande E. grossa o bico he amarelo de papo abaixo he emcamusado os pes saõ uermelhos o resto do corpo preto ambos são passaros bons p^{a} comer dura ha m^{tos} passaros destes o ninhos falos aruores [*sic*] os ouos são brancos tira 4 ou sinco fos [...] mutum do Para são de tres castas he do tama[n]lho d[e] hũ Peru o pico [*sic*] he curuo rombo E uermelho todo he preto dirando [*sic*] a barigua q he branca mosqueada d preto e rabo branco os pes tirão a uermelho. **1648** M. Calado *O Valeroso Lucideno* I. iv. 53: Tambem alli trazia todas as castas de aues, & animaes que pode achar, & como os moradores da terra lhe conheceraõ a condição, & o apetite, cada hum lhe trazia a aue, ou animal exquisito que podia achar no sertão, alli trazia os papagaios, as araras, os jacijs, os canindés, os jaburijs, os motuns, as galinhas de guiné, os patos, os cirnes, os pauoens; de perus & galinhas grande numero, tantas pombas, que não se podião contar, [...]. *a*1667 Heriarte *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 169): Há [nesta ilha] muitos generos de aves, papagaios, araras, pavos, motuns, guarazes, colhereiras. Idem *Ib.* 188: Tem [o rio Amazonas] grandes cobras de agoa; na terra, onças, tigres, pantheras, leôespardos; muitas antas, porcos, veados, [...] papagaios, araras, canindés, mutús, muitos patos, marrecas, e outras muitas e diversas aves: cantidade de galinhas, periazes, sauxazes, e outros muitos, todos bons para sustento da vida. **1721** F. F. Henriques *Âncora medicinal* (ed. 1731, 131): Mutu. No Brasil, se acha uma especie de Faizões a que os naturaes chamaõ Mutú maiores que os gallos gallinaceos, cuja carne he de bom gosto, e nutriçaõ, segundo diz Margrave no liuro que escreveo da historia das aves da America. Idem *Ib.* 132: Motúm. Esta ave tambem he do Brazil, he do tamanho de perua, quente, e secca, tambem se sustenta de fruta, e iguala no sabor, e em tudo ao Jacú. **1730** Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 66. 40: De outros passaros tambem comestiveis ha araquans, mutuns, jacûs, jacutingas, e nas ribeiras do mar, e dos rios, marrecas, e galeiroens. **1751** A. Rolim *Relaçâo* in RIH, VII. (1846) 486: Há outros, a que chamam mutuns, do tamanho dos nossos perús novos, muito airosos e bem feitos, e de bom gosto. **1763** J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 208: [...] motuns certa especie de perús saborosos. Idem *Ib.* 477: Chegando a Villarinho do Monte, onde estava vigario um estimavel religioso de Santo Antonio, natural de Coimbra, feitas as funcções do estylo e obrigação, vimos dois mutuns de raridade bem exquisitos, porque não eram pretos como os outros, mas sim cobertos de uma variedade de feitio de dados de marfim graciosissimos: custou a vencer o appetite, não os aceitando do dono; e remettendo-os ainda assim a Gurupá, se lhe tornaram a enviar com carta agradecida, e expressões que lhe desfizessem a amargura da repulsa. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 261: [Ave silvestre] Mutum, cinco variedades. **1783** M. C. Abreu *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 259: Os mutuns são do tamanho da gallinha, porém muito bonitos, porque, além das pintas de que são esmaltadas as suas pennas, têm um ramalhete na cabeça, de cujas pennas se fazem plumas, e os machos são todos pretos. **1787** in *Annexes du Premier Mémoire du Brésil* I. (1903) 261: Das aves principalmente os mutuns e patos são inumeraveis. **1792** F. O. Barbosa *Noticias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 23: Os passaros são innumeraveis e de diversas qualidades, como são [...] mutuns, pombas, [...]. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 87: Mutum he quazi do tamanho d'hum perú, negro azevichado e brilhante; airozo, com um pennacho crespo, olhos espertos bico amarello, pernas vermelhas, côxas brancas. Seu canto lugubre; sua carne delicioza. A femea tem o penacho pintado. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 30: Habitam os matos os *mutuns-assús*, maiores que os *perús*, de côr summamente preta, com uma famosa crista das mesmas penas, e bico adunco, ao qual attribuem virtudes medicinaes para os ataques esterícos: [...]. Idem *Ib.* 31: [...] o *papaterra* he um passaro pequeno, e preto, porém celebre pela grande crista de pennas, que tem sobre a cabeça, duplicadamente maior, que a do *mutum-assú*; [...]. **1847** A. Leverger *Rio Paraguai* in RIH, XXV. (1862) 208: Achamos abundancia de caça: mutuns, jacús, arancuans, patos e outras diversas aves. Cervos e veados tambem se encontram. Idem *Ib.* 232: Entre as aves; citarei as Anhumas, que depois das *Emas* são as maiores de todas, mas que o caçador não persegue porque não se come a carne d'ellas; os *Mutuns*, Jacús, *Arancuans*, que offerecem um saboroso e saudavel manjar, bem como os *Patos* e *Marrecos*, que se vêem em grandes bandos; [...]. **1876** Couto de Magalhães *O Selvagem* II. ii. 32: Mas temos familias equiparaveis ao porco, ao gato, ao cão, á galinha. O *queixada*, o *maracajá*, o *guara* ou lobo, o *mutum* e o *jacu* seriam sem duvida alguma especies domesticaveis [...]. Idem *Ib.* II. ii. 33: [...] quatys, mutuns, veados, avestruzes, seriemas, [...] eu ja tenho visto n'essas aldêas alimentadas pelos selvagens com acurada paciencia. **1895** J. Veríssimo *A Pesca na Amazónia* I. ii. 22: Os carnudos patos do mato, as gostosas marrecas, os grandes papagaios, os saborosos mutuns e jacús, podem ser grata variedade á mesa abundante em peixe dos barraqueiros ou pescadores. **1898** A. Arinos *Pelo Sertão* 138: "Na matta de Josué | Ouvi o mutum gemê; | Elle geme assim: | Ai-rê-uê, hum! airê!" **1928** M. Andrade *Macunaíma* v. 63: Caça caia com estrondo e Macunaima aparava os macucos micos monos mutuns [...] todas essas caças. **1929** G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* ix. 121: [...] e soltos, pelo terreiro, negros jacamins e sombrios mutuns de bicos amarellos ou vermelhos. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 75: Se este rio é pobre de caça e de pesca, fornece-nos, todavia, sobejos elementos com que variar o nosso paladar: hontem comemos um saboroso mutum [...]. Idem *Ib.* 136: Aqui, só existe o mutum de bico amarello, *mutum-poranga*, e todos os que tenho visto são dessa especie. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* vi. 72: [...] e antes do meio dia risca no terreiro com a embiára: paca, inhambú, mutum, ás vezes um veado ou queixada. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 63: Progrediam, varando os rolos d'água. — Créu! Créu!... — guinchou um bicho, nas vascas. — "Oi, até mutum-do-mato está vindo morrer aqui?!... Idem *Ib.* 145: Mas Cassiano não cochilou nem um momento, durante a noite. Mutúns cantaram, certos, ás horas em que cantam os galos.

mututi *s.m.* Var.: 8 *mututy* [< T. *mutu'ti].
Planta da família das leguminosas.

1895 J. Veríssimo *A Pesca na Amazônia* I. vi. 92: A outra extremidade fica presa a uma boia de cerca de um metro de extensão por 50 a 60 centimetros de diametro, de mututy, especie de cortiça indigena.

N

nambiju *adj.* Var.: 9 *nambijú* [< T. °na*ɱ* i'ɨu < na' *ɱ* i 'orelha' + 'ɨuɨa 'amarelo' ~ VLB II. 58: *Orelha* = Nambî].

Diz-se do bovino que tem orelhas amarelas.

1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 57: E sonhei com uma trovoada medonha, e um gado feio correndo, desembolado, todo dôido, e com um menino preto passar cantando, tôda a vida, tôda a vida, sentado em cima do cachaço de um marruaz nambijú!...

nanauí *s.m.* Var.: 6, 8 *nanauy*, 7 *nanavy* [< T. nana'ĩ ~ VLB II. 146: *Uinho de uuas* = Caoỹaya. Caoỹete. Caoỹimuãna (...) Nanaig, uinho de ananazes (...)].

Bebida fermentada que os indigenas preparavam com o ananás; vinho de ananás.

1663 S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* I. § 141. 87: [...] outros vinhos de ananás, q̃ chamão nanauy; & este he mais efficaz, & logo embebeda: [...]. 1757 D. L. COUTO *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 65: Em fazer varias castas de vinhos, engenhosos alguns, contão trinta e duas especies. Huns feitos da fruta, a que chamão cajá, outros de Aipy, e são de duas castas, a hũa chamão cavycaraçú, a outra cavymachaxera; outros fazem de banana, a que chamão pacoba, outros de milho, a que chamão abativy, outros de ananaz, que chamão nanavy, he generoso, e eficaz; outros de batata que chamão jetivy. 1856 D. MAGALHÃES *A Confederação dos Tamoyos* III. 77: Lhes offertam em cúias coloridas I O ardente nanauy, e outros diversos.

narinari *s.m.* [< T. nari'nari ~ VLB I. 41: *Arraya* = Jabebira. Suas especies: Jabebîgtinga, Narinari, Narinaripinima e Aiereba].

Espécie de arraia: v. abon.

*c*1590 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. M) 476-482: ha m^{tas} arraias e de m^{tas} castas os Narinari tem 2 pedra huã por seo da boca outra por lingua estes quebraõ hũ buzio e hũ bergigaõ q̃ e tam duro como pedra e as ueses o naõ quebra estes saltaõ no ar e botaõ o buzio p^{a} o ar e asim de salto caindolhe nas pedras da boca o quebraõ isto se ue cada dia dar o estralo e ella sair fora ao buscar no ar saõ m^{tas} vezes de 10 palmos de roda. *c*1594 IDEM *Ib.* (ms. C) 2114-2121: A [arraia] narinari tẽ duas pedras huã por ceo da boca outra por lingoa cõ q̃ quebraõ os buzios e bibrigoẽs saõ duras q̃ boa pancada de pedra os naõ quebra e ellas saẽ fora dagoa e botaõno p^{a} o ar e assi o apanhaõ e trĩcaõ e comẽnos e isto se ue cada passo dos barcos leuãtarẽse ellas mais de duas bracas ẽsima dagoa e darẽ aq̃le estralo q^{do} o quebraõ.

nhaçaruamembeca *s.f.* Var.: 7 *nhasaruamembeca, nhaçaruamembeca* [< T. °ĩĩsaruame'*ɱ* eka (°ɨeĩsaruame'*ɱ* eka) < ĩĩsaru'ã (ɨeĩsaru'ã) 'palmito da juçara' (< ɨĩ'sara: v. JUÇARA) + me'*ɱ* eka 'mole' ~ VLB II. 63: *Palmito de qualquer palma* = Çuã. O .c. he relatiuo, e se se nomea o proprio nome da palmeira perde o .c. ut. Pindobuã. Patiruã. Jeiçaruã, etc. *Ib.* II. 40: *Mole* = Puba. Membeca].

Palmito da juçara, palmeira da subfamília das ceroxilíneas; cp. JUÇARA.

1792 F. O. BARBOSA *Notícia da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 24: [As margens do rio Tietê] Tambem tem muitos palmitos, com que se sustentam os sertanistas; e são de varias qualidades, cujos nomes são: nhasaruamembeca, guarerovas, e jarivás, cujos côcos se comem, e o gosto é propriamente similhante ao côco da Bahia. IDEM *Ib.* 32: Tambem ha no rio Taguary, em certa paragem, uma qualidade de palmeiras, que é a de maior viso de todas as mais; porque apenas póde um homem abraçar a hastea, cuja altura e folhas são como as do palmito Nhaçaruamembeca: o cacho de côcos d'esta palmeira é carga de um homem bem nutrido, e os côcos do tamanho de um ovo de ema ou abestruz, e serve de mantimento á maior parte dos gentios.

nhambi *s.m.* Var.: 5 *jambig, nhambi*, 6 *jnhãbu, ynambu, nhambi*, 7, 9 *jambú* [< T. ɨa'*ɱ* ĩ (ña'*ɱ* ĩ)].

Nome comum a duas plantas, a *Spilanthes acmella*, da família das compostas, também conhecida por agrião-do-pará, e a *Eryngium foetidum*, da família das umbeliferas, também chamada coentro-do-pará, coentro-de-caboclo e coentro-do-maranhão.

*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 23*v.*: [...] e huã erua por nome Jambig, unico remedio p^{a} os doentes de figado e pedra. 1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LVI. 30): Há uma erva que se chama nhambi, que se parece na fôlha com coentro, e queima como mastruços, a qual comem os Índios e os mestiços crua, e temperam as panelas dos seus manjares com ela, de quem é mui estimada. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 105*v.*: [...] tambem poderá ter Rabasas agriõis beldroeguas. e hũa eixçelente casta de mostarda cujas folhas se comem cruas, e cozidas e assim hũas folhas larguas a que chamaõ jnhãbus muy bõas pera comer por que despois de cozidas tem hũ Requeimo sabroso [...]. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 177: Ynambu he desta forma a maneira que aqui esta pimtada e tamanha e tamanha [*sic*] como aqui esta pimdada [*sic*] e a frol he amarela e he hũa erua a milhor desta tera e a mais quemte e tem esta uertude que mata as lombriguas que estão no quorpo e esta tera he muito sogueita [*sic*] a criarem no quorpo dos omenis e por iso eu creio que noso Sñor se alembrou a criar esta erua pera as matar. 1668 S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 79. 157: [...] béthele, pimenta quatro generos; gingibre, cayapià, caapèba, caraóba, caâtimay, caâtaya, jetica, vrùcatú, jaborandí, nhambí, tajóba, jeçapé, inimboya. Todas estas saõ eruas medicinaes, das mais conhecidas, & vsadas, de virtudes tão raras, que fora necessario hum Dioscorides pera descreuellas. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 264: [Plantas e hervas] Jambú. 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* XX. 232: [...] querendo tomá um assahy fresquinho ou um tacacá gostoso, com pimenta de cheiro, camarão e jambú de tremê o beiço, é só dá uma remada até o nosso Bom Jesus.

|| **nhambucaru** (*ynambucaru, inambucaru*): v. abon.

*c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 181: ynambucaru [*na estampa correspondente ao desenho desta planta, na fl. 140, ocorre a forma* inambucaru] he herua que atrepa em riba dos paus e tem a folha como a laramgeira e a fruita he como hũ ouo de gualinha e tem a mesma feicam e tem a casqua como hũa laramia e cor e he xeio de ci-

mente e ligor mui guostozo na boqua e he muito bom comer e tem a frol em feicão de campainha ele tem as folhas gramdes bramquas e a campainha de cor de linho raiada de cor de poplo e os botamis que tem no quoração cor de uerde amarelo e xeira como roza e he a mais bonita frol que eu tenho uista.

nhandu *s.m.* Var.: 5, 9 *nhandu,* 6 *yamdu,* 8 *nandú,* 9 *nhandú* [< T. ja'nu (ña'nu) ~ VLB I. 110: *Ema, aue* = Nhãdû].

Ave da ordem dos reiformes, família dos reideos; ema.

*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 20: Nhandugoaçu. Nesta terra ha muitas emas, mas naõ andaõ senaõ pello sertaõ dentro. 1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXVIII. 85): Criam-se nestes matos emas muito grandes, a que o gentio chama nhandu, as quais se criam pela terra dentro em campinas, e são tamanhas como as de África, e eu vi um quarto de uma depenada tamanho de um carneiro grande. São estas aves brancas, outras cinzentas, e outras malhadas de prêto, as quais tem as penas muito grandes, mas não tem nelas tanta penugem como as da Alemanha; [...]. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 188: yamdu quer dizer ema pasoro o mais grãode desta tera mas não cão tamanhos que as de afrequa nem as penas não cão tam bomas nem riquas não seruem mais pera os negros pera porem nas costas quoamdo bebem o uinho elas cão todas pardas e crião os fºs em as campinas no chão e poem muito grãode camtidade de ouos e algumas fazem coremta ou simquoemta ouos que sam muito bomis de comer que quando hũ omem come dous não pode mais comer e comem ce pouquas a clara tira azul cabeça E pernas são mui moles. 1874 J. ALENCAR *Ubirajara* i. 10: Mas a virgem dos tocantins corria como a nandú no deserto, e o caçador conheceu que seu braço nunca a poderia alcançar. 1911 A. MAIA *Tapera* 80: [...] captivára, emfim, pensou, aquela "morocha" linda como uma flôr da tarde e esquiva como nhandú das varzeas. [...]. 1913 SIMÕES LOPES *Lendas do Sul* 92: A lenda da — Lagôa brava — é apenas uma variante da dos Serros bravos e tem a sua contextura na da Oiára. A da lagôa do Iberá, bem como as dos salamanqueiros, do nhandu-tatá e outras, sam mais do acervo rio-platense-andino.

nhanduabiju *s.m.* [< T. janua mĵi'ju (ñanua mĵi'ju) < janu'ĩ 'aranha' + a mĵi'ju 'pelo (de pano), aspereza' ~ VLB II. 71: *Pelo como de pano* = Çabiju ~ Cp. NHANDUÍ].

Aracnídeo da ordem dos pedipálpidos, muito parecido com as aranhas, também conhecido como escorpião-vinagre.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXVIII. 170): Criam-se na Bahia outros bichos da feição dos lacraus, a que os indios chamam nhanduabiju, os quais tem o corpo tamanho como um rato, e duas bôcas tamanhas como de lagosta; os quais são todos cheios de pêlo, e muito peçonhentos, cujas mordeduras são mui perigosas; e criam-se em tocas de árvores velhas no podre delas.

nhanduaçu *s.m.* [< T. januüa'su (ñanuüa'su) < janu'ĩ 'aranha' + üa'su 'grande' ~ Cp. NHANDUÍ].

Aranha-caranguejeira.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXVIII. 170): Na Bahia se cria muita diversidade de aranhas, e tão estranhas que convém declarar a natureza de algumas. E peguemos logo nas a que chamam nhanduaçu, as quais são tamanhas como grandes caranguejos, e muito cabeludas e peçonhentas; remetem à gente de salto, tem os dentes tamanhos como ratos, cujas mordeduras são mui perigosas; e criam-se em paus podres, no côncavo dêles, e no povoado em paredes velhas.

nhanduí *s.m.* [< T. janu'ĩ (ñanu'ĩ) ~ VLB I. 40: *Aranha* = Nhãduî].

Nome indígena da aranha.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXVIII. 170): Há outra casta de aranhas, a que os índios chamam nhanduí, que são as acostumadas em tôda a parte de que se criam tantas no Brasil, com a umidade da terra que, se não alimpam as casas muitas vêzes, não há quem se defenda delas. Estas fazem um bôlso na barriga muito alvo, que parece de longe algodão, que é do tamanho de dois reales, e de quatro, e de oito reales, em o qual bôlso criam mais de duzentas aranhas; [...].

nhanduvai *s.m.* Var.: 9 *inhanduvay, nhanduvái* [< T. ?].

Planta da família das leguminosas, subfamília das mimosáceas.

1911 A. MAIA *Tapera* 118: [...] era o guincho de angustia, asphyxiado e intermittente do alma-de-gato, errante pelas cercas de pedra ou ao longo dos alambrados de inhanduvay. 1913 SIMÕES LOPES *Lendas do Sul* 9: Os olhos andavam tão enfarados da noite, que ficavam parados, horas e horas, olhando, sem ver as brazas vermelhas do nhanduvái... as brazas somente, porque as faiscas, que alegram, não saltavam, por falta do sopro forte de bocas contentes.

O

oca *s.f.* Var.: 5, 8 *óca,* 5, 8-9 *oca* [< T. ʼoka ~ VLB I. 68: *Casa* = Oca].

Cabana indígena.

*c*1584 CARDIM *Origem dos Índios do Brasil* fl. 3: Vsão estes Jndios de huãs ócas, ou casas de madr^a^ cubertas de palma e saõ de cõprimento alg^as^ de dozentos, e 300. palmos, e tem duas tres portas m^to^ piquininas e baixas. 1585 IDEM *Informação* fl. 79: Morauão os Jndios antes de sua conuersão em Aldeas em huãs ocas ou casas muj compridas de duzentos, trezentos, ou quatrocentos palmos e cincoẽta em largo pouco mais ou menos, fundadas sobre grandes esteos de madr^a^ cõ as paredes de palha, ou de taipa de maõ, cubertas de pindoba, que he certo genero de palma q̃ ueda bem agua, e dura tres ou quatro annos. IDEM *Ib.* fl. 89: [...] Era p^a^ uer os nouos christãos, e christaãs sairẽ de suas ocas como colomis acõpanhados de seus parẽtes e amigos cõ sua bandejra diante e tamboril, depois do baptismo, [...]. 1855 JUNQUEIRA FREIRE *Contradições Poéticas* 243: E quando o sacro luco abandonava, | Deixando a oca tenebrosa e funda, | sobraçando o maracá, ia passando | Dos indios pelo meio, — em seu aspecto |. 1855 IDEM *Inspirações do Claustro* 70: — Demandavão as ócas tenebrosas | Dos severos e asceticos piagas. | E os consúltavão nas emprezas arduas, |. 1865 J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, xxii. 136): Depois que plantou ortiga à porta, para defender contra os animais a oca abandonada, Poty despediu-se triste daquelles sitios, [...]. 1874 IDEM *Ubirajara* iv. 60: Os moacaras revestidos de seus ornatos de festa, se encaminharam com o passo grave á oca principal afim de honrar o hospede do grande chefe da nação tocantim. IDEM *Ib.* 170: [*Nota do Autor*] A sociedade civil era constituida pela *oca*, a casa, onde o varão, *aba*, morava com suas mulheres, sua prole, os servos que trabalhavam para grangear as filhas em casamento; os captivos que fazia da guerra; e os parentes que aggregava a si. 1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 322): Ousados pescadores contavam á noite, junto ao fogo da óca, que, ao passarem de volta de suas pescarias pelo igarapé do Taruman, [...]. 1956 GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 488: Em sertão são. Isso, que são lugares. E que é que me adiantava saber que tinham suas ocas por lá?

ocara *s.f.* Var.: 8 *ocára,* 8-9 *ocara* [< T. oʼkara ~ VLB II. 109: *Rua* = Ocara. Ocapucû. Onhobaũ, posto q. este serue mais p^a^. o becol.

Terreiro no interior das aldeias indígenas.

1865 J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, v. 29): Quando foram todos na vasta ocára circular, Irapuam, o chefe, soltou o grito de guerra. 1874 IDEM *Ubirajara* vii. 123: Com o primeiro raio do sol que subia o pincaro da serra, chegaram á grande taba os chefes das cem tabas araguayas, com todos seus guerreiros, convocados á ocara da nação. 1875 IDEM *O Sertanejo* II. xiii. 205: Nisto Moirão levado pela curiosidade, affastou-se da casa mais do que devia, e foi empolgado pelos indios, que o levaram á ocara. 1877 B. GUIMARÃES *Maurício* II. xx. 242: Esta fórna é a ocára de um pagé; ainda esta noite Tabajuna ouvio a voz delle, que falava do fundo dessas cavernas. 1918 MONTEIRO LOBATO *Urupês* 216: O indianismo está de novo a deitar copa, de nome mudado. [...] a ocara virou rancho de sapé; [...]. 1938 G. RAMOS *Caetés* xxx. 228: Às vezes desenterro-os da gaveta, revejo pedaços da ocara, a matança dos portugueses, [...]. 1935 JORGE DE LIMA *Calunga* vi. 65: Os avós dêsses cambembes os caetés eram tidos como ferozes porque defendiam dos invasores as suas tabas e as suas ocaras.

oití *s.m.* Var.: *α.* 5 *guti,* 6 *goti, gytí, gùité,* 8 *goyty*; *β.* 6 *cutti*; *γ.* 6 *vty,* 7 *utím,* 8 *huhúty*; *δ.* 7 *oytí, oiti, oity,* 8 *oyty,* 9 *oití* [< T. ũi'ti].

Planta da família das rosáceas, oitizeiro.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LIV. 16): Pela terra dentro há outra árvore, a que chamam guti que é de honesta grandura; dá uma fruta do mesmo nome, do tamanho e côr das peras pardas, cuja casca se lhe apara; mas tem grande caroço, e o que se lhe come se tira em talhadas, como às peras, e é muito saboroso; e lançadas estas talhadas em vinho não tem preço. Faz-se desta fruta marmelada muito gostosa, a qual tem grande virtude para estancar cãibras de sangue. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 110: [...] gotis {frutas} que saõ do tamanho de ouos [...]. IDEM *Ib.* fl. 110*v.*: [...] vty fruta comprida guostoza no comer [...]. 1627 V. SALVADOR *Hist. Brasil* I. vi. fl. 12: Gyitis he fructo de outras o qual posto que feyo â vista, e por isso lhe chamaõ coroe, q̃. quer dizer nodozo, e sarabulhento, com tudo he de tanto sabor, e cheiro, que naõ paresse simplex, senaõ composto de assucar, ovos, e almiscar. 1654 A. VIEIRA *Cartas* (ed. J. L. Azevedo, 1925, I. 375-376): Por uma parte e por outra tudo são arvoredos agrestes e sem fruto, pôsto que no princípio do rio nos convidaram com uma fruta do tamanho e côr das nossas camoesas: é espécie de gùités do Brasil, porém estes têm muito menor caroço e sem couro; [...]. 1663 S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 87. 163: Cutis saõ aruores altissimas, de tres especies: seu fruto tem feitio de ouo, mas he muito maior: o cheiro bom, o sabor mediocre. 1711 A. J. ANTONIL *Cultura e Opulência do Brasil* I. II. vii. 57: [...] os forros, & costados, de Utím, Parôba, Burayém, & Unhuîba: [...]. 1769 M. S. M. ITAPARICA *Eustachidos* 125: Os arassás diversos, e silvestres, | Huns saõ pequenos, outros saõ maiores: | Oytís, cajás, pitangas por agrestes | Estimadas naõ saõ dos moradores: | aos marcuiás chamar quero celestes, | Porque contèm no gosto tais primores, | Que se os Antigos na Asia os encontraraõ, | Que era o nectar de Jove imaginaraõ. 1782 F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* I. iii. 32: Oitî. Hé o oity o fruto de huma grande Arvore, que unicamente se acha pelos maiores, e mais incultos mattos do Brazil, produzido huma só vez no anno [...] Huma cutis pouco liza cobre a sua polpa, que hé hum tanto dura, e persemeada de granitos como de areya, e de consistencia dura. 1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 96: Entre outras arvores de boa madeira para construcção, carpinteria, e marcineria tem lugar a [...] Oyty, [...]. IDEM *Ib.* 114: *Oyty* he arvore mediana, e de boa madeira: seu fructo grande, saborozo, de côr, e figura de pera-parda com um grande caroço, que moido ou raspado, e tomado em bebida ou cristel, he um efficaz remedio para curar diarrheas de sangue. IDEM *Ib.* II. 37: [grande diversidade d'arvores de bom páu para construcção principalmente:] huhity; [...]. IDEM *Ib.* 60: [...] o *goyty* he um fructo da grandeza de limão, oblongo, de pouca polpa, amarella, saborosa, e cheia de fibras pegadas a um grande caroço: ha duas castas identicas no gosto, e designadas com o nome de *mirim*, que he lizo, e *coroya* sarabulhento: [...]. 1935 JORGE DE LIMA *Calunga* xiv. 121: A bala foi mesmo se cravar num pé de oití.

oiticica *s.f.* Var.: 5 *otisiqua, otisica,* 6 *oiticiqua,* 7 *utussica,* 8 *oyticica, ohyticica, hoyticica, oitycica,* 8-9 *oiticica* [< T. ũitĩ'sïka < ũi'ti 'oiti' + ï'sïka 'resina' ~ VLB II. 105: *Rezina* = Igcigca].

Planta da família das rosáceas.

*c***1574** *Inventário* in DHA, III. (1963) 87: Avalliarão corenta e sinco taboas de otisiqua e cedro vrucurana tudo foi avalliado em quatro mil reis. Avalliarão mais quinze taboas de otisica e sedro de vinte palmos de comprido pera o fundo da barca em mil e duzentos reis. *a***1687** *Manifesto de utilidades do Brasil* in *Brasília* VII. (1952) 184: [...] coanto mais a tapinhoam q̃ a nõ ha em outra parte, nem tem o mundo milhor madr.ª pera taboado de fundo do que ella e p.ª o costado Vrucurana e p.ª os altos oiticiquas, e pera cubertas Araribá; [...]. **1711** A. J. ANTONIL *Cultura e Opulência do Brasil* I. ii. vii. 57: As canoas, de Picay, Joairâna, Jequitiba, Utussîca, & Angelí. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* I. 96: Entre outras arvores de boa madeira para construcção, carpinteria, e marcineria tem lugar a [...] Oyticica, [...]. IDEM *Ib.* II. 37: [grande quantidade d'arvores de bom páu para construcção principalmente:] ohyticica; [...]. IDEM *Ib.* 75: Fytologia. Entr'outras muitas arvores de boa madeira nomea-se o vinhatico, aderno [...] hoyticica, [...]. **1865** J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, ii. 17-18): Banhava-lhe o corpo a sombra da oitycica, mais fresca do que o orvalho da noite. [*Nota do Autor, à pág. 203*:] Oitycica — Arvore frondosa, apreciada pela deliciosa frescura que derrama sua sombra. **1875** IDEM *O Sertanejo* I. i. 13: Nesse momento chegavam os viajantes a uma pequena elevação, d'onde se avistava ao longe, sobre aquella mata adusta a copa verde e frondosa de uma prócera oiticica. **1890** A. AZEVEDO *O Cortiço* vii. 110: [...] flôres americanas, d'essas muito alvas, cheirosas e humidas, que elle na fazenda via debruçadas confidencialmente sobre os limosos pantanos sombrios, onde as oiticicas trescalam um aroma que entristece de saudade. **1902** E. CUNHA *Os Sertões* 158: [...] e no sitio da "Passagem", perto de Quixeramobim, occultou-se, exhausto, numa choupana, coberta de ramos de oiticica. **1903** D. OLÍMPIO *Luzia Homem* xxiv. 218: Muita vez, arranchados á sombra de oiticicas frondosas, offerecera um patacão por uma cuia dagua. **1929** G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* xvi. 293: [...] as serras dos jatobás, onde se encostam as mattas de ingazeiras, de oiticicas e de joazeiros, e, sobre ellas e sobre as catingas, arribando, as infinitas e tumultuosas vagabundas avoantes, vorazes, pocideiras.

oiticoró *s.m.* Var.: 6 *vticroy,* (6 *gyiti coroe*), 7 *oiticorò,* (8 *goyty coroya*) [< T. ũitiko'roja < ũi'ti 'oiti' + ko'roja 'áspero' ~ VLB I. 44: *Aspera cousa no tacto, ou aspereza* = Corocoroya. Aembeguaçu. Aembecoroya].

Planta da família das rosáceas.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fls. 109-109*v.*: [...] outra fruta chamada, vticroy — do tamanho de hũa grande Pinha de tanto guosto que tenho por sem duuida ser milhor que a perada e marmellada tão estimada do mundo o coal se dá em hũ Aruore muito grande [...]. **1627** V. SALVADOR *Hist. Brasil* I. vi. fl. 12: Gyitis he fructo de outras o qual posto que feyo à vista, e por isso lhe chamaõ coroe, q̃. quer dizer nodozo, e sarabulhento, com tudo he de tanto sabor, e cheiro, que não paresse simplex, senaõ composto de assucar, ovos, e almiscar. **1702** A. ROSÁRIO *Frutas do Brasil* III. i. 117: Os que vestem habito pardo, grosseiro, & aspero, tem Oiticorós, & Piquias; as cascas destas frutas saõ da cor do habito Franciscano: a massa do Oiticorò he excellente: o Piquiá por dentro he como mel, por fóra asperezas, por dentro regalos. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* II. 60: [...] o *goyty* he um fructo da grandeza de limão, [...] ha duas castas identicas no gosto, e designadas com os nomes de *mirim*, que he lizo, e *coroya*, sarabulhento: [...].

oitizeiro *s.m.* Var.: 7, 9 *oitizeiro,* 8 *oitiseiro* [< oiti + -z- + -eiro].

Oiti.

1757 D. L. COUTO *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 160: [...] são tão ferteis pela bondade da terra, que ao meyo dia não offende o sol aos caminhantes defendidos da pompa de larangeiras, limoeyros, cajueiros, oitizeiros, Mangabeyras, cajazeyros, e de outras infinitas arvores, que lhes formão verdes pavelhoens com suas folhas, flores, e frutos. **1875** J. ALENCAR *O Sertanejo* II. xi. 181: No outro dia, quando sahiam á passeio, o filho da Justa levou o rancho á um oitiseiro, onde mostrou-lhes a curiosidade que ali tinha guardada. **1876** F. TÁVORA *O Cabeleira* xv. 250: Na margem opposta levantava-se, entre umas laranjeiras e uns oitiseiros, uma casa de bom parecer. **1903** D. OLÍMPIO *Luzia Homem* xxviii. 272: Mais longe, uma descida ingreme, sobre estratificações da piçarra cortante, os levou ao sopé da montanha, onde começava a ladeira, e appareciam as primeiras arvores, os oitizeiros frondosos, cédros, [...]. **1935** JORGE DE LIMA *Calunga* viii. 160: No oitizeiro dobravam para o porto e lá iam nas canôas apinhadas para outras margens, outras praias como as vagas mesmas que vão e voltam. **1950** IDEM *Guerra dentro do beco* i. 15: Um cachorro esgueirava-se por entre os troncos dos oitizeiros, arrastando a sombra sôbre o asfalto, encolhido e humilhado.

‖ **onaoraz:** v. abon.

1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 365: O arvoredo vistoso e a variedade de fructos o faz notavel, como são os onaorazes e jotaís: esta ultima fructa partida é transparente, e da resina, que tambem o é, se servem para as roturas, e pisada é notavel para soldar felizmente qualquer ferida.

P

paca *s.f.* Var.: 5-9 *paca,* 5 *paqa,* 6 *paqua,* (6 *paça*), 6, 8 *páca, pacca,* 7 *pàca* [< T. 'paka].

Mamífero roedor da família dos dasiproctídeos (*Cuniculus paca*).

Dos textos de 1591 e 1595 depreende-se que figuras de pacas eram então usadas como amuletos.

*a*1576 GÂNDAVO *Trat. Prov. Brasil* (ms. do British Museum) 766-768: Ha outros animais maiores q̃ lebres q̃ se chamão Pacas tambem tem carne muito sabrosa. **1576** IDEM *Hist.* vi. fl. 21: Ha tambem outros mayores, a que chamam Pacas, q̃ tem o focinho redondo, & quasi da feiçam de gato, & o rabo como o da Cotia. Sam pardas & malhadas de pintas brancas por todo corpo. Quando querem guisallas pera comer, pelamnas como leitam, & nam nas esfolão, porque tem hum coiro muy tenro & sabroso, & a carne tambẽ he muito gostosa, & das melhores q̃ ha na terra. *c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 14: Paca. Estas pacas saõ como leitões, ha grande abundancia dellas: a carne he gostosa, mas carregada. não parem mais q̃ hũ soo filho. Ay outras muy^to^ brancas saõ raras achamse no Rio de sam fran^co^. *c*1586 *Roteiro da Costa do Brasil* fl. 20*v.*: [...] tem mantimẽtos fruitas, galinhas e muita cassa veados, porcos, pacas, cotias tactus, coelhos como há em toda a terra do Brasil, e chamase porto de dõ Rodrigo. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CIII. 143): Criam-se nestes matos uns animais, a que os indios chamam pacas, que são do tamanho de leitões de seis meses, tem a barriga grande, e os pés e mãos curtos, as unhas como cachorros, a cabeça como lebre, o pêlo muito macio, raiado de prêto e branco ao comprido do corpo; tem um rabo muito comprido, correm pouco. **1591** in *Denunciações da Bahia* (ed. 1925, 331): [...] disera que a ditta sua dona tinha huns sanctos como pacas a qual branca dias veo de Portugal penitenciada pella Inquisição. **1592** in *Confissões da Bahia* (ed. 1935, 168): [...] e se riscou pellas coxas, nalgas e braços, ao modo gentilico, o qual riscado se faz rasgando com hum dente de hum bicho, chamado paca, e despois de rasgar a carne levemente pello coiro esfregam por cima com huns pós pretos, e despois de sarado fiquam os lavores pretos impresos nos braços e nas nalgas, ou onde os poem como ferretes pera sempre. **1593** in *Denunciações de Pernambuco* (ed. 1929, 33): [...] as quais pacas são huns animais do mato desta terra que pouco mais ou menos tem o parecer de lebres, [...]. **1595** IDEM 58: [...] ouvira que hum moço neto de Branca Dias dixera que sua avó tinha hum santo como paqa. IDEM 457: [...] tinha rosto de paca o qual paca he huma caça do mato que tem algum parecer com gato no focinho, [...]. *c*1596 S. TRAVAÇOS *Declaração do Brasil* xlix. fl. 38: Ha outra casta de porcos, a que os Indios chamaõ pacas, saõ como leitoens de seis sete mezes, E são as uezes grandes E muito gordas, e boas. *c*1607 J. RODRIGUES *Relação* in S. Leite *Novas Cartas Jesuíticas* (1940) 229: [...] andam cobertos com pelejos de coiros de veado ou de ratos de água, tamanhos como pacas, mas não trazem estes pelejos por via de honestidade, [...]. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 129: [...] tambem se achaõ cantidade grande de outro animal aque chamaõ — Pacas — ocoal he muito major que lebre listado de pardo e branco cuja carne por guorda he semelhante da de porquo. mas mais guostoza pera se aver de comer. **1618** S. E. SILVEIRA *Carta* in ABN, XXVI. (1905) 364: Ha muita quantidade e diversidade de porcos e algunos se matao atrauessando os braços do Rio em magotes: ha muitos veados, muitas antas, pacas, como lebres, gibatos e coatis mayores que ellas, apercas como coelhos, lindos bugios, e saguis [...]. **1624** IDEM *Relação do Maranhão* fl. 10: Ha muitas Pacas, que respondẽ cà cõ as nossas lebres; mas são muito melhores; [...]. **1627** V. SALVADOR *Hist. Brasil* I. ix. fl. 16*v.*: Há outras mais cassas de veados, coelhos, cutias, e pacas que saõ como lebres, mas mais gordas, e saborozas, e nam se esfollaõ pera se comerem, porque tem couros como de leitaõ. **1648** M. CALADO *O Valeroso Lucideno* I. iv. 53: [...] alli tinha os tigres, a onça, a cissuarana, o tamandua, o bugio, o quati, o sagoim, o apereà, as cabras do Cabo verde, os carneiros de Angola, a cutia, a paqua, a anta, o porco jauali, grande multidaõ de coelhos, & finalmente naõ auia cousa curiosa no Brasil q̃ alli não tiuesse, [...]. IDEM *Ib.* III. i. 152: Chegou a casa de Manoel de Oliveira, & sabendo que hum filho seu tinha hum cachorro de caça com o qual tomaua Veados, Antas, & Paças [*sic*], & outros animaes syluestres, que no Brasil se comem, [...]. **1663** S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* I. § 71. 45: Outras de animaes de caça, antas, veados, porcos monteses, & aquarios, pacas, tatús, tamanduás, lebres, coelhos, & estes de 5. ou 6. especies. Outras de animaes de gosto, & recreaçaõ, monos, macacos, bugios, çaguiz, preguiças, cotias, & outras especies sem conto. IDEM *Ib.* II. § 102. 177: Remetome aos liuros citados, & repito sómente os nomes: pacas, tátús, tamãduás, coelhos, estes de seis especies; bogios, ságuis, macacos, preguiças, cotias, coatis, londras: seria longo côtar todos. *a*1667 HERIARTE *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 169): [...] tem [esta ilha] milho grosso e muita caça em seus montes, como são porcos, veados, pacas, cutias, tatús, e de outras castas. IDEM *Ib.* 188: Tem [o rio Amazonas] grandes cobras de agoa; na terra, onças, tigres, [...] muitas antas, porcos, veados, coelhos, tatús, cutias, pácas, capivaras, javotins, [...]. *a*1696 G. MATOS *Obras* (ed. 1969, V. 1147): eis que dous Surucucus ! como dous Jaratacacas ! vi vir atrás de umas Pacas, !. *c*1698 J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 279: [...] e comia de uma vez uma pacca, que é maior que uma lebre da Europa; [...]. IDEM *Ib.* 355: [...] suas mattas teem muita caça de porcos, cotias, paccas e passaros; [...]. **1721** F. F. HENRIQUES *Âncora medicinal* (ed. 1731, 102): Paca. He o Pàca animal do tamanho de Lebre, coberto de cabello como os Porcos, por cuja razão lhe damos lugar entre elles. He quente, e secco, e de bom gosto, coze-se com facilidade no estomago, e gera-se delle bom sangue, de que se segue boa nutrição. He animal que sustenta o folgo debaixo da agua. Acha-se no Brazil. **1730** ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 65. 40: Das caças quadrupedes silvestres ha veados, capivaras, coelhos, cotías, coatis, perías, teûs, tatûs, e pacas; estas, posto que nocivas para a saude, tem a carne superior no gosto a todas as do Brasil. **1751** A. ROLIM *Relação* in RIH, VII. (1846) 478: De caça de pelle n'este rio [Tieté] só vi pacas e capivaras. As primeiras são do tamanho de um leitão, com os pés curtos, o pello como de cão, pardo-escuro. Das outras o feitio é de rato, principalmente o da cabeça; o pello na aspereza e de porco, mas pardo; são do tamanho de um marrão, e o gosto não é bom: a paca sim é mui gostosa. **1757** D. L. COUTO *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 37: Para a caça: Antas, veados, porcos monteses, capivairas, Pacas, Tatus, Cotias, Tamanduás, Lebres, Coelhos, e Quatis. **1763** J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 184: [Ha] veados, rapozas, pacas semelhantes as lebres de Portugal, excedendo

a estas em o sabor as pacas; [...]. *c*1777 f. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 248: [Quadrupede! Paca, a que se póde chamar de lebre americana. 1781 Durão *Caramurú* II. xxxviii. 54: Comer-se carne humana; e só teria | Outra carne qualquer por innocente, | Aves, féras, tatús, Paca, ou cotia; |. 1789 F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 48: Não podião os Gentios, primeiros habitadores deste Brasil, por com mais propriedade nome, que o deste animal; por que paca he hum verbo do idioma Brasilico, que significa acordar, e na verdade ella tôda a noite vela, e só de dia dorme. 1792 F. O. Barbosa *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 23: [O rio Tieté! é muito fertil de caças, pois tem com abundancia pacas, cutias, [...]. 1806 in RAPM, VI. (1901) 772: Paca, dá-se como a Capivára na agoa e terra, tem dobrado corpo da Cotia, tronco toruloso, mãos e pés muito curtos. A pelle é listrada com riscas brancas pelas costas sobre fundo ruivo cinzento, a carne he delicada, e excede em sabor á dos mais quadrupedes. 1817 Casal *Corografia Brazílica* I. 67: A *páca* he um quadrupede rasteiro, encorpado, com pouco mais de dois palmos de comprimento, sem cauda, orelhas pequenas, focinho de cochio, cabello rijo, e avermelhado com malhas brancas miúdas pelas ilhargas, e riscas da mesma côr pelo espinhaço: he a melhor caça do paiz, e pella-se como leitão. Idem *Ib.* II. 223: [...] paccas, porcos do mato, capiváras, lontras, e todos os outros quadrupedes selvaticos, que se encontram nas provincias convizinhas. 1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 26: *Viados do mato, e capoeiras, pácas, tatús* de differentes especies, entre as quaes o *canastra* he o mais corpulento, [...]. 1847 A. Leverger *Rio Paraguai* in RIH, XXV. (1862) 232: Os campos limpos são habitados por Cervos e Veados; os capões por bandos de *Macacos* e *Bugios*. Uma vez por outra apparecem *Antas, Pacas, Tamanduás, Ouriços, Tatús* e varios reptis, como *Camaleões Sininbús*. 1861 J. M. Macedo *Romances da Semana* 167: [...] e com isso perdêrão os veados e as pacas dos bosques vizinhos, que fórão perseguidos pelo estudante, que se tornou em um novo e infatigavel Nemrod. 1863 M. A. Porto Alegre *Brasilianas* 267: As cotias se entocam nas ruinas | Do forno da olaria: as pacas crescem | Nas taperas, [...]. 1865 J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, xxi. 124): Elles occupavam as margens do Soipé, cobertas de mattas, onde os veados, as gordas pacas e macios jacús abundavam. 1865 Idem *As Minas de Prata* III. x. 246: E que monteria? Antas, galheiros, castetus, capivaras, pacas, e tal quantidade de alimaria de menos vulto, que é de perder-lhe a conta! 1869 B. Guimarães *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. i. 43): Os poucos homens que n'essa occasião alli se achavão, pois estavão pela maior parte dispersos pelas mattas ao longo da margem do rio occupados em caçadas e pescarias, uns assavão peixe, ou muqueavão um lagarto, um tatú ou uma paca em foguciras acendidas fóra das tabas; [...]. 1872 Idem *Hist. e Trad. Minas* II. iv. 70-71: Outras vezes sahia com uma espingarda pelo matto, e fazia as maiores diligencias para trazer á prima uma caça delicada, um jaó, uma paca, uma perdiz. 1872 J. Alencar *Til* II. vi. 63: Por estas bandas ha muito veado e paca; mas como os caetetús este anno, nunca se viu; é mesmo uma praga! 1876 F. Távora *O Cabeleira* viii. 138: E como tinham elles por costume caçar pacas e tatús uma vez por outra, quando fazia luar e o tempo estava enxuto, não houve quem duvidasse da palavra dos caçadores. 1876 Couto de Magalhães *O Selvagem* II. i. 14: Outro auxilio que tiram do fogo para a caçada é o de: — quando os *caetetus* (especie de porcos) e pacas se "entocam" [...] os indios empregam o meio muito simples de accender fogo na porta e, com um abano de taquara, impellem para dentro a fumaça [...]. 1877 B. Guimarães *Maurício* I. vi. 56: [...] o capitão-mór, que era em extremo apaixonado pelas caçadas, ordenou uma grande correria de veados, antas, pacas, emfim de tudo, que désse e viesse, pelas faldas da serra de S. José, que dizião ser muito farta de caça de toda a qualidade. 1879 Idem *O Pão de Ouro* iii. 268: Pacas aos bandos retouçavam á beira dos arroios, e mergulhando n'agua recolhiam-se ás tócas conhecidas. 1881 F. Távora *Lourenço* (ed. 1902, xvi. 243): [...] o matto porém era o seu principal fornecedor, agora lhes dando a paca, o tatú, a cutia, o preá; agora o jacú, a juruty, o nambú, o pato bravo; agora o ananaz, o inhame, o ingá, a mangaba, o cajú. 1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 2): [...] e um prato seu predilecto, a manicoba, preparado com mocotós de paca e grêlos de mandioca, [...]. 1918 Monteiro Lobato *Urupês* 61: Nunes levantára uma paca, certo domingo, mas a bicha, dobrando o morro, esbarra de frente com um filho do Porunga casualmente a lenhar por alli. 1928 M. Andrade *Macunaíma* xiv. 204: — Olhe, tem paca tatú cotia... Minto, cotia não enxerguei nenhuma. Paca tatú, cotia não. 1929 G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* v. 66: As cutias, as pacas, os veados, os grous, os mutuns, indifferentes aos homens e á sua mecanica, fortaleciam a illusão da matta tropical. 1931 Idem *O meu próprio romance* 76: Caçador de paca e de veado, que só elle! 1936 J. L. Rego *Usina* II. xiv. 279: Nunca mais que se pegasse um tatuzinho, uma paca, uma cotia para encher a barriga. 1938 R. Morais *Os Igaraúnas* xvii. 202: — Pois se eu estivesse lá tinha ao menos trazido uma paca, retrucou nhá Andreza. 1940 Ribeiro Couto *Largo da Matriz* 204: Tinham vindo da fazenda: um mês a perseguir veados, cotias e pacas. 1946 Guimarães Rosa *Sagarana* 178: Mas, acontece que êle sempre gostou de caçar e de pescar. E, de tanto ver a paca apontar da espumarada do poço, bigoduda e ensaboada como um chinês em cadeira de barbeiro [...]. 1956 Idem *Grande Sertão: Veredas* 289: Um dia, em que tinhamos caçado uma paca bem gorda, o Paspe pitou de sal um quarto dela, enrolou em fôlhas, e deu ao menino mais velho: [...].

pacamão *s.m.* Var.: 6 *pacamo*, 9 *pacamã* [< T. paka'mo ~ VLB I. 120: *Enxarroco* = Pacamo].

Nome comum a dois peixes, o *Marcgravichthys cryptocentrus*, da família dos batracoidídeos, também conhecido como enxaroco (v. abon. *c*1631), e o *Pseudopimelodus alexandri*, da família dos pimelodídeos, também chamado manguriú.

*c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 165*v.*: o pacamo he da cor da brotia e he de dous palmos e não tem escama e ce toman debaixo das pedras e he muito bom comer. 1946 Guimarães Rosa *Sagarana* 65: Zé Grande e Tote, abraçados, engafinhados, sobraram num poço de vazante, com urubús em volta, aguardando o que escapasse das bôcas dos pacamãs.

pacapeua *s.m.* Var.: *pacapeuva* [< T. ?].

Planta da família das leguminosas, subfamília das cesalpináceas.

1783 M. C. Abreu *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 261: O pacapeuva é fructa redonda e mais pequena do que a jaboticaba; [...].

pacará *s.m.* Var.: 7 *paracazes* (pl.) [< T. ?].

Espécie de cesto.

1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 333: Não são destituidos os indios de habilidade para manufacturas, pois vemos cousas bem galantes, como são condecinhas, a que chamam paracazes, cabelleiras de plumas de varias côres, chapéos de palha ou folha tecidas, e outros de cordões de algodão.

pacaré *s.m.* [< T. ?].

V. abon.

1813 C. J. Cardoso *Plantas de Minas Gerais* in RAPM, VII. (1902) 749: *Pacaré, Unha d'Anta* — A raiz desta planta he de sabor amargo inodora reputada por hum febrifugo infallivel: he tonica, util na colica flautuosa, e antidoto contra o veneno da cobra Cascavel: tem-se experimentado ser hum grande remedio, para deter os progressos da Morféa, usando-a em cozimento por bebida ordinaria na dozis de meia onça para cada libra d'agua, tomando banhos do mesmo. He facil a sua colheita; poderá custar cada arroba 600 r.ˢ.

pacavira *s.f.* Var.: 6 *pacabira, paquevira* [< T. *paka'ɲ ĩra < pa'koua 'pacova' + °'ɲ ĩra (forma paralela de ĩ'ɲ ĩra 'fibra, filamento')].

Bananeira silvestre, *Heliconia pendula*, cujas folhas os indígenas utilizavam para embrulhar a farinhá de mandioca (v. abon. 1627).

1618 in *Livro Primeiro do Governo do Brasil* (ed. 1958, 201): [...] se naõ forem na bolta do norte naõ espere Vs por auiso meu he necesario çen pacabiras de farinha para Jornada do Salitre por qº no Rio a falta dela donde xuaõ da rrocha pretendia proverse [...]. 1627 V. Salvador *Hist. Brasil* I. xvi. fl. 27*v.*: O dia seguinte depois de almorsarem toma cada hum suas armas nas maõs, e a rede em que ha de dormir às costas, e huã paquevira de farinha, que he hum embrulho liado, quanto pode carregar, feito de huãs folhas rijas, que nem se rompem, nem a agoa as passa, e naõ se curão de mais vianda; porque com a frecha a cassaõ pello caminho, e nas arvores achaõ fructas, e favos de mel.

paçoca *s.f.* Var.: 8-9 *passoca, passóca* [< T. pa'soka ~ VLB II. 77: *Pilar no pilão* = Aioçoc. act. e se for cousa q. pilando-a se aiunte toda em hũa massa, ou pilouro. Aiapaçoc. act.].

Iguaria preparada com carne desfiada e farinha de mandioca socadas no pilão; amendoim ou castanha-do-pará torrados e socados no pilão, com açúcar e farinha; *por extensão* (v. abon. 1946), mistura, confusão.

1873 J. Alencar *Guerra dos Mascates* I. xii. 146: [...] passoca e inhames, as muquecas enfolhadas, os bolos de cará, acepipes ensinados pelos indios, [...]. 1874 Taunay *Histórias Brasileiras* 46: O camarada, á noutinha, preparou uma passóca para a viagem. 1902 E. Cunha *Os Sertões* 138: Mas como frugalidade rara permitte passar os dias com alguns punhados de passoca, não se lhe afrouxa, tão de prompto, o animo. 1922 A. Peixoto *Bugrinha* xii. 167: [...] acendeu o fogo, fez café, comeu passóca, preparou o pito, e ja as estrelas piscavam [...]. 1929 Idem *Sinházinha* xxi. 212: Da capanga tirava punhados de passóca, que, de longe, atirava na bôca, sem perder um grãozinho de farinha torrada. 1929 G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* xvi. 291: O feiticeiro segurou a cuia de farinha nos joelhos, deitou dentro um pouco de paraty e de azeite e, rezando sempre, mexia com a mão até fazer uma

passoca. 1938 R. Morais *Os Igaraúnas* vi. 73: — Olho de sogra, baba de moça, fios d'ovos, sem falar nas passocas de castanha do Pará e de cajú. 1946 Guimarães Rosa *Sagarana* 35: Ele foi por uma banda e vai voltar pelo outro lado, e vem me contar passoca de novidades, tudo o que os vaqueiros estão conversando e fazendo, ou deixando de fazer.

pacova *s.f.* Var.: 5 *pacòua*, 5-7 *pacoba*, 6 *pacóua, pacoua, pacôba*, 6-9 *pacova*, 8 *pacóva* [< T. pa'koŋa ~ VLB. I. 51: *Banana* = Pacôba].

Banana; *por extensão* (v. abon. 1888), homem mole, indolente, fraco.

*a*1576 Gândavo *Trat. Prov. Brasil* (ms. do British Museum) 825-853: Tambem ha hũa fruita que lhe chamão banânas, & pella lingoa dos indios pacôuas, ha na terra muito abundançia dellas: pareçẽ se na feição com pepinos, naçem nũas aruores muy tenrras e naõ saõ muito altas nẽ tem Ramos se não folhas mui compridas & largas, estas banânas criaõ se em cachos, algũ se acha q̃ tem de çento e sincoenta para çima, & muitas vezes ẽ tangrande o pezo dellas q̃ faz quebrar a aruore pello meyo. Como saõ de vez colhem estes cachos e de pois de colhídos amadureçẽ. E tanto q̃ estas aruores dão hũa fruita logo as cortão porque não frutifiçaõ mais q̃ a primeira vez e tornão á rebentar pellos pẽes outras nouas. Esta he huã fruita mui sabrosa e das bõas q̃ ha na terra, tẽ hũa pelle como de figo, a qual lhe lançaõ fora quando as querẽ comer, & se comẽ muitas dellas fazẽ dano a saude, e causaõ febre a quem se desmanda nellas. E assadas maduras são muito sádias e mandão se dar aos infermos. Com esta fruita se mantẽ a maior parte dos escrauos desta terra porq̃ assadas verdes passão por mantimento & quasi tem sustançia de pão. *c*1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 23: Pacoba: Esta he a figr^a^ q̃ dizem de Adaõ, nẽ he aruore, nẽ erua porq̃ huã parte se faz m^to^ grossa, e cresce ate 20 palmos em alto, o talo he m^to^ mole, e poroso, as folhas q̃ deita, saõ fermosissimas, e alguãs de comprim^to^ de huã braça, e mais, todas raxadas como ueludo de bragança, taõ finas q̃ se escreue nellas, e taõ uerdes, e frias, e frescas q̃ deitandose hũ doente de febres sobre ellas fica a febre temperada com sua frialdade. saõ m^to^ frescas p^a^ enramar as casas e Igreias. Esta erua deita em cada pee m^tos^ filhos, cada hũ delles dá hũ cacho cheo de hũs como figos q̃ terá as uezes duzentos, e como está de uez se corta o pee em q̃ está o cacho, e os outros uaõ crecendo, e assi uaõ multiplicando in infinitũ a fruita se poẽ a madurar e fica m^to^ amarella, gostosa, e sadia, maxe^e^ p^a^ os enfermos de febres, e peitos q̃ deitaraõ sangue, e assadas saõ gostosas, e sadias. He fruita ordinaria de q̃ as hortas estaõ cheas, e saõ tantas q̃ he huã fartura, e damse todo o anno. 1585 Idem *Informação* fl. 74*v*.: [...] tem muitas fruitas .s. Nanazes, pacobas, e todo anno ha fruita no refeitorio, [...]. 1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. L. 5): Pacoba é uma fruta natural desta terra, a qual se dá em uma árvore muito mole e fácil de cortar, cujas fôlhas são de doze a quinze palmos de comprido e de três e quatro de largo; as de junto ao ôlho são menores, muito verdes umas e outras, e a árvore da mesma côr, mas mais escura; na Índia chamam a estas pacobeiras figueiras e ao fruto figos. [...] mas no inverno não há tantas como no verão, e a estas pacobas chama o gentio pacobuçu, que quer dizer pacoba grande. [...] Há outra casta, que os índios chamam pacobamirim, que quer dizer pacoba pequena, que são do comprimento de um dedo, mas mais grossas; estas são tão doces como tâmaras, em tudo mui excelentes. 1624 S. E. Silveira *Relação do Maranhão* fl. 11*v*.: Guayauas, Araçases, cajáses, guajarases, pacóuas, & Bananas, Bacoris, coquinhos de Palma, & outros de fazer azeite como os de Guiné; [...]. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 182: pacoveira piquena he hũa aruore não m^to^ grande tẽ grande folhada m^to^ cõprida e a aruore he m^to^ mole que pa milhor dizer he como falo, por q̃ cõ hua faqua se corta facilm^te^ por grosa q̃ seia e deita de sy m^ta^ aguoa da frutta q̃ chamão pacoua não m^to^ coprida nẽ grosa ẽ cachos q̃ alguns tẽ a mais de sentto he boa frutta a flor branca e amarela a fruta he fria desy a cor da aruore he uerde negro as pacouas copridas q̃ chamão da terra são milhores a aruore da mesma feisão saluo a cor q̃ tira a uermelho da grãodes cachos e as pacouas são grandes e milhores e de milhor gosto e não tão frias como as outras. 1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* I. § 141. 87: [...] outros [vinhos] de pacôba, a que chamão pacouy: [...]. *a*1667 Heriarte *Descr. Maranhão , Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 169): Tem [esta ilha] muitas fructas, ananás pacovas, batatas, canas de assucar, quarazes, guriazes, tamataranas, laxaces, melões, balancias, uvas, figos, romans, limoens, laranjas e outras muitas. 1685 J. S. Ferreira *Noticiário Maranhense* i. 33-34: E se Damas ha no Brazil da meza saõ as pacouas; fructa de todo o anno; cento E tantas en cada cacho, a mais pintura naõ permite a modestia; mas boa fructa para gente sadia, E tambem a todo o doente se da asada como huã piquena de marmelada. *c*1698 J. F. Betendorf *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 245: [...] veio encontrar-nos um alferes da aldêa de Varucura com um cacho de pacobas, [...]. Idem *Ib.* 178: João Corrêa, ainda que esforçado Portuguez, tinha medo delle, e já não queria comer as pacovas que vinham de sua casa [...]. 1757 D. L. Couto *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 63: Em fazer varias castas de vinhos, engenhosos alguns, contão trinta e duas especies. Huns feitos da fruta a que chamão cajà, outros de Aipy, e sao de duas castas a hũa chamão cavycaraçú, a outra cavymachaxera; outros fazem de banana, a que chamão pacoba, outros de milho, a que chamão abativy; outros de ananaz, que chamão nanavy, he generoso, e eficaz; outros de batata que chamão jetivy. 1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 184: [onça] — paca sororóca — isto é, banana ou pacova brava, pela semelhança da côr com esta planta *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 263: [Arvore fructifera] Pacova ou banana, de diversas especies. 1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 12-13: [...] bem como as do *cauassú*, e *pacóva sororóca*, que em nada mais differe da bananeira commum, senão em começarem as folhas da terra para cima, e não fructificar bem [...]. Idem *Ib.* 13: [...] como a *pacóva catinga* mais pequena, e que somente serve para medicamentos: [...]. Idem *Ib.* 18: [*Nota de rodapé*] Costuma-se nesta Provincia seccar ao sol as bananas, mais conhecidas pelo nome de *pacóvas*, que adquirem assim um gosto e cheiro agradavel, sendo neste estado mui nutritivas: das verdes usam os Indios em lugar da farinha de mandioca, torrando-as previamente ao fogo; outros as cozem, e da curta chamada de S. Thomé se estrahe vinagre especial. 1876 Couto de Magalhães *O Selvagem* II. ii. 29: Esses aterros conservam ainda vivos os testemunhos de sua agricultura porque são povoados de bananeiras (pacova é o nome tupi de que fizemos pacova nome pelo qual a fructa é conhecida em todo norte). 1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 3): Ao fim do jantar, quando começavam a comer a sobre mesa, umas enormes pacovas amarellas acompanhadas ainda com muita farinha, [...]. 1888 Inglês de Sousa *O Missionário* II. vii. 36: Descobriria tudo porque os Maués eram uns pacovas sem habilidade alguma, capazes de ir offerecer a igarité ao próprio Valladão. 1928 M. Andrade *Macunaíma* ii. 26: Jiguê viu que a maloca estava cheia de alimentos, tinha pacova tinha milho tinha macacheira, tinha aluá [...]. 1938 R. Morais *Os Igaraúnas* xx. 239: [...] que se inscreveu na Historia do Brasil uma epoca pre-bananica, isto é, um tempo em que a pacova (tupi) e a musa (arabe) ainda não existiam sob a luz do Cruzeiro.

pacoval *s.m.* Var.: 5-6, 8 *pacoval*, 6 *pacoual* [< pacov(a + -al].

Plantação de pacovas; bananal.

1556 in ABN, LXXXII. (1962) 105: [...] em a qual terra ele Sup.^te^ fez e tem aproveitado muita dela, onde tem muitas roças, e pacovais, [...]. 1614 in RIC, XXIII. (1909) 135-136: Ha data oitenta e seis deu jeronimo dalboquerque a dominguos sirguo em honze de outubro de seis centos e sinco annos, he de mea leguoa de terra, em quadra no ryo de jacryhú, o qual comessa de hu pacoual de jacumahu pello ryo abaixo ficando o ryo em meio, nunca fez bemfeitorias, esta dada as filhas de manoel rodrigues, serue pera guados e mantimentos. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fls. 108*v*.-109: [...] formaraõ deleitoza sombra grandes pacouais cujo fruto se chama do mesmo nome, posto que na jndia pello contrario saõ conhecidos por figuos hũs grandes e outros mais piquenos, de diferentes castas e feições guostozas no comer e de bom cheiro das coais ha numero infinito [...]. *c*1698 J. F. Betendorf *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 224-225: [...] e como tambem não havia pacovas nem laranjas, plantou o irmão João Fernandes um bem grande pacoval em a ilha de S. Francisco, que até hoje persiste, [...]. 1888 Inglês de Sousa *O Missionário* (2ª ed., 1899, II. x. 206): A um cacaoal de cerca de trezentos pés [...] unia-se um cannavial [...] logo ao pé um pequeno pacoval se occultava por traz d'um renque de floridas laranjeiras, onde se aninhavam titipuruhys e rouxinoes de peito amarello, saltitantes e canoros.

pacoveira *s.f.* Var.: 5-6 *pacobeira*, 6 *pacoueira*, 6, 8 *pacoveira* [< pacov(a + -eira].

Bananeira.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. L. 5): [...] árvore muito mole e facil de cortar, cujas folhas são de doze e quinze palmos de comprido e de três e quatro de largo; as de junto ao ôlho são menores, muito verdes umas e outras, e a árvore da mesma côr, mas mais escura; na Índia chamam a estas pacobeiras figueiras e ao fruto figos. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 103: [...] e assim huns cachos que tem hũa fruta semelhante a amexas que se produzem de hũas pacoueiras piquenas, [...]. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 182: pacoveira piquena he hũa aruore não m^to^ grande tẽ grande folhada m^to^ cõprida e a aruore he m^to^ mole que pa milhor dizer he como falo, por q̃ cõ hua faqua se corta facilm^te^ por grosa q̃ seia e deita de sy m^ta^ aguoa da frutta q̃ chamão pacoua não m^to^ coprida nẽ grosa ẽ cachos q̃ alguns tẽ a mais de sentto he boa frutta a flor branca e amarela a fruta he fria desy a cor da aruore he uerde negro as pacouas corpidas q̃ chamão da terra são milhores a aruore da mesma feisão saluo a cor q̃ tira a uermelho da grãodes cachos e as pacouas são grandes e milhores e de milhor gosto e não tão frias como as outras. 1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 87. 162: Pacobeiras, & bananeiras; seu fruto he de todo o anno; suas folhas por mui uiçosas chegaõ a ter de comprimento vinte palmos, & atẽ quatro ou cinco de largo. *c*1698 J. F. Betendorf *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 156: [...] summo de algumas ervas, e com ella escrevia

em as folhas grandes de pacobeiras [...]. **1888** Inglês de Sousa *O Missionário* (ed. 1899, II. viii. 102): [...] grandes jacuruarús pardos, deixando o esconderijo dos tocos de pau, arrastavam-se pelo chão, ou trepavam aos troncos, silenciosos e rapidos, á caça dos gafanhotos inoffensivos que, desmaiando de susto, tentavam confundir-se com as folhas claras das pacoveiras selvagens.

pacu *s.m.* Var.: 7-8 *pacú* [< T. *pa'ku].

Nome comum a vários peixes da família dos caracídeos.

*c***1777** F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 259: [Peixe de menor corpulência] Pacú. **1783** M. C. Abreu *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 263: Os peixes que ha neste rio, além da abundancia, são especialissimos, porque de todas as formas que sejam beneficiados não tem variedade o sabor, pois são notaveis os dourados, saupes, piraguajuras, pacuy, pacús, suruvy, piraguaxiara e jahús, [...]. **1792** F. O. Barbosa *Noticias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 23: Os peixes que ha no rio Tieté, além da abundancia, são especialissimos; cujos nomes são: [...] pacús, suruvis, [...]. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 212: Entre outras especies de pescado ha doirados, saupés, pacús, piracanjuvas, surubins, piracambucús, jahús, e piraquaxiáras. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 34: [...] os *jandiás, surubins, pacús, piranambús, pirarâras, pirapucús, acarís, piraandirás,* semelhante na cabeça a um *morcégo,* do qual tomou o nome; [...]. **1874** Taunay *Histórias Brasileiras* 145: Pacalalá ia já pescar no rio Aquidauana distante umas 16 leguas e ficava muitos e muitos dias entretido em preparar e seccar os saborosos pacús, que abundão n'aquelle rio. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 57): A pasmosa variedade de peixes do Amazonas recolhe-se tambem para elles nesse tempo, [...] o pacú [...]. **1888** Inglês de Sousa *O Missionário* (ed. 1899, II. viii. 112): Haviam largado o porto em que passaram a noite chuvosa, e alguma cousa confortados com o regalo de dous gordos pacús que, por milagre: Macario pescara e assara no espeto. **1895** J. Veríssimo *A Pesca na Amazónia* I. vii. 107/108: Os peixes de piracema chamados, isto é, aquelles que arribam em bandos numerosos, são o jaraqui, a piramutaba, o curimatá, o aracú, o pacú, [...].

pacuã *s.m.* Var.: 8 *pacuan* [< T. ?].

V. abon.

1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 14: [...] *pacuan,* pequeno capim, cuja raiz serve de remedio contra as molestias dos olhos; [...].

pacuera *s.f.* [< T. ?].

Fressura de boi, de porco, de carneiro etc.

1928 M. Andrade *Macunaíma* xvi. 236/237: Enquanto ia, Macunaíma tirou a canela de sassafraz das brasas enguliu a pacuera inteira sem mastigar e ficou bem sossegado esperando.

pacuí *s.m.* Var.: 7 *pacuy* [< T. *paku'i < *pa'ku 'pacu' + 'i 'pequeno'].

Espécie de pacu.

1783 M. C. Abreu *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 263: Os peixes que ha neste rio, além da abundancia, são especialissimos, porque de todas as formas que sejam beneficiados não tem variedade o sabor, pois são notaveis os dourados, saupes, piraguajuras, pacuy, pacús, suruvy, piraguaxiara e jahús, [...].

pacupeba *s.f.* Var.: 7 *pacupeva,* 9 *pacupeba* [< T. *paku' peɣa < *pa'ku 'pacu' + 'peɣa 'chato'].

Espécie de pacu.

1783 M. C. Abreu *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 263: Além dos referidos peixes ha outras qualidades de que não fazem caso por não darem as conveniencias daquelles e são muito excellentes de comer, cujos nomes são: bagres, piavas, pacupevas, piracururús, ximburés, jurupoca, e jurupenden. **1930** G. Cruls *A Amazónia que eu vi* 95: Continúo, porém, na dieta. Aliás, uma dieta engraçadissima, que sendo a unica que consigo aqui, jamais poderia ser prescripta num meio civilizado. Senão vejamos: canja de jacamim, sopa de cutia, caldo de mutum, pacubeba cosida [...].

paiauaru *s.m.* Var.: 8 *paiauarú* [< T. ?].

Bebida fermentada que os indígenas preparavam com a farinha de mandioca e sumo de frutas.

1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 115: [...] outras vezes usam nos seos dias de festa da *catimpoeira* ou *paiauarú,* summamente nojenta, e cuja operação he da competencia das indias velhas. Idem *Ib.* 133: Sua cultura reduz-se a uma pequena plantação de mandioca, não tanto para a reduzirem a farinha quanto para o fabrico do *caxiri,* ou *paiauarú,* sempre usado nos dias de regosijo e batatas doces, que misturadas com a mandioca fermentada, formam outras bebidas que embriagam conhecidas por *murumurú,* e *caecuma:* [...].

pajamarioba *s.f.* Var.: 6 *pajemarioba,* 7-8 *pagémarioba,* 7 *pajé merioba, pagimarioba* [< T. paɣemari'oɣa 'fedegoso'].

Planta da família das leguminosas; fedegoso.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* ii. fl. 53: [...] muito fasil que he o que se costuma fazer nesta terra tomaõ hu piqueno de tabaquo por outro nome erua santa em falta de outra erua aque chamaõ. pajemarioba — epizada com summo de limaõ mettem hũa piquena cantidade della no seso do enfermo ese está doente do bicho lhe causa grande ardor e pello contrario naõ tem nchũ ou caze nada, e esta erua pizada com o sumo de limaõ cura tambẽ grandemẽte a mesma ẽnfermidade. *c***1763** J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 204: [Na villa de Santarém] Há *pagé marioba,* cujas folhas ou raizes cozidas são admiraveis nos defluxos e diuphoreticas, e outras muitas. *c***1767** J. Daniel *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, III. (1841) 291: [Ha muitos outros modos de suadoros muito usados na America] Cozem em um tacho ou panella bastantemente grande algumas hervas medicinaes como são mocura caa, pajé, merioba, e muitas outras aperientes; [...]. Idem *Ib.* 293: [A segunda doença muito usual na America são catarrhos,] Para os curar usam tambem muito de sudoriferos, já por fóra em suadouros, e já por dentro em xaropes, os quaes tem excellentes os Americanos, já na aguardente queimada, já no chá ordinario, café, e muitas outras hervas sodoriferas: e sobre todas a raiz de pajé merioba, que obra prodigiosa, mais que o chá de violas, o chá de pimenta cozida, cebolas, e outros das boticas. *c***1777** F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 264: [Plantas e hervas] Pagimarioba: especifico singularissimo para as febres catarráes. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 223): [...] coberto de plantas bravas, entre as quaes a pagémarioba, que fornece aos habitantes o desagradavel café dos seus grãos, e espalha em derredor o enjoativo cheiro das suas flores amarellas, sobre que esvoaçam zumbindo grandes bezouros negros.

pajé *s.m.* Var.: 5-9 *pagé,* 5 *pagez, pagê,* 5-7, 9 *pajé,* 6, 8 *payé,* 6 *paye, paiè* [< T. paɣ'je ~ VLB I. 137: *Feiticeiro* = Paje. Pajeangaiba. Algũa diferença fazem entre estes dous porque o spirito do primo. (*scil.* primeiro) tudo o q. faz he em fauor comũ como he dar uitoria nas guerras et simil e por isso aiuntão muitas uezes a este nome catũ ut. Pajecatũ. 1. bõ. O spirito deste se chama Goajupia. O outro he inclinado a matar, e causar diuersas infirmidades, fomes e fazer auzentar o peixe das pescarias etc. e por isso tem por adjetivo aiba, 1, angaiba, 1, mao. E são muitos os diabos de que se aiuda. Tambem se chama Moçanguijara, que quer dizer senhor das mesinhas ou feitiços, pollos q. faz pera matar. *Ib.* II. 62: *Padre por ordens, ou habito* = Abarê. Paje].

Chefe espiritual entre os indígenas; feiticeiro.

1551 P. Correia *Carta* in S. Leite *Cartas* I. (1956) 220: Por todos os luguares e povoações que passavamos me mandava preguar-lhe nas madruguadas; [...] porque emtão era custume de lhe preguarem os seus principaes e Pagés, a que elles muyto crem. **1557** Anchieta *Carta* in S. Leite *Cartas* II. (1957) 366: [...] e são elles de tal natureza e condição que mais creem a qualquer mentira dos seus, que a quantos lhes pregamos; e se lhes diz isto algum dos seus feiticeiros, a que chamam pagés, nenhuma cousa teem por mais verdadeira, ainda que destes nenhum ousa vir aqui senão ocultamente, porque os reprendemos mui gravemente. **1566** D. Góis *Cr. D. Manuel* I. lvi. fl. 53: São muitos dados a agouros, & feitiços, & deste officio há entrelles homẽs, e molheres a que chamão pagés, ahos quaes crem tudo ho que dizẽ, & hos tem em muita estima, & acatamento. Idem *Ib.* fls. 53-53*v.*: E stão assi neste desatino amcaçã muitos á morte, & em qulqr tempo que depois morrem, dizẽ hos outros q̃ viuera muito mais se ho pagés ho não amcaçara, a qualquer lugar a que vem lhes fazem muita festa, & hos reçebem cõ danças, & lhes dão tudo ho que hão mister: allem disto lhes abrem, & concertam hos caminhos per onde passam, & por festa lhes comuniquam has mais fermosas molheres da terra casadas, & solteiras. **1567** B. Fernandes *Carta* in S. Leite *Mon. Brasiliae* IV. (1960) 426: Os ritos que há entre elles [*os índios*] são: terem mancebas, crerem muito seus feiticeiros, de tal maneira que ainda que lhes preguemos contra as mintiras dos seus pagezes quanto se pode dizer, se hum pagez lhe diz huma soo palavra em contrario, aquella creem mais e seguem que quanto nós dizemos; e, se vão a alguma guerra com grandissimos trabalhos, se lhe diz hum pagé que se tornem ou an-de morrer, ou que dem guerra ainda que todos morram nella, ham-de crê-lo. **1584** Anchieta *Informação do Brasil* fl. 52*v.*: O que mais crẽ e de que lhes naçe muito mal he que em algũs tempos algũs dos seus feiticeiros que chamão Pagẽ inuentão hũs bailos e cantares nouos [...]. **1587** G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. clxi. 264): Entre êsse gentio Tupinambá há grandes feiticeiros, que têm êste nome entre êles, por lhe meterem em cabeça mil mentiras; os quais feiticeiros vivem em casa apartada cada um por si, a qual é muito escura e tem a porta muito pequena, pela qual não ousa ninguém de entrar em sua casa, nem de lhe tocar em cousa dela; os quais pela maior parte não sabem nada, e para se fazerem estimar e temer tomam êste oficio; por entenderem com quanta facilidade se mete em cabeça a esta gente qualquer cousa; mas há alguns que falam com

diabos, que os espancam muitas vêzes, os quais os fazem muitas vêzes ficar em falta com o que dizem; pelo que não são tão cridos dos índios como temidos. A êstes feiticeiros chamam os Tupinambás pajés; [...]. *c*1596 S. Travaços *Declaração do Brasil* xxxii. fl. 26*v*.: [...] a estes feiticeiros chamaõ pagés; os quais se se escandalizaõ de algũ Indio lhe naõ dar sua filha, ou qualquer outra cousa que lhe pedem, [...]. 1648 M. Calado *O Valeroso Lucideno* V. iii. 323: [...] & entre elles vinha hũa India cõ hum alfange na mão, a qual vinha dizendo. Eu sou onça, & tigre, & com estas vnhas hei de despedaçar as carnes aos Portugueses, & os hei de comer assados, E cozidos. A esta chamauão estes Indios rebeldes, Pajé, que quer dizer feiticeira, & profetisa, & Anhanguiara, que quer dizer Senhora dos Demonios, & pranteadeira dos mortos. 1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* I. § 75. 47: Que antes de chegar o diluuio hauia hum homẽ de grande saber, a que elles chamauão Payé (que val o mesmo que mago, ou adiuinhador, & entre nós Propheta) o qual tinha por nome Tamanduarẽ & que o seu grande Tupá, que quer dizer Excellencia superior, & vem a ser o mesmo que Deos, fallava com este, & lhe descobria seus segredos: [...]. Idem *Ib.* II. § 16. 109: Aquelles (a que chamaõ Payes, ou Caraybas) cõ falsas apparẽcias os enganão: [...]. Idem *Cr. Comp. Jesus no Brasil* III. § 15. 294: Punhalhes exemplo: Se nosoutros temos medo de nossos Payés (saõ seus feiticeiros,) & não ousamos offendellos; quanto mais o deuemos ter destes Abarés (assim chamaõ aos Padres) que saõ verdadeiros Payés, fallaõ com Deus, & nos lançaràõ (se quiserẽ) camaras de sangue, & febres malignas, com que todos morramos? Idem *Ib.* III. § 25. 302: Satisfeitos os Barbaros cõ a esperança de tão boas peças, dando inteiro credito a Ioseph, q̃ tinhaõ por Payéguaçú dos Christãos, desistiraõ, e viraõ cõ seus ólhos o effeito, assi como Ioseph o pintára: [...]. *a*1667 Heriarte *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 172): [Os índios] prezam-se de muito fallar com o demonio, e têm por mui certo o que lhe diz: entresi têm muitos feiticeiros a que chamão *Paiès*, que lhes servem de fizicos em suas enfermidades, e os curaõ dellas bebendo tabaco, e chupando a enfermidade. 1679 R. Jesus *Castrioto Lusitano* I. vii. 471: Chamavaõ-lhe os naturaes Pagé, que em sua lingoa soa prophetiza: & Anhaguiará, que he o mesmo, que senhora de demonios; [...]. *c*1698 J. F. Betendorf *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXXII. (1909) 338: Aconteceu, que estando em aquela gloriosa missão, trataram os indios de matal-o por má persuasão de seus feiticeiros a que chamam pagés [...]. 1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 368: Achámos uma mulher [na villa de Veiros, que algum dia se chamou Itacurussá] tida e havida por feiticeira, a quem os indios temem muito, e a todos os seus chamados pagés, isto é, uma especie de saudadores, que varias superstições fingem ter pacto com o demonio, e que por isso curam com varias hervas e com o bafo, o qual, para este effeito, espertam com muita aguardente e vinho de raizes; então sopram fortemente, e costumam persuadir aos outros que bebam e dansem ao horrendo som de uma taboca e tambor. *c*1767 J. Daniel *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, (1840) 494: Tem porêm alguns Indios, aos quaes muito respeitão, não porque os venerem por sacerdotes, e muito menos por deozes, mas porque cuidão que elles tem algum superior poder para os castigar e maleficiar, como entre nós os feiticeiros; e os differencão com o nome de *Pajés*, que em rigor significa medico, ou mezinheiro, e uns os respeitão por veneração, e outros por medo: estes os temem, e aquelles os amão. 1781 Durão *Caramurú* IV. iii. 128: Tu rápido Pagé, foste o primeiro, | De quem o negro sangue o campo inunda; |. 1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 114: Quando doentes o mato lhes fornece todos os medicamentos, porém se o erro da cura, ou o não acertarem com a enfermidade faz progredil-a, suppoem logo provir isso de feitiço, e para o curarem chamam os seos *payés*. [*Nota de rodapé*] Esta preocupação está geralmente radicada na Provincia do Pará, mesmo entre muitas classes heterogeneas: saõ os *payés* quasi semelhantes aos *quakers* da Pensilvania; persuadem estes embusteiros curar todas as enfermidades derivadas do que chamam feitiço, e acham muitas pessoas que acreditam a despeito de provas funestas do tal resultado. 1851 G. Dias *Últimos Cantos* (ed. 1865, II. 86): E no feretro de montes | Enconcusso, immovel, fito, | Escurece os horizontes | O gigante de granito: | Com soberba indifferença | Sente extincta a antiga crença | Dos Tamoyos, dos Pagés; | Nem vê que duras desgraças, | Que lutas de novas raças | Se lhe atropellão aos pés! Idem *Ib.* 250: — *Pagés* erão os sacerdotes, os augures, os medicos dos indigenas de todo o litoral do Brasil — os mesmos que nos "Primeiros Cantos" dei o nome de piagas. 1856 D. Magalhães *A Confederação dos Tamoyos* II. 34: Um Deos adoram, que dispara o raio, | E que pelo trovão aos homens falla: | Tupan se elle nomeia; os seus ministros | São os payês, entre elles venerados. 1865 J. Alencar *Iracema* (3ª ed. 1878, v. 20): O velho pagé que vellou toda a noite, fallando ás estrellas, conjurando os máos espiritos das trevas, entra furtivamente na cabana. 1866 Idem *As Minas de Prata* V. ix. 235-236: Ahi pousaram dias, á tiro de arcabuz de uma grota profundissima, bem conhecida dos bandeiristas por *cova do feiticeiro*, que o gentio chama *cova do pagé*. Idem *Ib.* VII. i. 6: O velho pagé lá está acocorado na crista do rochedo. 1869 B. Guimarães *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. ii. 55): — Seja como dizes, replicou Oriçanga; seja o estrangeiro recolhido em um dos aposentos de minha taba; os pagés pensem suas feridas, e ministrem-lhe todos os cuidados que reclama seu estado, e vejão se lhe restituem a vida. 1874 J. Alencar *Ubirajara* vi. 107: O grande pagé esfregou na pelle vermelha, o suco de uma herva delle conhecida; [...]. 1875 Machado de Assis *Americanas* 15: Ha de ao frio luar das longas noites | O pagé suspirar sozinho e triste | Sem povo nem Tupan!" 1876 Couto de Magalhães *O Selvagem* II. v. 121: As crenças e superstições indigenas passaram todas para o nosso povo, e os deuses dos Tupis vivem ainda em nossos campos, vida tão real como a que lhes davam os aborigenes, no tempo em que seus *pagés* (e não piagas) os adoravam; [...]. 1877 B. Guimarães *Maurício* II. vii. 78: Irabussú, seu pae, era um illustre pagé, o que era entre os indigenas um titulo da mais alta distinção, [...]. *a*1884 Idem *O Bandido do Rio das Mortes* (ed. 1905, viii. 91): É que os selvagens, principalmente os velhos pagés como Irabussú, carregados de annos e de experiencia, [...] sabem calcular o tempo quasi com a mesma exactidão com que o calcula o homem civilizado que traz o seu chronometro na algibeira. 1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 72): Só restava neste caso o meio indicado por ella ama, do qual estava segura, graças ao conhecimento que tinha de umas certas hervas, aproveitadas por curandeiras e pagés para quejandos fins. 1888 Inglês de Sousa *O Missionário* (ed. 1899, I. vi. 318): [...] dizia agora, provocando lagrimas, as lutas que teria de travar com o selvagem, expondo o peito desarmado e nú ás flechas hervadas, combatendo com paciencia evangelica os furores da ignorancia, o odio dos pagés, a vingança da raça opprimida e humilhada, [...]. 1910 H. Campos *Poeira* 215: Eis uma alma penada: é a triste embiara | De um pagé poderoso e vingativo, | Que um misero cabôclo condemnára | A morar dentro dagua emquanto vivo. 1911 A. Maia *Tapera* 91/92: Era supersticiosa: guardava intacta a herança de terror da gente velha, mixto de africano feiticismo e da cabala dos pagés; [...]. 1928 M. Andrade *Macunaíma* iv. 44: Quando o pagé velho tirou a noite do buraco outra vez, Titçatê ajuntou as florzinhas perto dele e veio com elas prá rede da minha última noite livre. 1929 G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* vi. 82: Era a transfiguração das grandes tóras de jacarandá e sucupira, que ardiam deante dos olhos antigos e tornavam espectraes os indios pagés e as feiticeiras negras. 1930 G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 316/317: Só mais tarde soubemos que, durante aquelle tempo, elle estivera *actuado* pelo "Sacaca", o pagé do fundo do rio, e dahi o seu estado de angustia. 1933 G. Ramos *Caetés* iii. 19: De repente imaginei o morubixaba pregando dois beijos na filha do pagé. 1938 R. Morais *Os Igaraúnas* i. 11: Dono delle era finado Desiderio, que Deus haja, pagé que levantara a espinhéla cahida do marido de D. Zambelinha. 1946 Guimarães Rosa *Sagarana* 235: Havia muita ruindade mansa no pajé espancado, e a minha raiva, passara, quase por completo, tão glorioso eu estava.

pajelança *s.f.* Var.: 9 *pagelança, pagélança* [< pajé + -(l)ança ~ Na formação do voc. deve ter havido influência de *comilança* (< comil(ão + -ança), o que explicaria o -l- espúrio; cumpre lembrar que nos locais onde se realizam as práticas há sempre abundância de comida].

Ação de pajé; feitiçaria, bruxedo; local onde se pratica feitiçaria.

1928 M. Andrade *Macunaíma* i. 10: [...] e numa pagelança Rei Nagô fez um discurso e avisou que Macunaíma era muito inteligente [...]. Idem *Ib.* iii. 31: [...] suavam feito numa pagelança [...]. 1929 G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* xvi. 303: Não digam nada, não falem assim, vosmecês são crianças, não sabem a maldade desses mandingueiros. Aqui chamam isto "despacho", nós, lá no Maranhão, chamamos de "pagélança".

panacu *s.m.* Var.: 5 *panicum*, 5-6, 8 *panacu*, 5 *panecu, panicu*, 7 *panacú*, 8 *panacum*, 9 *panací* [< T. pana'ku ~ VLB I. 82: *Corda do Panacú com que se ata o q. uai nelle, e a outra q. uai pollas bordas feitas em aselhas por onde se ella mete* = Popeçãma, ut, Panacũ popeçãma. A que uai pela cabeça do que o leũa he somentes. Yxama ut Panacũçãma (...)].

Cesto grande, canastra.

1557 Nóbrega *Diálogo* (ed. S. Leite, 1955, 242): He verdade, porque estes [*índios*] se lhe deitais a morte, cuidão que os podeis matar, e morrerão da imaginação pello muito e sobejo que creem; e crem que o panicum há-d'ir à rossa, e outras cousas semelhantes que seus feiticeiros lhes metem na cabeça. 1557 *Alvará de D. João III* in S. Leite *Cartas* II. (1957) 358: Faço saber a vós, Meu Governador das Partes do Brasil, que ora sois, e ao diante fordes, e aos Provedores de Minha Fazenda em ellas, que eu hei por bem, e me praz, que aos 28 Padres e Irmãos da Companhia de Jesus, que tenho por informação, que estão nas ditas Partes, se dê a cada um dos ditos Padres cada mez, à custa de minha Fazenda nas Capitanias, onde estiverem, quatro panacus de mandioca, e um alqueire de arroz; [...]. 1559 *Carta Régia* in S. Leite *Cartas* III. (1958) 148-149: [...] désse cada mez a cada um dos ditos vinte e oito Religiosos da dita Companhia, [...] quatro panacus de mandioca, e um alqueire de arroz, [...]. *c*1574 *Inventário* in DHA, III. (1968) 104: [...] forão avalliados os dous panecus em hum tostão.

*c*1584 CARDIM *Origem dos Índios do Brasil* fl. 1*v.*: [...] porq̃ cõ sua uinda he chegado o tempo ẽ q̃ as enxadas per si haõ de cavar, e os panicus ir as roças e trazer os mantim^tos, [...]. *c*1607 J. RODRIGUES *Relação* in S. Leite *Novas Cartas Jesuíticas* (1940) 205: Seja Deus louvado que com água do mar temperava o Padre o comer, por não termos sal, que com nos ficar ainda um alqueire em um panacu, também no-lo tomaram na Cananeia. 1711 A. J. ANTONIL *Cultura e Opulência do Brasil* I. iii. iii. 80: No Pezo, balanças, pezos de duas arrobas, & outros menores, com o da tara; Pás, & Panacûs. 1874 J. ALENCAR *Ubirajara* 183: [*Nota do Autor*] Panacum era um cesto maior com tampa. 1876 N. J. R. SOUSA *Diário* (ed. 1946, 25): [...] trouxemos 2 panacus com mandioca [...]. 1930 G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 89: Como se vê, processo perfeitamente igual ao de que se servem os indios para transportar os seus panacús.

panapaná[1] *s.f.* Var.: *α.* 5 *panamá*; *β.* 9 *panapaná, panã-panã* [A var. *α* deriva do T. pa'nama, com deslocação do acento; as vars. *β* resultam de reduplicação do T. pa'nã (forma reduzida de pa'nama) ~ VLB I. 52: *Borboleta* = Panãma].

Bando de borboletas que migram de uma região para outra em certas épocas do ano, formando verdadeiras nuvens.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cx. 117): Há outra casta de borboletas grandes, umas brancas, e outras amarelas, e outras pintadas, muito formosas à vista, a que os índios chamam panamá, as quais vem às vezes de passagem no verão em tanta multidão, que cobrem o ar, e põem logo todo um dia em passar por cima da cidade do Salvador à outra banda da Bahia, que são nove ou dez léguas de passagem. Estas borboletas fazem muito dano nos algodões quando estão em flor. 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* xxxii. 314: [...] se as borboletas do Araguaya e Tocantins faziam a migração apparente das panapanás do rio Guamá, observadas por Emilio Goeldi, [...]. 1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 287: Lés a lés, em vôo largo, de mato para mato, cruzou uma borboleta grande, uma panã-panã de céu e brilho, que, a cada vez redonda de abrir asas, parecia tornar a se recortar e desdobrar de um papel azul.

panapaná[2] *s.m.* Var.: 5 *panapaná*, 5-6 *pana pana* [< T. panãpa'nã ~ VLB I. 82: *Cornuda, peixe* = Panãpanã].

Espécie de cação do gênero *Sphyrna* (*S. tiburo*).

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxxii. 203): Panapaná é uma casta de cações, que em tudo o parecem, se não quando tem na ponta do focinho uma roda de meio compasso, de palmo e meio e de dois palmos, o qual peixe tem grandes fígados como tubarões; [...]. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 2110-2111: Cucuri, cucuritĩga, pana pana os piquenos e alguãs castas boas se comẽ [*o Autor inclui estes três nomes,* cucuri, cucuritĩga *e* pana pana, *no fim da sua descrição dos tubarões*]. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 165*v.*: pana pana da cor do peixe espada e tem a cabeca muito laria [*sic*] e desforme e tem demtes muitos Agudos e morde como hũ caxoro cu creio que deos o criou nesta forma por que não pode morder cem uirar a cabeca pera riba e por ico muito peixe lhe escapa e não cerue mais dele que os figuidos [*sic*] pera fazer azeite.

panema *s.m.* e *adj.* [< T. pa'nema ~ VLB II. 40: *Mofino* = Manema, he injuria. *Ib.*: *Mofino ficar sem porção onde se daua, ou sem presa onde os outros tomauão* = Xepanem. neut. (rece), este não he injuria. Dizemos Naimopanemi Tupã oca. i. nunca falto na igreja].

Indivíduo infeliz, caipora; tolo, imbecil.

1895 J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. iii. 37: Não sendo "panema" ou não estando "caipora", póde um pescador, em sitio abundante de pirarucús, pescar assim oito, dez e mesmo doze em uma manhã. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* iv. 49/50: Uma feita em que deitara numa sombra enquanto esperava os manos pescando, o Negrinho do Pastoreio pra quem Macunaíma rezava diariamente, se apiedou do panema e resolveu ajuda-lo. 1930 G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 129: [...] ouvi o Vicente que exclamava, quando elle, como sempre, tornava de uma praia, de mãos abanando: — "Oh cabra desinfeliz! Isso é que é ser mesmo panema. Deixa as covadas com os ovos e volta da caça sem nada." 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* i. 11: Eu, antão, segui esses panemas safados.

panemice *s.f.* [< panem(a + -ice].

Infelicidade, azar.

1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* ix. 110: — Aquillo é pr'a tudo: ferida, sarna, espinhela, dôr de cabeça, callo duro, pustêma, panarico, cobreiro, até panemice ella cura.

papa-capim *s.m.* [< papa (< papar) + capim].

Pássaro da família dos fringilídeos.

1789 F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 81: Papa-capim, nome vulgar, passero menor: que huma milheirinha com o collo curto; bicco grosso, [...] Habita pelos matos; nutre-se de sementes de herva. 1876 F. TÁVORA *O Cabeleira* iv. 75: — Dê-me o meu preá, mamãi. Quero espetal-o vivo como fiz hontem com o papa-capim. 1915 LIMA BARRETO *Policarpo Quaresma* II. iv. 134: [...] pelo correr do dia, eram os sanhassús a cantar nos galhos altos, os papa-capins, as nuvens de colleiros; [...]. 1935 JORGE DE LIMA *Calunga* I. 16: De junto do homem dos passaros, o secretario trazia um papa-capim ensinado, bebendo agua num dedal, amarrado pelo pé.

papiri *s.m.* Var.: 9 *papiri, paperi* [< T. ? ~ Cp. TAPIRI].

Abrigo rústico: v. abon. 1938.

1928 M. ANDRADE *Macunaíma* vi. 73: Maanape gostava muito de café e Jiguê muito de dormir. Macunaíma queria erguer um papiri pros tres morarem porêm jamais que papiri se acabava. Os puchirões goravam sempre porquê Jiguê passava o dia dormindo e Maanape bebendo café. 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* xiv. 167: Uma barraca, quasi um paperi. IDEM *Ib.* xx. 286: Em torno da área da floresta a derrubar construiram-se varios paperis, leves casotas cobertas de folhas de inajá. 1956 GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 458: Da mulher — que me chamaram: ela não estava conseguindo botar seu filho no mundo. E era noite de luar, essa mulher assistindo num pobre rancho. Nem rancho, só papiri à-tôa.

paqueiro *adj.* [< pa(ca) + (qu)-eiro].

Adestrado na caça de pacas: v. abon.

1931 RIBEIRO COUTO *Cabocla* vi. 66: Um cachorrinho paqueiro surdia como uma bala, as quatro patas unidas no esforço supremo, passava na frente, depois afrouxava, gania, protestando, vencido pela machina. 1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 212: Cachorro não é meu sócio. [...] Porque todos êles são mesmeiros despóticos: um cotó paqueiro pensa que no mundo só existem pacas, quando muito também tatús, cotias, capivaras, lontras; [...].

paquinha *s.f.* [Diminutivo de *paca*].

Espécie de grilo-toupeira.

1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* xvii. 199: As centopeias, as minhocas, os embuás, as paquinhas, os caracóes estavam emocionados.

paracuuba *s.f.* Var.: 8 *paracuuba*, 9 *pracuúba* [< T. ?].

Planta da família das leguminosas.

1895 J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. iii. 41: As madeiras para esta preferidas são a paracuuba, o páo d'arco, [...]. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* x. 143: E então pegou na frexa de pracuúba com ponta de taboca e foi pescar caratais.

|| **paraí** (*paraj*): v. abon.

*c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1358-1361: Rolas Jaueti das daRibaçaõ de portugal pairari, paraj sebui picaipeba picuipitanga, picuiguaçu.

paraparará *s.m.* [< T. *parapara'ra].

Planta da família das bignoniáceas.

1930 G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 193/194: A matta, mais fechada dos dous lados, proporciona-nos novas peúvas em flôr. Chamo-as assim conservando-lhes o nome do Sul. O Ricardo diz-me, porém, que essa arvore é aqui mais conhecida por *paraparará*.

paraparaíba *s.f.* [< T. parapara'ĩua].

Planta da família das moráceas; embaúba.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxxi. 69): Paraparaíba é uma árvore, que se dá em boa terra que foi já lavrada, a qual em poucos anos se faz muito alta e grossa, e tem a casca brancacenta, a qual ao longe parece na brancura e grandura a álamo. Tem esta árvore a fôlha como figueira, mas os pés mais compridos, a madeira é muito mole e oca por dentro; de que fazem bombas aos caravelões da costa; e por dentro tem muitas infindas formigas.

parari *s.f.* Var.: 5, 7 *pairari*, 7 *pariri*, *parari*, 8 *pararí* [< T. paira'ri].

Pomba da família dos peristerídeos, também conhecida por pomba-de-bando, pomba-do-sertão e avoante.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxxii. 94): Pairari é uma ave do tamanho, côr e feição das rôlas, as quais criam no chão em ninhos, em que põem dois ovos, e tomam-nos em redes, e amansam-nas em casa de maneira que criam como pombas, as quais tem o peito muito cheio, e boa carne. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1358-1361: Rolas Jaueti das daRibaçaõ de portugal pairari, paraj sebui picaipeba picuipitanga, picuiguaçu. 1730 ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 66. 40: [...] as juritis, e pariris, tenras, e gostosissimas: [...]. 1781 DURÃO *Caramuru* VII. lxii. 215: Juritiz, Pararis, tenras, e gordas. 1783 M. C. ABREU *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 259: As pombas, umas se chamam trocazes, outras picaçurovas e outras pairaris. 1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 90: Como tambem as [pombas] chamadas pararis.

parati[1] *s.m.* [< T. para'ti].

Peixe da família dos mugilídeos, espécie de tainha.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxxiv. 208): Além dos peixes que morrem nas rèdes, de que fica dito atrás, se tomam nelas o que se contam neste capitulo, que não morre à linha. E comecemos logo do principal, que são as tainhas, a que os índios chamam paratis, do que há infinidade delas na Bahia: com as quais sêcas se mantêm os engenhos, e a gente dos navios do Reino, de que fazem matalotagem para o mar. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 167: parati he a tainha e ha de palmo e meio de gramdor algumas e ha muita gramde Cantidade delas nesta tera do maranhão e ce tomão muitas emfimdas e ce uio ia algum dia matarem des ou doze mil e diamte que os bramquos uiecem aqui as matauão com as frexas e canoas que tãotas herão que lhe metião as Canoas no fundo do mar e as tomauão tambem com hũs redes pequeninhas e he bom peixe de comer.

parati² *s.m.* [< T. para'ti].

V. abon.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, I. xxxvii. 317): Ha outras castas [de mandioca], que se dizem manaitinga e parati, que se começam a comer de oito meses por diante, e se passa de ano apodrecem muito: esta mandioca manaitinga e parati se quer plantada em terras fracas e de area.

parati³ *s.m.* Var.: 9 *paraty* [< Parati 'cidade do Estado do Rio de Janeiro' < parati¹].

Aguardente; cachaça fabricada originariamente em Parati.

1915 Lima Barreto *Policarpo Quaresma* I. i. 20: Sentaram-se á mesa. Quaresma agarrou uma pequena garrafa de crystal e serviu dous calices de paraty. 1920 Idem *Histórias e Sonhos* 20/21: Na venda, entre todo aquelle pessoal tão especial e curioso das vendas suburbanas: carroceiros, verdureiros, carvoeiros, de passagens; *habitués* do paraty, como os ha na cidade de *chopps*; [...]. 1929 G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* xvi. 290: Os que estavam nús vestiram-se e a maior parte da negrada veiu para o terreiro beber paraty.

pari *s.m.* Var.: 8 *parì*, 9 *parí* [< T. pa'ri ~ VLB I. 65: *Canal de tomar peixe* = Parî].

Barragem de madeira (v. abon. 1895), espécie de armadilha para apanhar peixe.

1895 J. Veríssimo *A Pesca na Amazônia* I. iv. 54/55: Com uma cerca de estacas ou um pari bastante forte tapam de antemão as saidas dos lagos, onde em geral fazem esta pesca. 1928 M. Andrade *Macunaíma* xii. 169: Então Macunaíma se lembrou de fazer uma pescaria. Porèm não podia pescar nem de frexa nem com timbó nem joticá nem cunambi nem tinguí nem macerá nem no pari nem com linha [...]. 1946 Guimarães Rosa *Sagarana* 275: — Anda, fica novo, bocó-sem-sorte, cara de pari sem peixe!

paricá *s.m.* [< T. °pari'ka].

Planta da família das leguminosas; espécie de tabaco.

*c*1698 J. F. Betendorf *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 356: De lá o veio encontrar o principal dos Irurizes com seus cavalleiros, e dadas as boas vindas, o levou para casa do paricá, feita em o meio do terreiro, para tomarem seu paricá e fazerem suas danças e bebedices. *c*1767 J. Daniel *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, II. (1840) 341: Além destes bellos trastes, alguns velhos tambem tem o seu cachimbo para se regalarem com o paricá em logar do tabaco: [...]. Idem *Ib.* 349: Tem nas suas povoações, além destas suas casas particulares, outra muito maior a que chamão a casa do Paricá, commum a todos, e é ordinariamente descoberta pelos lados, ou ao menos por um, coberta sim de pindoba, como as mais. 1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 15: [...] o *paricá* he uma arvore de mediana grandeza, cuja fructa em fórma de vagem torrada e reduzida a pó subtil he o melhor tabaco para os Indios selvagens, produz uma tal ou qual ebriedade, e alguns tomando-o com excesso nos seos festins morrem suffocados, pois que o seo aroma he mui activo; [...]. 1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 47/48): Umas arvores de cerne alvadio, rugoso, de nomes esquisitos: o magro e folhudo sorocó, o paricá falso, o uruá, [...]. 1928 M. Andrade *Macunaíma* xi. 153: Então Macunaíma fumou fava de paricá pra ter sonhos gostosos e adormeceu bem.

parinari *s.m.* [< T. °parina'ri].

Planta da família das rosáceas.

1928 M. Andrade *Macunaíma* xiii. 187: Nem bem o mascate sovertera entre as sapupiras guarubas e parinaris do mato que já o micura quis fazer necessidade outra feita.

pariparoba *s.f.* [< T. °paripa'roba].

Planta da família das piperáceas.

1815 C. J. Cardoso *Plantas de Minas Gerais* in RAPM, VII. (1902) 749: *Pariparoba, Capeba.* (Piper decamanum.) — O Cozimento da raiz desta planta he dobstruente, e diuretico: O cozimento das folhas expectorante, tomando-o com assucar; he util contra o defluxo do peito originado pela impressão de corpos frios. As folhas em forma emplastica he rezolutiva.

pariri *s.f.* [< T. °pari'ri].

V. abon.

1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 15: [...] *pariri* herva similhante ao trêvo, de que se extrahe tinta encarnada, e outras muitas, de grande uso e proveito na medicina.

parnaíba *s.f.* Var.: 8 *parnahiba*, 8-9 *parnahyba* [< Parnaíba 'cidade do Estado do Piauí' < T. °parana'ĩua].

Faca estreita e comprida.

1875 J. Alencar *O Sertanejo* I. ix. 110: Estavam armados com um arcabuz ao hombro e uma parnahiba á bandoleira. 1876 F. Távora *O Cabeleira* i. 28: Joaquim, feroz por natureza, sanguinario por longo habito, descarregou a parnahyba sobre a cabeça do primeiro que acertou de passar por junto delle. 1878 Idem *O Matuto* xxii. 319: Aquillo que reluz d'alli do canto são espadas, catanas e parnahybas. 1881 Idem *Lourenço* (ed. 1902, ix. 134): Era preciso que eu me chamasse Pedro de Lima, que já apanhou com uma bainha de parnahyba na cara. [...]. 1903 D. Olímpio *Luzia Homem* xii. 101: — O Bertho, então, veio secco em cima de mim, e correu dois palmos de faca do Pasmado — Tenha mão, capitão Bertho — disse-lhe eu, aparando o golpe, com a minha parnahyba — Tenha mão que se desgraça.

paru *s.m.* Var.: 6-7 *paru*, 7 *parù* [< T. pa'ru ~ VLB II. 70: *Peixe enxada* = Parû].

Peixe da família dos estromateídeos.

*c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 168: O paru de palmo e meio cuberto descama pequena de pardo cor de cimza pela barigua bramquo e tem os osos diguo tem dous ocos debaixo das azas da barrigua redomdos como dous ovos de hũa pomba e tem os espinhos muito grocos e he muito bom comer. 1721 F. F. Henriques *Âncora medicinal* (ed. 1731, 155): Parû. Este peixe acha-se no Brazil, não he dos mais gostosos mas come-se, e coze-se com facilidade. 1730 Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 70. 42: [...] dos naturaes, por serem infinitos, nomearemos só os mais notaveis, baleas, beyjupirâs, cavallas, garopas, vermelhos, corimàs, pampanos, carepebas, parûs, ubaranas, guaracemas, jaguaraçàs, [...]. 1781 Durão *Caramurú* VII. lxviii. 217: Carepebas, Parus, nem desestima I A grande cópia, que nos mares topa, I.

‖ **pasendo**: v. abon.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 96*v.*: [...] e outro [legume] chamado, pasendo, a modo de Canas que se tem por legume, [...].

‖ **passaraíva** (*passarayva*): v. abon.

1744 in ACSP, XII. (1918) 38: [...] para mandar vir quatro cepos de seis palmos de comprido e dois e meio de largo, de canella preta ou de jutahy, e na falta destes de passarayva para o corte do açougue.

patacu *s.m.* Var.: 6 *patacú* [< T. pata'ku ~ VLB I. 41: *Armadilha que tomba com peso ou estalando* = Mundê. Suas especies: Mundê arataca (...) Patacû com q. armão os urubús].

Armadilha.

1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* I. § 122. 75: E o que mais he, que a cada genero de caça, tem seu distinto modo de armar a hum modo chamão Patacú, a outro Mondè aratacá, a outro Poè, a outro Mondèguaçú, & a outro Mondegoaya.

patativa *s.f.* Var.: 7 *patatiba*, 8-9 *patativa* [< T. ?].

Pássaro da família dos fringilídeos.

1730 Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 67. 41: [...] patatibas, coleirinhos, canarios, e outros, que em menos ajustada solfa, tambem agradavelmente cantaõ. 1781 Durão *Caramurú* VII. lxv. 216: as Patatibas, que o saudoso pranto I Imitão, requebrando com sons varios, I. 1859 C. Abreu *As Primaveras* 198: Vozes de flauta longinqua I Que as nossas magoas aviva, I Soluço da patativa, I Queixume do mar que rólla, I Cantiga em noite de lua I Cantada ao som da viola!... 1874 J. Alencar *Ubirajara* iii. 51: "O canto que sabia de meu seio era como o da patativa ao pôr do sol, quando se recolhe em seu ninho de paina macia. 1929 G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* xv. 248: No silencio, em que tudo se entorpecia, os cantos melozos da patativa e da graúna fluiam uma frescura florestal.

pati *s.m.* Var.: 5 *pati*, 8 *patí* [< T. pa'ti ~ VLB I. 55: *Bichos q. se comẽ, e nascem dentro em paos e canas* = Bahû. Outros nascem no tronco da palmeira q. chamão Patî, (...)].

Espécie de palmeira.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lv. 26): Pati é outra casta de palmeiras bravas muito compridas e delgadas; as mais grossas são pelo pé como a coxa de um homem, tem a rama pequena, mole e verde-escura. 1856 D. Magalhães *A Confederação dos*

Tamoyos VII. 208: Presente o tenho; e como que estou vendo ! Meu velho pai ao tronco recostado ! Do grande ipê, que está do rio á margem, ! Perto de alguns patís e araçazeiros.

patiguá *s.m.* Var.: 6 *patiguá, patigoà*, 7 *patigua* [< T. patu'ỹa ~ VLB I. 65: *Canastra* = Patuguâ].

Cesto de palha.

1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* I. § 120. 74: [...] seruelhe a rede pera dormir no âr, atada, como já dissemos, de tronco a tronco: o patiguá (que he como caixa de palhas) pera guardar pouco mais ou menos a rede, cabaço, & cuya: [...]. Idem *Cr. Comp. Jesus no Brasil* II. § 125. 267: cõ tal successo, q̃ por prouidencia diuina a poucas jornadas encõtrou cõ chusma de mais de tres mil almas, homens, mulheres, & meninos, taõ carregados de suas alfaias, cabaços, cuyas, patigoàs, potes, bogios. **1757** D. L. Couto *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 61: Servia-lhe a rede para dormir, o patigua (arca de palha) para guardar rede, cabaço, cuya; [...].

patioba *s.f.* [< T. pati'oụa < pa'ti 'espécie de palmeira' + 'oụa 'folha'].

V. abon.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lv. 26): Patioba é como palmeira nova no tronco e ôlho, e dá umas fôlhas de cinco a seis palmos de comprido e dois e três de largo: é de côr verde e têsa como pergaminho, e serve para cobrir as casas no lugar onde se não acha outra, e para as choupanas dos que caminham; [...].

paturi *s.m.* Var.: 6 *potori, poteri*, 7 *patorî*, 8 *paturé*, 9 *patury, paturí* [< T. poti'rĩ ~ VLB I. 21: *Adẽ, ou ganso* = Potirî. *Ib.* I. 146: *Ganço* = Potirigguaçû].

Ave da família dos anatídeos, espécie de marreca.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 117: [...] demais das Aves de que tenho tratados. ha enfinidade de outras que se sostentaõ de pescados e pastaõ sobre os Rios e Alagoas. todas de marauilhozo guosto no comer, como saõ — Patas — e Adeñs — fermosissimas e oittra sorte desta callidade a que chamaõ — Airires — potoris — Masariquos — seriquos — colhereiras — vermelhas e branquas — que daõ marauilhozas plumajèñs [...]. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 186: O Poteri quer dizer marequa e ha de tres castas como em nosa europa e ha pouqua deferemsa na sor [*sic*] e feitio senão terem o rabo mais direito que as do nosa europa e tem muito gramde camtidade que a tera aomde elas fazem mais aseitação toda esta coberta que a min me acomteseu dum tiro matar trimta e tres fora as que esquaparão que quomeram as piranhas e he hũ pasoro tam gordo que não se podem asar e he muito bom comer. **1730** Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 66. 40: Das aves, e criações domesticas ha muy grandes gallinhas, capoens, peruns, hemas, ganços, patos, e patorîs. **1817** Casal *Corografia Brazílica* II. 144: No centro [rio S. Francisco] navegam grandes frotas de marrécas *arérés*, e paturés, que sam menores. **1903** D. Olímpio *Luzia Homem* ix. 68-69: [...] mergulhava e voltava a flux, espadanando a agua com açoite de cangapés acrobaticos, espantando os paturys e jaçanans medrosos, [...]. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 230: E então descobri que me era possível distinguir guincho do paturi com coincho do ariri, [...].

paxicá *s.m.* [< T. ?].

V. abon.

1895 J. Veríssimo *A Pesca na Amazônia* I. v. 80: Do figado, muito saboroso, e carnes gordurosas do peito, regularmente picados em pequenos dados, com pouca farinha d'agua, fazem o guisado chamado *paxicá*.

paxiúba *s.f.* Var.: 8-9 *paxiúba*, 8 *paxiuba* [< T. *pati'ỹua < pa'ti 'pati' + 'ỹua 'planta' ~ Cp. PATI].

Espécie de palmeira (*Iriartea ventricosa*).

1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 13: [...] a *paxiúba* durissima, semelhante no tamanho e grossura ao *assahi*. **1895** J. Veríssimo *A Pesca na Amazônia* I. viii. 120: O macêrá consta de um cylindroôco do tronco da paxiuba (*Iriartea ventricosa*) imergido á beira d'água obra de um palmo acima do fundo. **1928** M. Andrade *Macunaíma* i. 9: Ficava no canto da maloca trepado no girau de paxiúba espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha, Maanape já velhinho e Jiguê na força do homem.

peaçaba *s.f.* Var.: 5-6 *peaçaba*, 5 *peaçava, piaçaba* [< T. pea'saụa ~ VLB II. 83: *Porto, ou dezembarcadouro* = Peaçaba: o mesmo se diz dos caminhos ou seruentias q. saỹ â praya dos q. uiuem no certão].

Porto, desembarcadouro.

1576 in ABN, LXXXII. (1962) 55: [...] ella tinha hum chão onde saya a porta da cerqua dos Padres pera a Peaçaba, daquela banda q̃ era detrás das casas do dito Leodor Abanos, [...]. Idem 56: [...] pella porta debaixo que vinha pera a Peaçava desta cidade [Rio de Janeiro]. **1577** Idem 333-334: [...] hum cham que está na Piaçaba desta cidade [Rio de Janeiro], indo dobrando pera a caza de Braz Cubas, à mão esquerda, [...]. **1585** Cardim *Informação* fl. 92*v*.: [...] chegando a peaçaba .i. [= *id est*, isto é] lugar onde se desembarcão demos logo c̃ hũs campos cheos de mentrastos; [...]. **1602** in ABN, LXXXII. (1962) 182: [...] lhe dará ao dito Alvº Frz. Teixra. a peaçaba velha de São Xpuão [...].

peba *adj.* Var.: 8 *péba*, 9 *peba* [< T. 'peụa 'chato, plano' ~ VLB I. 71: *Chão, cousa como lagea ou taboa* = Peba].

Chato, plano.

A propósito do emprego, raro e esporádico, de adjetivos tupis em português, veja-se o comentário ao verbete *açu*.

! **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 71: O [tatú] *péba* tem a cabeça achatada; [...]. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 242: E, em suas feições de caboré insalubre, amigavam-se as marcas do sangue aimoré e do gálico herdado: [...] testa curta, fugidia; olhinhos de viés e nariz peba, mongol.

peipeçaba *s.f.* [< T. ?].

Planta da família das escrofulariáceas (*Scoparia dulcis*), também conhecida como vassourinha.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxiii. 51): Peipeçaba é uma erva que se parece com belverde, que se dá nos jardins de Portugal, da qual fazem as vassouras na Bahia, com que varrem as casas; cuja natureza é fria, a qual pisam os indios e curam com ela feridas frescas; e também entre os Portuguêses se cura com o sumo desta erva o mal do sêso, para o que tem grande virtude; a qual não dá flor, mas semente muito miúda, de que nasce.

‖ **peiti** (*peity*): v. abon.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 110: [...] peity [frutos] que semelhaõ a datilles muy guostozos [...].

peitica *s.f.* [< T. pei'tĩka].

Pássaro da família dos tiranídeos.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 114*v*.: [...] outra Ave per nome — peitica a coal he taõ molesta e auguorenta pera o jentio da terra que os obrigua a fazer grandes estremos. coando a topão ou ouuem cantar [...]. **1903** D. Olímpio *Luzia Homem* xxviii. 276: — Foi o diabo que te atravessou no meu caminho. É a ultima vez que me empatas, peitica do inferno!... **1956** Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* 209: Triste, triste, um tiriri cantou. Alegre, para mim, a peitica.

pepéua *s.f.* Var.: 8 *pepéua, pépéua* [< T. ?].

Variedade de cobra: v. abon.

1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 27-28: [...] a *surucucú*, a *caninana* ou *pepéua*, a *cobra coral, cutiboia*, que açoita os que com ella entendem; a *sacaiboia, arauéboia*, especie de *barata* mui grande e venenosa; [...]. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 322): Seu sorriso mata como a flexa do guerreiro e a sua voz é traidora como a pépéua que se occulta nas folhas.

pequi *s.m.* Var.: 5 *piquií*, 5-6, 8-9 *pequi*, 6, 8 *piqui*, 6 *piquy*, 7 *pequii*, 8 *piquí, pikiy, piki*, 9 *pequí* [< T. pe'ki].

Planta da família das cariocaráceas; pequizeiro.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lii. 12): Piquií é uma árvore real, de cuja madeira se dirá adiante, a qual árvore dá fruta como castanhas, cuja casca é parda e têsa, e tirada, ficam umas castanhas alvíssimas, que sabem como pinhões crus, e cada árvore dá disto muito. Idem *Ib.* lxv. 56: Pequií é uma árvore grande, que se dá perto do mar, em terras baixas, úmidas e fracas; acham-se muitas destas árvores de quarenta a cinqüenta palmos de roda; cuja madeira é parda, estopenta, muito pesada, de que se fazem gangorras, mesas, virgens e esteios para engenhos, a qual dura sem apodrecer para fim dos fins, ainda que esteja lançada sôbre a terra ao sol e à chuva. Quando lavram esta madeira cheira a vinagre, e sempre que se tiram dela os cavacos molhados, ainda que esteja cortada de cem anos. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1842-1850: Pequis saõ aruores muito groças tẽ de boca alguãs canoas ate noue palmos e m^to^ cõpridas inda q̃ aj paos q̃ tẽ Nouẽta palmos de Roda [...] tẽ esta aruore huã fruita como maçã mas aoRedor m^tos^ espinhos e dẽtro tẽ huã como amẽdoa e carne muito gostoza. *a*1667 Heriarte *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 169): Tem esta ilha [à distância de dezoito léguas da terra, S. Luís do Maranhão] bom sitio e assento: he plaina de muitas arvores, mui bôas madeiras para fabrica de navios, a que chamam Pequis; de cuja fructa os moradores tiram manteiga, e se servem della para frigir e temperar o comer, e fazer pão: he de muito bom gosto. Idem *Ib.* 177: [As terras planas do rio Paranaiba] Tem infinitas madeiras de Cutaras, Pinimas, que sam de muitos lavores, Cedros, Louros, Piquis, Piquiranas, e muitas castanhas que se criam nos montes: são melhores que as nozes e amendoas. *c*1698 J. F. Betendorf *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 300: Eu tambem parti logo para o Maranhão em uma canôa nova e rica de pau piquy verdadeiro, que tinha comprado a Manoel Guedes Aranha por cento e setenta mil reis [...]. **1792** F. O. Barbosa *Notícias*

da Capitania de S. Paulo in RIH, V. (1843) 35: [A Villa de Cuyabá] tem muitas frutas, como são: bananas, laranjas, melões, melancias, cajús, mangavas, e pequiis; [...]. **1806** in RAPM, VI. (1901) 768-769: Fructas ha indigenas, e algumas silvestres, de que se faz grande uso no Paiz. A Jaboticaba he a melhor [...] Cria-se nos Sertões, o Imbú, o Pequi, [...]. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* II. 75: Fytologia. Entr'outras muitas arvores de boa madeira nomea-se o vinhatico, aderno, [...] Piquí, dito preto, dito amarello aliàs mirindiba; [...]. IDEM *Ib.* 163: O *Pikiy* dá uma fructa, da amendoa de cujo caroço se tira sebo alvissimo, e duro, do qual se podem fazer vellas bugias para o uzo. IDEM *Ib.* 201: *Piki* he arvore mediana, sem fruto redondo, do tamanho de maçan com casca esverdeada, e um grande caroço espinhozo, e tenro, cuja amendoa se come assada, ou crúa: a polpa he branca, e molle, e tambem se come crúa, ou cozida; ainda se extrahe della um oleo para temperos. **1874** TAUNAY *Histórias Brasileiras* 22: De uma e outra banda estende-se vistoso o cerrado: ha muito *umbú* que embalsama os ares com a fragrancia de suas flôres, grande cópia de *jatahys*, de *piquís*, cujos fructos amarello-avermelhados são tão bonitos, e de *mangabeiras* que nos mezes de Dezembro e Janeiro vergão ao peso dos saborosos e rubicundos pomos. **1876** COUTO DE MAGALHÃES *O Selvagem* II. vi. 176: [...] as vezes são campinas abertas [...] em que predomina a arvore da lixa, o piqui e o murici. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 242: Fastio. Há nêste mundo, muito tamanho de papo: pequi, pêra, laranja, côco da Bahia. **1956** IDEM *Grande Sertão: Veredas* 299/300: Milho crescia em roças, sabiá deu cria, gameleira pingou frutinhas, o pequí amadurecia no pequizeiro e a cair no chão, veio veranico, pitanga e cajú nos campos.

pequiá *s.m.* Var.: 5 *pequeá*, 5-6, 8-9 *piquiá*, 5 *pequea*, 6 *piquea*, *piqueá*, *pequià*, 7-8 *piquia*, 7 *piquià*, *paquihi*, *pequiá*, *piquiá*, 7-8 *pequiá*, 8 *piquihá* [< T. peki'a].

Planta da família das cariocaráceas.

*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 21: Pequeâ. Destas aruores ha duas castas, huã dellas dá huã fruita do tamanho de huã boa laranja, e assi tẽ a casca grossa como laranja, dentro desta casca naõ ha mais q̃ mel taõ claro, e doce como açuquar em cantidade de hũ ouo, e misturado com elle tem as piuides, A outra aruore Pequeâ he madr^a das mais presadas desta terra, ẽ portugal se chama setim, tẽ ondas m^to gallantes, dura m^to, e naõ apodrece. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LIV. 15): Piquiá é uma árvore de honesta grandura, tem a madeira amarela e boa de lavrar, a qual dá um fruto tamanho como marmelos que tem o nome da árvore; este fruto tem a casca dura e grossa como cabaço, de côr parda por fora, e por dentro é todo cheio de um mel branco muito doce; e tem misturado umas pevides como de maçãs, o qual mel se lhe come em sorvos, e refresca muito no verão. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1856-1864: Pequea Ha duas castas hũ da huã fruita tamanha como huã larãja tẽ a casca groça como larãja dentro tẽ huã peuides majores q̃ de melaõ pardas o mais esta cheo de hũ mel q̃ parece asuquar m^to caleficado tẽ cantidade de huã casca de ovo o pao he mole ha outro q̃ tẽ fruita sẽ mel he bõ p^a leitos tem hũ amarelo graçjoso e cõ elle se exmaltaõ m^tas obras. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iii. fl. 84*v.*: [...] e assim diguo que as madeiras de que tenho noticia e me alembra a callidade dellas saõ estas, [...] piquea muito Rijo. e de cor amarella. [...]. IDEM *Ib.* iv. fl. 98*v.*: [...] e alem do mel que se colhe por esta via se acha hũ fruto agreste chamado, piquea, a modo de hũa laranja, dentro do coal se tira mel marauilhozo como clareficado que se come com colher, [...]. IDEM *Ib.* fls. 110-110*v.*: [...] e deixando de parte esta canafistola vamos continuando com o nosso pumar por que ainda tenho muitas prantas que transpor nelle — das coais o primeiro seja hũ fruto a que chamaõ Piqueâ, de que já tratey, que dá no seu miolo caze hũ como clareficado de asucare muy guostozo [...]. IDEM *Ib.* fl. 110*v.*: [...] Piqueas [frutas] que daõ mostra de nesparas [...]. **1663** S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 87. 163: [*à margem*] andà engà, joà, moçarandùba, muricì, amoreira, pequià, ibaraè, [...] saõ fruitas agrestes, seruem a Indios, & a gado. *c*1698 J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 658: Foram-se na canôa grande e nova de piquiá verdadeiro, que tinha feito fazer quando lá assisti; [...]. **1702** A. ROSÁRIO *Frutas do Brasil* III. i. 117: Os que vestem habito pardo, grosseiro, & aspero, tem Oiticorôs, & Piquias; as cascas destas frutas saõ da cor do habito Franciscano: a massa do Oiticorô he excellente: o Piquià por dentro he como mel, por fóra asperezas, por dentro regalos, [...]. **1721** F. F. HENRIQUES *Âncora medicinal* (ed. 1731, 239): Paquihi. Tambem he fruta do Brazil, do tamanho de laranja; fria e humida; muito semelhante ao Bacori, de que acima fallamos. **1730** ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 58. 36: O pequiá, da côr do mais peregrino amarello, e serve de tauxiar as obras das outras madeiras, que com elle se matizaõ; e o vinhatico, luzente, e dourado. **1759** J. A. CALDAS *Notícia da Bahia* 442: [...] vaõ repletos de muitas coucoeiraz, duzias de taboado de vinhatico, tapinhoaã, masaradumba, e outras muitas qualidades alem de muitas vigas, e paos de varaes de sege, varras de parreira, toros de piquiá, que entre todas as madeiras se faz digna de estimaçaõ pela sua solidês, e cor amarela. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 263: [Arvore que serve para madeira] Pequiá, tres especies. **1781** DURÃO *Caramurú* VII. liii. 212: O aureo Pequiá com claras vistas, | Que n'outros lenhos por matiz se engasta: |. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* I. 114: O piquihá he arvore mediana, e dá fructos como marmelos com casca grossa, e dura, e cheios d'hum liquor pardo, mui doce, e refrigerante com algumas pevides como de maçan. IDEM *Ib.* II. 60: O piquiá dá um fructo do tamanho de laranja cheio d'huma calda gostoza com grande numero de pevides soltas: [...]. IDEM *Ib.* 81: Os epês, as ibicuibeiras, as sapucayas, e os piquias sam aqui assáz multiplicados: [Villaverde. P. Seguro]. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 7: [...] o *piquiá*, cujos ramos e raizes servem para grandes curvas e cavernas, tendo de mais esta madeira a virtude de conservar intacto o ferro, que se lhe introduz: o fructo d'esta arvore he de figura oval, encerrado dentro de uma casca verde-escura, de que igualmente se faz-tinta para escrever: he appetecivel depois de cosido, e com facilidade se póde delle extrahir quantidade de oleo. **1857** J. ALENCAR *O Guarany* (2ª ed., 1864, I. x. 190): [...] o indio fasia tudo para que uma abelha sequer não viesse beijar os seus labios vermelhos confundindo-os com uma flôr de pequiá. [*Nota do Autor, à pág. 357*] Arvore de mais de cem palmos de altura, que tem uma pequena flôr de brilhante escarlate; floresce nos mezes de setembro e outubro. **1863** M. A. PORTO ALEGRE *Brasilianas* 59: Sem mais esforços da sciencia e da arte, | Bizantinas columnas se ergueriam, | Naves sombrias, porticos soberbos, | Sustendo a cup'la engrinaldada e mobil | D'esse portento de verdura e nardo! | [...] | Eburneos pequiás, [...]. *a*1871 CASTRO ALVES *A Cachoeira de Paulo Afonso* (1876) 37: — Lucas! — Maria! murmuraram juntos... | E a moça em pranto lhe cahiu nos braços. | Jamais a parasita em floreos laços | Assim ligou-se ao piquiá robusto...|. **1915** LIMA BARRETO *Policarpo Quaresma* III. iv. 211: Não faltam tambem os valentões, com calças bombachas e grandes bengalões de piquiá, á espera do que der e vier. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* iii. 31: Suavam feito numa pagelança em que todos tivessem besuntado o corpo com azeite de piquiá, marchavam. **1930** G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 48: Corollas cremes e estrelladas attestam tambem a floração dos piquiás.

pequirana *s.f.* Var.: 6 *piquirana* [< T. peki'rana < pe'ki 'pequi' + 'rana 'semelhante'].

V. abon.

*a*1667 HERIARTE *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 177): [As terras planas do rio Paranaíba] Tem infinitas madeiras de Cutaras, Pinimas, que sam de muitos lavores, Cedros, Louros, Piquis, Piquiranas, e muitas castanhas que se criam nos montes: são melhores que as nozes e amendoas.

pequizeiro *s.m.* [< pequi + -z- + -eiro].

Pequi.

1956 GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 299/300: Milho crescia em roças, sabiá deu cria, gameleira pingou frutinhas, o pequí amadurecia no pequizeiro e a cair no chão, veio veranico, pitanga e cajú nos campos.

perau *s.m.* Var.: 8-9 *peráu*, 9 *peráo* [< T. *pe'rau].

Parte mais funda do mar ou de um rio; pego.

1872 J. ALENCAR *Til* III. i. 10: A mulher sumiu-se, o marido correu a salvá-la, e desappareceram ambos arrebatados pela correnteza, ou tragados por algum peráu. **1907** E. CUNHA *Contrastes e Confrontos* 226/227: [...] numa travessia de mais de setecentas leguas, iam apostados á luta formidavel com os baques das catadupas, com o acachoar das itaipavas, com a monotonia inaturavel das varações remoradas, com o choque das correntes e com os torvelinos dos peráos. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* ii. 25: o Peráu, como dizem os nossos irmãos tapuios, em toda a bacia mediterranea, é sempre uma ameaça á civilização, trate-se de costa, ilha ou peninsula [...].

pereba *s.f.* Var.: 7 *pareba*, 8 *paréba*, 9 *pereba* [< T. pe'reua ~ VLB I. 60: *Bustella* = Mereba. *Bustellas ter* = Xepereb, Xeperepereb. *Ib.* I. 71: *Chaga, qualquer outra* = Mereba].

Ferida, chaga.

1749 *Prodigiosa Lagoa* (ed. 1925, 12): João Barbosa, no sitio da lagôa, tendo as pernas cheias de parebas, e verrugas, estas lhe cahirão, e aquellas se sararão. **1883** B. GUIMARÃES *Rozaura a Engeitada* (ed. 1900, I. ix. 112): [...] pretextando algum rheumatismo, callo, paréba ou qualquer outro incommodo; mas alli estavão o Azevedo e os mais companheiros de pagode, que não deixarião de divulgar todo o acontecido e com todas as minudencias. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xxi. 252: — Nunca a gente do Mamanão-mama teve zinho uma enxaqueca, uma pereba, uma espinhela cahida, uma falta de ar que o pobre santo não fosse logo botando a mão por cima.

pererеca *s.f.* [< T. pere'reka 'ir aos saltos'].

Anfíbio da ordem dos anuros, espécie de rã.

1914 COELHO NETO *Rei Negro* ix. 357: Raro, de longe em longe, um soído na herva e trepido, como latir longinquo, que era o grasnar

das rans e das pererecas nos aguaçaes. **1929** G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* xvi. 339: — Êta, seu Zézinho, não sei porque o povo te chama Zézinho Perereca [...] Você parece mas é macaco. Perereca é pelada. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 319: — Apareceu uma jia na horta, e pererecas dentro de casa, pelas paredes [...].

pererecar *vb.* [< perereca(a + -ar].
Pular de um lado para outro, vagabundear.

1946 Guimarães Rosa *Sagarana* 102: Enquanto isso, Lalino Salãthiel pererecava ali por perto, sempre no meio dos capangas, compondo cantigas e recebendo aplausos, [...].

|| **periaz:** v. abon.

*a***1667** Heriarte *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 188): Tem [o rio Amazonas] grandes cobras de agoa; na terra, onças, tigres, pantheras, leôespardos; muitas antas, porcos veados, coelhos, tatús, cutias, pácas, capiváras, javotins, tamandoás, matamatas, bogios de diversas castas, avestruzes, tiriuos, jaburús, iguanas, papagaios, araras, canindés, mutús, muitos patos, marrecas, e outras muitas e diversas aves: cantidade de galinhas, periazes, sauxazes, e outros muitos, todos bons para sustento da vida.

peroba *s.f.* Var.: 6 *peroua,* 6, 8 *peróba,* 6-9 *peroba,* 7 *parôba, aparoba. eperoba,* 8 *iperoba, paróba, paroba* [< T. ïpe'roua < ï'pe 'casca' + 'roua 'amargo'].

Nome comum a diversas plantas das famílias das apocináceas e das bignoniáceas que fornecem madeira de boa qualidade.

1624 *Livro de Contas* in DHA, II. (1956) 66: [...] duas duzias de taboado de peroua 12v rs. **1663** S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 80. 158: A terra toda póde chamarse hum só bosque. Pello que, deixando por mão a frescura, & preciosidade dos cedros, angelins, [...] tapapinhoàs, peróbas, çapucâyas, jacarandâs, [...] descreuerei algũas sómente das q̃ saõ fructiferas, pera gosto dos que saõ curiosos. *a***1687** *Manifesto de utilidades do Brasil* in *Brasília* VII. (1952) 184: [...] porque a Peroba he milhor que a da B.ª e a vrucurana; [...]. **1711** A. J. Antonil *Cultura e Opulência do Brasil* I. ii. vii. 57: [...] os forros, & costados, de Utím, Parôba, Burayém, & Unhuiba: [...]. **1727** in ACSP, IX. (1916) 550: [...] obrigandose a fazer a dita ponte da largura de quatro palmos com tabuois de canella preta, ou peroba com bastantes tanxois [...]. **1738** Idem XI. (1916) 102: [...] e a de ter a ponte seis Palmos de largo asoalhada com coicoeiras de canela preta ou de aparoba tudo bem pregado asim pelas bandas como pelo meio [...]. **1789** in ADF, I. (1894) 80-81: [...] todaaqualid.ᵉ de madeiras, eespecialm.ᵉ adetapenhoan, eperoba, deq' abundam aquelles certoens, [...]. **1801** in RAPM, II. (1897) 686-687: Generos vigetaes, Madeiras [...] Iperobas, [...] **1817** Casal *Corografia Brazílica* II. 111: Variedades de boas madeiras, como jacarandá, vinhatico, massarandúba, piquiá, sucupira, sapucaya, paróba, itapicurú, [...]. **1827** in RAPM, II. (1897) 746: As madeiras são as melhores: a aroeira, o balsamo, a paroba, etc. **1863** M. A. Porto Alegre *Brasilianas* 58: De rubros angelins, odoros cedros, | Louras parobas, guararemas causticas, | No próprio ventre das errantes nuvens | A esponjosa guedelha iria ovante, | Antes do raio e dos trovões medonhos, | Sorver o cibo nas cinzentas chuvas. **1866** J. Alencar *As Minas de Prata* VI. iii. 75: — Deve ter cheiro de paroba, porque estava guardado em uma arca dessa madeira! **1869** B. Guimarães *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. i. 47): Depois de ter-se entranhado cerca de uns duzentos passos por um matto espesso e emmaranhado, abrindo caminho com a faca por entre taquáras e cipós, escolheu posição para fazer frente aos inimigos junto a um corpulento tronco de peroba, que lhe offerecia formidavel baluarte. **1874** Taunay *Histórias Brasileiras* 69: Tudo o mais não passa de um penoso vegetar, como se a gente fosse simplesmente um páo de ipé ou de peroba [...]. **1875** B. Guimarães *A Escrava Isaura* (ed. 1918, i. 6): [...]; mas por perto, em torno da deliciosa vivenda, a mão do homem tinha convertido a bronca selva, que cobria o solo, em viçosos gramaes e pingues pastagens, sombreados aqui e acolá por gameleiras gigantescas, peróbas, cedros e copahybas, que attestavão o vigor da antiga floresta. **1877** Idem *Maurício* I. ii. 17: Isto dizia um velho paulista que se achava a um canto do páteo sentado sobre um toro de peroba, resto de recente construcção, fumando tranquillamente o seu caximbo. **1918** Monteiro Lobato *Urupês* 68: Dois machados roncaram no pau alta noite, e inda não arraiava a manhan quando a peroba estrondeou no chão, tombada em terras do Numes. **1919** Idem *Cidades Mortas* 147: Incomprehendido pelo publico [...] Ernesto amargou como peroba miuda, [...]. **1920** Lima Barreto *Histórias e Sonhos* 107: Todo elle era assoalhado de peroba de Campos, com vastas taboas largas, quase da largura da tóra de que nasceram; [...]. **1922** M. Andrade *Paulicea desvairada* 124: Abatemos perobas de ramos desiguais! **1928** Idem *Macunaíma* xv. 211: Campeou legua e meia e afinal topou com uma peroba com a sapopemba do tamanho dum bonde. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 296: Tanto mais que, do cabeçalho ao chão, a distância é pequena; e uma rodeira de carro, bem ferrada, chapeada nas bandejas e com o aro ondulado de gomos metálicos, pesa no mínimo setenta quilos, mòrmente se, para cantar direito, foi feita de madeira de jacaré ou de peroba-da-miúda, tirada no espigão [...].

peteca *s.f.* Var.: 8 *petéca, peteca* [< T. pe'teka 'bater com a palma da mão'].

Disco de palha de milho, de pano ou de couro, recheado de algodão ou de pedaços de cortiça, guarnecido em uma das faces de um molho de penas, que se lança ao ar com uma pancada com a palma da mão; jogo em que os participantes arremessam a peteca para o alto, passando-a de um para o outro sem deixá-la cair ao chão; *por extensão*, joguete de escárnio (v. abon. 1867, 1873, 1883, 1896).

1867 J. M. Macedo *Memórias do Sobrinho de meu Tio* I. vi. 292: [...] tinhão fallado muito em constituição, systema representativo, e liberdades publicas, mas entrados para o ministerio fizerão da primeira — petéca — do segundo phantasmagoria — e das terceiras — palitos. **1871** B. Guimarães *Lendas e Romances* III. ii. 205: O esqueleto pega na caveira e começa a fazel-a rolar pela estrada, e a fazer mil artes e piroetas; depois entra a jogar peteca com ella, e a atiral-a [...] lá pelas nuvens; a caveira gemia zunindo pelos ares, e vinha estalar nos ossos da mão do esqueleto, como uma espoleta que rebenta. **1872** Idem *O Seminarista* (ed. 1917, vii. 67): Na ocasião do recreio corria, saltava, luctava, jogava a bola e á petéca sem dar um instante de repouso ao corpo. **1873** J. Alencar *O Garatuja* x. 83: Si já existira imprensa, com a sua giria moderna, que rajadas de eloquencia tribunicia não haviam de apparecer á proposito? E como andaria em bolandas a opinião publica, essa bonita peteca dos jornalistas? **1883** B. Guimarães *Rozaura a Engeitada* (ed. 1900, I. xi. 161): — Não, não, meu pae. — interrompeu a moça; com esse espalhafato vamos de mal a peor; então é que vamos virar petéca na mão desses biltres. **1888** R. Pompéia *O Ateneu* iii. 59: Se em pequeno, movido por um vislumbre de luminosa prudencia, emquanto aplicavam-se os outros á petéca me houvesse entregado ao manso labor de fabricar documentos autobiographicos, [...]. **1895** A. Caminha *Bom-Crioulo* xi. 209: Alguns convalescentes jogavam *petéca* num largo d'onde se avistava o mar. **1896** Machado de Assis *Várias Histórias* 88: E elle ia andando, allucinado, mortificado, eterna peteca entre a ambição e a vocação...

petimbabo *s.m.* [< T. petï'*m̄* auo ~ Cp. petume].
Espécie de cachimbo indígena.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* vi. fl. 154: [...] outro costume que tambem guoardaõ asas pouco continente, o quoal he que quoando saõ vizitados. de algum nobre ospede prinçipalmente se he branquo os aguazalhaõ primeiramente sobre huã Rede aonde os fazem asentar que he o que lhes serue de cadeiras e o prinçipal fiqua em outra e antes de trauarem pratiqua se brindaõ hũ ao outro com hũ petimbabo de fumo de tabaquo que pera o efeito lhe trazem [...].

petume *s.m.* Var.: 5 *betum, petigma, petume, putũ, potũ, potum,* 8 *pituma, pityma,* 8-9 *petum* [< T. pe'tïma ~ VLB I. 144: *Fumo, polla erua* = Petigma].

Designação indígena do tabaco; fumo.

1566 D. Góis *Cr. D. Manuel* I. lvi. fl. 52: Ha terra he muito viçosa, muito temperada, & de muito bôs ares, muito sadia, tãto que ha mòr parte da gẽte q̃ morre he de velhiçe, mais que de doenças: [...] hai muitas heruas odoriferas, & medeçinaes, dellas diferentes das nossas, entre has quaes he ha q̃ chamamos do fumo, & eu chamaria herua Sctã, he q̃ dizẽ q̃ elles chamã Betum, đ cuja virtude poderia aqui poer cousas milagrosas, de q̃ eu vi ha experiençia, prinçipalmẽte em casos desesperados, de aposthemas vlçeradas, fistolas, carãguejas, polipos, frenesis, & outros muitos càsos. Esta herua trouxe primeira a Portugal Luis de goes, q̃ depois sendo viuuo se fez na India dos da companhia do nome đ Iesu. Idem *Ib.* fl. 53: [...] fazem fumo com folhas secas da erua Betum, & do fumo que sae desta cabeça tomão elles pellos narizes tanto, atte que com elle sembebedam, & depois de bem toruados, fazem geitos; & çerimonias quomo demoninhados, dizẽdo ho que lhes vem á vontade, ou ho que lhes ho diabo ensina, tudo ho que então dizem lhe crẽ, & tem por cousa çerta. *c***1584** Cardim *Origem dos Índios do Brasil* fl. 3*v.*: Costumão estes gentios beber fumo de petigma, e por outro nome erua sancta, estas secam, e fazem de huã folha de palma huã canguéra q̃ fica como canudo de cana cheo desta erua, e pondolhe o fogo na ponta, metẽ o mais grosso na boca, e assi estaõ chupando e bebendo aquele fumo [...]. **1587** G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxi. 43): Petume é a erva a que em Portugal chamam santa; onde há muita dela pelas hortas e quintais, pelas grandes mostras que tem dado da sua virtude, com a qual se tem feito curas estranhas; pelo que não diremos desta erva senão o que não é notório a todos, como é matarem com o seu sumo os vermes que se criam em feridas e chagas de gente descuidada; [...] A fôlha desta erva, como é sêca e curada, é muito estimada dos índios e mamelucos e dos Portuguêses, que bebem o fumo dela, ajuntando muitas fôlhas destas, torcidas umas com as outras, e metidas em um canudo de fôlha de palma. e põe-lhe o fogo por uma banda, e como faz brasa metem êste

canudo pela outra banda na bôca, e sorvem-lhe o fumo para dentro ate que lhe sai pelas ventas fora. IDEM *Ib.* CLXIV. 269: [...] erva-santa, a que os indios chamam petume. *c*1596 S. TRAVAÇOS *Declaração do Brasil* XXXV. fl. 28: [...] folhas secas de erua santa, a que os Indios chamaõ putũ, a qual cangoeira ataõ por a banda mais apertada com hũ fio, donde estaõ as folhas do potũ, e ascendem esta cangoeira por a parte das folhas do potum, [...]. **1856** D. MAGALHÃES *A Confederação dos Tamoyos* X. 310: Do bosque protector vizinho á taba. | E sorvendo e soltando o fumo odoro | Dos tubos de taquara, que embocavam, | Cheios de seccas folhas de pituma. **1857** J. ALENCAR *O Guarany* (2ª ed., 1864, III. xiii. 144): De repente a pequena india que soprava o brasido queimando as folhas de *pityma* estremeceo, [...]. **1869** B. GUIMARÃES *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. ii. 54): — E esmagou entre os dedos o canudo pelo qual aspirava a fumaça da pituma. **1875** MACHADO DE ASSIS *Americanas* 133: Que ao som do maracá, colhia as vozes | Do pensamento eterno, e as infundia | No seio do guerreiro, como o fumo | Do petum lhe dobrava impeto e fôrça. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* i. 12: Macunaima agradeceu e foi pedir pro pai-de-terreiro que trançasse uma corda pra êle e assoprasse bem nela fumaça de petum.

‖ **peunha:** v. abon.

1612 in *Livro Primeiro do Governo do Brasil* (ed. 1958, 91): [...] E cõ Esta tropa mãdou descobrir E pouoar o graõ Pará ou Amazonas, os quais partiraõ do Maranhaõ Dia de natal pla manhã, taõbẽ despedio p.ª frãça È as naos dos peunhas E todos os frãcezes cõ os seus dous capuchinhos, ficãdo som.te Rauardiere cõ quatro ou Sinco [...].

peúva *s.f.* [< T. ïpe'ïŋa < ï'pe 'casca' + 'ïŋa 'planta'].

Ipê.

1872 TAUNAY *Inocência* (2ª ed., 1884, i. 20): — Bom! exclama em voz alta e alegre ao avistar algum madeiro agigantado ou uma disposição especial de terras, lá está a peúva grande [...]. **1930** G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 61: Completando a tristeza ambiente, em um ou outro ponto, peúvas de copas roxas engrinaldam o mattagal sombrio.

‖ **pexarorêm:** v. abon.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXVIII. 112): Pexarorẽm são uns passarinhos todos pretos tamanhos como calhandras, que andam sempre por cima das árvores, mas comem no chão bichinhos e cantam muito bem.

piaba *s.f.* Var.: 5-6, 8-9 *piaba*, 6 *vpiaua*, 7 *upiaba*, *piabá*, *piava*, *peáva* [< T. pi'aŋa].

Nome comum a vários peixes caraciformes da família dos caracídeos.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXLIV. 231): Tomam-se nestes rios outros peixes, a que os indios chamam piaba, que são pequenos, da feição dos pechões do rio de Lisboa, o qual é peixe saboroso e de poucas espinhas. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 120r.: [...]piabas — e sarapos [peixes] tem a mesma propiedade — [...]. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 175: Vpiaua he de meio palmo de comprido tẽ os olhos q tirao a uermelho he bom p.ª comer a escama por sima do pescorco he parda. **1734** in RAPM, XXIII. (1929) 238: Nesta occasião demos em uas grandes chapadas faltas de todo o necessario, sem mattos, sem mantimentos, só sim com bastantes corregos, em que havia algum peixe, dourados, travras, e upiabas, que forão todo o nosso remedio, [...]. **1749** *Prodigiosa Lagoa* (ed. 1925, 7): Sinco castas de peixes se tem nella descuberto, a saber Pirumbebas, Bicudas, Trahiras, Lambares, e Piabás. **1783** M. C. ABREU *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 236: Além dos referidos peixes ha outras qualidades de que não fazem caso por não darem as conveniencias daquelles e são muito excellentes de comer, cujos nomes são: bagres, piavas, pacupevas, piracururús, ximburés, jurupoca e jurupenden. **1792** F. O. BARBOSA *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 23/24: [...] além dos referidos peixes [saupês, piracanjuvas, jacús, suruvis etc.] ha outras qualidades de que não se faz menção por não darem a conveniencia d'aquelles; como são: [...] peávas [...] cuja profusão é com abundancia inexplicavel. **1817** CASAL *Corografia Brazilica* II. 78: [O Rio Buranhem] cria piáus, trahiras, robalos, acaris, piabanhas, piabas, jundiás, pitús, e camarões que além de grandes sam multiplicadissimos. **1872** J. ALENCAR *Til* I. xi. 125: — Uma piabinha do rio; não é Inha? **1873** IDEM *O Garatuja* xviii. 143: Da pesca famosa que fez o Ivo nos bagres que lhe perseguiam a piabinha. **1875** IDEM *O Sertanejo* II. viii. 130: Lá no Inhamuns quanta piabinha bonita havia foi direitinho para o jiqui. **1908** D. OLÍMPIO *Luzia Homem* XXVI. 242: — Por signal que não apanhou uma triste piaba naquella lagôa, que tinha mais peixe do que agua. IDEM *Ib.* 244: — Que ciumes! Foi afogada pela mãe d'agua. A malvada amarrou-lhe as mãos para que a pobre se não podesse salvar, pois nadava como uma piaba. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* xii. 170: [...] sacou o ãnzol da guela bem contente porquê agora podia pescar corimã piraiba aruana pirarara piaba, todos êsses peixes. **1934** J. L. REGO *Banguê* II. viii. 119: O Parahyba dava-lhes tudo: banho para os meninos, piaba para as moquecas e vazantes para a batata doce crescer e o gerimum enramar. **1936** IDEM *Usina* II. xix. 277-278: Mil vezes as piabas do rio, que aquelle pirarucú fedorento. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 160: Cardumes de piabinhas, chofrando corridas ou oscilando no mesmo lugar com palpitações de aletas, rabeavam na transparência da água, que os animais sorviam num chôrro copioso. **1956** IDEM *Grande Sertão: Veredas* 535: E do Tamanduá-tão era a Vereda, com seus buritis altos e a água ida lambida, donzela de branca, sem um celamim de barro. Diz-se que lá se pesca, e gordas piabas.

piabanha *s.f.* [< T. *pia'ŋãja < pi'aŋa 'piaba' + 'ãja 'dente'].

Peixe da família dos caracídeos.

1806 in RAPM, VI. (1901) 766: O Rio de S. Francisco: [...] He abundante de variedade de peixes, quaes o Surubi, o Dourado os Mandis, Curvinas, Piáos, [...] Piabanhas. **1817** CASAL *Corografia Brazilica* II. 50: [A Lagoa-Feia] Cria piabanhas, piháus, crumatans, corvinas, com outros pescados d'agua doce. IDEM *Ib.* 78: [O Rio Buranhem] cria piáus, trahiras, robalos, acaris, piabanhas, piabas, jundiás, pitús, e camarões que além de grandes sam multiplicadissimos. **1918** MONTEIRO LOBATO *Urupês* 42: Certa vez, findo o carnaval, o major reuniu os amigos em torno d'uma enorme piabanha recheiada, [...].

piaçaba *s.f.* Var.: 6 *priasaua*, *priasaba*, *priacaua*, *piassaua*, *piaçava*, 7-9 *piassaba* [< T. pïa'saŋa ~ VLB II. 125: *Teçume* = Pigaçapaba. Pigaçaba].

Nome comum a várias palmeiras da subfamília das cocosoídeas; trançado de fibras de folhas de palmeiras, principalmente as do gênero *Attalea*, da subfamília das cocosoídeas; vassoura confeccionada com essas fibras.

1630 *Livro de Contas* in DHA II. (1956) 159: [...] por duas pessas de priasaua e hũa arpoeira 2v 640. **1637** IDEM 245: De meudezas priasaua pindoua e sebo e outras couzas q̃ se gastarão no eng.º 50v 400. **1644** IDEM 309: [...] por 7 pessas de cabo de embira e priasaba p.ª aparelhar dito barco v. 800. **1645** IDEM 366: [...] por hũa pessa de cabo de priacaua p.ª drissa da Barqua grande v. 800. **1651** IDEM 477: De piassaua 160rs. *a*1696 G. MATOS *Obras* (ed. 1969, I. 172): Famoso em cartas, e dados | mais que um ladrão de caminhos, | regatão de piaçavas, | e grande atravessa-milhos: |. **1711** A. J. ANTONIL *Cultura e Opulência do Brasil* I. ii. vi. 55: & todas juntas lavão de vinte & quatro em vinte e quatro horas com agua, & vasculhos de piassaba toda a Moenda. **1817** CASAL *Corografia Brazilica* II. 99: os [coqueiros] da piassaba communs nos bosques, e subministram um lucrozo ramo de comercio com o seu linho para amarras: da sua nóz se fazem varios objectos ao torno: [...]. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 11: A piassaba, peculiar á Commarca do Rio Negro, he uma palmeira cujo fructo oleoso he appetecivel, cresce em terrenos paludôsos, a que chamam *cahatinga*. **1874** J. ALENCAR *Ubirajara* v. 81: O velho tapyr rompeu a serpente como se rompe uma corda de piassaba; mas não póde abalar o braço de Jurandyr, mais firme do que o tronco do guaribú. **1886** J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 129): Para assentarem os indomaveis cabellos rijos que nem piassaba, tinham-nos empastado de sebo de Hollanda, [...]. **1956** GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 509: Baiano, barba de piassaba; goiano-baiano. O pobre, que não tinha as três espigas de milho em seu paiol. Meio sarará.

piaçoca *s.f.* Var.: 8-9 *piaçoca*, 8 *piassóca*, *piassoca* [< T. *pia'soka].

Ave caradriforme da família dos parrídeos; jaçanã.

1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 29-30: [...] *saracúras*, *piaçocas*, *pavoens* summamente pequenos, porém delicados na diversa pintura de suas pennas, e fabrico dos ninhos de barro; [...]. **1886** J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 58): Do meio das canaranas, levantam o vôo rapido, fugindo medrosas ao aproximar d'alguem, as piassócas côr de terra, [...]. **1895** IDEM *A Pesca na Amazônia* I. ii. 22: As garças, pequenas e reaes, agrupam-se por milhares ás beiradas, na triumphante brancura das suas pennas refractarias á impureza, [...]; as piassocas grenatinas, bicos e pernas carmesins, espertas e leves; [...]. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* v. 65: Maanape atirou guaribas picotas jaós jacús jacutingas piacocas, todas essas caças porêm Piaimã engulia e tornava a pedir a gente que êle flexara. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xvii. 195: — Nesse interim, baixou outra revoada de surucuás, ariranhas, pica-paus, curubins, aracuans, [...], inhambús, macucáuas, frangos dagua, maçaricos, piaçocas, pavõezinhos [...].

piaga *s.m.* [O voc. *piaga* foi introduzido na linguagem literária em 1846, por Gonçalves Dias, que o aproximou das formas *piagé*, *piache* e *piaye*, documentadas em autores espanhóis dos sécs. XVI-XVIII, e derivadas de idiomas do grupo caribe. Las Casas, em 1550, refere-se aos 'Piachas muy viejos maestros de aquella arte [mágica]' e Pedro de Aguado informa que os índios da Venezuela 'Vsauan de medicos que los curasen, a los quales llamauan Piache'. Todas essas formas caribes estão intimamente aparentadas com o T. pa'ïe, ori-

gem do port. *pajé*, já documentado, também, no séc. XVI. (v. PAJÉ) ~ Por influência de Gonçalves Dias, o voc. *piaga* foi empregado por Junqueira Freire, Araújo Porto Alegre e Machado de Assis. A partir de Couto de Magalhães, que condena o seu emprego, o termo foi praticamente esquecido. Observe-se, todavia, que Gonçalves Dias, ao empregar o voc. *piaga*, tinha pleno conhecimento da existência do termo *pajé* em autores portugueses; seu neologismo foi, portanto, intencional].

Pajé.

1846 G. DIAS *Primeiros Cantos* (ed. 1865, I. 9): Vem trazer-vos algemas pesadas, | Com que a tribu Tupi vai gemer; | Hão de os velhos servirem de escravos, | Mesmo o Piaga inda escravo ha de ser! IDEM *Ib.* 217: *Piaga*, piagé, piaches, piayes; os autores portuguezes escreverão *pagé*, como em verdade ainda hoje se diz no Pará. Era ao mesmo tempo o sacerdote e o medico, o augure e cantor dos indigenas do Brazil. **1851** IDEM *Últimos Cantos* (ed. 1865, II. 94): E os campos talados, | E os arcos quebrados, | E os piagas coitados | Já sem maracás; | E os meigos cantores, | Servindo a senhores, | Que vinhão traidores, | Com mostras de paz. IDEM *Ib.* 230: — *Pagés* crão os sacerdotes, os augures, os medicos dos indigenas de todo o litoral do Brasil — os mesmos que nos "Primeiros Cantos" dei o nome de piagas. **1855** JUNQUEIRA FREIRE *Contradições Poéticas* 242: O piaga ancião, chovendo anthemas, | Açodado partio. A lua argentea | Com seu casto clarão mostrára ao indio | A longa barba do piaga santo, |. **1855** IDEM *Inspirações do Claustro* 70: — Demandavão as ócas tenebrosas | Dos severos e asceticos piagas. | E os consultavão nas emprezas arduas, |. **1865** M. A. PORTO ALEGRE *Brasilianas* 286: Sim, desejo | A lenda de Anhanguera; amo os combates, | As crenças do gentio, a voz do piaga | Nos incultos sertões. **1875** MACHADO DE ASSIS *Americanas* 148: "O piaga, que foge a extranhos olhos, | E vive e morre na floresta escura, | Repita o nome do cantor. **1876** COUTO DE MAGALHÃES *O Selvagem* II. v. 121: As crenças e superstições indigenas passaram todas para o nosso povo, e os deuses dos Tupis vivem ainda em nossos campos, vida tão real como a que lhes davam os aborigenes, no tempo em que seus *pagés* (e não piagas) os adoravam; [...].

piapara *s.f.* Var.: 8 *piampára* [< T. ?].

Peixe da família dos caracídeos.

1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 393: Em todos estes rios [Jequitinhonha, Itucambyrussú, Vaccaria, Arassuahy, S. Antonio, Itamarandiba, Setuval, Piauhy, Hottinga, S. João] ha doirados, piampáras, piáus, piabanhas, trahiras, sorubins, mandins por outro nome *roncadores*.

piau *s.m.* Var.: 8 *piáo, piháu, piáu,* 8-9 *piau* [< T. *pi'au < pi'aṵa ~ Cp. PIABA].

Piaba.

1806 in RAPM, VI. (1901) 767: Pescam-se nelles a Crumatam, Traira e Piáos; [...]. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* II. 50: [A Lagoa-Feia] Cria piabanhas, piháus, crumatans, corvinas com outros pescados d'agua doce. IDEM *Ib.* 189: [O Rio Grande] Cria [...] piáus e outras castas de pescado. **1865** J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, xxxii. 186): Depois que transpuzeram o braço corrente do mar que vem da serra de Tauátinga e banha as varzeas onde se pesca o piau, [...]. [*Nota do Autor, à pág. 232*] Piau, peixe que deu o nome ao rio Piauhy. **1898** A. ARINOS *Pelo Sertão* 192: — Vocês por aqui, meninos? Olhem! vão alli áquelle poço, para baixo da cachoeira. Tem lá uma lage grande e de cima della vocês podem fazer bichas com os piáus. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xxvi. 306: — Mas aqui não tem um piau, uma avoante, por desgraça, seu Tira Couro, como é então que você trouxe esse home.

picaçu *s.m.* Var.: 5 *picaçú, picaçu,* 6 *puquasu* [< T. pïka'su ~ VLB II. 108: *Rola* = Picaçu. Picaçuete. Tem muitas especies].

Nome indígena da pomba.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXII. 94): Picaçú é como pomba brava, mais pequena alguma cousa, tem a côr cinzenta, os pés vermelhos; cria no chão, onde põe dois ovos; tem o peito e carne mui saborosa. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1355-1357: Das ponbas ha quatro castas picaçu, ajuberaba picaçuete, picaçupitãga, picaçu ipepotïga. azas brãcas he boa carne e aj m^tos^. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 193*v*.: puquasu he pomba braba do noso portugual da mesma forma e feitio e he muito bom comer e sam ralas e se uem pouquas e fazem dous filhos.

picaçurova *s.f.* [< T. pïkasu'roṵa < pïka'su 'picaçu' + 'roṵa 'amargo'].

Espécie de pomba.

1783 M. C. ABREU *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 259: As pombas; umas se chamam trocazes, outras picaçurovas e outras pairaris.

‖ **picaí** (*picay*): v. abon.

1711 A. J. ANTONIL *Cultura e Opulência do Brasil* I. ii. vii. 56: Chamaõ Paos de ley aos mais solidos, de mayor dura, & mais aptos para serem lavrados: & taes saõ os de Sapucâya, de Sapupîra cari, de Sapupîra merîm, de Sapupîra açú, de Vinhatico, de Arco, de Jetay amarello, de Jetay preto, de Messetaûba, de Massarandûba, Pao Brasil, Jacarandá, Pao de Oleo, Picaí, & outros semelhantes a estes. IDEM *Ib.* 57: As Canoas, de Picay, Joairâna, Jequitiba, Utussîca, & Angeli.

‖ **picarurú:** v. abon.

1792 F. O. BARBOSA *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 23/24: [...] além dos referidos peixes [saupês, piracanjuvas, jacús, suruvis etc.] ha outras qualidades de que não se faz menção por não darem a conveniencia d'aquelles; como são; [...] picarurús [...] cuja profusão é com abundancia inexplicavel.

picuá *s.m.* Var.: 9 *piquá, picuá* [< T. *piku'a].

Cesto, balaio; saco de lona; *no plural*, trastes, objetos de uso pessoal, trens.

1902 E. CUNHA *Os Sertões* 228: O mais fragil *positivo* pode atravessar, inerme, procurando o littoral, aquellas mattas e campos, com os *piquás* atestados de diamantes e pepitas. **1918** MONTEIRO LOBATO *Urupês* 192: Á garupa iam malas do correio e varios picuás; no sant' antonio mais picuás, além d'uma vassoura nova, enfiada na perneira, de palha p'ra cima. **1922** A. PEIXOTO *Bugrinha* xiii. 183: [...] acertou num veio rico, alcança o seu "bamburrio" e enche os "piquás" de pedras de primeira agua, de carbonados pesados e custosos, [...]. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* ii. 21: A velha fez. Macunaíma pediu pra ela ficar mais tempo com os olhos fechados e carregou tejupar marombas flexas piquás sapiquás corotes urupemas redes, todos êsses trens pra um aberto do mato lá no teso do outro lado do rio. **1934** G. RAMOS *S. Bernardo* xxxiii. 197: Quer dar o fóra? Perfeitamente, não lhe seguro as pernas. [...] Prepare-se, arranje os seus picuás. **1938** IDEM *Vidas Secas* 37: [...] amarrou as notas na ponta do lenço, metteu-as na algibeira, dirigiu-se á bodega de seu Ignacio, onde guardara os picuás. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* ii. 22: Qual foi a viagem que vaçuncê já fez pr'a Belem sêm estes picuás todos?

picuí *s.m.* Var.: 6 *poquohi* [< T. pïku'i < *pï'ku (< pïka'su) + -'i 'pequeno'].

Espécie de pomba.

*c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 194: poquohi he hũa pequena pomba e da mesma cor e ha muito gramde camtidade e he muito bom comer e fazem dous filhos e os ouos cam bramquos.

picuiguaçu *s.m.* [< T. pïkuiṵa'su < pïku'i 'picuí' + ṵa'su 'grande'].

Espécie de pomba.

*c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1358-1361: Rolas Jaueti das daRibaçaõ de portugal pairari, paraj sebui picaipeba picuipitanga, picuiguaçu.

picuipeba *s.m.* Var.: 5 *piqüepeba, picaipeba* [< T. pïkui' peṵa < pïku'i 'picuí' + 'peṵa 'chato'].

Espécie de pomba.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXII. 94): Há outras aves, a que os índios chamam piqüepebas, que são da feição das rôlas, e da mesma côr, mas são mais pequenas, e tem as pernas vermelhas e o bico preto: estas andam sempre no chão, onde criam, e põem dois ovos: as quais o mais do tempo andam esgaravatando a terra com o bico, buscando umas pedrinhas brancas de que se mantêm. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1358-1361: Rolas Jaueti das daRibação de portugal pairari, paraj sebui picaipeba picuipitanga, picuiguaçu.

picuipitanga *s.m.* [< T. pïkuipï'taṇa < pïku'i 'picuí' + pï'taṇa 'avermelhado, pardo'].

Espécie de pomba.

*c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1358-1361: Rolas Jaueti das daRibação de portugal pairari paraj sebui picaipeba picuipitanga, picuiguaçu.

picumã *s.m.* Var.: 8-9 *picuman,* 9 *picumam, pucumã, picumã* [< T. apcku'mã 'fuligem'].

Fuligem, negro de fumo; teia de aranha enegrecida pela fuligem.

1872 TAUNAY *Inocência* (2ª ed., 1884, iv. 52): [...] pelo que estavam o sapé do fôrro e o ripamento revestidos de luzidia e tenue camada de picuman que lhes dava brilho singular, como se tudo houvera sido jacarandá envernizado. **1914** COELHO NETO *Rei Negro* ii. 40: Na vasta e tenebrosa cosinha tisnada de felugem, com sanefas de picuman pan-

nejando nos caibros, [...]. **1918** MONTEIRO LOBATO *Urupês* 64: A sua casa, de esteios roliços e portas de embaúba rachada, muito encardida de picumam, prenunciava tapera proxima. **1938** G. RAMOS *Vidas Secas* 62: [...] um vento morno e empoeirado sacudia as teias de aranha e as cortinas de pucumã do tecto; [...]. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 156: E ficava calado, recontando os caibros, negros de picumã, e espiando a mexida das aranhas, [...]. **1956** IDEM *Grande Sertão: Veredas* 319: Aí o que pasmava era a paz. Pensei por que seria tudo alheio demais: um sujo velho respeitável, e a picumã nos altos.

‖ **picuruata** (*piquraamta*): v. abon.

*c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 170: piquraamta [*na entrelinha*: picuruata] he desta propia forma que aqui esta Cuberta descama pequena cor de prata e he bom comer.

‖ **piguaja:** v. abon.

*c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1500-1516: Sipo ou piguaja He hũ eficaz remedio pera cameras de sangue a sua astea naõ sobe sobre a terra mais de hũ palmo tẽ em sima 3-4 folhas no meo hũs fios como algodaõ sua rais se retalha em redondo como a manr[a] de contas piquenas tẽ esta Rais tres palmos ou 2. tẽ grãde cheiro Mocẽse esta Rais como pimẽta e poẽna ẽ hũ copo poẽna ao sereno onde lhe naõ de orualho nẽ agoa e polla menhã como purga se da algũs tomaõ na logo a q̃lq̃r hora botaõ na pizada em hũ pucaro nouo a coaõ e espremẽ daq̃le bagaço a q̃l rais ha ter mejo real de prata de pezo, e fazẽ q̃ naõ aRebeçe cobrẽ o emfermo e q̃ sue e logo se uaõ as camaras he de tres castas taõbẽ tenho m[tas] vezes isto esperemẽtado e he verdadr[o] remedio.

pindá *s.m.* [< T. pi'na ~ VLB II. 60: *Ouriço do mar* = Pindaũna, e da Capta. do Spirito Sancto p[a]. baixo lhe chamão Pindaiba].

Ouriço-do-mar.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXLIII. 228): Pindá chamam os índios aos ouriços que se criam no mar da Bahia, que são como os da costa de Portugal, os quais se criam em pedras; e não usa ninguém dêles para se comerem, nem para outra cousa alguma que aproveite para nada.

pindaíba *s.f.* Var.: 5 *penaíba*, 8 *pindahyba*, 9 *pindaíba* [< T. pina'ɨua < pi'na 'anzol' + 'ɨua 'haste' ~ VLB I. 37: *Anzol, ou anzolo* = Pindâ. *Ib.* I. 65: *Cana, ou vara de pescar* = Pindaigba].

Planta da família das anonáceas.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXI. 69): Penaíba é uma árvore comprida e delgada, muito direita, cuja madeira è leve e de côr de pinho, que serve para mastros e vergas das embarcações da terra, a qual dá de si muito e não estala; mas não dura muitos anos, porque a corrompe a chuva. **1817** CASAL *Corografia Brazilica* I. 113: A pindahyba he arvore formoza, e de grandeza proporcionada, e segundo a qualidade do terreno que a cria: sua madeira leve: as folhas lanceoladas com uma polegada de largura, e tres athé quatro de comprimento: fructifica em pequeninos racimos, cujos poucos bagos fazem as vezes da pimenta do Malabar. IDEM *Ib.* II. 76: Conhecem-se bem as jabuticabeiras, os araçazeiros, as pindahybas, as palmeiras do ticum. **1872** TAUNAY *Inocência* (2ª ed., 1884, i. 16): [...], as nuvens que se espaciam nos ares, a folhagem lustrosa e os troncos brancos das pindahybas, a copa dos ipês e as palmas dos boritys a ciciarẽm, [...]. **1956** GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 291: Aí pelo mato das pindaíbas avante, tudo era um sapal.

pindaíbal *s.m.* [< pindaíb(a + -al].

Local onde vicejam pindaíbas.

1956 GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 290: Os urubús espaceavam, quando o céu empoeirado. Pousavam no pindaíbal do brejo.

pindá-siririca *s.m.* [< pindá (< T. pi'na) + siririca (< T. sĩ'rĩka 'escorregar') ~ VLB I. 123: *Escorregar qualquer outra cousa* = Acigrigc)].

V. abon.

1895 J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. vii. 106: O pindá-siririca é o caniço commum, cujo anzol recobriram de pennas encarnadas de arára ou mesmo de algum pedacinho de baeta dessa cor.

pindauaca *s.m.* Var.: 8 *pindá-uauáca* [< T. [c]pina'ɥaka].

V. abon.

1895 J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. vii. 107: O pindá-uauáca é o mesmo anzol assim preparado não em a linha curta de um caniço, porem na mais longa linha de pesca.

pindoba *s.f.* Var.: 5-9 *pindoba*, 5 *pindoga*, 6 *pindoua*, 7 *pindova*, 7-9 *pindóba* [< T. pi'nɔɥa ~ VLB II. 63: *Palma ou palmeira não tem genero* = As especies são muitas, mas nenhũa se nomea senão pola fruita, saluo a principal delas com q. se cobrem as casas que se chama Pindoba. E o fruito della Ynajâ].

Palmeira da subfamília das cocosóideas.

De acordo com os testemunhos dos primeiros cronistas do Brasil, a pindoba era amplamente utilizada pelos indígenas na construção de suas ocas. Esse processo rústico de cobrir as choupanas com folhas de palmeiras foi logo adotado pelos europeus e ainda é comum no interior do Brasil.

1585 CARDIM *Informação* fl. 79: Morauão os Jndios antes de sua conuersão em Aldeas em hũas ocas ou casas muj compridas [...] cõ as paredes de palha, ou de taipa de maõ, cubertas de pindoba, que he certo genero de palma q̃ ueda bem agua, e dura tres ou quatro annos. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LV. 25): Como há tanta diversidade de palmeiras que dão fruto na terra da Bahia, convém que as arrumemos tôdas neste capítulo, começando logo em umas a que os índios chamam pindoba, que são muito altas e grossas, que dão flor como as tamareiras, e o fruto em cachos grandes como os coqueiros, cada um dos quais é tamanho que não pode um negro mais fazer que levá-lo às costas; [...]. IDEM *Ib.* II. CLI. 246: [...] faz o principal [dos Tupinambás] sua casa muito comprida coberta de palma, a que os índios chamam pindoba, [...]. **1591** in *Denunciações da Bahia* (ed. 1925, 286): [...] e que hu dia de paschoa pella menhã o acharam em casa com seus negros trabalhando e abrindo pindoga pera cobrir huã casa. *c*1596 S. TRAVAÇOS *Declaração do Brasil* XXVI. fl. 22*v*.: E escolhido este sitio com parecer dos mais antigos faz o principal sua casa muito comprida, cuberta de palma, a que os Indios chamaõ, pindoba, [...]. **1608** L. FIGUEIRA *Relação do Maranhão* in S. Leite *Luiz Figueira* (1940) 148: [...] tinhão me feito hũa casinha muy bonita de pindoba adõde me recolherão parecendolhes que lhe vinha todo o remedio contra os brãcos que até agora os tinhão feito andar brenhas e rochas escõdidos; [...]. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 101*v*.: [...] e tambem de hũa Aruore como palma aque chamão pindoua, se faz muy bõa cobertura, [...]. IDEM *Ib.* vi. fl. 139*v*.: [...] fazem a sua abitaçaõ pellos campos aonde tem sua familia en cazas que pera isso fazem fabricar hũas de telha e outras de pindoua ou sápe que he hũa Rama com que se fazem semelhantes cuberturas [...]. **1624** *Livro de Contas* in DHA, II. (1956) 67: [...] de pindoua p.[a] se fazer hũa caza p.[a] morar o Carapina 1280 rs. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 182*v*.: Pindobaite [= *pindoba etê 'pindoba verdadeira'*], palmeiras são aruores m[to] compridas e m[to] direitas cen nehũ modo de galho da hũs coquos piquenos q̃ pera nesessidade da casqua se fas farinha e o meolo he quente e ce pode fazer coquada cõ os olhos dellas se cóbre as cazas nestas partes tirase tãobẽ hũ modo de uinho do ameguo e o ameguo se come e he frio mas p[a] nesesidade he bõ mãotim[to]. **1654** A. VIEIRA *Cartas* (ed. J. L. Azevedo, 1925, I. 365): [...] mandaram carregar pindoba para fazerem uma casa para os tabacos de certa personagem. *a*1696 C. MATOS *Obras* (ed. 1969, IV. 841): Um calcão de pindoba a meia zorra | Camisa de Urucu, mantéu de Arara, | Em lugar de coró arco, e taquara, | Penacho de Guarás em vez de gorra. |. *c*1698 J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 12: [...] crão todas essas rancharias armadas de paus, e cobertas de folhas de palmeiras, que commummente chamão pindobas. **1749** B. BERREDO *Anais do Maranhão* II. 63: [...] para o descanço corporal tiverão logo sufficientes accomodações, fabricadas por elles de páos das mesmas arvores, tecidos de ramos de palmeira brava, a que chamaõ Pindova, que tambem lhes servião de telha para se cobrirem, como succede ainda hoje. *c*1767 J. DANIEL *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, II. (1840) 348: [...] e fóra as portas precisas não se cancão com mais janellas, pois por entre a pindóba dos lados permeião os ventos, e entra a claridade necessaria; [...]. IDEM *Ib.* 349: Tem nas suas povoações, além destas suas casas particulares, outra muito maior a que chamão a casa do Paricá, commum a todos, e é ordinariamente descoberta pelos lados, ou ao menos por um, coberta sim de pindoba, como as mais. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 11: [...] a *pindóba*, o *jupatí*, de cujos talos unidos entre si com a casca da monguba se fazem vélas para canôas de todo o porte, e que por serem mui leves as tornam mais arfantes, [...]. **1876** F. TÁVORA *O Cabeleira* vii. 128: Este arraial compunha-se de meia duzia de ranchos abertos por todos os lados e unicamente cobertos de palhas de pindoba. **1888** INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, II. vii. 33): Quando acordou os primeiros raios do sol douravam os ramos de pindoba nova que cobriam a casa, e enchiam o negro quarto de uma claridade tenue que mal annunciava o dia. **1935** JORGE DE LIMA *Calunga* iv. 43: Divizava os imensos palmeirais pindóbas, aningas silenciosas, ouricuris, o rio Paraíba, o Sumaúma com suas patarronas e ganchadeiras, mulungús nas margens coberto de flôres vermelhas; lá estão patricios vossos catolezais onde os antepassados caetés foram perseguidos, onde vos tomaram as terras a vossos avós ó cabôclo civilizado. IDEM *Ib.* vii. 73: Enchiam-se as formas de barro debaixo de grandes latadas e os fornos coziam telhas e tijolos sob palhas de pindoba que o fogo queimava zombando depois das fornalhas acêsas da chuva impertinente. **1956** GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 508: Êle morava numa burguéia, em choça muito de solidão, entre as toucas da sempreviva — serrã e lustro das folhagens de palmeira-pindoba.

pindobuçu *s.m.* Var.: 5 *pindobuçu*, 6 *pindobussú* [< T. pi-noɰu'su < pi'noɰa 'pindoba' + u'su 'grande'].

Variedade de pindoba.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LV. 25): De junto do ôlho destas palmeiras [Pindoba] tira o gentio três a quatro fôlhas cerradas, que se depois abrem à mão, com as quais cobrem as casas, a que chamam pindobuçu, com o que fica uma casa por dentro, depois de coberta, muito formosa; a qual palma no verão é fria, e no inverno quente; e se não fôra o perigo do fogo, é muito melhor e mais sadia coberta que a da telha. *c***1698** J. F. Betendorf *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 255: [...] estando a egreja e casas, dantes, cobertas de pindobussú ou palmeira grande.

pinima *adj.* e *s.m.* Var.: 7 *penima, penyma*, 8 *piníma*. Cp. IBIRAPINIMA [< T. pi'nima 'manchado, malhado' ~ VLB II. 30: *Manchas assi diuersas* = Paraparaba. Pinima vel Pinipinima].

Madeira rajada; IBIRAPINIMA.

1752 in ABAP, II. (1902) 32: Na Frota dey conta a V. Ex.ª que fasia huã encomenda de Paos Penimas aos padres do Carmo [...] Este Pao a que no Ryo Negro chamão Penyma não hé tão solido como os das Trombetas, nem tambem pintado. **1753** Idem 107: Senhor — Na Nao de Guerra S. José vão outenta e dous toros de pao penima que me parece ser o mesmo Gateado que Vossa Excellencia me avisou quando aqui cheguei, [...]. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 30: [...] ha outra qualidade conhecida por *pinímas*, ou pintados, menores em tamanho aos primeiros; [...].

pipira *s.m.* [< T. *pi'pira].

Pássaro da família dos traupídeos.

1938 R. Morais *Os Igaraúnas* xvii. 195: — Eis que chegam, porém, numa revoada hecterogenea, sahis, japiins, rouxinóes, ten-tens, pipiras, anús, bicudos [...].

pipoca *s.f.* Var.: 7-8 *pipoca*, 9 *pipóca* [< T. *pi'poka].

Grão de milho que, estalado ao calor do fogo, forma um floco branco, que se come borrifado com sal ou banhado com mel.

1781 Durão *Caramurú* IV. xix, 117: De viveres prover a gente armada; | Quaes torravão o Aipí: quem mandiocas; | Outros na cinza as candidas pipocas. **1875** J. Alencar *O Sertanejo* II. xi. 175: Deus tenha sua alma, que foi um homem bom, mesmo pela palavra; só tinha que não podia ver cabeção de cacondê que não ficasse logo como pipoca na frigideira! **1888** R. Pompéia *O Ateneu* vii. 201: Da lettra da lei, incubados sob a pressão do veto, surgiam outros jogos, mais expressamente caracteristicos, dados que espirravam como pipocas, naipes em leque, [...]. **1929** A. Peixoto *Sinházinha* iii. 29: Ha as pipócas de milho sêco que estalam na cinza quente do borralho, que, de certo modo, de um certo lado, mais ou menos grandes, ou floridas, minguadas ou mofinas, significam isto ou aquilo.

pipocar *vb.* [< pipoc(a + -ar].

Saltar ou estalar como pipoca; ESPIPOCAR.

1878 Taunay *Narrativas Militares* 91: [...] mas, chegada a occasião, quando as balas pipocavão e roncava a artilharia, o bicho ficava branco como cêra e por dá cá aquela paha disparava para traz que nem veado campeiro. **1913** Simões Lopes *Lendas do Sul* 42: Dezembocou num campestre, de gramado fôfo, que tinha um cheiro doce que elle não conhecia: em toda a volta arvores enfloradas e ostentando frutos; passarinhada de penas vivas e cantoria alegre; veadinhos mansos; cafororócas e outro muito bicharedo, que recreiava os olhos; e listando a meio o campestre, brotado duma roca coberta de samambaias, um olho dagua, que saía em toalha e logo corria em riachinho, pipocando o quanto-quanto sobre areião solto, palhetado de malacachetas brancas, como uma farinha de prata... **1919** Monteiro Lobato *Cidades Mortas* 22: [...], d'ahi a cinco minutos *cem* machados pipocavam nas perobas!... **1935** J. L. Rego *O Moleque Ricardo* xiv. 118: — Calla bocca burro, gritaram. — Falla! Falla! e um tiro pipocou. **1956** Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* 253: Só Candelário tinha remetido dois homens, longe, no São José Prêto, só para comprarem foguetes, que no fim teriam de pipocar.

|| **pipupipuba:** v. abon.

*c***1594** [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1464-1468: Dos passaros q̃ andaõ de noite Ha de m^tas^ castas piquenas e grãdes algũs como corujas grandes .s. Vrucuriaguaçu Vrutagui 2 pipupipuba Jacuritu 2 Abijaguaçu hain aig. 2 aritara 2. Putunara Cuxa Aguigui baèvaù. [A propósito da dificuldade para a interpretação dos nomes de animais citados neste trecho, ver o comentário ao verbete *abijaguaçu*].

piquira *adj.* e *s.f.* e *m.* Var.: 6, 8-9 *piquira*, 8-9 *pequira* [< T. pi'kĩra].

Peixe miúdo (v. abon. *c*1607, 1817); cavalo pequeno, pônei (v. abon. 1842, 1856, 1867, 1871); pequeno, miúdo (v. abon. 1918).

*c***1607** J. Rodrigues *Relação* in S. Leite *Novas Cartas Jesuíticas* (1940) 199: Contudo, achamos farinha fresca e umas piquiras salgadas, que, pera quem estava como nós estávamos, muito menos bastara, que era a rêde de que mais necessidade tinhamos. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 301: Todos [habitantes de Villa Maria] se alumiam com azeite de mamona, e de *piquira*, especie de peixe miudo, que he multiplicadissimo, e facilimo de apanhar. **1842** Martins Pena *O Juiz de Paz* (ed. 1956, I. 38): — Vossa Senhoria não se arrenegue! Eu entregarei o pequira. **1856** J. M. Macedo *O Forasteiro* (2ª ed., I. vi. 129-130): [...] porque o menino conseguia sempre dar lição sabida, a tempo de montar depois no seu *pequira*, e correr a encontrar-se com Branca e Iveta. **1867** Idem *Memórias do Sobrinho de meu Tio* I. *Pról.* viii: O senhor *Qualquer-cousa* ama o lar domestico pelos seios da ama que o aleita, depois pelas bonecas que lhe dá a mãi, mais tarde pelo *pequira*, que o pai comprou para elle: [...]. **1871** J. Alencar *O Tronco do Ipê* II. ix. 113: "O meu pequira em que você corria, o russinho, tambem ainda vive. **1918** Monteiro Lobato *Urupês* 63: E o pequira, conscio de que era homem, ja batia nas irmans, cuspilhava de esguicho [...]. Idem *Ib.* 123: — Começa "assimzinho", meia duzia de folhas piquiras; bota p'ra baixo esse fio de barbante na tenção de pegar a terra.

pirá *s.m.* [< T. pi'ra 'peixe' ~ VLB II. 70: *Peixe. gnlr.* = Pirâ].

Designação genérica de peixe, em tupi.

1817 Casal *Corografia Brazílica* II. 187: [...] pirás de dois pés de comprido; [...].

pirá-andirá *s.m.* Var.: 7 *piráandirá*, 8 *piraandirá* [< pirá (< T. pi'ra 'peixe') + andirá (< T. an̈'ra 'morcego') ~ v. ANDIRÁ].

Peixe da família dos caracídeos.

*c***1777** F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 259: [Peixe de menor corpulencia] Piráandirá. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 34: [...] os *jandiás, surubins, pacús, piranambús, piraráras, pirapucús, acarís, piraandirás*, semelhante na cabeça a um *morcêgo*, da qual tomou o nome; [...].

pirá-apapá *s.m.* [< pirá (< T. pi'ra 'peixe') + apapá (< T. *apa'pa) ~ v. APAPÁ].

V. abon.

*c***1777** F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 259: [Peixe de menor corpulencia] Pirá-apapá.

pirá-bandeira *s.m.* Var.: 8 *pirábandeira* [< pirá (< T. pi'ra 'peixe') + bandeira].

Peixe da família dos taquissurídeos.

1895 J. Veríssimo *A Pesca na Amazônia* I. ii. 26: Os de pelle, que nós lá, por uma sobrevivencia da crendice mythologica, relacionando por um parallelismo de formas exteriores caracteres animaes e factos pathologicos ou moraes, temos por nocivos, productores de affecções herpeticas, são, entre mil outros: O surumbim, [...] o pirábandeira, [...].

pirabebe *s.m.* [< T. pira ɱe' ɱ e < pi'ra 'peixe' + ɱ e' ɱe 'voar' ~ Cp. GUARABEBE].

Peixe da família dos exocetídeos (*Cypsilurus speculiger*); peixe-voador.

*c***1631** C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 167*v*.: pirabebe he o aboador e tamanha como hũa gramde cardinha este pobre peixe tem guera nagoa e fora daguoa a cuda de escapar do mar dos cacamis e bonitos e aluoquoras e dourados ce mete a boar fora daguoa cudamdo de escapar uem as fraguatas e outros pacoros que o tomão pelo ar e o aboar deste peixe he de dous cem pacos [...] e nem no queri ce não despois que o ui e que o tiue na mão he bom peixe de comer eu creio que não fas sua abitação cenão cobre a tropiqua.

piracambucu *s.m.* Var.: 7-8 *piracambucú* [< T. piraaka ɱ u' ku < pi'ra 'peixe' + a'kaŋa 'cabeça' + pu'ku 'comprido' ~ VLB I. 50: *Bagres dagua doce* = Nhûdiâ; Mãdij; Pirâacâmucú; Jaù; este he muito grande].

Peixe da família dos pimelodídeos, espécie de bagre.

1792 F. O. Barbosa *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 23: Os peixes que ha no rio Tieté, além da abundancia, são especialissimos: cujos nomes são: [...] piracambucús, [...]. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 212: Entre outras especies de pescado ha doirados, saupés, pacús, piracanjuvas, surubins, piracambucús, jahús, e piraquaxiáras.

piracanjuva *s.f.* Var.: 7-8 *piracanjuva*, 8 *pracanjúba*, 9 *piracanjuba* [< T. pirakaŋ'iuɰa ~ Cp. PIRAJUBA].

Peixe da família dos caracídeos, espécie de dourado.

1792 F. O. Barbosa *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1845) 23: Os peixes que ha no rio Tieté, além da abundancia, são especialissimos; cujos nomes são: [...] piracanjuvas, pacús, [...]. 1817 Casal *Corografia Brazílica* I. 212: Entre outras especies de pescado ha doirados, saupés, pacús, piracanjuvas, surubins, piracambucús, jahús, e piraquaxiáras. Idem *Ib.* I. 377: Os doirados, os mandins, e os pracanjúbas sam os melhores peixes destes rios. [rio do Peixe, e os das Mortes pequeno, e o das Mortes grande]. 1928 M. Andrade *Macunaíma* xvii. 251: Isso vieram muitos peixes, veio acará veio piracanjuba veio aviú gurijuba piramutaba mandú surubim, todos êsses peixes.

‖ **piraçaquém:** v. abon.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxxv. 211): Piraçaquém è peixe da feição dos safios de Portugal, o qual não tem escama: morre à linha em todo o ano: é peixe saboroso, e muito leve para doentes.

piracatinga *s.m.* Var.: 7 *pirá-catinga, pira catínga* [< T. °piraka'tiŋa < pi'ra 'peixe' + ka'tiŋa 'mau cheiro, catinga'].

Peixe da família dos pimelodídeos.

*c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 259: [Peixe de menor corpulencia] Pirá-catinga. 1786 in *Annexes du premier Mémoire du Brésil* I. (1903) 219: No rio se pescavão alem dos peixes = pirarucú, tucunaré, surubim, pira catinga, pirânha, &ª. alguns peixes boys, principalmte da fortaleza para cima; [...].

piracava *s.f.* Var.: 6 *piracaua* [< T. pira'kaŋa].

Peixe da família dos polinemídeos (*Polydactylus virginicus*), também conhecido por barbado ou barbudo.

*c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 166*v.*: piracaua de palmo e meio de comprido com escama cor de prata e he bom de Comer.

piracema *s.f.* [< T. pira'sema 'saída dos peixes para a desova' < pi'ra 'peixe' + 'sema 'sair' ~ VLB II. 111: *Sair, exeo, is* = Acem].

Saída dos peixes para a desova; época em que os cardumes arribam para as nascentes dos rios; cardume de peixes.

[1560 Anchieta *Carta* in S. Leite *Cartas*, III. (1958) 207: Hoc tempus tanquam superioris inopiae levamen cupide expectatur, quod Ind *pirácéma*, id est, piscium exitum vocant.]. 1895 J. Veríssimo *A Pesca na Amazónia* I. vii. 107: As piracemas, arribação de peixes em cardume copiosissimos, dão-se nos principios da enchente e da vazante. 1928 M. Andrade *Macunaíma* xvii. 249: Passava uma piracema de jaraquis. Macunaíma agarrou pescando e distraído distraído quando viu estava em Obidos, a montaria cheinha de peixes frescos.

piracuara *s.m.* e *f.* Var.: 9 *piraquara* [< T. °pira'kŋara < pi'ra 'peixe' + 'kŋara 'buraco, toca' ~ VLB I. 84: *Coua ou buraco* = Coara. *Ib.* II. 129: *Toca de animal qualquer* = Coara].

Alcunha que se dá aos moradores das margens do rio Paraíba do Sul.

1918 Monteiro Lobato *Urupês* 218: Geca Tatú é um piraquara do Parahyba, maravilhoso epitome de carne onde se resumem todas as caracteristicas da raça.

piracuaxiara *s.m.* Var.: 7 *piraguaxiara, piracoaxiara,* 8 *piraquaxiára* [< T. °pirakŋa'tiara < pi'ra 'peixe' + kŋa'tiara 'pintar'].

V. abon.

1783 M. C. Abreu *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 263: Os peixes que ha neste rio, além da abundancia, são especialissimos, porque de todas as formas que sejam beneficiados não tem variedade o sabor, pois são notaveis os dourados, saupes, piraguajuras, pacuy, pacús, suruvy, piraguaxiara e jahús, [...]. 1792 F. O. Barbosa *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 23: Os peixes que ha no rio Tieté, além da abundancia, são especialissimos; cujos nomes são: [... piracoaxiaras [...]. 1817 Casal *Corografia Brazílica* I. 212: Entre outras especies de pescado ha doirados, saupés, pacús, piracanjuvas, surubins, piracambucús, jahús, e piraquaxiáras.

piracuca *s.f.* [< T. pira'kuka].

Peixe da família dos serranídeos, garoupa.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxxiii. 205): Piracuca chamam os indios ás garoupas, que são como as das Ilhas, mas muitos maiores; tomam-se à linha, tem o peixe molle, mas em fresco é saboroso e sadio, e sêco também.

piracuera *s.f.* Var.: 8 *piraquera* [< T. °pira'kŋera < pi'ra 'peixe' + 'kŋera 'dormir' ~ VLB I. 106: *Dormir* = Aquer].

V. abon.

1895 J. Veríssimo *A Pesca na Amazónia* I. viii. 120: A este modo de pesca chamam "fachiar" ou, tambem, "fazer piraquera". Piraquera é um termo tupi-guarani que significa peixe dormindo ou dormida de peixe.

piracuí *s.m.* Var.: 8-9 *piracuhy,* 8 *piracui* [< T. °piraku'i < pi'ra 'peixe' + ku'i 'farelo, pó' ~ VLB II. 40: *Moida cousa pello pao della* = Cuì. Ycuì. *Ib.* II. 79: *Po de cousa moida ou pizada* = Cuì, ut, Igbira cuì polo po ou farinha q. faz a terra ou caruncho no pao, etc.].

Farinha de peixe.

1876 Couto de Magalhães *O Selvagem* II. i. 11: D'estas conservas [*preparadas pelo processo da moqueação*] ha uma, o "piracuhy" ou farinha de peixe que goza de grande e merecida reputação; [...]. 1895 J. Veríssimo *A Pesca na Amazónia* I. i. 11: O peixe moqueado reduzem-o a migalhas e o esfarinham levando-o aos seus fornos de farinha brandamente aquecidos. Ao peixe assim desfeito chamão *piracuí* farinha de peixe (*pirá*, peixe em tupi, *ui*, farinha). 1938 R. Morais *Os Igaraúnas* xviii. 206: A mulherada tambem conduzia, em pequenos jamaxis, instrumentos de pesca, fóra reduzida matalotagem de piracuhy e passóca.

piracururu *s.m.* Var.: 7 *piracururú* [< T. °pirakuru'ru < pi'ra 'peixe' + kuru'ru 'sapo'].

Peixe da família dos pimelodídeos; peixe-sapo.

1783 M. C. Abreu *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 263: Além dos referidos peixes ha outras qualidades de que não fazem caso por não darem as conveniencias daquelles e são muito excellentes de comer, cujos nomes são: bagres, piavas, pacupevas, piracururús, ximburés, jurupoca e jurupenden.

piraém *s.m.* Var.: 8 *piracem, pirahém* [< T. °pirae'ẽ < pi'ra 'peixe' + e'ẽ 'sápido, que tem sabor pronunciado (salgado ou doce)' ~ A variante *piracem* talvez tenha sido influenciada por *piracema*].

Peixe salgado e seco ao sol.

1865 J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, xvi. 96): Traz um a succulenta caça; outro a farinha d'agua; aquelle o saboroso piracem da trahira. 1895 J. Veríssimo *A Pesca na Amazónia* I. iii. 48: O tapuio chama-lhe *pirahém*, peixe secco.

‖ **piraguajura:** v. abon.

1783 M. C. Abreu *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 263: Os peixes que ha neste rio, além da abundancia, são especialissimos, porque de todas as formas que sejam beneficiados não tem variedade o sabor, pois são notaveis os dourados, saupes, piraguajuras, pacuy, pacús, suruvy, piraguaxiara e jahús, [...].

piraí *s.m.* Var.: 8 *pirahy,* 9 *piraí* [< T. ?].

Chicote, azorrague.

1875 B. Guimarães *A Escrava Isaura* vii. 70: — Este não quer saber de fiados nem de tecidos, não: e daqui a pouco nós tudo vae p'ra roça puxar enxada de sol a sol, ou p'ra o cafesal apanhar café, e o pirahy do feitor ahi rente atrás de nós. Idem *Ib.* vii. 72: Tambem Juliana pouco durou; pirahy e serviço deu co'ella na cova em pouco tempo. 1946 Guimarães Rosa *Sagarana* 34: E certo: Sete-de-Ouros dava para trás, incomovível, desaceitando argumentos e lambadas de piraí.

piraiapeva *s.f.* Var.: 7 *pirágepeauá,* 8 *piráiapeéua, pirápéuáua* [< T. ?].

Peixe da família dos pimelodídeos.

*c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 259: [Peixe de menor corpulencia] Pirágepeauá. 1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 84: [...] *piráiapeéua*, peixe de pelle, não excede de uma vara de comprido, e no fundo da agua limpida se assemelha a um páo pintado: [...]. 1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 57/58): A pasmosa variedade de peixes do Amazonas recolhe-se tambem para elles nesse tempo, [...]; o pirápéuáua, uma multidão, um mundo, enfim, que enche aquellas aguas de vida e movimento, [...]. 1895 Idem *A Pesca na Amazónia* I. ii. 26: Os de pelle, que nós lá, por uma sobrevivencia da crendice mythologica, [...] temos por nocivos, productores de affecções herpeticas, são, entre mil outros: [...] o pirápéuáua, [...].

piraíba *s.f.* Var.: 6 *piràguiva, piraiui, pirahuyba,* 6, 9 *pirahyba,* 7 *paraoiva.* 7-9 *piraíba,* 7 *piraiba,* 8 *perahyba,* 8-9 *pirahiba,* 8 *piraruiba* [< T. pira'iŋa < pi'ra 'peixe' + a'iŋa 'ruim' ~ VLB II. 108: *Roim cousa, contrario de noua, limpa, bem feita, sam, etc.* = Aiba ~ Cp. T. pira'iŋa 'leproso' ~ VLB II. 20: *Leproso ser* = Xepirigtig. Xepiraib].

Peixe da família dos pimelodídeos.

1624 S. E. Silveira *Relação do Maranhão* fl. 10*v.*: Pirâguivas, chernes, meros, q̃ todos são peixes de hũa, atè tres è quatro arrobas. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 175: Piraiui qr dizer bagre grande he de 7 ou oito palmos de comprido E proporcionadamte

grosso he de pelle he bom p[a] comer toma se a linha. *c*1698 J. F. Betendorf *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 314: Deram finalmente com uma nação que tinha roças abundantes em mandioca não faltando pelo rio pirahuybas e outros castas de peixes, com que a tropa se ia sustentando. Idem *Ib.* 355: [...] e tem varias castas de peixe, até peixe-boi, pirahybas, mas os indios não os comem, sustentam-se de uma casta do peixe que chamam Tambaquiz, mui gostosos; [...]. **1763** J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 215: N'elle [sitio na bocca do Jamundaz] se tiraram duas muito grandes paraoivas, peixe bem saboroso, e que desterrou em o sabbado o fastio de peixe secco e de peixe boi, e tambem as semsaborias da noite. Idem *Ib.* 346: Em os dias que estivemos houve muita abundancia de peixe, principalmente de excellentes paraoivas e outros entre os quaes veio um grande e muito bom chamado jandiás. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 259: [Peixe de grande corpulência] Piraiba, de pelle. **1787** in *Annexes du premier Mémoire du Brésil* I. (1903) 261: [...] taes são os peixes bois, as piraibas, as pirararas, [...]. **1817** Casal *Corografia Brazílica* II. 292: Entr'outras especies de pescado cria grandes perahybas, [...]. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 34: [...] *pirahiba* peixe de pelle, e de grande corpo; abundam os *doirados, tambaquês, piranhas,* cujos dentes são summamente cortantes; [...]. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 89): — "Aposto com vancê dois pirarucú — teimou o tapuio — por uma frasqueira da da *branca,* que vancê não é capaz de matá aquelle que anda sartando que nem piraíba". **1895** Idem *A Pesca na Amazônia* I. ii. 24: [...], ou assiste-se o pulo alto da despresivel pirahiba, o enorme corpo todo fóra d'agua, envolto n'um lençol liquido, [...]. Idem *Ib.* II. ix. 156: Então "para as mesas delicadas" se pescavam a pescada, o mandubé, [...], as piraruibas — ou piraíbas como dizemos hoje, [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* xii. 170: [...] sacou o anzol da guela bem contente porquê agora podia pescar corimã piraíba aruana pirarara piaba, todos êsses peixes. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 156: No extremo-norte, ouvi dizer que além das trairas, elles são tambem hospedes dos tucanarés e pirahybas. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* iv. 43: Afinal appareceu o comandante, dado como engulido por uma pirahiba.

piraiquê *s.m.* Var.: 5-6 *piraiqué,* 6 *piraìquê* [< T. pirai'ke 'entrada dos peixes' < pi'ra 'peixe' + ai'ke 'entrar' ~ VLB I. 119: *Entrar* = Aiquê].

Técnica indígena de pescar.

O padre Jácome Monteiro e frei Vicente do Salvador descrevem minuciosamente o piraiquê, cuja denominação de origem indígena, todavia, não vingou em português, embora o processo ainda seja usado em algumas regiões do Brasil.

1557 Nóbrega *Diálogo* (ed. S. Leite, 1955, 222): *Gonçalo Alvarez:* — Ora isso deve sser, porque não sei a qual ouvi, que quando vinhão na nao, maginavão-se hum São João Bautista junto de hum rio Jurdaam a bautizar quantos a elles viessem. *Matheus Nugueira:* — Se forão tainhas do Piraiqué podera ser... [**1560** Anchieta *Carta* in S. Leite *Cartas,* III. (1958) 212: Quodam anni tempore infinita propemodum capitur piscium multitudo, quod ab Indis *pirâiquê,* id est, piscium ingressus dicitur;]. **1610** J. Monteiro *Rel. da Provincia do Brasil* in S. Leite *Hist.,* VIII. (1949) 399: Dos Rios é o mais nomeado o Magé, pelos *piraìquês,* que nele se dão, e pera que se entenda que cousa seja piraiquê, há-se de advertir qual seja a forma e disposição do rio. Antes de entrar no salgado, espaço de uma légua é mui direito, largo e limpo. A largura chegará até 25, 30 braças; de altura não mais que 5, 6 palmos. No mês de Junho vêm desovar a este rio infinitos cardumes de tainhas e corimás. Nas águas vivas de lua nova tapam a boca deste rio com varas e esteiras; depois pisam muita quantidade de timbó, que em Portugal responde ao barbasco; na vazante da maré enchem o rio de sumo destes paus com o qual se embebeda o peixe, de sorte que nenhum escapa, e toma-se tanto que com passarem as embarcações que dele se enchem de 120, 140, ficam serras de peixe sem se aproveitar. Este *piraìquê* se chama real, porque se não pode dar sem ordem da Câmara, pera o qual se bota pregão 15, 20 dias antes. Disseram-me que se ajuntavam nele perto de duas mil almas. Piraìquê na lingua da terra quer dizer entrada de peixe. **1627** V. Salvador *Hist. Brasil* III. xviii. fls. 80-80*v.*: [...] e elle fes tambem hum engenho de asucar juncto a hum rio chamado Magé, onde se fas huã pescaria de fataças, e chama-se Piraiqué, que quer dizer entrada de peixe, tam notavel, que naõ he bem passala em silençio: He este rio de agoa doçe, mas entra por elle a maré huã legoa pouco mais ou menos. Nas agoas vivas do mes de Iunho, que he aly a força do inverno, entraõ por elle tantas fataças, ou corimáns (como os Indios Brazis lhe chamão) que pera as poderem vencer se junctão duzentas canoas de gente, e lançando muito barbasco machucado a riba donde chega a maré, quando está preamar se tapa a boca, ou barra do Rio com huã rede dobrada, vay o peixe pera sahir com avazante naõ pode com a rede, nem menos esconderse em ofundo, porq̃ a agoa o embarbasca, e embebeda de maneira, que viradas de barriga as fatassas andaõ sobre ella meyas mortas, donde com húns redofolles as tiraõ como colher da caldeira aos pares athe encher as canoas. Sahem se logo fora e cortadas as cabessas lhes escallão os corpos, e salgados os poem a secar em os penedos, que ha aly muitos: e das cabessas cozidas fazem azeite pera se alumiarem todo o anno.

|| **piraiucuri** (*piraiupuri, piragupiri*): v. abon.

*c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 167: Piraiucuri [*no manuscrito tinha sido escrito primitivamente* piragupiri; *esta palavra foi parcialmente riscada e, na entrelinha, escreveu-se* piraiupuri, *que, por sua vez, foi alterada em* piraiucuri, *mediante a sobreposição de um* C *ao segundo* p] da cor do mero cuberto descama tem os olhos uerdes tem mais Dum palmo de comprido e cam e cam ralos e ce axão pouquos. e com bomus de comer.

pirajaguara *s.m.* Var.: 6 *pyraiaguara, para jaguára,* 9 *pirajaguára* [< T. piraja'ũara < pi'ra 'peixe' + ja'ũara 'jaguar, onça'].

Mamífero cetáceo da família dos delfinídeos, espécie de boto.

*c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fls. 175-175*v.*: Pyraiaguara he Especie de Porco marinho no sabor he como porco principalm[te] o figado tẽ as p[es] genitais Como o porco E tẽ noue palmos de comprido E grosso nesta proporcão face do rabo manteiga as femeias parẽ como os animais Tẽ hũ buraco asima do nariz por onde respira a lanca algua [*sic*]. *a*1667 Heriarte *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 182): [*sobre as Amazonas*] o que parece fabula, pois entrando neles [*muitos lagos*] e andando-os, se nam achárão taes Amazonas, senam cantidade de Botos, a que os Indios chamam *Para Jaguáras.* **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* xiii. 149: — Ha duas qualidades de bôto na Amazônia. O tucuxi, preto, chamado pirajaguára na lingua geral, amigo do homem, que acode a quem naufraga, levando as victimas do sinistro ás focinhadas rumo da beira, [...].

pirajuba *s.f.* [< T. pira'juua < pi'ra 'peixe' + 'juua 'amarelo' ~ VLB I. 106: *Dourado, peixe* = Guarobig. Pirâiuba, *Ib.* II. 108: *Roncador. Peixe* = Goatûcupâçaba, do Rio de Janeiro p[a]. riba Pirâjuba].

Peixe da família dos caracídeos; dourado.

*c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 2286-2287: Pirajuba barbos.

pirambeba *s.f.* Var.: 7 *pirumbeba* [< T. *pira'ɱ eua].

Peixe da família dos caracídeos (*Serrasalmus brandtii*), tambem conhecido como piranhatinga.

1749 *Prodigiosa Lagoa* (ed. 1925, 7): Sinco castas de peixes se tem nella descuberto, a saber Pirumbebas, Bicudas, Trahiras, Lambares, e Piabás.

pirambóia *s.f.* Var.: 9 *piramboia* [< T. *pira'ɱ oia < pi'ra 'peixe' + 'ɱ oia 'cobra'].

Peixe da família dos lepidossirenídeos.

1938 R. Morais *Os Igaraúnas* xviii. 208: — Apesar de já serem catalogados na Amazonia varios especimes, disse a naturalista, com pulmões, taes o pirarucú e o aruanã, por exemplo, de respiração dupla, o typo conhecido por excellencia é a piramboia, ou trahiramboia.

pirambu *s.m.* Var.: 5 *pirámbú* [< T. pira'ɱ u < pi'ra 'peixe' + a'ɱ u 'roncar' ~ VLB II. 113: *Sargo de beiço* = Macapig ou Pirambu. *Ib.* II. 108: *Roncar o q. dorme* = Xequerambú].

Peixe da família dos pomadasídeos, sargo-de-beiço.

*c*1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 25*v.*: Este peixe saluagê, a q̃ os Jndios chamaõ Pirámbú .i. [*id est = isto é*] peixe q̃ ronca, a rezaõ he porq̃ onde andaõ logo se ouuẽ roncar. saõ de boa grandura ate 8 a 9 palmos, a carne he de bom gosto e saõ estimados. tem na boca duas pedras de largura de huã maõ, rijas em grande estremo: com ellas partem os buzios de q̃ se sustentaõ: as pedras estimaõ os Jndios, e as trazem ao pescoço como Joyas.

piramutaba *s.f.* Var.: 6 *piramota,* 8 *piramutàba,* 8-9 *piramutaba* [< T. pira ɱ u'taua].

Peixe da família dos pimelodídeos.

*c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 175*v.*: piramota he hũ peixe como hũ bagre e he de dous athe tres palmos de comprido tem os olhos prettos e a cor e paresenca he como de bagre [...]. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 34: [...] os saborosos *mandubés, piramutábas, mandiís, matupiris, aracús, trairas, jejús,* e *tamoatás,* conhecidos por *peixe do mato,* [...]. **1889** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 57/58): A pasmosa variedade de peixes do Amazonas recolhe-se tambem para elles nesse tempo, [...] a piramutaba; [...]. **1895** Idem *A Pesca na Amazônia* I. vii. 107/108: Os peixes de piracema chamados, isto é, aquelles que arribam em bandos numerosos, são o jaraqui, a piramutaba, [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* xvii. 251: Isso

vieram muitos peixes, veio acará veio piracanjuba veio aviú guríjuba piramutaba mandú surubim, todos êsses peixes.

piranambu *s.m.* Var.: 7 *pirá-enambú*, 8 *piranambú, pirá-nambú* [< T. *piraina'ɲ u < pi'ra 'peixe' + ina'ɲ u 'inambu'].

Peixe da família dos pimelodídeos.

*c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 259: [Peixe de menor corpulencia] Pirá-cnambú. 1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 34: [...] os *jandiás, surubins, pacús, piranambús, piraráras, pirapucús, acarís, piraandirás*, semelhante na cabeça a um *morcégo*, da qual tomou o nome. 1895 J. Veríssimo *A Pesca na Amazônia* I. ii. 26: Os de pelle, que nós lá, por uma sobrevivencia da crendice mythologica, [...], temos por nocivos, productores de affecções herpeticas, são, entre mil outros: [...], o piránambú, [...].

piranema *s.m.* [< T. pira'nema < pi'ra 'peixe' + 'nema 'fedor' ~ VLB I. 136: *Fedor* = Nema, 1, Baenema].

Peixe da família dos priacantídeos, também chamado olho-de-cão.

1721 F. F. Henriques *Âncora medicinal* (ed. 1731, 162): Piranema. He peixe do Brazil, acha-se no mar; he de bom gosto, e nutrição.

piranha *s.f.* Var.: 5-9 *piranha*, 7 *piránha* [< T. pi'rãja < pi'ra 'peixe' + 'ãja 'dente' ~ VLB II. 129: *Tisoura* = Pirânha. 1, Piraya].

Nome comum a vários peixes da família dos caracídeos, extremamente vorazes.

[1555 Azpilcueta Navarro *Carta* in S. Leite *Cartas* II. (1957) 249: (...) ay un pece que se llama piray que corta un anzuelo con los dientes como con una navaja, lo qual vi con mis ojos, porque de otra manera apenas lo creyera.]. 1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxliv. 231): Piranha quer dizer tesoura: é peixe de rios grandes, e onde o há, é muito; e é da feição dos sargos, e maior, de côr mui prateada: êste peixe é muito gordo e gostoso, e toma-se à linha; mas tem tais dentes que corta o anzol cêrceo: pelo que os índios se não atrevem a meter n'água onde há êste peixe; porque remete a êles muito e morde-os cruelmente; se lhes alcançam os genitais, leva-lhes cêrceos, e o mesmo faz à caça que atravessa os rios onde êste peixe anda. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 2296-2300: Piranhas saõ como vezugos tẽ dẽtes q̃ ate ferro cortaõ e cõ estes dentes se trosquiauaõ os Jndios antigamente aRemetẽ aos homẽs e muj sotis em os comer. e seruẽ de facas os dentes. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 119r.: [...] piranha-he-pescado pouco major de palmo mas de taõ grande animo que cisedem em ser carniceiros aos tubarões dos quoais com aver muitos desta parte naõ saõ taõ arreseados — como estas — piranhas que deuem de ter hũa enclinaçaõ leonina — e naõ se achaõ senaõ em Rios de Aguoa dose — tem sete ordeñs de dentes taõ agudos e cortadores que pode muy bem cada hũ delles fazer ofiçio de naualha e de lanseta. [...]. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 173: A piranha quer dizer tezoura e he peixe de hũ palmo bom as mahoires ele por riba das costas he pardo e pelo meio do corpo pratiado e uermelho pela barigua e he o mais piguozo [*sic*] e guolozo que ha nesta tera em toda a Cristãodade esta armado de demtes em feicão de cerra que nimguem ce ouza a meter na aguoa e eu ui hũo peixe boi arpoado di [*sic*] emtes que ele foce metido na canoa o comeram todo cem deixarem nada ele corta hũ amzol e ce paca algum bixo que paca o rio em cimtimdo bolir a auguoa ce uão atras dele e o comem todo e he prazer pesquar a elas que hũ omem pesquara hũ cemto delas em hũ ora e he muito bõ comer que parese o solho. *c*1753 in DAP, VII. 7: [... e me foy precizo p^{a}. meu sustento hir m.^{tos} dias com hum caniço ao rio a pescar algũas piranhas, [...]. 1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 71: Tirou-se muito peixe pequeno, alguns de palmo chamados piranhas, que n'este lugar eram tão vermelhos e prateados, que escusariam de nos trazer da China outros semelhantes, que se deixavam ver entre as raridades dos senhores infantes em o palacio de Palhavan, e em Santa Cruz de Coimbra, e na casa de campo de Belêm, do conde de Oeiras. Estes peixes são crueis, e mordem muito; a um clerigo que nos acompanhou, e por refrigerar-se do calor que sentia nas plantas dos pés se banhava sentado na canôa, tirou uma piranha um bocado de carne no calcanhar, de que se andou curando muito tempo, dizendo festivamente que debaixo dos pés se lhe levantavam os trabalhos. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 259: [Peixe de menor corpulencia] Piranha. 1786 in *Annexes du premier Mémoire du Brésil* I. (1903) 219: No rio se pescavão alem dos peixes = pirarucú, tucanaré, surubim, pira catinga, pirânha, &^{a}. alguns peixes boys, principalm^{te}. da fortaleza para cima; [...]. 1806 in RAPM, VI. (1901) 766: As Piranhas são de modo carnivoras, que arrojadas pelas cheias a longas terras dos Certõens devorão os animaes de todas as especies que nelles topão: deu-lhes a Natureza dentes agudissimos, e muito rijos. 1817 Casal *Corografia Brazílica* I. 299: As piranhas, chamadas commumente tizoiras, e ainda lancêtas, e as arrayas sam igualmente terriveis; as primeiras em razão dos dentes, as outras por cauza d'um ferrão que tem na cauda. 1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 34: [...] *pirahiba* peixe de pelle, e de grande corpo; abundam os *doirados, tambaquês, piranhas*, cujos dentes são summamente cortantes; [...]. 1847 A. Leverger *Rio Paraguai* in RIH, XXV. (1862) 232: Não passarei em silencio a especie, de todas a mais abundante, as carnivoras *Piranhas* ou *Tesouras*, que ferram os agudos e incisivos dentes em tudo quanto se parece com carne; e, logo que apparecem na agua algumas gotas de sangue, acodem em duzias, se não em centenas, e em breve tempo não deixam senão o esqueleto do animal, por maior que seja, que cahiu em poder d'ellas. 1865 J. Alencar *Iracema* (3^{a} ed., 1878, xxix. 172): Cada guerreiro tomba crivado de muitas flechas, como a presa que as piranhas disputam nas agua do lago. 1875 Machado de Assis *Americanas* 58: "— Remador vae na canoa. | Canoa vae a descer... | Piranha espiou do fundo | Piranha que o vae comer. 1876 Couto de Magalhães *O Selvagem* II. vi. 162: A piranha é peixe de escamas cor de perola, que raras vezes excede a um palmo, mas d'uma voracidade que ultrapassa a quanto se pode imaginar. 1876 N. J. R. Sousa *Diário* (ed. 1946, 19): As 4h. da tarde passamos a correnteza das piranhas, assim chamaram-na porque ali abundam tais peixes. 1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 57): [...] a ferocissima piranha, de peito côr de sangue, e dentes triangulares, agudos como espinhos e afiados como navalhas; [...]. 1888 Inglês de Sousa *O Missionário* (ed. 1899, II. viii. 97): Não fosse o receio das dentadas das piranhas, e da morte entrevista na garganta de jacarés enormes, teria prolongado o delicioso banho. 1895 J. Veríssimo *A Pesca na Amazónia* I. ii. 25/26: São escamosos uns, outros de pelle. Dos primeiros, alem do grande, do vantajoso, do preferido pirarucú nomeam, pescam, comem ou fazem objecto do seu commercio, [...] as piranhas, — brancas, pretas, cajú ou vermelha, [...]. 1903 D. Olímpio *Luzia Homem* ii. 8: — Qual, tia Catirina! O Lixande que o diga! — mandou uma cabocla roliça e bronzeada, de dentes de piranha, toda adornada de joias de pechisbeque e fios de missanga, muito besuntada de oleos cheirosos. 1928 M. Andrade *Macunaíma* v. 56: Porêm no rio era impossivel por causa das piranhas tão vorazes que de quando em quando na luta pra pegar um naco de irmã despedaçada pulavam aos cachos pra fora dagua um metro e mais. 1929 A. Peixoto *Sinhàzinha* ii. 18: "Seu" Capitão Pacifico, lá das Lavras, é brabo como piranha. 1930 G. Cruls *A Amazónia que eu vi* 201: As piranhas, apenas abertas ao meio e assadas a fogo lento, num espeto, são extremamente saborosas e já aprendi com o General a saborear-lhes as bochechas, que outra cousa não devem ser senão os seus possantes musculos mastigadores. 1938 R. Morais *Os Igaraúnas* i. 11: — Não foi nada, coroné, retrucou o tapuio arreganhando a dentuça de piranha apontada a canivete, e amarela de tabaco. 1946 Guimarães Rosa *Sagarana* 134: E grita a piranha côr de palha, | irritadíssima: | — Tenho dentes de navalha, e, | com um pulo de ida-e-volta, | resolvo a questão! 1956 Idem *Grande Sertão: Veredas* 164: Assim um uso correntio, apontar os dentes de diante, a poder de gume e ferramenta, por amor de remendar o aguçoso de dentes de peixe feroz do rio de S. Francisco — piranha redoleira, a cabeça-de-burro.

piranhatinga *s.f.* [< T. pirãja'tiɲa < pi'rãja 'piranha' + 'tiɲa 'branco'].

Piranha branca (*Serrasalmus brandtii*), também conhecida como pirambeba.

*c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 173*v*.: piranhatinga quer dizer a tezoura bramqua he peixe da mesma gramdor mas he mais bramqua hũo pouquo e tem a boqua mais pequena e serue de hũa mezinha aos negros pera a opelicão [*sic*] e dor de barigua e tem pouqua espinha e tem o guosto da outra.

pirapema *s.f.* Var.: 6 *pirapema*, 8 *pirapêmba* [< T. pira'pe^{ɲ}a < pi'ra 'peixe' + 'pe^{ɲ}a 'anguloso, esquinado'].

Peixe da família dos megalopídeos.

*c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 164: pirapema he hu peixe de ceis ou sete palmos de comprido cuberto de hũa escama como a palma da mão que parece ser armado de hũa armadura de prata de hũ pouquo uerde e pardo nas costas hele he bom de comer principalmente a cabeça e a barigua e tem muita espinha. 1817 Casal *Corografia Brazílica* II. 242: Entre outras muitas especies de pescado, que cria, as mais estimadas sam os sorubins, camarupins, piratingas, fidalgos, mandins, pirapêmbas, pirânhas, e trahiras.

pirapetimbabo *s.m.* [< T. pirapetĩ'^{ɲ} aɥo < pi'ra 'peixe' + petĩ'^{ɲ} aɥo 'cachimbo' ~ Cp. PETIMBABO].

Peixe da família dos singnatídeos; peixe-cachimbo.

*c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 165*v*.: pirapetimbabo he de hũ palmo e pardo e uermelho e he peixe armado e não ha que comer nele.

pirapitinga *s.f.* Var.: 8 *pyrapitinga, pirapitinga* [< T. *pirape'tiɲa < pi'ra 'peixe' + pe'tiɲa 'de casca branca' (< a'pe 'casca' + 'tiɲa 'branca') ~ Cp. ACARAPITINGA].

Peixe da família dos caracídeos.

1869 B. Guimarães *O Ermitão do Muquem* (ed. 1873, IV. iv. 206): Alli a anta membruda arrojando-se n'agua fazia esvoaçarem sobresaltadas com grande ruido uma chusma de aves aquaticas; além a lontra esbelta e viva de um salto emborca-se no rio dando caça aos peixes e surge além tendo atravessada na boca a pratcada pyrapitinga ou a crumatã de escamas de ouro. **1872** Idem *Hist. e Trad. Minas* III. i. 204-205: Com um pequeno anzol ou fisga, e uma linha de tucum da grossura de um fio de barbante, pescão não só os pequenos bagres e pyrapitingas, como os corpulentos dourados e crumatãs, e o jaú, que attinge ás vezes o tamanho de um homem de alta estatura, e tem a força de touro. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 57): A pasmosa variedade de peixes do Amazonas recolhe-se tambem para elles nesse tempo, [...]: a pirapitinga, sarapintada como diz o nome; [...]. **1895** Idem *A Pesca na Amazônia* I. vii. 104: Empregam tambem a gaponga na pesca da pirapitinga, bello e gostoso peixe, sarapintado, pouco menor que o tambaqui.

pirapuã *s.f.* Var.: 5 *pirapuã,* 6 *pirapuama* [< T. pirapu'a < pi'ra 'peixe' + apu'a 'redondo' ~ VLB I. 34: *Ambre* = Pirâpoâma repoti, I, Boiguaçu repoti].

Baleia: v. abon.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxv. 183): Entendo que cabe a êste primeiro capítulo dizermos das baleias que entram na Bahia (como do maior peixe do mar êle), a que os índios chamam pirapuã; [...]. **1663** S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 97. 172: Chamão os Indios ao ambar pirapuama repoti, por que tem pera si, que serue de pasto da balea, & sae della âs praias por vomitos.

pirapucu *s.m.* Var.: 5 *pirapicu,* 7 *pirapecú,* 8 *pirapucú* [< T. pirapu'ku < pi'ra 'peixe' + pu'ku 'comprido'].

Peixe da família dos caracídeos.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxvi. 189): Entram na Bahia, no tempo das baleias, outros peixes muito grandes, a que os índios chamam pirapicu, e os Portuguêses espadartes, os quais tem grandes brigas com as baleias, e fazem tamanho estrondo quando pelejam, levantando sôbre a água tamanho vulto e tanta dela para cima, que parece de longe um navio à vela; [...]. *c***1777** F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 259: [Peixe de menor corpulencia! Pirapecú, de duas especies. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 34: [...] os *jandiás, surubins, pacús, piranambús, pirarâras, pirapucús, acarís, piraandirás,* semelhante na cabeça a um *morcêgo,* da qual tomou o nome; [...].

piraputanga *s.f.* Var.: 8 *paraputanga, pirapitanga* [< T. *pirapi'taŋa < pi'ra 'peixe' + pi'taŋa 'avermelhado'].

Peixe da família dos caracídeos.

1817 Casal *Corografia Brazílica* I. 301: *Paraputanga,* e *pacú* sam os melhores pescados do Paraguay, e seus primeiros confluentes. **1874** Taunay *Histórias Brasileiras* 20: — Dizem todos que ellas se encerrão principalmente na meiguice das mulheres, nas cabeças de pacús e caudas de pirapitangas. Trate, pois, se não quer encalhar em Cuyabá, de olhar pouco para o sexo fragil e de não provar das extremidades d'aquelles dous peixes senão com muita reserva e cautela.

piraquiba *s.f.* Var.: 6 *piraciua* [< T. pira'kĩua < pi'ra 'peixe' + 'kĩua 'piolho' ~ VLB II. 78: *Piolhos de qualquer aue, ou animal bruto* = Quigba].

Peixe da família dos equeneídeos; peixe-piolho.

*c***1631** C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 167*v.*: piraciua quer dizer o piolho do peixe e he da compridam de dous palmos de comprido e he da cor de pardo escuro e ce apegua em riba dos outros peixes diguo ce apegua em riba dos casamis por ter medo dos outros peixes e tambem ce apegua aos nauios e he peixe muito gordo e he bom de comer.

‖ **piraquira:** v. abon.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxvii. 216): Piraquiras são uns peixinhos como os peixes-reis de Portugal e como as ruivacas de água doce, os quais se tomam na água salgada em camboas, que são umas cêrcas de pedra ensoça onde se êstes peixinhos vem recolher fugindo do peixe grande, e ficam com a maré vazia dentro nas poças, onde se enchem balaios dêles; [...]. [*Em tupi peixe-rei traduz-se por* pikira'tã, *que talvez se componha de* pi'kira + a'tã; *admitida esta hipótese, a forma* piraquira *derivaria de* pi'kira, *com influência de* pi'ra 'peixe' ~ VLB II. 70: *Peixe Rey* = Piquiratã].

‖ **piraquiroá:** v. abon.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxx. 199): Há outro peixe a que os índios chamam piraquiroá, que são como os corcovados de Portugal, que se tomam à linha, os quais são muito estimados; porque, como são gordos, são muito saborosos em extremo. Idem *Ib.* II. cxxxvi. 213: Piraquiroá é um peixe da feição de um ouriço cacheiro, todos cheios de espinhos tamanhos como alfinêtes grandes, os quais tem pegados na pele por duas pontas com que estão arreigados; [...].

‖ **pirára:** v. abon.

*c***1777** F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 259: [Peixe de menor corpulencia! Pirára.

pirarara *s.f.* Var.: 7, 9 *pirarara,* 8 *pirarára* [< T. *pira'rara < pi'ra 'peixe' + a'rara 'arara'].

Peixe da família dos pimelodídeos.

1787 in *Annexes du premier Mémoire du Brésil* I. (1903) 261: [...] taes são os peixes bois, as piraibas, as pirararas, [...]. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 30-31: [...] esfregando a parte colorida com a gordura do peixe *pirarára,* e faz o mesmo effeito o toicinho, [...]. Idem *Ib.* 34: [...] os *jandiás, surubins, pacús, piranambús, pirarâras, pirapucús, acarís, piraandirás,* semelhante na cabeça a um *morcêgo,* da qual tomou o nome; [...]. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 57/58): A pasmosa variedade de peixes do Amazonas recolhe-se tambem para elles nesse tempo, [...] a nociva e gorda pirarára, vermelha como a ave cujo nome tomou; [...]. **1895** Idem *A Pesca na Amazônia* II. ix. 156: Então "para as mesas delicadas" se pescavam a pescada, [...] as pirarâras — que agora quasi ninguem come. [...]. **1910** H. Campos *Poeira* 186: [...] Entretanto, outra scena se desdobra ! Na agua profunda: no soturno leito ! Movem-se o bôto, e a pirarara, e a cobra... **1928** M. Andrade *Macunaíma* xii. 170: [...] sacou o anzol da guela bem contente porquê agora podia pescar corimã piraíba aruana pirarara piaba, todos êsses peixes. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 117: Alguns dos nossos homens torcem o nariz ás pirararas. Ricardo, o nosso piloto, vae mesmo mais longe, e resmunga: "Pirarara não é comida de gente. Faz doença da' pelle. Se a gente dá pirarara p'ra papagaio comer, elle fica todo pintado, que nem ella mesma". (A pirarara tem a pelle manchada.)

pirarucu *s.m.* Var.: 6 *piraurucu,* 7 *pirorocú, piráurucú,* 7-9 *pirarucú,* 8 *piraurucú* [< T. piraury'ku < pi'ra 'peixe' + ury'ku 'tintura, almagre' ~ VLB I. 32: *Almagra* = Urucu. Taguapirãga ~ v. urucu].

Peixe da família dos osteoglossídeos (*Arapaima gigas*).

Inglês de Sousa (v. abon. 1888) emprega o vocábulo para qualificar um tipo de tecido — *chita pirarucú* —, talvez em alusão ao seu colorido.

*c***1631** C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 175*v.*: Piraurucu [*no manuscrito fora escrito* pirarucu uieiuasu; *riscaram-se depois as duas úlltimas sílabas da primeira palavra e todas as da segunda, escrevendo-se na entrelinha* urucu, *formando, assim,* pirauruc*u*] he de 8 palmos de grandes escamas he muito carregado não se come senaõ cõ m^ta necessidade he m^to gordo a cor pardo p^a o rabo he tirante a uermelho. **1763** J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 76: Aqui houve antes de anoitecer, muita pesca de serobins, tucanarés, corimatás, acarazes, piranhas, pirorocús (de que a lingua é o melhor salador de noz-moscada), araoanás e aracús, e seria extraordinaria a pesca se as redes estivessem em melhores termos, [...]. *c***1777** F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 259: [Peixe de grande corpulencia! Piráurucú, de escamas conchosas. **1786** in *Annexes du premier Mémoire du Brésil* I. (1903) 219: No rio se pescavão alem dos peixes = pirarucú, tucanaré, surubim, pira catinga, pirânha, &^a, alguns peixes boys, principalm^te da fortaleza para cima; [...]. **1817** Casal *Corografia Brazílica* II. 292: O *pirarucú* he grande, e bom: a sua lingua serve de groza aos Indios para ralar o guaraná: o bucho, depois de secco ao sol, he uma boa cólla; e reduzido a pó excede a tudo para precipitar, e clarificar o café. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 33-34: [...] o *piraurucú* he assaz abundante nos rios e lagos, pertence á ordem dos ovaes, e delle se salgam todos os annos muitas mil arrobas, cuja carne nesse estado pouco differe no gosto á do bacalhão, a lingua deste peixe serve de groza para ralar; as femeas, sentindo-se fecundadas de ovos, depoem-nos em prodigiosa quantidade, cavando previamente a arêa dos rios vazios e lagos, e depois de picados os nutre de leite, que tem em certa celhila [...]. **1876** Couto de Magalhães *O Selvagem* II. iv. 88: Na canoa destinada a servir-lhes de morada durante seis mezes, vêm-se alguns paneiros de farinha, [...] um pacote com algumas arrobas de pirarucú seco, [...]. Idem *Ib.* II. vi. 179: O pirarucú é um peixe das dimensões do mero de cinco a oito palmos de comprimento, de seis a oito de circumferencia, roliço, de largas escamas [...]. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 51): [...] lambendo nos intervallos as espinhas secas ou as pelles vermelhas dos pirarucús, unica pitança atirada á sua gula. **1888** Inglês de Sousa *O Missionário* (ed. 1899, II. vii. 28): Uma tapuya, ainda moça, vestida com uma simples saia de chita pirarucú, acocorada nos calcanhares, atiçava fogo á uma panella de peixe, [...]. Idem *Ib.* II. xiii. 335: [...] dos lagos chegavam batelões atopetados de pirarucús e tambaquis, de que já se não sabia o que fazer; [...]. **1895** J. Veríssimo *A Pesca na Amazônia* I. iii. 28: Por todos os motivos de ordem economica, a pesca do pirarucú occupa nas pescarias amazonicas o primeiro lugar. **1928** M. Andrade *Macunaíma* iv. 49: Perguntaram pra todos os seres, aperemas saguís tatús-mulitas tejús

[...] prá lagartixa que anda de pique com o ratão, pros tambaquis tucunarés pirarucús curimatãs do rio [...]. 1930 G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 20: Defronte de uma palhoça, afogada por muita palma de pupunheira, algumas mantas de pirarucú seccando ao sol. 1936 J. L. REGO *Usina* II. xix. 277-278: Mil vezes as piabas do rio, que aquelle pirarucú fedorento. 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* ii. 22: — Arranje por lá umas lingua de pirarucú pr'a ralá o seu guaraná que as nossas já não prestam.

pirá-tapioca *s.m.* Var.: 8 *pirá-tapióca* [< *pirá* (< T. pi'ra 'peixe') + *tapioca*: v. TAPIOCA].

Peixe da família dos caracídeos.

1895 J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. ii. 25: Dos primeiros, alem do grande, do vantajoso, do preferido pirarucú nomeam, pescam, comem ou fazem objecto do seu commercio a pescada·[...] o pirá-tapióca, o tucunaré, [...].

piraúna *s.f.* Var.: 6 *pirauna* [< T. pira'una < pi'ra 'peixe' + una 'preto'].

Peixe da família dos serranídeos, espécie de mero.

*c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 164*v.*: pirauna he mero he peixe de cimquo ou ceis palmos e groso como hũ baril de uinte canadas e tem a cabesa muito grosa e a boqua muito gramde cuberto de hũa escama muito dura e sarada que fas muito trabalho de ha escamar he parda e pela barigua tira de amarelo he pimtada de preto e tem pouqua espinha e he bom de comer.

piri *s.m.* Var.: 7 *piri*, 9 *pery*, *piry* [Redução do T. piripi'ri: v. PIRIPIRI].

Espécie de junco, piripiri.

*c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 265: [Planta aquatica] Piri especie de canna d'agua. 1918 MONTEIRO LOBATO *Urupês* 220: A cama é uma esteira espipada de pery posta sobre o chão batido. 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* xxvii. 324: Diana sabia que o papyro do Egyto se estrahia dum junco palustre, e ligando as especies, fez varias experiencias com o piry, mais ou menos da mesma familia, e de cuja haste fez a tabúa pr'a esteira.

piriantã *s.m.* Var.: 8 *periantans* (pl.), 9 *periantã* [< T. °piriã'tã < pi'ri 'piri' + a'tã 'duro'].

Trecho de barranco coberto de vegetação rasteira que, despegado da margem de um rio, se desloca com a correnteza.

1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 53): [...] sobre os periantans movediços alvejam bandos de garças, erguendo de tempos em tempos o vôo tardo [...]. 1888 INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, II. viii. 103): O rio, pallido manchado de pingos pardacentos, agitava-se num balanço frouxo, sacudindo os periantans que se desprendiam da margem e punham-se a viajar na correnteza. 1895 J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazónia* I. iii. 29: Os dos lagos, onde de preferencia vivem entre as aguas lodosas dos aningáes e periantans, são mais escuros, [...]. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* xvi. 242: Macunaíma botou a gaiola com geito no fofo, atirou a princesa lá e dando um arranco na margem com o pé afastou da praia o periantã que as aguas levaram.

pirimembeca *s.f.* Var.: 9 *perimembeca* [< T. °pirime'ɱeka < pi'ri 'piri' + me'ɱeka 'mole'].

Planta da família das ciperáceas.

1895 J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazónia* I. iii. 34: Ora pára a canôa á beira dessas extensas touceiras de perimembeca, de tiririca, de mury ou de canarana, gramineas diversas que com o nome collectivo de matupás, orlam as margens: [...].

piripiri *s.m.* Var.: 5, 9 *periperi*, 8 *piripiri* [< T. piripi'ri 'junco' ~ VLB I. 56: *Boinho* = Piripiri].

Espécie de junco da família das ciperáceas, piri.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. xix. 116): As embarcações, de que êste gentio [*Caités*] usava, eram de uma palha comprida como as das esteiras de tabua, que fazem em Santarém, a que êles chamam periperi, a qual palha fazem em molhos muito apertados com umas varas como vime, a que êles chamam timbós, que são muito brandas e rijas, e com êstes molhos atados em umas varas grossas faziam uma feição de embarcações, em que cabiam dez a doze indios, que se remavam muito bem, e nelas guerreavam com os Tupinambás neste rio de S. Francisco, e se faziam uns a outros muito dano. 1874 TAUNAY *Histórias Brasileiras* 22: Os arredores da villa de Miranda são baixos e apaulados, cobertos, não raras vezes em vasta extensão, de *piripiris*, juncos que mergulhão as raizes n'agoa ou no lodo e morrem na época dos grandes calores. 1878 IDEM *Narrativas Militares* 33: Vinha então a nossa tropinha por trilha alagada e aberta em campos de juncos *piripiris*; [...]. 1935 JORGE DE LIMA *Calunga* i. 15: Agora terreiros varridos com meninos jogando carrapeta, castanha, mulheres de pernas cruzadas em esteiras de periperi, batendo os bilros nos papelões de renda, negrotas catando cafuné nas amigas, sentadas nos batentes dos mocambos, cães avançavam contra o trem latindo acompanhando a carreira da balduína.

piripirioca *s.f.* Var.: 8 *piripirióca*, *periperioca*, *peperioca*, 9 *priprioca*, *pripioca* [< T. °piripiri'oka < piripi'ri 'piripiri' + 'oka 'casa'].

Planta da família das ciperáceas.

1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 14: [...] diversas qualidades de trêvos aromaticos, a *piripirióca*, especie de capim, cuja raiz he assás fragante; o *corimbó*, cipó grosso que cresce nos lugares humidos, sua côr he encarnada, e exhala de si agradavel cheiro; [...]. 1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 372-373): Consiste em raspar em uma lingua de pirarucú a periperioca, a aratassioia, a casca preciosa, o louro amarello e outras cascas e raizes odorosas, [...]. 1888 INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, II. xi. 274): [...] desfallecia de prazer nos braços da mameluca, embrutecido por um perfume activo de trevo e de peperioca. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* xi. 161/162: Tomou banho de cauré cheiroso, vestiu roupa chegada da lavadeira e perfumada com priprioca [...]. 1929 G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* xii. 174: [...] sobre o corpo esfregava pega-não-me-larga e nos cabellos punha essencia de pripioca e no lenço a umburanã de cheiro. 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* xiv. 116: Agua perfumada, trescalava a macacaporanga, a patchuli, a priprioca, a casca preciosa, a arataciú, a baunilha, a cumarú, a japana, e a cem outras plantas odoriferas.

piririguá *s.m.* Var.: 6 *pirarigua* [< T. piriri'ũa].

Ave da família dos cuculídeos.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 114: [...] giruba — são hũs passaros que crião por barrocas que tem as penas de verde cor de mar. e da mesma maneira outra chamada pirarigua.

‖ **piriuáca:** v. abon.

*c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 264: [Plantas e hervas] Mucuracahá. Piriuáca. Jaramacarú: estas tres ultimas conhecidas contra venenos.

‖ **piron:** v. abon.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fls. 116-116*v.*: [...] ha outro modo de falcão ou guauiaõ que não sey de que especie seja, tambem muy agiles pera a caça, mas não tão grandes como os de que fiz mençaõ de que hũ dos tais se chama piron. e outro ganbiapiruera, e outra casta a que chamaõ — eixua — e outra semelhante que tem por nome — taguato — e outro quaraquara — e tambem — guaquaqua — e do mesmo modo jaqueretu — o coal he asaz feo na composiçaõ [...].

piruá *s.m.* Var.: 7 *pirua* [< T. piru'a 'empola, bolha' ~ VLB I. 112: *Empolas na carne* = Biruá].

V. abon.

1771 A. B. SAMPAIO *Campos de Guarapuava* in RIH, XVIII. (1855) 270: [...] do qual [milho] se remediou a necessidade do cavallo cansado, e a nossa com piruas, que é milho torrado feito em uma panella dos gentios, [...].

pissandó *s.m.* Var.: 5 *piçandó* [< T. pĩsa'no].

Pequena palmeira do gênero *Diplothemium* (*D. caudescens*).

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lv. 26): Piçandós são umas palmeiras bravas e baixas que se dão em terras fracas: e dão uns cachos de côcos pequenos e amarelos por fora, que é mantimento, para quem anda pelo sertão, muito bom, porque tem o miolo muito saboroso como avelãs, e também dão palmitos.

pitanga *s.f.* [< T. pĩ'taŋa 'avermelhado, pardo'].

Planta da família das mirtáceas, cujo fruto é uma baga avermelhada, de sabor agridoce; pitangueira; UBAPITANGA.

Em *As Minas de Prata* (v. abon. 1865), Alencar emprega a expressão *chorar pitanga* 'lamuriar-se, pedir com insistência'.

1681 A. O. CADORNEGA *Hist. Guerras Angolanas* (ed. 1942, III. 37): [...] he por fóra um paiz de Flandres em verdura de diversa casta de arvoredo, e de muitas romeiras, figueiras, [...] araçazeiros e pitangas, muitas ervas cheirozas, [...]. 1702 A. ROSÁRIO *Frutas do Brasil* III. ii. 141: [...] mas nem por isso ficaràõ sem fruta, comaõ Pitangas, que saõ vermelhas, da cor do habito de Christo, saõ boas para o fastio: [...]. 1705 M. B. OLIVEIRA *Música do Parnasso* 131: As pitangas fecundas | Saõ na cor rubicundas, | E no gosto picante comparadas | Saõ de America ginjas disfarçadas; |. 1721 F. F. HENRIQUES *Âncora medicinal* (ed. 1731, 248): Pitanga. Este fruto he Americano, e póde numerar-se entre as ameixas, ou cerejas. He quente, e mui succulento, mas de gosto sub-amaro, e adstringente. Celebre, e delicioso lhe chama Piso; he de grande utilidade na fraqueza do estamago, a que corrobora; discute os flatos e reprime as nauseas e vomitos. 1730 ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 50. 31: [...] as pitangas, do mesmo tamanho, mas

golpeadas em gomos, humas roxas, outras vermelhas, todas frescas, e refrigerantes dos calores da febre. **1769** M. S. M. Itaparica *Eustachidos* 125: Os arassás diversos, e silvestres, | Huns saõ pequenos, outros saõ maiores: | Oytís, cajás, pitangas por agrestes | Estimadas naõ saõ dos moradores: | Aos marcuiás chamar quero celestes, | Porque contèm no gosto tais primores, | Que se os Antigos na Asia os encontraraõ, | Que era o nectar de Jove imagináraõ. **1781** Durão *Caramurú* VII. xliv. 209: As Pitangas com cores golpeadas | Dão refrigerio na febril seccura: |. **1782** F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* I. vii. 146: Tem pois a Pitanga a figura de hum Tomate, maz a sua grandeza occupa a largura de huma polegada: ella hé exterior mente coberta de huma tenuissima cuticula semelhante á da Ginja. **1806** in RAPM, VI. (1901) 768-769: Fructas ha indigenas e algumas silvestres, de que se faz grande uso no Paiz. A Jaboticaba he a melhor; a Mangaba, a Guaiaba, o Arassá, a Pitanga, o Maracujá, o Mamão comem-se em fructa e em doce. **1855** Junqueira Freire *Inspirações do Claustro* 142: Não somos Romanos: — trophéos não erguemos, | Nem louros, nem pompas de futil vangloria: | só folhas da patria — cafês e pitangas —| Taes são nossos arcos, — tal é nossa glória! **1859** C. Abreu *As Primaveras* 35: N'aqueles tempos ditosos | Ia colher as pitangas, | Trepava a tirar as mangas, | Brincava á beira do mar; |. **1865** J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, xxvi. 157): [...] alisou-lhe os cabellos e beliscou a boca mimosa e vermelha como a pitanga. **1865** Idem *As Minas de Prata* IV. ii. 54: — Arre! casmurro!... Vê, Joaninha, como elle chora pitanga... Ao menos esta semana, quando aperreares o pobre Martim, has de lembrar-te de mim!... **1871** Idem *O Tronco do Ipé* II. ix. 110: Mais adiante ha uma moita de pitangas... Olhe!... Está vendo?... Acolá?... Pois ahi você se escondia para me metter medo. **1872** Idem *Til* III. vii. 68: Pois eu lhe conto; depois não fique ahi vermelhinha como uma pitanga. **1872** Taunay *Inocência* (2ª ed., 1884, xiv. 146): Fez-se a menina da côr da pitanga, levantou uns olhos sorpresos e voltou logo o rosto para fugir dos olhares de Cyrino. **1873** J. Alencar *Guerra dos Mascates* I. xiii. 152: No centro campeava uma pyramide de prata lavrada, formando por andainas uma pinha de belliões de abobora e batata, pucarinhas finas de geléas de araçá e pitanga, [...]. **1874** Taunay *Histórias Brasileiras* 190: [...] a Babita tinha [...], boquinha como se acabasse de comer pitangas, [...]. **1876** F. Távora *O Cabeleira* xvii. 280: Entre os anneis dos seus negros cabellos brilhavam ricas flores de ouro e coral, semelhantes a malmequeres e pitangas. **1888** Ferreira Leal *O Suplício de um Marido* ii. 55: Havia alli [...] a rubicunda pitanga dividida em gommos, [...]. **1891** Machado de Assis *Quincas Borba* cxx. 284: — Theophilo foi o primeiro que descobriu; ella, dizendo-se-lhe isto, ficou como uma pitanga. **1895** Taunay *O Encilhamento* II. xxiv. 144: Qual!... todos os bancos tomados por embrulhos, chapéos de sól, cestos de cajús e pitangas, bengalas, [...]. **1899** Idem *No Declínio* xxviii. 256: Que disparidade na simples conformação dos seios! Que róseos matizes nas aréolas dos tumidos biquinhos e nos peitos ponte-agudos, desde o carmezim da polposa pitanga, até ao desmaiado da mangaba que vae amadurecer!... **1915** Lima Barreto *Policarpo Quaresma* I. ii. 24: Acabado o almoço, dava umas voltas pela chacara, chacara em que predominavam as fruteiras nacionaes, recebendo a pitanga e o camboim os mais cuidadosos tratamentos [...]. **1920** Idem *Histórias e Sonhos* 136: [...] pois era seu habito, depois de ler o "Jornal" na venda, descer a praia, embrenhar-se na restinga, chupar cambuim, pitangas, fructas de cardo, pexerica, qualquer fructa sylvestre [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* v. 63: Por detrás do tejupar do regatão vivia a árvore Dzalaúra-Jegue que dá todas as frutas, cajús cajás cajàmangas mangas abacaxis jaboticabas graviolas sapotís pupunhas pitangas [...]. **1934** J. L. Rego *Banguê* I. ix. 54: E correu ao meu encontro com a mão cheia de pitangas. **1937** Idem *Pureza* xiv. 125: Erysipela só dá com febre assim. Antonio, quando tem os ataques delle, chega fica dizendo besteira. Isto passa. Basta botar os unguentos que eu dei a D. Felismina. E com o chá de pitanga tudo vae indo. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 9: Sós e seus de pelagem, com as côres mais achadas e impossiveis: [...] castanhos tirando a rubros, pitangas com longos pretos; [...]. **1956** Idem *Grande Sertão: Veredas* 299/300: Milho crescia em roças, sabiá deu cria, gameleira pingou frutinhas, o pequi amadurecia no pequizeiro e a cair no chão, veio veranico, pitanga e cajú nos campos.

pitangueira *s.f.* [< pitang(a + -(u)eira].

Pitanga.

1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 87. 162: Pitangueira, seus frutos saõ como ginjas de Portugal em gosto, & qualidade. **1681** A. O. Cadornega *Hist. Guerras Angolanas* (ed. 1942, III. 373): Ha neste reino *goaveiras, caiveiros, araçazeiros miri e asu, pitangueiras,* [...]. **1782** F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* I. vii. 147: Algumas Pessoas do Vulgo applicão aos enfermos do cozimento das folhas da Pitangueira com o fundamento de corroborante. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 99: A *Pitangueira*, que toma a grandeza d'huma ameixeira, quando plantada em bom terreno, nos bosques ordinariamente não passa d'hum mediano arbusto: suas folhas assemelham-se ás da murta: a flor he branca, miuda, e com um grande numero de estames; o fructo da grandeza de jinja, canellado, de côr escarlate, ou roxa, e agridoce: distilla-se delle um espirito agradavel. **1914** Coelho Neto *Rei Negro* viii. 297: Em volta era matto bravo, com pitangueiras e limoeiros cobertos de herva de passarinho. **1919** Lima Barreto *Gonzaga de Sá* ix. 123: A estrada me veio em mente: arenosa, de solo fugidio e movel, [...] com os maricás, as pitangueiras, nas bordas, salpicadas de fructas vermelhas, [...]. **1920** Idem *Histórias e Sonhos* 17: Por vezes, no fundo, na frente ou aos lados delles, ha uma arvore de mais vulto: um cajueiro, um mamoeiro, uma pitangueira, uma jaqueira, uma laranjeira; [...]. **1922** A. Peixoto *Bugrinha* xviii. 233: Pequenas arvores de distancia em distancia, ordinariamente ingazeiras, cajueiros, goiabeiras, pitangueiras, araçázeiros, [...]. **1929** G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* iv. 46: Á tarde eram encontrados pelos cães e pelos criados dormindo debaixo das rasteiras pitangueiras, cosidos pelo sol. **1936** J. L. Rego *Usina* II. xviii. 265: Pela beira da estrada havia casas de moradores, sitios, laranjeiras, giráus com craveiros, pitangueiras, rodeando os casebres e hoje era aquelle cannavial só, perdendo-se de vista. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 133: A pitangueira se abala, do jarrete à grimpa.

pitauá *s.m.* Var.: 5 *pitaoão,* 7 *pitahuaã, pitauan,* 8 *pitauã* [< T. pita'ŋua].

Pássaro da família dos tiranídeos, também chamado bem-te-vi-de-coroa.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxxxiv. 99): Pitaoão são passarinhos do tamanho e côr dos canários, e tem uma coroa branca na cabeça; fazem grandes ninhos nos mangues, ao longo dos rios salgados, onde põem dois ovos; [...]. **1728** N. M. Pereira *Peregrino da América* I. v. 48: Despertando o Pitahuaã | Com impulsos de rigor, | Disse logo: Bem te vi, | Deste lugar em que estou. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 262: [Ave silvestre! Pitauan, duas especies. **1800** J. Veloso *Aviário Brasílico* 11: [*É fácil reconhecer*] Que os Lamios [*Em nota de rodapé*: Tordetas Bemteré, *ou* Pitauã no Brasil] he hum genero intermedio aos Açores, Pegas, e Passaros; [...].

|| **pitia** (*pitiá*): v. abon.

1817 Casal *Corografia Brazílica* II. 98: Entre as arvores de boa madeira para construção acha se [...] pitia, [...]. **1881** F. Távora *Lourenço* (ed. 1902, xvi. 246): — Isto é lá para a beira da praia, onde não ha madeira forte; não é para aqui, onde não falta quiri nem pitiá, e só temos barro duro, e não areia fina.

pitinga *adj.* [< T. pe'tiŋa 'de casca branca' < a'pe 'casca' + 'tiŋa 'branca'].

Branco, claro, sem pintura.

1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 103): [...] deixava-o cair lentamente, fazendo um fio branco de gosma, para uma cuia pitinga que lhe ficava no tupé, á esquerda; [...].

pititinga *s.f.* Var.: 5 *pequitim,* 6 *petitimgua, petitinga,* 6-7 *pititinga* [< T. piti'tiŋa].

Peixe da família dos engraulídeos, espécie de enchova.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxxvii. 216): *Pequitins* são uns peixinhos muito pequeninos que se tomam em poços d'água, onde ficam com a maré vazia, e são tamaninos que os índios assam mil juntos, embrulhados em umas fôlhas debaixo do borralho, e ficam depois de assados todos os pegados à feição de uma maçaroca. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 169: petitimgua desta propia forma que esta aqui pimtada e ce tomam muito como de [*sic*] e cam muito bom de comer. *a*1696 G. Matos *Obras* (ed. 1969, IV. 840): A linha feminina é carimá | Moqueca, pititinga caruru | Mingau de puba, e vinho de caju | Pisado num pilão de Piraguá. |. Idem *Ib.* VI. 1533: Jesu nome de Jesu! | ide pescar às restingas, | e mandais-me petitingas? |. **1789** F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 178-179: Pititinga, peixe da grandeza de quatro dêdos transversos; com a bocca nimiamente ampla; olhos com a prunella negra; iris parte argentada, e parte negra; [...] Cabeca e huma cinta lateral argentadas; o restante cor de perola, e na extremidade das branchias, e junto ao anus manchas rubescentes.

pitiú *s.m.* Var.: 6 *putiú,* 8-9 *pitiú,* 9 *pitium, pituim, pituím* [< T. pïti'u ~ VLB I. 73: *Cheiro de peixe fresco cru* = Pigtiû, |, Migtiû].

Cheiro desagradável, característico de peixe cru; espécie de tartaruga do Amazonas (v. abon. 1895, 1930).

*a*1696 G. Matos *Obras* (ed. 1969, II. 383): porque diz, que vos tresanda, | (quando lá pondes o cu) | o sovaco a putiú, | e que a catinga a palanda. |. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 51): [...] e até no sólo nú, as postas oblongas, brancas, rosadas daquelle peixe, pondo no ar o cheiro nauseabundo a que o indigená chama *pitiú*. **1895** Idem *A Pesca na Amazônia* I. v. 87: De uma feita, vi no porto de Breves, no Pará, um batelão de capacidade não inferior a tres toneladas litteralmente cheio de mussuans e pitiús, [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* vii. 91: Já quasi todos tinham tirado algumas rou-

pas e o respiro ficara chiado por causa do cheiro de mistura bundum coty pitium e o suor de todos. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 130: O pitiú, cuja carne é almiscarada, donde o seu nome, mostra-se mais arisco e só sae em lugares especiaes, os *boiadores*, isto é, nos remansos e encontros d'agua. **1934** G. Ramos *S. Bernardo* xxix. 174: Realmente, uma criatura branca, bem lavada, bem vestida, bem engommada, bem aprendida, não ia encostar-se áquelles brutos escuros, sujos, fedorentos a pituim. **1935** J. L. Rego *O Moleque Ricardo* xxi. 179: Ricardo botava a roupa branca de alfaiate, tirava o pituim no tanque de seu Alexandre. **1935** Jorge de Lima *Calunga* ii. 25: Vinha um pituim enjoativo misturado de Oriza lá de dentro, mas as palmas e o sapateado cadenciado eletrizavam o pessoal que respondia o refrão. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* xiii. 152: E logo se sentiu um pitiú tão forte que até dava vontade de vomitar.

pitomba *s.f.* Var.: 6-9 *pitomba,* 6 *pitoma,* 8 *pitôma* [< T. pi'to*m*a].

Planta da família das sapindáceas, cujo fruto tem as sementes envolvidas por um arilo adocicado e abundante; pitombeira.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 190*v.*: [...] Pitomba [frutas] que saõ semelhantes a Amexas [...]. **1630** in ABN, LXXXII. (1962) 294: [...] metendo hum marquo de pedra com a marca do dito Collégio e num pao alto verde por nome pitoma, tudo junto do dito rio [...]. *c***1698** J. F. Betendorf *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 375: [...] e dando com umas pitombas grossas, de cheiro de almiscar, mas mui azedas, se foram enchendo dellas. Trazendo-nos quantidade não muita, que assâmos ao fogo primeiro, e depois comêmos para não nos fazerem mal, nem amargarem tanto [...]. **1702** A Rosário *Frutas do Brasil* III. iii. 148: Os ourives do ouro, & prata tem suas Ubaias, ou Pitombas amarellas da cor do ouro. **1705** M. B. Oliveira *Música do Parnaso* 131: As pitombas douradas, se as desejas, | Saõ no gosto melhor do que as cerejas, | E para terem o primor inteyro | A ventagem lhes levam pelo cheyro. **1730** Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 50. 31: As outras são as fragrantes pitombas, como pequenas gemas de ovos: [...]. **1781** Durão *Caramurú* VII. xliv. 209: As fragrantes Pitombas delicadas | São, como gemmas d'ovos na figura; [...]. **1817** Casal *Corografia Brazílica* II. 60/61: a *pitôma* he maior que a mangába, oblonga, com casca lisa, polpa saborosa, e caroço. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 20: [...] *ginjas, pitombas, sórvas* e outras; [...]. **1873** J. Alencar *O Garatuja* xv. 122-123: A resposta foi uma tremenda surriada e um granizo de caroços de pitomba, que bombardeou a respeitavel penca do Sebastião Ferreira. **1928** M. Andrade *Macunaíma* xiv. 202: De-noite quando Jiguê queria pular na rede a companheira dele principiava gemendo, falando que estava empanzinada de tanto engulir caroço de pitomba. **1931** G. Aranha *O meu próprio romance* 38: Aos sete annos, tendo engulido caroços de pitomba, veiu-me doloroso embaraço intestinal.

pitombeira *s.f.* Var.: 5-6, 8-9 *pitombeira,* 7 *pitombeyra* [< pitomb(a + -eira].

Pitomba.

1568 in ABN, LXXXII. (1962) 45: Èste chão está defronte dos assisprestes e pitombr[a] fora da cêrca. **1663** S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 87. 162: Pitombeira, seu fruto he a modo de nespras; porém mui doce, & de cheiro suaue, que rescende a almiscar. **1757** D. L. Couto *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 36: As Pitombeyras arvores tambem proprias deste Paiz, com os seus frutos em cachos, á maneyra de uvas, são innumeraveis, como são todas as mais arvores de frutos cultivados, e agrestes, e que exalão suavissimos balçamos, preciosos aromas, e medicinaes oleos sendo o nosso bejuim melhor, que o da Ilha de Somatra. **1873** J. Alencar *O Garatuja* xv. 122: As horas de folga e os dias de sueto, passava-os aquella rapaziada trepada na pitombeira, comendo fructa e desinquietando as visinhas, a quem atiravam as cascas e perseguiam de galhofas. **1876** F. Távora *O Cabeleira* ix. 164: Ao passarem por baixo de uma pitombeira que no angulo apontado agitava no ar a sua copa gigantesca, [...]. **1950** Jorge de Lima *Guerra dentro do beco* xxxviii. 284: Próximo à pitombeira, que se destacava forte e copuda, num renque bastardo de oitizeiros, uma rarefação da folhagem desenhou um coração luminoso no centro compacto da figura: [...].

|| **pitribí:** v. abon.

1817 Casal *Corografia Brazílica* I. 163: Fitologia. Cedro, biraró, pitribi, [...].

pitu *s.m.* Var.: 8-9 *pitú* [< T. pi'tu].

Espécie de camarão.

1817 Casal *Corografia Brazílica* II. 78: [O Rio Buranhem] cria piáus, trahiras, robalos, acaris, piabanhas, piabas, jundiás, pitús, e camarões que além de grandes sam multiplicadissimos. **1937** J. L. Rego *Pureza* viii. 61: Ladislau conhecia todas as locas, sabia onde se refugiavam os pitús gostosos, de patas compridas como lagostins.

piúca *s.f.* [< ? T.].

Graveto, pau seco e quebradiço.

1919 Monteiro Lobato *Cidades Mortas* 55-56: Depois, recostada a cabeça no espaldar, semicerrados os olhos, semiaberta a bocca, deixou-se fumegar gozosamente como uma piúca de queimada.

pium *s.m.* Var.: 5, 7-9 *pium,* 8-9 *piúm* [< T. pi'ũ ~ VLB II. 43: *Mosquitos que mordem* = Piũ: estes são os borrachudos, (...)].

Espécie de mosquito; borrachudo.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. xcii. 424): Pium é outra casta de mosquitos tamanhos como pulgas grandes com asas; e em chegando èstes à carne, logo sangram sem se sentir, e em lhe tocando com a mão se esborrachan; os quais estão cheios de sangue; cuja mordedura causa muita comichão depois, e quer-se espremida do sangue por não fazer guadelhão na carne. **1763** J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 70: Chegámos pelas 10 horas a boca do rio que sahe ao das Amazonas, onde dormimos atormentados da praga que tem copiosa de mosquitos, de garapanazes, meruins, piuns, e motucas, que são umas moscas verde-negras, [...]. **1817** Casal *Corografia Brazílica* II. 324: As margens do Amazonas do Rio Negro para cima sam infestadas d'hum pequeno mosquito, chamado *piúm,* cuja ferroada doloroza deixa uma nodoa vermelha acompanhada d'huma comichão insoffrivel, que passa a chaga. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 28: [...] além destes são incommodantes o *pium* ou *borrachudo,* insecto de corpo minutissimo, e cuja ferroada faz uma chaga, sómente persegue de dia, e qualquer roupa o defende, são mui communs nas proximidades dos rios, [...]. **1888** Inglês de Sousa *O Missionário* (ed. 1899, II. viii. 81): Os mosquitos, os carapanans, os piuns, as morissocas, os pernilongos atiravam-se com uma gana desenfreada á iguaria rara e delicada d'aquella epiderme branca [...]. **1926** Coelho Neto *Feira Livre* 53: Os ares enxameiam-se de culices de varias especies. Ha de tudo, desde a muriçoca até o pium; [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* ii. 21: E eram muitos mosquitos, piúns maruins ararús tatuquiras muriçocas meruanhas borrachudos varejas, toda essa mosquitada. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 208: Durante o trajecto da tarde, tivemos algumas corredeiras e travessões bem cacetes, sobretudo porque, ás suas vizinhanças, fazem-se mais frequentes os insupportaveis piuns.

piúna *s.f.* Var.: 7 *upiuna,* 8 *piuna* [< T. *pi'una].

V. abon.

1741 in RAPM, VI. (1901) 576-577: Os madeiramentos serão das melhores madeiras do paiz, como Canella preta, Upiuna, Licorama, Guapeva, Limpas do brejio, ou branco, os sobrados serão vigados com vigas de vitola ou de palmo esforçado metidas nas paredes com as suas cabessas de forma, q.'lhe não toque cal, serão espaçadas as ordinarias. **1801** in RAPM, II. (1897) 687: Para Tinturaria. — Cascas de [...] Piuna, [...].

pixaim *s.m.* [< T. apiša'ĩ ~ VLB I. 85: *Crespina de negro de Guine* = Acangapixaĩ. Metaphorice].

Cabelo muito crespo; carapinha.

1934 Jorge de Lima *O Anjo* 141: Nisto chegou um mulato dobrado, com pixaim, e pôs a mão de chumbo no ombro do ambulante: [...]. **1935** Idem *Calunga* xii. 99: Passavam todas as côres, todas as idades, marmanjos e fêmeas, grenhas, cabêlos escorridos de cabôcla, pixains, tranças com fitas, sararás; pés ligeiros acamavam aquêles massapês, pés espalhados, pés de tamanco, de alpercatas, de sapatos, de perneiras, pés sujos de lama, pézinhos leves de crianças levadas até ali pelos pais ignorantes.

pixê *s.m.* Var.: 8 *pixé, pixê* [< T. pi'šɛ ~ VLB I. 72: *Chamusco, ou cheiro de qualquer destes* = Pixe].

Mau cheiro, catinga.

1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 294/295): Ao fazendeiro não enganaram aquelles signaes; sabia o medo que o cavallo tem da onça, cujo "pixé", ainda mesmo farejado de longe ou nas pegadas que deixou em sua passagem a fera, basta para pol-o fóra de si. **1888** Inglês de Sousa *O Missionário* (ed. 1899, II. xiii. 369): Negras da Costa [...] passavam balançando os quadris [...] e enchendo o ar de forte catinga suarenta, que se misturava ao aroma irritante do trevo e da mangerona exhalado pelo penteado das mulatas, e ao pixê nauseabundo dos residuos do Ver-o-pezo.

|| **pixi:** v. abon.

*c***1777** F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 260: [Ave de rapina] Pixi.

pixirica *s.f.* Var.: 9 *pexerica* [< T. pišĩ'rika].

Planta da família das melastomáceas, cujo fruto é comestível.

1920 Lima Barreto *Histórias e Sonhos* 136: [...] pois era seu habito, depois de ler o "Jornal" na venda, descer a praia, embrenhar-se na

restinga, chupar cambuim, pitangas, fructas de cardo, pexerica, qualquer fructa sylvestre [...].

pixuna *s.f.* e *adj.* [< T. pi'šuna].

Pequeno mamífero roedor (v. abon. *c*1594); negro, escuro (v. abon. 1763).

*c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1154-1156: Ha m^tos [ratos] e comẽnos os Jndios Caguija saõ como coelhos piquenos da Jndia pardos moltrepiquaõ m^to aj algũs grandes e de cores Mejuare caguija pixuna &c. 1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 373: Succedeu vir um [indio da nação dos Juruunas, antropophagos nos sertões] escondidamente á villa [de Souzel] ver seus parentes, e saber d'elles que cousa era uma cabeça de negro que trazia e outra de vacca, porque os parentes do mato, dizia elle, acharam em uma campina muito acima das cachoeiras aquelle bicho de cornos grandes, e aquelle homem *Pixuna* (isto é, de côr negra) que nunca tal viram.

pixurim *s.m.* Var.: 7 *pocherim*, 8 *pechurim, puchiry, pexurim* [< T. °pišu'rĩ].

Planta da família das lauráceas, cujo fruto é também chamado noz-do-pará.

1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 182: Tambem se encontram aqui algumas arvores silvestres e aromaticas; arvore de pocherim, madeira muito cheirosa á imitação do fructo ou semente, que o é mais, e semelhante á bolota de Portugal na grandeza e em se dividir ao meio. Tem este fructo ralado ou moido a virtude da noz moscada de Banda ou noscada, como vulgarmente se diz, sendo contra flatos e cólicas que procedem de causa fria, tomada a mesma dóse ou porção que se costuma dar da noz moscada, com pouco mais augmento sendo de pocherim, em uma ou duas colheres de vinho. 1817 Casal *Corografia Brazílica* I. 313: [...] as *Pucheris* ou arvores do cravo, as do *pechurim*, que fazem a riqueza das provincias limitrofes do Norte, [...]. Idem *Ib.* II. 76: As arvores, que produzem o pechurim, impropriamente chamadas aqui amoreiras, sam raras, e seu fructo, não tem a formozura da do Pará. Idem *Ib.* 350: [...] nas suas margens [rios: Hyurúbaxy, Ajuana, Inuhuixy, o Chiuará e Hyapurá] ha puchirys. 1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 15-16: Entre as especiarias se contam o *pexurim* (Lauras pechuri, Fabapechuri) do qual ha duas especies grosso e miudo, he assás aromatica, e de muitas virtudes; a fructa em qaunto verde he uma grande noz colorida na sua casca exterior, dentro inclue duas amendoas unidas, de substancia farinhosa: para o uso as costumam secar ao fogo, no qual extinguem o muito balsamo ou oleo que encerram, tambem aromatico. Idem *Ib.* 16: O pexurim miudo he no gosto e aroma mais delicado, e muito mais pequena a fava; tem por isso maior preço: [...].

poaia *s.f.* Var.: 8-9 *poaia*, 8 *poaya* [< T. °pu'aja].

Ipecacuanha.

1801 in RAPM, II. (1897) 722: [...] e que faz toda a consolação dos pobres captivos e dos mesmo Indios, que facilmente, e de muito boa vontade a permutarião pela preciozissima Poaia, cera, mel, balsamos, e outros generos em que negocião; [...]. 1817 Casal *Corografia Brazílica* II. 22: Ha jalapa, bardãna, epicuenha, chamada aqui [Prov. do R. de Janeiro] vulgarmente poaya. 1930 G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 49: Dizem que, com tal canto, elle vaia o trabalhador da floresta, apanhadores de poaia, em Mato Grosso, sangradores de Hevea, na Amazonia.

pocema *s.f.* Var.: 6 *pocêma*, 6, 8-9 *pocema* [< T. po'sema ~ VLB I. 150: *Grita dar na guerra que he o seu santiago* = Apocem].

Grito de guerra dos indígenas.

1659 A. Vieira *Cartas* (ed. J. L. Azevedo, 1925, I. 562): [...] saíram os Principais a encontrar as nossas canoas, em uma sua grande e bem esquipada, empavezada de penas de várias côres, tocando bozinas e levantando pocêmas, [...]. *c*1698 J. F. Betendorf *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 138: [...] sahiram os Principaes a encontrar as nossas canoas em uma sua; grande e bem equipada, empavezada de pennas de varias côres, tocando bozinas e levantando pocemas, que são vozes de alegria e applauso e é a maior demonstração de festa entre elles, com que tambem de todas as nossas se lhes respondiam. 1865 J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, xv. 93): A pocema dos guerreiros, troando pelo valle, o arrancou ao doce engano: [...]. 1869 B. Guimarães *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, III. ii. 131): Por outro lado e em direção opposta a phalange formidavel de Inimá, depois de ter transposto o rio em canôas, desfilava ao longo da margem opposta entoando bellicosas pocemas de sangue e vingança, e ia mais abaixo engolfar-se e sumir-se na espessura da floresta como giboia monstruosa que em sinuosos gyros se esgueira a esconder-se pelas moutas do matagal. 1872 J. Alencar *Sonhos D'Ouro* I. vii. 101: Pelas grotas onde reboava primitivamente o brado selvagem da pocema, ouve-se agora repetido de valle em valle pela voz suave das amazonas o gracioso la-la-hiti. 1874 Idem *Ubirajara* ix. 152: Quando chegava a meio do campo, os tapuias levantaram a pocema de guerra, que atroou os ares, como o estrepito da cachoeira. 1875 Idem *O Sertanejo* II. xiii. 204: Uma noite chegaram elles á margem do Sitiá e annunciaram-se pela sua formidavel pocema de guerra. 1875 Machado de Assis *Americanas* 187: [...] Os echos repetiram | Muita vez a pocema de combate; |. 1877 B. Guimarães *Maurício* I. iv. 33: — Ah! não, senhor! não darei nem um só passo para diante!... exclamava uma vóz lastimosa de mulher, cujo timbre suave e angelico fazia o mais vivo contraste com o horror daquellas broncas solidões, avesadas sómente a ouvir o rugido das panthéras, e as pocemas selvaticas dos aborigenes. 1883 Idem *Folhas de Outono* 156: Emquanto vagueando pela vargem | O canto agudo solta a syriema | E do ribeiro na sombria margem | Regouga, como em horrida pocema | A turba dos bugios, | No tronco excelso do jequitibá, |. *a*1884 Idem *O Bandido do Rio das Mortes* (ed., 1905, iv. 49): Os guerreiros da tribu de novo acclamaram Itauby seu chefe e, entoando uma pocema de guerra, se affastaram com Mauricio e Antonio, procurando o rumo de S. João d'El-Rey.

pococim, pocosi *s.m.* [< T. puku'sĩ ~ VLB I. 58: *Boto, certo peixe* = Aicâ. Pucuçĩ. *Ib.* I. 149: *Golfinho, ou Boto* = Pucucỹ].

Mamífero cetáceo da família dos delfinídeos (*Phocaena phocoena* L.); espécie de toninha.

*c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 165: o pocosi [*estas duas palavras ocorrem na entrelinha; em seu lugar fora escrito* pococim, *que foi riscado*] he a tonhina tem cimquo ou ceis palmos de comprido tem cor de cimza e os saluaguemis desta tera não na comem e so os Dentes lhe aproueitam pera fazer comtas aos filhos que trazem ao pesquoco.

|| **pojuji:** v. abon.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxviii. 195): Por tempo de calma aparecem no mar da Bahia toninhas, a que os indios chamam pojuji, das quais também foge o peixe miúdo para os recôncavos; mas não se faz conta delas para as matarem em nenhum tempo.

poracê *s.m.* e *f.* Var.: 6-7 *paracé*, 6 *poracé*, 7 *porascé*, 7, 9 *poracê*, 8 *porassé* [< T. pora'se ~ VLB I. 89: *Dança* = Moraceya. *Ib.*: *Dançar* = Aporacey].

Dança indígena.

1698 J. S. Ferreira *América abreviada* in RIH, LVII. (1894) 130: E achando-se em outra ocazião uma India amarrada a um esteio, e os naturaes em beberronia para a matar fazendo parecê, que é o seu baile, como elles costumam, chegavam a ella bebendo e dançando e a convidavam para que tambem bebesse, e voltando elles ficava ella, assim com os pés fazendo a mesma menção do paracê e cantando em voz sumiça. *c*1698 J. F. Betendorf *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 170: [...] perguntei ao alferes João Corrêa que cousa era esta procissão de gente, e disse-me elle que eram os indios da aldêa que iam beber e fazer suas danças que chamam poracés no Terreiro do Diabo. 1757 D. L. Couto *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 52: Em segundo lugar, ter se visto, que se ajuntão alguãs veses em suas danças, comidas e bebidas, a que elles chamão paracê. 1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 363: Ás suas festas chamam *porascés* os da nação baré elles tem vulgar o nome de Maria, porém mal applicado, porque com elles significam a faca; e a haver de gastar tempo n'isto podiamos nomear muitos termos, e até reflectir no nome *baré*, pois parece nascer do verbo *baar*, que significa em hebraico arder, ou de *bar*, que significa filho. *c*1767 J. Daniel *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, II. (1840) 480: E não só tem conhecimento do diabo, e grande medo delle, mas tambem o admittem nas suas danças e festins, a que chamão *Poracés*, onde muitas vezes lhes apparece dançando visivelmente no meio delles. 1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 134: [...] são celebrados com bailes, a que chamam *porassés*, os quaes muito partecipam do barbaro: [...]. 1902 E. Cunha *Os Sertões* 144: [...] os sertanejos, herdeiros infelizes de vicios seculares, sahem das missas consagradas para os ágapes selvagens dos *candomblês* africanos ou *poracês* do tupi. 1928 M. Andrade *Macunaíma* i. 10: Porém respeitava os velhos e frequentava com aplicação a murúa a poracê o torê a cucuicoque, todas essas danças religiosas da tribu.

poranduba *s.f.* [< T. pora'nuua ~ VLB II. 73: *Perguntar* = Aporãdub, çupe ~ Cp. maranduba].

História, narrativa indígena.

1874 J. Alencar *Ubirajara* 180: [*Nota do Autor*] Depois applicaram os indigenas essa palavra [maranduba] á toda narrativa, si é que não crearam para as outras historias o termo analogo de *poranduba*, composto de *poro, nheng*, e *tuba* — fallar muito da gente.

poraquê *s.m.* Var.: (5 *purâ*), 6 *poraque*, 7-9 *poraqué*, 8-9 *puraquê*, 8 *poraquê*, 8-9 *puraqué* [< T. pura'ke].

Peixe-elétrico (*Electrophorus electricus* L.).

*c*1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 27: Purâ. Este peixe se

parece cõ arraya, tem tal uirtude q̃ quem quer q̃ o toca logo fica tremendo e pasmado, e tocandolhe com algum pao, ou com outra q̃lq̃r cousa, logo adormece o q̃ lhe põe, e emq[to] lhe tem o pao posto en cima fica o braço cõ q̃ toma o pao adormecido, e adormentado. Tomãose cõ redes de pee, e se se tomaõ cõ redes de maõ todo o corpo faz tremer, e pasmar com a dor, mas morto comesse, e naõ tẽ peçonha. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 172v.-173: poraque he peixe de cimquo e ceis palmos de comprido e he da cor de moreia e por dezer a uerdade he peixe muito desguostozo e xeio de pequenas espinhas e he muito fiaremto mas ele tem esta uertude quem o quizer matar de algũo pau ou espada faz cair hõu omem e lhe fas cair o pau da mon e o fas estremecer todo o corpo e o camgue e fiqua hũ bom pedaço de tempo com isto e ha algumis que o comem e ha muitos nesta terra. 1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 182: Ha aqui [Villaboim = Maracanan] um peixe em abundancia chamado poraqué [...] consta ser commum ao Estado, principalmente no rio Guamá, que já navegamos. Logo que os indios pegam n'elle, ficam entorpecidas as mãos e braços, até passar a pouco o torpor. Morto o peixe, não causa este effeito, circumstancia que alguns negam, e lembra-nos seguir esta ultima opinião o inglez Ovington, celebre viajeiro. O erudito Kempser, nas suas *Amenidades exoticas*, diz que para se restituir o enfermo promptamente basta tomar a respiração com cuidado, resistindo por algum tempo ao movimento; suppomos ser o que os medicos chamam systole e diastole: e nos persuadimos que é este peixe a tremelga de Portugal ou especie d'ella, e o mesmo que nas costas d'Africa na Gambia descobriu Jobson em 1621. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 259: [Peixe de grande corpulencia] Poraqué, ou tremelga americana. 1817 Casal *Corografia Brazilica* II. 292: [...] puraquẽz, que tem a propriedade de adormentar o braço do pescador. 1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 35-36: Encontra-se nos rios, e lagos o *poraqué*, ou *tremelga* (*torpedo*) peixe que possue a virtude electrica; he oviparo, e alguns ha de mais de quarenta libras de peso; o corpo oblongo em forma de enguia, e produz o entorpecimento, apenas se toca: a opinião de Mr. Laurencini sobre o serem viviperas, as tremelgas he pela geral observação refutada inteiramente, muitos tambem attribuem a virtude electrica a uma pedra, que o mesmo peixe conserva na cabeça; isto porém não passa de mera preocupação vulgar: he de pelle, cabeça pouco chata, e com dous buracos sobre o peito, as *onças* sentindo-os nos lagos, ou rios, não se attrevem á passal-os. 1878 Taunay *Narrativas Militares* 12: Depois volta, rapido como um poraqué; ganha a praia e, aproveitando o tempo emquanto o couro está duro, carrega passageiro e malas e sellim; [...]. 1888 Inglês de Sousa *O Missionário* (ed. 1899, II. viii. 82): O sacristão lamentava-se amargamente. Logo ao chegar áquelle miseravel lugar um asqueroso puraquê o sacudira violentamente obrigando-o a enterrar a cara na lama da beira do rio. A eletricidade do peixe abalara-lhe os nervos, [...]. 1895 J. Veríssimo *A Pesca na Amazônia* I. viii. 117: É sempre perigoso penetrar nos cacuris, porque não só os peixes mais ou menos inoffensivos nelle caem, sinão tambem jacarés, arraias, puraquês, todos de encontro perigoso. 1928 M. Andrade *Macunaíma* xviii. 248: Se enxergou o cerro manso que fôra mãi um dia, no lugar chamado Pai da Tocandeira, se enxergou o pauê trapacento malhado de vitórias-regias escondendo os puraquês e os pituis [...]. 1930 G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 107/108: Para testemunhar a força do choque produzido pelo poraqué, garante elle que, quando esse peixe dá a descarga junto de um assahyzeiro, todos os seus fructos caem n'agua. 1938 R. Morais *Os Igaraúnas* xv. 178: — Se quizé tomá banho de cuia, dentro do banheiro, não sente na borda do poço, que ás vezes o puraqué está debaixo e dá choque.

pororoca[1] *s.f.* Var.: 6 *pararoca,* 6-9 *pororoca,* 7-9 *pororóca,* 8 *póróróca, poróróca* [< T. poro'roka 'estrondo'].

Fenômeno que ocorre em certas épocas do ano, próximo à foz dos rios volumosos, particularmente na do rio Amazonas, e que consiste na formação de ondas de vários metros de altura, que se deslocam com grande estrondo e destroem tudo que encontram em seu caminho; macaréu.

1636 L. Figueira *Missão do Maranhão* in S. Leite *Luiz Figueira* (1940) 189-190: Este rio [Capim] (como outros alguns d'estas partes [*refere-se à região amazônica*]) desta sua fos a 8 ou 10 legoas fas huã Paroroca, que he hum notauel segredo da natureza; e he da maneira seguinte: nas luas cheas e nouas, em que saõ agoas uiuas, em certo lugar no principio da enchente da maré, se repreza a agoa por algũ espaço (sem se saber a cauza desta repreza, nem o porque se se naõ repreza nos outros tempos e marés) e dali começa a correr e encher cõ tanta furia, fazendo 3 ondas huãs apos outras sendo a dianteyra mais pequena, e logo a 2ª mayor, e a 3ª muito mayor, que todas as canoas que diante acha, se estaõ perto da terra as fas em pedassos ou as alaga: e com esta furia uai continuando 20 ou 30 ou mais legoas em breuissimo tempo, deixando logo a maré de todo quasi chea. E porque muitas canoas, são ás uezes obrigadas a encontrarse cõ esta Paroroca [*sic*] ou indo cõ ella ou uindo contra ella; o remedio que tem he que uindo a Pororoca [*sic*] se poẽ muito direitos cõ a proa ou popa à corrẽte e os indios remeyros se poẽ em nado, e procuraõ de leuantar a canoa, e ajuda-la a que se leuante para que lhe entre a onda por baixo, e desta maneira os que uaõ com a agoa com destreza se metẽ na canoa e só trataõ de endireytar sempre cõ a corrente; e desta maneira em breue tempo os leua a furia da maré mui longo caminho; ainda que esta ualentia naõ a fazem senaõ indios em canoas ligeiras e descarregadas: porem os mais que ande encontrar a corrente, ou se metẽ em algum esteiro ou riacho até'que passa a Pororoca cujo estrondo se ouue de mui longe, ainda que quando já se ouue naõ tarda muito, ou esperando a Pororoca, como já disse de pois de passar aquella furia das 3 primeiras ondas, se uaõ remando contra a corrente, em que já naõ há perigo. *a*1667 Heriarte *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 176): A Pororoca sam umas tres marés tam grandissimas que por causa de muitos baixos que tem este rio [Amazonas] na bocca se formão com a reponta da enchente (da maré) com tam grande força e estrondo que parece que se quiz subverter a terra; e tudo que acha e encontra, faz em pedaços; e em passando ficão os baixos chãos de agoa com tanta corrente que nem ha ancoras que possão suportar a força della. 1749 B. Berredo *Anais do Maranhão* I. 12: A corrente deste famoso rio he tão arrebatada, que encontrando-se vinte leguas da sua boca, Nordeste, Sudeste, com a enchente do mar, a suspende de sorte, que por largo tempo lhe disputa o triunfo; resultando deste fatal combate, por causa da repreza da maré, ou fluxo, e refluxo das mesmas aguas, humas ondas tão fortes, e encapelladas, (a que os naturaes chamão Pororoca) [...]. 1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 194: Em outros rios do Pará mais socegados, como são Guamá e Capim, ha outro perigo, que é o das marés a que os francezes chamam priodicas, com o celebre effeito a que os naturaes, e com elles Berredo e Condamine, dão o nome de pororóca; cujo perigo se deve acautelar nos lugares de espera até a deixar passar. 1817 Casal *Corografia Brazilica* II. 260: [rio Grajehú] Seu alveo he profundo, e largo; e sua corrente tão rapida, que suspende a enchente da maré por largo tempo; rezultando desta oppozição ondas encapelladas, chamadas *pórórócas*, que depois de vencidas, tudo quanto vazou em quazi nove horas, enche em menos d'hum quarto; ficando a maré caminhando para cima tres horas completas com uma rapidez semelhante á calha d'hum moinho. Este fenomeno occupa o espaço de cinco leguas com grande roido. Idem *Ib.* 290: Entre Macappá, e C. do Norte, onde as ilhas lhe estreitam o canal, nota-se um fenomeno raro, denominado *Póróróca*, durante os tres dias mais proximos aos novilunios, e plenilunios, tempos das maiores marés: Hum rôllo d'agua de praia a praia de doze a quinze pés d'altura, seguido de segundo e terceiro, e ás vêzes quarto iguaes com pouco intervallo, e prodigioza rapidez, despedaçando tudo o que se lhe oppõe: a maré, em vez d'empregar seis horas ou quazi, chega num ou dois minutos á sua maior altura com um ruido, que se ouve duas leguas distante. 1863 M. A. Porto Alegre *Brasilianas* 164: Como horrenda pororóca, | Pela barra foi entrando, | E a onda que levantava | Sobre os picos se quebrava. 1874 J. Alencar *Ubirajara* iv. 68: "Elle viu o grande rio combater com o mar, no tempo da pororoca. 1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 202): Como o crébro estrugir da poróróca. 1929 G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* xiii. 195: — Para mim, disse Ritinha acalmando-se, isto é uma pororóca damnada. — Qual, menina. Não fale em pororóca deante de uma resaca destas. É cousa muito differente. Você viu pororóca do Mearim, cousa á toa. Eu, que vi no Amazonas, sei avaliar e comparar. 1929 A. Peixoto *Sinhàzinha* xvii. 164-165: O Amazonas é um extrangeiro, naturalizado, que no Brasil se enriquece e, nossas aguas carregadas de humus, — um continente dissolvido num oceano — lança tudo ao mar, que êle faz recuar ousadamente para, a despeito da reluctancia das pororócas, conduzir o nosso tesouro, de terras caidas e sossobradas, através do bôjo do golfo do México, para enriquecer o litoral da America Central e da Norte - América, gastando perdulariamente, até a Flórida... Tira de nós e dá aos outros. 1956 Guimarães Rosa *Sagarana* 64: Mas a enchente ainda despejava e engrossava, golfando com intermitências, se retorcendo em pororocas, querendo amassar cama certa para poder correr.

pororoca[2] *s.f.* Var.: 7 *pororuca,* 8 *pururúca* [< T. poro'roka].

Pipoca.

1771 A. B. Sampaio *Campos de Guarapuava* in RIH, XVIII. (1855) 270: [...] onde foi achado um cirio de milho branco, rôxo e amarello, todo pororuca, que teria um bom alqueire, [...]. 1817 Casal *Corografia Brazilica* I. 221: [os Bugres cultivam] tres castas de milho, branco, roxo, e outro, a que os Paulistas chamam *Pururúca*, [...].

potaba *s.f.* Var.: 6 *potaua, potaba, putaba,* 7 *potava* [< T. po'taua 'engodo, quinhão' ~ VLB I. 116: *Engodo assi, ou ceuo* = Potaba. *Ib.* II. 94: *Quinhão, ou porção* = Potaba].

Tributo; contribuição em espécie que, de acordo com o costume indígena, era devida aos chefes temporais (morubixabas) e aos guias espirituais (pajés); *por extensão,* presente oferecido aos visitantes, a título de boas-vindas.

1648 M. Calado *O Valeroso Lucideno* I. iv. 56: [...] & indo alguns a elle que lhe pagasse o seu ordenado, lhe respondeo que aquella po-

taua era para o Principe, & q assas merce se lhe fazia em os permitirê assistir na terra. *a*1667 HERIARTE *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 178): Estando maduras as sementeiras, dá cada úm a decima, e tudo junto o mettem na casa em que teem os idolos, dizendo que aquilo he *Potaba de Aura*, que, na sua lingoa, he o nome do diabo; [...]. *c*1698 J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 123: [...] feita a oração, recolheu-se o Padre Subprior para sua casa dos Padres, onde vieram dar-lhe as bôas vindas, trazendo-lhe suas fructas, e mais putabas, conforme seu costume; [...]. IDEM *Ib.* 428: Mas, estando para se embarcarem chegaram umas indias e uma velha, que lhe disse esperasse um pouco, pois vinham lá seus parentes todos, do matto, trazendo-lhe suas putabas ou presentes; [...]. 1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 66: [...] a estas dadivas, chamam potavas, que se costumam pagar em dobro, e nós o fizemos assim, mandando-os satisfeitos e alegres com listões encarnados, agulhas, pentes, navalhas de barba, facas, e algum espelho. Assim o praticam bispo e governador. As melancias eram verdes mais do que na côr: mas no dia seguinte os indios de remo lhes aproveitáram até as pevides. Sendo este reconhecimento dos indios attenção voluntaria aos seus bispos e governadores, soubemos que no mesmo anno certo ministro, que visitou as povoações, mandava por seu meirinho dizer que viessem os indios e mais as indias visitar o seu ministro, e que trouxessem as suas potavas, para cuja correspondencia levava uns fios de contas por modo de linhas de pescar: [...].

poti *s.m.* Var.: 5 *potim*, 6 *poti* [< T. po'tĩ ~ VLB I. 64: *Camarão* = Pôtĩ. Pôtĩguaçu].

Nome indígena do camarão.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXLV. 234): Também se criam nestes rios muitos e mui diversos camarões, dos quais diremos o que foi possivel chegar à nossa noticia; começando primeiro dos mais gerais, que os índios chamam potim, que são muitos, do tamanho dos grandes de Lisboa, mas são mais grossos e tem as barbas curtas, os quais se criam entre as pedras das ribeiras e entre raizes das árvores, que vizinham com a água, e em quaisquer ervas que se criam na água; [...]. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 169*v.*: O poti quer dizer o camaram e he muito graõde camtidade nesta tera e he desta cor bramquo cor de carne e he muito bom comer e tem as barbas uermelhas. IDEM *Ib.* fl. 174*v.*: Poti dauguoa dose tem dous peis de diamte muito gramdes e he da cor dos outros mas tem as pontas peis azuis e he muito bom comer mas parece me que não são guostozos como os do mar.

potiguaçu *s.m.* Var.: 5 *potiúaçu*, 7 *potiassû* [< T. potĩũa'su < po'tĩ 'camarão' + ũa'su 'grande' ~ VLB I. 64: *Camarão* = Pôtĩ. Pôtĩguaçu].

Variedade de camarão.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXLV. 234): Potiúaçu são uns camarões que se criam nas cavidades das ribeiras, e tem tamanho corpo como os lagostins, e o pescoço da mesma maneira; tem a casca nédia e as pernas curtas, as quais criam corais em certo tempo, e em outro tem o casco gordo como lagostas, que se também tomam ãs mãos, e são muito saborosos; e êstes e os mais não são nada carregados. 1730 ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 77. 47: [...] excellentes camarões, assim do mar, como dos rios, e lagoas, onde se colhem alguns quasi tamanhos como os lagostins, a que chamaõ potiassûs.

potipema *s.m.* [< T. potĩ'pe*ɱ*a < po'tĩ 'camarão' + 'pe*ɱ*a 'anguloso, esquinado'].

Variedade de camarão.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXXXVII. 216): Potipemas chamam os indios aos camarões, que são como os de Vila Franca, os quais tem as unhas curtas, as barbas compridas, e são aborrachados na feição; tem a casca branda e são mui saborosos; criam-se êstes nos esteiros d'água salgada, e tomam-se em redinhas de mão, e nas rêdes grandes de pescar vêm de mistura com o outro peixe.

potiquequiá *s.m.* [< T. potĩkĩki'ja ~ VLB II. 17: *Lagosta, ou lagostim* = Potĩquigquĩya].

Nome indígena do lagostim.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXXXVIII. 218): Aos lagostins chama o gentio potiquequiá; os quais são da maneira das lagostas, mas mais pequenos alguma cousa e em tudo o mais tem a mesma feição e feitio; e criam-se nas concavidades dos arrecifes, onde se tomam em conjunção das águas vivas muitos; [...].

potó *s.m.* [< T. *po'to].

Inseto coleóptero da família dos estafilinídeos.

1928 M. ANDRADE *Macunaíma* XIV. 200: E quando o piróscafo atravessou o estreito entre a parede da gruta e o bagual de bombordo a chaminèzona guspiu uma fumaçada de pernilongos, de borrachudos mosquitos-polvora mutucas maribondos cabas potós moscas de ura, todos êsses mosquitos [...].

preá *s.m.* e *f.* Var.: *α.* 5 *aperiá*, 6 *aparia*, (6 *aperca*), *apereà*, *apereyá*; *β.* 7 *peria*, *periá*; *γ.* 6, 8-9 *preá*, 8 *prehá* [< T. apere'a ~ VLB II. 18: *Laparo* = Apereâ ~ As variantes *α* dimanam imediatamente do tupi; nas variantes *β* houve deglutinação do *a-*, confundido com o artigo feminino; em resumo, a cadeia evolutiva é a seguinte: tupi apere'a > port. *apereá* (var. *aperiá*, *aparia* etc.) → a *pereá* (var. *peria*, *periá*) → *preá* (var. *prehá*)].

Nome comum a várias espécies de mamíferos roedores da família dos cavídeos, dos gêneros *Cavia* e *Galea*.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CV. 147): Aperiás são outros bichos tamanhos como láparos, que não tem rabo; e tem o rosto da feição de leitão, as orelhas como coelho, e o cabelo como lebre; criam em covas, comem frutas e canas de açúcar, a que fazem muito dano, cuja carne é muito saborosa. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 130*v.*: [...] e da mesma maneira — Aparias — [coelhos] que saõ cixcelentes pera se comerem — [...]. 1618 S. E. SILVEIRA *Carta* in ABN, XXVI. (1905) 364: Ha muita quantidade de diversidade de porcos e alguns se matao atrauessando os braços do Rio em magotes; ha muitos veados, muitas antas, pacas, como lebres, gibatos e coatis mayores que ellas, apercas [*sic; está por* aperea, *por confusão do* c *manuscrito com o* c; *cf., a propósito, a abonação seguinte*] como coelhos, lindos bugios, e saguis [...]. 1624 IDEM *Relação do Maranhão* fl. 10: Hà apercas, è coelhos mais piquenos q̃ os de Portugal, [...]. 1648 M. CALADO *O Valeroso Lucideno* I. iv. 53: [...] alli tinha os tigres, a onça, a cissuarana, o tamandua, o bugio, o quati, o sagoim, o apercà, as cabras do Cabo verde, os carneiros de Angola, a cutia, a paqua, a anta, o porco jauali, grande multidaõ de coelhos, & finalmente naõ auia cousa curiosa no Brasil q̃ alli não tiuesse, [...]. 1663 S. VASCONCELOS *Cr. Comp. Jesus no Brasil* I. § 49. 49: Primeiro, porque tinhão aquelle pello manjar mais saboroso, vital, & proucitoso á natureza humana, de quantos ha na terra; naõ ha carne de fera, veado, porco montez, tatu, paca, apereyá, comida sua, taõ prezada, que chegue a hũa só posta de carne humana: [...]. *a*1696 G. MATOS *Obras* (ed. 1969, V. 1147): Indo à caça de tatus ! encontrei Quatimondé ! na cova de um Jacaré ! tragando treze Teiús: ! eis que dous Surucucus ! como dous Jaratacacas ! vi vir atrás de umas Pacas, ! e a não ser um Preá ! creio, que o Tamanduá ! não escapa às Gebiracas. !. 1730 ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 65. 40: Das caças quadrupedes silvestres, ha veados, capivaras, coelhos, cotias, coatîs, perîas, teûs, tatûs, e pacas; estas, posto que nocivas para a saude tem a carne superior no gosto a todas as do Brasil. 1781 DURÃO *Caramurú* VII. lix. 214: A Narração por longa não prosigo, ! Veados, Capivaras, e Coatiás, ! Pacas, Teús, Periás, Tatus, Cotías. 1789 F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 38: Periá pequeno coelho, sem cauda com a magnitude de hum grande rato; rostro subcurvato; orêlhas parvas, finas, denticuladas, calvas; olhos grandes, negros, convexos; [...]. 1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 68: O *prehá*, he do tamanho, e côr d'hum laparo com o focinho mais redondo, orelhas muito pequenas, e membranozas, e sem cauda. 1875 J. ALENCAR *O Sertanejo* II. ix. 151: Deixarem-se agarrar como preás no fogo! 1876 F. TÁVORA *O Cabeleira* VI. 108: O bandido lembrou-se de que uma quadra tinha havido em sua vida, na qual elle só cuidava em armar arapucas por entre os leirões do roçado para pegar jurutis, em abrir fojos debaixo das moutas, ou armar quixós e mondés na capoeira com o fim de apanhar preás para a menina. 1881 IDEM *Lourenço* (ed. 1902, XVI. 243): [...] o matto porém era o seu principal fornecedor, agora lhes dando a paca, o tatú, a cutia, o preá; agora o jacú, a juruty, o nambú, o pato bravo; agora o ananaz, o inhame, o ingá, a mangaba, o cajú. 1915 LIMA BARRETO *Policarpo Quaresma* II. i. 92: Quaresma limitou-se a fazer o seu museu no papel, por onde sabia que as terras eram povoadas de tatús, cotias, preás, cobras variadas, [...]. 1918 MONTEIRO LOBATO *Urupês* 113: Uma preá que corta o caminho. Pega, Vinagre! 1937 J. L. REGO *Pureza* XXVIII. 289: Ouvi um latido de cachorro e uma corrida por dentro da capoeira. Moleques perseguindo preás, que era a caça mais facil dali. Os bichinhos pareciam ratos. 1938 G. RAMOS *Vidas Secas* 13: Nesse ponto Baleia arrebitou as orelhas, arregaçou as ventas, sentiu cheiro de preás, farejou um minuto, localizou-os no morro proximo e sahiu correndo. IDEM *Ib.* 47: Naquella viagem arrastada, em tempo de secca braba, quando estavam todos morrendo de fome, a cadellinha tinha trazido para elles um preá. 1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 230: E então descobri que me era possivel distinguir o guincho do paturi do coincho do ariri, e até dissociar as corridas das preás dos pulos das cotias, tôdas brincando nas fôlhas sêcas.

preguari *s.m.* Var.: 5 *piriguaỳ*, (*ferigoa*), 7 *priguarî*, *peguarî* [< T. piriũa'i ~ VLB I. 60: *Buzio, os muyto grandes* = Goatapig. do mar. Outros menores Caruiagoaçu. outros menores. Çaçura. Pirigoaî. Paraguacarê. Cupaci. Çaçurauna. ec.].

Variedade de búzio; molusco gastrópode da família dos estrombídeos (*Strombus pugilis* L.).

*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 28*v.*: Piriguaỳ. Estes se comẽ tãbẽ, e das cascas fazem sua contraria, e por tantas braças daõ

hũa p^{a}. deste bota as uezes o mar fora Cerras, cousa m^{to} p^{a} uer. **1587** G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxli. 226): Ferigoas [*sic*] são outros búzios, que se criam na areia, tamanhos como nozes e maiores; são brancos, cheios de bichos muito bem afeiçoados, os quais tem um miolo dentro, que cozidos e assados, se lhes tira com a mão muito bem; e tem uma tripa cheia de areia, fácil de se tirar. **1730** Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 77. 47: Por entre elles [mangues], e nos seus mesmos troncos, e madeiros, se achaõ as ostras eriripebas, que produzem aljofares, mexiloens, amejoas, breguigoens, caramujos, unhas de velha, priguaris, sernambis, e huns mariscos [...]. **1789** F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 203-204: Peguarí, nome vulgar, especie de carangueijo com os olhos nas extremidades de dous celindros, como os antecedentes; duas maons nimiamente parvas junto a bocca, e nesta hũ filamento tenue; [...] Habita pelas praias maritimas, dentro de caracois [...].

‖ **pritiuba:** v. abon.

*c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 263: [Arvore que serve para madeira] Pritiuba; é páo preto fino.

pubo, puba *adj.* [< T. 'puụa ~ VLB II. 40: *Molle* = Puba. Membeca].

Mole, cansado; podre, imprestável.

A propósito do emprego, raro e esporádico, de adjetivos tupis em português, veja-se o comentário ao verbete *açu*.

1934 G. Ramos *S. Bernardo* iii. 15: Então o delegado de policia me prendeu, levei uma surra de cipó de boi, tomei cabacinho e estive de molho, pubo, tres anos, [...]. **1935** Jorge de Lima *Calunga* vii. 73: Se contassem o acontecido apanhava das negras até ficar puba, se não contasse como sempre sucedia, estava levando buranhem do aleijado que era serviço. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 242: [...] para virem vender no arraial um cacho de banana-ouro, meio saco de polvilho pubo, ou uma pele de raposão.

puçá *s.m.* Var.: 6 *pusâ*, 6, 8-9 *puçá* [< T. pï'sa ~ VLB II. 99: *Rede de pescar. gnlr.* = Pigçâ].

Pequena rede de pescar.

*a*1667 Heriarte *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 185): [Os Capinas] Usão arpões e anzoes feitos de osso, para a pesca, e de redes pequenas, a que chamão *Pusás*. *a*1696 G. Matos *Obras* (ed. 1969, V. 1147): De massa um tapiti, | um cofo de Sururus, | dous puçás de Baiacus, | Samburá de Murici: |. **1895** J. Veríssimo *A Pesca na Amazónia* I. viii. 121: O gentio primitivo, como veremos no capitulo seguinte, possuia uma especie de rêde, o puçá, hoje redusida á proporções diminutas. **1928** M. Andrade *Macunaíma* i. 11: Nem bem deitou Macunaíma na rede Jiguê já chegava de pescar de puçá e a companheira não trabalhava nada. **1929** G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* iv. 50: [...] e correndo sobre a praia iam ao encontro das canoas de pescas, que se recolhiam com as redes, os puçás, arrebentando de peixes. **1931** Idem *O meu próprio romance* 76: Pescador de rede, de puçá, de arrastão, não perdia tempo no anzol.

puçanga *s.f.* Var.: 7 *pocanga*, 8-9 *pussanga* [< T. po'saŋa ~ VLB II. 37: *Mezinha* = Moçanga. *Ib.* I. 88: *Curar, como quer* = Aipoçanõg].

Mezinha, remédio caseiro.

[**1561** A. Blázquez *Carta* in S. Leite *Cartas* III. (1958) 399-400: Suelen ellos dezir que los de la Compañia son su poçanga, id est, la verdadera medicina para todos.]. **1763** J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 226: Tambem andámos na diligencia de averiguar que virtude faz notaveis curas uma mulher de pouco regulada vida, se é graça graciosamente dada, e por isso compativel com o peccado; ou conhecimento das plantas de que se fazem alguma vez com feliz successo varios remedios, que em termos do paiz se dizem pocangas; [...]. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 108): Augmentavam-lhe as molestias cada dia e raro se passava que não mandasse ao mato — a inexgotavel drogaria do sertanejo — em busca de novas folhas, raizes ou cascas para outros medicamentos, as suas pussangas, como ella dizia. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* ix. 105: — Parece até que me deram pussanga p'ra bebê.

puçanguara *s.m.* [< T. posa'ŋjara < po'saŋa 'puçanga' + 'jara 'senhor, senhora' ~ VLB I. 137: *Feiticeiro* = Paje. Pajeangaiba (...) Tambem se chama Moçanguijara, que quer dizer senhor das mesinhas ou feitiços, pollos q. faz pera matar].

Curandeiro.

1956 Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* 316: E — ia me esquecendo — *Raymundo Lé*, puçanguara, entendido de curar qualquer doença, e *Quim Queiroz*, que da munição dava conta, e o *Justino*, ferrador e alveitar.

punaré *s.m.* Var.: 6 *punary* [< T. puna're].

Mamífero roedor da família dos equimídeos.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 130*v*.: [...] e outros [coelhos] por nome — punary — de Rabo grande semelhante a Rato [...].

pupunha *s.f.* Var.: 8 *pupúnha*, 9 *pupunha* [< T. ?].

Palmeira (*Guilielma speciosa*) alta e elegante, cujos frutos cozidos são de sabor agradável; pupunheira.

1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 12: [...] *pupúnha*, palmeira alta, que produz em cachos o fructo que se come cozido: o *murumurú*, que semelhante á tucuman tem grande numero de espinhos; [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* v. 63: Por detrás do tejupar do regatão vivia a árvore Dzalaúra — Iégue que dá todas as frutas, cajús cajá cajàmangas mangas abacaxis abacates jaboticabas graviolas sapotis pupunhas pitangas [...]. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* xx. 237: Sobretudo as pupunhas, consideradas por todos arvores do ceu.

pupunheira *s.f.* [< pupunh(a + -eira].

Pupunha.

1930 G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 20: Defronte de uma palhoça, afogada por muita palma de pupunheira, algumas mantas de pirarucú seccando ao sol.

purupuru *s.m.* Var.: 9 *purú-purú* [< T. *purupu'ru].

Dermatose contagiosa que se caracteriza pelo embranquecimento gradativo da pele.

1907 E. Cunha *Contrastes e Confrontos* 223: O seu quadro nosologico assombra, pela vasta serie de doenças, que vão das maleitas permanentes á hypoemia intertropical entorpecedora e áquella originalissima "purú-purú" que não mata mas desfigura, embaciando a pelle do selvagem e dando-lhe um facies de cadaver, pondo no rosto do negro, salpintado de manchas brancas, uma espantada mascara demoniaca, e imprimindo no do branco a brancura repulsiva do albinismo...

putumuju *s.m.* Var.: 5 *putumuju*, 6 *potumugu, putumugu, potomugu, putúmuyú*, 7 *potumujú*, 8 *potumujú, putumujú, putumuyú* [< T. putumu'ju].

Planta da família das leguminosas, cuja madeira, pesada e dura, mas fácil de lavrar, foi muito usada em construção civil.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxvi. 59): Putumuju é uma árvore real, e não se dá senão em terra muito boa; não são árvores muito grandes, mas dão três palmos de testa. Esta é das mais fixas madeiras que há no Brasil; porque nunca se corrompe, da qual se fazem eixos, virgens, fusos, esteios para os engenhos, e tôda a obra de casas e de primor; a côr desta madeira é amarela com umas veias vermelhas; é pesada e dura, mas muito doce de lavrar. **1624** *Livro de Contas* in DHA, II. (1956) 68: [...] por 2 paos de potumugu cada hũ com 45 palmos 3v200 [...] por 3 paos de potomugu cada hũ de 50 palmos de comprido 4v800. **1633** Idem 200: [...] por coatro duz^{as} de taboado de putumugu a salvador glz a 5500 rs... 22v. **1644** Idem 295: Por 2 duzias de taboas de potomugu p^{a} os altos das barquas 8v. **1663** S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 80. 158: A terra toda póde chamarse hum só bosque. Pello que, deixando por mão a frescura, & preciosidade dos cedros, angelins, quasi ebanos, carápinimas, mocetaybas, claraybas, jacuybas, maçarãdúbas, cibipyras, vinhâticos, putúmuyús, tapapinhoãs, peróbas, çapucâyas, jacarandãs, paos Reys vermelhos, amarelos, palmeiras, coqueiros: deixada outrosi a delicia das aruores, os balsamos, copaigbas, ibicuybas, icicatybas, jetaybas, salsafrazes, canafistolas, tamarinhos, quasi crauos, canelas, &c. deixando todas estas especies, descreuerei algũas sómente das q̃ saõ fructiferas, pera gosto dos que saõ curiosos. **1730** Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 59. 37: Os incorruptiveis paos vermelhos angelins, cedros, jataypevas, e maçarandubas; os potumujús, sopopiras, e adernos acastanhados; as claraibas, os louros, tapinhõas, os bacuris, guabiranas, e jandirobas, o pao ferro, o de arco, o da sapocaya, e outros troncos das mesmas qualidades, e varias cores, taõ grossos, que delles se lavraõ as embarcaçoẽs inteiriças, que chamaõ canoas; [...]. **1817** Casal *Corografia Brazilica* II. 75: Fytologia. Entr'outras muitas arvores de boa madeira nomea-se o vinhatico, aderno [...] potumujú, pau d'arco, pau d'oleo, pau brazil. Idem *Ib.* 145: Fytologia. Entre outras arvores, que dam madeira para a construcção, e marcineria, nota se [...] putumujú macho, e femea: [...]. **1856** D. Magalhães *A Confederação dos Tamoyos* I. 19: Tu tão moço, tão bravo, e tão robusto? | Quem um putumuyú te não julgára, |.

‖ **putunara:** v. abon.

*c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1464-1468: Dos passaros q̃ andaõ de noite Ha de m^{tas} castas piquenos e grãdes algũs como corujas grandes .s. Vrucuriaguaçu Vrutagui 2 pipupipuba Jacuritu 2 Abijaguaçu hain aig. 2 aritara 2. Putunara Cuxa Aguigui baêvaû. [A propósito da dificuldade para a interpretação de alguns dos nomes de animais citados neste trecho, ver o comentário ao verbete *abijaguaçu*].

puxi *adj.* [< T. po'ši ~ VLB II. 133: *Torpe cousa* = Poxi. Poxicatû].

Torpe, indecente.

1693 J. S. Ferreira *América abreviada* in RIH, LVII. (1894) 131: Quer um morador governar sua caza, como temente a Deos, cazando a gente de seu serviço, em tendo idade, por não chegarem a pecado; porém si o faz antes das pessoas se contratarem a seu gosto mostrando suas affeições, para se ajuntarem n'essa fórma, e si em outra não se acertou com as vontades, trata cada um depois de fazer vida com quem lhe parece, trocando muitas vezes as mulheres; e o mesmo é prohibir-lhes este alvedrio, que fugirem ou morrerem, tendo tudo o mais por impertinencia e prolixidade dos brancos; ao que elles chamam puxi.

Q

‖ **quaiaquaiais:** v. abon.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 115: [...] e outra especie [papagaios] caje desta mesma callidade a que daõ nome de toins — de piqueno corpo e muy lindos que esplicão arrezoadamente tudo o que lhe ensinaõ e destes tais os mais estimados são os que se chamão quaiaquaiais — de penas pardas pretas e verdes.

‖ **quaparaiva:** v. abon.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxv. 56): Quaparaiva é outra árvore real muito grande, de que se acham muitas de trinta e quarenta palmos de roda, cuja madeira é vermelha e mui fixa, que nunca se viu podre; de que se fazem gangorras, mesas, virgens e esteios para engenhos e outras obras; e acham-se muitas árvores tão compridas desta casta, que cortadas direito, o grosso dá vigas de oitenta a cem palmos de comprido, fora o delgado que fica no mato de que se fazem frechais e tirantes dos engenhos. Estas árvores são naturais de várgeas de areia vizinhas do salgado; e são tão pesadas que em lançando a madeira na água se vai logo ao fundo.

‖ **queiroá** *s.m.* [< T. ?].

Espécie de ouriço-cacheiro.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cviii. 151): Acham-se outros bichos pelo mato a que os índios chamam queiroá, que são, nem mais nem menos, como ouriços cacheiros de Portugal, da mesma feição, e com os mesmo espinhos; e criam em covas debaixo do chão; mantêm-se de minhocas e de frutas que caem das árvores, cuja carne os índios não comem.

querejuá *s.m.* Var.: 5 *quereiuâ, querejuá, quereibá,* 6 *quirejuabe, quereiuhi, cheriuiuba, quereyuá,* 8 *crijohá, cayruá* [< T. kereju'a].

Pássaro da família dos cotingídeos.

*c*1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 19*v.*: Quereiuâ. Este passaro he dos mais estimados da terra, naõ polo canto, mas p'la fermosura da pena, saõ dazul claro ẽ parte e escuro, e todo o peito roxo finiss°. e as azas quasi pretas, saõ taõ estimados, q̃ os Jndios os esfolaõ, e dam duas e tres pessoas por huã pelle delles, e cõ as penas fazem seus esmaltes, diademas, e outras gallantarias. **1587** G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxxxviii. 112): Querejuá são uns passarinhos todos azuis de cor finissima, que andam sempre por cima das árvores, onde criam e se mantêm com o fruto delas, e cantam muito bem. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1348-1351: Quereibá He muy estimado por suas finas penas e daõ por a pelle de hũ valia de 2 escrauos por serẽ poucos he azul pardo em parte escuro os peitos roixos as penas das azas grandes quaize pretas mesturaõna cõ outra e tẽ major valia. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 114*v.*: quirejuabe são huãs Aves. azuis asas prezadas do jentio da terra [...]. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fls. 193-193*v.*: quereiuhi he pasoro tamanho como hũ timtilhão de portugal e tem o biquo e os peis dum pardo preto e depois do biquo e despois do biquo [*sic*] ate o rabo por riba das costas azul claro as penas gramdes das azas e o rabo preto e o papo puploro [*sic*] e do papo ate o rabo azul e he hũ pasoro muito estimado entre os negros e lhe seruem de por no estomaguo quoamdo fazem seus pareseis. [...] cheriuiuba he pasoro do tamanho do outro e he todo azul tiramdo uerde mar desne baixo do biquo ate o estamogo e cor de laramia e as penas gramdes das azas e o rabo preto e os peis e o biquo pardo e os negros o tem em muita estima como o outro e sam muito ralos e ce uem pouquos. **1663** S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 98. 173: Só naquelle primeiro Ceo terreno podiaõ pintarse tão finas cores, como saõ as de hum quereyuá, de hum canindê, de hũ guarâ, de hũa arára, de hũ papagaio, quando he verdadeiro, de hum tyé, & outros semelhantes, que eu não quero descreuer, porque me remeto a outro livro do mesmo Autor já citado, e he o quinto da obra do Brasil: **1817** Casal *Corografia Brazílica* II. 75: [...] o *crijohá* he pouco maior que o melro, e lindissimo de furtacores. Idem *Ib.* II. 99: O *cayruá* he do tamanho d'hum melro, azul pelas costas com o peito roxo, azas, e cauda negras, o bico curto e largo. As pennas do peito chegadas ao calor do fôgo tomam a cor de oiro, segundo dizem.

‖ **querico:** v. abon.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxliv. 231): Querico é um outro peixe de água doce da feição das savelhas, e tem as mesmas espinhas e muitas, e é muito estimado e saboroso, o qual peixe se toma à linha.

quibuquibura *s.f.* [< T. kį̃ukĩ'ɣura].

Variedade de formiga.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxi. 175): Nesta terra se criam umas formigas grandes, a que os índios chamam quibuquibura; que são as que em Portugal chamam agudes, mas são maiores. Estas saem dos formigueiros depois que chove muito, e vão diversas voando por lugares onde enxameiam grande soma de formigas, e como lhes toca qualquer cousa, ou lhes dá o vento logo lhes caem asas e morrem; [...].

quicé *s.f.* [< T. kĩ'se 'faca' ~ VLB I. 133: *Faca* = Quigcê. Jtaquigcê].

Espécie de faca.

1876 F. Távora *O Cabeleira* xv. 252: Mulheres sentadas pelo chão ou em cepos, ao pé dessas tulhas, tiravam as mandiocas uma a uma, e as iam raspando a quicé, e, atirando depois dentro de cestos que eram conduzidos para junto das rodas a fim de serem ellas passadas pelos ralos que circulam estas.

‖ **quintim:** v. abon.

1752 M. Fonseca *Vida Pe. Belchior de Pontes* (ed. Melhoramentos, vi. 24): Era elle neste tempo o P. Francisco de Avelar, sujeito de tão conhecida virtude, que gastou alguns annos da sua velhice em fabricar de quintins (fructas que se achaõ nos campos da Bahia) grande quantidade de Coroas, e Rozarios, [...].

quipá *s.m.* [< T. ?].

Espécie de cardo rasteiro.

1902 E. Cunha *Os Sertões* 44: E a vasta familia, revestindo todos os aspectos, decae, a pouco e pouco, até aos *quipás* reptantes, espinhosos, humilimos, trançados sobre a terra à maneira de espartos de um capacho dilacerador; [...] **1934** G. Ramos *S. Bernardo* iii. 17: Amarrei-o, metti-me com elle na capoeira, estraguei-lhe os couros nos espinhos

dos mandacarus, quipás, alastrados e rabos de raposa. **1938** IDEM *Vidas Secas* 154: Andara cerca de cem braças quando o cabresto de cabello que trazia no hombro se enganchou num pé de quipá.

|| **quiquió:** v. abon.

1763 J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 59: [...] como esta gente [*os índios*] tem em alto gráo a crença e medo de feitiços, attribuindo a isto quanto mal lhe succede, o que é rarissimo, apprehenderam que os dentes da jararáca, o bico do passaro a quem o canto dá o nome de *quiquiós*, e tambem a tinta do carujurú, são amuletos preservativos.

quiri *s.m.* Var.: 6 *query*, 8 *quiri* [< T. ki'ri].

Planta da família das borraginâceas, que fornece madeira de boa qualidade para construção naval.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iii. fls. 84*v*.-85: [...] e assim diguo que as madeiras de que tenho noticia e me alembra a callidade dellas saõ estas, [...] query que corta pello ferro por ser mais duro que elle cujo branco de fora pode soprir a falta de marfim em coalquer obra e o ameguo de dentro demonstra as Aguoas e cores de hũ jaspe muito fermoso [...]. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* II. 145: Fytologia. Entre outras arvores, que dam madeira para a construcção, e marcineria, nota-se [...] quiri, [...]. **1878** F. TÁVORA *O Matuto* v. 68-69: Quando Lourenço sentiu as primeiras dentadas dos terriveis animaes, atirou-se desesperado à preta na intenção de lhe arrancar a arma, de que elle precisava, assim para se defender, como para castigar as offensas que tanto della como dos seus companheiros tinha recebido; e teria realizado o seu pensamento, si a esse tempo não se achasse junto com elles, trazendo logo quiri, descascado ao fogo, o preto por quem a negra chamara em seu socorro. **1881** IDEM *Lourenço* xvi. 246: — Isto é lá para a beira da praia, onde não ha madeira forte; não é para aqui, onde não falta quiri nem pitiá, e só temos barro duro, e não areia fina.

quiriba *s.f.* Var.: 6 *quiriba*, *queriba* [< T. ki'rĩụa < ki'ri 'quiri' + 'ĩụa 'planta'].

Quiri.

1648 in ABN, LXXXII. (1962) 328: [...] os ditos quatro curraes demarcados todos com suas cruzes em árvores que chamão quiribas, [...]. *Ib.* 329: [...] demarcados com cruzes em árvores que chamão queribas, [...].

quirimbaba *s.m.* Var.: α. 5 *quigrẽ ibá, quireimbaba*, 6 *querimbaba*; β. 9 *curimbaba* [< T. kïreĩ'ɳ aụa ~ VLB II. 141: *Ualente ditozo ou uenturozo nas guerras* = Quigreĩbaba].

Homem valente, corajoso, entre os indígenas; *por extensão*, capanga, guarda-costas.

1562 L. VALE *Carta* in S. Leite *Cartas* III. (1958) 476: [...] o que elles [*os índios*] não sentem pouquo, e alem disso perdem a fama de quigrẽ ibás, que quer dizer valentes e ditosos em guerras, e de comedores d'escravos, gram felicidade entre elles. **1565** IDEM *Carta* in S. Leite *Mon. Brasiliae* IV. (1960) 203: [...] minarão [*os índios*] e cadea e fugindo por terra chegaram ha suas terras alguns que mays mal podiam fazer por serem principais e Quireimbabas (que assi chamão os ditosos em cativar na guerra e que dão os ardis para ella). **1608** L. FIGUEIRA *Relação do Maranhão* in S. Leite *Luiz Figueira* (1940) 146: [...] e que posto que já tinha fama de querimbaba e valente todos lhe querião bem, cõtudo que agora sua fama e nome se estenderia mais e os brãcos o conhecerião e os padres todos lhe farião muito bõ gasalhado, e roçaria em muito boas terra, aonde vivesse muito a sua vontade e lhe agradecerião cõ boas obras o trazerme. **1956** GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 504: Porque sempre êles deviam de ter alguns curimbabas na defesa: capangas e carabinas.

quiriri *s.m.* Var.: 8 *kiriri*, 9 *quiriri* [< T. kïrĩ'rĩ ~ VLB II. 117: *Silencio* = Nheẽeigma. Quigrirĩ].

Calada da noite, silêncio.

1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 32): [...] e tudo caiu em enorme silencio, onde apenas um ouvido acostumado poderia distinguir o concerto em surdina de milhões de insectos mettidos por entre a vegetação molhada de orvalho, esse silencio nocturno das nossas regiões a que o tapuio chama, talvez imitativamente, *kiriri*. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* xviii. 272: E saiu gritando pelo mato. Virou na ave araponga que grita amarelo de inveja no quiriri do mato diurno. **1930** G. CRULS *A Amazónia que eu vi* 245: Ás dezoito horas, passam a festo das nossas cabeças uns vinte ou trinta passarões. Vão em grupo unido e procuram, talvez, o quiriri de algum lago solitario. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* vi. 67: Musica extraordinaria da selva, ella traduzia o ermo pagão da Amazonia, o *quiriri* zumbidor, que é silencio e é ruido, paz e peleja, [...]. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 145: No mais, distante, o mato dormia, num quiriri sem alarmas.

quiriru *s.m.* Var.: 9 *quiriri*ú [< T. ?].

Ave da família dos cuculídeos, anu-branco.

1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* xvii. 191: Rôlas ao pé de cachorros do matto. Quiririrús no flanco de maracajás.

quixaba *s.f.* [< ? T.].

Planta da família das sapotáceas, quixabeira.

1902 E. CUNHA *Os Sertões* 252: O *umbú* desaltera-o e dá-lhe a sombra escassa das derradeiras folhas; o *araticum*, o *ouricury* virente, a *mary* elegante, a *quixaba* de fructos pequeninos, alimentam-no a fartar; [...]. **1956** GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 499: E a quixabeira que dava quixabas.

quixabeira *s.f.* [< quixab(a + -eira].

Quixaba.

1902 E. CUNHA *Os Sertões* 46: [...] as quixabeiras de folhas pequeninas e fructos que lembram contas de onyx; mais virentes, adensam-se os icoseiros pelas várzeas, sob o ondular festivo das copas dos ouricurys; [...]. **1956** GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 499: E a quixabeira que dava quixabas.

R

rerimirim *s.m.* Var.: 5 *leri-mirim* [< T. rerimi'rî < re'ri 'ostra' + mi'rî 'pequena' ~ VLB II. 59: *Ostra, gnlr.* = Rerî].

Variedade de ostra (*Ostrea parasitica*).

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXL. 222): Nos mangues se criam outras ostras pequenas, a que os índios chamam leri-mirim, e criam-se nas raízes e ramos dêles até onde lhes chega a maré de preamar; as quais raízes e ramos estão tão cobertos destas ostras, que se não enxerga o pau, e estão umas sôbre as outras; [...].

reripeba *s.m.* Var.: 5 *leri-peba, reiripeba,* 7 *eriripeba* [< T. reri'peua < re'ri 'ostra' + 'peua 'chata' ~ Cp. RERIMIRIM].

Variedade de ostra (*Margaritiphora radiata*).

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXL. 222): Há outras ostras, a que os índios chamam leri-pebas, que se criam em baixos de areia de pouca água, as quais são como as salmoninas, que se criam no rio de Lisboa, defronte do Barreiro, da feição de vieiras. Estas leri-pebas são um marisco de muito gôsto, e estão na conjunção da lua nova muito cheias, cujo miolo é sôbre o têso e muito excelente; [...]. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 2235-2236: [...] aj huãs [ostras] como lapas reiripeba tẽ perolas e aljofar [...]. **1730** Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 77. 47: Por entre elles [mangues], e nos seus mesmos troncos, e madeiros, se achão as ostras eriripebas, que produzem aljofares, mexilhoens, ameijoas, breguigoens, caramujos, unhas de velha, priguaris, sernambis, e huns mariscos compridos, [...].

reriuçu *s.m.* Var.: 5 *leriuçu* [< T. reriu'su < re'ri 'ostra' + u'su 'grande' ~ Cp. RERIMIRIM].

Variedade de ostra (*Ostrea brasiliana*).

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXL. 222): As mais formosas ostras que se viram são as do Brasil; e há infinidade delas; como se vê na Bahia, onde lhe os índios chamam leriuçu, as quais estão sempre cheias, e tem ordinàriamente grandes miolos; e em algumas partes os tem tàmanhos que se não podem comer senão cortadas em talhadas, as quais cruas, assadas e fritas são muito gostosas; [...].

‖ **reruba:** v. abon.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 130*v*.: [...] tambem ha outra sorte a que chamaõ — Reruba — que todos saõ da especie de coelhos hũs piquenos e outros mais grandes.

ressoca *s.f.* Var.: 7 *resóca* [< re- + soca (< T. 'soka 'quebrar') ~ VLB II. 93: *Quebrar como a corda, linha, et simil.* = Açoc. neut. Aimondôc. act.].

Terceira produção da cana-de-açúcar: v. SOCA.

1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 46: Cortada a canna em o primeiro anno torna a rebentar, e dá segunda colheita sem nova plantação, e a isto chamam sóca, outra vez, e se chama resóca.

S

saaçu *s.m.* Var.: 6 *saasu* [< T. esaa'su < e'sa 'olho' + a'su 'grande' ~ VLB II. 56: *Olho, ou olhos* = Teçâ. Teçacoara].

V. abon.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 120: [...] saasu he peixe que tem grandes olhos guostosissimo de comer [...].

sabacu *s.m.* Var.: 7 *sabucú*, 8-9 *sabacú* [< T. *saɰa'ku].

Ave ciconiforme da família dos ardeídeos.

1789 F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 110-111: Sabucú com a magnitude de huma pequena gallinha; cabeça grande, cristada, [...]. Todo o mais corpo plumbaceo. **1817** Casal *Corografia Brazilica* II. 143/144: Na vizinhança do rio de S. Francisco ha varias lagoas de grande extensão, em cujas margens se ajuntam numerozos bandos de aves paludaes; como sejam colhereiras, [...] sabacús, [...]. **1935** Jorge de Lima *Calunga* xxi. 183: Sabacús dormindo com frio nas galhadas voavam assombrados.

sabiá *s.m.* Var.: 6 *sabia*, 7-9 *sabiá*, 7 *sabiâ*, 8 *sabiaes* (pl.) [< T. saɰi'a ~ VLB II. 132: *Tordo* = Çabiâ].

Pássaro da família dos turdídeos, de canto mavioso.

Conquanto já referido em textos dos séculos XVII e XVIII, foi a partir de Gonçalves Dias, com os famosos versos "Minha terra tem palmeiras, | Onde canta o sabiá", que o pássaro adquiriu enorme popularidade no Brasil. Cantaram-no em versos e enalteceram-no em prosa os mais notáveis escritores do séc. XIX, como atesta a documentação adiante transcrita.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 113: [...] outro passaro se acha chamado — sabia — da feiçaõ do Merlo [*na entrelinha*: tordo] de espanha e antes cuido que he o propio por que cantaõ como elles sem lhe faltar mais que hũ dobrete [...]. **1728** N. M. Pereira *Peregrino da América* I. v. 47: Lá cantava o Sabiá. | Hum recitado de amor | Em doce metro sonoro, | Que às mais aves despertou. **1730** Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 67. 41: Sabiâs, que chamaõ das prayas, por andarem sempre nas ribeiras, onde só cantaõ, mais que todos suaves; tem cinzentos os costados, e os peitos brancos: [...]. **1789** F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 76-77: Sabiá, denominada verdadeira, com a grandeza de hum Tordo; collo curto; bico subdepresso com a mandibula superior mais extensa, e apice adunco, e junto a base huma limitada crista de finissimos cabêllos; [...]. Habita em matos maiores, denominados verdadeiros; nutre-se de frutas. Canta com suavidade, e alguma imitação ao melro, mas unicamente nos 6 mezes do verão. **1817** Casal *Corografia Brazilica* I. 90: *Sabiá* he o tordo, e o passaro mais cantador do paiz: seu canto não differe do do melro, do qual alguns, mas rarissimos, tem tambem a penna, e athé o bico amarello. **1846** G. Dias *Primeiros Cantos* (ed. 1865, I. 3): Minha terra tem palmeiras, | Onde canta o Sabiá; | As aves, que aqui gorgeião, | Não gorgeião como lá. **1855** Junqueira Freire *Contradições Poéticas* 241-242: Sobre o coqueiro as sabiás trinavão | Como notas de flauta. Em volta do indio | Tinião sobre a relva em sons garridos | As carriças gentis, como quem busca | Despertar um amigo a tons de orchestra. **1856** J. M. Macedo *O Forasteiro* I. vi. 162: [...] sempre se encontrava uma sombra propicia de tarde, mercê da qual se gosava da frescura das auras, dos gorgeios dos gaturamos, dos sabiás, dos coleiros, e do encanto do somnolento murmurio do ribeiro. **1856** D. Magalhães *A Confederação dos Tamoyos* IV. 105: De copada aroeira em verde ramo | Modúla o sabiá canções de amores |. **1856** Juvenal Galeno *Prelúdios Poéticos* 40: Se do terno sabiá a voz saudosa | Ouvires de tristeza repassada, | Vê na voz d'avesinha o triste canto, | Que solta um infeliz longe d'amada! **1857** J. Alencar *O Guarany* (2ª ed., 1864, II. ii. 198): "As arvores ficárão verdes; os passarinhos fizerão seus ninhos; o sabiá cantou; tudo ria: [...]. **1858** C. Abreu *Poesias* (ed. Sousa da Silveira, 1955, 331): Minh'alma é triste como a flôr que morre | Pendida à beira do riacho ingrato; | Nem beijos dá-lhe a viração que corre, | Nem doce canto o sabiá do mato! **1859** Idem *As Primaveras* 17: Se eu tenho de morrer na flor dos anos, | Meu Deus! não seja já; | Eu quero ouvir na larangeira, à tarde, | Cantar o sabiá! **1862** D. Magalhães *Urânia* lxxxviii. 284: O verde bosque, tão florido ha pouco, | Onde cantava o sabiá canoro, | Acervo immenso de phantasmas negros | Mostra-se agora. **1863** M. A. Porto Alegre *Brasilianas* 314: No ramo da laranjeira | O Sabiá já dormita; |. **1865** J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, xxv. 149): — Quando a sabiá canta é o tempo do amor; quando emmudece, fabrica o ninho para sua prole; [...]. **1865** Idem *As Minas de Prata* II. xi. 198: Ahi passava o dia entretido em ver as formigas carregando arêa do buraco, em armar arapuca ás rolas e sabiaes, ou trepar nas arvores para dar caça aos ninhos. **1869** Varela *Cantos e Phantasias* in *Obras Completas* (ed. 1896, II. 19): Dos vergeis de dulcissima fragancia | Onde cantava á tarde o sabiá!... |. **1869** Idem *Cantos Meridionais* in *Obras Completas* (ed. 1896, II. 171): Gemem os sabiás pelos outeiros, |. **1869** Idem *Cantos do Ermo e da Cidade* (2ª ed., 1880, 43): São os sabiás que cantão | Nas mangueiras do pomar. **1869** B. Guimarães *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. iii. 68): Nuvens de papagaios, aráras e periquitos atravessavão o espaço enchendo os ares de sua incessante algazarra; e enquanto o tucano, vaidoso de sua vistosa plumagem, fazia ouvir seu ronco e ingrato grasnar, o sabiá do alto da peroba secular desprendia seus cadenciados gorgeios. **1870** J. Alencar *O Gaúcho* I. ii. ix. 205: Depois de afinar a viola, e acertar um acompanhamento simples e facil, porém vivo como o trinado do sabiá, o Canho, encostando-se na hombreira da porta, e erguendo os olhos ao céu, como quem procura ali no azul diaphano o raio da inspiração, começou a descantar. **1871** Idem *O Tronco do Ipê* II. ix. 109: Ali armava você a arapuca para apanhar sabiás que as vezes me dava, e depois os soltava da gaiola por pirraça? Não se lembra? **1872** B. Guimarães *Hist. e Trad. Minas* II. v. 76: O harpejo tão languido, tão cadenciado do sabiá harmonisava-se docemente com aquelle mystico e voluptuoso remanso, que envolvia toda a natureza. **1872** Idem *O Seminarista* (ed. 1917, xiv. 140): Cada arvore era uma orchestra de pios, trinados e gorgeios, onde o sabiá, o gaturamo, o pintasilgo e outros mil passarinhos parecião disputar entre si a palma da harmonia. **1872** Idem *O Garimpeiro* III. 42: E por entre a algazarra dos melros, pintasilgos e patativas, que chilravão em torno da casa, e os gorgeios cadenciados do sabiá que cantava ao longe, ouvião-se os ensaios timidos d'aquellas duas vozes infantis. **1872** Taunay *Inocência* (2ª ed., 1884, xxiii. 231): [...] um gorgear intimo e avelludado de ave que cochila; e ao longe um sabiá mais madrugador desfiava notas que o silêncio harmoniosamente repercutia. **1873** J. Alencar *O Garatuja* vii. 58: Estava o Ivo na encruzilhada, quando ouviu uns apitos como de sabiá que salta de ramo em ramo, e antes que pudesse imaginar d'onde

sahiam, appareceu-lhe em frente uma menina que vinha pelo caminho da Carioca [...]. **1874** IDEM *Ubirajara* iv. 70: Sua voz era limpida e sonora como o gorgeio do sabiá, quando se deleita com o calor do sol. *a***1875** VARELA *Avulsas* in *Obras Completas* (ed. 1896, I. 270): Gorgeia o sabiá, chilra a cigarra, I. *a***1875** IDEM *Diário de Lázaro* in *Obras Completas* (ed. 1896, III. 312): Um sabiá cantava tristemente I. **1875** IDEM *Anchieta* II. iv. 52: Esperto colibri. Cantam á roda I Sonóras sabiás, e o manso vento, I. **1875** J. ALENCAR *O Sertanejo* II. ii. 24: No meio da orchestra concertada pelos cantos dos sabiás, das graúnas e das patativas, retiniam os clamores das maracanas, os estridulos das arapongas; e os gritos dos tiés e das araras. **1875** MACHADO DE ASSIS *Americanas* 146: [...] Sabiá da praia I De longe o chamará saudoso e meigo, I Sem que elle venha repetir-lhe o canto. **1878** F. TÁVORA *O Matuto* xiii. 174: Era, sim, a asa pardacenta de receio traiçoeiro ou de duvida intima a causa do intermittente eclipse daquelles olhos negros e vivos, daquelle sorriso franco e loução, daquella voz afinada pelas harpas dos sabiás e dos curiós que cantavam ao nascer e ao pôr do sol nas ramalhudas pitombeiras do quintal. **1883** B. GUIMARÃES *Rozaura a Engeitada* (ed. 1900, II. xix. 236): Carlos calou-se instantaneamente, como o sabiá que suspende seus plangentes harpejos, quando ouve rumores pelos bosques. **1883** IDEM *Folhas de Outono* 40: Si o sonoro sabiá I Me ensinasse a canção meiga, I Com que á tarde pela veiga I Sabe os échos encantar; I. *a***1884** IDEM *O Bandido do Rio das Mortes* (ed. 1905, xv. 147): Os passarinhos que costumam ir cantar pela madrugada no jardim de Leonor, tinham fugido espavoridos e os sabiás, rolas e jurytys, que vinham no terreiro debicar as migalhas [...]. **1886** J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 318): O sabiá exasperava-se, sacudia frenetico as azas e arrancava da garganta as suas mais bellas notas. **1888** INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, II. viii. 68): Os sabiás, os corrupiões, os diversos trovadores das selvas amazonicas recolhiam-se á frescura do arvoredo para a modulação dos threnos amorosos no mysterio das folhagens. **1888** R. POMPÉIA *O Ateneu* iv. 101: O diapasão do Ribas era uma deliciosa nota, tratada a pastilhas, guardada a *cache-nez* nos dias frios, furto sem duvida ao thesouro de gorgeios de algum sabiá descuidado. **1888** FERREIRA LEAL *O Suplício de um Marido* ii. 56: Eram, d'entre as aves, o sabiá, o musico primaz das mattas brazileiras, de canoros e apaixonados gorgeios; [...]. **1894** TAUNAY *O Encilhamento* I. xxix. 211: Affirmava, com grande tom de sinceridade, que, por vezes, se esquecia de haver nascido para lá do Prata, tanto sentia o coração preso ás terras em que canta o sabiá. **1895** COELHO NETO *Miragem* II. ii. 173: Ao longe, nos ingazeiros da beira do rio, o acauan agourento gemia tristonho e lugubre e sabiás, nos limoeiros em flor, illudidos pela luz da noite, solfejavam trilos rapidos e alegres. **1899** TAUNAY *No Declínio* xxiv. 221: [...] nos arredores desta capital, em que ainda se ouvem as plangentes notas do sabiá e o gorgeio das avezinhas, [...]. **1903** D. OLÍMPIO *Luzia Homem* v. 29: Quando chegou a casa, e depoz o grande póte sobre as tres garras de uma forquilha de sabiá, fincada no sólo, a mãe, sentada á rêde armada a um canto do quarto, gemia, [...]. **1907** COELHO NETO *Fabulário* I. 45: — Então, minha amiga — modestia á parte — vivam os sabiás! Vivam os sabiás e todos os passaros dos bosques, que cantam quando lhes apraz, tirando do proprio peito o alento com que fazem a melodia. **1914** IDEM *Rei Negro* ii. 49: Arrulos de pombas, cantos de sabiás entristeciam o retiro. **1918** MONTEIRO LOBATO *Urupês* 231: No meio da natureza brasilica, [...] onde ha abelhas de sol, esmeraldas vivas, cigarras, sabiás, luz, cor, [...]. **1919** IDEM *Cidades Mortas* 199: Quanto aos sabiás, não me parece patriotico atirar nos rouxinóes de Gonçalves Dias — além de que a carne não vale nada. **1922** M. ANDRADE *Paulicea desvairada* 123: As franjadas flâmulas das bananeiras, I as esmeraldas das araras, I os rubis dos colibris, I os lirismos dos sabiás e das jandaias, I os abacaxis, as mangas, os cajús I almejam localizar-se triunfantemente, I na fremente celebração do Universal!... **1928** IDEM *Macunaíma* v. 57/58: E os sabiás, o sabiácica o sabiàpoca, o sabiáuna o sabiàpiranga o sabiàgongá que quando come não me dá, o sabiá-barranco o sabiá-tropeiro, todos êsses ficaram pasmos e esqueceram de acabar o trinado, vozeando vozeando com eloquencia. **1929** G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* xii. 170: [...] cantavam os curiós, as patativas ligeiras, as graúnas altivas, os sabiás saudosos. **1931** RIBEIRO COUTO *Cabocla* xvi. 129/130: Aprenderamos, assim, a distinguir os menores ruidos nocturnos dentro de casa, estalidos de madeira secca, furtivo perpassar de camondongos, insomnias do sabiá na gaiola da sala de jantar, [...]. **1931** G. ARANHA *O meu próprio romance* 96: Cachos de banana amadurecíam, dependurados nos postes da varanda, ao canto dos sabiás, das graunas e dos curiós, presos nas gaiolas. **1933** H. CAMPOS *Lagartas e Libélulas* iv. 19: Tempos depois de concluido o mundo, e quando Jeová, descansado, admirava a sua obra, foi surpreendido, no seu refúgio acima das nuvens, por um enxame de pássaros. Mais eloquente que os outros, falou o sabiá: [...]. **1935** JORGE DE LIMA *Calunga* v. 55: As únicas coisas suaves que parecia morarem naquéla casa lôbrega e que davam um isolado tom lirico a tudo, era o canto de um sabiá vindo de lá de dentro do escuro, triste e ingênuo como a cantoria nos surrões dos negros velhos; e uma esguia réstea de sol que furando o telhado botava hóstias na parede aparecendo e desaparecendo quando as nuvens passavam no ceu. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 182: Oh, tristeza! Da gameleira ou do ingàzeiro, desce um canto, de repente, triste, triste, que faz dó. É um sabiá. Tem quatro notas, sempre no mesmo, porque só ao fim da página é que êle dobra o pio. **1956** IDEM *Grande Sertão: Veredas* 235: Demorei bom estado, sòzinho, em beira d'água, escutei o fife dum pássaro: sabiá ou sací.

sabiacica *s.m.* Var.: 7 *sabiacy,* 8 *sabiá sica,* 9 *sabiàcica* [< T. saɲia'sĩka].

Ave da família dos psitacídeos, espécie de papagaio.

1783 M. C. ABREU *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 258: Os papagaios são juruguas, maitacas, araguais, maracanãs, nhendaias, jirivas e sabiacy, [...]. **1806** in RAPM, VI. (1901) 773: O Sabiá sica he huma especie de papagaio pequeno, ordinariamente verde, com o bico branco: os machos tem papo roxo, assobio sobrado, terno, e harmonioso. Os das matas do Rio Guarapiranga são lindissimos, verdes claros, variados de amarello; encontros de azas, e topete encarnados; papo roxo, bico amarello. São mais raros, e os que aprendem melhor a falar. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* v. 57/58: E os sabiás, o sabiàcica o sabiàpoca o sabiáùna o sabiàpiranga o sabiàgongá que quando come não me dá, o sabiá-barranco o sabiá-tropeiro, todos êsses ficaram pasmos e esqueceram de acabar o trinado, vozeando vozeando com eloquencia.

sabiapitanga *s.m.* Var.: 5 *sabiàpitanga* [< T. saɲiapĩ'taŋa < saɲi'a 'sabiá' + pĩ'taŋa 'avermelhado, pardo'].

Pássaro da família dos turdídeos (*Turdus rufiventris*); sabiaponga.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXV. 103): Sabiàpitanga são uns pássaros pardos como pardais, que andam pelos monturos, e correm pelo chão com muita ligeireza, e mantêm-se da mandioca que furtam dos índios quando está a curtir; [...].

sabiapoca *s.m.* Var.: 5, 7 *sabiá-coca,* 9 *sabiàpoca* [< T. saɲia'poka < saɲi'a 'sabiá' + 'poka 'estouro, estalo'].

Pássaro da família dos mimídeos.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXVIII. 112): Criam-se em árvores baixas em ninhos outros passaros, a que o gentio chama sabiá-coca, que são todos aleonados, muito formosos, os quais cantam muito bem. **1789** F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 77: Outra specie de Sabiá, com o nome de Sabiá coca, hum pouco menor, que a precedente, com a mesma crista, palpebras flavescentes; [...]. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* v. 57/58: E os sabiás, o sabiàcica o sabiàpoca o sabiáùna o sabiàpiranga o sabiàgongá que quando come não me dá, o sabiá-barranco o sabiá-tropeiro, todos êsses ficaram pasmos e esqueceram de acabar o trinado, vozeando vozeando com eloquencia.

sabiaponga *s.m.* Var.: 9 *sabiá-ponga* [< T. *saɲia'poŋa < saɲi'a 'sabiá' + 'poŋa 'sonante'].

Pássaro da família dos turdídeos, também chamado sabiapitanga.

1956 GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 30: Assovios que fechavam o dia: o papa-banana, o azulêjo, a garricha-do-brejo, o suiriri, o sabiá-ponga, o grunhatá-do-coqueiro...

sabiatinga *s.m.* [< T. saɲia'tiŋa < saɲi'a 'sabiá' + 'tiŋa 'branco'].

Pássaro da família dos traupídeos (*Cissopis major*).

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXVII. 109): Sabiàtinga são uns passarinhos brancos, que tem as pontas das asas pretas, e as do rabo que tem compridas, os quais criam em ninhos que fazem nas árvores, mantêm-se das pimentas que buscam; de cujo feitio se criam pelo campo muitas pimenteiras.

sabiaúna *s.m.* Var.: 5 *sabiá-una,* 9 *sabiàúna* [< T. saɲia'una < saɲi'a 'sabiá' + 'una 'preto'].

Pássaro da família dos turdideos (*Platycichla flavipes*).

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXIX. 114): Sabiá-una são uns passarinhos pretos que andam sempre entre arvoredo; comem frutas e bichinhos, criam nas árvores em ninhos de palha. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* v. 57/58: E os sabiás, o sabiácica o sabiàpoca o sabiáùna o sabiàpiranga o sabiàgongá que quando come não me dá, o sabiá-barranco o sabiá-tropeiro, todos êsses ficaram pasmos e esqueceram de acabar o trinado, vozeando vozeando com eloquencia.

sabijujuba *s.m.* Var.: 5 *sabigejuba* [< T. saɲiju'juɲa ~ VLB II. 146: *Uinhatego, certo pao* = Çabijuiuba].

Planta da família das leguminosas, vinhático.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXIV. 54): E parece razão que se de o primeiro lugar ao vinhático, a que o gentio chama sabigejuba, cuja madeira é amarela e doce de lavrar, a qual é incorruptivel, assim sôbre a terra como debaixo dela, e serve para as

rodas dos engenhos, para outras obras dêles, e para casas e outras obras-primas.

sacaí *s.m.* Var.: 7 *sacaí*, 9 *sacahy, sacahi* [< T. *ïsaka'i].

Graveto, pedaço de lenha miúda, cavaco.

*c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 258: [Reptil terrestre] Cobra de sacaí: assim chamada por ser cumprida e muito delgada. 1930 G. Cruls *A Amazónia que eu vi* 255: Apenas, de vez em quando, por esse ou aquelle motivo — dormencia num braço, picada de formiga ou carrapato — um de nós despertava e ia logo até o fogo, chegando mais alguns sacahys ao brazeiro. 1938 R. Morais *Os Igaraúnas* xvi. 189: Marcharam nesse rumo, sem estrepito, abafando as passadas sobre folhas seccas e sacahis.

sacaiboia *s.f.* [< T. *ïsakai'ɱ oja < *ïsaka'i 'sacaí' + 'ɱ oja 'cobra'].

Cobra-cipó, cobra de sacaí (v. abon. *c*1777 in sacaí).

1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 27-28: [...] a *surucucú*, a *caninana* ou *pepéua*, a *cobra coral, cutiboia*, que açoita os que com ella entendem; a *sacaiboia, araueboia*, especie de *barata* mui grande e venenosa; [...].

saci *s.m.* Var.: 8-9 *sacy*, 9 *sací, saci* [< T. *sa'si].

Entidade fantástica do folclore brasileiro, a qual, segundo a crendice popular, assume a forma de um negrinho de uma perna só, que usa cachimbo e um pequeno barrete vermelho na cabeça, e que persegue os viajantes nos caminhos, assusta os animais trançando suas crinas, ou dando longos assovios na escuridão da noite; saci-pererê, matintaperera.

1863 M. A. Porto Alegre *Brasilianas* 286: Eu vi, eu vi, eu vi, | Por entre o nevoeiro, | Cantar ledo o sacy | Piar mocho agoureiro; |. 1902 E. Cunha *Os Sertões* 141-142: [...] os *sacys* endemoinhados, de barrete encarnado á cabeça, assaltando o viandante retardatario, nas noites perigosas das sextas-feiras, de parceria com os *lobishomens* e *mulas sem cabeça* noctivagos; [...]. 1913 Simões Lopes *Lendas do Sul* 89: O Sací. Era um caboclinho, dum pé só, muito ajil, que saltava na garupa dos cavalos dos viajantes. Gostava das picadas e das encruzilhadas das estradas sombreadas. 1914 Coelho Neto *Rei Negro* viii. 301: Negros referiam encontros assombrados com aventesmas e animaes disformes: mulas sem cabeça, caititús monstruosos, de cerdas faiscantes, que passavam a galope taramelando os colmilhos, montados por anões negros, que eram sacys; [...]. 1919 Monteiro Lobato *Cidades Mortas* 64: — Egua velha passarinhou é sacy — sugeriu dentro delle o medo. 1922 M. Andrade *Paulicea Desvairada* 82: Onde o teu rio frio encanecido pelos nevoeiros, | contando histórias aos sacis?... 1928 Idem *Macunaíma* v. 60: Que mundo de bichos! que desproposito de papões roncando, mauaris sacis e boitatás nos atalhos [...]. 1931 G. Aranha *O meu próprio romance* 77: Por elle entrevi o sacy-pererê, a mula sem cabeça, e todos os agouros florestaes.

sacuraúna *s.m.* [< T. sakura'una ~ VLB I. 60: *Buzio, os muyto grandes* = Goatapig (...) outros menores. Çaçura. Pirigoaî. Paraguacarê. Cupacî. Çacurauna. ec.].

Espécie de búzio.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II cxlii. 226): Sacuraúna é outra casta de búzios, que criam na areia, tamanhos como peras pardas, que são ásperos por fora, e tem grande miolo, mas sôbre o duro, e também tem tripa de areia.

saguaritá *s.m.* Var.: (5 *sapicaretá*) [< T. sakuari'ta ~ VLB I. 66: *Caramujo* = Çacoaritá (...)].

Espécie de caramujo.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxlv. 284): Tambem se criam nas pedras dêstes rios caramujos maiores que o do mar e compridos, a que os índios chamam sapicaretá.

sagüi *s.m.* Var.: 5 *çagoym, çagoys* (pl.), *çagujns* (pl.), *sagoîs* (pl.), *çagoîs* (pl.), *sagüins* (pl.). 5-6, 8 *saguis* (pl.), 5-7, 9 *saguins* (pl.), 6 *saagui, saguîns* (pl.), *saguiñs* (pl.), *sagoim, çaguíz* (pl.), *ságuís* (pl.), 7 *sauguins* (pl.), 7-8 *sahuins* (pl.), 7 *çaguí*, 7-9 *saguim*, 8 *saguin*, 8-9 *sagui, saguí*, 8 *saguy*, 9 *sauins* (pl.) [< T. sa'ɥi (sa'ɥĩ) ~ VLB I. 56: *Bogio não tem genero* = Os menores Caguî, Caguiiuba, outros maiores: Caî (...)].

Nome comum a várias espécies de símios da família dos calitriquídeos.

1511 *Livro da Nau Bertoa* in RIH, XXIV. (1861) 108: ho mestre [*levou*] dous gatos e hu çagoym e sam p. todos iii peças [...] o pylloto [*levou*] dous gatos e b[=5] çagoys e tres papagayos e biij [=8] toys e sam p. todos xbiij [=18] peças. Idem 109: foram avaliados estos gatos e papagayos e çagujns juntamẽte [...]. 1576 Gândavo *Hist.* VI. fl. 23*v.*-24: Ha tambem hũs pequeninos pela costa de duas castas poucos mayores que doninhas, a que comũmente chamam Sagoîs [*no ms. do Escorial*, fl. 37*v.*, *lê-se*: çagoîs], cõuem a saber, ha hũs louros, & outros pardos. Os louros tem hum cabello muito fino, & na semelhança do vulto & feiçam do corpo quasi se querẽ parecer com lião: sam muito fermosos, e nam os ha senam no rio de Ianeiro. Os pardos se acham dahi pera o Norte em todas as mais capitanias. Tambem sam muito apraziueis: mas nam tam alegres á vista como estes. E assi hũs como outros, sam tam mimosos & delicados de sua natureza, que como os tiram da patria & os embarcam pera este Reino, tanto que chegão a outros ares mais frios quasi todos morrem no mar, & nam escapa senam algum de grande marauilha. 1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. civ. 145): Sagüins são bugios pequeninos mui felpudos e de cabelo macio, raiados de pardo e prêto e branco; tem o rabo comprido e muito felpa no pescoço a qual trazem sempre arrepiada, e que os faz muito formosos; [...] Idem *Ib.*: Do Rio de Janeiro vem outros sagüins da feição dêstes de cima [Bahia] que tem o pêlo amarelo muito macio, que cheiram muito bem; as quais e os de trás são mimosos e morrem em casa, de qualquer frio, e das aranhas de casa; [...]. *c*1590 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. M) 366-367: Porcos espinhos de Africa ha de duas castas e asim tem as sedas e o mais gatos brauos, e coatis, saguis e outros m^tos bichos ha. *c*1594 Idem *Ib.* (ms. C) 1122-1125: Os saguis da baja saõ piquenos como doninhas e pardos mas o focinho como de bogio ha hũs No Rjo de Janr^o do tamanho de furões amarelos e pretos e o cabelo dourado m^to fino e saõ de estima. *c*1596 S. Travaços *Declaração do Brasil* xlix. fl. 88*v.*: Ha huns [Bugios] que se chamaõ Saguins muito pequeninos, dourados, e fermozos, os quais ha principalmente no rio de Janeiro. 1610 J. Monteiro *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.* VIII. (1949) 421: Há outros, [bugios] do tamanho e pouco maiores que gatos, chamam-lhe saagui. Estes saõ de várias castas uns pardos, outros amarelos, como leõezinhos, outros meios pretos e meios amarelos, e de uns e outros se acham alguns que cheiram excelentemente. E desta casta era um que cá me deram, de muita estima e de mui boas carinhas, que mandei a V^a R^a, mas parece que só chegou a pele como me escreveu o Ir. Diogo Martins. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 183*v.*: [...] ja tereis visto os fermozos e lindos saguîns — que se crião nesta prouinçia donde os leuão pera portugal com serem lá estimados pello seu bom cabello piqueno corpo feiçõis do Rosto e viueza dos espiritos. 1618 in RIC, XIX. (1905) 68: [...] muitos bichos, como Papagaios, Bogios, Saguins [...]. 1618 S. E. Silveira *Carta* in ABN, XXVI. (1905) 364: Ha muita quantidade de diversidade de porcos e alguns se matao atrauessando os braços do Rio em magotes; ha muitos veados, muitas antas, pacas, como lebres, gibatos e coatis mayores que ellas, apercas como coelhos, lindos bugios, e saguis [...]. 1627 V. Salvador *Hist. Brasil* I. ix. fl. 17*v.*: Outros bugios hà naõ taõ grandes, nem tem mais habelidades, que fazer momos, e caretas, mas saõ de cheiro; e outros pequenos chamados saguiñs, huñs pardos, e outros ruivos. 1648 M. Calado *O Valeroso Lucideno* I. iv. 53: [...] alli tinha os tigres, a onça, a cissuarana, o tamandua, o bugio, o quati, o sagoim, o apereà, as cabras do Cabo verde, os carneiros da Angola, a cutia, a paqua, a anta, o porco jauali, grande multidaõ de coelhos, & finalmente naõ auia cousa curiosa no Brasil q̃ alli naõ tiuesse, [...]. 1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* I. § 71. 45: Outras de animaes de caça, antas, veados, porcos monteses, & aquarios, pacas, tatús, tamanduás, lebres, coelhos, & estes de 5. ou 6 especies. Outras de animaes de gosto, & recreaçaõ, monos, macacos, bugios, çaguíz, preguiças, cotias, & outras especies sem conto. Idem *Ib.* II. § 102. 177: Remeto-me aos liuros citados, & repito sómente os nomes: pacas, tátús, tamãdúas, coelhos, estes de seis especies; bogios, ságuís, macacos, preguiças, cotías, coatís, londras: seria longo cõtar todos. 1679 R. Jesus *Castrioto Lusitano* I. ix. 583: Os pensamentos tão diversos, dos q̃ cauzão as cãpanhas, que trazião para o entertenimẽto, & para o desenfado, bugios, saguins, & papagayos; [...]. 1706 M. Bernardes *Nova Floresta* I. v. § iv. 179: [...] do Brazil os Sauguins para manguitos, e os Coquilhos para contas [...]. 1728 N. M. Pereira *Peregrino da América* I. v. 50: Naõ fallo aqui das mais aves, | Nem dos Sahuins, e Guigós, | Que com bayles de alegria | Festejavaõ ao creador. 1730 Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 65. 40: [...] varias castas de bugios, e saguins, huns cinzentos, outros entre pardos, e amarellos, que se chamaõ de cheiro, por algum que exhalaõ naõ desagradavel, e saõ os animaes, que mostraõ mais instincto, pelos brincos, e acções que fazem. 1757 D. L. Côuto *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 253: Os saguins buscavão a sua casa cada dia, e com natural instinto lhe pedião o sustento, e não se apartavão da sua presença emquanto da sua mão não recebião a comida e a benção. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 258: [Macaco] Saguim. 1789 F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 9: Çaguí, o menor dos bugios Brasilienses com a extensão de hum rato. Orêlhas grandes cubertas com madeixas de cabêllos lizos, maiores, que as restantes. 1806 in RAPM, VI. (1901) 772: Macaco, he bem conhecido no Paiz pelo nome de Mica, de que ha varias especies de differentes grandezas, e cores, desde o pequeno e lindo Saguin até o Mono, que he o maior do Brazil. 1817 Casal *Corografia Brazílica* I. 65: Sahuins [especie de macacos], dos quaes alguns sam do tamanho de ratos, lindos, alegres, e estimados com pennachos brancos sahidos de dentro das orelhas: [...]. 1857 J. Alencar *O Guarany* (2ª ed., 1864, I. x. 108): [...] um sagui

branco e felpudo que se divertia a fazer caretas maliciosas suspendendo-se pela cauda ao galho de uma arvore; tudo quanto podia ir causar um susto á moça, o indio fazia fugir [...]. **1863** M. A. PORTO ALEGRE *Brasilianas* 109: Onde apenas repousa ave emigrada, | E o astuto sagui se embrenha, e frustra | Do sagaz caçador certeiro. **1869** F. TÁVORA *Um Casamento no Arrabalde* 66: Lucilla lembrou-se de tudo, menos do saguí que não devia levar na occasião de retirar-se, mas de que não se devia esquecer, porque o tal animalzinho lhe foi dado por Pedro quando ainda não passavam de ingenuos namorados. **1869** B. GUIMARÃES *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. iv. 153): Em vão Jaguarussú dava saltos de onça e vibrava aqui e acolá vigorosos botes; Inimá, veloz como o sagui, parecia sumir-se debaixo de seus pés, e surdindo ora aqui ora alli com rapidos movimentos como que se multiplicava em torno do membrudo colosso. *a*1871 CASTRO ALVES *A Cachoeira de Paulo Afonso* (1876) 50: Olhei em roda... Era quedo | O mato, o campo o rochedo... | Só nas galhas do arvoredo | Saltava alegre o sagui. **1871** B. GUIMARÃES *Lendas e Romances* I. vi. 65: A esquerda era a continuação do mesmo roladouro que se erguia por cima de sua cabeça, e que só a irára ou o sagui poderião galgar. **1871** J. ALENCAR *O Tronco do Ipê* II. ix. 110: Mas, neste mesmo lugar onde estamos, um dia que você trouxe do mato um sagui, eu vim por detrás do tronco, deste... devagarinho, e soltei o laço com pena do bichinho, para que o Bocanegra não o comesse. **1872** B. GUIMARÃES *Hist. e Trad. Minas* III. vi. 246: Ainda mais uma circumstancia era propria para tornal-o agradavel aos olhos de Jupyra, era agil e travesso como ella; tinha artelhos de aço, e corria e saltava como um gamo; trepava a uma arvore como um saguy, e nadava como a lontra. **1875** J. ALENCAR *O Sertanejo* I. vii. 79: Muitas vezes, quando menino, correra por ali atras dos macacos e saguis que o não venciam na agilidade, pois agarrava-os á mão nas grimpas da floresta. **1876** F. TÁVORA *O Cabeleira* ix. 160: — [...] Nunca torci a cara a homem nenhum e não morro de carêta, como sagui. **1879** B. GUIMARÃES *O Pão de Ouro* iii. 268: O saguim, a irará, o quati e outros animaesinhos inoffensivos saltavam e brincavam pelas ramas das arvores. **1883** IDEM *Rozaura a Engeitada* (ed. 1900, I. iv. 47-48): Emquanto Adelaide e Azevedo se entretinhão na frivola conversação que acabámos de ouvir, os outros estudantes grimpavão pelos galhos da jaboticabeira como verdadeiros saguis, e enchião a copa dos chapéos dos mais doces e sazonados fructos. *a*1884 IDEM *O Bandido do Rio das Mortes* (ed. 1905, vii. 78): — [...] Irabussú é o jaguar que vae rondar em volta do arraial dos emboabas; o saguy ha de cahir nas garras do jaguar. **1886** J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 23): Em um leilão de prendas da festa de Sant'Anna deu dez mil réis por um sagui e mandou-lh'o offerecer pelo leiloeiro, [...]. **1914** COELHO NETO *Rei Negro* x. 399: Em contraste com a tristeza que pairava um saguí saltava dum galho a outro, marinhava pelos cipós, agil e trefego, ou era então um serelépe arteiro, [...]. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* iv. 49: Perguntaram pra todos os seres, aperemas saguís tatús-mulitas tejús mussuãs da terra e das árvores, tapiucabas chabós matintapereras pinicapaus e aracuãs do ar, prá ave japiim [...]. **1929** G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* xii. 167-168: Eram gaiólas com mutuns, jacamins, papagaios, periquitos, uma com uma veada, outra com macacos e sauins, além das de passarinhos, sabiás, graunas... **1931** IDEM *O meu próprio romance* 138: Os jangadeiros solicitavam passageiros para terra, vendiam passaros, graúnas, corrupiões, macacos, sauins, vendiam cocos, rapaduras, bolos de milho, tudo ostentando uma fartura incrivel na terra da secca e da desolação. **1933** G. RAMOS *Caetés* vii. 43: Catei algumas expressões infelizes e introduzi na floresta, batida pelo vento, uma quantidade consideravel de passaros a cantar, macacos e saguis em dansa acrobatica pelos ramos, [...]. **1934** J. L. REGO *Banguê* I. ix. 52: Veria meu avô os negros do engenho como bichos? Um saguim, um porco, um cachorro? **1937** IDEM *Pureza* xxxi. 330: E quiz dar uma volta pela mata, ouvir pela ultima vez os seus rumores, os saguins chiando e as guaribas nos assobios. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 160: Nos galhos mais altos do landi, um saguim, mal penteado e careteiro, fazia gatimanhas, chiando e dando pinotes.

saí[1] *s.m.* Var.: 5 *sai, caij,* 6 *caí, say,* 8 *sahy, sahí,* 8-9 *sahi* [< T. sa'i].

Nome comum a vários pássaros das famílias dos cerebídeos e dos traupídeos.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXVII. 109): Há outros passarinhos pequenos todos vestidos de azul, côr muito subida, aos quais os índios chamam saiubuí, que tem o bico prêto, e criam em árvores, e mantêm-se dos bichinhos da terra. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1328-1331: Outros aj pera gajolas Caijs saõ azuis pollas costas tẽ hũ barrete azul claro e pellos peitos as penas das azas amarelas o bico e pees vermelhos. **1610** J. MONTEIRO *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.*, VIII. (1949) 424: Há outro do mesmo tamanho, [do guiranheenguetá] chamado caicuriba. É de várias cores, mas tira mais pera o azul que pera outra, as penas das asas são amarelas, os pés vermelhas. Destes há cá muitos e são mui prezados. Também tocam de cantores. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 191: Say he passaro Piqueno do tamanho de hũ Pintasirgo: tẽ a cabessa azul cor celeste E todo o corpo uerde. tẽ bico E pes pardo cor de cinza, este faz soo dous f[os] seus ovos são brancos. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* I. 90: Os *Sahys* sam uma especie de passarinhos lindos, e divididos em varias castas; o *sahy da secia* he do tamanho da carriça, da qual tem o bico; [...]. IDEM *Ib.* I. 91: [...] o *sahy bicudo* he do tamanho do pintarroxo, de côr esverdeada, com a cauda, e azas negras, e bico pontudo: o *sahy roxo* he do tamanho d'hum pardal com a cauda, e azas negras, a cabeça e o peito roxo, bico curto, e pontudo: o *sahy de colleira* tem a forma, e grandeza de pardal com a cabeça roxa, pescoço encarnado, barriga verde, costas, azas, e cauda esverdeadas, bico curto. [...] o *sahy-papagaio* he do tamanho do verdelhão, de furta-côr entre azul e verde, com a cauda negra, bico curto, muito largo na raiz, e fino na extremidade. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 31: [...] *sahy* de côr azul e parda; [...]. **1856** D. MAGALHÃES *A Confederação dos Tamoyos* I. 17: Após meu pai, andar sahís caçando, | tão lindos qu'eu co'as pennas me enfeitava. IDEM *Ib.* III. 81: É a minha Iguassú: ambas tão bellas | Como um sahy de um guanumby ao lado. **1865** J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, xv. 89): [... como o sahy, fascinado pela serpente, vae declinando o lascivo talhe, que se debruça emfim sobre o peito do guerreiro. **1866** IDEM *As Minas de Prata* VI. vii. 190: Ao longo do caminho que serpejava por entre o viçoso arvoredo, os sahis e os colleiros, voando dos ninhos preludiavam o raiar da alvorada; [...]. **1874** IDEM *Ubirajara* vi. 104: O semblante sempre grave do guerreiro cobriu-se de um sorriso doce como a luz da alvorada; e seus olhos, mais contentes que dois sahis, pousaram no rosto de Aracy. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xvii. 195: Eis que chegam, porém, uma revoada hecterogenea, sahis, japiins, rouxinóes [...]

saí[2] *s.m.* Var.: 5 *saí, caj* [< T. sa'i ~ VLB I. 56: *Bogio não tem genero* = Os menores Caguî, Caguiiuba, outros maiores: Caî: e Caiguaçu (...)].

Espécie de macaco.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. IV. 145): Há nos matos da Bahia outros bugios, a que os índios chamam saianhangá, que quer dizer bugio diabo que são muito grandes, e não andam senão de noite; são da feição dos outros, e criam em côncavos de árvores; mantêm-se de frutas silvestres; e o gentio tem agouro nêles, e como os ouvem gritar, dizem que há de morrer algum. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1119-1121: ha de 6. ou 8 especies de bogios de cheiros q̃ chamaõ Caj çagui.

saipé *s.m.* Var.: 7 *saupe, saupê,* 8 *saupé* [< T. ?].

Peixe da família dos caracídeos.

1783 M. C. ABREU *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 263: Os peixes que ha neste rio, além da abundancia, são especialissimos, porque de todas as formas que sejam beneficiados não tem variedade e sabor, pois são notaveis os dourados, saupes, piraguajuras, pacuy, pacús, suruvy, piraguaxiara e jahús, [...]. **1792** F. O. BARBOSA *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 23: Os peixes que ha no rio Tieté, além da abundancia, são especialissimos; cujos nomes são: doirados, saupês, piracanjuvas, pacús, suruvis, piracoaxiaras, piracambucús, e jaús; [...]. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* I. 212: Entre outras especies de pescado ha doirados, saupês, pacús, piracanjuvas, surubins, piracambucús, jajús, e piraquaxiáras.

saíra *s.f.* Var.: 8 *sahyra* [< T. *sa'ira].

Saí[1].

1898 A. ARINOS *Os Jagunços* I. iii. 118: Á beira da estrada havia renques de espinheiros silvestres, cobertos de florinhas, onde as carriças, os tico-ticos e as sahyras verdes pipilavam saltitantes.

sairé *s.m.* Var.: 7 *sayré, sairé,* 8 *sahiré,* 9 *çairê* [< T. *sai're].

Dança indígena: v. abon.

1763 J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 106: [...] governando uma india a dansa, e sustentando com um listão preso ao mesmo arco, alargando-o ou recolhendo quando [as indias] retrocediam ou quando ganhavam mais terreiro avançando com o dito arco, a que chamam sayré. *c*1767 J. DANIEL *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, II. (1840) 360: Os menores meninos e meninas tem sua dança particular, a que chamão o *sairé*, em que regularmente não entrão homens mais do que os tamborileiros, e ainda esses não estão mettidos nas danças, mas estão de fóra dando o compasso com o tamboril, e o tom e pé de cantiga, a que responde a chusma, com advertencia que os meninos vão em diverso *sairé* das meninas, e não misturados os de um com os de outro sexo. **1888** INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, I. vi. 331): [...] e com as caboclas de saias de chita verde dansando o sahiré á porta das igrejinhas sertanejas. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* vii. 89: Então a macumba principiou de deveras se fazendo um çairê pra saudar os santos.

saixê *s.m.* Var.: 8 *sahyxé, sahixé, sahixê* [< T. sai'še].

Saí[1].

1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 91: [...] o *sahy-xé* tem a cabeça, azas, e cauda esverdeadas; o peito entre azul, e verde; a garganta, e as

espaduas negras: o lombo amarello; bico curto. **1856** D. MAGALHÃES *A Confederação dos Tamoyos* I. 22: Sua irmã, que aqui vês, linda e garbosa, | Que vence o sahixé na gentileza, | E excede o sabiá no meigo canto, I. **1857** J. ALENCAR *O Guarany* (2ª ed., 1864, I. xiv. 146-147): Na sexta-feira, erão dez horas da manhã, Pery atravessava a mata imitando alegremente o canto do sahixé, cujas notas sibiladas elle traduzia pelo doce nome de *Cecy*. **1865** IDEM *Iracema* (3ª ed., 1878, 217): [*Nota do Autor*] *Sahy* — Lindo passaro do qual ha varias especies, sendo a mais graciosa o do *sahixé* tanto pela plumagem como pelo canto.

‖ **sale:** v. abon.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 120: [...] Sale [peixe] he doutra casta e tambem asaz bom [...].

samambaia *s.f.* Var.: 7 *sambambaya,* 8 *sambambaia,* 8-9 *samambaia* [< T. ?].

Nome comum a várias plantas ornamentais da família das gleiqueniáceas.

1730 ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 42. 27: As mais celebres saõ a sambambaya, que solda todas as quebraduras, e capeba, que desfaz todos os apostemas. *a***1809** T. A. GONZAGA *Cartas Chilenas* (ed. M. Rodrigues Lapa, 1957, 263): Os chefes, Doroteu, que só procuram | de barras entulhar as fortes burras, | desfrutam juntamente as mais fazendas, | que os seus antecessores levantaram; | nem deixam descansar as férteis terras, | enquanto não as põem em sambambaias. **1871** B. GUIMARÃES *Lendas e Romances* I. i. 12: Esta segunda parte, escura e mysteriosa, era separada da outra por um tabique de taquáras e ramos, onde apenas havia uma estreita portinhóla, e tudo feito com tal arte, que parecia ser simplesmente um matagal de samambaias e taquaras, que cobria a escarpa do rochedo. **1876** F. TÁVORA *O Cabeleira* xiii. 218: Via-se a espaços um pé de chique-chique perdido nos alvos taboleiros, ou entre serros alcantilados, e junto do rio uma ingazeira com folhagem coberta de sambambaia, um joazeiro solitario e sem fructo. **1881** IDEM *Lourenço* (ed. 1902, ix. 132): Ficava encoberto por uma orla de arvores espessas, de cujos galhos cahiam largos pannos de sambambaias a que um poeta chamaria barbas ou guedelhas daquelles monges seculares. **1894** TAUNAY *O Encilhamento* I. xv. 112: — Essas larguissimas terras abandonadas por toda parte, entregues ao matto sujo e á *samambaia,* todas ellas divididas em lotes, com uma casinha limpa, bonitinha, á espera do colono... **1895** COELHO NETO *Miragem* I. v. 74: Dominava-o a obcecação allucinada dos prosperos outonos, a idéia da germinação de toda aquella terra infructifera e secca, coberta de samambaias e de herva brava e a sua ancia crescia á medida que a fadiga vinha apparecendo. **1899** TAUNAY *No Declínio* ii. 16: Nessa casa morava, sózinha, e respeitada, Lucinda Soares, que tinha os seus dias occupadissimos, já no arranjo e direcção internos, já no trato das suas mimosas e caras plantinhas, *begonias, caladios, samambaias* e muitas variedades de lindissimas *orchideas,* com as quaes formava grupos a todo o instante modificados. **1900** J. NABUCO *Minha formação* Pref. pág. x: "Esta manhã, casaes de borboletas brancas, douradas, azues, passam innumeras contra o fundo de bambús e samambaias da montanha. **1914** COELHO NETO *Rei Negro* i. 9: Um veio limpido descia da matta em fio serpentino cascalhando, borbulhando nas pedras até gorgolejar num tanque ourelado de avencas e samambaias em torno das quaes areirès domesticos galravam. **1918** MONTEIRO LOBATO *Urupês* 80: Folhinhas de samambaia carbonisadas desciam do alto, lentamente, a girar. **1919** IDEM *Cidades Mortas* 10: [...] Morraria aspera, onde reina soberana a sauva e seus alliados o sapé e a samambaia. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* iii. 32: E a icamiaba caiu sem auxilio nas samambaias da serrapilheira. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 224: Perto, no fresco da relva, na sombra da selva, no húmido dos minadouros que cantam, dormem as avencas de folhagem minuciosa: [...]. A delicadeza das samambaias.

samambaiaçu *s.m.* Var.: 9 *samambaissû, samambaiussú* [< samambai(a + -açu (< T. a'su 'grande')].

Nome comum a várias plantas arborescentes da família das ciateáceas.

1918 MONTEIRO LOBATO *Urupês* 121: Extasia-se ante a copa graciosa dos samambaissús semelhantes a palmeiras, [...]. **1919** IDEM *Cidades Mortas* 112: Narra como vieram os primeiros vegetais — samambaiussús enormes e molengos — [...]. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 224: Perto, no fresco da relva, na sombra da selva, no húmido dos minadouros que cantam, dormem as avencas de folhagem minuciosa: [...]. E os velhos samambaiussús.

samambaial *s.m.* [< samambai(a + -al].

Plantação de samambaias.

1918 MONTEIRO LOBATO *Urupês* 228: Essa planta, conta Geca, só floresce uma vez por anno, e só produz em cada samambaial uma flor.

sambaíba *s.f.* [< T. *sa ŋa'ĩua].

Planta da família das dileniáceas.

1874 J. ALENCAR *Ubirajara* vi. 100: Na vespera o pagé burnira de novo com a folha da sambaiba o toro de madeira, [...].

sambaqui *s.m.* Var.: 8-9 *sambaqui,* 9 *sambaquí* [< T. ?].

Designação de depósitos de conchas e restos de cozinha misturados com partes de esqueletos de homens e animais primitivos que habitaram o litoral americano em épocas remotas; ostreira.

1878 F. TÁVORA *O Matuto* vii. 93-94: Tendo vagado durante algum tempo em busca de sambaquis, por dentro da mata, foi elle dar numa trilha que lhe era ainda desconhecida. **1915** LIMA BARRETO *Policarpo Quaresma* I. ii. 28: À direita havia um monturo; restos de cozinha, trapos, conchas de mariscos, pedaços de louça caseira — um sambaqui a fazer-se para gaudio de um archeologo de futuro remoto; [...]. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* iv. 46: Atravessaram os sambaquis do Caputera e do Morrete num respiro. **1958** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xix. 218: — Confirma-se, portanto, o que disse Frederico Hartt, retrucou Snethlage, quando feriu o caso dos sambaquis no estuário e no Baixo Amazonas, isto é, que em virtude de uma alteração climatica ou geognostica, estava desapparecendo a numerosa familia molluscoidea.

samburá *s.m.* Var.: 5 *samurá,* 5-6, 8-9 *sambirá,* 8 *samborá* [< T. sa ŋu'ra].

Espécie de cesto, cofo.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxxviii. 218/219): [...] e não há índio dêstes [mariscadores] que não tome cada dia trezentos e quatrocentos caranguejos, que trazem vivos em um cêsto serrado feito de verga delgada, a que os índios chamam samurá; e recolherem em cada samurá dêstes um cento, pouco mais ou menos. IDEM *Ib.* II. clix. 260: | Os Tupinambás | fazem arcos e flechas e alguns empalhados e lavrados de branco e prêto, feitio de muito artifício: fazem cêstas de varas, a que chamam samburá, e outras vasilhas em lavôres, como as de roia da Índia; [...]. *a***1696** *G.* MATOS *Obras* (ed. 1969, V. 1147): De massa um tapiti, | um cofo de Sururus, | dous puçás de Baiacus, | Samburá de Murici: |. **1842** MARTINS PENA *O Juiz de Paz* (ed. 1956, I. 32): Quando acabares de jantar, pega em um samborá e vai colhêr o café que está à roda da casa. **1845** IDEM *As Casadas Solteiras* (ed. 1956, I. 432): — [...] dá samburá a mim. Oh! homem, compraste o mercado inteiro? **1859** C. ABREU *As Primaveras* 48: Quando tu passas n'aldeia | Diz o povo á bocca cheia: | — Mulher mais linda não ha! | "Ai! vejão como é bonita | "Co'as tranças presas na fita, | "Co'as flores no samburá! —. **1866** J. ALENCAR *As Minas de Prata* V. vi. 168: A's cinco horas da manhã, a velha de samburá no braço ganhou a rua, [...]. **1874** IDEM *Ubirajara* 188: [*Nota do Autor*] *Samburá* era cesto com orelha, corrupção de *nambi* e *urú,* litteralmente cesto de orelha. **1888** V. MAGALHÃES *Horas Alegres* II. 136: De manhã, depois de retirados os homens da limpeza publica, com as suas carroças e vassouras, começa, como nos outros dias, o vai-vem dos cestos, das cestas, dos samburás, porém menos apressurados que nos dias uteis. **1890** A. AZEVEDO *O Cortiço* vi. 82-83: Vinha acompanhada por um moleque, que trazia na cabeça um enorme samburá carregado de compras feitas no mercado; [...]. **1914** COELHO NETO *Rei Negro* i. 22: Só appareciam á noitinha cançados, escalavrados, com enfiadas de caça e samburás de frutas. **1915** LIMA BARRETO *Policarpo Quaresma* III. iiii. 228: Era de ver o terror que se estampava naquellas physionomias, a ancia e a angustia tambem. Levavam trouxas, samburás, pequenas malas; crianças de peito, a chorar, o papagaio querido, [...]. **1918** MONTEIRO LOBATO *Urupês* 219: [...]; ou artefactos de taquara póca — peneiras, cestinhas, samburás, tipitis, pios de caçador; [...]. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* xii. 169: Ele me atira no samburá, você pede o peixe mais grande pra comer e sou eu. **1935** JORGE DE LIMA *Calunga* xvi. 145: Na praia, em frente da casa de Lula, já havia inúmeros samburás cheios de mariscos.

sanhaço *s.m.* Var.: 7 *sanhaçú,* 8-9 *sanhaço, sanhassú,* 9 *sanhasso* [< T. saja'su < sa'i 'saí[1]' + a'su 'grande'].

Pássaro da família dos traupídeos.

1728 N. M. PEREIRA *Peregrino da América* I. v. 47: De picado o Sanhaçú, | Tão alto soltou a voz, | Que cantando a compasso, | Compasso não levantou. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* I. 91: *sanhaço* he uma casta de verdelhão. **1859** C. ABREU *As Primaveras* 41: Acho agora mais sêca a cachoeira | Onde banhei-me no infantil cansaço... | — Como está velho o laranjal tamanho | Onde eu caçava o sanhassú a laço!... **1876** F. TÁVORA *O Cabeleira* iv. 73: — Quando o sanhassú ou bem-te-vi não cahir morto da bala do bodoque, mas só com uma perna ou aza quebrada, não lhe apertes o pescoço para que não esteja penando. **1878** IDEM *O Matuto* xxv. 364: Mas é que differe muito, atirar em rollinhas e sanhassú de atirar em salteadores afeitos a torcer o corpo ás balas e aos mais mortaes golpes. **1914** COELHO NETO *Rei Negro* iii. 85: Bemtevis, das grimpas dos coqueiros, respondiam chocarreiramente á surriada dos sanhassos. **1915** LIMA BARRETO *Policarpo Quaresma* II. iiii. 134: [...] pelo correr do dia, eram os sanhassús a cantar nos galhos altos, os papa-capins, as nuvens de colleiros; [...]. **1918**

MONTEIRO LOBATO *Urupês* 89: — Descobri a vocação do Nico, — disse o arguto sujeito á mulher — dá um optimo esculapio. Inda agorinha estava lá fora dissecando um sanhaço vivo. **1919** IDEM *Cidades Mortas* 199: Sendo assim, não era mais logico aproveitarem-se as vinte balas semanaes no pomar, em caçada ás rolinhas sabiás e sanhaços? **1934** J. L. REGO *Bangué* II. iii. 86: Minha companheira mostrava-se um pé de cardeiros todo sangrando nos seus frutos encarnados. As bayonetas caladas dos seus espinhos não se defendiam dos sanhassús que acordavam famintos. **1937** IDEM *Pureza* xxxi. 330: Por emquanto só os cardeiros davam a sua nota rubra, com os fructos vermelhos, por onde os sanhassús passavam os dias beliscando.

sanharó *s.m.* Var.: 8 *saranhó, sanharão* [< T. ?].

Abelha da família dos meliponídeos.

1817 CASAL *Corografia Brazilica* I. 75: Ha diversas especies de abelhas, [...] A *tatahyra*, a *Saranhó*. De todas estas especies só as duas ultimas sam mordazes. **1876** COUTO DE MAGALHÃES *O Selvagem* II. i. 14: Do fogo se auxiliam tambem para poder tirar o mel de certas abelhas bravas, accendendo um facho com que se approximam da colmêa dos *ichu, mandaguahy, arapua, sanharão* e outras [...].

sapê *s.m.* Var.: 5 *sapee, sape, saper,* 6, 8-9 *sapê,* 6 *sápe,* 6-9 *sapé,* 6 *jeçapé* [< T. iasa'pe ~ VLB II. 62: *Palha carga* = Yaçapê].

Planta da família das gramíneas, cujas folhas são muito utilizadas para cobertura de habitações rústicas.

Tal como ocorreu com a pindoba, o costume indígena de cobrir as choupanas com sapé foi transmitido aos primeiros colonizadores europeus e é ainda hoje comum no interior do Brasil.

1575 in ACSP, I. (1914) 76: [...] como se obrigou a ripar a dita casa de ripa de isara e a cobrir de sapee de maneira q̃ dous omẽs [...]. IDEM 84: [...] a dita casa avia de mister q̃ se lhe posesẽ duas careiras de sape pellas beiras [...]. **1579** IDEM 148: [...] quem tiver de outo peças de serviso pera sima mande trazer dous feixes de saper [...]. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 101*v*.: [...] esta caza armada por este modo, fica tambem façil a cobertura délla, por que dos mesmos campos colhem hũa erua a que chamão sapê que serue em luguar de telha, e tem de bondade ser mais quente que ella, [...]. IDEM vi. fl. 139*v*.: [...] fazem a sua abitaçaõ pellos campos aonde tem sua famillia en cazas que pera isso fazem fabricar hũas de telha e outras de pindoua ou sápe que he hũa Rama com que se fazem semelhantes cuberturas [...]. **1648** M. CALADO *O Valeroso Lucideno* IV. ii. 229: A lenha com que a casa se rodea ǀ com a importuna chuua está molhada, ǀ O fumo sobe, & o fogo não se atea, ǀ segundo era a pressa descjada; ǀ Mas com seco sapé se remedea, ǀ. **1663** S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 79. 157: [...] tajóba, jeçapé, inimboya. Todas estas são eruas medicinaes, das mais conhecidas, & vsadas, [...]. **1782** F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* I. vi. 116: [...] huma erva á que os habitantes deste Brazil dão o nome de Sapé, que hé muito semelhante nas folhas á cevada antes de brotar tallo, e espiga, e unicamente differe na côr [...]. **1817** CASAL *Corografia Brazilica* II. 83: As terras cobrem-se de Sapê logo que as matas cahem. **1856** D. MAGALHÃES *A Confederação dos Tamoyos* III. 69: Erguiam as cabanas de taquára; ǀ Com tectos de sapê e de palmeiras, ǀ. **1857** J. ALENCAR *O Guarany* (2ª ed., 1864, I. i. 9): Finalmente, na extrema do pequeno jardim, á beira do precipicio, via-se uma cabana de sapé, cujos esteios erão duas palmeiras que havião nascido entre as fendas das pedras. IDEM *Ib.* II. i. 188: A chuva cahia em torrentes; o vento açoutava as paredes de sapê, esfusiando por entre a palha. **1863** M. A. PORTO ALEGRE *Brasilianas* 260: Ao roçar pelo sapé ǃ Do seu rancho venturoso, ǃ Dize-lhe, ó vento, que eu canto ǃ N'um som gemente e saudoso. **1865** J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, ix. 51): Mas o somno é leve nos olhos de Araken, como o fumo do sapé no cocuruto da serra. **1869** VARELA *Cantos do Ermo e da Cidade* (2ª ed., 1880, 23-24): Queres voltar? eu te sigo, ǀ Eu amo o ermo profundo. ǀ A paz que foge do mundo ǀ Preza os tectos de sapê. **1869** IDEM *Cantos Meridionais* in *Obras Completas* (ed. 1896, II. 176): A casa era pequena, mas bem feita, ǀ Coberta de sapé, [...]. *a***1871** CASTRO ALVES *A Cachoeira de Paulo Afonso* (1876) 24: Eil-a a casinha... tão pequena e bella! ǀ Como é singela com seus brancos muros! ǀ Que liso tecto de sapé dourado! **1871** J. ALENCAR *O Tronco do Ipê* I. v. 52: O mais saliente desses penhascos sustentava na encosta uma cabana de sapé. **1872** IDEM *Sonhos d'Ouro* I. vi. 85: Ahi, proximo á Restinga havia então, e talvez ainda exista uma cabana coberta de palha de sapê, com paredes de emboço. **1872** IDEM *Til* IV. viii. 91: O Africano, vendo Faustino atado de chofre como um feixe de sapê e pinchado ao fogo, escafedeu-se; mas, á pequena distancia, cahiu arpoado pela faca do Bugre. **1872** TAUNAY *Inocência* (2ª ed., 1884, iv. 51): Consistia a morada de Pereira n'um casarão vasto e baixo, coberto de sapé, com uma porta larga entre duas janellas muito estreitas e mal abertas. **1874** IDEM *Histórias Brasileiras* 164: A villa, edificada na primeira dobra de um outeiro em cujo alto está a igreja, consta de uma rua unica e tortuosa, larga aqui, estreita adiante e com casinholas cobertas de sapé de um e de outro lado. **1878** IDEM *Narrativas Militares* 127: Não havia porém que piar e toca a buscar, em distancia de leguas e leguas, feixes de sapé ou galhos de arvores folhudas. **1895** COELHO NETO *Miragem* I. v. 68: [...]; nos cerros, velhos cafesaes, abafados pelo sapê, marcavam ainda os renques parallelos e, a borda dos banhados frios, as largas folhas róridas dos inhames pareciam de bronze. **1902** E. CUNHA *Os Sertões* 505-506: [...] tomando de tições esbrazeados chegavam-nos aos colmos de sapê. **1907** IDEM *Contrastes e Confrontos* 285: Succedem-se choupanas pobres, em ruinas umas tectos de sapé caidos sobre montes de terras e páus roliços [...]. **1914** COELHO NETO *Rei Negro* i. 18: [...] ao avistarem as primeiras casas da cidade, ainda de sapé, nos mattos ou entre laranjaes e hortas, respiravam e, dando graças a Deus, entravam na Côrte commentando a viagem, [...]. **1915** LIMA BARRETO *Policarpo Quaresma* II. iii. 124: Era sempre aquelle sapê sinistro e aquelle "sopapo" que deixava ver a trama de varas, como o esqueleto de um doente. **1918** MONTEIRO LOBATO *Urupês* 149: Por cobertura, presos com pedras chatas, molhos de sapê no fio, defumado e pobre. IDEM *Ib.* 220: Sua casa de sapé e lama faz vir aos bichos que moram em tocas e gargalhar ao joão de barro. **1919** IDEM *Cidades Mortas* 11: [...] a mesma morraria núa, a mesma sauva, o mesmo sapé de sempre; [...]. **1920** LIMA BARRETO *Histórias e Sonhos* 89: Comprou, por algumas centenas de mil réis, um pequeno sitio com uma miseravel choça, coberta de sapê, paredes a sopapo; [...]. **1926** COELHO NETO *Feira Livre* 160-161: Uma manhan, porém, descobre elle o sapê ou o joá, o espinheiro ou a vassoura. **1929** G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* xiv. 224-225: Que delícia a vida do sertanejo, vida de vaqueiro, gado, secca, fome, enchentes, samba, côcos, casas de sapê, cerrados, clavinotes, facas de ponta. **1934** G. RAMOS *S. Bernardo* vi. 39: Do lado de cá da cerca o algodão pintava, a mamona crescia nos aceiros da roça; do lado de lá, sapé e espinho. **1940** RIBEIRO COUTO *Largo da Matriz* 118: Em dois palmos de um terreno da Câmara, á beira da estrada, êle erguera quatro paredes de páu a pique, barreadas, cobertas de sapé, sôbre estacas de caneleira. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 213: Porque a sombra do coqueiro, mesmo sem ser na hora das sombras ficarem compridas, divide ao meio o sapé do teto; [...]. **1956** IDEM *Grande Sertão: Veredas* 303: Assim pois foi, como conforme, que avançamos rompidas marchas, duramente no varo das chapadas, calcando o sapê bradão ou areias de côr em cimento formadas, e cruzando sòmente com gado transeúnte ou com algum boi sòzinho caminhador.

sapezal *s.m.* Var.: 7 *sapezar,* 8 *sapezaes* (pl.), *sapezal* [< sap(é + -z- + -al].

Lugar onde vicejam sapés, sapezeiro.

1758 in ADF, I. (1894) 431: Concedese ao dº Snr. Antonio de oLivrª Durão, Mais hum pedaço debrejo, q' fas testada nopasto do Collº e hum traveção hade correr daponta do mesmo brejo athé chegar aponta do cercado, q tem depresente oCapm Severino Paes em hum sapezar isto he aponta dabanda desima, q' olha pª oeiteyro, [...]. **1825** JOSÉ BONIFÁCIO *Poesias Avulsas* 61-62: Das azas vai lançando a fusca Noite ǀ Terror gelado; o grito agudo e triste ǀ Nos velhos sapezaes dos verdes grillos ǃ. [*Nota da ed.*] He hũa das grammineas, que se apodera dos terrenos estereis, por cançados. **1871** B. GUIMARÃES *Lendas e Romances* III. ii. 204: D'ahi começão aquelles ossos todos a dansar em roda da caveira, que estava quieta no meio, dando de vez em quando, pulos no ar, e cahindo no mesmo lugar, emquanto os ossos giravão n'um currupio, estalando uns nos outros, como fogo da queimada, quando pega forte n'um sapezal.

sapezeiro *s.m.* Var.: 9 *sapeseiro* [< sap(é + -z- + -eiro].

Sapezal.

1918 MONTEIRO LOBATO *Urupês* 53: Se ainda teimo neste sapeseiro é por via dessa menina; senão largava tudo e ia viver no matto como bicho.

sapinhanguá *s.m.* Var.: 6 *sapimiaga* [< T. ?].

Espécie de molusco bivalve, amêijoa.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 123*v*.: [...] da mesma maneira ha muitas Amejoas. e outro marisquo a que chamaõ — sapimiaga — e sobre tudo hũ de callidade estranha a que daõ nome de sernambim.

sapiranga *s.f.* [< T. *esapi'raŋa < e'sa 'olho' + pi'raŋa 'vermelho' ~ VLB II. 56: *Olho, ou olhos* = Teçâ. Teçacoara].

Inflamação das pálpebras; blefarite.

1873 J. ALENCAR *O Garatuja* ii. 25: Tinha a regateira uns olhos tão pequenos que pareciam dois caroços de feijão preto embutidos na testa; as pestanhas, as comera a sapiranga que lhe arroxeava as palpebras. **1914** COELHO NETO *Rei Negro* iv. 211/212: [...], e o filho lá andava, coitado! um langanho, sempre ranhoso, com os olhos cheios de sapiranga e em pús, o corpo aberto em feridas, [...]. **1956** GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 14: Andaço de sarampão, se disse, mas complicado; êles nunca saravam. Quando, então, sararam. Mas os olhos dêles vermelhavam altos, numa inflama de sapiranga à rebelde; [...].

sapirão *s.m.* Var.: 6 *sapiron* [< T. sapi'rõ ~ VLB I. 73: *Chorar ao morto ou o que uem de fora* = Açapirõ. act.].

Cerimônia indígena que consistia em prantear os visitantes por ocasião de sua chegada à aldeia, em sinal de respeito e alta consideração.

1656 J. Sotomaior *Jornada ao Pacajá* in DAP, VIII. (1945) 7: [...] chegando a aldea me sairão a receber todos com mostras de muita alegria, e me levarão para hum girao pequeno, que para mim tinhão despejado, e limpo: a primeira cousa que fiserão, em me assentando na rede, foi cercarem me, e faserem me hum sapiron mui enternecido, eu desimulei pelos não desgostar nisto: [...].

sapiroca *s.f.* [< T. °esapi'roka < e'sa 'olho' + pi'roka 'esfolado' ~ VLB I. 124: *Esfolar* = Aipiroc].

Sapiranga.

1918 Monteiro Lobato *Urupês* 129: O tempo curou-lhe a sapiroca, e a boa vida deu-lhe carnes.

sapiroquento *adj.* [< sapiro(ca + -(qu)ento].

Indivíduo que sofre de sapiroca, que tem as pálpebras inflamadas.

1918 Monteiro Lobato *Urupês* 126: Elesbão trazia d'olho uma menina das cercanias, filha do balaieiro João Tóca; a Rosinha bilro sapiroquento de treze annos, [...].

sapopema *s.f.* Var.: 8-9 *sapopema*, 8 *sapupema*, 9 *sapopemba* [< T. °sapo'pe *ŋ*a].

Raiz que, emergindo do solo, envolve a base do tronco e se eleva, às vezes, a dois metros de altura.

1865 J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, x. 59): [...] Martim, estava tranquillamente sentado em uma sapopema, olhando o que passava ali. 1872 Idem *Til* II. vii. 76: Ainda quando menos os preoccupasse o assumpto, difficilmente distinguiria qualquer dos interlocutores, alli a dous passos delle o vulto decrepito de um negro, arrimado a uma brecha de cepa carcomida com a qual se confundia, como o escorço de uma sapopema. 1874 Idem *Ubirajara* viii. 137: Quando chegou em frente á cabana do grande chefe, o cantor viu Itaquê no terreiro sentado em uma sapopema. Idem *Ib.* 169: [*Nota do Autor*] e á raiz que surge da terra e se eleva como um galho — sapo-pema — raiz espada. 1876 Couto de Magalhães *O Selvagem* II. v. 139: No Pará, quando se viaja pelos rios e ouve-se alguma pancada longinqua no meio dos bosques os remeiros dizem que é Curupira que está batendo nas sapupemas, a ver se as arvores estão sufficientemente fortes para soffrerem a acção de alguma tempestade. 1914 Coelho Neto *Rei Negro* iv. 180: Ao sahir no caminho deu com o senhor moço sentado na sapopema d'uma figueira. 1920 Lima Barreto *Histórias e Sonhos* 15: Nenhum testemunho, dentro em pouco, haverá das almas que elles representam, dessas consciencias tamoyas que tentaram, com taes appellidos macular a virgindade da incalculavel duração da terra. Sapopemba, é já um general qualquer, [...]. 1928 M. Andrade *Macunaíma* xv.°211: Campeou legua e meia e afinal topou com uma peroba com a sapopemba do tamanho dum bonde. 1930 G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 74: Servindo-se da mais rustica ferramenta, pois que usava apenas de facão e machado, elle conseguia retirar, das sapopemas de um tenteiro, os mais perfeitos remos. 1938 R. Morais *Os Igaraúnas* xxvii. 319: A naturalista sahiu então de uma sapopema que a resguardava e avançou rumo da india loura.

sapotaia *s.f.* Var.: 6 *sapotaja* [< T. sapo'taja].

Planta da família das caparidáceas.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 96*v.*: [...] e da mesma maneira se achaõ outros feijõis que nasem em bainhas chamado sapotaja [...].

sapucaia *s.f.* Var.: 5 *zabucaj, zabucães* (pl.), *zabucaya, jaçapucaya, sabucai, çapucaj*, 6 *zabucai, zabucay, sasapocaia, sapuquaiha, çapucáya*, 7 *capucaia, sapucâya, sapocaya*, 7-8 *sapucaya*, 8-9 *sapucaia* [< T. jasapu'kaja].

Planta da família das lecitidáceas.

c1574 *Livro de Contas* in DHA, III. (1963) 388: De Serrarẽ tres Serras as mesas de zabucaj dous dias mil E duzentos rs [...]. 1576 Gândavo *Hist.* v. fl. 17*v.*: Hũas aruores ha tambem nestas partes muy altas a q̃ chamão Zabucáes: nas quaes se criam hũs vasos tamanhos como grandes cocos, quasi da feiçam de jarras da India. Estes vasos sam muy duros em gram maneira, & estam cheos de hũas castanhas muito doces & sabrosas em extremo: & tem as bocas pera baixo cubertas cõ hũas çapadoiras, que parece realmente nam serem assi criadas da natureza, senam feitas per artificio de industria humana. E tanto que as taes castanhas sam maduras, caem estas çapadoiras, & dali começam as mesmas castanhas tambem a cair pouco a pouco ate nam ficar nenhũa dentro dos vasos. 1579 in ABN, LXXXII. (1962) 199: [...] ali pusemos huma cruz em huma zabucaya e dali fomos seguindo [...]. c1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 20*v.*: Jaçapucaya. Esta aruore he das grandes e fermosas desta terra, cria huã fruita como panella, do tamanho de huã grande bolla de grossura de dous dedos, cõ sua cubertura por cima, e dentro está chea de huãs castanhas como mirabulanos, e assi parece q̃ saõ os mesmos da Jndia. Quando estaõ ia de uez se abre aq̃lla çapadoura, e cae a fruita, se comẽ muyta della uerde, pella huã pessoa quantos cabellos tem ẽ seu corpo, assadas he boa fruita. Das panellas vsaõ por grais e saõ de dura, a madrª da aruore he mtº rija, não apodrece, e he de estima pª os eixos dos engenhos. 1587 G. S. Sousa *Noticia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. liv. 15): Afastado do mar da Bahia e perto dêle se dão umas árvores que chamam Sabucai, que são mui grandes, de cujo fruto tratamos aqui sòmente. Esta árvore toma tanta flor amarela, que se lhe não enxerga a fôlha ao longe, a qual flor é muito formosa, mas não tem nenhum cheiro. Idem *Ib.* lxv. 57: Sabucai é outra árvores real que nunca apodreceu, assim debaixo da terra como sôbre ela, de cujo fruto tratamos atrás, cuja madeira é vermelhaça, dura e tão pesada que se vai ao fundo; da qual se acham grandes árvores, de que se fazem gangorras, mesas, eixos, fusos, virgens, esteios e outras obras de engenhos. Quando se cortam estas árvores tinem nelas os machados como se dessem por ferro, onde se quebram muito. c1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1816-1825: Çapucaj He aruore grãde serue pª Gangorras tẽ comũmente setẽta palmos de Roda saõ altas direitas e pezadas a casca serue de estopa pª os naujos cõ o sũmo tĩgẽ as linhas pretas pª frechas e outras cousas a fruita he como hũa panella redonda e groça tẽ dẽtro muitas castanhas boas pª comer se comẽ mtªs cruas dizẽ q̃ faz pellar os cabelos tẽ huã cobertoira q̃ cae e fica como gral e disso serue bẽ. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iii. fl. 84*v.*: [...] e assim diguo que as madeiras de que tenho noticia e me alembra a callidade dellas saõ estas, [...] Zabucai tambem muito estimado pera eixos de engenhos e estearia [...]. Idem *Ib.* iv. fl. 102: [...] tambem de casca de outro Aruore chamado zabucay se faz marauilhoza estopa pera callafetar nauios milhor e de mais dura que a de que se vza, [...]. Idem *Ib.* iv. fl. 110: [...] Zabucay he hũ Aruore grande que dá huas pinhas dentro nas coais se achão castanhas guostozas pera comer [...]. 1627 V. Salvador *Hist. Brasil* I. vi. fl. 11*v.*: [...] tais saõ as sasapocaias de que fazem os eixos p̃.as moendas dos engenhos por serem rigissimos, direitos, e tam grossos como toneis, cujos fructos saõ huñs vazos tapados cheos de saborozas amendoas, os quais depois, que estaõ de vez se destapaõ, e comidas as amendoas servem as cascas de graes, p̃. pizar adubos, ou o que querem. c1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 178: A sapuquaiha he hũ pau tamanho como pau brãoquo da noso portugal e a fruta e a frol he desta propia maneira que aqui esta pimtado e ha tamanhos como a cabesa dum omem e tem algumas quimze ou vinte castanhas demtro que parecem castanhas de portugal a frol xeira como roza he brãoqua tira de uermelho e o botão que tem no meio da frol he amarelo e a folha parece como folha de masieira e do quasquo se pode fazer como pera beber. 1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 86. 160: [...] a aruore chamada çapucáya, he tambem digna de ser notada, pella galantaria do fruto. Saõ aruores ordinariamente de troncos grossos, & por extremo altos. Seus pomos saõ do tamanho de cocos da India, quando estão com a primeira casca, posto que mais esphericos. 1702 A. Rosário *Frutas do Brasil* III. i. 119: Para o habito branco, & pardo, estão guardados os Genipapos, & Capucaias, por terem de ambas as cores, as medullas brancas, as cascas pardas: [...]. 1711 A. J. Antonil *Cultura e Opulência do Brasil* I. ii. vii. 56: Chamaõ Paos de ley aos mais solidos, de mayor dura, & mais aptos para serem lavrados: & taes saõ os de Sapucâya, de Sapupîra carî, de Sapupîra merîm, de Sapupîra açú, de Vinhatico, de Arco, de Jetay amarello, de Jetay preto, de Messetaûba, de Massarandûba, Pao Brasil, Jacarandá, Pao de Oleo, Picaî, & outros semelhantes a estes. Os Eixos da Moenda se fazem de Sapucâya, ou de Sapupîra carî: [...]. Idem *Ib.* 57: Os Carros, de Sapupîra merîm, ou de Jetay, ou de Sapucaya. 1730 Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 39. 26: Dos incultos dá em abundancia, pinhoens, sapucayas, castanhas de caijú, que estando maduras, se comem assadas, e se confeitaõ. Idem *Ib.* I. § 59. 37: Os incorruptiveis paos vermelhos, angelins, cedros, jataypevas, e maçarandubas; os potumujús, sopopiras, e adernos acastanhados; as claraîbas, os louros, tapinhõas, os bacuris, guabiranas, e jandirobas, o pao ferro, o de arco, o da sapocaya, e outros troncos das mesmas qualidades, e varias cores, taõ grossos, que delles se lavraõ as embarcações inteiriças, que chamaõ Canoas; [...]. 1757 D. L. Couto *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 36: As sapucayas são tantas que se poderão carregar muitos navios com as suas saborosas, e medicinaes castanhas. 1758 in ADF, I. (1894) 554: etornando aprincipiar dodº cajueiro, vay correndo direito a arvore de sapucaya [...]. 1801 in RAPM, II. (1897) 686: Generos vegetaes, Madeiras [...] Sapucaias, [...]. 1817 Casal *Corografia Brazílica* I. 100. A *Sapucaya* he arvore alta, de boa madeira com folha semelhante à do pecegueiro; a casca macerada dá estopa para calafetar embarcações. O seu fructo he um côco esferico da grandeza de bolas de jogar, muito grosso, cuberto com uma casca delgada, e aspera, e cheio de amẽndoas compridas. Idem *Ib.* II. 37: [grande quantidade d'arvores de bom páu para construcção principalmente] sapucaya vermelha dita mirim; [...]. 1856 D. Magalhães *A Confederação dos Tamoyos* I. 24: Dêo co'a cabeça de um contra a do outro, | Que batendo quebraram-se estalando, | Como estalam batendo as sapucaias! 1857 J. Alencar *O Guarany* (2ª ed., 1864, I. x. 108): [...] se o fruto de uma sapucaia pendida sobre o *Paquequer* estalava prestes á cahir, o

indio, veloz como o tiro do seu arco lançava-se e retinha o coco no meio da sua quéda, [...]. IDEM *Ib.* 357: [*Nota do Autor*] Arvore de alta grandeza, que dá um fructo do tamanho e da confeição de um côco. **1859** C. ABREU *As Primaveras* 11: Ao lado da cachoeira, | Que se despenha fremente, | Dos galhos da sapucaia | Nas horas do sol ardente, | Sobre um solo d'açucenas, | Suspensa a rêde de pennas | Alli nas tardes amenas | Se embala o indio indolente. **1874** J. ALENCAR *Ubirajara* vi. 110/111: Quando Aracy passava entre os guerreiros que admiravam sua belleza, ella não corava, porque sua castidade a vestia, como a flôr á sapucaia. **1876** F. TÁVORA *O Cabeleira* xiii. 221: [...] e sem demora desceu ao poço contiguo para apanhar agua em uma casca de sapucaya que descobriu por acaso entre umas folhas seccas. **1930** G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 30: As castanhas da sapucaia valem tres vezes mais do que as da *Bertholletia*. IDEM *Ib.* 124: Hoje, de manhã, ao saltar da rêde, tinhamos uma alcatifa rosea aos nossos pés. Era uma enorme sapucaia, que andava a florir lá por cima, e juncava o chão de suas flores. **1937** J. L. REGO *Pureza* vi. 44: Aquella gente não poderia nunca comprehender um homem como eu, entrando dentro de uma mata, parando para olhar um pé de sapucaia, um pao d'arco, sem ser com interesse qualquer. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* ii. 21: — Estes ouriços de castanha *sapucaia*, dizia nhá Andreza, caminhando no meio delles com o coronel, são para o majó Fernandes atalhá urina duce delle.

sapucaieira *s.f.* Var.: 8 *sapucaeira* [< sapucai(a + -eira]. Sapucaia.

1856 J. M. MACEDO *O Forasteiro* II. iv. 100: [...], o mancebo afastou-se um pouco, e foi descansar, sentando-se debaixo de uma sapucaeira, que a breve distancia se erguia.

sapuva *s.f.* [< T. ?]. Planta da família das leguminosas.

1918 MONTEIRO LOBATO *Urupês* 67: Sabiam por experiencia pessoal que o ponto acima era o porretinho de sapuva. E preferiam ficar no ponto abaixo.

sarã *s.m.* [< T. ?]. Sarandi.

1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 35: O rebanho se espraiou, na várzea sôbreaguada, cada rês correndo, por entre as moitas de sarãs, no galope bovino desconjuntado e ondulado, [...].

‖ **saracoma:** v. abon.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. xci. 119): Saracoma são outras abelhas pequenas que fazem seu gasalhado entre fôlhas das árvores, onde não criam mais que sete ou oito juntas; [...].

saracura *s.f.* Var.: 5 *çaracura,* 5, 7-9 *saracura,* 7 *ceracura,* 8 *saracúra* [< T. sara'kura]. Ave gruiforme da família dos ralídeos.

*c***1584** CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 30: Çaracura. Este passaro he piqueno, pardo, tem os olhos fermosos com hũ circulo uermelho muyto gracioso. tem hum cantar estranho porq̃ quẽ o ouue cuida ser de hum passaro mujto grande sendo elle piqueno porq̃ canta cõ a boca e juntamente cõ a trazeira, faz outro taõ sonoro rijo e forte ainda q- pouco cheiroso, q̃ he pª espantar: faz esta musica suaue duas horas âte manhaã, e a tarde até se acabar o crepusculo uespertino, e quando canta de ordinario adiuinha bõ tempo. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxxxix. 114): Saracura é uma ave tamanha como galinha, de côr aleonada, que tem as pernas muito compridas, e o pescoço e bico compridos; cria no chão, onde chega a maré de águas vivas, que se mistura com água doce; as quais não andam pelo salgado, nem pelo mato grande, mas ao longo dêle: de noite cacareja como perdiz; e tem o peito cheio de titelas tenras, e a mais carne é boa também. *c***1594** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 2274-2276: Çaracuras He como perdiz na pena e pernas faz grãde estrõdo no cantar duas horas entemenhã. **1763** J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 198: [Tem um Alter no Chão, antes chamada aldêa de Borarí] Muitos passaros; como colhereiros, saracuras e cardiaes. IDEM *Ib.* 70: [...] vimos grandes saracuras, bons patos [nas campinas do rio Guajará] e na agua bandos de lontras; [...]. *c***1777** F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 261: [Ave silvestre] Saracura, duas variedades. **1789** F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 106-107: Ceracura, ave maior, que huma pomba cõ os olhos grandes, convexos; a iris carmezim; bico grosso, compresso, com o apice curvado; [...]. Habita pelas praias maritimas; nutre-se de pequenos peixes, mariscos, e insectos. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 29-30: [...] *saracúras, piaçócas, pavoens* summamente pequenos, porém delicados na diversa pintura de suas pennas, e fabrico dos ninhos de barro; [...]. **1865** J. ALENCAR *As Minas de Prata* IV. iii. 100: Subito atravessou esse concerto o grito vibrante da saracura que repercutiu ao longe. **1869** VARELA *Cantos do Ermo e da Cidade* (2ª ed., 1880, 25): Escuta filha, a estas horas | Que a sombra deixa as alturas, | Lá cantão as saracuras | Junto aos lagos côr de anil. **1872** B. GUIMARÃES *Hist. e Trad. Minas* III. iv. 227: — Não lhe fiz mal algum, Jurema; ella é arisca e medrosa como a saracura do brejo. **1872** IDEM *O Seminarista* (ed. 1917, iii. 24): Desde então trocárão-se os papeis, e era Eugenio quem não deixava a pequena casa da tia Umbelina, onde passava os dias quasi inteiros junto a Margarida, ajudando-a em seus pequenos serviços, ou pelos campos e capões visinhos, armando arapucas e esparrélas para apanhar pombas, sabiás, inhambús, saracuras e outros passaros, com que obsequiava a sua linda amiguinha, a qual com isto mostrava-se infinitamente satisfeita. **1875** J. ALENCAR *O Sertanejo* II. vii. 121: Soou então no mato o canto estridente da saracura; e com pouca demora outro igual respondeu-lhe acerca de cincoenta braças para deante. **1886** J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazónica*! (ed. 1899, 53): [...]; do recesso de uma cabeceira a saracura saltitante e vivaz salta, pelo cair da tarde e ás cinco horas da madrugada em ponto, as notas estridentes de seu canto singular, [...]. **1888** INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, II. viii. 75): No meio dos gapós a saracura e o gallo d'água gemiam um dueto amoroso, com o acompanhamento da orchestra desenxabida das lontras que vinham gosar do ultimo calor do sol morrente; [...]. **1898** A. ARINOS *Os Jagunços* I. ii. 19: — Sái de meu caminho, perna de saracura! **1903** D. OLÍMPIO *Luzia Homem* vi. 43: Vou me embóra, vou me embóra, | Como fez a saracura; | Bateu azas, foi cantando: | Mal de amores não se cura!... **1911** A. MAIA *Tapera* 77: Saracuras cantavam numa sanga; amollentador, pesado, vinha de fóra o tonto zumbir errante dos insetos; [...]. **1914** COELHO NETO *Rei Negro* ix. 326: As saracuras cantavam nos banhados. **1915** LIMA BARRETO *Policarpo Quaresma* II. i. 92: Quaresma limitou-se a fazer o seu museu no papel, por onde sabia que as terras eram povoadas de tatús, cotias, preás, cobras variadas, saracuras, sanãs, [...]. **1920** IDEM *Histórias e Sonhos* 154: Elles estavam no Campo de Sant'Anna e aquellas cotias sempre ariscas e aquellas saracuras de gallinheiro, apezar de tudo, não deixavam de dar um toque selvagem naquelle jardim educado. **1924** RIBEIRO COUTO *A Cidade do Vício e da Graça* 52: É uma brasileira magricela, pernínhas de saracura, que entra cumprimentando com a cabeça oxygenada e sorrindo!... **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* ii. 20: — Ella paga em xerimbabo: gallinha, jatobá, porco, mutum, saracura, o que o curuné quizé. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 319: Na orilha do atoleiro, a saracura fêmea gritou, pedindo três potes, três potes, três potes para apanhar água... Choveu.

sarandi *s.m.* Var.: 8 *sarandy,* 9 *sarandi* [< T. ?]. Planta da família das euforbiáceas.

Em Bernardo Guimarães (v. abon. 1871) o voc. designa pequena ilha pedregosa e inóspita.

1870 J. ALENCAR *O Gaúcho* II. iii. ix. 90: Entretanto o animal sempre manquejando, ganhou uma canhada, que não se podia vêr do rancho, e escondeu-se n'uma touça de sarandys. **1871** B. GUIMARÃES *Lendas e Romances* II. iv. 163: Não houve grota, capão, valla, sarandy, furna, fojo, barroca, que não visitasse e esquadrinhasse com todo cuidado, uma legoa em derredor. **1872** TAUNAY *Inocência* (2ª ed., 1884, xxv. 252): Como duas verdes orlas, reflectem-se no espelhado da correnteza as elevadas margens e junto dellas moitas de *sarandys* curvadas pelo esforço das aguas e n'um balancear continuo produzem doce marulho. **1878** IDEM *Narrativas Militares* 122: Vou por emquanto mandar para aquella ilha que vejo alli no meio do rio cheia de macéga e sarandys, uns sapadores, engenheiros e artilharia e elles que tratem de fazer calar os paraguayos. **1911** A. MAIA *Tapera* 117: A cheia invadira a pleno os taimbés, rasára as tocas e da garganta das grotas golfára torrentes sobre os banhados, cuja extensão, longe em longe as pontas dos sarandis e alguma outra arvore, emergindo a meio tronco, assignalavam.

sarapó *s.m.* Var.: 6 *sarapo,* 7-8 *sarapó* [< T. sara'po ~ VLB II. 12: *Jnguia* = Moçû. Outras. Çarapô]. Peixe da família dos ginotídeos; variedade de enguia.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 120*v.*: [...] piabas — sarapos [peixes] tem a mesma propiedade [...]. *c***1777** F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 259: [Peixe de menor corpulencia] Sarapó. **1886** J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 57): A pasmosa variedade de peixes do Amazonas recolhe-se tambem para elles nesse tempo, [...] o feio sarapó; [...]. **1895** IDEM *A Pesca na Amazónia* I. ii. 25/26: Dos primeiros, alem do grande, do vantajoso, do preferido pirarucú nomeam, pescam, comem ou fazem objecto do seu commercio, [...] o sarapó, [...].

sarará *adj.* e *s.m.* [< T. sara'ra]. Designação comum aos insetos lepidópteros noturnos, de cor fulva, mariposa (v. abon. 1587); *por extensão,* indivíduo de cabelo muito crespo, característico de certos mestiços, e de coloração fulva, arruivada (v. abon. 1935).

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. xc. 117): As borboletas a que chamam maripósa, chamam os indios sárará as quais andam de noite derredor das candeias, maiormente em casas palhoças do mato, e em noites de escuro, e são tão perluxas ás vezes que não há quem se valha com elas, porque se vem ao rosto e dão

enfadamento às ceias, porque se põem no comer, e não deixam as cândeias dar seu lume, o que acontece em povoado. **1935** Jorge de Lima *Calunga* xii. 99: Passavam todas as côres, todas as idades, marmanjos e fêmeas, grenhas, cabêlos escorridos de cabôclas, pixains, tranças com fitas, sararás, pés ligeiros acamavam aquêles massapês, pés espalhados, pés de tamanco, de alpercatas, de sapatos, de perneiras, pés sujos de lama, pézinhos leves de crianças levadas até ali pelos pais ignorantes.

sarigüê *s.m.* Var.: 5 *cerigoê, cerigoé,* 5-6 *çariguê,* 5 *serigoé, sarige, çarigue,* 7 *sarehue,* (7 *parigue*), *sarehué,* 8 *sarôhê,* 8-9 *sariguê* [< T. sari'ŭe ~ VLB II. 96: *Rapoza, outra q. traz os filhos no bolso* = Çarigueâ, esta he no offº].

Mamífero marsupial da família dos didelfídeos; gambá.

[**1560** Anchieta *Carta* in S. Leite *Cartas* III. (1958) 223: Est ét aliud vulpeculae fere simile (quod Indi *sariguéa* dicunt) quod magnum ex se emittit faetorem et gallinarum esu maxime delectátur.] **1576** Gândavo *Hist.* vi. fl. 22*v*.: Outro genero de animaes ha na terra, a q̃ chamão Cerigoês [*no ms. do Escorial, fl. 36, lê-se: cerigoés*], q̃ sam pardos & quasi tamanhos como raposas: os quaes tẽ hũa abertura na barriga ao cõprido de maneira q̃ de cada banda lhes fica hũ bolso, onde trazem os filhos metidos. E cada filho tem sua teta pegada na boca, da qual a nam tiram nunqua ate q̃ se acabam de criar. Destes animaes se affirma q̃ nam concebem nẽ géram os filhos dentro da barriga senam em aquelles bolsos, porque nunqua de quantos se tomáram se achou algum prenhe. E alem disto ha outras conjecturas muy prouaueis, por onde se tem por impossiuel parirẽ os taes filhos, como todos os outros animaes (segundo ordem de natureza) parem os seus. *c***1584** Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 14: Çariguê. Este animal se parece com as rapozas de Espanha, mas saõ mais piquenos do tamanho de gatos, cheiraõ muyto pior a rapozinhos q̃ as mesmas de Espanha e sam pardas como ellas. Tem huã bolsa das maõs ate as pernas com seis, ou sete mamas: e ali traz os filhos escondidos ate que sabem buscar de comer, e pare de ordinario seis, sete. Estes animais destruem as galinhas perq̃ naõ andaõ de dia, senaõ de noyte e trepaõ p'las aruores, e casas, e naõ lhe escapaõ passaros, nem gallinhas. **1587** G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. xcviii. 133): Serigoé é um bicho do tamanho de um gato grande, de côr preta e alguns ruivaços; tem o focinho comprido, e o rabo, em o qual, nem na cabeça, não tem cabelo; as fêmeas tem na barriga um bôlso em que trazem os filhos metidos, enquanto são pequenos, e parem quatro e cinco; tem as têtas junto do bôlso, onde os filhos mamam; e quando emprenham geram os filhos neste bôlso, que está fechado, e se abre quando parem; onde trazem os filhos até que podem andar com a mãe; que se lhe fecha o bôlso. *c***1590** [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. M) 342-344: Sariges saõ como rapozas comem galinhas he de m^tas^ castas e os comuns tem hũ saco como antepeito q̃ em parindo os filhos recolhe naquelle saco tem 8 tetas e como lhe da de mamar se tornaõ a recolher ia matei hũ cõ 7 filhos. *c***1594** Idem *Ib.* (ms. C) 1017-1035: Çarigues Ha 6 castas andaõ de noite e comũm^te^ as galinhas e passaros aj hũs q̃ tẽ hũ como antipeito e toma das maõs e chegua quaize as vrilhas ali tem hũ buraco q̃ em nacendo o filho loguo se ẽtra p'lo antepeito e toma sua mama q̃ a natureza lhe ensina e nũqua as largua se naõ q^do^ saõ ja grandes parẽ cõmũm^te^ 7.8 filhos cada vez os machos naõ tẽ este antepeito tẽ hũ cheiro grãde de rapozinhos saõ tamanhos como hũ gato cazeiro hũs pretos outros pardos e por a barrigua amarellos tẽ as vnhas como caeẽs aj outros ruiuos e o rosto queimado os olhos quaize todos fora da cabeça fiquaõ todos dependurados m^to^ grandes tẽ 6 ou 7 tetas como vaquas a seu modo per esta man^ra^ [*desenho*] e ẽ nacẽdo cada hũ toma a sua teta sẽ a largar estes saõ daninhos chupaõ o sangue em huã noite destruiẽ hũ galinheiro ha outros m^tos^ mais piquenos. **1663** S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 101. 176: O çariguê he outra admirauel compostura de animal: he do tamanho de hum cachorro, cabeça de raposa, focinho agudo, dẽtes & barba a maneira de gato, as mãos mais curtas que os pés, negro pella mór parte. **1730** Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 64. 39: Os Sarehues, piratas das criações domesticas. **1757** D. L. Couto *Glórias de Pernambuco* in ABN. XXIV. (1904) 37: Para o gosto; Monos, Macacos, Bugios, Guaribas, Saguins, Preguiças, Parigues, e Maritacas. **1781** Durão *Caramurú* VII. lix. 214: Gyra o Sarehué, como pirata, | Da creação domestica inimigo; |. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 69: O *sarôhê*, ou *gambá*, he do tamanho d'hum gato mediano com fórma de rato, de aspecto feio, e cheiro desagradavel; pernas curtas, pés, e orelhas de rato; pêllo comprido, raro, e macio; cauda comprida, afuzada, e sem pêllo; cabeça e focinho de porco; boca grande com dentes de cão. O que ha de mais notavel neste animal, he uma bolsa, ou segunda barriga por baixo da natural com uma boca para a parte de diante, dentro da qual, traz seus filhos athé elles chegarem á idade de saber procurar a vida. Dizem uns que este quadrupede géra, e pare os filhos, como outro qualquer, o que parece natural; e que depois de nascidos os mette naquelle sacco, onde com effeito só podem mamar, não tendo a mãy têtas senão na barriga superior. Outros pretendem que os filhos se organizam pegados ás têtas, donde cahem para o sacco. O certo he que os filhos acham-se pegados ás têtas da mãy ainda pellados e muito pequenos. He um destruidor dos gallinheiros, e apaixonado por cachaça, com a qual se apanha facilmente bebado. **1870** J. Alencar *O Gaúcho* I. t. xi. 97: Nenhum animal, porém, realisa a segunda gestação, a que chamam infancia, como seja a sariguê; o filho nasce duas vezes; a primeira vez para a mãi; a segunda vez para si. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 63: — "Oi, até mutum-do-mato está vindo morrer aqui? Não tem asa, bôbo?!"... Ou será que é algum sariguê, de grito fino que nem passarinho?"...

sarigüebeiju *s.m.* Var.: 5 *çarigueybejû, cariguemeiu* [< T. sariŭeĩ ɱe'i̯u ~ VLB II. 32: *Martas de q. se forão* [*scil.* forram] *os roupões, certo bicho d'agoa doce* = Çarigueĩbejû].

Mamífero carnívoro da família dos mustelídeos; espécie de doninha.

*c***1584** Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fls. 31-31*v*.: Ay outro animal pequeno do tamanho de doninha, chamasse çarigueybejû, estes tem ricas pelles pera forros [...]. *c***1594** [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 2353-2355: Ha m^tas^ lontras — Jaguapopeba — taçape Jgija Taguaranha saõ pretas ahõ cariguemeiu saõ como doninhas mas majores.

sauá *s.m.* Var.: 7 *saá* [< T. sa'ŭa ~ Cp. T. saŭa'su ~ VLB I. 56: *Bogio não tem genero* = Os menores Caguî, (...) Os de barba assi os ruivos como os pretos. Aquigquig, Çaguaçu].

Macaco da família dos cebídeos.

1783 M. C. Abreu *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 258: [...] tem macacos de quatro qualidades, e uns têm o nome de bugios, de côr avermelhada, outros de micos, com a côr tocada a preto, outros de saás, com a propriedade destes e sómente differentes no tamanho, para mais pequenos, [...].

‖ **sauacuri** (*sauácurí*): v. abon.

*c***1777** F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 264: [Árvore medicinal] Sauácurí, vomitorio, específico para a febre.

sauiá *s.m.* Var.: 5 *saviá, caguija,* 6 *saoiases* (pl.), *sauja,* 8 *savía* [< T. sau'i̯a ~ VLB II. 97: *Rato do mato* = Çauja: suas especies são muitas].

Mamífero roedor da família dos equimídeos.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cv. 147): Pelo sertão há uns bichos a que os índios chamam saviá e são tamanhos como láparos; tem o rabo comprido, o cabelo como lebre; criam em covas no chão; mantêm-se das frutas silvestres; [...]. No mesmo sertão [Bahia] há outros bichos da feição de ratos, tamanhos como coelhos, a que os índios chamam saviá-coca, que tem o cabelo vermelho, criam em covas, e mantêm-se da fruta do mato; cuja carne é como de coelhos. [...] Aos ratos das casas chamam os índios saviá, onde se criam infinidade dêles, os quais são muito daninhos, e de dia andam pelo mato, e de noite vêm-se meter nas casas. *c***1594** [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1154-1156: Ha m^tos^ [ratos] e comẽnos os Indios Caguija saõ como coelhos piquenos da Jndia pardos moltrepiquaõ m^to^ aj algũs grandes e de cores Mejuares caguija pixuna &c. *c***1607** J. Rodrigues *Relação* in S. Leite *Novas Cartas Jesuíticas* (1940) 220: E passado aquele dia, em dous anos que ali estivemos, nunca mais houve aquelas moscas nem aquelas tempestades, posto que não faltaram saoiases que nos comiam as toalhas do altar e o frontal. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 130*v*.: [...] tambem ha outra casta [de coelhos] dos Naturais a que chamaõ — sauja — mas mais piquenos [...]. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 70: O *Savía*, segundo achámos, he bicho como laparo; tem cabello como lebre, cauda comprida: cria em covas; come fructas; e sua carne he mui estimada. Talvêz seja este animal o que chamámos caxinglê.

sauiatinga *s.m.* Var.: 5 *saviá-tinga* [< T. saui̯a'tiŋa < sau'i̯a 'sauiá' + 'tiŋa 'branco'].

V. abon.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cv. 147): Mais pela terra dentro há outros bichos da feição de ratos, mas tamanhos como coelhos, com o cabelo branco, a que os índios chamam saviá-tinga, os quais criam em covas, e comem frutas; cuja carne é muito boa, sadia e saborosa.

saúna *s.f.* Var.: 6 *sauna* [< T. sa'una].

Peixe da família dos mugilídeos, espécie de tainha.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 120: [...] sauna [peixe] que são a modo de mugeñs [...].

saúva *s.f.* Var.: 5 *ussaúba,* 7 *sauga, sauba,* 8-9 *saúba, sauva, saúva* [< T. ïsa'ŭŭa ~ VLB I. 142: *Formiga não tem genero* = A ruiua. e grande q. come as prantas. Ygçauba (...)].

Designação comum às formigas do gênero *Atta*, que se distribuem por todo o Brasil e constituem terrível flagelo para a lavoura.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxix. 172): Muito havia que dizer das formigas do Brazil, o que se deixa de fazer tão copiosamente como se poderá fazer, por se escusar prolixidade; mas diremos em breve de algumas, começando nas que mais dano fazem na terra, a que o gentio chama ussaúba, que é a praga do Brasil, as quais são como as grandes de Portugal, mas mordem muito, e onde chegam destroem as roças de mandioca, as hortas das arvores de Espanha, as laranjeiras, romeiras e parreiras. *c*1767 J. Daniel *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, III. (1841) 169: Ha diversos generos desta prova de valentia; mas uma mui ordinaria nos Indios Arapiuns é encherem uns grandes e compridos cabaços das formigas que chamão saugas, grandes e muito bravas: ferram na carne com tanta ou mais valentia de que os cães de fila, com proporção à grandeza destes, e à pequenez daquellas; porque os cães assim vem a largar, mas as saugas não largam, ainda que as matem, e antes perderão a cabeça, ficando com as troquezes cravadas na carne, do que soltarem ellas a prêsa; por isso usam dellas alguns cirurgiões quando querem cozer alguma cicatriz com segurança, sem usarem de pontos, como adiante diremos. **1786** in *Annexes du premier Mémoire du Brésil* I. (1903) 205: e sem embargo daquella situação ser a mais perceguida das prejudiciaes formigas chamadas Saubas, vi comtudo com muito gosto o adiantamento das rossas muito abondantes de fructas do Paiz, [...]. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 28: [...] a *saúba*, ou *formiga de roça*, he commum, e em partes se torna o maior flagello para a lavoura; [...]. **1873** J. Alencar *O Garatuja* xviii. 148: Sempre houve, e ainda subsiste uma birra dos estudantes leigos com os seminaristas ou meninos do côro, aquem appellidam de formigão por achar-lhes certa semelhança com a sauva, umas das especies desse termita. **1874** Idem *Ubirajara* vi. 105: A dentada da saúva, que anda solta no campo, dóe como uma braza; quando são muitas e com fome, queimam como a fogueira. **1888** B. Guimarães *Rozaura a Engeitada* (ed. 1900, I. i. 15): [...] terra de aguas mortas e de formiga saúva, campos sem relva e sem flôres [...]. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 362): O cacoal era como uma capoeira cerrada e das larangeiras apenas havia os galhos, pois as sauvas tinham comido as folhas. **1895** Coelho Neto *Miragem* I. v. 76: [...] sentou-se, tomou a marmita da matalotagem e comeu, olhando distrahidamente as saúvas que andavam carregando folhas, em grandes filas, pelos carreirinhos. **1915** Lima Barreto *Policarpo Quaresma* II. iii. 128: Abaixou a véla para ver melhor e deu com uma enorme saúva agarrada com toda a furia á sua pelle magra. **1918** Monteiro Lobato *Urupês* 160: Por todos os cantos imperava soberano o ferrão das sauvas dia e noite entregues a tosa dos capins [...]. **1919** Idem *Cidades Mortas* 10: Leguas a fio se succedem de morraria aspera, onde reina soberana a sauva [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* iv. 43: Minha tribu era escrava da boiúna Capêi que morava num covão em companhia das saúvas. **1935** Jorge de Lima *Calunga* 113: Lula foi reparar o que feria o grande silencio as saúvas andavam em longa fila trazendo para um buraco que haviam estourado na sala, o milho armazenado. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* vi. 68: — Tucandeiras, tracuás, taxis, saúbas corriam pelo navio. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 226/227: Do mais do povinho miudo, por enquanto, apenas e eterno cortêjo das saúvas, que vão sob as fôlhas sêcas, levando bandeiras de pedacinhos de fôlhas verdes, e já resolveram todos os problemas do trânsito.

‖ **sauxaz:** v. abon.

*a*1667 Heriarte *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 188): Tem [o rio Amazonas] grandes cobras de agoa; na terra, onças, tigres, pantheras, leôespardos; muitas antas, porcos, veados, coelhos, tatús, cutias, pácas, capiváras, javotins, tamandoás, matamatas, bugios de diversas castas, avestruzes, tiriuos, jaburús, iguanas, papagaios, araras, canindés, mutús, muitos patos, marrecas, e outras muitas e diversas aves: cantidade de galinhas, periazes, sauxazes, e outros muitos, todos bons para sustento da vida.

savitu *s.m.* Var.: 9 *savitú* [< T. seṵi'tu ~ VLB I. 142: *Formiga não tem genero* = A ruiua e grande q. come as prantas Ygçauba (...) Outras q. das mesmas procedẽ tambem com azas delgadas e compridas que se não comẽ. Cebitû (...)].

Macho da saúva.

1918 Monteiro Lobato *Urupês* 160: [...] para que, em Outubro, se toldasse o ceu de nuvens de iças em saracoteios amorosos com enamorados savitús. **1956** Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* 523: Içá, savitú: já ouvi dizer que homem faminto come frita com farinhas essa imundície...

‖ **sebui:** v. abon.

*c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1358-1361: Rolas Jaueti das daRibaçaõ de portugal pairari, paraj sebui picaipeba picuipitanga, picuiguaçu [...].

senembi *s.m.* Var.: 5 *senembu*, 6 *senẽbu*, 8 *sinimbù*, 8-9 *sinimbú* [< T. sene'ɳ ĩ].

Réptil lacertílio da família dos iguanídeos (*Iguana iguana* L.), lagarto.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxiv. 163: No mato se criam outros lagartos, a que os índios chamam senembus, que também são muito grandes, mas não tamanhos como os jacarés: êstes remetem à gente, e criam-se nos troncos das árvores; cuja carne é muito boa e saborosa. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 132: tambem ha nesta terra muitos — Camaleõis que se chamão pella linguoa natural della — senẽbu — os quoais são grandes e fermozos. e de cor verde que he a sua natural e aconteçe estarem sobre hũ Aruore, por espaço de dous e tres dias sem se mudarem delle parece que sostentandose do vento como escreuem os naturais. **1847** A. Leverger *Rio Paraguai* in RIH, XXV. (1862) 232: Os campos limpos são habitados por *Cervos* e *Veados*; os capões por bandos de *Macacos* e *Bugios*. Uma vez por outra apparecem *Antas, Pacas*, [...] reptis, como *Camaleões Sinimbùs*. **1876** Couto de Magalhães *O Selvagem* I. 263: Tendo o camaleão ou sinimbú se casado com a filha da raposa [...]. **1956** Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* 509: Porque, no comer de comum, êle aproveitava era qualquer calango sinimbú, ou gambás, que, jogando nêles certeiramente a calabôca, sempre conseguia de caçar.

‖ **sepenica** (*cepenica*): v. abon.

*c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1976-1980: Cepenica He hũ pao dos mais rijos he fortes q̃ ha tẽ se q̃ he o das antilhas e ja hũ doutor dos Jlheos o experemẽtou e diz tẽ o mesmo efeito botão mais pao por q̃ diz he mais remisso.

sereíba *s.f.* [< T. sere'ĩua ~ VLB II. 30: *Mangue, a mesma arvore* = Guapariigba. Cunapoigba. Cereigba].

Planta da família das verbenáceas; mangue-branco.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxx. 67): Pelo salgado há uma casta de mangues, a que os índios chamam sereíba, que se criam onde descobre a maré, os quais lançam muitos filhos ao pé todos de uma grossura, delgados, direitos, de grossura que servem para encaibrar as casas de mato, e os mais grossos servem para as casas dos engenhos, por serem muito compridos e rijos, e de grossura bastante. Dêstes mangues se faz também lenha para os engenhos, aos quais caem algumas fôlhas, que se fazem amarelas, de que se mantêm os caranguejos, que por entre êles se criam; e dão estas árvores umas espigas de um palmo, de feição das dos feijões, e tem dentro um fruto à maneira de favas, de que tornam a nascer ao pé da mesma árvore, e por derredor dela.

sericóia *s.f.* Var.: 8-9 *sericoia* [< ? T.].

Ave gruiforme da família dos ralídeos; saracura-do-brejo.

1875 J. Alencar *O Sertanejo* II. viii. 127: — Lembra-se bem do canto da sericoia? **1902** E. Cunha *Os Sertões* 48: [...] e as seriemas de vozes lamentosas, e as sericoias vibrantes, cantam nos balsedos, á fimbria dos banhados onde vem beber o tapir estacando um momento no seu trote brutal, inflexivelmente rectilineo, pela caatinga, derribando arvores; [...].

seriema *s.f.* Var.: 6-9 *siriema*, 7-9 *seriema*, 7 *ceriema*, 8 *seriêma*, *sariema*, *syriema* [< T. sari'ama].

Ave gruiforme da família dos cariamídeos (*Cariama cristata* L.).

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 114*v.*: [...] da mesma casta ha outras a que chamaõ — siriemas — as coais se ajudaõ dos peis e Azas pera o correr com o que ficaõ sendo vellosissimas sem nunca se aleuantarem da terra. **1751** A. Rolim *Relação* in RIH, VII. (1846) 480: [Nas margens do rio Pardo] Ha veados do tamanho de cabras; mas a carne mais tenra e gostosa que a dos nossos. Emas e seriemas, que são da mesma especie, mas mais pequenas. **1783** M. C. Abreu *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 256: Do referido salto (de Cayurú) para cima se compõe o rio de campos deleitosos, nos quaes, das mesmas canoas em que se vae navegando, se estão divertindo os olhos em ver os animaes que pastam nelles, como são veados brancos, cervos, lobos, tamanduás-guaxús, e da mesma fórma perdizes, codornizes, curicaca, [...] quero-quero, [...] emas e siriemas, tudo em profusão consideravel, [...]. **1792** F. O. Barbosa *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 27: [Pastam em campos deleitosos do salto do Cayurú] perdizes, codornizes, quero-quero, emas, ceriemas, e tudo com profusão, que convida os navegantes a sahirem das canôas para a caçada: [...]. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 91: Seriêma he pouco maior que a perúa: seu canto simples, e maviozo: anda sempre pelo chão, e vôa pouco. **1869** B. Guimarães *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. v. 87): Em desesperada anciedade estava resolvido a morrer n'aquellas aguas antes do que sahir d'ellas sem Guaraciaba, quando uma gargalhada vibrante e harmoniosa como o canto da siriema retrôa no barranco vizinho. **1870** J. Alencar *O Gaúcho* I. i. ii. 18: Medindo a altura do sól conheceu que era perto de meio-dia; já a saricma afinava a garganta para soltar o canto. **1872** Taunay *Inocência* (2ª ed., 1884, xiv. 141): Por toda parte chiavam estridulas as cigarras, e ao longe se ouvia metallico cacarejar das seriemas nos campos. **1872** B. Guimarães *O Seminarista* (ed. 1917, xii. 122): — Sucias não, se-

nhor!... veja como falla!... — bradou ella pondo-se em pé e alçando-se crespa e altaneira como siriema enraivecida. **1872** IDEM *Hist. e Trad. Minas* II. ii. 40: O canto do campeiro, que anda pelos rincões arrebanhando o gado, os trinos agudos da syriema, o pio melancolico da perdiz, e o monotono chiar do carro de bois, que atravessa os chapadões carregado dos productos de pingues colheitas, eis os unicos sons, que de ordinário quebrão o silencio daquellas afortunadas e risonhas solidões. **1872** IDEM *O Garimpeiro* I. 2: Innumeras manadas de gado e de egoas, mugindo e relinchando pelos vargedos de viço perennal, bandos de emas e siriemas vagando pelos macegáes, alégrão a solidão d'aquelles sertões abençoados. **1875** J. ALENCAR *O Sertanejo* I. xviii. 218: Imitando o canto da sariema, o que era um signal dado à seu cavallo para que o seguisse, o sertanejo aproveitando a frouxa luz da tarde foi no rasto do Aleixo, que aliás não tomára a menor cautella para disfraça-lo. **1876** COUTO DE MAGALHÃES *O Selvagem* II. ii. 33: Quem visita uma aldea selvagem visita quasi que um museu vivo de zoologia da região em que está a aldêa; araras, [...] avestruzes, seriemas, e até sycurijús giboyas e jacarés, eu já tenho visto n'essas aldêas alimentadas pelos selvagens com acurada paciencia. **1883** B. GUIMARÃES *Folhas de Outono* 156: Emquanto vagueando pela vargem | O canto agudo solta a syriema | E do ribeiro na sombria margem | Regouga, como em horrida pocema | A turba dos bugios, | No tronco excelso do jequitibá, |. **1898** A. ARINOS *Pelo Sertão* 191: Duas seriemas guinchavam, esguelavam. Depois, vi que estavam brigando — me lembra como se fosse hoje — e uma avançava para outra dando pulinhos, sacudindo as azas, com o cocoruto arripiado e os olhos em fogo. **1898** IDEM *Os Jagunços* II. ii. 201: O guincho da seriema soou distante, com a inflexão sinistra de um signal que partisse do inimigo para o começo da carnificina. **1902** E. CUNHA *Os Sertões* 48: [...] e as seriemas de vozes lamentosas, e as sericoias vibrantes, cantam nos balsedos, á fimbria dos banhados onde vem beber o tapir estacando um momento no seu trote brutal, inflexivelmente rectilineo, pela caatinga, derribando arvores; [...]. **1910** H. CAMPOS *Poeira* 94: Vão-se abrindo as estrellas e as juremas... | Muge o gado saudoso; vem de longe | O assustado gritar das seriemas... **1929** G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* xvi. 276: A passarada viajava em bandos. Siriemas de azas abertas velejavam, correndo nos campos. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xiv. 162: Antes porém da vespera de S. João, ha um largo preparo dos bois-bumbás, das emas e seriemas, dos canarios e jaburús, que, puxando os foliões, arrastam o pé-rapado a romarias incriveis, urbanas e suburbanas. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 150: Com pouco, subia o caminho para a vista do tabuleiro abre-horizonte, onde corriam as seriemas, aos gritos e aos bandos de pernas compridas. **1956** IDEM *Grande Sertão: Veredas* 512: Desde as crondeúbas, nascidas em extraordinárias quantidades, e os montes de areia quase alvos, com as seriemas por cima perpassando, e o mais, tudo eu tinha avistado.

sernambi *s.m.* Var.: 5, 7 *sernambi*, 6 *sernambim*, (6 *pernambim*), 7 *sernambî*, 8 *sernambí*, 9 *sernamby* [< T. sarinaʼ ŋi ~ Cp. T. sarina ŋiʼŭara 'comedor de sernambi' ~ VLB I. 81: *Corcouado, certo peixe* = Çarinambigôara].

Espécie de molusco da classe dos bivalves.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXLI. 224): Na Bahia se criam outras sortes de marisco miúdo debaixo da areia. Primeiramente sernambis é marisco que se cria na vasa, que são como as ameijoas grandes de Lisboa; mas tem a casca muito redonda e grossa, e tem dentro grande miolo de côr pardaça, que se come assado e cozido, mas o melhor dêste marisco é frito; [...]. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 123v.: [...] da mesma maneira ha muitas Amejoas e outro marisquo a que chamaõ — sapimiaga — e sobre tudo hũ de callidade estranha a que daõ nome de sernambim. **1624** S. E. SILVEIRA *Relação do Maranhão* fl. 11: [...] & caramujos, pernambins [*sic*], & no Parà muita quantidade das conchas de madre perola. **1730** ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 77. 47: Por entre elles [mangues], e nos seus mesmos troncos, e madeiros, se achaõ as ostras eriripebas, que produzem aljofares, mexilhoens, ameijoas, breguigoens, caramujos, unhas de velha, priguarîs, sernambîs, e huns mariscos compridos, [...]. **1769** M. S. M. ITAPARICA *Eustachidos* 111: Os camaroens naõ fiquem esquecidos, | Que tendo crús a cor pouco vistosa, | Logo vestem depois, que saõ cozidos | A cor do nacar, ou da Tyria rosa: | Os cranguejos nos mangues escondidos | Se mariscaõ sem arte industriosa, | Bugios tambem se vém de musgo, cujos | Sernambis, mexilhoens, e caramujos. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 35: [...] dos quaes he mais estimavel o *sernambí*, porque queimada a sua concha dá optima cal. **1930** G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 75/76: Por elle, com quem gosto de conversar, aprendo muita cousa: maneira por que se colhe o caucho e o que são a *sapata* e o *sernamby* desse producto; [...]. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* i. 14: — O sernamby, como o sr. sabe, pela hora da morte, castanha tambem.

sernambitinga *s.m.* [< T. sarina ŋiʼtiŋa < sarinaʼ ŋi 'sernambi' + 'tiŋa 'branco'].

Variedade de sernambi.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXLI. 224): Dos berbigões há grande multidão na Bahia, nas praias de areia, a que os índios chamam sernambitinga, que são da mesma feição dos de Lisboa, mas tem a casca mais grossa, e são mais pequenos; comem-se abertos no fogo, e são muito gostosos, e tambem crus; [...].

siaum *s.m.* [< T. ?].

Peixe da família dos pimelodídeos.

*c***1631** C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 175: Siaum he peixe de hũ palmo de pele da cor de bagre he bom p^a^ comer.

siri *s.m.* Var.: 5-6 *serizes* (pl.), 6 *serŷ*, *ceri*, 6, 9 *siri*, 7 *serî*, 7-8 *sirí* [< T. si'ri ~ VLB I. 67: *Caranguejo não tem gro.* = Os grãdes do mato. Guanhumyg (...) Os largos de duas pontas agudas que sẽpre andão polo fundo. Ciry, E tem muitas especies. Ciriguaçu. Cirinema (...)].

Crustáceo decápode da família dos portunídeos.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXXXIX. 220): Há outros caranguejos, a que os índios chamam serizes, que tem outra feição mais natural com os caranguejos de Portugal, mas são muito maiores, e tem as duas bôcas muito compridas e grandes, e os braços delas quadrados, em o que tem muito que comer. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 124: [...] ha hũa casta dos tais [caranguejos] a que chamaõ — vsâ — e outra serŷ — e tambem, goajâ — e da mesma maneira o guoazaranha e Aratu — e outra casta delles que se tem por contra peçonha posto que eu o não experimentey — tambem se achaõ hũs de outra callidade a que chamaõ — garausâ — e sobre tudo os — guanhamus — cuja natureza cauza espanto. *c***1631** C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 169v.: O Ceri he como caramgueijo e cam muito laryos e cam desta cor de pardo e bramquo e pela borda do casquo tem piquamis azuis e os peis azuis e banquos [*sic*] e coamdo os cozem ou acam tornamcão [*sic*] uermelhos e he muito bom comer e cam muito gordos primcipalmente coando he luma [*sic*] xeia ou quoamdo he cabeca dauguoa e a guordura e amarela. *a***1696** G. MATOS *Obras* (ed. 1969, IV. 834): Se quis êsses bons siris, | que não lhes nego a bondade, | bem sabe a minha vontade, | que os há cá muito gentis: |. *c***1698** J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 375: [...] ahi apanhámos dois serizes, certa casta de caranguejos, os quaes assados nos seruiram de jantar, com um pouco de farinha, [...]. **1730** ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 77. 47: Os caranguejos, gordissimos, e de que se fazem admiraveis, e mimosos guizados, saõ de cinco generos, ussâs, ganhamûs, serîs, aratûs, garaûsas: [...]. **1789** F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 197-198: Sirí, caragueijo com o dorso subconvexo, e nelle impressos brandos rêgos. A margem anterior denticulada, e no meio dous ferroens duríssimos, agudos, a posterior liza; [...]. **1876** F. TÁVORA *O Cabeleira* ii. 42: — Deixe ensinar esta cabra, seu Thimoteo. Ella nunca viu homem, e por isso anda aqui feita gallinho de terreiro, ou perú de roda, mettendo medo a todos estes papa-siris dos Afogados. **1931** G. ARANHA *O meu próprio romance* 118: Emquanto deixavamos essa praia do Cajú, onde muitas vezes tomei banho salgado em banheiro fechado por causa dos tubarões e onde nas marés baixas, eu com outras crianças vinha apanhar conchas, caranguejos e siris, emquanto passavamos pela praia de Santo Antonio, pela Fundição, pelos Remedios, e olhavamos a estatua de Gonçalves Dias, a quem meu pae, invocando-o, nos estimulava a render-lhe commovido preito, e deixavamos a cadeia, a Gambôa do Matto, e do outro lado, Vinhaes, e penetravamos na esteira solitaria dos sitios, eu ia experimentando a agua do rio salobra até que ella passasse a ser doce. **1934** JORGE DE LIMA *O Anjo* 82: Então os dois iam na jangada Estrela-do-Mar, fisgar cavallas longe da costa, iam atirar linha-de-mão nos charéos ou fachear siri de-noite nas gamboas. **1935** IDEM *Calunga* xvi. 145: Daí com pouca um formidavel trecho de praia ficou iluminado de facheadores de siris que tinham saído de seus mocambos para o remanso das gambôas. **1935** J. L. REGO *O Moleque Ricardo* xvi. 127: Sahiam elles de mangue a dentro caçando carangueijos e siris para o almoço de casa.

|| **siringaúa**: v. abon.

1763 J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 217: Ao varar em terra as canôas, sahiu do tronco de uma grande arvore chamada siringaúa uma cobra de muita grossura e comprimento, e mettendo-se ao rio para o lado fronteiro, que coberto de arvoredo servia de cortina a diverso quadro d'este lago famoso de Jamundazes.

sobaúra *s.f.* Var.: 5 *çobaúra*, *cobaura* [< T. soŭa'ura].

V. abon.

*c***1584** CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 24: Çobaúra. Esta erua serue p^a^ chagas uelhas, q̃ ia naõ tem outro remedio. deitase moida e queimada na chaga, logo come todo o cancer, e cria couro nouo. Tãbẽ se poẽ pisada, e a folha som^te^ p^a^ encourar. *c***1594** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1583-1587: Cobaura Serue em pos sequa e verde p^a^ feridas e a propria folha he como o caobetĩga jnda que a folha fiqua direita ha m^ta^ per graõ sequa que va..

soca[1] *s.f.* [< T. 'soka 'quebrar, partir' ~ cp. SOCA[2]].

Espécie de lagarta: v. abon.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxvi. 167): Soca chamam os índios á lagarta, que é também como bichos de sêda, quando querem morrer que estão gordos, a qual se cria de borboletas grandes que vão de passagem. Ás vezes se cria essa lagarta com muita água e morre como faz sol, outras vêzes se cria com grande sêca e morre como chove.

soca² *s.f.* Var.: 7, 9 *soca, sóca* [< T. 'soka 'quebrar, partir' ~ VLB II. 93: *Quebrar como a corda, linha, et simil.* = Açoc. neut. Aimondôc. act.].

Segunda produção de cana-de-açúcar: v. RESSOCA.

1711 A. J. Antonil *Cultura e Opulência do Brasil* I. ii. ii. 40: Verdade hé, que cançando a terra, perde tambem a Soca o vigor; & depois de seis ou sete annos a Canna se acanha, & facilmente se murcha, até ficar secca, & azougada. Idem *Ib.*: As Socas tambem (que saõ as raizes das Cannas cortadas a seu tẽpo, ou queimadas por velhas, ou por cahidas de sorte, que se naõ possaõ cortar, ou por desastre) servem para planta: porque se naõ morrerem pelo muito frio, ou pela muita seca; chegandolhes a terra, tornaõ a brotar, & podem desta sorte renovar ao Cannaveal por cinco ou seis annos, & mais. **1730** Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 31. 22: Esta planta dá duas folhas, a segunda chamaõ Soca. **1763** J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 46: Cortada a canna em o primeiro anno torna a rebentar, e dá segunda colheita sem nova plantação, e a isto chamam sóca, outra vez, e se chama resóca. **1918** Monteiro Lobato *Urupês* 134: Vendeu por uma bagatella [...] o monjolo, a casa, o cannavial em soca... **1934** J. L. Rego *Banguê* III. vii. 190: A planta do Paciencia deu-me seiscentos pães de assucar ordinario. Fazia agora calculos com a sóca. Precisava de trato, raspar a junça que crescia prodigiosamente.

socaúna *s.f.* [< T. soka'una < 'soka 'soca¹' + 'una 'preta'].

Espécie de lagarta: v. abon.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxvi. 167): Há outras mais pequenas que as de trás, que são pretas, de côr muito fina, tôdas cheias de pêlo tão macio como veludo, e tão peçonhento, que faz inchar a carne se lhe tocam, com cujo pêlo os índios fazem crescer a natura; e chamam a estas socaúna.

socó *s.m.* Var.: 7-9 *socó, sócó,* 8 *sóco* [< T. so'ko].

Ave da família dos ardeídeos.

*c***1777** F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 261: [Ave aquatica. De diversas côres] Socó, quatro especies, isto é, grande vermelho, grande pintado, pequeno pintado, pequeno azul. **1783** M. C. Abreu *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 259: Os socós-guassús são de duas qualidades: uns são vermelhos e outros cinzentos do tamanho de uma franga. **1789** F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 105: Sócó, ave pouco menor, que huma pomba com a cabeça cristada de penas, parva; [...] A côr da crista negra; cóllo plumbaceo; dorso, azas, e cauda, tudo mais escuro; [...]. Habita pelas praias do mar, e as vezes de rios, e lagoas. **1792** F. O. Barbosa *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 23: Os passaros são innumeraveis e de diversas qualidades, como são [...] socós, carões, [...]. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 92: [...] sóco he um genero de passaro, que comprehende varias castas: o branco he do tamanho d'hum grande capão, derrabado, com as pernas um pouco compridas, bico comprido, e azulado; a parte anterior da cabeça negra; a posterior guarnecida com um pennacho comprido, pontudo, ê cahido para o pescoço, que he um pouco longo. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 29: [...] *socós, mergulhoens,* assim chamados pela continua habitação que fazem n'agua pescando no fundo dos rios; ou lagos; [...]. **1878** Taunay *Narrativas Militares* 25: [...] isto mesmo nos lugares menos humidos, porque da região inundada fogem todos os animais, e nella só se avistão garças, socós e tuyuyús. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 54/55): [...] sobre o galho seco de uma embaubeira o rôxo-azul sócó, triste e mudo, espia meditabundo a agua escura e tranquilla; [...]. **1895** Idem *A Pesca na Amazónia* I. ii. 22: As garças, pequenas e reaes, agrupam-se por milhares ás beiradas, [...] os plumbeos e tristonhos socós; [...]. **1899** Taunay *No Declínio* xvii. 152: Não havia muitos dias, estivera ella consolando a Mendes Siqueira, toda em prantos, feia, aliás, e desengonçada como um socó, por causa das folias do marido, [...]. **1903** D. Olímpio *Luzia Homem* ix. 68-69: [...] e onde ella nadava como as marrêcas ariscas; mergulhava e voltava a flux, espadanando a agua com o açoite de cangapés acrobaticos, espantando os paturys e jaçanans medrosos, os graves sócós pousados sobre uma perna e os bandos de alvas garças elegantes. **1911** A. Maia *Tapera* 118: [...] pousados em sangas, ou sobresahindo de ramos, biguás e socós contrastavam na linha nostalgica das attitudes immoveis a pressa bulhenta dos patos bravos e das marrecas aos grasnos; [...]. **1913** Simões Lopes *Lendas do Sul* 11: A tambeira que só come trêvo maduro, dá no leite o cheiro dôce de milho verde; o cérdo que come carne de bagual nem vinte alqueires de mandioca o limpam bem; e o sócó tristonho e o biguá matreiro até no sangue tem cheiro de pescado. **1934** Jorge de Lima *O Anjo* 87: Na outra banda do canal, em riba de Coqueiro-Seco, a tarde parou grelando a prea-mar, socós-bingas principiam gemendo na gambôa de cima, e no ar pasmado um martim-pescador peneirou. **1935** Idem *Calunga* xv. 129: Deixavam os canais embrejados onde socó-bingas piavam e aratús agitavam as patas entrando rapidamente nas tocas parecendo dar adeuses. **1956** Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* 291: As garças é que praziam de gritar, o garcêjo delas, e o socó-boi range cincêrros, e o socó latindo sucinto.

socoí *s.m.* Var.: 5 *socori* [< T. soko'i < so'ko 'socó' + -'i 'pequeno'].

Ave da família dos ardeídeos.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxxxiv. 99): Há umas aves como garcetas, a que os índios, chamam socori, que tem as pernas compridas e amarelas, o pescoço longo, o peito pintado de branco e pardo; e todo o mais pardo; [...].

socoró *s.m.* [< T. °soko'ro].

Nome comum a diversas plantas das famílias das melastomáceas e das rutáceas.

1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 47/48): Umas arvores de cerne alvadio, rugoso, de nomes esquisitos: o magro e folhudo socoró, [...].

sororoca *s.f.* [< T. soro'roka ~ VLB I. 69: *Caualinhas ou sardas* = Çororoca. *Ib.* II. 113: *Sarda, certo peixe* = Çororoca].

Peixe da família dos tunídeos.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxxiii. 206): Sororocas são outros peixes da feição e tamanho dos chicharros, que vem no verão d'arribação à Bahia, e após êles as cavalas de que dissemos atrás; morrem à linha e são de pouca estima. *c***1607** J. Rodrigues *Relação* in S. Leite *Novas Cartas Jesuíticas* (1940) 221: E este é o lugar em que maior mêdo tive em toda a jornada, porque estava a barra, de banda a banda, toda em frol, com sororocas.

suaçu *s.m.* Var.: 5 *çugoaçu, suaçu,* 8-9 *suassú* [< T. sĩua'su ~ VLB I. 81: *Corço ou ueado de casta piquena* = Ciggoaçu. Os do mato. Cigguaçûetê. Cîguaçûpitãga. Os do campo. Cîguaçutinga. Os grandes, de grande armação. Cîguaçûapara. *Ib.* II. 142: *Ueado, gnlr., ou corço* = Ciggoaçû].

Nome genérico do veado, em tupi.

*c***1584** Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 13: Veado. Na lingua Brasilica se chama Çugoaçu: ay hũs muito grandes, como fermosos cauallos; tem grande armaçam, e algũs tem dez e doze pontas. **1587** G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. xcvii. 131): Criam-se nos matos desta Bahia muitos veados, a que os índios chamam suaçu, que são ruivos e tamanhos como cabras; os quais não tem cornos nem sebo, como os de Espanha. Correm muito; as fêmeas parem uma só criança. **1876** Couto de Magalhães *O Selvagem* II. i. 14: [...] os veados (*suassû*), attrahidos pelo cheiro da queimada, procuram-na para lamber a cinza; [...]. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 212: Cachorro não é meu sócio. [...] Porque todos êles são mesmeiros despóticos: [...] o veadeiro não sabe de coisa que não os esguios suassús das caatingas; [...].

suaçuapara *s.m.* Var.: 5 *çuaçuapara,* 6 *suaçupara,* 8 *suçuapára, çuçuapára, suassuapára,* 9 *suassú-apara* [< T. sĩuasua'para ~ VLB I. 71: *Ceruo de cornos, ou ueado* = Ciggoaçuapara. *Ib.* II. 142: *Ueado de cornos, ou seruos* = Ciggoaçûapara ~ v. SUAÇU].

Veado-galheiro.

*c***1584** Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fls. 13-13v.: [...] estes [veados] saõ raros, e achamse no Rio de s. fr.co. e na Capta. de s. vce. estes se chamaõ Çuaçuapara. são estimados dos Carijos, e das pernas e neruos fazẽ os bicos das frechas, e huãs bolas de arremeço q̃ usaõ para derrubar animais, ou homens. **1610** J. Monteiro *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.*, VIII. (1949) 416: São muitos, nas espécies e número, os veados deste Brasil. Aos maiores chamam suaçupara, quer dizer veado torto, o qual nome lhe deram [*os gentios*], respeitando a armação muito grande, que tem, e cheia de galhos, porque em cada uma das pontas tem mais de 15. Há muitos desta casta. Não os comem os Índios. Rezão: porque têm pera si que comendo-os lhe nasçam semelhantes pontas. Dos nervos destes, e canela, fazem os Carijos cordas, nas quais atam umas bolas com que atiram aos pés da caça, e dos homens, e nenhum tiro arremessam em vão. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 71: Ha cinco castas de veados; galheiros, que sam grandes; *suçuapáras*; do mato; [...]. Idem *Ib.* II. 211: No mato encontram-se os mesmos quadrupedes das provincias limitrofes sem exceptuar o lobo ou guará, nem o furão, nem a preguiça, nem o veado çuçuapára. **1876** Couto de Magalhães *O Selvagem* II. vi. 164: [...] já matei uma [*sucuriju*] que tinha um suassuapára (veado do tamanho de uma novilha) dentro da barriga [...]. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 124/125: Estava olhando, assim esquecido, para os olhos... olhos grandes, es-

curos e meio de-quina, como os de uma suassú-apara... para a boquinha vermelha, como flor de suinã... 1956 IDEM *Grande Sertão: Veredas* 488: Reparei no chapéu na cabeça dêle, que era de couro de veado suassú-apara, com macias abas e formato muito composto.

suaçucanga *s.f.* [< T. sïụasu'kaŋa < sïụa'su 'suaçu, veado' + 'kaŋa 'osso' ~ VLB II. 59: *Osso* = Canga].

V. abon.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXIX. 65): Suaçucanga é uma árvore pequena, cujo tronco não é mais grosso que a perna de um homem, a madeira é alvissima como marfim, e com as mesmas águas, a qual é muito dura: e serve para marchetar em lugar de marfim.

suaçuetê *s.m.* Var.: 5 *çuaçuete,* 6 *suaçuetem* [< T. sïụasue'te < sïụa'su 'suaçu' + e'te 'verdadeiro' ~ v. SUAÇU].

Veado-mateiro.

*c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 945-946: Ha outros [corços] mais piquenos çuaçu pitãga naõ tẽ cornos e nadaõ mᵗᵒ e o mesmo çuaçuete. 1610 J. MONTEIRO *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.*, VIII. (1949) 416: Há outros [veados] chamados suaçuetem. veado verdadeiro: tem umas pontas mui pequenas mas muito agudas; correm pouco, mas saltam sobremaneira, de modo que os cães os não tomam, mas perseguem-nos tanto que os fazem lançar ao mar, aonde estão os índios com suas jangadas, e os tomam, não lhe valendo nadarem melhor do que saltam e correm em terra.

suaçupitanga *s.m.* Var.: 5 *çuaçu pitãga,* 6 *suaçupitanga* [< T. sïụasupï'taŋa < sïụa'su 'suaçu' + pï'taŋa 'avermelhado' ~ v. SUAÇU].

Veado-mateiro.

*c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 945-946: Ha outros [corços] mais piquenos çuaçu pitãga naõ tẽ cornos e nadaõ mᵗᵒ e o mesmo çuaçuete. 1610 J. MONTEIRO *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.*, VIII. (1949) 416: Há outros [veados] mais pequenos, aos que chamam suaçupitanga, veado pardo; são prezados dos Índios e comem-nos, porque não têm cornos.

suaçupucu *s.m.* Var.: 9 *suassú-pucú* [< T. *sïụasupu'ku < sïụa'su 'suaçu' + pu'ku 'comprido'].

Veado-galheiro.

1956 GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 519: Suassú-apara corria da gente, com a cabeça empinada quase nas costas, protegendo para não prender nas árvores sua galhadura dêle. Galheiro suassú-pucú com sua fêmea suassú-apara.

suaçutinga *s.m.* [< T. sïụasu'tiŋa < sïụa'su 'suaçu' + 'tiŋa 'branco' ~ v. SUAÇU].

Veado-campeiro.

1610 J. MONTEIRO *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.*, VIII. (1949) 416: Há também gamos, a que chamam suaçutinga, veado branco, não porque sejam brancos, mas por terem a barriga e rabo branco. Estes não os tomam com cães pelo muito correr. A armadilha é tomarem alguma cousa branca na mão, e acenarem-lhe com ela. A isto acodem e como vêm a tiro de frecha os matam.

suçuarana *s.f.* Var.: 5 *suçuarana,* 6 *suaçuarana,* 6, 8 *susurana,* 6 *cissuarana, ceçuarana,* 7 *susuarana, suasuarana,* 8 *suçuaranna,* 8-9 *sussuarana,* 8 *suçurana, çuçuarana* [< T. sïụasua'rana ~ VLB II. 56: *Onça, ou tigre* = Iaguara. Iaguaretê suas especies. Cigoaçuarana: Jaguapitãguçû: he na feição, e não na cor].

Mamífero carnívoro da família dos felídeos, onça-parda; *por extensão,* indivíduo de má índole, perverso.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. XCVI. 129): Há outra alimária, a que o gentio chama suçuarana, que é do tamanho de um rafeiro, tem o cabelo comprido e macio, o rabo como cão, o rosto carrancudo, as mãos como rafeiro, mas tem maiores unhas e mui agudas e voltadas; vivem de rapina tem muita ligeireza para correr e saltar; [...]. 1610 J. MONTEIRO *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.*, VIII. (1949) 419: Há outras [onças] a que chamam, suaçuarana, quer dizer semelhante ao veado: são intrépidas, antes hão-de morrer que fugir, e assi faz rosto a todo o ajuntamento de gente. Chamam a estas os moradores leões formigueiros, mas em tudo são semelhantes a gatos. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 137: [...] tambem ha outra sorte desta mesma espeçie [de onças] de menor corpo a que chamão susurana — que costumaõ de matar algũs bezerros e guado meudo — mas naõ saõ tão daninhos como os outros [...]. 1648 M. CALADO *O Valeroso Lucideno* I. iv. 53: [...] alli tinha os tigres, a onça, a cissuarana, o tamandua, o bugio, o quati, o sagoim, o apereà, as cabras do Cabo verde, os carneiros de Angola, a cutia, a paqua, a anta, o porco jauali, grande multidaõ de coelhos, & finalmente naõ auia cousa curiosa no Brasil q̃ alli não tiuesse, [...]. IDEM *Ib.* IV. i. 205: [...] aonde os moradores de Parnambuco (quando Deos queria) lhe hiaõ todos os annos, aos dezasete dias de Ianeiro com os moradores daquelles matos circunuisinhos, a fazer huma festa, com Missa, & prègaçaõ para que lhes guardasse, & defendesse seus gados, & caualgaduras dos tigres, onças, & ceçuaranas, que se criaõ, & viuem entre aquellas brenhas, & tambem para que lhe defendesse as suàs roçarias de farinha, & legumes, dos porcos do mato, chamados na lingua Brasilica Taiassùatè, ou Taiasùterîca, os quaes aonde chegaõ deixão tudo destruido; [...]. 1730 ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 64. 39: Das féras ha tigres, onças, antas, susuaranas, e javalis, que chamaõ porcos do mato; estes de duas castas, huns nomeados cahetatûs, outros queixadas-brancas. 1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 184: As onças avermelhadas se chamam suasuarana, quer dizer — cor de veado. 1806 in RAPM, VI. (1901) 769: Seguem-se as Especies animaes: tendo a tratar de todas, começarei pelas feras. Entre ellas a Onça tigre, a pintada e a Susurana são as mais ferozes. 1817 CASAL *Corografia Brazilica* I. 66: Outras [onças] aloiradas, ou avermelhadas, que sam as menores, e chamadas suçuarannas: estas só apanham bezerros, e outros animaes pequenos: [...]. 1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 26: A *onça sussuarana* ou *amarella,* com quanto seja menos corpulenta, he a mais feroz desta Provincia. 1845 MARTINS PENA *Quem Casa quer Casa* (ed. 1956, I. 475): — Maldita suçurana! Sim senhora, e a rogos de meu marido é que aqui estou. 1871 B. GUIMARÃES *Lendas e Romances* I. ix. 87: — Cala a boca, menina!... Ella queria dar cabo de mim e de ti; pobre de ti, se cahisses nas unhas daquela sussuarana... 1872 J. ALENCAR *Til* II. vi. 63: Ainda que Sussuarana é o sobrenome cá do degas, por causa de ser malhado como a bicha. IDEM *Ib.* I. xv. 167: Que assassines por paga a quem não te fez mal, que por vingança practiques crueldades que espantam, eu concebo; és como a sussuarana, que ás vezes mata para estancar a sêde, e outras por desfastio entra na mangueira e estraçalha tudo. 1872 B. GUIMARÃES *Hist. e Trad. Minas* III. iv. 280: Jupyra tremendo e transida de horror deixou-se ficar muda e queda, como a corça que sentio no cangote a garra aguçada de sussuarana. 1872 TAUNAY *Inocência* (2ª ed., 1884, xxiv. 256): E os écos, doceis a qualquer ruido, repetiram aquelle querido nome, como repetiam o uivo da çuçuarana, a nota plangente do sabiá ou a estridente martellada da araponga... 1874 IDEM *Histórias Brasileiras* 190: Babita recuou toda vexada, mas quem pulou como uma çuçuarana foi D. Cula. 1875 J. ALENCAR *O Sertanejo* I. xviii. 219: — Com certeza é a sussuarana; observou outra falla. 1877 B. GUIMARÃES *Maurício* I. iii. 31: Vozes humanas naquella solidão profunda, á taes deshoras, no seio de uma floresta primitiva, apenas tocada pelo pé do homem, devia com efeito causar mais estranha impressão no espirito daquelles denodados cavalleiros, do que se ouvissem os rugidos do tigre, ou urros da sussuarana. 1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 315): A sussuarana — a rainha da mata virgem — podia atravessar-se-me no caminho, sem que eu me lembrasse que trazia uma espingarda. 1902 E. CUNHA *Os Sertões* 48-49: [...] e as sussuaranas, aterrando os mocós espertos que se aninham aos pares nas luras dos fraguedos, pulam, alegres, nas macegas altas, antes de quedarem nas tocaias traiçoeiras aos veados ariscos ou novilhos desgarrados... 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* i. 14: Ia me erguendo pra busca-la porêm do galho baixo em riba dele furou o silêncio o miado temível da sussuarana. 1929 A. PEIXOTO *Sinházinha* xxiii. 224: "Seu" coronel ha de ter razão; alguma Vosmicê fez para o homem, brabo como uma sussuarana, me dizer daquele jeito. 1938 G. RAMOS *Vidas Secas* 88: Fabiano dizia que na serra havia tocas de sussuaranas. 1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 31: — Urrando assanhada, Raymundão? Eu já vi uma sussuarana rompente, uma vez...

sucupira *s.f.* Var.: 5 *sepepira,* 6 *sapopira, cibipyra,* 6-9 *sicupira,* 6 *sipipira,* 7 *sapupira, sopopira,* 7-9 *sucupira,* 7 *secupira, supopira,* 8 *sipipirá, succupira, sucupyra,* 9 *sapupira* [< T. seụi' pira].

Nome comum a várias árvores da família das leguminosas, que fornecem madeiras de lei muito apreciadas para a confecção de obras finas de marcenaria.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXVI. 59): Pelas campinas e terra fraca se criam muitas árvores, que se chamam sepepiras, que em certo tempo se enchem de flor como de pesseguei-ro; não são árvores muito façanhosas na grandura, por serem desordenadas nos troncos mas tiram-se delas virgens, esteios e fusos para os engenhos, a madeira é parda e muito rija, e tão liada que nunca fende; e para liação de navios e barcos é a melhor que há no mundo, que sofre melhor o prego e nunca apodrece; de que se também fazem carros muito bons; e é tão pesada esta madeira que se vai ao fundo. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iii. fl. 84*v.*: [...] e assim diguo que as madeiras de que tenho noticia e me alembra a callidade dellas saõ estas, [...] sapopira de que se faz tambem o mesmo e muitos carros — e tambem liames pera nauios. 1663 S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 80. 158: A terra toda póde chamarse hum só bosque. Pello que, deixando por mão a frescura, & preciosidade dos cedros, angelins, quasi ebanos, carápinimas, mocetaybas, claraybas, jacuybas, maçarãdúbas, cibipyras, vinhâticos, [...] deixada outrosi a delicia das aruores, os balsamos,

copaigbas, ibicuybas, icicatybas, [...] deixando todas estas especies, descreuerei algũas sómente das q̃ saõ fructiferas, pera gosto dos que saõ curiosos. **1685** in *Docs. Arq. Salvador* (1953) 4: [...] trezentas embarcaçoens as mais dellas de oitenta, e cem palmos de quilha, que todos os annos se refazem, efabricão de novo de madeiras que chamão sicupira; [...]. *a***1687** *Manifesto de utilidades do Brasil* in *Brasília*, VII. (1952) 184: [...] porque se de todas as madeiras se pudera fazer nauios, de cada canto do Brasil se podia tirar hua Armada, porem como as mais neseçarias são sipipiras p.ª os leames, estas se não achão em toda parte [...] e se se dese cazo, q se pudese ayuntar todas estas madr.ªs, como sipipiras mirim da repartição da B.ª p.ª o leame, com os taboados da repartição do Rio, cuido se fizera hũa embarquação que na duraçam e fortaleza, podia asemelhar ao mais endurecido Bronze. **1711** A. J. Antonil *Cultura e Opulência do Brasil* I. II. vii. 56: Chamaõ Paos de ley aos mais solidos, de mayor dura, & mais aptos para serem lavrados: & taes saõ os de Sapucáya, de Sapupîra carî, de Sapupîra merîm, de Sapupîra açú, de Vinhatico, de Arco, de Jetay amarello, de Jetay preto, de Messetaûba, de Massarandûba, Pao Brasil, Jacarandá, Pao de Oleo, Picaî, & outros semelhantes a estes. Idem *Ib.* I. II. vii. 57: As Rodas da agua, de Pao de Arco, oue Sapupîra, ou de Vinhatico. **1730** Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 59. 37: Os incorruptiveis paos vermelhos, angelins, cedros, jataypevas, e maçarandubas; os potumujûs, sopopiras, e adernos acastanhados; as claraibas, os louros, tapinhõas, os bacuris, guabiranas, e jandirobas, o pao ferro, o de arco, o da sapocaya, e outros troncos das mesmas qualidades, e varias cores, taõ grossos que delles se lauraõ as embarcações inteiriças, que chamaõ Canoas; [...]. **1757** D. L. Couto *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 172: [...] sendo as cabeças do serrilho argolladas, e ferradas com dous aguilhoẽs de ferro, que assentão sobre dous metaes de bronze, que muitos fazem de sicupira, abrindo se de goiva tanto quanto caiba o aguilhão, para nelle circularem os metais. [...]. **1763** in RAPM, XXIII. (1929) 288: [...] em cuja paragem de hum só lado de hum morro se poz hum mourão de pau chamado sucupira com sete palmos de fora da terra. [...] Dando-lhe principio em o pião que fizerão no alto da Chapada e hum campo donde se poz hum marco de pau chamado secupira com sete palmos de fora da terra. **1781** Durão *Caramurú* VII. lii. 212: Massa de ouro parece extensa, e vasta; | O duro páo, que ao ferro competíra, | O Angelim, tataipeva, o Supopira. *a***1800** in DAP, II. 7: [...] compare-se a força de hum pao ferro, de hum Ipe de hum sucupira das margens do Rio das Amazonas com a de hum carvalho de hum pinho, de hum buxo das margens do Nieper: [...]. **1801** in RAPM, II. (1897) 687: Generos vigetaes, Madeiras [...] Sucupiras, [...]. **1817** Casal *Corografia Brazílica* II. 37: [grande diversidade d'arvores de bom páu para construcção principalmente:] sipipirá preta, dita amarella: [...]. Idem *Ib.* II. 75: Fytologia. Entr'outras muitas arvores de boa madeira nomea-se o vinhatico, aderno, [...] sucupiraçú, sucupira-acary: [...]. **1855** Junqueira Freire *Contradições Poéticas* 136: Canto as altas sucupiras, | Como gigantes de pé; | Canto o lago negro e fundo, | Onde mora o jacaré. **1856** D. Magalhães *A Confederação dos Tamoyos* IV. 111: Entretanto os Tamoyos vão vingando | Altas serras pejadas de cabiúnas, | Cupahibas, jacuás e sucupiras; |. **1863** M. A. Porto Alegre *Brasilianas* 59: Alli [...] | Do odoro saçafraz, do succupira, | [...] | De novo a sombra na cerrada grenha | Quieta guarida offertaria ás aves, |. **1869** B. Guimarães *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, IV. iii. 200): Tinha junto á porta uma frondosa sucupyra, unica arvore de algum vulto que se notava n'aquella paragem. **1872** Idem *O Seminarista* (ed. 1917, i. 1): Estava esta casinha situada embaixo de uma collina de pendor suave, aos pés da qual se desdobrava delicioso vargedo coberto de rasteiro e viçoso capim, e sombreado aqui e acolá por algumas paineiras e sucupiras. **1872** Idem *Hist. e Trad. Minas* III. v. 236: Apenas os indios o reconhecêrão; soltárão grandes alaridos de dó, recolhêrão o cadaver em uma grande maca, tecêrão em torno delle dansas funebres, e derão-lhe sepultura á sombra de uma velha sucupyra. **1875** J. Alencar *O Sertanejo* II. vii. 107: Na ourela da matta, á sombra de umas grandes sicupiras copadas de flores roxas, tinham os creados do capitão Marcos Fragoso arvorado um toldo de damasco amarello, sobre estacas vestidas com o mesmo estofo de cor azul, formando assim um vistoso e elegante pavilhão. **1878** F. Távora *O Matuto* xii. 149-150: No lugar onde foi a casa-de-vivenda — sobrado acaçapado de telhado ennegrecido, que, por muito alto no centro, era a primeira parte da casa que se via de longe acima dos matos, com seis janellas quadradas, entre as quaes se rasgava a porta, para onde se subia por uma escada de tijolos grosseiros — existe hoje seguramente uma rengue de sicupiras colossaes, cuja folhagem enche os vãos das duas salas fronteiras — uma reservada aos hospedes, a outra á familia — agora desapparecidas. **1928** M. Andrade *Macunaíma* xiii. 187: Nem bem o mascate sovertera entre as sapupiras guarubas e parinarís do mato que já o micura quis fazer necessidade outra feita. **1929** G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* vi. 82: Era a transfiguração das grandes tóras de jacarandá e sucupira, que ardiam deante dos olhos antigos e tornavam espectraes os indios pagés e as feiticeiras negras. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 190: Aquí, uma *lixeira*, de tronco gretado e largas folhas asperas: ali, um *açoita-cavallo*, de flores alvas e cheirosas; mais adiante uma *Maria-preta*, o *pau-terra*, *sicupira*, de ramas bem dichotomizadas, [...]. **1938** G. Ramos *Vidas Secas* 64: Seu Thomaz tinha uma cama de verdade, feita pelo carpinteiro, um estrado de sucupira alizado a enxó, [...]. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 230: Escuto tão bem, tão longe, que consigo perceber o pio labial do joão-pinto — que se empoleira sempre na sucupira grande. **1956** Idem *Grande Sertão: Veredas* 75: Agora, a fôrca eu vi — fôrca moderna, esquadriada, arvorada bem erguida no elevado, em madeira de boa lei, parda: sucupira.

sucuri *s.f.* e *m.* Var.: 5 *socori, cucuri,* 7 *securí,* 7-9 *sucuri,* 7, 9 *sucurí,* 8-9 *sucury,* 8 *succury* [< T. suku'ri ~ VLB I. 62: *Cação, peixe do mar* = Çucuri].

Originariamente (v. abon. 1587, *c*1594), espécie de cação; *por extensão*, réptil ofídio da família dos boídeos, subfamília dos boíneos (*Eunectes murinus*), sucurijuba.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxxii. 203): Aos cações chamam os indios socori, do que há muitos na Bahia, que se tomam à linha e com rêdes; e os pequenos são mui leves e saborosos, e uns e outros não tem na feição nenhuma diferença dos que andam e se tomam em Espanha. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 2110-2111: Cucuri, Cucuritîga, pana pana os piquenos e alguãs castas boas se comẽ [*O Autor inclui estes três nomes* — cucuri, cucuritîga, pana pana — *no fim da sua descrição dos tubarões*]. **1751** A. Rolim *Relação* in RIH, VII. (1846) 477: Matou-se tambem uma cobra securí, de 17 palmos de comprido, e no meio grossa como a coxa de uma perna. Estas ordinariamente andam n'agua, sahem algumas vezes à terra, não são peçonhentas: o mal que fazem é, tendo onde segurar o rabo, aquillo em que se enroscam infallivelmente o puxam para a agua. **1783** M. C. Abreu *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 260: Tambem tem com muita abundancia o mesmo rio umas cobras sucuris, que não fazem mal com os dentes por não terem veneno, porem horrorisam e fazem estremecer os corações mais valorosos pela sua grandeza, pois no commum têm o comprimento de duas braças de homem e com a grossura correspondente. Vivem estas cobras astuciosamente, apanhando animaes e aves para a sua sustentação; [...]. **1792**.F. O. Barbosa *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 23: Tambem tem com muita abundancia o dito rio [Tieté] umas cobras chamadas *sucuris*, cujos dentes não fazem mal, por não terem veneno; porém intimidam pela sua grandeza, pois é o seu comprimento de duas, três e quatro braças, com grossura correspondente. Vivem estas cobras engolindo animais inteiros para a sua sustentação; e tem-se achado muitas vezes nos seus ventres veados inteiros engolidos naquelle dia. **1847** A. Leverger *Rio Paraguai* in RIH, XXV. (1862) 232: Não são estas, nem as Onças e Jacarés as unicas alimarias contra as quaes se deve usar de cautéla; encontra-se tambem *Sucuris* e varias especies de cobras venenosas. **1865** J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, xi. 65): Bramiu Irapuam; o grito rouco troou nas arcas do peito, como o fremito da sucury na profundeza do rio. **1869** B. Guimarães *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. v. 85): A estes trajos selvaticos Itajiba, pouco affeito a trazer os membros expostos aos rigores do tempo, ajuntou uns borzeguins ou polainas de pelle de sucury, impenetravel á humidade, agasalhou os hombros e o peito com uma especie de gibão estreito feito de macias e finas pelles, apertou o seu cinturão de couro de lontra, ao qual prendeu a sua larga faca, e com estes trajos pareceu aos olhos de todo garboso e bello como um verdadeiro principe das florestas. Idem *Ib.* II. v. 87: Itajiba pallido de susto pensa que algum monstro do rio, algum jacaré ou sucury, a arrebatou; [...]. **1870** J. Alencar *O Gaúcho* I. I. x. 90: A sucury, a maior serpente,é natural do Amazonas. Idem *Ib.* II. iv. xii. 258: Finalmente ouve-se o ronco medonho da sucury brandindo nos ares a cauda enorme e o fremito das azas do condor que rue com horrido estridulo. **1871** B. Guimarães *Lendas e Romances* III. ii. 206: Oh! se eu podesse fugir naquella hora, eu fugia ainda que tivesse de entrar pela goela de um sucury a dentro. **1872** Idem *Hist. e Trad. Minas* II. iii. 54-55: Eu tenho matado mais onças, antas, queixadas, jacarés, sucurys, e quanto bicho brabo ha pelo matto, do que a prima mata de pulgas na sua cama, e disso nem dou fé e nem ando me gabando. Idem *Ib.* III. ii. 220: A lagôa dos sucurys era um banhado, que por alli havia e onde existia enorme quantidade desses formidaveis reptis. **1872** Taunay *Inocência* (2ª ed., 1884, xii. 129): Elle que não brinque com o Manecão: é homem de cabellinho na venta e se lhe bota a mão em cima, esfarella-lhe os ossos, como se fora veadinho do campo enroscado por sucury... **1872** J. Alencar *Til* III. x. 105: Retiniu, porém, um brado espantoso, que reboou pelas crastas e penetraes da floresta como o berro medonho do sucury, quando surge á flôr do immenso lago. **1874** Idem *Ubirajara* v. 81: A sucury, que espreitava a caça, mordeu-o na tromba. Elle fugia, esticando a serpente; e a serpente encolhendo-se o arrastava até a beira d'agua. **1898** A. Arinos *Pelo Sertão* 86: E assim cavalgado, com o chapéo de couro macio ourelado de marroquim e cheio de bordaduras na copa; o jaleco estreito e curto, deixando a descoberto o talim amarellento de onde pendia o terçado robusto; as amplas botas de couro de sucury — ... **1898** Idem *Os Jagunços* II. v. 444: Dentro em pouco, Bello Monte, estortegado como um touro

bravo nas voltas de uma sucury, escavacou a terra e deu o ultimo e mais violento estirão para ganhar a liberdade. 1902 E. CUNHA *Os Sertões* 447: Era a lucta da sucury flexuosa com o touro entroncado. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* xvii. 254: O heroi jurou vingança. Fingiu um anzol com prêsa de sucuri e falou pro feitiço: —. 1934 JORGE DE LIMA *O Anjo* 87: Rema, rema, compadre, a vida vem vindo, cação-sucury! Maré de peixe grande. 1935 IDEM *Calunga* xii. 104: A dois de fundo, com velas acêsas, gemendo uma fanhosa ladainha a extensa fila que nem cobra sucuri marchava atrás, esmulambada e fedorenta. 1956 GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 519: Um dia, vez, se matou uma sucuri, de trinta-e-seis palmos, que de ar engravidava.

sucurijuba *s.f.* Var.: 5 *çucurijuba*, 5, 8 *sucuriú*, 5 *cucurijuba*, 7 *sucuryuba*, *sucuruyuba*, 7-8 *sucurujú*, *sucuruiuba*, 8 *sucuriúba*, *sucuruiú*, *suc'ruiuba*, *succuriuba*, *cicuriju*, *sycuriju*, 8-9 *sucurijú*, 8 *sicurijú*, *sucuryú*, 9 *sucuriju* [< T. sukuri'ĩuŋa ~ VLB I. 76: *Cobra* = Boya Gnro. (*scil.* gênero) suas especies são muitas (...) Çucuriju. engolê antas e ueados e toda a mais cassa (...)].

Réptil ofídio da família dos boídeos (*Eunectes murinus*), sucuri.

[1560 ANCHIETA *Carta* in S. Leite *Cartas* III. (1958) 213: Inveniuntur in mediterraneo angues admirabilis magnitudinis, quos *çucurijúba* Indi vocant, et hi quidem fere semper in fluviis vivunt.]. *c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 30*v*.: Çucurijuba. Esta cobra he a moor, ou das mayores q̃ ha no Brasil, assi na grandeza, como na fermosura, tomaõse alguns de 25 pees e de 30. ẽ comprido, e quatro palmos em roda. Tem huã cadea p'lo lombo de notauel pintura e fermosa, q̃ começa da cabeça, e acaba na cauda, tẽ dentes como de caõ, e aferra em huã pessoa, vaca, veado, ou porco, e dando-lhe alguãs uoltas com a cauda, engole a tal cousa intr[a] e depois q̃ assi a tem na barriga deixasse apodrecer, e os coruos a comẽ toda de modo que naõ ficaõ os ossos, e depois torna a criar carne noua, e resurgir como dantes era, e a rezaõ dizem os Jndios naturais he, porq̃ no tempo q̃ apodrece tem a cabeça debaixo da lama, e porq̃ tem ainda em o toutiço tornaõ a uiuer. 1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cx. 155): Sucuriú é outra casta de cobras, que andam sempre na água, e não saem à terra; são mui grandes, tem as escamas pardas e brancas, das quais matam os indios muitas de quarenta a cinqüenta palmos de comprido. Estas engolem um porco d'água, cuja carne os índios e alguns Portugueses comem, e dizem ser muito gostosa. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 2304-2310: Cobras dagoa doçe e lagartos Cucurijuba caçaõ amarelo e assi tẽ dẽtes como de caçaõ viosse ahi huã q̃ tinha trĩta e sinco palmos de cõprido e outra de Roda 4 palmos he fermosa e galãte p'lo lõbo e comẽ hũ caõ jntr[o] esta engole huã anta q̃ he como huã vaca, e veados, [...]. *c*1762 JABOATÃO *Novo Orbe Seráfico Brasílico* (ed. 1858-1862, II. II. 560): [...] que hindo sem duvida por alli de caminho este Religiozo, e chegando taõbem à tal Alagõa a refazer-se de agoa, o tragaraõ as Sucuryubas, ou cobras, e monstros das agoas, de que era fama, havia muitas naquelle lago. IDEM *Ib.* III. 670: [...] e taõbem alguãs Gyboyas, outra especie de cobras, que mais habitaõ em terra do que na agoa, em a qual continuamente moraõ as Sucuruyubas. 1763 J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 75: Em a mesma manhã foi feliz a navegação, e a primeira vez que vimos cobra notavel; teria duas varas de cumprimento uma que subia da margem para uma ilha, a grossura não excedia do pulso de um homem, e é de especie das que chamam sucurujú, e costumam apertar um veado ou boi de sorte que os ossos se fazem como farinha, então se alarga, e come aquella massa de carne misturada, que succede corromper-se; mas provida a natureza aparta uma membrana ou pelle por onde bem facilmente expulsa toda a podridão, e torna unir soldando perfeitamente. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 260: [Reptil aquatico] Sucurujú: cobra monstruosa, que chega a trinta palmos de comprimento: não é venenosa. 1789 F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 147: Sucuruiuba, a maior das serpentes do Brasil, muito similhante e Gyboia; [...] A côr do corpo em humas negra toda, por baixo alva, e outra pelo dorso flavescente clara com manchas oblongas transversaes nigricantes, [...]. 1806 in RAPM, VI. (1901) 775: Nos Sertoens as Cobras Sucuriús de prodigiosa grossura e comprimento. [...]. 1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 71/72: A *sucuriúba* [reptil], que, segundo contam, cresce a mais de quarenta pés, só anda nas lagôas, e pégos d'agua morta. Atando a cauda a uma raiz, ou ponta de pedra no fundo d'agua, agarra todo o vivente, que se aproxima á margem, e engole-o sem o despedaçar como fazem as cobras na Europa aos coelhos: ronca debaixo d'agua ouvindo algum estrondo fóra: as lontras sam os seus maiores inimigos. IDEM *Ib.* II. 241: Nesta lagoa [*encantada*] ha grandes jacarés, e medonhas sucuriúbas, e tambem tubarões, que sobem do mar. 1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 27: São immensos e mais temiveis os *reptis*, assim como a *sucuriú* de disforme grandeza, habita nos lugares poludosos, e remansos dos rios, e segura com a maior facilidade um grande boi, prendendo-se em qualquer páo ou pedra com um ganxo, que tem na extremidade do corpo, [...]. *a*1871 CASTRO ALVES *A Cachoeira de Paulo Afonso* (1876) 106: Assim dir-se-hia que a caudal gigante | — Larga sucuriuba do infinito — |. IDEM *Ib.*: Inquieto elle aspira nas bafagens | Da negra suc'ruiuba o cheiro immundo... | Mas já tarde... silvando o monstro vôa... | E o novilho preado os ares trôa! 1875 MACHADO DE ASSIS *Americanas* 33: Não vibra o arco mais veloz o tiro, | Nem mais segura no aterrado cervo | Feroz succuriuba os nós enrosca, |. 1876 COUTO DE MAGALHÃES *O Selvagem* II. iii. 53: [*Nota de rodapé*] cicuriju é o nome da nossa serpente amphibia. IDEM *Ib.* II. vi. 164: Dizem-me muitos sertanejos que os sycurijus attingem por vezes o comprimento de 60 palmos. [...] Dizem que engole um boi depois de esmagal-o nas poderosas roscas. [...] ja matei uma [*sucuriju*] que tinha um suassuapára (veado do tamanho de uma novilha) dentro da barriga [...]. 1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 123): [...] e tomando de dentro a cabeça da sucurijú, jogou-a por sobre a mata, o mais que poude. IDEM *Ib.* 325: Por detraz da linda lavadeira apareceu, primeiro uma cabeça, e depois um corpo, redondo, negro, luzidio, asqueroso. Era a sicurijú. 1888 INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, II. viii. 73): [...] galgar leguas e leguas por caminhos invios, por florestas intrincadas, por insondaveis gapós, trepando serras onde as onças moram, vadeando lagoas onde se occultam sucurijús de enorme boca, palmilhando sobre espinhos onde se aninham caninanas [...]. 1888 FERREIRA LEAL *O Suplício de um Marido* ii. 47: A meio da perspectiva, a servir de linha de repouso, como um enorme sucuriú malhado, serpenteava a rua, de macadam pulverulento marchetada de trilhos de bondes e lampeões de gaz. 1890 A. AZEVEDO *O Cortiço* xvi. 267: [...] lá a sucurujú não chocalhava a sua campainha funebre, annunciando a morte. [...]. 1895 J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. iii. 43: São tambem elles o preferido refugio dos jacarés e das sucurijús (*Eunectes murinus*), temiveis encontros em taes sitios, onde têm todas as vantagens de uma posição ao sabor dos seus meios de ataque. 1898 A. ARINOS *Pelo Sertão* 198: A bocca do buraco estava escura como breu e parecia uma bocca de sucuryú querendo me engulir. 1898 IDEM *Os Jagunços* I. iii. 79: Uai! hum-hum! Comeu cobra ou filhote de sucuryú? 1930 G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 214: Nos campos, até agora, ainda não vimos uma só cascavel. Hoje, porém, mostrou-se a primeira sucurijú, de respeitavel tamanho, enrodilhada sobre um lagedo, a meio do rio. 1930 JORGE DE LIMA *O Anjo* 71: Tambem não eram bichos da terra, leões, sucurijus ou jacarés. 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* xvii. 205: — Tem cobra porção, afiançou nhá Andreza. — Nem tanto, paresque, redarguiu o João Cabelludo. Sucurijú, sim, é pr'a dá e vendê. 1956 GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 524: Conforme vinha, num cavalo baio, com uma daquelas engraçadas selas cutucas, que êles usavam, e introduzido em botas-de-montar muito boas, dessas de couro de sucurijú, de que êles faziam antigamente.

sucuritinga *s.m.* Var.: 5 *cucuritĩga* [< T. sukuri'tiŋa < suku'ri 'sucuri' + 'tiŋa 'branco'].

Espécie de cação.

*c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 2110-2111: Cucuri, cucuritĩga, pana pana os piquenos e alguãs castas boas se comẽ [*O Autor inclui estes três nomes* — cucuri, cucuritĩga, pana pana — *no fim da sua descrição dos tubarões*].

sucuuba *s.f.* Var.: 7-8 *sucúba*, 8 *sucuba*, *sucuúba*, *sucuuba* [< T. [s]suku'ĩua].

Planta da família das apocináceas.

*c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 264: [Arvore medicinal] Sucúba: a sua gomma se applica para resolver tumores. 1817 CASAL *Corografia Brazílica* II. 262: Entre as arvores rezinentas nota-se ainda a *sucuba*, cuja gomma passa pelo *amoniaco* do Levante. IDEM *Ib.* 278: [Entre as arvores oleozas e balsamicas...] a sucúba destilla, por incizão, um liquor mui alvo, que tomado em certa dóze, he um efficaz remedio contra as lombrigas: [...]. 1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 13: A *sucuúba*, que passa pelo ammoniaco do Levante, he aqui mui commum, [...]. 1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 105): Para as dores nas costas tinha leite de amapá e para as do peito tinha o de ucuuba. E mais, [...] sucuuba com mel de pau para a tosse; [...].

suí *s.m.* Var.: 6 *sui* [< T. su'i].

Peixe da família dos ranfictídeos (*Eigenmania virescens*).

*c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 175: sui he 3 pal[mos] cor pardo E preto he d[e] c[omer].

suia *s.f.* Var.: 5 *sijá*, 6 *cyia*, *xia* [< T. sĩ'ja].

Ave da família dos psitacídeos, maitaca.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXVII. 110): Há outros pássaros que os índios chamam sijá, que são tamanhos como papagaios todos verdes, e o bico revôlto para baixo, os quais criam em tôcas de árvores, de cuja fruta se mantêm. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 115: [...] outros [papagaios] que se tem por estrangeiros chamados — Cyia [...]. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 192*v*.: xia papaguaio tamanho como hũa melroa tem a cabesa e o pesquoso ate o estomoguo anil e o mais corpo uerde o

rabo e as pomtas das azas uerde mar e azul em carnal e he hũ dos mum [*sic*] fermozos pasoros desta tera e quoamdo os emsinam a falar falam muito bem e fazem os filhos como os outros.

suindara *s.f.* Var.: 6 *tuinda,* 9 *suindára, suinara* [< T. sui'nara, tui'nara ~ VLB I. 88: *Curuja* = Çuindara. Tuindara. Ajaya. Cuyauju. Urutaguî].

Ave da ordem dos estrigiformes, família dos titonídeos, espécie de coruja.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 116*v.*: [...] e antre estes todos. ha hũa casta chamada — tuinda. que casa [*scil.* caça] de dia e de noite. **1914** COELHO NETO *Rei Negro* v. 196: Uma suindára passou no ar em vôo frouxo, chirriando; [...]. **1918** MONTEIRO LOBATO *Urupês* 151: Seus olhos encontraram-se com os de Christina e viram nelles a expressão de pavor da avesinha engrifada nas puas da suindára, o pavor da morte. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* iv. 43: Quando meu corpo chorou sangue pedindo fôrça de homem pra servir, a suinara cantou manhãzinha nas jarinas de meu tejupá, veio Capêi e me escolheu.

suiriri *s.m.* Var.: 5 *suiriri,* 9 *suiriri* [< T. suiri'ri].

Pássaro da família dos tiranídeos.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXV. 103): [...] e quando as levam no bico [as lagartixas] vão após êles [carácarás] uns passarinhos, que chamam suiriri, para que as larguem; e vão-nos picando, até que de perseguidos se põem no chão, com a lagartixa debaixo dos pés, para defender. IDEM *Ib.* LXXXVIII. 112: Suiriri são uns passarinhos como chamarizes, que criam em ninhos nas árvores, os quais se mantêm como bichinhos e formigas, das que tem asas, a que em Portugal chamam agudes; êstes se criam em gaiolas, onde cantam muito bem, mas não dobram muito quando cantam. **1956** GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 30: Assovios que fechavam o dia: o papa-banana, o azulêjo, a garricha-do-brejo, o suiriri, o sabiá-ponga, o grunhatá-do-coqueiro...

sumaré *s.m.* [< T. ?].

Planta da família das orquidáceas.

1863 M. A. PORTO ALEGRE *Brasilianas* 53: Largas vergonteas, como enormes rocas | De sumaré palmato se nodulam, | Onde a Natura na cerdosa borla | Tenaz visgo injectou, que a industria explora. **1930** G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 116: Estou rodeado de vegetação xerophila; jaramacurús espinescentes e arbustos de rama rala e troncos tortuosos, mas, no meio delles, ha muitas touceiras de *sumaré,* com um subtil aroma a *Tabac-Blond.*

sumaúma *s.f.* Var.: 6-8 *sumaúma,* 7 *samauma, semauma,* 8 *sumauma, sumahúma,* 9 *samaúma* [< T. ?].

Planta da família das bombacáceas, sumaumeira.

1693 J. S. FERREIRA *América abreviada* in RIH, LVII. (1894) 138: [...] nem com a sua mosquetaria poderia fazer grande damno ás nossas canoas por serem de páo-ferro e fortes, e quando fôsse necessario, se podiam ajudar por dentro com boas mantas de algodão e sumaúma bem estofadas e levadiças, ou com as cascas d'esta, a que a nossa infantaria se encostasse da banda donde se offerecesse o risco e pelejasse com mais segurança. *c***1698** J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 110: [...] em o mais tempo que lhe sobejava da doutrina mandava aos homens fizessem canoas ligeiras de um páu molle chamado sumaúma, cujas fructas em modo de um melão, supposto que não tão grossas e compridas, dão uma casta de lã felpuda e serve para colchões e para panno, que arremeda o de lã, [...]. **1734** in RAPM, XXIII. (1929) 236: Deste ultimo pouso fomos ao Rio Grande, passamol-o em canoas feitas de páos de samauma depois de dormirmos; [...]. **1763** J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 61: [sumaúmeiras] celebres arvores de que se tira aquella especie de seda ou lãa, que com o sabido nome de sumaúma amarella uma e outra branca, servem de occupar os colxões de mais regalo. **1787** in *Annexes du premier Mémoire du Brésil* I. (1903) 260: No que pertence aos vegetaes: ha o cacáo a salça parrilha, alguma baunilha, a semauma branca e da amarella, [...]. **1811** IDEM I. (1903) 308: [...] e ali do primeiro pau de sumauma ou taperebá que encontrassem sufficiente lhes fizesse uma embarcação. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* II. 279: [...] as arvores que produzem a sumahúma, [...]. **1888** INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, II. x. 206): As altas sumaúmas, as agrestes embaubeiras, os cedros gigantescos haviam sido substituidos por grande variedade de plantas de cultura, de modo a tornar o sitio uma miniatura de toda a lavoura do Amazonas. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* iii. 31: Deixaram a linda Iriqui se enfeitando sentada nas raizes duma samaúma e avançaram cautelosos.

sumaumeira *s.f.* Var.: 7-8 *sumaúmeira,* 8 *samaúmeira,* 9 *sumaumeira* [< sumaúm(a + -eira].

Sumaúma.

1763 J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 61: [...] os ramos mais altos da sumaúmeiras, celebres arvores de que se tira aquella especie de seda ou lãa, que com o sabido nome de sumaúma amarella uma e outra branca servem de occupar os colxões de mais regalo. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 10: A *samaúmeira* he de extrema altuta e grossura, lança os ramos orisontalmente, sua madeira he de nenhum uso pela pequena duração, o que porém a torna celebre he o seo fructo; deste se extrahe uma especie de algodão estimadissimo na Europa para estofar colxoens, e para isso não se tem descoberto materia mais propria, ja por ser mui callida, e consequentemente apreciavel no tempo de inverno, ja porque, posto se abaixe comprimindo-se com qualquer peso, tirado este, e posta ao sol, adquire logo a sua primeira consistencia; ja finalmente pela sua alvura e aceio: corta-se a arvore pelo tronco para se colher o fructo, que em lugar separado he aberto e delle extrahida a felpa para ser guardada em sacos, pois vôa ao menor descuido; esse fructo pouco differe na forma d'um melão pequeno e comprido, dentro está o algodão ou felpa, cobrindo a semente, do tamanho e figura da pimenta da India: he preciso cortar muitas arvores para ajuntar duas ou tres arrobas desta felpa tão fina, que parece pellucia, sua flor he multipetola, a corôla composta de cinco laminas, ou petolas de côr amarella. **1886** J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 68): Veja si ella vem falar commigo àqui nesta passagem, acolá debaixo daquella sumaúmeira. **1930** G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 55/56: Á beira do rio, onde já se acham as canoas que nos conduzirão para diante, ergue-se uma bella sumaumeira, das arvores maiores da Amazônia. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* vii. 78: — Nesse instante o chefe igaraúna chamou a attenção da doutora para uma sumaumeira sem uma folha, revestida apenas de capulhos de paina creme, [...].

|| **suraju:** v. abon.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXVIII. 170): Suraju chamam os índios a um bicho como os lacraus de Portugal, mas são tamanhos como camarões, e tem duas bocas compridas; e se mordem uma pessoa, está atormentada, com ardor vinte quatro horas, mas não periga.

surubim *s.m.* Var.: 5 *çurubi,* (6 *erubim*), 6 *sorobim, xerobim,* 6, 8-9 *surubim,* 7 *serubi, serobim, surubí, suruvy, surubim, suruvi,* 8 *surubi, sorubim, suruby* [< T. suru'ụi].

Peixe da família dos pimelodídeos.

*c***1594** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 2279-2282: Çurubi he grãde tẽ m^{tas} pintas de cores muj fermozo tẽ as pitas a manr^{a} de truita mas majores e mais galãtes as cores e he bõ no sertaõ vi m^{tos}. **1624** S. E. SILVEIRA *Relação do Maranhão* fl. 10*v.*: Ha muitos erubins, çolhos, camaroupins [...]. *c***1631** C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 172: O Sorobim he peixe de coatro ou cimquo palmos e tem a cabeca muito gramde e tem hũs piquamis muito piriguozos que quoando feren alguem não podem botar a espinha fora cem gramdes dores he de cor azul e pardo em Riba das costas e pola barigua bramquo todo o Corpo Raiado e pimtado de preto e he peixe muito gordo e bom fresquo e salguado eu tenho uisto uir Canoa vir careguada dele e trazer coremta e cimquoemta arobas dele e ce tomão a linha e he guosto de os tomar. *a***1667** HERIARTE *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 170): O [rio] Maracú desce de huns grandes lagos, adonde os moradores vem fazer pescaria de peixe boi e xerobim. *c***1698** J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 333: [...] não lhes faltou o sustento em a vinda, pela quantidade grande de kagados pelos matos, e de peixes surubins pelo rio, só a falta de farinha lhes deu trabalho, [...]. **1749** *Prodigiosa Lagoa* (ed. 1925, 18): [...] porèm como quiz saciar a gula, comendo um pouco de scrubi, peixe muito semelhante ao tubarão, se lhe poz o braço, e a mão na mesma fórma antiga, e se retirou para voltar no mez de Setembro. IDEM *Ib.* 24: Antonio da Costa Campos, de Tijuco do Serro do Frio, passando a Paracatú no anno de 744. comendo hum pouco de scrubi, lhe rebentou o corpo com especie de figado, causa, por que retrocedeo da viagem, [...]. **1763** J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 76: Aqui houve antes de anoitecer muita pesca de serobins, tucanarés, corimatás, acarazes, piranhas, pirorocús (de que a lingua é o melhor ralador de noz-moscada), araoanás e aracús, e seria extraordinaria a pesca se as redes estivessem em melhores termos, [...]. *c***1777** F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 259: [Peixe de grande corpulencia] Surubí, de pelle. **1783** M. C. ABREU *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 263: Os peixes que ha neste rio, além da abundancia, são especialissimos, porque de todas as formas que sejam beneficiados não tem variedade o sabor, pois são notaveis os dourados, saupés, piraguajuras, pacuy, pacús, suruvy, piraguaxiara e jahús, [...]. **1786** in *Annexes du premier Mémoire du Brésil* I. (1903) 219: No rio se pescavão alem dos peixes = pirarucú, tucunaré, surubim, pira catinga, pirânha, &a. alguns peixes boys, principalm^{te}. da fortaleza para cima. **1792** F. O. BARBOSA *Notícia da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 23: Os peixes que ha no rio Tieté, além da abundancia, são especialissimos; cujos nomes são: [...] suruvis, [...]. **1806** in RAPM, VI. (1901) 766: He abundante de variedade de peixes, quaes o Surubi, o Dourado, os Mandis, [...]. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* I. 212: Entre outras especies de pescado ha doirados, saupés. pacús, piracanjuvas, surubins, piracambucús, jahús,

e piraquaxiêras. IDEM *Ib.* II. 187: Os mais deliciozos peixes deste rio sam *sorubins*, que tomam a grandeza d'hum homem: [...]. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 34: [...] os *jandiás, surubins, pacús, piranambús, pirarára, pirapucús, acarís, piraandirás*, semelhante na cabeça a um *morcégo*, da qual tomou o nome; [...]. **1875** J. ALENCAR *O Sertanejo* II. 341: [*Nota do Autor*] *Sorubim*, gado cuja côr imita a do peixe desse nome. **1886** J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 57/58): A pasmosa variedade de peixes do Amazonas recolhe-se tambem para elles nesse tempo, [...] o surubim, de pelle lisa, cabeça chata, pintado de polygonos regulares formado por linhas negras; [...]. **1895** IDEM *A Pesca na Amazónia* I. ii. 24: Saltam a cada instante no meio do rio ou do lago, mil outros peixes, fugindo em carreira medrosa e precipitada ás canôas dos pescadores, indifferentes a esta miuçalha, ou á gula dos pirarucús, das pirahibas, dos grandes surubins, sinão aos dentes vorazes dos jacarés. **1898** A. ARINOS *Pelo Sertão* 133: Então jangada e tripolantes se confundiram, se unificaram, semelhando, no movimento que se lhes percebia, o dorso mosqueado de um suruby, retouçado ao sabor da correnteza. **1898** IDEM *Os Jagunços* I. iv. 135: Eis senão quando uma vez, bem no fio da correnteza, ou fosse pegada por algum suruby, ou jacaré, ou porque fosse, desgarrou de repente e desceu pela correnteza abaixo. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* xvii. 251: Isso vieram muitos peixes, veio acará veio piracanjuba veio aviú gurijuba piramutaba mandú surubim todos êsses peixes. **1929** A. PEIXOTO *Sinhàzinha* xvii. 166: Só o surubim, o nosso bacalhau, daria peixe ao estômago brasileiro, e óleo á industria nacional. **1929** G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* xvi. 330: Da barriga para baixo era peixe, como surubim, liso, sem escama. O doutor, que sabe de um tudo, nos esclareceu que aquillo era caboclo dagua. **1930** G. CRULS *A Amazónia que eu vi* 107: Peço a sua opinião sobre os peixes deste rio. Diz elle que o melhor é o *aracú*, e nomeia-me outros: *matáu, surubim, pacú, curimatã*...

surucuá *s.m.* Var.: 7-9 *surucuá*, 9 *suruquá* [< T. *suruku'a].
Ave da família dos trogonídeos.

*c***1777** F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 262: [Ave silvestre] Surucuá, tres especies. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 31: [...] *surucuá* da familia das pombas, de canto tristonho, e vistosa plumagem: [...]. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xvii. 195: Nesse interim, baixou outra revoada de surucuás, arirambas, pica-paus, cujubins [...]. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 221: Tempo de festa no céu. | Deus pintou o suruquá: | com tinta azul e vermelha, | verde, cinzenta e lilá. | Porta de céu não se fecha: | suruquá fugiu pra cá.

surucucu *s.f.* Var.: 5, 7-9 *surucucú*. 5, 8 *çurucucí*, 5-8 *surucucu*, 5 *çurucucu*, 6 *saracucu*, 7 *surucucù, surucucú, cerucucú* [< T. suruku'ku ~ VLB I. 76: *Cobra* = Boya Gnro. (*scil.* gênero) suas especies são muitas. As q. matão. Jararaca. Boypeba; Çurucucuc; Boycoatiara, (...)].
Réptil ofídio da família dos viperídeos (*Lachesis muta*); *por extensão*, indivíduo de mau gênio, irascível.

*a***1576** GÂNDAVO *Trat. Prov. Brasil* (ms. do British Museum) 1254-1259: Outras [cobras] ha muito maiores e mais pessonhentas doutra casta differête. Saõ taõ grandes entanto extremo que a penas desaseis indios podião leuar hũa q̃ matarão junto da costa antre os portugueses, a esta cobra chamão Surucucú. *c***1584** CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 17: Çurucucú. Esta cobra he espantosa, e medonha, achaõse de quinze palmos quando os Jndios naturais as mataõ logo lhe enterraõ a cabeça por ter mujta peçonha: p^a^ tomar a caça, e a gente, medese com huã aruore e em uendo a presa se deixa cair sobrella e assi a mata. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXIII. 161): Surucucu são umas cobras muito grandes e brancas na côr, que andam pelas árvores, donde remetem à gente, e a caça que passa por junto delas, as quais tem os dentes tamanhos que quando mordem levam logo bocado de carne fora. *c***1594** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1234-1248: Çurucucu He grande e mais peçonhẽta tẽ dẽtes como de caõ an medo grande os naturais desta e loguo lhe emterraõ a cabeça fundo tem ate 16 palmos, tẽ no Rabo huã vnha naõ m^to^ dura justaçe cõ as aruores ou paos ẽm taõ como uẽ a caça ou homẽ salta nella e lhe mete esta vnha por baixo e lhe tira as tripas e por isso logo o Jndio acode cõ a maõ a se defender mas he por demais q̃ ella a jũta a cabeça cõ o Rosto do homẽ e tudo o q̃ morde cae logo podre tudo o q̃ della aserta de cair do bocado tẽ lhe os Jndios grande aborrecim^to^ mas cõtudo comẽna esfolada. **1610** J. MONTEIRO *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.*, VIII. (1949) 422: Há outras [cobras] a que chamam surucucu, mui grande, e peçonhenta. Têm dentes como de cão. Têm na ponta da cauda uma unha não muito dura e delgada, encostam-se aos troncos das árvores de modo que não há divisá-las, e de salto se arremessam à presa, à qual com a mordedura e com o rabo lhe desentranha tudo. Tem-lhe esta nação mui particular aborrecimento pelo oficio que tem de desentranhar com o rabo os animais, do que por sua peçonha que é tão fina que corrompe tudo aquilo em que dá, desfazendo-se pedaço em pedaço até os ossos. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 137: [...] naõ quero callar as diferentes castas de cobras peçonhentas que se achaõ por toda esta prouinçia — como saõ jararacas saracucus — [...] estas todas são peçonhentissimas e mataõ ás pessoas a que mordem em breue termo e por isso saõ muy temidas [...]. *a***1696** G. MATOS *Obras* (ed. 1969, V. 1147): Indo à caça de tatus | encontrei Quatimondé | na cova de um Jacaré | tragando treze Teiús: | eis que dous Surucucus | com dous Jaratacacas | vi vir atrás de umas Pacas, |. **1728** N. M. PEREIRA *Peregrino da América* I. xv. 222: Já me escapou duas vezes: huma, pelo naõ achar na occasiaõ em que o busquey na barraca: e outra, porque subindo a huma arvore, sahiraõ duas cobras que chamaõ Surucucús, e nos fizeraõ correr, e fugir, por dellas nos livrarmos; e por este meyo teve este ladraõ occasiaõ de poder escapar. **1730** ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 64. 39: A surucucù, que posto que inferior, faz o proprio ao gado menor. **1763** J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 75: Ha outras muitas [cobras] de que fallaremos se vier a proposito, como são as giboias, surucucú, coral, cascavel, Ec. IDEM *Ib.* 489: É verdade que alguns [*índios*] usam de remedios naturaes, como o cascavel da cobra, o osso do surucucu, e outros; mas o commum é haver mistura. *c***1777** F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 258: [Reptil terrestre] Surucucú, venenosa, e de duas especies. Cobra de cotia. Cobra de arára, venenosa. **1789** F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 155: Cerucucú serpente grande com a cabeça depressa; focinho rombo; olhos pretos, vivissimos, brilhantes, [...]. Extensão do corpo doze, quatorze palmos. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* I. 72: O *surucucú*, [reptil] que nunca tem mais de quatorze pés de comprido, e grossura proporcionada, só se encontra em terrenos frescos, e sombrios: a sua pelle he alcatifada com symetria; a cauda armada com dois ferrões, e a mordedura apenas curavel. IDEM *Ib.* 111: herva de çurucucú; *caróba*; [...]. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 27-28: [...] a *sururucú*, a *caninana* ou *pepéua*, a *cobra coral, cutiboia*, que açoita os que com ella entendem; a *sacaiboia, araueboia*, especie de *barata* mui grande e venenosa; [...]. **1842** MARTINS PENA *A Família e a Festa da Roça* (ed. 1956, I. 90): — Os surucucus se ajuntaram hoje! **1863** M. A. PORTO ALEGRE *Brasilianas* 67: Em amplas roscas como raios surgem | Atras surucucús varando os bosques, | Fendem os brejos, nas campinas voam, | E á queimada arremettem furibundas! **1872** TAUNAY *Inocência* (2ª ed., 1884, XX. 208): — Olhe... se não fosse aquella carta, e a palavra que dei ao maldito... mil raios o partam, surucucú do diabo! pôtro melado!... **1888** INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, II. viii. 73): [...] galgar leguas e leguas, por caminhos invios [...] palmilhando sobre espinhos onde se aninham caninanas, e penetrando grutas onde habita o maracajá de sucia com a surucucú [...]. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* xii. 176: Afinal topou com a biboca dum surucucú que tinha parte com o canhoto.

sururu *s.m.* Var.: 5-6, 9 *sururu*, 9 *sururú* [< T. seru'ru ~ VLB II. 37: *Mexilhões, gnlr.* = Ceruru].
Molusco bivalve da família dos mitilídeos, mexilhão.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXLI. 224): Criam-se na vasa da Bahia infinidade de mexilhões, a que os indios chamam sururus, que são da mesma feição e tamanho e sabor dos mexilhões de Lisboa, os quais tem caranguejinhos dentro, e o mais que tem os de Lisboa; e com a minguante da lua estão muito cheios. *a***1696** G. MATOS *Obras* (ed. 1969, V. 1147): De massa um tapiti, | um cofo de Sururus, | dous puçás de Baiacus, | Samburá de Murici: |. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* 88: Descansou um pedaço e como estava arado de fome bateu uma fritada de sururú de Maceió, um pato seco de Marajó molhando a janta com mocororó. **1934** JORGE DE LIMA *O Anjo* 91: Você sabe que sururu aqui é um molusco da lagoa que banha a ilha dos paes delle. Sururus existem em quasi todas as lagoas do Brasil. IDEM *Ib.* 95: Derramava-se pra cima o cheiro das cozinhas pobres, bagre assado, pirão de sururú, inhame, cará. **1935** IDEM *Calunga* iv. 44: Zé Seridó roía seu caquinho de telha, seu pedacinho de tijolo tão saboroso como pirão de sururú. IDEM *Ib.* xv. 123: Não havia sururú que fartasse, nem caranguejos, nem peixes, nem pesca nenhuma.

sururuzeiro *adj.* e *s.m.* [< sururu + -z- + -eiro].
Que, ou aquele que se alimenta de sururu ou vive de sua comercialização.

1934 JORGE DE LIMA *O Anjo* 92: O restante dessa população sururuzeira cae nas fabricas de tessido aqui perto, por Fernão-Velho e Bebedouro. **1935** IDEM *Calunga* xvi. 100: Sururuzeiros traziam grandes cestos de moluscos e peixes para o povo comprar barato.

suumba *s.f.* [< T. *su'u *ŋa*].
V. abon.

1895 J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazónia* I. v. 61: A sararáca [*espécie de flecha*] compõe-se de tres partes, [...] o fuso ou suumba, de madeira, em geral de paracuúba (*Andira sp.*) embutido na extremidade inferior da haste, [...].

T

taba *s.f.* [< T. 'taua ~ VLB I. 30: *Aldea* = Taba].

Aldeia indígena.

*c*1698 J. F. Betendorf *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 11: Estava a ilha do Maranhão, em tempo que para ella foram os Francezes, povoada de 27 Aldêas, que os indios chamam *taba*. 1781 Durão *Caramurú* III. lxviii. 97: Confederão-se as tabas de cada huma: | Em guerra, e paz, e em sedições perversas !- Idem *Ib.* 109: Assim chamão os Brazilienses ás suas Aldêas. 1846 G. Dias *Primeiros Cantos* (ed. 1865 I. 7): Ó' Guerreiros da Taba sagrada, | O' Guerreiros da tribu Tupi. | Fallão Deoses nos cantos do Piaga, | O' Guerreiros, meos cantos ouvi. 1851 Idem *Últimos Cantos* (ed. 1865, II. 90): No meio das tabas de amenos verdores, | Cercadas de troncos — cobertos de flores, | Alteião-se os tectos d'altiva nação; | São muitos seus filhos, nos animos fortes, | Temiveis na guerra, que em densas cohortes | Assombrão das matas a immensa extensão. 1855 Junqueira Freire *Contradições Poéticas* 232: Como um preludio inspirador de somno, | Nossas boas avós nas tabas longes, | Acalentando no regaço os netos, |. 1856 D. Magalhães *A Confederação dos Tamoyos* X. 310: Nessas horas do dia em que os Tamoyos, | Depois da caça, juntos repousavam | Sobre a fresca verdura, á sombra amiga | Do bosque protector vizinha á taba; | 1856 J. M. Macedo *O Forasteiro* II. ii. 35-36: Esse homem chamava-se Antonio Salema, e o seu governo marcou a época do exterminio e da proscripção dos tamoyos; centenares de *tabas* forão queimadas, milhares e milhares de victimas forão sacrificadas, [...]. 1857 J. Alencar *O Guarany* (2ª ed., 1864, II. iv. 227): Quem dirá quantas vezes a nação goytacaz levou o fogo á taba dos brancos, [...]. 1865 Idem *Iracema* (3ª ed., 1878, iv. 26): A grande taba erguia-se no fundo do valle illuminada pelos fachos da alegria. 1866 Idem *As Minas de Prata* VI i. 8: Mas Tupan lhe fallára á noite, na hora dos sonhos, e elle fôra de taba em taba, rugindo o maracá por todo o valle ou montanha, onde resoava a doce lingua da valente raça. 1869 Varela *Cantos Meridionais* in *Obras Completas* (ed. 1896, II. 163): Ao sol posto, em frente á taba | Servio-se o lauto festim... |. 1869 B. Guimarães *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. i. 42): Seu arranchamento era uma longa fila de *tabas* ou cabanas cobertas de palmas de coqueiro, disseminadas em pittoresca desordem ao longo da margem do rio em uma extensão de cerca de meia legua, como um bando de aves aquaticas pousadas á beira da torrente. 1870 J. M. Macedo *A Namoradeira* II. iii. i. 7: Então o seductor fica no caso daquellas velhas das tabas dos selvagens do Brazil, tristes velhas que occupando-se em preparar os venenos destinados á hervar as flexas dos guerreiros, ás vezes morrião envenenadas antes de acabar o processo mortifero. 1874 J. Alencar *Ubirajara* ii. 23: Toda a tarde o trocano reboou chamando os guerreiros das outras tabas á grande taba do chefe. Idem *Ib.* 170: [*Nota do autor*] A sociedade politica, *taba*, era a reunião das ocas. 1875 Varela *Anchieta* II. vii. 55: Discorrem sériamente; as moças cantam, | Não as lendas das tabas bellicosas, | Mas da Musa Christã saudosos hymnos. 1875 J. Alencar *O Sertanejo* II. xiii. 220: — Para a taba dos Jucás. 1875 Machado de Assis *Americanas* 128: "— Vamos (diz elle) a descançar na taba, | Entre festas e dansas; penduremos | As armas nossas, que sobeja ha sido | A gloria, e a doce paz nos chama." 1883 B. Guimarães *Rozaura a Engeitada* (ed. 1900, I. xiii. 184): [...] a aristocratica estirpe de sua idolatrada Adelaide tinha um dos seus troncos immediatos na senzala do captivo e outro na barraca ambulante do cigano e na taba do selvagem. *a*1884 Idem *O Bandido do Rio das Mortes* (ed. 1905, iv. 46): Não faltarão aos aymorés nem a caça e o cauim e nem a taba do repouso, e o vil tupinambá nunca se atreveu a ir lá perturbar a nossa paz que não se arrependesse amargamente. 1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 232): O moço manáos nella ia e não voltou mais a taba de seus pais. 1888 Inglês de Sousa *O Missionário* (ed. 1899, II. xi. 265): Felisberto disse que entendia também que a viagem ás tabas Mundurucúas era uma asneira do Padre, [...]. 1895 J. Veríssimo *A Pesca na Amazónia* II. ix. 165: [...] na defesa inutil e angustiosa de sua taba, de antemão vencida pela indefectivel lei do Progresso... 1913 Simões Lopes *Lendas do Sul* 82: Subio ao Ceo dias antes do que o grande chefe da Taba do Uruguay que morreo a 10 de fevereiro em quarta-feira combatendo contra um exercito de 15 000 soldados. 1918 Monteiro Lobato *Urupês* 216: Em sonetos, contos e novelas hoje esquecidos, consumiram-se tabas inteiras de Aymorés sanhudos, [...]. 1920 Lima Barreto *Histórias e Sonhos* 54: Certamente, durante os seculos de escravidão, nas cidades, os seus antepassados só se podiam lembrar daquellas cerimonias de suas aringas ou tabas, pelo Carnaval. 1928 M. Andrade *Macunaíma* iv. 43: A tristura talqualmente correição de sacassaia viera na taba e devorara até o silencio. 1929 G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* xiv. 223: Ah! se podessemos voltar á taba, aos indios nús, livres, ou aos negros sem a mestiçagem infame dos europeus. 1933 G. Ramos *Caetés* xxxi. 229: Aquillo ha pouco tempo era dos indios. Outras luzes na Lagôa, que foi uma taba. 1938 R. Morais *Os Igaraúnas* xix. 217: Comida a carne pelo selvagem, a carapaça era jogada junto da taba [...].

tabarana *s.f.* Var.: 5 *taibarana*, 9 *tabarana* [< T. ˜taiua' rana].

Peixe da família dos caracídeos.

*c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 2282-2283: Taibarana he como tainha, [...]. 1946 Guimarães Rosa *Sagarana* 113: Em abril, quando passaram as chuvas, o rio — que não tem pressa e não tem margens, porque cresce num dia mas leva mais de mês para minguar — desengordou devagarinho, deixando poços redondos num brèjo de discos: [...] tabaranas vestidas de ouro, encalhadas; [...].

tabaréu *s.m.* Var.: 7 *tabarèo*, 8-9 *tabaréu*, 9 *tabareu*, *tabareo* [< T. ?].

Indivíduo bisonho; caipira, matuto.

1711 A. J. Antonil *Cultura e Opulência do Brasil* I. i. x. 29: Ter os Filhos sempre comsigo no Engenho, he creallos Tabarêos, que nas conversaçoens naõ saberáõ fallar de outra cousa mais que do Caõ, do Cavallo, & do Boy. 1899 Taunay *No Declínio* iii. 25: Appareceu-lhe este, num bello dia, com a sua costumada sem-cerimonia e aspecto de tabaréu finorio, chapéu do Chile á cabeça e bengalão em punho, acolhido, aliás, com expansiva cordialidade. 1918 Monteiro Lobato *Urupês* 189: [...] deram-lhe os chefes as peiores missões, como a de acuar eleitores tabareus embibocados nos socavões das serras, [...]. 1929 A. Peixoto *Sinhàzinha* x. 98: Vencida a primeira dificuldade de conhecimento timidez ou desconfiança, mistura a que chamam ceri-

mônia, o tabaréu, ou caipira, o sertanejo, é comunicativo. 1933 G. RAMOS *Caetés* xvi. 131: Morto de somno, não dormi um minuto. E esta cambada de tabareos azucrinando a gente!

tabaroa *s.f.* Var.: 8 *tabarôa* [Feminino de *tabaréu*].
Mulher matuta, caipira.

1855 JUNQUEIRA FREIRE *Contradições Poéticas* 110: Assim era a bella, | Linda tabarôa, | — Ella que mostrava | Testa de corôa. *a*1871 CASTRO ALVES *A Cachoeira de Paulo Afonso* (1876) 102: Nas verdes cannas o gemente rogo ! Ouve-lhe á tarde a tabarôa esquiva... | E talvez por magia... á luz da lua | Molle a creança na caudal fluctua.

tabatinga *s.f.* Var.: 6-9 *tabatinga*, 6 *tabatingua* [< T. tọua' tiŋa ~ VLB I. 52: *Barro branco como cal* = Tobatinga. (...)].
Argila sedimentar mole e untuosa, geralmente esbranquiçada, a qual, dissolvida em água, é utilizada para caiar.

1610 J. MONTEIRO *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.*, VIII. (1949) 411: Depois [de muitos preparativos] tingem o que há-de ser matador [do tapuia ou principal afamado] de um barro branco a que chamam tabatinga. 1618 *Diál. Grandezas do Brasil* iv. fls. 103*v*.-104: [...] achaõse tambẽ mineiras de Almagra muito fina e outro modo dela branqua aque chamão tabatingua com oque se cajão as cazas soprindo com ella em falta de cal com ficarem as cazas aluissimas e limpas. *c*1698 J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 28: Não ha de presente quem saiba que terra poderia ser esta de que os Francezes faziam tanto caso, salvo se é um barro branco que os naturaes chamam tabatinga, o qual posto de molho e passado por um panno, e depois bem cozido serve de tinta primeira aos estatuarios e aos pintores, em logar de gesso do Reino. [...]. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 265: [Reyno mineral] Acha-se tambem cori, especie de greda vermelha; tauá, amarella; tabatinga, branca. 1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 141: Mineralogia. Terra-sombra, tabatinga, pedra calcaria, prata, oiro, mineraes d'enxofre. IDEM *Ib.* I. 234: Muitas ruas [em Paulopolis, S. Paulo] sam bem calçadas; os edificios quazi geralmente de *taipa*, isto he, de terra como greda acalcada entre duas pranchas, e branqueadas com tabatinga. 1876 COUTO DE MAGALHÃES *O Selvagem* I. 174: Assim ella fez o cujubim; pintou a cabeça do cujubim de branco, com tabatinga; pintou-lhe as pernas de vermelho com urucú, [...]. 1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 42): Eram primeiro altas ribanceiras de tabatinga, uma terra branca zebrada de grandes laivos vermelhos, crivadas de buracos cylindricos, [...]. 1888 INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, I. ii. 76): Era um templo muito modesto, de telha van, todo construido de pau a pique, barrado de tabatinga. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* v. 55: Muitos casos sucederam nessa viagem por caatingas rios corredeiras, gerais, corgos, corredores de tabatinga matos-virgens e milagres do sertão. 1930 G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 185: Á margem esquerda, torna-se cada vez mais rala a vegetação justa-fluvial e em pouco surge uma barranca de tabatinga, cortada quasi a pique sobre o rio. 1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 222: Aqui ela [a estrada-mestra] é largo e longo socalco, talhado em tabatinga.

tabebuia *s.f.* Var.: 8 *tabebuia, tababuya* [< T. *ta ŋe'ŋ uja ~ Cp. T. ŋ e'ŋ uja ~ VLB II. 21: *Leue ser, o contrario de Pesado* = Abebuy. V. BUBUIA].
Planta da família das bignoniáceas.

1812 B. A. GOMES *Plantas do Brasil* clxxii: O lenho da *Tabebuia*, principalmente o da raiz, he tão leve e compressivel, que no Rio de Janeiro se usa commummente em vez de cortiça, que se não dá naquelle Paiz, para rolhas de garrafas, para boyas das redes, para forrar as caixas, em que se guardão e mandão do Brazil os insectos, aves &c. 1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 108: A *Tababuya* he arvore notavel pela leveza do seu lenho, do qual apenas se faz mais do que rolhas, e boyas: elle reziste a todos os instrumentos menos aos que trabalham a cortiça.

taboca *s.f.* Var.: 6-9 *taboca*, 7-8 *tabóca* [< T. ta'ɥoka].
Taquara; *fig.* logro, decepção.

Em Inglês de Sousa (v. abon. 1888) as expressões *pregar uma taboca* e *receber tabocas* significam, respectivamente, 'pregar uma peça, lograr' e 'receber negativas, recusas'; em Graciliano Ramos (v. abon. 1934) a expressão *levar taboca* corresponde a 'perder, ser logrado'.

1648 M. CALADO *O Valeroso Lucideno* VI. i. 349: As tabocas lhe rompem, carne, & fato, | Iá fica humilde, & brando como cera, | E nas moutas se agacha enfraquecido, | Esperando dos seus ser socorrido. *a*1667 HERIARTE *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 184): Os instrumentos com que fazem suas festas [os indios da Provincia dos Cambebas], sacrificios e bailes, a que são mui inclinados, são trombetas de tristissimo som, feitas de *tabocas*, que são humas canas grossas ocas por dentro, e huns tambores de pau cavado por dentro, por ser o buraco pequeno, e com uns páos cobertos de resina os tocão como atabales, que se ouvem muito longe. 1679 R. JESUS *Castrioto Lusitano* I. vii. 290: Tabocas, he o mesmo que hũa especie de canas bravas, mais grossas, que as de Portugal, rodeadas de puas tão agudas, & solidas, que as não desponta qualquer opposição. *c*1698 J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 20: [...] tem em riba dous engenhos, um de taboca, outro de taboca mirim, e outro por baixo, todos com boas terras para assucares, se não faltassem os escravos e tivessem quietação dos tapuyas, que continuadamente os molestam. 1763 J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX (1869) 368: Achámos uma mulher [na villa de Veiros, que, algum dia se chamou Itacurussá] tida e havida por feiticeira, a quem os indios temem muito, e a todos os seus chamados pagés, isto é, uma especie de saudadores, que com varias superstições fingem ter pacto com o demonio, e que por isso curam com varias hervas e com o bafo, o qual, para este effeito, espertam com muita aguardente e vinho de raizes; então sopram fortemente, e costumam persuadir aos outros que bebam e dansem ao horrendo som de uma taboca e tambor. *c*1767 J. DANIEL *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, II. (1840) 346: Outras das suas gaitas mais affamadas são de tabóca, certo genero de cannas tão grandes e grossas, que dellas se fazem optimas escadas de 50, 60, e mais palmos de comprimento, como em seu logar direi. 1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 127-128: [...] uzam tambem das *tacuáras*, que são as mesmas frexas com pontas de ferro de mais de palmo, ou de certa especie de canna conhecida de um por tabóca, e de outros por *camaùa*, farpada para rasgar o corpo na occasião de se extrahirem delle: [...]. 1856 D. MAGALHÃES *A Confederação dos Tamoyos* IV. 108: Como goteja em bagas abundantes | De fendida tabóca a pura lympha. 1857 J. ALENCAR *O Guarany* (2ª ed., 1864, I. xiv. 149): Então os dous indios por meio de uma taboca aspiravão as baforadas deste fumo, até que os olhos choravão; depois continuavão o seu trabalho. 1863 M. A. PORTO ALEGRE *Brasilianas* 69: Como ingente canhão ribombando, | As tabocas estouram mil roncos, | Que abalando do solo mil troncos | Outro incendio revolvem no ar. 1872 TAUNAY *Inocência* (2ª ed., 1884, i. 12): [...] despedem ao céo rôlos de negrejante fumo e vôam, roncando pelos matagaes de tabocas e taquaras, até esbarrarem de encontro a alguma margem de rio que não possam transpôr, [...]. 1888 INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, I. iv. 257): Foi a tal Miliú, uma roceira, que me pregou uma taboca por causa do Totonio Bernardino, um criançola! Graças a Deus, eu não estou na altura de receber tabocas. No Recife, em Pernambuco, dansei com as melhores familias, baronezas e condessas... 1918 MONTEIRO LOBATO *Urupês* 160: As capoeiras substitutas das mattas nativas revelavam pela indiscrição das tabocas a mais safada das terras seccas. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* x. 143: E então pegou na frexa de pracuúba com ponta de taboca e foi pescar caratais. 1929 G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* ix. 119: As raizes, como duras tabocas, muitas dellas, em vez de se enterrarem, projectavam-se confusamente para o ar. 1934 G. RAMOS *S. Bernardo* ix. 61: — O governador estava razoavel e propoz um accordo mettendo o padre no conselho. O Pereira jogou no padre e levou taboca. 1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 310: [...] Nhô Augusto, dias depois, quando voltou a ter noção das coisas, viu que tinha as pernas mantidas em tôscas talas de taboca e acomodadas em rêgos de telhas, [...].

tabocal *s.m.* [< taboc(a + -al].
Mata de tabocas, taquaral.

1648 M. CALADO *O Valeroso Lucideno* III. iii. 196: [...] junto a esta cidade de Braga está hum alto, & empinado monte cercado todo de tabocais mui cerrados, & alli fizemos nosso alojamento, & nos preparamos para pelejar; & se alguem perguntar que cousa saõ tabocais? Respondo que ha no Brasil pelos matos huma certa casta de canas brabas, grossas, & todas cheas de rigidos, & agudos espinhos, que aonde chegaõ não ha vestido que possa resistir a seus gadanhos, & puas, & aos lugares aonde estas tabocas nascem, chamão os moradores da terra tabocaes. IDEM *Ib.* V. i. 310: Pelo lado esquerdo, por onde estaua o tabocal cerrado, mandou o Olandes hũa grande tropa de Pitiguares, & Tapuias e inuestir com o Camaraõ por as costas: [...]. 1679 R. JESUS *Castrioto Lusitano* I. vii. 290: Entre o rio, & o monte se mostra hũa campina que olha para o Sul; (terá meyo quarto de legoa de frente, correndo até o Tabocal, que cinge o monte por aquella parte, como cincoenta pés de grosso em todo o precinto.). *c*1767 J. DANIEL *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, II. (1840) 474: [...] e por isso as nações mais bellicosas, e que tem mais inimigos, estão sempre alerta, e fortificadas nas suas povoações com fortissimas cercas de pau a pique, ou *tabocaes*, como já dissemos. 1869 B. GUIMARÃES *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. i. 47): Por detrás d'esse tronco estendia-se um espesso e impenetravel tabocal, que lhe protegia a retaguarda. 1875 J. ALENCAR *O Sertanejo* II. xi. 184: De um salto Arnaldo ganhou o tabocal com o ninho cheio de ovos, pois os annuns andam em bandos, em tal regimem communista, que até os filhos são promiscuos. 1876 F. TÁVORA *O Cabeleira* xiii. 218: Estava em pleno deserto. Do lado direito protegiam-no estendidos tabocaes e profundas gargantas de serra inaccessiveis, sem uma habitação, sem viva alma; [...]. 1877 N. J. R. SOUSA *Diário* (ed. 1946, 33): Pernoitamos em uma baixada de tabocal [...]. 1907 E. CUNHA *Contrastes e Confrontos* 286: Em varios trechos cerradões trançados, guardando ainda no afogado das embaúbas e dos tabocaes alguns raros pés de café de remotas culturas em abandono, desdobram-se inextricaveis na lenta reconquista do solo, num resurgimento da floresta primitiva. 1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 31: Fiquei alegre, quando escutei melhor o miado da bicha-fera, lá por trás do tabocal...

taboquear *vb.* [< tabo(ca) + -(qu)ear].
Lograr desiludir.
1899 TAUNAY *No Declínio* iv. 40: Viéra, sabia-o *bellamente* (e o Sr. Arroxellas dizia ainda *vellamente*), comprar um desengano, mas viéra para que não pudesse mais dizer com os seus botões (já se sabe, v no caso); "O' Manuel, foste um pedaço de asno com os teus acanhamentos. Faze, pelo menos, como os outros!" E, como os outros, apresentára-se para ser taboqueado...

taboqueira *s.f.* [< tabo(ca) + -(qu)eira].
Planta da família das gramíneas, que fornece tabocas.
1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 223: E, nas ilhas, penínsulas, ístmos e cabos, multicrescem taboqueiras, tabúas, [...].

tabujajá *s.m.* Var.: 5 *tabuiaiá*, (*? jabuyuyá*), 7-8 *tabuyayá* [< T. taɯia'ja ~ VLB I. 70: *Cegonha* = Tujujû. Tabujajâ].
Ave da família dos ciconídeos, espécie de cegonha; jaburu.
1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXVIII. 85): Tabuiaiá é uma ave muito maior que pato; tem as pernas altas, os pés grossos, a côr parda, o bico grosso e grande; tem sôbre o bico, que é branco, uma maneira de crista vermelha, e sôbre a cabeça umas penas levantadas, como poupa. Criam em árvores altas, os ovos são como de patos, mantêm-se de frutas do mato; cuja carne é dura, mas boa para comer. 1788 M. C. ABREU *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 258-259: O Jabuyuyá é quasi do tamanho deste [do juiuiu] e semelhante na côr, com a differença de serem as pontas das azas e o rabo compostos de pennas pretas, pernas e olhos encarnados e o bico mais preto. 1792 F. O. BARBOSA *Noticias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 23: Os passaros são innumeraveis e de diversas qualidades, como são [...] tabuyayás, guarapútepócas, [...]. 1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 222: Entre outras numerozas especies de aves notaveis pela sua grandeza, ou sabor, ou plumagem, ou raridade, nomeam-se as êmmas, colhereiras, carões, tabuyayás, tayuyús, jacús, mutuns, macucos, tucanos, papagaios, arapongas, guarapute-pócas, pombos troquazes, rolas, garças, anhumas, urubus brancos, socós, patos, maçaricos.

tacape *s.m.* Var.: 7-8 *tacápe*, 8-9 *tacape* [< T. ?].
Arma ofensiva, espécie de maça usada pelos indígenas.
1781 DURÃO *Caramurú* IV. xxiv. 119: Tudo, c'o Grão Tacápe accommettendo; | E que mil cutiladas dando espessas, | Derriba troncos, braços, e cabeças. IDEM *Ib.* 140: Espada de páo ferro, ou similhante, de que usão os Barbaros. 1846 G. DIAS *Primeiros Cantos* (ed. 1865, I. 4): Valente na guerra | Quem ha, como eu sou?; Quem vibra o tacápe | com mais valentia? | Quem golpes daria | Fataes, como eu dou? | — Guerreiros, ouvi-me; | Quem ha, como eu sou? IDEM *Ib.* 217: Tacápe, arma offensiva, especie de maça contundente, usada na guerra e nos sacrificios. 1851 IDEM *Últimos Cantos* (ed. 1865, II. 102): "Um amigo não tenhas piedoso | Que o teu corpo na terra embalsame, | Pondo em vaso d'argilla cuidoso | Arco e frecha e tacápe a teus pés! 1855 JUNQUEIRA FREIRE *Inspirações do Claustro* 69: Nos tejupás pendido das imbiras | Desamparando o vibrador tacape, | E meneando os collos enlaçados | Das correntes das perolas do rio, |. 1856 J. M. MACEDO *O Forasteiro* II. ii. 51: O tamoyo sentio que ia morrer: deixou cahir o *tacape*, e estendendo os braços, agarrou com ambas as mãos no pescoço de Lopo e cravou-lhe as unhas na carne. 1857 J. ALENCAR *O Guarany* (2ª ed., 1864, III. xiii. 146): Os outros selvagens armados de arcos e tacapes, especie de longas espadas de páo que cortavão como ferro, collocárão-se a par do velho, [...]. 1865 IDEM *Iracema* (3ª ed., 1878, xi. 65): O velho Andira, irmão do pagé, entrou na cabana, trazia no punho o terrivel tacape; [...]. 1866 IDEM *As Minas de Prata* VI. v. 132: Duas vezes já a morte roçára por sua cabeça: da primeira o salvara o padre Ignacio abraçando-se com um guerreiro que brandia o tacape prompto a espedaçar-lhe o craneo; da outra Gil. 1869 B. GUIMARÃES *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. i. 45-46): Vendo que com as flechas não era possivel offender o imboaba, lançárão-se alguns ao rio armados de tacapes e dispostos a irem a nado atracar a canôa. 1872 IDEM *Hist. e Trad. Minas* III. iii. 224-225: O indio dá um grito de horror, sacode vigorosamente a perna, e atira longe o medonho reptil, que felizmente não o havia picado, recua em dous pulos com Jupyra nos braços, larga-a no chão, e investe de tacape alçado sobre a cobra, que ia-se esgueirando pelo matagal adentro. 1874 J. ALENCAR *Ubirajara* vi. 105: "A dôr é que fortalece o varão, assim como o fogo é que enrija o tronco da crauba, da qual o guerreiro fabrica o arco e o tacape. 1875 MACHADO DE ASSIS *Americanas* 185: Rudes são nos costumes mais que quantos | Ha criado este sol, quantos na guerra | O tacape meneiam vigoroso. 1877 B. GUIMARÃES *Maurício* I. xv. 164: Dous truculentos tacapes já se erguião sobre a cabeça do derradeiro, quando uma subita descarga de mosquetes retumbou como uma trovoada ao longo dos grotões. *a*1884 IDEM *O Bandido do Rio das Mortes*(ed. 1905, v. 65): Pareciam sentidos por terem perdido aquella primeira occasião de mostrarem ao filho de seu velho chefe a pujança do tacape brandido por seus braços e os tiros certeiros de suas flechas aceradas. 1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 320): O seu tacape era o terror da onça e do mundurucú. 1918 MONTEIRO LOBATO *Urupês* 216: O indianismo está de novo a deitar copa, de nome mudado. [...] o tacape afilou, criou gatilho, deitou ouvido e é hoje espingarda troxada; [...]. 1924 RIBEIRO COUTO *A Cidade do Vício e da Graça* 130/131: Os bares e cafés estão cheios. Ha familias inteiras em redor das mezas. O chefe, de tacape em punho, collete branco e chapéo imitando Panamá, consulta demoradamente a esposa, as jovens cunhadas, a sogra, os filhos... 1933 G. RAMOS *Caetés* vii. 42: Suando, escrevi dez tiras salpicadas de maracás, igaçabas, pennas de araras, cestos, redes de caroá, giraus, cabaças, arcos e tacapes. 1934 JORGE DE LIMA *O Anjo* 108: Os sem-trabalho formavam anthropophagia sem greves e sem reivindicações de classe. Tacape. Arco. Flexa.

|| taçape (*atacape*): v. abon.
*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 31: Atacape. Estes lobos [*d'água*] são mais piquenos, mas muyto mais daninhos porq̃ saẽ dagoa esperar a gente, e por serem muito ligeiros mataõ alguãs pessoas, e as comem. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 2353-2355: Ha m^as^ lontras - Jaguapopeba - taçape Jgipa Taguaranha saõ pretas ahô cariguemeiu saõ como doninhas mas majores.

|| **tacaranha**: v. abon.
1624 S. E. SILVEIRA *Relação do Maranhão* fl. 11*v.*: [...] outros dão balsamos, & oleos cheirosos, & almecegas, & tacamaca, & tacaranha, & outras mil diuersidades de cousas [...].

taciaí *s.m.* [< T. tasɨɯa'i < ta'sɨɯa, ita'sɨɯa 'formiga' + -'i 'pequeno' ~ VLB I. 142: *Formiga não tem genero* = A ruiua. e grande q. come as prantas Ygçauba (...) outras piqueninas. Jtaciba].
Variedade de formiga.
1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXXII. 177): Outras formigas chamam os indios taciaí, que são grandes e pretas, e criam-se debaixo do chão; também mordem, mas não se afastam muito do seu formigueiro.

tacibura *s.f.* [< T. tasɨ'ɯura ~ V. TACIAÍ].
Variedade de formiga.
1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXXII. 177): Tacibura é outra casta de formigas, que são pequenas do corpo e tem grande cabeça, tem dois corninhos nela; são pretas e mordem muito, e criam-se nos paus podres que estão no chão, e mantêm-se dêles e da umidade que êste pau têm em si.

tacicema *s.f.* [< T. tasɨ'sema ~ V. TACIAÍ].
Variedade de formiga
1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXXII. 177): Há outra casta [de formigas], a que os índios chamam tacicema, que se criam nos mangues que estão com a maré cobertos de água até o meio; as quais são pequenas, e fazem ninho na terra nestas árvores, obrados como favo de mel, onde criam; [...].

tacipitanga *s.f.* [< T. tasɨpï'taŋa ~ V. TACIAÍ].
Variedade de formiga.
1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXXII. 177): Tacipitanga é outra casta de formigas pequenas, as quais não mordem, mas não há quem possa defender delas as cousas doces, nem outras de comer. Estas se criam pelas casas em lugares ocultos que se não podem achar, mas como as cousas doces entram em casa.

|| **tacumburî**: v. abon.
1730 ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 40.27: Das medicinaes, canafistula, tamarindos, gelapa, salsa parrilha, filipodio, pao da China, malvas, tançagem, sene, a que os naturaes chamaõ Tacumburi.

tacupapirema *s.m.* Cp. ATUCUPÁ [< T. ɰatukupapi'rema < ɰatuku'pa 'corvina' + pi'rema (< 'pira 'pele' + 'rema 'fedorenta') ~ VLB II. 70: *Pele emquanto está na carne* = Pira].
Variedade de corvina.
1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXXXIII. 205): Tacupapirema é um peixe que arremeda as corvinas de Espanha, o qual morre no verão, da bôca dos rios para dentro até onde chega a maré, e tem uma côr amarelaça em fresco, e tem a carne mole, e salprêso faz-se em fôlhas como pescada, e é muito gostoso.

tacurí *s.m.* Var.: 9 *tacurí, tacurú* [< T. ?].
Espécie de formiga; cupinzeiro, ninho de cupim.
1928 M. ANDRADE *Macunaíma* x. 143: Então virou na tacurí Opalá menorzinha e foi subindo outra feita porêm Pauí-Pódole tornou a enxergar a formiga. IDEM *Ib.* xiii. 185: Macunaíma deitado de bruços divertia-se amassando os tacurús das formigas tapipitingas.

taguaíba *s.m.* Var.: 5 *taguaigba, tagoy* [< T. taɰa'iɰa ~ VLB I. 102: *Diabo* = Anhanga. Este he como gro. (*scil.* gênero) especie Curupira, Taguaíba. Jurupari. Taũba. Aguaçaíg. Guaiupîa. etc.].
Diabo, entre os indígenas.
*c*1584 CARDIM *Origem dos Índios do Brasil* fl. 1: [...] e tem grande medo do demonio ao q̃l chamaõ Curupirà, Taguaigba, [...] e he

tanto o medo q̃ lhe tem, q̃ soo de imaginarem nelle morrẽ, como acõteceo ia m^tas uezes não no adoraõ, nẽ a alguã outra criatura, nẽ tẽ Jdolos de nhuã sorte, soom^te dizem algũs antiguos q̃ em algũs caminhos tẽ certos postos aonde lhe offrecẽ alg.^as cousas p'lo medo q̃ tem delles e por naõ morrerẽ. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 676-683: Sabẽ estes Jndios q̃ o homẽ tẽ alma e depois de o homẽ morrer dizem q̃ se ha de tornar diabo de q̃ elles tẽ grande medo e chamaõ lhe m^tos nomes .s. Cururupeba anhãgua Tagoypitanga algũs Jndios os tẽ nos caminhos pitados e dizẽ se lhes naõ offeressẽ alguã cousa q̃ an de morrer e as uezes cuidaõ nisto e morrẽ por terẽ grande eficazia na jmaginação.

‖ **taguaranha:** v. abon.

*c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 2353-2355: Ha m^tas lontras — Jaguapopeba — taçape Jgija Taguaranha saõ pretas ahõ cariguemeiu saõ como doninhas mas majores.

taiaçu[1] *s.m.* Var.: 5 *tajaçú*, 6 *teasu*, 7, 9 *taiassú*, 8 *tajassú* [< T. taja'su ~ VLB II. 82: *Porco, gnlr.* = Tayaçû].

Nome genérico dos porcos do mato brasileiros que integram a família dos taiaçuídeos.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. c. 136): Criam-se nos matos da Bahia porcos monteses, a que os índios chamam tajaçú, que são de côr parda e pequenos; tudo tem semelhante com o porco, senão o rabo, que não tem mais comprido que uma polegada; e tem embigo nas costas; as fêmeas parem muitos no mato, por onde andam em bandos, comendo as frutas dêle; [...]. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 128: [...] os porquos saõ de diferentes castas como he hũa a que chamaõ — teasu — e outra — tahitetu — e da mesma maneira — teasuitê — que saõ os nomes por que saõ conheçidos os tais porquos — por serem hũs majores e outros mais piquenos [...]. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 258: [Quadrupede] Taiassú e Taititú: são duas especies de porco montez americano. 1875 Machado de Assis *Americanas* 156: Vibre a setta, que ao longe derruba I Tajassú, que roncando caminha; I. 1928 M. Andrade *Macunaíma* xvii. 252: "Vôte vôte coandú! I Vôte vôte cuatí! I Vôte vôte taiassú! I Vôte vôte pacarí! I Vôte vôte cangussú! I Êh!..."

taiaçu[2] *s.m.* Var.: 5 *taiàçu* [< T. taja'su].

Variedade de mandioca.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, I. xxxvii. 316): [...] e há outras castas [de mandioca], que chamam taiàçu e manaibaru, que se querem comestas de um ano por diante, e duram estas raízes debaixo da terra sem apodrecerem três, quatro anos.

taiaçuetê *s.m.* Var.: 5 *tajaçueté*, 6 *taiaçuetem, teasuitê, taiassùatè* [< T. tajasue'te < taja'su 'taiaçu' + e'te 'verdadeiro' ~ VLB II. 82: *Porco do mato, ou montes* = Tayaçuete, polla particula ete, não se diferẽ dos mansos somente, mas tambem doutros do mato de casta piquena a que chamaõ Taigtetu, e doutros que polla grandeza e fereza, e dentes, dizem ser os mesmos de Europa a que chamão Japuruterẽ].

Porco do mato da família dos taiaçuídeos, de compleição mais robusta do que o taiaçu.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. c. 136): Tajaçueté é outra casta de porcos monteses que são maiores que os de que fica dito, e tem toucinho como os monteses de Espanha, e grandes prêsas e o embigo nas costas, mas não são tão bravos e perigosos para os caçadores; os quais os fazem levantar com os cachorros para os flecharem; e êstes e os mais andam em bandos pelo mato, onde as fêmeas parem muitos filhos; [...]. 1610 J. Monteiro *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.*, VIII. (1949) 417: O comum mantimento deste gentio é a carne de porco montês, dos quais há sem conto, tanto que dizer entre eles traz carne do mato é o mesmo que trazer porco. São gostosos e mui sadios e vários nos nomes e grandeza. A uns chamam taiaçuetem, que quer dizer, porco verdadeiro, os quais em cousa nenhuma se diferenciam dos nossos, salvo em não terem rabo, e juntamente em terem um buraco no espinhaço por onde lançam um cheiro, que é o faro dos cães. Correm pouco, e matam-nos com facilidade. Servem-lhe os dentes a estes de cepilho e prainas, com que fazem lisos seus arcos e frechas; e com as sedas dos lombos pintam os índios a louça com mil lavores. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 128: [...] os porquos saõ de diferentes castas como he hũa a que chamaõ — teasu — e outra — tahitetu e da mesma maneira — teasuitê — que saõ os nomes por que saõ conheçidos os tais porquos — por serem hũs majores e outros mais piquenos [...]. 1648 M. Calado *O Valeroso Lucideno* IV. i. 205: [...] aonde os moradores de Parnambuco (quando Deos queria) lhe hiaõ todos os annos, aos dezasete dias de Ianeiro com os moradores daquelles matos circunuisinhos, a fazer huma festa, com Missa, & prègaçaõ; & caualgaduras dos tigres, onças & ceçuaranas, que se criaõ, & viuem entre aquellas brenhas, & tambem para que lhe defendesse as suas roçarias de farinha, & legumes, dos porcos do mato, chamados na lingua Brasilica Taiassùatè, ou Taiasùterìca, os quaes aonde chegaõ deixaõ tudo destruido; [...].

taiaçupita *s.m.* Var.: 5 *tayaçúpigta, taiaçupigtax* [< T. taja-supĩ'ta < taja'su 'taiaçu' + pĩ'taŋa 'avermelhado, pardo'].

Variedade de porco do mato da família dos taiaçuídeos; taiaçu.

*c*1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 13*v.*: Outros se chamaõ Tayaçúpigta .i. [*id est* = *isto é*] porco q̃ aguarda, ou faz fincapee. Estes acometẽ os caẽs, e os homẽs: e tomandoos os comẽ, e saõ taõ brauos q̃ he necess^o subiremse os homẽs nas aruores pera lhe escapar, e algũs esperam ao pee das aruores alguns dias até q̃ o homẽ se deça, e porq̃ lhe sabem esta manha, sobemse logo cõ os arcos e frechas ás aruores, e de laa os mataõ. 1610 J. Monteiro *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.*, VIII. (1949) 417: Ha outra casta [de porco montês] taiaçupigtax, que quer dizer porco que faz finca pé, ou que aguarda. São mui peçonhentos, de ordinário matam os cães e logo os comem; e os índios, se não se sobem a árvores, correm o mesmo perigo.

taiaçutirica *s.m.* Var.: 5 *tayaçutirica, tajaçutirica*, 6 *taiaçutirigua, taiasùterìca* [< T. taiasuti'rika < taja'su 'taiaçu' + ti'rika 'ruído de estalo' ~ VLB I. 127: *Estalar como a aruore pera cahir, ou a trauessa da casa. etc.* = Apuruc. Atiric].

Variedade de porco do mato da família dos taiaçuídeos; taiaçu.

*c*1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 13*v.*: Ay outros chamados Tayaçutirica, .i. [*id est* = *isto é*] porco q̃ bate, e trinca os dentes saõ mayores q̃ os comũs, e mais raros, e com seus dentes atassalhaõ quantos animaes achaõ. 1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. c. 136): Tajaçutirica é outra casta de porcos monteses maiores que os primeiros, que tem os dentes como os monteses de Espanha; e os índios que os flecham, hão de ter prestes aonde se acolham, porque se não põem em salvo com muita presteza, não lhes escapam, os quais são muito ligeiros e bravos, e tem também o embigo nas costas; e não tem banha nem toucinho, mas a carne mais gostosa que os outros; e em tudo mais são como êles. 1610 J. Monteiro *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.*, VIII. (1949) 417: Há outras [*espécies de porco montês*], a que eles [*gentios*] chamam taiaçutirigua, porco que bate os dentes. Estes matam os cães muitas vezes; não andam juntos, mas à volta dos verdadeiros como homiziados. São mui pretos, e maiores, e boa carne. 1648 M. Calado *O Valeroso Lucideno* IV. i. 205: [...] aonde os moradores de Parnambuco (quando Deos queria) lhe hiaõ todos os annos, aos dezasete dias de Ianeiro com os moradores daquelles matos circunuisinhos, a fazer huma festa, com Missa, & prègaçaõ; para que lhes guardasse, & defendesse seus gados, & caualgaduras dos tigres, oncas, & ceçuaranas, que se criaõ, & viuem entre aquellas brenhas, & tambem para que lhe defendesse as suas roçarias de farinha, & legumes, dos porcos do mato, chamados na lingua Brasilica Taiassùatè, ou Taiasùterìca, os quaes aonde chegaõ deixão tudo destruido; [...].

taioba *s.f.* Var.: 5 *tajaoba*, 5, 8-9 *taioba*, 6 *tajoba, taiaoba, tajóba*, 7-8 *tayoba*, 7 *taióba* [< T. taja'oua < ta'ja 'tajá' + 'oua 'folha'].

Planta da família das aráceas, cujas folhas, picadas e cozidas, são comestíveis e se assemelham à couve; tajá.

*c*1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 23*v.*: [...] e hũas tajaobas q̃ saõ como couues e fazem purgar, [...]. 1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, I. xliv. 330): As fôlhas dêstes mangarazes nascem em moitas como os espinafres, e são da mesma côr e feição, mas muito maiores, e assim moles como as dos espinafres, as quais se chamam taiobas, que se comem esperregadas como êles; e são muito medicinais, e também servem cozidas com o peixe. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 96*v.*: [...] e da mesma maneira hũa Raiz que se colhe debaixo da terra chamada tamotarana, asaz gostoza, e pello conseguinte outra a que daõ nome de tajoba, e outra chamada .Taia. que todas são Raizes de muita sustancia [...]. Idem *Ib.* iv. fl. 105*v.*: [...] e da mesma maneira outra sorte de folha aque chamaõ tajoba a modo de couues grandemente estimadas. 1627 V. Salvador *Hist. Brasil* I. vi. fl. 14: [...] e alem destas ha outras coves da mesma terra chamadas taiaobas, das quais comem tambem as raizes cozidas, que saõ como batatas pequenas. 1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 79. 157: [...] cipó de camaras, béthele, pimenta quatro generos; gingibre, cayapià, caapèba, caraóba, caâtimay, caàtaya, jetîca, vrùcatú, jaborandi, nhambi, tajóba, jeçapé, inimboya. Todas estas são eruas medicinaes, das mais conhecidas, & vsadas, de virtudes tão raras, que fora necessario hum Dioscorides pera descreuellas. 1730 Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 40. 27: Das hervas naturaes comestiveis saõ principaes os quiabos, os gilôs, e os maxixeres, as largas tayobas, a peitoral maniçoba, que se guiza das folhas de mandioca, as cheirosas pimentas de muitas especies, e cores, que servem ao

gôsto, ao olfato, e à vista. 1781 DURÃO *Caramurú* VII. xxxi. 205: A taióba agradavel nos comeres: | O palmito de folha delicada, |. 1865 J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, xxii. 135): Iracema, [...] veiu-lhes ao encontro, trazendo na folha da taioba favos de mel purissimo. 1871 IDEM *O Tronco do Ipê* I. viii. 94: [...] é um raio mais vivo scintilando nas largas folhas humidas da taioba, lançou as reverberações da esmeralda sobre os louros cabellos; o busto se debuxou e coloriu. IDEM *Ib.* II. ix. 107: Covando a folha de tayoba, que Mario lhe trouxera, a moça occupada em arranjar os figos, continuou a garrular [...]. 1895 COELHO NETO *Miragem* I. v. 81: [...] sentou-se á soleira da porta fumando, e contemplava o infinito céu estrellado e sereno, quando presentiu rumores por entre as folhas das tayobas. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* xvi. 259: Botara um vidro na boca duma furna mirim, tapava e destapava o vidro com uma folha de taioba. 1929 G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* xvi. 267-268: Salvador de Sá exhibia o seu nacionalismo, comendo pausadamente de pratos essencialmente brasileiros. Eram o|tutú,|o cuscús paulista, o lombo de porco, o macuco e os legumes taioba, tayá, mangerico, mandioca, aipim.

taiobeira *s.f.* [< taiob(a + -eira].

Taioba.

1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 115: Entra pelas janelas [o perfume] longo pampa!, vindo dos cacos, das frinchas, das taiobeiras, das bananeiras, de tôdas as águas, de qualquer lugar.

taiobuçu *s.m.* Var.: 5 *taiaobuçu* [< T. taɨaoɰu'su < taɨa'oɰa 'taioba' + u'su 'grande'].

Variedade de taioba.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, I. xliv. 330): As fôlhas [das taiazes] são grandes, de feição e côr dos plátanos que se acham nos jardins de Espanha, aos quais chamam taiaobuçu; comem-se estas fôlhas cozidas com peixe em lugar dos espinafres, e com favas verdes em lugar das alfaces, e tem muito avantajado sabor: os indios as comem cozidas na água e sal, e com muita soma de pimenta.

taioca *s.f.* [< T. ta'oka ~ VLB I. 142: *Formiga não tem genero* = A ruiua. e grande q. come as prantas. Ygçauba (...) outras que tẽ as bocas, ou dentes como anzolos de q. vzão para peixinhos muyto piquenos. Taoca (...)].

Variedade de formiga.

1928 M. ANDRADE *Macunaíma* iii. 33: Passava os dias marupiara na rede matando formigas taiocas, [...].

taiuiá *s.f.* Var.: 8 *tayuya* [< T. taɨu'ɨa].

Planta da família das cucurbitáceas, espécie de abobreira.

1817 CASAL *Corografia Brazílica* II. 48: A *tayuya* he uma especie de abobreira util para compor tinta amarella, e curar hydropizias. Seu fructo he redondo com uma polegada de diametro.

tajá *s.m.* Var.: 5 *taiazes* (pl.), 6 *taia*, 7-8 *tajá*, 7 *taiá*, 9 *tayá* [< T. ta'ɨa].

Nome comum a várias plantas da família das aráceas.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, I. xliv. 330): Dão-se nesta terra [Bahia] outras raizes, que se chamam taiazes, que se plantam como os mangarazes, e são de feição de maçarocas, mas cintadas com uns perdilos com barbas, como raizes de canas de roça, as quais se comem cozidas na água, mas sempre ficam têsas. As fôlhas são grandes, de feição e côr dos plátanos que se acham nos jardins de Espanha, aos quais chamam taiaobuçu; comem-se estas fôlhas cozidas com peixe em lugar de espinafres, e com favas verdes em lugar das alfaces, e tem muito avantajado sabor: os índios as comem cozidas na água e sal, e com muita soma de pimenta. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 96*v.*: [...] e da mesma maneira hũa Raiz que se colhe debaixo da terra chamada tamotarana, asaz gostoza, e pello conseguinte outra a que daõ nome de tajoba, e outra chamada. Taia . que todas saõ Raizes de muita sustançia [...]. 1721 F. F. HENRIQUES *Âncora medicinal* (ed. 1731, 216): Tajá. Tambem he raiz cultivada no Brazil, e de varias cores: he fria e humida; em tudo semelhante ao Umeri, de que acima fallamos. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 264: [Plantas e hervas.] Taiá. Miri. 1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 13: [...] diversas qualidades de arbustos, a que chamam geralmente *tajá*, que são antidotos contra os venenos dos reptis, a *caróba*, e o *araranin*, ou *coructatiua*, excellente dissolutivo das hidropezias reduzido a cinzas: [...]. 1929 G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* xvi. 267-268: Salvador de Sá exhibia o seu nacionalismo, comendo pausadamente de pratos essencialmente brasileiros. Eram o tutú, o cuscús paulista, o lombo de porco e os legumes taioba, tayá, mangerico, mandioca, aipim.

tajacica *s.f.* Var.: 7 *tajasica* [< T. taɨa'sika].

Peixe da família dos gobídeos.

1721 F. F. HENRIQUES *Âncora medicinal* (ed. 1731, 169): Tajasica. Este peixe acha-se no Brasil, e os pescadores os tiraõ com os pés da area em que se esconde. He de bom gosto, e nutriçaõ segundo escreve Guilherme Piso.

tajamembeca *s.m.* Var.: 8-9 *tajá membéca* [< T. °taɨame'-ŋeka < ta'ɨa 'tajá' + me'ŋ eka 'mole'].

V. abon.

1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 105/106): E mais, jarauassica e folhas de café para regularizar as funcções; [...]; tajá membéca afim de recolher os pulmões dos pés; [...]. 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* ix. 107: Tanto mau olhado como quebranto arreiam espinhela do proximo. Tajá membéca passadozinho antes no fogo p'ra quebra sustancia da folha, com sebo de Hollanda, é muito prestimoso.

tamanduá *s.m.* Var.: 5 *tamendoá, tamẽdoá, tamanduâ*, 5-9 *tamanduá*, 5-6 *tamandua*, 5 *tamãdua, tamaẽdua*, (6 *tamendoasu, tamandosu*), 6 *tamandúa, tamãdúa*, 6-8 *tamandoá*, 8 *tamanduhá* [< T. tamaɳu'a].

Mamífero desdentado da família dos mirmecofagídeos.

O aspecto exótico do tamanduá e o seu hábito de se alimentar de formigas causaram grande admiração nos primeiros cronistas do Brasil, como atestam as passagens abonatórias adiante transcritas.

[1560 ANCHIETA *Carta* in S. Leite *Cartas* III. (1958) 221: Est et aliud animal deforme visu, Indi *tamanduá* vocant;|. 1576 GÂNDAVO *Hist.* vi. fl. 22*v.*-23: Outro genero de animais ha na terra a que chamam Tamendoás, Tamẽdoás, q̃ seram tamanhos como carneiros: os quaes sam pardos, & tem hum focinho muito cõprido & delgado pera baixo: a boca nam tem rasgada como a dos outros animaes, & he tam pequena, que escassamente caberam por ella dous dedos. Tem hũa lingua muito estreita & quasi de tres palmos em comprido. As femeas tem duas tetas no peito como de molher, & o vbre lãçado em cima do pescoço entre as pás, donde lhes dece o leite às mesmas tetas com que criam os filhos. E assi tem mais cada hũ delles duas vnhas em cada mão tam compridas como grandes dedos, largas á maneira de escóuparo. Tambem pelo conseguinte tem hũ rabo muy cheo de sedas & quasi tam compridas como as de hum cauallo. Todos estes extremos que se acham nestes animaes, sam necessarios pera cõseruaçam de sua vida: por que nam comem outra cousa senam formigas. E como isto assi seja, vãose com aq̃llas vnhas a arranhar nos formigueiros onde as ha: & tanto que as tem agrauadas, lãçam a lingua fora, & poemna ali naq̃lla parte onde arranhãram, a qual como se enche dellas, recolhem pera dẽtro da boca, & tantas vezes fazem isto, ate que se acabão de fartar. E quãdo se querem agasalhar, ou esconder de algũa cousa, leuantam aquelle rabo, & lançamno por cima de si, debaixo de cujas sedas ficam todos cubertos sem se enxergar delles cousa algũa. *c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 14-14*v.*: Tamanduâ. Este animal he de notauel admiração: he do tamanho de hũ grande caõ mais redondo q̃ comprido; e o rabo será de dous comprim^tos^ do corpo, e cheo de tantas sedas, q̃ polla calma, e chuua, frio, e uentos, se agasalha todo debaixo delle sem lhe aparecer nada, a cabeça he piquena, o fucinho delgado, nẽ tem mayor boca q̃ de huã almutulia, redonda, e naõ rasgada a lingoa sera de tres grandes palmos de comprimento e com ella lambe as formigas de q̃ somente se sustenta. he diligente em buscar os furmigr^os^, e com as unhas q̃ sam do comprimento dos dedos da maõ de hũ homẽ o desmancha. e deitando a lingua fora pegamse nella as furmigas. e assi a sorue porq̃ naõ tem boca pera mais q̃ quanto lhe cabe a lingoa chea dellas, he de grande ferocidade, e acomete muito a gente, e animais. As onças lhe haõ medo, e os caẽs sobreman^ra^, e qualquer cousa q̃ tomaõ cõ suas unhas espedaçãõ naõ se comẽ, nẽ prestaõ pera mais q̃ pera desençar os furmigueiros, e saõ elles tantos q̃ nunca estes animais os desbarataõ de todo. 1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. xcviii. 132): Tamanduá é um animal do tamanho de uma raposa, que tem o rosto como furão; a côr é preta, o rabo delgado na arreigada, e com o cabelo curto; e daí para a ponta é muito felpudo, e tem nela os cabelos grossos como cavalo, e tamanhos e tantos que se cobre todo com êles quando dorme; tem as mãos como o cão, com grandes unhas e muito voltadas, de que se fazem apitos. Êste bicho se mantém de formigas que toma da maneira seguinte: chega-se a um formigueiro, deita-se ao longo dêle como morto, e lança-lhe a lingua fora, que tem muito comprida, ao que acodem as formigas com muita pressa: e cobrem-lhe a lingua umas sôbre outras; e como a sente bem cheia recolhe-a para dentro, e engole-as; [...]. *c*1590 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. M) 146-149: Teue esta gente algũa noticia do diluuio mas cõtam de differente modo e dizem q̃ deos se anojara e hũ animal q̃ chamam tamandua foise p^a^ o ceo com huã èxada e de lla chaio a èxada e cauou tanto por si na terra q̃ se abriraõ m^tas^ e alagaraõ todo o mundo. IDEM *Ib.* 345-348: tamandua he como hũ

galgo naõ corre mas aonde lansa maõ he como omça tem hũ rabo q̃ lhe cobre todo o corpo sem aparecer mais q̃ huã cabana de sedas deita a lingoa tres palmos grandes fora e vem formigas e ẽchẽna e assi as comem e disto se sostentaõ os formigeiros. *c*1594 IDEM *Ib.* (ms. C) 698-694: [...] e o tamãdua q̃ chamaõ filho de deos sobio pera o Ceo [...]. IDEM *Ib.* 710-712: As redes Louca [*sic*] e mais cousas dizẽ q̃ as deu o tamaẽdua de quẽ tẽ grande medo [...] IDEM *Ib.* 1036-1054 Tamandua He como hũ bõ caõ a maneira de galgo o Rabo mais cõprido q̃ o corpo e as sedas m^to^ mais grosças q̃ as de porco e m^to^ cõpridas e q^do^ choue ou faz grãde sol bota o Rabo per sima das costas e todo se cobre q̃ fiqua como huã cabana todo cuberto a cabeça piquena o focinho cõprido como funil sua limgoa sera de tres ate 4 palmos redonda as vnhas saõ como dedos mas agudas como punhal a tigre ou a qualquer cousa q̃ elle lança maõ despedaça os pes como homẽ e assi espera sẽ temer nada e tẽ grãde força tẽ huãs manchas de preto e brãco o seu comer he fromigas caua cõ as maõs ẽ algũs fromigeiros e saẽ as fromigas elle bota a lingoa fora e deixa a emcher emtaõ comeas aj outros piquenos e todos estes naõ corrẽ m^to^ e mais corre m^to^ hũ homẽ q'elles Os Jndios naõ o comẽ q' tẽ agoiro. **1610** J. MONTEIRO *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.*, VIII. (1949) 419: Tamanduá. É este animal do tamanho de um bom cão, tem o rabo mais comprido que o corpo, fornecido com sedas aventejadas na grossura às do porco: serve-lhe de casa, porque com ele se cobre todo e defende do sol e da chuva; tem a cabeça muito pequena, e o focinho mui comprido, a modo de um funil, a boca estreita, capaz só da grossura de um dedo, a lingua comprida, 3 ou 4 palmos, redonda e delgada, as mãos e pés curtos, grossos e fortes, e neles quatro unhas como dedos de homem, mas mui agudas, e tudo o que alcança entre os braços mata, seja tigre, onça, cães, ou homens, o que faz ensopando na presa mui amiudamente as unhas. E esta é a causa porque a ninguém teme, a todos espera. Alevanta-se nos pés, e sobre eles se sustenta muitas vezes como urso. O corpo é talhado de preto e branco. Seu mantimento são as formigas, as quais cavando-lhe os formigueiros, faz sair debaixo da terra e com a lingua as apanha, e desta maneira passa a vida. Há outros mais pequenos, a que chamam, *tamanduá merim*. Não comem os Indios estes animais, porque não correm, e eles têm pera si que as naturezas e condições daquilo que comem se muda nelas. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 131: [...] tamendoasu — he hũ animal de cor parda e branca do tamanho de hũ poldro de seis mezes o coal tem o Rabo taõ comprido e larguo — que he bastante cobrillo todo dos peis ate a cabeça e a sua carne he muito bõa de comer [...]. **1627** V. SALVADOR *Hist. Brasil* I. ix. fls. 16*v*.-17: Tamandosu he hum animal tam grande como carneiro, o qual he de cor parda com alguas pintas brancas tem o fucinho comprido e delgado pera baixo, a boca naõ rasgada como os outros animaes, mas pequena, e redonda, a lingoa da grossura de hum dedo, e quazi de tres palmos de comprido, as vnhas â maneira de escopros, o rabo mui povoado de serdas, quazi tam compridos como de cavallo, e todas estas couzas lhe saõ necessarias; p^a^. conservar sua vida; porque como naõ coma outra couza senaõ formigas, vayse com as vnhas cavar os formigueiros, athe que sayaõ da cova, e logo lansa a lingoa fora da boca pera que se peguem a ella, e como a tem bem chea a recolhe pera dentro, o que fas tantas vezes athe que se farta, e quando se quer esconder aos cassadores lansa o rabo sobre si, e se cobre todo com suas sedas, de modo que não se lhe vem pés, nem cabessa nem parte algúa do corpo, e o mesmo fas quando dorme, gozando de baicho da quelle pavilhaõ hum sono tam quieto, que ainda, que disparem juncto huá bombarda, ou caya hua arvore com gr^de^. estrepitu nam desperta, se naõ he sómente com hum assobio, que por pequeno, q̃ seja o ouve logo, e se levanta. A carne deste animal comem os Indios velhos, e naõ os mancebos, por suas supertições, e agouros; [...]. **1648** M. CALADO *O Valeroso Lucideno* I. iv. 53: [...] alli tinha os tigres, a onça, a cissuarana, o tamandua, o bugio, o quati, o sagoim, o apereà, as cabras do Cabo verde, os carneiros de Angola, a cutia, a paqua, a anta, o porco jauali, grande multidaõ de coelhos, & finalmente naõ auia cousa curiosa no Brasil q̃ alli não tiuesse, [...]. **1663** S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* I. § 71. 45: Outras de animaes de caça, antas, veados, porcos monteses, & aquarios, pacas, tatús, tamandúas, lebres, coelhos, & estes de 5. ou 6. especies. Outras de animaes de gosto, & recreação, monos, macacos, bugios, çaguiz, preguiças, cotias, & outras especies sem conto. IDEM *Ib.* II. § 102.177: Remetome aos livros citados, & repito sómente os nomes: pacas, tatús, tamãdúas, coelhos, estes de seis especies; bogios, ságuiz, macacos, preguiças, cotías, coatis, londras: seria longo cõtar todos. *a*1667 HERIARTE *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 188): Tem [o rio Amazonas grandes cobras de agoa; na terra, onças, tigres, pantheras, leôespardos; muitas antas, porcos, veados, coelhos, tatús, cutias, pácas, capiváras, javotins, tamandoás, matamatas, bugios de diversas castas, avestruzes, tiriuos, jaburús, iguanas, papagaios, araras, canindés, mutús, muitos patos, marrecas e outras muitas e diversas aves: cantidade de galinhas, periazes, sauxazes, e outros muitos, todos bons para sustento da vida. *a*1696 G. MATOS *Obras* (ed. 1969, V. 1147): eis que dous Surucucus I como dous Jaratacacas I vi vir atrás de umas Pacas, I e a não ser um Preá I creio, que o Tamanduá I não escapa às Gebiracas. I- **1751** A. ROLIM *Relação* in RIH, VII. (1846) 495: A 2 de Janeiro se matou um tamanduá, o bicho mais raro que encontrei desde que, ando pela America. O tamanho era de um porco grande, ao qual se parece nas sedas, ainda que muito mais crescidas, e com suas malhas. O rabo é do feitio de uma pluma, tão comprido e largo que se cobre todo com elle; o focinho comprido e agudo, a lingua em extremo delgada, e do comprimento de um covado ou mais. O seu sustento são formigas, que apanha mettendo a lingua pelo ôco dos paus em que ellas estão; em sentindo bastantes pegadas n'ella, a recolhem: com usarem de tão fraco sustento, são animaes muito forçosos, de sorte que matam as onças. Assim que as vêem, se deitam de costas, e quando a onça lhe dá o salto, a aperta nos braços, em que tem muita força, e com duas unhas que tem em cada mão, muito rijas, a atravessa até o coração. **1757** D. L. COUTO *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 37: Para a caça; Antas, veados, porcos montezes, capivairas, Pacas, Tatus, Cotias, Tamanduás, Lebres, Coelhos, e Quatis. **1763** J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 184: Tambem se faz celebre um animal chamado tamandoássú; elle tem o pescoço de cavallo, o corpo de pôtro novo, é de quatro pés, e muito feroz, de sorte que com as afiadas, fortes e penetrantes unhas maiores que as da preguiça, apertando entre os braços a onça, a estala, corta e retalha. Tem a lingua excessivamente comprida e larga, quasi como uma espada; por uma pequena bocca sahe a lingua, e a estende em sitio onde estão formigas, que a cobrem e picam, e elle então vai recolhendo a presa e aproveitando-se da caça. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 258: [Quadrupede] Tamanduá-uassú, Tamanduá-í, Tamanduá simples e de duas variedades, amarello e preto. **1783** M. C. ABREU *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 265: Do referido salto [do Cayurú] para cima se compõe o rio de campos deleitosos, nos quaes, das mesmas canoas em que se vae navegando, se estão divertindo os olhos em ver os animaes que pastam nelles, como são veados brancos, cervos, lobos, tamanduás-guassús, e da mesma fórma perdizes, codornizes, [...]. **1789** F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 15-16: Tamanduá-guaçu, o maior dos Tamanduás com a cabeça pequena subcompressa; Focinho extenso; orelhas minimas, por dentro calvas; olhos grãdes; bôca angusta sem dentes. IDEM *Ib.* II. 21: Tamanduá Myrim com a cabeça parva subcompressa; rostro extenso; bocca angusta; orêlhas ponti-agudas; cauda pouco menor, que o corpo; maons tetradactyles; pes pentadactyles todos fissos; [...]. **1792** F. O. BARBOSA *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 27: Do referido salto [do Cayurú] para cima se compõe o rio de campos deleitosos, nos quaes pastam veados brancos, antas, cervos, porcos, lobos, tamanduás-guassús; [...]. **1806** in RAPM, VI. (1901) 770-771: Dá-se tambem na Capitania o tamanduá-bandeira, tomando este nome da grande cauda de compridas sedas, com a qual marcha levantada em forma de bandeira: [...] Sem dentes, nutre-se de formigas, e cupins. Seus braços curtos e musculosos são armados de tres grandes unhas sobremaneira curvas, [...]. Faz sua habitação ordinaria nos capoens de matos; [...]. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* I. 70: Ha duas raças de *tamanduhás* pequenos e grandes: o maior, chamado tamanduhá *bandeira*, he do tamanho d'um porco mediano, ao qual se assemelha no corpo em quanto cuberto de cabello como de javali, negro, e basto, com uma lista russa em cada lado: as orelhas sam redondas, e extremamente pequenas, focinho muito comprido, e assaz delgado terminando com semelhança do de cordeiro; boca muito pequena, e sem dentes; lingua compridissima, e estreita com que apanha o *cupim*, [...]. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 26: [...] as armas do *tamandoá* consistem unicamente nas suas unhas de meio palmo de comprimento, enterra-se pelo corpo da onça, e tal he a força do seo pulso que a subjuga, ficando nesse estado até expirarem ambos. [...] seo inimigo maior he o *tamandoá-assú*: do combate destes dous animaes se segue a morte a ambos: [...] *tamanduás merins* por differença dos grandes, ou *bandeiras* já mencionados: [...]. **1846** MARTINS PENA *O Judas em sábado de Aleluia* (ed. 1956, I. 131): — É pena que o menino vá viver por essas brenhas com as feras da Hircânia, com os tatus e tamanduás. **1847** A. LEVERGER *Rio Paraguai* in RIH, XXV. (1862) 232: Os campos limpos são habitados por *Cervos* e *Veados*; os capões por bandos de *Macacos* e *Bugios*. Uma vez por outra apparecem *Antas, Pacas, Tamanduás, Ouriços, Tatús*, e varios reptis, como *Camaleões Sinimbús*. **1856** D. MAGALHÃES *A Confederação dos Tamoyos* II. 38: Jajoanharo e Araray ambos aos ombros I Tem de tamanduás rajadas pellas. **1863** M. A. PORTO ALEGRE *Brasilianas* 169: Ninguem o vio trepidar; I Tamanduá impassivel, I O tigre cruel, flexivel, I No posto espera e o abraça, I E co'as unhas lhe traspassa I Morte tenaz e terrivel. **1865** J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, xiv. 88): [...] o chefe pytiguara, prudente como o tamanduá, pensou e respondeu. **1868** J. M. MACEDO *Memórias do Sobrinho de meu Tio* II. xiii. 249: — Compadre, era preciso que o governo fosse tamanduá para acabar com o maldito formigueiro. **1872** B. GUIMARÃES *Hist. e Trad. Minas* III. iii. 222: Jupyra saltou lestamente da rede, tomou o arco e flechas, e embrenhou-se no capão, sem que sua mãe, que estava occupada em esfolar um tamanduá, desse fé d'aquelle movimento. **1872** TAUNAY *Inocência* (2ª ed., 1884,

xii. 123): Tinha os pés n'uma bonita pelle de tamanduá-bandeira, onde se acocorára, conforme o habito, o anão a quem Pereira chamára de Tico. 1874 J. ALENCAR *Guerra dos Mascates* II. ix. 127: O Nuno, que era um grande abelhudo, certo dia espiando pelo buraco da fechadura, tinha visto na alcova da mãi, uma perna tão cabelluda que a principio lhe pareceu de tamanduá. 1875 IDEM *O Sertanejo* II. iii. 37: Nos taboleiros, um bando de emas apostavam carreira com os veados campeiros; as raposas davam caça ás zabelês; e o tamanduá passeava gravemente hasteando o longo penacho de sua cauda á guiza de bandeira. 1888 INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, II. viii. 72): [...] não contava entre os seus planos de futuro, [...] o de ser estraçado por uma vara de caetetús, para regalo de urubús vorazes, ou de perder o ultimo alento no abraço apertado do tamanduá bandeira, de unhas cortantes como navalhas. 1898 A. ARINOS *Pelo Sertão* 194: Saltando-lhe nas costas, dei-lhe um abraço de tamanduá no pescoço. 1898 IDEM *Os Jagunços* I. iii. 125: Para dizer que é algum tamanduá bandeira, tambem não é, porque tamanduá tem o pêlo escuro. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* xvii. 253: Quando o mano voltou prá tapera Macunaíma pegou na violinha, fez tatequal reparara e veio uma imundicie de caça, viados cotias tamanduás capivaras tatús [...]. 1929 G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* xii. 179: As victimas são animaes enfeitados, leitões com laços de fitas, perús, gallinhas, um tatú desconfiado, um tamanduá-bandeira comedor de formiga, cobiçado pelas mulheres, [...]. 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* viii. 92: — Nhá Andreza deu um abraço tão forte no irmão mangáua, que só tamanduá [...]. 1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 51: Mas, em vez de vir cá para o grupo, Tote continua falando com Silvino, a gingar, como um tamanduá de abraço armado, ao saber dos arrancos do lobuno trotão: [...]. 1950 JORGE DE LIMA *Guerra dentro do beco* xxxii. 252: Viu mesmo o grande Magnus dobrar a lingua em forma de canudo e estirá-la além dos lábios como uma lingua de tamanduá. 1956 GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 448: Deu silêncio. Aquilo tardou assim: feito o tamanduá a lingua põe, feito quem quer comungar.

tamaquaré *s.m.* Var.: 8 *tamacuarí* [< T. *tamakụa're].
Planta da família das gutíferas.

1883 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 15: [...] *tamacuarí*, arbusto mediano, cuja raiz he applicada contra as gonorrhéas; [...].

tamaracá *s.m.* [< T. itamara'ka ~ VLB I. 65: *Campa pello cino* = Jtamaracâ. *Ib.* II. 118: *Sino, ou Campa* = Itamaraca].
Espécie de chocalho indígena; maracá.

1627 V. SALVADOR *Hist. Brasil* I. xv. fl. 26*v.*: [...] enfeitado com seu arco, e flechas, espada e tamaracá, que he hum cabasso com pedrinhas dentro com que costumão tanger, [...]. 1761 JABOATÃO *Novo Orbe Seráfico Brasílico* I. i. 154: Tamaracá, quer dizer. Vaso, que faz som, ou estrondo na ponta, ou bico da Canoa, isto he na lingua dos Gentios. Porque *Maracá*, na sua lingua, significa vaso que soa. Estes vinhão a ser huns certos instrumentos de que usavaõ, assim nas suas festas, como em guerras, particularmente em as navaes. Estes Maracás os faziaõ elles, ou mayores, ou mais pequenos; estes os faziaõ dos chamados Cuyatés, [...].

tamarana *s.m.* Var.: 6-7 *tamarana*, 8 *tamarána* [< T. *ita-ma'rana < i'ta 'pedra' + ma'rana 'guerra' ~ VLB I. 152: *Guerra. Bellum* = Marãtecô. Marãna. Goarinỹ].
Espécie de clava indígena; cuidaru.

*a*1667 HERIARTE *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 171): As suas armas [*dos índios*] são arcos de frechas, e uns páos lavrados a seu modo que lhes serve de espada, a que chamão *Tamarana*, ou páo de *jucar*, com que quebram as cabeças de seus inimigos. 1770 in *Annexes du premier Mémoire du Brésil* I. (1903) 180: Tambem he commum a todos o uso do arco, flexas, e lanças envenenadas, e de páos semelhantes aos Cudaruz e Tamaranas, de que já aqui se tratou. 1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 129: [...] o tamarána he outra forma de cacete de madeira rija e pesada de dez palmos de cumprimento, e um tanto chato; [...].

tamatarana *s.f.* Var.: 6-7 *tamotarana, tamatarana*, 7 *tamoatarana* [< T. *ita*ɱ *eta'rana < i'ta 'pedra' + ɱ e'tara 'metara' + + 'rana 'semelhante' ~ cp. METARÁ].
Planta da família das marantáceas (*Saranthe marcgravii* Pickel).

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 96*v.*: [...] e da mesma maneira hũa Raiz que se colhe debaixo da terra chamada tamotarana, asaz gostoza, e pello conseguinte outra a que daõ nome de tajoba, e outra chamada .Taia. que todas saõ Raizes de muita sustançia [...]. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 176*v.*: tamotarana he desta he desta [*sic*] forma que aqui esta pimtado e tem as folhas de palmo e meio e a frol bramqua e a rais he tamanha como hũ ovo de gualinha he bom comer cozida e acada e he muito quemte. *a*1667 HERIARTE *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 169): Tem [esta ilha] muitas fructas, ananás, pacovas batatas, canas de assucar, quarazes, guriazes, tamataranas, laxaces, melões, balancias, uvas, figos, romans, limoens, laranjas, e outras muitas. 1721 F. F. HENRIQUES *Âncora medicinal* (ed. 1731, 217): Tamoatarana. Esta raiz cultiva-se no Brazil; he fria, e humida, he muito gostosa; come-se cozida; nutre pouco, e he flatulenta. 1730 ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 39. 26: [...] batatas, inhames, geremûs, carazes brancos, roxos, e de qutras cores, e castas, mangarâs, mangaritos, tamataranas, remedio insigne para enfermos de estilicidio, e asma. 1782 F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* I. v. 74: De raizes q̃ merecẽ o nome de batatas tenho eu conhecimento de oito especies, q̃ são de Batatas propriamente ditas S. Batata branca. roixa, e amarella. O Inhame, o Cará, o Mangará, a Tamotarana, e o Corredor.

tamatiá *s.m.* Var.: 6 *tamatian* [< T. tamati'ã].
Nome comum às aves piciformes da família dos buconídeos e às ciconiformes da família dos ardeideos.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 114: [...] outra Ave pouoa os campos desta terra de belissimas penas chamada — tamatianguasu — o coal avoa sempre muito por alto por onde vay formando hũas vozes que paresem humanas [...]. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 187*v.*: tamatian nome de negro he hũ pasaro de tamanho de hũa galinha de cor sinzento e o biquo pretto a pluma da cabesa e branqua e tem hũs sinais brancos os olhos a modo de orelhas tãobẽ brancos os olhos são a modo de cor laranjado os pés amarellos e crião en cima dos manguès è m[tas] ilhas crião tres e coatro filhos os ouos são de cor uerde mar e serue p[a] comer tẽ plumas pequenas pardas.

tambaqui *s.m.* Var.: 6, 8-9 *tambaqui*, 8 *tambaquê* [< T. *ta ɱ a'ki].
Peixe da família dos caracídeos.

*c*1698 J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 355: [...] e tem varias castas de peixe, até peixe-boi, pirahybas, mas os indios não os comem, sustentam-se de uma casta do peixe que chamam Tambaquiz, mui gostosos; [...]. 1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 34: [...] *caranhas* peixe de escama, e pouco differente do *tambaquê*. [...]. 1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 139): [...] que na tarde do dia em que Benedicta desapareceu, tendo ella testemunha ido pescar tambaquis no igapó, perto do dito sitio [...]. 1888 INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, I. v. 298): A morte podia surprehendel-o [...] tornando-o [...] deslembrado de Deus, a quem servia tibiamente no descanço do parochiato [...] nutrindo o corpo de gallinhas gordas e de tambaquis saborosos, acompanhados d'um suave vinho verde, espesso e cheiroso. 1895 J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazónia* I. vii. 101: Na pequena pesca, a do tambaqui vem em primeiro lugar. É um peixe grande, largo, carnudo e saboroso. Atinge a 50 e 60 centimetros, com uma altura maxima de 22 a 30. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* iv. 49: Perguntaram pra todos os seres aperemas saguís tatús-mulitas tejús mussuãs da terra e das árvores, tapiucabas chabós matinta-pereras pinicapaus e aracuãs do ar, pra ave japiim e seu compadre marimbondo, prá baratinha casadeira, pro passaro que grita "Taam!", e sua companheira que responde "Taim!" e prá lagartixa que anda de pique com o ratão, pros tambaquis tucunarés pirarucús curimatás do rio, os pecaís tapicurús e iererês da praia, todos êsses entes vivos mas ninguem não vira nada, ninguem não sabia de nada. 1930 G. CRULS *A Amazónia que eu vi* 122: [...] acolá, um *tororó* de fructinhas miudas, usadas no anzol, como isca aos tambaquis. 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* xviii. 210: Quando este começou a ser recolhido, surgiram não só os bellos tambaquis, como os tucunarés e os jandiás.

també *s.m.* Var.: 6 *tambeó*. Cp. TIMBU [< T. ta'ɱ e ~ VLB I. 52: *Barriga so a parte della do imbigo para baixo* = Jgbîgoa. A outra parte quando diz de uerilha a uerilha, chama-se Tambê, I, çambê].
V. abon.

1663 S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 101. 176: O que he mais extraordinario nelle [çariguê], he q̃ na parte inferior do ventre lhe formou a natureza hũ bolso, a que os Indios chamão tambeó, & neste mesmo lhe incluío os peitos com oito tetas. Aqui concebe, gèra, fòrma, & cria os filhos, em quãto per si naõ saõ capazes de buscar de comer; & deste bolso saem fòra, & tornam a entrar quãdo querem.

|| **tambuape**: v. abon.

1716 J. C. SEMEDO *Memorial* in *Brasília* III. (1946) 249: Raiz de tambuape, & suas virtudes. Nasce na Bahia, & tem grande virtude contra veneno; preparada, & bebida em agua serve contra as dores de estomago e lombrigas [...].

tamburupará *s.m.* Var.: 8 *tamburú-pará*, 9 *tangurupará* [< T. ?].
Ave piciforme da família dos buconídeos.

1888 INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, I. ii. 91): Mas compensando o atrazo intellectual e litterario, o Antonico atirava com arco e flecha, governava uma montaria, laçava um boi com ligeireza, subia á arvore mais alta para desanichar uns ovos de japiim ou de tamburú-pará, e perseguia as mulatinhas da mãi, ainda não pertencentes ao serralho paterno, [...]. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xvii. 195: Eis que chegam, porém, numa revoada hecterogenea, sahis, japiins, [...], tanguruparás.

tamuatá *s.m.* Var.: 5, 7-8 *tamoatá,* 5-6 *tamoata,* 7-9 *tamuatá* [< T. tamu̯a'ta].

Peixe da família dos caliquitídeos.

1576 GÂNDAVO *Hist.* viii. fl. 28*v.*-29: Tambẽ ha outra casta delles a q̃ chamão Tamoatás, q̃ sam pouco mais ou menos do Tamanho de sardinhas, & nam se crião senam ẽ agoa doçe. Estes peixes sam todos cubertos de hũas cõchas, distintas naturalmente como laminas, cõ as quaes andam armados da maneira dos Tatús de que a tras fiz mençam, & sam muito sabrosos & os moradores da terra os tem em muita estima. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXLIV. 231): Tamoatás são outro peixe dêstes rios que se não escama, por terem a casca mui grossa e dura, e que se lhe tira fóra inteira depois de assados ou cozidos, os quais se tomam à linha; e é peixe miúdo, muito gostoso e sadio. *c***1594** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 2288-2292: Aguari he vestido como hũ homẽ ẽ hũ gauaõ a boca piquena os beiços grocos as barbetanas cõpridas as escamas saõ huãs laminas como armas naõ mais q̃ de hũ palmo comũm^te^ tamoata he aserca como este. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 120*v.*: [...] pois ainda tem este peixe [o baiacu] outra propiedade a quoal he que despois de estar morto — se lhe esfreguaõ a barrigua vay loguo inchando como sápo — tamoata — saõ outros que se armaõ e despois que o estaõ as suas escamas paresem laminas [...]. *c***1631** C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 174*v.*: tamoata he peixe de hũa poleguada as maiores cor de pardo e he muito bom peixe ce ele tiuera muito que quomer. **1721** F. F. HENRIQUES *Âncora medicinal* (ed. 1731, 172): Tamoatá. Este peixe he fluvial; acha-se nos Rios da America, onde tem este nome. Os Portuguezes chamaõ-lhe *Soldado.* Quando secca o rio em que vive, vay movendo-se pela terra atè achar agoa. He de bom gosto e não offende. *c***1777** F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 259: [Peixe de menor corpulência] Tamuatá. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 34: [...] os saborosos *mandubés, piramutàbas, mandiis, matupiris, aracús, trairas, jejús, e tamoatás;* conhecidos por *peixe do mato,* [...]. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. vii. 107: Alguns, como o tamuatá, meio amphibios, passam terra a dentro, de um sitio para outro. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xvii. 196: [...] foram os dois cardumes de acarys e tamuatás vindos com as maiores difficuldades das cabeceiras distantes de igarapés. IDEM *Ib.* xviii. 207: — Não vejo acary nem tamuatá, commentou a naturalista.

tanajura *s.f.* [< T. *?*].

Designação vulgar das rainhas das formigas do gênero *Atta;* fêmea da saúva.

1928 M. ANDRADE *Macunaíma* xvii. 251: Vinha trazendo um naco pra vocês, vai, escorreguei atravessando o ipú, dei um tombo, naco foi parar longe e tanajura sujou nele. **1934** JORGE DE LIMA *O Anjo* 33: Ouvia o zum-zum das tanajuras na sombra fresca dos formigueiros no coqueiral de sua ilha. **1935** IDEM *Calunga* vii. 68: Agora não eram mais aquelas pancadas dagua do começo, caindo e passando logo com arco-iris no fim, tanajuras voando, a terra lavada tudo alegre brotando. **1956** GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 423: Qual que, na hora, deu de dar, diante, um desvôo de tanajuras, que pelas grandes quantidades delas, desabelhadas, foi coisa muito valente, para mim foi o visto nunca visto: em riscos, zunindo como enchiam o ar, caintes então, porque a lei delas é essa, como porque o corpo traseiro pesa tão bojudo, ovado, bichão maduro, elas não aguentam o arco de voar, iam semeando palmos de chão, de prêto em acobrcadas, e tudo mesmo cheirava à natureza delas, cheiro cujo que de limão ruivo que se assasse na chapa.

tananá *s.m.* Var.: 8 *tananans* (pl.) [< T. *?*].

Inseto ortóptero da família dos pseudofilídeos.

1888 INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, II. viii. 74): As cigarras e os tananans, sentindo avizinhar-se a noite, cantavam em notas melancolicas as saudades da vida ephemera que se desprendia do minguado corpinho.

tangapema *s.f.* Var.: 5 *entagapena,* 6 *tangapèma,* 7-8 *tangapema,* 8 *tagapema, tagapena* [< T. itai̯na'pema 'espada de ferro' < i'ta 'pedra, ferro' + i̯na'pema (ĩã'pema) 'espada' ~ VLB I. 125: *Espada de pao* = Igãpêma. *Ib.: Espada de ferro* = Itaĩgapêma ~ Cp. INGAPENAMBI].

Espécie de tacape.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXII. 74): Entagapena é uma árvore que tem a madeira dura, com água sôbre aleonado, cheira muito bem, de que se fazem contas muito cortesãs, e o gentio as suas espadas. **1663** S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 17. 110: [...] amarrou fortemente sobre ellas hũa claua, ou maça de pao, que he sua espada, & chamaõ tangapèma, toda galâteada de pennas de passaros variadas è cores. **1757** D. L. COUTO *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 64: [...] atou fortemente sobre ellas hũa clava, ou maça de pao, que lhes serve de espada, e chamão Tangapema, toda ornada de pennas de passaros variadas em cores. **1856** D. MAGALHÃES *A Confederação dos Tamoyos* IV. 124: Deita e amarra com torcida embira | Uma clava de pennas enfeitada, | A que chamam os Indios Tangapema. **1857** J. ALENCAR *O Guarany* (2ª ed., 1864, III. xiii. 146): [...] e empunhando a sua pesada tagapema, que parecia uma clava de cyclope, fê-la gyrar sobre a sua cabeça como um junco; depois fincando-a no chão e apoiando-se sobre ella, esperou. **1875** MACHADO DE ASSIS *Americanas* 33: Nem mais segura no aterrado cervo | Feroz succurinha os nós enrosta, | Do que a pesada, enorme tagapena | A cabeça de um golpe lhe esmigalha. **1877** B. GUIMARÃES *Maurício* II. vii. 78: Segundo muitas vezes tinha ouvido dizer a Antonio, Judayba tambem era fidalga, senão de escudo e braça d'armas, ao menos de kanitar e tangapema.

tangará *s.m.* Var.: 5 *tangará, tangara,* 6-7, 9 *tangará,* 6 *tinguara,* 8 *tingará* [< T. ta̯na'ra].

Nome comum aos pássaros da família dos piprídeos.

*c***1584** CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 19: Tangarà. Este he do tamanho de hũ pardal todo preto, a cabeça tẽ de hũ amarello laranjado m^to^ fino, naõ canta, mas tem huã cousa marauilhosa q̃ tem accidentes como de gotta coral, e por esta rezaõ o naõ comè os Jndios por naõ terẽ a tal doença, tem hũ genero de bailo gracioso .s. hũ deles se faz morto, e os outros o cercaõ ao redor saltando, e fazendo hũ cantar de gritos estranho que se ouue m^to^ longe, e como acabaõ esta festa, grita, e dança, o q̃ estaua como morto se aleuanta, e da hum grande asuuio, e grito, e entao todos se uaõ, e acabaõ sua festa, e nella estaõ taõ embebidos quando a fazem q̃ ainda q̃ seiaõ vistos, e os espreitem naõ fogem, destes ha m^tas^ species, e todos tem accidentes. *c***1594** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1332-1336: Tangara Tem o tamanho de pardais e o bico, mas de preto fino tẽ hũ barrete larãjado e sobre os olhos larãjado fino este vẽlhe alguãs vezes sedẽte [*scil.* acidente] coral, taõbẽ aj outras castas m^tas^. **1610** J. MONTEIRO *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.,* VIII. (1949) 424: Do tangará. São estes pássaros do tamanho de um pardal, mas pretos e mui luzentes. Na cabeça têm um barrete de finissimo laranjado. Nota-se neste pássaro uma cousa mui notavel, e é dizerem que tem acidentes como de gota coral, donde nasce não os comerem os Índios, porque lhe não pegue aquela doença. Observa-se neles um género de bailo gracioso, e é ajuntarem-se sobre as árvores quando algum deles lhe dá aquela dor, de que fica como morto, e tomando-o no meio de um perfeito círculo ou roda, que todos fazem, se muda por ordem uns dos seus lugares pera os dos outros com grande estrondo e sobios, e desta ordem se saem de quando em quando, que vão picar no que está enfermo, até que o espertam, e dando um grande assobio se vão pera diversas partes; e às vezes andam tão enlevados nestas mudanças que os Índios os tomam às mãos. Tirando este seu bailo, posto que em si sejam galantes, são malenconizadissimos. Cá me ofereciam alguns pera esse Colégio de V^a^ R^a^ Não nos aceitei por arrecear o clima. *c***1631** C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 189: tinguara he pasoro de grosor [*sic*] diguo tamanho como hũ canarinho todo preto fora a croa da cabesa que tem uermelho em riba do pesquoso azul cor de seda e tem os peis e biquo pardo e fazem dous filhos e os ouos sam bramquos ele canta hũa camtigua que he guosto ouuilo. *c***1777** F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 261: [Ave silvestre] Japú, Japii, Tangará, muitas variedades. **1817** CASAL *Corografia Brazilica* I. 92: *Tingará,* he do tamanho d'hum tentilhão, de côr verdemar com a cabeça vermelha, cauda curta, ornada com duas guias compridas; bico mui curto, fino e pontudo. **1918** MONTEIRO LOBATO *Urupês* 231: [...] abre a dança dos tangarás, onde ha abelhas de sol, esmeraldas vivas, cigarras, [...]. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xvii. 195: Eis que chegam, porém, numa revoada hecterogenea, sahis, japiins, [...], tangarás, maria-já-é-dia, [...].

tapacurá *s.f.* Var.: 5 *tapacurá, tapicura* [< T. tapaku'ra].

V. abon.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CLIII. 250): [...] e põem [as moças tupinambás] grandes ramais de contas de tôda a sorte ao pescoço e nos braços; e põem nas pernas por baixo do joelho umas tapacurás, que são do fio do algodão, tinto de vermelho, tecido de maneira que lhas não podem tirar, o que tem três dedos de largo; [...]. *c***1596** S. TRAVAÇOS *Declaração do Brasil* xxviii. fl. 23*v.*: [...] e da mesma maneira as moças, que tambem poem nas pernas por baixo de giolho huãs tapicuras, que saõ de fio d'algodaõ tinto de uermelho, [...].

tapanhoacanga *s.f.* Var.: 7, 9 *tapanhuacanga,* 7 *tapinhoacanga* [< T. *tapuïuna'kaŋa < tapuï'una 'escravo negro' (< ta'puïja 'escravo' + 'una 'negro') + a'kaŋa 'cabeça' ~ VLB I. 124: *Escrauo* = Miauçuba, Tapuigya].

Minério de ferro, de coloração negra, que ocorre à superfície da terra, sob a forma de concreções.

1711 A. J. ANTONIL *Cultura e Opulência do Brasil* III. xiv. 178: Tambem se acha muitas vezes hũa disposição de desmonte, que se chama Tapanhuacanga, q̃ val o mesmo q̃ Cabeça de Negro, pelo teçume das pedras, tam duro, que só a poder de ferro se desmancha: & naõ he mao sinal; porque muitas vezes o cascalho, que fica em baixo, dá Ouro. 1730 in *Docs. Interessantes* L. (1929) 206: [...] mais proximo a Sam Paulo adonde achou uma especia de pedra semilhante a que chamaõ Tapinhoacanga de que trouxe amostra, sem conhecimento do que era, mais que pelo tinir, sem apenas mostrar vizos do ouro, mas fundindose em Sam Paulo, depois de grandes dificuldades se achou ser ouro, [...]. 1907 E. CUNHA *Contrastes e Confrontos* 128: [...] aos trabalhos nos taboleiros, arcando sob os camburés refertos, ou vibrando as cavadeiras chatas até aos lastros asperos dos nodulos de hematite das tapanhuacangas; [...].

‖ **tapeis**: v. abon.

1627 V. SALVADOR *Hist. Brasil* I. x. fl. 19: Há outros [*pássaros*] chamados Tapeis do tamanho de Melrros todos negros, e as azas amarellas que remedaõ no canto todos os outros passaros perfeitissimamente, os quais fazem seus ninhos em huñs sacos tecidos.

tapejar *vb.* [Derivado regressivo de *tapejara*].

Percorrer sistematicamente uma determinada região para obter informações sobre as suas características; vasculhar, esquadrinhar; proceder como um tapejara.

1956 GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 496: E nem enviei adiante nenhuma patrulha de farejadores — nem Suzarte, Nelson ou o Quipes, que tapejassem; nem o Tipote para trilhar em entender, ver se divulgava os socorros: alguma grota duvidável d'agua.

tapejara *s.m.* Var.: 5-6, 8 *tapijara,* 6 *tapijar,* (6 *trapejara*), 6, 9 *tapejara,* 8 *tapyjara,* 9 *tapejára* [< T. tapi'jara ~ VLB II. 41: *Morador antigo ou o q. está de assento* = Tapijara].

Morador do lugar, conhecedor da região; guia.

1585 CARDIM *Informação* fl. 75.: [...] os mais companhr^os hiamos a caualllo. os tapijaras .i. Padres moradores hiaõ a pee cõ suas abas na cinta, descalços (como de ordinario costumaõ). *c*1607 J. RODRIGUES *Relação* in S. Leite *Novas Cartas Jesuíticas* (1940) 243: E entretanto, os brancos trabalham por haver alguns dos tapijaras, e algumas redes e tipóias, [...]. 1624 S. E. SILVEIRA *Relação do Maranhão* fl. 5: [...] hũ Carlos de Vóhus Frances, que se criàra antre estes Indios, & hera grande tapijar, & practico na sua lingoa (à que o Gentio pos nome Itàjubà, que quer dizer braço de ferro) [...]. 1656 J. SOTOMAIOR *Jornada ao Pacajá* in DAP, VIII. (1945) 3: [...] com tudo, eu lhes ordenei, que tornassem comigo p^a cima: por me parecer que elles como trapejaras [*sic*], nos poderião dar alguns sinaes do metal, que hiam buscar: [...] Andadas tres jornadas por este braço acima, cheguei a hum penedo que todos desejavão ver: embalarão nos toda a jornada com elle os Indios Tapejaras: affirmando nos que todo estava debuxado com labores, figuras, e rostros, semelhantes aos nossos Santos que elles vem nos altares. IDEM *Ib.* 6: [...] estas mortes tam repentinas que conforme a relação dos tapejaras são ordinarias no Pacajá: e o achar hũm indio pagão morto na rede pela menhã, sem ter mais que hũa sangria: o diserem me ao chegar ao Pacaja: [...]. 1875 J. ALENCAR *O Sertanejo* II. xix. 296: — Anhamum recebeu sua flecha que tu lhe mandaste, chefe dos tapijaras; e soprou o boré para convocar os seus guerreiros. IDEM *Ib.* II. 341: [*Nota do Autor*] *Tapyjara.* É uma palavra tupy de origem moderna, e significa vaqueiro. Os indios chamavam ao boi, anta grande. 1911 A. MAIA *Tapera* 42: Algo transfigurava o antigo tapejara: ou era o luar que lhe emprestava á musica o encanto dos seus raios mornos, belleza de sua vaga perspectiva de plainos adormecidos, ou subitanea recordação de motivos olvidados produzia uma impressão nova no auditorio, a pouco e pouco fascinado. 1913 SIMÕES LOPES *Lendas do Sul* 9: Naquella escuridão fechada nenhum tapejára seria capaz de cruzar pelos trilhos do campo, [...].

tapera *s.f.* Var.: 5-9 *tapera,* 6, 8-9 *tapéra* [< T. ta'pera < 'taŋa 'taba' + 'puera 'que foi'].

Aldeia indígena abandonada; habitação em ruínas.

1562 *Carta de Sesmaria* in S. Leite *Cartas* III. (1958) 508: [...] partindo pela banda do campo ao longo dos midos [*sic*] de terra e pela tapera, que foi do Grilo [*Nota de S. Leite:* Midos. No original perdido, supomos que estaria médos (médos de terra, mais pròpriamente de areia, dunas).]. 1563 in ACSP, I. (1914) 25: [...] q̃ recolhese os indios q̃ levarão os f^os de diogo de braga e os q̃ estão pelas taperas e isto por rezão q̃ dizião q̃ vinha gera sobre nos [...]. 1565 *Sesmaria* in S. Leite *Mon. Brasiliae* IV. (1960) 216-217: [...] cortando ao direito até huma tapera, que se chama Inhaum, [...]. 1581 in ABN, LVII. (1935) 379: [...] a qual terra se medira ao longo do caminho da banda da mão direita quando homem uem do dito campo para iraja ao longo da tapera de taquoarusutiba [...]. *c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 21*v.*: Esta figr^a he a q̃ chamaõ do inferno, achaõse è taperas, daõ certo azeite [...]. 1656 J. SOTOMAIOR *Jornada ao Pacajá* in DAP, VIII. (1945) 3: [...] e antes duas jornadas de chegarmos às suas taperas, eu me adiantei a toda a tropa; [...]. *c*1698 J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 310: [...] e é cousa digna de reparo que falleceu desta sorte em paragem de tapéra da aldêa de Maracanã antiga, em que tinha sido missionario dos que, pela maior parte ainda, viviam mudados para outro sitio, em que moravam depois da sua mudança. 1711 in RAPM, II. (1897) 259-260: [...] mandasse passar Carta de Sesmaria, comessando dos Limoeyros da matta grande, tapera q̃ foy do Thnt^e. M^el. de Borba Gatto até a barra do Rebeyrão do d^o. jetequivá. 1863 M. A. PORTO-ALEGRE *Brasilianas* 267: As cotias se entocam nas ruinas ! Do forno da olaria: as pacas crescem ! Nas taperas, que outr'ora foram messes; ! Morto o nossò perreiro, os cães fugiram, ! E o fogo devorou a nossa casa. 1872 J. ALENCAR *Til* II. xiii. 141: Entretanto proseguia lentamente Jão Fera seu caminho; sinão que ao passar perto da tapera, e como subitamente arrancado aos pensamentos que o tomavam, manifestou seu gesto, á vista da casa em ruinas, uma especie de terror e espanto, que o fez accelerar o passo e affastar-se quasi em fuga. IDEM *Ib.* IV. xiv. 157: Fez um gesto á mulher, e tornou para a tapéra que ficava a algumas braças da estrada. 1872 TAUNAY *Inocência* (2ª ed., 1884, xvii. 180): — É verdade: lá ha uma tapéra. Mas o Sr. não tem medo de almas do outro mundo? Dizem que o tal rancho velho é mal assombrado. 1872 B. GUIMARÃES *O Garimpeiro* viii. 108-109: Como muitos outros negociantes d'alli tinha mudado a sua loja para a Bagagem, deixando quasi em tapera aquella villa, por cujas desertas ruas crescia abundante capoeira, e vagueavão livremente as emas, veados e siriemas. 1876 N. J. R. SOUSA *Diário* (ed. 1946, 13): Quinta f. dia 7 as 7h. continuamos a nossa tarefa, não podendo chegar à tapéra denominada S. Antonio ficamos em lugar acima duma tapéra pertencente ao mesmo Lauterio, que serviu-nos de piloto. 1888 INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, I. i. 69): O commandante, em tom de bonhomia grosseira, declarou que o vapor ia largar, pois não podia demorar-se naquella *tapera,* por ter necessidade de chegar cedo a Serpa, onde desembarcaria muita carga para o Madeira. 1895 COELHO NETO *Miragem* I. iv. 53-54: Thadeu partira á frente "para cuidar da vida" dissera, mas o motivo real fôra a tristeza que lhe infundia o sitio do padrinho, uma tapera merencorea onde apenas havia o rumor do monjolo e o sussurro das aguas derivantes. 1898 A. ARINOS *Pelo Sertão* 30: [...] e um silencio tragico pesou sobre a tapéra. 1902 E. CUNHA *Os Sertões* 186: Canudos, velhas fazendas de gado á beira do Vasa-Barris, era, em 1890, uma tapera de cerca de cincoenta capuabas arruinadas. 1903 D. OLÍMPIO *Luzia Homem* xxiv. 220: A casa mal assombrada era quasi uma tapéra. O repuxo das paredes; os esteios esconsos, cobertos de colmeias abandonadas; o tecto, velado sob empoeiradas colgaduras de teia de aranha; o telhado desfalcado, invadido de hervas mortas; as portas emperradas e o chão, aluido por tuneis de formigueiros, signalavam longo abandono. 1911 A. MAIA *Tapera* 5: Sosinha entre solidões aridas; ponto mais deserto e mais nú da paizagem deserta e núa, a tapéra fica, perdura nos escombros, sarcasticamenje erecta e descolmada, altivamente serena, morta e de pé. 1914 COELHO NETO *Rei Negro* i. 26: Quando os visinhos viram as grandes bemfeitorias da propriedade, dantes tapéra, puzeram-se a murmurar pelas vendas dos caminhos, [...]. 1918 MONTEIRO LOBATO *Urupês* 124: No meio della, em terreiro descoivarado, entremostra-se uma tapera. 1919 IDEM *Cidades Mortas* 93: Sou uma tapera, um homem arrazado que me fiz fatalista para ter uma philosophia que me dê paz á consciencia. 1922 A. PEIXOTO *Bugrinha* iv. 57: Achou-a sosinha, em faina, cansada, a limpar uma velha tapéra, casa abandonada e em ruina, cuja porta conseguira abrir e que ageitava, como habitação reparada... 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* xviii. 267: Macunaíma se arrastou até a tapera sem gente agora. 1930 G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 28: O céu faz-nos nova carranca e o pouso não é convidativo: certa tapera invadida pelo matto bravo e a que não se chega com facilidade. 1934 G. RAMOS *S. Bernardo* iv. 27: Hoje que o engenho cahiu, o gado dos vizinhos rebentou as porteiras, as casas são taperas, [...]. 1934 J. L. REGO *Banguê* II. vii. 116: Passavamos casas fechadas de moradores. Mal se viam as physionomias das taperas. 1937 IDEM *Pureza* xiii. 113: A casa de morar era uma tapera. Cadeiras velhas, de palhinha furada, um sofá para o canto e a mesa de pinho com a toalha suja, cobrindo sómente a metade. 1938 G. RAMOS *Vidas Secas* 12: Encontrando resistencia, penetrou num cercadinho cheio de plantas mortas, rodeou a tapera, alcançou o terreiro do fundo, viu um barreiro vazio, um bosque de catingueiras murchas, [...]. 1956 GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 154: O mêdo já amolecia as unhas. Famos chegando numa tapera, nas Lágoas do Córrego Mucambo.

taperá *s.f.* Var.: 8 *tapera* [< T. tape'ra ∼ VLB I. 36: *Andorinha* = Taperâ. Mîjuitinga outras muito grandes sinzentas Tapêna].

Pássaro da família dos hirundinídeos, andorinha.

1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 92: Tapera he pouco maior que o melro: todo branco com a cabeça, cauda, e azas negras; bico grosso, e pontudo.

taperado *adj.* [< taper(a + -ado)].

Abandonado, em ruínas.

1956 GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 394: Um homem, que com a machadinha na mão e a cabeça a tiracol tratava de desmelar cortiço num pau do mato, êsse indicou tudo necessário e deu a menção de onde é que estávamos. Na Coruja, um retiro taperado.

taperebá *s.m.* Var.: 7 *tapareba*, 7-9 *taperebá* [< T. *taperï'-u̯a < ta'pera 'tapera' + ï'u̯a 'fruto'].

Planta da família das anacardiáceas, cujo fruto, também conhecido como cajá, é uma drupa de coloração amarela e de polpa saborosa; taperebazeiro.

1763 J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 366: Vimos fructas muito fragrantes e amarellas, chamadas taparebas, do feitio de um ovo comprido. Ha fructa muito boa de maracujazes, de que já fallámos, dizendo ser fructo da flôr dos martyrios, accrescentando que esta é de varias côres, sendo a mais bella a encarnada; e da fructa a casca é que se aproveita em doce, e util para queixas do peito. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 263: [Arvore fructifera] Cajá ou Taperebá. **1811** in *Annexes du premier Mémoire du Brésil* I. (1903) 308: [...] e ali do primeiro pau de sumauma ou taperebá que encontrassem sufficiente lhes fizesse uma embarcação. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 20: [...] *Taperebás*, ou *cajás*, *genipapos*, beribás, cutitiribás, de uma massa amarella glutinosa, assás aromatica, cobrindo um carôço lizo; [...]. **1876** COUTO DE MAGALHÃES *O Selvagem* I. 175: [...] a fructa do taperebá é sustento favorito de antas e jabotis; amadurece no principio da secca; [...]. **1888** INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, I. ii. 88): Satisfazia o appetite sem peias, nem precaução, nas goiabas verdes, nos araçás sylvestres e nos taperebás vermelhos, de perfume tentador e acidez irritante. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. vii. 102: Alimenta-se elle das fructas de diversas arvores e arbustos — catauari, jauari, taperebá, (o cajá do Sul), taquari, taquarirana — que crescem pelas beiradas e fructificam pela enchente. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* xvii. 257: Tudo o que Macunaíma pegava ela engulia, tamorita mangarito inhame biribá cajuí guaimbê uxí ingá bacurí cupuassú pupunha taperebá graviola, todas essas comidas do mato. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xviii. 206/207: Embora rebatendo a cutilada do tapuio numa descarga electrica, semelhante ao choque duma pilha de Volta, o puraqué, pois era elle que andava derrubando os taperebás, foi ferido.

taperebazeiro *s.m.* Var.: 8 *taperabaseiro*, 9 *taperibazeiro*, *taperebazeiro* [< tapereb(á + -z- + -eiro].

Taperebá.

1876 COUTO DE MAGALHÃES *O Selvagem* I. 175: Neste primeiro episodio a anta, abusando do direito da força pretende expellir o jabuti de debaixo do taperabaseiro, onde este colhia o seu sustento; [...]. **1930** G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 58/59: Aquella arvore mais alta, é um taperibazeiro. E para attestar a dureza do seu cerne, o caboclo conclue: — "Jaboti não anda em baixo de taperibazeiro, porque se a arvore cae em cima delle, elle fica preso p'ro resto da vida. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xviii. 206: No tronco de um taperebazeiro, á margem do pantano, achava-se amarrada a canôa do Redemptor.

taperização *s.f.* [< taperiza(r {< taper(a + -izar} + -ção].

Ação de taperizar, de transformar-se em tapera; ruína, destruição, aniquilamento.

1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 114: E aí então, taperização consumada, quando o fedegoso em touças e a buxa em latadas puderam retomar seu velhíssimo colóquio, o povoado fechou-se em seus restos, [...].

tapiaí *s.f.* Var.: 8 *tapiahi* [< T. tapii̯a'i].

Variedade de formiga.

1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 28: [...] diversas qualidades de *formigas*, as *tocandeiras*, *aniuás*, *tataócas*, e *tapiahis*, cuja picada, especialmente das primeiras até causa febres; [...].

tapicuru *s.m.* Var.: 9 *tapicurú* [< T. *tapiku'ru].

Ave ciconiforme da família dos tresquiornitídeos.

1928 M. ANDRADE *Macunaíma* iv. 49: Perguntaram pra todos os seres, aperemas saguís tatús-mulitas tejús mussuãs da terra e das árvores, tapiucabas chabós matinta-pereras pinicapaus e aracuãs do ar, pra ave japiim e seu compadre marimbondo, prá baratinha casadeira pro passaro que grita "Taam!" e sua companheira que responde "Taim!" pra lagartixa que anda de pique com o ratão, pros tambaquis tucunarés pirarucús curimatás do rio, os pecaís tapicurús e icrerês da praia, todos êsses entes vivos mas ninguém não vira nada, ninguem não sabia de nada.

tapinhoã *s.m.* Var.: (6 *tapapinhoà*), 6-8 *tapinhoam*, 7 *tapinhõa*, *tapinhoãa*, *tapinhoaã*, *tapenhoan*, 8 *tapinhuans* (pl.), *tapinhuã*, *tapinhuam* [< T. *tapiño'ã].

Planta da família das lauráceas, cuja madeira, dura e resistente, foi muito utilizada em construção civil, particularmente nos séculos XVII e XVIII, como atestam as passagens abonatórias adiante transcritas.

1663 S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 80. 158: A terra toda póde chamarse hum só bosque. Pello que, deixando por mão a frescura, & preciosidade dos cedros, angelins, [...] putúmuyús, tapapinhoàs, peróbas, çapucâyas, [...] deixada outrosi a delicia das aruores, os balsamos, copaigbas, [...] deixando todas estas especies, descreuerei algũas sómente das q̃ saõ fructiferas pera gosto dos que saõ curiosos. *a1687 Manifesto de utilidades do Brasil* in *Brasília*, VII (1952) 184: [...] coanto mais a tapinhoam q̃ a nõ ha em outra parte, nem tem o mundo milhor madr.ª pera taboado de fundo do que ella [...]. **1730** ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 59. 37: Os incorruptiveis paos vermelhos, angelins, cedros, jataypevas, e maçarandubas; os potumujús, sopopiras, e adernos acastanhados; as claraîbas, os louros, tapinhôas, os bacurîs, guabiranas, e jandirobas, o pao ferro, o de arco, o da sapocaya, e outros troncos das mesmas qualidades, e varias cores, taõ grossos, que delles se lavraõ as embarcações inteiriças, que chamaõ Canoas; [...]. IDEM *Ib.* II. § 119. 138: Levão os navios, além dos importantissimos referidos generos, outros de muito preço; ambar, balsamo, cravo, cacao, vahinilha, gengibre, canella, algodaõ, anil, oleo de copauba, madeiras de valor, pao Brasil, condurû, salsafraz, jacarandâ, violete, vinhatico, tapinhoam, jataypeba, angelim, e cedro: [...]. **1758** in RAPM, XXII. (1928) 237: [...] como V. Exa. verá da copia junta, lhe ordeney mandasse cortar em Lua Propria paos de Tapinhoãa para estarem promptos, e se poderem serrar logo que chegasse aquella Cidade a bitolla, que na primeira occazião determinava pedir á Corte, e que com — o Intendente Geral ajustasse o preço da referida Madeira: [...]. IDEM *Ib.* 245: Na primeira diz V. Exc., que o Hiate quando o não necessite vá ao Rio de Janeiro carregar de azeite, e Tapinhoaã, da Ilha de Santa Catharina o mando recolher ao porto do Rio. **1759** J. A. CALDAS *Notícia da Bahia* 442: Vaõ repletos de muitas coucoeiraz, duzias de taboado de vinhatico, tapinhoaã, masaradumba, e outras muitas qualidades, alem de muitas vigas, e paos de varaes de sege, varas de parreira, toros de piquiâ, que entre todas as madeiras se faz digna de estimaçaõ pela sua solidês, e cor amarela. **1789** in ADF, I. (1894) 80-81: toda a qualid.ᵉ de madeiras, eespecialm.ᵉ a de tapenhoan, e peroba, de q' abundam aquelles certoens, [...]. **1801** in RAPM, II. (1897) 686: Generos vigetaes, Madeiras [...] Tapinhuans, [...]. IDEM *Ib.* 687: Cascas de Tapinhuã, [...]. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* I. 105: Nota-se que nos matos, onde ha abundancia de *páu-Brazil*, não se encontram *Tapinhuans*, nem *Paróbas*. He páu pezado, excellente para construcção de edificios: mettido em agua dura eternamente; no fogo estala muito, e não faz fumaça. IDEM *Ib.* II. 98: Entre as arvores de boa madeira para construção acha-se [...] tapinhuam, [...]. **1865** J. ALENCAR *As Minas de Prata* II. v. 99: — Os meus?... são de tapinhoam; e concerto-os cada anno que Deus dá!

tapioca *s.f.* Var.: 5-9 *tapioca*, 6 *tapioqua*, *tupioca*, *tapioquo*, *tipyoca*, (7 *tepiocuy*), 7 *tapióca* [< T. tïpï'oka ∼ VLB I. 135: *Farinha da mesma agoa da mandioca crua coalhada* = Tigpîacui, 1, Tigpîocui porque a agoa se chama Tigpîaca, 1, Tigpîoca].

Fécula alimentícia da mandioca.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, I. XXXVIII. 319): Fazem mais desta mesma massa [mandioca] tapiocas, as quais são grossas como filhós de polme e moles, e fazem-se no mesmo alguidar como os beijus, mas não são de tão boa digestão nem tão sadios; e querem-se comidas quentes, com leite tem muita graça; e com açucar clarificado também. **1593** in *Denunciações de Pernambuco* (ed. 1929, 80): [...] e perguntado pello senhor visitador que cousa he tapioca respondeo que são huns bolos que nesta terra se fazem de farinha de paao que he huã raiz de mandioca de que se faz a farinha de que se fazem as dittas tapiocas que são bollos como obreas, que he ho mantimento comum desta terra em lugar de pães. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 90*v.*: [...] e que couza he essa tapioca que dizeis que se lansa nella [...] compoense de Aguoa ou sumo que se espremeo da mesma mandioca por que depois de junta em hũ vaso cria pó por baixo a modo de farinha de alentejo muito alua e lansada a aguoa que esta por sima fóra délla, fica aque se chama tapioca, que he o que disc que se mesturaua com a farinha — e pera manteos enguomados e outras couzas semelhantes he muito milhor que a guoma que se faz em portugual [...]. IDEM *Ib.* fl. 91*v.*: [...] tambem se faz da mandioqua despois de Ralada em fresco huãs como obreas a que chamaõ bejús. e por outro nome tapioqua das coais se seruem na meza em luguar

de paõ e duraõ muitos dias. **1627** V. Salvador *Hist. Brasil* I. viii. fl. 15*v*.: [...] e ainda tem outra a meu ver mais admiravel, que sendo estas rayzes cruas mantimento comq̃ sustentaõ, e engordaõ cevados, e cavallos, se as expremem, e lhe bebem só o summo morrem logo, e com ser esse summo tam fina pessonha se o deichaõ assentar se coalha em hum polme aque chamaõ tupioca deq̃ se fas mais gostoza farinha, e beijús, que da mandioca, e cru, he bella goma pera engomar manteos. *c***1631** C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 176: [...] e das outras [mandiocas] ce fas tapioquo que parese farinha de triguo [...]. **1663** S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 72. 151: Do sumo destas raizes quãdo se espremem, fica no fundo hum como pô, ou polme, do qual, tirado, & seco ao Sol, fazem farinha aluissima, mui mimosa, chamada tipyoca: & do mesmo polme obreas pera cartas, & goma pera a roupa & manteos. *c***1698** J. F. Betendorf *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 110: [...] ás mulheres occupava em fazer roças e cozer farinhas, carimans e tapiocas para mantimentos da viagem: [...]. Idem *Ib.* 465: [...] com elle finalmente começaram a vir para a aldêa com grande numero de indios carregados de mil curiosidades, de assentos, de bordões, tapiocas e beijus e estes eram mimos que o principal Parapirixana mandava adiante de si a todos os moradores daquella aldêa. **1730** Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 34. 24: Da agua, que sahe dos tapitîs, coada, e posta ao Sol, se faz a farinha, que chamaõ de tapioca, e goma selecta, a melhor materia para os polvilhos das cabelleiras. Idem *Ib.* § 35. 24: Esta farinha se faz de varios modos, fresca, que dura só dous dias, e he de mayor regalo; fina, de que se usa nas mesas com diversos nomes, huma de pitanga, outra de tapioca, e a que se chama de guerra, que he o pão de munição dos Soldados, sustento da gente vulgar. **1757** D. L. Couto *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 63: Outros de beiju que chamão tepiocuy [=*farinha de tapioca*], outros de assucar, ou mel, este he fresco, e de bom gosto. *c***1767** J. Daniel *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, II. (1840) 489: [...] qual a sua farinha, qual a tapióca, qual o carimã, beijús, e fructas da terra; [...]. **1781** Durão *Caramurú* VII. xxviii. 204: Fazem a puba então, e a tapioca, | Que he todo o mimo, e flor da mandioca, |. **1817** Casal *Corografia Brazílica* II. 299: Exportam-se aqui [Belém] cacáu, café, arroz, algodão, salsaparrilha, cravo do Maranham, coiros crús, atanados, pechurim, ou *pucheri*, cupahyba, tapioca, goma, [...]. Idem *Ib.* 314: Ha quem diga que lhe [*ao guaraná*] ajuntam uma porção de cacáu, e outra de tapioca. **1856** D. Magalhães *A Confederação dos Tamoyos* V. 151: Quem mostrou aos Tupis como extrahindo | Da mandioca o succo venenoso, | Se fabrica a farinha e a tapioca. **1873** J. Alencar *Guerra dos Mascates* I. xii. 146: [...] assim como não se desmerecia entre os pães de varias fôrmas e receitas, quaes o mimoso, o sovado e o commum, a nossa farinha d'agua, e as alvas tapiocas, em lindas cestas [...]. **1876** Couto de Magalhães *O Selvagem* II. i. 13: Outra goma que preparam com o auxilio do fogo, e que constitue um tão poderoso recurso para o regimem alimentar dos enfermos, é o amidon da mandioca com o qual fazem a deliciosa *tapio-cuhi* ou farinha de tapioca. **1876** F. Távora *O Cabeleira* v. 101: Não se distinguia só nos serviços do campo, mas tambem em fazer excellentes tapiocas e optimo arroz doce que eram as delicias dos matutos e sertanejos nas feiras. Idem *Ib.* 311: Dos *beijús* e *tapiocas* eu não poderia dar mais exacta noticia do que se lê no *Roteiro-do-Brazil*, de Gabriel Soares, impresso no tomo XIV da *Revista-do-instituto-historico*. Diz o *Roteiro*: "[...] Fazem mais desta massa *tapiocas*, as quaes são grossas como filhóes de polme e moles, e fazem-se no mesmo alguidar como os beijús:" [...]. **1878** Idem *O Matuto* iv. 53: O fim de Marcellina, realizando esta mudança, era ter onde expôr aos viandantes fructas, tapiocas e outros productos do commercio domestico. **1922** A. Peixoto *Bugrinha* x. 140: Um jarro de leite, ainda quente, e, num prato de folha, alguns beijús de tapioca... **1929** Idem *Sinhàzinha* xx. 197: Sem o querer, foi com os olhos da saudade que reviu, desta vez, a profusão de beijús, bôlos de milho, macachera, cuscús, tapiocas, mingaos, leite, manteiga, requeijão... que a gula dos outros dias mal dava ensejo a considerar. **1929** G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* xvii. 330: Para a fome os bôlos de negra-mina, pé de moleque, alcaçar, tapioca, mananê. Africa, Bahia, Brasil. **1934** Jorge de Lima *O Anjo* 63: Sobre a mesa botou o pé-de-moleque, a tapioca, o requeijão assado e todas as comidas de seu agrado. **1935** Idem *Calunga* i. 9: Comamos mamões, bróas, sequilhos massapão beijús tapiocas, cúscús, lima de umbigo, milho-assado, porém senhores o condutor tem um genio impossivel, está contrariado mas é com a imoralidade dos cavalos que com os sexos desembainhados pensam nas eguas jovens, nos cercados longe correndo atrás. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* vi. 72: — Havemos de principiá, disse o chefe Igaraúna, por um assahy fresquinho, amassado na hora, com farinha de tapioca.

tapiocano *s.m.* [< tapioc(a + -ano].

Caipira, sertanejo; cp. mandioqueiro.

*a***1837** Martins Pena *Um Sertanejo na Corte* (ed. 1956, I. 59): Nesta última semana temos apenas feito quarenta mil-réis e a não ser algum tapiocano ou algum mineiro, eu não sei o que havia ser de nós.

tapiopuba *s.m.* Var.: 6 *tapiopubâ* [< T. *tïpïo'puu̯a < tïpï'oka 'tapioca' + 'puu̯a 'mole'].

V. abon.

1636 L. Figueira *Missão do Maranhão* in S. Leite *Luiz Figueira* (1940) 195: [...] mas diante hia a fama e nouas da sua ida, com que antes que chegasse já se esperaua por elle cõ muito refresco de tartarugas, peixe, carne, e certo genero de pam moleite, que se fas de mandioca, que são hũs bollos mui brandos e se tem por regallo nestas partes e se chamaõ Tapiopubâs.

tapir *s.m.* Var.: 6, 8 *tapira*, 8 *tapyr*, 8-9 *tapir* [< T. tapi'ira ~ VLB I. 56: *Boi ou uaca* = Tapijra, Tapijruçu. *Ib.* II. 140: *Uaca, ou Boy* = Tapijra. Tapijruçû ~ Cp. tapiretê].

Mamífero perissodáctilo da família dos tapirídeos, anta.

[**1560** Anchieta *Carta* in S. Leite *Cartas* III. (1958) 213: Deglutiunt hi (ut dixi) animalia quaedam grandia, quae *tapiíra* Indi vocant (de quibus paulo post) quae cum non possit stomachus digerere, iacent humi velut exanimes, (...). Idem *Ib.* 222: Est aliud animal, satis frequens, esui aptum, ab Indis *tapiíra*, ab Hispanis vero anta dicitur, ea credo, quae Latinis alce nominatur.]. **1610** J. Monteiro *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.* VIII. (1949) 417: Há muitas antas, a que chamam tapira. A carne difere pouco da nossa vaca, no sabor, posto que me pareceu de ventagem uma vez que dela no mato nos fizeram seu presente os *Aimurés*, trazendo-no-la já assada a seu modo, de moquém, que se faz nesta forma: fazem uma cova no chão; enchem-na de brasas; sobre elas botam uma camada de folhas de bananas, que são mais altas que um homem, e de largura de dous ou três palmos; e depois de a cobrirem com outra camada lhe lançam terra, de modo que tapam a cova. A carne se vai ali assando, com tal têmpera, que leva ventagem a toda a mais invenção de assado, na limpeza e na tenrura e sabor. A Tapira tem no focinho um palmo de tromba, que lhe serve de mão com que apanha o que come. Tem os olhos pequenos e encovados. Será de altura de um jumento, mas mui envolta em carnes. Tem as pernas grossas. Peleja com os dentes, que serão como de mula, mas leva tudo o que alcança. Nadam sobremaneira, e muito mais mergulham, porque passam rios mui largos de banda a banda, e andando debaixo da água. Em pequenas são mui lindas e pintadas, depois crescem e aborrecem, mas fazem-se mui caseiras e mansas. Sustentam-se das fruitas dos matos Criam nas entranhas pedras bazuares, que os Franceses resgatavam aos Índios em igual preço que o do ambre. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 61: A anta, á qual quazi todas as nações indigenas chamam *Tapira*, he o mais corpulento dos quadrupedes Brazilicos; e não entra na classe de especie alguma dos conhecidos, fazendo um genero á parte na historia dos animaes. **1851** G. Dias *Últimos Cantos* (ed. 1865, II. 107): Um dia vivemos! | O homem que é forte | Não teme da morte; | Só teme fugir; | No arco que enteza | Tem certa uma presa, | Quem seja tapuya, | Condor ou tapyr. **1856** D. Magalhães *A Confederação dos Tamoyos* IV. 122: Em que sertões iremos acoutar-nos, | Como as tapiras que de tudo fogem? |. **1857** J. Alencar *O Guarany* (2ª ed., 1864, I. i. 6): Ahi, o *Paquequer* lança-se rapido sobre o seu leito, e atravessa as florestas como o tapir, espumando, deixando o pello esparso pelas pontas do rochedo, e enchendo a solidão com o estampido de sua carreira. **1865** Idem *Iracema* (3ª ed., 1878, xvii. 105): — Escuta o passo veloz do povo tabajara. Elle vem como o tapyr rompendo a floresta. **1866** Idem *As Minas de Prata* VI, i. 8: São pequenas correntes, que uma sede de tapir estanca; [...]. **1870** Idem *O Gaúcho* II. iv. xii. 257: Seu passo estremece a terra até as entranhas; a floresta secular verga-lhe sob a planta como a fina relva sob a pata do tapir: seu braço titanico arranca os penhascos, as nuvens, as tempestades e arremessa todos esses projectis contra o firmamento. *a***1871** Castro Alves *A Cachoeira de Paulo Afonso* (1876) 15: A queimada! A queimada é uma fornalha! | A hirara pula; o cascavel chocalha... | Raiva, espuma o tapir! **1872** J. Alencar *Til* II. xiii. 142: Quando tres dias antes partira espavorido daquelle sitio ao vêr o relicario de que Bertha lhe offerecêra o cordão de ouro, corrêra por algum tempo sem consciencia de si, mas acossado por uma lembrança que o pungia, como o aguilhão de motuca no lombo do tapir. **1874** Idem *Ubirajara* v. 80: Pelo assobio o guerreiro conheceu que era um tapyr. O animal zombára dos caçadores e vinha rompendo a matta com a torrente do Xingú. **1875** Machado de Assis *Americanas* 31: [...] O chão lhes forra | a pelle do tapir; contínua chamma | Lhes suppre a luz do sol. **1875** Varela *Anchieta* IX. iv. 288: A mão dura e calosa, e mais pesada | Que a pata do tapyr, feriu cruenta | O rosto suavissimo de Christo, |. **1902** E. Cunha *Os Sertões* 48: [...] e as seriemas de vozes lamentosas, e as sericoias vibrantes, cantam nos balsedos, á fimbria dos banhados onde vem beber o tapir estacando um momento no seu trote brutal, inflexivelmente rectilineo, pela caatinga, derribando arvores; [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* xi. 153: — Onde que você achou rasto de tapir? Aquí não tem rasto nenhum não! **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 139: Affigurou-se-me enorme o tapir, mas objectaram-me que ha maiores, principalmente entre os de pellagem rosilha. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* xvii. 194: Risca-

ram as antas, os maiores quadrupedes da Amazonia (tapir americano), [...].

tapiranga *s.f.* [Provável corruptela de *tiepiranga*, através da forma não documentada **tepiranga* (tiepiranga → *tepiranga → tapiranga), com possível contaminação do voc. *tapir* ~ Cp. TIÉ].

Pássaro da família dos traupídeos, variedade de tié.

1728 N. M. PEREIRA *Peregrino da América* I. v. 48: A encarnada Tapiranga | Quando mais bem se explicou, | Foy por numero da Solfa, | Com mil requebros na voz. **1789** F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 93-94: Tapiranga ave com grandeza do Azulão, [...] Azas, cauda, femores, pernas, pes, unhas, e bico, tudo negro; o corpo todo carmezim; a base da mandibula inferior alva, a extremidade negra. Habita pelos campos, e roças, onde se nutre de frutas, bananas, mamoens, e semelhantes. Não canta. **1817** CASAL *Corografia Brazilica* I. 92: *Tyhé*, ou tapiranga he muito maior que o pardal: as pennas grandes das azas, e da cauda sam negras: o resto todo carmezim: o bico grosso, e negro com duas malhas brancas na mandibula inferior.

tapireçá *s.m.* Var.: 5 *tapirsiçá* [< T. tapiire'sa < tapi'ira 'boi' + e'sa 'olho'].

Peixe da família dos carangídeos (*Seriola lalandi*), olho-de-boi.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXXX. 199): Tapirsiçá é outro peixe assim chamado pelos índios, em cuja língua quer dizer ôlho de boi, pelo qual nome o nomeiam os Portuguêses; [...].

tapiretê *s.m.* Var.: 5 *tapiiretê, tapijretê* [< T. tapiire'te < tapi'ira 'tapir' + e'te 'verdadeiro' ~ Cp. TAPIR].

Tapir, anta.

*c***1584** ANCHIETA *Informação dos Casamentos dos Índios do Brasil* fl. 132: [...] a suas antas chamão tapiiretê .i. uerdadeira, e as nossas uaccas a sua semelhãça chamão tapijruçû .i. uaccas grandes &c. *c***1584** CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 13*v.*: Tapijretê. Estas saõ as antas, de cuja pelle se fazem as adargas: parecem se cõ vaccas e muito mais cõ mullas. o rabo he de hũ dedo, naõ tem cornos, tem huã tromba de comprim^to^ de hũ palmo q̃ encolhe e estende. Nadaõ e mergulhaõ mujto, mas è mergulhando logo tomaõ fundo, e andando por elle saem em outra parte. Ha grande copia dellas nesta terra.

tapiri *s.m.* Var.: 9 *tapirí, tapiry* [< T. *tapi'ri].

Choupana, choça.

1928 M. ANDRADE *Macunaíma* v. 60: E aquelle diacho de saguiassú que o carregava pro alto do tapirí tamanho em que dormira... **1930** G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 168: Os tapirys, construidos na praia, são acanhados e modestissimos. Pequenos palhaes, feitos de poucas estacas, e com cobertura de folhas de bacaba, nelles haverá, quando muito, espaço para duas redes, corridas lado a lado.

tapiruçu *s.m.* Var.: 5 *tapijruçû, tapiruçu* [< T. tapiiru'su < < tapi'ira 'tapir' + u'su 'grande' ~ Cp. TAPIR].

Nome que os indígenas deram à vaca, que compararam a um grande tapir (v. abon. *c*1584); anta, tapir (v. abon. 1587).

*c***1584** ANCHIETA *Informação dos Casamentos dos Índios do Brasil* fl. 132: [...] a suas antas chamão tapiiretê .i. uerdadeira, e as nossas uaccas a sua semelhãça chamão tapijruçû .i. uaccas grandes & c. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. XCIV. 127): E comecemos das antas a que os índios chamam tapiruçu, por ser a maior alimária que esta terra cria; as quais são pardas, com o cabelo assentado, do tamanho de uma mula mas mais baixas das pernas; e tem as unhas fendidas como vaca, e o rabo mais curto, sem mais cabelo que nas ancas; e tem o focinho como mula, e o beiço de cima mais comprido que o de baixo, em que tem muita fôrça. Não correm muito, e são pesadas para saltar: [...].

tapiti *s.m.* Var.: 5 *tapiti, tapotim* [< T. tapi'ti ~ VLB I. 76: *Coelho* = Tapiti].

Mamífero lagomorfo da família dos leporídeos; espécie de coelho.

*c***1584**CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fls. 15*v.*-16: Tapiti. Este animal se parece com os coelhos de Portugal, estes ladraõ qua nesta terra como caẽs, maxime de noite, e muito amiude. Os Jndios tem estes ladridos por agouro; crião tres, e quatro filhos: saõ raros porq̃ tem muitos aduersarios, como Aues de rapina, e outros animais q̃ os comem. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CV. 147): Em tôda a parte dos matos da Bahia se criam coelhos como os de Espanha, mas não são tamanhos, a que os índios chamam tapotim; e tôdas as feições tem de coelhos, senão o rabo, porque o não tem; os quais criam em covas, e as fêmeas parem muitos; cuja carne é como a dos coelhos e muito saborosa.

tapiucaba *s.m.* [< T. tapiu'kaua ~ VLB I. 55: *Bespas* = Caba. Suas especies. Taturana (...) Tapiucaba, Aigcaba, (...)].

Espécie de vespa.

1928 M. ANDRADE *Macunaíma* iv. 49: Perguntaram pra todos os seres, aperemas, saguis tatús-mulitas, tejús mussuãs da terra e das árvores, tapiucabas chabós matinta-pereras pinicapaus e aracuãs do ar, prá ave japiim [...].

tapiúja *s.f.* [< T. tapi'u ~ Cp. T. tapiu'kaua: v. TAPIUCABA].

Espécie de vespa.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. XCI. 119): Há outra casta de abelhas a que os índios chamam tapiúja, que também são grandes, e criam em ninhos que fazem nas pontas dos ramos das árvores com barro, cuja abóbada é tão sutil que não é mais grossa que papel.

|| **tapupe:** v. abon.

1614 in RIC, XXIII. (1909) 144: Ha data çento e vinte e seis deu jeronimo dalboquerque a manoel calado de lima em dous de julho de seis sentos e oito, he hua leguoa de terra em quadra em tapupe, e asy mais hua data que foi de afonso vas que se lhe deu por deuoluta no qual tem caza e roça e na leguoa não tem bemfeitorias por os yndios as tolherem, e ho ferirem, presta para mantimentos somente.

tapuru *s.m.* Var.: 8-9 *tapurú* [< T. tapu'ru].

Espécie de larva vermiforme de insetos dípteros, que depositam os ovos nas carnes em putrefação; bicheira.

1871 J. ALENCAR *O Tronco do Ipê* II. viii. 105: — Cada beiço, assim, como orelha de porco... Tapurú era matto... chegava a sahir pelos olhos. **1935** J. L. REGO *O Moleque Ricardo* XXXI. 265: Tomara Deus que a tapurú lhe comesse o corpo. **1935** JORGE DE LIMA *Calunga* v. 51: Junto das varas dos chiqueiros onde a lama remansava, tapurús de rabo gordissimos fervilhavam.

taquara[1] *s.f.* Var.: 5 *tacoara,* 6-9 *taquara,* 6,8 *tacoára,* 7-8 *taquára,* 8 *tacuára* [< T. ta'kuara ~ VLB I. 65: *Cana brava, oca por dentro* = Tacoara; Tem muitas especies. Tacoaruçu, Tacoapenima, Tacoapoca, Tacoajoçara, Tacoari].

Planta da família das gramíneas, taboca, bambu.

Os indígenas utilizavam as taquaras, particularmente para a confecção de suas flechas, como testemunham as passagens abonatórias adiante transcritas.

*c***1584** CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 24*v.*: Nesta terra ha m^tas^ species de canas, e tacoara ha de grossura de hũa coxa de hũ homẽ, [...]. **1627** V. SALVADOR *Hist. Brasil* I. xiv. fl. 25: [...] e os maridos levaõ hum lenho aos hombros na maõ seu arco, e frechas, que fazem com as pontas de dentes de tubarões, ou de huãs cannas agudas, a que chamaõ taquaras, de que saõ grandes tiradores; porq̃ logo encinaõ aos filhos de pequenos a tirar ao alvo, e poucas vezes tirão a hum passarinho que naõ o acertem, por pequeno que seja. **1654** A. VIEIRA *Cartas* (ed. J. L. Azevedo, 1925, I. 372): [...] sendo que as frechas de cana, a que chamam tacoáras, não há saia de malha tão forte, nem tão dobrada, que lhes resista, [...]. *a***1696** G. MATOS *Obras* (ed. 1969, IV. 841): Um calção de pindoba a meia zorra | Camisa de Urucu, mantéu de Arara, | Em lugar de cotó arco, e taquara, | Penacho de Guarás em vez de gorra. |. *c***1698** J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 352: Felix de Souza, chegou á porta e abrindo-a á viva força, achou um indio que a guardava, poz a sua arma ao rosto para lhe atirar, mas errou-lhe fogo e como quiz escorval-a de novo, o indio trespassou-lhe o peito com uma Taquara. *c***1767** J. DANIEL *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, II. (1840) 473: Os proporcionados ás flechas taquaras tem 7, 8 ou mais palmos de comprimento; a grossura é como o pulso de um menino: são facetados por uma banda, e esphericos no mais. **1771** A. B. SAMPAIO *Campos de Guarapuava* in RIH, XVIII. (1855) 274: [...] outro, pegando em uma tenaz de taquara, mostrando-me o uzo que devia fazer d'ella para tirar o pinhão do fogo, [...]. **1781** DURÃO *Caramurú* II. XXXIX. 55: Quem com taquáras donde pende o laço, | Onde a avezinha cahe, se incauta o topa: |. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* II. 263: As espingardas tem feito maior destruição nestes viventes [do Maranhão] em tres seculos do que as *tacoáras* dos Indigenas em toda a antiguidade. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 119: Vivem da caça, pesca e fructas do mato, os seos arcos excedem á altura de um homem, e as pontas das frexas são guarnecidas de largas taquáras, isto he pedaços de canna rija, chamada *tabóca* de largura de quatro dedos, e palmo e meio de cumprimento com ponta agudissima, [...]. IDEM *Ib.* 127-128: [...] uzam tambem das *tacuáras,* que são as mesmas frexas com pontas de ferro de mais de palmo, ou de certa especie de canna conhecida de uns por tabóca, e de outros por *camaìua,* farpada para rasgar o corpo na occasião de se extrahirem delle: [...]. **1847** A. LEVERGER *Rio Paraguai*

in RIH, XXV. (1862) 241: Supprem os habitantes de peixe, lenha, taquaras, capim, remos de canôas, esteiras e algumas outras obrinhas de junco e de caniço. 1855 JUNQUEIRA FREIRE *Inspirações do Claustro* 73: O Tamoyo gentil hervava as settas, | Quando pelos vergeis, tão seus, me via: | E co'os olhos phosphoricos ardendo | A taquara fatal a mim tendia 1855 IDEM *Contradições Poéticas* 196: Enchi meus carcazes de agudas taquaras, | Que iguaes nas florestas jámais achareis. | E d'essas taquaras fataes é que pendem | As vidas infames de todos os reis. 1856 D. MAGALHÃES *A Confederação dos Tamoyos* III. 69: Erguiam as cabanas de taquára, | Com tectos de sapê e de palmeiras, |. 1863 M. A. PORTO ALEGRE *Brasilianas* 69: Entre rolos de fumo rebenta | Das taquaras o estalo medonho, | E o estrid'lo longiquo, enfadonho, | Rufa salvas de fila no ar. 1865 J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, xxi. 129): Martim cavou a terra e fabricou a porta das fasquias da taquára. 1869 VARELA *Cantos Meridionais* in *Obras Completas* (ed. 1896, II. 177): Caixas de pinho, cestos de taquára, |. 1869 B. GUIMARÃES *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. i. 47): Depois de ter-se çntranhado cerca de uns duzentos passos por um matto espesso e emmaranhado, abrindo caminho com a faca por entre taquáras e cipós, escolheu posição para fazer frente aos inimigos junto a um corpulento tronco de peroba, que lhe offerecia formidavel baluarte. *a*1871 CASTRO ALVES *A Cachoeira de Paulo Afonso* (1876) 67: "Crime! Pois será crime se a giboia | Morde silvando a planta, que a esmagara? | Pois será crime se o jaguar nos dentes | Quebra do indio a perfida taquara? |. 1871 B. GUIMARÃES *Lendas e Romances* I. i. 12: Esta segunda parte, escura e mysteriosa, era separada da outra por um tabique de taquáras e ramos, onde apenas havia uma estreita portinhóla, e tudo feito com tal arte, que parecia ser simplesmente um matagal de samambaias e taquaras, que cobria a escarpa do rochedo. 1872 IDEM *Hist. e Trad. Minas* II. i. 23: Era occasião da derribada; a foice já tinha ceifado e desbastado o matto miudo, as taquáras e cipós, que emmaranhavão a floresta. 1872 TAUNAY *Inocência* (2ª ed., 1884, iv. 51/52): Corrido na frente de toda a vivenda, via-se um alpendre de palha de bority, sustentado por grossas taquaras, ligeiro appendice accrescentado por occasião de alguma passada festa, em que o numero de convidados ultrapassára os limites de abrigo da hospitaleira habitação. 1872 J. ALENCAR *Sonhos D'Ouro* II. xvi. 34: Que segredos não guardam em jerogliphos e datas os verdes troncos das taquaras, que a fouce do trabalhador da estrada não cortou ainda para empalhar o rancho? 1873 IDEM *O Garatuja* xviii. 147-148: E em todo esse berredo cortado de assobios estridentes, e acompanhado pela matinada infernal de umas matracas improvisadas com taquara rachada, e pelo ronco de um imemenso caramujo. 1875 IDEM *O Sertanejo* II. xi. 183: Arnaldo se postara deante da touceira de taquara, para impedir o outro de passar. 1876 F. TÁVORA *O Cabeleira* xvi. 263: Uma manhã em que a fome e a fadiga o tinham prostrado, viu d'entre umas touceiras de taquára onde se recolhêra para cobrar animo, um cavalleiro [...]. 1876 COUTO DE MAGALHÃES *O Selvagem* II. i. 14: [...] com um abano de taquara, impellem para dentro a fumaça [...]. 1877 B. GUIMARÃES *Mauricio* I. xv. 190: Era muquem de que muito gostava, e ia conduzindo viva para casa presa em um forte balaio de taquáras. IDEM *Ib.* I. xvi 264: Aqui era preciso romper um matagal espesso, todo emmaranhado de taquáras e cipós. 1883 IDEM *Rozaura a Engeitada* (ed. 1900, II. xi. 114): Era a palhoça dividida em dois compartimentos eguaes por meio de uma esteira de taquára. *a*1884 IDEM *O Bandido do Rio das Mortes* (ed. 1905, iv. 51): Com ramos e taquaras os guerreiros Aymorés em poucos momentos improvisaram uma barraca para Mauricio, Antonio e Zamby, a quem já adoravam [...]. 1888 INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, I. i. 63): Gyrandolas de foguetes subiram com estrepitp, pondo em delirio de prazer os coromins de calças de riscado novo e camisa de algodão da terra, porfiando na conquista das taquaras que, rodopiando nas alturas, se precipitavam para o chão, ameaçando os transeuntes e espalhando o mulherio. 1895 COELHO NETO *Miragem* III. ii. 312: [...] encolhida, com a cabeça coberta por um lenço enrolado á maneira de turbante, uma africana encarquilhada, engelhada, chupava o cachimbo de taquara. 1902 E. CUNHA *Os Sertões* 601: [...] rêdes em fiapos; berços de cipó e balaios de taquara; jacás sem fundo; roupas de algodão, de côr indefinivel; [...]. 1911 A. MAIA *Tapera* 18: Indifferente á querella, o mais moço, crioulo da estancia, encerrava contra a cêrca, em um curral feito de hastilhas de taquara, immensa gadaria, colleção de pequenos ossos de rez, representando uns a tropilha, outros a tourada. 1918 MONTEIRO LOBATO *Urupês* 219: [...] ou artefactos de taquara poca — peneiras, cestinhas, samburás, tipitis, pios de caçador; [...]. 1926 COELHO NETO *Feira Livre* 160: [...] e ainda no calice das flôres, no amago das taquaras, no concavo de uma rocha, num lesim e de todos esses nascedouros surdem em enxames e espalham-se pelas roças, entram as cidades e são os semeadores de morte, [...]. 1929 G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* xiii. 194: Accendeu o cachimbo de taquara e quando veiu pitar á janella, deu um berro surdo. 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* xxiv. 286: Somente as taquaras, mais que positivas e concretas, os denunciaram. 1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 223: E, nas ilhas, penínsulas, istmos e cabos, multicrescem taboqueiras, tabúas, taquaris, taquaras, [...]. 1956 IDEM *Grande Sertão: Veredas* 286: Eu estava sòzinho, num repartimento dum rancho, rancho velho e tropeiro, eu estava deitado numa esteira de taquara.

taquara² *s.f.* Var.: 8 *tacoára* [< T. ta'kụara].

Ave coraciforme da família dos momotídeos; JURUVA.

1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 94: *Tacoára* he maior que o melro, esverdeado, com a cauda mui comprida, a parte superior da cabeça loira, e uma grande malha negra á roda dos olhos.

taquaral *s.m.* [< taquar(a + -al].

Mata de taquaras.

1788 C. X. A. SOUSA *Descobr. do Rio Igurehi* in RIH, XVIII. (1855) 255: [...] entrámos em um silvado espesso, e taquaral espinhozo, em que pouco se adiantavam os golpes dos facões; [...]. 1865 VARELA *Cantos e fantasias* in *Obras Completas* (ed. 1896, II. 71): Louras abelhas que gyram | Sobre as flôres que transpiram | No seio do taquaral! |. 1869 IDEM *Cantos do Ermo e da Cidade* (2ª ed., 1880, 25): Os vagalumes em bando | Correm sobre a relva fria, | Emquanto o vento cicia | Na sombra dos taquaraes; |. *a*1871 CASTRO ALVES *A Cachoeira de Paulo Afonso* (1876) 21: "Quando eu morrer só me enterrem | Junto ás palmeiras do val, | Para eu pensar que é Maria | Que geme no taquaral..." |. 1875 VARELA *Anchieta* II. vi. 53: O branco ciciar da aragem mansa | Nos taquaraes viçósos, os queixumes | Do crystalino arroio entre pedrinhas, [...]. 1888 FERREIRA LEAL *O Suplício de um Marido* xi. 270: No amago do bosque, sob a maranha abobadada de um taquaral, o ribeiro ahi serpejante abria de improviso em larga bacia.

taquaratinga *s.f.* [< T. *takụara'tiŋa < ta'kụara 'taquara¹' + 'tiŋa 'branco'].

V. abon.

1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 223: E, nas ilhas, penínsulas, istmos e cabos, multicrescem taboqueiras, tabúas, taquaris, taquaras, taquariubas, taquaratingas e taquarassús.

taquari *s.m.* Var.: 8-9 *taquari, taquary,* 9 *taquarí* [< T. takụa'ri < ta'kụara 'taquara' + -'i 'pequeno' ~ Cp. TAQUARA¹].

Planta da família das euforbiáceas, cujos ramos, vazados internamente, servem de canudos de cachimbo.

1873 J. ALENCAR *O Garatuja* ii. 26: Fronteiro á ella, o seu attento ouvinte, apparecia o Belmiro, sujeito esgrouvinhado e macillento, com um corpo desengonçado sobre duas pernas de taquari. 1874 IDEM *Ubirajara* ix. 149: O velho heróe palpou o arco chefe dos araguayas e vergou-lhe a ponta ao hombro, como si a haste fosse de taquary: [...]. 1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 305): Fuma tranquillamente o seu cachimbo por longo taquari de Cametá. 1888 INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, II. viii. 94): Sobre uma moita de taquarys, perdida no meio dos aningaes da outra banda, o reflexo da fogueira punha tons quentes de ouro queimado, e essa restea de luz, cahindo até o meio do rio, tonteava as piranhas pretas fazendo-as saltar fóra d'agua em cardumes assustados. 1895 J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazónia* I. vii. 102: Alimenta-se elle das fructas de diversas arvores e arbustos — catauari, jauari, taperebá, (o cajá do Sul), taquari, taquarirana — que crescem pelas beiradas e fructificam pela enchente. 1918 MONTEIRO LOBATO *Urupês* 48: Veio pegar agua a este cor'go e é milagre não haver-se esgueirado por detraz daquella moita de taquarys ao avistar-me. 1931 G. ARANHA *O meu próprio romance* 95: Depois o vejo deitado em uma rêde, pitando um longo cachimbo de taquary no seu quarto da casa terrea da rua de Santo Antonio, na vizinhança da igreja, onde era a sua devoção. 1938 G. RAMOS *Vidas Secas* 59: Agachou-se, atiçou o fogo, apanhou uma braza com a colher, accendeu o cachimbo, pos-se a chupar o canudo de taquari cheio de sarro. 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* x. 117: Procuraram os conhecidos taquaris de Cametá, pintados de vermelho e preto, havendo alguns dourados tambem e maiores. 1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 223: E, nas ilhas, peninsulas, istmos e cabos, multicrescem taboqueiras, tabúas, taquaris, taquaras, [...].

taquariço *adj.* e *s.m.* [< taquar(i + -iço].

Fino, delgado; caniço.

1918 MONTEIRO LOBATO *Urupês* 160: [...] a canna cayenna assumia aspecto de canninha, e esta virara uns taquariços magrelas que passavam incolumes por entre os cylindros moedores.

taquarirana *s.f.* [< T. *takụari'rana < takụa'ri 'taquari' + 'rana 'semelhante'].

V. abon.

1895 J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. vii. 102: Alimenta-se elle das fructas de diversas arvores e arbustos — catauari, jauari, taperebá, (o cajá do Sul), taquari, taquarirana — que crescem pelas beiradas e fructificam pela enchente.

taquariúba *s.f.* [< T. *takụari'ĩụa < takụa'ri 'taquari' + 'ĩụa 'planta'].

Espécie de taquara.

1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 149: Eu acho que êles, [os patinhos] por engano, pensam que isto aqui é o São Francisco, que tem lagôas nas beiras... Param p'ra pousar nas canas de taquariuba... IDEM *Ib.* 223: E, nas ilhas, penínsulas, istmos e cabos, multicrescem taboqueiras, tabúas, taquarís, taquaras, taquariubas, [...].

taquaruçu *s.m.* Var.: 8 *taquaruçu,* 8-9 *taquarussú,* 9 *taquarussu* [< T. takuaru'su < ta'kuara 'taquara' + u'su 'grande' ~ Cp. TAQUARA[1]].

Planta da família das gramíneas, taboca-gigante.

1856 J. M. MACEDO *O Forasteiro* (2ª ed., I. ii. 40): [...] um enterrára na cabeça um grande chapéo de palha de taquaruçu arranjado á guisa de chapeo de tres bicos, [...]. **1872** J. ALENCAR *Til* III. ix. 92: Apezar da torsão que lhe vergara o espinhaço como uma hastea de taquarussú, conservava elle ainda certa agilidade nas gambias, que se moviam á semelhança das patas de goiamum. **1874** IDEM *Ubirajara* 162: [*Nota do Autor*] Os selvagens a faziam [a uiraçaba], ou do tubo do taquarussú, ou da casca de certas arvores, [...]. **1874** TAUNAY *Histórias Brasileiras* 47: Enquanto eu corria campos batidos de um sol abrazador e caminhava sem tregoa, sua senhoria, deitado á sombra dos taquarussús, deixava o tempo correr mansamente como as aguas d'aquelle bello corrego! **1878** IDEM *Narrativas Militares* 39: Entaliscada entre fileiras de altos rochedos, seguia duvidosa a trilha, ora por baixo de taquarussús, ora n'um meandro de mattagaes. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* II. ix. 144: [...] ou bicos de suas armas de pesca primitivamente de osso, de dentes de animaes, de taquarussú aguçados, em pontas de ferro ao modo das usadas nas pescarias européas. **1898** A. ARINOS *Pelo Sertão* 132: Encontrando, alfim, um espraiado, onde a enchente, sem a constricção de barrancos, podia pavonear suas forças, avassalando pacificamente, sem tropeço, os descampados, os fugitivos derribaram algumas piteiras, já meio seccas, cujas hastes se erguiam, ainda rectas e altaneiras, das touças em redor, e, jungindo-as fortemente com cipós em grossos travessões de taquarussú, improvisaram uma jangada. **1918** MONTEIRO LOBATO *Urupês* 121: [...] mattaria virgem, sombria e humida, tramada de taquarussus, afestoada de pocas, com grandes arvores velhas [...]. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 223: E, nas ilhas, penínsulas, istmos e cabos, multicrescem taboqueiras, tabúas, taquarís, taquaras, taquariubas, taquaratingas e taquarussús.

‖ **taquerú:** v. abon.

*c***1777** F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 259: [Peixe de menor corpulencia] Taquerú.

‖ **taquira:** v. abon.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 105*v.*: [...] assim se dão sinouras. cardos. beringellas, pepinos, balançias Aboboras das ordinarias tenrras e guostozas. e outras mais piquenas aque chamaõ, taquira [...].

‖ **taraba:** v. abon.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 11*v.*: [...] tucanosu — he outra sorte de Ave que tem o biquo do tamanho de hũ palmo com o corpo naõ ser grande e outro passaro a que chamaõ — taraba — [...].

‖ **tarajaba:** v. abon.

1781 DURÃO *Caramurú* VII. xlix. 211: De immortal tronco a tarajaba amena ! Rende a aurea côr dos Belgas desejada, !.

‖ **tararaca:** v. abon.

1734 in RAPM, XXIII. (1929) 244: [...] démos com um grande palmital, e nelle com tres gentios junto á praia, pegou um dos companheiros na espingarda, tirou a um e ferio-o, ferido acudiu logo todo o mais gentio, que andava ao Corredio dando taes urros, e tocando tão horriveis tararacas, que parecia se nos abrira naquelle sitio o inferno, valeu-nos não ter este gentio de Canôa, atravessámos logo logo o rio, fugindo quanto então nos foi possivel; [...].

tararucu *s.m.* Var.: 5 *tareroquig, tararucu, taroqui, tararoqui* [< T. tarero'kĩ].

Planta da família das leguminosas, fedegoso.

*c***1584** CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fls. 23*v.*-24: Tareroquig. Tambẽ esta erua he unico remedio pª camaras de sangue, as raizes saõ todas retalhadas, os ramos mᵗᵒ delgadinhos as folhas parecẽ de alfauaca. as flores saõ uermelhas, e tiraõ algũ tanto a roxo, e daõse nas pontinhas. Desta ha mᵗª abundancia quando se colhe he amarella, depois de seca fica branca, tomasse da propria manrª q̃ a precedente. com esta erua se perfumaõ os Jndios doentes pª naõ morrerẽ. e pª certa infirmidade q̃ he comũ nesta terra, e se chama doença de bicho he grande remedio, serue pª matar os bichos dos bois, e porcos, e pª postemas. Esta erua toda a noite esta murcha, e como dormẽte, e em nascendo o sol torna a abrir, e quando se poẽ torna a fechar. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXIII. 50): Há outras ervas menores, pelos campos, de muita virtude, de que se aproveitam os índios e os Portugueses, das quais faremos menção brevemente neste capítulo, e começando na que o gentio chama tararucu, e os Portuguêses fedegosos. Esta erva faz árvore do tamanho das mostardeiras, e tem as fôlhas em ramos arrumadas como fôlhas de árvores, as quais são muito macias, da feição das fôlhas de pesseguciro, mas tem o verde muito escuro, e o cheiro da fortidão da arruda; estas fôlhas deitam muito sumo, se as pisam; o qual de natureza é muito frio e serve para desafogar chagas: com êste fumo curam o sêsso dos índios e das galinhas; porque criam nêle muitas vêzes bichos de que morrem, se lhe não acodem com tempo. Estas ervas dão umas flores amarelas como as da páscoa, das quais lhes nascem umas bainhas com semente como ervilhacas. *c***1594** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1531-1544: Taroqui e Tararoqui. Esta erua ha nos Jlheos, Camamu, e porto segrº naõ tẽ mais q̃ aserca do caapiá tẽ as flores nas pontinhas dos ramos. Ha tararoqui he a fedegosa de portugal tẽ na por mᵗᵒ medessinal e he forte defumaõse cõ ella e curaõ feridas e chaguas e pera a doẽça dos filisteus vnico remedio e pera bichos de animais pizaõna e cõ o sũmo lha poẽ he boa pera colica no lugar onde lhe da. E pª doẽça de molheres. i. M. esta erua dorme de noite fechandose a folha e abrece como he menhã emqᵗᵒ naõ da semẽte he boa para dor de pedra a modo dẽprasto sobre a bechigua.

tarioba *s.m.* Var.: (5 *tarcoba*) [< T. tari'oua].

Molusco bivalve da família dos donacídeos.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXLI. 224): Em os baixos da areia que tem a Bahia se cria outro marisco, a que os índios chamam tarcobas, que são da feição e tamanho das ameijoas de Lisboa, e tem o mesmo gôsto e sabor, assim cruas como abertas no fogo; [...].

tarumã *s.m.* e *f.* Var.: 8 *taruman,* 9 *turuman, tarumã* [< T. *taru'mã].

Planta da família das verbenáceas; tarumaneiro, tarumazeiro.

1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 113: *Taruman* he um arbusto com folhas lanceoladas de desigual grandeza, e prezas em numero de quatro ou cinco a um peciolo commum de comprimento assáz grande. **1911** A. MAIA *Tapera* 82: [...] a sombra de um turuman principava a estiraçar-se, deformada, sôbre o campo; [...]. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 184: Param um momento ali naquele remanso, perto das frutinhas pretas da tarumã.

tarumaneiro *s.m.* [< taruman (var. de *tarumã*) + -eiro].

Tarumã, tarumazeiro.

1876 N. J. R. SOUSA *Diário* (ed. 1946, 18): Dali a pouca distancia tudo muda, alarga-se o rio, ve-se pelas margens mangabeiras, tarumaneiros, taxizeiros e outras arvores do soberbo Amazonas.

tarumazeiro *s.m.* [< taruma(n + -z- + -eiro].

Tarumã, tarumaneiro.

1930 G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 28: Familiarizou-me tambem com a flora local: elegantes ingaranas, tarumazeiros de suave floração, que se diriam de ramas agrisalhantes...

tataíra *s.f.* Var.: 8 *tatahyra* [< T. tatae'ira < ta'ta 'fogo' + + e'ira 'mel' (> ci'ruua 'abelha') ~ VLB I. 55: *Bespas* = Caba. Suas especies. Taturana; Tataeira estas picão grandemente (...)].

Abelha da família dos meliponídeos.

1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 75: A *tatahyra,* a *Saranhó.* De todas estas especies [abelhas] só as duas ultimas são mordazes.

tatajuba *s.f.* Var.: 5-6, 8 *tatagiba,* 6, 8-9 *tatajuba* 6 *tataiobá,* 7 *tarajuba,* 8 *tatagyba, tatajúba* [< T. tata'ĩiua ~ VLB I. 34: *Amoras brancas de aruore* = Tatagiba. *Ib.* I. 126: *Espinheiro o das amoras brancas* = Tatagigba].

Planta da família das moráceas.

Conforme atestam as passagens adiante transcritas, a tatajuba foi muito empregada em construção civil e em tinturaria.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXX. 67): Ao longo do mar se criam umas árvores, a que os Portuguêses chamam espinheiros, e os indios tatagiba, que tem as folhas como romeira, e os ramos cheios de espinhos; a madeira por fora é muito áspera e por dentro amarela de côr fina; a qual se lavra muito bem, sem embargo de ser dura; e é tão fixa que não há quem visse nunca um páu dêstes podre, de que se fazem muitas obras boas. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 103*v.*: [...] tambem se faz tinta amarella muito bõa de hũ pao chamado, tatajuba [...]. IDEM iv. fl. 110*v.*: [...] tatajuba [fruta] que saõ como Amoras [...]. **1618** in RIC, XIX. (1905) 68: [...] e muito pao a quem os Indios chamão Uburaquatiara que é o melhor que até agora se ha descuberto em todo o Brazil por ser como damasco, e tambem carregavão pao de tinta chamado tatagiba com algum ambar. IDEM 72: [...] muito pao de tinta amarella a que chamão tatagiba [...]. **1627** V. SALVADOR *Hist. Brasil* I. vi. fl. 11: Nem menos saõ

as madeiras do Brazil formozas que fortes, porque as há de todas as cores, brancas, negras vermelhas, amarellas, roxas, rozadas, ejaspeadas: porem tirado o pao vermelho, aque chamaõ Brazil, e o Amarello chamado tataiobá, e o rozado Araribba, os mais naõ dão tinta de suas cores, e com tudo sam estimados por sua formozura, pera fazer leitos, cadeiras, escriptorios, e bufetes; [...]. *a*1667 HERIARTE *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 188): [As ilhas do Amazonas], tem em si muito campeche, anil, pita, tatajuba, que dá tinta amarella. 1730 ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 55. 35: A tarajuba he raiz de hum incorruptivel tronco; tiraraõ della os Hollandezes grandes interesses com a preciosa tinta amarella, que faz, e do pao Brazil todas as Nações do Norte para muitas de tantas cores, como as suas engenhosas artes sabem fazer delle. 1805 in DAP, V. 2: Pela mayor p.te daquellas matas ha m.ta abundancia de humas certas Arvores q̃ do seu madeiro se fas exelentissima tinta amarela, e se perdomina [*sic*] Arvores de Tatajuba. 1817 CASAL *Cprografia Brazilica* II. 20: Tatagyba, que he o morus tinctoria de Linneu, dá uma excellente tinta amarella, extrahida por cozimento do seu lenho em agua commum, juntando-se-lhe uma porção de pedra hume. IDEM *Ib.* II. 75-76: Fytologia: Entr'outras muitas arvores de boa madeira nomea-se o vinhatico, aderno [...] tatagiba, timbuhyba branca, e vermelha. 1838 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 7: O *tatajiba*, que dá uma especie de tinta amarella; [...]. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* ii. 19: Então Iriqui se envolvia num manto de algodão listrado com preto de acariúba e verde de tatajuba e aromava os cabelos com essencia de umirí, era linda.

tataoca *s.f.* Var.: 8 *tataóca* [< T. *tata'oka ~ Cp. TAIOCA]. Espécie de formiga.'

1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 28: [...] diversas qualidades de *formigas*, as *tocandeiras*, *aniuás*, *tataócas*, e *tapiahis*, cuja picada, especialmente das primeiras até causa febres; [...]. IDEM *Ib.* 137: Para a extração do fogo, em falta do fuzil e pederneira, servem-se de fricção d'um pão leve n'outro que facilmente incendêa a isca para a qual preferem uma substancia fabricada pelas formigas *tataócas*, ou outra qualquer das muitas que lhes são obvias, e he notavel a presteza com que accendem grandes fogueiras: [...].

tatapecoaba *s.f.* [< T. tatapeko'aua ~ VLB I. 17: *Abano pera o fogo* = Tatapecoaba]. Abanador (para o fogo).

*c*1607 J. RODRIGUES *Relação* in S. Leite *Novas Cartas Jesuíticas* (1940) 233: Não comem farinha relada, nem tem espremedores, nem *tatapecoabas*, nem o sabem fazer.

‖ **tatapuiaçu** (*tatapui acu*, *tatapuy asu*): v. abon.

*c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 166*v.*: tatapui acu [*na legenda da estampa de fls. 15 ocorre a variante* tatapoy asu *e, em letra de outra mão, vem o seguinte esclarecimento*: outra casta de sardinha] outra cardinha de cor de prata com escama pequena he da mes [*sic*] mesma gramdor que a outra e não tem tamta espinha como a outra.

tatu *s.m.* Var.: 5, 7 *tatú*, 5-9 *tatú*, 5 *tactu*, 5-9 *tatu*, 6 *tátu*, *tatù*, *tátú* [< T. ta'tu]. Nome comum aos mamíferos desdentados da família dos dasipodídeos.

Como se depreende das longas e minuciosas descrições adiante transcritas, a aparência exótica do tatu despertou extraordinária admiração nos primeiros cronistas do Brasil.

Em *O Gaúcho* (v. abon. 1870), Alencar emprega o voc. na acepção de 'dança popular do sul do Brasil, espécie de fandango, muito apreciada nos meios rurais'. Afonso Arinos, na última das três passagens abonatórias adiante transcritas de *Os Jagunços* (v. abon. 1898), e Monteiro Lobato, em *Cidades Mortas* (v. abon. 1919), referem-se ao rabo-de-tatu 'rebenque de tiras de couro trançadas, pequeno chicote'.

[1560 ANCHIETA *Cartas* in S. Leite *Cartas* III. (1958) 224: Est et aliud animal satis frequens apud nos (*tatú* vocant) in cavernis subterraneis per campos habitans, cauda et capite lacertis fere simile;]. *a*1576 GÂNDAVO *Trat. Prov. Brasil* (ms. do British Museum) 769-783: Hũs bichos ha nesta terra q̃ tãbem se comẽ e se tem pella milhor caça que ha no matto chamão lhes Tatús são tamanhos como coelhos e tem hũ casco a maneira de lagosta como de cágado mas he repartido em muitas juntas como laminas, pareçe totalmente hũ cauallo armado, tem hũ Rabo do mesmo casco comprido o foçinho he como de leitão, e naõ bota mais fora do casco que a cabeça. Tem as pernas baixas e criaõ se em couas, a carne delles tem o sabor quasy como de galinha. Esta caça ê muito estimada. 1576 IDEM *Hist.* VI. fl. 21-21*v.*: Outros ha tambem nestas partes muito pera notar, & mais fora da comum semelhança dos outros animaes (a meu juízo) q̃ quantas ategora se tẽ visto. Chamãolhes Tatús, & sam quasi tamanhos como leitões: tem um casco como de cágado, o qual he repartido em muitas jũtas como laminas & proporcionado de maneira, q̃ parece totalmente hũ cauallo armado. Tem hũ rabo cõprido todo cuberto do mesmo casco: o focinho he como de leitão, ainda que mais delgado algum tanto, & nam bota mais fora do casco que a cabeça. Tem as pernas baixas, & criamse em couas çomo coelhos. A carne destes animais he a melhor & a mais estimada q̃ ha nesta Terra, & tem o sabor quasi como de galinha. *c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 14*v.*: Tatú: Este animal he do tamanho de hũ leitaõ de cor como branca, o fucinho tẽ muy^to comprido, o corpo cheo de huãs como laminas com q̃ fica armado, e decẽlhe hũs pedaços como tem as Badas. Estas laminas saõ tam duras q̃ nhuã frecha as pode passar se lhe naõ dá pollas ilhargas. furaõ de tal manr^a, que ia aconteceo vinte e sete homens com enxadas naõ poderẽ cauar tanto, como hũ cauaua cõ o fucinho. Porem se lhe deitaõ agoa na cãua logo saõ tomados. he animal p^a uer, e chamãolhe cauallo armado: a carne parece de galinha, ou leitaõ muyto gostosa, das pelles fazem bolças, e saõ muy^to gallantes, e de dura, fazemse domesticos, e criamse em casa. *c*1586 *Roteiro da Costa do Brasil* fl. 20*v.*: [...] tem mantimẽtos fruitas, galinhas e muita cassa veados, porcos, pacas, cotias tactus, coelhos como há em toda a terra do Brasil, e chamase porto de dõ Rodrigo. 1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cii. 141): Tatu-açu é um animal estranho, cujo corpo é como um bacoro, tem as pernas curtas cheias de escamas, o focinho comprido cheio de conchas, as orelhas pequenas, e a cabeça, que é tôda cheia de conchinhas; os olhos pequeninos, o rabo comprido cheio de lâminas em redondo, que cavalga uma sôbre outra; e tem o corpo todo coberto de conchas feitas em lâminas, que atravessam o corpo todo, de que tem armado uma formosa coberta; e quando se êste animal teme de outro, mete-se todo debaixo destas armas, sem lhe ficar nada de fora, as quais são muito fortes; tem as unhas grandes, com que fazem as covas debaixo do chão, onde criam; e parem duas crianças. Mantêm-se de frutas silvestres e minhocas, andam devagar, e se caem de costas, tem trabalho para se virar; e tem a barriga vermelhaça tôda cheia de verrugas. [...] Há uma casta de tatus pequenos da feição dos grandes, os quais tem as mesmas manhas e condição; mas quando se temem de lhe fazerem mal, fazem-se em uma bola tôda coberta em redondo com suas armas, onde ficam mettidos sem lhes aparecer cousa alguma; cuja carne é muito boa; comem e criam como os grandes. A êstes chamam tatumirim. Há outros tatus meãos, [...] cujo corpo não é maior que de um leitão; tem as pernas curtas cobertas de conchas, a cabeça comprida cheia de conchas, os dentes de gato, as unhas de cão, o rabo comprido e muito agudo coberto de conchas até a ponta, e por cima sua coberta de laminas como os grandes que são muito rijas, e na barriga não tem nada; [...]. 1592 in *Confissões da Bahia* (ed. 1935) 158: [...] sendo sabado a dicta Ana dAveloa mandou ir a merenda hu tatu que he caça do mato de carne cozido e todas ellas quatro comerão a dicta carne no ditto sabado á merenda sabendo ser sabado, [...]. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1055-1068: Tatu caualo armado Ha hũs m^to grandes outros m^to piquenos de m^tas especias ha hũs q̃ mais cauaõ cõ as maõs q̃ hũ homẽ cõ huã emxada q̃ vaj tras delle pello buraco a cauar e o tatu a botar terra p^a detras de ssi e acõtecco em huã fazẽda andarẽ 27 Jndios cõ suas emxadas e acharaõ hũ e o naõ podiaõ alcãçar ate q̃ cõ hũ dardo o esperaraõ jũto huã coua por onde elle auja de passar e assi fizeraõ bẽ dous Jndios em o trazerẽ p^a casa q̃ era grãde saõ como caualo no focinho e todos andaõ cubertos cõ huãs cõchas como laminas darmas brãcas de osso moçiço nos peés mãos e Rabo tẽ o mesmo e naõ os passa frecha [...]. *c*1596 S. TRAVAÇOS *Declaração do Brasil* xlix. fl. 38: Ha huns bichos que chamaõ tatús, a que os nossos portugueses chamaõ caualeiros armados, que se cobrem com huã concha, como de centollas, he carne singular, nem mais nem menos como de coelho, senão que são cõmũm^te mais gordos, [...]. 1610 J. MONTEIRO *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.* VIII. (1949) 419/420: Tatu. A este animal chamam comumente cavalo armado, pola muita semelhança que tem com ele; são alguns como pequenos bezerrinhos; anda acobertado de lâminas, lançadas umas sobre as outras, e dobradiças, de tal dureza que as não passa frecha; também traz as mãos e pés acobertados de umas láminas mais miudas, que as do corpo; nas orelhas, e focinho parece cavalo. Têm quatro unhas do tamanho de grandes dentes de porcos javalis, com que cavam a terra; têm o rabo à feição do do lagarto, cheio de lâminas como as demais partes. É animal pouco nocivo, sustenta-se de minhocas e de outras savandijas semelhantes. A um Padre nosso, que estava em uma Aldeia, sucedeu virem-lhe dar recado que estava um destes cavando em certa parte. Pera o tomarẽ, mandou muitos índios, os quais começando a cavar, se via mover a terra com tanta velocidade, como se correra por partes desẽbaraçadas, e em lhe atalhar tiveram sumo trabalho. Querem dizer os Índios que faz a cova com tanta pressa que lhes leva ventagem ao correr. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fls. 128-129*v.*: [...] tátu — he hũ bicho que se vé pintado nos mapas pella sua estranheza e feiçaõ de que he composto. por que anda armado de huãs courasas á maneira das que nós vzamos com naõ serem pouco fortes e debaixo de semelhante armadura aguazalhaõ o seu piqueno corpo [...]. 1624 S. E. SILVEIRA *Relação do Maranhão* fl. 10: Hà tatùs de diuersos generos, q̃ são armados de cõchas, como laminas dũ cauallo darmas, tamanhas como hũ bõ gozo, & tãbẽ se encouão, & he gostosa carne. 1627 V. SALVADOR *Hist. Brasil* I. ix. fl. 16*v.*: Hà tatùs, aque os Hespanhoes chamaõ armadilhos porque saõ cober-

tos de huã concha naõ inteirissa, como a das tartarugas, mas de pessas a modo de laminas, e sua carne assada he como de galinha. **1663** S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* I. § 71. 45: Outras de animaes de caça, antas, veados, porcos monteses, & aquarios, pacas, tatus, tamandúas, lebres, coelhos, & estes de 5. ou 6. especies. Outras de animaes de gosto, & recreação, monos, macaços, bugios, çaguiz, preguiças, cotias, & outras especies sem conto. Idem *Ib.* II. § 102. 177: Remetome aos livros citados, & repito sómente os nomẽs: pacas, tátús, tamãdúas, coelhos, estes de seis especies; bogios, ságuis, macacos, preguiças, cotias, coatis, londras: seria longo côtar todos. *a*1667 Heriarte *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 169): Tem [esta ilha] milho grosso e muita caça em seus montes, como são porcos, veados, pacas, cutias, tatús e de outras castas. *a*1696 G. Matos *Obras* (ed. 1969, V. 1147): Indo à caça de tatus | encontrei Quatimondé | na cova de um Jacaré | tragando treze Teiús: |. **1730** Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 65. 40: Das caças quadrupedes silvestres, ha veados, capivaras, coelhos, cotias, coatîs, perîas, teûs, tatûs, e pacas; estas, posto que nocivas para a saude, tem a carne superior no gosto a todas as do Brasil. **1757** D. L. Couto *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 37: Para a caça; Antas, veados, porcos montezes, capivairas, Pacas, Tatus, Cotîas, Tamanduás, Lebres, Coelhos e Quatis. **1768** J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 185: Ha outro animal chamado tatu; tem o focinho de rato, mas agudo, e a cabeça do mesmo cobre-se de um casco côr de chumbo, como a pelle do peito do jacaré, com juntas sobrepostas como o pescoço da lagosta, e parte das armas brancas que vestiam os antigos militares, [...]. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 258: [Quadrupede] Tatú de tres especies. **1781** Durão *Caramurú* VII. lxii. 214: Da varia caça, que o Caboclo mata, [...] Pacas, Teús, Periás, Tatus, Cotias. **1817** Casal *Corografia Brazilica* I. 71: O *tatu*, do qual ha varias castas, que quazi só se differençam no tamanho, he d'huma figura admiravel: a cabeça, e orelhas sam de porco; os olhos pequenos; focinho comprido, e agudo; bocca pequena; cauda afuzada como de rato; pernas, e unhas grossas, com que em breve espaço faz uma toca no chão para se esconder: o corpo he vestido d'hum casco duro em conchas atrevessadas como de lagosta, e fórma de gualdrapa, que lhe esconde a barriga; todo pellado, e negro. Idem *Ib.* II. 144: [Criam-se todos os animaes domesticos, e selvaticos...] Havendo muitos *tatús-bóllas* sobre a margem esquerda do rio S. Francisco, tem-se observado por varias vezes, que sendo trazidos para a direita, ou morrem logo, ou não multiplicam. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 26: *Viados do mato*, e *capoeiras*, *pácas*, *tatús* de differentes especies, entre as quaes o *canastra* he o mais corpulento, [...]. **1846** Martins Pena *O Judas em sábado de Aleluia* (ed. 1956, I. 131): — É pena que o menino vá viver por essas brenhas com as feras da Hircânia, com os tatus e tamanduás. **1847** A. Leverger *Rio Paraguai* in RIH, XXV. (1862) 232: Os campos limpos são habitados por *Cervos* e *Veados*; os capões por bandos de *Macacos* e *Bugios*. Uma vez por outra apparecem *Antas*, *Pacas*, *Tamanduás*, *Ouriços*, *Tatús* e varios reptis, como *Camaleões Sinimbús*. **1856** D. Magalhães *A Confederação dos Tamoyos* II. 37: De tatú lhe defende o peito e o ventre; | De escudo outro lhe serve, Elle sobraça | A terrivel inúbia que assignala | A hora da investida e retirada. **1865** J. Alencar *Ás Minas de Prata* IV. xii. 318: As tres figuras de quadrumanos afastaram-se tomando cada uma forma diversa; uma grimpou ao cimo da arvore mais alterosa do circuito; as duas outras, pondo-se a barlavento da habitação, uma embolou-se entre as moitas como um tatú, a outra escorregou de galho em galho como uma preguiça. **1869** Varela *Cantos Meridionais* in *Obras Completas* (ed. 1896, II. 171): Quando corre o tatú pelas roçadas, |. **1869** B. Guimarães *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. i. 43): Os poucos homens que n'essa occasião alli se achavão, pois estavão pela maior parte dispersos pelas mattas ao longo da margem do rio occupados em caçadas e pescarias, uns assavão peixe, ou muqueavão um lagarto, um tatú ou uma paca em fogueiras acendidas fóra das tabas; [...]. **1870** J. Alencar *O Gaúcho* I. i. ii. 13: — Olhe; se vir lá pella villa a Missé dê-lhe memorias; diga-lhe que em havendo uma folga, lá me tem para bailarmos o tatú. Idem *Ib.* II. iii. viii. 81: Abraçado com a Missé começaram ambos a sapatear um passo de tatú, chorando como duas crianças, tanta era a alegria. Idem *Ib.* II. iii. x. 103: Então quando ella se enfeita, mette a todas n'um chinello! E para bailar o tatú? Que requebrados, que denguices de minha alma! **1871** B. Guimarães *Lendas e Romances* III. iv. 226: Vierão depois os porcos, os tatús, e outros bichos, cavoucarão a cova, espatifarão o cadaver, e andarão, espalhando os ossos do defunto ahi por toda essa matta. **1872** J. Alencar *Til* II. xv. 170: Apenas se desvaneceu o rumor dos passos, que um galho murcho atirado a um canto da barranca se agitára, descobrindo a bocca de um covão, talvez de tatú canastra, de onde sahiu de rojo meio corpo do Braz. **1872** Taunay *Inocência* (2ª ed., 1884, x. 100): Este Júque mais parece um tatú do que um homem... **1874** J. Alencar *Ubirajara* vi. 104: "É preciso que elle tenha a paciencia do tatú, e supporte sereno as mortificações das mulheres, e as importunações das creanças. **1876** F. Távora *O Cabeleira* viii. 138: E como tinham elles por costume caçar pacas e tatús uma vez por outra, quando fazia o luar e o tempo estava enxuto, não houve quem duvidasse da palavra dos caçadores. **1878** Taunay *Narrativas Militares* 122: [...] cavarão, cavarão como tatú que vê caçador pertinho e, n'um apice, levantarão trincheiras com fosso, berma e o mais, além de boas bocas de fogo em cima. **1879** B. Guimarães *O Pão de Ouro* iv. 276: Demais lembremonos, que são tatús, e podem furar uma sahida por onde bem lhes parecer. **1881** F. Távora *Lourenço* (ed. 1902, xvi. 243): [...] o matto porém era o seu principal fornecedor, agora lhes dando a paca, o tatú, a cutia, o preá; agora o jacú, a juruty, o nambú, o pato bravo; [...]. **1883** B. Guimarães *Rozaura a Engeitada* (ed. 1900, I. ii. 20): Mais uma esporada ou uma chicotada, e teremos deixado atraz esse arrabalde formado de quintaes sem dono, cercados de taipas velhas e arruinadas, e abandonadas ás formigas e aos tatús. **1895** J. Veríssimo *A Pesca na Amazônia* I. ii. 24: [...] e, meio occultos no tijuco os acaris, cascudos como tatús aquaticos, [...]. **1898** A. Arinos *Pelo Sertão* 75: Diga á Valú que venha sustentar isso á minha vista; ella ha de saber "para que é que tatú cava". **1898** Idem *Os Jagunços* I. i. 8: Quando chegaram todos ao fundo do valle, onde uma cruz — a última da fila se levantava num outeirinho e aluida na base por tres ou quatro furnas de tatú, pendia para a frente como uma ave negra que se contrahisse para desferir um vôo alto — [...]. Idem *Ib.* I. iii. 79: Mais devagar, sô moço! Brinca com a gente com geito! Você há de saber para que é que tatú cava! Idem *Ib.* II. iv. 300: Um empunha a palmatoria, outro, o rabo-de-tatú. **1903** D. Olímpio *Luzia Homem* II. 12: Tirando-lhe a força bruta, não passava de um pobre tatú, que só tem por si o dia e a noite. **1911** A. Maia *Tapera* 88: Escapava-se da cosinha o perfume acre e appetitoso de um tatú mulita, que a china temperava. **1913** Simões Lopes *Lendas do Sul* 51: Mas não era, não, gado chucro espantado, nem guaráchim corrido, nem tatú vadio; era gente, que se escondia uns dos outros e delle... **1914** Coelho Neto *Rei Negro* ix. 383: Olhou em torno assegurando-se da solidão, depois, plantando-se sobre a cova, poz-se a sapatear em cima, calcando-a, para que os tatus não a profanassem. **1915** Lima Barreto *Policarpo Quaresma* II. i. 92: Quaresma limitou-se a fazer o seu museu no papel, por onde sabia que as terras eram povoadas de tatús, cotias, preás, [...]. **1919** Monteiro Lobato *Cidades Mortas* 90: Traz á cintura a penca de chaves e um rabo de tatú que até a mim inspira respeito. **1922** M. Andrade *Paulicea desvairada* 125: Deve haver Von Sherings para todos os tatús! **1928** Idem *Macunaíma* xvii. 253: Quando o mano voltou prá tapera Macunaíma pegou na violinha, fez talequal reparara e veio uma imundice de caça, viados cotias tamanduás capivaras tatús aperemas [...]. **1929** G. Aranha *Viagem Maravilhosa* iv. 56: Nas paredes, no chão, nos moveis, os trophéos do caudilho. Cabeças de onça de rubras guelas escancaradas, cabeças estupidas de veados chifrudos, cascos pittorescos de tatús, gaviões empalhados... **1934** J. L. Rego *Banguê* I. x. 55: Estava ali Josepha apanhando como se fosse de ferro, com onze annos, dada de presente como uma cotia, um tatú. **1935** Jorge de Lima *Calunga* ix. 86: Baratas dagua descreviam reides armadas de longas patas dianteiras, cascudos aquátocps, larvas, lezardos de sapos parecendo peixes, outros bichos se arrastando no fundo, ao lado de numerosos sêres que êle nunca vira nem supunha que vivessem dentro dagua iam e vinham danados se agredindo, famintos nadando, boiando na flor da agua ou furando que nem tatuzinhos túneis no lodo das margens. **1936** J. L. Rego *Usina* II. xix. 279: Nunca mais que se pegasse um tatuzinho, uma paca, uma cotia para encher a barriga. **1938** G. Ramos *Vidas Secas* 31: Estava escondido no mato como tatu. Duro, lerdo como tatu. Mas um dia sahiria da toca, andaria com a cabeça levantada, seria homem. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* xvii. 196: — Ahi entraram os desdentados tatús. Idem *Ib.* xvii. 197: [...] em seguida os tatuis, chrismados de tatú-bola; [...]. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 331: Parou, para espiar um buraco de tatú, escavado no barranco; [...]. **1956** Idem *Grande Sertão: Veredas* 205: Raio de um repente, afastaram a erva alta, minha cabeça eu encolhi. Era um tatú, que ia entrando no buraco, fungou e escutei o esfrêgo de suas muxibas.

tatuapara *s.m.* Var.: 5 *tatuapara*, 6 *tatu opara* [< T. tatua' para < ta'tu 'tatu' + a'para 'torto'].

Mamífero desdentado da família dos dasipodídeos, gênero *Tolypeutes*; tatu-bola.

*c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1069-1072: Ha outros [tatus] m^to^ diuerços tatupeba tatuguaxima tatupebuçu tatuapara este fechasse e não ha què être cõ elle senaõ nagoa. Monardes diz q̃ o osso do Rabo he bõ pera febres mas como saõ m^to^ naõ sabemos qual he o do perũ [*scil.* Peru]. **1610** J. Monteiro *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.* VIII. (1949) 420: [...] a outros [tatus] chamam tatu opara, tatu torto, o qual nome lhe deram porque sentindo alguém, enroscamse como ouriços cacheiros, e não há forças que os quebrem; botam-nos em água, e nela se abre, e assi os matam.

tatucaba *s.f.* [< T. °tatu'kaua < ta'tu 'tatu' + 'kaua 'vespa' ~ Cp. T. tatu'rana ~ VLB I. 55: *Bespas* = Caba. Suas especies. Taturana; Tatacira (...)].

Espécie de vespa.

1928 M. Andrade *Macunaíma* vii. 88: Macunaíma tirou os sapatos

e as meias como os outros e enfiou no pescoço a milonga feita de cera de vespa tatucaba e raiz sèca de assacú

tatuguaxima *s.m.* Var.: 5 *tatuguaxima*, 6 *tatugaíxima* [< T. tatuũa'sĩma < ta'tu 'tatu' + 'ɰaja 'rabo' + 'sĩma 'liso' ~ VLB II. 95: *Rabo de qualquer animal, ou aue* = Çoaya. *Ib.* II. 23: *Lisa cousa ser* = Xecigm. Xeacigm. Xepecigm (...)].

Espécie de tatu.

*c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1069-1072: Ha outros [tatus] m^to^ diuerços tatupeba tatuguaxima tatupebuçu tatuapara este fechasse e naõ ha quẽ ẽtre cõ elle senaõ nagoa. Monardes diz q̃ o osso do Rabo he bõ pera febres mas como saõ m^tos^ naõ sabemos qual he o do perũ [*scil.* Peru]. **1610** J. Monteiro *Rel. da Provincia do Brasil* in S. Leite *Hist.* VIII. (1949) 420: [...] e a outro [tatu] chamam *tatugaixima*, tatu que lhe escorrega o rabo; [...]

tatuí[1] *s.m.* Var.: 6 *tatuig*, 7 *tatuí*, 8 *tatuim*, 9 *tatui* [< T. tatu'i < ta'tu 'tatu' + -'i 'pequeno'].

Espécie de tatu.

1610 J. Monteiro *Rel. da Provincia do Brasil* in S. Leite *Hist.* VIII. (1949) 420: Há outros [tatus] pequenos a que chamam *tatuig*. Querem os moradores destas partes que seja a melhor carne que cá se come; é alva e como titelas de galinha, das quais não difere no gosto; e destes se faz bom manjar branco. **1789** F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 22: Tatú, vulgo Tatuí, com o corpo da extenção de hum palmo, e a cauda de outro; cabeça subconica; orêlhas não parvas finas, calvas; olhos pequenos, nêgros, brilhantes; focinho extenso com tromba; nares suborbiculares; bocca grande porcina. **1817** Casal *Corografia Brazilica* I. 71: O [tatú] denominado *tatuim* he pequeno; [...]. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* xvii. 197: [...]; em seguida os tatuis, chrismados de tatú-bola; [...].

tatuí[2] *s.m.* Var.: 9 *tatuhy, tatuí* [< *tatuí*[1]].

Crustáceo decápode da família dos hipídeos, tatuíra.

1929 G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* iv. 46: Á noite voltou febril mysteriosamente doente dessa privação dos vastos e livres horizontes do seu mar quotidiano e das luminosas areias farfalhantes, onde se enterrava, como um tatuhy, por entre as salgadas espumas chiadeiras. **1933** H. Campos *Lagartas e Libélulas* xxiv. 135: Rodam automóveis sôbre o asfalto onde corria o tatuí na areia molhada.

tatupeba *s.m.* Var.: 5 *tatu-peba*, 5-6 *tatupeba*, 7 *tatú peba*, 9 *tatú-péba, tatú-peba* [< T. tatu'peɰa < ta'tu 'tatu' + 'peɰa 'chato'].

Espécie de tatu, do gênero *Euphractus*.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cii. 141/142): Tatu-peba é outra casta de tatus maiores que os comuns, [...] os quais tem as conchas mais grossas, e são muito baixos das mãos e pernas, tem-nas muito grossas, e são muito carrancudos, e andam sempre debaixo do chão como toupeiras, e não comem mais que minhocas. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1069-1072: Ha outros [tatus] m^to^ diuerços tatupeba tatuguaxima tatupebuçu tatuapara este fechasse e naõ ha quẽ ẽtre cõ elle senaõ nagoa. Monardes diz q̃ o osso do Rabo he bõ pera febres mas como saõ m^tos^ naõ sabemos qual he o do perũ [*scil.* Peru]. **1610** J. Monteiro *Rel. da Provincia do Brasil* in S. Leite *Hist.* VIII. (1949) 414: [Agouros] Para fiarem com pressa, [as mulheres] tomam as unhas do tatupeba, que são semelhantes às do gato, posto que maiores, e arranham as mãos com elas, e dizem que com isto ficam boas fiandeiras. Idem *Ib.* 420: Há outros [tatus] a que chamam tatupeba, cavalo largo; e a outro chamam *tatugaíxima*, tatú que lhe escorrega o rabo; a outros chamam *tatu opara*, tatu torto, o qual nome lhe deram porque sentindo alguêm, enroscam-se como ouriços cacheiros, e não há forças que os quebrem; botam-nos em água, e nela se abre, e assi os matam. Há outros pequenos a que chamam *tatuig*. Querem os moradores destas partes que seja a melhor carne que cá se come; é alva e como titelas de galinhas, das quais não difere no gosto; e destes se faz bom manjar branco. **1789** F. A. Sampaio *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner., do Brazil* II. 24-25: Tatú Peba com a extensão de palmo, e meio de corpo. A cabeça depressa, hum pouco sahida; o corpo subdepresso com 8 cingulos. Pes pentadactyles: maons tetradactyles, unguiculados todos; unhas depressas, fortes, rombas; caudas teres. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* xvii. 197: [...]; guardando a rectaguarda — tatús-pébas. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 137: O tatú-peba não desenterra os mortos? Claro que não. Quem esvazia as covas é o tatú-rabo-mole. **1956** Idem *Grande Sertão: Veredas* 205: Raio de um repente, afastaram a erva alta, minha cabeça eu encolhi. Era um tatú, que ia entrando no buraco, fungou e escutei o esfrêgo de suas muxibas. Tatú-peba, e eu no trés dele.

tatupebuçu *s.m.* [< T. tatupeɰu'su < tatu'peɰa 'tatupeba' + u'su 'grande'].

Espécie de tatu.

*c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1069-1072: Ha outros [tatus] m^to^ diuerços tatupeba tatuguaxima tatupebuçu tatuapara este fechasse e naõ ha quẽ ẽtre cõ elle senaõ nagoa. Monardes diz q̃ o osso do Rabo he bõ pera febres mas como saõ m^tos^ naõ sabemos qual he o do perũ [*scil.* Peru].

tatuquira *s.m.* [< T. °tatu'kĩra].

Inseto díptero, nematócero, da família dos psicodídeos; espécie de mosquito.

1928 M. Andrade *Macunaíma* ii. 21: E eram muitos mosquitos, piúns maruins arurús tatuquiras muriçocas meruanhas borrachudos varejas, toda essa mosquitada.

taturana *s.f.* Var.: 5 *taturama*, 9 *taturana, tatorana, tatarana* [< T. tatu'rana ~ VLB I. 55: *Bespas* = Caba. Suas especies. Taturana; tataeĩra, (...)].

Inseto himenóptero da família dos vespídeos; espécie de vespa.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. xci. 119): Há outra casta de abelhas, maiores que as de Espanha, a que os indios chamam taturama: estas criam nas árvores altas, fazendo seu ninho de barro ao longo do tronco delas, e dentro criam seu mel em favos, o qual é baço, e elas são pretas e mui cruéis. **1914** Coelho Neto *Rei Negro* viii. 314: A escuridão parecia-lhe verminada de taturanas, estriada de cobras flammineas: eram clarões coados das frinchas do tecto, [...]. **1919** Monteiro Lobato *Cidades Mortas* 19: Quando o Isaac-Fac-Totum — um mulato retaco, grosso e curto como uma taturana — [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* vi. 73: Então pegando num cabeceiro de algodão, virou-o numa taturana branca e falou: [...]. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 212: Mas cumpria com a lista, porque eu não podia deixar o povo a saber que eu entrava no mato, e lá passava o dia inteiro, só para ver uma mudinha de cambuí a medrar da terra de-dentro de um buraco no tronco de uma camboatã; para assistir à carga frontal das formigas-cabaças contra a pelugem farpada e eletrificada de uma taturana lança-chamas; [...].

tauá *s.f.* Var.: 6 *taguá*, 7 *tayá, taõa, tauá* [< T. ta'ũa ~ VLB I. 52: *Barro branco como cal* = Tobatinga. Outro amarello com q. se dá cor á louça. Tagoâ (...)].

Argila colorida por óxido de ferro, de que se extrai uma tinta de cor amarela.

1698 J. S. Ferreira *América abreviada* in RIH, LVII. (1894) 49: Para tintas ha muita variedade de páos e frutas, e ainda a terra mais ordinaria, que é quazi vermelha, dá tinta parda, [...] outra chamada taguá dá côr amarella, e outra que chamam tijuco dá côr preta. **1763** J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 77: [...] costeando o rio demos com a vista em umas altissimas barreiras de *tayá:* assim chamam a um fino barro amarello de que se faz perfeita tinta, e tambem vermelha: [...]. Idem *Ib.* 333: Fazem [os indios] tintas finissimas de varias plantas, como azul da planta do anil, roxa de Capiranga, vermelha do urucuzeiro e de outras plantas mais, amarella de barro de Taõa purificado; e até para refinar a cor preta tem uma planta, que mettida a ferver n'agua, faz este excellente effeito. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 265: [Reino mineral] Acha-se tambem cori, especie de greda vermelha; tauá, amarella; tabatinga, branca.

tauari *s.m.* Var.: 8-9 *tauarí, tauari, tauary* [< T. °taɰa'ri].

Planta da família das lecitidáceas, cuja casca serve como mortalha de cigarro.

1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 9-10: Entre outras arvores desta Provincia he remarcavel o tauari; suas raizes crescem na terra ao meio do tronco em distancia de duas a tres braças e tão largas, que de cada raiz se tiram portas inteiras; he fragil a madeira, porém a arvore corpulentissima, e da casca extrahem os Indios a pellicula que lhes serve de papel para sigarros, pellicula essa similhante ao papiro, em que escreviam alguns povos antigos. Idem *Ib.* 114-115: [...] fumando tambem um grande cigarro de casca de tauari, com o qual defumam o enfermo, guardando nestas occasioens todos os circunstantes o maior silencio: [...]. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 42): O procurador, [...] fôra pôr-se ao jacumam, fumando um cigarro comprido de tauari, [...]. Idem *Ib.* 55: Então os lagos, as enseadas, o igarapé, povoam-se de canôas a cujas proas um homem de camisa e calça vermelha [...] o comprido cigarro de *tauary* na boca, attento e quedo, espera que o peixe boie. **1888** Inglês de Sousa *O Missionário* (ed. 1899, II. viii. 84): Por mal dos peccados nem siquer tinha uma rodella de tabaco, nem uma folha de tauary! **1895** J. Veríssimo *A Pesca na Amazônia* I. iii. 30: [...] e o seu urú, cestinho de talas, de tampa movel, em forma de bolsa de senhora, com o isqueiro, o tabaco, a palha de tauari para o comprido cigarro que dura todo um dia, o seu provimento de anzóes e outras miudezas. **1928** M. Andrade *Macunaíma* xv. 215: Tirou uma cigarreira de tartaruga feita por Antonio do Rosario no Pará, ofereceu cigarros de palha de tauari pro moço [...]. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 48: São

tambem gigantescos os tauarys, que o General me dá a conhecer. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* ix. 108: Mandou sahirem todos da barraquinha, fechou a porta com a folha de japá, accendeu o cigarro de tauari, arrumou varios animaes seccos: [...]. IDEM *Ib.* xx. 237: Apesar do serviço andar á vontade, entre duas cuias de mingau, dois cigarros de tauary, as tarefas avançavam, e, no praso de quinze dias, estava prompto dentro da medida: [...].

tauató *s.m.* Var.: 5 *toató, toato,* 6-7 *taguato,* 9 *tauató* [< T. taüa'to ~ VLB I. 134: *Falcão, aue* = Tagoatô. Taguatoguaçû. Taguatômirî. Taguatoÿ. *Ib.* I. 147: *Gauião* = Tagoatô. Outro menor. Tagoatoy].

Ave falconiforme da família dos falconídeos.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXV. 103): Toató è um pássaro, que é na feição, na côr e no tamanho um gavião, e vive de rapina no mato; e em povoado não lhe escapa pintão que não tome, e criam em árvores altas. *c***1594** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1415-1416: Pássaros de Rapina. Ha m^tos^ e muj ligeiros os abaixo saõ os prĩcipais Toato guaçu. Toatomerj asor piqueno. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fls. 116-116*v.*: [...] ha outro modo de falcão ou guauiaõ que naõ sey de que especie seja, tambem muy agiles pera a caça, mas naõ tão grandes como os de que fiz menção de que hũ dos tais se chama — piron — e outro ganbiapiruera, e outra casta a que chamaõ — eixua — e outra semelhante que tem por nome taguato — e outro quaraquara — e tambem — guaquaqua — e do mesmo modo jaqueretu — o coal he asaz feo na composiçaõ [...]. **1783** M. C. ABREU *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 259: Os gaviões, além de muitos, são tambem de diversas qualidades, pois uns se chamam japocanis, que são quasi do tamanho de uma gallinha grande, com a côr preta, e raias brancas; outros têm o nome de taguatos, mais pequenos do que aquelles, com os peitos brancos e as costas pretas; [...]. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xvii. 193: Vinham-lhe na esteira o gavião pega-macaco, o gavião-pombo, o tauató pintado, o gavião-uruá [...].

‖**tauguape:** v. abon.

*c***1631** C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 174: tauguape peixe armado de cor pardo e parece azul nauguoa e he armado de tres piquamis muito periguozos a que eles fevem e he peixe de hũ palmo gramde os mahores e he muito gordo e he muito bom comer.

taxi *s.m.* [< T. "ta'ši].

Designação comum a várias plantas das famílias das leguminosas, gencianáceas e poligonáceas; taxizeiro.

1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 47): [...] o taxi, cujas flores brancas, de que nesta época se cobre a sua cópa symetrica, dão-lhe de longe o aspecto de um enorme ramalhete erguido no ar.

taxizeiro *s.m.* Var.: 8 *taxizeiro,* 9 *tachizeiro* [< taxi + -z- + -eiro].

Taxi.

1876 N. J. R. SOUSA *Diário* (ed. 1946, 18): Dali a pouca distancia tudo muda, alarga-se o rio, ve-se pelas margens mangabeiras, tarumaneiros, taxizeiros e outras arvores do soberbo Amazonas. **1930** G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 18: Mais para traz, annunciando a matta, imbaúbas brancacentas e tachizeiros esguios, estes ultimos ainda em flor, com as ramas espontadas de um roseo ferrugineo.

teiú *s.m.* Var.: 6 *teju, teiú,* 7 *teú,* 7-8 *teú,* 7 *teyú, teyú,* 8 *tyú, tiú,* 9 *tejú* [< T. te'ĩu ~ VLB II. 17: *Lagarto da terra* = Tejû. Tejuguaçû].

Designação genérica do lagarto, entre os indígenas; réptil lacertílio da família dos teídeos.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 132: [...] teju — he hũ sardaõ — grande perseguidor de gallinhas. e com tudo estimado pera se aver de comer — [...]. *a***1696** G. MATOS *Obras* (ed. 1969, V. 1147): Indo à caça de tatus | encontrei Quatimondé | na cova de um Jacaré | tragando treze Teiús |. **1730** ROCHA PITA *Hist. Amér. Port. I.* § 65. 40: Das onças quadrupedes silvestres, ha veados, capivaras, coelhos, cotias, coatîs, perîas, teûs, tatûs, e pacas; estas, posto que nocivas para a saude, tem a carne superior no gosto a todas as do Brasil. **1781** DURÃO *Caramurú* VII. lxii. 214: a Narração per longa não prosigo, | Veados, Capivaras, e Coatiás, | Pacas, Teús, Periás, Tatus, Cotias. **1782** F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil.* I. xi. 178-179: [...] fritos entam em qualquer banha, e melhor se for banha de Teyû, ou Giboia animaes particulares á este Paiz, [...]. **1789** IDEM *Ib.* II. 135: [...] corre com summa vellocidade, e tem formidaveis pendencias com as cobras. Eu vi com gosto huma destas brigas; a cobra levantava o collo, armava o bote, o Teyú no mesmo instante lho desvanecia com o açoite da cauda; [...]. **1872** B. GUIMARÃES *Hist. e Trad. Minas* III. i. 205-206: — Uff!... Jupyra!... — exclamou largando o peixe e deixando-o estourar no chão; — sei que não gostas do tyú, que é o que tua mãe tem para te dar, e fui ao fundo do rio buscar esse peixe para ti; custou-me bem arrancal-o d'agoa. **1874** J. ALENCAR *Ubirajara* vi. 100: Na vespera o pagé burnira de novo com a folha da sambaiba o toro de madeira, e o esfregára com a banha do teú, para que elle escorregasse da mão do guerreiro como o lagarto da mão do caçador. **1898** A. ARINOS *Pelo Sertão* 160: Mas o Joaquim não era homem de ficar quieto assim, de barriga para o ar, como qualquer tiú ao sol. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* xvii. 253: Quando o mano voltou prá tapera Macunaíma pegou na violinha, fez talequal reparara e veio uma imundicie de caça, viados cotias tamanduás capivaras tatús aperemas pacas graxains lontras mussuans catetos monos antas jaguatiricas tejús queixadas, isso era uma imundicie de caças!

teiuaçu *s.m.* Var.: 5 *tijuaçu,* 8 *tejuassú* [< T. tejuũa'su < te'ĩu 'teiú' + ũa'su 'grande' ~ V. TEIÚ].

Teiú.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXIV. 163): Criam-se no mato outros lagartos tamanhos como os de cima [senembus], a que os índios chamam tijuaçu, os quais são mansos, e criam em cova na terra, mantêm-se das frutas que buscam pelo mato; cuja carne é havida por muito boa e saborosa. **1875** J. ALENCAR *O Sertanejo* II. v. 77: Estendido sobre essa cupola de verdura, um grosso tejuassú aquecia-se ainda somnolento aos raios do sol matutino; e abria os olhos preguiçosos para ver a causa do alvoroto que ia pela varzea naquella manhã.

‖ **tejeçu** *(tegessú):* v. abon.

1721 F. F. HENRIQUES *Âncora medicinal* (ed. 1731, 138): Tegessú. He ave branca, silvestre, maior que perúa com pernas mui altas. Acha-se no Brazil, he quente e secca, muito gostosa de facil cozimento, e boa nutrição.

tembetá *s.m.* [< T. *ita ŋ e'ta < i'ta 'pedra' + ŋ e'tara 'metara' ~ Cp. METARA].

Metara.

Enquanto que *metara* já se documenta no séc. XVI, em Cardim, e, no séc. XVII, em Jácome Monteiro e em Heriarte (v. METARA), *tembetá* parece remontar ao séc. XIX; talvez a mais antiga referência ao vocábulo seja a de Ladislau Neto no artigo intitulado *Apontamentos sobre os Tembetás (adornos labiaes de pedra),* publicado em 1878 nos *Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro* (vol. II, págs. 105-162).

1926 COELHO NETO *Feira Livre* 13-14: Quem a vê agora, com o agudo promontorio que lhe cravaram na orla, pensa nos botocudos cuja elegancia se manifestava pelo maior tamanho do tembetá. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* xvi. 233: Deu um tremor comovido no beiço dele que quasi a muiraquitã cai no rio. Macunaíma tornou a enfiar o tembetá no beiço.

‖ **terepomonga** *(tereponga):* v. abon.

*c***1584** CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 27*v.*: Terepomonga. He huã cobra q̃ anda no mar, o seu modo de uiuer he deixarse estar m^to^ queda e q̃ lhe toca fica nella taõ fortem^te^ apegada q̃ de nhuã manr^a^ se pode bulir, e desta manr^a^ come, e se sustenta, alguãs vezes sae fora do mar, e tornase m^to^ piquena, e tanto q̃ a tocaõ; pega, e se uaõ cõ a outra maõ p^a^ desapegarem ficaõ tambẽ pegadas por ella, e depois fazse taõ grossa como hũ bom tirãte, e assi leua a pessoa p^a^ o mar e a comẽ, e por pegar muito se chama Terepomonga, i. [*id est = isto é*] cousa q̃ pega. *c***1594** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 2204-2210: Ha outro peixe ou cobra Tereponga poèse como morta nagoa e toda a cousa q̃ lhe toca fica como visgo e q^to^ mais se quer tirar pior he assi como sae alguãs vezes p'la praja pareçe odre e tãta força tẽ naq̃le visgo q̃ naõ larga deste aj poucos.

teringuá *s.f.* Var.: 5 *terigoá* [< T. ?].

Espécie de vespa.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. XCII. 122): Criam-se na Bahia muitas vespas, que mordem muito; em especial umas, a que chamam os índios terigoá, que se criam em ramos de árvores poucas juntas, e cobrem-se com uma capa que parece teia de aranha, donde fazem seu ofício em sentindo gente.

‖ **teú** *(theú):* v. abon.

1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 108-109: O *Theú* he um sipó delicadissimo, que apenas excede a grossura d'huma penna de gallinha; mas de extraordinario crescimento, sempre enroscado com outro vegetal mais forte: sua folha he miudissima, e semelhante á da giesta na fórma, e tamanho: a raiz, que excede pouco mais a grossura do caule, e apenas com menos d'huma braça de comprimento, tem um cheiro forte, e enjoativo; e he um remedio approvado contra o veneno de cobra.

teúba *s.f.* Var.: 8 *theúba* [< T. ?].

V. abon.

1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 75: A *theúba* [especie de abelha] he tambem pequena, e amarellada.

téu-téu *s.m.* Var.: 6 *toitoy*, 7 *tetem*, 8 *téutéu, tetéu*, 9 *téu-téu* [< T. teôte'õ ~ Cp. GUIRÁ-TÉU-TÉU].

Ave da família dos caradrídeos, também chamada guirá-téu-téu e quero-quero.

*c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 187: toitoy he pasoro tamanho como hũ timtilhõ e he pardo tira de bramquo pela barigua e ha muito gramde camtidade o lomguo do mar e ilhas e quoamdo o tempo quer xouer aboam em bamdos que todo o ceo parese que esta cuberto e he pasoro muito gordo e bom comer eles fazem os filhos ao lomguo do mar na costa mas eu não nos vi numqua. 1763 J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 77: Se exceptuarmos o chamado *tetem*, que é o rouxinol do Pará, e de harmonia agradavel; [...]. 1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 30 [...] *quemquens*, ou *téutéus*, companheiros inseparaveis das *marrecas*, e seos espias, annunciando-lhes com grandes gritos o aproxe de qualquer pessôa; [...]. 1878 F. TÁVORA *O Matuto* xxii. 316: Dormem ainda menos do que teteú. 1913 SIMÕES LOPES *Lendas do Sul* 10: Só o téu-téu de vez enquando cantava: o seu quero quero! — tão claro, vindo de lá do fundo da escuridão, ia agüentando a esperança dos homens, amontoados no redor avermelhado das brazas.

ticuarapuã *s.m.* Var.: 5 *ticoarapuã* [< T. teikuarapu'a < tei'kuara 'caramujo' (cp. T. teikuare'ĩma) + apu'a 'redondo' ~ VLB I. 66: *Caramujo* = Çacoaritâ. Teicoareima. Cupaci. Cupaciguaçu. Çacura].

V. abon.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXLII. 226): Há outros búzios, a que os indios chamam ticoarapuã, tamanhos como um óvo, com um grande bico no fundo, e são muito alvos, lavrados em caracol por fora: tem miolo grande com tripa como estoutros, que se lhes tira, o qual é muito saboroso; e se criam também na areia: do que há muita quantidade.

ticuaraúna *s.m.* Var.: 5 *ticoeraúna* [< T. teikuara'una < tei'kuara 'caramujo' + 'una 'preto' ≈ V. TICUARAPUÃ].

V. abon.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXLII. 227): Ticoeraúna são uns búzios pequenos da feição de caramujos, pintados por fora, outros compridos, também pintados, que servem de tentos, os quais se criam nas fôlhas dos mangues como caracóis; [...].

tiê *s.m.* Var.: 5 *tie*, 6 *tihe, tyé*, 8 *tyhé*, 8-9 *tyé*, 8 *tiê*, 8-9 *tié* [< T. ti'ie ~ VLB I. 65: *Canario, passarinho* = Tijeiuba].

Designação comum aos pássaros da família dos traupídeos.

Gabriel Soares de Sousa (v. abon. 1587) refere-se a duas variedades de tiê, o *tiepiranga* [< ti'ie + pi'raŋa 'vermelho'] e o *tiejuba* [< ti'ie + + 'iuua 'amarelo']; o padre Francisco Soares (v. abon. *c*1594) menciona, além do *tiepiranga*, o *tié-guaçu* (< ti'ie + ũa'su 'grande'), o *tié-mirim* (< ti'ie + mi'ri 'pequeno'), o *tié-una* (< ti'ie + 'una 'preto'), o *tié-obi* (< ti'ie + o' *mĩ* 'azul, verde'), o *tié-obiguaçu* (< ti'ie + o'*mĩ* 'azul, verde' + ũa'su 'grande'), o *tié-apiraguira* (< ti'ie + a'pira 'couro da cabeça' + 'ũĩra 'parte inferior'), o *tié-guaicica* (< ti'ie + °uai'sika [< 'uaia 'rabo' + i'sika 'resina' (?)]) e o *tié-imbu* (< ti'ie + i'*m*u 'imbu').

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXVII. 109): Tiepiranga são pássaros vermelhos do corpo, que tem as asas pretas, e são tamanhos como pintarroxos; criam em árvores, onde fazem seus ninhos; aos quais os indios esfolam os peitos para forrarem as carapuças, por serem muito formosos. IDEM *Ib.* 110: Tiejuba são passarinhos pequenos que tem o corpo amarelo, as asas verdes, o bico preto; criam em tocas de árvores, e mantêm-se de pedrinhas que apanham no chão. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1337-1347: Ties. Ha de m^tas castas e todos quaize seruẽ pera gajolas algũs grãdes outros mais piquenos tie piràga he todo vermelho m^to fino Tie guacu he como calhãdro e assi canta. Tie merj como pintasilgo senaõ q' tẽ o uermelho que os pintasilgo tẽ tem elles preto e o preto vermelho e o Ruivo uerde pardo Tie vna he preto cãta ben Tie obig azul Tie obiguaçu Tie apiraguira Tieguaissica tẽ o Rabo de dous ou tres palmos Tie imbu saõ os canarios comẽ aRoz milho &c. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 194: tihemirim he hũ passarinho tamanho como hũ canario e he todo preto fora a cabesa que tem uermelha como camgue e camtam muito bem camtiguas do mato. 1663 S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 98. 173: [...] só naquelle primeiro Ceo terreno podiaõ pintarse tão finas cores, como saõ as de hum quereyuá, de hum Canindè, de hũ guarâ, de hũa arára, de hũ papagaio, quando he verdadeiro, de hum tyé, & outros semelhantes, que eu não quero descreuer, porque me remeto a outro livro do mesmo Autor já citado, e he o quinto da obra do Brasil: [...]. 1817 CASAL *Corografia Brazilica* I. 92: *Tyhé*, ou *tapiranga* he muito maior que o pardal: as pennas grandes das azas, e da cauda sam negras: o resto todo carmezim: o bico grosso, e negro com duas malhas brancas na mandibula inferior. 1859 C. ABREU *As Primaveras* 13: Pelo rio caudaloso, | Pelo prado tão relvoso, | E pelo tyê formoso | Da goiabeira no ramo! 1863 M. A. PORTO ALEGRE *Brasilianas* 55: Oh dor inexplicavel! Sotopostos | Troncos a troncos, inda emmarenhados | Na espessa malha das tenazes cordas, | Que como enxarcias sobre a terra a prumo | O serpentino imbê do alto brotâra, | Vejo um rubro tiê, que á flor purpurea | Disputa o brilho co'a louçã plumagem, | O desfiado ninho contemplando! 1875 J. ALENCAR *O Sertanejo* II. ii. 24: No meio da orchestra concertada pelos cantos dos sabiás, das graúnas e das patativas, retiniam os clamores das maracanans, os estridulos das arapongas, e os gritos dos tiés e das araras. 1915 LIMA BARRETO *Policarpo Quaresma* II. i. 92: Quaresma limitou-se a fazer o seu museu no papel, por onde sabia que as terras eram povoadas de tatús, cotias, preás, cobras variadas, saracuras, sanãs, avinhados, colleiros, tyês, etc. 1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 331: E viu voar, do mulungú, vermelho, um tié-piranga, ainda mais vermelho — e o tié-piranga pousou num ramo de barbatimão sem flores, [...].

tigüera *s.f.* Var.: 8-9 *tiguera* [< T. ti'ũera 'assolado, consumido, destruído' ~ VLB I. 45: *Assolado ficar tudo, ou assolados ficarem* = Oropab, (...) oretiguer; oretiguecatû].

V. abon. 1872.

1872 J. ALENCAR *Til* I. ix. 96: Apenas elles a deixaram, subiu appressadamente ao mirante para acompanhar com os olhos ao marido, até a volta que fazia o caminho no canto da tiguera e onde se perdia de todo a vista da casa. [*Nota de rodapé*] Tiguera, logar onde houve roça. 1902 E. CUNHA *Os Sertões* 48: [...] disparam pelas baixadas humidas os caititús esquivos; passam, em varas, pelas tigueras, num estridulo estrepitar de maxillas percutindo, os queixadas de canella ruiva; [...]. 1928 M. ANDRADE *Macuñaíma* xvii. 248: Se enxergou o cerro manso que fôra mãi um dia, no lugar chamado Pai da Tocandeira, se enxergou o pauê trapacento malhado de vitórias-regias escondendo os puraquês e os pitiús e pra diante do bebedouro da anta se viu o roçado velho agora uma tiguera e a maloca velha agora uma tapera.

tijucal *s.m.* [< tijuc(o + -al].

Lameiro, terreno encharcado; tijuco.

*c*1698 J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 273: Deixaram-se levar pouco mais adiante, onde se lhes offereceu um lameiro ou tijucal, [...]. IDEM *Ib.* 310: [...] e depois de o terem buscado por todas as partes o acharam finalmente em um tijucal ou lameiro, entre os mangues, em a paragem já referida, coberto todo de seus vestidos e sem nenhuma corrupção mais que em os olhos e boca do estomago, onde os passaros lhe tinham dado umas picadas.

tijuco *s.m.* Var.: 5 *tijugo*, 6 *tujuco*, 6-9 *tijuco*, 6 *tejuco* [< T. tu'iuka ~ VLB II. 17: *Lama* = Igbiguũma. Tujuca. Tujumumũna, esta he hũa muito alta em q. se atola muyto como em lagoas de agoa doce. Etc. *Ib.* II. 18: *Lamaçal como quer* = = Tujucuçû].

Lameiro, charco; tijucal.

1585 CARDIM *Informação* fl. 92*v*.: [...] aõlle dia fomos dormir junto dhũ rio de agoa doce, e todo o caminho he cheo de tijugos, o pior q̃ nũqua vi [...]. *c*1607 J. RODRIGUES *Relação* in S. Leite *Novas Cartas Jesuíticas* (1940) 216: E, assim, virando-se a canôa, tudo se foi ao fundo, em um tujuco, e bem fundo, donde com assaz de trabalho tiraram tudo molhado e danado; [...]. 1652 A. VIEIRA *Cartas* (ed. J. L. Azevedo, 1925, I. 278): Um punhado de farinha e um caranguejo nunca nunca nos pode faltar no Brasil, e, enquanto lá houver algodão e tijucos também não nos faltará de que fazer uma roupeta da companhia: [...]. 1693 J. S. FERREIRA *América abreviada* in RIH, LVII. (1894) 49: Para tintas ha muita variedade de páos e frutas, e ainda a terra mais ordinaria, que é quazi vermelha, e outra chamada taguá dá côr amarella, e outra que chamam tijuco dá côr preta. *a*1696 G. MATOS *Obras* (ed. 1969, VII. 1616): Sem débita reverência seis andores, | Um pendão de algodão tinto em tejuco, | Em fileira dez pares de Menores: |. *c*1698 J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 416: [...] postas em uma terra pretissima que parece tejuco, mas não é tejuco verdadeiro, porque delle se faz mui boa tinta de escrever. 1759 J. A. CALDAS *Notícia da Bahia* 478: O mar deste Cabo [das Palmas] he fundo de areia grosa e em partes he tijuco tudo bem fundo: [...]. 1817 CASAL *Corografia Brazilica* I. 377: [...] duas formozas pontes de cantaria sobre o pequeno corrego do *tijuco*, que a parte em dois bairros. 1874 TAUNAY *Histórias Brasileiras* 216: Lá nos *pantános* de Miranda, quando a expedição foi se metter no tijuco até o pescoço é que houve dias da gente duvidar da bondade de Deus. 1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 220/221): [...] o espinhoso juquiri, coberto ainda em partes do tijuco que lhe deixou a cheia, durante a qual esteve mergulhado. 1888 INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, II. ix. 133): A traição do escrivão José Antonio Pereira pezava-lhe sobre o coração, não porque se arreceiasse da influencia d'aquelle lagalhé, que elle tirara do tijuco em que vivia para dar-lhe emprego e importância, mas porque as circumstancias da politica favoreciam extraordinariamente

as intrigas [...]- **1895** J. Veríssimo *A Pesca na Amazónia* I. iii. 43: Vão outrosim caçal-os nos lagos chamados cobertos, ainda mais baixos que aquelles onde gapuiam, e litteralmente cobertos de gramineas e nympheaceas, nos quaes mais é o lodo, o tijuco, na linguagem indigena, que a agua. **1914** Coelho Neto *Rei Negro* viii. 305: Um grosso, pastoso tijuco amollecia o terreiro. **1919** Monteiro Lobato *Cidades Mortas* 67: [...]; mas uma meia hora de estrada barrenta, com poças d'agua grossa [...] e um tijuco meio molle, meio duro, e empelotado pela pata dos bois, [...].

tijucupaua *s.f.* Var.: 8 *tijucopáua* [< T. *tujuku'paua < tu'juka* 'tijuco' + *'paua* 'todo' ~ VLB II. 130: *Todo ou todos, omnis, l, totus, a, ũ* = Pâ, I. Pab. E Opab, (...)].

Tijucal, tijuco.

1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 49): De trecho em trecho esta orla é truncada pelos tijucopáuas, ou praias negras de tijuco, [...].

tijupá *s.m.* Var.: *α.* 5-6 *tugipar*, 5 *tiyupar*, *tajupar*, 5-9 *tijupar*, 5-6 *tujupar*, 5 *togipar*, *tuiupar*, 6, 8-9 *tejupar*, 6 *teiupar*, *tigipar*; *β.* 5 *teigupába*, *teigupaba*; *γ.* 6 *tigepau*, *tegipau*, *tegipão*; *δ.* 8-9 *tejupá* [< T. teï ju'paua ~ VLB I. 74: *Choupana* = Tapiya. Tejgiupaba ~ Embora se deva admitir um jogo de múltiplas interferências na formação das variantes dos grupos *α*, *β* e *γ*, parece bem provável que a evolução em português da parte final do voc. tupi ocorreu em dois sentidos distintos: a) *'paua* → *-par*; b) *'paua* → *-paba* → *-pau* → *-pá*].

Cabana de índios, choça; *por extensão*, toda e qualquer construção rudimentar.

Os textos citados são concordes em atribuir ao vocábulo a acepção original de 'cabana de índios', embora já aludam à construção dessas habitações rudimentares para uso dos europeus.

[**1559** A. Sá *Carta* in S. Leite *Cartas* III. (1958) 47: Pero para que mejor tenga los niños hechos en mi mano, ordenamos de hazer um tixipar en medio de la Aldea para luego irme allá. **1561** A. Blásquez *Carta* in S. Leite *Cartas* III. (1958) 415: Pero descansando tres o quatro dias se fue para la Isla de Taparica; y la noche antes que llegasen él y su compañero la tuvieron en el campo en un tixupar, i que son como allá ramadas, bien desabrigados de consolación umana, (...)]. **1567** in ABN, LXXXII. (1962) 270: [...] ao m^to^ proveito, que com fazer fazenda, fará a sua Alteza e à República lhe dê catorze braças de chão aonde êle sup^te^. tem seus tugipares [...]. **1567** in ADF, I. (1894) 33: Dis Domingos Fernandes morador nesta cidade, que vossa Senhoria lhe fes mercé delhe dar nesta cidade dez braças de chão para fazer nelle cazas, eo quintal, no qual já tem feito dois tiyupares, o qual lhe foi medido e demarcado por Nuno Gracia mestre das obras: [...]. **1585** Cardim *Informação* fl. 84*v.*: Aqui tiuemos dia de S. Joaõ bap.^ta^ .S. Pedro e S. Paulo, em os quais deziamos missa em hũs Teigupába de palha. Idem *Ib.* fl. 92*v.*: [...] e fomos dormir è hũ Teigupaba ao pee dhũa serra ao longo dhũ fermoso rio de agoa doçe [...]. **1587** G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. clxvii. 274-275): [...] nove horas do dia, que é o tempo em que aposentam seu arraial, o que fazem perto d'água, fazendo suas choupanas, a que chamam tajupares, as quais fazem arruadas, deixando um caminho pelo meio delas; e desta maneira vão fazendo suas jornadas, fazendo fogos nos tajupares. **1590** in ABN, LXXXII. (1962) 158: [...] partes de Guaratiba, aonde chamão Guarapirangua, onde Marqueza Fer^a^ tivera e tinha huns tijupares [..]. Idem 168: [...] tinha huns tujupares [...]. **1591** in *Denunciações da Bahia* (ed. 1925, 503): [...] hum dia não lhe lembra se pella menhãa se a tarde aposentados em hum tugipar que he huuma choupana de ramos de palma [...]. **1594** in *Denunciações de Pernambuco* (ed. 1929, 140): Denunciou mais que averá tres annos que na Parayba hum dia não lhe lembra qual á noite estando junto da igreja de Sam Francisco agasalhados em Togipares que são huns toldos de pauos e ramos, [...]. *c*1596 S. Travaços *Declaração do Brasil* xxxviii. fl. 29*v.*: [...] fazendo suas choupanas, a que chamão tuiupares, bem arruadas deixando hũ caminho pello meio, fazendo grandes fogos, e assi fazem suas iornadas. **1601** in ACSP, II. (1915) 97: [...] a igreja matriz a coal estava ao sol e a chuva e se perdia q̃ era necesario agazalhala e cobrila e p^a^ iso lhe fazerẽ hũ tigepau de palha [...] pera isso era necesario q̃ os moradores fizesen o dito tegipau e q̃ nomeasen [...] o coal tegipão se faria dentro na igreja encostado a parede [...]. *c*1607 J. Rodrigues *Relação* in S. Leite *Novas Cartas Jesuíticas* (1940) 209: Aquí fizemos junto da Urca, em terra, nosso *tejupar*. **1608** L. Figueira *Relação do Maranhão* in S. Leite *Luiz Figueira* (1940) 119: [...] gastamos neste caminho honze dias indo sempre diante o Diabo Ligeiro agazalhãdonos e assignalãdo nosso logar para nossas choupanas ou tugipares; [...]. Idem *Ib.* 120: [...] emfim comemos daquella farinha e bebemos daquella agoa e assi podemos chegar aos tujupares aonde ja os nossos estavão [...]. **1610** J. Monteiro *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.* VIII. (1949) 410: As cerimonias que guardam [os gentios], quando os armam cavaleiros, são as seguintes. Aqueles que na guerra a primeira vez mataram imigo, não entram logo na sua Aldeia, mas esperam em um tugipar, que é uma choupana que fazem pera o tal efeito, até se aprestarem os vinhos, no que se gastam 3, 4 dias; [...]. **1620** in *Livro Primeiro do Governo do Brasil* (ed. 1958, 307): [...] E iustiça pede q̃ pois estes indios estauão ia em Cirigipe acomodados com seus teiupares, rosarias, E mantimentos em companhia de quatro religiosos p^a^ lhes emsinarẽ a doutrina, dizerem missa, E administrarem os sacramentos, [...]. **1627** V. Salvador *Hist. Brasil* I. xv. fl. 26*v.*: Donde se vé a pouca charidade que tem este gentio com os fracos, e emfermos, e juntamente a mizericordia do Senhor, e effeitos de sua eterna perdistinaçaõ, aqual naõ só em este, mas em outros muitos manifesta muitas vezes, ordenando, que percaõ os Religiozos o caminho que levaõ, e vaõ dar nos tigipares, ou cabanas com emfermos que estaõ agonizando, os quais recebendo de boa vontade o Sacramento do baptismo se vaõ a gozar da bem aventuransa em o Ceo. Idem *Ib.* III. x. fls. 65*v.*-66: Entrou pello rio em o prinçipio de Março, e ancorando em a enceada; saltaraõ em terra e feitos tujupares, que saõ huãs tendas, ou choupanas de palha pera morarem onde agora chamam a cidade velha ao pé de hum penedo, que se vay às nuvens chamado o paõ de asucar [...]. Idem *Ib.* IV. xvii. fl. 119*v.*: [...] como vieraõ, e os passaraõ em jangadas â outra parte, onde estavaõ com Tujupares feitos, ou cabanas, em que os agazalharaõ, vindo as velhas apranteallos, que he o seu signal de páz, e amizade, [...]. **1648** M. Calado *O Valeroso Lucideno* I. iii. 28: Acabouse o tempo, & prazo do edital, & sahio Iacobo Estacor do reduto de Camaragibe com sessenta soldados correndo as casas por a Mata redonda, & achãdo a Dona Maria da Sylva, molher de Christouaõ Gomes de Mello com sua gente de casa em hum alojamento junto a hum mato, mandou queimar o Tugipar aonde morreraõ dous meninos abrazados; & a outra gente, escrauos e escrauas fugiraõ alguns feridos; [...]. Idem *Ib.* III. i. 160: assim o faz, E no mais denso mato ! Por seus escrauos mais familiares, ! Com quem mui liberal se mostra, E grato, ! Mandou fazer humildes Tijupares: [...]. **1648** in ABN, LXXXII. (1962) 329: [...] hum curral que foi curral velho, onde nunca estêve gado, está hum tijupar armado, [...]. **1656** J. Sotomaior *Jornada ao Pacajá* in DAP, VIII. (1945) 6: [...] era força continuar meu caminho deixeio em hũ tijupar com 4 pessoas que curassem delle: e tanto que estivesse para se tornar para a sua Aldea ellas me viessem seguindo; [...]. *c*1767 J. Daniel *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, III. (1841) 440: [...] e puxarem tambem [os navegantes] por terra as canôas com summo trabalho, em que gastam e consomem muitos dias, fazendo espaço a espaço tijupares ou palhoças, tanto para pernoitarem, como para secarem e defumarem as fazendas e viveres, no que fazem demoras de muitas semanas; e por outra parte a navegação deste rio [rio Madeira] é tão importante aos mesmos; [...]. **1855** Junqueira Freire *Contradições Poéticas* 231: N'esta montanha um tejupá sómente ! Valêra mais que os torreões dos grandes! **1855** Idem *Inspirações do Claustro* 69: Nos tejupás pendido das imbiras ! Desamparando o vibrador tacape, ! E meneando os collos enlaçados ! Das correntes das perolas do rio, !. **1865** J. Alencar *As Minas de Prata* IV. xi. 305: Ahi fóra de portas, n'um tejupar, acharam cavalgaduras preparadas adredes pelo judeu. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 16): Edificava tijupares em miniatura no terreiro, para agasalhar, em rêdes de um retalho de panno suspenso pelas pontas dos frageis esteios dos pequenos edificios, as suas bonecas, [...]. **1895** Idem *A Pesca na Amazónia* I. v. 69/70: [...], o famoso padre Antonio Vieira, que na sua existencia atormentada passou dos salões explendorosos das côrtes européas ao bruto *tejupá* das beiradas selvagens do Tocantins. Idem *Ib.* II. ix. 152: [...], fazem nellas seus tijupares para nelles assistirem durante a demora e para abrigo das embarcações em uma costa tão desabrida, [...]. **1902** E. Cunha *Os Sertões* 78: Os *regatões* espertos que esporeados pela ganancia se avantajam até alli, e os proprios selvicolas enrijados pela adaptação, acolhem-se aos *tejupás* tiritantes, abeirados das fogeiras. Idem *Ib.* 236: Como a maior parte dos villarejos pomposamente gravados nos nossos mappas, é uma especie de transição entre maloca e aldeia — agrupamento desgracioso de cerca de cem casas mal feitas e tijupares pobres, de aspecto avelhantado e tristonho. Idem *Ib.* 481: Alheias ao destino dos outros companheiros, reduzindo a batalha á area estreita em que jogavam a vida, as fracções combatentes atulhando os tejupares em cujas paredes, como os jagunços, rasgavam setteiras, negaceando nas esquinas, [...]. **1911** A. Maia *Tapera* 8: Nada, porém, te resta, merencoreo tijupar. O tempo, ironico, depois de dispersar aos acasos da sorte a raça modesta que luctou e soffreu sob este tecto humilde, deixou erguidos no anonymato da morte, sem sombra de tradições, os teus muros solitarios, [...]. **1914** Coelho Neto *Rei Negro* ix. 380/381: Os caminhos reticulavam a campina, subiam pelos outeiros em fitas colleantes e elle reconhecia-os, sabia-lhes o rumo e entrava por elles em pensamento até ranchinhos de parceiros, tejupares de roça, [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* iv. 43: Quando meu corpo chorou sangue pedindo fôrça de homem pra servir, a suinara cantou manhãzinha nas jarinas de meu tejupá, veio Capêi e me escolheu. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* ix. 101: Até uma guariba, criada pelo

João Cabelludo, como se tivesse conhecimento do estado do dono, aproximara-se do tejupá do caboclo.

timbaúba *s.f.* Var.: 8 *timbuhyba*, 9 *timbaúba* [< T. °ti ɲo'-ĩ ɥa < ti'ɲ o 'timbó' + 'ĩ ɥa 'planta'].

Planta da família das leguminosas.

1817 CASAL *Corografia Brazílica* II. 75-76: Fytologia: Entr'outras muitas arvores de boa madeira nomea-se o vinhatico, aderno, [...] timbuhyba branca, e vermelhas. **1911** A. MAIA *Tapera* 109: [...] e com telhado levadio apparecendo entre esgalhadas timbaúbas, a chacara do Simeão enfaixava-se de pecegueiros e de laranjeiras floridas. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 206: — E que nem galho grosso de timbaúba, que está sêco, e, a gente ficando p'ra fazer cêrca, broṭa logo e põe raiz!...

timbó *s.m.* Var.: 5-6 *timbo*, 5-9 *timbó*, 5 *tĩbo*, 6 *timbô*, *timbom*, 7 *tymbó* [< T. ti'ɲ o ~ VLB I. 51: *Barbasco, não tem genero* = = Timboguaçu, Timbopiriãna, jbîratimbo (...). *Ib.* II. 145: *Vime, ou semelhante pera atar* = Jgcîpo. Especies: Timbô. Timborana. Timbopeba].

Designação comum a várias plantas das famílias das leguminosas e das sapindáceas, cuja seiva é tóxica para peixes e, por isso, usada para pescar; tingui; variedade de cipó, cipó-timbó.

O costume indígena de pescar com timbó foi transmitido aos primeiros colonizadores europeus e ainda é hoje usado em algumas regiões do interior do Brasil.

[**1560** ANCHIETA *Carta* in S. Leite *Cartas* III. (1958) 212: ubi conclusi, et succo cuiusdam ligni, quod *timbó* Indi vocant inebriati, nullo labore capiuntur, frequenter plusquam duodecim millia piscium magnorum;]. *c***1584** CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 24*v.*: Timbo saõ huãs eruas marauilhosas crescem do chaõ como cordoẽs ate o mais alto dos aruoredos onde estaõ, e alg^as. uaõ sempre arrimadas a aruore como Era. saõ m^to rijos, e seruẽ de atilhos, e algũs ha taõ grossos como a perna dũ homẽ, e por mais q̃ os troçaõ naõ ha quebrarẽ, a casca destes he fina peçonha, e serue de barbasco p^a os peixes, e he taõ forte q̃ nos rios aonde se deita naõ fica peixe uiuo [...]. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXVI. 81): Nestes mesmos matos se criam outras cordas mais delgadas e primas, que os indios chamam timbós; que são mais rijos que os cipós acima, servem do mesmo, aos quais fendem tambẽm em quatro partes, e ficam uns fios mui lindos como de rota da Índia em cadeiras, e com êstes fios atam a palma das casas quando as cobrem com ela, do que fazem tambẽm cêstos finos: e far-se-á deles tudo o que se faz da rota da Índia. IDEM *Ib.* CLIX. 260: Quando êste gentio [Tupinambá] quer tomar muito peixe nos rios d'água doce e nos esteiros d'água salgada, os atravessam com uma tapagem de varas, e batem o peixe de cima para baixo; onde lhe lançam muita soma de umas certas ervas pisadas, a que chamam timbó, com o que se embebeda o peixe de maneira que se vem acima d'água como morto; onde tomam às mãos muita soma dêle. IDEM *Ib.* I. XIX. 116: As embarcações, de que êste gentio usava, eram de uma palha comprida como a das esteiras de tabua, que fazem em Santarém, a que êles chamam periperi, a qual palha fazem em molhos muito apertados com umas varas como vime, a que êles chamam timbós, que são muito brandas e rijas, e com êstes molhos atados em umas varas grossas faziam uma feição de embarcações, em que cabiam dez a doze indios que se remavam muito bem, e nelas guerreavam com os Tupinambás neste Rio de S. Francisco, e se faziam uns a outros muito dano. *c***1594** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1610-1612: o tĩbo guaçu he o mais fino [sipó] he de groçura de huã cana e alto de sincoẽnta braças. *c***1596** S. TRAVAÇOS *Declaração do Brasil* XXXI. fl. 26: [...] onde lhe lancaõ muita soma de huãs certas eruas pizadas, a que chamaõ timbo, com o que se embebeda o peixe, de maneira que uem acima dagoa como morto, onde tomaõ as maõs m.^ta soma delle. **1610** J. MONTEIRO *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.*, VIII. (1949) 399: Nas águas vivas de lua nova tapam a boca deste rio [Magé] com varas e esteiras; depois pisam muita quantidade de timbó, que em Portugal responde ao barbasco. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 101*v.*: [...] e em luguar de preguos se seruem de dous modos ße cordas com que se amarraõ e seguraõ as tais madeiras, a hũa déllas chamada sipô. e a outra timbô que saõ taõ boãs e taõ fortes pera o efeito que se traz por comum adajo, que se naõ ouuera sipô naõ se podera pouoar, o brazil pellas diuersas cousas de que se aproueitaõ délle [...]. **1626** *Livro de Contas* in DHA, II. (1956) 87: [...] por seis feixes de timbo 480 rs. **1626** in ACSP, III. (1915) 231: [...] mandasen por hũ coartell que nenhũa pesoa huze de timbom nem ponha tresmalho en tenpo que o peixe sai a desovar [...]. **1627** V. SALVADOR *Hist. Brasil* I. vi. fl. 10*v.*: Saõ tambem as madeiras do Brazil mui acomodadas pera os edificios das cazas por sua fortaleza, e com ellas se acha junctamente apregadura, porque ao peé das mesmas arvores nascem huns vimes mui rijos chamados timbós, e cipós, q̃ subindo athe o mais alto dellas ficaõ paressendo mastos de navios com seus ouveis, e com estes ataõ os caibros, ripas, e toda a madeira das cazas, que houvera de ser pregadas, [...]. *c***1631** C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 183: timbo he hũ modo de aruore como tremozos de portugal tẽ a folha do tamanho da pintura da semente è bagos como feiioís m^to pequena a flor uermelha cõ a folha pizada ce matta m^to peixe. IDEM *Ib.*: timbo do para q̃ chamaõ necu he hũ modo de aruore como pes de parreiras grosas de grosura de hũ palmo e meo de roda estendese pela aruore como propiam^te pareira a folha he de cõprim^to de hũ g^de palmo este pao serue pera matar peixe e he tão g^de peçonha p^a o peixe q̃ des palmos delles batido basta a matar m^to peixe e m^ta altura de agua. **1634** *Livro de Contas* in DHA, II. (1956) 208: De timbos para arquear as formas 2v400. **1654** A. VIEIRA *Cartas* (ed. J. L. Azevedo, 1925, I. 373): Os toldos se fazem de vimes, que cá chamam timbòstiticas e certas folhas largas a que chamam ubi, [...]. **1663** S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* I. § 124. 76: Nas pescarias vsaõ de frecha, cõ que atrauessaõ o peixe, que vai nadando, com arte estremada, ou de eruas, com que os embebedão de muitos modos, com folhas que chamão jabicay, ou com cipò, a que chamão timbo putyana, ou com outro que chamão tinguy, ou tiniuiry. *a***1696** G. MATOS *Obras* (ed. 1969, V. 1147): Com uma raiz de aipi | vos envio de Passé, | e enfiado num imbé | Guiamu, e Caiaganga, | que são de Jacaracanga | Bagre, timbó, Inhapupê. *c***1698** J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 386: Tres dias passaram com todos estes incommodos, até que ao quarto dia chegou a canoa grande da roça com algum refresco e timbó para fazer tinguijada ou pescaria, como fizeram, [...]. **1718** in ACSP, VIII. (1916) 448: [...] o Juiz ordinario, e vereadores, e procurador do Concelho, todos abaixo Asignados, que vieraõ asignar hum q.^tel que se passou; sobre o timbó, ou tingueiada; [...]. **1727** in ABAP, II. (1902) 193: [...] recomendandolhes cuidassem neste negocio e vos propuzessem todos os meyos, assim para haver açougue como peixe e pescarias de onde viesse a dita Cidade, prohibindoselhe o timbó com que se mata o peixe e se afugenta dos rios; [...]. **1747** in ACSP, XII. (1918) 404: [...] Amaro escreveu de Maria Bueno moradora na paragem chamada Agua Branca, fôra á vargem do Theathé e botára timbó sendo este prohibido por este Senado, [...]. **1761** JABOATÃO *Novo Orbe Seráfico Brasílico* I. 1. 16: [...] e atados em roda destes muito bem aquelles molhos, com cypós, a que chamaõ Tymbós, brandos, e fortes, e assim unidos huns molhos com outros, formavaõ huma larga esteira, [...]. *c***1777** F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 265: [Cipó] Timbótitica. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* II. 48: Nas suas margens [Rio-Morto, confluente do Rio Muryahè] criam-se um sipó venenozo, chamado *timbó,* ou *tingui,* e uma arvore denominada *guaratimbó,* (cuja raiz não he menos nociva,) aos quaes se attribue a malignidade de suas aguas. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 25: [...] o *timbó* de que ha diversas especies; o principal habita nas margens de terra firme, pertence á classe dos cipós, alguns ha de dous palmos de circumferencia, e batida a sua casca nos rios e lagos embriaga o peixe; os Indios se persuadem, ouvindo alguns estrondos subterraneos, que provém do mesmo timbó, confundidos com o effeito dos mineraes: [...]. **1847** A. LEVERGER *Rio Paraguai* in RIH, XXV. (1862) 206: Entre as arvores vêem-se muitas proveitaveis para diversas construcções, como sejam o Laurél, o Timbó. o Lapacho, o Sangue de Draco (que tambem dizem ter propriedades medicinaes) o Curupai, cuja casca serve para o cortume: espongeiros, e diversas outras arvores de espinhos. **1877** N. J. R. SOUSA *Diário* (ed. 1946, 39): [...] todos sofrendo gravemente do ventre e estomago, ocasionado pela grande quantidade de timbós lançados nagua pelos gentios [...]. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. v. 87: Os covos, feitos de timbó titica ((Cissus) tem a forma de um pote ou garrafão, [...]. IDEM *Ib.* II. ix. 133: [...], usavam de uma especie de trovisco, chamado *timbó,* da grossura de um braço pouco mais ou menos e tão activo que machucados dous ou tres destes páos, e batendo-se com elles a agua, o peixe logo estonteado vinha á tona e se deixava colher á mão. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* ii. 20: Falou pros manos que inda tinha muita piaba muito jeju matrinchão e jatuaranas, todos êsses peixes do rio, fossem bater timbó! **1930** G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 174: Já vimos, em um outro ponto, sobre pedras, bagaços de timbó, recentemente batido pelos indios, durante as suas pescarias. É por meio do succo dessa liana que elles envenenam a agua, fazendo com que o peixe venha á tona, já morto, quando pequeno, ou apenas estuporado, nos exemplares maiores. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 269: Também que lá, medo ao veneno, a gente tem de pastar com completa cautela: Tubarão, irmão de Brilhante e seu antigo par de junta, morreu, faz mês e meio, hervado de timbó.

timborana *s.m.* [< T. ti ɲo'rana < ti'ɲ o 'timbó' + 'rana 'semelhante' ~ V. TIMBÓ].

Planta da familia das leguminosas; espécie de timbó.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXVI. 81): Há outra casta, que os indios chamam timborana, que é da mesma feição dos timbós, mas não são tão rijos; do que se aproveitam os índios, quando não acham timbós.

timbu *s.m.* Var.: 6 *taibû*, 8 *timbú*. [< T. ? ~ Cp. TAMBÉ].

Mamífero marsupial da família dos didelfídeos; espécie de gambá.

1627 V. SALVADOR *Hist. Brasil* I. ix. fl. 17*v.*: Há outro [*animal*] a que chamaõ taibû, que depois, que pare os filhos os recolhe todos em hum bolço, que tem no peito, onde os tras athe os acabar de crear. **1878** F. TÁVORA *O Matuto* v. 70: O sangue escorria-lhe de differentes pontos das pernas; os cães, ensinados desde pequenos a dilacerar os timbús, as raposas e os maracajás-hospedes importunos do sitio, tinham-lhe rasgado importantes vasos, e cortado com seus poderosos colmilhos as carnes moidas das cacetadas.

timburé *s.m.* Var.: 7 *ximburé, ximburú*, 9 *timburé* [< T. ?].

Peixe da família dos caracídeos.

1783 M. C. ABREU *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 263: Além dos referidos peixes ha outras qualidades de que não fazem caso por não darem as conveniencias daquelles e são muitos excellentes de comer, cujos nomes são: bagre, piavas, pacupevas, piracururús, ximburés, jurupoca e jurupenden. **1792** F. O. BARBOSA *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 23-24: [...] além dos referidos peixes [saupês, piracanjuvas, jacús, suruvis...] ha outras qualidades de que não se faz menção por não darem a conveniencia d'aquelles; como são: [...] ximburús [...] cuja profusão é com abundancia inexplicavel. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 180: Ali, há uma gameleira, digna de drúidas e bardos, e, na coisa água, passante, correm girinos, [...] timburés ruivos, que comem muitas piabinhas, e traíras e dourados, que brigam para poder comer tudo quanto é filhote de timburé.

timixira *s.m.* Var.: 6 *ytimmixira* [< T. ?].

Peixe da família dos pomadasídeos (*Conodon nobilis*), também conhecido por roncador.

*c***1631** C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 168*v.*: ytimmixira quer dizer o romquador he de meio palmo de comprido cuberto descama cor de prata raiado o corpo de amarelo e he peixe que cempre amda ao lomguo das pedras he bom comer.

timucu *s.m.* Var.: 5 *timuçu*, 6 *ytimmoquaju* [< T. timu'ku < 'tĩ 'nariz, focinho, bico' + pu'ku 'comprido'].

Peixe da família dos belonídeos (*Strongylura timuca*), também chamado peixe-agulha.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXXXIII. 206): Chamam os índios ao peixe agulha timucu, que morrem à linha no verão; e há alguns de cinco, seis palmos de comprido; são muito gordos e de muitas espinhas, as quais são muito verdes; e há desta casta muitos peixes pequenos, de que fazem a isca para as cavalas. *c***1631** C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 165: o ytimmoquaju he peixe agulha da compridão de tres ou coatro palmos as mahoires he parda e uerde pelas costas e pela barigua tira de bramquo e não tem escama e he muito bom comer.

‖ **timuna:** v. abon.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXIX. 115): Há uns passarinhos pequenos todos pretos, a que os índios chamam timuna, que criam em ninhos de palha, mantêm-se de frutas e minhocas.

‖ **tingacanga:** v. abon.

*c***1594** [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1647-1649: Tinga canga dizẽ ser a salcaperrilha tẽ a mesma rais e especias sẽ diferẽça mas o efeito se naõ sabe inda.

tinguaciba *s.f.* Var.: 8 *tinguacyba*, 9 *tinguaciba* [< T. *tiŋua'sĩŋa].

Planta da família das rutáceas.

1817 CASAL *Corografia Brazílica* II. 37: [grande quantidade d'arvores de bom páu para construcção principalmente:] tinguacyba; [...]. **1915** LIMA BARRETO *Policarpo Quaresma* II. i. 91: Havia nella terra bastante, velhas arvores fructiferas, um capoeirão grosso com camarás, bacurubús, tinguacibas, tabibuyas, munjólos, [...].

tingui *s.m.* Var.: 5, 8-9 *tingui*, 6, 8 *tinguy*, 9 *tinguí* [< T. ti'ŋuĩ ~ VLB I. 51: *Barbasco, não tem genero* = Timboguaçû, Timbopiriãna, jbĩratimbo. Yapicai; eo sumo de cada hum destes Tinguî]..

Planta da família das leguminosas, cuja seiva é tóxica para peixes e, por isso, usada em pescarias; timbó.

1585 CARDIM *Informação* fl. 81: [...] os Jndios a tarde pera fazerẽ festa ao p^e^ iuguraõ as larãjadas, fizeraõ seus motins de guerra etc. e foraõ a hũ rio de noite dar tingui .i. [= *id est*, isto é] barbasco ao peixe [...]. **1598** in ACSP, II. (1915) 41-42: [...] outrosi mãdarão q̃ ninguen de [*scil.* dẽ] nẽ mãde dar tinguis em ribr^os^ nẽ rios caudaes dentro no termo desta villa [...]. **1663** S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* I. § 124. 76: Nas pescarias vsaõ de frecha, cõ que atrauessaõ o peixe, que vai nadando, com arte estremada, ou de eruas, com que os embebedão de muitos modos, com folhas que chamão japicay, ou com cipò, a que chamão timbo putyana, ou com outro que chamão tinguy, ou tiniuiry. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* I. 107: O *Tinguy* he arvore pequena com os ramos e folhas alternos; estas sam pequenas, e lanceoladas: a casca, e as folhas bem machucadas, e deitadas nos lagos, onde ha peixes, estes morrem bebados em breve espaco. IDEM *Ib.* II. 48: Nas suas margens [Rio-Morto, confluente do Rio Muriahè], criam-se um sipó venenozo, chamado *timbó* ou *tingui*, e uma arvore denominada *guaratimbó*. (cuja raiz não he menos nociva,) aos quaes se attribue a malignidade de suas aguas. **1875** J. ALENCAR *O Sertanejo* II. ix. 150: A unica pessoa que podia referir os pormenores da tramoia era a Rosinha, que não ficára completamente sopitada com o tingui. IDEM *Ib.* 341: *Tinguy* é um arbusto muito conhecido pela virtude narcotica, que embriaga o peixe, o gado, e chega a matar. **1881** F. TÁVORA *Lourenço* (ed. 1902, iv. 49): As aguas estavam alli dentro em um como remanso. Tirados antes os grandes ramos que por muitos dias haviam ficado sobre ellas a fim de chamar os peixes para aquelle ponto, convidados pela sombra, viam-se ainda a *meladinha*, o *melão de s. Caetano* e o *tingui*, que depois de machucados tinham sido lançados dentro da tapagem. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* xii. 169: Então Macunaíma se lembrou de fazer uma pescaria. Porém não podia pescar nem de frexa nem com timbo joticá nem cunambi nem tingui nem macerá [...]. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 33: Um pau do mato — ramada, tronco e raizes — derivava tal e qual uma piroga embandeirada em amarelo; esbarrou na copa do tingui, que submergia fixa e hemisférica; [...].

tinguijada *s.f.* Var.: 6, 8-9 *tinguijada*, 7 *tingueiada* [< tinguij(ar + -ada].

Pescaria com tingui.

*c***1698** J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 386: Tres dias passaram com todos estes incommodos, até que ao quarto dia chegou a canoa grande da roça com algum refresco e timbó para fazer tiguijada ou pescaria, como fizeram, [...]. **1718** in ACSP, VIII. (1916) 448: [...] o Juiz Ordinario, e vereadores, e procurador do Conselho, todos abaixo Asignados, que vierão asignar hum q.^to^ que se passou; sobre o timbó, ou tingueiada; [...]. **1881** F. TÁVORA *Lourenço* (ed. 1902, iv. 48): Mas nenhuma festa deu tanto que falar como a da *tinguijada*. Foram tres dias gôrdos. **1886** J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 53): [...] sobre os periantans movediços alvejam bandos de garças, erguendo de tempos em tempos o vôo tardo para mudarem de pouso ou irem, agglomeradas em centenas, fazer as suas tinguijadas ou pesca de camarões e pequenos peixes, em outra beirada; [...]. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xviii. 205/206: O João Cabelludo levava, dentro de um aturá grande, verdadeiro arsenal de pesca: anzóes, linhas, [...], além dalguns toxicos necessarios á tinguijada, na hypotese de não apanharem a embiára por outros meios.

tinguijar *vb.* [< T. tiŋuĩ'jara ~ VLB I. 52: *Barbasco dar* = Atinguijar actiuo. tanto monta que lhe fique por acusatiuo o rio como o peixe, ou ambos iuntos e tambem se diz absolute].

Pescar com tingui; *por extensão*, envenenar.

1875 J. ALENCAR *O Sertanejo* II. viii. 137: Sabendo que a gente da escolta fora tinguijada pelo velho, Arnaldo estremeceu: — Envenenados? **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. viii. 124: Ao apanhar peixes e camarões, com cestos ou com a especie de nassa chamada puçá, pelas beiradas, chamam "tinguijar", que é, digamos assim, uma forma inferior do gapuiar, já descripto.

tinhorão *s.m.* Var.: 7 *tanharõn, tanherom* [< T. ?].

Planta da família das aráceas.

1730 ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 42. 28: [...] ha tambem herva de rato para matar, e tanharõn para attrahir. **1782** F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* I. ii. 21: Hé o Tanherom huma erva, que tem de altura tres até quatro palmos; as suas folhas, e tallos são de consistencia nimiamente branda, etoda aplãta muito sucoza, cuja humidade hé pingue. Ella hé bulboza, e setem flores, ou sementes, eu confesso, q̃ nunca foi bastante a minha inquiriçam para has descobrir; maz sei que a sua propagação se faz pelas raizes como a das canas de Portugal.

tipirati *s.m.* Var.: 6 *typyrati* [< T. tĩpĩra'tĩ ~ VLB I.135: *Farinha de mandioca crua* = Tigpîratig: esta he a somenos].

Farinha de mandioca crua.

1663 S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 73. 151: Preparase tambẽ doutras maneiras a mandioca: partemse as raizes verdes depois de limpas em diuersos pedaços, estes se poem a secar ao Sol por dous dias, depois de secas, pisaõse em hũ pilaõ, & fazse farinha, a que os Indios chamão typyrati; [...].

tipiti *s.m.* Var.: 5 *tapeti*, 6,9 *tipity*, 6-8 *tapiti*, 7 *tapiti*, *tapití*, 8-9 *tipiti*, 9 *tipití* [< T. tepi'ti ~ VLB I. 127: *Espremedor de mandioca* = Tepiti].

Cesto de palha, de forma cilíndrica, no qual se espreme a mandioca.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, I. xxxviii. 319): [...] e depois de bem raladas [raizes da mandioca], espremem esta massa em um engenho de palma, a que chamam tapeti, que lhe faz lançar a água que tem tôda fora, e fica esta massa tôda enxuta, [...]. **1663** S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II, § 84. 160: [...] & tirada a castanha, vão espremendo poucos & poucos, ou às mãos, ou à força de certo genero de prensa de palma, que chamão tipity; & aparado o licor em alguidares, o vão lançando em grandes talhas, que pera isso obrão, & chamão igáçábas, onde como em lagar ferve, & se torna em vinho puro, & generoso; [...]. *a*1696 G. Matos *Obras* (ed. 1969, V. 1147): De massa um tapiti, I um cofo de Sururus, I dous puçás de Baiacus, I Samburá de Murici: I. **1730** Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 33. 23: [...] e espremem em instrumentos de palha, que nomeaõ Tapitis, e logo a cozem em alguidares de barro, ou de cobre, e fazem farinha dos generos, e nomes, que diremos, e humas delgadas, e tenues, que supprem o paõ, com o nome de beijuz. Idem *Ib.* I. § 34. 24: Da agua, que sahe dos tapitis, coada, e posta ao Sol, se faz a farinha, que chamaõ de tapioca, e goma selecta, a melhor materia para os polvilhos das cabelleiras. **1781** Durão *Caramurú* VII. viii. 204: No tapiti se espreme, e se convinha, I Fazem a puba então, e a tapioca, I. Idem *Ib.* 220: Bolandeiras, e Tapitis. Instrumentos, com que se fabrica a farinha de Mandioca. Puba (ou fubá) he a flor da mesma farinha. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 11): A um lado ficava um rancho apenas coberto de palha tambem, onde estavam o forno e os apetrechos da fabricação da farinha, os rolos, as gurupemas, os tipitis, as garêras ou cochos. [...]. Idem *Ib.* 157: Ao redor do forno, sob o resguardo do mesmo tecto de palha, viam-se as garôas ou côchos, ainda com os fundos humidos e salpicados da mandioca que tiveram, os tapitis molhados do caldo que extrairam, [...]. **1918** Monteiro Lobato *Urupês* 219: [...] ou artefactos de taquara poca — peneiras, cestinhas, samburá, tipitis, pios de caçador; [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* ii. 25: Foi lá e topou com a cotia farinhando mandioca num tipiti de jacitara. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 91: A gente daqui, consegue o seu oleo pilando as sementes e, depois, expremendo a massa resultante do tipity. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* vi. 66: Sem tirar do corpo uma peça de roupa, com os sapatos e tudo, a dama se enfiou na maca, comprida e estreita como um tipiti.

tipóia *s.f.* Var.: 5, 7 *tipoya*, 6, 8-9 *tipóia*, 7 *typoya*, 7-9 *tipoia* [< T. tĩ'poja ~ VLB II. 99: *Rede de dormir* = Jnĩ. Esta he gral (*scil.* geral). A tapada Typoirâna (...)].

Originariamente, espécie de rede que as índias utilizavam para transportar às costas os seus filhinhos (v. abon. *c*1584); *posteriormente*, vestido sem mangas, espécie de camisola, usado pelas índias já catequizadas, particularmente nas cerimônias religiosas (v. abon. *c*1607); rede de dormir (v. abon. 1761); pequena rede em que se faziam transportar homens e mulheres, palanquim (v. abon. 1799); *modernamente*, lenço ou tira de pano que, contornando o pescoço, desce até à altura da cintura, e serve para descansar o braço (ou a mão) doente (v. abon. 1875).

*c*1584 Cardim *Origem dos Índios do Brasil* fl. 3: [...] amaõ os filhos extraordinariamente, e trazẽnos metidos nũs pedaços de redes q̃ chamaõ tipoya, e os leuaõ as roças, e a todo genero de seruiço as costas por frios e calmas, e trazemnos como ciganas escanchados no quadril, [...]. **1585** Idem *Informação* fl. 80: Os pais naõ tem cousa q̃ mais amẽ q̃ os filhos, e quẽ a seus filhos faz algũ bem tem dos pais q̃° quer, as mãis os trazẽ em hũs pedaços de redes a que chamaõ I Tipoya I [*As duas barras, imitando colchetes, ocorrem no manuscrito*]. *c*1607 J. Rodrigues *Relação* in S. Leite *Novas Cartas Jesuíticas* (1940) 229-230: As mulheres, grandes e pequenas, trazem tipóias; e ainda que algumas vezes andam nuas, contudo, diante de nós, nem à igreja, vêm nuas, ainda que seja uma menina de 4 anos. **1610** J. Monteiro *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.* VIII. (1949) 396: Há outros [gentios] a que chamam *Carijós*. Estes são mais domésticos e políticos, porque homens e mulheres trazem suas tipóias de algodão que são ao modo de aliáravia mourisca, têm suas casas em que vivem, prantam mandioca e legumes, têm boa aparência e graça exterior, e há entre eles alguns tão bem proporcionados como quaisquer dos Europeus. *a*1696 G. Matos *Obras* (ed. 1969, VI. 1466): Mandai-me um par de tipóias, I das que se fazem na terra I a dous cruzados cada uma, I que eu mandarei a moeda. I. **1761** Jaboatão *Novo Orbe Seráfico Brasílico* I. i. 201: [...] e a este respeito, era todo o mais enxoval da casa, servindo lhe só de precioso ornato duas imagens, ou Crucifixos pequenos, que traziaõ ao pescoço, e os seus Breviarios, e duas *Typoyas*, ou redesinhas, onde algumas poucas horas descançavão os corpos, e sempre mal accõmodados, por não ser capaz aquella volatil cama de se poderem estender de todo nella. **1799** E. A. S. Correia *Hist. Angola* (ed. 1937, I. 83): O principal Luxo das Senhoras em vizitas, funçoens de cazamentos, ou baptizados, consiste em huma extensa comitiva de escravas, que segue a Tipoya em q̃ cada huma se transporta pelas ruas. [*Nota do Autor*]: Hũa rede em q̃ vão sentadas, ou recostadas, coberta de hum tejadilho, rodeada de cortinas. O luxo tem feito acear esta especie de Palanquins. Idem *Ib.* I. 149: Delles pendem tambem as rêdes, e Tipoias em q̃ as mulheres, e homens se fasem conduzir. **1871** B. Guimarães *Lendas e Romances* I. i. 12: No meio da parte exterior do rancho [...] estava Zambi Cassange, embrulhado em sua tipoia, aspirando tranquillamente baforadas de pango pelo comprido canudo de seu cachimbo de barro. **1875** J. Alencar *O Sertanejo* II. ix. 126: No dia seguinte Arnaldo estava de pé; mas andou uma semana de braço na tipoia. **1877** B. Guimarães *Maurício* I. ii. 24: [...], e immediatamente saltou della um robusto caboclo, descalço, arregaçado até os joelhos, e embuçado em uma tipóia de couro de veado. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* ii. 24: Conseguiram um armador, muito encolhido, pr'a tipoia do recem-vindo. **1956** Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* 548: Em beira do mato, em Cererê-Velho, se trabalhou com facão em ramagem e cipó, armando tipóias e latadas.

‖ **tiquaam**: v. abon.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 133: [...] tiquaam he outro guato tambem do mato muy agourento, pera os jndios — em tanto que se acazo os encontraõ tendo começado coalquer jornada dezistem loguo dêla por lhes pareçer que lhes não pode soçeder bem avendo visto semelhante bicho — [...].

tiquara *s.f.* Var.: 7 *ticuara*, *tiquara*, 8 *tiquára* [< T. *ti'kuara].

Refresco preparado com farinha de mandioca, água e açúcar ou mel; jacuba.

1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 349/350: Suppõe-se que o misturavam [o assucar] com a farinha nas cuias, e mettidas n'agua faziam por modo de caldo doce a sua chamada ticuara. *c*1767 J. Daniel *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, II. (1840) 338: O mesmo é em outro qualquer trabalho, e isto muitas vezes passando dias inteiros, sem outra comida mais que um punhado de farinha de pau misturada com agua, a que chamão — tiquara — e se tem commodo para a cozerem, ou aquentar ao fogo, a que chamão mingáu, já remão mais contentes. Idem *Ib.* 344: Na falta porêm destas iguarias de peixe e carne, ou quando estão doentes, usão do seu ordinario mingau de farinha cozida em agua que fica como papas ralas, que possão beber por sobremeza, como tambem quando se achão com calor, ou vão de viagem, usaõ do seu tiquara, que he agua em que molhão uma pouca de farinha, que juntamente os sustenta e refresca: [...]. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 113: [...] pois que uma porção de farinha molhada, a que chamam *jacúba* ou *tiquára* os sustenta, [...].

‖ **tiquarã** (*tiquaran*): v. abon.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 114*v*.: [...] e assim outra [ave] chamada — tiquaran — e outra de cor vermelha chamada — guaxa [...].

tiquira *s.f.* Var.: 8 *tiquíra* [< T. tĩ'kĩra ~ VLB I. 149: *Gota, ou goteira de qualquer licor* = Tigquigra].

Aguardente de mandioca.

1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 114-115: Se lhes falta agua ardente de cana a mandioca lhes suppre essa falta, extrahindo della a *tiquíra*, ou agua-ardente de *beijú* que ainda he mais forte que a de cana: [...].

tiriba *s.m.* Var.: 6 *tiriuo*, 9 *teriba* [< T. *ti'riua].

Nome comum às aves do gênero *Pyrrhura*, da família dos psitacídeos, espécie de papagaio.

*a*1667 Heriarte *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen, *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 188): Tem [o rio Amazonas] grandes cobras de agoa; na terra, onças, tigres, pantheras, [...] avestruzes, tiriuos, jaburús, iguanas, papagaios, araras, canindés, mutús, muitos patos, marrecas, e outras muitas e diversas aves; [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* xvi. 231: A ruivor veio vindo e era o bando de araras vermelhas e jandaias, todos êsses faladores, era o papagaio trombeta era o papagaio-curraleiro era o xarã o peito-roxo o ajurú-curau o ajurú-curica arari ararica araraúna ararai araguaí maracanã maitaca arara-piranga catorra teriba [...].

tiririca *s.f.* [< T. tĩrĩ'rĩka 'ir de rastro, arrastar, alastrar' ~ VLB I. 42: *Arrastar* = Aimotigrigrigcl.

Erva daninha, da família das ciperáceas, que cresce e se alastra veloz e extensamente nos terrenos cultivados; em sentido figurado (em alusão aos danos que a tiririca causa às

culturas), o voc. ocorre em expressões verbais — *estar tiririca, ficar tiririca* etc. —, com o significado de irritado, aborrecido, furioso (v. abon. 1946).

*a*1696 G. Matos *Obras* (ed. 1969, II. 282): Não é a língua de vaca | por maldizente, e maldita, | mas pelo muito, que corta | de Tiriricas. |- 1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 275): [...] quando extenuada por aquella carreira furiosa, em que rasgara as carnes e os vestidos nas tiriricas, [...]. 1895 Idem *A Pesca na Amazónia* I. iii. 34: Ora pára a canôa á beira dessas extensas touceiras de perimembeca, de tiririca, de mury ou de canarana, gramineas diversas que com o nome collectivo de matupás, orlam as margens; [...]. 1911 A. Maia *Tapera* 89: A gente se perdia nos cerrados de tiririca e sarandi, com a santa-fé "de fio" e sumidouros por debaixo. 1913 Simões Lopes *Lendas do Sul* 10: Nas copas dos butiás vinham encostar-se bôlos de formigas; as cobras se enroscavam na enredíça dos aguapés; e nas estivas do santafé e das tiriricas boiavam os ratões e outros miudos. 1928 M. Andrade *Macunaíma* i. 11: Mas assim que deitou o curumim nas tiriricas e trapoerabas da serrapilheira êle botou corpo num atimo e ficou um principe lindo. Idem *Ib.* iii. 36: Ci tiririca se erguia sangrando e dava sovas tremendas no heroi. 1946 Guimarães Rosa *Sagarana* 250/251: — Então eu pus um perto do outro, e dei risada: pois há-de ser mesmo com êstes mais mambembes que eu vou tochar uma certa naquela cambada!... Isso foi que eu falei sòzinho, p'ra eu mesmo escutar e ficar ainda mais enjerizado com os ciganos. Porque, só de pensar em cigano, eu ficava tinindo de tiririca!...

titara *s.f.* Var.: 6 *titara*, 8 *titára* [< T. *ti'tara].

Espécie de palmeira do gênero *Desmoncus*; JACITARA.

*a*1696 G. Matos *Obras* (ed. 1969, IV. 841): Furado o beiço, e sem temor que morra, | O Pai, que lho envazou cuma titara, | Senão a Mãe, que a pedra lhe aplicara, | A reprimir-lhe o sangue, que não corra. |. 1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 12: [...] a *jacitára*, que em outras partes do Brasil chamam *titára*, da sua casca se extrahem coberturas de cadeiras e sofás, que suppostos sejam de pouca duração, supprem todavia a falta do junco da India; [...].

|| **titarimbo**: v. abon.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 102: [...] nase tambem pellos campos hũ modo de Rotas como as da jndia aque chamaõ titarimbo marauilhozas pera se laurarem dellas cestos e asafates — [...].

tobi *s.m.* [< T. ?].

Peixe da família dos gimnotídeos.

*c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 172*v.*: tobi he peixe de tres palmos cuberto de pequena esquama de cor de carne e he peixe muitho gordo e tem pouquas espinhas e he bom de comer.

tocaia *s.f.* Var.: 6, 8-9 *tocaia*, 8-9 *tocáia* [< T. to'kaja ~ VLB I. 73: *Choça* = Tocaya. Tapiya].

Originariamente, pequena casa rústica em que o indígena se recolhia sozinho para aguardar a oportunidade de atacar o inimigo ou matar a caça (v. abon. *a*1667); *modernamente*, esconderijo em que se acolhe o caçador para espreitar a caça; *por extensão*, ação de espreitar o inimigo, emboscada.

*a*1667 Herjarte *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen, *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 172): Elles os [*índios*] fazem umas casas mui pequenas, a que chamão *Tocaias* donde se recolhem sós, fazem suas ceremonias, e dizem que falam com o Jurupari, que he o Diabo, e que lhe diz que fação tal e tal cousa, o que guardam inviolavelmente. 1872 Taunay *Inocência* (2ª ed., 1884, xii. 127): Tenho agora de ficar de alcateia... metter-me em tocaia e fazer fojos para que a bracayá não me entre no gallinheiro. 1872 J. Alencar *Til* II. xiii. 142: Sabia o capanga que áquella hora costumava Bertha apparecer na tapera onde tantas vezes a tinha encontrado, e era della que fugia, della a quem não se animára a revêr desde a scena da asinhaga no dia da tocaia. 1878 F. Távora *O Matuto* ii. 18-19: Só quem não dormiu foi seu sargento-mór, que para fazer crer que estava deitado, mandou pôr dentro da rêde delle um surrão carregado, e junto della entre duas caixas de fazenda, se sentou escondido como quem fazia tocáia a veado, esperando pelo ladrão, com o bacamarte armado, por cima da caixa que lhe ficava na frente. 1902 E. Cunha *Os Sertões* 588: Eram antecipados recursos absolutorios. Exaggeravam-se, calculadamente, outras: os martyrios dos amigos trucidados, cahidos nas tocaias traiçoeiras, ludibriados depois de cadaveres e postos como espantalhos á orla dos caminhos... 1908 D. Olímpio *Luzia Homem* xxvi. 241: — [...] de uma feita, que eu estava de tocaia, esperando patarrões brabos. 1907 E. Cunha *Contrastes e Confrontos* 276: Afogado nos recessos de uma flora que lhe abreviara as vistas e sombreava as tocaias do tapuya, dilacerou-a, golpeando-a de chammas, para desvendar os horizontes e destacar, bem perceptiveis, [...] as montanhas que o norteavam balisando a rota das bandeiras. 1914 Coelho Neto *Rei Negro* x. 446: Já havia escolhido o ponto para a tocaia: lá em baixo, na porteira do *sino*, raleiro de asperesa agreste, lurido, escavacado, pedrento, apertado entre rochas e barrancas a pique. 1918 Monteiro Lobato *Urupês* 43: Já de dias a tinha de tocaia, aguardando sempre um momento em que tudo concorresse para obter della o effeito maximo. 1919 Idem *Cidades Mortas* 86: Fiquei na tocaia, escondido de geito que a onça não podia desconfiar. 1946 Guimarães Rosa *Sagarana* 140: [...] — não ha como um papudo para se sair bem de uma tocáia, todos dizem — [...]. 1956 Idem *Grande Sertão: Veredas* 544: A mais, o inimigo não tinha o recurso de se apostar — por tanto que perdiam os cavalos. Advindo que o baixadão dali não dava esconderijos de mato para tocaia.

tocaiar *vb.* [< tocai(a + -ar].

Emboscar-se; espreitar o inimigo, para atacá-lo.

1914 Coelho Neto *Rei Negro* i. 19: O regresso era facil, alegre, sem risco, a não ser nos socavãos da serra onde bandidos e quilombolas tocaiavam tropeiros accommettendo-os de improviso, [...]. 1938 R. Morais *Os Igaraúnas* xxvii. 320: Fôra raptada pelo filho do tucháua da nação apiacá, indio que ha annos a espreitava na floresta, tocaiando-a nos castanhaes do montante. 1946 Guimarães Rosa *Sagarana* 58: — Mas, para ser bravos, isso êles não estavam doentes, não, que eram só fazendo arrelia e tocaiando para querer matar gente!... 1956 Idem *Grande Sertão: Veredas* 245: Sô Candelário chega exclamava, chorava: dizia que nunca tinha chefiado pessoal tão valente feito nós, com tantas capacidades. E queria, logo, logo, o inimigo vindo. Tôdas as horas tocaiadas; [...].

tocaieiro *s.m.* e *adj.* [< tocai(a + -eiro].

Indivíduo que prepara tocaia; relativo à tocaia.

1956 Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* 206: Aquelas mortes, que eram para daí a pouco, já estavam na cabeça do Hermógenes. Eu não tinha nada com aquilo, próprio, eu não estava só obedecendo? Pois, não era? Ao que, o meu primeiro fogo tocaieiro.

tocandira *s.f.* Var.: 8-9 *tocandeira*, 9 *tocandira, tucandeira* [< T. ?].

Espécie de formiga, cuja picada é muito dolorosa.

1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 28: [...] diversas qualidades de *formigas*, as *tocandeiras, aniuás, tataócas*, e *tapiahis*, cuja picada, especialmente das primeiras até causa febres; [...]. 1928 M. Andrade *Macunaíma* x. 143: Então o catimboseiro virou na tocandeira Ilague e foi subindo pelo pau mas o Pai do Mutum enxergou a formigona e soprou um pio forte. 1930 G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 69: O Gertum, hontem á noite, travou conhecimento com uma tocandira, das mais famosas formigas daqui, não só pelo tamanho, como pelos terriveis effeitos de sua picada. 1938 R. Morais *Os Igaraúnas* vii. 86: — Tudo quanto é borboleta, grillo, tracuá, tucandeira, caba, ella pega para examinar com um vidro redondo num cabo, insinuou um do grupo.

toré *s.m.* Var.: 7-8 *toré*, 9 *torê* [< T. ?].

Espécie de flauta indígena; *por extensão*, dança ao som desse instrumento.

*c*1767 J. Daniel *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, II. (1840) 346: [...] são estas flautas compridas de 5 ou 6 palmos, e tão grossas que pódem servir de boas trancas aos mariolas. Chamão-nas Toré, e os flauteiros para poderem animar taes almanjarras são grandes beberrões; [...]. 1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 127: [...] e uma buzina pendente do pescoço á qual chamam *toré*, que serve para os signaes da reunião, e outros bellicos, bem como para os de paz e danças. Idem *Ib.* 132: [...] e retrocedendo ao som dos *torés* para o mesmo lugar; [...]. 1928 M. Andrade *Macunaíma* i. 10: Porêm respeitava os velhos e frequentava com aplicação a murúa a poracê o torê a cucuicogue, todas essas danças religiosas da tribu.

toroupirá *s.m.* Var.: 6 *torohupira, taraguipira* [< T. *taraɣïpi'ra < tara'ɣïra 'lagartixa' + pi'ra 'peixe' ~ VLB II. 17: *Lagartixa* = Taraguira (...)].

Peixe da família dos anablepídeos (*Anableps tetrophthalmus*), também conhecido como tralhoto.

*c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 166*v.*: torohupira [*na estampa da fl. 14, onde o peixe é desenhado em duas posições,seu nome ocorre duas vezes com a grafia* taraguipira]. peixe de coatro olhos de hũ palmo bom de comprido os maiores eles cam de cor de cimza e bramquos pela barigua e uam caltãodo por riba da auguoa com a cabeça de fora olhãodam [*sic*] com olho por baixo e daguoa e o outro olhãodo pera riba pera o ceo o maixo tem natura como bixo e a femia pare os filhos da barigua uiuos como bixo e parem muito gramde camtidade e he bom a comer e fas muito bom caldo.

tracajá *s.m.* Var.: 7-9 *tracajá*, 8 *bracajá* [< T. ?].

Réptil quelônio da família dos pelomedusídeos, espécie de tartaruga.

*c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 260: Tracajá, outra especie. 1817 CASAL *Corografia Brazilica* I. 310: Nas praias destas paragens [embocadura do Rio Tapajós e affluentes] acham-se em grande quantidade óvos de cágados *bracajás*. 1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 33: [...]ha outra qualidade de *tartarugas*, conhecida por *tracajás*, assaz pequenas em relação comparativa áquellas, porém mais saborosas, e sua carne de mais facil digestão. 1876 N. J. R. SOUSA *Diário* (ed. 1946, 19): [...] pernoitamos na extensa praia dos tracajás, [...] cousa notavel ainda tiraram-se ovos de tracajás frescos, nesta praia. 1888 INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, II. x. 205): Era local bem escolhido para uma vivenda de recreio, um *bom retiro* para o tempo dos tracajás e da desova das tartarugas. 1895 J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazónia* I. v. 56: Tartarugas de varias especies, das quaes a mais commum seja talvez a scientificamente conhecida por *Emys Amazonica*, o tracajá *(Emys tracajá)* [...]. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* iv. 50: Porêm agora, cantava o lamento do uirapurú, nunca mais que Macunaíma havia de ser marupiara não, porquê uma tracajá engulira a muiraquitã. 1930 G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 130: Conforme me observa Maravilha, as tracajás só desovam no alto das praias, na sua *assentada*, lugar seguro, onde jamais poderão chegar as aguas. 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* xvii. 193: Trazia nas pegadas o tracajá, o mussuan, o pitú e o matámatá.

tracuá *s.m.* [< T. *taraku'a ~ Cp. T. tara'saŋa e taraku'tiŋa ~ VLB I. 142: *Formiga não tem genero* = A ruiua. e grande q. come as prantas. Ygçauba (...) As de aguilhão como bespas. Taraçanga. Outras tambẽ de aguilhão Taracutĩga].

Espécie de formiga do gênero *Camponotus*.

1928 M. ANDRADE *Macunaíma* iv. 45: O monstro atirou uma guascada tirlintando com os guisos do rabo porêm nesse momento uma formiga tracuá mordeu o calcanhar do heroi. 1930 G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 112: O *Tracuá*, cujo nome provem de uma formiga, é mais um conjuncto de pancadas, travessões e corredeiras do que mesmo uma cachoeira, pelo menos agora, na epoca secca. 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* vii. 86: — Tudo quanto é borboleta, grillo, tracuá, tucandeira, caba, ella pega para examinar com um vidro redondo num cabo, insinuou um do grupo.

traíra *s.f.* Var.: 5 *tareíra*, 6-7 *taraíra*, 6 *tararira, tarayra, tarerire*, 7 *tarreira, trayra*, 7-9 *trahira*, 8-9 *traira, traíra*, 8 *trahyra, tariira* [< T. tare'ĩra].

Peixe da família dos caracídeos.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXXXIV. 208): Tareira quer dizer enxada, que é o nome que tem outro peixe que morre nas rêdes, que é quase quadrado, muito delgado pela banda da barriga e grosso pelo lombo, o qual também nada de peralto, e é muito saboroso e leve. IDEM *Ib.* II. CXLIV. 231: Tareiras são peixes tamanhos como mugens, e maiores; mas são pretos, da côr dos enxarrocos, e tem muitas espinhas, os quais se tomam à linha, nos rios de água doce: tem boas ovas e nenhuma escama; do que há grandes pescarias. 1610 J. MONTEIRO *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.* VIII. (1949) 414: [Agouros] Pera não criarem piolhos na cabeça, [as mulheres] arranham-na toda com uns dentes de peixe a que chamam taraíra; quando vão às roças por nenhuma via hão de pelejar com cousa nascida, porque não nasce a roça de amuada. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* fl. 120*v*:[...] tararira — he pescado de muitas espinhas que criaõ dentro na eabeça hũs bichos [...]. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 172*v*.: tarayra he peixe de dous palmos ou mais cuberto descama xeia de demtes muito agudo he pardo por riba das costas e tira de amarelo pela barigua e ha muito gramde cantidade dele e he muito bom peixe. IDEM *Ib.* fl. 175: tarerire he peixe de dous palmos de comprido de escama pequena tẽ dentes agudos a cor he parda. E tira a uerde a barbatanasE rabo cõ tiras de preto cubetas [*sic*]. *a*1696 G. MATOS *Obras* (ed. 1969, V. 1221): Por bem afortunado | Me tenho nestes dias, | Em que habito êste monte a par do Dique, | vizinho tão chegado | Às taraíras frias, | A quem a gula quer, que eu me dedique. |. 1721 F. F. HENRIQUES *Âncora medicinal* (ed. 1731, 163): Tarreira. Este peixe he marino, e fluvial; àquele chamaõ-lhe no Brasil, onde se pescaõ, *tarreira do alto;* ao fluvial *tarreira do rio;* ambos saõ de bom gosto, mas o do rio excede no sabor ao outro. 1734 in RAPM, XXIII. (1929) 288: Nesta occasião demos em ũas grandes chapadas faltas de todo o necessario, sem mattos, sem mantimentos, só sim com bastantes corregos, em que havia algum peixe, dourado, trayras, e upiabas, que foraõ todo o nosso remedio, [...]. 1749 *Prodigiosa Lagoa* (ed. 1925, 7): Sinco castas de peixes se tem nella descuberto, a saber Pirumbebas, bicudas, Trahiras, Lambares, e Piabás. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 259: [Peixe de menor corpulencia] Taraira, de duas especies. 1806 in RAPM, VI. (1901) 767: Pescam-se nelles a crumatam Traira e Piáos; [...]. 1817 CASAL *Corografia Brazilica* II. 78: [O Rio Buranhem] cria piáus, trahiras, robalos, acarís, piabanhas, piabas, jundiás, pitús, e camarões que além de grandes sam multiplicadissimos. 1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 34: [...] os saborosos *mandubés, piramutãbas, mandis, matupiris, aracús, trairas, jejús*, e *tamoatás*, conhecidos por *peixe do mato*, [...]. 1865 J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, xxi. 123): Chegam os viajantes á foz do rio onde se criam em grande abundancia as saborosas trahiras; [...]. 1874 TAUNAY *Histórias Brasileiras* 24 [*em nota de rodapé*]: Como em geral todas as denominações de lugares do districto de Miranda, é este nome [*sc.* Eponadigo] de origem guaycurú e significa — *bando de traíras*. 1877 N. J. R. SOUSA *Diário* (ed. 1946, 31): Quanto aprazivel é ver-se em tempo de verão os peixes pelos poços, especialmente as trairas extendidas sobre areias no fundo duma agua cristalina! 1881 F. TÁVORA *Lourenço* (ed. 1902, xvi. 243-244): As vezes sahiam a pescar á noite nas lagôas perdidas no interior da espessura; era para ver como tarrafeava habilmente o que se suppunha, á primeira vista, não saber outro officio sinão o de carguejar. Voltavam trazendo cestos cheios de camarões e trahyras. 1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 57): [...] e o olho adestrado do tapuio, que o espera com a flecha prompta sobre o arco meio entezado, descobre através das camadas liquidas [...]; a espinhenta tariira; [...]. 1895 IDEM *A Pesca na Amazónia* 189/190: [*Nota do Autor*] foi-me apenas possivel fazer as seguintes determinações incompletas, mas em todo o caso uteis ao leitor estranho áquella região, dos peixes neste estudo nomeados. [...]; tariira, (*Erythrinus taieira*); [...]. 1913 SIMÕES LOPES *Lendas do Sul* 25: A agua da lagôa borbulhava toda, numa fervura, ronquejando tal e qual como uma marmiga no borralho. Por certo que lá embaixo, dentro da terra é que estaria o brazeiro que levantava aquella fervura que cozinhava os juncos e as traíras e pelava as pernas dos socós e espantava todos os mais bichos barulhentos daquellas aguas... 1918 MONTEIRO LOBATO *Urupês* 139: Fóra dissó rãs, mimbuias pensativas e. a rabear velocissima nas poças verdinhentas d'algas, a trahira, o voraz esqualosinho do lodo. 1930 G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 100: A traira, ás vezes com tres palmos, e mais de dez kilos, tem carne branca e saborosissima, e em nada lembra aquella dos açudes e rios do Sul; sempre languinhenta, cheia de espinhas e com gosto de lama. 1934 J. L. REGO *Banguê* II. ix. 132: Vi uma luz vermelha de candieiro lá em baixo, no rio. Quem estaria por ali áquela hora? Na certa pescaria, gente atrás das trahiras. 1937 IDEM *Pureza* xxix. 302: Ouvia nitidamente o rumor que o seu corpo fazia na agua. No outro dia, á hora do trem, traria os pitús e as trahiras para o meu almoço. 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* xviii. 207: [...], as duas senhoras, de caniço em punho iam pescando jejús, trahiras, jandiás. 1940 RIBEIRO COUTO *Largo da Matriz* 117: As trairas costumam abundar nos alagadiços da várzea. 1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 178: E de tanto descair o anzol iscado, e ficar caladinho, esperando o arranco irado da traíra ou os puxões pesados da bagre... 1956 IDEM *Grande Sertão: Veredas* 13: Me agradou que perto da casa dêle tinha um açudinho, entre as palmeiras, com traíras, pra-almas de enormes, desenormes, ao real, que receberam fama; [...].

trairambóia *s.f.* Var.: 5 *taraïbóia*, 9 *trahiramboia* [< T. tareĩra'ŋ oja < tare'ĩra 'traíra' + 'ŋ oja 'cobra'].

Reptil ofídio da família dos colubrídeos (*Liophis miliaris* L.), também conhecido por cobra-lisa (v. abon. 1587); peixe da família dos lepidossirenídeos, pirambóia (v. abon. 1938).

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CX. 155): Há outra casta de cobras, que se criam nos rios, sem saírem à terra, a que os índios chamam taraïbóia, que são amarelas e muito compridas e grossas; as quais se mantêm do peixe que tomam nos rios e são muito gordas e boas para comer. 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* xviii. 208: — Apesar de já serem catalogados na Amazonia vários especimens, disse a naturalista, com pulmões, taes o pirarucú e o aruanã, por exemplo, de respiração dupla, typo conhecido por excellencia é a piramboia, ou trahiramboia.

trapiá *s.m.* [< T. *tarapi'a].

Planta da família das caparidáceas, também chamada catauari.

1908 D. OLÍMPIO *Luzia Homem* xv. 125: No largo da feira, a aglomeração asphixiava em redór das vendas ambulantes de mantimentos, expostos em caixões, saccos, sob os tamarineiros, trapiás frondosos, à sombra de toldos de estôpa, manchada de largos remendos variegados.

trapoeraba *s.f.* Var.: 8 *trapoiraba*, 9 *trapoeraba* [< T. *tarapoe'raŋa].

Planta da família das comelináceas.

1888 R. POMPÉIA *O Atheneu* xi. 330: [...] nem o caruru, a bertalha, a trapoiraba dos banhos, que tem uma flor galante, mas que afinal é mato. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* i. 11: Mas assim que deitou o curumim nas tiriricas e trapoerabas da serrapilheira êle botou corpo num atimo e ficou um principe lindo.

tremembé *s.m.* [< T. ˣtĩrĩme'ɳ e].

Terreno encharcado, pântano.

1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 284/285: E fez bem, porque, depois da passagem, por metros, há um alagadiço perene: um tremembé atapetado de alvas florinhas de bem-casados e de longos botões fusiformes de lírios.

trocano *s.m.* [< T. *?*].

Espécie de tambor indígena (v. abon. *c*1767 in TUCANO).

1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 136: [...]algumas naçoens uzam de tambores a que dão o nome de *trocanos,* feitos de um grosso tronco, ôco à força de trabalho, tapando-lhes as extremidades, e abrindo-lhe dois orificios no meio, onde batem com maços, cujas cabeças são conglutinadas de gomma elastica conhecida vulgarmente por seringa: [...]. **1874** J. ALENCAR *Ubirajara* ii. 23: Toda a tarde o trocano reboou chamando os guerreiros das outras tabas à grande taba do chefe.

tubi *s.f.* Var.: 8 *tubim* [< T. *?*].

Espécie de abelha da família dos meliponídeos.

1817 CASAL *Corografia Brazílica* I. 75: A *tubim* [especie de abelha] he mais pequena.

‖ **tubura:** v. abon.

*c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1361: Tubura ha grandes bãdos destas [rolas].

tucano *s.m.* Var.: 5 *tucána,* 5-9 *tucano,* 6-8 *tocano* [< T. tu'kana].

Ave piciforme da família dos ranfastídeos.

*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 19*v.*: Tucána. Este passaro he do tamanho de huã pega, he todo preto, tirando o peito, o q̃l he todo amarello cõ hũ circullo vermelho, o bico he dũ grande palmo, m^to^ grosso, e amarello, e por dentro uermelho, tão burnido, e lustroso, q̃ parece inuernizado, fazêse domesticos e criaõ-se ẽ casa, saõ bons pera comer, e a pena se estima m^to^ por ser fina. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II, LXXX. 90): Tucanos são outras avez do tamanho de um corvo; tem as pernas curtas e pretas, a pena das costas azulada, a das asas e do rabo anilada, o peito cheio de frouxel muito miúdo de finissimo amarelo, o qual os índios esfolam para fôrro das carapuças. Tem a cabeça pequena, o bico branco e amarelo, muito grosso, e alguns são tão compridos como um palmo, e tão pesados que não podem com êle quando comem, porque tomam grande bocado, com o que viram o bico para cima, porque não pode o pescoço com tamanho pêso, como têm. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1362-1371: Tucano He tamanho como huã perdiz mas naõ tẽ tãta carne quando vai boando não pareçe senaõ huã crux perfeitissima he preto por fora e amarelo p'lo meo e por dentro vermelho algũs tẽ os olhos azuis toda a cor he boa desta pena os papos saõ amarelos e ja vi mais de quatro mil papos jũntos nos Carijos he vestido dos naturais algũs q^do^ se querẽ vestir de festa.s. suas carapuças e outras cousas. ha outros mais piquenos tẽ o peito vermelho os olhos verdes e os pees. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 113*v.*: [...] tucano Ave fermosissima emplumado de varias cores de sorte que alegra a vista a contemplaçaõ dellas [...]. IDEM v. fl. 114*v.*: [...] tucanosu — he outra sorte de Ave que tem o biquo do tamanho de hũ palmo com o corpo naõ ser grande e outro passaro a que chamaõ — taraba — [...]. **1618** S. E. SILVEIRA *Carta* in ABN, XXVI. (1905) 364: [...] ha muitos patos, galinhas, crioulas pequenas, galinholas brauas, rollas, pombas, motus, como Perus, Jacus, haracoas como galinhas muitos tocanos em moncoes como tordos, Aletos e garças, e outras muitas aues e papagaios de comer e de fermosas penas. **1624** IDEM *Relação do Maranhão* fl. 10: [...] ha muitas rolas, muitos motus, como pirũs, cõ o bico groço, è vermelho, jacus, è aracoas, como gallinhas, muitos tocanos, è mõçoẽs [...]. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fls. 189*v.*-190: tocano he hũ pasoro tamanho como hũa fragão [*sic*] ou mabor e tem o biquo muito gramde em comparação so sorpo [*sic*] do biquo ate ao rabo preto e do biquo ate o estamaguo amarelo e pela borda do amarelo uermelho e o mais corpo preto e o lomguo dos olhos sem pena e cor de carne e o biquo preto e peguado ao biquo hũ raio damarelo e hũ omrado pasoro desta tera e fas seus filhos em buraquos dos paus e fazem seus filhos diguo fazem dous filhos e os ouos cão bramquos. *a*1696 G. MATOS *Obras* (ed. 1969, I. 199): Pariu a seu tempo um cuco, ! um monstro (digo) inumano, ! que no bico era tucano ! e no sangue mamaluco: !. **1721** F.F. HENRIQUES *Âncora medicinal* (ed. 1731, 126): Tocano. Tambem este he passaro do Brazil; he quente e secco, e tamanho como frangaõ, he de sabor gostoso; coze-se bem no estamago, e nutre bem. Tem o bico maior que o corpo. *c*1727 J. A. C. CAMELO *Das Minas do Cuiabá* in RIH, IV. (1842) 496: [...] tambem formam das pennas dos tocanos araras e papagaios, que são vermelhos, verdes, azues e amarellos, uma certa casta de cintas, com que se vestem do peito até ao joelho, [...]. **1728** N. M. PEREIRA *Peregrino da América* I. v. 50: Vieraõ em bandos logo, ! Cantando com bom primor, ! Periquitos, Papagayos, ! Tocanos; e mais Paós. **1730** ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 67. 41: As vivas tintas com que os colorio, e matizou a natureza, saõ taõ admiráveis, que os fazem parecer flores volantes nos jardins da esféra: os mais celebres saõ os tocanos pelas pennas mimosas, e gemadas, que como pelles de ouro lhes cobrem os peitos, e os guarazes pela purpura de que vestem os corpos. **1751** A. ROLIM *Relação* in RIH, VII. (1846) 471: Occupei este tempo em andar pelo mato atirando nos papagaios, e aos tocanos, de que havia boa quantidade. [*c*1767 J. DANIEL *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, II. (1840) 474: Chamão *Tocano* [v. TROCANO] a esta caixa de guerra, e assim que a ouvem, os que andão por fóra se recolhem ao arrayal, e se põem em armas, entezando os arcos, aguçando as flechas, e provendo as aljavas; [...].] *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 261: [Ave silvestre] Tocanos, duas variedades. **1781** DURÃO *Caramurú* III. liii. 92: O peixe nadador nas altas faias ! No ninho está do aligero tucano: !. IDEM *Ib.* VII. lxiii. 216: A penna do tocano mais se preza, ! Que feita de ouro se diria, !. **1783** M. C. ABREU *Divertimento Admirável* in RIHSP, VI. (1901) 259: Os Tucanos são de duas qualidades: uns tem o papo e o bico amarellos e outros têm o esbranquiçado, o bico amarello e a ponta preta, a que dão o nome de tucanuçus, cujos tamanhos não excedem aos das trocazes. **1789** F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 118: Tucano com a cabeça não grande; rostro de seis dedos transversos de extensão, nimiamẽte compresso, sem nares, com o apice curvado; [...] Collo extenso, grosso; corpo hum pouco maior, que o de um melro; [...] Todo negro; na base lateral do bico, duas faixas flaveas, e o interior carmezim. **1792** F. O. BARBOSA *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 23: Os passaros são innumeraveis e de diversas qualidades, como são [...] tucanos, gurapongas, [...]. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* I. 92: *Tucano* he do tamanho d'hum frango, negro com o peito entre vermelho, e amarello, e bico um pouco adunco de grossura, e comprimento descompassadamente grande para o corpo. IDEM *Ib.* 93: Os tucanos nidificam nas cavidades dos troncos annozos: só poem dois ovos; e sua primeira plumagem he branca: tem de cada lado na cabeça um pedaço nú; e como envernizado, cor de lacre. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 30: [...] *jacús, jacutingas, aracaris* e *tocanos,* celebres pelo grande bico, que os priva de descer á terra, e côr delicada das suas pennas; bebem unicamente da chuva, ou descendo aos rios pelos ramos das arvores que a elles descem; [...]. **1856** D. MAGALHÃES *A Confederação dos Tamoyos* III. 77: Eis que chegam: logo um côro de donzellas ! De coma flutuante, e mal cobertas ! Co'um tecido de pennas de tucano, !. **1857** J. ALENCAR *O Guarany* (2ª ed., 1864, IV. ii. 179): Tinha o rosto pintado de uma côr esverdeada e oleosa, e o pescoço cingido de uma colleira feita com as pennas brilhantes do tucano; [...]. **1865** IDEM *Iracema* (3ª ed., 1878, xvii. 103): A virgem desdobrou a alva rede de algodão franjada de pennas de tocano e suspendeu-a aos ramos da arvore. **1869** B. GUIMARÃES *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. v. 85-86): Á medida que crescião as forças de Itagiba, esses passeios forão-se alargando a maiores distancias, já deslisando vagarosamente em uma leve piroga ao longo das umbrosas ribanceiras, já pelas veredas escondidas da floresta; e pelo caminho Itagiba fazia cahir aos certeiros tiros de seu arco a arára azul ou encarnada, a alva garça, rainha dos lagos, o roseo colhereiro, cujas pennas são tão estimadas, o tucano de enorme bico, cujo peito rubro é procurado para enfeite da tunica das virgens, o jaó, o inhambú, a capoeira, cujas carnes são tão tenras e saborosas, e mil outras aves, cujas lindas pennas Guaraciaba com suas habeis mãos compunha vistosos ornatos e para as armas de seus guerreiros. **1874** J. ALENCAR *Ubirajara* i. 9: Pela facha côr de ouro, tecida das pennas do tocano, Jaguarê conheceu que era uma filha da valente nação dos tocantins, [...]. **1879** B. GUIMARÃES *O Pão de Ouro* i. 249: Nenhum mortal a conhecia, nem cobiçava os seus thesouros. O ouro, os rubins, as saphyras, os diamantes rolavam pelas torrentes de envolta com o cascalho sem fascinar a vista dos mortaes, serviam apenas de brinco entre as mãos das creanças, sem ter aos olhos do homem maior valor do que as pennas da arára ou do tucano, com que costumavam enfeitar o cocar ou o cinto da arasoya. **1898** A. ARINOS *Os Jagunços* II. iv. 347: Velho tucano traiçoeiro ! Deitou-a morta no rio ! Coitadinha! lá vai morta ! — Com seu corpinho tão frio. **1918** MONTEIRO LOBATO *Urupês* 216: Em sonetos, contos e novelas hoje esquecidos, consumiram-se tabas inteiras de Aymorés sanhudos, com pennas de tucano por fóra e virtudes romanas por dentro. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* v. 63/64: Caça caía com estrondo e Macunaíma apárava os macucos macacos micos monos mutuns jacús, jaós tucanos, todas essas caças. **1929** G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* xii. 171: Só o tucano não dizia nada. Produzia a magia da côr. **1930** G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 66: De manhã, por muito tempo, ouvi cantar o tucano-cachorrinho. O nome lhe é bem dado. Imita mesmo um pequeno cão que cainhasse teimosamente na matta. IDEM *Ib.* 113: Trisnam andorinhas, paira no ar, em vôo sereno, um carará, e, numa arvore proxima, guincha agudamente um tucano de papo branco. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xvii. 191: Papagaios, periquitos, graúnas, tucanos a se misturarem no arvoredo aos lagartos, aos japiins, ás tucandeiras. **1946** GUIMARÃES

ROSA *Sagarana* 206: — Éco! Éco — gritavam os tucanos verdes — Óco! Óco! — ralhavam os tucano-açús. IDEM *Ib.* 383: E bastava batesse no campo o pio de uma perdiz magoada, ou viesse do mato a lália lamúria dos tucanos, para o jumento mudar de rota, [...]. **1956** IDEM *Grande Sertão: Veredas* 490/491: Mas, de desertarem de mim, então, será que era um agouro? Não sei. Que sei? Tive fé em mim sòzinho. O que juro, e que sei, é que tucano tem papo!...

tucum *s.m.* Var.: 5-6 *tocum*, 6 *tucu*, 6-9 *tucum*, 6 *tuqum*, *tucú*, 7 *tocú*, 8 *ticum*, *tucúm*, *tycum*, 9 *tuncum* [< T. tu'kũ ~ VLB II. 63: *Palma ou palmeira não tem genero* = As especies são muitas, mas nenhũa se nomea senão pola fruita, (...) se eu digo q. tenho hũa linha de pescar de tucum, claro estâ q. não he da fruita pois não tem estopa, etc.].

Nome comum a várias espécies de palmeiras dos gêneros *Astrocaryum* (como a *A. vulgare* Mart.) e *Bactris* (como a *B. setosa*).

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXVII. 83): Tocum é uma erva, cujas fôlhas são como de cana do reino, mas mais curtas e brandas; a vara onde se criam é cheia de espinhos pretos, e limpa dêles fica como rota da Índia. Estas fôlhas quebram os indios às mãos, e tiram dela o mais fino linho do mundo, que parece sêda, de que fazem linhas de pescar torcidas à mão, e são tão rijas que não quebram com peixe nenhum. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 100: [...] demais do Alguodão se acha pellos campos hũas folhas de hũa Aruore a que dão nome tucu da coal se tira o fiado asaz fino e Rijo e por estremo bom, e deste he oque se faz a pita taõ estimada em espanha que vem das Jndias, e com se dar nesta terra milhor e em mais cantidade naõ se aproueitaõ della. [...]. **1627** V. SALVADOR *Hist. Brasil* I. xi. fl. 20*v.*: Há Tucum, que saõ huãs folhas quazi de dous palmos de comprido, donde só com a maõ sem outro artifício se tira Pitta rejissima, e cada folha dá huã estriga. **1628** in RIHP, XL. (1945) 81: — A Capp.ª de Pernambuco q he junto da de Itamaracá tem sesenta legoas de Costa p.ª o Sul com m.tos Ryos acabando no de São Fran.co m.tas vargeas de eicelentes terras, todo o pao Brazil que se navega, muitos emgenhos de assucar, m.tas madeiras Reaes, m.ta tinta de Orocu e Araruba, m.ta erva de Anil, muito linho de Caragoatá de duas castas de Carrapizo, Sipoo e de Tocum, m.to Tabaco, Algodão, Canafistula [...]. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 182*v.*: tuqum he outro modo de palmeiras mas tẽ m.tos espinhos e m.to grandes pela aruore e folha de hũa frutta q̃ se come cemdo madura he uermelha e amarelada o meolo do coquo se como tãobẽ e uerde he milhor e mais tẽro. *a*1667 HERIARTE *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 186): [Os Encabelados] dormem em redes de *moritim* e de *tucú*, feitas de diferentes modos que ás dos mais Indios do rio. *c*1727 J. A. C. CAMELO *Das Minas do Cuiabá* in RIHP, IV. (1842) 496: [...] estes se occupam em tirar fios de uma casca da arvore á que chamam *Tocú* de que tecem suas redes em que se deitam, e os pannos com que se cobrem; [...]. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 263: [Arvore fructifera] Tucum Anajá. **1805** in DAP, V. 2: Quazi por todas as matas do Brazil ha huma certa espece de linhos agrestes das quaes se podem fazer cordas, e ainda uzar dellas p.ª outras infinitas coizas tiradas de varias, e certas folhas as quaes se achão de trez qualid.es a saber Caroá-inferior, Caroatá-mediano e Ticum Superior. **1817** CASAL *Corografia Brazílica* I. 109: Entre as multiplicadas especies de palmeiras, nota-se com particularidade a denominada *Tucúm*, ou *Tycum*, cujo tronco he delgado, espinhozo, e de altura proporcionada: as folhas differem um pouco da commum parecença, que se nota entre quazi todas as outras palmeiras; [...]. IDEM *Ib.* II. 76: Conhecem-se bem as jabuticabeiras, os araçazeiros, as pindahybas, as palmeiras do ticum. IDEM *Ib.* II. 84: [farinha] da qual se exporta boa quantidade com algum linho de ticum, [...]. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 10: [...] o tucum que he considerado como o linho da America Meridional, abunda nesta Provincia, os Indios fabricam d'elle obras de gosto e utilidade; [...]. **1847** A. LEVERGER *Rio Paraguai* in RIH, XXV. (1862) 218: Fazem tambem grosseiros vasos para cozer os seus alimentos; e com fio tirado do *tucum* e da *pita* tecem mosquiteiros e abanos; não largam d'este ultimo traste com que enxotam os mosquitos, a maior praga que tem de soffrer quem viaja por estes rios e campanhas. **1856** D. MAGALHÃES *A Confederação dos Tamoyos* III. 69: De fio de tucum, que ao linho iguala: | Nestas rêdes repousam, nellas dormem, |. **1857** J. ALENCAR *O Guarany* (2ª ed., 1864, I. iv. 42): Quando o animal, quasi asphixiado pela estrangulação, já não fazia senão uma fraca resistencia, o selvagem, segurando sempre a forquilha, metteo a mão debaixo da tunica e tirou uma corda de *ticum* que tinha enrolada á cintura em muitas voltas. IDEM *Ib.* 356: [*Nota do Autor*] O ticum é uma palmeira de cujos filamentos os indios usavão como os Europêos do linho. Della se servião para suas redes de pesca, para cordas de arco e outros misteres; o fio preparado por elles com a resina de almecega era fortissimo. **1863** M. A. PORTO ALEGRE *Brasilianas* 269: E aqui, n'um coração farpado, Angelia | Gravou seu lindo nome; unio-lhe a fonte, | O ipé frondoso, e as sonoras palmas | Do irriçado tucum, que symbolizam | O mutuo affecto que jurado havemos. **1869** B. GUIMARÃES *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. i. 43): As mulheres assentadas em diversos grupos á sombra da cangerana ou da copayba secular, umas amamentavão suas crianças, outras tecião por passatempo esteiras, redes ou cabazes de cipós ou de palhas de coqueiro; outras, deitadas em suas rêdes delicadamente tecidas de fios de tucum e enfeitadas de pennas, embalavão-se indolentemente olhando as nuvens a passearem pelo céo, ou as aguas do rio a correrem silenciosas. **1872** IDEM *Hist. e Trad. Minas* III. i. 204-205: Com um pequeno anzol ou fisga, e uma linha de tucum da grossura de um fio de barbante, pescão não só os pequenos bagres e pyrapitingas, como os corpulentos dourados e crumatãs, e o jaú, que attinge ás vezes o tamanho de um homem de alta estatura, e tem a força de um touro. **1872** TAUNAY *Inocência* (2ª ed., 1884, xiv. 142): Elle, que armára uma rede de tucúm tão fresca e de malhas abertas, a qual, balouçando-se levemente á brisa, parecia convidal-o á confortante sésta... **1886** J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 28): Foi á cozinha, tirou um carvão e metteu-o, com um fio de *tucum*, em que deu onze nós, dentro de um cartuxo de papel. IDEM *Ib.* 29: Pouco depois uma rapariga que entrou na venda, a quem consultou, explicou-lhe que o carvão queria dizer noite, e os nós no fio de *tucum* onze horas, cada nó uma hora. **1888** INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, II. xii. 297): [...] ele, para descansar da escandalosa mandriice, atirava o corpo para o fundo d'uma excellente maqueira de tucúm, armada no copiar — para as sestas do defunto Padre Santo — [...]. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* II. ix. 150: Os puças eram feitos de algodão ou das folhas da palmeira tucum (*astrocarium*), sendo os de algodão os mais duraveis. **1898** A. ARINOS *Pelo Sertão* 41: O Aleixo veio correndo na frente para armar a rède de tucum que ainda restava. **1918** MONTEIRO LOBATO *Urupês* 219: [...] sempre coisas que a natureza derrama pelo matto e ao homem custa apenas o trabalho de espichar o braço, e colher — cocos de tuncum e jissára, guabirobas, bacuparis, [...]. **1929** G. ARANHA *A Viagem Maravilhosa* xii. 174: Ritinha trouxe do Maranhão uma rêde de tucum para o tio se deitar; [...]. **1935** JORGE DE LIMA *Calunga* v. 52: Lula então viu que o homem era paralitico, umas pernas fininhas se enroscavam no fundo do tucum. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* ix. 119: — Mas existe tambem, volveu o dr. Avelino, uma rêde de tucum, que é o linho da planicie, fabricada não sei onde.

tucumã *s.m.* Var.: 7 *tocumá*, 7-9 *tucumã*, 8-9 *tucuman*, 8 *tucumá* [< T. °tuku'ma].

Palmeira do gênero *Astrocaryum* (*A. tucuma*); tucumanzeiro.

1763 J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 221: [...] tocumá fructa de cachos, encarnada e toda agreste. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 253: Trazem tambem as orelhas furadas, e nos buracos pedaços de flechas: as mulheres lhe introduzem o caroço da fructa *tucumã*. Aquelles riscos são feitos com espinhos agudos, e lhe espremem o sumo de uma certa folha, que deixa o signal preto e perpetuo. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 12: [...] *tucuman*, de cujas folhas nascentes se fabricam esteiras e chapéos: seo tronco he cheio de espinhos bem como as folhas, e produz grandes cachos de côcos saborosos os quaes, quando maduros, tomam uma côr, que partecipa do amarello, e encarnado; [...]. IDEM *Ib.* 121: [...] e dos cantos da bôca lhe sahe um risco que não chega ás orelhas, nas quaes os homens penduram grandes aneis do carôço do côquilho fructo do *tucumá*, e as mulheres pennas de aves. **1876** COUTO DE MAGALHÃES *O Selvagem* I. 165: [*Nota de rodapé*] O *tucumã* é uma linda palmeira espinhosa que cresce nos valles do Amazonas e Prata. Seu côco, de um vermelho côr de laranja brilhantissimo, serve de alimento aos selvagens, que com sua pôlpa preparam um succulento mingão de sabor agradavel, mas indigesto. **1886** J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 4): Rosinha foi para a sala da frente e sentou-se num tupé, no chão, junto da sua almofada de renda, cujos bilros de caroços de tucuman estalaram-lhes logo entre os dedos finos, enchendo a sala de sons claros, de um estalido metalico. **1888** INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, II. xii. 300): Ella fazia renda de bico, n'uma grande almofada, trocando com agilidade os bilros de tucuman com haste de cedro envolvida em linha branca. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* v. 59: Os manos entraram num cerrado cheio de inajás ouricuris ubussús bacabas mucajás miritis tucumãs trazendo no curuatá uma penachada de fumo em vez de palmas e cocos. **1930** G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 58: Por tôdos os lados, surgem fustes de palmeiras. São inajás portentosas, bosquetes de jauarys, esguias urucurys, marajás, tucumãs, patauás... **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xiv. 290: Introduzidos na varanda, o piloto rolava nas mãos o largo chapeu de palha de tucuman.

tucumanzeiro *s.m.* [< tucuman (var. de *tucumã*) + -z- + + -eiro].

Tucumã.

1895 J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. iii. 31: [...] e o grande chapéo desabado de grelos do tucumanzeiro (*Astrocarium tucuman*) enterrado na cabeça, [...].

tucunaré *s.m.* Var.: 6 *cucunare*, *tucunare*, 6-9 *tucunaré*, 7 *tukenaré* [< T. tukuna're].

Peixe da família dos ciclídeos (*Cichla ocellaris* Schneider).

*c***1631** C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 175: Cucunare [*na estampa da fl. 50 o nome do peixe ocorre grafado* tucunare] he peixe de 3 ou 4 palmos de cõprido as escamas são pequenas tira a preto E ouro tẽ hũo espelho no rabo no meio preto e a derredor tira a ouro he o melhor peixe desta terra. *c***1698** J. F. Betendorf *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 609: [...] tendo pegado um bello peixe, chamado tucunaré, vinha mui contente com elle [...]. **1763** J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, XI. (1869) 76: Aqui houve antes de anoitecer, muita pesca de serobins, tucunarés, corimatás, acarazes, piranhas, pirorocús (de que a lingua é o melhor ralador de noz-moscada), araoanás e aracús, e seria extraordinaria a pesca se as redes estivessem em melhores termos. Idem *Ib.* 182: Tem pesca de tukenarés, que é bom peixe; [...]. *c***1777** F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 259: [Peixe de menor corpulencia] Tucunaré. **1786** in *Annexes du premier Mémoire du Brésil* I. (1903) 219: No rio se pescavão alem dos peixes = pirarucú, tucunaré, surubim, pira, catinga, pirânha, &ª. alguns peixes boys, principalmente, da fortaleza para cima. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 34: [...] os *tucunarés*, *huéuas*, peixe de escama, *jeraquí*, igualmente de escama, e mui saboroso, encontra-se dentro de alguns affluentes do Amazonas, anda sempre em grandes cardumes, e a força de seo nado he tamanho que chega a fazer retroceder a corrente contra a qual sobem: [...]. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 57): [...] e o olho adestrado do tapuio, [...], descobre através das camadas liquidas o tambaqui côr de tijuco; os circulos brilhantes da cauda do dourado tucunaré; [...]. **1888** Inglês de Sousa *O Missionário* (ed. 1899, II. x. 214): Padre João, que era um homem exquisito em Maués, gostava muito de alli estar, no furo da Sapucaia, passando os dias a pescar tucunarés de caniço e as noites a ensinar á Clarinha tudo quanto elle sabia. **1895** J. Veríssimo *A Pesca na Amazônia* I. vii. 106: Na pesca do tucunaré, um dos melhores, sinão o melhor peixe da Amazonia, principalmente feita em Agosto e Setembro, empregam alem dos meios geraes indicados, dous instrumentos especiaes, si assim podemos chamar a uma simples modificação no anzol de caniço e na linha de pesca. **1928** M. Andrade *Macunaíma* iv. 49: Perguntaram pra todos os seres, aperemas saguís tatús-mulitas tejús mussuãs da terra e das árvores, tapiucabas chabós matintapereras pinicapaus e aracuãs do ar, pra ave japiim e seu compadre marimbondo, prá baratinha casadeira pro passaro que grita "Taam!" e sua companheira que responde "Taim!" prá lagartixa que anda de pique com o ratão, pros tambaquis tucunarés pirarucús curimatás do rio, os pecaís tapicurús e iererês da praia, todos êsses entes vivos mas minguem não vira nada, ninguem não sabia de nada. **1930** G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 129: Aqui, do Tronco para cima, como succede tambem com os saurios de vulto, arraias e tucunarés, não existem as tartarugas grandes, que põem uma grosa e até mais de ovos. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* vi. 64: Estou com vivas saudades, accrescentou, da minha barraca, dos meus xerimbabos, dum bom tucunaré assado de grelha com sal, limão, pimenta e farinha branca torrada.

tucupi *s.m.* Var.: 7-9 *tucupi*, 8 *tocupí*, 9 *tucupí*, *tucupy* [< T. ?].

Tempero preparado com o suco da mandioca, misturado com pimenta.

*c***1767** J. Daniel *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, II. (1840) 344: — Outros em logar da pimenta usão de gengibre; tambem outros usão de sumo de limão; outras vezes de tucupi, que é o sumo da raiz da mandioca, e para lhe tirarem o veneno o cozem primeiro: [...]. Idem *Ib.* 450: Comido o *Tucupi* cosido perde o veneno, e não só não faz mal, mas usão d'elle como acepipe e tempero de varios guizados e bebidas, como diremos adiante. **1787** in *Annexes du premier Mémoire du Brésil* I. (1903) 267: [...] suas roças de mandioca puba o seu diario sustento, as tapiocas, os beijús, os tacacás, os tucupis, o seu vinho etc. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 128: [...] misturando-se-lhe o tucupi ou summo da mandioca. Idem *Ib.* 137 [...] o tocupi he entre elles de grande consummo com a carne da caça ou pescado que sempre comem assado: [...]. **1895** J. Veríssimo *A Pesca na Amazônia* I. v. 80: Depois de assada ou moqueada comem-a "de tucupi" isto é fervida no molho feito de mandioca cosida, [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* vi. 76: Numas bacias enormes originarias das cavernas do rio Cunani fumegava tacacá com tucupí, sopa feita com um paulista vindo dos frigorificos da Continental, uma jacaresada e polenta. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* vii. 81/82: — Do tucupy, outro veneno terrivel, fez um molho saboroso e original, [...].

tucura *s.f.* Var.: 5 *tacura* [< T. tu'kura ~ VLB I. 146: *Gafanhoto* = Tucura].

Nome indígena do gafanhoto.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. xc. 117): Começemos logo dos gafanhotos, a que o gentio chama tacura, os quais se criam na Bahia muito grandes, e andam muitas vêzes em bandos.

tucurana *s.f.* Var.: 5 *tacuranda* [< T. tuku'rana < tu'kura 'tucura' + 'rana 'semelhante'].

V. abon.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. xc. 117): Há outros bichos a que os indios chamam tacuranda, e em Portugal saudes, os quais são muito formosos, pintados e grandes, mas não fazem mal a nada.

tuijuba *s.m.* Var.: 6 *cujujuba* [< tui'juua < tu'ĩ + 'juua 'amarelo'].

Ave da família dos psitacídeos, espécie de tuim.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 113: [...] cujujuba, he hũ passaro piqueno e de bico Reuolto o coal em se vendo preso serra [*scil.* cerra] voluntariamente o seso [*scil.* sesso = ânus] sem fazer mais por elle purguasaõ ate morrer [...].

tuim *s.m.* Var.: 5 *toy*, *toym*, *tuyns* (pl.), 5-6, 8-9 *tuins* (pl.), 5 *tuĩ*, 5, 9 *tuim*, 5 *toĩ*, 6 *toins* (pl.), *tohim*, *tohi* [< T. tu'ĩ].

Ave da família dos psitacídeos, espécie de periquito.

1511 *Livro da Nau Bertoa* in RIH, XXIV. (1861) 108: [...] ho capytam [*levou*] tres papagayos e dous toys e hu gato e sam p. todos 6j [= 6] peças. Idem *Ib.* 109: [...] ho comtramestre [*levou*] hũ toym. **1576** Gândavo *Hist.* VII. fl. 26*v.*: Ha tambem hũs pequeninos que vem do sertão, pouco mayores que pardaes, a que chamão tuyns [*no ms. do Escorial*, fl. 42*v.*, *lê-se*: tuins]: aos quaes vestio a natureza de hũa peña verde muito fina sem outra nenhũa mestura, & tẽ o bico & as pernas brancas, & hum rabo muito comprido. Estes tambem falam & sam muito fermosos & apraziueis è estremo. *c***1584** Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 18*v.*: Tuĩ. Os tuĩs he huã specie de papagayos piquenos do tamanho de hũ pardal, saõ uerdes spargidos de outras uarias cores, sam muito estimados, assi p'la sua fermosura, como tambem porque fallaõ muito, e bem, e saõ muito domesticos, e taõ mansinhos q̃ andaõ correndo por toda huã pessoa, saltandolhe nas maõs, nos peitos, nos hombros, e cabeça, e cõ o bico lhe esgrauataõ os dentes, e estaõ tirando o comer da boca a pessoa q̃ os cria, e fazẽ m^tos momos, e sempre fallaõ, ou cantaõ a seu modo. **1585** Idem *Informação* fl. 89.: [...] e he grande injuria pera elles naõ se lhe acceitar [*dádivas*] e qndo o daõ naõ dizem nada mas pondo perus, gallinhas, leitões, papagayos, tuĩs reaes [...]. **1587** G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxxxiii. 96): Há uns passarinhos todos verdes, que tem os pés e bico branco, a que os indios chamam tuim; tem o bico revôlto para baixo, e criam em árvores, em ninhos de palha, perto do mar e não os há pelo sertão; os quais andam em bandos; tomam-nos em novos para se criarem em casa, onde falam muito claro e bem, e tem muita graça no que dizem. *c***1594** [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1286-1288: Anacam ajurucurao he verdadº, Aiuruĩ, Corica, Maracanaguaçu, Maracanamerĩ. toĩs grandes e piquenos diuersos, Jandajete Jandajuba. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 115: [...] e outra especie [*de papagaio*] caje desta mesma callidade a que daõ nome de toins — de pequeno corpo e muy lindos que esplicaõ arrezoadamente tudo o que lhe ensinaõ e destes tais os mais estimados saõ os que se chamaõ quaiaquaiais — de penas pardas pretas e verdes. *c***1631** C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 192*v.*: tohimhite [*scil.* tuim etẽ 'tuim verdadeiro'] he hũ pequeno papaguaio he todo uerde tiramdo a metade das azas que tem amarelo e tem o biquo e os pcis bramquos cor de carne e he hũ dos fermozos pasoros desta tera e fala muito bem e fazem os filhos em buraquos dos pauos e fazem simquo ou seis filhos. Idem *Ib.* fl. 193: tohi tamanho como este que ariba ano meio e he todo uerde fora a croa da sabesa [*sic*] que he cor de laramia e fazem seus filhos como os outros. **1663** S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* I. § 123. 75: [...] vi que vinha voando huã quasi nuuem de passaros, a que chamão Tuins, casta de papagaios pequenos, que tambem fallaõ, & saõ estimados, [...]. **1865** J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, xxii. 135): As formigas subiam-lhe pelo corpo; e os tuins adejavam em torno e pousavam-lhe na calva. **1922** M. Andrade *Paulicea desvairada* 126: — Pão de Icaros sobre a toalha extática do azul! / Os tuins esperanças das nossas ilusões! **1928** Idem *Macunaíma* xvi. 231: A ruivor veio vindo veio vindo e era o bando de araras vermelhas e jandaias, todos êsses faladores, era o papagaio trombeta era o papagaio-curraleiro era o xarã o peito roxo o ajurú-curau o ajurúcurica araraí ararica araraúna ararai, araguaí maracanã maitaca araraapiranga catorra teriba camiranga anaca anapura canindés tuins periquitos, todos êsses o cortejo sarapintado de Macunaíma imperador. **1934** Jorge de Lima *O Anjo* 137: Pegou noutro tuim, dois centimetros e meio acima do focinho do policial. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 329: Todos tinham muita pressa: os únicos que interromperam, por momentos, a viagem, foram os alegres tuins, os minúsculos tuins de cabecinhas amarelas, que não levam nada a sério, e que choveram

nos pés de mamão e fizeram recreio, aos pares, sem sustar o alarido — rrrl — rrrril! rrrl — rrrrril!...

tuíra *adj.* [< T. ?].

Ruço, pardo.

1938 R. Morais *Os Igaraúnas* ii. 23: Pharol verde e encarnado delle parece zólho de corujão, hein, tia Andreza, dizia um curumim tuíra de andar todo o santo dia no tijuco.

tuiuiú *s.m.* Var.: 5, 7-8 *tuiuiú*, 6 *teieiu*, (7 *juyuyu*), 7-8 *tayuyú*, 8 *tuyuyú*, *tutujú*, 9 *tuiú-tuiú* [< T. tuju'ịu ~ VLB I. 70: *Cegonha* = Tujujû. Tabujajâ].

Ave da família dos ciconídeos, espécie de cegonha.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva II. lxxix. 88): Tuiuiú é uma ave grande de altura de cinco palmos, tem as asas pretas, e papo vermelho, e o mais branco; tem o pescoço muito grande, e o bico de dois palmos de comprido; fazem os ninhos no chão, em que põem dois ovos, cada um como um grande punho: mantém os filhos com peixe dos rios, o qual comem primeiro, e recozem-no no papo, e depois arreveçam-no, e repartem-no pelos filhos. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 184: O teieiu he pasoro muito grãode tẽ o corpo grãode como hũa ouelha tem o biquo de hũo grãode palmo e o biquo he preto e a cabeca preta sem pena e o pesquoso uermelho sem pena e o sorpo [*sic*] todo bramquo e hele tem os peis de dous palmos gramdes e cão pretos eles fazem os filhos em riba de pauos muito grosos e muito altos e fazem tres e quatro filhos e uiuem de peixe e de palmo e meio ou dous palmos he pasoro muito duro que parece carne de uaqua os filhos he muito bom comer. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 261: [Ave aquatica] Tuiuiú, de extraordinaria corpulencia. 1783 M. C. Abreu *Divertimento Admiravel* in RIHSP, VI. (1901) 253: Os juyuyus são uns passaros brancos e quasi do tamanho de um homem, cuja carne se não come; a pelle do pescoço serve de meia para a perna de qualquer homem, o bico tem mais de um palmo de comprido e tão forte que, com uma bicada, vara uma taboa de grossura ordinaria. 1792 F. O. Barbosa *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 23: Os passaros são innumeraveis e de diversas qualidades, como são [...] tayuyús, tabuyayás, [...]. 1817 Casal *Corografia Brazílica* I. 93: Tuyuyú he muito maior que o perú, branco com as pernas negras, muito altas, pescoço assáz comprido; bico pontudo; he derrabado, e da altura d'hum homem; pasta nas margens das lagoas, e sustenta-se de peixes. Idem *Ib.* 147: Entr'outras especies de passaros conhecem-se macúcos, papagayos, carões, anhumas, sócós, tayuyús, jaburús, garças, jacús, arapongas, mutuns, tucanos, codornizes. 1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 29: Os grandes jaburús *moleques* ou *tutujús*, ainda maiores que a *ema*, de côr branca, e azas pretas, tem cinco palmos dos pés ao bico: [...]. 1847 A. Leverger *Rio Paraguai* in RIH, XXV. (1862) 232: [...] varias sortes de *Corujas*, os *Tuiuiús*, *Garças*, *Gaivótas*, *Colhereiros* e outras aves aquaticas, e particularmente immenso numero de *Leguás*; [...]. 1876 Couto de Magalhães *O Selvagem* II. vi. 175: [...] toda a sorte de aves aquaticas, desde o gentil e pequeno marinheiro até a garça real e o grande tuyuyú branco. 1878 Taunay *Narrativas Militares* 25: [...] isto mesmo nos lugares menos humidos, porque da região inundada fogem todos os animaes, e nella só se avistão garças, socós e tuyuyús. 1938 R. Morais *Os Igaraúnas* xvii. 195: Neste interim, baixou outra revoada de surucuás, arirambas, [...] tuiú-tuiús, gaivotas, cararás, mergulhões.

‖ **tuivire:** v. abon.

1751 A. Rolim *Relação* in RIH, VII. (1846) 478: Além d'estes [papagaios e barreiros] se mataram outros, que não são capazes de se comerem, entre os quaes foram uns que se chamam tuivires, que, postos em pé, são mais altos que um homem.

‖ **tumurupára:** v. abon.

*c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 262: [Ave silvestre] Tumurupára.

tunga *s.f.* [< T. 'tuṇa ~ VLB I. 55: *Bichos que entrão nos pes* = Tunga].

Inseto sifonáptero da família dos hectopsilídeos (*Tunga penetrans* L.), bicho-de-pé.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxiv. 181): Para se arrematar esta parte das informações dos bichos prejudiciais, e de nenhum proveito que se criam na Bahia, convém que se diga quê são êstes bichos tão temidos em Portugal, que se metem nos pés da gente, a que os indios chamam tungas, os quais são pretinhos, pouco maiores que ouções. *c*1698 J. F. Betendorf *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 215: [...]vieram elles, e os estive confessando grande parte da noite, com grande molestia que me davam uns bichos que chamam tungas, que entram em os pés e causam uma intoleravel comichão; [...]. 1817 Casal *Corografia Brazílica* I. 76: [*Nota do Autor*] Ha uma diminutissima pulga, no idioma do paiz *Tunga*, que se introduz no corpo de alguns animaes, principalmente no do homem; e dentro de poucos dias tem deposto um grande numero de ovas, com que incommoda, e ás vezes produz consequencias terriveis; e uma casta de lagarta extremamente pequena, que he a destruição dos Livros.

tungaçu *s.m.* [< T. tuṇa'su < 'tuṇa 'tunga' + a'su 'grande'].

Inseto sifonáptero da família dos pulicídeos (*Pulex irritans* L.), pulga-do-homem.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxiv. 181): Pulgas há poucas no Brasil, a que os índios chamam tungaçu, e nenhuns piolhos do corpo entre a gente branca; entre os índios se criam alguns nas rêdes em que dormem, como estão sujas, os quais são compridos com feição de pernas, como os piolhos ladros, e fazem grande comichão no corpo.

tupã *s.m.* Var.: 5-6 *tupana*, 5, 7-9 *tupã*, 6 *tupam*, 6-8 *tupá*, 6 *tupà*, *tupá*, 7 *tupaõ*, 8-9 *tupan*, 8 *tupâna* [< T. tu'pã, tu'pana 'gênio do trovão e do raio'].

Designação tupi do raio e do trovão e, por extensão, Deus.

Foram os missionários jesuítas que atribuíram ao voc. tupi uma nova acepção, a fim de trazerem os gentios ao conhecimento de Deus (v. abon. 1549). No VLB, vocabulário português-tupi redigido por jesuítas em fins do séc. XVI e conservado em dois manuscritos do primeiro quartel do séc. XVII, ocorre mais de uma dezena de compostos tupis em que tu'pã corresponde a 'divino', 'sagrado'; citem-se, entre outros: tu'pã 'oka 'casa de Deus, igreja' (VLB II. 9), tu'pã po'taṇa 'dizimo a Deus' (VLB I. 104) etc.

1549 Nóbrega *Cartas* (ed. S. Leite, 1955, 62): Esta gentilidade a nenhuma coisa adora, nem conhecem a Deus, sòmente aos trovões chamam Tupana, que é como quem diz coisa divina. E assim, nós não temos outro vocábulo mais conveniente para os trazer ao conhecimento de Deus, que chamar-lhe Pai Tupana. *c*1584 Cardim *Origem dos Índios do Brasil* fl. 1*v.*: Naõ tem proprio cõ q̃ expliquem a Deos mas dizem q̃ Tupã, he o q̃ faz os trouões, e relampagos, e q̃ este he o q̃ lhe deu as enxadas, e mantimentos, e por naõ terem outro nome mais proprio, e natural chamaõ a Deos Tupã. 1610 J. Monteiro *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.* VIII. (1949) 408: Contam mais que o Tupam Mairá é o senhor dos trovões, coriscos, relâmpagos. De Deus [*os gentios*] não têm conhecimento. 1625 in ABN, XXVI. (1905) 393: [...] somos os verdadeiros branquos filhos do sol e do tupana (Como se disese de ds [*scil.* deus]) a quen elles ão de obedeser e Respeitar [...]. 1626 C. Lisboa *Carta* in ABN, XXVI. (1905) 400: [...] disse-me que logo sarara, e que o Tupam lhe matara uma filha a elle porque tendoa doente naquella Conjunção, a escondera por a não baptizar, [...]. 1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* I. § 75. 47: Que antes de chegar o diluiuo hauia hum homẽ de grande saber, a que elles chamauão Payé (que ual o mesmo que Mago, ou Adiuinhador, & entre nós Propheta) o qual tinha por nome tamandaurẽ, & que o seu grande Tupá, que quer dizer Excellencia superior, & vem a ser o mesmo que Deos, fallaua com este, & lhe descobria seus segredos: [...]. Idem *Ib.* II. § 13. 107: [...] tem com tudo huns confusos vestigios de hũa Excelècia supperior, a que chamão Tupà, que quer dizer Excelencia espantosa; por isso chamão ao troução Tupã-çununga, que quer dizer, estrondo feito pella Excelencia superior; & ao relampago chamão Tupá beraba, que quer dizer, resplandor feito pella mesma. 1675 F. B. Freire *Hist. da Guerra Brasílica* I. 28: A nenhum Deos adorão; mas reconhecem confusamente hũa excellencia superior, a que chamão Tupá: não ignorando de todo o premio, & o castigo, reservados para a immortalidade. 1730 Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* I. § 86. 52: [...] porque os nossos, das cousas eternas só alcançavaõ; e reconheciaõ, que havia no Ceo hum superior poder, que era movel de tudo, ao qual chamavaõ Graõ Tupã, porèm naõ o imploravaõ com outros votos, e rogativas, mais que com as vinganças, que tomavaõ dos seus proprios inimigos, que eraõ entre elles as virtudes, e os actos meritorios, que sabiaõ obrar e offerecer. 1757 D. L. Couto *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 44: Conhecião hua excellencia superior a que chamavão Tupã, que quer dizer Excellencia espantosa, pela qual rasão tinhão grande medo dos trovões. Idem *Ib.* 63: Os Indios do Brazil não adoravão expreçamente Deos algum tinhão com tudo conhecimento de huã Excellencia superior a que chamavão Tupã, que quer dizer Excelencia espantoza, [...]. 1761 Jaboatão *Novo Orbe Seráfico Brasílico* I. II. 8: [...] porque, na opinião dos doutos, naõ cahìo em erros de Idolatria, pois naõ adoravaõ a Divindade alguma particular, e só reconheciaõ a huma Excellencia Superior, que he o mesmo, que Deos, chamada na sua lingua *Tupã;* mas até esta, sem adoração, ou culto algum, e só se deixavaõ enganar dos seus Feiticeiros, a quem naõ guardavaõ mais que hum simplez respeito, [...]. Idem *Ib.* 150: [...] porque naõ adoraõ a Diviñdade alguma particular, que tenhaõ por Deos, e só reconhecem a huma Excellencia Superior, a que chamaõ *Tupaõ,*

que he o mesmo, que Deos Grande, mas sem lhe tributarem culto, ou adoraçaõ alguma. [...]. **1781** Durão *Caramurú* I. lxxvii. 34: Invoque o grão Tupá, que o raio emprega: !. Idem *Ib.* 41: Os Selvagens do Brazil tem expressa noção de Deos na palavra Tupá, que vale entre elles excellencia superior, cousa grande que nos domina. **1817** Casal *Corografia Brazílica* I. 58: Admittem [*os índios*] a immortalidade d'alma, e um Creador de tudo, ao qual commumente denominam Tupan, e um espirito malfacejo, a que chamam *anhanga:* pretendem ter entre si *feiticeiros.* **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 130: [...] com tudo muitos reconhecem um Ente superior, que na lingua Tupinambá tem o nome de *Tupána,* que significa Deos, sem com tudo lhe tributarem alguma especie de culto, ou adoração. **1846** Martins Pena *Itaminda* (ed. 1956, II. 432): Meus filhos, bravos de Tupã, se a vitória nos abandona, o tempo no-la dará. **1846** G. Dias *Primeiros Cantos* (ed. 1865, I. 9): Vossos Deoses, ó Piaga conjura, ! Susta as iras do féro Anhangá. ! Manitôs já fugirão da Taba, ! O' desgraça! ó ruina! ó Tupá! Idem *Ib.* 13: Tupan, ó Deos grande! cobriste o teo rosto ! Com denso velamen de pennas gentis; ! E jazem teos filhos clamando vingança ! Dos bens que lhes déste da perda infeliz! **1851** Idem *Últimos Cantos* (ed. 1865, II. 98): — Que novos males ! Nos resta de soffrer? — que novas dores, ! Que outro fado pior Tupan nos guarda? Idem *Ib.* 105: Eu vivo sosinha; ninguem me procura! ! Acaso feitura ! Não sou de Tupá! Se algum d'entre os homens de mim não se esconde, ! — Tu es, me responde, ! — Tu es Marabá! **1855** Junqueira Freire *Inspirações do Claustro* 70: Era o supremo Deos omnipotente ! Tupá — o sabio autor da linda lua, ! Do sol vermelho e das montanhas de ouro, ! E dos busios marinhos, e dos cardos ! Que o viajor nos arcaes sacião, ! E do azulado beija-flôr das veigas ! Que trebelha brincão entre os arbustos, ! Como os desejos sofregos do amante. **1855** Idem *Contradições Poéticas:* 238: Por teu Deos, por Tupá, por teu maracá, ! Porquanto é santo e teu, — dize-me claro, ! Porque não veio aqui Dertinca ainda?" !. **1856** D. Magalhães *A Confederação dos Tamoyos* III. 86: "O céo é de Tupan, a terra é nossa; ! Nossos pais a regaram com seu sangue; ! A nós toca morrer para vingal-os. **1859** C. Abreu *As Primaveras* 11: É um paiz magestoso ! Essa terra de Tupá, ! Desd'o Amazonas ao Prata, ! Do Rio Grande ao Pará. **1865** J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, v. 29): Tupan deu à grande nação tabajara toda esta terra. **1866** Idem *As Minas de Prata* VI. i. 8; Mas Tupan lhe fallára á noite, na hora dos sonhos, [...]. **1869** Varela *Cantos do Ermo e da Cidade* (2ª ed., 1880, 74): Como era calmo e bello e vivo o jubilo ! Das filhas de Tupan ! Depondo junto ao fogo os anchos cantaros, ! E atrás dos colibris ! Correndo alegres nos relvosos paramos. **1869** B. Guimarães *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. iii. 64): Entretanto, ai de mim! esse bello estrangeiro é a victima destinada a ser sacrificada a Tupá no dia em que eu fôr entregue como esposa entre as mãos de Inimá para tornar os manitós propicios á nossa união! **1872** Idem *Hist. e Trad. Minas* III. ii. 212: No dia seguinte esqueciaõ seus novos nomes, e os esposos se separavão com a mesma facilidade com que largavão seus vestidos, para tomarem de novo a arasoya, e tornavão aos mattos para serem tão bons adoradores de Tupan como d'antes. **1874** J. Alencar *Ubirajara* iii. 45: Elle, que affrontava a cholera de Tupan, quando o deus irado rugia do céo, curvar-se ao aceno de um homem, fosse embora o mais pujante dos filhos da terra? **1875** Machado de Assis *Americanas* 8: Conduz nos braços tremulos a moça ! Que renegou Tupan, e as velhas crenças ! Lavou nas aguas do baptismo santo. **1877** B. Guimarães *Maurício* I. xxvii. 211: — Foi Tupá, que me mostrou esse ouro; Tupá não quer que ninguem, senão Irabussú saiba donde elle sahe. **1879** Idem *O Pão de Ouro* i. 249: Ahi n'essas alturas inaccessiveis em uma gruta mysteriosa morava uma fada formosissima, filha do Sol ou de Tupá, e irmã da Aurora. *a***1884** Idem *O Bandido do Rio das Mortes* (ed. 1905, iv. 32): — [...] Muitas vezes elles me têm chamado para de novo ir empunhar o tacape do commando, mas Itapema hoje não pertence a si e só obedece ao Tupan dos brancos, que amaldiçôa a inubia da guerra e só quer a paz e a caridade. Idem *Ib.* vii. 80: — Bemdito seja Tupá, exclamou Irabussú á vista daquelle miserando espetaculo. Bemdito seja Tupá, que não permitiu que minhas flechas se estragassem no sangue vil daquelle malvado. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 322): — Filho, por Tupan, não voltes ao igarapé do Taruman. **1913** Simões Lopes *Lendas do Sul* 22: Então, mouros e renegados disseram ao que vinham; e Anhangá-pitã folgou muito; folgou, porque a gente nativa daquellas campanhas e a destas serras era gente sem cobiça de riquezas, que só comia a caça, o peixe, a fruta e as raizes que Tupã despejava sem conta, para todos, das suas mãos sempre abertas e fazedoras... **1928** M. Andrade *Macunaíma* V. 60/61: Tomou-o um respeito cheio de inveja por essa deusa de deveras mais macanuda que Vei a Sol, Tupã famanado que os filhos da mandioca chamavam de Máquina, mais cantadeira que a Mãi-Dagua, em bulhas de sarapantar. **1933** G. Ramos *Caetés* vii. 43-44: Em todo o caso apinhei os indios em alvoroço no centro da ocara, aterrrorizados, gritando por Tupan, e afoguei um bando de marujos portuguezes.

tupé *s.m.* Var.: 8-9 *tupé,* 8 *topé* [< T. ?].

Espécie de esteira.

1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 4): Rosinha foi para a sala da frente e sentou-se num tupé, no chão, junto da sua almofada de renda, [...], **1888** Inglês de Sousa *O Missionário* (ed. 1899, II. ix. 163): Macario, refeito das fadigas excessivas que supportara, estirado no fundo da igaritê sobre um topé macio, cruzara os braços e as pernas n'uma regalada mandriice, [...]. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* ii. 22: Não sabe dormir, coitada, sem o tupé em baixo da rêde.

‖ **tupiana:** v. abon.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxxxvii. 109): Tupiana são uns passarinhos que tem o peito vermelho, a barriga branca e o mais azul; e tem os bicos compridos, mui delgados; [...].

tupuxuara *s.m.* [< T. tupi'ʃuara ~ VLB II. 126: *Espírito familiar* = Tupixuara].

V. abon.

1610 J. Monteiro *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.* VIII. (1949) 408: Que há espirito si [sabem os gentios], ao qual chamam Tupuxuara, que igualmente quer dizer espirito, assim bom como mau

turu *s.m.* Var.: 8 *turú* [< T. ?].

Molusco bivalve da família dos teredinídeos, de aspecto vermiforme.

1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 36: [...] o *turú* he uma especie de cabello aquatico, corpo oblongo e branco, e flagella as embarcações, sendo necessario crenal-as de tempos em tempos, cria-se dentros dos mangues, e sua carne he saborosa.

turuçã *s.f.* Var.: 5 *turusã* [< T. tara'saŋa ~ VLB I. 142: *Formiga não tem genero* = A ruiua. e grande q. come as prantas. Ygçauba (...) As de aguilhão como bespas. Taraçanga (...)].

Variedade de formiga.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxi. 175): Há outras formigas a que os índios chamam turusã, que são ruivas, e tem o corpo tamanho como grão de trigo, e grande bôca; as quais são amigas das caixas, onde roem o fato que está nelas, e o que acham pelo chão; [...].

tururi *s.m.* Var.: 8 *tururí* [< T. *turu'ri].

V. abon.

1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 11: São infinitas as especies de palmeiras, além do assahy, bacába, pataná, e muriti. (*Mauricia Lin.*) a maior de todas, he mais notavel o *bussú;* a cobertura das casas com sua folha, algumas das quaes tem quatro braças de comprido e duas de largo, dura dezoito annos, especialmente, se apanha o fumo; o fructo que produz existe coberto com uma casca flexivel e fibrosa, que chamam tururí, da qual fazem chapeos; [...].

‖ **tururucari:** v. abon.

*a***1667** Heriarte *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III. 183): [Os indios da Provincia dos Carapunas] Sam idólatras: teem idolos feitos de madeira, grandes e pequenos, a que chamam *Tururucari.* Idem *Ib.:* Governão-se por Principaes nas aldeias; e no meio desta provincia, que he dilatada, há um Principal, ou rei delles [indios da Provincia dos Cambebas], a que todos obedecem com grandissima sujeição, e lhe chamão *Tururucari,* que quer dizer o seu Deus; e elle por tal se teem.

tuxaua *s.m.* Var.: 6 *tabuxaba,* 8 *tuxauha,* 8-9 *tucháua,* 8 *tuxava, tuxáua,* 9 *tuxaua* [< T. tuŋi'ʃaŋa ~ VLB I. 66: *Capitão ou qualquer principal q. tem mando* = Tubixaba. Tubixacatu. Morubixaba].

Chefe indígena, morubixaba.

1685 J.S. Ferreira *Noticiário Maranhense* iii. 138-139: [...] chamão Tabuxaba, que quer dizer Gouvernador da Aldea, E os Brancos chamão Principaes das Aldeas; [...]. **1817** Casal *Corografia Brazílica* II. 317: Tuxauha he o titulo dos chefes das hordas Murannas. **1833** I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 133: [...] os seos *tucháuas,* que são os seos governadores, tem certa especie de soberania sobre os outros; esses tucháuas dividem e marcam o Trabalho ao romper do dia, distribuindo uns para a caça, e outros para a pesca, e lavoiras, que são communs aos da povoação: [...]. **1874** J. Alencar *Ubirajara* iv. 59: Então o tuxava voltou-se para Jacamim, a mãi de seus filhos: [...]. Idem *Ib.* 171: [*Nota do Autor*] A estes [chefes das batalhas de nações guerreiras] davam o nome de *tuxava,* ou *tauxab,* o dono da taba, [...]. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 96): Nhá defunta avó, que Deus haja, contava que uma vez que veiu de noite carregar da rêde uma moça, filha do tucháua, e ninguem soube mais della. Idem *Ib.* 320: Um dia um moço tapuio, filho do *tuxáua,* seguia em uma *ygara* o igarapé que banha a ponta do Taruman. **1928** M.

ANDRADE *Macunaíma* iv. 43: Eu era uma boniteza de cunhatã e todos os tuxauas vizinhos desejavam dormir na minha rede e provar meu corpo mais molengo que embirossú. 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* v. 53: Recebido pelos tucháuas dessa agremiação com signaes de regosijo por haver livrado a pelle, expoz o motivo que o trouxera a Belem.

U

uacã *s.f.* Var.: 5 *huacã* [< T. *ĩɰa'kaa].

Planta da família das sapotáceas (*Ecclinusa ramiflora* Mart.).

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXIII. 77): Huacã é outra árvore de que se fazem remos para os barcos, a qual se dá em terras úmidas e de areia. São estas árvores de meã grossura, e quando se lavram fazem um roxo claro muito formoso, mas dura-lhe pouco a côr; as quais, depois de derrubadas, as fendem os indios de alto a baixo em quartos, para fazerem os remos, que não duram tanto como os de genipapo.

‖ **uaçaçu** (*uassassú*): v. abon.

1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 12: Alem destas encontram-se as seguintes *uassassú* similhante ao *jupatí*, porem de pequeno crescimento, produz um côco grande, coberto de uma pellicula, que depois de assado serve de pão aos indigenas: [...].

‖ **uacanuá:** v. abon.

*c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 258: [Reptil terrestre] Cobra de uacanuá, venenosa.

uacumã *s.f.* Var.: 7-8 *guacuman* [< T. *ĩɰaku'mã].

Variedade de palmeira (*Syagrus campestris*).

1792 F. O. Barbosa *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 27: [...] accrescendo ter na sua extensão [paragem chamada Sanguixuga], duas qualidades de palmeiras, que nos rios antecedentes não se encontram; que são *guacuman* e *brutis* da guacuman se fabrica a isca de tirar fogo, cuja palmeira terá dez palmos de altura e delgada. 1817 Casal *Corografia Brazilica* I. 268: [...] uma [palmeira] chamada *guacuman*, delgada com seis ou sete pés d'altura, da qual se fabrica uma boa isca; [...].

uaiúa (de-) *loc.* Var.: 8 *uaiua*, 9 *uaiúa, uaiô* [< T. ?].

V. abon.

1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 88/89): — "Pode sê branco, mas antão havéra de sê em dia de uaiua, quando péixe está tonto", retrucou zombando o caboclo, que falava pausadamente, semi sorrindo-se, incredulo. 1930 G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 121: Os canoeiros assignalam o facto dizendo que os peixes (são quasi sempre curimatãs) estão de *uaiúa* ou *uaiô*, isto é, estão de beiço inchado e vêm respirar fóra d'agua.

uapé *s.m.* Var.: 8-9 *uapé*, 8 *uapê* [< T. *ĩɰa'pe < 'ĩɰa 'planta' + 'peɰa 'chata, plana'].

Nome indígena da vitória-régia (*Victoria regia*), planta da família das ninfeáceas.

O uapé-da-cachoeira (v. abon. 1930) é uma planta da família das podostemáceas.

1874 J. Alencar *Ubirajara* 205: [*Nota do Autor*] Uapé ahi é o mesmo *igapé* com a simples differença de figurar-se a vogal indigena por *u* em vez de *ig* adoptada pelo geral dos authores. 1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 49): Sobre a agua sobrenadam, condensados e umidos, os *uapés* de mil fórmas. 1895 Idem *A Pesca na Amazónia* I. v. 64: É um dos seus petiscos preferidos o bulbo da celebre Victoria regia, o graude *uapé* do indigena, "o forno de jacaré", consoante o nome local, que dá fórma da bacia chata, de bordos verticaes, dos seus fornos de farinha, lhe vem. 1930 G. Cruls *A Amazónia que eu vi* 246: Á mourera, que é frequente na visinhança das corredeiras e outras aguas batidas, chamam aqui de *uapé das cachoeiras*. Embora com folhas enormes e de um verde bem vivo, nada se vê da sua planta, que vive inteiramente submersa e, assim, ainda se torna mais notavel esse pendão que mysteriosamente irrompe das aguas para esplender ao sol as miudinhas e setinosas flores roseas. 1938 R. Morais *Os Igaraúnas* XX. 231: — Todas as flôres abrem de menhã? perguntou a Merandolina. — Nem todas, volveu a doutora. Algumas desabrocham á proporção que o sol vae aquecendo; outras á bocca da noite, tal a victoria-régia. — É o uapé, que dá nos lagos.

‖ **uapi:** v. abon.

1781 Durão *Caramurú* IV. li. 128: Os marraques, uapis, e o brado inculto | Todos hum só rumor, juntos compondo, |. Idem *Ib.* 140: Instrumento, que tocão nas batalhas.

uapuçá *s.m.* Var.: 7 *uiapeçá* [< T. ?].

Macaco da família dos cebídeos.

*c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 258: [Macaco] Uiapeçá, de duas variedades.

‖ **uaracapurí:** v. abon.

*c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 259: [Peixe de menor corpulencia] Uaracapurí Moçú.

uariá *s.m.* Var.: 7 *uarcá* [< T. *ĩɰari'a].

Planta herbácea da família das marantáceas.

*c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 264: [Plantas e hervas] Uarcá [*sic*].

‖ **uarimá:** v. abon.

*c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 263: [Arvore que serve para madeira.] Uarimá.

‖ **uauaxí:** v. abon.

*c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 263: [Arvore fructifera] Uauaxí.

‖ **uavaona:** v. abon.

1792 F. O. Barbosa *Notícias da Capitania de S. Paulo* in RIH, V. (1843) 24: Produzem as margens d'este rio [...] figos silvestres, jaracatiás, ingás, uavaonas.

ubá[1] *s.m.* Var.: 5, 8 *ubá*, 8 *uvá, huybá* [< T. uu'ɰa ~ VLB I. 65: *Cana de frecha, tomada como está no mato com folha* = Uubâ, e sê ella Uuba].

Planta da família das gramíneas (*Gyneryum sagittatum* Aubl.), com cujos colmos os indígenas preparavam suas flechas.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXII. 48):

As canas da Bahia chama o gentio ubá, as quais tem fôlhas como as de Espanha, e as raizes da mesma maneira que lavram a terra muito: as quais cozidas em água tem a mesma virtude dessecativa que as de Espanha. Estas canas são compridas, cheias de nós por fora e macicas por dentro, ainda que tem o miolo mole e estopento. Espigam estas canas cada ano, cujas espigas são de quinze e vinte palmos de comprido; de que os indios fazem as flechas com que atiram. E tambem se dão na Bahia as canas de Espanha, mas não crescem tanto como as da terra. **1847** A. LEVERGER *Rio Paraguai* in RIH, XXV. (1862) 187-188: Até a ilha, arvoredo em ambas as margens; acima d'ella, o barranco de Aguaranguay com muito uvá e pouco mato. IDEM *Ib.* 206: A vegetação que cobre essas vastas planicies é tão variada como viçosa. Em partes bosques de alto e espesso arvoredo, em outras sarças e mato carrasquenho, em outras em fim muitas diversas especies de gramineas. Entre estas faz-se notavel [...] a cana chamada Huybá ou Uvá de cuja hastea os indios fazem flechas. **1863** M. A. PORTO ALEGRE *Brasilianas* 64: Por cem partes da terra nuvens se erguem | De brancos fios, que simulam plumas, | Como os penachos de crinito tyrso, | Que a palma extremam dos ubás farpados. **1869** VARELA *Cantos Meridionais* in *Obras Completas* (ed. 1896, II. 120): Pelos colibris que brincam | Nas alvas plumas do ubá; |.

ubá² *s.f.* Var.: 6-9 *ubá*, 6 *uba* [< ubá¹? ~ É possível, também, que *ubá²* proceda do T. ˀïụa 'árvore', explicando-se o deslocamento da tônica (pois esse étimo tupi preconizaria a forma paroxítona *uba*), por influência de *ubá¹*!.

Embarcação indígena, canoa.

1656 J. SOTOMAIOR *Jornada ao Pacajá* in DAP, VIII. (1945) 2: Daqui despachei uma ubá com uma carta ao p.e Ma.el de Sousa, pedindo-lhe visitasse aquelas aldeias, pois são de seu distrito e estavam em grande falta de doutrina; [...]. IDEM *Ib.* 5: [...] e asi me meti em huã Uba com cinco moços, e caminhamos pello rio acima 7 dias: [...]. *c***1753** in DAP, VII. 2: [...] ficavão preparando suas ubás, e mantim.to p.a trazerem. **1781** in *Annexes du premier Mémoire du Brésil* I. (1903) 164: A cachoeira é de salto. Carregou-se uma ubá que tinha vindo da Fortaleza. Andamos n'este dia 2 legoas. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 7: O *jutahi*, de cuja casca fazem os Indios as suas canoas ou *ubás*, e que produz a rezina do mesmo nome. **1876** COUTO DE MAGALHÃES *O Selvagem* II. i. 13: O quinto grande emprego do fogo consiste em utilisal-o para auxiliar a industria de trabalhar a madeira; debaixo d'este ponto de vista, empregam-no para derribar as grandes arvores de que necessitam para suas embarcações, accendendo junto a seus troncos uma fogueira que em pouco tempo abate os mais altivos; com o fogo abrem-lhe bojo; é assim que fazem as suas canoas ou *ubás*, como as denominam. **1877** N. J. R. SOUSA *Diário* (ed. 1946, 38): Passamos no mesmo lugar, procurando cascas de jutahizeiros para ubás. **1888** INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, II. viii. 113): A tempo teriam evitado o perigo, porque o ubá, tripolado por tres indios, trazia grande velocidade, e seguia pela margem opposta, sem que os selvagens tivessem visto a pobre montaria. **1895** COELHO NETO *Miragem* II. iii. 175: [...] cortado por grandes rios ainda sulcados pelas montarias selvagens, enormes ubás feitas de um tronco onde navegavam familias de caboclos barbaros; [...]. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. iii. 31: A ubá, a canôa de um só tronco, mal affeiçoado á forma de embarcação, é hoje quasi desusada, sobretudo no Baixo-Amazonas, onde a montaria a substituio. **1907** E. CUNHA *Contrastes e Confrontos* 221: Esperam-nos os caúcheiros solertes e escapantes, mal reunidos nos batelões de voga, dispersos nas ubás ligeiras, [...]. **1920** LIMA BARRETO *Histórias e Sonhos* 50: Elle seria rei, estaria no seu quadro natural, não na Camara, mas remando em ubás ou igaras nos nossos grandes rios ou distendendo aquelles fortes arcos de iry que despejam frechas hervadas com curaro. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* v. 55: No outro dia Macunaíma pulou cedo na ubá e deu uma chegada até a foz do rio Negro pra deixar a consciencia na ilha de Marapatá. **1930** G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 169: Como já disse, á beira do rio, estavam as ubás, tambem em numero de tres. Todas ellas, longas e muito esguias, são feitas de tres pedaços de casca de jatobá, bem ajustados, sendo um maior, o corpo central, e dous menores, que se arrematam em ponta, para a proa a popa. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xxiii. 288: Instantes depois uma ubá levava o indio e Diana recobertos de sangue.

ubaém *s.m.* Var.: 6 *hubahem* [< T. ïụa'eẽ < ï'ụa 'fruta' + e'ẽ 'sápido, que tem muito sabor (doce)'].

Planta da família das cucurbitáceas (*Citrullus vulgaris*), melancia.

*c***1631** C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 177: hubahem quer dizer balamsia e tem de duas castas de bramquas e uermelhas e a uermelha he a milhor e mais dose e por fora sam todas uerdes e a frol he amarela e cam muito bomas pera doemte e algumas cam tamanhos como botiguas.

ubaia *s.f.* Var.: 7-8 *ubaia*, 8 *uvaia* [< T. ï'ụaịa < ï'ụa 'fruta' + 'aịa 'ácida, azeda' ~ VLB I. 48: *Azeda cousa* = Ayaỵ].

Planta da família das mirtáceas, ubaieira.

1702 A. ROSÁRIO *Frutas do Brasil* III. iii. 151: Ubaia tem a casca como avelã, a massa de dentro he como casco de cebola, ao redor do carocinho algum tanto azeda, mas gostosa. **1857** J. ALENCAR *O Guarany* (2ª ed., 1864, IV. xi. 303-304): Deixando seu companheiro distrahido com a sua obra, chegou á beira do rio e sentou-se junto de uma moita de uvaias, á qual estava amarrada a canôa. **1865** IDEM *Iracema* (3ª ed., 1878, xxviii. 165): A filha de Araken estava além, entre as verdes moitas de ubaia, sentada na relva. [*Nota do Autor, á pág. 213*] *Ubaia* — fructa conhecida da especie eugenia. Significa fructa saudavel, de *uba* — fructa e *aia* — saudavel. **1874** IDEM *Ubirajara* i. 7: Os veados saltam das moitas de ubaia e vem retouçar na gramma, zombando do caçador. **1874** TAUNAY *Histórias Brasileiras* 33: A essa hora, Ierecé tinha por costume esperal-o com uma cestinha de fructas da terra, bananas, mamões, e jaracatiás, ou outras mais incultas como o mureci dos cerrados, a marmelada do campo, a guabiroba ou a uvaia, que, apezar do sabor agreste agradão bastante ao paladar.

ubaieira *s.f.* Var.: 8 *ubayêra* [< ubaia + -eira].

Ubaia.

1817 CASAL *Corografia Brazílica* II. 61: [...] entre outras muitas [arvores] ainda entregues unicamente ao cuidado da natureza notam-se as jabuticabeiras, as *ubayêras*, cujo fructo he semelhante ao daquellas. e de excelente sabor, tambem creado no tronco, e ainda nas raizes descubertas: [...].

ubapeba *s.f.* Var.: 6 *ubapeua* (*hubapeua*) [< T. ïụa'peụa < ï'ụa 'fruta' + 'peụa 'chata' ~ Cp. GUAPEBA].

Planta da família das hipocrateáceas (*Salacia laevigata*).

*c***1631** C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 181: ubapeua [*antes fora escrito* hubapeua, *mas o h foi cortado*] he sipo que atrepa por riba das arures e tem as folhas deste tamanho que esta aqui pimtado e he a fruta he [*sic*] tamanha como hũa laramia e da mesma cor de laramia tem dentro tres ou quoatro castanhas como o paquorim cuberto de hũ ligor muito gostozo na boqua que nimguem dira senão que he comfeitura.

ubapitanga *s.f.* Var.: 6 *vbapitangua* [< T. ïụapï'taŋa < ï'ụa 'fruta' + pï'taŋa 'avermelhada, parda' ~ Cp. PITANGA].

Planta da família das mirtáceas, pitanga.

[**1554** B. LOURENÇO *Carta* in S. Leite *Cartas* II. (1957) 43: De dia nos ivamos por esses matos a comer frutas silvestres, que llaman mangabas, que son como sorvas de Portogal; otra que llaman yba putangat, que son como moras de silvas y tienen el mismo sabor, y en esto nos manteniamos.]. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 110*v.*: [...] vbapitangua [fruta] de feição de ginjas [...].

ubarana *s.f.* Var.: 5, 7 *ubarana*, 6 *vbarana*, 7 *vubarana* [< T. uuụa'rana < uu'ụa 'cana-flecha, ubá¹' + 'rana 'semelhante' ~ VLB I. 125: *Espadana duplex* = Ũubarâna. Araçoaibeba].

Peixe da família dos elopídeos.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXXXIII. 205): Há outros peixes na Bahia, a que os indios chamam ubaranas, que se parecem com tainhas, os quais morrem em todo o ano à linha, tem muitas espinhas farpadas como as do sável, e é peixe muito saboroso e sadio. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fls. 119-119*v.*: [...] vbarana he bom pescado — e da mesma maneira outro chamado — gaibicuarasu [...]. **1721** F. F. HENRIQUES *Âncora medicinal* (ed. 1731, 148): Vubarana. Este peixe he na figura semelhante ás nossas Trutas, naõ tem dentes, e no lugar da lingua tem huma pedra. Assado he de bom gosto, cozido naõ, por causa das muitas espinhas. Acha-se no Brazil. **1730** ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 70. 42: [...] dos naturaes, por serem infinitos, nomearemos só os mais notaveis, baleas, beyjupirâs, cavallas, garopas, vermelhos, corimãs, pampanos, carepebas, parûs, ubaranas, guaracemas, jaguaracâs, camoropins, olhos de boy, dourados, e chareos; este ultimo, ainda que muito vulgar pela sua quantidade, merece especial noticia, pela grandeza da sua pescaria, e por ser o sustento dos escravos, e do povo miudo da Bahia.

ubatinga *s.f.* Var.: 9 *uvatinga* [< T. ᵒïụa'tiŋa < ï'ụa 'fruta' + 'tiŋa 'branca'].

Planta da família das tileáceas, também chamada açoita-cavalo.

1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 158: Estava descalço, mas com enormes esporas nos calcanhares, e, para bater, trazia um galho de uvatinga na mão.

ubaxainha *s.f.* Var.: 6 *vuaxainha* (*vaixam*) [< T. ᵒïụaesa'ĩ < < ï'ụa 'fruta' + e'sa 'olho' + -'ĩ 'pequeno' (?)].

Planta da família das mirtáceas (*Eugenia brasiliensis*); grumixama, ibanemixama.

*c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 179: Vuaxainha [*esta palavra ocorre na entrelinha; em seu lugar fora escrito* vaixam, *que foi riscado*] he hũa heruerea que tem a fruta e a folha como as sereias da nossa tera não tem pe tam comprido he vermelho com camgue de uaqua e tem o carouso mais groso e he bom comer e a frol he bramqua.

ubim *s.m.* Var.: 6 *ubi*, 8-9 *ubim* [< T. ?].

Nome comum às palmeiras dos gêneros *Geonoma*, *Bactris* e *Calyptrogyne*.

1654 A. VIEIRA *Cartas* (ed. J. L. Azevedo, 1925, I. 373): Os toldos se fazem de vimes, que cá chamam timbóstiticas e certas folhas largas a que chamam ubi, tão tecidos e tapados que não há nenhuns que melhor reparem do sol, [...]. 1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 12: [...] o *ubim* he de pequena altura, o seo tronco dá uma cana para bengala ainda melhor que a da India, e a folha, assás larga, serve para coberturas de casas, toldos de canôas e barcos, forros de cêstos ou paneiros, e outros semelhantes usos. 1895 J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. ii. 20: Meia duzia de páos toscos servindo de esteios, vigas e caibros formam a armação desse edificio primitivo que coberto por todos os lados de palha de bucú [...] de ubim (*Geonoma*) [...]. 1930 G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 55: Aqui, nos Porcos, ha tambem uma palhoça, feita com folhas de ubim, e no roçado, á sua frente, existem um limoeiro e pimenteiras carregadas.

ubuçu *s.m.* Var.: 8-9 *ubussú*, 8 *ubassú* [< T. °ï ɳ u'su ~ Cp. BUÇU].

Espécie de palmeira (*Manicaria saccifera*), buçu.

1817 CASAL *Corografia Brazilica* I. 307: [...] ha uma especie de palmeira chamada *Ubussú*, de cuja flor se tira um cazulo fibrozo, elastico, e entretecido de sorte que parece obra de trama; e serve de carapuça aos Indios. 1863 M. A. PORTO ALEGRE *Brasilianas* 32: De seu thesouro occulto um toalhete !, Tecido de ubassú, gratas desdobram ! Onde luz o metal que dispertara ! Mil argucias ao genio de Anhanguera. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* v. 59: Os manos entraram num cerrado de inajás ouricuris ubussús bacabas mucajás miritis tucumãs trazendo no curuatá uma penachada de fumo em vez de palmas e cocos.

uçá *s.m.* Var.: 5-6 *uçâ*, 5, 9 *uçá*, 7 *ussá*, *ossá* [< T. u'sa ~ VLB I. 67: *Caranguejo não tem gro.* (*scil.* gênero) = Os grãdes do mato. Guanhumyg. Os dos mangues Uçâ (...)].

Crustáceo decápode da família dos gecarcinídeos, caranguejo.

*c*1584 CARDIM *Do Clima e Terra do Brasil* fl. 28: Vçà he hũ genero de caranguejos q̃ se achaõ na lama, e saõ infinitos, e o sustentamento de toda esta terra, max^e dos escrauos de Guine [...]. Tem hũa particularidade de notar, q̃ quando mudaõ a casca se metẽ em suas couas, e ay estaõ dous, tres meses: e perdendo a casca, bocas, e pernas, saẽ assi muyto molles, e tornaõlhe a nascer como dantes. 1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. CXXXVIII. 218): O marisco mais proveitoso à gente da Bahia são uns caranguejos a que os indios chamam uçás, os quais são grandes e têm muito que comer; e são mui sadios para mantença dos escravos e gente do serviço; êstes caranguejos se criam na vasa entre os mangues, de cuja fôlha se mantêm, e tem corais uma só vez no ano; [...]. 1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 124: [...] ha hũa casta dos tais [caranguejos] a que chamaõ — vsâ — e outra serỹ — e tambem, goajà — e da mesma maneira o guoazaranha e Aratu — e outra casta delles que se tem por contra peçonha posto que eu o naõ esperimentey — tambem se achaõ hũs de outra callidade a que chamaõ — garausà — e sobre tudo os — guanhamus — cuja natureza cauza espanto. 1730 ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* I. § 77. 47: Os carangueijos, gordissimos, e de que se fazem admiraveis, e mimosos guizados, saõ de cinco generos, ussâs, ganhamûs, serîs, aratûs, garaûsas: [...]. 1789 F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* II. 193-194: Carangueijo (vulgó Ossá) com o thorax elevado; no meio do dorso hum pouco depresso com foveas, que figurão a similhança da letra H imperfeitamente impressa; olhos nas extremidades de dous pequenos celindros lizos, tensos, e na sua base moveis; [...]. 1934 JORGE DE LIMA *O Anjo* 86: O mangue amontoado atolando as raizes na lama, aratus dando adeus á tristeza do sol, goiamuns azulando, uçás cabelludos que nem as vergonhas das mulheres, um langanho passou agorinha numa morena. 1935 IDEM *Calunga* v. 50: Mas como a maré vinha subindo, maré viva de lua, os dois homens entraram de-novo no mangual grosso povoado de uçás. 1950 IDEM *Guerra dentro do beco* iv. 55: O mangue amontoado atolando as raizes na lama, aratus abanando as pinças para o sol, goiamuns azulando, uçás cabeludos fugindo pras locas.

‖ **uçururé**: v. abon.

*c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 262: [Arvore fructifera] Uçururé.

uéua *s.f.* Var.: 8 *huéua* [< T. ?].

Peixe da família dos caracídeos.

1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 34: [...] os *tucunarés*, *huéuas*, peixe de escama, *jeraquì*, igualmente de escama, e mui saboroso, encontra-se dentro de alguns affluentes do Amazonas, anda sempre em grandes cardumes, e a força de seo nado he tamanho que chega a fazer retroceder a corrente contra a qual sobem: [...].

uiçu *s.m.* [< T. ui'su < u'i 'farinha' + u'su 'grande' ~ VLB I. 135: *Farinha* = Ui].

V. abon.

1781 DURÃO *Caramurú* II. lxxiii: Põe-se-lhe Uiçu de peixe, e carne crua. !. IDEM *Ib.* 74 (Nota nº 12): Farinha, a que reduzem a carne torrada, ou o peixe.

‖ **uiraçaba**: v. abon.

1865 J. ALENCAR *Iracema* (3ª ed., 1878, ii. 19): Porem a virgem lançou de si o arco e a uiraçaba, e correu para o guerreiro, sentida da magoa que causára. [*Nota do Autor, à pág. 204*] *Uiraçaba* — aljava, de *uira* — seta e a desinencia *caba* — cousa propria. 1874 IDEM *Ubirajara* v. 91: Aracy disse, e tirou da uiraçaba uma seta. IDEM *Ib.* 162: [*Nota do Autor*] Nome que davam os tupys à aljava, [...].

umari *s.m.* Var.: 6 *vmary*, *vmarì*, 8 *umarí* [< T. u ɳ e'ri ~ VLB I. 64: *Camarinhas*, *fruita* = Umberi].

Planta da família das icacináceas.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fl. 95: [...] o terceiro [mantimento] he o fruto de hũa Aruore grande a que chamão. vmary. o quoal serue tambem de mantimento — [...]. 1663 S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 87. 163: [*à margem*] andà engà, joà, [...] miùba, vmarì, são fruitas agrestes, seruem a Indios, & a gado. 1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 19: [...] umarí assás aromatico, abricoqueiras de S. Domingos (*Mammea Americana*), [...].

‖ **umauari**: v. abon.

*c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 254: Dão tambem noticia de um espirito máo, a que chamam *Umauari*.

umiri *s.m.* Var.: α. 6 *mery*, 7 *merim*; β. 7 *umerì*, *vmerì*, *umirì*, (*umirihì*), 7, 9 *umirí*, 8 *omiry*, *umerim* [< T. °umi'ri].

Planta da família das humiriáceas (*Humirium floribundum* Mart.); umirizeiro.

1685 J. S. FERREIRA *Noticiário Maranhense* i. 32: Muito pao de Mery, que dizem ser Balçamo; mas naõ se sabe fazer, de qual quer migalha de cortiça deitandosse no fogo escusa o mais fino Piuete. 1721 F. F. HENRIQUES *Âncora medicinal* (ed. 1731, 215): Umerì. Vmerì he raiz, que se cultiva no Brasil; he fria, humida, de bom gosto; mas muito flatulenta, e de poca nutrição. 1730 ROCHA PITA *Hist. Amér. Port.* II. § 35. 86: [...] todos os annos vaõ do Reyno a buscar os seus preciosos generos, cacao, babinilha, cravo, salsa parrilha, urucû, e as estimadas madeiras condurû, violete, burapenimâ, que tem ondas compostas como por regras; e de umirî, cujo tronco destila hum oleo mais fragrante que do balsamo, e a casca he taõ suave queimada, que serve de simples pastilha, para os perfumes admiravel; [...]. 1763 J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 183: Mais vimos a arvore de merim, de que se extrahe o oleo assim chamado, com difficuldade por cahir muito vagarosamente gotta-a gotta, suppondo-se um recipiente, que costuma ser algodão em rama, e pelas manhãs de verão se vai tirar o pouco que se ensopou em vinte e quatro horas. Para dores de frio é singular remedio, porque abre muito os póros; porém é tão activo, que na sua applicação toda a cautela é necessaria, evitando vento e ar fresco. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 263: [Arvore fructifera] Umirihi. IDEM *Ib.*: [*Arvore fructifera*] Umiri; d'esta arvore é estimavel a fructa, a casca e o oleo de aroma preciosissimo. IDEM *Ib.* 264: [Casca] Umirí, para cheiro e para remedios. 1817 CASAL *Corografia Brazílica* II. 278: [Entre as arvores oleozas e balsamicas] as do estoraque só sam conhecidas aqui pelo nome de omiry; [...]. 1833 I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 8: Entre os balsamicos se notam a cupahiba, que dá o famoso oleo que constitue um dos ramos de exportação: a gomma *elême*, o *umerim*, cuja casca encarnada, alem dos varios usos na medicina, serve de incenso nos templos das Villas e Aldêas do interior, e dá fructo saborozissimo. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* ii. 19: Então Iriqui se envolvia num manto de algodão listrado com preto de acariúba e verde de tatajuba e aromava os cabelos com essencia de umirí, era linda.

umirizeiro *s.m.* Var.: 9 *umiryzeiro* [< umiri + -z- + -eiro].

Umiri.

1930 G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 211: Tive, hoje, entre as mãos, um pedaço da casca de certo umiryzeiro, que se aprumava á beira do rio. O seu perfume é mesmo agradabilissimo e não é atoa que as cunhãs tanto lhe requestam o oleo para perfumar os cabellos.

unaúna *s.m.* [< T. una'una 'muito negro' < 'una 'negro' + 'una 'negro'].

V. abon.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. xcii. 125): Também se criam nestas partes muitos besouros, a que os índios chamam unaúna; mas não fazem tão ruim feitio com as maçãs que fazem os de Espanha; andam por lugares sujos, tem asas, e são negros; com a cabeça, pescoço e pernas muito resplandecentes, e tudo muito duro, mas são muito maiores que os de Espanha; e tem dois cornos virados com as pontas uns para os outros; e parecem de azeviche.

upiúba *s.f.* Var.: 8 *upiuba* [< T. ?].

V. abon.

1825 José Bonifácio *Poesias Avulsas* 61: Os esquivos *Jacús* nos bastos galhos | Cheios de *Caraguataes*, das *Upiubas*. [*Nota do Autor*]: São arvores das matas virgens, cuja especie presentemente não posso determinar.

uraçu *s.m.* Var.: 5 *uraoaçu*, 6 *guraausu, hurauasu*, 8 *guiraóçu*. Cp. guirauaçu [< T. ɰĩra'ɰa'su < ɰĩ'ra 'ave' + ɰa'su 'grande' ~ VLB I. 48: *Aue de rapina gnlr.* (*scil.*, geral) = Guirâguaçu].

Nome comum às aves de rapina das famílias dos falconídeos e dos acipitrídeos; gavião.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxxxv, 103): Uraoaçu são como os minhotos de Portugal, sem terem nenhuma diferença; são pretos e tem grandes asas, cujas penas os índios aproveitam para empenarem as flechas, os quais vivem de rapina no mato, e em povoado destroem uma fazenda de galinhas e pintãos. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 188: ho guraausu he hũa guauiam e he tamanho como hũ pequeno peru he todo pardo e tem os peis de hũ gramde palmo e tem as unhas muito gramdes e mata uiados e outros bixos ele não fas mais que hum filho e o ouo he bramquo e os negros os estiman muito pera fazer suas frexarias e são ralos [*sic*]. Idem *Ib.* fl. 190: hurauasu he he [*sic*] passaro de rapina como francelho como hũa melroa he hũ bilhafre [*sic*] ele he todo preto so a cabesa e os peis que tem de cor de laramia as penas do rabo perto do cu bramquas ele tem o biquo pardo e he hũ dos fermozos guauiamis desta tera que se ele estiuera em iropo [*sic*] ualeria muito pera os fidalguos eles são ralo e se axam pouquos. **1800** J. Veloso *Aviário Brasílico* 4: O *Abutre*, denominado grypho [*em nota de rodapé*: Vulgo Condor, Guiraóçu.] a maior entre todas, as [aves] que voão, [...] espanta, e atemoriza a todos [...].

‖ **urataí** (*uratahy*): v. abon.

1857 J. Alencar *O Guarany* (2ª ed., 1864, IV. xi. 293): O índio, antes de partir, circulou a alguma distancia o lugar onde se achava Cecilia de uma corda de pequenas fogueiras feitas de louro, de canella, uratahy e outras arvores aromaticas.

‖ **urepe** (*vrepe*): v. abon.

*c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 190: Vrepe he como o toquano mas he hũ pouquo mais pequeno e he uerde desna a cabesa ate o rabo e pela bamda de baixo do biquo ate o estamogo amarelo cor de ouro e o rabo he uerde tira de preto e o biquo raiado de bramquo como amarelo e pela bamda de demtro do biquo uermelho e tem a limguo [*sic*] muito estreitinha que ce parese como hũa pena e se tira muito comprida eles são dous dos mais fremozos pasoros que ha nesta tera e eu creio que deos tomou prazer a os fazer.

uritinga *s.m.* [< T. ɰĩri'tiŋa < ɰĩ'ri 'bagre' + 'tiŋa 'branco' ~ Cp. guiri].

Espécie de bagre.

1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 35: Na costa criam-se as famosas *gurujubas*, peixe de pelle amarella, e cujo buxo dá a melhor cóla, *caçoens, tainhas, curimáns, bagres, uritingas, camurins, carásassús, méros*, de disforme grandeza, *óstras, caranguejos, caramujos, mixilhoens* [...].

uru[1] *s.m.* Var.: 5 *vru, oru*, 6 *vruis*, 7-9 *urú*, 7-8 *uru* [< T. u'ru].

Nome comum às aves galiformes da família dos fasianídeos.

*c*1584 Cardim *Do Clima e Terra do Brasil* fls. 19*v*.-20: Vru. Nesta terra ha m[tas] species de perdizes q̃ ainda q̃ se naõ pareça em todo cõ as de Espanha todauia saõ m[to] semelhantes na cor, e no gosto, e abundancia. **1587** G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxxxix. 114): Orus são umas aves tamanhas como papagaios, de côr preta e o bico revôlto; criam em árvores altas, e quando tem filhos nos ninhos remetem aos índios, que lhos querem tomar; estas aves tem grande peito cheio de titelas, as quais e a mais carne são muito tenras e saborosas como galinhas. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1401-1403: Vru tẽ no Responder e carne e pernas vermelhas e mais parecẽça da perdis mas as penas saõ mais pretas q̃ pardas. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 112*v*.: [...] outra Aue a que chamaõ vruis, que naõ desmerese o nome de bõa, [...]. **1763** J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 184: [uruiaoaras-onças] isto é, cão pintado como o passaro urú. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 261: [Ave silvestre] Uru. **1817** Casal *Corografia Brazílica* II. 162: [...] as urus, que sam uma especie de perdiz pequena, andam sempre em bandos, e no chão: [...]. **1898** A. Arinos *Pelo Sertão* 31: As urús, nos capões, solfejavam á aurora que principiava de tingir o céo e manchar de purpura e ouro o capinzal verde. **1914** Coelho Neto *Rei Negro* x. 404: Á tarde era um rumor confuso no recesso frondoso: aves que se aninhavam, [...] e o urú, com o seu canto funéreo, annunciando a noite.

uru[2] *s.m.* Var.: 8-9 *urú* [< T. u'ru ~ VLB I. 76: *Cofo* = Uru. Multiplex].

Cesto de palha: v. abon.

1865 J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, xxvi. 157): Durante o dia seus dedos ageis teceram o formoso urú de palha [...]. [*Nota do Autor, à pág. 203*] *Urú* — Cestinho que servia de cofre ás selvagens para guardar seus objectos de mais preço e estimação. **1865** Idem *As Minas de Prata* IV. viii. 228: Pois o moço não empurrou para mim o urú que elle tinha agarrado, e começou a nadar valente atraz da chalupa?... **1874** Idem *Ubirajara* iii. 38: Depois arrumou no urú a louça que havia fabricado para o serviço do guerreiro, e que devia transportar á sua nova cabana. Idem *Ib.* 183: [*Nota do Autor*] O *urú* era cesto aberto. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 343): Bahús de marupá pintados de verde, balaios com roupa, peneiros com rêdes, cestinhas, o urú do chefe, o bahúsinho de folha de Flandres, que é a caixa de costura das moças. **1888** Inglês de Sousa *O Missionário* (ed. 1899, I. i. 65): As tapuyas da villa também enviavam a offerecer á curiosidade dos passageiros as bellas redes de algodão, laboriosamente feitas ao tear, os urús de palha colorida, as cuias pintadas e os cascos de tartaruga sem prestimo, na esperança de que algum estrangeiro exquisito os comprasse por bom preço. **1895** J. Veríssimo *A Pesca na Amazónia* I. iii. 30: Comsigo leva duas linhas, dous bicos, duas boias, o cacete para matar o peixe, a sua pequena faca, o seu urú, cestinho de talas, de tampa movel, em fórma de bolsa de senhora, [...]. **1903** D. Olímpio *Luzia Homem* v. 31: Nisto ouviu um forte silvo de fadiga. Era Alexandre que chegava, trazendo provisões em um urú, funda bolsa de malha tecida com palhas de carnaúba. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* ix. 101: Traziam ambas uma chocolateira de folha de Flandres com o chá de erva-cidreira, tigela, colher, assucar e um urú onde havia sebo de Hollanda, balsamo de copahiba [...].

uruá[1] *s.m.* Var.: 9 *aruá, uruá* [< T. uru'ɰa ~ VLB I. 66: *Caracol dagoa doce* = Urugoa (...)].

Molusco gastrópode da família dos ampularídeos, espécie de caramujo; *figuradamente* (em alusão à facilidade com que são apanhados), tolo, ingênuo.

1928 M. Andrade *Macunaíma* v. 58: Deixa de ser aruá, mano! Por morrer um carangueijo o mangue não bota luto não! que diabo! desanima não que arranjo as coisas! **1934** G. Ramos *S. Bernardo* ix. 60: — Um desastre. Bom homem. É pouco. Muito ingenuo, emprenha pelos ouvidos, intelligencia de peru novo, besta como aruá. **1935** Jorge de Lima *Calunga* vii. 70: — Bicho sem-vergonha só é carangueijo. Mais besta que essa porqueira só aruá; vem mesmo se meté na panela do fregueis. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* xvi. 182: Até uns gaviões comedores de uruá no matto e pinto no terreiro, que passavam de sol a sol com os olhos pregados nas ninhadas do Redemptor, não eram mais vistos [...].

uruá[2] *s.m.* [< uruá[1] ?].

Planta da família das borragináceas.

1886 J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 47/48): Umas arvores de cerne alvadio, rugoso, de nomes esquisitos: o magro e folhudo socoró, o paricá falso, o uruá, [...].

uruana *s.f.* Var.: 6 *oroana* [< T. unũa'nã ~ VLB II. 125: *Tartaruga* = Jurucuguâ. Unũanã].

Espécie de tartaruga.

*c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 169*v*.: Oroana he a tortugua [*sic*] do mar e ha de duas castas elas fazem os ouos a borda do mar nareia e fazem muito gramde camtidade e os ouos cam cubertos de hũa belia [*sic*] muito dura que não ce podem crebrar [*sic*] e he muito bom comer e os ouos ce criam cem xoquar e coamdo eles cam berto [*sic*] de tirar a mai os xoma pera o mar e a carne he como carne de bezero e cam muito guordos e ui ia alguma dar tres arobas de carne e duas bottias de manteigua e a cor dela ho casquo he todo pardo e pelas bordas amarelo e ela he parda e uerde e amarelo e a compridam e de coatro palmos e daredomdor cera de doze palmos.

urubu *s.m.* Var.: 5 *urubu*, 5-6 *vrubu*, 6 *orubù*, 6-9 *urubú* [< T. uru'ɥu ~ VLB I. 83: *Coruo* = Urubù, não na cor nem na feição: no officio sî. *Ib.* II. 38: *Minhoto* = Urubù, na feição somente].

Nome comum às aves falconiformes da família dos catartideos.

1587 G. S. Sousa *Noticia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxxxv. 103): Urubus são uns pássaros pretos, tamanhos como corvos, mas tem o bico mais grosso, e a cabeça, como galinha cucurutada, e as pernas pretas, mas tão sujos que fazem seu feitio pelas pernas abaixo, e tornam-no logo a comer. Estas aves têm grande faro de cousas mortas, que é o que andam sempre buscando para sua mantença, as quais criam em árvores altas: [...]. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1422-1424: Ejxuã guaçu esmirilhão grãde Eixua merj 3 castas menhu Vrubuanga canduguaçu dizẽ que este come homẽs ate os ossos e a caça ha m^tos^ frãselhos. Idem *Ib.* 1476-1477: Coruos, Vrubus Ha hũs e outros brãcos os brãcos saõ muj estimados. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* v. fls. 116*v.*-117: [...] e tãbem ha buitres que ca se conhesem com o nome de — vrubu Majores que os de europa [...]. **1648** M. Calado *O Valeroso Lucideno* I. iii. 28: [...] aos quaes hiaõ os soldados do Padre matando, & metendo no mato aonde eraõ comidos de cachorros, & orubùs. *c*1698 J. F. Betendorf *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 72: [...] trataram de os atemorizar de noite com vozerias ao redor das casas em que moravam, dizendo: morram, morram, pereçam os urubús: denotando com esse nome de um passaro a modo de çorvo de Europa [...]. **1733** N. M. Pereira *Peregrino da América* II. xi. (ed. Acad. Bras., 1939, 141): Finalmente vi uns peixes mui inchados, e junto delles uns corvos, a quem chamam os naturaes urubús, que estavam para os comerem. **1763** J.S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 217: Jantámos em uma ilha de grande arvoredo, muitas aráras e urubús, e ahi achámos uma fructa semelhante ás tamaras no feitio, com a côr de um amarello vivo; [...]. *c*1777 F. X. R. Sampaio *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 261: [Ave silvestre] Urubú ou corvo, tres especies. **1817** Casal *Corografia Brazilica* I. 93: *Urubú* he uma especie d'abutre, do tamanho d'hum perú, negro com a cabeça pellada quazi como a deste, bico proporcionado, e curvo na extremidade da mandibula superior. Idem *Ib.* 94: O Urubú hè passaro absolutamente mudo, manso, innocente, carnivoro; mas não encerta animal por pequeno que seja, em quanto elle palpita. Nota-se que os negros não encertam um animal morto, em quanto o rei, ou branco lhe não come os olhos, se he que elle está prezente, segundo dizem. **1847** A. Leverger *Rio Paraguai* in RIH, XXV. (1862) 232: [...] bandos de *Urubús*, quasi sempre acompanham o navegante afim de participar da sua refeição. **1856** D. Magalhães *A Confederação dos Tamoyos* III. 83: "A terra os repudie de seu seio; | Só os negros urubús sobre elles pastem; | E morram co'o vapor quem enterral-os. **1857** J. Alencar *O Guarany* (2ª ed., 1864, II. xiii. 332): — Um vale outro. Visionario ou crente, se me falais outra vez em espiritos e milagres, prometto-vos que ficareis neste lugar onde servireis de carniça aos urubús. **1865** Idem *Iracema* (3ª ed., 1878, xx. 120): [...] são os urubús que pastaram nas praias a carniça, e com a noite tornam ao ninho. **1865** Idem *As Minas de Prata* III. v. 109: Estavam ali duas filas de ossadas, que os urubús tinham limpado e uns trapos de roupas. **1870** Idem *O Gaúcho* I. i. ix. 83: Quando attingiu Manoel as orlas crestadas da bronca região, um bando de urubús, vindo de remotos sitios, voava na direcção do serro. **1871** B. Guimarães *Lendas e Romances* I. iii. 30: — Este, Zambi, não é mais do que pescoço para corda, carne para urubú. **1872** Idem *O Garimpeiro* (ed. 1921, XIV. 185): E a que portas vais bater, infeliz Major!... de uns monstros sem consciencia e sem entranhas, que folgão com a desdita alheia, como folga o urubú ao ver expirar o animal em que vai cravar o immundo bico faminto de carniça. **1872** Idem *Hist. e Trad. Minas* III. x. 287: Dous dias depois encontrou-se boiando, já a uma legua de distancia, uma canôa sem ninguem que a governasse, mas tripolada por uma multidão de urubús, que disputavam entre si os restos de dous cadaveres. **1872** Taunay *Inocência* (2ª ed., 1884, i. 14): Rompe tambem o silencio o grasnido do caracará, que aos pulos procura insectos e cobrinhas ou, junto ao sólo, segue o vôo dos urubús, cujos negrejantes bandos, guiados pelo fino olfacto, buscam a carniça putrefacta. **1872** J. Alencar *Til* II. ii. 16: Com pouco os urubús vieram pousar nas ramas da embaúba. Idem *Ib.* I. iv. 47: Dizia a gente do logar que ouvia-se na azinhaga funesta um incessante gemido de agonia; então faltava quem o attribuisse ás almas penadas dos infelizes que ahi se finavam insepultos e devorados pelos urubús. **1872** Idem *Sonhos D'Ouro* II. xxiv. 157: Tu sabes, praga de urubú... **1873** Idem *O Garatuja* xix. 153: Os minorenses saltando da cerca, tinham cahido sobre elle de petelecos e chufas: — Uh!... Uh!... mestre urubú... **1874** Taunay *Histórias Brasileiras* 69: Se o poeta fôr velho então é philosofo... ou calvo como um urubú, ou possuidor de guedelha inculta e rebelde... **1875** J. Alencar *O Sertanejo* II. xvi. 272: Viu o capitão-mór esvoaçar um bando de urubús á beira da matta e pousar no campo. **1875** Machado de Assis *Americanas* 179: "Como se fôra derramada taça, | Pela terra jazer, ali chamando | O feio grasno do urubú que passa. **1876** F. Távora *O Cabeleira* viii. 141: Antes de transpôr os limites da fazenda, viu elle para as bandas do Monte-das-tabocas um bando de urubús esvoaçando como costumam quando sentem carniça. **1876** Couto de Magalhães *O Selvagem* I. 228: [...] a moça viu-se forçada a repellir o casamento pelo mao cheiro que as raposas exhalam. O mesmo aconteceu-lhe com o urubú, que, apezar de rico de caça, era comtudo repulsivo. **1878** Taunay *Narrativas Militares* 67: [...] abandonal-os semivivos ao relento, á chuva, ao sol ardente, á sêde, ao inimigo, aos urubús, ou esperar que a morte ceifasse a todos, [...]. **1878** F. Távora *O Matuto* xx. 267: Si os negros que elle lá tem comsigo promptos para dar e apanhar, faltarem na hora do do apuro, não haverá santos que o livrem de ir direitinho para a bagaceira servir de pasto aos urubús. **1879** B. Guimarães *O Pão de Ouro* v. 287: Já os cacetes estavam alçados sobre elle; subito o indio ou india, que estava debruçado sobre elle, levanta-se bruscamente, estende os braços sobre o prisioneiro, e suspende os golpes dos selvagens; dirige-lhes depois algumas palavras, antes gritos em tom imperioso, e com um gesto fal-os se retirarem como um bando de urubús, que o cão só com um rosnar enxota da carniça, sentou-se depois outra vez juncto de Gaspar, tocou-lhe o corpo com as mãos, encostou as faces em suas faces, os labios em seus labios, e pousou seu peito sobre o d'elle. *a*1884 Idem *O Bandido do Rio das Mortes* (ed. 1905, iv. 47): — Fujamos d'aqui — continuou elle; os urubús do ar e os bichos do matto se encarreguem de consumir esses corpos indignos de sepultura e da igaçaba dos guerreiros leaes e valorosos. **1886** J. Veríssimo *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 6): Urubús dormitavam com as cabeças sob as azas ou pousadas nos peitos, sentados nas patas, como informes vultos negros, nas cumieiras das casas e na platibanda da Camara Municipal. **1888** R. Pompéia *O Ateneu* viii. 248: Primeiro, ceremoniosamente, á altura, volteando espiraes de urubú sobre a carniça; [...]. **1888** Inglês de Sousa *O Missionário* (ed. 1899, II. viii. 72): [...] não contava entre os seus planos de futuro, [...] o de ser estraçado por uma vara de caetetús, para regalo de urubús vorazes, ou de perder o ultimo alento no abraço apertado do tamanduá bandeira, de unhas cortantes como navalhas. **1894** Taunay *O Encilhamento* I. xxiv. 174/175: — É escusado! Vejam os urubús de S. Christovão. **1895** J. Veríssimo *A Pesca na Amazônia* I. ii. 23: Correm travessos, atirando pedras aos esfaimados urubús que ameaçam o peixe a seccar, [...]. **1898** A. Arinos *Os Jagunços* II. ii. 183: Além disso, os parceiros desse caboclo diziam que elle enxergava de dia que nem urubú e de noite, tal qual coruja ou cavallo gazeo. **1902** E. Cunha *Os Sertões* 139: [...] bois mortos ha dias intactos, que os proprios urubús regeitam, porque não rompem, a bicadas, as pelles esturradas, [...]. **1903** D. Olímpio *Luzia Homem* iii. 16: Talvez tombasse, como os miseros, cujas ossadas alvejantes, descarnadas pelos urubús e carcarás, ia marcando o caminho das victimas da calamidade. **1911** A. Maia *Tapera* 136: Vira talvez baixar do azul o primeiro urubú esfaimado, sentindo no peito e nos olhos a dor terebrante das primeiras bicadas. **1913** Simões Lopes *Lendas do Sul* 33: O fogo dos borralhos foi-se alteando em labaredas e saindo pela quincha dos ranchos, sem queimal-os [...] as crianças de peito soltaram palavras feitas, como gente grande, [...] e bandadas de urubús appareceram e começaram a contradansar tão baixo, que se lhes ouvia o esfregar das penas contra o vento..., a contradansar, afiados para uma carniça que ainda não havia porem que havia de haver [...]. **1914** Coelho Neto *Rei Negro* x. 396: — [...] Mais hoje, mais amenhan urubú tá hi rondando carniça. **1915** Lima Barreto *Policarpo Quaresma* II. iii. 118: — Eu! sei lá... Urubú pellado não se mette no meio dos coroados. Isso é bom p'ro *sinhô*. **1918** Monteiro Lobato *Urupês* 187: [...] vê-se logo rodeado pela chusma dos credores avidos como urubús de saladero. **1920** Lima Barreto *Historias e Sonhos* 42: Urubú pellado não se mette no meio dos coroados (*Dictado popular*). **1922** A. Peixoto *Bugrinha* xii. 169: Deixou-o aí, aos urubús e nas Palmeiras contou a façanha, entre casos de valentia e proezas de gado, que tem na vida. **1928** M. Andrade *Macunaíma* xvii. 261: No outro dia o boi estava podre. Então vieram muitos urubús, veio o urubú-camiranga o urubú-jeregua o uru-butinga que só come olhos e lingua, todos êsses cabeças-peladas e principiaram dançando de contentes. **1929** G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* xvi. 340: É porco, é vacca, é zebú. Bicheira que é um nojo. Urubú que mette nausea. **1931** Idem *O meu próprio romance* 38: Quando alguem ia morrer em casa ou nas familias amigas, tudo me apavorava, as corujas, ou urubús que grasnavam, pairando sobre a cidade, as borboletas escuras que invadiam os quartos. **1934** J. L. Rego *Banguê* II. vi. 110: Tio Juca viera saber sómente se o enterro do meu avô estava para breve e inventariar o que havia em especie. Era um urubú que queria saber, um por um, dos pedaços de sua carniça. Idem *Ib.* III. xiii. 242: Os filhos brigaram, os genros exigiam, e a usina, de longe, como um urubú-rei, esperando pelo pedaço melhor. **1934** Jorge de Lima *O Anjo* 112: O senhor fique certo de que dá azar com esse bigode e esse jeitão de urubú! **1935** J. L. Rego *O Moleque Ricardo* xxi. 174: Elle fallava no mundo onde os filhos dos pobres não precisassem andar com os urubús no cisqueiro. **1936** Idem *Usina*

II. xii. 199: O Poço das Pedras parecia uma gamboa, com os urubús em cima dos lagedos, como se estivessem atraz de carniça. **1938** G. Ramos *Vidas Secas* 8: O vôo negro dos urubús fazia circulos altos em redor de bichos moribundos. **1938** R. Morais *Os Igaraúnas* iv. 47: Côr de rosa, retrucou o coronel, conheço a colhereira, e branca, a garça. Quanto ao preto, fico no urubú. **1946** Guimarães Rosa *Sagarana* 310: E, como tem um bezerro morto, na biboca, lá de cima vão pensar que os urubús vieram por causa do que êles estão pensando... **1956** Idem *Grande Sertão: Veredas* 562: Sei o grande sertão? Sertão: quem sabe dêle é urubú, gavião, gaivota, êsses pássaros: êles estão sempre no alto, apalpando ares com pendurado pé, com o olhar remedindo a alegria e as misérias tôdas...

urubutinga *s.m.* Var.: 5, 9 *urubutinga*, 5 *vrubutĩga*, 6 *urubatinga*, 8 *urubú-tinga* [< T. uruu̯u'tiŋa < uru'u̯u 'urubu' + + 'tiŋa 'branco'].

Espécie de urubu, também chamado urubu-rei.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. lxxxv. 104): Pela terra dentro se criam umas aves, a que os índios chamam urubutinga, que são do tamanho dos galipavos; e são todos brancos, e tem crista como os galipavos. Estas aves comem carne que acham pelo campo morta, e ratos que tomam; as quais põem um só ôvo, que metem em um buraco, onde o tiram; e mantêm nêle o filho com ratos que lhe trazem para comer. *c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1478-1483: Vrubutĩga [urubu] brãco tẽ o caperaõ como vermelho quejmado os olhos azuis tẽ por vẽtas dous buracos rasgados pera sima dẽtro naselhe hũa crista de hũ dedo de carne vermelha como esfarrapada o bico vermelho e o paçaro cõ estas galãtarias pareçe m^to^ bẽ e tẽ m^tas^ corẽs nas penas de lõge cheiraõ a carniça. **1610** J. Monteiro *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.* VIII. (1949) 408-409: O pássaro *guaricuja*, senhor e autor do fogo, é entre os Índios priviligiado e tem-no em tanta estima, que antes morrerão de pura fome que comer ou matar um deles; e com outro, a quem chamam *urubatinga*, guardam a mesma lei por ser seu neto. **1876** N. J. R. Sousa *Diário* (ed. 1946, 15): [...] pernoitamos sobre a margem de um igarapé com pouca agua por ser ainda verão a que chamamos igarapé dos corvos pela imensidade de Urubú-tingas, que ali vimos [...]. **1928** M. Andrade *Macunaíma* xvii. 261: No outro dia o boi estava podre. Então vieram muitos urubús, veio o urubú-camiranga o urubú-jeregua o urubutinga que só come olhos e língua, todos êsses cabeças-peladas e principiaram dançando de contentes.

urubuzada *s.f.* Var.: 9 *urubusada* [< urubu + -z- + -ada].

Bando de urubus.

1935 Jorge de Lima *Calunga* xvi. 132: Daquêle ponto se podia avistar revoando a urubusada encarregada na limpesa do Matadouro.

urucá *s.m.* Var.: 6 *vrucá*, 7 *urucã*, 8 *urucá*, *uruçá* [< T. *uru'ka].

V. abon.

1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* I. § 143.88: [...] outros [*instrumentos de música*] chamão murémurè: outros maiores cõmummente de conchas chamaõ membyguaçú, & outros vrucá: [...]. **1757** D. L. Couto *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 63: Os instrumentos musicos ou fazem de ossos, a que chamão cãgoeira e muremure; outros fazem de conchas, a que chamão membyguaçú, e outros urucã. **1856** D. Magalhães *A Confederação dos Tamoyos* III. 83: Dá Coaquira o signal, e de repente | Troam todas as bellicas inubias, | Marraques e urucás: o echo estrondoso |. **1865** J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, xxi. 124): Os pescadores em suas jangadas seguiam o chefe e atroavam os ares com o canto de saudade, e os múrmuros do urucá, que imita os soluços do vento.

‖ **urucapi** (*urucapy*): v. abon.

1757 D. L. Couto *Glórias de Pernambuco* in ABN, XXIV. (1904) 63: Outros são feitos de cana, a maneira de gaitas, que chamão urucapy, curupitara, guaibipaye, quaibiabuçũ, o mais solemne bailhe entre elles, he andarem a roda prezos pelas mãos sem mudarem o lugar, cantando arengas das suas valentias, e feitos famosos.

urucatu *s.m.* Var.: 6 *vrũcatú* [< T. uruka'tu].

Planta da família das amarilidáceas.

1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 79. 157: [...] cipó de camaras, béthele, pimenta quatro generos; gingibre, cayapià, caapèba, caraóba, caâtimay, caâtaya, jetica, vrùcatú, jaborandi, nhambi, tajóba, jeçapé, inimboya. Todas estas são eruas medicinaes, das mais conhecidas, & vsadas, de virtudes tão raras, que fora necessario hum Dioscorides pera descreuellas.

urucu *s.m.* Var.: 5-6 *urucu*, 6 *oroco*, *vrucu*, *orocũ*, *urucũ*, *orocu*, *arocu*, *oroqu*, *vrucú*, *orucú*, 6-9 *urucú*, 7 *urucũ*, *orucũ*, *orucũ*, *uruçú*, 8 *orucu*, *ourucú*, 9 *urucum* [< T. uru'ku ~ VLB I. 32: *Almagra* = Urucu. Taguapirãga].

Fruto de uma planta da família das bixáceas (*Bixa orellana*), de cuja polpa os indígenas extraiam uma substância tintorial de cor vermelha, semelhante à do almagre, com que pintavam o corpo e tingiam peças de algodão e artefatos diversos; urucuzeiro.

1592 in *Confissões da Bahia* (ed. 1935, 168): [...] e no ditto sertão elle usou dos usos e costumes dos gentios tingindo se pellas pernas com huã tinta chamada urucu, e outra ginipapo e empenandosse pella cabeça de penas e tangendo os pandeiros dos gentios, [...]. Idem *Ib.* 169: Comfessou que averá treze ou quatorze annos que por mãodado do mesmo governador tornou ao sertão dos Ilheos onde gastou quatorze meses e nelle se empenou pello rosto com almeçega e se tengio com a tinta vermelha de urucu, ao modo gentilico [...]. **1608** L. Figueira *Relação do Maranhão* in S. Leite *Luiz Figueira* (1940) 150: [...] detevesse ainda hũ pedasso depois de meu recado em fim veio cõ hũ maço de frechas e seu arco na mão, e elle todo almagrado cõ urucu e depois de nos saudarmos a primeira cousa que me disse foy que não se perturbasse por lhe ver as frechas na mão que o seu costume era trazellas sempre [...]. **1610** J. Monteiro *Rel. da Província do Brasil* in S. Leite *Hist.* VIII. (1949) 406: As capelas dos olhos trazem tintas de vermelho, tomado de certo barro, ao qual os Índios chamam urucu, e dela fazem tambem, por bem parecer, dos giolhos até os artelhos, seus borzeguins mui bem lavrados. **1616** in ABN, XXVI. (1905) 258: As mercadorias que este Gentio vende aos Olandezes sam algudam, tinta de Oroco, que he como Gram, algúa pitta e he este páo cotiara com outras sortes de madeiras, que nam faltão, tabaco, e dizem que ha Castores, e este Capitão francez que alli nos serve de lingoa disse lhe deram húa pelle de hu muy fina. **1618** *Dial. Grandezas do Brasil* iv. fls. 108-103*v.*: [...] e sem tratar do pao chamado do Brazil por ser bem conhesido, ha outra tinta tam bõa como a que elle dá quoando não seja de ventajem, aquoal he aque chamão vrucu que dá hũa tinta vermelha marauilhoza e assim huns cachos que tem hũa fruta semelhante a amexas que se produzem de hũas pacoueiras piquenas, acoal faz hũa eixcelente tinta de mais transformaçõis que hũ camalleaõ per que se aplica pera diferentes cores e despois de seca dura muito tempo, com conseruar a sua tinta perfeita. *c*1619 in ABN, XXVI. (1905) 345: [...] onde vão todos os annos ingreses e Olandeses ao resgate do tabaco, e de alguas tintas, como são Orocũ e Cariurũ, e de alguas madeiras, [...]. **1624** S. E. Silveira *Relação do Maranhão* fl. 5: [...] havião delles muito algodão, tabaco, pimẽta, salçaprrilha, paos de tintas, & outras madeiras de estima, & hũa tinta vermelha muito fina, q̃ se chama urucũ, [...]. **1625** in ABN, XXVI. (1905) 393: [...] dos grandes proveitos que da terra tirão en tabaquo, urucu e carajuru que são tintas [...]. **1628** in RIHP, XL. (1945) 80: A segunda he a do Maranhão de pouco fundam.^to^ Ruins terras, para Canas de assucar. M.^tas^ Madeiras notaveis, tinta de Orocu, Tabaco e Algodão em abundancia dá a terra, e ha nella hũa Madeira a q. chamão Buracutiara q he eicelente nas cores p.^a^ obras de Bap.^chs^ (?) escritorios e leitos. Idem 81: A Capp.^a^ da Paraiba he de m^to^ importançia pelo Porto q tem do Ryo da Cidade Philippea y pollo da Bahia de Treição, por eicelentes terras p.^a^ m^tos^ emgenhos d'assucar, pao Brasil, tinta de Arocu e de Araruba, Tabaco, Algodão, e m.^to^ linho, [...]. *c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 180: oroqu he aruere tamanha de des ou doze palmos daltor e a fruta he como castanha e quoamdo ele he maduro abreso e he de cor pardo e não tem mais que gramis de dentro uermelhos que serue a fazer o uermilham aos saluaguemis eles a estimam tãoto como as molheres de portugal estimão o vermilhão e os negros tamto fas os maxos como as femias umtão os olhos e a boqua quoamdo uam beber uinho deixeimos de falar de que ele serue aos negros falaremos aguora do que ele seruc aos bramquos que he a milhor merquadaria que os framsezes leuam desta terra que uale em frandes duas pataquas o arctele e aguora se leua em troquia e em costamtinobre o pau quoamdo he sequo serue ao negros de pederneira e fozil e isqua pera tirar foguo a folha he tamanha como a ma (*sic*) a frol he bramqua e xei [ra] mui bem. **1663** S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* I. § 139. 85: Tambem se enfeitaõ a seu modo de diuersas maneiras. Hũa he pintarse todo o corpo de varias cores,commummente de preto, vermelho, & amarello, com sumo de frutas, janipabo, vrucú, & outras. *a*1667 Heriarte *Descr. Maranhão, Pará* in Varnhagen *Hist.* (4ª ed., 1951, III, 170): Tem [esta ilha] muita laranja e limão e outras fructas silvestres em cantidade, e muito orucú, algodão e pita. Idem *Ib.* 174: Há muitas madeiras e boas de todas as castas, grandes pimenteiras de orucús, que he a espécie que se usa nos Índios a que chamão achiote. *a*1696 G. Matos *Obras* (ed. 1969, IV. 841): Um calção de pindoba a meia zorra | Camisa de Urucu, manteu de Arara, | Em lugar de cotó arco, e taquara, | Penacho de Guarás em vez de gorra. |. *c*1698 J. F. Betendorf *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 15: [...] dá muito algodão, anil, urucù, copaúba, casta de balsamo [...]. Idem *Ib.* 19: [...] porem nada disso faltaria se se empregassem os moradores com diligencia em cuidar de algodões, tabaco, canna de assucar, urucú e fabricar anil, ajuntar oleos preciosos e bellas madeiras, [...]. **1730** Rocha Pita *Hist. Amér. Port.* II. § 35. 86: [...] todos os annos vão do Reyno a buscar os seus preciosos generos, cacao, bahinilha, cravo, salsa parri-

lha, urucû e as estimadas madeiras condurû, violete, burapenimâ, que tem ondas compostas como por regras; e de umiri, cujo tronco destila hum oleo mais fragrante que do balsamo, e a casca he taõ suave queimada, que serve de simples pastilha, para os perfumes admiravel; [...]. IDEM *Ib.* I. § 55. 35: O urucû nasce de arvores pequenas, o fruto he do tamanho, e feitio de huma lima mais pyramidal, tem huns grãos negros engastados em huma massa de escarlata, he admiravel tinta nacarada, que se compra na Europa por muito preço. **1741** in ABAP, II. (1902) 12: Mandey buscar semente de Urucú e já deixei nascido. *c*1753 in DAP, VII. 9: Andão de todo despidos tanto mulheres, como homens e só poem o seu ornato em se tingirem de Orucû, q̃ he fructo que se dá com abundancia nas suas terras, e entre elles de m.ta estimação. **1759** in ABAP, VIII. (1913) 50: Forão os preços estabelecidos cada [...] litro de urucú a 300 rs. e cada canada de olio de cupauba medida da terra a 1700 rs. [...]. **1769** J. B. GAMA *O Uraguay* 73: Co'a chata frente de Jurucú tingida, | Vinha o Indio Kobbé disforme, e feio, |. **1777** in *Annexes du premier Mémoire du Brésil* I. (1903) 151: Tãobem faço ver a V. Ex.a a amostra do Orucû, que fabricão os mesmos Indios, o qual os lavradores de semelhante genero, nesta cidade, o reconhecem de excelente qualidade. *c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 204: [...] o *urucú* é de excellente qualidade. IDEM *Ib.* 268: Para as adquirir basta fazelos industriosos, cultivando os generos para que as terras são proprias: o cacáo, o café, o oleo de cupaiba, o urucú, o carajurú, o arroz, [...]. **1781** DURÃO *Caramurú* VII. xlix. 211: O uruçú, fruto d'arvore pequena | Como lima, em pyramide elevada, |. **1782** F. A. SAMPAIO *Hist. dos Reinos Veget., Anim., e Miner. do Brazil* I. iii. 43: O orucû, que tambem chamão Açafroa, porque contem huma tinta semelhante á do Açafrão, hé o fruto de huma mediana Arvore na altura: ella se cria pellos mattos [...] com cachos de flores, que cahidas se produzem tambem cachos de muitos cazulos com a figura de hũ coração aberto de hunz brandos filamentos á maneira de espinhos; [...]. *a*1800 in DAP, II. 6: A seda em rama, o orucu, a coxunilha, a purpura, o anil, a canela [...]. **1801** in RAPM, II. (1897) 687: Pára Tinturaria [...] ourucú, [...]. **1806** in RAPM, VI. (1901) 769: De outros vegetaes se compõem outras tintas. E da fructa de Urucú fazem os Indios a encarnada. **1817** CASAL *Corografia Brazilica* I. 102: O *Urucú*, que d'ordinario não passa d'hum grande arbusto com as folhas em fórma de coração, e as flores em ramalhetes com cinco petalos um pouco purpureos, um pistillo, e grande numero de estames: o fructo he uma capsula um pouco chata, e pontuda, do tamanho d'huma grancastanha; de côr avermelhada, composta de duas valvulas semedas de espinhos raros, e molles, e forradas d'huma membrana, que encerra grande quuantidade de sementes miudas, e cubertas d'huma substancia avermelhada, que diluida em agua dá uma tinta precioza, e não ignorada dos selvagens, que se tingem com ella. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 8: Para a tinturaria se contam alem do anil e *urucú*, a *guariúba*, madeira que dá finissima côr de cana, e cujo commercio, outr'ora lucroso acha-se actualmente abandonado. IDEM *Ib.* 131: [...] pintam-se de ginipapo ou urucú, não tanto por enfeite, quanto por afugentar os mosquitos, e tornar a cutis mais flexivel e poroza, empregando tambem para isso o oleo extrahido dos côcos de palmeiras, o que os faz lançar de si um cheiro pouco agradavel: [...]. **1856** D. MAGALHÃES *A Confederação dos Tamoyos* IV. 104: Nuas, pintadas do verniz vermelho | Do fructo do urucú, e matizadas | De listas transversaes ou angulosas, | . **1866** J. ALENCAR *As Minas de Prata* VI. i. 20: Era este um pedaço de panno embebido na gomma de igcica, sobre o qual traçava com tinta de urucú a direcção da cordilheira e dos rios principaes em relação á Bahia. **1869** B. GUIMARÃES *O Ermitão do Muquem* (ed. 1898, II. ii. 53): A taba do velho cacique Oriçanga, mais vasta e mais solida, que todas as outras, com sua porta guarnecida de flechas e lanças enfeitadas de vistosos pennachos, com seu tecto de palmas de bagussú tingidas de ocá e de urucú, mirava-se galhardamente na torrente do Tocantins, e elevava-se entre as outras cabanas como a garça, rainha dos lagos, entre um bando de pequenas aves. **1874** TAUNAY *Histórias Brasileiras* 36: A sua faceirice natural e innocente era ajudada por intelligencia vivida e pela delicadeza de instinctos: assim para logo desterrou do rosto e braços as pinturas que costumava traçar com urucú e genipapo; [...]. **1876** COUTO DE MAGALHÃES *O Selvagem* I. 174: Assim ella fez o cujubim; pintou a cabeça do cujubim de branco, com tabatinga; pintou-lhe as pernas de vermelho com urucú, [...]. **1886** J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazónica* (ed. 1899, 340): As faces estavam vermelhas como a tinta do urucú. **1888** INGLÊS DE SOUSA *O Missionário* (ed. 1899, II. x. 201): Os troncos nús luziam ao sol, destacando-se o do velho no meio da folhagem com uns tons quentes de urucú e genipapo, cuja tinta o revestia de desenhos caprichosos com antiga e indelevel tatuagem, e a do moço desmaiando em coloração branda de entrecasca de canella, nos contornos cheios, de suavidade feminina [...]. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. iii. 28/29: O pirarucú (Sudis gigas, Vastres gigas) é um peixe grande, comprido e volumoso. [...] O seu nome diz simplesmente peixe vermelho como o urucú [...]. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* ii. 26: Então Macunaima virou um pé de urucum. A linda Iriquí riu, colheu as sementes se faceirou toda pintando a cara e os distintivos. **1930** G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 183: Para o Dr. F. Tripot, viajante da Guayana Franceza em 1907, o urucú, pela sua côr vermelha, deve proteger a pelle contra os ardores do sol e dest'arte os indigenas por simples intuição, usam o producto corante que, propondo-se a tal fim, lhes seria aconselhado pelos physicos e chimicos mais avisados. **1938** R. MORAIS *Os Igaraúnas* xxvii. 324: A seiva do genipapo e do urucú lhe serviram de tinta de escrever, [...].

|| **uruçuca** (*uruçúca*): v. abon.

1817 CASAL *Corografia Brazilica* II. 145: Fytologia. Entre outras arvores, que dam madeira para a construcção, e marcineria, nota-se [...] uruçúca.

urucurana *s.f.* Var.: 5-6 *vrucurana*, *urucurana*, 8 *aricurâna* [< T. uruku'rana < uru'ku 'urucu' + 'rana 'semelhante'].

Planta da família das euforbiáceas, cuja madeira é dura, pesada e muito resistente à umidade.

*c*1574 *Inventário* in DHA, III. (1968) 87: Avalliarão corenta e sinco taboas de otisiqua e cedro vrucurana tudo foi avalliado em quatro mil reis. **1587** G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXVI. 59): Há outras árvores, que se chamam urucuranas, que são muito compridas e de grossura, que fazem delas virgens e esteios para os engenhos, e outras muitas obras de casas, e tabuado para navios, a quem o gusano não faz mal; a qual madeira é pesada, e vai-se ao fundo: tem a côr de carne de fumo, e é boa de lavrar e serrar. **1602** in ABN, LXXXII. (1962) 279: [...] acabarão ao pé de huma árvore que se chama urucurana, e da dita árvore, acabadas as ditas seiscentas braças, medimos trezentas braças [...]. *a*1687 *Manifesto de utilidades do Brasil* in *Brasília*, VII. (1952) 184: [...] coanto mais a tapinhoam q̃ a nõ ha em outra parte, nem tem o mundo milhor madra. pera taboado de fundo do que ella e pa o costado Vrucurana e pa os altos oiticiquas, e pera cubertas Araribá; [...]. **1817** CASAL *Corografia Brazilica* II. 75: Fytologia. Entr'outras arvores de boa madeira nomea-se o vinhatico, aderno, [...] aricurâna.

urucuri *s.m.* Var.: 5 *ururucuri*, 7 *urucurî*, 8 *urucurí*, *ouricory*, *uricuri*, 9 *ouricury*, *uricury*, *ouricurí*, *urucury*, *ouricuri* [< T. uriku'ri].

Espécie de palmeira, urucurizeiro.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LV. 26): As principais palmeiras bravas da Bahia são as que chamam ururucuri, que não são muito altas, e dão uns cachos de côcos muito miudos do tamanho e côr dos abricoques, aos quais se come o de fora, como os abricoques, por ser brando e de sofrivel sabor; [...]. **1711** A. J. ANTONIL *Cultura e Opulência do Brasil* II. v. 113: E para q̃ as cabeças fiquem sempre direitas; alem das cruzetas, que levaõ, lhes vaõ metendo folhas de urucurî nos vãos, para que fiquem bem unidas com as dobras de dentro. **1833** I. A. C. SILVA *Corografia Paraense* 12: [...] *urucurí* celebre porque sem o fumo do seo fructo não adquire consistencia a seringa, ou gomma elastica; [...]. IDEM *Ib.* 13: [...] sem que previamente seja passada pelo fumo do fructo da palmeira *urucurí*, como dissemos. **1857** J. ALENCAR *O Guarany* (2a ed., 1864, I. vii. 69): [...] e o ouricory abria as suas palmas mais novas, para receber no seu calice o orvalho da noite. **1895** J. VERÍSSIMO *A Pesca na Amazônia* I. ii. 20: Meia duzia de páos toscos servindo de esteios, vigias e caibros formam a armação desse edificio primitivo que coberto por todos os lados de palha de buçú [...] de uricuri (Attalea excelsa): [...]. **1902** E. CUNHA *Os Sertões* 46: [...] mais virentes, adensam-se os icoseiros pelas varzeas, sob o ondular festivo das copas dos ouricurys; [...]. **1926** COELHO NETO *Feira Livre* 29: E foi com ella sempre á mão que percorri o littoral arenoso e coroado de uricurys e mussandós, [...]. **1928** M. ANDRADE *Macunaíma* V. 59: Os manos entraram num cerrado cheio de inajás ouricurís ubussús bacabas mucajás miritís tucumãs trazendo no curuatá uma penachada de fumo em vez de palmas e cocos. **1930** G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 61: Comtudo, palmeiras urucurys ahi estão, comprovando-lhe a excellencia das terras [...]. **1934** G. RAMOS *S. Bernardo* XXXVI. 214: E, manhãs de inverno, tangendo os cargueiros, dando estalos com o buranhem, de alpercatas, chapeo de ouricuri, [...]. **1935** JORGE DE LIMA *Calunga* XVI. 134: Em Bebedouro, aleijados vieram de chapéu de ouricuri na mão pedir esmola. **1946** GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 78: "Eu vou ralando o côco, | ralando até aqui... | Eu vou ralando o côco, | morena, | o côco do ouricuri...". **1956** IDEM *Grande Sertão: Veredas* 148: De manhã, o rio alto branco, de neblim; e o ouricurí retorce as palmas.

urucuriá *s.f.* Var.: 5 *urucuream*, *vrucuria*, 6 *orucuriâ* [< T. urukuri'a].

Variedade de coruja.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. LXXXVI. 106): Urucuream é uma ave, pontualmente como as corujas de Espanha; umas são cinzentas e outras brancas; gritam de noite como corujas; [...]. *c*1594 [F. SOARES] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1464-1468: Dos passaros q̃ andaõ de noite Ha de mtas castas piquenos e grãdes

algũs como corujas grande.s. Vrucuriaguaçu Vrutagui 2 pipupipuba Jacuritu 2 Abijaguaçu hain aig. 2. aritara 2 Putunara Cuxa Aguigui baêvaû. *c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 191: Orucuriâ. he passaro do tamanho de hũa Piquena cruya E da mesma feisão. e cor he pardo natural ao francelho do nosso purtugal e aparece mais de noute que de dia e os saluaguemis falam com ele e dizem que lhe respomde aquilo que eles lhe pergumtam e fazem seus filhos em buraquos de paus e fazem dous filhos e seus ouos são bramquos.

urucurizeiro *s.m.* Var.: 9 *ouricuryseiro* [< urucuri + -z- + + -eiro].

Urucuri.

1902 E. CUNHA *Os Sertões* 14: Intercorrem, ainda, paragens menos estereis, e nos trechos em que se operou a decomposição *insitu* do granito, originando algumas manchas argillosas, as copas virentes dos ouricuryseiros circuitam, parenthesis breves abertos na aridez geral, as bordas das ipueiras.

urucuzeiro *s.m.* [< urucu + -z- + -eiro].

Planta da família das bixáceas (*Bixa orellana*), cujo fruto, o urucu, fornece uma substância tintorial de cor vermelha; V. URUCU.

*c*1698 J. F. BETENDORF *Cron. do Maranhão* in RIH, LXXII. (1909) 23: [...] Tem a cidade pela banda de riba os rios Mururuçú, Guarapiranga, Mojú, e Açará, todos não tão fecundos em peixe, como em cannas de assucar, tabacos, cacauzeiros, urucuzeiros, que em suas terras se plantarem. 1763 J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 333: Fazem [*os índios*] tintas finissimas de varias plantas, como azul da planta do anil, roxa de capiranga, vermelha do urucuzeiro e de outras plantas mais, amarella de barro de Taôa purificado; e até para refinar a cor preta tem uma planta, que mettida a ferver n'agua, faz este excellente effeito.

urujaguara *s.f.* Var.: 7 *uruiaoara* [< T. ˀuruja'ỹara < u'ru 'uru¹' + ja'ỹara 'onça, jaguar'].

V. abon.

1763 J. S. JOSÉ *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX. (1869) 184: Outras [onças] tambem pintadas se chamam uruiaoaras, isto é, cão pintado como o passaro urú.

urumaru *s.m.* Var.: 6 *guaromaru* [< T. uruma'ru ~ VLB II. 23: *Lixa* = Urumarû].

Peixe da família dos orectolobídeos (*Ginglymostoma cirratum*), também conhecido como cação-lixa e barroso.

*c*1631 C. LISBOA *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 170: guaromaru he peixe tamanho diguo de noue ou des palmos e he da propia forma e cor do cacam não tem mais que cer hũ pouquo mais uermelho ele tem ovos tamanhos como o punho que cam cubertos de hũa pelia e tem muito gramde camtidade e fazem os filhos da bariqua e não ce comem cenão os figuodos que cervem para fazer azeite.

urumbeba *s.f.* e *m.* Var.: α. 6 *vrumbeba, vrurumbeba*; β. 8-9 *urumbeba*, 9 *urumbéva, urumbéba, urumbeva* [< T. ururu ɱe'ỹa ~ VLB I. 67: *Cardo dos figos* = Nhamãdacarû. outro. Ururũbebá].

Espécie de cacto; *figuradamente*, indivíduo crédulo, ingênuo (v. abon. 1918); caipira, matuto (v. abon. 1919).

1663 S. VASCONCELOS *Coisas do Brasil* II. § 75. 153: Iamacarú, ou vrumbeba, ou jarácatiyâ, he genero de cardo agreste, espinhoso, informe, amigo de lugares mais seccos, & areosos, desprezo das plantas, quanto â vista exterior; mas quanto à qualidade interna, hõra da natureza. IDEM *Ib.* 154: Não he de menos admiração a segunda especie, chamada dos Indios vrurumbeba, do mesmo genero de cardo espinhoso. Achase esta sómente em mattas desertas; o tronco todo espinhoso, alto, direito, & com algũa semelhança de pinheiro de Europa, ainda nas folhas. 1856 D. MAGALHÃES *A Confederação dos Tamoyos* I. 20: Como a flôr da urumbeba, após deixando ! Feio tronco, escabroso, e todo espinhos! I. 1857 J. ALENCAR *O Guarany* (2ª ed., 1864, 357): Temos differentes especies de cactus; os mais lindos são o branco, o rosa e o amarello, a que os indigenas chamavão *urumbeba*. Todos elles abrem à meia noite e fechão ao despontar do sol. 1911 A. MAIA *Tapera* 26: [...] e as proprias tunas e urumbévas do vallado, ferira-as, desbastára-as aqui e ali o golpe vingativo dos campeiros. IDEM *Ib.* 109: [...] urumbébas entrançavam-se em touceiras, num tracto pedregoso do terreno: [...]. 1918 MONTEIRO LOBATO *Urupês* 49: Se o marido deu assim em urumbeva, a mulher, essa enraizou de peão para o resto da vida. 1919 IDEM *Cidades Mortas* 179: E os dois urumbevas penetraram na sala de fóra. 1956 GUIMARÃES ROSA *Grande Sertão: Veredas* 399: A ser, o fígado, que me doía; mas não me certifiquei: apalpar lugar de meu corpo, por doença, me dava um desalento pior. Raymundo Lé cozinhou para mim um chá de urumbeba.

urumutum *s.m.* [< T. urumĩ'tũ < u'ru 'uru¹' + mĩ'tũ 'mutum'].

Ave galiforme da família dos cracídeos.

*c*1777 F. X. R. SAMPAIO *Rel. Geogr. Hist. do Rio Branco* in RIH, XIII. (1872) 261: [Ave silvestre] Urumutum.

urundeúva *s.f.* Var.: 6 *vremdeuba* [< T. ?].

Planta da família das anacardiáceas (*Astronium urundeuva*), espécie de aroeira.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* iii. fls. 84*v*.-85: [...] e assim diguo que as madeiras de que tenho noticia e me alembra a callidade dellas saõ estas, [...] vremdeuba de hũa gualharda cór vermelha, [...].

urupê *s.m.* [< T. uru'pe ~ VLB I. 86: *Cogumelo são muitos e não tem genro. (scil.* gênero) *os q. se comẽ e nascem pellos paos* = = Carapucu, (...) E os grandes q. se não comem. Urupê[.

Espécie de fungo da família das poliporáceas, cogumelo.

1918 MONTEIRO LOBATO *Urupês* 231: [...] o caboclo é o sombrio urupê de pau podre, a modorrar silencioso no recesso das grotas. 1919 IDEM *Cidades Mortas* 13: E a sua vida de vóvó entrevada, sem netos, sem esperança, é humilde e quieta como a do urupê escondido no sombrio dos grotões. 1946 GUIMARÃES ROSA *Sagarana* 243: Mais o admirei, contudo, ao saber que êle era o único no arraial a comer cogumelos, com carne, à moda de quiabos. Não um urupê qualquer do mato, [...].

urupema *s.f.* 5-9 *urupema*, 6 *arupemma, oropema, horopema*, 7 *oropêma*, 8-9 *gurupema* [< T. uru'pema ~ VLB I. 74: *Ciranda* = Urupema. Urupemuçu. *Ib.* II. 14: *Joeira, ou ciranda* = Urupema. Urupemocanga. Urupêbiỹ].

Espécie de peneira; *por extensão*, trançado de fibra vegetal usado para encosto de cadeira (v. abon. 1869), para vedação de portas e janelas (v. abon. 1710, 1881) etc.

1587 G. S. SOUSA *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, I. XL. 322): E para se fazer a farinha destas raizes [mandioca] se lavam primeiro muito bem, e depois desfeitas à mão, se espremem no tapeti cuja água não faz mal; depois de bem espremidas desmancham esta massa sôbre uma urupema, que é como joeira, por onde se coa o melhor, e ficam os caroços em cima. *c*1607 J. RODRIGUES *Relação* in S. Leite *Novas Cartas Jesuíticas* (1940) 233: [...] e, pisando-a em um pilão, a desfazem e põem em uma *urupema* ao sol; [...]. 1623 *Livro de Contas* in DHA, II. (1956) 18: [...] coatro arupemmas para o asugre. 1647 IDEM 407: Deue por hũa peça de coadouro duas urupemas pª o melado 9v680. 1651 IDEM 479: De oropemas pª o parol do caldo v100. IDEM *Ib.* 483: [...] por huma horopema v080. *a*1696 G. MATOS *Obras* (ed. 1969, III. 773): Acaso vos vi uma tarde I debaixo de uma urupema I por meu mal, I porque entre nuvens I o sol mais ativo queima. I. 1710 in *Brasília* VI. (1951) 293: [...] avançou á porta da caza, e não a podendo leuar saltou pella janella dentro, que estaua com huã urupema, por onde tinhaõ dado o tiro, [...]. 1711 A. J. ANTONIL *Cultura e Opulência do Brasil* II. vii. 117: [...] & estando assim humido, se passa por hũa oropêma fina: & nesta passagem pelos buraquinhos da oropêma se formaõ os granitos, como os da polvora fina; & fica o Tabaco granido. E o que naõ passa pela oropêma, por ser ainda grosso, torna-se a mencar, como está dito, entre as mãos, atè ser capaz de passar. 1869 F. TÁVORA *Um Casamento no Arrabalde* (ed. 1908, 32): Procurou-se uma *urupema* para pendurar-se no encosto de uma cadeira, e supprir-se a anti-casamenteira lacuna; [...]. 1878 IDEM *O Matuto* x. 126: Quando á tardinha, levantado o papclão, que Joaquim lhe dera por tarefa, ella foi com sua mãi e irmã sessar o feijão na urupema para o espurgar da arcia e do barro original, a menina tinha no rosto a grave expressão que é propria não da filha mas da mãe de familia. 1881 IDEM *Lourenço* (ed. 1902, vii. 95): Sinhá d. Damiana ainda quiz abrir a urupema para falar a seu Cosme. 1886 J. VERÍSSIMO *Cenas da Vida Amazônica* (ed. 1899, 157): Ao redor do forno, sob o resguardo do mesmo tecto de palha, viam-se as garôas ou côchos, ainda com os fundos humidos e salpicados da mandioca que tiveram, os *tipitis* molhados do caldo que extrairam, as gurupemas ensopadas do sumo que passaram e demais utensilios indispensaveis no fabrico da farinha, [...]. 1903 D. OLÍMPIO *Luzia Homem* viii. 58: — Conheço uma velha que faz a adivinhação da urupema e sabe rezar o responsio de Santo Antonio. 1928 M. ANDRADE *Macunaíma* ii. 21: A velha fez. Macunaíma pediu pra ela ficar mais tempo com os olhos fechados e carregou tejupar marombas flexas piquás sapiquás corotes urupemas redes, todos êsses trens pra um aberto do mato lá no teso do outro lado do rio. 1930 G. CRULS *A Amazônia que eu vi* 90: Voejo agora, percorrendo as paginas de Crevaux, cujo livro data de 1883, a figura de certa urupema, que elle conseguira dos indios da Guyana e que é exactamente igual áquellas que se vendem hoje em Obidos e são provavelmente feitas por qualquer caboclo. 1938 R. MORAIS *Os Igaraúnas* x. 117/118: Gurupemas, balaios, esteiras, abanos, urús, trabalhados em jacitára, cipó, tabúa, fibra, voaram.

ururau *s.m.* Var.: 5 *vrurugua*, 9 *ururau* [< T. urũ'ra ~ VLB II. 17: *Lagarto dagoa* = Iacare. outro Ururâ].

Réptil crocodiliano da família dos aligatorídeos, também chamado jacaré-de-papo-amarelo.

*c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 2332-2344: Lagartos Ha dous dagoa grãdes vruruguaguaçu ha no caâtiga dizẽ saõ como bois e aRemetẽ a gẽte e a tudo tẽ a perna esquerda cortada por sima do giolho e assi corre pouco tudo come carne peixe ate pedras esmae e lhas achaõ no bucho saõ armados de huãs comchas q̃ nada as passa senaõ p'las juntas Tẽ ferozes dentes nada largaõ do q̃ ferraõ os testiculos tẽ m^to^ bõ cheiro emcaixaõse os dentes debaixo e de·ssima e tẽ de fora hũs buracos como dẽtes as pedras dos beiços saõ boas p^a^ feueres, [...]. 1928 M. Andrade *Macunaíma* xviii. 276: Tinham sido engulidos pelo monstro Ururau que não morre com timbó nem pau.

urutau *s.m.* Var.: 5 *vrutagui*, 8 *urutão*, *urutaú*, *urutauí*, *urutáu*, 9 *urutau*, *urutahi* [< T. uruta'ũi ~ VLB I. 88: *Curuja* = = Çuindara. Tuindara. Ajaya. Cuyauju. Urutaguî].

Ave caprimulgiforme da família dos nictibídeos, coruja.

*c*1594 [F. Soares] *Coisas Notáveis do Brasil* (ms. C) 1464-1468: Dos passaros q̃ andaõ de noite Ha de m^tas^ castas piquenos e grãdes algũs como corujas grandes .s. Vrucuriaguaçu Vrutagui 2 pipupipuba Jacuritu 2 Abijaguaçu hain aig. 2 aritara 2. Putunara Cuxa Aguigui baêvaũ. 1857 J. Alencar *O Guarany* (2ª ed., 1864, I. vii. 70): O urutáo no fundo da matta sólta as suas notas graves e sonoras, que, reboando pelas longas crastas de verdura, vão echoar ao longe como o toque lento e pausado do *angelus*. 1863 M. A. Porto Alegre *Brasilianas* 259: Agora que eu ouço cantar o urutáo ! Seu canto funéreo no tronco fronteiro, ! Eu quero, ó Fabricio, como o bacuráo, ! Soltar sobre a terra a voz do tropeiro. 1865 J. Alencar *Iracema* (3ª ed., 1878, x. 58): [...] não parecia mais a linda jandaia, e sim o feio urutáo que somente sabe gemer. 1876 Couto de Magalhães *O Selvagem* II. v. 138: Não conheço as tradições relativas ao *Urutaú* ou *urutauí* e por isso limito-me a consignar aqui o nome. 1898 A. Arinos *Pelo Sertão* 30: Manuel, lá no fundo, ferido, ensanguentado, arrastou-se ainda, cravando as unhas na terra como um urutáu golpeado de morte; em todo o corpo estendido com o ventre na terra perpassava-lhe ainda uma crispação de luta; sua bocca proferiu ainda — "eu mato! mato! ma... — e um silencio tragico pesou sobre a tapéra. 1930 G. Cruls *A Amazônia que eu vi* 121: Vamos dormir numa praia bem espaçosa e tudo é silencio á nossa volta. Apenas, de onde a onde, ouve-se o grito de um urutau. 1938 R. Morais *Os Igaraúnas* xvii. 195: Eis que chegam, porém, numa revoada hecterogenea, sahis, japiins, [...] uratahis, andorinhas, tangurupás. 1956 Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas* 548: Todo o mundo dormindo. Só o chochôrro mateiro, que sai de debaixo dos silêncios, e um ô-ô-ô de urutau, muito triste e muito alto.

urutaurana *s.m.* Var.: 6 *garatavrana* [< T. urutau'rana < uruta'ũi 'urutau' + 'rana 'semelhante'].

Ave falconiforme da família dos falconídeos, espécie de gavião.

1618 *Dial. Grandezas do Brasil* v. fl. 115*v.*: [...] a de mais estima destas Aves — he hũa sorte déllas a que chamão — garatavrana — que como a Rey lhe criou á natureza coroa na cabesa caze ao modo de crista de gualo que entre todas as Aves de bolataria pode leuar o premio em ligeireza e agilidade que tem pera casar [*scil.* caçar].

urutu[1], *s.m.* [< T. uru'tu ~ VLB I. 50: *Bagre do mar, hũs aluinhos* = Guirì; outros amarelos, Urutû].

Variedade de bagre.

1587 G.S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxxii. 203): Há outra casta de bagres, que tem a mesma feição, mas tem o couro amarelo, a que os índios chamam urutus, que também morrem em todo o ano à linha, da bôca dos rios para dentro até onde chega a maré, cujas peles se pegam muito nos dedos; e não são tão saborosos como os bagres brancos.

urutu[2] *s.m.* e *f.* Var.: 8-9 *urutú* [< urutu[1]?].

Réptil ofídio da família dos crotalídeos.

1871 B. Guimarães *Lendas e Romances* III. iv. 227: Um dia em que estava brincando com um grande urutú preto, á vista de muita gente que estava a olhar de queixo cahido, a bixa perdeu-lhe o respeito, e em tal parte e em tão má hora lhe deu um bote, que o maldito cahio logo estrebuchando, e em poucos instantes deu a alma ao diabo. 1872 J. Alencar *Til* I. vi. 59: A faca brandida com força vibrava ainda no tronco do jequitibá, onde cravára a cabeça de um urutú, que estorcia-se de furia e dor. Idem *Ib.* III. vi. 59: Na *Ave-Maria* especialmente, no dia da tocaia, a não ser o urutú que espantou o cavallo, o Ribeiro cahiria com o coração traspassado. 1922 M. Andrade *Paulicea desvairada* 125: Deve haver Vitais Brasis para os urutús! 1946 Guimarães Rosa *Sagarana* 114: O mosquito fêmea não ferrôa de-dia: [...] as touceiras cheirosas do capim-gordura espantam para longe a urutú-coatiara; [...]. Idem *Ib.* 285: Tem tanta cascavel nos pastos... Tanta urutú, perto de casa... Se uma onça comesse o carreiro, de noite... Um onção grande, da pintada... Que raiva!... 1956 Idem *Grande Sertão: Veredas* 509: E êle mancava estragado: por tanto que a metade do pé esquerdo faltava, cortado — produção por picada de cobra — urutú geladora, se supõe.

uxi *s.m.* Var.: 9 *uxí*, *uxy* [< T. °u'ši].

Planta da família das rosáceas, uxizeiro.

1928 M. Andrade *Macunaíma* xvii. 257: Tudo o que Macunaíma pegava ela engulia tamorita mangarito inhame biribá cajuí guaimbê uxí ingá bacurí cupuassú pupunha taperebá graviola, todas essas comidas do mato. 1938 R. Morais *Os Igaraúnas* xii. 141: De metro em metro prendiam pencas de bananas, cachos de pupunhas e assahy, laranjas, cannas, ananazes, fructa-pão, graviolas, paneirinhos de uxy, cupuassús, cacaus.

uxizeiro *s.m.* [< uxi + -z- + -eiro].

Uxi.

1938 R. Morais *Os Igaraúnas* xvi. 182: Um grupo de coatás, para não falar só nos bichos mansos, que comia nas redondezas da casa sobre uns uxizeiros carregados, tinha emigrado; [...].

V

‖**vapuí** (*vapuy*): v. abon.

*c*1767 J. Daniel *Tesouro do Rio Amazonas* in RIH, II. (1840) 496: [...] porque os mesmos doentes, não obstante o recipe dos seus *Pajés*, se applicão a si mesmos alguns remedios, e alguns bons, que já sabem, como é um leite, a que chamão *Vapuy*, a gengibre, a malagueta, e muitos outros.

varem *s.m.* [< T. ?].

Peixe da família dos mugilídeos (*Mugil brasiliensis*), também chamado parati.

*c*1631 C. Lisboa *Hist. Anim. e Árv. do Maranhão* fl. 175: Varem he peixe de hũ palmo de comprindo [*sic*] parece se cõ a tainha.

viatã *s.f.* Var.: 6 *vyatà, vuatá* [< T. uia'tã < u'i 'farinha' + a'tã 'dura' ~ VLB I. 135: *Farinha* = Uî. *Ib.*: *Farinha de guerra* = Uiatã, outra não torrada e de menos dura. Uieçacoatĩga].

Farinha de mandioca seca: v. abon.

1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 72. 151: Desta raiz [*de mandioca*] tirada da terra, raspada, lauada, & depois relada, espremida, & cozida è alguidares de barro, ou metal, a que os Brasis chamão vymoyipaba, os Portugueses forno, se faz farinha de tres castas: meio cozida, a que chàmaõ vytinga; os Portugueses farinha relada: mais de meio cozida, que chamão vyèçacoátinga: & cozida de todo, atè que fique seca, que chamão vyatà; os Portugueses farinha seca, ou de guerra. **1675** F. B. Freire *Hist. da guerra Brasilica* IV. 188: Desta sorte, lavrão esta farinha [*de mandioca*], que sustentando geralmẽte todo o Estado do Brasil, obrão os Indios de três castas, a que chamão Vytingga. Vyèçacoátinga, Vuatá.

vieçacoatinga *s.f.* Var.: 6 *vyèçacoátinga, vyèçacoátinga* [< T. uiesakụa'tiŋa ~ VLB I. 135: *Farinha de guerra* = Uiatã, outra não torrada e de menos dura. Uieçacoatĩga].

Farinha de mandioca cozida: v. abon.

1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 72. 151: Desta raiz [*de mandioca*] tirada da terra, raspada, lauada, & depois relada, espremida, & cozida è alguidares de barro, ou metal, a que os Brasi chamão vymoyipaba, os Portugueses forno, se faz farinha de tres castas: meio cozida a que chàmão vytinga; os Portugueses farinha relada: mais de meio cozida, que chamão vyèçacoátinga: & cozida de todo, atè que fique seca, que chamão vyatà; os Portugueses farinha seca, ou de guerra. **1675** vyèçacoátinga [v. viatã].

vimojipaba *s.f.* Var.: 6 *vymoyipaba* [< T. uimoĩ'paụa < u'i 'farinha' + moĩ'paụa 'recipiente para cozinhar'; cp. T. *ŋ* aemoĩ'paụa 'cozinha' ~ VLB I. 85: *Cozinha, a casa ou lugar* = Baemogigpaba. Miùmogigpaba].

Recipiente para cozinhar a farinha de mandioca: v. abon.

1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 72. 151: Desta raiz [*de mandioca*] tirada da terra, raspada, lauada, & depois relada, espremida, & cozida è alguidares de barro, ou metal, a que os Brasis chamão vymoyipaba, os Portugueses forno, se faz farinha de tres castas: meio cozida, a que chàmaõ vytinga; os Portugueses farinha relada: mais de meio cozida, que chamão vyèçacoátinga: & cozida de todo; atè que fique seca, que chamão vyatà; os Portugueses farinha seca, ou de guerra.

vipuba *s.f.* Var.: 6 *vypuba* [< T. ui'puụa < u'i 'farinha' + 'puụa 'molc' ~ VLB I. 135: *Farinha dagoa s. de mandioca cortida* = Uipûba: esta se espreme no tepeti e passa pella urupema (...)].

Variedade de farinha de mandioca: v. abon.

1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 73: 152: Lanção tambem de molho em agoa estas raizes [*de mandioca*] por tres. quatro, ou cinco dias. até que amoleçaõ. & destas assi molles, chamadas mandiópuba, fazè farinha mais mimosa, chamada vypuba; [...].

vitinga *s.f.* Var.: 6 *vytinga, vytingga* [< T. ui'tiŋa < u'i 'farinha' + 'tiŋa 'branca'].

Farinha de mandioca parcialmente cozida: v. abon.

1663 S. Vasconcelos *Coisas do Brasil* II. § 72. 151: Desta raiz [*de mandioca*] tirada da terra, raspada, lauada, & depois relada, espremida, & cozida è alguidares de barro, ou metal, a que os Brasis chamão vymoyipaba, os Portugueses forno, se faz farinha de tres castas: meio cozida, a que chàmaõ vytinga; os Portugueses farinha relada: mais de meio cozida, que chamão vyèçacoátinga: & cozida de todo, atè que fique seca, que chamão vyatà; os Portugueses farinha seca, ou de guerra. **1675** vytingga [v. viatã].

vivia *s.m.* [< T. °ụi'ụia].

Espécie de lontra.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. ct. 189): Nos mesmos rios se criam outros bichos, a que os índios chamam vivia, que são do tamanho dos gozos, felpudos do cabelo, e de côr cinzenta; tem o focinho comprido e agudo, as orelhas pequeninas e redondas, do tamanho de uma casca de tremoço; tem o rabo muito comprido e grosso pela arreigada, como carneiro; [...].

‖ **vupapussa**: v. abon.

1763 J. S. José *Viagem ao Gram-Pará* in RIH, IX, (1869) 208: Innumeraveis bandos de marrecas saborosissimas, que vão deixando as praias por causa das chuvas, patos de grandeza notavel; innumeraveis macacos, sendo muito celebre entre elles a especie dos pequenos vupapussas: e ciganas, aves vistosas pela pluma ou ramo da cabeça, porem ingratas ao gosto; motuns, certa especie de perus saborosos.

X

xerimbabo *s.m.* Var.: 8 *cherimbabo,* 8-9 *xerimbabo* [< T. šereĩ'ŋaŋa ~ VLB I. 85: *Criação daues ou animais caseiros* = Mimbaba. *Ib.: Criação ter assi* = Xereĩgbab].

Animal de criação.

1888 Inglês de Sousa *O Missionário* (ed. 1899, II. xiii. 324): No furo da Sapucaia [...] apenas ficara a Faustina [...] para cuidar dos numerosos cherimbabos que a moça sustentava. 1895 J. Veríssimo *A Pesca na Amazónia* I. vi. 90: Por temperamento nomades, levam a estas expedições, que duram uma semana e mais, toda a familia, mulheres, crianças, o cachorro, algum xerimbabo de estimação, [...]. 1930 G. Cruls *A Amazónia que eu vi* 167: [...] e pudemos surprehender o acampamento tal como o deixaram os indios, isto é, ainda de foguinho acceso, xerimbabos amarrados ás arvores, [...].

xexéu *s.m.* Var.: 8 *chexéo,* 8-9 *chechéo,* 8 *chechéu,* 9 *xexéu* [< T. ?].

Pássaro da família dos icterídeos.

1833 I. A. C. Silva *Corografia Paraense* 31: [...] japiim, ou *chexéo,* ave que imita com o seo canto a todas as outras, [...]. 1875 J. Alencar *O Sertanejo* II. ii. 24: Passava depois a trinar uma multidão de gallos de campina, á cata do milhal; ou um enxame de chechéos que pousava em um jatobá secco, e cobrindo-lhe os galhos mortos e nús de folhas, formava uma copa artificial com a sua lusidia plumagem negra marchetada de ouro e purpura. 1878 F. Távora *O Matuto* ix. 119: Ao ruido das arvores; ao ciciar da viração por entre a folhagem de um pé de massaranduba, que ficava de um lado da cosinha; ao cantar dos chechéus poisados esse momento sobre as bananeiras do quintal, Marianninha, que na occasião de chegarem os hospedes, estava no terreiro brincando com suas bonecas, sentiu que despertára novo sentimento em seu coração. 1929 G. Aranha *A Viagem Maravilhosa* xii. 170-171: Os macacos pulavam alegres e guinchavam ruidosos, os mutuns piavam, os jacamins roncavam cavernosos, cantavam os curiós, as patativas ligeiras, as graúnas altivas, os sabiás saudosos. O chechéo os imitava zombeteiro. 1935 J. L. Rego *O Moleque Ricardo* xxvii. 226: Os seus conhecidos vinham discutir valores de canarios belgas, gallos de campina, curiós, xexéus. 1935 Jorge de Lima *Calunga* i. 15: Um vendedor de passaros veiu com uma gaiola; pinta-silgos, guritans, sangue-de-boi, curiós xexéus, galos campina.

Z

zabucai *s.m.* [< T. ?].

Peixe da família dos carangídeos, abacatuaia.

1587 G. S. Sousa *Notícia do Brasil* (ed. Pirajá da Silva, II. cxxxiv. 208): Há outro peixe que morre nas rêdes, a que os índios chamam zabucai, e os Portugueses galo, o qual é alvacento, muito delgado e largo, com uma bôca pequenina, e faz na cabeça uma feição como crista, e nada de peralto; êste peixe é muito leve e saboroso.

ÍNDICES

Considerou-se indispensável, em razão da própria estrutura do Dicionário, preparar três índices de vocábulos, cujas características a seguir se indicam.

1. *Índice analítico dos étimos tupis.* Complemento natural das notícias etimológicas, breves e concisas, que integram os verbetes do Dicionário, este índice registra, a par das formas tupis documentadas nos textos portugueses dos séculos XVI e XVII — particularmente as que foram também arroladas no valioso *Vocabulário na língua brasílica* (VLB) — outras que, apesar de hipotéticas, puderam ser inferidas da própria estrutura da língua tupi. A ordem de registro é a do alfabeto tupi aqui adotado, a saber: a, ã, e, ẽ, i, ĩ, i̯, ï, k, m, ɱ, n, ñ, n̲, ŋ, o, õ, p, r, s, š, t, u, ũ, u̯, ü̯. Cumpre observar que não ocorrem, como iniciais de vocábulos tupis, os seguintes fonemas: ẽ, ĩ, n̲, ŋ, õ, ũ.

1.1 O principal objetivo deste índice, que reúne sob o mesmo étimo tupi todas as palavras portuguesas etimologicamente correlatas, é proporcionar ao consulente uma visão ampla e nítida das transformações por que passaram os vocábulos tupis na sua adaptação ao português. A documentação histórica da evolução de cada vocábulo português, porém, consta apenas do respectivo verbete do Dicionário, pois não caberia inserir neste índice todas as variantes historicamente documentadas; como se disse acima, este índice é mero complemento das notícias etimológicas incluídas nos verbetes do Dicionário.

2. *Índice de elementos morfemáticos portugueses em palavras de origem tupi.* Apesar de consideravelmente menor do que o anterior, este índice também complementa as notícias etimológicas que integram os verbetes do Dicionário, agrupando sob o mesmo elemento morfemático todos os derivados dos vocábulos portugueses de procedência tupi em que esse elemento ocorre.

3. *Índice das palavras portuguesas e suas variantes.* Neste terceiro e último índice, em que se registraram *todas* as palavras portuguesas e *todas* as variantes estudadas no Dicionário, adotou-se o critério de indicar, em redondo, as palavras que figuram nos títulos dos verbetes e, em itálico, as suas variantes. No registro das variantes fez-se remissão para a palavra que constitui o título do verbete, assim — *goti*: oiti.

3.1 Dois são os objetivos básicos deste índice: 1º) facilitar ao consulente a rápida localização no Dicionário de um determinado vocábulo de seu conhecimento, mas cuja grafia, contudo, difere da que vem habitualmente consignada nos dicionários modernos; assim, por exemplo, o termo *cuati* é comumente registrado nesses dicionários com a grafia *quati*, que aqui se considera mera variante daquela outra forma; ao consultar o índice, o consulente será remetido, então, de *quati* para *cuati*, que constitui o título do verbete; 2º) permitir que o consulente, ao deparar, na leitura de um texto antigo, com uma forma como *abaiba*, por exemplo, que lhe seria completamente estranha, possa, consultando o índice, verificar que se trata de uma das variantes de *embaúba*.

ÍNDICE ANALÍTICO DOS ÉTIMOS TUPIS

a

aí'ke 'entrar' [VLB I. 119: *Entrar* = Aiquê] → **piraiquê.**
aí'pī > **aipim.**
aí'rī > **airi** [VLB II. 68: *Palma ou palmeira não tem genero.* As especies são muitas, (...) Airig, q. tem espinhos (...)] → **airizeiro.**
a'iɲa 'ruim' [VLB II. 108: *Roim cousa, contrario de noua, limpa, bem feita, sam, etc.* = Aiba] → **piraíba, taguaíba.**
'aja 'ácido, azedo' [VLB I. 48: *Azeda cousa* = Aya] → **ubaia** (→ ubaieira) [Cp. 'taja].
aja'ja > **ajajá.**
aja'ka > **jacá** [VLB I. 71: *Cesto entre os Tupis* = Aiacâ].
aje'reɲa > **aiereba** [VLB I. 41: *Arraya* = Jabebîra. Suas especies: Jabebigtinga, Narinari, Narinaripinima e Aiereba].
aju'ru > **ajuru** [VLB II. 64: *Papagayo, gnlr.* = Ajurû. Suas especies são muitas] → **ajuruaçu, ajurucatinga, ajurucurau (ajurucurica), ajuructê, ajuruim, ajuruju, carajuru** (?).
aɟurua'su [< aju'ru 'ajuru' + a'su 'grande'] > **ajuruaçu.**
aɟurue'te [< aju'ru 'ajuru' + e'te 'verdadeiro'] > **ajuruetê.**
aɟuru'i [< aju'ru 'ajuru' + -'i 'pequeno'] > **ajuruim.**
aɟuru'ɟuɲa [< aju'ru 'ajuru' + 'ɟuɲa 'amarelo'] > **ajuruju.**
°aɟuru'ɟuɲa > **jurujuba.**
aɟuruka'tiɲa [< aju'ru 'ajuru' + ka'tiɲa 'catinga, mau cheiro'] > **ajurucatinga.**
aɟuruku'ruka [< aju'ru 'ajuru' + ku'ruka, ko'roka 'resmungão'] > **ajurucurau (ajurucurica).**
aī > **aí** [VLB II. 75: *Perguisa, pello animal assi chamado* = Aig].
aka'ja > **cajá** (→ **cajazeira, cajazeiro**) → **canjerana.**
°akaja'ka > **acaiacá.**
°akaja'rana [< aka'ja 'cajá' + 'rana 'semelhante'] > **canjerana.**
aka'ɟu [> fr. *acajou* > port. **acaju** 'mogno'] > **caju** (→ **acajucatinga** [?], **cajuada, cajual, cajueiro** [→ **cajueiral**], **cajuí, cajupeba, cajuzal, cajuzeiro**).
akaɟu'i [< aka'ɟu 'caju' + -'i 'pequeno'] > **cajuí.**
akaɟuka'tiɲa > **acajucatinga** [VLB I. 70: *Cedro pao* = Acajucatinga].
°akaɟu'peɲa [< aka'ɟu 'caju' + 'peɲa 'chato'] > **cajupeba.**
a'kaɲa 'cabeça' [VLB I. 61: *Cabeça* = Acanga] → **canguçu,** jaguaracanguçu, piracambucu, piracanjuva, tapanhoacanga.
akaɲa'tara [> akaɲi'tara > °akani' tara > °kani'tara] > **canitar.**
°akaɲu'su [< a'kaɲa 'cabeça' + u'su 'grande'] > **canguçu.**
°aka'pu > **acapu** (→ **acapurana**).
°akapu'rana [< °aka'pu 'acapu' + 'rana 'semelhante'] > **acapurana.**
aka'ra > **acará** (→ acará-bandeira, acaracoro, acaracoroi, acaraobi, **acarapeba, acarapitanga, acarapitinga, caranha, carapiaçaba, carapicu,** carapinima, **carataí** [?]).
akara'ãja [< aka'ra 'acará' + 'ãja 'dente'] > **caranha** [VLB II. 70: *Peixe cão* = Acaraãya].
°akarako'ro [< aka'ra 'acará' + ko'roka, ku'ruka 'roncador, resmungão'] > **acaracoro.**
°akarako'roja [< aka'ra 'acará' + ko'roja 'áspero'] > **acaracoroi.**
°akarao'mɲ ī [< aka'ra 'acará' + o'mɲ ī 'verde, azul'] > **acaraobi.**
akarapea'saɲa > **carapiaçaba** [VLB II. 113: *Sargo do Rio* = Acarapeaçaba].
akarape'tiɲa [< aka'ra 'acará' + pe'tiɲa 'de casca branca'] > **acarapitinga.**
akara'peɲa [< aka'ra 'acará' + 'peɲa 'chato, plano, liso'] > **acarapeba.**
°akarapi'nima [< aka'ra 'acará' + pi'nima 'pintado, malhado'] > **carapinima.**
akarapï'taɲa [< aka'ra 'acará' + pï'taɲa 'pardo, avermelhado'] > **acarapitanga.**
°akarapu'ku [< aka'ra 'acará' + pu'ku 'comprido'] > **carapicu.**
°akarata'i > **carataí.**
°aka'ri > **acari²** (→ **acaricuara, acariúba**).
°akari'ɟuɲa [< °aka'ri 'acari²' + 'ɟuɲa 'pé, haste; planta, árvore'] > **acariúba.**
°akari'kuara [< °aka'ri 'acari²' + 'kuara 'buraco'] > **acaricuara.**
akï'kï > **aquiqui** [VLB I. 56: *Bogio não tem genero* (...) Os de barba assi os ruivos como os pretos = Aquigquig, Çaguaçu].
aku'ti > **cutia** (→ **acutibóia, acutipuru**).
akuti'mɲ oja [< aku'ti 'cutia' + 'mɲ oja 'cobra'] > **acutibóia.**
°akutipu'ru [< aku'ti 'cutia' + pu'ru?] > **acutipuru** (→ **cuatipuru**).
a'kuaña 'pênis' [VLB II. 35: *Membrũ uerile* = Tacoãnha, I. Tacoãya. Aîgnha] → **ipecacuanha.**
°ami'saɲa > ǁ **amisaua.**
amïni'ɟu > **maniim, manoiu** [VLB I. 31: *Algodão* = Amignijú].
amo're > **amoré** [VLB II. 42: *Morea, outras de feição de peixe, pretas e sem escamas, q. se crião e uiuem nos mangues dentro das couas dos carãgueijos* = Amore] → **amoreguaçu, amorepocu.**
°amorepu'ku [< amo're 'amoré' + pu'ku 'comprido'] > **amorepocu.**
amoreɰa'su [< amo're 'amoré' + ɰa'su 'grande'] > **amoreguaçu.**
amɲaï'tiɲa > **embautinga** [VLB I. 139: *Figueira do inferno do açeite* = Amaigtinga (...)].
amɲa'ïɲa > **embaúba** [VLB I. 138: *Figo ou figueira* = Ambaiba] → **embaubeira, embautinga.**
amɲï'ɟu 'pelo (de pano), aspereza' [VLB II. 71: *Pelo como de pano* = Çabiju] → **guabiju,** nhanduabiju.
a'mɲ u 'roncar' [VLB II. 108: *Roncar o q. dorme* = Xequerambû] → **pirambu.**
amɲ u'a > **ambuá** [VLB I. 70: *Centopea* = Ambuâ].
ana'kã > **anacã.**
°a'niɲa > **aninga** (→ **aningal**).
a'nu > **anu.**
°aña'ïɲa (< °a'ña [< °'ña < °i'a < ï'a] 'cabaça' + 'ïɲa 'planta') > **anhaíba** (→ **anhaibatã**).
°añaïɲa'tã [< °aña'ïɲa 'anhaiba' + a'tã 'duro'] > **anhaibatã.**
a'ñaɲa > **anhangá** [VLB I. 102: *Diabo* = Anhanga (...)] → **anhangaquiabo, anhangüera, anhanguiara.**
añaɲakï'ɰaɲa [< a'ñaɲa 'diabo' + kï'ɰaɲa 'pente'] > **anhangaquiabo.**
°añaɲ'jara [< a'ñaɲa 'diabo' + 'jara 'senhora'] > **anhanguiara.**
°añaɲ'ɥera [< a'ñaɲa 'diabo' + 'ɥera 'que foi'] > **anhangüera.**
añeeɲa'tã 'falar asperamente, gritar' [VLB I. 138: *Falar aspero* = Anheengatã] → **guriatã.**
a'ñïma > **anhuma** (→ **anhumapoca**).
°añïma'poka [< a'ñïma 'anhuma' + 'poka 'barulhenta, ruidosa'] > **anhumapoca (anhupoca).**
añu'ïɲa > **anhuíba** [VLB I. 65: *Canela do Brasil* = Anhuiba (...)].
a'na > **andá.**
anaɰa'su [< a'na 'andá' + ɰa'su 'grande'] > **andá-açu.**
anï'ra > **andirá** (→ **pirá-andirá**).
anïraoɲaja'riɲa > **andirababapari** [VLB I. 36: *Angelim, pao* = Andi-

râobajariba].

'aŋa 'alma' [VLB I. 32: *Alma* = Anga] → **angüera**, anhangá (→ anhangaquiabo, anhangüera, anhanguiara).

aŋatu'rama > || **angaturama** [VLB I. 57: *Bom em condições* = Marangatû. Angaturama (cp. I. 143, 154, II. 50)].

a'ŋuera (< 'aŋa 'alma' + 'ucra 'que foi') > **angüera** [VLB I. 32: *Alma do q. ia morreo* = Anguera].

°apa'pa > **apapá** (→ pirá-**apapá**).

a'para 'torto' [VLB II. 133: *Torta cousa como uara, etc.* = Apara. Parî. Apẽ. Candur] → **caapara**, membi**apara**, suaçu**apara**, tatu**apara**.

a'pe > **apé** [VLB I. 68: *Casca de fruita molle como de figo etc.* = Apẽ. E Pira] → acara**pitinga**, **apeíba**, pira**pitinga**, pi**tinga**, **pititinga**.

ape'ïua > **apeíba** [VLB II. 7: *Jangada, o pao dellas* = Apeigba].

apeku'mã > **picumã**.

ape'kũ > **apicu** [VLB II. 22: *Lingoa, pello membro* = Apecũ].

apere'a > **preá** [VLB II. 18: *Laparo* = Apereâ].

°ape'rema > **aperema**.

°apia'ka > **apiacá**.

apiŝa'î > **pixaim** [VLB I. 85: *Crespina de negro de Guine* = Acangapixaî. Metaphorice].

apï'tãma 'feixe' [VLB I. 64: *Cambada de qualquer cousa* = Apigtãma] → jabu**tapitá**.

a'poã 'beiço, lábio superior' [VLB I. 53: *Beiço de cima* = Apoã] → boi**tiapuá**.

apu'a 'redondo' [VLB II. 99: *Redonda como bola* = Apuâ] → ara**puã**, pira**puã**, ticua**rapuã**.

°apu'i > **apuí** (→ **apuizeiro**).

'ara 'tomar, colher' [VLB II. 130: *Tomar como quer* = Aiar, act.] → irara.

°ara'ku > **aracu**.

ara'kuã > **aracuã**.

arama'sa > **aramaçá**.

arapa'pa > **arapapá**

°arapa'ri > **arapari**.

arapï'taŋa > fr. *arabouten* > **arabutã**.

°ara'puka > **arapuca**.

a'rara > **arara** (→ **arara**mbóia, **arara**úba, **arara**úna, **arara**rica [?], caia**rara**, pi**rara**).

ara'ra > **ararâ**.

°arara'ïua > **araraúba**.

°arara'ŋoia > **ararambóia**:

arara'una (< a'rara 'arara' + 'una 'preto') > **araraúna**.

°arari > **arari**[1], **arari**[2].

°ararï'ua > **araribá**.

°ara'roua > **araroba**.

ara'sa > **araçá** (→ **araçanhuna**, **araçazal**, **araçazeiro**).

arasa'ri > **araçari**.

°arasa'una (< ara'sa 'araçá' + 'una 'preto') > **araçanhuna**.

°ara'soia > **araçóia**.

ara'taka > **arataca**[2] [VLB I. 41: *Armadilha que tomba com peso ou estalando* = Mundê. Suas especies: Mundê arataca. Mundê picá, (...)].

°ara'taka > **arataca**[1].

aratï'ku > **araticum** (→ **araticum**-panã, **araticunzeiro**).

°aratïkupa'nã > **araticum-panã**.

ara'tu > **aratu** [VLB I. 67: *Caranguejo não tem gro* = Os grãdes do mato. Guanhumyg (...) Os vermelhos tambem dos mangues. Aratû (...)] → **aratuém**.

°aratu'ê (< ara'tu 'aratu' + e'ẽ 'sápido') > **aratuém**.

°aratu're > **araturé**.

ara'una: v. ŭïra'una.

araue'ri > **arauiri** [VLB II. 113: *Sardinhas* = Araberi, diuersas] → **lambari** (< °alambari < °arambari < °aramberi < araberi < T. araue'ri [?]).

araŭa'i > **araguai**.

araŭa'ŭa > **araguaguá** [VLB I. 125: *Espadarte, peixe* = Aragoagoâ. *Ib.* II. 70: *Peixe espada* = Aragoagoa].

are'rãja > **ariranha** [VLB II. 24: *Lontra* = Iagoapopeba. Guairacâ. Arcraya, este he mayor].

°arua'na > **aruanã**.

°aru'ŋe > **arubê**.

°asa'ku > **açacu**.

a'su 'grande' > **açu** [Cp. ŭa'su].

°ašu'a > **axuã**.

a'ta: v. ta'ta.

a'tã 'duro' [VLB I. 107: *Dura cousa. Adiectiuo ou duramente* = Atã] → anhaibatã, jacarandatã, miapeatã, piriantã, viatã.

a'ti > **ati** (→ atingaçu).

°atia'ti (< a'ti + a'ti) > **atiati**.

atiŋa'su > **atingaçu** [VLB I. 146: *Gaiuota* = Atingaçû].

°atu'ra > **aturá**.

°aturi'a > **aturiá**.

'aua 'cabelo' [VLB I. 61: *Cabelo da cabeça* = Aba] → enduape, guaraciaba.

a'ua 'homem' [VLB I. 154: *Homê ou pessoa, a diferença de brutos* = Abâ] → abaetê, abuna.

auae'te (< a'ua 'homem' + e'te 'verdadeiro') > **abaetê**.

auae'te (auai'te) > **abaeté** [VLB II. 34: *Medonha cousa* = Abaete. *Ib.* II. 125: *Temerosa cousa como quer* = Abaete].

auakatu'aja > **abacatuaia** [VLB II. 70: *Peixe galo* = Abacatuajaba].

aua're > **abaré** [VLB I. 75: *Clerigo ou frade* = Abarê] → **abaruna**.

°aua'runa (< aua're 'abaré' + 'una 'preto, negro') → **abaruna**.

aua'ti 'milho' > **abati** [VLB II. 30: *Milho, gnrl.* = Abati] → **abativi**.

°auati'ï (< aua'ti 'abati' + -'ï 'sumo, caldo') > **abativi**.

°a'uiu > **abiu** (→ **abiu**rana).

°auiu'rana (< °a'uiu 'abiu' + 'rana 'semelhante') > **abiurana**.

°a'uuna (< a'ua 'homem' + 'una 'preto') > **abuna**.

aŭa'pe > **aguapé** [VLB I. 149: *Golfão das alagoas* = Agoape. Agoapeaoba] → **aguapeaçoca**.

aŭapea'soka > **aguapeaçoca**.

aŭa'ra > **guará**[3] [VLB II. 23: *Lobo, animal* = Aguaraguaçû] → **guaracão**, **guaraxaim**, **guaruçá**.

aŭarakï'ña > **aguaraquiá** [VLB I. 121: *Erua Moura* = Aguaraquiynha].

°aŭarasa'i > **guaraxaim**.

aŭarau'sa > **guaruçá** [VLB I. 67: *Caranguejo não tem gro.* (*scil.* gênero) = Os grãdes do mato. Guanhumyg (...) Hũs q. andaõ pla praya. Aguarãuçâ (...)].

aŭa'ta 'andar' [VLB I. 35: *Andar* = Aguatâ] > **atá** (**andar ao -**).

ã

'ãja 'dente' [VLB I. 94: *Dentes* = Tânha] → **caranha**, meru**anha**, piaba**nha**, pi**ranha** (→ pi**ranha**tinga).

e

e'ẽ 'sápido, que tem muito sabor (doce ou salgado)' → aratuém, bura**nhém** (?), pira**êm**, uba**êm**.

e'ira 'mel' [VLB II. 35: *Mel dabelhas* = Eira] → arapuã (→ **arapuado**), **irara**, **iru**, **iruçu**, tataíra.

eirapu'a [VLB I. 18: *Abelha, gnlr.* = Eiruba, tem muitas especies. Ybiraigpig. jatei. Eiruçu. Eirapua] > **arapuã** (→ **arapuado**).

ei'rara (< e'ira 'mel' + 'ara 'tomar, recolher') > **irara**.

°e'iru > **iru** [Cp. ei'ruua ~ VLB I. 18: *Abelha, gnlr.* = Eiruba, tem muitas especies (...)] → **iruçu**.

eiru'su > **iruçu** [VLB I. 18: *Abelha, gnlr.* = Eiruba, tem muitas especies (...) Eiruçu. Eirapua].

ei'šu > **enxu** [VLB I. 55: *Bespas* = Caba. Suas especies. Taturana; (...) Eyxu (...)] → **enxuí**.

eišu'a > **eixuá** [VLB I. 125: *Esmirilhão, aue de rapina* = Eixuâ. Eixuaguaçû. Eixuâmiri].

eišu'i > **enxuí** [VLB I. 55: *Bespas* = Caba. Suas especies. Taturana; (...) Eyxui; (...)].

e'ŋe 'lábio inferior; borda, beira' [VLB I. 53: *Beiço de baixo* = Tembê se he de homem, e se não Cembê] → **itaimbé**.

e'sa 'olho' [VLB II. 56: *Olho, ou olhos* = Teçâ. Teçacoara] → jaguaru**çá**, saaçu, sapiranga, sapiroca (→ sapiroquento), saúna, tapire**çá**, ubaxainha.

esaa'su (< e'sa 'olho' + a'su 'grande') > **saaçu**.

°esapi'raŋa (< e'sa 'olho' + pi'raŋa 'vermelho') > **sapiranga**.

°esapi'roka (< e'sa 'olho' + pi'roka 'esfolado') > **sapiroca** (→ **sapiroquento**).

e'te 'verdadeiro' [VLB II. 144: *Uerdadeira cousa, contraria de contrafeita* = *Eté* → abaetê, ajuru**etê**, caetê, caraetê, cui**etê** (→ cuitezeira), iga**ritê**, jaguaretê, suaçuetê, taiaçuetê, tapiretê.

i

-'ĩ 'pequeno' → ajuruĩm, cajuí, caracaraí, comandoí (?), enxuí, guajaraí, juquiraí, pacuí, picuí, socoí, taciaí, taquarí, tatuí[1] (tatuí[2]), ubaxaĩnha (?).

i*ŋ*a'rema 'alho' [Cp. ĩ*ŋ*ĩra'rema].

ina'ia > **anajá** [VLB II. 63: *Palma ou palmeira não tem genero.* As especies são muitas, mas nenhũa se nomea senão pola fruita, saluo a principal delas com q. se cobrem as casas que se chama Pindoba. E o fruito della Ynajá].

°ina'ie > **anajé** [Cp. °i*n*a'ie].

ina'*ŋ*u > **inambu** [VLB I. 76: *Codornis* = Ynambutininga] → **piranambu.**

ini'*ŋ*o > **inimbó** [VLB I. 139: *Fio grosso como da rede* = Ynĩbô. *Ib.* II. 28: *Linha grossa ou fio como barbante, etc.* = Ynimbô].

°i*n*a'ia > **indaiá** [Cp. ina'ia].

°i*n*a'ie > **indaié** [Cp. °ina'ie].

i'*ŋ*a > **ingá** (→ **ingarana, ingazeira, ingazeiro**).

i*ŋ*a'pema: v. ĩã'pema.

°i*ŋ*a'rana (< i'*ŋ*a 'ingá' + 'rana 'semelhante') > **ingarana.**

ipe'kũ > **ipecu** [VLB II. 76: *Peto* = Ipecũ: este he o principal da cabeça uermelha: (...)].

°ire're > **irerê.**

i'ta 'pedra, ferro' [VLB II. 69: *Pedra gnlr.* = Itã. *Ib.* I. 138: *Ferro, o metal* = Itã] → **ibiraitá, itacuatiara, itaicica, itaimbé, itaipava** (?), **itamembeca, itamotinga** (?), **itaoca[1]** (?), **itaoca[2]** (?), **itapicuru** (?), **itapuá** (?), **itaúba, tamaracá, tamarana, tamatarana, tangapema, tembetá.**

itai*ŋ*a'pema 'espada de ferro' (< i'ta 'pedra, ferro' + i*ŋ*a'pema [ĩã'pema] 'espada') > **tangapema** [VLB I. 125: *Espada de ferro* = Itaĩgapẽma].

°itai'pa*ŋ*a > **itaipava.**

itaĩ'sĩka > **itaícica** [VLB I. 32: *Almecigua* = Ygcìca. A dura q. serue de louça. Itaìcica].

°ita'ĩ*ŋ*a (< i'ta 'pedra' + 'ĩ*ŋ*a 'planta') > **itaúba.**

°itaku*ŋ*a'tiara (< i'ta 'pedra' + ku*ŋ*a'tiara 'pintura') > **itacuatiara.**

itamara'ka > **tamaracá** [VLB I. 65: *Campa pello cino* = Jtamaracâ. *Ib.* II. 118: *Sino, ou Campa* = Itamaracâ. Cp. mara'ka.

°itama'rana (< i'ta 'pedra' + ma'rana 'guerra') > **tamarana.**

itame'*ŋ*eka (< i'ta 'pedra' + me'*ŋ*eka 'mole') > **itamembeca.**

°itamo'ti*n*a > **itamotinga.**

ita'*ŋ*e (< i'ta 'pedra' + e'*ŋ*e 'lábio inferior; borda, beira') > **itaimbé.**

°ita*ŋ*e'ta (< i'ta 'pedra' + *ŋ*e'tara 'metara') > **tembetá.**

°ita*ŋ*eta'rana (< °ita*ŋ*e'ta 'tembetá' + 'rana 'semelhante') > **tamatarana.**

ita'oka > **itaoca[1], itaoca[2].**

ita'pu*ŋ*a > **itapuá.**

ita'sĩu*ŋ*a 'formiga' [VLB I. 142: *Formiga não tem genero* = A ruiua. e grande q. come as prantas Ygçauba (...) outras piqueninas. Jtaciba] → **taciaí, tacibura, tacicema.**

i'tã > **itã** [VLB II. 37: *Mexilhões dagoa doce* = Itãmirĩ. as mayores pintadas. Turumũbu. as muito grãdes. Itãguaçũ].

į

į*k*a'mĩ > **jacamim.**

į*k*ara'*n*a > **jacarandá** (→ **jacarandatã**).

°į*k*ara*n*a'tã (< į*k*ara'*n*a 'jacarandá' + a'tã 'duro') > **jacarandatã.**

į*k*a're > **jacaré** [VLB II. 17: *Lagarto dagoa* = Iacare. outro Ururá] → **jacarepinima, jacaretinga, jacareúba, jacarezada.**

°į*k*are'*n*a (< į*k*a're 'jacaré' + 'ĩ*n*a 'planta') > **jacareúba.**

į*k*arepi'nima (< į*k*a're 'jacaré' + pi'nima 'pintado, manchado') > **jacarepinima.**

°į*k*are'ti*n*a (< į*k*a're 'jacaré' + 'ti*n*a 'branco') > **jacaretinga.**

į*k*ĩ'rana 'cigarra' [VLB I. 74: *Cigarra* = Yaquirana] → **jaquiranabóia.**

°į*k*ĩra*n*a'*ŋ*oia (< į*k*ĩ'rana 'cigarra' + '*ŋ*oia 'cobra') > **jaquiranabóia.**

į*k*u > **jacu** (→ **jacucaca, jacuguaçu, jacupema, jacurutu, jacutinga**).

į*k*u'kaka > **jacucaca.**

°į*k*uma'ĩ*n*a (< į*k*u'mã 'jacumã' + ĩ'*n*a 'guia, cabo, chefe') > **jacumaíba.**

į*k*u'mã: v. ñaku'mã.

į*k*u'*n*a > **jacundá.**

į*k*u'pe*ŋ*a (< į*k*u 'jacu' + 'pe*ŋ*a 'anguloso') > **jacupema.**

°į*k*urua'ru > **jacuruaru.**

į*k*uru'tu > **jacurutu** [VLB I. 60: *Bufo, passaro* = Jacurutú].

į*k*u'ti*n*a (< į*k*u 'jacu' + 'ti*n*a 'branco') > **jacutinga.**

į*k*u*ŋ*a'su (< į*k*u 'jacu' + *ŋ*a'su 'grande') > **jacuguaçu.**

į*k*ama*n*aka'ru (ñama*n*aka'ru) > **mandacaru** [VLB I. 67: *Cardo dos figos* = Nhamãdacarũ].

į*k*a'*ŋ*ĩ (ña'*ŋ*ĩ) > **nhambi** (→ || **nhambucaru** [?]).

į*k*a*ŋ*ĩra'*n*i > **jaburandi.**

į*k*a*ŋ*u'ru > **jaburu** [VLB I. 151: *Grou* = Iaburũ].

į*k*a'*n*ai*k*a > **jandaia.**

į*k*ĩ'pa*ŋ*a (į*k*anĩ'pa*ŋ*a) > **jenipapo** (→ **jenipapeiro**).

į*k*a'*n*u (ña'*n*u) > **nhandu** [VLB I. 110: *Ema, aue* = Nhãdũ] → **enduape** (?).

į*k*anua*ŋ*i'*ŋ*iu (ñanua*ŋ*i'*ŋ*iu) [< į*k*anu'ĩ 'nhanduí' + a*ŋ*i'*ŋ*iu 'pelo (de pano), aspereza'] > **nhanduabiju.**

į*k*anu'ĩ (ña*n*u'ĩ) > **nhanduí** [VLB I. 40: *Aranha* = Nhãduì] → **nhanduabiju, nhanduaçu.**

į*k*anuũa'su (ña*n*uũa'su) [< į*k*anu'ĩ 'nhanduí' + ũa'su 'grande'] > **nhanduaçu.**

į*k*apaka'ni > **japacanim.**

į*k*apara'*n*ĩu*k*a > **japaranduba.**

°į*k*aperuia'ũara > **japerujaguara.**

į*k*apika'i > **japicaí** [VLB I. 51: *Barbasco, não tem genero* = Timboguaçũ. Timbopiriãna, jbiratimbo. Yapicai; e o sumo de cada hum destes Tinguì].

į*k*a'pĩ > **japu.**

°į*k*apĩ'ka*ŋ*a > **japecanga.**

'į*k*ara 'senhor (dono), senhora (dona)' > **iara** [VLB II. 116: *Senhor cuja he a cousa* = Jara; *Senhora cuja he a cousa* = Jara] → **anhanguiara, ibijara, puçanguara.**

į*k*arakati'a > **jaracatiá.**

°į*k*ara'ki > **jaraqui.**

į*k*ara'raka > **jararaca** [VLB I. 76: *Cobra* = Boya Gnro. suas especies são muitas. As q. matão. Jararaca. Boypeba (...)] → **jararatapeba, jararacuçu, jararaguaipitanga.**

į*k*araraka'pe*ŋ*a (< į*k*ara'raka 'jararaca' + 'pe*ŋ*a 'chata') > **jararacapeba.**

į*k*araraku'su (< į*k*ara'raka 'jararaca' + u'su 'grande') > **jararacuçu.**

į*k*araraũaipĩ'ta*ŋ*a (< į*k*ara'raka 'jararaca' + 'ũai*ŋ*a 'rabo, cauda' + pĩ'ta*ŋ*a 'pardo') > **jararaguaipitanga.**

į*k*asa'nã > **jaçanã.**

į*k*asa'pe > **sapé** [VLB II. 62: *Palha carga* = Yaçapê] → **ensapezado, sapezal, sapezeiro.**

į*k*asapu'kai*ŋ*a > **sapucaia** (→ **sapucaieira**).

°į*k*a'sina > **jacina.**

°į*k*asi'tara > **jacitara.**

į*k*ate'ĩ > **jataí[2]** [VLB I. 18: *Abelha, gnlr.* = Eiruba, tem muitas especies, Ybiraigpig. jateì. Eiruçu. Eirapua].

°į*k*ati'ka > **jaticá.**

į*k*ati'ũ (ñati'ũ) > **jatium** [VLB II. 43: *Mosquitos que mordem* = Piũ: estes são os borrachudos, os das pernas compridas Nhatiũ, (...)].

į*k*a'u > **jaú** [VLB I. 50: *Bagres dagua doce* = Nhũdiâ; Mãdij; Pirãacãmucú; Jaú; este he muito grande].

į*k*ue'*ŋ*ĩra > **jabebira** [VLB I. 41: *Arraya* = Jabebìra (...)] → **jabebirapinima.**

į*k*ue*ŋ*ĩrapi'nima (< į*k*ue'*ŋ*ĩra 'jabebira' + pi'nima 'pintado, manchado') > **jabebirapinima.**

į*k*uo'ti > **jabuti** [VLB I. 62: *Cagado da terra* = Jaboti] → **jabota, jabutipeba.**

į*k*uoti'ka*ŋ*a > **jabuticaba** (→ **jabuticabal, jabuticabeira**).

į*k*uoti'pe*ŋ*a (< į*k*uo'ti 'jabuti' + 'pe*ŋ*a 'chato') > **jabutipeba.**

į*k*ũaka'tĩ > **jaguacati.**

°į*k*ũa'pe*ŋ*a (< į*k*a'ũara 'cão, onça, jaguar' + 'pe*ŋ*a 'chato') > **jaguapeva.**

į*k*ũapĩ'ta*ŋ*a (< į*k*a'ũara 'jaguar, onça' + pĩ'ta*ŋ*a 'avermelhado, pardo') > **jaguapitanga** [VLB II. 96: *Rapoza* = Jagoapitanga, não no parecer, nem no officio (...)].

į*k*ũapo'pe*ŋ*a > **jaguapopeba** [VLB II. 24: *Lontra* = Iagoapopeba (...)].

į*k*a'ũara > **jaguar** [VLB II. 56: *Onça, ou tigre* = Iaguara. Iaguaretê suas especies, Cigoaçuarana: Jaguapitãguçũ; he na feição, e não na cor. *Ib.* I. 65: *Cão, animal* = Jagoara, Jagoamîbaba] → **jaguacininga, jaguané, jaguapeva, jaguapitanga, jaguapopeba** (?), **jaguaracanguçu, jaguararuapem, jaguaretê, jaguaruçá, jaguaruçu, jaguatirica, japerujaguara** (?), **pirajaguara, urujaguara.**

°į*k*ũarai'sika > **jauaraícica.**

į*k*ũarakan*n*u'su (< į*k*a'ũara 'jaguar, onça' + a'ka*ŋ*a 'cabeça' + u'su 'grande') > **jaguaracanguçu.**

°ịaũararua'pẽ > **jaguararuapem.**
°ịaũa're > **jaguané.**
ịaũare'sa (< ịa'ũara 'jaguar' + e'sa 'olho') > **jaguaruçâ.**
ịaũare'te (< ịa'ũara 'jaguar' + e'te 'verdadeiro') > **jaguaretê** [VLB II. 56: *Onça, ou tigre* = Iaguara. Iaguaretê (...)].
°ịaũa'roṇa > **jaguaroba.**
ịaũaru'su (< ịa'ũara 'jaguar' + u'su 'grande') > **jaguaruçu.**
ịaũasi'niṇa (< ịa'ũara 'jaguar, onça' + si'niṇa 'retinir') > **jaguacininga** [VLB II. 96: *Rapoza* = Jagoapitanga, não no parecer, nem no officio. Outra Coati, no parecer, mas não no officio. Jaguacining, no parecer e no offº].
°ịaũati'rika (< ịa'ũara 'jaguar' + ti'rika 'ruído de estalo') > **jaguatirica.**
ịe'ịu > **jeju.**
ịeĩ'sara: v. ịĩ'sara.
°ịeĩsaruame'ɳeka: v. °ịĩsaruame'ɳeka.
ịeke'i > **jequi** [VLB I. 84: *Coudo de peixe* = Jequeâ: outros piquenos sẽ nassinho. Jequeî].
ịekĩtĩũa'su > **jequitiguaçu.**
ịene'una > **jeneúna.**
°ịere're > **jererê.**
°ịeri'ṵa > **jerivá.**
ịeta'i > **jataí**[1] (→ **jataíba, jataicica, jataí-mondé, jataipeba, jataizeiro, jatobá, jatuaíba**).
ịetaĩmu'ne (< ịeta'i 'jataí[1]' + mu'ne 'armadilha') > **jataí-mondé.**
ịetaĩ'peṵa (< ịeta'i 'jataí[1]' + 'peṵa 'chato') > **jataipeba.**
°ịetaĩ'sĩka (<ịeta'i 'jataí[1]' + ĩ'sĩka 'resina' ~ Cp. itaĩ'sĩka) > **jataicica.**
ịeta'ĩṵa > **jataíba.**
ịe'tiṇa (ñe'tiṇa) > **jitinga** [VLB II. 43: *Mosquitos, como de vinho* = Nhẽtĩgaruru: outros tambem piquenos que acodem às feridas e põe cancere. Nhetĩga].
ịetĩ'ĩ (< ịe'tĩka 'jetica' + -'ĩ 'sumo, caldo') > **jetivi.**
ịe'tĩka > **jetica** [VLB I. 53: *Batata* = Jetica] → **jeticuçu, jetivi.**
ịetũku'su (< ịe'tĩka 'jetica, batata-doce' + u'su 'grande') > **jeticuçu.**
°ịetĩ'ṵa (< ịetaĩ'ṵa < ịeta'i 'jataí[1]'|+ ĩ'ṵa 'fruta') > **jatobá.**
ịetua'ĩṵa > **jatuaíba.**
ịĩkĩtĩ'ṵa > **jequitibá.**
ịĩ'ɳoịa > **jibóia** [VLB I. 76: *Cobra* = Boya Gnro. (*scil.* gênero) suas especies são muitas (...) Giboya. grandissima da terra, (...)] → **jiboiaçu.**
ịĩɳoịa'su (< ịĩ'ɳoịa 'jibóia' + a'su 'grande') > **jiboiaçu.**
ịĩ'rĩṵa > **juruva.**
ịĩ'sara (ịeĩ'sara) > **juçara** (→ **nhaçaruamembeca**) [Cp. T. ịeĩsaru'â 'palmito da juçara' (< ịeĩ'sara 'juçara' + su'ã 'palmito') ~ VLB II. 63: *Palmito de qualquer palma* = Çuã. O .c. he relatiuo, e se se nomea o proprio nome da palmeira perde o .c. ut. Pindobuã. Patiruã. Jeiçaruã, etc.].
°ĩisaruame'ɳeka (°ịeĩsaruame'ɳeka) [< ịĩsaru'ã (ịeĩsaru'ã) 'palmito da juçara' + me'ɳeka 'mole'] > **nhaçaruamembeca.**
ịu'a > **juá** (→ **juarana** [?], **juazeiro**).
ịu'i > **juí** [VLB II. 96: *Rã dagoa* = Iuî: especies são muitas] → **jia, juiguaraigarai, juijiá, juiperega, juiponga.**
ịui'poṇa (< ịu'i 'juí' + 'poṇa 'sonante') > **juiponga.**
ịu'ka 'matar' [VLB II. 33: *Matar como quer* = Ajuca] → **jucá, jucá (pau de -).**
ịu'kĩra 'sal' [VLB II. 111: *Sal* = Iuquigra] → **juquirai.**
ịukĩra'i (< ịu'kĩra 'sal' + -'i 'pequeno') > **juquirai.**
ịukĩ'ri > **juquiri** (→ **jequiri** [?]).
ịukĩ'taịa > **jiquitaia** [VLB II. 112: *Sal-pimenta* = Juquigtaya].
ịuṇi'a (ñuṇi'a) > **jandiá** [VLB I. 50: *Bagres dagua doce* = Nhũdiâ (...)].
ịupa'ra > **jupará.**
ịu'ra > **jirau.**
ịura'ra > **jurará** [VLB I. 62: *Cagado dagoa* = Jurara] → **jurarapeba.**
ịurara'peṵa (< ịura'ra 'jurará' + 'peṵa 'chato') > **jurarapeba.**
ịuruku'ũa > **jurucuá** [VLB II. 125: *Tartaruga* = Jurucuguâ. Unũanã].
ịuru'mũ > **jerimum** (→ cuie**jurimu, jerimu**zeiro).
ịurupa'ri > **jurupari** [VLB I. 102: *Diabo* = Anhanga. Este he como gro. (*scil.* gênero) especie Curupira, Taguaíba. Jurupari. Taũba, Aguaçaig. Guaiupĩa. etc.].
°ịuru'poka > **jurupoca.**
ịuru'ti > **juriti.**
ịuru'ụeṵa > **jurubeba** (→ **jurubeba**[1]).
ịu'sana (ñu'sana) > **juçana** [VLB II. 17: *Laço pera tomar* = Nhuçãna].
'ịuṵa 'amarelo' [VLB I. 33: *Amarela cor* = Juba] → **ajuberaba,** ajuru**ju,** caba**juba, guarajuba, guri**ju**ba,** juru**juba,** mura**juba**[1], mura**juba**[2], nambi**juba,** piracan**juva,** pira**juba,** sabiju**juba,** sucuri**juba,** tui**juba.**
°ịuṵe'raṵa (< 'ịuṵa 'amarelo' + ṵe'raṵa 'brilhante') > **ajuberaba.**

ĩ

'ĩ 'água' [VLB I. 24: *Agoa* = Ig] → **ipueira, ipupiara.**
-'ĩ 'sumo, caldo, liquido' → **abativi, jetivi, nanaui.**
ĩ'a 'cabaça, cuia' > **iá**[ĩ'a > °i'a > °'ña > °a'ña > **anhá**] [VLB I. 61: *Cabaça ou cabaço inteiro ou com buraco somentes* = Jgâ] → **anhaíba** (→ **anhaibatã**).
°ĩa'po > **igapó.**
ĩ'ara > **igara** [VLB I. 52: *Barca ou barco gnlr. e toda a embarcação* = Jgara] → **ibiraigara, igaraçu, igarapé, igaraúna, igarité.**
°ĩara'pe (< ĩ'ara 'igara' + 'pe 'caminho') > **igarapé.**
°ĩara'su (< ĩ'ara 'igara' + a'su 'grande') > **igaraçu.**
°ĩara'una (< ĩ'ara 'igara' + 'una 'preto') > **igaraúna.**
ĩare'te (< ĩ'ara 'igara' + e'te 'verdadeiro') > **igarité** [VLB I. 32: *Almadia, ou canoa de pao* = Ibîrâigara. Igarete, e se he piquenina Cigueoca].
ĩa'saṵa > **igaçaba** [VLB II. 83: *Pote em q. fazem os uinhos* = Igaçaba].
ĩã'pema 'espada de pau' [VLB I. 125: *Espada de pao* = Igãpêma] → **ingapenambi, tangapema.**
ĩãpena'ɳi (< ĩã'pema 'espada de pau' + na'ɳi 'orelha') > **ingapenambi.**
'ĩma 'fuso' [VLB I. 145: *Fuzo de fiar* = Igma] → **munguba** (→ **mungubeira**).
ĩ'ɳĩ 'terra, chão' [VLB II. 127: *Terra* = Igbig] → **biboca, bicuíba, bicuibeira, bicuibuçu, ibiboca, ibĩjara, ibijaú.**
ĩɳĩ'ịara (< ĩ'ɳĩ 'terra, chão' + 'jara 'senhor, senhora') > **ibijara** [VLB I. 76: *Cobra* = Boya Gnro. (...) As q. mataõ (...) Ybijara (...)].
ĩɳĩịa'u > **ibijaú** [VLB II. 50: *Noitiuo passaro* = Ygbigjaũ].
°ĩɳiku'ĩṵa > **bicuíba** (→ **bicuibeira, bicuibuçu**).
°ĩɳĩkuĩṵa'su (< °ĩɳĩku'ĩṵa 'bicuíba' + ũa'su 'grande') > **bicuibuçu.**
ĩɳĩ'ɳoka (< ĩ'ɳĩ 'terra, chão' + 'ɳoka 'abertura, fenda') > **biboca, ibiboca** [VLB I. 76: *Cobra* = Boya Gnro. (*scil.* gênero) suas especies são muitas. As q. matão. Jararaca. Boypeba; (...) Ybiboca, (...) A dos corais, Igbigboca (...)].
ĩ'ɳĩra 'fibra, filamento' [VLB I. 129: *Estopa* = Ygbigra] → **biribá** [Cp. **embira** (< °'ɳĩra)], **ibiriba, pacavira.**
ĩɳĩ'ra 'madeira, pau, árvore' [VLB II. 27: *Madeira ou madeiro, gnlr.* = Igbîrâ. *Ib.* II. 64: *Pao, gnlr.* = Igbigrâ] → **braúna, buranhém** (?), **ibiraçanga, ibiracica, ibiraçoca, ibiracuá, ibiracuatiara,** || **ibiracuatino, ibiracuí, ibiraigara, ibiraipu, ibiraitá, ibirajaca, ibiraobi, ibiraparia, ibirapaúba,** || **ibirapeaponha,** || **ibirapeteruna, ibirapinima, ibirapiranga, ibirapiroca, ibirapocá,** || **ibiraporomocaci, ibirarema, ibiratinga, ibiraúna, iviraɒema.**
ĩɳĩra'eẽ > **buranhém** [VLB I. 147: *Gauea de nauio* = Igbigranhaẽ].
ĩɳĩrai'ta (< ĩɳĩ'ra 'pau' + i'ta 'pedra, ferro') > **ibiraitá.**
°ĩɳĩra'ịaka > **ibirajaca.**
ĩɳĩrai'ara > **ibiraigara** [VLB I. 32: *Almadia, ou canoa de pao* = Ibîrâigara (...)].
ĩɳĩrai'pi > **ibiraipu** [VLB I. 18: *Abelha, gnlr.* = Eiruba, tem muitas especies. Ybiraigpig. jateî. Eiruçu. Eirapua].
ĩɳĩrai'saṇa > **ibiraçanga** [VLB II. 64: *Pao feitiço pera matar, como o q. usão os guaimorés* = Ygbigrãigçanga].
ĩɳĩrai'sĩka (< ĩɳĩ'ra 'madeira, pau' + ĩ'sĩka 'resina') > **ibiracica** [VLB I. 114: *Encenso* = Ybiraigcigca. Ygcigcaapoãgatu].
ĩɳĩra'kụa > **ibiracuá** [VLB I. 76: *Cobra* = Boya Gnro. (*scil.* gênero) suas especies são muitas (...) Ibiracua que sempre esta nos paus e morde de arremeço].
ĩɳĩrakụa'tiara (< ĩɳĩ'ra 'pau' + kụa'tiara 'pintado') > **ibiracuatiara.**
ĩɳĩraku'i (< ĩɳĩ'ra 'pau' + ku'i 'pó') > **ibiracuí.**
ĩɳĩrao'ɳĩ (< ĩɳĩ'ra 'pau' + o'ɳĩ 'verde, azul') > **ibiraobi.**
°ĩɳĩrapa'ĩṵa > **ibirapaúba** [Cp. ĩɳĩrapa'rĩṵa].
ĩɳĩra'para 'arco' [VLB I. 40: *Arco de tirar* = Igbirâpara, mas ia o custume tem Urapara] → **ibirapariba.**
ĩɳĩrapa'rĩṵa (< ĩɳĩra'para 'arco' + 'ĩṵa 'planta') > **ibirapariba.**
ĩɳĩra'peɳa > **ivirapema.**
°ĩɳĩrapi'nima (< ĩɳĩ'ra 'pau' + pi'nima 'pintado, malhado') > **ibirapinima.**
ĩɳĩrapi'raṇa (< ĩɳĩ'ra 'pau' + pi'raṇa 'vermelho') > **ibirapiranga.**
ĩɳĩrapi'roka (< ĩɳĩ'ra 'pau' + pi'roka 'esfolado') > **ibirapiroca.**
ĩɳĩrapo'ka > **ibirapocá** [Cp. ĩ ĩrapo'kaṵa 'espingarda' ~ VLB I. 40: *Arcabus, ou espingarda* = Igbirapocaba].
ĩɳĩra'rema 'pau d'alho' [< ĩɳĩ'ra 'pau' + iɳa'rema 'alho' ~ VLB I. 32: *Alho, ou alhos* = Ibarêma] > **ibirarema.**
°ĩɳĩra'soka > **ibiraçoca.**
ĩɳĩra'tiṇa (< ĩɳĩ'ra 'pau' + 'tiṇa 'branco') > **ibiratinga.**
ĩɳĩra'una (< ĩɳĩ'ra 'madeira, árvore' + 'una 'preta') > **braúna, ibiraúna.**
°ĩɳotipĩ'tã (< ĩɳo'tĩra 'flor' + apĩ'tãma 'feixe') > **jabutapitá.**

ĩɱo'tĩra 'flor' [VLB I. 144: *Frol, absol.* = Ybotigra] → **jabutapitá**.
ĩ'ɱu > **imbu** (→ **imburana, imbuzada, imbuzeiro**).
°ĩɱu'ɲĩɲa (< ĩma 'fuso' + 'ún 'negro' + 'ĩɲa 'árvore') > **munguba** (→ **mungubeira**).
°ĩɱu'rana (< ĩ'ɱu 'imbu' + 'rana 'semelhante') > **imburana.**
°ĩɱu'su > **ubuçu** [Cp. T. °ɱu'su].
ĩ'pe > **ipê** [VLB I. 68: *Casca de pao* = Igpê] → **peroba, peúva.**
ĩpe'ĩɲa (< ĩ'pe 'casca' + 'ĩɲa 'planta') > **peúva.**
ĩ'peka > **ipeca**[1] [VLB II. 68: *Pata, ou pato, gnlr.* = Ypeca] → **ipeca**[2], **ipecacuanha.**
ĩpeka'kuaña (< ĩ'peka 'ipeca[1], pato' + a'kuaña 'pênis') > **ipecacuanha.**
ĩpe'roɲa (< ĩ'pe 'casca' + 'roɲa 'amargo') > **peroba.**
ĩpe'ru > **iperu** [VLB II. 138: *Tubarão* = Yperù] → **japerujaguara** (?).
ĩpupi'ara > **ipupiara** [VLB I. 85: *Cousa má q. anda nagoa* = Ygpupiara].
°ĩ'puera (< ĩ 'água' + 'puera 'que já foi') > **ipueira.**
ĩ'sa > **içá** [VLB I. 142: *Formiga não tem genero* = A ruiua. e grande q. come as prantas. Ygçauba. As q. dellas nascem com azas q. depois enxameão e se comẽ Ygçã, (...)] → **saúva, savitu.**
°ĩsaka'i > **sacaí** (→ **sacaibóia**).
°ĩsakai'ɱoja (< °ĩsaka'i 'sacaí' + 'ɱoja 'cobra') > **sacaibóia.**
ĩsa'uɲa > **saúva** [VLB I. 142: *Formiga não tem genero* = A ruiua. e grande q. come as prantas. Ygçauba (...)].
ĩ'sĩka > **icica** [VLB I. 32: *Almecigua* = Ygcica. A dura q. serue de louça. Itaicica. *Ib.* II. 105: *Rezina* = Igcigca] → **embiricica, ibiracica, icicariba, itaicica, jataicica, jauaraicica, oiticica.**
°ĩsĩka'rĩɲa (< ĩ'sĩka 'resina' + 'ĩɲa 'planta') > **icicariba.**
ĩsĩ'po > **cipó** [VLB II. 145: *Uime, ou semelhante pera atar* = Igcipo (...)] → **cipoada**[1], **cipoada**[2], **cipoal.**
'ĩɲa 'pé, haste (de planta); planta, árvore' [VLB II. 62: *Palha astea, ou cana como de milho, arros, trigo e tudo o q. da semente* = Ygba] → **acariúba, anhaíba, anhaibatã, anhuíba, apareíba, apeíba, araraúba, bicuíba** (→ **bicuíbeira**), **bocaiúva, cabureíba, canapaúba, caraíba**[2], **carapanaúba, carnaúba** (→ **carnaubal, carnaubeira**), **catanduva, copaíba** (→ **copaibeira, copaibuçu**), **cuaxinguba, cuiaíba, cupiúba, curupicaí, embaúba** (→ **embaubeira, embautinga**), **gargaúba, grexiuruba, guariúba, ibiraparíba, ibirapaúba, ibiríba, icicariba, inaúba, itaúba, jacareúba, jacuíba, japaranduba, jataíba, jatuaíba, jundiaíba, macacaúba, maçaranduba** (→ **maçarandubeira**), **manaíba** (→ **manaibuçu**), **marajaíba, mirindíba, miúva, mocitaíba,** || **moxiricuíba, mucaiúba, mucuíba, munguba** (→ **mungubeira**), **paracuuba, paraparaíba, parnaíba,** || **passaraíva, paxiúba, peúva, pindaíba,** || **pritiuba,** || **quaparaíva, quiriba, sambaíba, sapuva, sereíba, sucuuba, taquariúba, tatajuba, timbaúba, tinguaciba, uapé, upiaúba, urundeúva.**
ĩ'ɲa 'fruta' [VLB I. 114: *Fruita* = Igbã] → **abacaxi, açaí** (→ **açaizal, açaizeiro**), **anani, araribá, babaçu, bacaba** (→ **bacabeira**), **bacupari** (→ **bacuparizeiro**), **bacuri, bacuripari, bacurubu, biribá, gaponga, guabiju, guabiroba** (→ **guabirobeira**), **guacuri, guaiaimbira, guajará** (→ **guajaraí**), **guajeru, guamirim, guanandi** (→ **guanandirana**), **guapeba** (→ **guapebeira**), **guarantã, guarumá, guatambu, ibabiraba, ibacamuci, ibamirim,** || **ibanemixama, ibapuringa,** || **ibaraè,** || **ibarúba,** || **ibaxùma,** || **iberàba, jatobá, jequitibá** (?), **jerivá, taperebá** (→ **taperebazeiro**), **uacá** (?), **uacumã** (?), **ubaém, ubaia** (→ **ubaieira**), **ubapeba, ubapitanga, ubatinga, ubaxainha.**
ĩ'ɲa 'guia, cabo, chefe' [VLB I. 152: *Guia como na dança* = Igbâ] → **jacumaíba.**
ĩɲa'cê (< ĩ'ɲa 'fruta' + e'ẽ 'sápido') > **ubaém.**
°ĩɲaesa'i (< ĩ'ɲa 'fruta' + e'sa 'olho' + -'i 'pequeno') > **ubaxainha.**
ĩ'ɲaja (< ĩ'ɲa 'fruta' + 'aja 'ácida, azeda') > **ubaia** (→ **ubaieira**).
°ĩɲaja'ɱĩra > **guaiaimbira.**
°ĩɲaja'ra > **guajará** (→ **guajaraí**).
°ĩɲajara'i (< °ĩɲaja'ra 'guajará' + '-i 'pequeno') > **guajaraí.**
ĩɲaju'ru > **guajeru.**
°ĩɲa'kaa > **uacã.**
ĩɲakamu'si (< ĩ'ɲa 'fruta' + kamu'si 'pote') > **ibacamuci.**
°ĩɲaka'ti (< ĩ'ɲa 'fruta' + °ka'ti 'recendente') > **abacaxi.**
°ĩɲa'kaɲa > **bacaba** (→ **bacabeira**).
°ĩɲaku'mã > **uacumã.**
°ĩɲakupa'ri > **bacupari** (→ **bacuparizeiro**).
ĩɲaku'ri > **bacuri, guacuri.**
°ĩɲakuripa'ri > **bacuripari.**
°ĩɲakuru'ɱu > **bacurubu.**
ĩɲamĩ'rĩ (< ĩ'ɲa 'fruta' + mĩ'rĩ 'pequeno') > **guamirim, ibamirim.**
°ĩɲa'ɱi'ju > **guabiju.**
°ĩɲana'ni > **anani.** Cp. ĩɲana'ni.
ĩɲana'ni > **guanandi** (→ **guanandirana**).
ĩɲanani'rana (< ĩɲana'ni 'guanandi' + 'rana 'semelhante') > **guanandirana.**
°ĩɲa'pe (< 'ĩɲa 'planta' + 'peɲa 'chata, plana') > **uapé.**
ĩɲa'peɲa (< ĩ'ɲa 'fruta' + 'peɲa 'chata') > **guapeba** (→ **guapebeira**), **ubapeba.**
ĩɲapĩ'taɲa (< ĩ'ɲa 'fruta' + pĩ'taɲa 'avermelhado') > **ubapitanga.**
°ĩɲa'poɲa (< ĩ'ɲa 'fruta' + 'poɲa 'que ressoa, sonante') > **gaponga.**
°ĩɲara'ɱu > **guarabu.**
°ĩɲara'tã > **guarantã.**
ĩɲara'ũa > **guaraguá** [VLB II. 70: *Peixe Boi* = Ygoaragoa].
°ĩɲari'a > **uariá.**
°ĩɲaru'ma > **guarumá.**
°ĩɲasa'i > **açaí** (→ **açaizal, açaizeiro**).
°ĩɲata'ɱu > **guatambu.**
°ĩɲa'tiɲa (< ĩ'ɲa 'fruta' + 'tiɲa 'branca') > **ubatinga.**
ĩɲaɥe'raɲa (< ĩ'ɲa 'fruta' + ɥe'raɲa 'brilhante') > **guabiroba** (→ **guabirobeira**), **ibabiraba.**
°ĩɲaũa'su (< ĩ'ɲa 'fruta' + ũa'su 'grande') > **babaçu.**

k

ka'a 'folha, mato, erva' [VLB II. 38: *Mato ou matos* = Caã] → **caamembeca, caaobitinga, caapara, caapeba, caapeno** (**caapepena**), **caapiá, caapiranga, caataia, caatinga** (→ **caatingal, caatingano, caatingueira, caatingueiro**[1], **caatingueiro**[2]), **cacundê, caetê, caiçara, caimbé, caipora** (→ **caiporismo, encaiporar, caipira**?), **capão, capim** (→ **capinação, capinado, capinador, capinal, capinar, capinzal, capivara**), **caroba, catanduva, caúna, mucuracaá** [Cp. 'ko].
°kaae'te (< ka'a 'folha' + e'te 'verdadeiro') > **caetê.**
°kaa'iɱe > **caimbé.**
kaaĩ'sa > **caiçara** [VLB I. 143: *Forte contra os imigos de rama* = Caaigçâ. *Ib.* II. 141: *Ualo de rama pera-a deffensão* = Caaigçâ].
°kaaku'na (< ka'a 'folha' + ku'naɲa 'retorcido') > **cacundê.**
°kaame'ɱeka (< ka'a 'folha, mato, erva' + me'ɱeka 'mole') > **caamembeca.**
°kaaoɱĩ'tiɲa (< ka'a 'erva' + o'ɱĩ 'verde, azul' + 'tiɲa 'branco') > **caaobitinga.**
kaa'para (< ka'a 'folha, erva, mato' + a'para 'torto') > **caapara.**
kaa'paũ > **capão** [VLB II. 9: *Ilha de mato ou campina* = Caapaũ. *Ib.* II. 43: *Mouta de mato* = Caapaũ].
°kaa'pena (< ka'a 'erva, mato' + 'pena 'quebrar-se') > **caapeno** (**caapepena**).
kaa'peɲa (< ka'a 'folha, mato, erva' + 'peɲa 'chato') > **caapeba.**
°kaapi'raɲa (< ka'a 'erva' + pi'raɲa 'vermelho') > **caapiranga.**
°kaapĩ'a > **caapiá.**
kaa'pora (< ka'a 'mato' + 'pora 'habitante de') > **caipora** (→ **caipira** [?] → **acaipirado, caipiragem**), → **caiporismo, encaiporar.**
kaa'roɲa (< ka'a 'folha, erva' + 'roɲa 'amargo') > **caroba.**
kaa'taja > **caataia** [VLB II. 43: *Mostarda* = Caataya].
°kaataɲ'tiɲa > **catanduva.**
kaa'tiɲa (< ka'a 'mato' + 'tiɲa 'branco') > **caatinga** (→ **caatingal, caatingano, caatingueira, caatingueiro**[1], **caatingueiro**[2]).
kaa'una (< ka'a 'erva' + 'una 'negro') > **caúna.**
ka'i 'macaco' [VLB I. 56: *Bogio não tem genero.* Os menores Caguì, Cãguiiuba, outros maiores: Caî: (...)] → **caiarara.**
kaja'kaɲa > **caiacanga** [VLB II. 80: *Poluo* = Caiyacanga].
°kaja'rara (< ka'i 'macaco' + a'rara 'arara') > **caiarara.**
°kaja'ti > **cajati.**
°kaku'ri > **cacuri.**
kama'pu > **camapu.**
kamasa'ri > **camaçari.**
°kami'raɲa > **camiranga.**
°kampu'aɲa > **campuava.**
kamu'ri > **camurim.**
kamuru'pi > **camurupim.**
kamu'si > **camucim** [VLB II. 83: *Pote qualquer* = Camucì. *Ib.* II. 142: *Uaso qualquer* = Camucì] → **ibacamuci.**
ka ɱa'ra > **camará.**
°ka ɱua'ta > **camboatá.**
°ka ɱua'tã > **camboatã.**
ka ɱu'i > **cambuí.**
ka ɱu'ka > **cambucá** (→ **cambucazeiro**).
kani'nana > **caninana** [VLB I. 76: *Cobra* = Boya Gnro. suas especies são muitas (...) Caninana (...)].
kani'ɲe > **canindé.**
kañe'ɱora > **canhambola, canhembora** [VLB I. 140: *Fogido* = Jabaparа. Canhẽbora, 1, Canhẽbara].
°kaɲi'ru > **candiru.**
'kaɲa 'espinha, osso' [VLB I. 126: *Espinha de peixe ou qualquer* = Canga.

Ib. II. 59: *Osso* = Canga] → boioçupe**canga**, **cang**oeira, suaçu**canga.**

ka'ŋuera (< 'kaŋa 'osso' + 'ŋuera 'que foi') > **cangoeira** [VLB II. 59: *Ossada de animais* = Canguera, aiuntando-lhe todauia o nome do animal (...); *Ossada humana* = Canguera; *Osso sem carne* = Canguera, (...)].

kape'una > **capiúna.**

ka'pii > **capim** [VLB I. 121: *Erua qualquer* = Capij | *Ib.* 137: *Feno* = Capij. *Ib.* II. 62: *Palha ou erua qualquer* = Capij] → **capin**ação, **capin**ado, **capin**ador, **capin**al, **capin**ar, **capin**zal, **capi**vara, papa**capim.**

kapii'ũara (< ka'pii 'capim' + 'ũara 'comedor') > **capivara.**

°kapita'ri > **capitari.**

kapĩ'aŋa > **capuaba** [VLB I. 68: *Casa na roça ou quinta* = Capigaba].

°kaporo'roka > **capororoca.**

ka'ra > **cará** (→ caraetê, carazal).

°karae'te (< ka'ra 'cará' + e'te 'verdadeiro') > **caraetê.**

karai'pe > **caraipé** (→ **cariper**ana).

°karaipe'rana (< °karai'pe 'caraipé' + 'rana 'semelhante') > **caripe-rana.**

kara'iŋa > **caraíba**[1] [VLB I. 54: *Benta cousa* = Caraiba. Cp. I. 80, 86, 104, 153, II. 111, 112] → **carioca** (?).

°karaju'ru > **carajuru.**

kara'ĩŋa > **caraíba**[2] (→ **caraub**eira), **craúba.**

karaka'ra > **caracará** [VLB I. 143: *Francelho* = Carâcarâ] → **caracaraí.**

°karakara'i (< karaka'ra 'caracará' + -'i 'pequeno') > **caracaraí.**

°karaku'rana > **curcurana.**

karamu'ru > **caramuru**[1] [VLB II. 18: *Lampréa* = Caramuru. *Ib.* II. 42: *Morêa do mar* = Caramurû (...)] → **caramuru**[2].

kara'na > **caraná** (→ **carnaúba** → **carnaub**al, **carnaub**eira).

karana'iŋa (< kara'na 'caraná' + 'iŋa 'planta') > **carnaúba** (→ **carnaub**al, **carnaub**eira).

kara'na > **carandá** (→ **carandaz**al).

°karapa'na > **carapanã** (→ **carapanaú**ba).

°karapana'iŋa (< °karapa'na 'carapanã' + 'iŋa 'planta') > **carapanaúba.**

kara'pina > **carapina** [VLB I. 67: *Carpinteiro* = Ybigrapãdara, tambem dizem carapina].

kara'ra > **carará.**

°karaʃu'e > **caraxué.**

°karaŋa'su > **carabuçu.**

karaũa'ta > **caraguatá** [VLB I. 67: *Cardo do mato da estopa* = Caraguata] → **caraguatal.**

kari'mã > **carimã.**

°kari'ɲe > **caribê.**

°kari'oka (< kara'iŋa 'carąíba[1], homem branco' + 'oka 'casa') > **carioca.**

karipi'ra > **caripirá** [VLB II. 95: *Rabiforcado* = Caripirâ].

°kari'ŋoka (< kara'iŋa 'homem branco' + 'oka 'casa') > **caboclo** (→ **acaboc**lado, **cabocl**ado, **cabocl**ismo), **curiboca.**

°karu'ara > **caruara**[1], **caruara**[2].

°karu'ɲe > **carumbé.**

kasu'nuŋa (< 'kaŋa 'caba, vespa' + su'nuŋa 'zunir') > **caçununga** [VLB I. 55: *Bespas* = Caba. Suas especies. Taturana; (...) Câçununga].

°kataŋa'ri > **catauari.**

°ka'ti 'recendente' → **abacaxi.**

ka'tiŋa 'catinga, mau cheiro' [VLB I. 73: *Cheiro de rapozinhos* = Catinga] → ajuru**catinga**, pira**catinga.**

katu're > **catulé** (→ **catul**ezeiro).

'kaŋa > **caba** [VLB I. 55: *Bespas* = Caba. Suas especies (...)] → **caapoã**, **cabaj**uba, **cabat**ã, **cabec**ê, caçununga, tapiu**caba**, tatu**caba.**

°kaŋa'ĩuŋa (< 'kaŋa 'caba, vespa' + 'ĩuŋa 'amarelo') > **cabajuba.**

kaŋapu'ã > **caapoã** [VLB I. 55: *Bespas* = Caba. Suas especies (...) Cabapoã; (...)].

°kaŋa'su > **cauaçu.**

kaŋa'tĩ > **cabatã** [VLB I. 55: *Bespas* = Caba. Suas especies. Taturana (...) Cabatĩ; (...)].

kaŋe'sẽ > **cabecê** [VLB I. 55: *Bespas* = Caba. Suas especies (...) Cabecê (...)].

°kaŋi'una > **cabiúna.**

ka'ŋĩ > **cauim** [VLB II. 146: *Uinho qualquer* = Caoỹ].

°kaŋ're > **cauré**[1], **cauré**[2].

kaŋu're > **caburé.**

kaŋure'ĩŋa > **caburéiba** [VLB II. 55: *Oleo, ou balçamo da terra* = Caburéigba (...)].

kereju'a > **querejuá.**

ki'ri > **quiri** (→ **quir**iba).

ki'rĩŋa (< ki'ri 'quiri' + 'ĩŋa 'planta') > **quiriba.**

kĩ'ĩa (kĩ'ĩña) > **cuiém** [VLB II. 77: *Pimenta* = Quigynha, tem mtas. especies] → **coi**rana, **cuiej**urimu, **cuiem**uçu, **cuiep**iá, cumari.

°kĩĩjuru'mũ (< kĩ'ĩa 'pimenta' + juru'mũ 'abóbora, jerimum') > **cuiejurimu.**

°kĩĩmu'su (< kĩ'ĩa 'pimenta' + u'su 'grande') > **cuiemuçu.**

°kĩĩpi'a > **cuiepiá.**

°kĩĩ'rana (< kĩ'ĩa [kĩ'ĩña] 'pimenta' + 'rana 'semelhante') > **coirana.**

kĩreĩ'ɲaŋa > **quirimbaba** [VLB II. 141: *Ualente ditozo ou uenturozo nas guerras* = Quigreĩbaba].

kĩrĩ'rĩ > **quiriri** [VLB II. 117: *Silencio* = Nheẽeigma. Quigrirĩ].

kĩ'se > **quicé** [VLB I. 133: *Faca* = Quigcê. Jtaquigcê].

'kĩŋa 'piolho' [VLB II. 78: *Piolhos de qualquer aue, ou animal bruto* = Quigba] → **piraquiba.**

kĩŋukĩ'ŋura > **quibuquibura.**

kĩ'ũaŋa 'pente' [VLB II. 72: *Pente ou pentẽ* = Quiggoaba] → anhanga-**quiabo.**

'ko 'roça' [VLB II. 107: *Roça de qualquer mantimento* = Cô] → capixaba, capoeira (→ capoeirão, capoeiro) [Cp. ka'a].

koma'ŋa > **comandá** [VLB I. 135: *Faua* = Comandâ. Comãdaguaçu. *Ib.* I. 136: *Feijão* = Comãdâ. Comandâmirĩ] → **comando**i.

°komaŋu'i > **comandoí.**

kopa'ĩŋa > **copaíba** (→ **copaib**eira, **copaib**uçu).

kopaĩŋa'su (< kopa'ĩŋa 'copaíba' + u'su 'grande') > **copaibuçu.**

kopi'saŋa > **capixaba** [VLB II. 107: *Roçado aates de se queimar* = Co. Copiçaba ỹbapaara].

ko'ŋuera (< 'ko 'roça' + 'ŋuera 'que já foi') > **capoeira** [VLB II. 33: *Mato q. ia foy roçado* = Côpuera] → **capoeirão, capoeiro.**

kori'ɲo > **corimbó.**

ko'roja 'áspero' [VLB I. 44: *Aspera cousa no tacto, ou aspereza* = Corocoroya. Aembeguaçu. Aembecoroya] → acara**coroi**, oiti**coró.**

ko'rõka, ku'ruka 'roncador, resmungão' > **coroca** [VLB II. 101: *Remusgar, ao q. lhe dizem, ou mandão* = Xenheẽcurũcurũc. I. Xenheengcurũruc] → acara**coro**, ajuru**curau** (ajuru**curica**), **curica.**

ku'i 'farelo, pó' [VLB II. 40: *Moida cousa pello pao della* = Cui. I. Ycuĩ. *Ib.* II. 79: *Po de cousa moida ou pizada* = Cuĩ, ut, Igbira cuĩ polo po ou farinha q. faz a terra ou caruncho no pao, etc.] → ibira**cuí**, pira**cuí.**

kuĩ'ĩ > **cuim** [VLB II. 60: *Ouriço cacheiro* = Cuiỹ].

°ku'ika > **cuica**[1] (→ **cuica**[2]).

kuĩ'ɲuka > **cumbuca** [Cp. T. 'kuĩa].

'kuĩa > **cuia** [Cp. T. kuĩ'aŋa > **cuiaba** ~ VLB I. 61: *Cabaço de grãde casta partido pello meyo* = Cuyaba. outros compridos q. seruem assi partidos. Cuipeba: inteiros Cuiete, daruore jgacica cuĩbuca] → **cuia**da, **cuiaíba**, **cuiap**eua, **cuia**rana, **cuie**ira, **cuiet**ê (→ **cuitez**eira), cumbuca.

kuĩa'ĩŋa (< 'kuĩa 'cuia' + 'ĩŋa 'planta') > **cuiaíba.**

°kuĩa'rana (< 'kuĩa 'cuia' + 'rana 'semelhante') > **cuiarana.**

kuĩ'aŋa > **cuiaba** [Cp. T. 'kuĩa].

kuĩe'te (< 'kuĩa 'cuia' + e'te 'verdadeiro') > **cuietê** (→ **cuitez**eira) [Cp. T. 'kuĩa].

°kuĩpe'una > **cuipeúna.**

kuĩ'peŋa (< 'kuĩa 'cuia' + 'peŋa 'chata') > **cuiapeua** [Cp. T. 'kuĩa].

°kuĩ'puna > **cuipuna.**

°kuĩu'ɲi > **cujubi.**

°kuɲa'ri > **cumari.**

°kuɲa'ru > **cumaru** (→ **cumar**urana, **cumar**uzeiro).

°kuɲaru'rana (< °kuɲa'ru 'cumaru' + 'rana 'semelhante') > **cumarurana.**

°kuna'ɲi > **cunambi.**

kunapo'ĩŋa > **canapaúba** [VLB II. 30: *Mangue, a mesma arvore* = Guapariigba. Cunapoigba. Cereigba].

°kuna'pu > **cunapu** [Cp. T. kunapo'ĩŋa].

°kunaŋa'ru > **cunauaru.**

kunu'mĩ > **curumim** [VLB II. 38: *Minino assi na puericia* = Cunumĩ. *Ib.* II. 96: *Rapaz* = Cunumĩ].

kunãme'ɲĩra (< ku'ñã 'mulher' + me'ɲĩra 'filho, filha') > **cunhambira.**

kuña'mena (< ku'ñã 'mulher' + 'mena 'marido') > **cunhamena.**

kuñamu'ku > **cunhamucu** [VLB II. 39: *Moça q. passa de minina* = Cunhamucu].

kuña'taĩ > **cunhantã** [VLB II. 39: *Moça piquena como até dez annos pouco mais ou menos* = Cunhataĩ] → ‖ **cunhatainape** (?).

ku'ñã > **cunhã** [VLB II. 40: *Molher. mulier* = Cunhã] → **cunh**ambira, **cunh**amena, **cunh**amucu, **cunh**antã (→ **cunh**atainape [?]).

ku'ŋaŋa 'retorcido' [VLB II. 132: *Torcer-se em arco pera sima* = Aicandab (...) Aiecandab (...) E posto q. este uerbo se parese na toada com outro q. diz Aiecundab difere nisto q. alem de ter, u, e o outro, a, antes do, n, as uoltas deste não são para sima senão como rasto de cobra] → **cacundê.**

kuŋu'ru > **cunduru.**

°ku'pa > **cupá** [Cp. T. ũatuku'pa > **atucupá**].

°kupi'ara > **copiar.**

kupi'i > **cupim** [VLB I. 142: *Formiga não tem genero.* A ruiua. e grande q. come as prantas. Ygçauba. (...) as q. comẽ a madeira Cupij: (...)].

°kupi'ĩŋa > **cupiúba.**

°ku'pu > **cupu** (→ **cupuaçu, cupuaí**).

°kupua'i > **cupuaí.**

°kupua'su (< °ku'pu 'cupu' + ũa'su 'grande') > **cupuaçu** (→ **cupuaçu**zeiro).

kuri'kaka > **curicaca.**
kuri'ma > **curimã.**
kurima'tã > **curimatã.**
°kuru'a > **curuá.**
°kuru'aña > **curuanha.**
kurua'ta > **curuatá** [VLB I. 29: *Albocora* = Curuatâ].
kuru'era > **crueira** [VLB I. 134: *Farelo, e tudo o q. fica da farinha peneirada ou aioeirada* = Mindocuruera, e todo o semelhãte como não for farinha. Curuera, como o q. fica da cal ioeirada etc.]. V. minokuru'era.
ku'ruka: v. ko'roka.
°kurupa'i > **curupaí.**
kurupika'ĩua > **curupicaí.**
kuru'pira > **curupira** [VLB I. 102: *Diabo* = Anhanga. Este he como gro. (*scil.* gênero) especie Curupira, Taguaîba. Jurupari. Taûba. Aguaçaîg. Guaiupiâ. etc.].
kuru'ru > **cururu**[1] [VLB II. 118: *Sapo* = Cururu] → **cururu**[2], **cururu**[3], **cururu-apé, cururupeba, cururutimbó,** piracururu.
°kururua'pe > **cururu-apé.**
kururu'peua > **cururupeba.**
kururuti'ŋo > **cururutimbó.**
kua'nu > **cuandu.**
'kuara 'buraco, cova, toca' [VLB I. 60: *Buraco* = Coara. Buca ou Puca. *Ib.* I. 84: *Coua ou buraco* = Coara. *Ib.* II. 129: *Toca de animal qualquer* = Coara] → **acaricuara, guaibicuara** (→ guaibicuaraçu), **piracuara.**
kuara'sĩ 'sol' [VLB II. 120: *Sol* = Coaracig] → **guaraciaba.**
°kuarasĩ'aua (< kuara'sĩ 'sol' + 'aua 'cabelo') > **guaraciaba.**
°kuašiñ'ĩua, °kuašiñ'ĩua > **cuaxinguba.**
°kua'ta > **cuatá.**
kua'ti > **cuati** [VLB II. 96: *Rapoza* = Jagoapitanga, não no parecer, nem no officio. Outra Coati, no parecer, mas não no officio. Jaguacining, no parecer e no offº] → **cuatimundé.**
kuatimu'ne [< kua'ti 'cuati' + mu'ne 'armadilha') > **cuatimundé.**
kua'tiara 'pintura' > **cuatiara** [VLB II. 78: *Pintura, substantiue* = Coatiara] → boiquatiara, ibiracuatiara, itacuatiara, piracuaxiara.
'kuera 'dormir' [VLB I. 106: *Dormir* = Aquer] → piracuera.

m

ma'ira > **maira.**
°maka'ŋira > **macambira.**
maka'sika > **macacica.**
maka'šera > **macaxeira**[1], **macaxeira**[2].
makuka'ũa > **macucaguá** [VLB I. 113: *Faisão, aue* = Macûcaguâ] → **macuco** (< macucaua < °macucágua < macucaguá).
mamo'ã > **mamoã** [VLB II. 60: *Ourincu* = Mamoã].
°mana'ka > **manacá.**
ma'nima > **manima.**
mani'i > **mandi** [VLB I. 50: *Bagres dagua doce* = Nhûdiâ; Mâdij; Piràcâmucú; Jaû; este he muito grande]. V. manĩ'i.
manĩi'tiua > **manaitinga.**
mani'ĩua > **manaiba** (→ **manaibuçu, manaitinga, maniveira**). V. mani'oka, mani'puera, mani'soua.
maniĩu'su > **manaibuçu.**
mani'oka > **mandioca** (→ **mandiocaí, mandiocal, mandioqueiro**).
manioka'i > **mandiocaí.**
mani'puera (< °ma'ni [< maniĩua] + 'puera 'que já foi') > **manipueira.**
mani'soua (< °ma'ni [< maniĩua] + 'soua 'folha') > **maniçoba** (→ **maniçobal**).
manĩ'i > **mandubi.** V. mani'i.
manu'ui > **amendoim.**
maŋa'ŋa > **mangangá** [VLB I. 56: *Bizouros* = Mãgãga; outros, que picão como bespas Mangagay. Aramãday].
maŋa'ra > **mangará** (→ **mangarito**).
ma'ŋaua > **mangaba** [VLB II. 121: *Sorua* = Mangaba] → **mangabal, mangabarana, mangabeira** (**mangabeiral**), **mangabeiro.**
°mapa'ra > **mapará.**
°mara'ja > **marajá** [Cp. maraja'ĩua].
maraja'ĩua > **marajaíba.**
mara'ka > **maracá** (→ **maracatim**). V. itamara'ka.
maraka'ja > **maracajá** [VLB I. 147: *Gato* = Maracaya, se he caseiro acrecente-se-lhe Mimbaba. se do mato. Ete (...)].
maraka'na > **maracanã.**
maraka'tĩ (< mara'ka 'maracá' + 'tĩ 'nariz') > **maracatim.**
ma'rana 'guerra' [VLB I. 152: *Guerra. Bellum* = Marâtecô. Marâna. Goariñ] → **tamarana.**
mari'ũi > **maruim** [VLB II. 48: *Mosquitos que mordem* = Più (...) os piquininos dos mangues Marigui; (...)].
maru'pa > **marupá** [VLB II. 48: *Naualha de cana, ou palha* = Marupa].
matama'ta > **matamatá.**
matu'i > **matuim.**
maũari > **maguari.**
me'ŋeka 'mole' [VLB II. 40: *Mole* = Puba. Membeca] → **caamembeca, itamembeca,** nhaçaru**amembeca, pirimembeca, tajamembeca.**
me'ŋĩra 'filho ou filha (da mãe)' [VLB I. 139: *Filho ou filha da mãy* = Membigra] → **cunhambira.**
'mena 'marido' [VLB II. 32: *Marido* = Mêna] → cunha**mena.**
mia'pe 'pão' [VLB II. 64: *Pão, ou bolos de qualquer farinha q. seião* = Miape] → **miapeatã.**
miapea'tã (< mia'pe 'pão' + a'tã 'duro') > **miapeatã.**
°mi'ĩua > **miúva.**
mi'ŋĩ > **membi** [VLB I. 38: *Apito* = Mimbig. Itamĩbig. *Ib.* I. 58: *Bozina, e tudo o q. se tange com uento* = Mimbig. *Ib.* I. 146: *Gaita como quer* = mĩbig] → **membiapara, membiguaçu.**
miŋĩa'para > **membiapara** [VLB II. 137: *Trombeta de cana dos Indios* = Mimbigapara. Mimbigpucu].
miŋĩũa'su (< mi' · ĩ 'membi' + ũa'su 'grande') > **membiguaçu.**
minokuru'era > **mindocuruera** [VLB I. 134: *Farelo, e tudo o q. fica da farinha peneirada ou aioeirada* = Mindocuruera, e todo o semelhãte como não for farinha. Curuera, como o q. fica da cal ioeirada etc.] V. kuru'era.
miŋa'u > **mingau** [VLB II. 64: *Papas* = Mingaû (...)].
°miri'nĩua > **mirindiba.**
mi'rĩ > **mirim** [VLB II. 78: *Piquena cousa* = Mirĩ (...)] → **guamirim, ibamirim, rerimirim.**
miro'kaia > **murocaia.**
°mi'šira > **mixira.**
mĩ'ta > **mutá** [VLB I. 35: *Andaimo no mato para esperar a cassa* = Migta. Migtajurâ. Tocai ibatê].
mĩ'tũ > **mutum** (→ urumutum).
moĩĩ'paua 'recipiente para cozinhar' [Cp. T. ŋaemoĩĩ'paua 'cozinha' ~ VLB I. 85: *Cozinha, a casa ou lugar* = Baemogigpaba. Miûmogigpaba] → **vimojipaba.**
moka'ẽ > **moquêm** [VLB II. 134: *Tostada carne, ou peixe* = Caê. Mocaê] → **moquear** (→ **moqueação, moqueado**).
mokĩ'rana > **muquirana** [VLB II. 78: *Piolhos do corpo humano* = Moquigrana].
mo'ko > **mocó.**
mora'nuua > **maranduba** [VLB II. 51: *Nouas* = Moranduba].
mori'si > **murici.**
moruku'ja > **maracujá** (→ **maracujazeiro**).
moruŋi'šaua > **morubixaba** [VLB I. 66: *Capitão ou qualquer principal q. tem mando* = Tubixaba. Tubixacatu. Morubixaba. *Ib.* II. 100: *Rey* = Morubixaba (...)].
mosa'kara > **moçacara** [VLB I. 138: *Fidalgo* = Moçacara. *Ib.* I. 148: *Franco e liberal* = Moçacara. Angaturama. *Ib.* I. 147: *Generoso, ou nobre* = Moçacara].
mosarani'ĩua > **maçaranduba** (→ **maçarandub**eira).
mosita'ĩua > **mocitaíba** [VLB II. 64: *Pao ferro, q. chamão* = Mocitaigba].
mosĩ'kĩ > **muciqui** [VLB I. 24: *Aguas mortas por certa espe ie de marisco* = Mociquig].
°muja'nue > **mujanguê.**
°muka'ja > **mucajá** (→ **mucajazeiro**).
°muka'ĩua > **mucaiúba.**
mu'ku 'comprido' [Cp. pu'ku].
mukuĩ'ji > **micuim** [VLB I. 55: *Bichinhos do mato uermelhos pouco majores q. ouções que causão em homem grande comichão pollo corpo* = Mucuiji. Entrão pollo corpo].
muku'je > **mucujê.**
°muku'ĩua > **mucuíba.**
muku'nã > **mucunã.**
°mu'kura > **mucura** (→ **mucuracaá**).
°mukuraka'a (< °mu'kura 'mucura' + ka'a 'folha') > **mucuracaá.**
muku'ri > **mucuri.**
°mu'ŋaka > **mumbaca.**
°mu'ŋuka > **mumbuca.**
mu'ne > **mundéu** [VLB I. 41: *Armadilha que tomba com peso ou estalando* = Mundê (...)] → **cuatimundé, jataí-mundé.**
munuru'ru > **mundururu.**
muremu're > **muremuré.**
°muri'soka > **muriçoca.**
°muru'ku > **murucu.**
°murukutu'tu > **murucututu.**
°muru'ŋu > **murungu.**

°musa'ɱe > **muçambé.**
mu'su > **muçum** [VLB II. 12: *Jnguia* = Moçû. Outras. Çarapô].
°musu'ã > **muçuã.**
musu'rana > **muçurana.**
mu'tuka > **mutuca** [VLB II. 43: *Moscas do gado* = Mutucuçû].
°mutu'ti > **mututi.**

ɱ

ɱa'e 'coisa' [VLB I. 85: *Cousa* = Baê] → **boitatá**, mariricó (?).
ɱaea'pina > **baeapina** [VLB II. 32: *Marinho homẽ* = Baepina (...)].
°ɱaeriri'so > **mariricó.**
ɱaeta'ta (< ɱa'e 'coisa' + ta'ta 'fogo') > **boitatá.**
ɱai'ta > **baitaca.**
°ɱatu'i > **batuíra.**
ɱe'ju > **beiju.**
ɱe'ɱe 'voar' [VLB I. 48: *Avoar* = Abebê. *Ib.* II. 147: *Uoar, ou auoar* = Abebe] → guara**bebe**, pira**bebe.**
ɱe'ɱuja > **bubuia** [VLB II. 21: *Leve ser, o contrario de Pesado* = Abebuy] → ta**bebuia.**
ɱe'ru > **meru** [VLB II. 43: *Mosca* = Berû] → **meru**anha.
ɱeru'ãja (< ɱe'ru 'meru' + 'ãja 'dente') > **meruanha.**
ɱe'tara > **metara** [VLB II. 69: *Pedra de beiço. gnlr.* (*scil.* geral) = Metara (...)] → **tamatarana**, **tembetá.**
ɱi'ara > **embiara** [VLB II. 85: *Preza na cassa, ou guerra. Proeda* = Biara. Tembiara].
ɱiara'taka (ɱiarata'kaka) > **maritacaca.**
ɱiarata'kaka: v. ɱiara'taka.
ɱiarĩ'ɱĩ > **biaribi** [VLB I. 45: *Assada carne debaixo da terra ou coua* = Biarigbig].
ɱĩ'ɰa > **biguá** [VLB I. 83: *Coruo marinho* = Miguâ].
ɱĩju'i > II **burahu** (?) [VLB I. 28: *Aiuão passaro* = Migjui].
ɱĩjuipi'ra > **bijupirá** [VLB II. 147: *Uoador, certo peixe* = Migjuipirâ].
°'ɱĩra (forma pararela de ĩ'ɱira 'fibra, filamento') > **embira** (→ **embi**rado, **embi**rataí, **embi**ricica, **embi**riti, **embi**ruçu) → guaia**imbira**, guara**vira**, ma**cambira**, paca**vira.**
°ɱĩra'juɰa > **murajuba²**.
°ɱĩraki'tã > **muiraquitã.**
°ɱĩra'puama > **muirapuama.**
°ɱĩrata'i > **embirataí.**
°ɱĩrepuru'ru > **muiepereru.**
ɱĩrĩ'ki > **buriqui** [VLB I. 56: *Bogio não tem genero.* Os menores Cagui (...) os de rosto e pernas compridas. Bîriggui (...)].
°ɱĩrĩ'sika (< °'ɱĩra 'embira' + ĩ'sika 'resina') > **embiricica.**
°ɱĩrĩ'ti > **buriti** (→ **buriti**al, **buriti**ral, **buriti**rana, **buriti**zal, **buriti**zeiro), **embiriti.**
°ɱĩrĩti'rana (< °ɱĩrĩ'ti 'buriti' + 'rana 'semelhante') > **buritirana.**
°ɱĩ'rĩɰa (< °'ɱĩra 'embira' [forma paralela de ĩ'ɱĩra 'fibra, filamento'] + 'ĩɰa 'planta') > **ibiriba.**
°ɱĩrĩ'ɰa (< °'ɱĩra 'embira' [forma paralela de ĩ'ɱĩra 'fibra, filamento'] + ĩ'ɰa 'fruta') > **biribá.**
°ɱĩru'su > **embiruçu.**
'ɱoja 'cobra' [VLB I. 76: *Cobra* = Boya Gnro. (*scil.* gênero) suas especies são muitas (...)] → acutibóia, ararambóia, boicininga (→ boicinimpeba), boiobi, boioçu (→ boioçupecanga), boipeba, boipiranga, boiquatiara, boitauá, boitiapuá, boiúna, jaquiranabóia, jibóia (→ jiboiaçu), pirambóia, sacaibóia, trairambóia.
ɱojkɰa'tjara (< 'ɱoja 'cobra' + kɰa'tjara 'pintura') > **boiquatiara** [VLB I. 76: *Cobra* = Boya Gnro. suas especies são muitas. As q. matão. Jararaca (...) Boycoatiara, (...)].
ɱojo'ɱĩ (< 'ɱoja 'cobra' + o'ɱĩ 'verde, azul') > **boiobi** [VLB I. 76: *Cobra* = Boya Gnro. suas especies são muitas (...) Boyobỹ (...)].
ɱoj'peɰa (< 'ɱoja 'cobra' + 'peɰa 'chato') > **boipeba** [VLB I. 76: *Cobra* = Boya Gnro. suas especies são muitas. As q. matão. Jararaca. Boypeba; (...)].
°ɱojpi'raɲa (< 'ɱoja 'cobra' + pi'raɲa 'vermelho') > **boipiranga.**
ɱojsi'niɲa (< 'ɱoja 'cobra' + si'niɲa 'retinir') > **boicininga** (→ **boici**nim**peba**).
ɱojsinĩ'peɰa (< ɱojsi'niɲa 'boicininga' + 'peɰa 'chato, plano') > **boicinimpeba.**
°ɱojta'ɰa (< 'ɱoja 'cobra' + ta'ɰa 'barro amarelo') > **boitauá.**
ɱojtĩa'poã (< 'ɱoja 'cobra' + 'tĩ 'focinho' + a'poã 'beiço, lábio superior') > **boitiapuá.**
ɱoj'una (< 'ɱoja 'cobra' + 'una 'preta') > **boiúna.**
ɱoju'su (< 'ɱoja 'cobra' + u'su 'grande') > **boioçu** [VLB I. 107: *Drago, ou dragão* = Boyuçû. Giboyuçû. *Ib.* II. 117: *Serpente* = Boyuçû] → **boioçu**pecanga.
°ɱojusupe'kaɲa (< ɱoju'su 'boioçu' + 'peɰa 'chato' + 'kaɲa 'espinha') > **boioçupecanga.**
'ɱoka 'abertura, fenda' [VLB I. 18: *Abertura, ou fenda* = Bôca (...)] → bi**boca**, **bocaiúva** (?), ibi**boca.**
°ɱoka'ĩɰa > **bocaiúva.**
°ɱo're > **boré.**
°ɱu'ri > **buri.**
°ɱu'su > **buçu** [Cp. T. °iɱu'su].
°ɱuti'a > **butiá.**

n

na'ɱi 'orelha' [VLB II. 58: *Orelha* = Nambi] → inga**pe**n**ambi**, **nambiju.**
°naɱĩ'ju (< na'ɱi 'orelha' + 'juɰa 'amarelo') > **nambiju.**
na'na > **ananás** (→ **ananas**al, **ananas**eiro), **nanauí.**
nana'ĩ > **nanauí** [VLB II. 146: *Uinho de uuas* = Caoỹaya. Caoỹete. Caoỹmuãna (...) Nanaig, uinho de ananazes (...)].
nari'nari > **narinari** [VLB I. 41: *Arraya* = Jabebira. Suas especies: Jabebigtinga, Narinari, Narinaripinima e Aiereba].
'nema 'fedor, mau cheiro; fedorento' [VLB I. 136: *Fedor* = Nema, I, Baenema] → pi**ranema.** Cp. 'rema.

ñ

ñaku'mã (jaku'mã) > **jacumã** [VLB I. 51: *Balisa da pescaria, s, hũas uaras em q. se amarra a embarcação em quanto se pesca* = Nhacumã, vel, Jacumã] → **jacuma**iba.
ñamanaka'ru: v. jamanaka'ru.
ña'ɱĩ: v. ja'ɱĩ.
ña'nĩ 'óleo, azeite' [VLB I. 49: *Azeite* = Nhãdig] → **andi**roba (→ **andi**robeira).
ñanĩ'roɰa (< ña'nĩ 'óleo, azeite' + 'roɰa 'amargo') > **andiroba** (→ **andiroba**eira).
ña'nu: v. ja'nu.
ñanua ɱi'ju: v. janua ɱi'ju.
°ñanu'aɰa 'pluma de nhandu' (< ña'nu 'nhandu' + 'aɰa 'cabelo, penna, pluma') > **enduape.**
ñanu'ĩ: v. janu'ĩ.
ñanuũa'su: v. januũa'su.
ñati'ũ: v. jati'ũ.
ñe'tiɲa: v. je'tiɲa.
ñuni'a: v. juni'a.
ñu'sana: v. ju'sana.
ñuãpu'pe > **enapupê** [VLB II. 73: *Perdiz* = Nhuãpupe. So no auoo se pareçe com ella e não na feição, nem no cantar, nem na cor].

o

'oka > **oca** [VLB I. 68: *Casa* = Oca] → **carioca, curiboca, piripirioca.**
o'kara > **ocara** [VLB II. 109: *Rua* = Ocara. Ocapucû. Onhobaũ. posto q. este serue mais p.ª o beco].
ɔ'ɱĩ 'verde, azul' [VLB I. 49: *Azul cousa* = Obig. *Ib.* II. 144: *Uerde na cor, ou cor uerde* = Obig] → **acaraobi, boiobi, caaobitinga, ibiraobi.**
'oŋa 'folha' [VLB I. 141: *Folha de qualquer aruore ou erua* = Çoba] → **maniçoba** (→ **maniçobal**), **patioba, taioba** (→ **taiobeira, taiobuçu**).

p

paira'ri > **parari.**
pa'je > **pajé** [VLB I. 137: *Feiticeiro* = Paje (...)] → **pajelança.**
paiemari'oŋa > **pajamarioba** (→ **majerioba**).
'paka > **paca** (→ **paqueiro, paquinha**).
paka'mo > **pacamão** [VLB I. 120: *Enxarroco* = Pacamo].
°paka'ɱĩra (< pa'koŋa 'pacova' + °'ɱĩra [forma paralela de ĩ' ɱĩra 'fibra, filamento']) > **pacavira.**
pa'koŋa > **pacova** [VLB I. 51: *Banana* = Pacôba] → **pacavira, pacoval, pacoveira.**
°pa'ku > **pacu** (→ **pacuí, pacupeba**).
°paku'i (< °pa'ku 'pacu' + -'i 'pequeno') > **pacuí.**
°paku'peŋa (< °pa'ku 'pacu' + 'peŋa 'chato') > **pacupeba.**
pana'ku > **panacu** [VLB I. 82: *Corda do Panacû com que se ata o q. uai nelle, e a outra q. uai pollas bordas feita em asselhas por onde se ella mete* = Popeçâma, ut, Panacû popeçâme (...)].
panãpa'nã > **panapaná**[1] [A forma panãpa'nã é reduplicação de pa'nã, a qual, por sua vez, é forma reduzida de pa'nama ~ VLB I. 52: *Borboleta* = Panâma].
panãpa'nã > **panapaná**[2] [VLB I. 82: *Cornuda, peixe* = Panãpanã].
pa'nema > **panema** [VLB II. 40: *Mofino* = Manema, he injuria. *Ib.*: *Mofino ficar sem porção onde se daua, ou sem presa onde os outros tomaũo* = xepanem] → **panemice.**
°parana'ĩŋa > **parnaiba.**
°parapa'ra > **parapará** [Cp. parapara'ĩŋa].
parapara'ĩŋa > **paraparaíba.**
para'ti > **parati**[1] (> **parati**[3]), **parati**[2].
pa'ri > **pari** [VLB I. 65: *Canal de tomar peixe* = Parî].
°pari'ka > **paricá.**
°parina'ri > **parinari.**
°paripa'roŋa > **pariparoba.**
°pari'ri > **pariri.**
pa'ru > **paru** [VLB II. 70: *Peixe enxada* = Parû].
pa'soka > **paçoca** [VLB II. 77: *Pilar no pilão* = Aioçoc. act. e se for cousa q. pilando-a se aiunte toda em hũa massa, ou pilouro. Aiapaçoc. act.].
pata'ku > **patacu** [VLB I. 41: *Armadilha que tomba com peso ou estalando* = Mundê. Suas especies: Mundê arataca (...) Patacû com q. armão os urubús].
pa'ti > **pati** [VLB I. 55: *Bichos q. se comẽ, e nascem dentro em paos e canas* = Bahû. Outros nascem no tronco da palmeira q. chamão Patî, (...)] → **patioba, paxiúba.**
°pati'ĩŋa (< pa'ti 'pati' + 'ĩŋa 'planta') > **paxiúba.**
pati'oŋa (< pa'ti 'pati' + 'oŋa 'folha') > **patioba.**
patu'ũa > **patiguá** [VLB I. 65: *Canastra* = Patuguâ].
'paŋa 'todo' [VLB II. 130: *Todo ou todos, omnis, I, totus, a, ũ* = Pâ, I, Pab. E Opab, (...)] → **tijucupaua.**
'pe 'caminho' [VLB I. 64: *Caminho da gente* = Pe (...)] → **igarapé.**
pea'saŋa > **peaçaba** [VLB II. 83: *Porto, ou dezembarcadouro* = Peaçaba: o mesmo se diz dos caminhos ou seruentias q. saỹ â praya dos q. uiuem no certão] → **carapiaçaba.**
pei'tĩka > **peitica.**
pe'ki > **pequi** (→ **pequirana, pequizeiro**).
peki'a > **pequiá.**
peki'rana (< pe'ki 'pequi' + 'rana 'semelhante') > **pequirana.**
'pema, 'peɱa 'anguloso' → **ivirapema, jacupema, pirapema, potipema, sapopema.**
'pena 'quebrar-se' [VLB II. 92: *Quebrar como pao, uara, frecha, etc.* = Apen, neut.] → **caapeno** (**caapepena**).
°pe'rau > **perau.**
pere'reka 'ir aos saltos' > **perereca** (→ **juiperega** [?], **pererecar**).
pe'reŋa > **pereba** [VLB I. 60: *Bustella* = Mereba. *Bustellas ter* = Xepereb, Xeperepereb. *Ib.* I. 71: *Chaga, qualquer outra* = Mereba].
pe'teka > **peteca.**
pe'tiŋa 'de casca branca' (< a'pe 'casca' + 'tiŋa branco') > **pitinga** (→ **acarapitinga, pirapitinga, pititinga**).
pe'tũma > **petume** [VLB I. 144: *Fumo, polla erua* = Petigma] → **petimbabo** (→ **pirapetimbabo**).
petĩ' ɱaŋo > **petimbabo** (→ **pirapetimbabo**).
'peŋa 'chato, plano, liso' > **peba** [VLB I. 71: *Chão, cousa como lagea ou taboa* = Peba] → **acarapeba, boicinimpeba, boioçupecanga, boipeba, caapeba, cajupeba, cuiapeua, cururupeba, guapeba** (→ **guapebeira**), **jabutipeba, jaguapeva, jaguapopeba, jararacapeba, jataipeba, jurarapeba, pacupeba, picuipeba, reripeba, tatupeba** (**tatupebuçu**), **uapé, ubapeba.**
°pia'soka > **piaçoca.**
°pi'au (< pi'aŋa) > **piau.**
pi'aŋa > **piaba** (→ **piabanha, piau**).
°pia'ɰãĵa (< pi'aŋa 'piaba' + 'ãja 'dente') > **piabanha.**
°piku'a > **picuá.**
pi'nima 'pintado, malhado' > **pinima** [VLB II. 30: *Manchas assi diuersas* = Paraparaba. Pinima vel Pinipinima] → **carapinima**, ibira**pinima**, jabebira**pinima**, jacare**pinima**.
pi'na 'ouriço-do-mar' > **pindá** [VLB II. 60: *Ouriço do mar* = Pindaũna, e da Capta. do Spirito Sancto p.ª baixo lhe chamão Pindaiba].
pi'na 'anzol' [VLB I. 87: *Anzol, ou anzolo* = Pindâ] → **pindaíba** (→ **pindaibal**), **pindá-siririca, pindauaca.**
pina'ĩŋa (< pi'na 'anzol' + 'ĩŋa 'haste') > **pindaíba** [VLB I. 65: *Cana, ou vara de pescar* = Pindaigba] → **pindaibal.**
°pina'ŋaka > **pindauaca.**
pi'noŋa > **pindoba** [VLB II. 63: *Palma ou palmeira não tem genero* = As especies são muitas, mas nenhũa se nomea senão pola fruita, saluo a principal delas com q. se cobrem as casas que se chama Pindoba. E o fruito della Ynajâ] → **pindobuçu.**
pinoŋu'su (< pi'noŋa 'pindoba' + u'su 'grande') > **pindobuçu.**
°pi'pira > **pipira.**
°pi'poka > **pipoca** (→ **espipocar, pipocar**).
'pira 'pele' [VLB II. 70: *Pele emquanto está na carne* = Pira] → **tacupapirema.**
pi'ra 'peixe' > **pirá** [VLB II. 70: *Peixe. gnlr.* (*scil.* geral) = Pirâ] → **bijupirá, pirá-andirá, pirá-apapá, pirá**-bandeira, **pirabebe, piracambucu, piracanjuva,** || **piraçaquém, piracatinga, piracava, piracema, piracuara, piracuaxiara, piracuca, piracuera, piracuí, piracururu, piraém,** || **piraguajura, piraiapeva, piraiba, piraiquê,** || **piraiucuri, pirajaguara, pirajuba, pirambeba, pirambóia, pirambu, piramutaba, piranambu, piranema, piranha** (**piranhatinga**), **pirapema, pirapetimbabo, pirapitinga, pirapuã, pirapucu, piraputanga, piraquiba,** || **piraquira,** || **piraquiroá,** || **pirára, pirarucu, pirá-tapioca, piraúna, toroupirá.**
piraaka ɱu'ku (< pi'ra 'peixe' + a'kaŋa 'cabeça' + pu'ku 'comprido') > **piracambucu** [VLB I. 50: *Bagres dagua doce* = Nhũdiâ; Mãdij; Piràacãmucú; jaũ; este he muito grande].
°pirae'ẽ (< pi'ra 'peixe' + e'ẽ 'sápido') > **piraém.**
pirai'ke (< pi'ra 'peixe' + ai'ke 'entrar') > **piraiquê.**
°piraina' ɱu (< pi'ra 'peixe' + ina' ɱu 'inambu') > **piranambu.**
pira'iŋa (< pi'ra 'peixe' + a'iŋa 'ruim') > **piraíba.**
piraja'ɰãra (< pi'ra 'peixe' + ja'ɰãra 'jaguar, onça') → **pirajaguara.**
pira'ĵuŋa (< pi'ra 'peixe' + 'ĵuŋa 'amarelo') > **pirajuba** [VLB I. 106: *Dourado, peixe* = Guarobig. Pirâiuba. *Ib.* II. 108: *Roncador. Peixe* = Goatũcupâçaba, do Rio de Janeiro p.ª riba Pirâjuba].
pirakaŋ'ĵuŋa (< pi'ra 'peixe' + a'kaŋa 'cabeça' + 'ĵuŋa 'amarela') > **piracanjuva.**
°piraka'tiŋa (< pi'ra 'peixe' + ka'tiŋa 'mau cheiro') > **piracatinga.**
pira'kaŋa > **piracava.**
pira'kĩŋa (< pi'ra 'peixe' + 'kĩŋa 'piolho') > **piraquiba.**
°piraku'i (< pi'ra 'peixe' + ku'i 'farelo, pó') > **piracuí.**
pira'kuka > **piracuca.**
°pirakuru'ru (< pi'ra 'peixe' + kuru'ru 'sapo') > **piracururu.**
°pira'kɥara (< pi'ra 'peixe' + 'kɥara 'buraco, toca') > **piracuara.**
°pirakɥa'tĵara (< pi'ra 'peixe' + kɥa'tĵara 'pintar') > **piracuaxiara.**
°pira'kɥera (< pi'ra 'peixe' + 'kɥera 'dormir') > **piracuera.**
pira ɱe' ɱe (< pi'ra 'peixe' + ɱe' ɱe 'voar') > **pirabebe.**
°pira' ɱeŋa > **pirambeba.**
°pira' ɱoĵa (< pi'ra 'peixe' + ' ɱoĵa 'cobra') > **pirambóia.**
pira' ɱu (< pi'ra 'peixe' + a' ɱu 'roncar') > **pirambu** [VLB II. 118: *Sargo de beiço* = Macapig ou Pirambu].
pira ɱu'taŋa > **piramutaba.** Cp. pira' ɱu.
pira'nema (< pi'ra 'peixe' + 'nema 'fedor, fedorento') > **piranema.**
pi'raŋa 'vermelho' [VLB II. 144: *Uermelha cousa* = Piranga] → **boipi-**

ranga, caapiranga, ibirapiranga, sapiranga.

pira'pe*ŋ*a (< pi'ra 'peixe' + 'pe*ŋ*a 'anguloso, esquinado') > **pirapema.**

°pirape'ti*ŋ*a (< pi'ra 'peixe' + pe'ti*ŋ*a 'de casca branca') > **pirapitinga.**

pirapetĩ'*ŋ*a*u*o (< pi'ra 'peixe' + petĩ' *ŋ*a*u*o 'cachimbo') > **pirapetimbabo.**

°pirapï'ta*ŋ*a (< pi'ra 'peixe' + pï'ta*ŋ*a 'avermelhado') > **piraputanga.**

pirapu'a (< pi'ra 'peixe' + apu'a 'redondo') > **pirapuã** [VLB I. 34: *Ambre* = Pirâpoâma repoti, 1, Boiguaçu repoti].

pirapu'ku (< pi'ra 'peixe' + pu'ku 'comprido') > **pirapucu.**

°pira'rara (< pi'ra 'peixe' + a'rara 'arara') > **pirarara.**

pira'sema (< pi'ra 'peixe' + 'sema 'sair') > **piracema.**

pira'una (< pi'ra 'peixe' + 'una 'preto') > **piraúna.**

pirauru'ku (< pi'ra 'peixe' + uru'ku 'almagre, urucu') > **pirarucu.**

pi'rã*j*a (< pi'ra 'peixe' + 'ã*j*a 'dente') > **piranha** [VLB II. 129: *Tisoura* = Pirânha, 1, Piraya] → **piranha**tinga.

pirã*j*a'ti*ŋ*a (< pi'rã*j*a 'piranha' + 'ti*ŋ*a 'branco') > **piranhatinga.**

pi'rema (< 'pira 'pele' + 'rema 'fedorenta') → tacupa**pirema.**

°piriã'tã (< pi'ri 'piri' + a'tã 'duro') > **pirîantã.**

°pîrime' *ŋ*eka (< pi'ri 'piri' + me' *ŋ*eka 'mole') > **pirimembeca.**

piripi'ri > **piripiri** [VLB I. 56: *Boinho* = Piripirî] → **piri** (→ **piri**antã, **piri**membeca, || **piri**uáca), **piripiri**oca.

°piripiri'oka (< piripi'ri 'piripiri' + 'oka 'casa') > **piripirioca.**

piriri'ü*j*a > **piririguá.**

piriü*j*a'i > **preguari** [VLB I. 60: *Buzio, os muyto grandes* = Goatapig (...) outros menores. Çaçura. Pirigoaî (...)].

pi'roka 'esfolar' [VLB I. 124: *Esfolar* = Aipiroc] → ibira**piroca**, sa**piroca** (→ sa**piro**quento).

piru'a > **piruá** [VLB I. 112: *Empolas na carne* = Biruâ].

pi'še > **pixé** [VLB I. 72: *Chamusco, ou cheiro de qualquer destes* = Pixe].

°pišiˈrika > **pixirica.**

pi'šuna > **pixuna.**

°pišu'rĩ > **pixurim.**

pita'*ŋ*u*a* > **pitauá.**

piti'ti*ŋ*a > **pititinga.**

pi'to *ŋ*a > **pitomba** (→ **pitombe**ira).

pi'tu > **pitu.**

°pi'una > **piúna.**

pi'ũ > **pium** [VLB II. 43: *Mosquitos que mordem* = Piũ: estes são os borrachudos, (...)].

pïa'sa*ŋ*a > **piaçaba** [VLB II. 125: *Teçume* = Pigaçapaba. Pigaçaba].

pïka'su > **picaçu** [VLB II..108: *Rola* = Picaçu. Picaçuete. Tem muitas especies] → **picaçu**rova, **picui** (**picui**guaçu, **picui**peba, **picuipi**tanga).

pïkasu'ro*ŋ*a (< pïka'su 'picaçu' + 'ro*ŋ*a 'amargo') > **picaçurova.**

pï'kïra > **piquira.**

pïku'i (< °pï'ku [< pïka'su] + -'i 'pequeno') > **picuí** (→ **picui**guaçu, **picui**peba, **picuipi**tanga).

pïkui'pe*ŋ*a (< pïku'i 'picuí' + 'pe*ŋ*a 'chato') > **picuipeba.**

pïkuipï'ta*ŋ*a (< pïku'i 'picuí' + pï'ta*ŋ*a 'avermelhado, pardo') > **picuipitanga.**

pïkuiü*j*a'su (< pïku'i 'picuí' + ü*j*a'su 'grande') > **picuiguaçu.**

pï'sa > **puçá** [VLB II. 99: *Rede de pescar. gnlr. (scil.* geral) = Pigçâ].

pïsa'*n*o > **pissandó.**

pï'ta*ŋ*a 'pardo, avermelhado' > **pitanga** (→ **pitang**ueira) [VLB II. 41: *Morada, cor q. tira a uermelha* = Pitanga. *Ib.* II. 65: *Parda cor* = Pitanga] → acara**pitanga**, jaguapitanga, jararaguai**pitanga**, picui**pitanga**, pira**putanga**, sabia**pitanga**, suaçu**pitanga**, taci**pitanga**, taiaçu**pita**, uba**pitanga.**

pïti'u > **pitiú** [VLB I. 78: *Cheiro de peixe fresco cru* = Pigtiû, 1, Migtiû].

'poka 'barulhento, ruidoso' [VLB I. 129: *Estourar, ou estouro dar* = Apôc] → anhuma**poca**, sabia**poca.**

'po*ŋ*a 'que soa, sonante' → ara**ponga** (→ ara**pong**ado), ga**ponga**, jui**ponga**, sabia**ponga.**

'pora 'habitante de' → cai**pora** (→ cai**porismo**, encai**por**ar).

pora'*n*u*ŋ*a > **poranduba** [VLB II. 78: *Perguntar* = Aporãdub, çupe].

pora'se > **poracê** [VLB I. 89: *Dança* = Moraceya. *Ib.*: *Dançar* = Apo**race**y].

poro'roka > **pororoca**[1], **pororoca**[2].

po'sa*ŋ*a > **puçanga** [VLB II. 37: *Mezinha* = Moçanga. *Ib.* I. 88: *Curar, como quer* = Aipoçanõg] → **puçang**uara.

posa'*ɲ*ara (< po'sa*ŋ*a 'puçanga' + 'ara 'senhor, senhora') > **puçanguara** [VLB I. 137: *Feiticeiro* = Paje. Pajeangaiba (...) Tambem se chama Moçanguijara, que quer dizer senhor das mesinhas ou feitiços, pollos q. faz pera matar].

po'sema > **pocema** [VLB I. 150: *Grita dar na guerra que he o seu Santiago* = Apocem].

po'ši > **puxi** [VLB II. 138: *Torpe cousa* = Poxi. Poxicatû].

po'ta*ŋ*a > **potaba** [VLB I. 116: *Engodo assi, ou ceuo* = Potaba. *Ib.* II. 94: *Quinhão, ou porção* = Potaba].

poti'rĩ > **paturi** [VLB I. 21: *Adẽ, ou ganso* = Potirî. *Ib.* I. 146: *Ganço* = Potirigguaçû].

po'tĩ > **poti** [VLB I. 64: *Camarão* = Pôtî. Pôtîguaçu] → **poti**guaçu, **poti**pema, **poti**quequiá.

potĩkĩki'*j*a > **potiquequiá** [VLB II. 17: *Lagosta, ou lagostim* = Potîquigquîya].

potĩ'pema (< po'tĩ 'poti' + 'pe *ŋ*a 'anguloso, esquinado') > **potipema.**

potĩü*j*a'su (< po'tĩ 'poti' + ü*j*a'su 'grande') > **potiguaçu** [VLB I. 64: *Camarão* = Pôtî. Pôtîguaçu].

°po'to > **potó.**

°pu'a*j*a > **poaia.**

pu'ku 'comprido' [VLB II. 24: *Longa cousa, adiectiuo* = Mucû, 1, Pucû] → amore**pocu**, cara**picu**, cunha**mucu**, guara**picu**, pira**cambucu**, pira**pucu**, suaçu**pucu**, ti**mucu.**

puku'sî > **pococim (pocosi)** [VLB I. 58: *Boto, certo peixe* = Aicâ. Pucuçî. *Ib.* I. 149: *Golfinho, ou Boto* = Pucucỹ].

puna're > **punaré.**

pura'ke > **poraquê.**

°pu'ru → acu**tipuru** (cu**tipuru**).

°purupu'ru > **purupuru.**

putumu'*j*u > **putumuju.**

'pu*ŋ*a 'mole' > **puba** (→ **pubo**) [VLB II. 40: *Molle* = Puba. Membeca] → tapio**puba**, **vipuba.**

'pu*ɲ*era 'que já foi' [Cp. 'u*ɲ*era] → ang**ũera**, anhang**ũera**, cang**oeira**, **capoeira** (→ **capoeirão**, **capoeiro**), **ipueira**, manipueira, tapera (→ **taper**ado, **taper**ebá [→ **taper**ebazeiro], **taper**ização).

r

'rana 'parecido, semelhante' [VLB II. 115: *Semelhante* = Apixara. Abigareigma. Rãna] → abiu**rana**, acapu**rana**, buriti**rana**, cafe**rana**, campi**nara**na, cana**rana**, canje**rana**, cariperana, coi**rana**, cuia**rana**, cumaru**rana**, curcu**rana**, guanandi**rana**, imbu**rana**, inga**rana**, japa**rana** (?), japaranduba (?), jitira**na** (?), jua**rana** (?), juci**rana** (?), lindi**rana** (?), mangaba**rana**, mata**rana** (?), muçu**rana**, muqui**rana**, pequi**rana**, suçua**rana**, taba**rana** (?), tamata**rana**, taquari**rana**, tatu**rana**, timbo**rana**, tucu**rana**, uba**rana**, uruc**urana**, urutau**rana.**

'rema 'fedor, fedorento' [VLB I. 136: *Fedor de bafo* = Ygbïỹrẽma, dizemos, Xeigbïỹrem, 1, fede-me o bafo et sic de coeteris] → ibira**rema**, tacupapi**rema**. Cp. 'nema.

re'ri 'ostra' [VLB II. 59: *Ostra, gnlr. (scil.* geral) = Rerî] → **rerimirim**, **reri**peba, **reri**uçu.

rerimi'rĩ (< re'ri 'ostra' + mi'rĩ 'pequena') > **rerimirim.**

reri'pe*ŋ*a (< re'ri 'ostra' + 'pe*ŋ*a 'chata') > **reripeba.**

reriu'su (< re'ri 'ostra' + u'su 'grande') > **reriuçu.**

'ro*ŋ*a 'amargo' [VLB I. 34: *Amargosa cousa* = Roba. Aca] → andi**roba**, (→ andi**robe**ira), ara**roba** (?), ca**roba**, guari**roba**, jaguar**oba**, pari**paroba**, pe**roba**, picaçu**rova.**

s

sa'i > **saí**[1] (→ sanhaço).

sa'i > **saí**[2] [VLB I. 56: *Bogio não tem genero* = Os menores Caguí, Caguiiuba, outros maiores: Caî: e Caiguaçu (...)].

°sa'ira > **saira.**

°sai're > **sairé.**

sai'še > **saixé.**

sa*j*a'su (< sa'i 'saí'[1] + a'su 'grande') > **sanhaço.**

sakura'una > **sacuraúna** [VLB I. 60: *Buzio, os muyto grandes* = Goatapig (...) outros menores. Çaçura. Pirigoaî. Paraguacarê. Cupacî. Çacurauna. ec.].

sakuari'ta > **saguaritá** [VLB I. 66: *Caramujo* = Çacoaritâ (...)].

°sa *ŋ*a'ĩu*a* > **sambaíba.**

sa ŋu'ra > **samburá.**
sapi'rõ > **sapirão** [VLB I. 73: *Chorar ao morto ou o que uem de fora* = Açapirõ. act.].
°sapo'pe ŋa > **sapopema.**
sapo'taja > **sapotaia.**
sara'kura > **saracura.**
sara'po > **sarapó** [VLB II. 12: *Jnguia* = Moçù. Outras. Çarapô].
sara'ra > **sarará.**
sari'ama > **seriema.**
sarina' ŋi > **sernambi** [Cp. T. sarina ŋi'ῦara 'comedor de sernambi' ~ VLB I. 81: *Corcouado, certo peixe* = Çarinambigôara] → **sernambitinga.**
sarina ŋi'tiŋa (< sarina' ŋi 'sernambi' + 'tiŋa 'branco') > **sernambitinga.**
sari'ῦe > **sarigûê** [VLB II. 96: *Rapoza, outra q. traz os filhos no bolso* = Çarigueâ, esta he no off°] → **sarigûebeiju.**
sariῦeî ŋe'ju > **sarigûebeiju** [VLB II. 32: *Martas de q. forão* (*scil.* forram) *os roupões, certo bicho d'agoa doce* = Çarigueîbejû].
°sa'si > **saci.**
sau'ja > **sauiá** [VLB II. 97: *Rato do mato* = Çaujâ: suas especies são muitas] → **sauiatinga.**
sauja'tiŋa (< sau'ja 'sauiá' + 'tiŋa 'branco') > **sauiatinga.**
sa'una > **saúna.**
°saua'ku > **sabacu.**
saui'a > **sabiá** [VLB II. 132: *Tordo* = Çabiâ] → **sabia**cica, **sabia**pitanga, **sabia**poca, **sabia**ponga, **sabia**tinga, **sabia**úna.
sauiapi'taŋa (< saui'a 'sabiá' + pi'taŋa 'avermelhado, pardo') > **sabiapitanga.**
sauia'poka (< saui'a 'sabiá' + 'poka 'estouro, estalo') > **sabiapoca.**
°sauia'poŋa (< saui'a 'sabiá' + 'poŋa 'sonante') > **sabiaponga.**
sauia'sika > **sabiacica.**
sauia'tiŋa (< saui'a 'sabiá' + 'tiŋa 'branco') > **sabiatinga.**
sauia'una (< saui'a 'sabiá' + 'una 'preto') > **sabiaúna.**
sauiju'juua > **sabijujuba** [VLB II. 146: *Uinhatego, certo pao* = Çabijuiuba].
sa'ῦa > **sauá** [Cp. T. saῦa'su ~ VLB I. 56: *Bogio não tem genero* = Os menores Caguí, (...) Os de barba assi os ruivos como os pretos. Aquigquig, Çaguaçu].
sa'ῦi (sa'ῦi) > **sagûi** [VLB I. 56: *Bogio não tem genero* = Os menores Caguî, Caguiiuba, outros maiores: Caî (...)].
sa'ῦi: v. sa'ῦi.
'sema 'sair' [VLB II. 111: *Sair, exeo, is* = Acem] → piracema, tacicema (?).
sene' ŋĩ > **senembi.**
sere'iua > **sereiba** [VLB II. 30: *Mangue, a mesma arvore* = Guapariigba. Cunapoigba. Cereigba].
seru'ru > **sururu** [VLB II. 37: *Mexilhões, gnlr.* (*scil.* geral) = Ceruru] → **sururuzeiro.**
seui'pira > **sucupira.**
seui'tu > **savitu** [VLB I. 142: *Formiga não tem genero* = A ruiua. e grande q. come as prantas Ygçauba (...) Outras q. das mesmas procedê tambem com azas delgadas e compridas que se não comẽ. Cebitû (...)].
si'niŋa 'retinir' [VLB II. 104: *Retinir como o metal* = Acining. Acinining] → boi**cininga** (→ boi**cinim**peba), **jaguacininga.**
si'ri > **siri** [VLB I. 67: *Caranguejo não tem gro.* (*scil.* gênero) = Os grãdes do mato. Guanhumyg (...) Os largos de duas pontas agudas que sẽpre andão polo fundo. Ciry, E tem muitas especies. Ciriguaçu. Cirinema (...)].
sĩ'ja > **suia.**
'sĩma 'liso, escorregadio' [VLB II. 28: *Lisa cousa ser* = Xecigm. Xeacigm. Xepecigm (...)] → **guaracema, guaxima** (→ enguan**xum**ado), tatu**guaxima.**
sĩ'rika 'escorregar' [VLB I. 128: *Escorregar qualquer outra cousa* = Acigrigc] → pindá-**siririca.**
sĩua'su > **suaçu** [VLB I. 81: *Corço ou ueado de casta piquena* = Ciggoaçu (...). *Ib.* II. 142: *Ueado, gnlr.* (*scil.* geral), *ou corço* = Ciggoaçû] → **suaçu**apara, **suaçu**canga, **suaçu**etê, **suaçu**pitanga, **suaçu**pucu, **suaçu**tinga, suçuarana.
sĩuasua'para (< sĩua'su 'suaçu' + a'para 'torto') > **suaçuapara** [VLB I. 71: *Ceruo de cornos, ou ueado* = Ciggoaçuapara. *Ib.* II. 142: *Ueado de cornos, ou seruos* (*scil.* cervos) = Ciggoaçûapara].
sĩuasua'rana > **suçuarana** [VLB II. 56: *Onça ou tigre* = Iaguara. Iaguaretê suas especies. Cigoaçuarana: (...)].
sĩuasue'te (< sĩua'su 'suaçu' + e'te 'verdadeiro') > **suaçuetê** [VLB I. 81: *Corço ou ueado de casta piquena* = Ciggoaçu. Os do mato. Ciguaçûetê (...)].
sĩuasu'kaŋa (< sĩua'su 'suaçu' + 'kaŋa 'osso') > **suaçucanga.**
sĩuasupĩ'taŋa (< sĩua'su 'suaçu' + pĩ'taŋa 'avermelhado') > **suaçupitanga** [VLB I. 81: *Corço ou ueado de casta piquena* = Ciggoaçu. Os do mato. Cigguaçûetê. Ciguaçûpitãga (...)].
°sĩuasupu'ku (< sĩua'su 'suaçu' + pu'ku 'comprido') > **suaçupucu.**
sĩuasu'tiŋa (< sĩua'su 'suaçu' + 'tiŋa 'branco') > **suaçutinga** [VLB I. 81: *Corço ou ueado de casta piquena* = Ciggoaçu (...) Os do campo. Ciguaçutinga (...)].
'soka > **soca**[1] (→ **soca**úna), **soca**[2] (→ **ressoca**) [VLB II. 93: *Quebrar como a corda, linha, et simil.* = Açoc. neut. Aimondôc. act.].
soka'una (< 'soka 'soca'[1] + 'una 'preta') > **socaúna.**
so'ko > **socó** (→ **socoi**).
soko'i (< so'ko 'socó' + '-i 'pequeno') > **socoí.**
°soko'ro > **socoró.**
soro'roka > **sororoca** [VLB I. 69: *Caualinhas ou sardas* = Çororoca. *Ib.* II. 113: *Sarda, certo peixe* = Çororoca].
'soua: v. 'oua.
soua'ura > **sobaúra.**
su'ã 'palmito' [VLB II. 63: *Palmito de qualquer palma* = Çuã. O .c. he relatiuo, e se se nomea o proprio nome da palmeira perde o .c. ut. Pindobuã. Patiruã. Jeiçaruã, etc.] → nhaçaru**a**membeca.
su'i > **sui.**
sui'nara (tui'nara) > **suindara** [VLB I. 88: *Curuja* = Çuindara. Tuindara. Ajaya. Cuyauju. Urutagui].
suiri'ri > **suiriri.**
°suku'iua > **sucuuba.**
suku'ri > **sucuri** [VLB I. 62: *Cação, peixe do mar* = Çucuri] → **sucuri**juba, **sucuri**tinga.
sukuri'juua > **sucurijuba** [VLB. I. 76: *Cobra* = Boya Gnro. (*scil.* gênero) suas especies são muitas (...) Çucuriju. engolẽ antas e ueados e toda a mais cassa (...)].
sukuri'tiŋa (< suku'ri 'sucuri' + 'tiŋa 'branco') > **sucuritinga.**
su'nuŋa 'zunir' [VLB II. 149: *Zunir* = Açunung, entendese de toda cousa que faz boatu pouco ou muito] → **caçununga.**
°suruku'a > **surucuá.**
suruku'ku > **surucucu** [VLB I. 76: *Cobra* = Boya Gnro. (*scil.* gênero) suas especies são muitas. As q. matão. Jararaca. Boypeba; Çurucucuc; Boycoatiara, (...)].
suru'ui > **surubim.**
°su'u ŋa > **suumba.**

š

šereĩ' ŋaua > **xerimbabo** [VLB I. 85: *Criação daues ou animais caseiros* = Mimbaba. *Ib.: Criação ter assi* = Xereĩgbab].

t

°taiua'rana > **tabarana.**
'taja 'ardido' → caa**taia**, juquita**ia**, sapo**taia** [Cp. 'aja].
ta'ja > **tajá** (→ **taioba** [→ **taiobeira, taiobuçu**], **taja**cica [?], **tajamembeca**).
°tajame' ŋeka (< ta'ja 'tajá' + me' ŋeka 'mole') > **tajamembeca.**
taja'oua (< ta'ja 'tajá' + 'oua 'folha') > **taioba** (→ **taiobeira, taiobuçu**).
tajaou'su (< taja'oua 'taioba' + u'su 'grande') > **taiobuçu.**
taja'sika > **tajacica.**
taja'su > **taiaçu**[1] [VLB II. 82: *Porco, gnlr.* (*scil.* geral) = Tayaçû] → **taiaçuetê, taiaçupita, taiaçu**tirica.
taja'su > **taiaçu**[2].
tajasue'te (< taja'su 'taiaçu'[1] + e'te 'verdadeiro') > **taiaçuetê** [VLB II. 82: *Porco do mato, ou montes* = Tayaçuete (...)].
tajasupĩ'ta (< taja'su 'taiaçu'[1] + pĩ'taŋa 'avermelhado, pardo') > **taiaçupita.**
tajasuti'rika (< taja'su 'taiaçu'[1] + ti'rika 'ruído de estalo') > **taiaçutirica.**

taju'ja > **taiuiá.**

taĩte'tu > **caitetu** [VLB II. 82: *Porco do mato, ou montes* = Tayaçuete, polla particula ete, não se diferẽ dos mansos somente, mas tambem doutros do mato de casta piquena a que chamão Taigtetu, (...)].

ta'kuara > **taquara**[1] (→ **taquara**[2]) [VLB I. 65: *Cana brava, oca por dentro* = Tacoara; Tem muitas especies. Tacoaruçu, Tacoapenima, Tacoapoca, Tacoajoçara, Tacoari] → **taquara**l, **taquara**tinga, **taquari** (→ **taquari**ço,|**taquara**irana, taquariúba),'**taquaru**çu.

°takuara'tiŋa (< ta'kuara 'taquara[1]' + 'tiŋa 'branco') > **taquaratinga.**

takua'ri (< ta'kuara 'taquara[1]' + -'i 'pequeno') > **taquari** [VLB I. 65: *Cana brava, oca por dentro* = Tacoara; Tem muitas especies (...) Tacoari] → **taquari**ço, **taquari**rana, **taquari**úba.

°takuari'ĩua (< takua'ri 'taquari' + 'ĩua 'planta') > **taquariúba.**

°takuari'rana (< takua'ri 'taquari' + 'rana 'semelhante') > **taquari**-**rana.**

takuaru'su (< ta'kuara 'taquara[1]' + u'su 'grande') > **taquaruçu** [VLB I. 65: *Cana brava, oca por dentro* = Tacoara; Tem muitas especies. Tacoaruçu (...)].

°tamakua're > **tamaquaré.**

tamaŋu'a > **tamanduá.**

tamatĩ'ã > **tamatiá.**

tamua'ta > **tamuatá.**

°ta*ŋ*a'ki > **tambaqui.**

ta'*ŋ*e > **també** [VLB I. 52: *Barriga so a parte della do imbigo para baixo* = Jgbigoa.|A outra parte quando diz de ucrilha a ucrilha, chama-se Tambê, I, çambê].

°ta *ŋ*e' *ŋ*uja > **tabebuia** [Cp. *ŋ*e' *ŋ*uja].

taŋa'ra > **tangará.**

ta'oka > **taioca** [VLB I. 142: *Formiga não tem genero* = A ruiua. e grande q. come as prantas. Ygçauba (...) outras que tẽ as bocas, ou dentes como anzolos de q. vzão para peixinhos muyto piquenos. Taoca (...)].

tapaku'ra > **tapacurá.**

ta'pera (< 'taŋa 'taba' + 'puera 'que foi') > **tapera** (→ **taper**ado, **tapere**bá [→ **tapere**bazeiro|, **taperi**zação).

tape'ra > **taperá** [VLB I. 36: *Andorinha* = Taperâ (...)].

°taperĩ'ua (< ta'pera 'tapera' + ĩ'ua 'fruto') > **taperebá** (→ **taperebazeiro**).

tapi'ira > **tapir** [VLB I. 56: *Boi ou uaca* = Tapijra, Tapijruçu. *Ib.* II. 140: *Uaca, ou Boy* = Tapijra. Tapijruçû] → **tapire**çá, **tapire**tê, **tapiruçu.**

tapiire'sa (< tapi'ira 'boi' + e'sa 'olho') > **tapireça.**

tapiire'te (< tapi'ira 'tapir' + e'te 'verdadeiro') > **tapiretê.**

tapiiru'su (< tapi'ira 'tapir' + u'su 'grande') > **tapiruçu.**

tapija'i > **tapiai.**

tapi'jara > **tapejara** [VLB II. 41: *Morador antigo ou o q. está de assento* = Tapijara] → **tapejar.**

°tapiku'ru > **tapicuru.**

°tapiño'ã > **tapinhoã.**

°tapi'ri > **tapiri.**

tapi'ti > **tapiti** [VLB I. 76: *Coelho* = Tapiti].

tapi'u > **tapiúja** [Cp. T. tapiu'kaŋa].

tapiu'kaŋa > **tapiucaba** [VLB I. 55: *Bespas* = Caba. Suas especies. Taturana (...) Tapiucaba, Aigcaba, (...)].

ta'puĩja 'escravo' [VLB I. 124: *Escrauo* = Miauçuba. Tapuigya] → **tapanhoacanga.**

°tapuĩuna'kaŋa (< tapuĩ'una 'escravo negro' [< ta'puĩja 'escravo' + 'una 'negro'] + a'kaŋa 'cabeça') > **tapanhoacanga.**

tapu'ru > **tapuru.**

°taraku'a > **tracuá** [Cp. T. tara'saŋa].

°tarapi'a > **trapiá.**

°tarapoe'raŋa > **trapoeraba.**

tara'saŋa > **turuçã** [VLB I. 142: *Formiga não tem genero* = A ruiua. e grande q. come as prantas. Ygçauba (...) As de aguilhão como bespas. Taraçanga (...)].

°taraũĩpi'ra (< tara'ũira 'lagartixa' + pi'ra 'peixe') > **toroupirá.**

tara'ũira 'lagartixa' [VLB II. 17: *Lagartixa* =|Taraguira (...)] → **toroupirá.**

tare'ĩra > **traira** (→ **trairambóia**).

tareĩra' *ŋ*oja (< tare'ĩra 'traira' + '*ŋ*oja 'cobra') > **trairambóia.**

tarero'kĩ > **tararucu.**

tari'oua > **tarioba.**

°taru'mã > **tarumã** (→ **tarumanc**eiro, **tarumaz**eiro).

tasĩpĩ'taŋa > **tacipitanga.**

tasĩ'sema > **tacicema.**

ta'sĩua: v. ita'sĩua.

tasĩua'i (< ta'sĩua, ita'sĩua 'formiga' + -'i 'pequeno') > **taciaí.**

tasĩ'qura > **tacibura.**

°ta'ši > **taxi** (→ **taxi**zeiro).

ta'ta 'fogo' [VLB I. 140: *Fogo* = Tatâ] → **boitatá, tataira, tatapecoaba.**

tatae'ira (< ta'ta 'fogo' + e'ira 'mel' [> ci'ruua 'abelha']) > **tataíra** [VLB I. 55: *Bespas* = Caba. Suas especies (...) Tataeira estas picão grandemente (...)].

tata'jĩua > **tatajuba** [VLB I. 84: *Amoras brancas de aruore* = Tatagiba. *Ib.* I. 126: *Espinheiro o das amoras brancas* = Tatagigba].

°tata'oka > **tataoca** [Cp. T. ta'oka].

tatapeko'aua > **tatapecoaba** [VLB I. 17: *Abano pera o fogo* = Tatapecoaba].

ta'tu > **tatu** (→ **tatu**apara, **tatu**caba, **tatu**guaxima, **tatui**, **tatu**peba [**tatupebuçu**], tatuquira (?), **tatu**rana).

tatua'para (< ta'tu 'tatu' + a'para 'torto') > **tatuapara.**

tatu'i (< ta'tu 'tatu' + -'i 'pequeno') > **tatuí**[1] (→ **tatuí**[2]).

°tatu'kaua (< ta'tu 'tatu' + 'kaua 'vespa') > **tatucaba.**

°tatu'kĩra > **tatuquira.**

tatu'peua (< ta'tu 'tatu' + 'peua 'chato') > **tatupeba** (→ **tatupebuçu**).

tatupeua'su (< tatu'peua 'tatupeba' + u'su 'grande') > **tatupebuçu.**

tatu'rana (< ta'tu 'tatu' + 'rana 'semelhante') > **taturana** [VLB I. 55: *Bespas* = Caba. Suas especies. Taturana (...)].

tatuũa'sĩma (< ta'tu 'tatu' + 'uaja 'rabo' + 'sĩma 'liso') > **tatuguaxima.**

'taua > **taba** [VLB I. 30: *Aldea* = Taba] → **taba**réu (→ **taba**roa), **tapera** (→ **tapera**do, **taperi**zação).

°taua'ri > **tauari.**

taua'tiŋa: v. toua'tiŋa.

ta'uoka > **taboca** (→ **tabocal**, **taboque**ar, **taboque**ira).

tauuja'ja > **tabujajá** [VLB I. 70: *Cegonha* = Tujujû. Tabujajâ].

ta'ũa 'barro amarelo' > **tauá** [VLB I. 52: *Barro branco como cal* = Tobatinga. Outro amarelo com q. se dá cor á louça. Tagoá (...)] → **boitauá.**

taũa'iua > **taguaíba** [VLB I. 102: *Diabo* = Anhanga. Este he como gro. (*scil.* gênero) especie Curupira, Taguaîba. Jurupari. Taûba. Aguaçaig. Guaiupia. etc.].

taũa'to > **tauató** [VLB I. 134: *Falcão, aue* = Tagoatõ (...). *Ib.* I. 147: *Gauião* = Tagoató (...)].

tei'kuara 'caramujo' [Cp. T. teikuare'ima ~ VLB I. 66: *Caramujo* = Çacoaritâ. Teicoareima (...)] → **ticuarapuã, ticuaraúna.**

teikuarapu'a (< tei'kuara 'caramujo' + apu'a 'redondo') > **ticuarapuã.**

teikuara'una (< tei'kuara 'caramujo' + 'una 'preto') > **ticuaraúna.**

te'iu > **teiú** [VLB II. 17: *Lagarto da terra* = Tejû. Tejuguaçû] → **teiuaçu.**

teiuũa'su (< te'iu 'teiú' + ũa'su 'grande') > **teiuaçu** [VLB II. 17: *Lagarto da terra* = Tejû. Tejuguaçû].

tẽĩju'paua > **tijupá** [VLB I. 74: *Choupana* = Tapiya. Tejgiupaba].

teõte'õ > **téu-téu** [Cp. T. ũirateõte'õ].

tepi'ti > **tipiti** [VLB I. 127: *Espremedor de mandioca* = Tepiti].

ti'je > **tié** [Cp. T. tije'iuua < ti'je 'tié' + 'iuua 'amarelo' ~ VLB I. 65: *Canario, passarinho* = Tijeiuba].

°ti'kuara > **tiquara.**

timu'ku (< 'ti 'nariz, focinho, bico' + pu'ku, mu'ku 'comprido') > **timucu.**

ti'*ŋ*o > **timbó** [VLB I. 51: *Barbasco, não tem genero* = Timboguaçu, Timbopiriãna, jbiratimbo (...). *Ib.* II. 145: *Uime, ou semelhante pera atar* = Jgcipo. Especies: Timbô. Timborana. Timbopeba] → curu**timbó**, guara**timbó**, **timba**úba, **timbo**rana.

°ti *ŋ*o'ĩua (< ti' *ŋ*o 'timbó' + 'ĩua 'planta') > **timbaúba.**

ti *ŋ*o'rana (< ti' *ŋ*o 'timbó' + 'rana 'semelhante') > **timborana** [VLB II. 145: *Uime, ou semelhante pera atar* = Jgcipo. Especies: Timbô. Timborana. Timbopeba].

'tiŋa 'branco' [VLB I. 59: *Branca cousa, ou brancura* = Tinga. Morotinga] → acarapi**tinga**, caaobi**tinga**, caa**tinga** (→ caa**tinga**l, caa**tinga**no, caa**tingue**ira, caa**tingue**iro[1], caa**tingue**iro[2]), embau**tinga**, guira**tinga**, ibira**tinga**, itamo**tinga**, jacare**tinga**, jacu**tinga**, ji**tinga** (?), manai**tinga**, piranha**tinga**, pirapi**tinga**, pi**tinga**, pi**tinga**, sabia**tinga**, sauia**tinga**, sernambi**tinga**, suaçu**tinga**, sucuri**tinga**, taba**tinga**, taquara**tinga**, uba**tinga**, uri**tinga**, urubu**tinga**, vieçacoa**tinga**, vi**tinga.**

°tiŋua'sĩua > **tinguaciba.**

ti'*ŋ*uĩ > **tingui** [VLB I. 51: *Barbasco, não tem genero* = Timboguaçû, Timbopiriãna, jbiratimbo. Yapicai; e o sumo de cada hum destes Tingui].

tiŋuĩ'jara > **tinguijar** [VLB I. 52: *Barbasco dar* = Atinguijar actiuo. tanto monta que lhe fique por acusatiuo o rio como o peixe, ou ambos iuntos e tambem se diz absolute] → **tinguij**ada.

ti'rika 'ruído de estalo' [VLB I. 127: *Estalar como a aruore pera cahir, ou a trauessa da casa. etc.* = Apuruc. Atiric] → jaguati**rica**, taiaçu**tirica.**

°ti'riua > **tiriba.**

°ti'tara > **titara.**

°titiri'ua + ũi'ti > **cutitiribá.**

'tĩ 'focinho, nariz, bico' [VLB I. 140: *Focinho de qualquer animal* = Tĩ] → boitiapuá, maracati**m**, ti**m**ucu.

tĩ'kĩra > **tiquira** [VLB I. 149: *Gota, ou goteira de qualquer licor* = Tigquigra].

tĩpĩ'oka > **tapioca** [VLB I. 135: *Farinha da mesma agoa da mandioca crua coalhada* = Tigpìacui, I, Tigpìocui porque a agoa se chama Tigpiaca, I, Tigpìoca] → pirá-**tapioca, tapioca**no, **tapiopuba.**

°tĩpĩo'puua (< tĩpĩ'oka 'tapioca' + 'puua 'mole') > **tapiopuba.**

tĩpĩra'tĩ > **tipirati** [VLB I. 135: *Farinha de mandioca crua* = Tigpìratig: esta he a somenos].

tĩ'poja > **tĩpóia** [VLB II. 99: *Rede de dormir* = Jnĩ. Esta he gral (*scil.* geral). A tapada Typoirãna (...)].
°tũrĩme' *ŋe* > **tremembé.**
tũrĩ'rĩka > **tũrĩrica** [VLB I. 42: *Arrastar* = Aimotũgrigrigc].
ũ'ỹera > **tigũera** [VLB I. 45: *Assolado ficar tudo, ou assolados ficarem* = Oropab, (...) oretiguer; oretiguecatũ].
to'kaja > **tocaia** [VLB I. 73: *Choça* = Tocaya. Tapiya] → **tocaiar, tocaieiro.**
toja'tiŋa (taja'tiŋa) > **tabatinga** [VLB I. 52: *Barro branco como cal* = Tobatinga (...)].
tui'jaja (< tu'ĩ 'tuim' + 'jaja 'amarelo') > **tuijuba.**
tui'ŋara: v. sui'ŋara.
tu'ĩ > **tuim** (→ **tuijuba**).
tuju'ju > **tuiuiú** [VLB I. 70: *Cegonha* = Tujujû. Tabujajâ].
tu'juka > **tijuco** [VLB II. 17: *Lama* = Igbiguũma. Tujuca. Tujumumũna, esta he hũa muito alta em q. se atola muyto como em lagoas de agoa doce. Etc. *Ib.* II. 18: *Lamaçal como quer* = Tujucuçũ]. → **tijucal, tijucupaua.**
°tujuku'paja (< tu'juka 'tijuco' + 'paja 'todo') > **tijucupaua.**
tu'kana > **tucano** (→ **atucanado**).
°tuku'ma > **tucumã** (→ **tucumanzeiro**).
tukuna're > **tucunaré.**
tu'kura > **tucura** [VLB I. 146: *Gafanhoto* = Tucura] → **tucurana.**
tuku'rana (< tu'kura 'tucura' + 'rana 'semelhante') > **tucurana.**
tu'kũ > **tucum** [VLB II. 68: *Palma ou palmeira não tem genero* = As especies são muitas, mas nenhũa se nomea senão pola fruita, (...) se eu digo q. tenho hũa linha de pescar de tucum, claro estã q. não he da fruita pois não tem estopa, etc.].
'tuŋa > **tunga** [VLB I. 55: *Bichos que entrão nos pes* = Tunga] → **tungaçu.**
tuŋa'su (< 'tuŋa 'tunga' + a'su 'grande') > **tungaçu.**
tu'pã, tu'pana > **tupã.**
tupi'šuara > **tupuxuara** [VLB II. 126: *Espirito familiar* = Tupixuara].
°turu'ri > **tururi.**
tuji'šaja > **tuxaua** [VLB I. 66: *Capitão ou qualquer principal q. tem mando* = Tubixaba. Tubixacatu. Morubixaba].

u

u'ã: v. su'ã.
u'i 'farinha' [VLB I. 135: *Farinha* = Uĩ] → **uiçu, viatã, vieçacoatinga, vimojipaba, vipuba, vitinga.**
uia'tã (< u'i 'farinha' + a'tã 'dura') > **viatã** [VLB I. 135: *Farinha de guerra* = Uiatã, (...)].
uiesakua'tiŋa > **vieçacoatinga** [VLB I. 135: *Farinha de guerra* = Uiatã, outra não torrada e de menos dura. Uieçacoatĩga].
uimojĩ'paja (< u'i 'farinha' + mojĩ'paja 'recipiente para cozinhar') > **vimojipaba.**
ui'puja (< u'i 'farinha' + 'puja 'mole') > **vipuba** [VLB I. 135: *Farinha dagoa s. de mandioca cortida* = Uipũba: esta se espreme no tepeti e passa pella urupema (...)].
ui'su (< u'i 'farinha' + u'su 'grande') > **uiçu.**
ui'tiŋa (< u'i 'farinha' + 'tiŋa 'branca') > **vitinga.**
°umi'ri > **umiri** (→ **umirizeiro**).
u *ŋe*'ri > **umari** [VLB I. 64: *Camarinhas, fruita* = Umberi] → **mari** (→ **marimari, marizeiro**).
'una 'preto, negro' [VLB II. 49: *Negra cousa. adiectiuo* = Una. *Ib.* II. 86: *Preta cousa* = Una] → **abaruna, abuna,** araçanhuna, araraúna, boiúna, braúna, cabiúna, capiúna, caraúna (caraúno), caúna, cuipeúna, cuipuna, graúna, ibiraúna, igaraúna, jeneúna, munguba (→ **mungubeira**), piraúna, piúna, pixuna, sabiaúna, sacuraúna, saúna, socaúna, ticuaraúna, **unaúna.**
una'una > **unaúna.**
unũa'nã > **uruana** [VLB II. 125: *Tartaruga* = Jurucuguâ. Unũanâ].
upi'a 'ovo' [VLB II. 60: *Ouos* = Çupia] → **guiraupiaguara.**
uriku'ri > **urucuri** (→ **urucurizeiro**).
u'ru > **uru**[1] (→ **urujaguara, urumutum**).
u'ru > **uru**[2] [VLB I. 76: *Cofo* = Uru. Multiplex].
°uruja'ỹara (< u'ru 'uru[1]' + ja'ỹara 'onça, jaguar') > **urujaguara.**
°uru'ka > **urucá.**
uruka'tu > **urucatu.**
uru'ku > **urucu** [VLB I. 32: *Almagra* = Urucu. Taguapirãga] → **pira-rucu, urucu**rana, **urucu**zeiro.
uruku'rana (< uru'ku 'urucu' + 'rana 'semelhante') > **urucurana.**
urukuri'a > **urucuriã.**
uruma'ru > **urumaru** [VLB II. 23: *Lixa* = Urumarũ].
urumĩ'tũ] (< u'ru 'uru[1]' + mĩ'tũ 'mutum') > **urumutum.**
uru'pe > **urupê** [VLB I. 86: *Cogumelo são muitos e não tem genro. (scil.* gênero) *os q. se comẽ e nascem pollos paos* = Carapucu, (...) E os grandes q. se não comem. Urupê].
uru'pema > **urupema** [VLB I. 74: *Ciranda* = Urupema. Urupemuçu. *Ib.* II. 14: *Joeira, ou ciranda* = Urupema. Urupemocanga. Urupẽbiỹ].
uru'ra > **ururau** [VLB II. 17: *Lagarto dagoa* = Iacare. outro Ururâ].
ururu *ŋe*'ja > **urumbeba** [VLB I. 67: *Cardo dos figos* = Nhamãdacarũ. Ururũbebá].
urutau'rana (< uruta'ỹi 'urutau' + 'rana 'semelhante') > **urutaurana.**
uruta'ỹi > **urutau** [VLB I. 88: *Curuja* = Çuindara. Tuindara. Ajaya. Cuyauju. Urutaguĩ] → **urutaurana.**
uru'tu > **urutu**[1] (→ **urutu**[2] ?) [VLB I. 50: *Bagre do mar, hũs aluinhos* = Guirĩ; outros amarelos, Urutũ].
uru'ju > **urubu** [VLB I. 88: *Coruo* = Urubũ, não na cor nem na feição: no officio sĩ. *Ib.* II. 38: *Minhoto* = Urubũ, na feição somente] → **urubutinga, urubuzada.**
uruju'tiŋa (< uru'ju 'urubu' + 'tiŋa 'branco') > **urubutinga.**
uru'ỹa > **uruá**[1] (→ **uruá**[2] ?) [VLB I. 66: *Caracol dagoa doce* = Urugoa (...)].
u'sa > **uçá** [VLB I. 67: *Caranguejo não tem gro.* (*scil.* gênero) = Os grãdes do mato. Guanhumyg. Os dos mangues Uçã (...)].
u'su 'grande' [Cp. ũa'su].
°u'ši > **uxi** (→ **uxizeiro**).
uu'ja > **ubá**[1] [VLB I. 65: *Cana de frecha, tomada como está no mato com folha* = Uubã, e sẽ ella Uuba] → **ubá**[2] (?), **ubarana.**
uuja'rana (< uu'ja 'ubá[1]' + 'rana 'semelhante') > **ubarana** [VLB I. 125: *Espadana duplex* = Ũubarâna (...)].

u̯

'ja̯ja 'rabo, cauda, ponta, extremidade' [VLB II. 95: *Rabo de qualquer animal, ou aue* = Çoaya] → guaxima [(→ **enguanxumado**), jararaguaipitanga, tatuguaxima.
ja'kaja > **acauã.**
°ja'ku > **bacu.**
°ja̯aku'raja > **bacurau.**
°ja̯ana' *ŋ*e > **anambé.**
°ja̯ari'ra *ŋa* > **ariranha.**
'ja̯era: v. 'puera.
ja̯e'raja 'brilhante' [VLB II. 103: *Resplandecente ser, ou resplandecer como quer* = Aberab] → **ajuberaba, guabiroba** (→ **guabirobeira**), **ibabiraba.**
°ja̯i'ja̯ia > **vivia.**

ü̯

°ũai *ŋ*i'kuara (< ũai' *ŋ*ĩ 'velha' + 'kuara 'buraco') > **guaibicuara** (→ **guaibicuaraçu**).
°ũai *ŋ*ikuara'su (< °ũai *ŋ*i'kuara 'guaibicuara' + a'su 'grande') > **guaibicuaraçu.**
°ũai *ŋ*ikua'ti > **guaibicuati.**
ũai' *ŋ*ĩ 'velha' [VLB II. 143: *Uelha molher, ou qualquer femea* = Guaibĩ] → **guaibicuara** (→ **guaibicuaraçu**), **guaibicuati.**
ja̯inu' *ŋ*ĩ > **guainumbi.**

ɰaiˈso > **guaxe.**
ɰaˈja > **guaiá** [VLB I. 67: *Caranguejo não tem gro.* = Os grãdes do mato. Guanhumyg (...) Os do mar que estão debaixo das pedras. Guajá (...)].
*ɰaja'rara > **guaiarara** [Cp. ɰara'ru ~ VLB I. 67: *Caranguejo não tem gro.* = Os grãdes do mato. Guanhumyg (...) hũs da agoa doce. Goararu (...)].
ɰa'ju > **guaju-guaju** [VLB I. 142: *Formiga não tem genero* = (...) As q. aduinhão a chuua ou saẽ antes della em grande multidão a buscar baratas e outros bichos. Guajũ (...)].
ɰa'ka > **guacá.**
ɰaka're > **guacaré** [VLB I. 60: *Buzio, os muyto grandes* = Goatapig. do mar. Outros menores Caruiagoaçu. outros menores. Çaçura. Pirigoaî. Paraguacarê. Cupaci. Çacurauna. ec.].
ɰaka'ri > **acarî**[1].
ɰakuku'ja > **guacucuiá.**
ɰa ŋaja'ku > **baiacu** [VLB II. 70: *Peixe coelho q̃ mata a quẽ o come* = Goãbaiacu].
ɰa ŋajakuɰa'ra > **maracuguara** [VLB II. 70: *Peixe porco* = Goãbayacugoará. Goaperuguâ].
ɰañu'ŋĩ > **guaiamum** [VLB I. 67: *Caranguejo não tem gro.* = Os grãdes do mato. Guanhumyg (...)].
ɰapare'ĩɰa > **apareíba** [VLB II. 30: *Mangal ou mangues* = Guaparijtiba. *Mangue, a mesma arvore* = Guapariigba. Cunapoigba. Cereigba].
'ɰara 'comedor, o que come' → capi**vara**, guiraupi**aguara.**
ɰa'ra > **guará**[1].
ɰa'ra > **guará**[2] [VLB II. 148: *Xareo, certo peixe* = Guaraguaçû, o mayor delles. Outro Guarajuba, algum tanto ou pouco menor. Guaracĩma. mais piqueno. Goaranhana. Goarapucû] → **guarabebe, guaracema, guaraí, guarapicu, guaravira.**
*ɰara'i > **guaraí.**
*ɰara'ku > **guaracu.**
ɰara ŋe' ŋe (< ɰa'ra 'guará[2]' + ŋe' ŋe 'voar') > **guarabebe.**
*ɰara'ŋĩra (< ɰa'ra 'guará[2]' + *'ŋĩra 'fibra, filamento') > **guaravira.**
ɰarapu'ku (< ɰa'ra 'guará[2]' + pu'ku 'comprido') > **guarapicu** [VLB I. 69: *Cauala, peixe* = Goarapucu].
*ɰa'rara > **guarara.**
ɰararĩe'ĩ > **guararieí** (→ **juiguaraigaraí** [?]).
ɰara'sĩma (< ɰa'ra 'guará[2]' + 'sĩma 'liso') > **guaracema** [VLB II. 148: *Xareo, certo peixe* = Guaraguaçû, o mayor delles (...) Guaracĩma, mais piqueno (...)].
*ɰarati' ŋo > **guaratimbó.**
ɰara'una: v. ɰĩra'una.
*ɰarĩ'ĩɰa > **guariúba.**
*ɰarĩ'kaŋa > **guaricanga.**
ɰaripoa'pema > **guaripoapẽm.**
*ɰarĩ'roɰa > **guariroba.**
ɰa'riɰa > **guariba.**
*ɰa'ru > **guaru.**
ɰaruɰa'ru > **guaru-guaru.**
ɰa'su (a'su, u'su) 'grande' [VLB I. 150: *Grande* = Guaçû (...) o mesmo he Çu que Guaçû] → **açu** (**guaçu**), ajuru**açu**, amore**guaçu**, andá-**açu**, atinga**çu**, baba**çu**, bicuibu**çu**, boio**çu** (→ boio**çu**pecanga), cangu**çu**, caua**çu**, copaibu**çu**, cuiemu**çu**, cupua**çu**, embiru**çu**, guaibicuara**çu**, guirauа**çu**, igara**çu**, jacugua**çu**, jaguaracangu**çu**, jaguaru**çu**, jararacu**çu**, jequitigua**çu**, jeticu**çu**, jiboia**çu**, manaibu**çu**, membigua**çu**, nhanduа**çu**, picuigua**çu**, pindobu**çu**, potigua**çu**, samambaia**çu**, sanhaço, taiobu**çu**, tapiru**çu**, taquaru**çu**, tatapuia**çu**, tatupebu**çu**, teiua**çu**, tungа**çu**, uaçа**çu**, uiçu, uraçu.
*ɰa'ŝĩma (< 'ɰaja 'rabo, cauda, ponta, extremidade' + 'sĩma 'liso') > **guaxima** (→ **enguanxumado**), tatu**guaxima.**
*ɰaŝu'pe > **guaxupé.**
ɰata'pĩ > **guatapu** [VLB I. 60: *Buzio, os muyto grandes* = Goatapig. do mar (...)].
ɰatuku'pa > **atucupá** [VLB I. 83: *Coruina, peixe* = Guatucupâ] → **tacupa**pirema.
ɰatukupapi'rema (< ɰatuku'pa 'corvina' + pi'rema [< 'pira 'pele' + 'rema 'fedorenta']) > **tacupapirema.**
ɰaɰi'ru > **guabiru** [VLB II. 97: *Rato de casa* = Goabiru].
ɰe' ŋe > **imbé.**
ɰĩ'ti > **oiti** (→ **oiti**cica, **oiti**coró, **oiti**zeiro).
ɰitiko'roɰa (< ɰĩ'ti 'oiti' + ko'roɰa 'áspero') > **oiticoró.**
ɰiti'sika (< ɰĩ'ti 'oiti' + ĩ'sika 'resina') > **oiticica.**
ɰĩ'ra 'ave' [VLB I. 48: *Aue, Generaliter* = Guirâ] → **ara**ponga, **gra**úna (?), **guara**juba, **guira**panema, **guira**puru, **guira**-téu, **guira**teúna, **guira**-téu-téu, **guira**tinga, **guira**uaçu, **guira**undi, **guira**upiaguara, **gura**putepoca, **guriatã**, **ura**çu.
ɰĩra'iuɰa (< ɰĩ'ra 'ave' + 'iuɰa 'amarelo') > **guarajuba.**
ɰĩrañeeŋa'tã (< ɰĩ'ra 'ave' + añeeŋa'tã 'falar') > **guriatã.**
ɰĩra'poŋa > **araponga** (→ **arapong**ado).
ɰĩrapu'ru > **guirapuru.**
ɰĩrateõte'ô > **guira-téu-téu** [VLB I. 63: *Calcamar, hũs passarinhos do mar* = Guirateõteõmyrĩ].
ɰĩra'tiŋa (< ɰĩ'ra 'ave' + 'tiŋa 'branco') > **guiratinga** [VLB I. 146: *Garça* = Guiratinga].
ɰĩra'una ⇄ ɰara'una ⇄ ara'una > **graúna.**
ɰĩrau'ñi > **guiraundi.**
ɰĩraupia'ɰara (< ɰĩ'ra 'ave' + upi'a 'ovo' + 'ɰara 'que come, comedor') > **guiraupiaguara.**
ɰĩraɰa'su (< ɰĩ'ra 'ave' + ɰa'su 'grande') > **uraçu** [VLB I. 48: *Aue de rapina gnlr.* (*scil.* geral) = Guirâguaçu].
ɰĩ'ri > **guiri** [VLB I. 50: *Bagre do mar, hũs aluinhos* = Guirî (...)] → **guri, gurijuba, uritinga.**
ɰĩri'iuɰa (< ɰĩ'ri 'bagre' + 'iuɰa 'amarelo') > **gurijuba.**
ɰĩri'tiŋa (< ɰĩ'ri 'bagre' + 'tiŋa 'branco') > **uritinga.**

ÍNDICE
DE ELEMENTOS MORFEMÁTICOS PORTUGUESES EM PALAVRAS DE ORIGEM TUPI

-a jabota, jia [V. -oa].
a- **a**caboclado, **a**caipirado, **a**moquecar, **a**tucanado.
-(a)ção capi**nação**, moque**cação**, taperi**zação**.
-ada caboc**lada**, caju**ada**, cipo**ada**[1], cipo**ada**[2], cui**ada**, imbu**zada**, jacare**zada**, tinguij**ada**, urubu**zada**.
-ado **a**caboc**lado**, **a**caipi**rado**, **a**rapong**ado**, **a**rapu**ado**, **a**tucan**ado**, capin**ado**, descoivar**ado**, embir**ado**, enguanxum**ado**, ensamambai**ado**, ensapez**ado**, moque**ado**, taper**ado**.
-(a)dor capin**ador**.
-agem caipi**ragem**.
-al **a**çai**zal**, **a**nanas**al**, **a**ning**al**, **a**raçaz**al**, buriti**al**, buritiz**al**, buritiz**al**, caating**al**, caju**al**, cajueir**al**, cajuz**al**, capin**al**, capinz**al**, caragu**atal**, carandaz**al**, carazal, carnaub**al**, cipo**al**, jabutica**bal**, jurubeb**al**, mandioc**al**, mangab**al**, mangabeir**al**, mani**çobal**, pacov**al**, pindaib**al**, samambai**al**, sapez**al**, tabocal, taquar**al**, tijuc**al**.
-ança paje**lança**.
-ano caating**ano**, tapioc**ano**.
-ão capoei**rão**, manduri**cão**.
-ar amoquecar, capinar, encaiporar, encoivarar, espipocar, moquear, pererecar, pipocar, tinguijar, tocaiar [V. -ear, -izar].
des- **des**coivarado.
-ear taboquear [V. -ar].
-eira andiro**beira**, bacabeira, bicuibeira, caatingueira, cajazeira, caraubeira, carnaubeira, copaibeira, cuieira, cuitezeira, embaubeira, grumixameira, guabirobeira, guapebeira, ingazeira, jabuticabeira, maçarandubeira, macaubeira, mangabeira (mangabeiral), maniveira, mungubeira, pacoveira, pitangueira, pitombeira, pupunheira, quixabeira, sapucaieira, sumaumeira, taboqueira, taiobeira, ubaieira.
-eiro açaizeiro, airizeiro, ananaseiro, apuizeiro, araçazeiro, araticunzeiro, bacuparizeiro, buritizeiro, caatingueiro[1], caatingueiro[2], cajazeiro, cajueiro (cajueiral), cajuzeiro, cambucazeiro, catulezeiro, cumaruzeiro, cupuaçuzeiro, imbuzeiro, ingazeiro, japinabeiro, jataizeiro, jenipapeiro, jerimuzeiro, juazeiro, mandioqueiro, mangabeiro, maracujazeiro, marizeiro, mucajazeiro, oitizeiro, paqueiro, pequizeiro, sapezeiro, sururuzeiro, taperebazeiro, tarumaneiro, tarumazeiro, taxizeiro, tocaieiro, tucumanzeiro, umirizeiro, urucurizeiro, urucuzeiro, uxizeiro.
en- **en**caiporar, **en**coivarar, **en**guanxumado, **en**samambaiado, **en**sapezado.

-ento sapiroquento.
es- espipocar.
-ica ararica.
-ice panemice.
-iço taquariço.
-inha paquinha.
-ismo caboclismo, caiporismo.
-ito mangarito.
-izar taperização.
-o capoeiro.
-oa tabaroa [V. -a].
-r- buritiral.
re- ressoca.
-z- açaizal, açaizeiro, airizeiro, apuizeiro, araçazal, araçazeiro, araticunzeiro, bacuparizeiro, buritizal, buritizeiro, cajazeira, cajazeiro, cajuzal, cajuzeiro, cambucazeiro, capinzal, carandazal, carazal, catulezeiro, cuitezeira, cumaruzeiro, cupuaçuzeiro, ensapezado, imbuzada, imbuzeiro, ingazeira, ingazeiro, jacarezada, jataizeiro, jerimuzeiro, juazeiro, maracujazeiro, marizeiro, mucajazeiro, oitizeiro, pequizeiro, sapezal, sapezeiro, sururuzeiro, taperebazeiro, taperização, tarumazeiro, taxizeiro, tucumanzeiro, umirizeiro, urubuzada, urucurizeiro, urucuzeiro, uxizeiro.

ÍNDICE DAS PALAVRAS PORTUGUESAS E SUAS VARIANTES

a

abacachi: abacaxi
abacatuaia
abacaxi
abacaxí: abacaxi
abaẽte: abaetê
abaeté
abaeté
abaiba: embaúba
abajeru: guajeru
abaré
abaré: abaré
abaruna
abati
abatiputa: jabutapitá
abatiuy: abativi
abativi
abativy: abativi
abaty: abati
|| abijaguaçu
abio: abiu
abío: abiu
abiorana: abiurana
abiu
abiú: abiu
abiurana
abuna
abutua
abútua: abutua
acaboclado
açacu
açaí
acaiá: cajá
acaiacá
acaipirado
acaiú: caju
açaizal
açaizeiro
acajá: cajá
acajacatinga: acajucatinga
acaju
acaju: caju
acajú: acaju
acajú: caju
acajù: caju
acajucatinga
acajuriro: cajueiro
acangatar: canitar
acapu
acapú: acapu
acapurana
acara: acará
acará
acará-bandeira
acaracoro
acaracoroi
acaraobi
acara obu: acaraobi
acarapeba
acarapitamgua: acarapitanga
acarapitanga
acarapitinga
acarazes (pl.): acará
acari[1]
acari[2]
acarí: acari[1]
acari: acari[1]
acaricoara: acaricuara
acaricoára: acaricuara
acaricuara
acariúba
acaroapeti: acarapitinga
acary: acari[1]
acauã
acauan: acauã
acauán: acauã
açay: açaí
acaya: cajá
acayá: cajá
acayacá: acaiacá
acoli: cutia
acotipurú: acutipuru
acotyboia: acutibóia
acroá: caraguatá
acroalá: caraguatá
açu
acucua: guacucuiá
acutí: cutia
acutibóia
acutipuru
acutipurú: acutipuru
agaga: ajajá
agereba: aiereba
ageru-açu: ajuruaçu
agerueté: ajuruetê
agnima: anhuma
aguapé
agua-pé: aguapé
aguapeaçoca
(*aguapecaba*): aguapeaçoca
aguará: guará[3]
aguaraquiá
aguari: acari[1]
ahii: ai
ai
aiabutipigta: jabutapitá
aiaiá: ajajá
|| aiapa
aiereba
|| aig
aig: ai
aimoré: amoré
aimorèoçu: amoreguaçu
ainambig: guainumbi
aipé: ipê
aipi: aipim
aipĩ: aipim
aipij: aipim
aipim
aipiy: aipim
aipy: aipim
airi
airire: irerê
airizeiro
airu: airi
airy: airi
aiuruatubira: || ajuruatubira
aiuruiu: ajuruju
aiuruĩ: ajuruim
ajajá
(*ajetahypéta*): jataipeba
ajpi: aipim
|| ajuberaba
ajuru
ajuruaçu
||ajuruatubira
ajurucatinga
ajurucurao: ajurucurau
ajurucurau
ajurú-curau: ajurucurau
ajurucurica: ajurucurau
ajuru-curica: ajurucurau
ajuruetê
ajuruim
ajuruju
amaiba: embaúba
amaitim: embautinga
amajacu: baiacu
ambaiba: embaúba
ambaigba: embaúba
ambaigtinga: embautinga
ambaúba: embaúba
ambé: imbé
amboaba: emboaba
ambu: imbu
ambú: imbu
ambuá
|| ambuaçava
ambuzada: imbuzada
ambuzeiro: imbuzeiro
amdura: andirá
amendohy: amendoim
amendoí: amendoim
amendoim
ameñdui: amendoim
|| amingua

amisagoa: ǁ amisaua
ǁ amisaua
amoquecar
amoré
amoreatĩ: ǁ amoreatim
ǁ amoreatim
amoreguaçu
amorepocu
amoreta: amoré
amoreta pocu: amorepocu
amure: amoré
anaca: anacã
anacá: anacã
anacã
anacam: anacã
anacan: anacã
anacán: anacã
anagê: anajé
anaja: anajá
anajá
anajé
anajê: anajé
anambé
ananas: ananás
ananás
ananàs: ananás
ananãs: ananás
anãnas: ananás
ananasal
ananaseiro
ananaz: ananás
ananáz: ananás
ananâz: ananás
ananazal: ananasal
ananazeiro: ananaseiro
ananes: ananás
anani
ananim: anani
anannas: ananás
anapura: anapuru
anapuru
anapurú: anapuru
anapurũ: anapuru
(*anazes*, pl.): ananás
andá
andâ: andá
andà: andá
andá-açu: andá
andáaçú: andá
andaguaçu: andá
andára-açu: andá
andáz (pl.): andá
andazes (pl.): andá
andira: andirá
andirá
andirababapari
andiroba
andiróba: andiroba
andirobeira
anduassú: andá
andura: andirá
andurababapari: andirababapari
ǁ angaturama
angoéra: angüera
angüera
anha: anhá
anhá
anhâ: anhá
anhãga: anhangá
anhãgua: anhangá
anhahyba: anhaíba
anhaíba
anhaibatã
anhaìbatãa: anhaibatã
anhanga: anhangá
anhangá
anhangaquiabo
anhanguera: anhangüera
anhanguéra: anhangüera
anhangüera
anhanguiara
anhauba: anhaíba
anhigma: anhuma
anhuíba: anhaíba
anhuma
anhumapoca
anhuma-póca: anhumapoca
anhume: anhuma
anhupoca: anhumapoca
anhyma: anhuma
ǁ anijuacanga
anima: anhuma
anime: anhuma
aninga
aningal
ǁ aniuá
annanaz: ananás
annum: anu
anu
anú: anu
anũ: anu
anũ: anu
anum: amu
anúm: anu
anun: anu
apapá
apareíba
aparia: preá
aparoba: peroba
apé
apecu: apicu
apecú: apicu
apeíba
(*aperca*): preá
apereà: preá
aperema
aperéma: aperema
apereyá: preá
aperiá: preá
apiacá
apicu
apicú: apicu
ǁ apii
ǁ apitiùba
apuiseiro: apuizeiro
apuizeiro
apuyzeiro: apuizeiro
aquaham: aracuã
aquaqui: aquiqui
ǁ aquê
aquequi: aquiqui
aquigquig: aquiqui
aquiqui
aquoti: cutia
ará
arabóia: ararambóia
arabori: arauiri
arabutã
arabutan: arabutã
araca: araçá
araça: araçá
araçá
araçá: araçá
aracan: aracuã
araçanhuna
(*aracarainha*): araxixá
araçari
araças: araçá
aracases (pl.): araçá
araçases (pl.): araçá
aracasses (pl.): araçá
aracati
aracaty: aracati
araçaz: araçá
araçazal
araçazeiro
aracazes (pl.): araçá
araçazes (pl.): araçá
aracoa: aracuã
aracoá: aracuã
aracoã: aracuã
aracoam: aracuã
aracoám: aracuã
aracoan: aracuã
aracoaõ: aracuã
araçoia: araçóia
araçóia
aracu
aracú: aracu
aracuã
aracuaã: aracuã
aracuan: aracuã
aragoagoaí: araguaguá
araguagua: araguaguá
araguaguá
araguahy: araguaí
araguaí: araguaí
araguaí
ǁ araguari
(*araguary*): ǁ araguari
araguori: arauiri
aramaca: aramaçá
aramaçá
aramaré
aramarj: aramaré
arancuan: aracuã
araoaná: aruaná
arapapá
arapápa: arapapá
arapápá: arapapá
arapari
arapary: arapari
ǁ ara(pa)soare: ǁ arasoare
arapiraca
arapiráca: arapiraca
araponga
arapongado
arapua: arapuã
arapuá: arapuã
arapuã
arapuado
arapuca
araquan: aracuã
araquán: aracuã
arara
ararà
arára: arara
ára: arara
arara-boya: ararambóia
ararambóia
ǁ araranin
araraquan: aracuã
araraúba
araraúna
arare: arari[1]
arari[1]
arari[2]
arariba: araribá
araribá
araribá: araribá
araribba: araribá
ararica
araroba
araruba: araroba
araruna: araraúna
ararúna: araraúna
arary: arari[2]
arasa: araçá
arasari: araçari
arasary: araçari
arasazes (pl.): araçá
ǁ arasoare
arasoya: araçóia
arassa: araçá
arassá: araçá
arassanhuna: araçanhuna
arassari: araçari
arassary: araçari
arassaz (pl.): araçá
arassoia: araçóia
arataca[1]
arataca[2]
arataciú
arataqua: arataca[1]
aratassioia: arataciú
aratecu: araticum
araticu: araticum
araticú: araticum
araticú: araticum
araticum
araticúm: araticum
araticum-panã

araticumzeiro: araticunzeiro
araticunzeiro
araticupana: araticum-panã
araticúpanã: araticum-panã
araticuseiro: araticunzeiro
aratu
aratú: aratu
aratú: aratu
aratuem: aratuém
aratuém
arature: araturé
araturé
arauaná: aruaná
|| araueboia
araueri: arauiri
arauiri
arauna: araraúna
araúna: graúna
arauná: aruaná
araxá
araxaxa: araxixá
araxixá
arerê: ariranha
areranha: ariranha
aréré: irerê
areticu: araticum
areticú: araticum
areticum: araticum
aricurána: uricurana
arirama: ariramba
ariramba
|| arirana
arirána: || arirana
ariranha
ariribá: araribá
|| aritara
ariticum: araticum
aritucupana: araticum-panã
arocu: urucu
aruá: uruá[1]
aruana: aruaná
aruaná
aruanã: aruaná
arubé
arupemma: urupema
assacú: açacu
assahi: açai
assahizal: açaizal
assahy: açaí
assahyseiro: açaizeiro
assahyzeiro: açaizeiro
assaí: açaí
assaizal: açaizal
assaizeiro: açaizeiro
assiahy: açaí
assú: açu
assucú: açacu
ata (*andar ao*): atá (andar ao)
atá (andar ao)
(*atacape*): || taçape
atapú: guatapu
atar (*andar ao*): atá (andar ao)
ati
atiaçu: atingaçu
atiati
atiauasu: atingaçu
atingaçu
atucanado
atucupa: atucupá
atucupá
aturá
aturiá
aty: ati
atyaty: atiati
auacatohaya: abacatuaia
auapé: aguapé
auapessoca: aguapeaçoca
aucury: guacuri
avará: guará[3]
aviú: abiu
axuá
ayaya: ajajá
aypi: aipim
aypi: aipim
aypim: aipim
aypy: aipim
ayriseiro: airizeiro
ayurú: ajuru
ayuruquuriqua: ajurucurau

b

babaçu
babassú: babaçu
babasú: babaçu
bacaba
bacába: bacaba
bacabeira
bachoripari: bacuripari
bacopari: bacupari
bacorão: bacurau
bacori: bacuri
bacorí: bacuri
bacori: bacuri
bacoropari: bacuripari
bacu
bacú: bacu
bacupari
bacuparí: bacupari
bacuparizeiro
bacupuá: guacucuiá
bacurao: bacurau
bacuráo: bacurau
bacurau
bacuráu: bacurau
bacuri
bacurí: bacuri
bacuri: bacuri
bacuripari
bacurubu
bacurubú: bacurubu
bacury: bacuri
|| bacutingui
(*bacútinguy*): || bacutingui
baeapina
baéapina: baeapina
|| baepeçu
baetatá: boitatá
|| baêvaû
bagassú: babaçu
baguassú: babaçu
bagussú: babaçu
baiacu
baiacú: baiacu
baiaqu: baiacu
baibiraba: ibabiraba
baitaca
bajuna: boiúna
baniba: manaíba
barabú: guarabu
baracutira: ibiracuatiara
barahuna: braúna
baraquitã: muiraquitã
baraúna: braúna
batuira: batuíra
batuíra
bayacú: baiacu
becoybeira: bicuibeira
beiiu: beiju
beiju
beijú: beiju
beijù: beiju
beijupira: bijupirá
beijupirá: bijupirá
beijuú: beiju
beijuŷ pira: bijupirá
beiupira: bijupirá
beju: beiju
bejú: beiju
bejù: beiju
bejupira: bijupirá
berequig: buriqui
beribá: biribá
beribases (pl.): biribá
|| beribeba
beriqui: buriqui
(*berupirá*): bijupirá
betum: petume
beyjú: beiju
beyjupirá: bijupirá
biarataca: maritacaca
biaribi
biariby: biaribi
biboca
bibóca: biboca
bicuhybussú: bicuibuçu
bicuiba: bicuíba
bicuíba
bicuiba: bicuíba
bicuibeira
bicuibuçu
bicuiva: bicuíba
bigaz: biguá
bignuipirá: bijupirá
biguá
bijú: beiju
bijupirá
biquiba: bicuíba
birapoca: ibirapocá
biriba: biribá
biribá
biriguí: maruim
biriua: biribá
biscoigba: bicuíba
boasu: boioçu
bocaiúva
bocayuba: bocaiúva
bocayuva: bocaiúva
|| bocima
boicinimpeba
boicininga
boiciningbéba: boicinimpeba
boicupecanga: boioçupecanga
boigbeba: boipeba
boi-guassú: boioçu
boiobi
boioçu
boioçupecanga
boipeba
boipiranga
boiquatiara
boitatá
boi-tatá: boitatá
boitauá
boiteninga: boicininga
boiteninga: boicininga
boitenĵgua: boicininga
boitenĵpeba: boicinimpeba
boitiapóia: boitiapuá
boitiapuá
boitim apoá: boitiapuá
boitimapoã: boitiapuá
boiubu: boiobi
boiuna: boiúna
boiúna
bojoçu pecangua: boioçupecanga
|| borari
boré
bori: buri
bority: buriti
|| bororê: || borarí
bossu: buçu
bossú: buçu
boyapeba: boipeba
boyapéba: boipeba
boya-piranga: boipiranga

boyatauá: boitauá
boytiapoá: boitiapuá
boyúna: boiúna
bracajá: tracajá
bracayá: maracajá
brahúna: braúna
brauna: braúna
braúna
b'raúna: braúna
bribá: biribá
bruti: buriti
brutíz: buriti
bubuia
buçu
buçú: buçu
‖ buijeja
bum-cutiara: ibiracuatiara
buracutiará: ibiracuatiara
buraem: buranhém
burahem: buranhém
‖ burahu
buranhé: buranhém
buranhem: buranhém
buranhém
buranhém: buranhém
burapenimã: ibirapinima
buraperoca: ibirapiroca
burapinima: ibirapinima
burapiroqua: ibirapiroca
buraquihi: ibiracuí
buraquita: muiraquitã
burarema: ibirarema
burayém: buranhém
burety: buriti
buri
buriqui
buriquí: buriqui
burissica: ibiracica
buriti
buritiáes (pl.): buritial
buritial
buritiral
buritirana
buritisaes (pl.): buritizal
buritizal
buritizeiro
burity: buriti
burityseiro: buritizeiro
burityzaes (pl.): buritizal
bussú: buçu
butiá
butua: abutua
butúa: abutua
bycuhyba: bicuíba

C

(*caâaxima*): ‖ caaxima
caamembeca
caámembéca: caamembeca
‖ caancuam
caã obetĩga: caaobitinga
caaobetinga: caaobitinga
caaobitinga
caapão: capão
caapara
caapeba
caapèba: caapeba
caapeno
caapepena: caapeno
caá-pepêna: caapeno
caapiá
caapiam: caapiá
caapiranga
caapoã
caapoam: caapoã
caapora: caipora
caapóra: caipora
caâpuão: capão
caapuera: capoeira
caâroba: caroba
caãroba: caroba
caataia
caatanduva: catanduva
caâtaya: caataia
caâtĩga: caatinga
‖caatimai
(*caâtimay*): ‖ caatimai
caatinga
caatingal
caatingano
caatingueira
caatingueiro[1]
caatingueiro[2]
‖ caaxima
caba
cabajuba
cabaõjuba: cabajuba
cabaraiba: cabureíba
cabatã
cabecé: cabecê
cabecê
cabiuna: cabiúna
cabiúna
caboclada
caboclismo
caboclo
cabocolo: caboclo
cabocoro: caboclo
caborahíba: cabureíba
caborahy: cabureíba
caboré: caburé
caborê: caburé
caborehiba: cabureíba
caboreiba: cabureíba
caboucolo: caboclo
cabuatã: camboatã
(*cabuiba*): cabureíba
cabure: caburé
caburé
cabureiba: cabureíba
cabureíba
cabureigba: cabureíba
cachiri: caxiri
cacondê: cacundê
cacundê
caçununga
cacuri
caecuma: caiçuma
caeté: cactê
caetê
caetetu: caitetu
caetetú: caitetu
caetitú: caitetu
caferana
cãgoeira: cangoeira
câgoêra: cangoeira
çagoĩs (pl.): sagüi
çagoym: sagüi
çagoys (pl.): sagüi
çaguí: sagüi
cagüi: cauim
caguija: sauiá
çaguĩz (pl.): sagüi
çaguyns (pl.): sagüi
cahapéba: caapeba
cahá pépena: caapeno
cahapiranga: caapiranga
cahapora: caipora
cahatinga: caatinga
cahetatú: caitetu
caheté: caetê
cahiçára: caiçara
cahinanna: cainana
cahissára: caiçara
cahuan: acauã
cahuitahu: cametaú
caí: saí[1]
caia: cajá
caiacanga
caiaganga: caiacanga
caiapiá: caapiá
caiarara
caiarára: caiarara
caiazeiro: cajazeiro
caica: caiçara
caiçá: caiçara
caicara: caiçara
caicára: caiçara
caiçara
caiçára: caiçara
caiçára: caiçara
‖ caiçú
caiçuma
caij: saí[1]
caijú: caju
caimbé
cainana
cainana: caninana
caipira
caipiragem
caipora
caipóra: caipora
caiporismo
cairara: caiarara
çairé: sairé
caissara: caiçara
caissára: caiçara
caitatú: caitetu
caitetê: caitetu
caitetu
caitetú: caitetu
caititú: caitetu
caitutú: caitetu
caiu: caju
caiusal: cajuzal
caiuzes (pl.): caju
caj: saí[2]
caja: cajá
cajá
cajá: cajá
cajapia: caapiá
cajarara: caiarara
cajaseira: cajazeira
cajáses (pl.): cajá
cajati
cajaty: cajati
cajazeira
cajazeiro
cajazes (pl.): cajá
cajazeyro: cajazeiro
‖ cajeiju
cajoeiro: cajueiro
caju
cajú: caju
cajù: caju
cajû: caju
cajuada
cajual
cajueiral
cajueiro
cajùeiro: cajueiro
(*cajuhy*): cauim
cajuí
cajupeba
cajuseiro: cajuzeiro
cajuu: caju
cajuy: cajuí
cajuzal
cajuzeiro
camaçari
camaçary: camaçari
‖ camaiua
camapu

camara: camará
camará
camará: camará
camaropi: camurupim
camaropim: camurupim
camaroupim: camurupim
camasari: camaçari
camasarim: camaçari
camassarí: camaçari
cambará: camará
camboa
camboa: camboa
camboatá
camboatá: camboatã
camboatã
camboi: cambuí
camboim: cambuí
camboropim: camurupim
camboy: cambuí
cambucá
cambucazeiro
cambuhy: cambuí
cambuí
cambuim: cambuí
cambuy: cambuí
cametaú
camẽtaú: cametaú
cam-hitaou: cametaú
camina
camiranga
camitaú: cametaú
cammuci: camucim
camocim: camucim
camorim: camurim
camoropim: camurupim
camotim: camucim
campinarana
campuava
camuatá: camboatá
camuci: camucim
camucim
camucy: camucim
camujz: cambuí
camuri: camurim
camurim
camuropi: camurupim
camurupig: camurupim
camurupim
camusy: camucim
canapaúba
canapu: camapu
canarana
candiru
candu: cuandu
cangerana: canjerana
cangirana: canjerana
cangoeira
canguçu
canguçú: canguçu
canguéra: cangoeira
cangussú: canguçu
cangu-sú: canguçu
canhambola
canhembora: canhambola
canide: canindé
canîde: canindé
caninam: caninana
caninana
caninana: cainana
caninde: canindé
canindé
canindé: canindé
canindê: canindé
canitar
canjerana
cannarana: canarana
caoassú: cauaçu
caôŷ: cauim
capam: capão
capão
capara: caapara
capaúna: capiúna
capeba: caapeba
capéba: caapeba

capibara: capivara
capibára: capivara
capigoára: capivara
capijguara: capivara
capijuara: capivara
capim
capinação
capinado
capinador
capinal
capinar
capinzal
capiranga: caapiranga
capitari
capitari: capitari
capiuara: capivara
capiúna
capivaira: capivara
capivara
capivára: capivara
capixaba
capoão: capão
capoeira
capoeirão
capoeiro
capoera: capoeira
capoeyra: capoeira
capororoca
capororóca: capororoca
capuaba
capuava: capuaba
capucaia: sapucaia
çapucaj: sapucaia
çapucáya: sapucaia
capueira: capoeira
capuera: capoeira
‖ capueruçu
capyvara: capivara
cara: cará
cará
cará: acará
carà: cará
cará: cará
carabuçu
caracará
carácará: caracará
cará-cará: caracará
caracará: caracará
caracarai: caracarai
caracarai
carachué: caraxué
çaracura: saracura
caracurana: curcurana
caraetê
caragatâ: caraguatá
caragoata: caraguatá
caragoatá: caraguatá
caragoatà: caraguatá
caragoatá: caraguatá
caragoáta: caraguatá
caraguata: caraguatá
caraguatá
caraguatá: caraguatá
caraguatal
caraguoatha: caraguatá
carahiba: caraíba[2]
carahyba: caraíba[2]
caraiba: caraíba[1]
caraíba[1]
caraíba[2]
caraibba: caraíba[1]
caraipé
carajuru
carajurú: carajuru
caram: carão
caramoru: caramuru[1]
caramuru[1]
caramuru[2]
caramurú: caramuru[2]
caramurú: caramuru[1]
carana: caraná
caraná
carandá
carandá: carandá

carandazal
caranha
caráo: carão
carão
caraoata: caraguatá
caraoatá: curuatá
caraoba: caroba
caraóba: caroba
carapaná: carapanã
carapanã
carapanans (pl.): carapanã
carapanaúba
carapeaçaba: carapiaçaba
carapeba: acarapeba
carapéba: acarapeba
carapeua: acarapeba
carapiá: caripirá
carapiaçaba
carapicu
carapicú: carapicu
carapicum: carapicu
carapina
carapinima
carápinima: carapinima
carapirá: caripirá
carapitanga: acarapitanga
carapitangua: acarapitanga
‖ caraquopitam
carará
(*carasazes*): araçá
caratai
carauata: caraguatá
carauáta: caraguatá
carauatá: caraguatá
caraubeira
caraúna
caraúna: graúna
caraúno: caraúna
caravatá: caraguatá
caravatal: caraguatal
caraxóe: caraxué
caraxué
carayba: caraíba[1]
caraz: cará
carazal
carazes (pl.): cará
carcará: caracará
carepeba: acarapeba
caribé
cariboca: curiboca
çarigue: sarigûe
çarigué: sarigûe
cariguemeiu: sarigûebeiju
çariguey beju: sarigûebeiju
carima: carimã
carimá: carimã
carimâ: carimã
carimã
carimam: carimã
cariman: carimã
carimar: carimã
carioca
cariperana
caripira: caripirá
caripirá
caripirá: caripirá
cariurú: carajuru
carnahuba: carnaúba
carnahúba: carnaúba
carnahubal: carnaubal
carnahubeira: carnaubeira
carnauba: carnaúba
carnaúba
carnaubal
carnaubeira
carnaúbeira: carnaubeira
caroá: caraguatá
caroatá: caraguatá
caroatazes (pl.): caraguatá
caroba
caróba: caroba
carobba: caroba
caruá: caraguatá
caruara[1]

caruara²
caruára: caruara¹
carujurú: carajuru
|| carumã
carumbé
carunana: caninana
|| carunje
cassununga: caçununga
(*castetu*): caitetu
catanduva
catauari
catauarí: catauari
catauary: catauari
catimpoeira
catinga: caatinga
catingueira: caatingueira
catingueiro: caatingueiro¹
catingueiro: caatingueiro²
catolé: catulé
catolezeiro: catulezeiro
çatuaba
catulé
catuléz: catulé
catulezeiro
cauaçu
cauâm: acauã
cauan: acauã
cauassú: cauaçu
cauhí: cauim
caui: cauim
cauim
cauin: cauim
caúna
cauoucolo: caboclo
cauré¹
cauré²
cauy: cauim
caüy: cauim
cauym: cauim
cavy: cauim
caxinguba: cuaxinguba
caxiri
cayapiá: caapiá
cayapiâ: caapiá
cayçára: caiçara
(*cayeiyu*): || cajeiju
cayju: caju
cayjú: caju
cayruá: querejuá
cayssára: caiçara
caytetú: caitetu
cayu: caju
ceçuarana: suçuarana
(*cepenica*): || sepenica
ceracura: saracura
ceri: siri
ceriema: siriema
cerigoé: sarigüê
cerigoé: sarigüê
cerucucú: surucucu
|| chayge
chechéo: xexéu
chechéu: xexéu
cherimbabo: xerimbabo
cheriuiuba: querejuá
chexéo: xexéu
|| chiriúba
|| chonta
cibiþyra: sucupira
cicuriju: sucurijuba
cipo: cipó
çipo: cipó
cipó
cipò: cipó
cipoada¹
cipoada²
cipoal
cipotá
cissuarana: suçuarana
claraíba
claraiba: claraíba
clarayba: claraíba
coandu: cuandu
coandú: cuandu

coaracy-aba: guaraciaba
coaracy beraba: guaraciaba
coaracy oaba: guaraciaba
coatá: cuatá
coati: cuati
coatí: cuati
coatì: cuati
coatì: cuati
(*coatiá*): cuati
coaty: cuati
coaxanduba: cuaxinguba
çobaura: sobaúra
çobaúra: sobaúra
coibara: coivara
coim: cuim
coipuna: cuipuna
coirana
coirima: curimã
coitê: cuietê
coitè: cuietê
coivara
coivára: coivara
colomi: curumim
colomim: curumim
columim: curumim
çolumy: curumim
comanacaru: mandacaru
comandá
comandá: comandá
comandacaru: mandacaru
comandoí
comari: cumari
comarim: cumari
comarú: cumaru
combira: cumbira
combuca: cumbuca
comduro: cunduru
comduru: cunduru
comedoí: comandoi
comemda: comandá
comendá: comandá
comichã: grumixama
comixá: grumixama
conduru: cunduru
condurú: cunduru
condurù: cunduru
congonha
copahiba: copaíba
copahíba: copaíba
copahibeira: copaibeira
copahiva: copaíba
copahyba: copaíba
copaiba: copaíba
copaíba
copaiba: copaíba
copaibba: copaíba
copaibeira
copaibuçu
copaigba: copaíba
copaigbá: copaíba
copaiua: copaíba
copajba: copaíba
copauba: copaíba
copaúba: copaíba
copaubuçu: copaíbuçu
copaygba: copaíba
copi: cupim
copiá: copiar
copiar
copiár: copiar
copij: cupim
copim: cupim
copiúba: cupiúba
copuassú: cupuaçu
copú-assú: cupuaçu
copúassúseiro: cupuaçuzeiro
copuera: capoeira
cori: curi
corî: cuim
coriboca: curiboca
coriboquo: curiboca
corica: curica
corícа: curica
coricáca: curicaca

corima: curimã
corimá: curimã
corimá: curimã
corimâ: curimã
corimans (pl.): curimã
corimatá: curimatã
corimbó
corió: curió
coriqua: curica
corneíba
coroatâ: caraguatá
coroca
coróca: coroca
corocuturu
corocuturú: corocuturu
coromim: curumim
coropira: curupira
(*corpauba*): copaíba
corropira: curupira
|| coruatatíua
corumi: curumim
corumim: curumim
coryca: curica
cotia: cutia
cotía: cutia
cotîa: cutia
cotiara: cuatiara
cotitiribá: cutitiribá
cotuba: cutuba
cotya: cutia
courana: coirana
crabatá: caraguatá
cracará: caracará
craguatá: caraguatá
crajurú: carajuru
crauatá: caraguatá
craúba
crautá: caraguatá
cresciúma: criciúma
criciúma
crijohá: querejuá
crissiúma: criciúma
croá: caraguatá
crueira
crumatã: curimatã
crumatans (pl.): curimatã
çuaçuapara: suaçuapara
çuaçuete: suaçuetê
çuaçu pitãga: suaçupitanga
cuandu
cuandú: cuandu
cuatá
cuati
cuatí: cuati
cuatiara
cuatimundé
cuatipuru
cuaxinguba
çuçuapára: suaçuapara
çuçuarana: suçuarana
cucunare: tucunaré
cucuri: sucuri
cucurijuba: sucurijuba
çucurijuba: sucurijuba
cucuritîga: sucuritinga
cudaru: cuidaru
çugoaçu: suaçu
cuia
cuiaba
cuiada
cuiaíba
cuiambuca: cumbuca
cuiapeua
cuiapéua: cuiapeua
cuiarana
cuiaté: cuietê
cuica: cuíca¹
cuíca¹
cuíca²
cuidarà: cuidaru
cuidaru
cuieiba: cuiaíba
cuieira
cuiejurimu

cuiem
cuiemuçu
cuiepiá
cuietê
cuijte: cuietê
cuim
cuipeúna
cuipuna
cuira: cuíra
cuira
cuitê: cuietê
cuitê: cuietê
cuitezeira
cuiúcuiú: cuiú-cuiú
cuiú-cuiú
cuja: cuia
cujubi
cujubí: cujubi
cujubim: cujubi
cujujuba: tuijuba
cumari
cumarí: cumari
cumaru
cumarú: cumaru
cumarurana
cumaruzeiro
cumary: cumari
cumatê
cumbira
cumbuca
cunambi
cunambí: cunambi
cunapu
cunauaru
cunauarú: cunauaru
cunaurú: cunauaru
cunduru
cunhã
cunhã-embira: cunhambira
cunhambira
cunhãmembira: cunhambira
cunhamena
cunhamucu
cunhamucú: cunhamucu
cunhã-mucú: cunhamucu
cunhantã
cunhantem: cunhantã
cunhatã: cunhantã
|| cunhatainape

cunumi: curumim
cupá
cupahi: cupuaí
cupahiba: copaíba
cupahuba: copaíba
cupahyba: copaíba
cupaíba: copaíba
cupaïba: copaíba
cupaigba: copaíba
cupauba: copaíba
cupaúba: copaíba
cupaúba: copaíba
cupiá: copiar
cupiar: copiar
cupim
cupiúba
cupu
cupuaçu
cupuaçuzeiro
cupuahi: cupuaí
cupuai
cupuassú: cupuaçu
curagirú: carajuru
curamata: curimatã
curauá: caraguatá
|| curauabi
|| curaxiri
curcurana
curi
curi: guiri
curiboca
curibóca: curiboca
curica
curicaca
curicáca: curicaca
curima: curimã
curimá: curimã
curimã
curimans (pl.): curimã
curimata: curimatã
curimatá: curimatã
curimatã
curimbaba: quirimbaba
curió
curopirá: curupira
currupira: curupira
curuá
curuanha

curuatá
curuatá: caraguatá
curubi: surubim
curuca: coroca
curucucu: surucucu
curucucú: surucucu
curumatã: curimatã
curumatans (pl.): curimatã
curumí: curumim
curumim
curupai: curupaí
curupaí
curupicaí
curupicaiba: curupicaí
curupicaigba: curupicaí
curupira
curupíra: curupira
cururé: cururi
cururê: cururi
cururi
cururu[1]
cururu[2]
cururu[3]
cururú: cururu[1]
cururú: cururu[2]
cururú: cururu[3]
cururu-apé
cururúapé: cururu-apé
cururupeba
cururutimbó
curymatans (pl.): curimatã
curypyrans (pl.): curupira
cutara: cuatiara
cutia
cutía: cutia
cutiboia: acutibóia
cutitiribá
cutti: oiti
cutuba
cutúba: cutuba
cuxiú
cuya: cuia
cuyaté: cuietê
cuyatez (pl.): cuietê
cuyeira: cuieira
cuyiba: cuiaíba
cyia: suia
cypó: cipó
cypô: cipó

d

descoivarado

e

ebijara: ibijara
eirara: irara
eixua: eixuá
eixuá
ejxuã: eixuá
embaiba: embaúba
embaúba
embaubeira
embaúbeira: embaubeira
embautinga
embaúva: embaúba
embe: imbé
embé: imbé
embiara
embira
embira: embira
embirado
embirataí
embiriba: biribá
embiricica
embiriti
embiroçu: embiruçu

embirossú: embiruçu
embiruçu
embirussu: embiruçu
emboaba
embuá: ambuá
embuaba: emboaba
embuába: emboaba
embuàba: emboaba
emburana: imburana
emvira: embira
enagé: anajé
enambú: inambu
enapupê
encaiporar
encoivarar
enduape
enduâpe: enduape
enga: ingá
engá: ingá
engâ: ingá
engáa: ingá
engazeiro: ingazeiro

enguâ: ingá
enguanxumado
enhapopé: enapupê
enha-popé: enapupê
ensamambaiado
ensapesado: ensapezado
ensapezado
entagapena: tangapema
enuira: embira
envira: embira
enviroçu: embiruçu
enxu
enxuí
epé: ipê
|| epené
eperoba: peroba
|| ereiteuna
|| ereitiuna: || ereiteuna
ererê: irerê
eriripeba: reripeba
(*erubim*): surubim
espipocar

f

(*ferigoa*): preguari

g

gabiraba: guabiroba
gabiroba: guabiroba
gabirú: guabiru
gaibicuarasu: guaibicuaraçu
gainambi: guainumbi
|| gaitiepia
gambá
gamboa: camboa
gambóa: camboa
|| ganbiapiruera
gandú: cuandu
ganhamũ: guaiamum
ganhamum: guaiamum
ganhemũ: guaiamum
gaponga
gapuiar
|| gaquara
gará: guará[1]
garaciça: guaraciaba
garahilé: caraetê
garapanazes (pl.): carapanã
garapé: igarapé
|| gararina: || guararimá
garatavrana: urutaurana
(*garateuma*): || guirateúna
garaúno: braúna
garausâ: guaruçá
garaûsa: guaruçá
|| garepe
gargaúba
gariba: guariba
garirama: ariramba
garuata: caraguatá
gaturamo
gejù: jeju
gendiroba: andiroba
geneúna: jeneúna
genipá: jenipapo
genipago: jenipapo
genipapeiro: jenipapeiro
genipapeyro: jenipapeiro
genipapo: jenipapo
genipápo: jenipapo
genipápo: jenipapo
genipappo: jenipapo
geniparana: jeniparana
gequi: jequi
geraraca: jararaca
geraráca: jararaca
geraraco-açú: jararacuçu
geremari: jeremari
gerèmma: jurema
geremu: jerimum
geremú: jerimum
geremù: jerimum
geremũ: jerimum
gereraca: jararaca
gereré: jererê
gererê: jererê
gerimum: jerimum
gerivá: jerivá
gerumu: jerimum
gerumú: jerimum
gerumuseiro: jerimuzeiro
gesara: juçara
getahy: jatai[2]
getaicica: jataicica
getaigba: jataiba
gia: jia
|| gibato
giboia: jibóia
gibóia: jibóia
giboiassum: jiboiaçu
giboioçú: jiboiaçu
giboiossú: jiboiaçu
giboja: jibóia
giboya: jibóia
giboyassú: jiboiaçu
gijú: jejú
ginipapeiro: jenipapeiro
ginipapeyro: jenipapeiro
ginipapo: jenipapo
giquí: jequi
giquí: jequi
giquitaia: jiquitaia
giquitaya: jiquitaia
girao: jirau
girão: jirau
giraó: jirau
girau: jirau
giráu: jirau
girimum: jerimum
giriparana: juruparã
giruba: juruva
girucoá: jurucuá
gitahi: jataí[1]
gitai: jataí[1]
gitaí: jataí[2]
gitica: jetica
(*gitiquera*): || jitiquera
gityrana: jitirana
goacarí: acari[1]
goaiá: guaiá
goaiaimbira: guaiaimbira
goaiarara: guaiarara
goaiauçá: guaruçá
goaiibicoati: guaibicuati
goaivicoara: guaibicuara
goajá: guaiá
goajugoaju: guaju-guaju
goaná: guaná
goandù: cuandu
goanhá: guaná
goanhambig: guainumbi
goará: guará[1]
goarà: guará[1]
goaracyaba: guaraciaba
goarágoá: guaraguá
goarandi: guanandi
goarara: guarara
goarazes (pl.): guará[1]
|| goariá: || guriaz
goembe: imbé
goiamum: guaiamum
gopeara: grupiara
gorazes (pl.): guará[2]
gorujúba: gurijuba
goti: oiti
goyamú: guaiamum
goyty: oiti
graguatal: caraguatal
grapecique: guarapicica
grapiapunha: guarapiapunha
grauna: braúna
grauna: graúna
graúna
graúna: braúna
graúna: graúna
gravatá: caraguatá
graxaim: guaraxaim
|| grexiuruba
grumixama
grumixameira
grunhatá: guriatã
grupiara
grupiára: grupiara
guabiju
guabijú: guabiju
guabijù: guabiju
guabirabeira: guabirobeira
|| guabirana
guabiroba
guabirobeira
guabiru
guacá
guacaré
guachinim: jaguacininga
guaçonĩ: jaguacininga
guaçu: açu
guacucuiá
guacuman: uacumã
guacuri
guacurí: guacuri
guacurú: guacuri
(*guahi*): || guaí
|| guaí
guaiá
guaiaimbira
guaiamum
guaiarara
guaibicuara
guaibicuaraçu
guaibicuati
|| guaihirabá
guaimbé: imbé
guainumbi
guainumbig: guainumbi
guainumbý: guainumbi
guaipeva
guajamú: guaiamum
guajará
guajarahi: guajaraí
guajaraí
guajarases (pl.): guajará
guajeru
guajerú: guajeru
guajirú: guajeru
guajúguajú: guaju-guaju
guaju-guaju
guajuvira
guamaiacu: baiacu
guamayacũ: baiacu
guambé: imbé
guamerim: guamirim
guamirim
guaná
guanandi
guanandirana
guanhamu: guaiamum
guanhũmig: guaiamum
guanibu: guainumbi
guanumby: guainumbi
guanxuma: guaxima
guapeba
guapéba: guapeba
guapebeira
guapeva: guapeba
guapiara: grupiara
|| guapiú
guapuhí: guapuí
guapuí
|| guaquaqua
guara: guará[2]
guará[1]
guará[2]
guará[3]
guará: guará[1]
guaraanha: caranha
guarabebe

guarabu
guarabú: guarabu
guaracão
guaracema
guarachaim: guaraxaim
guará-chaim: guaraxaim
guaráchim: guaraxaim
guaraciaba
guaracigá: guaraciaba
guaracigaba: guaraciaba
guaracigobá: guaraciaba
guaracu
guaracy-aba: guaraciaba
guaragua: guaraguá
guaraguá
guara hi: guaraí
guarahũ: graúna
guaraí
guarajuba
guarantã
guarapé: igarapé
guarapiapunha
guarapicica
guarapicu
guarapocu: guarapicu
guaraponga: araponga
guaraquigỹnha: aguaraquiá
guarara
(*guarara*): guará[1]
guararema: ibirarema
guararieí
guararigeig: guararieí
|| guararimá
guarases (pl.): guará[1]
|| guarataiaçu
guaratan: guarantã
(*guaratayacu*): || guarataiaçu
guaratimbó
guaravira
guaraxaim
guarazes (pl.): guará[1]
guarerova: guariroba
|| guariama
guariba
guariba: guariba
guaribba: guariba
guaricanga
|| guaricuja
guarinhatã: guriatã
guaripoapém

guariroba
guarirova: guariroba
guariua: guariba
guariúba
guaromaru: urumaru
guaru
guaruba: guariúba
guaruçá
guaru-guaru
guarumá
guaryba: guariba
guassinim: jaguacininga
guassú: açu
guasuni: jaguacininga
guatambu
guatambú: guatambu
guatapig: guatapu
guatapu
guavirova: guabiroba
guaxa: guaxe
guaxe
guaxima
guaximba: guaxima
guaxinguba: cuaxinguba
guaxinim: jaguacininga
guaxiuma: guaxima
guaxupé
guaynumbi: guainumbi
guaynumby: guainumbi
guaypeva: guaipeva
guiamu: guaiamum
guiará: guará[2]
guigó
guigraiuba: guarajuba
guigranheengetã: guriatã
guigrapónga: araponga
guigratinga: guiratinga
guigraúpiagoara: guiraupiaguara
guirá apiaguara: guiraupiaguara
guiranheẽgueta: guriatã
guiranheenguetá: guriatã
guiraóçu: uraçu
guiraopiguara: guiraupiaguara
|| guirapanema
guiraponga: araponga
guirá ponguá: araponga
guirapuru
guirapurú: guirapuru
guiratéotéo: guira-téu-téu
|| guira-téu
|| guirateúna

guira-téu-téu
guiratinga
|| guirauaçu
guiraundi
guiraupiaguara
guiri
güité: oiti
guoanadim: guanandi
guoanhamu: guaiamum
guoara: guará[1]
guoara emuira: guaravira
|| guoazaranha
|| guoquy
guoraciyaba: guaraciaba
guori: guiri
guotacupa: atucupá
guotaquuupa: atucupá
gupiara: grupiara
guraasu: uraçu
guragatal: caraguatal
gurahúna: braúna
guraingaeta: guriatã
gurajnhete: guriatã
gurapinima: ibirapinima
guraponga: araponga
guraputepoca
guratan: guarantã
(*guratayasei*): || guarataiaçu
guratimgua: guiratinga
gurauna: graúna
guri
guriatã
gurialans (pl.): guriatã
|| guriaz
gurijuba
gurinhatã: guriatã
|| guronna
gurujuba: gurijuba
|| gurumarim
gurupema: urupema
gury: guri
guti: oiti
|| gutirá
guueracicam: guaraciaba
guynamby: guainumbi
gyboia: jibóia
gyboya: jibóia
gyití: oiti
(*gyití coroe*): oiticoró
gyrão: jirau

h

|| hain
haiuruhite: ajuruetê
haracoa: aracuã
haynãbig: guainumbi
hebijára: ibijara
heirate: irara
heru: iru
|| hiá
hiba mirim: ibamirim

hipupiára: ipupiara
hiraponga: araponga
hirara: irara
hirára: irara
horopema: urupema
hoylicica: oiticica
huacã: uacã
huambu: imbu

hubahem: ubaém
(*hubapeua*): ubapeba
huéua: uéua
huhity: oiti
hurauasu: uraçu
huybá: ubá[1]
hybicuhyba: bicuíba
hyendaya: jandaia
hyrara: irara

i

iá
iacami: jacamim
iacunda: jacundá
iaguapopẽba: jaguapopeba
iaguaretẽ: jaguaretê
iamacarú: mandacaru
iamandacuru: mandacaru
iamvarandim: jaburandi
iandaya: jandaia

iaqu: jacu
iara
|| iaroubi
iateum: jatium
ibabiraba
ibabirába: ibabiraba
ibacamuci
ibacamuci: ibacamuci
ibá camuci: ibacamuci

iba merim: ibamirim
ibamirim
|| ibanemixama
ibapuringa
ibapurũga: ibapuringa
|| ibaraè
|| ibarùba
|| ibaxùma
|| iberàba

|| ibiaú
ibiboboca: ibiboca
ibiboca
ibicuibaca: bicuíba
ibicuibeira: bicuibeira
ibicuyba: bicuíba
ibicuygba: bicuíba
ibigboboe: ibiboca
ibijara
ibijaú
ibiraçanga
ibiracica
ibiraçoca
ibiracuá
ibiracuatiara
|| ibiracuatino
ibiracuí
ibiraigara
ibiraipu
ibiraitá
ibirajaca
ibiraobi
ibiraobj: ibiraobi
ibirapariba
ibirapaúba
|| ibirapeaponha
|| ibirapeteruna
ibirapinima
ibirapiranga
ibirapiroca
ibirapocá
|| ibiraporomocaci
ibirarema
ibiratinga
ibiraúna
ibiriba
ibomguiua: munguba
iburâquatiára: ibiracuatiara
içá: içá
içá
içans (pl.): içá
ichu: enxu
icica
icicariba
icicatyba: icicariba
ieiu: jeju
iererê: irerê
igaçaba
igaçába: igaçaba
igáçába: igaçaba
igaçava: igaçaba
igapó
igara
igára: igara
igará: igara
igaraçu
igarapé
igara-pema: ivirapema
igarassũ: igaraçu
igaraúna
igaritè
igbaheapiná: baeapina
(*igbânemixama*): || ibanemixama
igcica: icica
igpupiará: ipupiara
iguaçaba: igaçaba
iguapé: aguapé
iguarapé: igarapé
iguaritè: igaritè
iguaritê: igaritè
|| ijija
imbahiba: embaúba
imbauba: embaúba
imbaúba: embaúba
imbé
imbê: imbé
imbira: embira
imbira: embira
imboaba: emboaba
imbu
imbú: imbu
imbuá: ambuá
imburana
imbuzada
imbuzeiro
inajá: anajá
inajaz: anajá
inajé: anajé
inambu
inambú: inambu
inambucaru: || nhambucaru
|| inaúba
indaia: indaiá
indaiá
indaiè
indayá: indaiá
inembu: inambu
ingá
ingapenambi
ingarana
ingaseira: ingazeira
ingaseiro: ingazeiro
ingáseiro: ingazeiro
ingazeira
ingázeira: ingazeira
ingazeiro
ingázeiro: ingazeiro
inhahyba: anhaíba
inhambu: inambu
inhambú: inambu
inhanduvay: nhanduvai
inhapupê: enapupê
inhatium: jatium
inhuibatan: anhaibatã
inhuma: anhuma
inhume: anhuma
inhuybatan: anhaibatã
inimbó
inimboya: inimbó
intanha
inubia: inúbia
inúbia
inuiracica: ibiracica
inxú: enxu
inxúy: enxui
ipadu
ipadú: ipadu
ipe: ipê
ipé: ipê
ipê
ipeca[1]
ipeca[2]
ipéca: ipeca[2]
ipéca: ipeca[1]
ipecaconha: ipecacuanha
ipecacuanha
ipecaquanha: ipecacuanha
ipecu
iperoba: peroba
iperu
ipoeyra: ipueira
ipu
ipú: ipu
ipueira
ipupiara
irara
irára: irara
irauna: graúna
irerê
|| iriarana
(*iriarânna*): || iriarana
iru
iruçu
irussú: iruçu
iry: airi
isara: juçara
issicariba: icicariba
itã
|| itacaba
itacoatiara: itacuatiara
itacuatiara
itahy: jataí[1]
itaicica
itaimbé
itaipava
itambé: itaimbé
itamembeca
itamotinga
itans (pl.): itã
itaoca[1]
itaoca[2]
|| itapicurú
itapuá
itaúba
itaupaba: itaipava
itaupuba: itaipava
itaypava: itaipava
ituá
iuauassu: babaçu
iuçana: juçana
iundia: jandiá
(*iunepari*): jurupari
iupicai: japicaí
iurao: jirau
iurará: jurará
iuruquariqua: ajurucurau
ivarapema: ivirapema
iverapema: ivirapema
iverapeme: ivirapema
ivirapema

j

jabacatim: jaguacati
jabaticaba: jabuticaba
jabebira
jabebirapinima
jabigrandi: jaburandi
jabirú: jaburu
jaborãdi: jaburandi
jaborandi: jaburandi
jaborandí: jaburandi
jaborandiba: jaburandi
jaboru: jaburu
jaború: jaburu
jabota
jabóta: jabota
jabotapitába: jabutapitá
jabotecaba: jabuticaba
jaboti: jabuti
jabotí: jabuti
jaboticaba: jabuticaba
jaboticabal: jabuticabal
jaboticabeira: jabuticabeira
jaboticabèira: jabuticabeira
jabotim: jabuti
jabotỹ: jabuti
jabubirá: jabebira
jaburãdi: jaburandi
jaburandi
jaburij: jaburu
jaburu
jaburú: jaburu
jabutapitá
jabuti
jabutí: jabuti
jabutiapeba: jabutipeba
jabuticaba
jabuticabal
jabuticabeira
jabuticava: jabuticaba
jabutipeba

jabuty: jabuti
(jabuyuyâ): tabujajá
jacá
jacamí: jacamim
jacamim
jacana: jaçanã
jaçanã
jaçanan: jaçanã
jaçapucaya: sapucaia
jacarâdâ: jacarandá
jacaranda: jacarandá
jacarandá
jacarandá: jacarandá
jacarandatã
jacarandatan: jacarandatã
jacare: jacaré
jacaré
jacarè: jacaré
jacarè: jacaré
jacarepinima
jacaré-pinima: jacarepinima
jacaresada: jacarezada
jacaretinga
jacarètinga: jacaretinga
jacaré-tinga: jacaretinga
jacareúba
jacarezada
jacases (pl.): jacá
jacazes (pl.): jacá
jacázes (pl.): jacá
jacenam: jaçanã
(jacij): jacu
jacina
jacitara
jacitára: jacitara
jacomaúba: jacumaíba
jacotingo: jacutinga
jacu
jacú: jacu
jacú: jacu
‖ jacuá
jacu-açu: jacuguaçu
jacucaca
jacúcaca: jacucaca
jacuguaçu
(jacuhâ): ‖ jacuá
‖ jacuíba
jacumâ: jacumã
jacumã
(jacumaku): ‖ jacumaú
jacumaíba
jacuman: jacumã
jacumarú: mandacaru
‖ jacumaú
jacumayba: jacumaíba
jacundá
jacundá: jacundá
jacupema
jacu-pema: jacupema
jacu-pemba: jacupema
jacú-pemba: jacupema
jacuritu: jacurutu
jacuruaru
jacurutu
jacurutú: jacurutu
jaculiga: jacutinga
jacutinga
jacútinga: jacutinga
(jacuyba): ‖ jacuíba
jacúz (pl.): jacu
jagararuapem: jaguararuapem
jagoaraçá: jaguaruçá
jagoarapeba: jaguapopeba
jagoaretè: jaguaretê
jaguacati
jaguaçini: jaguacininga
jaguacininga
jaguané
jaguanè: jaguané
jaguané: jaguané
jaguapé: jaguapeva
jaguapeva
jaguapéva: jaguapeva
jaguapitanga
jaguapopeba
jaguar
jaguaraçá: jaguaruçá
jaguaracangoçu: jaguaracanguçu
jaguaracanguçu
jaguararuapem
jaguaratirica: jaguatirica
jaguarecaca: maritacaca
jaguaretè: jaguaretê
jaguaretê
jaguaroba
jaguaruçá
jaguaruçu
jaguaruçú: jaguaruçu
jaguatarica: jaguatirica
jaguaterica: jaguatirica
jaguatirica
jahú: jaú
‖ jajaboçui
(jajaboçuj): ‖ jajaboçui
jamachí: jamaxi
jamaru
jamarú: jamaru
jamaxi
jambig: nhambi
jambú: nhambi
jamvarandim: jaburandi
janamacara: mandacaru
jandaia
jandáia: jandaia
(jandajete): jandaia
(jandajuba): jandaia
jandiá
jandiroba: andiroba
janipába: jenipapo
janipabo: jenipapo
janipapo: jenipapo
janipápo: jenipapo
janipápo: jenipapo
japá
japacanim
japarana
japarandiba: japaranduba
japaranduba
japecanga
japehi: japu
japeraçaba
japerujaguara
japi: japu
japî: japu
japicaí
japicanga: japecanga
japicay: japicaí
japihim: japu
japiî: japu
japiim: japu
japim: japu
japinabeiro
japocani: japacanim
japparána: japarana
japu
japú: japu
japué: japu
japy: japu
jaqu: jacu
jaquare: jacaré
jaqueretu: jacurutu
jaquiranaboia: jaquiranabóia
jaquiranabóia
jaquiranamboia: jaquiranabóia
jarabuibura: jabebira
jaracateá: jaracatiá
jaracatheá: jaracatiá
jaracatia: jaracatiá
jaracatiá
jaracatiâ: jaracatiá
jarácatiyá: jaracatiá
jaramacarú: mandacaru
jaramacurú: mandacaru
jaraqui
jaraquí: jaraqui
jararaca
jararáca: jararaca
jararacapeba
jararacpéba: jararacapeba
jararacuçu
jararacussú: jararacuçu
jararácussú: jararácuçu
jararagoaipigtanga: jararaguaipitanga
jararaguaipitanga
jaratacaca: maritacaca
jarataquaqua: maritacaca
jaratataca: maritacaca
jaraticaca: maritacaca
jaraticáca: maritacaca
jarauassica: jauaraicica
jareraca: jararaca
jareracaçu: jararacuçu
jareracapeba: jararacapeba
jarivá: jerivá
jarutacáca: maritacaca
jassanan: jaçanã
jatahi: jataí[1]
jatahi: jataí[2]
jatahí: jataí[1]
jatahy: jataí[1]
jatahy: jataí[2]
jatai: jataí[1]
jataí[1]
jataí[2]
jataíba
jataicica
jataimondé: jataí-mondé
jataí-mondé
jataipeba
jataizeiro
jatauba: jataíba
jataypeba: jataipeba
jataypeva: jataipeba
jateum: jatium
jatí: jataí[2]
jaticá
jatium
jatobá
jatuaíba
jatuarana
jatuaúba: jatuaíba
jatuaýba: jatuaíba
jatubá: jatobá
jaty: jataí[2]
jau: jaú
jaú
jaú: jaú
jauaráhicica: jauaraicica
jauaraicica
jauari
jauary: jauari
‖ jauatí
‖ jaueti
javotim: jabuti
jbacamuçu: ibacamuci
(jbiaú): ‖ ibiaú
jbibiboca: ibiboca
jbigyara: ibijara
jbiracua: ibiracuá
jeçapé: sapê
jeçara: juçara
jeju
jejú: jeju
jekeri: jequiri
jektaia: jiquitaia
jeneúna
jenipaba: jenipapo
jenipapeiro
jenipapo
jeniparana
jequerity: jequiriti
jequi
jequigtiÿgoaçú: jequitiguaçu
jequiri
jequiriti
jequitiba: jequitibá
jequitibá
jequitiguaçu
jequy: jequi
jerema: jurema
jeremu: jerimum
jereráca: jararaca

jererê
jerimum
jerimuzeiro
jerivá
jerobeba: jurubeba
jerobebal: jurubebal
|| jeroquí
jeroveva: jurubeba
jetahy: jataí[1]
jetay: jataí[1]
jetayba: jataíba
jetica
jetica: jetica
jetícu cu: jeticuçu
jeticuçu
jetigcuçú: jeticuçu
jetiuy: jetivi
jetivi
jetivy: jetivi
jetyca: jetica
jgbacamuci: ibacamuci
jgbicuibaca: bicuíba
jgbigboboca: ibiboca
jgbigracuá: ibiracuá
jgcigca: icica
(*jgija*): || ijija
jgpecacoãya: ipecacuanha
jgpupiara: ipupiara
jgtaigcigca: itaicica
jia
jiboa: jibóia
jibóia
jiboiaçu
jijú: jeju
jimdaia: jandaia
jinipapeiro: jenipapeiro
jinipapo: jenipapo
jiqui: jequi
jiquí: jequi
jiquitaia
jiquitibá: jequitibá
jirau
jiriva: juruva
jissara: juçara
jitahy: jataí[1]
jitinga
|| jitiquera
jitirana
jity: jataí[2]
jmvira: embira
jnagê: anajé
jngapenãbi: ingapenambi
jnhâbu: nhambi
jnhambu: inambu
jnhanduroba: andiroba
jnhuapupe: enapupê
joá: juá
(*joairâna*): || juarana
joá(s): juá
joaseiro: juazeiro
joaz: juá
joazeiro: juazeiro
joâzeiro: juazeiro
jocar: jucá (pau de)
jopia: jupiá
jotaí: jataí[1]
joticá: jaticá
jpecum: ipecu
jrarâ: irara
jtaiçiqa: itaicica
jtaoca: itaoca[1]
jta oca: itaoca[2]
juá
|| juarana
juazeiro
jubati: jabuti
jubebe: jurubeba
jucá
jucá (pau de)
juçana
jucar: jucá (pau de)
jucâr: jucá (pau de)
jucâr: jucá (pau de)
juçara
|| jucirana
(*jucirâna*): || jucirana
(*juciranna*): || jucirana
jucundá: jacundá
jucuri: juquiri
jucurutu: jacurutu
jucurutú: jacurutu
jui
juigiá: juijiá
juigoaraigarai: juiguaraigaraí
juiguaraigaraí
juií: juí
juijiá
juins (pl.): juí
juiperega
juiponga
jukery: juquiri
juncar: jucá (pau de)
jundia: jandiá
jundiá: jandiá
(*jundiahyba*): || jundiaíba
|| jundiaíba
junhuiba: anhaíba
junipapeiro: jenipapeiro
jupará
juparra: jupará
jupati[1]
jupati[2]
jupatí: jupati[2]
jupiá.
|| juquiá
juquiraí
juquiri
juquitaia: jiquitaia
juquitibá: jequitibá
juraó: jirau
jurara: jurará
jurará
jurarâ: jurará
jurarapeba
jurau: jirau
jurema
juremari
juriti
juritî: juriti
juritî: juriti
jurity: juriti
jurú: ajuru
jurubeba
jurubéba: jurubeba
jurubêba: jurubeba
jurubebal
jurucuá
|| jurugua
jurujuba
jurumí: jerimum
jurumum: jerimum
juruparâ
jurupari
juruparí: jurupari
jurupary: jurupari
jurúpary: jurupari
juruparym: jurupari
jurupeba: jurubeba
|| jurupencú
|| jurupenden
jurupoca
jururu
jururú: jururu
jurúrú: jururu
juruti: juriti
juruty: juriti
juruva
jussara: juçara
jussára: juçara
jutahi: jataí[1]
jutahí: jataí[1]
jutahicica: jataicica
jutahi-sica: jataicica
jutahizeiro: jataizeiro
jutahy: jataí[1]
jutaí: jataí[1]
jutaipeba: jataipeba
jutay: jataí[1]
jutaycica: jataicica
(*juyuyu*): tuiuiú

k

|| kacum
kanitar: canitar
kauin: cauim
kiriri: quiriri

l

lambare: lambari
lambari
lambarí: lambari
lambary: lambari
leri-mirim: rerimirim
leri-peba: reripeba
leriuçu: reriuçu
|| lindirâna

m

macacáua: macucaguá
macacaúba
macacheira: macaxeira[1]
macacheira: macaxeira[2]
macachera: macaxeira[1]
macachera: macaxeira[2]

macachéra: macaxeira[1]
macachèra: macaxeira[2]
macacica
macahybeira: macaubeira
macambira
maçaràdúba: maçaranduba
maçarandiba: maçaranduba
maçaranduba
maçarandúba: maçaranduba
maçarandubeira
macauã: acauã
macauan: acauã
macaúba
macaubeira
macauhan: acauã
macaxeira[1]
macaxeira[2]
macucagoá: macucaguá
macucagua: macucaguá
macucaguá
macucaguá: macucaguá
macucaua: macucaguá
macucáua: macucaguá
macuco
macúco: macuco
macucu
macucú: macucu
macugaga: macucaguá
macugé: mucujê
macujé: mucujê
macujê: mucujê
macunã: mucunã
maçunim
mãdijbuçú: manaibuçu
mãdioca: mandioca
mãdioqua: mandioca
mãgabeira: mangabeira
mãgaua: mangaba
magirioba: majerioba
magoari: maguari
magoary: maguari
maguari
maguarí: maguari
maguarim: maguari
maguary: maguari
maira
|| mairia
maitaca: baitaca
maitáca: baitaca
majacú: baiacu
majerioba
mamdioqua: mandioca
mamoá
manacá
manacan: manacá
manaiba: manaíba
manaíba
manaíba: manaíba
|| manaibaru
manaibuçu
manaitinga
manapuçá
manayba: manaíba
mandaçaia
mandacaru
mandacarú: mandacaru
mandacarũ: mandacaru
mandaguahy: mandaguari
mandaguari
mandaguarí: mandaguari
mandaguary: mandaguari
mandaig: mandi
mandassáya: mandaçaia
mandeii: mandi
mandi
mandí: mandi
mandii: mandi
mandií: mandi
mandiiba: manaíba
mandim: mandi
mandioca
mandióca: mandioca
mandiòca: mandioca
mandióca: mandioca
mandiocaí
mandiocal
mandiocha: mandioca
mandioqua: mandioca
mandioqueiro
mandiy: mandi
mandobim: amendoim
mandory: manduri
mandu: mandi
mandube: mandubi
mandubé: mandubi
mandubi
mandubim: amendoim
mandupussá: manapuçá
manduri
manduricão
mandury: manduri
manepoeira: manipueira
mangaba
mangabá: mangaba
mangába: mangaba
mangabal
mangabarana
mangabeira
mangabeiral
mangabeiro
mangabeyra: mangabeira
mangangá
mangangaba: mangangá
mangará
mangarà: mangará
mangará: mangará
mangarais (pl.): mangará
mangaras (pl.): mangará
mangarazes (pl.): mangará
mangarito
mangaua: mangaba
mangaueira: mangabeira
mangava: mangaba
mangaveira: mangabeira
mangerioba: majerioba
manguaua: mangaba
maniba: manaíba
maniçoba
maniçóba: maniçoba
maniçobal
manii: mandi
maniim
manima
manîma: manima
manipueira
maniquera: manipueira
manisoba: maniçoba
maniva: manaíba
maniveira
manjèrioba: majerioba
manobi: amendoim
manohi: mandi
manoiu: maniim
mapará
|| mapurunga
maquaxeira: macaxeira[2]
maquje: macujê
maquna: macunã
mará
maracá
maracaiá: maracajá
maracaiá: maracajá
maracaja: maracajá
maracajá
maracana: maracanã
maracaná: maracanã
maracanã
maracanan: maracanã
maracatim
maracátim: maracatim
maracaya: maracajá
maracuguara
maracuia: maracujá
maracuja: maracujá
maracujá
maracujá: maracujá
maracujá: maracujá
maracujaseiro: maracujazeiro
maracujazeiro
maracujazes (pl.): maracujá
|| maraguigana
(*maràguigàna*): || maraguigana
marajá
marajaíba
marandová
maranduba
marapuama
maraquana: maracanã
maraquiia: maracujá
maratacaca: maritacaca
marcanã: maracanã
marcanão: maracanã
marcuiá: maracujá
marcujá: maracujá
|| margui
margui: maruim
mari
mariatacaca: maritacaca
maricá
marigui: maruim
marimari
maririçó
mariseiro: marizeiro
maritaca: baitaca
maritaca: maritacaca
maritacaca
marizeiro
maroim: maruim
marolim: buriti
marolinzeiro: buritizeiro
maruim
marujaíba: marajaíba
marupá
marupiara
mary-mary: marimari
maryseiro: marizeiro
masaradumba: maçaranduba
masaranduba: maçaranduba
massaranduba: maçaranduba
massarandubá: maçaranduba
massarandúba: maçaranduba
massaranduva: maçaranduba
massuni: maçunim
massunim: maçunim
masurana: muçurana
matamata: matamatá
matamatá
matámatá: matamatá
matapi
matarana
mataránna: matarana
matintaperera
matiri
matuí: matuim
matuim
matupá
matupiri
matupirí: matupiri
matupiri: matupiri
|| maturaqué
maturi
maturim: maturi
matury: maturi
mauari: maguari
mayacú: baiacu
(*mayria*): || mairia
mboitátá: boitatá
|| mejuare
membi
membí: membi
membiapara
membiguaçu
memby: membi
membyapára: membiapara
membyguaçú: membiguaçu
membyguaçú: membiguaçu
mendobi: amendoim
mendobim: amendoim
mendubi: amendoim
mendubi: amendoim
mendubim: amendoim
menduby: amendoim

menduí: amendoim
|| menhu
merapinima: ibirapinima
merendiba: mirindiba
merim: maruim
merim: umiri
meritizaes (pl.): buritizal
meru
meruanha
meruim: maruim
mery: umiri
messetaúba: mocitaíba
metara
miaçaba
miapeatâ: miapeatã
miapeatã
miarataca: maritacaca
miassáva: miaçaba
micuim
micura: mucura
migua: biguá
mindobim: amendoim
mindocuruera
mindoim: amendoim
mindubim: amendoim
mingao: mingau
mingáo: mingau
mingào: mingau
mingaõ: mingau
mingau
mingáu: mingau
mingaú: mingau
minguá: biguá
minguao: mingau
minocuruera: mindocuruera
mirassanga: ibiraçanga
mirim
mirindiba
miriti: buriti
miritizais (pl.): buritizal
mirity: buriti
miritysaes (pl.): buritizal
mirocaia: murucaia
|| miuaná
miúba: miúva
miúva
mixira
moacara: moçacara
|| moani
moçacara
mocaem: moquém
mocahem: moquém
mocahybeira: macaubeira
moçaranduba: maçaranduba
mocetahyba: mocitaíba
mocetayba: mocitaíba
mocim: muçum
mocitaíba
mocó
mócó: mocó
moçorandigba: maçaranduba
mocororó
mócororó: mocororó
mocu: muçum
mocuhyba: mucuíba
mocuiezes (pl.): mucujê
mocuje: mucujê
mocujê: mucujê
mocura caa: mucuracaá
mocuri: mucuri
modurucu: mandacaru
moitirão: mutirão
molungú: murungu
mombaca: mumbaca
monde: mundéu
mondé: mundéu
mondè: mundéu
mondéo: mundéu
monguba: munguba
mongubeira: mungubeira
monjuba: munguba
moquê: moquém
moqueação
moqueado
moquear
moquem: moquém
moquém
moquêm: moquém
moquirão: mutirão
moquo: mocó
moquó: mocó
|| moracira
moreci: murici
morecim: murici
morety: buriti
morici: murici
morissoca: muriçoca
moritim: buriti
mority: buriti
morobixaba: morubixaba
morocuia: maracujá
morocuja: maracujá
morosi: murici
(*moroxava*): morubixaba
morubichaba: morubixaba
morubixaba
morubuxaba: morubixaba
morucututú: murucututu
moruré: mururê
moruruz: mururê
morutim: buriti
moruxi: murici
mosaranduba: maçaranduba
|| mosuinha
motirão: mutirão
motu: mutum
motũ: mutum
motuca: mutuca
motum: mutum
motúm: mutum
(*moxerecuigba*): || moxiricuíba
|| moxiricuíba
(*moxiricuiiba*): || moxiricuíba
mucaiúba
mucajá
mucajaseiro: mucajazeiro
mucajazeiro
mucajuba: mucaiúba
muçambé
muçambê: muçambé
mucarana: muçurana
mucetaíba: mocitaíba
muciqui
mucoatiára: ibiracuatiara
mucojú: mucaiúba
mucory: mucuri
muçuã
mucugé: macujê
mucuíba
mucuim: micuim
mucuím: micuim
mucujê
muçum
mucuna: mucunã
mucunã: mucunã
mucunã
mucunan: mucunã
mucura
mucúra: mucura
mucuracaá
mucura-caá: mucuracaá
mucuracahá: mucuracaá
muçurana
mucuri
mudubi: amendoim
muiepereru
muirakitã: muiraquitã
muirá-pinima: ibirapinima
muirapiranga: ibirapiranga
muirapuama
muira puána: muirapuama
muirá-quatiára: ibiracuatiara
muiraquitã
mujanguê
mulungu: murungu
mulungú: murungu
mumbaca
mumbi: membi
mumbuca
mumbúca: mumbuca
mundeo: mundéu
mundéo: mundéu
mundeu: mundéu
mundéu
mundobim: amendoim
mundubí: amendoim
mundururu
munguba
mungubeira
muqueado: moqueado
muquear: moquear
muquem: moquém
muquém: moquém
muquirana
murajuba[1]
murajuba[2]
murajúba: murajuba[1]
murapaúba: ibirapaúba
murápenima: ibirapinima
murápiranga: ibirapiranga
muraú: ibiraúna
mureci: murici
|| murehí
muremure: muremuré
muremuré
murémuré: muremuré
murémurè: muremuré
mureruí: mururê
murici
muricí: murici
muricì: murici
muriçoca
muricy: murici
murissoca: muriçoca
muriti: buriti
murity: buriti
murmuré: muremuré
muruanha: meruanha
muruanja: meruanha
murubixaba: morubixaba
murubixúba: morubixaba
murucaia
muruchy: murici
muruci: murici
muruçóca: muriçoca
murucu
murucú: murucu
murucuiá: maracujá
murucujá: maracujá
murucujá: maracujá
murucututu
murucututú: murucututu
murungu
mururé: mururê
mururê
mururiz: mururê
muruty: buriti
muruxi: murici
mury: buri
muryti: buriti
mussambê: muçambé
mussú: muçum
mussuã: muçuã
mussuan: muçuã
mussurana: muçurana
mussuranduba: maçaranduba
mussuranna: muçurana
mussutuahyba: mocitaíba
musu: muçum
musurana: muçurana
mutá
mutans (pl.): mutá
mutirão
mutorí: maturi
mutu: mutum
mutú: mutum
mutũ: mutum
mutuca
mutum
mututi
mututy: mututi
muyrapinima: ibirapinima

n

nãbu: inambu
naia: anajá
nambiju
nambijú: nambiju
nambu: inambu
nambú: inambu
nana: ananás
naná: ananás
nanás: ananás
nanaui
nanauy: nanauí
nanavy: nanauí
nanaz: ananás
nandú: nhandu
napupé: enapupê
narinari
nayhá: anajá
nhaçaruamembeca
nhambi
nhambi: nhambi
nhambú: inambu
‖ nhambucaru
nhandipapo: jenipapo
nhandiroba: andiroba
nhandu
nhandú: nhandu
nhanduabiju
nhanduaçu
nhanduí
nhanduvai
nhanduvái: nhanduvai
nhapupé: enapupê
nhasaruamembeca: nhaçaruamembeca
nhatium: jatium
nhatúma: anhuma
nhendaia: jandaia
nhitinga: jitinga
nhũ apope: enapupê
nhũdia: jandiá

o

oacaoam: acauã
oacaré: guacaré
oanandy: guanandi
oapu: guatapu
oaquari: acari[1]
oatapu: guatapu
oca
óca: oca
ocara
ocára: ocara
ohyticica: oiticica
oiára: iara
oiti
oití: oiti
'oití: oiti
oiticica
oiticiqua: oiticica
oiticoró
oiticoró: oiticoró
oitiseiro: oitizeiro
oitituruba: cutitiribá
oitizeiro
oity: oiti
oitycica: oiticica
ombú: imbu
ombù: imbu
omiry: umiri
‖ onaoraz
opecu: ipecu
oroana: uruana
oroco: urucu
orocu: urucu
orocú: urucu
oropema: urupema
oropèma: urupema
oroquu: urucu
oru: uru[1]
orubù: urubu
orucu: urucu
orucú: urucu
orucú: urucu
orucũ: urucu
oruçu: iruçu
orucuriâ: urucuriá
ossá: uçá
otisica: oiticica
otisiqua: oiticica
ouricory: urucuri
ouricuri: urucuri
ouricurí: urucuri
ouricury: urucuri
ouricuryseiro: urucurizeiro
ourucú: urucu
oytí: oiti
oyticica: oitũcica
oyty: oiti

p

paca
páca: paca
pâca: paca
(*paça*): paca
pacabira: pacavira
pacamã: pacamão
pacamão
pacamo: pacamão
pacapeua
pacapeuva: pacapeua
pacará
pacaré
pacavira
pacca: paca
pacoba: pacova
pacôba: pacova
pacobeira: pacoveira
paçoca
pacoua: pacova
pacóua: pacova
pacôua: pacova
pacoual: pacoval
pacoueira: pacoveira
pacova
pacóva: pacova
pacoval
pacoveira
pacu
pacú: pacu
pacuã
pacuan: pacuã
pacuera
pacui
pacupeba
pacupeva: pacupeba
pacuy: pacuí
padù: ipadu
pagé: pajé
pagé: pajé
pagelança: pajelança
pagélança: pajelança
pagémarioba: pajamarioba
pagez: pajé
pagimarioba: pajamarioba
paiauaru
paiauarú: paiauaru
paiè: pajé
pairari: parari
pajamarioba
pajé
pajelança
pajemarioba: pajamarioba
pajé merioba: pajamarioba
panacu
panacú: panacu
panacũ: panacu
panacum: panacu
panamá: panapaná[1]
pana pana: panapaná[2]
panapaná[1]
panapaná[2]
panã-panã: panapaná[1]
panecu: panacu
panema
panemice
panicu: panacu
panicum: panacu
papa-capim
paperi: papiri
papiri
papirí: papiri
paqa: paca
paqua: paca
paqueiro
paquevira: pacavira
paquihi: pequiá
paquinha
paquori: bacuri
paracazes (pl.): pacará
paracé: poracê
paracuuba
‖ paraí
(*paraj*): ‖ paraí
para jaguára: pirajaguara
paraoiva: piraíba
parapará
paraparaíba
paraputanga: piraputanga
parari
parari: parari
parati[1]
parati[2]
parati[3]
paraty: parati[3]
pareba: pereba
parêba: pereba
pari
parí: pari
paricá
(*parigue*): sarigûê
parinari
pariparoba

pariri
pariri: pararí
parnahiba: parnaíba
parnahyba: parnaíba
parnaíba
paroba: peroba
paróba: peroba
paróba: peroba
pararoca: pororoca[1]
paru
parú: paru
|| pasendo
|| passaraíva
(*passarayva*): || passaraíva
passoca: paçoca
passóca: paçoca
patacu
patacú: patacu
patatiba: patativa
patativa
pati
patí: pati
patigoá: patiguá
patigua: patiguá
patiguá
patioba
patori: paturi
paturé: paturi
paturi
paturí: paturi
patury: paturi
paxicá
paxiuba: paxiúba
paxiúba
paye: pajé
payé: pajé
peaçaba
peaçava: peaçaba
peáva: piaba
peba
péba: peba
pecacuém: ipecacuanha
pechurim: pixurim
peguarí: preguari
peipeçaba
|| peiti
peitica
(*peity*): || peiti
penaíba: pindaíba
penima: pinima
penyma: pinima
peperioca: piripirioca
pepéua
pépéua: pepéua
pequea: pequiá
pequeá: pequiá
pequi
pequí: pequi
pequiá
pequiâ: pequiá
pequiá: pequiá
pequii: pequi
pequira: piquira
pequirana
pequitim: pititinga
pequizeiro
perahyba: piraíba
peráo: perau
perau
peráu: perau
pereba
perereca
pererecar
periá: preá
peria: preá
periantâ: piriantã
periantans (pl.): piriantã
|| periaz
perimembeca: pirimembeca
periperi: piripiri
periperioca: piripirioca
(*pernambim*): sernambi
peroba
peróba: peroba
peroua: peroba
pererúca: pororoca[2]
pery: piri
peteca
petéca: peteca
petigma: petume
petimbabo
petitimgua: pititinga
petitinga: pititinga
petum: petume
petume
|| peunha
peúva
|| pexarorém
pexerica: pixirica
pexurim: pixurim
piaba
piabá: piaba
piabanha
piaçaba
piaçaba: peaçaba
piaçava: piaçaba
piaçoca
piaga
piampára: piapara
piáo: piau
piapara
piassaba: piaçaba
piassaua: piaçaba
piassoca: piaçoca
piassóca: piaçoca
piau
piáu: piau
piava: piaba
picaçu
picaçú: picaçu
picaçurova
|| picaí
picaipeba: picuipeba
piçandó: pissandó
picaquanha: ipecacuanha
|| picarurú
(*picay*): || picaí
picuá
picuí
picuiguaçu
picuipeba
picuipitanga
picumã
picumam: picumã
picuman: picumã
|| picuruata
|| piguaja
piháu: piau
piki: pequi
pikiy: pequi
pindá
pindahyba: pindaíba
pindaíba
pindaíbal
pindá-siririca
pindauaca
pindá-uauáca: pindauaca
pindoba
pindóba: pindoba
pindobuçu
pindobussú: pindobuçu
pindoga: pindoba
pindoua: pindoba
pindova: pindoba
pinima
piníma: pinima
pipira
pipoca
pipóca: pipoca
pipocar
|| pipupipuba
piquá: picuá
piquea: pequiá
piqueá: pequiá
piqüepeba: picuipeba
piqui: pequi
piquí: pequi
piquia: pequiá
piquiá: pequiá
piquiá: pequiá
piquiá: pequiá
piquihá: pequiá
piquií: pequi
piquira
piquirana: pequirana
(*piquraamta*): || picuruata
piquy: pequi
pirá
piraandirá: pirá-andirá
piráandirá: pirá-andirá
pirá-andirá
pirá-apapá
pirábandeira: pirá-bandeira
pirá-bandeira
pirabebe
piracambucu
piracambucú: piracambucu
piracanjuba: piracanjuva
piracanjúba: piracanjuva
piracanjuva
|| piraçaquém
piracatinga
pira catinga: piracatinga
pirá-catinga: piracatinga
piracaua: piracava
piracava
piracem: piraém
piracema
piraciua: piraquiba
piracoaxiara: piracuaxiara
piracuara
piracuaxiara
piracuca
piracuera
piracuhy: piracuí
piracui: piracuí
piracui
piracururu
piracururú: piracururu
piraém
pirá-enambú: piranambu
pirágepeaúá: piraiapeva
|| piraguajura
piraguaxiara: piracuaxiara
piráguiva: piraíba
(*piragupiri*): || piraiucuri
pirahém: piraém
pirahiba: piraíba
pirahuyba: piraíba
pirahy: piraí
pirahyba: piraíba
piraí
piráiapeéua: piraiapeva
piraiapeva
piraiba: piraíba
piraíba
piraiqué: piraiquê
piraiquê
piraiqué: piraiquê
|| piraiucuri
piraiui: piraíba
(*piraiupuri*): || piraiucuri
pirajaguara
pirajaguára: pirajaguara
pirajuba
pirambeba
piramboia: pirambóia
pirambóia
pirambu
pirámbú: pirambu
piramota: piramutaba
piramutaba
piramutàba: piramutaba
piranambu
piranambú: piranambu
piránambú: piranambu
piranema
piranha
piránha: piranha
piranhatinga
pirapecú: pirapucu
pirapema

pirapémba: pirapema
pirapetimbabo
pirápéuáua: piraiapeva
pirapicu: pirapucu
pirapitanga: piraputanga
pirapitinga
pirapuã
pirapuama: pirapuã
pirapucu
pirapucú: pirapucu
piraputanga
piraquara: piracuara
piraquera: piracuera
piraquiba
‖ piraquira
‖ piraquiroá
‖ pirára
pirarara
pirarára: pirarara
pirarigua: piririguá
pirarucu
pirarucú: pirarucu
piraruiba: piraiba
pirá-tapioca
pirá-tapióca: pirá-tapioca
pirauna: piraúna
piraúna
piraurucu: pirarucu
piraurucú: pirarucu
piráurucú: pirarucu
piri
piriantã
piriguaỹ: preguari
pirimembeca
piripiri
piripirioca
piripirióca: piripirioca
piririguá
‖ piriuáca
‖ piron
pirorocú: pirarucu
pirua: piruá
piruá
pirumbeba: pirambeba
piry: piri
pissandó
pitahuaã: pitauã
pitanga
pitangueira
pitaoão: pitauá
pitauá
pitauan: pitauá
‖ pitia
(*pitiá*): ‖ pitiá
pitinga
pititinga
pitiú
pitium: pitiú
pitoma: pitomba
pitóma: pitomba
pitomba
pitombeira
pitombeyra: pitombeira
‖ pitribi
pitu
pitú: pitu
pituim: pitiú
pituím: pitiú
pituma: petume
pityma: petume
piúca
pium
piúm: pium
piuna: piúna
piúna
pixaim
pixé
pixé: pixé
‖ pixi
pixirica
pixuna
pixurim
poaia
poaya: poaia
pocanga: puçanga
pocema
pocéma: pocema
pocherim: pixurim
pococim
pocosi: pococim
‖ pojuji
poquohi: picui
poracé: poracê
poracê
poranduba
poraque: poraquê
poraqué: poraquê
poraquê
porascé: poracê
porassé: poracê
pororoca[1]
pororoca[2]
pororóca: pororoca[1]
poróróca: pororoca[1]
póróróca: pororoca[1]
pororuca: pororoca[2]
potaba
potaua: potaba
potava: potaba
poteri: paturi
poti
potiassú: potiguaçu
potiguaçu
potim: poti
potipema
potiquequiá
potiúaçu: potiguaçu
potó
potomugu: putumuju
potori: paturi
potú: petume
potum: petume
potumugu: putumuju
potumujú: putumuju
potumujú: putumuju
pracuúba: paracuuba
preá
preguari
prehá: preá
priacaua: piaçaba
priasaba: piaçaba
priasaua: piaçaba
priguari: preguari
pripioca: piripirioca
priprioca: piripirioca
‖ pritiuba
puba: pubo
pubo
puçá
puçanga
puçanguara
puchiry: pixurim
pucumã: picumã
punaré
punary: punaré
pupunha
pupúnha: pupunha
pupunheira
puquasu: picaçu
(*purá*): poraquê
puraqué: poraquê
puraquê: poraquê
purupuru
purú-purú: purupuru
pusá: puçá
pussanga: puçanga
putaba: potaba
putirum: mutirão
putiú: pitiú
putú: petume
putumugu: putumuju
putumuju
putumujú: putumuju
putumuyú. putumuju
putúmuyú: putumuju
‖ putunara
puxi
pyraiaguara: pirajaguara
pyrapitinga: pirapitinga

q

‖ quaiaquaiais
quaiu: caju
quamoqua: cambucá
quandú: cuandu
‖ quaparaiva
quapoeira: capoeira
quaraquara: caracará
quarazes (pl.): cará
quatá: cuatá
quati: cuati
quatí: cuati
quatiára: cuatiara
quati monde: cuatimundé
quatimondé: cuatimundé
quatí mundé: cuatimundé
quatipurú: cuatipuru
quaty: cuati
quaty-mondé: cuatimundé
‖ queiroá
quereibá. querejuá
quereiuá: querejuá
quereiuhi: querejuá
querejuá
quereyuá: querejuá
queriba: quiriba
‖ querico
querimbaba: quirimbaba
query: quiri
quibuquibura
quicé
quigrê ibá: quirimbaba
quiinha: cuiem
‖ quintim
quipá
‖ quiquió
quireimbaba: quirimbaba
quirejuabe: querejuá
quiri
quiriba
quirimbaba
quiriri
quiriru
quiriri: quiriru
quixaba
quixabeira
quoandu: cuandu
quriquaqua: curicaca

r

reiripeba: reripeba
rerimirim
reripeba

reriuçu
ll reruba

resóca: ressoca
ressoca

s

saá: sauá
saaçu
saaguí: sagüi
saasu: saaçu
sabacu
sabacú: sabacu
sabia: sabiá
sabiá
sabiá: sabiá
sabiacica
sabiàcica: sabiacica
sabiá-coca: sabiapoca
sabiacy: sabiacica
sabiaes (pl.): sabiá
sabiapitanga
sabiàpitanga: sabiapitanga
sabiapoca
sabiàpoca: sabiapoca
sabiaponga
sabiá-ponga: sabiaponga
sabiá sica:sabiacica
sabiatinga
sabiàtinga: sabiatinga
sabiaúna
sabiá-una: sabiaúna
sabiàúna: sabiaúna
sabigejuba: sabijujuba
sabijujuba
sabucai: sapucaia
sabucú: sabacu
sacahi: sacaí
sacahy: sacaí
sacaí
sacaiboia: sacaibóia
sacaibóia
saci
sací: saci
sacuraúna
sacy: saci
sagoim: sagüi
sagoìs (pl.): sagüi
saguaritá
sagui: sagüi
saguí: sagüi
sagüi
saguim: sagüi
saguin: sagüi
saguins (pl.): sagüi
saguĩns (pl.): sagüi
saguiñs (pl.): sagüi
sagüins (pl.): sagüi
saguis (pl.): sagüi
ságuís (pl.): sagüi
saguy: sagüi
sahi: saí[1]
sahí: saí[1]
sahiré: sairé
sahixé: saixê
sahixê: saixê
sahuins (pl.): sagüi
sahy: saí[1]
sahyra: saíra
sahyxé: saixê
sai: saí[1]
saí[1]
saí[2]
saipé
saíra
sairé
saixê

ll sale
samambaia
samambaiaçu
samambaial
samambaissú: samambaiaçu
samambaiussú: samambaiaçu
samauma: sumaúma
samaúma: sumaúma
samaúmeira: sumaumeira
sambaiba: sambaíba
sambaíba
sambambaia: samambaia
sambambaya: samambaia
sambaqui
sambaquí: sambaqui
samborá: samburá
samburá
samurá: samburá
sanhaço
sanhaçú: sanhaço
sanharão: sanharó
sanharó
sanhasso: sanhaço
sanhassú: sanhaço
saoiases (pl.): sauiá
sape: sapé
sápe: sapé
sapé
sapê: sapé
sapee: sapé
saper: sapé
sapeseiro: sapezeiro
sapezaes (pl.): sapezal
sapezal
sapezar: sapezal
sapezeiro
(*sapicaretá*): saguaritá
sapimiaga: sapinhanguá
sapinhanguá
sapiranga
sapirão
sapiroca
sapiron: sapirão
sapiroquento
sapocaya: sapucaia
sapopema
sapopemba: sapopema
sapopira: sucupira
sapotaia
sapotaja: sapotaia
sapucaeira: sapucaieira
sapucaia
sapucaieira
sapucaya: sapucaia
sapucàya: sapucaia
sapupema: sapopema
sapupira: sucupira
sapupira: sucupira
sapuquaiha: sapucaia
sapuva
sarã
ll saracoma
saracucu: surucucu
saracura
saracúra: saracura
sarandi
sarandy: sarandi
saranhó: sanharó
sarapo: sarapó
sarapó

sararâ
sarehue: sarigüê
sarehué: sarigüê
sariema: seriema
sarige: sarigüê
sariguê: sarigüê
sarigüê
sarigüebeiju
sarôhé: sarigüê
sasapocaia: sapucaia
sauá
ll sauacuri
(*sauácurí*): ll sauacuri
sauba: saúva
saúba: saúva
sauga: saúva
sauguins (pl.): sagüi
sauiá
sauiatinga
sauins (pl.): sagüi
sauja: sauiá
sauna: saúna
saúna
saupe: saipé
saupé: saipé
saupê: saipé
sauva: saúva
saúva
ll sauxaz
savía: sauiá
saviá: sauiá
saviá-tinga: sauiatinga
savitu
savitú: savitu
say: saí[1]
sayré: sairé
ll sebui
secupira: sucupira
securí: sucuri
semauma: sumaúma
senêbu: senembi
senembi
senembu: senembi
ll sepenica
sepepira: sucupira
sequeriba: icicariba
sereíba
serí: siri
sericoia: sericóia
sericóia
seriema
seriéma: seriema
serigoé: sarigüê
serizes (pl.): siri
sernambi
sernambí: sernambi
sernambi: sernambi
sernambim: sernambi
sernambitinga
sernamby. sernambi
serobim: surubim
serubi: surubim
serý: siri
siaum
sicupira: sucupira
sicurijú: sucurijuba
sijá: suia
sinimbú: senembi
sinimbù: senembi
sipipira: sucupira

sipipirá: sucupira
sipo: cipó
sipó: cipó
sipó: cipó
sipoada: cipoada[1]
sipoada: cipoada[2]
sipoal: cipoal
sipoo: cipó
sipotá: cipotá
sipotuá: cipotá
siri
siri: siri
siriema: seriema
|| siringaúa
sobaúra
soca[1]
soca[2]
sóca: soca[2]
socaúna
socó
sóco: socó
sócó: socó
socoi
socori: socoi
socori: sucuri
socoró
sopopira: sucupira
sorobim: surubim
sororoca
sorubim: surubim
suaçu
suaçuapara
suaçuarana: suçuarana
suaçucanga
suaçuetê
suaçuetem: suaçuetê
suaçupara: suaçuapara
suaçupitanga
suaçupucu
suaçutinga
suassú: suaçu
suassuapára: suaçuapara
suassú-apara. suaçuapara
suassú-pucú: suaçupucu
suasuarana: suçuarana
succupira: sucupira
succuriuba: sucurijuba
succury: sucuri
suc'riúuba: sucurijuba
suçuapára: suaçuapara
suçuarana
suçuaranna: suçuarana
sucuuba: sucuuba
sucúba: sucuuba
sucupira
sucupyra: sucupira
suçurana: suçuarana
sucuri
sucurí: sucuri
sucuriju: sucurijuba
sucurijú: sucurijuba
sucurijuba
sucuritinga
sucuriú: sucurijuba
sucuriúba: sucurijuba
sucuruiú: sucurijuba
sucuruiuba: sucurijuba
sucurujú: sucurijuba
sucuruyuba: sucurijuba
sucury: sucuri
sucuryú: sucurijuba
sucuryuba: sucurijuba
sucuuba
sucuúba: sucuuba
sui: suí
suí
suia
suinara: suindara
suindara
suindára: suindara
suiriri
suiriri: suiriri
sumahúma: sumaúma
sumaré
sumauma: sumaúma
sumaúma
sumaumeira
sumaúmeira: sumaumeira
supopira: sucupira
|| suraju
surubi: surubim
surubí: surubim
surubim
surubím: surubim
suruby: surubim
surucuá
surucucu
surucucú: surucucu
surucucú: surucucu
surucucú: surucucu
suruquá: surucuá
sururu
sururú: sururu
sururuzeiro
suruvi: surubim
suruvy: surubim
sussuarana: suçuarana
susuarana: suçuarana
susurana: suçuarana
suumba
sycuriju: sucurijuba
syriema: seriema

t

taba
tababuya: tabebuia
tabarana
tabareo: tabaréu
tabaréo: tabaréu
tabareu: tabaréu
tabaréu
tabaroa
tabaróa: tabaroa
tabatinga
tabatingua: tabatinga
tabebuia
taboca
tabóca: taboca
tabocal
taboquear
taboqueira
tabotipita: jabutapitá
tabuiaiá: tabujajá
tabujajá
tabuxaba:|tuxaua
tabuyayá: tabujajá
tacape
tacápe: tacape
|| taçape
|| tacaranha
tachizeiro: taxizeiro
taciaí
tacibura
tacicema
tacipitanga
tacoara: taquara[1]
tacoára: taquara[1]
tacoára: taquara[2]
tactu: tatu
tacuára: taquara[1]
|| tacumburi
tacupapirema
tacura: tucura
tacuranda: tucurana
tacuri
tacurí: tacuri
tacurú: tacuri
tagapema: tangapema
tagapena: tangapema
tagoy: taguaíba
taguá: tauá
taguaíba
taguaigba: taguaiba
|| taguaranha
taguato: tauató
tahitetu: caitetu
taia: tajá
taiá: tajá
taiaçetu: caitetu
taiaçu[1]
taiaçu[2]
taiàçu: taiaçu[2]
taiaçuetê
taiaçuetem: taiaçuetê
taiaçupigtax: taiaçupita
taiaçupita
taiaçutirica
taiaçutirigua: taiaçutirica
taiaoba: taioba
taiaobuçu: taiobuçu
taiassú: taiaçu[1]
taiassùatê: taiaçuetê
taiasùterica: taiaçutirica
taiazes (pl.): tajá
taibarana: tabarana
taibú: timbu
taimbé: itaimbé
taioba
taióba: taioba
taiobeira
taiobuçu
taioca
taitetú: caitetu
taitithí: caitetu
taiuiá
tajá
tajacica
tajaçú: taiaçu[1]
tajaçueté: taiaçuetê
tajaçutirica: taiaçutirica
tajamembeca
tajá membéca: tajamembeca
tajaoba: taioba
tajasica: tajacica
tajassú: taiaçu
tajoba: taioba
tajóba: taioba
tajupar: tijupá
tamacuarí: tamaquaré
tamãdua: tamanduá
tamãdúa: tamanduá
tamaẽdua: tamanduá
tamandoá: tamanduá
(*tamandosu*): tamanduá
tamandua: tamanduá
tamandúa: tamanduá
tamanduá
tamanduá: tamanduá
tamanduhá: tamanduá
tamaquaré
tamaracá
tamarana
tamaraúna: tamarana
tamatarana
tamatiá
tamatian: tamatiá
tambaquê: tambaqui
tambaqui
també
tambeó: també
|| tambuape
tamburupará
tamburú-pará: tamburupará
tamẽdoá: tamanduá

tamendoá: tamanduá
(*tamendoasu*): tamanduá
tamoata: tamuatá
tamoatá: tamuatá
tamoatarana: tamatarana
tamotarana: tamatarana
tamuatá
tanajura
tananá
tananans (pl.): tananá
tangapema
tangapèma: tangapema
tangara: tangará
tangará
tangará: tangará
tangurupará: tamburupará
tanharõn: tinhorão
tanherom: tinhorão
taõa: tauá
taóca: itaoca[1]
tapacurá
tapanhoacanga
tapanhuacanga: tapanhoacanga
(*tapapinhoã*): tapinhoã
tapareba: taperebá
|| tapeis
tapejar
tapejara
tapejára: tapejara
tapenhoan: tapinhoã
tapera
tapera: taperá
tapéra: tapera
taperá
taperabaseiro: taperebazeiro
taperado
taperebá
taperebazeiro
taperibazeiro: taperebazeiro
taperização
tapeti: tipiti
tapiahi: tapiaí
tapiaí
tapicura: tapacurá
tapicuru
tapicurú: tapicuru
tapiiretê: tapiretê
tapijar: tapejar
tapijara: tapejara
tapijretê: tapiretê
tapijruçu: tapiruçu
tapinhõa: tapinhoã
tapinhoã
tapinhoãa: tapinhoã
tapinhoaã: tapinhoã
tapinhoacanga: tapanhoacanga
tapinhoam: tapinhoã
tapinhuã: tapinhoã
tapinhuam: tapinhoã
tapinhuans (pl.): tapinhoã
tapioca
tapióca: tapioca
tapiocano
tapiopuba
tapiopubá: tapiopuba
tapioqua: tapioca
tapioquo: tapioca
tapir
tapira: tapir
tapiranga
tapireçá
tapiretê
tapiri
tapirí: tapiri
tapirsiçá: tapireçá
tapiruçu
tapiry: tapiri
tapiti
tapiti: tipiti
tapití: tipiti
tapitĩ: tipiti
tapiucaba
tapiúja
tapotim: tapiti
tapu: guatapu
|| tapupe
tapuru
tapurú: tapuru
tapyjára: tapejar
tapyr: tapir
taquara[1]
taquara[2]
taquára: taquara[1]
taquaral
taquaratinga
taquari
taquarí: taquari
taquariço
taquarirana
taquariuba: taquariúba
taquariúba
taquaruçu
taquarussu: taquaruçu
taquarussú: taquaruçu
taquary: taquari
|| taquerú
|| taquira
|| taraba
taraguipira: toroupirá
taraïbóia: trairambóia
taraíra: traíra
|| tarajaba
tarajuba: tatajuba
|| tararaca
tararira: traíra
tararoqui: tararucu
tararucu
tarayra: traíra
(*tarcoba*): tarioba
tareíra: traíra
tarerire: traíra
tareroquig: tararucu
tariira: traíra
tarioba
taroqui: tararucu
tarreira: traíra
tarumã
taruman: tarumã
tarumaneiro
tarumazeiro
tatagiba: tatajuba
tatagyba: tatajuba
tatahyra: tataíra
tataiobá: tatajuba
tataíra
tatajuba
tatajúba: tatajuba
tataoca
tataóca: tataoca
tatapecoaba
(*tatapoy asu*): || tatapuiaçu
(*tatapui açu*): || tatapuiaçu
|| tatapuiaçu
tatarana: taturana
tatorana: taturana
tatu
tátu: tatu
tatú: tatu
tatù: tatu
tatû: tatu
tátú: tatu
tatuapara
tatucaba
tatugaíxima: tatuguaxima
tatuguaxima
tatuhy: tatuí[2]
tatui: tatuí[1]
tatuí[1]
tatuí[2]
tatuig: tatuí[1]
tatuim: tatuí[1]
tatu opara: tatuapara
tatupeba
tatu-peba: tatupeba
tatú peba: tatupeba
tatú-peba: tatupeba
tatú-péba: tatupeba
tatupebuçu
tatuquira
taturama: taturana
taturana
tauá
tauari
tauarí: tauari
tauary: tauari
tauató
|| tauguape
taxi
taxizeiro
tayá: tajá
tayá: tauá
tayaçúpigta: taiaçupita
tayaçutirica: taiaçutirica
tayoba: taioba
tayuya: taiuiá
tayuyú: tuiuiú
teasu: taiaçu[1]
teasuitê: taiaçuetê
(*tegessú*): || tejeçu
tegipão: tijupá
tegipau: tijupá
teguiti tiguaçu: jequitiguaçu
teieiu: tuiuiú
teigupaba: tijupá
teigupába: tijupá
teiú
teiuaçu
teiupar: tijupá
|| tejeçu
teju: teiú
tejú: teiú
tejuassú: teiuaçu
tejuco: tijuco
tejupá: tijupá
tejupar: tijupá
tembetá
(*tepiocuy*): tapioca
|| terepomonga
(*tereponga*): || terepomonga
teriba: tiriba
terigoá: teringuá
teringuá
tetem: téu-téu
teteu: téu-téu
|| teú
teú: teiú
teú: teiú
teúba
téu-téu
téutéu: téu-téu
teyú: teiú
teyú: teiú
(*theú*): || teú
theúba: teúba
tibo: timbó
ticoarapuã: ticuarapuã
ticoeraúna: ticuaraúna
ticuara: tiquará
ticuarapuã
ticuaraúna
ticum: tucum
tie: tiê
tié
tiê: tiê
tigepau: tijupá
tigipar: tijupá
tiguera: tigüera
tigüera
tihe: tié
tijuaçu: teiuaçu
tijucal
tijuco
tijucopáua: tijucupaua
tijucupaua
tijugo: tijuco
tijupá
tijupar: tijupá
timbaúba
timbo: timbó
timbó
timbó: timbó
timbom: timbó

timborana
timbu
timbú: timbu
timbuhyba. timbaúba
timburé
timixira
timucu
timuçu: timucu
|| timuna
|| tingacanga
tingará: tangará
tinguaciba
tinguacyba: tinguaciba
tinguara: tangará
tinguriada: tinguijada
tingui
tinguí: tingui
tinguijada
tinguijar
tinguy: tingui
tinhorão
tiopurana: japarana
tipirati
tipiti
tipitĩ: tipiti
tipity: tipiti
tipoia: tipóia
tipóia
tipoya: tipóia
tipyoca: tapioca
|| tiquaam
tiquara
tiquára: tiquara
|| tiquarã
(*tiquaran*): || tiquarã
tiquira
tiquíra: tiquira
tiriba
tiririca
tiriuo: tiriba
titara
titára: titara
|| titarimbo
titiribá: cutitiribá
tiú: teiú
tiyupar: tijupá
toato: tauató
toató: tauató
tobi
tocaia
tocãia: tocaia
tocaiar
tocaieiro
tocandeira: tocandira
tocandira

tocano: tucano
tocú: tucum
tocum: tucum
tocumá: tucumã
tocupí: tucupi
togipar: tijupá
tohi: tuim
tohim: tuim
toĩ: tuim
toins (pl.): tuim
toiloy: téu-téu
topé: tupé
toré
toré: toré
torohupira: toroupirá
toroupirá
toy: tuim
toym: tuim
tracajá
tracuá
trahira: traíra
trahiramboia: trairambóia
trahyra: traíra
traira: traíra
traíra
trairambóia
(*trapejara*): tapejar
trapiá
trapoeraba
trapoiraba: trapoeraba
trayra: traíra
tremembé
trocano
tubi
tubim: tubi
|| tubura
tucána: tucano
tucandeira: tocandira
tucano
tucháua: tuxaua
tucu: tucum
tucú, tucum
tucum
tucúm: tucum
tucumá: tucumã
tucumã
tucuman: tucumã
tucumanzeiro
tucunare: tucunaré
tucunaré
tucupi
tucupí: tucupi
tucupy: tucupi
tucura
tucurana
tugipar: tijupá

tuĩ: tuim
tuijuba
tuim
tuinda: suindara
tuins (pl.): tuim
tuíra
tuiuiú
tuiupar: tijupá
tuiú-tuiú: tuiuiú
|| tuivire
tujuco: tijuco
tujupar: tijupá
tukenaré: tucunaré
|| tumurupára
tuncum: tucum
tunga
tungaçu
tupá: tupã
tupâ: tupã
tupá: tupã
tupã
tupam: tupã
tupan: tupã
tupana: tupã
tupána: tupã
tupaõ: tupã
tupé
|| tupiana
tupioca: tapioca
tupuxuara
tuqum: tucum
turu
turú: turu
turuçã
turuman: tarumã
tururi
tururí: tururi
|| tururucari
turusã: turuçã
tutujú: tuiuiú
tuturubá: cutitiribá
tuxaua
tuxáua: tuxaua
tuxauha: tuxaua
tuxava: tuxaua
tuyns (pl.): tuim
tuyuyú: tuiuiú
tycum: tucum
tyé: tiê
tyé: tiê
tyhé: tiê
tymbó: timbó
typoya: tipóia
typyrati: tipirati
tyú: teiú

u

uacã
|| uaçaçu
uaçai: açaí
|| uacanuá
uacarí: acari[1]
uacumã
uaiõ: uaiúa (de-)
uaiua: uaiúa (de-)
uaiúa (de-)
uanambé: anambé
uanandi: guiraundi
uapé
uapé: uapé
|| uapi
uapicu: ipecu
uapuçã
|| uaracapuri
uaracú: guaracu
uarcá: uariá
uariá
|| uarimá

uassahi: açaí
(*uassassú*): || uaçaçu
uauassú: babaçu
|| uauaxi
|| uavaona
uaxupé: guaxupé
uba: ubá[2]
ubá[1]
ubá[2]
ubacába: bacaba
ubaém
ubaia
ubaieira
uba merim: ibamirim
ubapeba
ubapeua: ubapeba
ubapitanga
ubarana
ubassú: ubuçu
ubatim: abati
ubatinga

ubaxainha
ubayéra: ubaieira
ubi: ubim
ubim
ubiracica: ibiracica
ubiracoá: ibiracuá
ubiraçoca: ibiraçoca
ubiraém: buranhém
ubiraetá: ibiraitá
ubiragara: ibiraigara
ubiraipu: ibiraipu
ubirajaca: ibirajaca
ubirapariba: ibirapariba
ubirapiroca: ibirapiroca
ubirarema: ibirarema
ubirataía: embiratai
ubiratinga: ibiratinga
ubiraúna: ibiraúna
ubojara: ibijara
ububoca: ibiboca
ubuçu

ubujaú: ibijaú
uburaquatiara: ibiracuatiara
ubussú: ubuçu
uçá
|| uçururé
uéua
uiapeçá: uapuçá
uiara: iara
uiçu
|| uiraçaba
(*uirapanéma*): || guirapanema
uiraponga: araponga
uirapurú: guirapuru
uirateonteon: guira-téu-téu
(*uirauassú*): || guirauaçu
uiraúna: graúna
umari
umarí: umari
|| umauari
umbaúba: embaúba
umbaubeira: embaubeira
umbu: imbu
umbú: imbu
umburana: imburana
umbusada: imbuzada
umbuseiro: imbuzeiro
umbuzeiro: imbuzeiro
umbùzeiro: imbuzeiro
umerí: umiri
umerim: umiri
umiri
umirí: umiri
umirí: umiri
(*umirihí*). umiri
umirizeiro
umiryzeiro: umirizeiro
unaúna
unhuiba: anhaíba
untanha: intanha
upeca: ipeca[1]
upequa: ipeca[1]
uperu: iperu
upiaba: piaba
upiuba: upiúba
upiúba
upiuna: piúna
upupiara: ipupiara
uracrupari: bacupari
uraçu
uraenhanguetá: guriatã
uramaçá: aramaçá
urandi: guiraundi
uranhengatá: guriatã
uraoaçu: uraçu
urapiagara: guiraupiaguara
(*uratahy*): || uratai
|| uratai
(*urateon*): || guira-téu
uratinga: guiratinga
uraúna: graúna
|| urepe
uricury: urucuri
uritinga
uru[1]
uru[2]
urú: uru[1]
urú: uru[2]
uruá[1]
uruá[2]
uruana
urubatinga: urubutinga
urubu
urubú: urubu
urubusada: urubuzada
urubutinga
urubú-tinga: urubutinga
urubuzada
urucá
urucâ: urucá
uruçá: urucá
|| urucapi
(*urucapy*): || urucapi
urucatu
urucu
urucú: urucu
urucù: urucu
urucù: urucu
uruçú: iruçu
uruçú: urucu
|| uruçuca
(*uruçúca*): || uruçuca
urucum: urucu
urucurana
urucuream: urucuriá
urucuri
urucurí: urucuri
urucuri: urucuri
urucuriá
urucurizeiro
urucury: urucuri
urucuzeiro
uruiaoára: urujaguara
urujaguara
urumaru
urumbeba
urumbéba: urumbeba
urumbeva: urumbeba
urumbéva: urumbeba
urumutum
urundeúva
urupê
urupema
ururau
ururucuri: urucuri
urussú: iruçu
urutahi: urutau
urutáo: urutau
urutau
urutáu: urutau
urutaú: urutau
urutauí: urutau
urutaurana
urutu[1]
urutu[2]
urutú: urutu[2]
ussá: uçá
ussaúba: saúva
utîm: oiti
utussica: oiticica
uuraquitan: muiraquitã
uuruquitan: muiraquitã
uvá: ubá[1]
uvacuparí: bacupari
uvacupary: bacupari
uvaia: ubaia
uvatinga: ubatinga
uxi
uxí: uxi
uxizeiro
uxy: uxi
uyára: iara

V

vacari: acari[1]
vacu: bacu
(*vaixam*): ubaxainha
|| vapuí
(*vapuy*): || vapuí
vaquocoha: guacucuiá
varem
varu varu: guaru-guaru
vaxima: guaxima
vbacropari: bacupari
vbaperungua: ibapuringa
vbapitanga: ubapitanga
vbarana: ubarana
vçá: uçá
viatã
vieçacoatinga
vimojipaba
vipuba
virajuba: guarajuba
(*vircuranha*): curcurana
vitinga
vivia
vmarí: umari
vmary: umari
vmbu: imbu
vmbú: imbu
vmerí: umiri
vpecú: ipecu
vpiaua: piaba
vremdeuba: urundeúva
(*vrepe*): || urepe
vru: uru[1]
vrubu: urubu
vrubutîga: urubutinga
vrucá: urucá
vrucatú: urucatu
vrucu: urucu
vrucú: urucu
vrucurana: urucurana
vrucuria: urucuriá
vruis: uru[1]
vrumbeba: urumbeba
vrurugua: ururau
vrurumbeba: urumbeba
vrutagui: urutau
vtiçroy: oiticoró
vty: oiti
vuatá: viatã
vuaxainha: ubaxainha
vubarana: ubarana
|| vupapussa
vyatá: viatã
vyèçacoátinga: vieçacoatinga
vyèçacoátinga: vieçacoatinga
vymoyipaba: vimojipaba
vypuba: vipuba
vytinga: vitinga
vytingga: vitinga

X

xenninga: boicininga
xerimbabo
xerobim: surubim
xexéu
xia: suia
ximburé: timburé
ximburí: timburé

y

yabebura: jabebira
yabeburapeni: jabebirapinima
yaboru: jaburu
yandu: nhandu
yapacani: japacanim
yapú: japu
yara: iara
yára: iara
yaraquatia: jaracatiá
(ybira coatino): ll ibiracuatino
(ybira peteruna): ll ibirapeteruna
ybirapocá: ibirapocá
ybirassanga: ibiraçanga
yçara: juçara
yeiguo: jeju
yenipapo: jenipapo
(yeroquig): ll jeroqui
ygara: igara
yha: iá
ynambu: inambu
ynambu: nhambi
ynambucaru: ll nhambucaru
yoroti: juriti
ypadú: ipadu
ypeca: ipeca[1]
ypoeira: ipueira
yrapurú: guirapuru
ytimmixira: timixira
ytimmoquaju: timucu
yurara: jurará
yurarapeua: jurarapeba

z

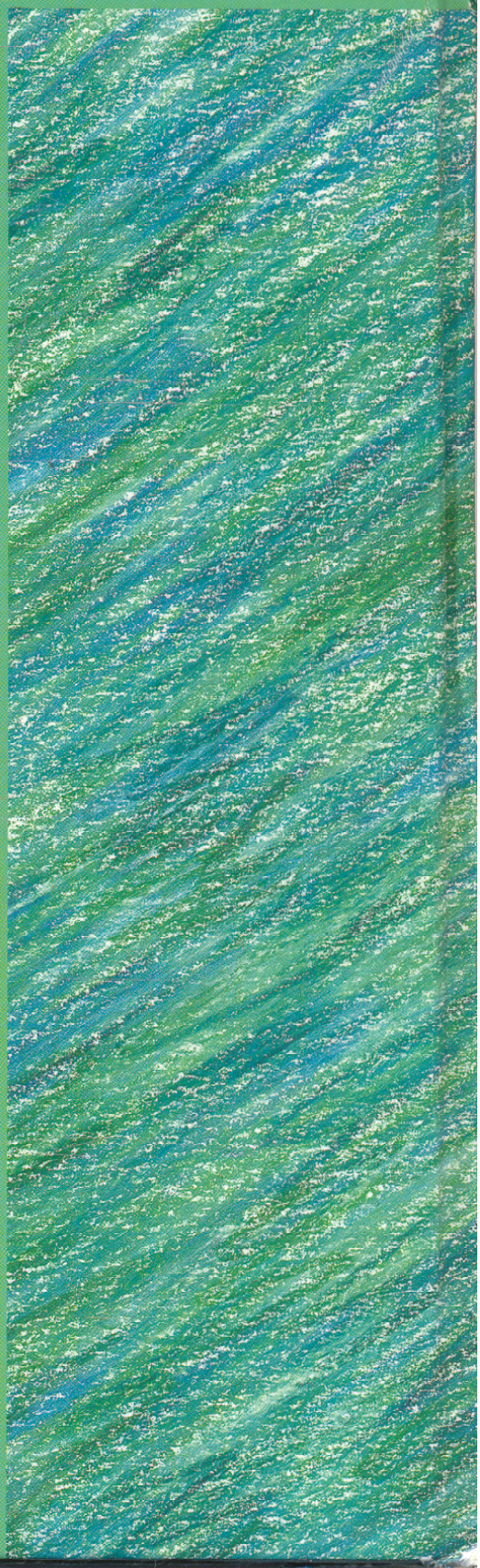
zabucáes (pl.): sapucaia
zabucai
zabucai: sapucaia
zabucaj: sapucaia
zabucay: sapucaia
zabucaya: sapucaia

Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi

Este dicionário visa primordialmente a contribuir para o progresso dos estudos de lexicografia histórica portuguesa. Na opinião de Antônio Houaiss, "o dicionário é de um valor tal que passará a ser necessariamente ponto de referência para quanto se fizer sobre as modalidades falada e escrita do português do Brasil..."

Os verbetes contêm:

- categoria gramatical (classe ou função)
- cronologia das variantes (ordenação cronológica ou lógico-cronológica)
- etimologia (notícia histórico-etimológica ou mera referência a étimo hipotético)
- definição (conceituação e/ou caracterização das diferentes acepções)
- digressão enciclopédica
- passagens abonatórias



ISBN 85-06-02787-X

9 788506 027875